

JONATHAN
STRANGE

&

Mr NORRELL



Susanna Clarke

JONATHAN
STRANGE



Mr NORRELL



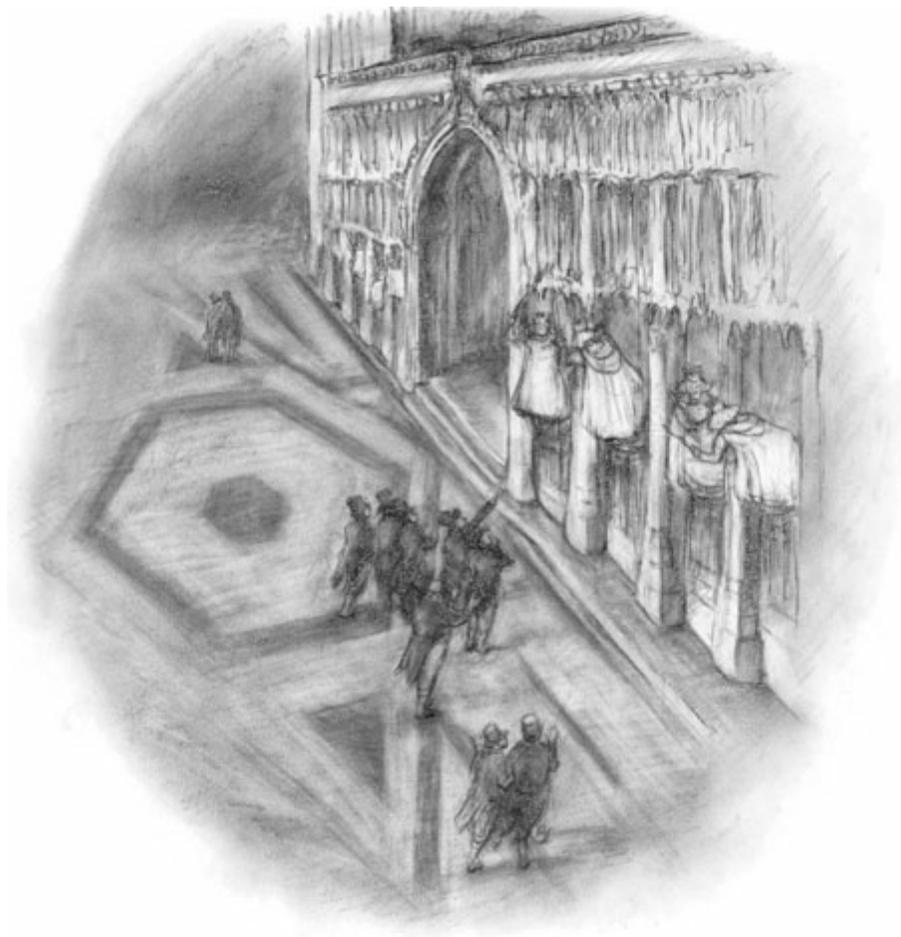
Susanna Clarke

JONATHAN STRANGE



Mr. NORRELL

Susanna Clarke



Tradução José Antônio Arantes

Ebook formatado por: Exilado de Marília

Ilustrações de Portia Rosenberg

*** * ***

ÍNDICE

VOLUME 1 - Mr. NORRELL

1. A Biblioteca de Hurtfew
2. A estalagem Old Starre
3. As pedras de York
4. Os amigos da magia inglesa
5. Drawlight
6. "Meu senhor, a magia não é respeitável"
7. Uma oportunidade pouco provável de se repetir
8. Um cavalheiro de cabelos de algodão
9. Lady Pole
10. A Dificuldade de encontrar Emprego para um mago
11. Brest
12. O espírito da Magia Inglesa leva Mr. Norrell a apoiar a Grã-Bretanha
13. O Mago da Rua Threadneedle
14. A Fazenda Desgosto
15. "Como vai Lady Pole"?
16. Esperança Perdida
17. A Inexplicável Aparição de Vinte e Cinco Guinéus
18. Sir Walter consulta cavalheiros de várias profissões
19. O Clube dos Peep-O'Day-Boys
20. O Chapeleiro Inverossímil

[21. O Baralho de Marselha](#)

[22. O Cavaleiro de Paus](#)

[VOLUME 2 - JONATHAN STRANGE](#)

[23. A Casa da Sombra](#)

[24. Um Outro Mago](#)

[25. O Ensino de um Mago](#)

[26. Orbe, Coroa e Cetro](#)

[27. A Esposa do Mago](#)

[28. A Biblioteca do Duque de Roxburghe](#)

[29. Na Casa de José Estoril](#)

[30. O livro de Robert Findhelm](#)

[31. Dezesete Napolitanos Mortos](#)

[32. O Rei](#)

[33. Ponha-me nos Olhos a Lua](#)

[34. À Beira do Deserto](#)

[35. O Cavalheiro do Condado de Nottingham](#)

[36. Todos os Espelhos do Mundo](#)

[37. O Cinque Dragownes](#)

[38. D'A Revista de Edimburgo](#)

[39. Os Dois Magos](#)

[40. “Pode estar certo: Waterloo não existe”!](#)

[41. Starecross](#)

[42. Strange resolve escrever um Livro](#)

[43. A Curiosa Aventura de Mr. Hyde](#)

[44. Arabella](#)

[VOLUME 3 - JOHN USKGLASS](#)

[45. Prefácio à História e Prática da Magia Inglesa](#)

[46. “O céu falou comigo...”](#)

[47. “Um moço preto e um sujeito azul, isso deve significar alguma coisa”.](#)

[48. As Gravuras](#)

[49. Impetuosidade e Loucura](#)

[50. História e Prática da Magia Inglesa](#)

[51. Uma Família de nome Greysteel](#)

[52. A Velha Dama de Cannaregio](#)

[53. Um Pequeno Camundongo Cinzento Morto](#)

[54. Uma Caixinha da Cor da Tristeza](#)

[55. O segundo verá o seu mais caro bem nas mãos do Inimigo](#)

[56. A Torre Negra](#)

[57. As Cartas Negras](#)

[58. Henry Woodhope faz uma visita](#)

[59. Leucrocuta, o Lobo da Noite](#)

[60. Tempestade e Mentiras](#)

[61. Árvore fala com pedra; pedra fala com água](#)

[62. Fui até eles com um grito que quebrou o silêncio de uma floresta invernal](#)

[63. O Primeiro enterrará o próprio coração numa escura floresta sob a neve e, ainda assim, sentirá a própria dor.](#)

64. Duas Versões de Lady Pole

65. As Cinzas, as Pérolas, a Colcha e o Beijo.

66. Jonathan Strange e Mr. Norrell

67. O Pilriteiro

68. “Sim”.

69- Strangitas e Norrellitas

VOLUME 1 - MR NORRELL



Ele quase nunca falava de magia; quando falava, era como uma aula de história, e ninguém tinha paciência para ouvi-lo.

1. A Biblioteca de Hurlfew

Outono de 1806 - Janeiro de 1807

Alguns anos atrás na cidade de York existia uma sociedade de magos. Eles se reuniam na terceira quarta-feira de cada mês e liam ensaios longos e enfadonhos sobre a história da magia inglesa.

Eram magos cavalheiros. Ou seja, nunca fizeram mal a ninguém por meio da magia, nem por meio dela jamais fizeram algum bem. De fato, para falar a verdade, nenhum deles nunca recorreu ao menor encantamento, nem por meio da magia jamais fez uma folha de árvore tremular, nunca alterou o curso de uma partícula de pó ou mudou um só fio de cabelo na cabeça de alguém. Porém, feita essa pequena ressalva, os magos tinham a reputação de ser os cavalheiros mais sábios e mais mágicos do condado de York.

Referindo-se à profissão, um grande mago afirmou que os que a exercem “devem se esforçar e dar tratos à bola para aprender alguma coisa, mas entre eles a desavença é sempre muito natural”, e os magos de York comprovaram a verdade disso ao longo de muitos anos.

No outono de 1806, acolheram um novo membro, um cavalheiro de nome John Secundus. Na primeira reunião de que participou, Mr. Secundus se levantou e proferiu um discurso ante a sociedade. Começou por congratular os cavalheiros Pela história notável que tinham; enumerou os muitos magos e historiadores renomados que em diferentes períodos pertenceram à Sociedade de York. Deu a entender que saber da existência de tal sociedade fora um grande estímulo para ir até York. Os magos do Norte, lembrou ele ao público, sempre haviam sido mais respeitados do que os do Sul. Mr. Secundus disse que estudara magia durante anos a fio e conhecia a história de todos os grandes magos do passado.

Lera as novas publicações sobre o assunto e até fizera uma modesta contribuição para a proliferação delas, mas recentemente começara a se perguntar

por que os grandes feitos de magia sobre os quais lera permaneciam nas páginas do livro que escrevera e já não eram vistos nas ruas nem noticiados nos jornais. Mr. Secundus disse que gostaria de saber por que os magos modernos não eram capazes de praticar a magia sobre a qual escreviam. Em resumo, desejava saber por que não se fazia mais magia na Inglaterra.

Era a pergunta mais banal do mundo. Era a pergunta que, cedo ou tarde, qualquer criança no reino faria à governanta, ao professor ou aos pais. Entretanto, os cultos integrantes da Sociedade de York não gostaram nem um pouco de ouvi-la, porque estavam tão incapacitados para respondê-la quanto qualquer outra pessoa.

O presidente da Sociedade de York (cujo nome era Dr. Foxcastle) dirigiu-se a John Secundus e explicou que aquela era uma pergunta equivocada.

- Ela pressupõe que o mago tem uma espécie de dever de praticar a magia, o que, claro, é um disparate. Creio que o senhor não sugeriria que a tarefa do botânico fosse criar mais flores. Ou que o astrônomo devesse reorganizar as estrelas. O mago, meu senhor, estuda a magia praticada muito tempo atrás. Por que esperar dele mais do que isso?

Um cavalheiro idoso de olhos azuis apagados e roupas de cores também apagadas (chamado Hart ou Hunt, Mr. Secundus não entendeu bem o nome) disse apagadamente que não tinha a menor importância a expectativa em torno do que um mago deve fazer. Um cavalheiro não devia praticar magia. Magia era o que os magos de rua simulavam fazer para tirar os centavos das crianças. A magia (no sentido prático) estava degradada. Tinha associações vulgares. Era amiga íntima de rostos barbudos, ciganos e ladrões de domicílios; do frequentador de lugares imundos com cortinas amarelas encardidas. Não, não! Um cavalheiro não tinha de praticar magia. Um cavalheiro podia estudar a história da magia (nada mais nobre), mas não tinha de praticar magia alguma. O cavalheiro idoso olhou para Mr. Secundus com olhos apagados e paternais e disse que esperava que Mr. Secundus não tivesse recorrido a encantamentos.

Mr. Secundus corou.

Mas a célebre máxima dos magos se revelou verdadeira: dois magos - no caso o Dr. Foxcastle e Mr. Hunt, ou Hart - não conseguiam conciliar os argumentos opostos de dois outros magos. Vários cavalheiros começaram a perceber que tinham a mesma opinião que Mr. Secundus e que nenhuma outra pergunta concernente a todo o conhecimento da magia teria maior importância. Entre os partidários de Mr. Secundus, o principal era um cavalheiro de nome Honeyfoot, um sujeito cordial e simpático de cinquenta e cinco anos, faces rosadas e cabelo grisalho. Dado que a discussão ficou mais acalorada e o Dr. Foxcastle falava com Mr. Secundus com mais sarcasmo, Mr. Honeyfoot dirigiu-se a Mr. Secundus várias vezes, sussurrando frases confortadoras como: "Senhor, não lhes dê atenção. Sou da mesma opinião", "O senhor tem toda a razão, não se deixe esmorecer" e "Tocou no ponto! Sim, senhor, tocou mesmo! A falta da pergunta certa é que antes nos tolhia. Agora que está aqui, faremos grandes coisas".

Palavras tão gentis assim não deixaram de encontrar um ouvinte agradecido em John Secundus, cujo abalo lhe transparecia na fisionomia.

- Creio ter sido desagradável - sussurrou para Mr. Honeyfoot. - Não era minha intenção. Esperava a opinião favorável destes cavalheiros.

A princípio Mr. Secundus se sentiu inclinado ao desânimo, mas uma explosão particularmente maldosa do Dr. Foxcastle despertou nele uma leve indignação.

- Este cavalheiro - disse o Dr. Foxcastle, cravando os olhos frios em Mr. Secundus - parece convencido de que devemos compartilhar o destino infeliz da Sociedade dos Magos de Manchester!

Mr. Secundus baixou a cabeça na direção de Mr. Honeyfoot e disse:

- Não pensei que os magos do condado de York fossem tão obstinados. Se não existirem amigos da magia no condado de York, onde os encontrarei?

A gentileza de Mr. Honeyfoot com Mr. Secundus não terminou nessa noite. Ele convidou Mr. Secundus a ir à casa da família em High-Petergate para um bom jantar em companhia de Mrs. Honeyfoot e das três lindas filhas, o que Mr. Secundus, um cavalheiro solteiro e não rico, aceitou com prazer. Após o jantar, Miss Honeyfoot

tocou o pianoforte e Miss Jane cantou em italiano. No dia seguinte, Mrs. Honeyfoot disse ao marido que John Segundus era precisamente como um cavalheiro deveria ser, mas receava que não se beneficiaria com isso, pois não estava na moda ser modesto, comedido e bondoso.

Os dois cavalheiros logo ficaram íntimos. Em pouco tempo Mr. Segundus começou a passar duas ou três de cada sete noites na casa de High-Petergate. Numa ocasião, a presença de um grande grupo de jovens levou naturalmente à realização de um baile. Tudo era agradabilíssimo, mas quase sempre Mr. Honeyfoot e Mr. Segundus escapuliam para conversar sobre o que de fato lhes interessava: por que não se fazia mais magia na Inglaterra? Contudo, por mais que conversassem (com frequência até as duas ou três da manhã), estavam bem longe de uma resposta. Isso, porém, talvez não importasse, pois todos os tipos de magos, antiquários e estudiosos vinham fazendo a mesma pergunta havia bem mais de duzentos anos.

Mr. Honeyfoot era um cavalheiro alto, sorridente, alegre e cheio de energia que gostava de estar sempre fazendo ou planejando alguma coisa, raras vezes se perguntando se a coisa tinha propósito. A atual tarefa lembrou-lhe os grandes magos medievais, que, sempre que tinham um problema aparentemente difícil para resolver, viajavam a cavalo por um ano e um dia, tendo como guias um ou dois criados mágicos, e ao fim desse período nunca deixavam de encontrar a solução. Mr. Honeyfoot disse a Mr. Segundus que, em sua opinião, o melhor que poderiam fazer era seguir o exemplo desses grandes homens, alguns dos quais tinham ido às regiões mais remotas da Inglaterra, Escócia e Irlanda (onde a magia era mais forte), enquanto outros haviam se retirado completamente deste mundo e hoje em dia ninguém sabia ao certo onde foram parar ou o que fizeram quando lá chegaram. Mr. Honeyfoot não propunha ir tão longe; com efeito, não desejava ir longe de modo algum, porque era inverno e as estradas estavam péssimas. Entretanto, estava persuadido de que deveriam ir a algum lugar e consultar alguém. Disse a Mr. Segundus que achava que ambos estavam ficando rançosos; a vantagem de uma opinião diferente seria imensa. Nenhum destino, porém, nenhum objetivo se apresentava. Mr. Honeyfoot estava desesperançado. Foi então que se lembrou de outro mago.

Alguns anos antes, a Sociedade de York ouvira boatos de que existia um outro mago no condado de York. Esse cavalheiro vivia numa região bastante remota do interior, onde (dizia-se) passava os dias e as noites estudando textos de magia raros em sua excelente biblioteca particular. Tendo descoberto o nome de mais um mago e onde encontrá-lo, o Dr. Foxcastle escreveu-lhe uma carta cortês na qual o convidava a participar da Sociedade de York. O outro mago respondeu que se sentia muito honrado, mas que lamentava muito: estava impossibilitado, por causa da longa distância entre York e Hurlfrew Abbey, das estradas ruins, do trabalho que de modo algum poderia abandonar, e assim por diante.

Todos os magos de York examinaram a carta e manifestaram dúvida de que alguém com uma caligrafia tão miúda fosse um mago razoável. Depois, sentindo um ligeiro pesar pela excelente biblioteca que jamais veriam, afastaram o mago do pensamento. Mas Mr. Honeyfoot disse a Mr. Secundus que, diante da importância da pergunta "Por que não se faz mais magia na Inglaterra?", seria um grande erro da parte deles desconsiderar qualquer oportunidade. Como saber? Talvez valesse a pena ouvir a opinião do outro mago. Foi então que Mr. Honeyfoot escreveu uma carta em que sugeria que ele e Mr. Secundus teriam prazer em visitar o outro mago na terceira terça-feira depois do Natal, às duas e meia da tarde., Pronto chegou uma resposta. Mr. Honeyfoot, com a afabilidade e a camaradagem habituais, mandou chamar sem demora Mr. Secundus e lhe mostrou a carta. Com sua caligrafia miúda, o outro mago escrevera que teria grande prazer em conhecê-los. Isso bastou. Mr. Honeyfoot ficou satisfeítíssimo e foi correndo informar Waters, o cocheiro, de quando ele seria necessário.

Mr. Secundus ficou sozinho na sala com a carta na mão: "Confesso que me sinto um tanto incapaz de entender o motivo de uma honra assim tão súbita. É quase inconcebível que os magos de York, com toda a boa sorte da companhia mútua e o incalculável benefício da sabedoria comum, tenham a necessidade de consultar um estudioso solitário como eu".

Havia um toque de sarcasmo sutil na carta; o missivista parecia zombar de Mr. Honeyfoot a cada palavra. Mr. Secundus ficou satisfeito ao concluir que Mr. Honeyfoot mal o percebera, do contrário não teria ido falar com Waters com tanta euforia. Era uma carta tão hostil que Mr. Secundus sentiu se dissipar todo o desejo

de visitar o outro mago. Bem, não obstante, pensou, devo ir, porque Mr. Holleyfoot o deseja, e o que afinal poderá suceder de pior? Vamos visitá-lo, ficar desapontados, e pronto.

Uma tempestade precedeu o dia da visita; a chuva criara poças compridas e irregulares nos campos castanhos e sem vegetação; telhados molhados pareciam espelhos de pedra; e a diligência de Mr. Honeyfoot percorreu um mundo que continha uma porção muito maior de céu cinza gélido e uma porção muito menor de chão firme confortador do que o habitual.

Desde a primeira noite Mr. Secundus tinha a intenção de perguntar a Mr. Honeyfoot a respeito da Sociedade Culta dos Magos de Manchester, que o Dr. Foxcastle mencionara. Perguntava agora.

- Essa sociedade foi fundada não muito tempo atrás - disse Mr. Honeyfoot. - Seus membros eram clérigos da classe mais pobre, ex-comerciantes respeitáveis, boticários, advogados, donos de moinhos aposentados com alguma noção de latim e assim por diante, pessoas que se poderiam qualificar de quase-cavalheiros, Creio que o doutor Foxcastle ficou satisfeito quando se dispersaram... Ele não acha que pessoas dessa classe devam se tornar magos. Mas saiba que entre eles havia vários homens inteligentes. Começaram, assim como o senhor, com o objetivo de trazer a prática da magia de volta ao mundo. Eram homens práticos e pretendiam aplicar à magia os princípios da razão e da ciência, como o fizeram com as artes manufatureiras. Denominaram-na "taumaturgia racional". Como não deu resultados, desanimaram. Bem, não se pode culpá-los por isso. Mas deixaram que a desilusão os metesse em todo tipo de dificuldades. Começaram a achar que no mundo não existe e jamais existiu magia. Afirmaram que os magos Áureos eram todos impostores ou se tinham deixado enganar. E que o Rei Corvo é uma invenção dos ingleses do Norte para protegê-los da tirania do Sul (sendo eles mesmos do Norte, tinham uma certa afinidade com isso). Ah, os argumentos que apresentavam eram muito engenhosos. Esqueceu-me, agora, como explicavam a existência do Reino Encantado. Dispersaram-se, como lhe disse, e um deles, que se não me engano se chamava Aubrey, pretendia escrever sobre tudo isso e publicar. Mas, quando chegou o momento, uma espécie de melancolia permanente se apoderou dele e não foi capaz de encontrar estímulo suficiente para começar.

- Pobre cavalheiro - disse Mr. Secundus. - Talvez seja a época. Não vivemos uma época para magia ou conhecimento, não é mesmo? Comerciantes prosperam, marinheiros, políticos, mas não magos. Nosso tempo passou. - Refletiu um pouco. - Três anos atrás, quando estive em Londres, conheci um mago de rua, um andarilho de caráter duvidoso com uma estranha deformação. O homem me persuadiu a pagar uma elevada soma de dinheiro em troca da promessa de que me revelaria um grande segredo. Quando lhe entreguei o dinheiro, disse-me que um dia dois magos restituiriam a magia à Inglaterra. Embora eu não acredite nem um pouco em profecias, foi pensando no que ele disse que resolvi descobrir a verdade sobre o nosso declínio... Não é estranho?

- Tem toda a razão, profecias são uma grande tolice - ponderou Mr. Honeyfoot, rindo. Em seguida, como se assaltado por um pensamento, acrescentou: - Somos dois magos. Honeyfoot e Secundus - disse, testando as palavras, como se imaginasse de que forma apareceriam nos jornais e nos livros de história. - Honeyfoot e Secundus... Soa muito bem.

Mr. Secundus meneou a cabeça.

- O sujeito conhecia a minha profissão e era de esperar que quisesse me fazer crer que eu era um dos dois homens. Mas no fim me falou, muito francamente, que não seria eu. No início tive a impressão de que não estava seguro disso. Havia algo a ver comigo... Ele me pediu que escrevesse meu nome e o examinou durante um bom tempo.

- Creio que percebeu que não teria como arrancar mais dinheiro do senhor - comentou Mr. Honeyfoot.

Hurtfew Abbey ficava a uns vinte quilômetros a noroeste de York. A antiguidade estava só no nome. Lá existira uma abadia, mas muito tempo atrás. A casa atual fora construída na época da rainha Ana. Era muito bonita, quadrada, de aparência sólida, num belo parque cheio de árvores úmidas e de aspecto fantasmagórico (o dia estava ficando um tanto enevoadado). Um rio (chamado Hurt) atravessava o parque, e uma bela ponte de aparência clássica passava sobre ele.

O outro mago (chamado Norrell) estava no vestíbulo para receber os visitantes. Era miúdo, tal como sua caligrafia, e a voz, ao lhes dar as boas-vindas a Hurlfew, soou muito suave, como se ele não tivesse o hábito de expressar os pensamentos em voz alta. Mr. Honeyfoot, que era um pouco surdo, não ouviu o que ele disse.

- Meu senhor, estou ficando velho. Seja paciente comigo.

Mr. Norrell conduziu as visitas a uma elegante sala em cuja lareira ardia um fogo confortador. Não havia uma só vela acesa; duas janelas magníficas deixavam entrar luz suficiente, se bem que uma luz cinzenta e nada animadora. Contudo, ocorreu a Mr. Secundus que haveria uma segunda lareira acesa, ou velas, em algum lugar da sala, de forma que ele não parava de se virar na cadeira para olhar em volta e ver onde estavam. Mas nada semelhante havia, talvez só um espelho ou um relógio antigo.

Mr. Norrell disse que lera o relato de Mr. Secundus sobre os êxitos dos crias dos mágicos de Martin Pale.

- Uma obra louvável, mas o senhor esqueceu o mestre Fallowthought. Um espírito menor, claro, cuja utilidade para o Doutor Pale era questionável (Dr. Martin Pale (1485-1567), filho de um curtidor de couro do condado de Warwick, no centro da Inglaterra. Último dos magos Áureos, ou da Idade de Ouro. Outros o sucederam, embora de reputação discutível. Pale foi, sem dúvida, o último mago inglês a se aventurar no Reino Encantado). Mas sem Fallowthought a breve história dele ficaria incompleta.

Seguiu-se um silêncio.

- Refere-se a um espírito encantado chamado Fallowthought? - perguntou Mr. Secundus. - Quero dizer... Quero dizer, nunca ouvi falar dessa criatura, neste ou em qualquer outro mundo.

Mr. Norrell sorriu pela primeira vez, mas uma espécie de sorriso interior.

- Claro - replicou. - Esqueceu-me. Está tudo na história de Holgarth e Pickle, de como eles lidaram com o mestre Fallowthought, obra que o senhor provavelmente

não leu. Eu o felicito, porque formavam uma dupla detestável... Mais criminosos do que magos. Quanto menos soubermos sobre eles, melhor.

- Ah, meu senhor! - exclamou Mr. Honeyfoot, achando que Mr. Norrell se referia à um dos livros que possuía. - Ouvimos coisas inacreditáveis sobre sua biblioteca. Todos os magos do condado de York foram vitimados pela inveja quando souberam da quantidade de livros que o senhor possui!

- Não diga! - exclamou Mr. Norrell, impassível. - O senhor me surpreende. Não fazia idéia de que meus interesses fossem tão conhecidos... Deve ter sido Thoroughgood - disse pensativo, mencionando o nome de um homem que vendia livros e objetos raros no pequeno mercado de York. - Childermass me avisou várias vezes que Thoroughgood é indiscreto.

Mr. Honeyfoot não entendeu bem. Se ele tivesse uma tal quantidade de livros sobre magia, adoraria falar deles, adoraria que o elogiassem por eles, que o admirassem. Não acreditava que Mr. Norrell não fosse assim. Portanto, com a intenção de ser gentil e deixar Mr. Norrell à vontade (porque achava que o cavalheiro era tímido), persistiu:

- O senhor se importaria se eu expressasse o desejo de vermos sua excelente biblioteca?

Mr. Secundus estava certo de que Norrell se recusaria, mas, em vez disso, Mr. Norrell os fitou um pouco (tinha olhos azuis pequenos e parecia espreitar os visitantes de algum lugar secreto dentro de si) e, em seguida, quase com cortesia, cedeu ao pedido de Mr. Honeyfoot. Mr. Honeyfoot foi todo grato, feliz ao se convencer de que satisfizera Mr. Norrell tanto como a si mesmo.

Mr. Norrell conduziu os dois cavalheiros por um corredor, um corredor bastante comum, pensou Mr. Secundus, as paredes e o piso revestidos de madeira de carvalho bem polida cheirando a cera de abelha. Depois havia uma escada, ou talvez só três ou quatro degraus, e adiante outro corredor onde o ar era um pouco mais frio e o piso feito da boa pedra de York: tudo sem características especiais. (Ou será que o segundo corredor vinha antes da escada ou dos degraus? Ou será que nem existia uma escada?). Mr. Secundus era o tipo de cavalheiro que sempre consegue

dizer se está diante do norte ou do sul, do leste ou do oeste. Não se tratava de um talento do qual sentisse um orgulho especial - para ele era tão natural quanto saber que a cabeça ainda estava no pescoço -, mas na casa de Mr. Norrell esse dom desapareceu. Mais tarde, jamais conseguiria reproduzir a sequência de corredores e cômodos pelos quais foram conduzidos, nem sequer calcular quanto tempo demoraram para chegar à biblioteca. Tampouco seria capaz de distinguir a direção. Parecia-lhe que Mr. Norrell descobrira algum tipo de quinto ponto da bússola - nem leste, nem sul, nem oeste, nem norte, mas algo bem diferente, e essa era a direção para a qual os conduzia. Mr. Honeyfoot, de sua parte, não parecia notar nada estranho.

A biblioteca era talvez um pouco menor do que a sala de visitas que tinham acabado de deixar. Havia um excelente fogo na lareira e tudo era conforto e quietude. Contudo, também ali, a luz parecia não se harmonizar com as três janelas altas de doze vidraças, de sorte que, mais uma vez, Mr. Secundus se viu perturbado pela persistente sensação de que haveria outras velas, outras janelas ou outra lareira que proporcionassem luz. As janelas existentes davam vista para uma enorme vastidão de sombria chuva inglesa, de forma que Mr. Secundus não conseguia ver a paisagem nem perceber em que parte da casa se achavam. O cômodo não estava vazio; sentado a uma mesa estava um homem, que se levantou quando eles entraram e a quem Mr. Norrell brevemente apresentou como Childermass, seu procurador.

Não era necessário alguém dizer a magos como Mr. Honeyfoot e Mr. Secundus que o proprietário prezava a biblioteca de Hurtfew Abbey acima de todos os seus outros bens; e não se surpreenderam ao descobrir que Mr. Norrell concebera um lindo porta-joias para abrigar sua menina-dos-olhos. As estantes de livros que forravam as paredes do cômodo eram de madeira inglesa e se assemelhavam a arcos góticos entalhados. Havia entalhes de folhas (folhas secas e torcidas, como se o artista tivesse pretendido representar o outono), entalhes de raízes e ramos entrelaçados, entalhes de bagas e heras, tudo muito bem-feito. Mas a maravilha das estantes nada significava perto da maravilha dos livros.

A primeira coisa que um estudante de magia aprende é que existem livros sobre magia e livros de magia. A segunda coisa é que num bom livreiro se pode adquirir um exemplar perfeitamente respeitável dos primeiros livros mencionados por dois ou três

guinéus, enquanto o preço dos segundos livros é superior ao dos rubis. Considerava-se muito boa, quase extraordinária, a biblioteca da sociedade de York; entre os muitos volumes, havia cinco obras escritas entre 1550 e 1700 que se poderia justamente afirmar serem livros de magia (embora um deles não passasse de duas páginas rasgadas). Livros de magia eram raros e nem Mr. Secundus nem Mr. Honeyfoot tinham visto mais do que dois ou três numa biblioteca particular. Em Hurtfew, todas as paredes estavam forradas de estantes de livros e todas as prateleiras estavam abarrotadas de livros. E os livros eram todos, ou quase todos, antigos; livros de magia. Bem, decerto muitos tinham encadernações modernas impecáveis, mas sem dúvida eram volumes que Mr. Norrell reencadernara (parecia dar preferência a couro de bezerro sem adornos, com títulos impressos em elegantes letras maiúsculas prateadas). Inúmeros deles, porém, tinham encadernações antigas, muito antigas, com lombadas e cantos puídos.

Mr. Secundus olhou de relance para as lombadas dos livros numa estante próxima; o primeiro título que leu foi Como indagar a escuridão e entender suas respostas.

- Um livro descabido - observou Mr. Norrell. Mr. Secundus se sobressaltou: não percebera que o anfitrião estava tão perto. Mr. Norrell prosseguiu: Eu o aconselho a não refletir um só instante sobre ele.

Mr. Secundus olhou então para o livro seguinte, As instruções, de Belasis.

- Desculpe-me, conhece Belasis? - indagou Mr. Norrell.

- De nome, senhor - respondeu Mr. Secundus. - Sempre ouvi dizer que tinha a chave para um monte de coisas boas, mas também ouvi dizer, e os especialistas concordam, que todos os exemplares de As instruções foram destruídos há muito tempo. Mas aqui está um! E isto, meu senhor, é extraordinário! É maravilhoso!

- O senhor espera muito de Belasis - comentou Norrell-, e no passado também pensei assim. Lembro-me de que durante meses dediquei oito de vinte e quatro horas ao estudo de sua obra; atenção que, devo dizer, nunca dei a outro autor. Mas, em conclusão, é uma decepção. É esotérico quando deveria ser inteligível; inteligível

quando deveria ser obscuro. Há coisas que não se deveriam incluir em livros para todo mundo ler. Quanto a mim, já não tenho Belasis em grande conta.

- Eis um livro de que nunca ouvi falar - disse Mr. Secundus. - As superioridades da magia judaico cristã O que me diz dele?

- Ah! - exclamou Mr. Norrell. - É do século dezessete, mas também não o tenho em grande conta. O autor era mentiroso, bêbado, adúltero e tratante. Ainda bem que caiu no esquecimento.

Ao que parecia, Mr. Norrell não menosprezava só magos vivos. Avaliara também a capacidade de todos os mortos e concluía que eram medíocres.

Enquanto isso, Mr. Honeyfoot, as mãos no ar como um metodista que reza a Deus, passava com rapidez de estante em estante. Mal se detinha tempo suficiente para ler o título de um livro e seus olhos eram atraídos por outro no lado oposto da biblioteca.

- Ah, Mister Norrell! - exclamou. - São tantos livros! Decerto encontraremos as respostas para todas as nossas perguntas!



- Duvido meu senhor - foi a reação seca de Mr. Norrell.

O procurador soltou uma risada breve, um riso sem dúvida dirigido a Mr. Honeyfoot. Apesar disso, Mr. Norrell não o repreendeu, nem com o olhar nem com palavras, e Mr. Secundus se perguntou que tipo de tarefa Mr. Norrell confiaria àquela pessoa. De cabelos compridos revoltos como chuva e pretos como trovão, estaria bem à vontade num pântano varrido pelo vento, ou de emboscada num beco escuro como breu, ou talvez num romance de Mrs. Radcliffe.

Mr. Secundus tirou da estante As instruções de Jacques Belasis e, não obstante; a opinião desfavorável de Mr. Norrell, logo deu com dois trechos extraordinários. Em seguida, ciente da passagem do tempo e dos olhos escuros e estranhos do procurador sobre ele, abriu As superioridades da magia judaico cristã

*** O primeiro trecho que Mr. Segundus leu se referia à Inglaterra, ao Reino Encantado (que os magos às vezes chamam de "as Outras Terras") e a um estranho país supostamente situado no lado extremo do Inferno. Mr. Segundus ouvira falar do vínculo simbólico e mágico que liga esses três países, mas nunca lera uma explicação tão clara deles como a que o texto oferecia.

O segundo trecho concernia a um dos maiores magos da Inglaterra, Martin Pale. Em *A árvore do conhecimento*, de Gregory Absalom, há um célebre trecho que relata a visita que o último dos grandes magos Áureos, Martin Pale, fez ao príncipe dos seres mágicos enquanto viajava pelo Reino Encantado. Assim como outros da linhagem, o príncipe dos seres mágicos tinha vários nomes, expressões honoríficas, títulos, pseudônimos; mas era, em geral, conhecido como Cold Henry. Cold Henry fez um longo e respeitoso discurso para o hóspede. O discurso, apesar de recheado de metáforas e alusões obscuras, parecia dizer que os seres mágicos eram criaturas naturalmente malvadas, nem sempre cientes de que faziam o mal. Ao que Martin Pale retrucou com brevidade e um tanto enigmático que nem todos os pés dos ingleses tinham o mesmo tamanho.

Durante séculos ninguém fez a menor idéia do que isso poderia significar, embora várias teorias tivessem sido apresentadas, e John Segundus conhecia todas elas. A mais comum era a que William Pantler desenvolvera no início do século XVIII. Pantler afirmou que Cold Henry e Pale se referiam à teologia. Os seres mágicos (como todo mundo sabe) escapam ao alcance da Igreja; nenhum Cristo os viu nem jamais os verá - e ninguém sabe o que lhes sucederá no Dia do Juízo Final. De acordo com Pantler, Cold Henry perguntara a Pale se haveria alguma esperança de que os seres mágicos, assim como os homens, recebessem a Salvação Eterna. A resposta de Pale - de que os pés dos ingleses têm tamanhos diferentes - foi o jeito que encontrou de dizer que nem todos os ingleses serão salvos. Baseando-se nisso, Pantler atribuiu a Pale a crença bastante estranha de que o Paraíso é suficientemente grande para conter apenas um número limitado de abençoados; para cada inglês condenado, surge um Lugar no Paraíso para um ser mágico. A reputação de Pantler como teórico da magia reside inteiramente no livro que ele escreveu sobre o assunto.

Em As instruções, de Jacques Belasis, Mr. Secundus leu uma explicação completamente diferente. Três séculos antes de Martin Pale haver pisado no castelo de Cold Henry, este recebera uma outra visita humana, um mago inglês ainda maior do que Pale: Ralph Stokesey, que ao partir deixara um par de botas. As botas, afirmou Belasis, eram velhas, razão pela qual Stokesey provavelmente não as levou consigo, mas a presença das botas no castelo causou enorme preocupação aos seres mágicos que veneravam os magos ingleses. Cold Henry, em especial, viu-se numa posição embaraçosa, receando que de uma forma tortuosa e incompreensível a moralidade cristã lhe atribuísse a responsabilidade pela perda das botas. Por isso tentou se livrar dos terríveis objetos oferecendo-os a Pale, que os rejeitou.

Não era (como esperara) um livro impresso, mas um manuscrito rabiscado às pressas no verso de todos os tipos de pedaços de papel, muitos deles velhos recibos de cervejarias. Nele Mr. Secundus leu sobre aventuras maravilhosas. O l11ago do século XVII usara a magia incipiente para combater inimigos hábeis e poderosos: combates a que nenhum mago humano deveria se entregar. Escrevera a colcha de retalhos da história de suas vitórias exatamente no momento em que os inimigos o cercavam. O autor sabia muito bem que, enquanto escrevia, restava-lhe pouco tempo e que a morte era o melhor que poderia esperar.

O cômodo foi ficando mais escuro; os antigos rabiscos se tornavam indistintos na página. Dois criados entraram e, observados pelo procurador negligente, acenderam velas, fecharam as cortinas da janela e puseram mais carvão na lareira. Mr. Secundus achou conveniente lembrar Mr. Honeyfoot de que ainda não tinham explicado a Mr. Norrell o propósito da visita.

No momento em que saíam da biblioteca, Mr. Secundus estranhou algo. Uma cadeira havia sido colocada perto da lareira e ao lado dela havia uma mesinha. Na mesa estavam as pranchas e a encadernação em couro de um livro bastante antigo, duas tesouras e uma faca robusta de aspecto cruel, coisas que um jardineiro usaria para poda. As páginas do livro, porém, não estavam visíveis, talvez, pensou Mr. Secundus, ele o tivesse mandado encadernar de novo. Mas, a antiga encadernação

ainda parecia forte; por que então Mr. Norrell teria se dado ao trabalho de tirar as páginas, arriscando-se a danificá-las? Um encadernador hábil seria a pessoa indicada para esse tipo de trabalho.

Quando voltaram a se sentar na sala de visitas, Mr. Honeyfoot se dirigiu a Mr. Norrell.

- O que acabo de ver aqui me convence de que o senhor é a pessoa ideal para nos ajudar. Mister Secundus e eu somos da opinião de que os magos modernos seguem pelo caminho errado; desperdiçam energia com tolices. O senhor concorda?

- Ah, sim, concordo - respondeu Mr. Norrell.

- Nossa pergunta - continuou Mr. Honeyfoot - é: por que a magia decaiu de um estado outrora grandioso na nossa grande nação? Nossa pergunta, senhor, é: por que não se faz mais magia na Inglaterra?

Os olhinhos azuis de Mr. Norrell ficaram mais firmes e mais brilhantes, e os lábios se comprimiram, como se ele procurasse reprimir um enorme e secreto prazer interior. Como se tivesse esperado muito tempo, pensou Mr. Secundus, por essa pergunta e durante anos tivesse a resposta na ponta da língua. Mr. Norrell respondeu:

- Não posso ajudá-lo quanto a essa pergunta, senhor, porque não a entendo. É uma pergunta equivocada. A magia não acabou na Inglaterra. Eu mesmo sou um prático razoável dela.

2. A estalagem Old Starre

Janeiro - Fevereiro de 1807

Quando a carruagem saiu pelo portão majestoso de Mr. Norrell, Mr. Honeyfoot exclamou:

- Um prático da magia na Inglaterra! E no condado de York! Mas que sorte a nossa! Ah, Mister Segundus, devemos agradecer-lhe por isso. O senhor estava alerta enquanto nós, magos de York, dormíamos. Não fosse o seu incentivo, talvez jamais tivéssemos descoberto Mister Norrell. E estou quase certo de que ele jamais nos teria procurado. É muito reservado. Não nos deu uma só informação sobre o que realizou na prática da magia, nada além do simples fato de que obteve êxito. Creio ser um sinal de modéstia. Mister Segundus suponho que concorda que nossa tarefa é clara. Cabe-nos vencer a timidez natural e a aversão ao elogio de Mister Norrell e apresentá-lo com triunfo a um público mais amplo!

- Talvez - retrucou Mr. Segundus sem convicção.

- Não digo que será fácil - acrescentou Mr. Honeyfoot. - Ele é muito discreto e não gosta de companhia. Mas haverá de se dar conta de que o conhecimento que possui deve ser compartilhado com outros para o bem da nação. É um cavalheiro: sabe do dever que tem e com certeza haverá de cumpri-lo, Ah, Mister Segundus! O senhor merece que todos os magos do país lhe façam os melhores agradecimentos por isso.

Por mais que Mr. Segundus merecesse reconhecimento, porém, o triste fato é que os magos da Inglaterra formam um grupo de homens curiosamente mal-agraçados. Mr. Honeyfoot e Mr. Segundus até poderiam ter feito a mais importante descoberta no conhecimento da magia dos últimos três séculos, mas e daí? Não houve praticamente ninguém na Sociedade de York que, ao saber disso, não tenha tido certeza absoluta de que teria conseguido mais; e na terça-feira seguinte, quando

se realizou uma reunião extraordinária da Sociedade Culta dos Magos de York, a maioria de seus membros estava disposta a expressar isso.

Às dezenove horas da terça-feira, o salão do segundo andar da estalagem Old Starre, em Stonegate, estava abarrotado. Aparentemente, a notícia levada por Mr. Honeyfoot e Mr. Secundus atraíra todos os cavalheiros da cidade que já tivessem ao menos passado os olhos num livro de magia, embora York ainda fosse uma das cidades mais mágicas da Inglaterra. Talvez só a cidade de Newcastle do rei pudesse se vangloriar de ter mais magos.

Havia um ajuntamento de magos tão grande no salão da estalagem que por momentos muitos se viram obrigados a ficar de pé, a despeito de os criados não pararem de levar cadeiras para cima. O Dr. Foxcastle conseguiu uma cadeira excelente, alta, preta e com entalhes singulares. E a cadeira (que lembrava muito um trono), as vastas cortinas de veludo vermelho atrás dele e o jeito de ele se sentar com as mãos cruzadas sobre a barriga, tudo combinado lhe dava um ar bastante autoritário.

Os criados da estalagem Old Starre tinham preparado um excelente fogo na lareira para afastar o frio da noite de janeiro, e em torno dela estavam sentados magos dos mais anciões - ao que parece da época do reinado de Jorge II, ou perto disso -, todos envoltos em mantas escocesas, rostos amarelentos encarquilhados como teias, e em companhia de lacaios igualmente anciões com frascos de remédio nos bolsos. Mr. Honeyfoot os saudou desta forma:

- Como vai, Mister Aptree? Como vai, Mister Greyshippe? Vai bem de saúde, Mister Tunstall? Cavalheiros, que satisfação vê-los aqui! Espero que tenham vindo festejar conosco! Todos os anos que passamos no limbo já se foram. Ah, ninguém melhor do que o senhor, Mister Aptree, e do que o senhor, Mister Greyshippe, sabe como foram aqueles anos, porque viveram muitos deles. Mas agora veremos a magia voltar à Grã-Bretanha como conselheira e patronal E os franceses, Mister Tunstall! Como reagirão quando souberem? Ora, eu não ficaria surpreso se isso resultasse numa rendição imediata.

Mr. Honeyfoot tinha algo mais a dizer no mesmo teor. Preparara um discurso com o qual pretendia levar ao conhecimento de todos os admiráveis benefícios que

essa descoberta produziria para a Grã-Bretanha. Mas não teve a oportunidade de pronunciar mais do que umas poucas frases, porque parecia que todos os cavalheiros no salão, sem exceção, não conseguiam mais conter suas opiniões, precisavam comunicá-las com urgência. O Dr. Foxcastle foi o primeiro a interromper Mr. Honeyfoot. De seu enorme trono negro, ele assim se dirigiu a Mr. Honeyfoot:

- Lamento muitíssimo que o senhor desacredite a magia, que sei tem em grande consideração, com histórias inconcebíveis e invenções extravagantes. Mister Secundus - disse, virando-se para o cavalheiro que ele julgava ser o causador de todo o problema -, não sei qual é o costume no lugar de onde vem, mas aqui no condado de York não nos interessamos por quem faz a fama às custas da tranquilidade alheia.

Nesse ponto, o Dr. Foxcastle foi interrompido pelas exclamações estridentes e zangadas dos defensores de Mr. Honeyfoot e Mr. Secundus. O próximo cavalheiro que se fez ouvir perguntou por que Mr. Secundus e Mr. Honeyfoot haviam se deixado iludir tanto. Sem dúvida Mr. Norrell era um louco, em nada diferente de algum desmiolado de olhos arregalados parado numa esquina berrando que era o Rei Corvo.

Um cavalheiro ruivo, em estado de arrebatamento, opinou que Mr. Honeyfoot. Mr. Secundus deveriam ter insistido que Mr. Norrell deixasse logo a casa e rumasse sem demora para York, em triunfo, numa carruagem aberta (embora fosse janeiro invernal), para que o cavalheiro ruivo pudesse jogar folhas de era em seu caminho; e um dos homens mais idosos, sentado ao lado da lareira, falou com paixão acerca de uma coisa e outra, mas, como era demasiado velho e sua voz bastante fraca, ninguém teve tempo para atentar ao que ele dizia.

Havia no salão um homem alto e sensato chamado Thorpe, um cavalheiro com pouquíssimos conhecimentos de magia, mas, tratando-se de um mago, com raro grau de bom senso. Achava que Mr. Secundus merecia incentivo em sua busca por descobrir onde se perdera a prática da magia inglesa, embora, como os demais, Mr. Thorpe não esperasse que Mr. Secundus fosse encontrar a resposta tão cedo. Porém, agora que tinham uma resposta, Mr. Thorpe achava que não deveriam simplesmente rejeitá-la:

- Cavalheiros, Mister Norrell disse que é capaz de fazer magia. Muito bem. Sabemos um pouco sobre Norrell, todos nós ouvimos dizer dos textos raros que ele supostamente coleciona, e só por esse motivo estaríamos errados em rejeitar as afirmações dele sem uma cuidadosa reflexão. Contudo, os argumentos mais fortes em favor de Mister Norrell são que dois de nossos membros, ambos estudiosos sensatos, visitaram Norrell e voltaram persuadidos. – Dirigiu-se a Mr. Honeyfoot: - o senhor acredita nesse homem... Qualquer um pode ver em seu rosto que sim. Viu algo que o persuadiu... Não vai nos contar o que foi?

A reação de Mr. Honeyfoot à pergunta foi, talvez, um tanto estranha. Primeiro, lançou a Mr. Thorpe um sorriso de agradecimento, como se tivesse desejado exatamente isto: uma oportunidade para expor os excelentes motivos que tinha para crer que Mr. Norrell sabia fazer magia; e abriu a boca para começar. Em seguida, se deteve; fez uma pausa. Olhou em volta, como se todos os excelentes motivos que lhe pareceram tão sólidos um instante atrás tivessem se desmanchado na boca, e sua língua e dentes não conseguissem se apoderar de um deles sequer para formulá-lo numa frase racional. Murmurou algo sobre a fisionomia honesta de Mr. Norrell.

A Sociedade de York achou isso pouco satisfatório (se os membros da sociedade tivessem tido o privilégio de ver a fisionomia de Mr. Norrell, provavelmente o teriam achado ainda menos satisfatório). Mr. Thorpe se virou para Mr. Secundus e disse:

- Mister Secundus, o senhor também viu Norrell. Qual é a sua opinião?

Pela primeira vez a Sociedade de York notou a palidez de Mr. Secundus, e ocorreu a alguns cavalheiros que ele não lhes respondera quando o cumprimentaram, como se incapaz de recompor os pensamentos para então responder.

- Sente-se indisposto? - perguntou Mr. Thorpe cortesmente.

- Não, não - murmurou Mr. Secundus. - Não é nada. Obrigado.

Mas parecia tão aturdido que um cavalheiro lhe ofereceu a cadeira, outro foi buscar uma taça de vinho das Canárias e o cavalheiro ruivo arrebatado que desejava jogar folhas de hera no caminho de Mr. Norrell alimentou a esperança de que Mr. Segundus estivesse encantado e todos veriam algo extraordinário! Mr. Segundus suspirou e disse:

- Obrigado. Não estou indisposto, mas na semana passada me senti bastante cansado e lento de raciocínio. Mrs. Pleasance me deu araruta e preparados quentes de raiz de alcaçuz, que não ajudaram. O que não me surpreende, pois creio que a confusão está na minha cabeça. Não me sinto tão mal quanto antes. Se me perguntassem agora, cavalheiros, por que acredito que a magia voltou à Inglaterra, responderia que é porque vi magia sendo feita. A impressão de ter visto magia está muito viva em mim aqui e aqui... - Apontou com o dedo para a testa e para o coração. - Entretanto, sei que não vi magia alguma. Norrell não fez magia enquanto estivemos com ele. Por isso suponho ter sonhado com ela.

Os cavalheiros da Sociedade de York explodiram mais uma vez. O cavalheiro apagado sorriu apagadamente e perguntou se alguém via algum sentido naquilo. Então Mr. Thorpe exclamou:

- Ora! É ridículo ficarmos aqui tentando concluir se Norrell sabe ou não fazer isto ou aquilo. Somos todos criaturas racionais e a resposta é, sem dúvida, muito simples: vamos lhe pedir que nos faça magia, como prova do que afirma.

A idéia fez tanto sentido que por um momento todos se calaram, o que não significava, de modo algum, que tivessem acolhido a proposta. Vários magos (entre eles o Dr. Foxcastle) não gostaram. Se pedissem a Norrell que fizesse magia, haveria o risco de que de fato a fizesse. Não queriam ver a magia praticada; desejavam tão-só ler sobre ela nos livros. Outros opinaram que o papel da sociedade de York era ridículo por realizar tão pouco. No fim, a maioria dos magos concordou com Mr. Thorpe no seguinte:

- Como estudiosos, cavalheiros, o mínimo que podemos fazer é dar a Mister Norrell a oportunidade de nos convencer.

Resolveu-se, assim, que escreveriam outra carta para Mr. Norrell.

Estava bastante claro para os magos que Mr. Honeyfoot e Mr. Secundus haviam tratado muito mal o assunto e que, ao menos em relação a um aspecto, o da maravilhosa biblioteca de Mr. Norrell agiram de uma forma extremamente tola, porque não foram capazes de apresentar um relato compreensível sobre ela. O que viram? Ah, livros, muitos livros. Um número extraordinário de livros?

Sim, acreditavam que na ocasião acharam extraordinário. Livros raros? Ah, provavelmente. Tiveram permissão para pegá-los e abri-los? Ah, não! Mr. Norrell não chegara a ponto de convidá-los a tanto. Mas tinham lido os títulos? Sim, claro. Pois então que títulos de livros viram? Não sabiam; não se lembravam. Mr. Secundus disse que o título de um livro começava com "B", mas esse foi o princípio e o fim da informação. Era muito estranho.

Mr. Thorpe tencionava ele mesmo escrever a carta, mas, como havia no salão um grande número de magos cuja idéia principal era ofender Mr. Norrell por insolência, esses cavalheiros concluíram que a melhor forma de insultar Norrell seria justamente permitir que o Dr. Foxcastle a escrevesse. E assim foi feito. No devido tempo, ele recebeu uma carta irada.

Hurtfew Abbey, condado de York,

1º. de fevereiro de 1807

Caro senhor,

Nos últimos anos, fui honrado com duas cartas dos cavalheiros da Sociedade Culta dos Magos de York nas quais solicitavam conhecer-me. Recebo agora uma terceira, informando-me do desagrado da sociedade. A opinião favorável da sociedade de York parece tão facilmente perdida quanto achada, e ninguém talvez jamais saberá como chegou a tanto. Em resposta à acusação específica contida na carta, de que exagerei minhas capacidades e reivindiquei poderes que evidentemente não posso ter, limito-me a afirmar o seguinte: há quem prefira atribuir

sua falta de êxito a uma falha do mundo em vez de ao conhecimento mediano que tenha, mas a verdade é que a magia é tão exequível nesta era quanto o foi em qualquer outra, como comprovei inúmeras vezes nos últimos vinte anos, para minha plena satisfação. E qual é a minha recompensa por amar minha arte mais do que qualquer outro? Por estudar com mais afinco para aperfeiçoá-la? Tacham-me de fabulista. Menosprezam minhas capacidades profissionais e duvidam de minha palavra. Creio que o senhor não ficará surpreso ao saber que, nestas circunstâncias, não me sinto inclinado a agradar a sociedade no que quer que seja, quanto mais no pedido de demonstração de magia. A Sociedade Culta dos Magos de York reunir-se-á na próxima quarta-feira, e até lá o informarei sobre minhas intenções.

Seu criado,

Gilbert Norrell

Era tudo desagradavelmente misterioso. Um pouco nervosos, os teóricos da magia esperaram, então, para ver o que o prático da magia lhes enviaria. O que Mr. Norrell lhes enviou foi nada menos alarmante do que um advogado, um advogado sorridente, cortês e reverente, um advogado bem comum chamado Robinson, que trajava uma fina roupa preta e finas luvas de pelica, com um documento que os cavalheiros da Sociedade de York nunca tinham visto igual: o texto de um contrato, redigido em conformidade com os códigos da lei, da magia inglesa havia muito esquecidos.

Mr. Robinson adentrou o salão superior da estalagem Old Starre às oito em ponto, parecendo supor que o aguardavam. Mr. Robinson tinha um escritório com dois funcionários na Rua Coney. Inúmeros cavalheiros o conheciam de vista.

- Senhores - disse Mr. Robinson, sorrindo -, confesso que este documento é em grande parte obra do meu representado, Mister Norrell. Não sou especialista em lei taumatúrgica. Quem o é hoje em dia? Mas creio que se cometer um erro os senhores farão a gentileza de me corrigir.

Vários magos de York concordaram compreensivamente com um sinal de cabeça.

Mr. Robinson era uma pessoa polida. De tão asseado, saudável e satisfeito com tudo, brilhava visivelmente, coisa que se esperava em seres mágicos ou anjos, mas que era um tanto desconcertante num advogado. Mostrou-se muito respeitoso com os cavalheiros da Sociedade de York porque, embora nada soubesse de magia, achava que magia devia ser algo difícil, que exigia grande concentração mental. Contudo, à humildade profissional e à autêntica admiração pela Sociedade de York, Mr. Robinson acrescentou a vaidosa satisfação de constatar que aqueles cérebros monumentais deveriam agora interromper por um momento suas reflexões sobre assuntos esotéricos e escutá-lo. Pôs uns óculos de ouro sobre o nariz, acrescentando outro pequeno fulgor à sua pessoa reluzente.

Mr. Robinson disse que Mr. Norrell se comprometia a fazer uma demonstração de magia num determinado lugar e numa determinada hora.

- Cavalheiros, espero que não se oponham à exigência do meu representado de marcar uma hora e um lugar.

Os cavalheiros não se opuseram.

- Será então na catedral, na sexta-feira daqui a duas semanas.

Mr. Robinson disse que, caso não conseguisse fazer magia, Mr. Norrell retiraria publicamente a afirmação de que era um prático da magia, ou um mago de fato, prometendo jamais voltar a fazer tal afirmação.

Não é necessário ir tão longe - observou Mr. Thorpe. - Não queremos puni-lo. Desejávamos apenas pôr à prova sua afirmação.

O sorriso brilhante de Mr. Robinson se ofuscou um pouco, como se ele tivesse algo muito desagradável a transmitir e não soubesse bem como começar.

Um momento - disse Mr. Secundus. - Ainda não fomos inteirados do outro lado do contrato. Não fomos inteirados do que ele espera de nós.

Mr. Robinson assentiu com a cabeça. Aparentemente, Mr. Norrell pretendia que todos os magos da sociedade de York assumissem o mesmo compromisso que ele. Em outras palavras, se tivesse êxito, eles deveriam sem mais cerimônias desfazer a Sociedade Culta dos Magos de York e jamais voltar a utilizar o título de mago. Afinal, disse Mr. Robinson, nada mais justo, pois Mr. Norrell teria comprovado ser o único mago no condado de York.

- E teremos uma terceira pessoa, uma representação independente para avaliar se a magia foi feita? - perguntou Mr. Thorpe.

Mr. Robinson pareceu intrigado com a pergunta. Esperava que o desculpassem caso tivesse passado uma idéia equivocada, não desejava ofender quem quer que fosse por nada neste mundo, mas julgava que todos os cavalheiros ali presentes fossem magos.

Ah, sim, assentiu a Sociedade de York, todos eles eram magos.

Portanto, afirmou Mr. Robinson, decerto saberiam reconhecer magia quando a vissem. Decerto ninguém ali estaria mais bem qualificado para tal.

**** A notável igreja de York é tanto uma catedral (no sentido de igreja que abriga o trono do bispo ou do arcebispo) como um mosteiro (no sentido de igreja fundada por um missionário na Antiguidade). Recebeu essas denominações em diferentes períodos. Nos primeiros séculos, chamavam-na mais comumente de mosteiro, mas hoje os moradores de York preferem o termo catedral, que eleva a igreja acima das existentes nas cidades vizinhas de Ripon e Beverley. Essas cidades têm mosteiros, mas não catedrais.*

Um cavalheiro quis saber que tipo de magia Norrell pretendia fazer. Mr. Robinson foi todo desculpas polidas e explicações rebuscadas. Não poderia esclarecer, não sabia.

O caro leitor se aborreceria com a enumeração dos vários e tortuosos motivos pelos quais os cavalheiros da sociedade de York acabaram por assinar o contrato de Mr. Norrell. Muitos o fizeram por vaidade; tinham declarado publicamente não acreditar que Norrell fosse capaz de fazer magia, tinham-no desafiado também publicamente a fazê-la, portanto, em tais circunstâncias, teria sido tolice mudar de idéia, ou ao menos assim pensaram.

Mr. Honeyfoot, de sua parte, assinou precisamente por acreditar na magia de Mr. Norrell. Mr. Honeyfoot esperava que Mr. Norrell ganhasse reconhecimento público com a demonstração de poderes e continuasse a empregar a magia para o bem da nação.

Alguns cavalheiros viram-se impelidos a assinar diante da sugestão (originada de Norrell e de algum modo transmitida por Robinson) de que não provariam ser magos verdadeiros se não o fizessem.

E então cada um dos magos de York assinou o documento que Mr. Robinson levara. O último foi Mr. Secundus.

- Não assino - disse. - A magia é a minha vida; embora Mister Norrell tenha razão em dizer que sou um pobre estudioso, o que farei quando a tirarem de mim?

Silêncio.

- Ah! - exclamou Mr. Robinson. - Bem, quer dizer... O senhor tem certeza de que não quer assinar o documento? Não vê que todos os seus colegas o assinaram? Vai ficar muito isolado.

- Tenho certeza - respondeu Mr. Secundus. - Obrigado.

- Bem - disse Mr. Robinson -, neste caso admito que não sei ao certo como proceder. Meu representado não me instruiu quanto ao que fazer se apenas alguns cavalheiros assinassem. Consultarei o meu representado amanhã cedo.

Ouviu-se o Dr. Foxcastle comentar com Mr. Hart, ou Hunt, que mais uma vez o recém-chegado criara um mundo de problemas para todos.

Dois dias depois, porém, Mr. Robinson visitou o Dr. Foxcastle com uma mensagem que dizia que, nessa ocasião em especial, Mr. Norrell não se importaria de fechar os olhos à recusa de Mr. Secundus em assinar; levaria em conta que o contrato fora firmado por todos os membros da Sociedade de York, exceto Mr. Secundus.

Na noite anterior à que Mr. Norrell faria a magia, nevou em York, e pela manhã a sujeira e a lama da cidade haviam sumido, substituídas por um branco imaculado. O som de cascos e passos era abafado, as próprias vozes dos cidadãos de York estavam alteradas por um silêncio branco que absorvia todos os sons. Mr. Norrell marcara de manhã bem cedo. Os magos de York, sozinhos em suas casas, tomavam o café da manhã. Observavam em silêncio o criado servir o café, cortar os pãezinhos quentes, trazer a manteiga. A mulher, a irmã, a filha, a nora ou a sobrinha, que em geral se ocupavam dessas pequenas tarefas, ainda dormiam; e as agradáveis conversas domésticas das mulheres, que os cavalheiros da Sociedade de York fingiam menosprezar tanto e na verdade constituíam um suave e ameno refrão da música diária, estavam ausentes. E as salas em que esses cavalheiros tomavam o café da manhã estavam diferentes do dia anterior. A escuridão do inverno se fora, substituída por uma luz temível, o sol de inverno refletido inúmeras vezes pela neve que cobria o chão. Havia um ofuscamento de luz na toalha de linho da mesa. Os botões de rosa que decoravam as lindas xícaras de café da filha pareciam quase dançar na superfície. Raios de sol irradiavam da cafeteira de prata da sobrinha e as pequeninas pastoras sorridentes da porcelana da nora se transformavam em anjos reluzentes. Era como se a mesa tivesse sido posta com prata e cristal encantados.

Mr. Secundus, espiando pela janela do terceiro andar no pátio da hospedaria Lady-Peckitt, pensou que talvez Mr. Norrell já tivesse feito a magia e pronto, Um estrondo ameaçador soou no alto e ele recolheu a cabeça rapidamente, escapando da neve que de súbito desabou do telhado. Mr. Secundus não tinha criados, assim como não tinha esposa, irmã, filha, nora ou sobrinha, mas Mrs. Pleasance, a senhoria, era madrugadora. Nas últimas duas semanas, muitas vezes ela o ouvira suspirar debruçado sobre livros e esperava animá-lo com um café da manhã que consistia em dois arenques grelhados na hora, chá e leite fresco, pão branco e

manteiga num prato de porcelana azul e branca. Com a mesma intenção generosa, sentou-se para conversar. Ao notar que ele parecia muito desanimado, exclamou:

- Ah, não suporto esse velho!

Mr. Secundus não dissera a Mrs. Pleasance que Mr. Norrell era velho, todavia ela assim o imaginava. Baseando-se no que Mr. Secundus lhe contara, achava-o uma espécie de avarento que acumulava magia em vez de ouro; mas à medida que a narrativa avançar deixarei que o leitor julgue a legitimidade desse retrato do caráter Mr. Norrell. Assim como Mrs. Pleasance, sempre achei que avarentos fossem velhos. Não sei dizer por que assim deveria ser, uma vez que decerto existem avarentos jovens como velhos. Quanto à questão de Mr. Norrell ser ou não ser velho, ele era o tipo de homem que já é velho aos dezesseis anos:

Mrs. Pleasance continuou:

- Quando vivo, Mister Pleasance costumava dizer que ninguém em York, homem ou mulher, sabia assar um pão que se igualasse ao meu, e outras pessoas também foram bastante gentis a ponto de dizer que nunca na vida tinham comido um pão tão bom. Mas sempre mantive mesa farta por amor à coisa bem-feita e, se um desses estranhos espíritos das fábulas da Arábia saísse deste bule de chá agora e me oferecesse três desejos, creio que não seria muito maldosa se tentasse impedir que outras pessoas assassem pão. Se o pão delas fosse tão bom quanto o meu, eu não me magoaria, até daria parabéns. Vamos, experimente um pedaço - disse, empurrando na direção do hóspede um prato cheio do pão renomado. - Não me agrada ver o senhor assim tão magro. Vão dizer que a Hettie Pleasance perdeu seus dons domésticos. Meu senhor, gostaria que não ficasse assim tão abatido. Não assinou o documento pérfido e, quando os outros cavalheiros forem obrigados a ceder, o senhor ainda vai persistir e tenho uma grande esperança, Mister Secundus, de que vai fazer descobertas importantes, e então talvez esse tal de Mister Norrell, que se acha tão esperto, fique feliz de aceitá-lo como parceiro e assim acabe por se arrepender de seu tolo orgulho.

Mr. Secundus sorriu e agradeceu.

- Mas não acredito que isso aconteça. Minha principal dificuldade será a falta de petrechos. Tenho poucos e, quando a sociedade se dissolver... Bem, não sei que destino darão aos livros, mas duvido que me sejam doados.

Mr. Secundus comeu o pão (bom como o falecido Mr. Pleasance e os amigos dele afirmavam) e os arenques, e tomou o chá. A capacidade da refeição de apaziguar um coração conturbado fora maior do que de imaginara, pois percebeu que se sentia um pouco melhor; estando assim fortificado, vestiu o sobretudo, pôs o chapéu, o cachecol, as luvas, e saiu pelas ruas triturando a neve sob os pés, em direção ao lugar que Mr. Norrell designara para os prodígios do dia a catedral de York.

Espero que o leitor esteja familiarizado com uma antiga catedral inglesa, caso contrário creio que a importância da escolha de Mr. Norrell por esse lugar em especial lhe passará despercebida. É importante entender que, numa cidade antiga com catedral, a antiga igreja não é um edifício construído entre muitos outros; é o edifício, diferente de todos em proporção, beleza e solenidade. Mesmo nos tempos modernos, quando uma cidade antiga está suprida de todos os acessórios das edificações urbanas, salões de assembleia e reunião (e York tinha um bom sortimento deles), a catedral se sobrepõe, testemunha da devoção dos antepassados. É como se a cidade contivesse algo maior do que a si mesma. Quando as pessoas estão envolvidas em suas tarefas, na confusão das ruas estreitas, por certo perdem de vista a catedral, mas depois a cidade se abre e de repente ali está ela, muitas vezes mais alta e mais ampla do que qualquer outro edifício, e as pessoas então se dão conta de que chegaram ao coração da cidade e de que todas as ruas e ruelas de algum modo levam até lá, a um lugar de mistérios mais profundos do que qualquer Mr. Norrell poderia conhecer. Eram esses os pensamentos de Mr. Secundus ao entrar no átrio e parar diante da enorme e taciturna sombra azul da face oeste da catedral. Pouco depois chegou o Dr. Foxcastle, deslizando com autoridade ao contornar a esquina como um navio negro e portentoso. Ao avistar Mr. Secundus, seguiu rumo ao cavalheiro e o cumprimentou com um bom-dia.

- O senhor - disse o Dr. Foxcastle - faria a gentileza de me apresentar a Mister Norrell? É um cavalheiro que eu desejava muito conhecer.

- Com toda a satisfação, senhor - respondeu Mr. Secundus, olhando em volta. O tempo fizera as pessoas ficarem em casa e apenas uns poucos vultos escuros andavam apressados no campo branco que se estendia defronte à enorme catedral cinza. Eram cavalheiros da Sociedade de York, ou padres e assistentes da catedral, sacristãos e bedéis, subchantres, prebostes, varredores do transepto e afins que receberam ordens dos superiores para enfrentar a neve e cuidar dos serviços da igreja. - Nada me agradaria mais, senhor - disse Mr. Secundus - do que lhe fazer esse favor, mas não estou vendo Mister Norrell.

Entretanto, havia uma pessoa.

Uma pessoa estava parada na neve, sozinha, diante da basílica. Alguém moreno, não exatamente digno de respeito, que observava Mr. Secundus e o Dr. Foxcastle com ar de grande interesse. Os cabelos desgrenhados caíam sobre os ombros como uma queda-d'água negra; tinha um rosto forte e magro ligeiramente torcido, como a raiz de uma árvore, um nariz comprido e fino. Embora a pele fosse bastante pálida, algo tornava seu rosto moreno, talvez a negrura dos olhos ou a proximidade dos cabelos pretos, oleosos e compridos. Pouco depois, a pessoa caminhou em direção aos dois magos, esboçou uma reverência e, pedindo que o desculpassem pela intromissão, disse-lhes ter sido informado de que eram cavalheiros que ali se encontravam com o mesmo propósito que ele. Disse se chamar John Childermass e ser o procurador de Mr. Norrell em certos assuntos (não revelou quais).

- Tenho a impressão - disse Mr. Secundus pensativamente - de que o conheço. Creio que o vi antes.

Algo mudou no rosto escuro de Childermass, mas esvaneceu num segundo, e teria sido impossível dizer se fora uma carranca ou um riso.

- Venho com frequência a York para tratar de assuntos de Mister Norrell, senhor. Talvez tenha me visto em alguma livraria da cidade.

- Não - retrucou Mr. Secundus -, eu o vi, imagino... Onde? Não importa, vou lembrar daqui a pouco!

Childermass ergueu uma sobrancelha, como a dizer que duvidava muito.

- Mas Mister Norrell por certo virá não? – perguntou o Dr. Foxcastle.

Pedindo desculpas ao Dr. Foxcastle, Childermass respondeu que acreditava que Mr. Norrell não viria; não acreditava que Mr. Norrell tivesse algum motivo para vir.

- Ah! - exclamou o Dr. Foxcastle -, então ele admite, não é? Ora, muito bem. Pobre cavalheiro. Imagino que se sinta fazendo papel de tolo. Pois muito bem. Em todo caso, foi uma tentativa digna. Não guardamos rancor algum por ele ter tentado.
- O Dr. Foxcastle sentia um grande alívio por não ter de presenciar magia, e isso o tornava generoso.

Childermass pediu desculpas novamente ao Dr. Foxcastle; receava ter sido pior entendido. Mr. Norrell decerto faria magia. Faria em Hurtfew Abbey e os resultados seriam vistos em York.

- Cavalheiros não apreciam - disse Childermass ao Dr. Foxcastle - afastar-se do conforto da lareira, a não ser quando necessário. Atrevo-me a dizer que se o senhor pudesse ver parte do evento de sua própria sala de estar não estaria aqui no frio e na umidade.

O Dr. Foxcastle respirou fundo e lançou a John Childermass um olhar que dizia que o considerava muito insolente.

Childermass não pareceu se intimidar com a opinião que o Dr. Foxcastle tinha dele. Até pareceu se divertir com ela. Disse:

- Senhores, chegou a hora. Tomem seus lugares na igreja. Estou certo de que lamentariam perder alguma coisa, quando há tanta expectativa em torno dela.

Vinte minutos haviam se passado e os cavalheiros da Sociedade de York já entravam em fila na catedral pela porta do transepto sul. Vários deles olhavam em volta antes de entrar, como se dando um afetuoso adeus a um mundo que não sabiam ao certo se tornariam a ver.

3. As pedras de York

Fevereiro de 1807

Uma igreja antiga e magnificente em pleno inverno é um lugar desalentador mesmo nas melhores ocasiões; o frio de centenas de invernos parece ter sido preservado nas pedras e transpirar delas. No interior frio, úmido e crepuscular da catedral, os cavalheiros da Sociedade de York viram-se obrigados a ficar de pé, esperando ser surpreendidos, sem certeza alguma de que a surpresa seria agradável.

Mr. Honeyfoot sorriu com alegria para os colegas, mas, para um cavalheiro tão experiente na arte de um sorriso cordial, fora uma tentativa insatisfatória.

Nesse momento, os sinos começaram a tocar. Os sinos da St. Miguel-le-Belfrey apenas assinalavam a passagem de meia hora, mas, no interior da catedral, soava um estranho e remoto som de sinos de um outro mundo. Não era um som alegre. Os cavalheiros da Sociedade de York sabiam muito bem que quase sempre os sinos soavam com magia, em particular com a magia dos seres sobrenaturais, os seres mágicos de um outro reino; sabiam que, outrora, sinos de praia quase sempre soavam quando um inglês ou uma inglesa de virtude ou beleza especial estava para ser raptado por seres mágicos e levado para viver eternamente em terras estranhas e fantasmagóricas. Até o Rei Corvo, que não era um ser sobrenatural, mas um inglês tinha o costume um tanto lastimável de sequestrar homens e mulheres e levá-los para viver com ele no castelo nas Outras Terras.

Agora, se o leitor e eu tivéssemos o poder de capturar pela magia um ser humano que nos atraísse e o poder de conservar essa pessoa ao nosso lado por toda a eternidade, e se tivéssemos o mundo inteiro à disposição, creio que escolheríamos alguém um pouco mais cativante do que um membro da Sociedade Culta dos Magos de York. Acontece que esse pensamento confortador não ocorreu aos cavalheiros no interior da catedral de York; vários deles puseram-se a imaginar

que a carta do Dr. Foxcastle irritara muitíssimo Mr. Norrell e começaram a ficar assustados.

Quando os sons dos sinos se extinguiram, uma voz começou a falar do alto das sombras lúgubres que pairavam acima deles. Os magos aguçaram os ouvidos para escutá-la. Muitos se encontravam num estado de nervosismo tão grande que imaginaram que lhes eram dadas instruções tal qual num conto de fadas. Pensaram que misteriosas proibições estavam relacionadas a elas. Tais instruções e proibições, os magos sabiam pelos contos de fadas, costumam ser um tanto estranhas, mas não é tão difícil adaptar-se a elas, ou assim parece à primeira vista. Em geral seguem este estilo: "Não coma a última ameixa em calda do pote azul no canto do armário", ou "Não sove a sua senhora com uma vara de losna". Contudo, como narram os contos de fadas, as circunstâncias sempre conspiram contra a pessoa que recebe as instruções e ela acaba fazendo a coisa proibida, daí que um destino terrível se abate sobre ela.

No mínimo, os magos supuseram que lhes pronunciavam pouco a pouco a condenação. Mas não era muito claro o idioma em que a voz falava. Num momento, Mr. Secundus achou ter ouvido uma palavra que soava como "maléfico", noutro momento, "interficere", palavra do latim antigo que significa "matar". A voz mesma não era fácil de entender; não tinha a menor semelhança com uma voz humana, o que só serviu para aumentar o receio dos cavalheiros de que era iminente a aparição de seres mágicos. A voz era de uma estridência extraordinária, profunda e áspera, como duas pedras brutas raspando uma contra a outra, mas os sons que produziam pretendiam claramente ser falas - e de fato eram falas. Os cavalheiros olhavam para dentro da penumbra com uma expectativa cheia de temor, mas tudo o que conseguiam ver era o pequeno e indistinto contorno de uma escultura de pedra que se ressaltava num dos eixos de um enorme pilar e se projetava no vazio sombrio. À medida que se acostumavam ao estranho som, reconheciam mais palavras; palavras inglesas antigas misturavam-se com palavras latinas antigas, como se o locutor não tivesse a menor noção de que eram dois idiomas diferentes. Por sorte, essa abominável confusão apresentava poucas dificuldades para os magos, muitos dos quais afeitos a deslindar as divagações de estudiosos de outrora. Traduzida para um idioma claro e compreensível, era algo assim: Há muito, muito tempo (dizia a voz), há quinhentos anos ou mais, no crepúsculo de um dia de inverno, um jovem entrou na

igreja com uma jovem que tinha folhas de hera no cabelo. Não havia ninguém ali, a não ser as pedras. Ninguém que o visse estrangulá-la, a não ser as pedras. Ele a deixou cair morta sobre as pedras e ninguém viu a não ser as pedras. Ele nunca foi punido por seu pecado, porque não houve testemunhas, a não ser as pedras. Os anos passaram e toda vez que o jovem entrava na igreja e se misturava aos fiéis às pedras diziam que aquele era o jovem que assassinara a moça com folhas de hera no cabelo, entretanto ninguém jamais nos ouviu. Mas nunca é tarde demais! Sabemos onde ele está enterrado! No canto do transepto sul! Apressem-se! Apressem-se! Tragam picaretas! Tragam Pás! Arranquem as pedras do calçamento. Desenterrem os ossos! Que sejam despedaçados pelas pás! Lancem o crânio contra os pilares e quebrem-no! Que as pedras também se vinguem! Nunca é tarde! Nunca é tarde demais!

Mal os magos tiveram tempo de compreender isso e continuar se perguntando quem falava, outra voz de pedra começou a soar. Dessa vez parecia saída do santuário e falava apenas em inglês, mas um inglês estranho, cheio de palavras antigas e esquecidas. A voz se queixava de soldados que invadiram a igreja e quebraram janelas. Cem anos depois, voltaram e destroçaram o anteparo da cruz, raspam o rosto dos santos, roubaram o conteúdo de um prato de coleta. Numa ocasião, afiaram a ponta das flechas na borda da pia batismal; trezentos anos mais tarde, dispararam as pistolas na casa do cabido. A segunda voz não parecia entender que, enquanto uma igreja grandiosa pode permanecer de pé por milênios, os homens não vivem tanto tempo. "Têm prazer na destruição", dizia. "E eles só merecem ser mortos"! Como o primeiro esse locutor parecia ter estado na igreja anos incontáveis e provavelmente escutado uma enorme quantidade de sermões, mas desconhecia as mais cativantes virtudes do cristianismo: misericórdia, amor, humildade. E o tempo todo, a primeira voz continuava a lamentar a morte da jovem com folhas de hera no cabelo, e as duas vozes enérgicas se chocavam de forma bastante desagradável.

Mr. Thorpe, que era um cavalheiro corajoso, foi sozinho dar uma espiada no santuário, para descobrir quem estava falando.

- É uma estátua – disse.

Em seguida, os cavalheiros da Sociedade de York olharam mais uma vez na penumbra acima deles, na direção da primeira voz espectral. E dessa vez pouquíssimos deles tiveram dúvida de que quem falava era uma estatuazinha de pedra, porque, enquanto olhavam, notaram os braços de pedra rígidos agitando-se em aflição.

Então, todas as outras estátuas e monumentos da catedral começaram a falar e a relatar com vozes petrificadas tudo o que haviam presenciado em suas vidas petrificadas, e a algazarra foi, como mais tarde Mr. Secundus contou a Mrs. Pleasance, indescritível. Porque na catedral de York havia muitas pessoas pequeninas esculpidas e muitos animais estranhos que batiam asas.

Muitos se queixavam dos vizinhos, o que talvez não surpreenda, uma vez que se viram obrigados a ficar juntos durante centenas de anos. Num enorme anteparo de pedra havia quinze reis de pedra sobre um pedestal também de pedra. Tinham cabelos rigidamente cacheados, como se tivessem sido enrolados em papélotes e jamais penteados; toda vez que Mrs. Honeyfoot os via ela dizia que tinha vontade de pentear cada uma daquelas cabeças da realeza. Desde o primeiro momento em que foram capazes de falar, os reis começaram a discutir e a ralhar uns com os outros, porque os pedestais eram todos altos, e reis, mesmo os de pedra, detestam estar à mesma altura de outros. Ademais, havia um pequeno grupo de estranhas esculturas de braços dados que olhavam com olhos de pedra do alto de uma antiga coluna. Assim que o encantamento teve efeito, cada uma delas procurou afastar de si as demais, como se mesmo braços de pedra começassem a doer depois de cerca de um século e as figuras de pedra começassem a se cansar de estar encadeadas umas às outras.

Uma estátua falou aparentemente em italiano. Ninguém entendeu porquê, mas Mr. Secundus descobriu mais tarde que se tratava da cópia de uma obra de Michelangelo. Ela descrevia uma igreja diferente, em que sombras negras vívidas contrastavam nitidamente com uma luz brilhante. Em outras palavras, descrevia o que a estátua original em Roma era capaz de ver.

Mr. Secundus ficou satisfeito de perceber que os magos, embora muito assustados, permaneceram confinados às quatro paredes da igreja. Alguns, tão

maravilhados com o que viam, logo esqueceram completamente o medo e começaram a correr de lá para cá, a fim de descobrir mais e mais milagres, tecendo comentários, fazendo anotações a lápis em pequenos livros de apontamentos, como se esquecidos do documento pérfido que a partir daquele dia os impediria de estudar magia. Durante muito tempo, os magos de York (que logo, ai! Deixariam de ser magos) andaram a esmo pelas naves laterais e presenciaram maravilhas. E a cada instante seus ouvidos eram assaltados pela medonha dissonância de mil vozes de pedra a falarem ao mesmo tempo.

Na casa do cabido havia sobrecéus de pedra com muitas cabecinhas de pedra estranhamente adornadas tagarelando entre si. Viam-se ali assombrosos entalhes de centenas de árvores inglesas: pilriteiros, carvalhos, abrunheiros, losnas, cerejeiras e briônias. Mr. Secundus encontrou dois dragões de pedra não maiores do que seu antebraço, que se moviam furtivamente um atrás do outro, sobre, sob e entre os galhos do pilriteiro de pedra, das folhas do pilriteiro de pedra, das raízes do pilriteiro de pedra e das gavinhas do pilriteiro de pedra. Moviam-se, parecia, com a mesma facilidade de qualquer outra criatura, porém o som de tantos músculos de pedra em movimento sob uma pele de pedra, que raspavam costelas de pedra, que se batiam contra um coração de pedra, e o som de garras de pedra estrepitando sobre galhos de pedra, era por demais insuportável, e Mr. Secundus se perguntava como conseguiam aguentar. Observou nuvenzinhas de pó granulado, semelhantes às presentes no trabalho de um escultor, que envolviam as criaturas e se erguiam no ar, e achou que, se o encantamento as fizesse continuar em movimento por um tempo indefinido, elas se reduziriam a uma lasca de calcário.

Folhas e ervas de pedra vibravam e tremulavam, como se agitadas pela brisa, e algumas imitavam suas contrapartes vegetais a ponto de também crescer. Mais tarde, quebrado o encantamento, fragmentos de hera de pedra e sarças de pedra seriam encontrados enrolados em cadeiras, estantes e livros de orações, onde nem heras nem sarças de pedra jamais estiveram.

Entretanto, nem só os magos da Sociedade de York viram maravilhas nesse dia. Tivesse Mr. Norrell pretendido ou não, a magia se estendera do confinamento da catedral para a cidade. Três estátuas da frente ocidental da catedral haviam sido levadas para as oficinas de Mr. Taylor para restauração. Séculos de chuva no

condado de York corroeram essas imagens e ninguém mais sabia que personagens grandiosas representavam. Às dez e meia, um dos alvanéis de Mr. Taylor tinha acabado de erguer o cinzel na direção do rosto de uma dessas estátuas, com a intenção de talhar as feições de uma bela santa, quando a estátua emitiu um grito e levantou o braço para afastar o cinzel, fazendo o pobre artesão cair desmaiado. Mais tarde, as estátuas foram levadas de volta ao exterior da catedral, intactas, os rostos desgastados lisos como biscoitos, suaves como manteiga.

Então, de súbito, o som pareceu se alterar e as vozes cessaram uma após outra, até que os magos ouviram os sinos da São Miguel-le-Belfrey assinalarem meia hora novamente. A primeira voz (a voz da pequena figura nas alturas da escuridão) continuou por um tempo após as demais terem se calado, discorrendo sobre o antigo tema do assassino não descoberto (Nunca é tarde! Nunca é tarde demais), até também se calar.

O mundo se transformara durante a permanência dos magos na igreja. A magia voltara à Inglaterra, quisessem ou não os magos. Outras mudanças de natureza mais prosaica também haviam ocorrido: o céu se enchera de nuvens pesadas e carregadas de neve. Não eram nuvens de modo algum cinzentas, mas uma estranha mistura de azul cinza e verde-mar. Essa curiosa coloração criava uma espécie de crepúsculo que, se imagina, seja a iluminação habitual em reinos lendários do fundo do mar.

A aventura fatigou Mr. Secundus. Outros cavalheiros haviam sentido mais medo do que ele; ele vira a magia e a julgara mais maravilhosa do que qualquer coisa que imaginara. Contudo, agora que chegara ao fim, sua mente estava agitada e ele desejava muitíssimo voltar tranquilamente para casa sem falar com ninguém. Enquanto se achava nesse estado suscetível, foi interpelado pelo procurador de Mr. Norrell.

- Meu senhor - disse Mr. Childermass -, creio que agora a Sociedade deve se dissolver. Sinto muito.

Bem que isto poderia ser posto na conta do desânimo que Mr. Secundus sentia, mas ele suspeitou que, apesar da atitude bastante respeitosa de Mr. Childermass, no íntimo o procurador estava ridicularizando os magos de York.

Childermass era o tipo inquietante de homem nascido em berço humilde e destinado a passar a vida servindo seus superiores, mas cuja inteligência e habilidades astuciosas o fazem almejar reconhecimento e recompensas que vão muito além do que pode alcançar. Às vezes, por uma estranha combinação de circunstâncias felizes, esse tipo de homem encontra o próprio caminho para a grandeza, mas quase sempre o pensamento do que poderia ter sido o amarga; ele se transforma num servo relutante e executa as tarefas nem melhor nem pior do que um colega menos capacitado. Torna-se insolente, perde o lugar e termina ma1.

- Desculpe-me, senhor - disse Childermass -, mas gostaria de lhe perguntar uma coisa. Espero que não me julgue impertinente, mas gostaria de saber se o senhor lê algum jornal londrino.

Mr. Secundus respondeu que sim.

- Mesmo? Muito interessante. Também aprecio jornais. Mas me sobra pouco tempo para ler, a não ser os livros com que entro em contato no cumprimento de meus deveres com Mister Norrell. E que tipo de coisas se encontram num jornal londrino hoje em dia? O senhor me desculpe perguntar, mas é que Mister Norrell, que nunca lê jornal, fez-me essa pergunta ainda ontem e não me achei em condições de respondê-la.

- Bem - respondeu Mr. Secundus, um tanto intrigado -, há todo tipo de coisas. O que o senhor deseja saber? Há relatos das ações da Marinha de Guerra Real contra os franceses, discursos do governo, notícias de escândalos e divórcios. É isso o que senhor tem em mente?

- Ah, sim! - exclamou Childermass. - Foi uma boa explicação, senhor. Eu me perguntava - continuou mais meditativo - se os jornais londrinos veiculam notícias provincianas, se, por exemplo, os extraordinários acontecimentos de hoje mereceriam um parágrafo.

- Não sei - replicou Mr. Secundus. - Parece-me bastante possível, mas, veja o senhor, o condado de York fica tão longe de Londres que talvez os editores londrinos jamais saibam o que aconteceu.

- Ah - fez Mr. Childermass, e se calou.

A neve começou a cair. Primeiro poucos flocos, depois muitos mais, até que milhões de pequenos flocos desabaram carregados pelo vento de um céu cinza esverdeado fofo e pesado. Todas as construções de York tornaram-se um pouco mais indistintas, um pouco mais cinzentas na neve; as pessoas pareciam um pouco menores; os berros e os gritos, os sons dos passos humanos e dos cascos dos cavalos, o ranger das carruagens e o bater de portas ficaram mais distantes. E todas essas coisas se tornaram de algum modo menos importantes, até que tudo que o mundo continha era a neve que caía, o céu verde-mar, o turvo e cinzento espectro da catedral de York - e Childermass.

E por todo esse tempo Childermass permaneceu calado. Mr. Secundus se perguntava o que mais ele queria, pois respondera a todas as perguntas. Mas Childermass aguardou e observou Mr. Secundus com seus estranhos olhos pretos, como se esperasse que Mr. Secundus dissesse algo mais, como se realmente aguardasse isso de Mr. Secundus - como se nada no mundo fosse mais certo.

- Se desejar - disse Mr. Secundus, tirando neve da capa -, posso dirimir todas as dúvidas quanto ao assunto. Posso escrever uma carta ao editor do Times e informá-lo das extraordinárias proezas de Mister Norrell.

- Ah! É mesmo muito generoso de sua parte! - disse Childermass. - Acredite, senhor, sei perfeitamente que nem todo cavalheiro é tão magnânimo na derrota. Mas era isso mesmo que eu esperava. Eu disse a Mister Norrell que acreditava não existir cavalheiro mais obsequioso do que Mister Secundus.

- Não há de quê - retrucou Mr. Secundus -, não é nada.

A Sociedade Culta dos Magos de York se dissolveu e seus membros viram-se obrigados a abandonar a magia (todos menos Mr. Secundus). Mas, ainda que alguns deles fossem tolos e nem todos fossem totalmente afáveis, não creio que mereciam tal destino. Pois, de acordo com o pernicioso contrato, o que pode fazer um mago sem permissão para estudar magia? Ele fica à toa pela casa dia após dia, interrompe a sobrinha (ou a esposa, ou a filha) no trabalho de bordado e incomoda os criados com perguntas sobre assuntos pelos quais nunca se interessou - tudo

para ter alguém com quem conversar, até que os criados acabam por se queixar dele com a patroa. Ele pega um livro para ler, mas não presta atenção no que lê e só ao chegar à página 22 se dá conta de que é um romance, o tipo de obra que despreza acima de tudo e, desgostoso, o põe de lado. Pergunta as horas à sobrinha (ou à esposa, ou à filha) dez vezes por dia, porque não acredita que o tempo passe tão lentamente, e se irrita com o relógio de bolso pelo mesmo motivo.

Mr. Honeyfoot, alegre-me dizer, saiu-se um pouco melhor do que os outros. Ele, uma boa alma, impressionara-se com a história contada pela pequena escultura de pedra nas alturas das sombras. Durante séculos ela guardara o conhecimento daquele crime hediondo em seu pequeno coração de pedra, lembrava-se da jovem morta com folhas de hera no cabelo, quando já não havia pessoa alguma para se lembrar, e Mr. Honeyfoot achava que sua lealdade deveria ser recompensada. Por isso escreveu ao decano, aos cônegos e ao arcebispo, e foi bastante persistente até essas importantes personalidades o autorizarem a arrancar as pedras de calçamento do transepto sul. Quando isso foi feito, Mr. Honeyfoot e os trabalhadores que ele empregara descobriram ossos dentro de um caixão de chumbo, precisamente como a pequena escultura de pedra afirmara que encontrariam. Mas então o decano disse que não poderia autorizar a remoção dos ossos da catedral (era o que Mr. Honeyfoot pretendia) com base no testemunho da pequena estátua de pedra; não havia precedente para tal coisa. Ah! Exclamou Mr. Honeyfoot, pois saiba que há. A discussão se estendeu acalorada por vários anos e, como consequência disso, Mr. Honeyfoot não teve nem oportunidade de se arrepender de haver assinado o documento de Mr. Norrell.

**** O exemplo citado por Mr. Honeyfoot referia-se a um crime ocorrido em 1279 na sombria cidade de Alston, nas charnecas. O corpo de um jovem foi encontrado no adro da igreja, pendurado num espinheiro existente defronte à porta da igreja. Acima da porta havia uma estátua da Virgem Maria e do menino Jesus. Então os moradores de Alston foram ao castelo do Rei Corvo, em Newcastle, e o Rei Corvo enviou dois magos para fazerem a Virgem e o Menino Jesus falar e contar de que forma um forasteiro havia matado o moço, embora o motivo fosse ignorado. A partir de então, toda vez que um forasteiro chegava à cidade, os*

moradores de Alston o forçavam a ir até a porta da igreja e perguntavam: "É ele?", mas a Virgem Maria e o Menino Jesus sempre respondiam que não. Aos pés da Virgem Maria um leão e um dragão se enroscavam um no outro de forma intrigante, um mordendo o pescoço do outro. O escultor dessas criaturas nunca vira um leão ou um dragão, mas tinha visto muitos cães e ovelhas, por isso porções do caráter de cão e ovelha integravam a escultura. Sempre que levavam um coitado até a Virgem Maria e o Menino Jesus para ser examinado, o leão e o dragão paravam de se morder e erguiam os olhos como estranhos guardas zelosos da Virgem Maria; o leão latia, o dragão balia raivosamente.

Anos decorreram e os moradores da cidade que se lembravam do moço já haviam morrido - e tudo indicava que o assassino também. Mas de algum modo a Virgem Maria e o Menino Jesus adquiriram o hábito de falar, e toda vez que um infeliz forasteiro passava dentro dos limites de sua visão viravam a cabeça de pedra e diziam: "Não é ele", Assim, Alston ganhou fama de ser um lugar lúgubre e, se pudesse evitar, ninguém ia para lá.

A biblioteca da Sociedade Culta dos Magos de York foi vendida a Mr. Thoroughgood, da Coffee Yard. Mas, por uma ou outra razão, ninguém pensou em mencionar isso a Mr. Secundus, e ele só veio a sabê-lo por terceiros, quando o balconista de Mr. Thoroughgood contou a um amigo (empregado do fanqueiro Priestley) e esse amigo por acaso mencionou a venda a Mrs. Cockcroft, da estalagem George, que, por sua vez, contou a Mrs. Pleasance, a senhoria de Mr. Secundus. Assim que soube, Mr. Secundus saiu correndo pelas ruas cobertas de neve até a loja de Mr. Thoroughgood, sem se preocupar em pôr chapéu, casaco ou botas. Mas os livros já haviam sido levados. Perguntou a Mr. Thoroughgood quem era o comprador. Mr. Thoroughgood pediu desculpas a Mr. Secundus, mas lamentava não poder revelar o nome do cavalheiro; achava que o cavalheiro não desejava ter seu nome conhecido. Mr. Secundus, sem chapéu, sem casaco, sem fôlego, com sapatos encharcados d'água e borrifos de barro nas meias, sob os olhares de todos na loja, teve satisfação em dizer a Mr. Thoroughgood que não importava se Mr. Thoroughgood lhe revelasse ou não o nome, porque de qualquer forma acreditava conhecer o cavalheiro.

A Mr. Secundus não faltava curiosidade por Mr. Norrell. Refletira bastante sobre ele e amiúde trocava impressões com Mr. Honeyfoot. Mr. Honeyfoot estava convencido de que o que sucedera poderia ser explicado por um fervoroso desejo de Mr. Norrell de levar a magia de volta à Inglaterra. Mr. Secundus, em dúvida, começou a procurar conhecidos de Mr. Norrell que pudessem lhe contar algo mais.

Um cavalheiro na posição de Mr. Norrell, com uma casa imponente e uma grande propriedade, sempre despertará o interesse dos vizinhos e, a não ser que eles sejam muito obtusos, sempre darão um jeito de saber um pouco sobre o que ele faz. Mr. Secundus descobriu em Stonegate membros de uma família que eram primos de proprietários de uma fazenda situada a cerca de oito quilômetros de Hurtfew Abbey. Ficou amigo da gente de Stonegate e os persuadiu a oferecer um jantar e convidar os primos. (Mr. Secundus ficou deveras impressionado com a própria habilidade de elaborar um pequeno estratagema como esse.) Os primos compareceram e se mostraram prontamente dispostos a falar sobre o vizinho rico e excêntrico que enfeitiçara a catedral de York. Mas tudo que puderam informar era que Mr. Norrell estava para deixar o condado de York e ir para Londres.

Mr. Secundus surpreendeu-se. Mais do que isso, surpreendeu-se com o efeito que a notícia teve sobre seu estado de ânimo. Sentiu-se estranhamente frustrado, o que era ridículo, disse a si mesmo. Norrell jamais demonstrara qualquer interesse nele nem lhe fizera a menor gentileza. Entretanto, Norrell era agora o único colega de ofício de Mr. Secundus. Quando partisse, Mr. Secundus seria o único mago, o último mago do condado de York.

**** Para ajudar a entender melhor o caráter de Mr. Norrell e seus poderes mágicos, Mr. Secundus escreveu uma meticulosa descrição da visita a Hurtfew Abbey. Infelizmente, verificou que a lembrança da ocasião era singularmente vaga. Quando tornava a ler o que escrevera, descobria que se lembrava das coisas de maneira diferente. Toda vez riscava palavras e frases, introduzindo outras, e acabava por escrever tudo de novo. Depois de quatro ou cinco meses, viu-se forçado a admitir que já não sabia o que Mr. Honeyfoot dissera a Mr. Norrell, o que Mr. Norrell dissera em resposta e o que ele, Mr. Secundus, vira na casa. Concluiu*

que seria inútil tentar escrever qualquer coisa sobre o assunto e deitou o que escrevera ao fogo da lareira.

4. Os amigos da magia inglesa

Início da primavera de 1807

Imagine, digamos, um homem sentado em sua biblioteca particular, dia após dia; um homem miúdo sem nenhuma atração pessoal digna de nota. Um livro diante dele na mesa. Um suprimento de penas de escrever, uma faca para aparar novas pontas, tinta, papel, cadernos de notas, tudo oportunamente à mão. No cômodo, a lareira sempre acesa - ele não a dispensaria, sente frio. O cômodo muda com a estação; ele não. Três janelas altas dão vista para um campo inglês: calmo na primavera, alegre no verão, melancólico no outono e sombrio inverno, precisamente como a paisagem inglesa deve ser. Mas as mudanças das estações não lhe despertam interesse - raras vezes ele tira os olhos das páginas do livro. Exercita-se, como é hábito dos cavalheiros. Em dias secos, o longo passeio o leva a atravessar o parque e contornar um pequeno bosque; em dias úmidos, um passeio breve pelo matagal. Mas ele conhece pouco de matagais, parques ou bosques. Um livro o espera na mesa da biblioteca; os olhos da imaginação ainda seguem linhas tipográficas, a cabeça ainda reflete sobre a argumentação, os dedos estão ansiosos por pegá-lo novamente. Ele vê os vizinhos duas ou três vezes a cada duas semanas, porque esta é a Inglaterra, onde os vizinhos não permitem que um homem viva totalmente privado da sociedade, torne-se indiferente e ranzinza. Visitam-no, entregam cartões aos criados, convidam-no a jantares ou a bailes da congregação. As intenções são em grande parte caridosas: acham que não é bom um homem estar sempre sozinho, mas também têm curiosidade de descobrir se mudou desde a última vez que o viram. Ele não mudou. Ele nada tem a lhes dizer e é considerado o homem mais enfadonho do condado de York.

Contudo, no coração seco e miúdo de Mr. Norrell residia uma forte ambição de devolver a magia à Inglaterra, o que satisfaria até mesmo Mr. Honeyfoot. E foi com o desígnio de tornar realidade essa ambição há muito adiada que Mr. Norrell agora se dispunha a mudar-se para Londres.

Childermass lhe garantiu que a época era propícia, e Childermass conhecia o mundo. Childermass conhecia as brincadeiras das crianças nas esquinas das ruas, brincadeiras que os adultos havia muito esqueceram. Childermass sabia o que os idosos pensavam ao pé das lareiras, embora durante anos e anos ninguém lhes tivesse perguntado o que era. Childermass sabia o que os jovens ouviam no rufar dos tambores e no soar das flautas que os fazia sair de casa e se tornarem soldados - e sabia da glória efêmera e do mundo de aflição que os aguardavam. Childermass podia olhar para um elegante advogado na rua e adivinhar o que ele levava no bolso da casaca. E tudo que Childermass sabia o fazia sorrir; e algumas coisas que ele sabia o faziam rir; e nada do que ele sabia o fazia sentir mais do que uma mísera piedade.

Por isso, quando Childermass disse ao mestre: "Vá para Londres. Vá agora", Mr. Norrell acreditou nele.

- Só não gosto muito - disse Mr. Norrell - da sua idéia de que Secundus escreva para um dos jornais londrinos em nosso favor. Sem dúvida vai cometer erros, já pensou nisso? É provável que tente fazer uma interpretação. Esse tipo de estudioso inferior não resiste a acrescentar algo de si mesmo. Vai fazer suposições, suposições equivocadas, sobre o tipo de magia que empreguei em York. Não resta dúvida de que a confusão em torno da magia já é bem grande sem a nossa contribuição. Devemos nos servir de Secundus?

Childermass voltou o olhar escuro para o mestre, o sorriso ainda mais escuro, e respondeu que achava que sim.

- Não sei senhor - prosseguiu -, se recentemente ouviu falar de um cavalheiro ligado ao ramo naval chamado Baines.

- Acho que conheço o homem a quem se refere - disse Mr. Norrell.

- Ah! - exclamou Childermass. - Como ouviu falar nele?

Um breve silêncio.

- Bem - respondeu Mr. Norrell com relutância -, acho que vi o nome do capitão Baines num jornal.

- O tenente Hector Baines serviu na fragata The King of the North - disse Childermass. - Aos vinte e um anos de idade, perdeu uma perna e dois ou três dedos da mão numa batalha nas Antilhas. Nessa batalha, morreram o capitão da The King of the North e muitos outros marinheiros. Os relatos de que o tenente Baines continuou a comandar o navio e dar ordens à tripulação enquanto o médico do navio lhe serrava a perna são, creio, um tanto exagerados, mas ele sem dúvida tirou das Antilhas um navio extremamente danificado, atacou um navio espanhol carregado de doações, fez fortuna e voltou ao seu país como herói. Rompeu o noivado com uma moça e se casou com outra. Esta, senhor, é a história do capitão que o Morning Post publicou. Agora vou lhe contar o que aconteceu depois disso. Baines provinha do Norte, assim como o senhor, um homem de origem obscura com pouquíssimos amigos que lhe facilitassem a vida. Logo depois do casamento, ele e a esposa foram para Londres e se hospedaram na casa de uns amigos na Alameda Seacoal. Enquanto lá estiveram, receberam a visita de pessoas de todos os escalões e postos. Cearam à mesa com viscondessas, foram brindados por membros do Parlamento, e tudo o que o prestígio e a proteção poderiam pôr à disposição do capitão Baines lhe foi prometido. Todo esse sucesso, senhor, atribuo à aprovação e à estima generalizadas que lhe rendeu o relato do jornal. Será que o senhor tem amigos em Londres que lhe prestem o mesmo serviço, sem incomodar os editores dos jornais?

- Sabe muito bem que não tenho - respondeu Mr. Norrell com impaciência.

Entrementes, Mr. Secundus escrevia a carta com muita dificuldade e se afligia por não conseguir ser mais caloroso nos elogios a Mr. Norrell. Tinha a sensação de que os leitores do jornal londrino esperariam dele alguma palavra sobre as virtudes de Mr. Norrell e depois se perguntariam por que não a dissera.

No devido tempo a carta foi publicada no The Times sob o título: OCORRÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS EM YORK: UM APELO AOS AMIGOS DA MAGIA INGLESA. Mr. Secundus encerrou a descrição da magia em York declarando que os amigos da magia inglesa deveriam sem dúvida louvar o amor ao isolamento extremo que marcava o caráter de Mr. Norrell, porque lhe fomentara os estudos e por fim dera frutos na forma da espantosa magia na catedral de York. Contudo,

afirmou Mr. Secundus, apelava aos Amigos da Magia Inglesa para que se unissem a ele no pedido a Mr. Norrell para que não retomasse a vida de estudos solitários, mas que ocupasse seu lugar no palco mais amplo dos assuntos da nação, iniciando assim um novo capítulo na História da Magia Inglesa.

UM APELO AOS AMIGOS DA MAGIA INGLESA teve uma repercussão espantosa, sobretudo em Londres. Os leitores do The Times ficaram pasmos com os feitos de Mr. Norrell. Houve um desejo generalizado de ver Mr. Norrell; moças lamentavam que os pobres velhos cavalheiros de York tivessem sentido tanto medo dele, mas queriam muito sentir elas mesmas tal tipo de espanto. Como era improvável que uma oportunidade como essa surgisse outra vez, Mr. Norrell resolveu se estabelecer em Londres o quanto antes.

- Childermass, arranje-me uma casa - disse. - Uma casa que transmita aos que a visitem que a magia é uma profissão respeitável, não menos que o direito e bem mais que a medicina.

Childermass perguntou secamente a Mr. Norrell se desejava uma casa cuja arquitetura também transmitisse que a magia era tão respeitável quanto a Igreja.

Mr. Norrell (sabedor de que no mundo existiam coisas como pilhérias, do contrário não escreveriam livros sobre elas, mas que jamais fora apresentado a uma, muito menos lhe apertara a mão) refletiu um pouco antes de responder que não, não poderiam reivindicar isso.

Portanto, Childermass (talvez pensando que nada no mundo fosse mais respeitável do que o dinheiro) designou ao mestre uma casa na Praça Hanover, em meio às residências dos ricos e prósperos. Não sei qual é sua opinião, embora, para falar a verdade, pouco me importe com o lado sul da Praça Hanover; as casas são tão altas e estreitas, com no mínimo quatro andares, todas as janelas altas e sombrias são tão regulares, cada casa é tão igual às vizinhas, que todas têm algo da aparência de um muro elevado para barrar a luz. Seja como for, Mr. Norrell (um homem menos fantasista do que eu) ficou satisfeito com a nova casa, ou pelo menos tão satisfeito quanto ficaria um cavalheiro que por mais de trinta anos vivera numa casa de campo cercada por um parque de árvores maduras, por sua vez cercado por uma extensa propriedade de fazendas e bosques - um cavalheiro, resumindo,

cujos olhos jamais tinham sido ofendidos pela vista da propriedade alheia toda vez que olhava pela janela.

- Childermass, sem dúvida é uma casa pequena - disse -, mas não posso me queixar. Como sabe, não é conforto o que almejo.

Childermass replicou que a casa era maior do que muitas outras.

- Mesmo? - disse Mr. Norrell bastante surpreso. Mr. Norrell ficou pasmo, sobretudo com a pequenez da biblioteca, que de modo algum acomodaria um terço dos livros que ele achava indispensáveis. Perguntou a Childermass como as pessoas de Londres guardavam livros. Talvez não lessem?

Não fazia três semanas que estava em Londres quando Mr. Norrell recebeu uma carta de uma dama chamada Godesdone, de quem jamais ouvira falar.

"Sei que é deveras surpreendente que eu lhe escreva sem que nos conheçamos, e sem dúvida o senhor deve estar se perguntando quem será essa criatura impertinente. Eu não sabia da existência de uma pessoa como o senhor e, ainda que me julgue surpreendentemente atrevida etc., etc., Drawlight, um querido amigo meu, me assegurou que o senhor é a criatura mais amável deste mundo e não se incomodaria. Mal posso esperar a hora de ter o prazer de conhecê-lo, e consideraria a maior honra do mundo se consentisse em nos dar o prazer de sua companhia num sarau nesta quinta-feira à noite, Espero que o receio de encontrar um grupo de pessoas não o impeça de vir. Eu mesma detesto grupos desse tipo acima de todas as coisas, e somente meus amigos mais íntimos serão convidados para conhecê-lo".

Não era o tipo de carta que causasse uma impressão favorável em Mr. Norrell. Ele a leu às pressas, pô-la de lado com uma exclamação de desgosto e voltou a pegar o livro. Pouco depois, Childermass chegou para cumprir as tarefas da manhã. Leu a carta de Mrs. Godesdone e perguntou que resposta Mr. Norrell gostaria de lhe dar.

- Uma recusa - disse Mr. Norrell.

- Mesmo? E devo dizer que o senhor já tinha um compromisso? - perguntou

Childermass.

- Claro, se quiser - respondeu Mr. Norrell.

- E o senhor já tem um compromisso? - perguntou Childermass.

- Não - respondeu Mr. Norrell.

- Ah! - exclamou Childermass -, então talvez seja o excesso de compromissos noutros dias que o leva a recusar este? Receia se cansar muito?

Não tenho compromissos. Sabe perfeitamente que não. - Mr. Norrell deu durante uns dois minutos antes de dizer (aparentemente para o livro): - Ainda está aqui?

Estou - disse Childermass.

Muito bem - retrucou Mr. Norrell. - O que é? O que há?

Pensei que o senhor tivesse vindo a Londres para mostrar às pessoas a magia moderna. Será um processo lento se ficar em casa o tempo todo.

Mr. Norrell não respondeu. Pegou a carta e olhou para ela.

Drawlight - disse por fim. - O que ela quer dizer com isso? Não conheço pessoa alguma com esse nome.

Não sei o que ela quer dizer - respondeu Childermass -, mas sei o seguinte: no momento, não será bom ser muito escrupuloso.

Às oito horas, na noite da festa de Mrs. Godesdone, Mr. Norrell, trajando seu melhor casaco cinza, estava sentado na carruagem, pensando no querido amigo de Mrs. Godesdone, Drawlight, quando se deu conta de que o carro parara de se movimentar. Ao olhar pela janela, viu uma grande confusão de gente, carruagens e cavalos, todos iluminados por lampiões. Julgando que, como ele, todo mundo achava as ruas de Londres confusas, concluiu que o cocheiro e o criado tinham se perdido no caminho. Batendo no teto da carruagem com a bengala, gritou:

- Davey! Lucas! Pois não falei rua Manchester? Por que não se certificaram do caminho antes de partirmos?

Lucas, na boléia, gritou para baixo que já estavam na rua Manchester, mas que tinham de esperar, pois havia uma fila comprida de carruagens aguardando a vez de parar em frente da casa.

- Que casa? - perguntou Mr. Norrell.

A casa a que estavam indo, respondeu Lucas.

- Não, não! Estão equivocados - retrucou Mr. Norrell. - É uma pequena reunião.

Contudo, ao chegar à casa de Mrs. Godesdone, Mr. Norrell se viu logo imerso em mais ou menos uma centena dos amigos mais íntimos de Mrs. Godesdone. O vestíbulo e os salões de recepção estavam abarrotados, e mais pessoas chegavam a cada momento. Mr. Norrell ficou espantadíssimo, mas o que mais no mundo o surpreenderia? Era uma festa londrina da moda, como tantas outras realizadas em pelo menos meia dúzia de casas da cidade todos os dias da semana.

E como descrever uma festa londrina? Velas em lustres de cristal lapidado espalham-se por toda a casa numa profusão estonteante. Espelhos elegantes triplicam e quadruplicam a luz até a noite ultrapassar o dia em brilho. Frutos de estufa de cores variadas estão empilhados em pirâmides imponentes sobre mesas forradas com toalhas brancas. Criaturas divinas com jóias resplandecentes movimentam-se aos pares, de braços dados, admiradas por todos os que as vêem. O calor, todavia, é esmagador, a pressão e o ruído também são muito grandes. Não há onde sentar e são poucos os lugares onde ficar de pé. Talvez a gente veja um amigo num canto da sala; talvez a gente tenha muito a lhe dizer, mas como chegar até ele? Com sorte, talvez o descubra mais tarde em meio à multidão e lhe aperte a mão enquanto um passa rapidamente pelo outro. Cercado por estranhos irritados, agitados, a oportunidade de uma conversa racional é igual à que se teria num deserto africano. Tudo que se pode desejar é proteger a roupa preferida dos estragos da multidão. Todos se queixam do calor e da sufocação. Todos afirmam que é absolutamente insuportável. Mas se tudo é sofrimento para os convidados, o que dizer da aflição dos que não foram convidados? Nosso sofrimento é nada

comparado ao deles! E amanhã poderemos dizer um ao outro que foi uma festa maravilhosa.

Sucedeu que Mr. Norrell chegou ao mesmo tempo que uma dama muito idosa. Embora de pequena estatura e aspecto desagradável, ela sem dúvida era alguém importante (estava coberta de diamantes). Os criados a rodeavam e Mr. Norrell se encaminhou para dentro da casa sem ser notado. Entrou num salão repleto de gente, onde descobriu uma taça de ponche em cima de uma mesinha. Enquanto bebia o ponche, ocorreu-lhe que não dissera seu nome a quem quer que fosse e, por conseguinte, ninguém sabia que ele estava ali. Ficou sem saber como agir. Os demais convidados se ocupavam em cumprimentar os amigos e, quanto a abordar um dos criados e se anunciar, Mr. Norrell não se sentia à altura da tarefa. Estava intimidado pelo rosto orgulhoso e pelo indescritível ar de superioridade deles. Pena que um ou dois dos últimos membros da Sociedade dos Magos de York não se achassem presentes para vê-lo tão desamparado e constrangido; isso os teria alegrado muitíssimo. Mas o mesmo sucede a todos nós. Em ambientes familiares, nosso comportamento é alegre e tranqüilo; basta que nos transportem para lugares onde não há conhecidos e ninguém nos reconhece, pronto! É um tremendo desconforto!

Mr. Norrell perambulava de um cômodo a outro, desejando apenas ir embora, quando foi detido pelo som de seu próprio nome e das seguintes palavras enigmáticas:

- ... Garante-me que jamais será visto sem um manto místico azul-escuro, adornado com símbolos de outros mundos! Mas Drawlight, que conhece Norrell muito bem, diz que...

O barulho no cômodo era tal que foi espantoso Mr. Norrell ter ouvido qualquer coisa. As palavras haviam sido pronunciadas por uma mulher jovem e Mr. Norrell olhou desesperadamente em volta para tentar localizá-la, mas sem resultado. Começou a se perguntar o que mais fora dito a seu respeito.

Súbito, viu-se ao lado de uma dama e de um cavalheiro. Ela em nada chamava a atenção - uma mulher de aspecto sensato de quarenta ou cinqüenta anos. Ele, porém, era o tipo de homem raras vezes visto no condado de York. Bastante baixo,

vestia um casaco preto de boa qualidade e roupas de uma brancura extraordinária. Pequenos óculos de prata pendiam oscilantes de uma fita preta de veludo que lhe envolvia o pescoço. Suas feições eram bem simétricas e muito saudáveis; cabelo preto e curto, a pele muito limpa e branca, exceto pelo leve toque de ruge nas bochechas. Os olhos eram admiráveis: grandes, bem conformados, tão brilhantes que pareciam ter um aspecto quase líquido. Eram contornados por pestanas muito longas e escuras. Ele adotara muitos pequenos traços de feminilidade, mas os olhos e as pestanas lhes tinham sido dados pela própria natureza.

Mr. Norrell prestou muita atenção à conversa dos dois para descobrir se falavam dele.

- ... O conselho que dei a Mrs. Duncombe sobre sua própria filha - disse o homem baixo. - Mrs. Duncombe encontrou um marido perfeito para a filha, um cavalheiro que ganha novecentas libras por ano! Mas a tola da moça almejava um capitão pobre da cavalaria, e Mrs. Duncombe, coitada, quase entrou em desvario, "Ah, minha senhora", eu disse assim que tomei conhecimento do fato, "acalme-se! Deixe que eu resolvo. Não sou um gênio extraordinário, como sabe, mas meus estranhos talentos ajustam-se perfeitamente a esse tipo de coisa". Ah, minha senhora, vai rir quando souber como tratei do caso! Suponho que ninguém mais no mundo teria pensado num plano tão ridículo! Levei Miss Susan ao Gray's, na Rua Bond, onde ambos tivemos uma manhã muito agradável, experimentando colares e brincos. Ela passou a maior parte da vida no condado de Derby e não estava acostumada a jóias realmente admiráveis. Não creio que alguma vez tenha pensado seriamente nessas coisas. Depois Mrs. Duncombe e eu demos a entender que, se casasse com o capitão Hurst, ela afastaria de si, para sempre, as vantagens de uma outra oportunidade, enquanto, se casasse com Mister Watts, faria a melhor das escolhas. Esforcei-me então para conhecer o capitão Hurst e convencê-lo a ir comigo ao Boodle's, onde... Bem, não mentirei para a senhora, onde há jogatina! - O homem baixo soltou uma risada espremida. - Emprestei-lhe dinheiro, para tentar a sorte... Não dinheiro do meu bolso, sabe? Mrs. Duncombe me dera o dinheiro com esse propósito. Fomos lá três ou quatro vezes e, num período de tempo extremamente curto, as dívidas do capitão estavam... Bem, minha senhora, não vejo como ele conseguiria saldá-las! Mrs. Duncombe e eu lhe explicamos que uma coisa é esperar que uma jovem se case com um homem de baixa renda e outra bem

diferente é esperar que ela se una a um homem endividado até o pescoço. No início, ele não se dispôs a nos ouvir. No início, serviu-se de... Como dizer?... De expressões bastante militares. Mas no fim viu-se obrigado a fazer justiça a tudo o que dissemos.

Mr. Norrell viu a mulher de aspecto sensato de quarenta ou cinqüenta anos olhar para o homem baixo com certo desagrado. Depois ela inclinou a cabeça, com muita leveza e frieza, e, sem dizer palavra, misturou-se à multidão. O pequeno homem se virou para outra direção e imediatamente saudou um amigo.

Os olhos de Mr. Norrell foram em seguida atraídos por uma jovem extremamente bonita que trajava um vestido branco e prateado. Um homem alto e vistoso conversava com ela e ela ria com entusiasmo de tudo o que ele dizia.

- ... E se ele descobrisse dois dragões, um vermelho e um branco, debaixo das fundações da casa, encerrados numa luta eterna que simbolizasse a futura destruição de Mister Godesdone? Creio - disse o homem, timidamente - que a senhorita não se importaria se ele o fizesse.

Ela tornou a rir, até com mais alegria do que antes, e Mr. Norrell ficou surpreso ao ouvir em seguida alguém se dirigir a ela como "Miss Godesdone".

Mr. Norrell ponderou que deveria ter falado com ela, mas, assim que concluiu isso, a jovem tinha desaparecido. Farto do barulho e da visão de tantas pessoas, resolveu ir embora discretamente, mas sucedeu que, nesse exato momento, a multidão à porta era por demais impenetrável; ele se viu pego pela corrente de pessoas e carregado para uma outra parte do salão. Lá se foi ele rodopiando como folha seca pega num escoadouro. Numa dessas voltas em redor do cômodo, descobriu um canto tranqüilo perto de uma janela: um biombo de marfim talhado e incrustado com madreperlas, alto e semi-oculto - ah! Que felicidade! - e uma estante de livros. Mr. Norrell se insinuou atrás do biombo, tirou da estante uma descoberta modesta de toda a revelação de São João, de John Napier, e começou a ler.

Não fazia muito tempo que ali estava quando, ao erguer os olhos por acaso, viu o homem alto e vistoso que estivera conversando com Miss Godesdone e o homem

baixo e moreno que se dera ao trabalho de destruir as esperanças matrimoniais do capitão Hurst. Dialogavam energicamente, mas a pressão e o fluxo de pessoas em volta deles era tão grande que, sem nenhuma formalidade, o homem alto agarrou a manga do homem baixo e o puxou para trás do biombo e para o canto que Mr. Norrell ocupava.

- Ele não está aqui - disse o homem alto, enfatizando cada palavra enquanto cutucava com o dedo o ombro do outro homem. - Onde estão os olhos ameaçadoramente ardentes que você nos prometeu? Onde estão os estados hipnóticos que nenhum de nós explica? Alguém foi amaldiçoado? Creio que não. O senhor o invocou como um espírito das vastas profundezas e ele não apareceu.

- Estive com ele ainda hoje de manhã - retrucou o homem baixo desafiadoramente -, para saber da maravilhosa magia que fizera havia pouco tempo, e ele me disse que viria.

- Passa da meia-noite. Não virá mais. - O homem alto sorriu um sorriso bastante superior. - Confesse... O senhor não o conhece.

O homem baixo então sorriu para rivalizar com o sorriso do outro (os dois cavalheiros duelavam com sorrisos) e disse:

Ninguém em Londres o conhece melhor do que eu. Confesso que estou um pouco, muito decepcionado.

- Ah! - exclamou o homem alto. - A opinião de todos aqui é a de que fomos detestavelmente enganados. Viemos na expectativa de presenciar algo extraordinário e, em vez disso, fomos obrigados a providenciar nosso próprio entretenimento. - Batendo os olhos por acaso em Mr. Norrell, disse: - Este cavalheiro está lendo um livro.

O homem baixo olhou para trás e, ao fazê-lo, bateu com o cotovelo em Uma Descoberta Modesta de Toda a Revelação de São João, dirigindo a Mr. Norrell um olhar desdenhoso por ocupar um espaço tão pequeno com um livro tão grande.

- Eu disse que estou decepcionado - continuou o homem baixo -, mas não totalmente surpreso. Não o conhece como eu. Oh, posso lhe garantir que ninguém melhor do que ele tem uma noção tão astuciosa do quanto vale. Um homem que compra uma casa na Praça Hanover conhece o estilo que as coisas devem ter. Ah, sim! Comprou uma casa na Praça Hanover! Então não sabia? Ele é tão rico como um judeu. Tinha um tio chamado Haythornthwaite que morreu e lhe deixou um mundo de dinheiro. Possui, entre outras ninharias, uma casa de boa qualidade e uma extensa propriedade, a de Hurtfew Abbey, no condado de York.

- Ah! - exclamou o homem alto, secamente. - Teve muita sorte. Tios ricos que morrem são artigos raros hoje em dia.

- Sem dúvida! - exclamou o homem baixo. - Uns amigos meus, os Griffin, têm um tio velho incrivelmente rico a quem prestaram todo tipo de assistência por anos a fio, mas, embora tivesse pelo menos cem anos de idade quando eles começaram a cuidar dele, o velho ainda não morreu e, ao que parece, pretende viver para sempre só para contrariá-los, e todos os Griffin vão envelhecendo e morrendo um após outro na mais amarga decepção. Mas estou certo de que o senhor, meu caro Lascelles, não tem por que se preocupar com pessoas idosas assim irritantes... Sua fortuna é bastante suficiente, não é?

O homem alto preferiu ignorar essa particular impertinência e comentou friamente:

- Creio que esse cavalheiro deseja falar com o senhor.

O cavalheiro em questão era Mr. Norrell, que, muito surpreso de ouvir sua fortuna e propriedade pessoais discutidas tão abertamente, esperara alguns minutos pela oportunidade de falar.

- Desculpem-me - disse.

- Pois não? - retrucou o homem baixo com rispidez.

- Eu sou Mister Norrell.

O homem alto e o homem baixo arregalaram os olhos para Mr. Norrell.

Após um silêncio que durou alguns instantes, o cavalheiro baixo, que primeiro parecera ofendido e depois passara pelos estágios de parecer pálido e em seguida parecer intrigado, pediu a Mr. Norrell que repetisse o nome.

Mr. Norrell repetiu, ao que o homem baixo replicou:

- Desculpe-me, mas... Quer dizer, espero que me perdoe a pergunta impertinente, mas mora na sua casa da Praça Hanover alguém todo vestido de preto e com um rosto fino igual a uma raiz torcida de cerca viva?

Mr. Norrell refletiu por um momento e respondeu:

- Childermass. O senhor se refere a Childermass.

- Ah, Childermass! - exclamou o homem baixo, como se agora tudo estivesse perfeitamente esclarecido. - Sim, claro! Mas que tolice a minha! Childermass! Oh, Mister Norrell! Nem sei como expressar minha alegria em conhecê-lo. Meu nome, senhor, é Drawlight.

- Conhece Childermass? - perguntou Mr. Norrell, intrigado.

- Eu... - Mr. Drawlight fez uma pausa. - Eu vi essa pessoa, como a descrevi, saindo de sua casa e... Ah, Mister Norrell! Sou um palerma às vezes! Tomei-o pelo senhor! Por favor, não se ofenda! Porque agora, olhando para o senhor, vejo claramente que ele tem a aparência selvagem e romântica que as pessoas associam a um mago, enquanto o senhor tem o ar pensativo de um estudioso, Lascelles, não é verdade que Mister Norrell tem o porte grave e sério de um estudioso?

O homem alto respondeu, sem muito entusiasmo, que achava que sim.

- Mister Norrell, este é um amigo meu, Mister Lascelles - disse Drawlight.

Mr. Lascelles esboçou uma levíssima reverência.

- Oh, Mister Norrell! - exclamou Mr. Drawlight. - Não imagina o tormento por que passei esta noite, perguntando-me se o senhor viria ou não! Às sete da noite, minha ansiedade era tão aguda que não pude me conter! Cheguei a ir à taverna na Rua Glasshouse só para perguntar a Davey e Lucas o que achavam! Davey estava

certo de que o senhor não viria, o que, como pode imaginar, deixou-me num desespero total!

Davey e Lucas! - disse Mr. Norrell num tom de extremo espanto. (Esses, como o leitor deve se lembrar, eram os nomes do cocheiro e do criado de Mr. Norrell).

Ah, sim! - exclamou Mr. Drawlight. - A taverna da Rua Glasshouse é onde Davey e Lucas de vez em quando se reúnem para jantar, como, acredito, o senhor sabe. - Mr. Drawlight interrompeu a tagarelice o suficiente para Mr. Norrell murmurar que não estava a par disso. -Andei falando aberta e diligentemente dos seus extraordinários poderes a todos que conheço - continuou Mr. Drawlight. - Tenho sido o seu João Batista, senhor, preparando-lhe o caminho. Não hesitei em afirmar que o senhor e eu somos grandes amigos, pois desde o início tive o pressentimento, caro Mister Norrell, de que o seríamos. E, como vê, eu estava certo, pois aqui estamos, conversando à vontade um com o outro!

5. *Drawlight*

Da primavera ao outono de 1807

Na manhã seguinte, bem cedo, o procurador de Mr. Norrell, Childermass, atendeu ao chamado do patrão na sala de café da manhã. Encontrou Mr. Norrell pálido e num estado de agitação nervosa.

- Aconteceu alguma coisa? - perguntou Childermass.

- Ora! - exclamou Mr. Norrell, erguendo os olhos. - Como se atreve a me fazer essa pergunta? Justamente o senhor, que negligenciou de tal forma seus deveres que agora qualquer pulha pode rondar a casa e interrogar os criados sem recear ser interpelado! E ainda por cima obter respostas às perguntas! Por que eu o emprego, gostaria de saber, se não é para me proteger desse tipo de impertinência?

Childermass encolheu os ombros.

- Imagino que se refira a Drawlight.

Um silêncio breve, pasmo.

- Então sabia? - indagou Mr. Norrell. - Ora, convenhamos! O que tinha na cabeça? Não me disse milhares de vezes que, para assegurar minha privacidade, os criados devem evitar mexericos?

- Mas claro! - exclamou Childermass. - Acontece que estou convencido de que o senhor deveria deixar um pouco de lado o hábito da privacidade. Retiro e isolamento são perfeitos no condado de York, mas não estamos mais no condado de York.

- Sim, sim! - replicou Mr. Norrell com irritação. - Sei que não estamos. Mas o problema não é esse. O problema é: o que quer esse tal de Drawlight?

- A honra de ser o primeiro cavalheiro em Londres a conhecer um mago. Só isso.

A explicação, porém, não persuadiu Mr. Norrell a pôr de lado seus receios. Ele esfregou com nervosismo as mãos brancas como cera e olhou com temor para os cantos escuros da sala, como se desconfiasse de que neles se escondiam outros Drawlight, todos a observá-lo.

- Vestido daquele jeito, ele não parecia um estudioso - disse -, embora isso não seja garantia de nada. Não usava anéis de poder ou fidelidade, mas ainda assim...

- Não estou entendendo - disse Childermass. - Seja mais claro.

- Terá ele algum tipo de habilidade? - indagou Mr. Norrell, - Ou talvez tenha amigos que invejem meu sucesso? Quem são os colegas dele? Qual é a formação dele?

Childermass sorriu um sorriso demorado que se estendeu de um lado a outro do rosto.

- Ah, o senhor supôs que ele fosse agente de um outro mago. Bem, não é. Talvez o senhor dependa de mim para tanto. Longe de negligenciar seus interesses, depois que recebemos a carta de Miss Godesdone, obtive informações sobre o cavalheiro... Tantas quanto, creio, ele obteve sobre o senhor. A mim parece que só um tipo muito estranho de mago empregaria uma criatura como ele. Ademais, se existisse um mago assim, o senhor já o teria descoberto, não é mesmo? E teria descoberto também uma forma de separá-lo de seus livros e de pôr fim aos estudos dele... Como sabe, o senhor já fez isso antes.

- Então não vê más intenções nesse tal de Drawlight?

Childermass ergueu uma sobrancelha e sorriu seu sorriso oblíquo.

- Ao contrário - respondeu.

- Ah! - exclamou Mr. Norrell, - Eu sabia! Pois bem, ainda assim vou fazer questão de evitar a companhia dele.

- Por quê? - Perguntou Childermass. - Não foi o que falei. Não acabei de lhe dizer que ele não representa uma ameaça ao senhor? O que o leva a crer que seja um homem mal-intencionado? Aceite o meu conselho, senhor, utilize o instrumento que tem à mão.

Em seguida Childermass contou a Mr. Norrell o que descobrira acerca de Drawlight: pertencia a uma classe de cavalheiros, encontrável apenas em Londres, cuja principal ocupação era vestir dispendiosas roupas da moda; viviam na ociosidade ostensiva, jogando e bebendo em excesso, e passavam meses em Brighton e em outros balneários da moda; nos últimos essa classe de cavalheiros parecia ter alcançado uma espécie de perfeição na figura de Christopher Drawlight. Mesmo seus amigos mais próximos estavam prontos a admitir que ele não possuía uma só boa qualidade. Embora a cada revelação Mr. Norrell demonstrasse impaciência por meio de interjeições e ofegos, não restava dúvida de que a conversa lhe fez bem. Dez minutos mais tarde, quando Lucas entrou na sala com um bule de chocolate, ele comia torradas, compota, e mostrava-se totalmente diferente da criatura ansiosa e irritável daquela manhã.

Uma forte batida soou na porta de entrada e Lucas foi atender. Em seguida ouviram-se passos leves na escada e Lucas reapareceu, anunciando:

- Mister Drawlight.

- Ah, Mister Norrell! Como vai?

Mr. Drawlight entrou na sala. Trajava casaco azul-escuro e segurava uma bengala de ébano com castão de prata. Parecia em excelente estado de espírito, fez reverências, sorriu e caminhou tantas vezes de um lado para o outro que, em cinco minutos, não restava um centímetro sequer de tapete na sala que ele não tivesse pisado, mesa ou cadeira que não tivesse tocado com leveza ou carinho, um espelho sequer que não tivesse refletido sua imagem, uma pintura para a qual não tivesse sorrido por um momento.

Embora seguro de que o visitante não era um grande mago ou o criado de um grande mago, Mr. Norrell ainda não estava muito inclinado a acatar o conselho de Childermass. O convite que fez a Mr. Drawlight para sentar-se à mesa do café-da-

manhã e tomar um chocolate foi bastante frio. Mas silêncios aborrecidos e olhares hostis não tiveram o menor efeito sobre Mr. Drawlight, uma vez que ele preencheu os silêncios com a própria tagarelice e estava bastante acostumado a olhares hostis para se incomodar com eles.

- O senhor há de concordar comigo que a festa de ontem foi a mais agradável do mundo. Entretanto, se me permite dizer, creio que o senhor teve razão em ir embora quando foi. Pude depois dizer às pessoas em volta que o cavalheiro que tinham acabado de ver sair do salão era de fato Mister Norrell! Ah, acredite, senhor, sua saída não passou despercebida. O ilustre Mister Masham teve quase certeza de ter vislumbrado seu estimado perfil, Mrs. Barclay achou que tinha visto uma nítida onda cinza de sua venerável cabeleira e Miss Fiskerton ficou totalmente extasiada ao pensar que por um instante batera os olhos sobre a ponta de seu nariz de especialista! E o pouco que viram do senhor fê-los desejar mais. Anseiam ver o homem inteiro!

**** Certa vez Drawlight estava numa sala com o gato branco de pêlos compridos de Mrs. Bessborough. Na ocasião, trajava calças e casaco pretos impecáveis, por isso ficou muitíssimo preocupado com o gato, que o rodeava sem parar, dando a entender que pretendia sentar-se em seu colo. Aguardou até se certificar de que ninguém o observava, pegou o gato, abriu uma janela e o jogou para fora. Não obstante a queda de três andares, o gato sobreviveu, mas depois disso uma das pernas nunca voltou ao normal e ele sempre demonstrou grande aversão a cavalheiros de preto.*

- Ah! - exclamou Mr. Norrell com alguma satisfação.

As reiteradas afirmações de Mr. Drawlight de que as damas e os cavalheiros da festa de Mrs. Godesdone haviam ficado encantados com Mr. Norrell acabaram por diminuir o preconceito de Mr. Norrell contra o visitante. De acordo com Mr. Drawlight, a companhia de Mr. Norrell se assemelhava a um tempero: a menor

pitada acrescentaria sabor a todo um prato. Mr. Drawlight fez-se tão agradável que Mr. Norrell foi se tornando pouco a pouco mais comunicativo.

- E a que feliz circunstância - perguntou Mr. Drawlight - devemos o prazer da companhia do senhor? O que o trouxe a Londres?

- Vim a Londres para promover a causa da magia moderna. Meu senhor, Meu senhor, pretendo trazer a magia de volta à Grã-Bretanha - respondeu Mr. Norrell sério - Tenho muito para transmitir aos grandes homens de nossa era. Poderei ser útil a eles de várias formas.

Mr. Drawlight disse, num murmúrio cortês, que estava certo disso.

- Com toda a honestidade - disse Mr. Norrell -, preferiria que esse dever coubesse a outros magos, - Mr. Norrell soltou um suspiro e assumiu um ar tão nobre quanto lhe permitiam suas feições miúdas e estreitas. É extraordinário que um homem como Mr. Norrell, que destruíra a carreira de tantos colegas magos, estivesse sinceramente convencido de que toda a glória de sua profissão pertencesse agora apenas a um deles, mas sem dúvida Mr. Norrell acreditava nisso quando o disse.

Mr. Drawlight emitiu murmúrios compreensivos. Mr. Drawlight estava certo de que Mr. Norrell era muito modesto. Mr. Drawlight não poderia imaginar um só instante que houvesse alguém mais bem preparado do que Mr. Norrell para a tarefa de devolver a magia à Grã-Bretanha.

- Mas, meu senhor, levo uma desvantagem - disse Mr. Norrell.

Mr. Drawlight ficou surpreso ao ouvir isso.

- Não conheço o mundo, meu senhor. Sei que não conheço. Tenho um amor de estudioso ao silêncio e à solidão, Passar horas a fio em conversa fiada com uma porção de pessoas estranhas é para mim o pior dos suplícios, e atrevo-me a dizer que isso vai acontecer muitas vezes. Childermass me garante que sim. - Mr. Norrell olhou pensativo para Drawlight, como se na esperança de que ele o contestasse.

- Ah! Mr. Drawlight refletiu por um momento. – É justamente por isso que fico feliz de eu e o senhor termos nos tornado amigos! Não tenho pretensões de ser um estudioso, senhor. Pouco sei acerca de magos ou da história da magia, e é provável que, de quando em quando, o senhor considere minha companhia maçante. Mas o senhor deve confrontar as pequenas irritações dessa natureza com o grande bem que eu posso fazer ao levá-lo para dar umas voltas e apresentá-lo às pessoas. Ah, meu caro Mister Norrell, não imagina o quanto lhe posso ser útil!

Mr. Norrell recusou-se a se comprometer, já naquele momento, a acompanhar Mr. Drawlight a todos os lugares que Mr. Drawlight afirmava serem excelentes e a conhecer todas as pessoas cuja amizade, segundo Mr. Drawlight, acrescentaria novo encanto à vida de Mr. Norrell, Aceitou, porém, ir com Mr. Drawlight naquela noite a um jantar na casa de Mrs. Rawtenstall, na Praça Bedford.

Mr. Norrell terminou o jantar menos cansado do que esperava e por isso concordou em se encontrar com Mr. Drawlight no dia seguinte na casa de Mr. Plumtree. Tendo Mr. Drawlight como guia, Mr. Norrell entrou na sociedade mais seguro do que antes. Os compromissos se tornaram inúmeros. Estava ocupado das onze da manhã à meia-noite e meia. Fazia visitas matinais, ceava em salas de jantar de toda a cidade, comparecia a reuniões noturnas, festas e concertos de música italiana; conheceu baronetes, viscondes, viscondessas e dignos fulanos e beltranos; passou a ser visto caminhando na Rua Bond ao lado de Mr. Drawlight; era observado tomando ar fresco numa carruagem no parque Hyde com Mr. Drawlight e o amigo mais próximo deste, Mr. Lascelles.

Nos dias em que Mr. Norrell não jantava fora, Mr. Drawlight ceava na casa de Mr. Norrell na Praça Hanover - o que, imaginava Mr. Norrell, Mr. Drawlight fazia com grande prazer, uma vez que Childermass lhe contara que Mr. Drawlight tinha pouco dinheiro. Childermass contara que Drawlight vivia de perspicácia e dívidas; nenhum de seus grandes amigos jamais fora convidado a visitá-lo em casa, porque casa, no caso dele, era um quarto alugado no andar de cima de um sapateiro na Rua Little Ryder.

Como acontece com toda casa nova, logo se descobriu que a casa da Praça Hanover, que no início parecera perfeita, necessitava de várias melhorias.

Evidentemente, Mr. Norrell desejava que tudo fosse feito o quanto antes, mas, ao indagar a Drawlight se não concordava que os operários londrinos eram extraordinariamente lerdos, Drawlight aproveitou a oportunidade para avaliar todos os planos de Mr. Norrell sobre cores, papéis de parede, tapetes, móveis e ornamentos, e para achar defeito em todos eles. Depois de discutirem o assunto por quinze minutos, Mr. Drawlight pediu que preparassem a carruagem de Mr. Norrell e instruiu Davey a levá-los à loja de Mr. Ackermann, no Strand. Lá Mr. Drawlight mostrou a Mr. Norrell um livro que continha uma ilustração que Mr. Repton fizera de uma sala de visitas antiquada e vazia, onde uma pessoa idosa de rosto impassível, do tempo da rainha Elizabeth, olhava de dentro de um quadro pendurado na parede e todas as cadeiras vazias bocejavam umas para as outras, convidados numa festa que descobrem que nada têm a dizer uns aos outros. Na página seguinte, porém, ah! Grandes mudanças haviam sido introduzidas pela nobre arte da marcenaria, da forragem de papéis de parede e do estofamento. Ali estava uma ilustração da mesma sala de visitas, recém-mobiliada e melhorada a ponto de não ser reconhecida! Cerca de uma dezena de damas e cavalheiros trajados conforme a moda tinha sido atraída para o cômodo pela possibilidade de renovar o ânimo ao se reclinarem em elegantes posições nas cadeiras ou a caminharem pelo jardim-de-inverno coberto de vinhas que aparecera misteriosamente do outro lado de um par de portas envidraçadas. A lição, explicou Mr. Drawlight, era que, se Mr. Norrell esperava fazer amigos pela causa da magia moderna, seria preciso introduzir um bom número de portas envidraçadas na casa.

Sob a instrução de Mr. Drawlight, Mr. Norrell aprendeu a preferir os vermelhos das galerias de arte aos verdes apagados e respeitáveis que apreciara na juventude. Em benefício da magia moderna, os materiais genuínos da casa de Mr. Norrell foram cobertos com tinta e verniz, forçados a representar o que não eram, como atores num palco. Reboco foi pintado para parecer madeira, madeira foi pintada para parecer diferentes tipos de madeira. Chegado o momento de selecionar os petrechos da sala de jantar, a confiança de Mr. Norrell no gosto de Mr. Drawlight era tão grande que ele foi incumbido de escolher o aparelho de jantar consultar quem quer que fosse.

- Caro senhor, não vai se arrepender! - exclamou Drawlight -, porque há três semanas escolhi um aparelho de jantar para a Duquesa B e, assim que o viu, ela

declarou que nunca na vida tinha visto algo tão encantador!

Numa luminosa manhã de maio, Mr. Norrell estava sentado numa sala de visitas na Rua Wimpole, na casa de uma certa Mrs. Littleworth. Entre as pessoas lá reunidas estavam Mr. Drawlight e Mr. Lascelles. Mr. Lascelles apreciava muitíssimo a camaradagem com Mr. Norrell, superada apenas pela companhia de Mr. Drawlight. Mas seus motivos para atrair a atenção de Mr. Norrell eram bem diferentes. Mr. Lascelles era um homem cínico e sagaz que considerava a coisa mais ridícula do mundo um cavalheiro idoso e douto estar convencido de que poderia fazer magia. Por conseguinte, Mr. Lascelles sentia um enorme prazer em fazer perguntas sobre magia a Mr. Norrell a cada oportunidade, para assim poder se divertir com as respostas.

- Então o senhor está gostando de Londres? – perguntou.

- Nem um pouco - respondeu Mr. Norrell.

- Sinto pelo senhor - retrucou Mr. Lascelles. - Conheceu algum outro colega mago com quem possa conversar?

Mr. Norrell fechou a cara e respondeu que não acreditava que existisse outro mago em Londres e, se existisse, suas pesquisas não haviam sido suficientes para descobri-lo.

- Ah, meu senhor! - exclamou Mr. Drawlight. - Nisso o senhor se engana! Deram-lhe informações terrivelmente falsas! Existem magos aqui em Londres, sim. Pelo menos uns quarenta! Lascelles, não concorda que existem centenas de magos em Londres? É possível vê-los praticamente em cada esquina. Mister Lascelles e eu teremos o maior prazer de apresentar o senhor a eles. Têm uma espécie de rei, que chamam de Vinculus... Um homem alto, andrajoso feito um espantalho, com uma pequena barraca montada em frente da São Christopher Le Stocks, toda respingada de barro e com uma cortina amarela encardida; ele faz profecias por dois pennies.

- As predições de Vinculus são só calamidades - observou Mr. Lascelles, rindo.
- Até agora ele me previu afogamento, loucura, a destruição de toda a minha

propriedade num incêndio e uma filha natural que vai me causar um grande dano na minha velhice por seu rancor.

- Terei o maior prazer - disse Drawlight a Mr. Norrell. - Gosto muito de Vinculus.

- Tenha cuidado, se for mesmo conhecê-lo - avisou Mrs. Littleworth. Alguns desses homens são capazes de aterrorizar as pessoas. Os Cruickshank levaram para casa um mago, um sujeito imundo, para mostrar uns truques aos amigos, mas quando ele chegou lá parecia não saber truque algum e eles se recusaram a pagá-lo. Enfurecido, ele prometeu transformar o bebê num balde para carvão. Então ficaram muito aflitos, porque não encontravam o bebê em parte alguma, embora nenhum balde novo para carvão tivesse sido visto; só os velhos que já existiam. Vasculharam a casa de cima a baixo, Mrs. Cruickshank estava quase morta de preocupação, e o médico foi chamado... Até que a ama-seca apareceu com o bebê à porta e contou que o tinha levado para mostrá-lo à sua mãe, na Rua James.

Apesar de tais atrativos, Mr. Norrell recusou a gentil proposta de Mr. Drawlight de levá-lo para conhecer Vinculus na barraquinha amarela.

- Mister Norrell, qual é sua opinião sobre o Rei Corvo? - perguntou Mrs. Littleworth animadamente.

- Nenhuma. É uma pessoa em quem nunca penso.

- Mesmo? - retrucou Mr. Lascelles. - Desculpe-me pelo que vou dizer, Mister Norrell, mas essa afirmação é extraordinária. Ainda não conheci um mago sequer que não declarasse que o Rei Negro foi o maior de todos... O mago par excellence! Um mago que, se desejasse, teria arrancado Merlin da árvore, girando o velho cavalheiro pela cabeça e o colocado lá de volta.

Mr. Norrell nada disse.

- Certamente - continuou Mr. Lascelles - nenhum outro Aureate pôde competir com as realizações dele! Reinos espalhados por todos os mundos que já existiram. Bandos de cavaleiros humanos e de cavaleiros encantados executando suas ordens. Florestas mágicas que se moviam. Para não mencionar sua longevidade... Um

reinado de trezentos anos, ao fim do qual, dizem-nos, ele ainda permanecia, ao menos na aparência, um homem jovem.

Mr. Norrell nada disse.

- Mas talvez o senhor pense que a história minta. Ovi muitas vezes a afirmação de que o Rei Corvo nunca existiu, de que não era um mago, e sim uma porção de magos, todos com o mesmo aspecto. É o que o senhor pensa?

Mr. Norrell dava a impressão de que preferiria continuar calado, mas a pergunta tão direta de Mr. Lascelles o obrigou a uma resposta.

Não - respondeu afinal. - Tenho certeza de que ele existiu. Mas só posso considerar lamentável a influência que exerceu sobre a magia inglesa. Praticou um tipo de magia pernicioso e nada me daria mais satisfação do que se fosse esquecido por completo, como merece.

- E quanto aos criados do Reino Encantado? - perguntou Mr. Lascelles. - São visíveis só para o senhor? Ou outras pessoas também os vêem?

Mr. Norrell torceu o nariz e respondeu que não os tinha.

- Nenhum! - exclamou a dama de vestido róseo, tomada de surpresa.

- O senhor é uma pessoa sábia, Mister Norrell - retrucou Mr. Lascelles, - Tubbs versus Starhouse deve servir de alerta a todos os magos.

**** Presume-se que Merlin tenha sido aprisionado num pilriteiro pela feiticeira Nimue.*

Mr. Lascelles exagera. Os reinos do Rei Corvo jamais foram superiores a três.

Tubbs versus Starhouse: um caso célebre apresentado numa das sessões trimestrais do tribunal de Nottingham há alguns anos.

Um homem do condado de Nottingham, chamado Tubbs, queria muito ver um ser sobrenatural; pensando em seres mágicos dia e noite, e lendo todo tipo de livros a respeito, concluiu que seu cocheiro era um deles.

O cocheiro (chamado Jack Starhouse) era moreno, alto, e raras vezes dizia algo que constrangesse seus colegas de trabalho e os levasse a pensar que ele era arrogante. Começara a trabalhar para Mr. Tubbs havia pouco tempo e afirmara que antes fora cocheiro de um senhor idoso chamado Coldmicklehill, no Norte, Tinha um grande talento: fazia qualquer criatura gostar dele. Os cavalos estavam sempre dispostos quando ele segurava as rédeas, jamais irritadiços ou irrequietos, e ele era capaz de dominar gatos de um jeito que ninguém jamais vira no condado de Nottingham. Conversava com eles aos sussurros; qualquer gato com que falasse se imobilizava com uma expressão de leve surpresa no rosto, como se na vida inteira nunca tivesse ouvido tanto bom senso nem esperasse ouvi-lo novamente. Era também capaz de fazê-los dançar. Os gatos da família de Mr. Tubbs eram tão circunspectos e cômicos de sua dignidade quanto quaisquer outros, mas Jack Starhouse os fazia dançar danças arrebatadas, em que saltavam sobre as pernas traseiras e se atiravam de um lado para o outro. Conseguia isso com estranhos suspiros, sussurros e sibilos.

Um dos criados comentou que, se ao menos gatos servissem para alguma coisa, e não serviam, tudo aquilo talvez tivesse algum sentido. Mas a maravilhosa maestria de Starhouse não era útil nem entretinha seus colegas de trabalho. Só os constrangia.

Isso, ou talvez o rosto bonito de olhos um pouco afastados de Starhouse, deixara Mr. Tubbs convencido de que ele era um ser mágico, eu não sei, mas o fato é que Mr. Tubbs começou a fazer, em segredo, uma investigação sobre o cocheiro.

Um dia Mr. Tubbs chamou Starhouse ao escritório. Mr. Tubbs disse que soubera que Mr. Browne estava muito doente e não saía de casa fazia anos - andou doente todo o período no qual Starhouse afirmara ter trabalhado para ele. De maneira que Mr. Tubbs estava curioso para saber por que ele precisara de um cocheiro.

Por um instante Jack Starhouse ficou calado. Depois confessou que não fora empregado de Mr. Browne. Disse que tinha trabalhado para outra família na vizinhança. Havia trabalhado com afinco, fora um bom emprego, tinha sido feliz, mas os outros criados não gostavam dele, não sabia por quê, isso já lhe sucedera antes. Um dos criados (uma mulher) falara mentiras sobre ele e ele fora despedido. Vira Mr. Browne apenas uma vez, anos atrás. Disse que sentia muito ter mentido para Mr. Tubbs, porém não vira outra alternativa.

Mr. Tubbs explicou que não havia necessidade de inventar mais histórias. Sabia que Starhouse era um ser mágico e disse que não havia por que se preocupar, não o trairia; só desejava conversar com ele sobre a família e as pessoas.

No início Starhouse não entendeu o que Mr. Tubbs quis dizer, e quando enfim entendeu foi em vão afirmar que era um ser humano, e inglês. Mr. Tubbs não acreditou nele.

Depois disso, o que quer que Starhouse fizesse, aonde quer que fosse, encontrava Mr. Tubbs a sua espera com mil perguntas sobre seres mágicos e o Reino Encantado. Starhouse ficou tão incomodado com esse tratamento (embora Mr. Tubbs sempre fosse bondoso e cortês) que se viu forçado a deixar o emprego. Um dia, ainda desempregado, conheceu um homem numa cervejaria em Southwell que o convenceu a mover uma ação contra o ex-patrão por difamação. Numa célebre decisão judicial, Jack Starhouse tornou-se o primeiro homem a ser declarado humano em conformidade com a lei inglesa.

Mas esse curioso episódio teve um final triste tanto para Tubbs como para Starhouse. Tubbs foi punido pela inofensiva ambição de ver um ser mágico ao se tornar alvo de chacota aonde fosse. Caricaturas desagradáveis foram publicadas nos jornais de Londres, Nottingham, Derby e Sheffield, e vizinhos com quem ele durante anos gozara os melhores termos de relações e intimidade recusavam-se a reconhecê-lo. Starhouse, por seu turno, logo descobriu que ninguém queria empregar um cocheiro que movera uma ação judicial contra o patrão. Viu-se obrigado a aceitar trabalhos da mais degradante natureza e logo ficou na maior penúria.

O caso Tubbs versus Starhouse é interessante, quando menos por servir como ilustração da crença corrente de que seres mágicos não abandonaram a Inglaterra de todo. Muitos ingleses acham que estamos cercados de seres sobrenaturais. Alguns são invisíveis, outros se disfarçam de cristãos e podem ser conhecidos nossos. Estudiosos têm debatido o assunto durante séculos, sem chegar a nenhuma conclusão.

- Mr. Tubbs não era mago - retrucou Mr. Norrell. - Nem nunca soube que ele se dizia mago. Mesmo que tivesse sido o maior mago na cristandade, ainda assim estaria equivocado ao desejar a companhia de seres mágicos. Jamais houve espécie mais perniciosa ou mais inimiga da Inglaterra. Existiram muitos magos ociosos ou ignorantes demais para perseguirem um curso adequado de estudos que empregaram toda a energia para adquirir um criado do Reino Encantado. Depois que adquiriram tal criado mágico, passaram a depender dele para realizar todo o seu trabalho. A história inglesa está cheia de homens assim e alguns digo com satisfação, foram merecidamente punidos por isso. Veja o caso de Bloodworth.

Mr. Norrell conheceu várias pessoas, mas não acendeu uma só chama pura de amizade no coração de qualquer uma delas. Em geral, Londres o considerou uma decepção. Ele não fez magia, não amaldiçoou uma só criatura, nada profetizou. Uma vez, na casa de Mrs. Godesdone, ouviram-no afirmar que achava que ia chover, mas isso, se era uma profecia, foi uma decepção, porque não choveu - de fato, só foi chover no sábado seguinte. Ele quase nunca falava de magia; quando falava, era como uma aula de história e ninguém tinha paciência para ouvi-la. Raramente tinha uma palavra a dizer acerca de outros magos, exceto uma ocasião em que elogiou um mago do século anterior, Francis Sutton-Grove.

- Mas, meu senhor - disse Mr. Lascelles -, eu achava que Sutton-Grove fosse ilegível. Sempre ouvi dizer que De Generibus Artium era totalmente ilegível.

- Ah! - exclamou Mr. Norrell. - Duvido que o livro possa entreter damas e cavalheiros, mas um estudante de magia sério terá Sutton-Grove em alta conta. Em Sutton-Grove ele encontrará a primeira tentativa de delimitar as áreas da magia que o mago moderno deveria estudar, todas expostas em listas e quadros. Sem dúvida o

sistema de classificação de Sutton-Grove é quase sempre incorreto, e talvez isso seja o que o senhor chame de "ilegível". Entretanto, nunca tive o prazer de ver mais do que uma dúzia das listas dele. O estudante talvez corra os olhos sobre elas e pense: "Isto eu conheço" ou "Ainda tenho de fazer isto", e diante dele se apresenta um trabalho suficiente para quatro, quem sabe, cinco anos.

De tanto que foi recontada, a história das estátuas da catedral de York se tornou tão corriqueira que as pessoas começaram a se perguntar se Mr. Norrell alguma vez tinha feito outra coisa, e Mr. Drawlight se viu forçado a inventar alguns novos exemplos.

- Mas, Drawlight, o que esse mago consegue fazer? - perguntou Mrs. Godesdone uma tarde, na ausência de Mr. Norrell.

- Ah, minha senhora! - exclamou Drawlight. - O que ele não consegue? Mas claro! Ainda no inverno passado, se não me engano, em York, que, como a senhora deve saber, é a cidade natal de Mister Norrell, uma grande tempestade se abateu, vinda do Norte, e carregou as roupas limpas de todo mundo para dentro da lama e da neve. Os conselheiros municipais, pensando em poupar às mulheres da cidade o trabalho de lavar todas as roupas novamente, recorreram a Mister Norrell, que enviou uma tropa de seres mágicos para lavar tudo de novo. E todos os buracos nas camisas, toucas de dormir e anáguas foram remendados, todas as bordas puídas foram restauradas e tornadas novas, e todo mundo disse que nunca tinha visto uma brancura tão deslumbrante em toda a vida!

Essa história em particular ficou muito conhecida, e naquele verão, por várias semanas, aumentou a admiração das pessoas por Mr. Norrell. Assim, quando Mr. Norrell falava, como às vezes o fazia, sobre a magia moderna, muitos que o escutavam supunham que era a esse tipo de coisa que ele se referia.

Mas se as damas e os cavalheiros que Mr. Norrell conhecia nas salas de visita e de jantar de Londres em geral estavam desiludidos com ele, também Mr. Norrell ia ficando igualmente insatisfeito com eles. Com freqüência queixava-se a Mr. Drawlight das perguntas frívolas que lhe faziam, e dizia que a causa da magia inglesa não fora favorecida nem um pouco com as horas passadas na companhia deles.

Numa nublada manhã de quarta-feira, no fim de setembro, Mr. Norrell e Mr. Drawlight estavam na biblioteca da Praça Hanover. Mr. Drawlight contava uma longa história a respeito de alguma coisa que Mr. F. dissera para insultar Lord S. e do que Lady D. pensava daquilo, quando Mr. Norrell de repente falou:

- Mister Drawlight, eu agradeceria se o senhor pudesse me dar uma informação quanto ao seguinte assunto importante: alguém avisou o Duque de Portland da minha chegada a Londres?

- Ah - exclamou Drawlight -, só o senhor, com sua natureza modesta, poderia ter uma dúvida dessa. Garanto-lhe que todos os ministros já tiveram notícias do extraordinário Mister Norrell.

- Mas, se esse for o caso - replicou Mr. Norrell -, por que Sua Alteza não me enviou mensagem alguma? Não, começo a achar que desconhecem inteiramente a minha existência... Por isso, Mister Drawlight, agradeceria se me informasse de quaisquer ligações que o senhor tenha no governo às quais eu possa recorrer.

- No governo, senhor? - retrucou Mr. Drawlight.

- Vim aqui para ser útil- disse Mr. Norrell melancolicamente. - Esperava já estar desempenhando neste momento algum papel relevante na luta contra os franceses.

- Se está se sentindo desprezado, senhor, lamento muitíssimo! - exclamou Drawlight. - Mas não é necessário, posso lhe garantir. Há damas e cavalheiros nesta cidade que ficariam felizes de ver as prestidigitações ou ilusões que o senhor queira nos mostrar numa noite após o jantar. Não tenha receio de nos subjugar... Nossos nervos são bastante fortes.

Mr. Norrell nada disse.

- Bem, meu senhor - disse Mr. Drawlight com um suave sorriso de dentes brancos e um olhar conciliatório nos olhos pretos e líquidos. - Não devemos discutir sobre isso. Eu desejaria poder satisfazê-lo, mas, como vê, isso escapa totalmente ao meu poder. O governo tem a sua esfera. Eu tenho a minha.

Na verdade, Mr. Drawlight conhecia alguns cavalheiros em diferentes cargos governamentais que teriam o prazer de conhecer o amigo de Mr. Drawlight e ouvir o que ele tinha a dizer, em troca de uma promessa de Mr. Drawlight de jamais contar algumas coisas curiosas que sabia a respeito deles. A verdade, porém, era que Mr. Drawlight não via vantagem para si mesmo em apresentar Mr. Norrell a qualquer desses cavalheiros. Preferia mantê-lo nas salas de visita e de jantar de Londres, onde esperava, a tempo, persuadi-lo a realizar os truquezinhos e as outras coisas mais que os conhecidos de Mr. Drawlight tanto ansiavam ver.

Mr. Norrell começou a escrever cartas urgentes a cavalheiros no governo, as quais mostrou a Mr. Drawlight antes de entregar a Childermass para enviá-las; os cavalheiros, porém, não responderam. Mr. Drawlight avisara Mr. Norrell de que não responderiam. Cavalheiros no governo em geral são muito ocupados.

Cerca de uma semana depois, Mr. Drawlight foi convidado a uma casa na Praça Soho para ouvir uma famosa soprano italiana recém-chegada de Roma. Naturalmente, Mr. Norrell também foi convidado. Ao chegar à casa, porém, Drawlight não viu o mago entre os convidados. Lascelles estava encostado no console da lareira, conversando com um cavalheiro. Drawlight foi até ele e perguntou se sabia onde estava Norrell.

- Ah - respondeu Mr. Lascelles -, ele foi visitar Sir Walter Pole. Mister Norrell tem uma informação importante que deseja transmitir imediatamente ao Duque de Portland. E Sir Walter Pole é o homem que Mister Norrell pretende honrar com a mensagem.

- Portland? - indagou um outro cavalheiro. - O quê? Será que os ministros estão desesperados a esse ponto? Estão consultando magos agora?

- O senhor tirou uma conclusão precipitada - observou Lascelles, sorrindo. - É uma decisão exclusivamente de Mister Norrell. Ele pretende oferecer serviços ao governo. Parece que tem um plano para derrotar os franceses por meio da magia. Mas é improvável que convença os ministros a ouvi-lo. Com os franceses às turras com eles no continente europeu e todos às turras entre si no Parlamento, duvido que se encontrem cavalheiros mais atormentados em algum outro lugar, ou que dispensem menos atenção às excentricidades de um cavalheiro de York.

Como o herói de um conto de fadas, Mr. Norrell descobrira que o poder de fazer o que desejava pertencera a ele desde o princípio. Mesmo um mago necessita de relações, e sucedeu que havia um parente distante de Mr. Norrell (por parte de mãe) que uma vez se mostrara extremamente desagradável com ele ao lhe escrever uma carta. Para evitar que isso se repetisse, Mr. Norrell presenteou o homem com oitocentas libras esterlinas (que era o que o homem queria), mas lamentou dizer que isso não conseguiu conter o parente da mãe de Mr. Norrell, que, impregnado de vilania como estava, escrevera uma segunda carta a Mr. Norrell, na qual cobria de agradecimentos e elogios o seu benfeitor e afirmava que "de hoje em diante, considere a mim e a meus amigos como servos de seu interesse; estamos preparados para votar na próxima eleição de acordo com a sua nobre vontade, e se, no futuro, parecer que qualquer prestação de serviço de minha parte lhe possa ser útil, suas ordens só honrarão, e elevarão na opinião do mundo, o seu humilde e dedicado criado, Wendell Markworthy".

Até então Mr. Norrell não julgara necessário elevar Mr. Markworthy na opinião do mundo ao honrá-lo com qualquer ordem, mas agora parecia (quem o descobriu foi Childermass) que Mr. Markworthy usara o dinheiro para garantir para si e para o irmão cargos de escriturários na Companhia da Índia Oriental. Foram para a Índia e, dez anos depois, voltaram muito ricos. Não tendo jamais recebido instruções de Mr. Norrell, seu primeiro protetor, sobre como votar, Mr. Markworthy seguira a indicação de Mr. Bonnell, seu superior na Companhia da Índia Oriental, e incentivara seus amigos a fazerem o mesmo. Tornara-se muito útil para Mr. Bonnell, que, por sua vez, era um grande amigo do político Sir Walter Pole. Nos agitados mundos dos negócios e do governo, um cavalheiro deve a outro um favor, enquanto um outro deve a outro, e assim por diante, até que se forma uma cadeia de promessas e obrigações. Neste caso, a cadeia se estendia de Mr. Norrell a Sir Walter Pole, e Sir Walter Pole era agora ministro.

6. *"Meu senhor, a magia não é respeitável"*

Outubro de 1807

Eram tempos difíceis para um ministro.

A guerra ia de mal a pior e todo mundo abominava o governo. Toda vez que uma nova catástrofe chegava ao conhecimento público, uma pequena parcela de responsabilidade recaía sobre esta ou aquela pessoa, mas em geral todos se uniam na responsabilização dos ministros, e estes, coitados, não tinham a quem responsabilizar a ser a si mesmos, o que faziam com freqüência cada vez maior.

Não que os ministros fossem parvos; ao contrário, havia homens brilhantes entre eles. Nem eram más pessoas, em geral; vários levavam uma vida doméstica irrepreensível e gostavam muito de criança, música, cães e de pintura paisagística. O governo, contudo, era tão impopular que, não fossem os cautelosos discursos do ministro das Relações Exteriores, seria quase impossível fazer passar quaisquer trabalhos na Câmara dos Comuns.

O ministro das Relações Exteriores era um orador sem igual. Não importava quão baixa fosse a estima de todos pelo governo, quando o ministro das Relações Exteriores se levantava para falar, ah! Tudo parecia diferente! Logo descobriam que as coisas ruins deviam-se à administração anterior (um maligno grupo de homens que aliaram estupidez generalizada com finalidades perversas). Quanto ao atual ministério, o ministro das Relações Exteriores dizia que desde a Antiguidade o mundo não via cavalheiros tão probos, tão incompreendidos e tão terrivelmente desacreditados por seus inimigos. Eram todos sensatos como Salomão, nobres como César e corajosos como Marco Antônio; e ninguém se assemelhava tanto a Sócrates no tocante à honestidade como o ministro do Tesouro. No entanto, apesar de tantas virtudes e habilidades, nenhum plano dos ministros de derrotar os franceses parecia dar resultado, e as pessoas passaram a contestar também a engenhosidade desses planos. Os senhores rurais liam nos jornais os discursos de um e outro ministro e resmungavam consigo mesmo que se tratava, inegavelmente,

de um sujeito hábil. Mas os senhores rurais não se contentavam com tal noção. Tinham uma forte desconfiança de que, de certa forma, aquela não era uma habilidade britânica. Esse tipo de brilhantismo imprevisível e inquieto era próprio do arquiinimigo da Grã-Bretanha, o imperador Napoleão Bonaparte, e os senhores rurais não aprovavam isso.

Sir Walter Pole estava com quarenta e dois anos e, sinto dizer, era tão engenhoso como qualquer um no ministério. Tinha se indisposto com a maioria dos grandes políticos da época numa ou noutra ocasião, e uma vez, quando estavam ambos embriagados, Richard Brinsley Sheridan lhe golpeou a cabeça com uma garrafa de vinho Madeira. Posteriormente, Sheridan afirmou ao Duque de York: "Pole aceitou minhas desculpas de um modo cavalheiresco e magnânimo. Felizmente é um homem tão despretensioso que uma cicatriz a mais ou a menos não faz grande diferença".

Em minha opinião ele não era tão despretensioso assim. Verdade que tinha traços muitíssimo desfavoráveis: um rosto enorme do comprimento de um rosto e meio com um nariz enorme (a ponta bastante aguda) espetado nele, dois olhos pretos como pedaços abrasados de carvão e duas pequeninas sobrancelhas eriçadas qual peixinhos nadando corajosos num grande mar de rosto. Essas partes feias, entretanto, compunham um todo agradável. Quem visse esse rosto em repouso (orgulhoso e nem um pouco melancólico) imaginaria que ele sempre tivera esse aspecto, e que não havia rosto no mundo pior para expressar sentimentos. Mas não poderia estar mais equivocado.

Nada mais característico em Sir Walter Pole do que a surpresa. Seus olhos se dilatavam, as sobrancelhas se erguiam um centímetro acima do rosto e ele se inclinava de repente para trás, parecendo, no mínimo, uma figura das gravuras de Mr. Rowlandson ou de Mr. Gillray. Na vida pública, surpresa servia muito bem a Sir Walter. "Mas por certo", bradava ele, "o senhor não está querendo dizer [...]!" E, sempre supondo que o cavalheiro bastante insensato para sugerir [...] na presença de Sir Walter não fosse amigo dele ou de outro, ou que tivesse um tipo de malícia que adorava ver perspicácia grosseira confundida com perspicácia afiada, o entretenimento era garantido. Nos dias em que estava em pleno gozo de sua malícia prazenteira, Sir Walter era melhor do que uma peça de teatro no Drury Lane.

Cavalheiros tediosos das duas Câmaras ficavam perplexos e o evitavam quando podiam. (O velho Lorde Fulano acena a bengala para Sir Walter enquanto caminha a passos rápidos pela estreita passagem de pedra que liga a Câmara dos Comuns ao Quartel da Cavalaria, gritando para trás por cima do ombro: "Não falo mais com o senhor, Sir Walter! Deturpa as minhas palavras! Atribui-me significados que nunca pretendi!").

Uma vez, durante um discurso para uma multidão na City, Sir Walter comparou memoravelmente a Inglaterra e seus políticos a uma jovem órfã deixada aos cuidados de um bando de velhos avarentos e devassos. Esses canalhas, longe de oferecerem proteção à jovem contra o mundo cruel, roubaram-lhe a herança e lhe saquearam a casa. E, mesmo que o público de Sir Walter tropeçasse em algumas palavras de seu vocabulário (produto de uma excelente formação clássica), isso não importava. Todos foram capazes de imaginar a pobre jovem sentada na cama, de anáguas, enquanto os principais políticos whig da época revistavam os armários e vendiam todas as suas peças de roupa ao trapeiro. E todos os jovens cavalheiros se chocaram agradavelmente com essa imagem.

Sir Walter tinha uma alma generosa e quase sempre um coração bondoso. Disse a alguém uma vez que esperava que todos os seus inimigos tivessem motivo para temê-lo e todos os amigos motivo para amá-lo - e creio que em geral o amavam. Seu jeito alegre, sua gentileza e inteligência, o alto cargo que ocupava no mundo - tudo era até bem mais meritório na medida em que ele os mantinha mesmo diante de problemas que decerto teriam derrubado um homem inferior. Sir Walter estava necessitado de dinheiro. Não que simplesmente lhe faltasse dinheiro. Pobreza é uma coisa, as dívidas de Sir Walter, outra bem diferente. Situação miserável! E ainda mais penosa porque a culpa não era dele: ele próprio nunca fora extravagante, nem tolo, mas era filho e neto de homens imprudentes. Sir Walter nascera endividado. Tivesse sido um homem diferente, então tudo estaria bem. Tivesse tido inclinação para a Marinha de Guerra, talvez houvesse feito fortuna com a venda de presas marítimas. Tivesse amado a agricultura, teria cultivado terras e ganhado dinheiro com trigo. Tivesse sido até mesmo ministro cinqüenta anos antes, teria emprestado dinheiro do Ministério da Fazenda a juros de vinte por cento e embolsado o lucro. Mas o que pode fazer um político moderno? É provável que mais gaste dinheiro do que ganhe.

Anos atrás, alguns amigos seus no governo lhe conseguiram o cargo de ministro efetivo no Ministério da Súplica, pelo qual recebeu um chapéu especial, uma pequena peça de marfim e setecentas libras esterlinas anuais. Não havia tarefas associadas à função, pois ninguém se lembrava do que o Ministério da Súplica deveria fazer ou para que servia a pequena peça de marfim. Depois os amigos de Sir Walter deixaram o governo, novos ministros entraram, declarando que aboliriam sinecuras, e entre os vários cargos e funções que podaram na árvore do governo estava o Ministério da Súplica.

Na primavera de 1807, a carreira política de Sir Walter parecia estar chegando ao fim (a última eleição lhe custara quase duas mil libras esterlinas). Seus amigos ficaram desesperados. Um deles, Lady Winsell, foi para Bath, onde, num concerto de música italiana, conheceu as Wintertowne, uma viúva e sua filha. Uma semana depois, Lady Winsell escreveu para Sir Walter: "É exatamente a pessoa que sempre desejei para o senhor. A mãe é favorável a um grande casamento e não colocará obstáculos; se colocar, ao menos confio no seu encanto para afastá-los. Quanto ao dinheiro, ah, meu caro amigo, digo-lhe que, quando mencionaram a soma que a ela caberá, lágrimas brotaram dos meus olhos! Que diria de mil libras anuais? Nada direi da jovem pessoa - quando a vir, o senhor a elogiará com mais habilidade do que eu poderia fazê-lo".

Por volta das três horas do mesmo dia em que Mr. Drawlight compareceu ao recital da dama italiana, Lucas, o laçao de Mr. Norrell, bateu à porta de uma casa na Praça Brunswick à qual Mr. Norrell fora convidado para conhecer Sir Walter. Fizeram Mr. Norrell entrar e o levaram a uma excelente sala no primeiro andar.

Nas paredes estavam pendurados alguns quadros monumentais com molduras douradas de grande complexidade, todos retratando a cidade de Veneza, mas o dia estava nublado, uma fria chuva tempestuosa se armara e Veneza - a cidade construída em partes iguais de mármore ensolarado e de mar ensolarado imergia numa tristeza londrina. Os azuis água-marinha, os brancos das nuvens e as cintilações de ouro tinham adquirido os cinzas e os verdes das coisas submersas. De quando em quando o vento lançava um pouco de chuva fina contra a janela (um som melancólico) e na luz cinzenta as superfícies bem polidas das chiffoniers de tulipeiro

e das escrivatinhas de nogueira se transformavam em espelhos negros de reflexos obscuros. Não obstante toda a suntuosidade, o cômodo era curiosamente desconfortável; não havia velas que iluminassem a obscuridade e nenhum fogo de lareira para afastar a friagem. Era como se a casa estivesse sob a administração de alguém com excelente visão e que jamais sentia frio.

Sir Walter Pole se levantou para receber Mr. Norrell e pediu licença para ter a honra de apresentar Mrs. Wintertowne e sua filha, Miss Wintertowne. Embora Sir Walter mencionasse duas pessoas, Mr. Norrell notou apenas uma, uma dama de anos maduros, de grande dignidade e aspecto autoritário. Isso intrigou Mr. Norrell. Pensou que Sir Walter estivesse equivocado, porém seria grosseiro contradizê-lo logo no início do encontro. Algo confuso, Mister Norrell se curvou numa reverência à dama autoritária.

- Fico muito satisfeito de conhecê-lo, senhor - disse Sir Walter. - Ouvi muito a seu respeito. Parece-me que Londres não fala ele outra coisa a não ser do extraordinário Mister Norrell. - Virando-se para a dama autoritária, Sir Walter disse: - Mister Norrell é um mago, minha senhora, pessoa de grande reputação no condado de York, onde nasceu.

A dama autoritária olhou fixamente para Mr. Norrell.

- O senhor não é de modo algum como eu esperava, Mister Norrell observou Sir Walter. - Falaram-me que era um prático da magia... Espero que não se ofenda, senhor, é o que me contaram, e admito que é um alívio comprovar que o senhor não é esse tipo de pessoa. Londres está infestada de um sem-número de falsos magos que arrancam dinheiro das pessoas com a promessa de fazer todo tipo de coisas improváveis. Creio que já tenha visto Vinculus, que tem uma barraca em frente à São Christopher Le Stocks. É o pior deles. O senhor, creio, é um teórico da magia. - Sir Walter deu um sorriso encorajador. - Mas me disseram que o senhor tem um pedido a me fazer.

Mr. Norrell desculpou-se com Sir Walter, mas declarou-se de fato um prático da magia. Sir Walter pareceu surpreso. Mr. Norrell esperava sinceramente que essa admissão não o fizesse perder a opinião favorável de Sir Walter.

- Não, não. De forma alguma - murmurou cortesmente Sir Walter.

- O equívoco que lhe norteia o raciocínio - disse Mr. Norrell-, e me refiro, evidentemente, à convicção de que todos os práticos da magia sejam impostores, tem como causa a revoltante ociosidade dos magos ingleses nos últimos duzentos anos. Realizei um pequeno ato de magia diante do qual os moradores de York muito gentilmente se declararam maravilhados, e, contudo lhe digo, Sir Walter, que qualquer mago de talento modesto poderia realizar o mesmo. Essa letargia generalizada privou nossa grande nação de sua melhor proteção e nos deixou indefesos. Essa deficiência é que espero remediar. Outros magos podem ser capazes de negligenciar o dever que têm, mas não eu. Cá estou, Sir Walter, para lhe oferecer minha ajuda nas nossas dificuldades atuais.

- Nossas dificuldades atuais? - retrucou Sir Walter. - O senhor se refere à guerra? - Arregalou bastante os olhinhos pretos. - Meu caro Mister Norrell! O que a guerra tem a ver com a magia? Ou a magia com a guerra? Tomei conhecimento do que o senhor fez em York, suponho que as donas de casa tenham ficado agradecidas, mas não vejo como aplicar tal magia à guerra! É verdade que os soldados ficam bastante sujos, mas, o senhor entende - começou a rir -, eles têm outras coisas em que pensar.

Pobre Mr. Norrell! Não sabia da história de Drawlight, de que os seres mágicos haviam lavado as roupas das pessoas, e a recebeu com grande abalo. Assegurou a Sir Walter que jamais em toda a vida lavara roupas brancas, nem por meio de magia nem por qualquer outro meio, e contou a Sir Walter o que fizera de fato. Mas, curiosamente, embora Mr. Norrell fosse capaz de realizar prodígios surpreendentes, só foi capaz de descrevê-los da sua habitual maneira seca, e por isso Sir Walter ficou com a impressão de que o espetáculo das quinhentas esculturas de pedra na catedral de York falando ao mesmo tempo fora um evento bastante monótono e que ele tivera a sorte de não presenciar.

Mesmo?! - exclamou. - Bem, isso é muito interessante. Mas ainda não entendo como...

Nesse exato momento alguém tossiu, e ao ouvir a tosse Sir Walter parou de falar, como se para escutar.

Mr. Norrell olhou em volta. No canto mais remoto e obscuro do cômodo, uma jovem de vestido branco estava deitada num sofá, envolta num xale branco ajustado ao corpo. Estava imóvel. Com uma mão pressionava um lenço contra a boca. A postura, a imobilidade, tudo nela transmitia a mais forte impressão de dor e má saúde.

Tanta certeza tivera de que o canto estava vazio, que Mr. Norrell se sobressaltou com a súbita aparição da jovem, como se ela ali tivesse chegado por meio da magia de alguém. Enquanto a observava, ela foi acometida por um acesso de tosse que perdurou por alguns instantes, e durante esse tempo Sir Walter pareceu bastante inquieto. Não olhou para a jovem (embora olhasse para todos os lados do cômodo). Retirou uma peça de ornamento dourado de uma mesinha ao lado dele, virou-a, examinou-lhe a base, voltou a colocá-la no lugar. Por fim, tossiu, limpando brevemente a garganta, como a sugerir que todo mundo tosse, que tossir é a coisa mais natural do mundo, que tossir jamais, em circunstância alguma, seria motivo para alarme. Por fim, o acesso de tosse passou e a jovem ficou quieta e imóvel, embora não respirasse com facilidade.

O olhar de Mr. Norrell se deslocou da jovem para o enorme e triste quadro pendurado acima dela, procurando se lembrar do que estivera prestes a falar.

- É um casamento - disse a dama autoritária.

- Como disse minha senhora? - retrucou Mr. Norrell.

Mas a dama apontou com a cabeça na direção do quadro e deu um sorriso solene para Mr. Norrell.

O quadro pendurado acima da jovem mostrava, como todos no aposento, Veneza. A maioria das cidades inglesas haviam sido erguidas sobre colinas: ruas que subiam e desciam. E ocorreu a Mr. Norrell que Veneza, tendo sido erguida sobre o mar, deveria ser a mais plana, e também a mais estranha, cidade do mundo. Era a planura que fazia a pintura parecer tanto um ensaio de perspectiva; estátuas, colunas, cúpulas, palácios e catedrais se estendiam na distância e se encontravam com um céu imenso e melancólico, enquanto o mar que lambia as paredes das

construções estava repleto de barcas com entalhes floreados e dourados, e das estranhas embarcações venezianas negras que tanto lembravam as chinelas das damas enlutadas.

- Retrata o casamento simbólico de Veneza com o Adriático - disse a dama (que agora devemos supor fosse Mrs. Wintertowne). - Uma curiosa cerimônia italiana. Os quadros que o senhor vê nesta sala foram adquiridos pelo falecido Mister Wintertowne durante as viagens que fez pelo continente europeu. Quando nos casamos, esses quadros foram meu presente de casamento. Na época, o pintor, italiano, era desconhecido na Inglaterra. Mais tarde, incentivado pelo apoio que recebeu de Mister Wintertowne, veio para Londres.

O modo de falar era tão imponente como a pessoa. Depois de cada frase, ela fazia uma pausa, dando a Mr. Norrell tempo de se impressionar com as informações transmitidas.

- E quando a minha querida Emma se casar - continuou - esses quadros serão meu presente de casamento para ela e Sir Walter.

Mr. Norrell perguntou se Miss Wintertowne e Sir Walter se casariam em breve.

- Daqui a dez dias! - respondeu Mrs. Wintertowne com júbilo.

Mr. Norrell os felicitou.

- O senhor é mago? - indagou Mrs. Wintertowne. - Lamento saber. É uma profissão pela qual tenho um especial desagrado. - Olhou intensamente para ele, como se a desaprovação em si mesma bastasse para fazê-lo renunciar de imediato à magia e abraçar outra profissão.

Como ele não renunciou, ela se dirigiu ao futuro genro.

- Minha madrasta, Sir Walter, costumava pôr grande fé num mago. Depois que meu pai morreu, o mago estava sempre em nossa casa. Quem quer que entrasse num cômodo com a certeza de encontrá-lo vazio acabava por vê-lo num canto, meio escondido por uma cortina. Ou dormindo num sofá com botas imundas. Era filho de um curtidor de couro, e suas origens humildes se expunham claramente em tudo o

que fazia. Tinha uma cabeleira comprida, suja, e um rosto de cão, mas sentava-se à nossa mesa como um cavalheiro. Minha madrasta se submetia à vontade dele em tudo, e por sete anos ele governou nossa vida.

- E a sua própria opinião era ignorada, minha senhora? - perguntou Sir Walter. - Isso me surpreende!

Mrs. Wintertowne riu.

- Sir Walter, quando isso começou eu era apenas uma menina de oito ou nove anos. Ele se chamava Dreamditch e vivia nos dizendo que era muito feliz por ser nosso amigo, embora meu irmão e eu vivêssemos afirmando que não o considerávamos nosso amigo. Mas ele sorria o tempo todo para nós, como um cão que aprendeu a sorrir e não sabe mais como parar. Não me entenda mal, Sir Walter. Minha madrasta era uma mulher excelente em vários aspectos. Meu pai a estimava tanto que lhe deixou seiscentas libras anuais, para ela e para o cuidado dos três filhos. A única fraqueza dela era duvidar tolamente das próprias capacidades. Meu pai acreditava que, na compreensão e no conhecimento do certo e do errado e de muitas outras coisas, as mulheres são iguais aos homens, e concordo com ele. Minha madrasta não deveria ter fugido à responsabilidade. Quando Mister Wintertowne morreu, eu não fugi.



- Decerto que não, minha senhora - murmurou Sir Walter.

- Em vez disso - continuou Mrs. Wintertowne -, ela depositou toda a fé no mago, Dreamditch. Como ele não sabia um truque de magia sequer, viu-se obrigado a inventar algum. Criou regras para o meu irmão, para a minha irmã e para mim, as quais, garantiu à minha madrasta, nos manteria seguros. Passamos a usar fitas roxas bem amarradas em volta do peito. Em nossos aposentos, seis lugares foram reservados à mesa, um para cada um de nós e um para cada um dos espíritos que, de acordo com Dreamditch, cuidava de nós. Ele nos disse qual era o nome deles. O que acha que eram Sir Walter?

- Minha senhora, não faço idéia.

- Mrs. Wintertowne riu.

- Meadowlace, Robin Summerfly e Buttercup. Meu irmão, Sir Walter, que tinha uma independência mental semelhante à minha, costumava dizer na presença de

minha madrasta: "Dane-se Meadowlace! Dane-se Robin Summerfly! Dane-se Buttercup!", e ela, pobre mulher, implorava-lhe penosamente que parasse. Aqueles espíritos mágicos não nos fizeram bem algum. Minha irmã adoeceu. Muitas vezes ia ao quarto dela e lá encontrava Dreamditch acariciando-lhe as faces pálidas, a mão agitada com as unhas dos dedos compridas, sujas e amarelas. Quase chorava, o tolo. Ele a teria salvado, se pudesse. Fez encantamentos, mas minha irmã morreu. Uma linda criança, Sir Walter. Durante anos odiei o mago da minha madrasta. Durante anos achei que era um homem maligno, mas no fim, Sir Walter, percebi que não passava de um triste e lamentável tolo.

Sir Walter se remexeu na cadeira.

- Miss Wintertowne! - exclamou. - A senhorita falou, mas não ouvi o que disse.

- Emma! O que é? - perguntou Mrs. Wintertowne.

Do sofá soou um leve suspiro. Em seguida, uma voz serena e clara:

- Eu disse que a senhora está equivocada, mãe.

- Estou, minha querida? - Mrs. Wintertowne, que tinha personalidade forte e transmitia opiniões às pessoas como se fosse Moisés distribuindo mandamentos, não se mostrou nem um pouco ofendida com o fato de a filha contrariá-la. Na verdade, pareceu até satisfeita com isso.

- Claro – disse Miss Wintertowne. Precisamos de magos. Quem mais pode interpretar para nós a história do Norte com o Rei Negro? Os historiadores comuns não podem. - Um silêncio baixou por um instante. - Gosto de história - acrescentou.

- Não sabia - disse Sir Walter.

- Ah, Sir Walter! - exclamou Mrs. Wintertowne. - A minha querida Emma não desperdiça energia lendo romances, como outras jovens. Suas leituras são abrangentes. Está familiarizada com biografia e poesia mais do que qualquer outra moça que conheço.

- Mas espero - disse Sir Walter animadamente, inclinando-se sobre o recosto da cadeira para falar com a noiva - que também goste de romances, porque, sabe, poderíamos ler um para o outro. O que acha de Mrs. Radcliffe? De Madame d'Arblay?

Mas Sir Walter não descobriu a opinião de Miss Wintertowne sobre essas damas ilustres, porque foi tomada por um segundo acesso de tosse que a obrigou a lutar, com grande esforço, para ficar na posição sentada. Ele esperou alguns momentos por uma resposta, mas, quando o acesso passou, ela tornou a se deitar no sofá com uma expressão de dor e exaustão, e fechou os olhos.

Espantou a Mr. Norrell que ninguém pensasse em socorrê-la. Parecia haver na sala uma espécie de conspiração para negar que a pobre jovem estivesse doente. Ninguém se ofereceu para lhe buscar alguma coisa. Ninguém sugeriu que fosse se deitar, o que Mr. Norrell, ele mesmo quase sempre doente, supôs ser o melhor para ela.

- Mister Norrell - disse Sir Walter -, não posso afirmar ter entendido que espécie de ajuda o senhor nos oferece...

- Ah, quanto aos pormenores - replicou Mr. Norrell -, conheço tanto a guerra quanto generais e almirantes conhecem a magia, contudo...

- ... Mas seja o que for - continuou Sir Walter - lamento dizer que não será possível. Meu senhor, a magia não é respeitável. Não é - Sir Walter procurou a palavra - séria. O governo não pode se meter com essas coisas. Mesmo esta conversinha inocente que eu e o senhor estamos tendo hoje talvez nos crie certo embaraço, quando as pessoas souberem dela. Honestamente, Mister Norrell, se tivesse entendido melhor o que pretendia me propor hoje, eu não teria concordado em me reunir com o senhor.

O modo como Sir Walter disse tudo isso esteve longe de ser indelicado, mas, ah, pobre Mr. Norrell! Ouvir que a magia não era séria foi um rude golpe. Ver-se classificado como mais um Dreamditch e Vinculus deste mundo o aniquilou. Em vão retrucou que pensara exaustiva e laboriosamente em como tornar a magia respeitada mais uma vez; em vão propôs mostrar a Sir Walter uma longa lista de

recomendações relativas à magia na Inglaterra. Sir Walter não desejava vê-las. Abanou a cabeça e sorriu, apenas dizendo:

- Mister Norrell, creio que nada posso fazer pelo senhor.

Naquela noite, quando Drawlight chegou à Praça Hanover, foi obrigado a ouvir Mr. Norrell lamentar a perda de todas as esperanças de sucesso com Sir Walter Pole.

- Bem, meu senhor, o que foi que eu lhe disse? - exclamou Drawlight.

- Mas, ah, pobre Mister Norrell! Como foram indelicados com o senhor! Sinto muitíssimo. Mas não estou nem um pouco surpreso. Sempre ouvi dizer que as Wintertowne têm um orgulho ostensivo.

Lamento dizer, porém, que havia certa duplicidade na índole de Mr. Drawlight como também é preciso dizer que ele não sentiu tanto como afirmou. Aquela demonstração de independência o irritara, por isso estava decidido a punir Mr. Norrell. Durante a semana seguinte, Mr. Norrell e Mr. Drawlight compareceram apenas a jantares discretos, e, sem muito organizar as coisas - de sorte que Mr. Norrell se via como convidado do sapateiro de Mr. Drawlight ou da velha senhora que tirava o pó dos monumentos da Abadia de Westminster -, Mr. Drawlight tinha o cuidado de escolher anfitriões da menor importância, influência ou posição social possível. Dessa forma Drawlight esperava deixar em Mr. Norrell a impressão de que não só os Pole e as Wintertowne o menosprezam, mas o mundo inteiro, para que assim Mr. Norrell viesse a compreender quem era seu verdadeiro amigo, tornando-se assim talvez um pouco mais cooperativo quanto à realização dos pequenos truques de magia que Drawlight vinha prometendo havia meses.

Eram essas as esperanças e as maquinações que animavam o coração do mais querido amigo de Mr. Norrell. Porém, infelizmente para Mr. Drawlight, tão deprimido Mr. Norrell ficara com a rejeição de Sir Walter que mal notou a mudança de estilo das recepções, e Drawlight acabou por punir apenas a si mesmo.

Agora que Sir Walter estava bem longe do alcance de Mr. Norrell, este foi ficando mais e mais convencido de que Sir Walter era exatamente o benfeitor que ele

almejava. Homem alegre, ativo, de modos agradáveis e serenos, Sir Walter Pole era tudo o que Mr. Norrell não era. Portanto, raciocinou Mr. Norrell, Sir Walter Pole poderia realizar tudo o que ele não podia. Os homens influentes da época escutariam Sir Walter.

- Se ele ao menos tivesse me escutado - suspirou Mr. Norrell uma noite enquanto ele e Drawlight jantavam sozinhos. - Mas não encontrei as palavras para convencê-lo. Vejo agora, claro, que deveria ter pedido ao senhor ou a Mister Lascelles que fossem comigo. Homens vividos preferem conversar com homens vividos. Agora sei disso. Talvez devesse ter feito alguma magia para ele, transformado xícaras de chá em coelhos ou colheres de chá em peixinhos dourados. Ao menos teria acreditado em mim. Mas não creio que a velha dama teria ficado satisfeita com isso. Não sei. O que o senhor pensa?

Mas Drawlight, que começara a acreditar que se alguém alguma vez já morreu de tédio então ele estava prestes a expirar dali a quinze minutos, percebeu que perdera a vontade de falar, e o melhor que conseguiu arranjar foi um sorriso amarelo.

7. Uma oportunidade pouco provável de se repetir

Outubro de 1807

- Bem, meu senhor! É chegada a hora de sua vingança! - exclamou Mr. Drawlight, entrando de repente na biblioteca da casa na Praça Hanover.

- Vingança? - perguntou Mr. Norrell. - Como assim?

- Ah! - exclamou Mr. Drawlight. - A noiva de Sir Walter, Miss Wintertowne, está morta. Morreu esta tarde. Eles se casariam daqui a dois dias, mas a pobrezinha está bem morta. Mil libras esterlinas anuais! Imagine o desespero dele! Se ela ao menos tivesse conseguido se manter viva até o fim da semana, que diferença teria feito! Ele necessita desesperadamente do dinheiro... Está devastado. Eu não ficaria nem um pouco surpreso se amanhã soubéssemos que cortou a garganta...

Mr. Drawlight recostou-se por um momento em uma cadeira confortável e de boa qualidade ao lado da lareira e, baixando os olhos, descobriu um amigo.

- Lascelles, ora essa! Aí está você atrás do jornal! Como vai?

Enquanto isso, Mr. Norrell fitava Mr. Drawlight.

- Disse que a jovem está morta?! - exclamou espantado. - A jovem que vi naquele aposento? É difícil acreditar. Foi muito repentino.

- Oh, ao contrário - replicou Drawlight. - Nada era mais provável.

- Mas e o casamento? - exclamou Mr. Norrell. - Todos os preparativos! Talvez não soubessem o quanto ela estava doente.

- Pois lhe garanto - retrucou Drawlight - que sabiam. Todo mundo sabia. Um sujeito chamado Drummond a viu no Natal num baile privado em Leamington Spa e apostou cinquenta libras com Lord Carlisle de que ela morreria dali a um mês.

Mr. Lascelles resmungou irritado e baixou o jornal.

- Não, não - disse -, não era Miss Wintertowne. - O senhor está falando de Miss Hookham-Nix, cujo irmão ameaçou matá-la com um tiro se envergonhasse a família, o que todo mundo imagina que ela fará cedo ou tarde. Mas aconteceu em Worthing, e não foi Lord Carlisle quem aceitou a aposta, e sim o Duque de Exmoor.

Drawlight refletiu por um momento.

- Creio que tem razão - disse por fim. - Mas não importa, porque todo mundo sabia que Miss Wintertowne estava doente. A não ser, claro, a velha dama. Ela julgava a filha uma perfeição, e o que a Perfeição tem a dizer à doença? A Perfeição deve tão-só ser admirada; a Perfeição deve apenas realizar um grande casamento. Mas a velha dama jamais admitiu que a Perfeição pudesse estar doente, jamais suportou qualquer menção ao assunto. Apesar das tosses de Miss Wintertowne, de seus desmaios e de passar o tempo todo deitada no sofá, nunca soube que algum médico a tivesse examinado.

- Sir Walter teria cuidado bem mais dela - observou Lascelles, sacudindo o jornal antes de retomar a leitura. - Falem dele o que bem entenderem como político, mas é um homem sensato. Pena que ela não tenha sobrevivido até quinta-feira.

- Mas, Mister Norrell - disse Drawlight, virando-se para o amigo -, o senhor parece pálido, doentio! Está abalado, creio, com o espetáculo da interrupção de uma vida jovem e inocente. Seus bons sentimentos, como sempre, só o honram ainda mais, e estou de pleno acordo com o senhor... A idéia de que a existência de uma pobre jovem seja esmagada como uma flor adorável sob uma bota... Bem, meu senhor, corta-me o coração como faca... Não suporto pensar nisso. Mas, de outro lado, senhor, ela estava muito doente e morreria a qualquer momento, e, de acordo com seu próprio relato, ela não se mostrou muito gentil com o senhor. Sei que não está na moda dizer isto, mas sou o mais implacável defensor de que jovens dediquem uma atenção respeitável a pessoas idosas e dotas como o senhor. Detesto insolência, descaramento e coisas desse tipo.

Mas aparentemente Mr. Norrell não ouvia o consolo que o amigo fazia a gentileza de lhe oferecer e, quando enfim falou, as palavras pareciam se dirigir

sobretudo a si mesmo, porque suspirou fundo e murmurou:

- Nunca pensei encontrar tão pouco respeito pela magia aqui. - Fez uma pausa e em seguida disse, com voz ligeira e baixa: - É muito perigoso trazer alguém de volta de entre os mortos. Não se faz isso há trezentos anos. Não devo tentar!

Aquilo era extraordinário, e Mr. Drawlight e Mr. Lascelles concentraram o olhar no amigo com certa surpresa.

- Sem dúvida, senhor - comentou Mr. Drawlight. - E ninguém propõe que deva.

- Claro que sei como fazê-lo - continuou Mr. Norrell, como se Drawlight não tivesse falado. - Mas é justamente o tipo de magia a que tenho me oposto! Depende muito de... Depende muito de... Quero dizer, o resultado é totalmente imprevisível. Muito além da capacidade de um mago resolver. Não! Não vou tentar. Não vou nem pensar nisso.

Houve um breve silêncio. Mas, apesar da decisão do mago de não pensar mais na perigosa magia, ele continuou a se remexer na cadeira, roendo as unhas dos dedos, arfando e mostrando outros sinais de agitação nervosa.

- Meu caro Mister Norrell - disse Drawlight devagar. - Creio que começo a perceber seu propósito. E admito que acho a idéia excelente! O senhor pretende realizar um grandioso ato de magia, um testemunho de seus poderes extraordinários! Pois bem, meu senhor! Se obtiver êxito, todos os Wintertowne e Pole da Inglaterra baterão à sua porta, rogando a amizade do maravilhoso Mister Norrell!

- E se fracassar - comentou Mr. Lascelles, secamente -, todos na Inglaterra fecharão as portas para o famigerado Mister Norrell.

- Mas que tolice, caro Lascelles! - disse Drawlight. - Palavra de honra, não existe nada no mundo tão fácil de explicar como o fracasso... É, afinal de contas, o que todo mundo alcança o tempo inteiro.

Mr. Lascelles refutou que de forma alguma se poderia tirar tal conclusão, e começavam a argumentar a respeito quando uma angustiada exclamação irrompeu dos lábios do amigo Mr. Norrell.

- Oh, meu Deus! O que devo fazer? O que devo fazer? Trabalhei todos esses meses para tornar minha profissão aceitável aos olhos da humanidade e ainda sou desdenhado! Mister Lascelles, o senhor que conhece o mundo, diga-me...

- Meu senhor, desculpe-me - interrompeu Mr. Lascelles às pressas. Tenho como norma nunca dar conselhos a quem quer que seja. – E voltou à leitura do jornal.

- Caro Mister Norrell - disse Drawlight (sem esperar que ele lhe pedisse a opinião) -, é pouco provável que tal oportunidade se repita. – Um argumento bastante forte, que fez Mr. Norrell suspirar fundo. – E, devo dizer, não creio que me perdoaria se lhe permitisse ignorá-la. Com um único passe de mágica o senhor devolvesse essa jovem encantadora de cuja morte ninguém pode tomar conhecimento sem derramar uma lágrima; restitui uma fortuna a um cavalheiro ilustre; e reinstaura a força da magia no reino para as gerações futuras!

Logo que tiver comprovado a virtude de suas habilidades, a utilidade delas e tudo o mais, quem poderá negar aos magos o direito à veneração e à glória? Eles serão tão respeitados como almirantes, alguns até mais do que os generais e, provavelmente, como arcebispos e presidentes da Câmara dos Pares! Eu não ficaria de modo algum surpreso se Sua Majestade criasse de imediato um corpo de escalões com magos efetivos, magos canônicos, magos não remunerados e todo esse tipo de coisa. E o senhor, Mister Norrell, no alto como um arquimago! E tudo isso num só passe de mágica, meu senhor! Num só passe!

Drawlight estava satisfeito com seu discurso; Lascelles, agitando o jornal com irritação, sem dúvida tinha muitas coisas a dizer para contestar Drawlight, mas já não podia dizê-las por ter afirmado que nunca dava conselhos.

- Praticamente não existe magia mais perigosa! - disse Mr. Norrell, com uma espécie de horripilante sussurro. - É perigosa para o mago e perigosa para a paciente.

- Bem - retrucou Drawlight com sensatez -, creio não haver melhor juiz que o senhor próprio no que diz respeito aos perigos que um mago corre, mas a paciente, como a chama, está morta. O que de pior pode lhe suceder?

Drawlight aguardou por um momento uma resposta a essa interessante pergunta, mas Mr. Norrell não respondeu.

- Vou chamar a carruagem agora - anunciou Drawlight, e assim o fez. - Vou imediatamente à Praça Brunswick. Não tenha receio, Mister Norrell, minha esperança é de que todas as nossas propostas receberão pronto assentimento de ambos os lados. Estarei de volta daqui a uma hora!

Depois que Drawlight saiu às pressas, Mr. Norrell permaneceu sentado durante quinze minutos apenas fitando o vazio diante de si. Lascelles, embora não acreditasse na magia que Mr. Norrell afirmou que seria feita (nem, portanto, no perigo que Mr. Norrell afirmou que teria de enfrentar), sentiu-se feliz de não poder ver o que Mr. Norrell parecia ver.

Em seguida Mr. Norrell se levantou, pegou apressado cinco ou seis livros e os abriu, provavelmente à procura dos trechos repletos de recomendações para magos que desejassem despertar moças mortas. Isso o manteve ocupado por mais quarenta e cinco minutos, quando então se ouviu um breve alvoroço do lado de fora da biblioteca e a voz de Mr. Drawlight o antecedeu dentro da sala.

- ... O maior favor do mundo! Obrigadíssimo ao senhor... - Mr. Drawlight passou embalado pela porta da biblioteca, um imenso sorriso no rosto. Tudo arranjado, meu senhor! Sir Walter hesitou um pouco no início, mas está tudo arranjado! Pediu-me que lhe transmitisse sua gratidão por sua gentil atenção, mas não pensava que faria algum bem. Eu disse que, se ele pensava que a coisa fosse transpirar e virar objeto de comentários, então não havia por que temer, pois não queríamos colocá-lo em situação embaraçosa, o único desejo de Mister Norrell era servi-lo, e Lascelles e eu éramos a discricção em pessoa... Mas ele disse que não se importava com isso, pois as pessoas sempre rirão de um ministro. Preferia mesmo era ter Miss Wintertowne adormecida, o que a seu ver seria mais respeitável do que a presente situação. Caro Sir Walter, disse eu, como pode afirmar isso? Não pode querer dizer que uma rica e bela jovem deixaria de bom grado esta vida nas vésperas do casamento, quando o senhor mesmo seria o felizardo! Oh, Sir Walter! Disse eu, o senhor pode não acreditar na magia de Mister Norrell, mas que mal faz tentar? A velha dama logo viu o sentido disso e acrescentou argumentos aos meus,

contando-me de um mago que ela conheceu na infância, uma pessoa muito talentosa e um amigo dedicado de sua família, que prolongou a vida de sua irmã para além dos muitos anos que se poderia esperar. Eu lhe digo, Mister Norrell, nada pode expressar a gratidão de Mrs. Wintertowne por sua generosidade, e ela me pediu que lhe dissesse que o senhor vá para lá sem demora, e o próprio Sir Walter acabou por afirmar que não via sentido em protelar mais isso. Portanto eu disse a Davey que esperasse à porta e de modo algum saísse de lá. Ah, Mister Norrell, vai ser uma noite de reconciliações! Todos os mal-entendidos, todas as interpretações infelizes feitas a partir de uma ou duas palavras inapropriadas... Tudo, tudo será levado de roldão! Como numa pela de Shakespeare!

O sobretudo pesado de Mr. Norrell foi trazido e ele entrou na carruagem. Pela expressão de surpresa em seu rosto quando as portas da carruagem se abriram e Mr. Drawlight saltou para dentro de um lado e Mr. Lascelles do outro, arrisco a supor que ele não tinha a intenção de que os dois cavalheiros o acompanhassem até a Praça Brunswick.

Lascelles se jogou para dentro da carruagem, rindo com desdém, a dizer que nunca na vida ouvira algo tão ridículo e a comparar a confortável viagem pelas de Londres na carruagem de Mr. Norrell com antigas fábulas francesas e italianas nas quais tolos navegavam em baldes de ordenha a fim de recolher o reflexo da lua no fundo de um tanque de patos, o que poderia muito bem ter ofendido Mr. Norrell, se este tivesse ânimo para lhe prestar atenção.

Quando chegaram à Praça Brunswick encontraram uma pequena multidão na escadaria de entrada. Dois homens correram para segurar a cabeça dos cavalos, e a luz do lampião no alto da escadaria revelou que o grupo de mais de doze pessoas se compunha de criados de Mrs. Wintertowne, todos de prontidão para o mago que traria a jovem de volta para a dama, Sendo a natureza humana o que é, arrisco a dizer que alguns deles estavam apenas curiosos para conhecer um homem desse tipo. Mas muitos mostravam no rosto pálido sinais de pesar, e estes, creio, mantinham-se em silenciosa vigília no frio da rua, à meia-noite, movidos por um sentimento de fato nobre.

Um deles pegou uma vela e seguiu na frente de Mr. Norrell e de seus amigos para lhes mostrar o caminho, pois a casa estava muito escura e fria. Estavam na escada quando ouviram a voz de Mrs. Wintertowne chamar de cima.

- Robert! Robert! É Mister Norrell? Oh, graças a Deus, meu senhor! Ela apareceu diante deles de repente no limiar de uma porta.

- Achei que o senhor não viria!

Em seguida, para grande consternação de Mr. Norrell, ela lhe tomou as mãos e, apertando-as, suplicou-lhe que usasse os mais poderosos encantamentos para devolver Miss Wintertowne à vida. Dinheiro não era problema. Que ele fizesse o preço! Apenas dissesse que lhe devolveria a adorável filha. Tinha de prometer que o faria!

Mr. Norrell pigarreou e talvez estivesse a ponto de começar uma de suas longas e desinteressantes explanações sobre a filosofia da magia moderna, quando Mr. Drawlight se intrometeu entre os dois e resgatou as mãos de Mrs. Wintertowne.

- Agora, cara senhora - disse Drawlight -, peço que se tranqüilize! Como vê, Mister Norrell está aqui e temos de experimentar as forças dele. Ele lhe pede que não volte a mencionar pagamento. O que ele fizer esta noite será em nome da amizade... - Nesse momento, Mr. Drawlight ficou na ponta dos pés e ergueu o rosto para olhar por cima do ombro de Mrs. Wintertowne na direção em que Sir Walter Pole estava na sala. O ministro acabara de se levantar da cadeira e mantinha-se um pouco afastado, observando os recém-chegados. À luz das velas, tinha um aspecto pálido, os olhos encovados, e exibia uma espécie de macilência que antes não existia. Por simples cortesia, deveria se aproximar e falar com eles, mas não o fez.

Era curioso observar que Mr. Norrell hesitava no limiar da porta e demonstrava grande relutância em ser conduzido para dentro antes de falar com Sir Walter.

- Mas preciso falar com Sir Walter! Só trocar umas poucas palavras com ele! Farei tudo o que puder pelo senhor, Sir Walter! - gritou da porta. - Escute, uma vez que não faz muito tempo que a jovem nos deixou, devo dizer que a situação é promissora. Sim, creio que posso afirmar que a situação é promissora. Tenho de ir

agora, Sir Walter, e fazer o meu trabalho. Espero, no devido tempo, ter a honra de lhe trazer boas novas!

Todas as garantias que Mrs. Wintertowne implorara a Mr. Norrell e não obtivera, Mr. Norrell oferecia, ansioso, a Sir Walter, que claramente não as desejava. De seu refúgio na sala de estar, Sir Walter acenou com a cabeça e, em seguida, porque Mr. Norrell se demorava, exclamou com voz rouca:

- Obrigado, meu senhor. Obrigado! - e sua boca se esticou de forma curiosa. Significava, talvez, um sorriso.

- Sir Walter, desejaria de todo coração - respondeu Mr. Norrell - poder convidá-lo a subir para ver o que faço, mas a natureza peculiar desta magia requer solidão. Espero ter a honra de lhe mostrar em outra ocasião.

Sir Walter fez uma leve mesura e se virou para outro lado.

Mrs. Wintertowne conversava com o criado, Robert, e Drawlight aproveitou essa breve distração para levar Mr. Norrell até um canto e lhe sussurrar exaltadamente no ouvido:

- Não, não, meu senhor! Não os mande embora! Aconselho-o a reunir em volta da cama o maior número possível de pessoas que consiga persuadir. Ouça o que digo, é a melhor garantia de que nossas explorações desta noite sejam bem divulgadas pela manhã. E não receie fazer algum alvoroço para impressionar os criados... Por favor, as melhores encantações! Ah, mas como sou tolo! Antes me tivesse lembrado de trazer um pouco de pólvora para jogar no fogo da lareira! Não trouxe um pouco dela, trouxe?

Mr. Norrell não respondeu, mas pediu que fosse levado sem demora até onde estava Miss Wintertowne.

Embora o mago tivesse pedido que fosse levado sozinho ao aposento, seus caros amigos Mr. Drawlight e Mr. Lascelles não foram tão indelicados a ponto de deixá-los enfrentar sozinho esse momento decisivo de sua carreira. Assim, os três foram conduzidos por Robert a um quarto no segundo andar.

8. *Um cavaleiro de cabelos de algodão*

Outubro de 1807

Não havia ninguém lá.

Quer dizer, havia. Miss Wintertowne jazia na cama, mas seria complexo para a filosofia afirmar agora se ela era alguém ou ninguém.

Vestiram-na com um vestido branco e a ornaram com uma corrente em volta do pescoço; pentearam e arranjaram a bela cabeleira, puseram brincos vermelho-pérola em suas orelhas. Mas era extremamente duvidoso imaginar que Miss Wintertowne ainda se importasse com essas coisas. Acenderam velas e prepararam um bom fogo na lareira, espalharam rosas pelo quarto, que o impregnavam de um perfume suave, embora Miss Wintertowne pudesse fazer agora com igual serenidade no sótão mais malcheiroso da cidade.

- Diria que ela era agradável ao olhar? - perguntou Mr. Lascelles.

- Nunca a viu? - retrucou Drawlight. - Oh, era uma criatura celestial. Divina. Um anjo.

- Mesmo? E agora reduzida a uma ruína que aflige o olhar! Vou aconselhar a todas as moças bonitas que conheço que não morram - comentou Mr. Lascelles. Aproximou-se mais. - Fecharam os olhos dela.

- Os olhos eram uma perfeição - disse Mr. Drawlight. - De um cinza-escuro transparente, com longas pestanas e sobrancelhas negras. Pena que nunca a viu... Era o tipo de criatura que o senhor admiraria. - Drawlight se dirigiu a Mr. Norrell. - Bem, o senhor está pronto para começar?

Mr. Norrell estava sentado numa poltrona ao lado da lareira. A postura séria e resoluta que adotara ao chegar à casa havia desaparecido; ao contrário, tinha a cabeça curvada, suspirava pesadamente, o olhar fixo no tapete. Mr. Lascelles e Mr.

Drawlight olhavam para ele com um grau de interesse apropriado ao caráter de cada um, o que significa dizer que Mr. Drawlight era todo inquietação e expectativa, com olhos sagazes que nada queriam perder, e Mr. Lascelles todo ceticismo, indiferente e sorridente. Mr. Drawlight se afastou da cama com passos respeitosos para que Mr. Norrell, depois, pudesse se aproximar dela com mais facilidade; Mr. Lascelles encostou-se a uma parede e cruzou os braços (postura que adotava com freqüência no teatro).

Mr. Norrell soltou outro suspiro.

- Mister Drawlight, eu já disse que esta magia em especial exige solidão absoluta. Devo lhe pedir que espere lá embaixo.

- Ah, meu senhor - objetou Drawlight -, amigos íntimos como Lascelles e eu não são inoportunos! Somos as criaturas mais silenciosas do mundo! Num instante o senhor esquecerá que estamos aqui. E devo dizer que considero nossa presença essencial! Quem divulgará a notícia de sua proeza amanhã de manhã, senão Lascelles e eu? Quem descreverá a inefável grandeza do momento em que sua arte de mago triunfar e a jovem voltar do mundo dos mortos? Ou a insuportável emoção do momento em que o senhor for obrigado a admitir a derrota? Não o fará tão bem de modo algum, meu senhor. Sabe que não.

- Talvez - retrucou Mr. Norrell. - Mas o que o senhor propõe é impossível. Não vou, não posso começar antes de os senhores saírem deste quarto.

Pobre Drawlight! Não poderia forçar o mago a começar a magia contra a própria vontade. Esperara tanto tempo para presenciar uma magia e agora estava sendo excluído! Isso ia um pouco além do que era capaz de suportar. Até Mr. Lascelles um tanto desiludido, porque esperara testemunhar algo bastante ridículo que o fizesse rir.

Quando os dois saíram, Mr. Norrell levantou-se fatigado da poltrona e pegou o livro que trouxera consigo. Abriu-o num lugar que marcara com uma carta dobrada e o pôs em cima de uma mesinha, para estar à mão caso precisasse consultá-lo. Em seguida começou a recitar o encantamento.

Surtiu efeito quase imediato, porque de súbito algo verde surgiu onde antes não havia verde nenhum, e um odor doce e fresco de florestas e campos impregnou o ambiente. Mr. Norrell parou de falar.

Alguém estava parado no meio do quarto: uma pessoa bonita e alta, de pele clara perfeita e densa cabeleira, tão clara e brilhante como tufos de algodão. Os olhos azuis e frios reluziam, as pestanas negras e compridas terminavam no alto num floreio. Trajava-se como um cavalheiro comum, exceto pelo casaco, do verde mais vívido que se poderia imaginar – a cor das folhas no início do verão.

- Oh, Lar! - começou Mr. Norrell com a voz trêmula. - Oh, Lar! Magnum opus est mihi tuo auxilio. Haec virgo mortua este t família eius eam vitam redire vult. - Mr. Norrell apontou para o corpo na cama.



Ao ver Miss Wintertowne, o cavalheiro de cabelos de algodão de repente ficou muito perturbado. Abriu as mãos num gesto de prazer inesperado e começou a falar

em latim com excessiva rapidez. Mr. Norrell, mais acostumado a ver latim anotado ou impresso em livros, deu-se conta de que não era capaz de entender o idioma quando falado tão depressa, embora reconhecesse uma ou outra palavra, como "formosa" e "venusta", que descrevem a beleza feminina.

Mr. Norrell aguardou o arroubo do cavalheiro abrandar e dirigiu-lhe a atenção para o espelho acima do console da lareira, onde surgiu uma imagem de Miss Wintertowne andando por um caminho estreito e pedregoso numa paisagem montanhosa e sombria.

- Ecce mortua inter terram et eaelum! - afirmou Mr. Norrell. - Scito igitur, Oh, Lar, me ad hanc magnam operam te elegisse quia...

- Sim, sim! - exclamou o cavalheiro, falando repentinamente em inglês.

- Preferiu me invocar porque meu gênio para a magia ultrapassa o de todos de minha espécie. Porque fui criado e amigo confidencial de Thomas Godbless, Ralph Stokesey, Martin Pale e do Rei Corvo. Porque sou valoroso, galante, generoso e bonito como o dia é longo! Tudo isso é perfeitamente compreensível! Seria insensato invocar outro! Nós dois sabemos quem eu sou. A pergunta é: quem é o senhor?

- Eu? - retrucou Mr. Norrell sobressaltado. - Eu sou o maior mago desta época!

O cavalheiro ergueu uma sobrancelha perfeita, como se surpreso ao saber. Caminhou em volta de Mr. Norrell lentamente, a observá-lo de todos os ângulos. Em seguida, o mais perturbador de tudo, arrancou a peruca da cabeça de Mr. Norrell e olhou dentro dela, como se Mr. Norrell fosse uma caçarola no fogo e ele desejasse saber o que se cozinhava para o jantar.

- Eu sou... O homem destinado a restaurar a magia na Inglaterra! – balbuciou Mr. Norrell, reavendo a peruca e pondo-a, ligeiramente torta, na cabeça.

- Bem, claro que é! - exclamou o cavalheiro. - Do contrário eu não estaria aqui! Não pensa eu perderia meu tempo com um mago de baixa categoria, pensa? Mas quem é o senhor? É o que quero saber. Que magia fez? Quem foi seu mestre? Que países mágicos visitou? Que inimigos derrotou? Quem são seus aliados?

Mr. Norrell ficou surpreso com tantas perguntas e não estava de modo algum preparado para respondê-las. Tremeu e titubeou antes de enfim se concentrar na única pergunta para a qual tinha uma resposta sensata.

- Não tive mestre. Aprendi sozinho.

- Como assim?

- Nos livros.

- Livros! (Isso num tom de total desprezo).

- Sim, de fato. Há uma porção de magia nos livros hoje em dia. Claro, a maioria é tolice. Ninguém como eu sabe quanta tolice se imprime em livros. Mas existe também uma grande quantidade de informações úteis, e é surpreendente como depois de aprender um pouco começamos a perceber...

Mr. Norrell começava a se animar com o assunto, mas o cavalheiro de cabelos de algodão não tinha paciência para ouvir a conversa de outras pessoas e por isso o interrompeu.

- Sou o primeiro da minha espécie que o senhor viu na vida?

- Ah, sim!

A resposta pareceu agradar o cavalheiro de cabelos de algodão, e ele sorriu. - Pois bem. Se eu concordasse em trazer esta jovem de volta à vida, qual seria minha recompensa?

Mr. Norrell pigarreou.

- Que tipo de coisa...? - perguntou, a voz um pouco rouca.

- Ah, é fácil chegar a um acordo! - exclamou o cavalheiro de cabelos de algodão. - Meus desejos são as coisas mais moderadas do mundo. Por sorte sou inteiramente desprovido de ganância e ambição vergonhosa. Com efeito, perceberá que a minha proposta é bem mais vantajosa para o senhor do que para mim... Tão altruísta é a minha natureza! Desejo apenas poder ajudá-lo em

todos os seus esforços, aconselhá-lo em todos os assuntos e orientá-lo nos estudos. Ah, e que trate de fazer com que o mundo inteiro saiba que suas mais notáveis realizações se devem em grande parte a mim!

Mr. Norrell parecia um tanto indisposto. Tossiu e murmurou algo sobre a generosidade do cavalheiro.

- Se eu fosse o tipo de mago que se dispõe a confiar seus feitos a outra pessoa, sua oferta seria muitíssimo bem-vinda. Mas lamentavelmente... Receio que... Em suma, não penso em empregá-lo, nem a qualquer membro de sua espécie, Jamais.

Um demorado silêncio.

- Bem, isso é sem dúvida uma ingratidão! - afirmou o cavalheiro com frieza - Eu me dei ao trabalho de lhe fazer esta visita. Ouvei com a maior boa vontade sua conversa enfadonha. Tolerei com paciência seu desconhecimento das formas corretas e do protocolo da magia. E agora o senhor desdenha meu oferecimento. Outros magos, devo dizer, suportaram todos os tipos de tormento para obter minha ajuda. Talvez eu tenha sucesso conversando com outro. Quem sabe ele entenda melhor do que o senhor como tratar pessoas de escalão e posição superiores. - O cavalheiro procurou com os olhos em volta do quarto. - Não o vejo. Onde está ele?

- Onde está quem?

- O outro.

- Que outro?

- Mago!

- Ma... - A palavra começou a se formar nos lábios de Mr. Norrell, mas logo morreu. - Não, não! Não existe outro mago! Eu sou o único, garanto-lhe que o único. Por que acha que...?

- É claro que existe outro mago! - afirmou o cavalheiro, como se fosse ridículo negar algo tão evidente. - É o melhor amigo que o senhor tem!

- Não tenho amigos - retrucou Mr. Norrell.

Estava atônito. A quem o duende se referia? Childermass? Lascelles? Drawlight?

- Ele tem cabelo ruivo e nariz comprido. E é bastante presunçoso, como todos os ingleses! - declarou o cavalheiro de cabelos de algodão.

Isso não ajudava. Childermass, Lascelles e Drawlight eram todos presunçosos a seu modo, Childermass e Lascelles tinham nariz comprido, mas nenhum deles era ruivo. Mr. Norrell nada concluiu e por isso retomou, com um pesado suspiro, o assunto em questão.

- Não vai me ajudar? - perguntou. - Não vai trazer esta jovem de volta do mundo dos mortos?

- Não disse que não! - exclamou o cavalheiro de cabelos de algodão num tom que sugeria que se perguntava por que Mr. Norrell deveria pensar isso. – Devo confessar - continuou - que nos últimos séculos fiquei um tanto enfasiado com a companhia de minha família e de meus criados. Minhas irmãs e meus primos têm muitas virtudes a recomendá-los, mas têm lá também suas falhas. São, lamento dizer, um tanto orgulhosos, presunçosos e vaidosos. Esta jovem - apontou para Miss Wintertowne -, tinha ela, devo perguntar, todos os talentos e todas as virtudes costumeiras? Era graciosa? Inteligente? Vivaz? Caprichosa? Dançava como a luz do sol? Corria como o vento? Cantava como um anjo? Tecia como Penélope? Falava francês, italiano, alemão, bretão, gaulês e outros tantos idiomas?

Mr. Norrell respondeu supor que sim. Acreditava que era o tipo de coisas que as moças faziam hoje em dia.

- Então será uma companhia encantadora para mim! - afirmou o cavalheiro de cabelos de algodão, batendo a palma das mãos.

Mr. Norrell lambeu os lábios com nervosismo.

- O que está propondo exatamente?

- Conceda-me metade da vida dessa jovem e o acordo está fechado.

- Metade de sua vida? - repetiu Mr. Norrell.

- Metade - reiterou o cavalheiro de cabelos de algodão.

- Mas, o que diriam os amigos dela se soubessem que me desfiz de metade de sua vida? - perguntou Mr. Norrell.

- Ah, jamais saberão. Quanto a isso, confie em mim - respondeu o cavalheiro. - Além do mais, ela não tem vida agora. Metade de uma vida é melhor do que nenhuma.

Metade de uma vida parecia de fato bem melhor do que vida nenhuma. Com metade de uma vida, Miss Wintertowne poderia se casar com Sir Walter e tirá-lo da bancarrota. Sir Walter poderia então permanecer no cargo e apoiar os planos de Mr. Norrell para reviver a magia inglesa. Mas Mr. Norrell tinha lido inúmeros livros nos quais se descreviam acordos de outros magos ingleses com pessoas dessa espécie e sabia muito bem o quanto podiam ser mentirosos. Achava que percebia o modo como o cavalheiro pretendia enganá-lo.

- Quão longa é uma vida? - perguntou.

O cavalheiro de cabelos de algodão estendeu as mãos num gesto de extrema franqueza.

- Quão longa o senhor gostaria?

Mr. Norrell refletiu.

- Suponhamos que ela tivesse vivido até noventa e quatro anos. Noventa e quatro seria uma boa idade. Ela está com dezenove agora. Restariam setenta e cinco anos. Se lhe conceder outros setenta e cinco anos, não vejo por que não possa ter metade disso.

- Então que sejam setenta e cinco anos - concordou o cavalheiro de cabelos de algodão. - E exatamente metade deles me pertence.

Mr. Norrell o observou com nervosismo.

- Há algo mais que devemos fazer? - perguntou. - Assinar alguma coisa? - Não, mas vou tomar algo dessa jovem para representar minha reivindicação sobre ela.

- Pegue um desses anéis - sugeriu Mr. Norrell. - Ou o colar. Estou certo de que poderei explicar a falta de um anel ou de colar.

- Não - retrucou o cavalheiro de cabelos de algodão. - Tem de ser uma coisa... Ah, já sei!

Drawlight e Lascelles estavam sentados na sala de estar onde Mr. Norrell e Sir Walter Pole se encontraram pela primeira vez. Era um lugar bastante sombrio. O fogo estava mortiço na lareira e as velas, quase apagadas. As cortinas estavam abertas e ninguém fechara as venezianas. O estrépito da chuva nas vidraças muito melancólico.

- Certamente é uma noite para ressuscitar mortos - comentou Mr. Lascelles. - Chuva e árvores fustigando as vidraças da janela, o vento uivando na chaminé, todos os efeitos teatrais apropriados, na verdade. Eu com freqüência me vejo dominado pelo impulso de escrever peças, e quem sabe os acontecimentos desta noite me inspirem a tentar outra vez... Uma tragicomédia que fale das tentativas desesperadas de um ministro empobrecido de ganhar dinheiro por quaisquer meios, começando com um casamento interesseiro e terminando com feitiçaria. Creio que teria uma aceitação muito boa. Vou chamá-la Pena que ela seja um cadáver.

Lascelles fez uma pausa para Drawlight rir desse dito espirituoso, mas Drawlight perdera o humor com a recusa do mago a lhe permitir testemunhar a magia, apenas disse:

- Aonde será que foram todos?

- Não sei.

- Bem, levando em conta tudo o que o senhor e eu fizemos por eles, merecíamos tratamento melhor! Não faz nem meia hora se mostravam cheios de gratidão para conosco. Que tenham se esquecido de nós tão depressa é demais! E nem sequer nos serviram uma fatia de bolo desde que chegamos. Provavelmente é tarde para jantar, mas eu, por exemplo, estou morrendo de fome! – Calou-se por um instante. - O fogo na lareira também está morrendo.

Então ponha mais carvão - sugeriu Lascelles.

Que? E me sujar todo?

Todas as velas se apagaram, uma a uma, e a luz da lareira foi diminuindo mais e mais, até os quadros venezianas nas paredes se transformarem apenas em grandes quadrados de um negro profundo pendurados em paredes de um negro ligeiramente profundo. Por um longo tempo os dois ficaram em silêncio

- Eis o relógio assinalando uma e meia! - disse Drawlight de repente. – Como soa solitário! Ugh! Todas as coisas horríveis que lemos nos romances sempre acontecem justamente quando o sino da igreja toca ou o relógio assinala alguma hora numa casa às escuras!

- Não me lembro de nenhum caso em que alguma coisa terrível tenha acontecido à uma e meia - disse Lascelles.

Nesse momento, ouviram passos na escada, que logo se transformaram em passos no corredor. A porta da sala de estar se abriu e alguém parou no limiar, de vela na mão.

Drawlight agarrou o atiçador de brasas.

Mas era Mr. Norrell.

- Não se assuste, Mister Drawlight. Não há o que temer...

Entretanto, o rosto de Mr. Norrell, quando ele ergueu o castiçal, parecia contar uma história diferente; estava bastante pálido, os olhos arregalados e ainda não esvaziados, aparentemente, de resíduos de medo.

- Onde está Sir Walter? - perguntou. - Onde estão os outros? Miss Wintertowne quer ver a mãe.

Mr. Norrell precisou repetir a última frase duas vezes antes que os dois cavalheiros pudessem entendê-lo.

Lascelles piscou os olhos duas ou três vezes e abriu a boca, como se surpreso, mas logo se refez, tornou a fechar a boca e adotou uma expressão altiva expressão que assumiu no resto da noite, como se fosse um hábito seu freqüentar casas em que moças ressuscitam e considerasse essa ocasião em especial um assunto um tanto enfadonho. Enquanto isso, Drawlight tinha milhares de coisas para falar e, devo dizer, falou todas, mas, lamentavelmente, ninguém lhe deu atenção para descobrir que coisas eram essas.

Drawlight e Lascelles foram encarregados de procurar Sir Walter. Depois, Sir Walter foi buscar Mrs. Wintertowne, e Mr. Norrell levou a dama, chorosa e trêmula, ao quarto da filha. Nesse ínterim, a notícia do retorno de Miss Wintertowne à vida começou a chegar a outras partes da casa; os criados se encheram de alegria e gratidão para com Mr. Norrell, Mr. Drawlight e Mr. Lascelles. Um mordomo e dois criados abordaram Mr. Drawlight e Mr. Lascelles, pedindo que lhes permitissem dizer que, se alguma vez Mr. Drawlight e Mr. Lascelles desejassem se favorecer de um pequeno serviço, o mordomo ou os criados poderiam prestá-lo; bastaria apenas que o solicitassem.

Mr. Lascelles sussurrou para Mr. Drawlight que até então não tinha se dado conta de que praticar boas ações o levaria a ser tratado em termos tão familiares por tantas pessoas humildes, o que lhe era muito desagradável - iria cuidar para que isso não se repetisse. Felizmente, as pessoas humildes estavam tão alegres que não perceberam que o haviam ofendido.

Logo se soube que Miss Wintertowne saíra da cama e, apoiando-se no braço de Mr. Norrell, fora para sua saleta particular, onde se instalara numa poltrona junto à lareira e pedira uma xícara de chá.

Drawlight e Lascelles foram chamados para subir até uma pequena e graciosa sala, e lá encontraram Miss Wintertowne, sua mãe, Sir Walter, Mr. Norrell e alguns

criados.

Pelo aspecto deles, seria possível concluir que Mrs. Wintertowne e Sir Walter é que tinham atravessado vários mundos sobrenaturais durante a noite, pois estavam muito brancos e abatidos; Mrs. Wintertowne chorava e Sir Walter passava a mão de quando em quando em sua testa pálida, como quem tivesse visto horrores.

Miss Wintertowne, por sua vez, parecia serena e controlada, como uma jovem que passara uma noite tranqüila e rotineira em casa. Estava sentada numa poltrona com o mesmo vestido elegante que trajava quando Drawlight e Lascelles a viram na última vez. Levantou-se e sorriu para Drawlight.

- Meu senhor, creio que nunca nos vimos antes, porém me disseram que muito lhe devo. Mas receio que seja uma dívida que vá além de qualquer pagamento. O fato de eu estar aqui se deve, em grande parte, à sua energia e persistência. Obrigada, senhor. Muito, muito obrigada.

Ela lhe estendeu as duas mãos e ele as segurou.

- Oh, senhorita! - exclamou ele, todo mesuras e sorrisos. - Foi, asseguro-lhe, a maior hon...

Interrompeu-se e ficou em silêncio por um momento.

Senhorita! - exclamou. Soltou um riso breve e embaraçado (o que era curioso, pois Drawlight não se embaraçava com facilidade). Não lhe soltou as mãos, mas olhou em volta, como se à procura de alguém que o tirasse de uma dificuldade. Em seguida, ergueu uma das mãos da jovem e lhe mostrou. Ela não pareceu assustada com o que viu, mas apenas surpresa; ergueu a mão para que a mãe visse.

O dedo mínimo da mão esquerda havia desaparecido.

9. *Lady Pole*

Outubro de 1807

Já se afirmou (e quem o fez foi uma senhora infinitamente mais inteligente do que este autor) que o mundo costuma tratar de maneira muito gentil jovens que morrem ou se casam. Imagine então o interesse que se criou por Miss Wintertowne! Jovem alguma jamais obtivera tais vantagens: morreu numa terça-feira, foi ressuscitada logo cedo na manhã de quarta-feira e na quinta-feira já estava casada. O que, para muitos, foi emoção demais para uma semana só.

O desejo de vê-la era geral. O máximo de informação a que a maioria das pessoas tinha tido acesso era que ela perdera um dedo ao passar de um mundo para o outro e dele voltar. Isso era extremamente perturbador. Teria ela sofrido outra mudança? Ninguém sabia.

Na manhã da quarta-feira (a manhã de seu feliz renascimento) os autores dessa maravilhosa aventura conspiravam para privar a cidade da notícia. Os que madrugaram na Praça Brunswick souberam apenas que Miss Wintertowne e sua mãe descansavam; na Praça Hanover deu-se o mesmo: Mr. Norrell estava muito cansado, era absolutamente impossível que falasse com alguém; e, quanto a Sir Walter, ninguém sabia onde encontrá-lo (embora houvesse uma forte suspeita de que estivesse na casa de Mrs. Wintertowne, na Praça Brunswick). Não fossem Mr. Drawlight e Mr. Lascelles (almas caridosas!), a cidade teria ficado ávida de informações, mas eles percorreram Londres ativamente, comparecendo a um número inacreditável de salas de estar, salas de café-da-manhã, de jantar e salas de jogos. Impossível dizer a quantos jantares Drawlight foi convidado nesse dia - e era uma sorte ele jamais ter sido glutão, do contrário teria causado danos permanentes a seu aparelho digestivo. Cinqüenta vezes ou mais ele contou como, depois do restabelecimento de Miss Wintertowne, Mrs. Wintertowne e ele choraram juntos; como Sir Walter Pole e ele haviam trocado apertos de mão; como Sir Walter lhe agradecera, cheio de reconhecimento, e ele rogara a Sir Walter que nem pensasse

nisso; como Mrs. Wintertowne insistira que ele e Mr. Lascelles fossem levados para casa em sua própria carruagem.

Sir Walter Pole deixara a casa de Mrs. Wintertowne por volta das sete da manhã, para dormir algumas horas em seus aposentos, mas cerca do meio-dia já estava de volta à Praça Brunswick, tal como toda a cidade havia imaginado. (Incrível como os vizinhos nos descobrem!). A essa altura, estava claro para Mrs. Wintertowne que a filha desfrutava de uma inquestionável celebridade, que conquistara a fama pública da noite para o dia. Pessoas depositavam seus cartões de visita na porta da casa e um grande número de cartas e mensagens de congratulações chegava a toda hora para Miss Wintertowne, muitas delas de pessoas que Mrs. Wintertowne jamais conhecera. "Minha senhora, permita-me", escreveu uma delas, "pedir-lhe que se liberte daquele vale sombrio que lhe foi revelado".

O fato de esses desconhecidos se acharem no direito de comentar um assunto privado como a morte e a ressurreição, de expressarem curiosidade em cartas endereçadas à filha, despertava em Mrs. Wintertowne enorme desagrado; muito a dizer de condenável a essas criaturas mal-educadas e vulgares. Ao chegar à Praça Brunswick, Sir Walter viu-se obrigado a escutar tudo isso.

- Minha senhora, aconselho-a - disse ele - a não pensar mais nisso. Como nós, políticos, sabemos perfeitamente, uma diretriz de dignidade e silêncio é nossa melhor defesa contra esse tipo de insolência.

- Ah, Sir Walter! - exclamou sua futura sogra. - É uma satisfação para mim comprovar como nossas opiniões com freqüência concordam! Dignidade e silêncio. Sem dúvida. Não creio que possamos ser mais discretos do que isso sobre os sofrimentos da pobre e querida Emma. Quanto a mim, estou resolvida a jamais voltar a falar no assunto a partir de amanhã.

- Talvez - disse Sir Walter. - Minha intenção não era ir tão longe. Porque, sabe, não devemos nos esquecer de Mister Norrell. Sempre teremos em Mister Norrell um constante lembrete do que ocorreu. Receio que estará com freqüência conosco... Depois do serviço que nos prestou, mal conseguiremos tratá-lo com suficiente

consideração. – Fez uma pausa e em seguida acrescentou, com uma estranha careta no rosto feio: - Felizmente o próprio Mister Norrell tem tido a bondade de me indicar como pensa que a minha parte na obrigação poderia ser mais bem cumprida. – Era uma referência a uma conversa que Sir Walter e Mr. Norrell tinham tido às quatro horas daquela manhã, quando Mr. Norrell abordou Sir Walter no alto da escada e lhe falou minuciosamente sobre seus planos para frustrar os franceses por meio da magia.

Mrs. Wintertowne disse que teria, claro, satisfação em distinguir Mr. Norrell com sinais de respeito e consideração especiais; todos deveriam saber o alto grau de sua estima por ele. Pondo de lado sua excelente maestria de mago, que, afirmou Mrs. Wintertowne, não havia necessidade de mencionar quando ele chegou à casa, Mr. Norrell parecia ser um excelente e digno cavalheiro.

- De fato - retrucou Sir Walter. - Mas no momento nossa preocupação mais premente deve ser que Miss Wintertowne não se comprometa além de suas possibilidades, e era sobre isso, particularmente, que eu desejava falar com a senhora. Não sei qual é sua opinião, mas me parece que seria bom adiar o casamento por uma ou duas semanas.

Mrs. Wintertowne não aprovou esse plano; todos os preparativos haviam sido feitos e boa parte do jantar de casamento já estava preparada. Sopa, geléias, carnes cozidas, esturjão na salmoura, e assim por diante, tudo estava pronto; de que serviria deixar que deteriorasse, só para refazer tudo dali a mais ou menos uma semana? Como nada tinha a opor contra argumentos de economia doméstica, Sir Walter sugeriu que pedissem a Miss Wintertowne que lhes dissesse quão forte ela se sentia.

Os dois então se levantaram da cadeira na sala de visitas gélida (onde se dera a conversa) e foram para a sala de Miss Wintertowne no segundo andar, onde lhe fizeram a pergunta.

- Ah! - exclamou ela -, nunca me senti melhor em minha vida. Sinto-me forte e bem. Obrigada. Já saí esta manhã. Não costumo caminhar. Raras vezes me sinto capaz de me exercitar, mas esta manhã a casa me pareceu uma prisão. Tive vontade de estar ao ar livre.

Sir Walter pareceu preocupado.

- Terá sido prudente? - dirigiu-se a Mrs. Wintertowne. - Terá sido correto?

Mrs. Wintertowne abriu a boca para objetar, mas a filha apenas riu e exclamou:

- Ah! Mamãe não sabia, garanto-lhe. Saí enquanto ela dormia. Barnard foi comigo. Dei vinte voltas em torno da Praça Brunswick. Vinte! Não é a coisa mais ridícula que já ouviram? Mas estava possuída por um grande desejo de caminhar! Na verdade, teria corrido, se fosse possível, mas em Londres, como sabem... - Tornou a rir. - Quis ir mais longe, mas Barnard não deixou. Barnard estava muito agitada e preocupada, temendo que eu desmaiasse na rua. Não permitiu que eu me afastasse das cercanias da casa.

Fitaram-na. Provavelmente se tratava, à parte qualquer outra coisa, do mais longo discurso que Sir Walter jamais a ouvira pronunciar. Ela estava sentada bastante empertigada, com olhos brilhantes e a tez viçosa, um retrato de saúde e beleza. Falava muito depressa e com expressividade; parecia demasiado alegre e animada. Era como se Mr. Norrell tivesse lhe restaurado não só a vida, mas duas ou três vezes a quantidade de vida que tivera antes.

Era muito estranho.

- Claro - disse Sir Walter -, se está se sentindo bem o bastante para fazer exercícios, então tenho certeza de que ninguém desejará impedi-la... Nada a fortalecerá mais e garantirá a continuidade de sua saúde do que exercícios regulares. Mas talvez, por enquanto, fosse bom não sair sem avisar. A senhorita deveria levar outra pessoa, além de Barnard, para protegê-la. A partir de amanhã, sabe, vou reivindicar essa honra para mim mesmo.

- Mas estará ocupado, Sir Walter - ela o advertiu. - Tem de se encarregar de todos os assuntos do governo.

- Decerto, mas...

- Ah! Sei que estará constantemente ocupado com as atividades do governo. Sei que não devo esperar outra coisa.

Ela parecia resignada à negligência dele com tal bom grado que ele não pôde deixar de abrir a boca para objetar, mas a correção do que ela dissera o impediu de pronunciar uma só palavra. Desde que a vira pela primeira vez na casa de Lady Winsell, em Bath, ficara extremamente impressionado com sua beleza e elegância, e logo concluía que seria uma boa coisa não só se casar com ela assim que o casamento pudesse ser convenientemente planejado, mas também se familiarizar mais com ela, pois começava a suspeitar de que, pondo de lado o dinheiro, ela seria uma esposa adequada. Pensou que cerca de uma hora de conversação faria muito no sentido de propiciar aos dois o grau perfeito de franqueza e confiança que tanto faltava entre marido e mulher. Tinha grande esperança de que uma conversa a sós logo forneceria provas amplas de suas afinidades e gostos mútuos. Várias coisas que ela dissera o encorajaram a esperar que assim poderia ser. E sendo um homem - e um homem inteligente - de quarenta e dois anos, tinha naturalmente muitas informações e muitas opiniões acerca de quase todos os assuntos que se mencionassem, os quais estava ansioso por transmitir a uma adorável mulher de dezenove - o que, imaginava, ela não poderia deixar de considerar fascinante. Mas, em virtude do grande envolvimento dele com os negócios e da frágil saúde dela, eles ainda não haviam tido essa conversa interessante; e agora ela lhe dizia que contava que após o casamento as coisas continuassem como eram. Não parecia melindrada. Em vez disso, com seu novo e vivaz estado de espírito, parecia divertir-se com o fato de ele ter se iludido de que as coisas pudessem ser diferentes.

Lamentavelmente, ele já estava atrasado para um encontro com o ministro das Relações Exteriores, por isso tomou a mão de Miss Wintertowne (a mão direita, inteira) e a beijou com elegância; disse-lhe que aguardava com ansiedade o dia seguinte, que faria dele o mais feliz dos homens; ouviu polidamente, de chapéu na mão, um breve discurso de Mrs. Wintertowne acerca do assunto, e saiu, resolvido a refletir mais sobre o problema assim que encontrasse tempo.

Na manhã seguinte o casamento, com efeito, se realizou na igreja St. George, na Praça Hanover. A ele compareceram quase todos os ministros de Sua Majestade, dois ou três duques reais, meia dúzia de almirantes, um bispo e vários generais.

Lamento dizer, porém, que, vitais como tais grandes homens sempre devem ser para a paz e a prosperidade de uma nação, no dia em que Miss Wintertowne se casou com Sir Walter Pole ninguém lhes deu a menor importância. O homem que atraiu muitos olhares, o homem para quem todo mundo apontou com cochichos de ouvido em ouvido, foi Mr. Norrell, o mago.

10. A Dificuldade de encontrar Emprego para um mago

Outubro de 1807

Sir Walter pretendia introduzir aos poucos o assunto magia para os outros ministros, dando-lhes tempo para se habituarem com a idéia, antes de propor uma experiência com Mr. Norrell na guerra. Receava que se opusessem a ele; estava certo que Mr. Canning seria sarcástico, de que Lord Castlereagh não se mostraria cooperativo e de que o conde de Chatham ficaria simplesmente boquiaberto.

Mas todos esses receios eram totalmente infundados. Os ministros, ele logo descobriu, ficaram tão animados com a novidade quanto qualquer um em Londres. Na reunião seguinte do gabinete em Burlington House, os ministros se declararam ansiosos por empregar o único mago da Inglaterra. Mas não estava de modo algum claro o que fazer com ele. Duzentos anos haviam se passado desde que o governo inglês contratara um mago, e eles estavam um pouco desabituaados a isso.

**** Burlington House, no Piccadilly, era a residência do duque de Portland, o primeiro-ministro do Tesouro (a quem, hoje em dia, muitos preferem chamar de primeiro-ministro, no estilo francês). Construída numa época em que os nobres ingleses não temiam rivalizar com o monarca nas demonstrações de poder e riqueza, nenhuma construção na capital se igualava a ela em beleza. Quanto ao duque era uma pessoa já idosa extremamente respeitável, mas, pobre homem, não concordava com idéia alguma sobre o que um primeiro-ministro deveria ser. Era muito velho e doente. Neste exato momento, estava deitado num quarto encortinado em alguma parte remota da casa, entorpecido por láudano e em lenta agonia. Não tinha a menor utilidade para o país nem para seus colegas ministros, A única vantagem de sua liderança, até onde os ministros podiam enxergar, era que ela lhes permitia usar aquela magnífica casa como ponto de reunião e se servirem daqueles magníficos criados, para que fossem à adega buscar alguma*

coisinha que julgassem interessante. (Achavam que governar a Grã-Bretanha dava muita sede).

- O meu problema principal- explicou Lord Castlereagh - é encontrar homens para o Exército, tarefa quase impossível, eu lhe garanto. Os britânicos são uma raça curiosamente não militar. Mas estou muito atento ao condado de Lincoln. Dizem-me que os porcos de lá são especialmente excelentes e que, ao comê-los, a população cresce robusta e forte. Agora, o que mais me conviria seria uma encantação generalizada sobre o condado de Lincoln, de modo que três ou quatro mil jovens sentissem de imediato um forte desejo de se tornarem soldados e combaterem os franceses. - Olhou ansioso para Sir Walter. - Acha, Sir Walter, que seu amigo conhece uma encantação desse tipo?

Sir Walter disse que não sabia, mas que perguntaria a Mr. Norrell.

Mais tarde no mesmo dia, Sir Walter visitou Mr. Norrell e lhe fez a pergunta. Mr. Norrell ficou fascinado. Acreditava que ninguém jamais tivesse proposto tal magia antes e pediu a Sir Walter que transmitisse seus cumprimentos a Lord Castlereagh por ser dono de um intelecto tão original. Quanto a ser ou não possível:

- A dificuldade reside em limitar a aplicação do encantamento ao condado de Lincoln e aos rapazes. Se tivéssemos sucesso, o que, agrada-me dizer, teríamos, haveria o perigo de o condado de Lincoln e vários condados vizinhos se esvaziarem completamente.

Sir Walter voltou a Lord Castlereagh e lhe disse não.

A outra magia que os ministros propuseram agradou bem menos Mr. Norrell. A ressurreição de Lady Pole ocupara os pensamentos de todos em Londres e os ministros não ficaram isentos daquele fascínio generalizado. Lord Castlereagh foi o primeiro a dar sinais disso, quando perguntou aos demais ministros quem Napoleão Bonaparte mais temia no mundo. Quem parecia sempre ter sabido o que o cruel imperador francês faria em seguida? Quem infligira uma derrota tão retumbante aos franceses que eles não se atreviam mais a pôr o nariz francês fora dos seus portos?

Quem reunira numa só pessoa todas as virtudes de um inglês? Quem mais, perguntou Lord Castlereagh, senão Lord Nelson? Sem dúvida, a primeira coisa a ser feita era trazer de volta Lord Nelson de entre os mortos. Lord Castlereagh desculpou-se com Sir Walter, talvez não tivesse entendido alguma coisa, mas por que perder tempo conversando?

Ao que Mr. Canning, uma pessoa enérgica e briguenta, retrucou prontamente que decerto a ausência de Lord Nelson era sentida com tristeza, que Nelson fora de fato o herói da nação e fizera tudo o que Lord Castlereagh havia dito, Mas, ao fim e ao cabo - e Mr. Canning não pretendia desrespeitar a Marinha de Guerra, a mais gloriosa das instituições britânicas -, Nelson fora apenas um marinheiro, enquanto o falecido Mr. Pitt fora tudo. Se algum morto tivesse de ser revivido, então não havia outra escolha: deveria ser Pitt.

Lord Chatham (irmão do falecido Mr. Pitt) evidentemente apoiou a proposta, mas perguntou por que precisavam fazer uma escolha. Por que não ressuscitar Pitt e Nelson? Seria só uma questão de pagar o mago duas vezes e a isso, supunha, não haveria objeção.

Então os demais ministros propuseram que outros cavalheiros mortos fossem reanimados, até parecer que metade das câmaras mortuárias da Inglaterra, estava esvaziada. Em pouco tempo tinham uma lista bastante longa e, como de hábito, começaram a discuti-la.

Isto não nos convém - disse Sir Walter. - Precisamos começar de algum lugar e me parece que cada um de nós chegou a seu cargo atual através da amizade de Mister Pitt. Cometeríamos um grande erro se déssemos preferência a algum outro cavalheiro.

Mandaram um mensageiro buscar Mr. Norrell na Praça Hanover e levá-lo à Burlington House. Mr. Norrell foi conduzido ao magnífico salão onde os ministros estavam reunidos. Sir Walter lhe informou que estavam estudando uma outra ressurreição.

Mr. Norrell ficou muito pálido e murmurou que a estima especial que tinha por Sir Walter o impelira a empreender um tipo de magia que de outro modo não

tentaria... Não desejava fazer uma segunda tentativa, os ministros não tinham idéia do que estavam pedindo.

Mas quando entendeu melhor *quem* era a pessoa que propunham como candidato, Mr. Norrell pareceu bastante aliviado e o ouviram dizer algo acerca da condição do *corpo*.

Os ministros em seguida ponderaram que Mr. Pitt estava morto havia quase dois anos e que, por mais dedicados que tivessem sido a Pitt em vida, tinham de fato muito pouca vontade de vê-lo na condição atual. Lord Chatham (irmão de Mr. Pitt) observou com tristeza que o pobre William com certeza estaria um tanto desfeito àquela altura.

Não tornaram a tocar no assunto.

Mais ou menos uma semana depois, Lord Castlereagh propôs enviar Mr. Norrell à Holanda ou possivelmente a Portugal, lugares em que os ministros alimentavam poucas esperanças de conquistar uma posição segura contra Bonaparte e onde Mr. Norrell poderia fazer magia sob a orientação dos generais e almirantes. Assim o almirante Paycocke, um venerável marinheiro de rosto corado, e o capitão Harcourt-Bruce, da 2ª. Brigada Ligeira, foram despachados como tropa conjunta e expedição naval para a Praça Hanover com o intento de submeterem Mr. Norrell a uma avaliação.

O capitão Harcourt-Bruce era não só um homem arrojado, bem-apessoado e corajoso como também muito romântico. O reaparecimento da magia na Inglaterra o emocionava. Era grande leitor das mais estimulantes histórias desse tipo, tinha a cabeça cheia de batalhas antigas nas quais os ingleses, em número menor do que os franceses estavam condenados a morrer, quando de súbito se ouvia o som de uma estranha música fantasmagórica e, no alto de uma colina, surgia o Rei Corvo, em seu elmo negro e alto, o manto de plumagem negra ondeando ao vento; ele descia a galope a costa da colina montado em seu cavalo negro e alto, seguido por uma centena de cavaleiros humanos e por uma centena de cavaleiros sobrenaturais, e derrotava os franceses por meio da magia.

Essa era a idéia que o capitão Harcourt-Bruce tinha de magia. Esse era o tipo de coisa que ele agora esperava ver reproduzido em cada campo de batalha do continente europeu. Portanto, quando viu Mr. Norrell na sala de visitas da casa da Praça Hanover, e após ter observado Mr. Norrell queixar-se mal-humoradamente com o criado - primeiro que o creme no chá estava cremoso demais, depois que estava aguado demais -, bem, não vou lhe causar surpresa se disser que ele ficou um pouco desiludido. Na verdade, ficou tão deprimido com todo o empreendimento, que o almirante Paycocke, um velho cavalheiro expansivo, sentiu bastante pena dele e só teve coragem de rir e caçoar do capitão Harcourt-Bruce com muita moderação.

O almirante Paycocke e o capitão Harcourt-Bruce tornaram a procurar os ministros e disseram que era totalmente inadmissível enviar Mr. Norrell para onde quer que fosse; os almirantes e os generais jamais perdoariam o governo se o enviassem. Durante algumas semanas daquele outono, parecia que os ministros jamais seriam capazes de encontrar um emprego para o único mago do reino.

11. Brest

Novembro de 1807

Na primeira semana de novembro, uma esquadra de navios franceses se preparava para deixar o porto de Brest, situado no ponto mais ocidental da Bretanha, na França. A intenção dos franceses era percorrer o golfo de Biscaia à procura de navios britânicos que pudessem capturar ou, se não o conseguissem, impedir que os britânicos fizessem qualquer coisa que parecessem estar pretendendo fazer.

O vento soprava da terra sem cessar. Os marinheiros franceses prepararam-se com rapidez e eficiência e os navios estavam quase prontos quando nuvens negras e pesadas surgiram de súbito e uma chuva começou a cair.

Era perfeitamente natural que em um porto tão importante como Brest houvesse um grande número de pessoas estudando os ventos e as condições meteorológicas. Exatamente no momento em que os navios estavam prontos para zarpar, várias delas correram alvoroçadas para os estaleiros a fim de avisar os marinheiros de que havia algo estranhíssimo relacionado à chuva: as nuvens, disseram, tinham vindo do norte, enquanto o vento soprava do leste. Algo impossível, mas, acontecera. Os capitães dos navios mal tiveram tempo de ficar estupefatos, incrédulos ou amedrontados - conforme a índole de cada um -, quando outra notícia chegou.

A enseada de Brest consiste de uma baía interior e outra exterior, a interior separada do mar aberto por uma península estreita e comprida. Enquanto a chuva se intensificava, os comandantes dos navios franceses foram informados de que uma grande frota de embarcações britânicas havia aparecido na baía exterior.

Quantos navios? Os informantes não sabiam dizer. Mais do que se poderia facilmente contar - talvez uma centena. Assim como a chuva, os navios haviam chegado de repente, vindos de um mar vazio. Que tipo de navios eram? Ah! Isso era

o mais estranho de tudo! Eram navios de alto bordo, navios de guerra de dois ou três conveses fortemente armados.

Uma notícia espantosa. O número grande de navios e seu tamanho imponente eram, na verdade, mais intrigantes do que a súbita aparição deles. A Marinha de Guerra britânica com frequência bloqueava Brest, mas jamais com um número superior a vinte e cinco navios por vez, e destes apenas quatro ou cinco eram de alto bordo, sendo o restante pequenas fragatas e chalupas ágeis.

Tão singular era aquela história de uma centena de navios que os capitães franceses não acreditaram nela antes de seguirem até Lochrist ou Camaret Saint-Julien, ou a outros lugares de onde pudessem ver os navios do alto dos rochedos com os próprios olhos.

Os dias passaram. O céu tinha a cor do chumbo e a chuva continuava a cair. Os navios britânicos permaneciam obstinadamente onde estavam. Apreensivos, os moradores de Brest temiam que um dos navios tentasse se aproximar da cidade para bombardeá-la. Mas os navios britânicos nada faziam.

Mais estranha ainda foi a notícia vinda de outros portos do império francês: de Rochefort, Toulon, Marselha, Gênova, Veneza, Flushing, Lorient, Antuérpia e de uma centena de outras cidades de menor importância. Todos também se achavam bloqueados por frotas britânicas de cerca de uma centena de navios de guerra. Era impossível entender. No conjunto, essas frotas continham mais navios de guerra do que os britânicos possuíam. Na verdade, mais navios de guerra do que havia na face da Terra.

O oficial mais graduado em Brest na ocasião era o almirante Desmoulins. Ele tinha um criado, um homem minúsculo, não maior do que um menino de oito anos e tão moreno quanto um europeu pode ser. Dava a impressão de ter sido posto num forno e deixado lá por muito tempo, parecendo agora cozido de mais. A pele tinha a cor do grão de café e a textura de um pudim de arroz seco. O cabelo era preto, emaranhado e engordurado como as vértebras e as rêmiges encontradas nas partes menos suculentas de uma galinha assada. Ele se chamava Perroquet (que significa papagaio). O almirante Desmoulins tinha muito orgulho de Perroquet: orgulho de seu tamanho, orgulho de sua inteligência, orgulho de sua agilidade e, acima de tudo,

orgulho de sua cor. O almirante Desmoulins com frequência se vangloriava de que vira negros que pareceriam brancos perto de Perroquet.

Foi Perroquet quem ficou sentado na chuva durante quatro dias estudando os navios através de um monóculo. A chuva jorrava do chapéu bicorne de tamanho infantil, como se de duas calhas pequeninas; desabava nas capas curtas do casaco de tamanho infantil, tornando-o terrivelmente pesado e transformando a lã em feltro; e escorria em regatos pequeninos por sua pele gordurosa e cozida. Mas Perroquet não prestava a menor atenção em nada disso.

Depois de quatro dias, Perroquet suspirou, pôs-se de pé de um salto, espreguiçou-se, tirou o chapéu, coçou bastante a cabeça, bocejou e disse:

- Bem, meu almirante, são os navios mais esquisitos que já vi e não os entendo.

- Em que sentido, Perroquet? - perguntou o almirante.

Reunidos com Perroquet nos rochedos perto de Camaret Saint-Julien estavam o almirante Desmoulins e o capitão Jumeau, e a chuva também jorrava dos chapéus bicornes deles, transformando em feltro a lã de seus casacos e enchendo suas botas com um dedo de água.

Bem - respondeu Perroquet -, os navios ficam no mar como se parados na calmaria, mas eles não estão parados. Sopra um forte vento oeste que deveria impeli-los contra as pedras, mas por acaso isso acontece? Não. Os navios barlaventeiam? Não. Reduzem a vela? Não. Perdi a conta das vezes que o vento mudou desde que sentei aqui, mas o que fizeram os homens naqueles navios? Nada.

O capitão Jumeau, que não gostava de Perroquet e tinha inveja da influência que ele exercia sobre o almirante, gargalhou:

- Ele está doido, meu almirante. Se os britânicos fossem tão preguiçosos e ignorantes como ele diz, a esta altura os navios não passariam de um monte de mastreação partida.

- Parecem mais imagens de navios - meditou Perroquet, não dando atenção ao capitão - do que navios de verdade. E o mais curioso, meu almirante, é aquele navio de três conveses na extremidade mais setentrional da fileira. Na segunda-feira, era exatamente igual aos outros, mas agora suas velas estão em frangalhos, o mastro da mezena sumiu e na lateral há um buraco irregular.

- Hurra! - exclamou o capitão Jumeau. - Alguma valente tripulação francesa infligiu esse estrago enquanto ficamos aqui conversando.

Perroquet sorriu.

- E acha, capitão, que os britânicos permitiriam que um navio francês se aproximasse dos cem navios, arruinasse um deles e depois se afastasse navegando calmamente outra vez? Ah, capitão, eu gostaria de vê-lo fazer isso com o seu barquinho! Não, meu almirante, na minha opinião aquele navio britânico está derretendo.

- Derretendo! - exclamou o almirante, surpreso.

- O casco se abaulá como a sacola de tricô de uma velha – disse Perroquet. – E o gurupés e a verga da cevadeira estão descaindo dentro d'água.

- Mas que tolice! - exclamou o capitão Jumeau. - Como pode um navio derreter?

- Não sei - retrucou Perroquet, pensativo. - Depende do que ele é feito.

- Jumeau, Perroquet - disse o almirante Desmoulins -, creio que nosso melhor procedimento será navegar até lá e examinar os navios. Se parecer provável um ataque da frota britânica, voltaremos, mas nesse meio-tempo talvez tenhamos sabido alguma coisa.

Então Perroquet, o almirante e o capitão Jumeau partiram na chuva com alguns homens corajosos - porque marinheiros, embora enfrentem privações com serenidade, são supersticiosos, e Perroquet não era o único em Brest que notara a esquisitice dos navios britânicos.

Depois de um bom avanço, nossos aventureiros puderam ver que os estranhos navios eram totalmente cinzentos e que reluziam; mesmo debaixo do céu escuro, mesmo em meio à chuva torrencial, eles brilhavam. Uma vez, por um instante, as nuvens se abriram e um raio de sol iluminou o mar. Os navios desapareceram. Em seguida as nuvens se fecharam e os navios reapareceram.

- Meu Deus! - exclamou o almirante. - O que significa tudo isso? - Talvez - disse Perroquet, com inquietação - os navios britânicos tenham afundado e estes sejam os fantasmas deles.

Contudo, os estranhos navios reluziam e brilhavam, e isso levantou a questão do material de que seriam feitos. O almirante achou que talvez de ferro ou aço. (Navios de metal, deveras! Os franceses são, como sempre supus, uma nação muito excêntrica!).

O capitão Jumeau pensou se não poderiam ser de papel prateado.

- Papel prateado! - exclamou o almirante.

- Ah, sim! - retrucou o capitão Jumeau. - Como sabem, as senhoras pegam papel prateado, enrolam-nos em pequenos tubos e com eles fazem cestinhas, decoradas com flores e cheias de confeitos.

O almirante e Perroquet ficaram surpresos ao ouvir isso, porém o capitão Jumeau era um homem bem-apegoado e sem dúvida sabia mais sobre os costumes das senhoras do que eles.

Mas se uma senhora levava uma tarde para fazer uma cesta, quantas senhoras seriam necessárias para fazer uma frota? O almirante disse que lhe dava dor de cabeça pensar nisso.

O sol saiu novamente. Dessa vez, por estarem mais próximos dos navios, puderam ver que a luz do sol brilhava *através* deles, tornando-os incolores, até se reduzirem a uma pálida centelha sobre a água.

- Vidro - disse o almirante, quase acertando, mas foi o inteligente Perroquet quem por fim chegou à verdade.

- Não, meu almirante, chuva. São feitos de chuva.

À medida que a chuva caía do céu, as gotas se aglutinavam e formavam massas sólidas - pilares, vigas e velas, que alguém moldara à semelhança de uma centena de navios.

Perroquet, o almirante e o capitão Jumeau estavam mortos de curiosidade para saber quem teria feito aquilo, e concordavam que deveria ter sido um mestre-de-chuva.



- Mas não apenas um mestre-de-chuva! - exclamou o almirante. - Um mestretiteiro! Vejam como balançam para cima e para baixo sobre a água!

Como as velas inflam e desinflam!

- São com certeza as coisas mais belas que já vi, meu almirante - concordou Perroquet -, mas repito o que disse: o criador nada sabe sobre navegação a vela e arte de navegar, seja ele quem for.

Durante duas horas o navio de madeira do almirante navegou através dos navios de chuva. Como eram navios de chuva, não emitiam som algum - nenhum estalo de madeira, nenhum rufar de velas ao vento, nenhum chamado de marinheiro a seu colega. Várias vezes grupos de homens de chuva de rosto liso se aproximaram da amurada do navio para inspecionar o navio de madeira e sua tripulação de homens de carne e osso, mas o que pensavam os marinheiros de chuva ninguém soube dizer. Contudo, o almirante, o capitão e Perroquet sentiam-se perfeitamente seguros, porque, como comentou Perroquet, "Mesmo que os marinheiros de chuva queiram atirar contra nós, contam apenas com balas de canhão de chuva, e nós ficaríamos somente molhados".

Perroquet, o almirante e o capitão Jumeau estavam fascinados. Esqueceram-se de que haviam sido iludidos, de que tinham desperdiçado toda uma semana e de que durante essa semana os britânicos haviam se infiltrado de mansinho na costa báltica, nos portos da costa portuguesa e em todos os demais portos em que o imperador Napoleão Bonaparte não desejava a presença deles. Mas o encantamento que mantinha os navios nos locais parecia estar enfraquecendo (o que talvez explicasse o derretimento do navio na extremidade mais setentrional da frota). Passadas duas horas, a chuva cessou e no mesmo instante o encantamento se quebrou, o que Perroquet, o almirante e o capitão Jumeau perceberam por um curioso efeito dos sentidos, como se tivessem apreciado um quarteto de cordas ou tivessem sido, por um momento, atordoados pelo lampejo de uma cor azul. Num instante os navios de chuva se transformaram em navios de névoa e em seguida a brisa os dispersou com um sopro suave.

Os franceses estavam sozinhos no Atlântico deserto.

12. O espírito da Magia Inglesa leva Mr. Norrell a apoiar a Grã-Bretanha

Dezembro de 1807

Num dia de dezembro, duas carroças enormes colidiram na Rua Cheapside. Uma delas, carregada com barris de xerez, tombou. Enquanto os carroceiros discutiam de quem era a culpa, alguns transeuntes notaram que o xerez vazava de um barril. Logo se formou uma aglomeração de pessoas armadas de copos e canecas de meio litro para recolher o vinho, e de ganchos e barras para abrir buracos nos barris ainda intactos. Em pouco tempo, as carroças e a multidão obstruíram a Cheapside de tal maneira que se formaram filas de carruagens em todas as ruas das redondezas, Poultry, Threadneedle, a ruela Bartholomew e, na outra direção, Aldersgate, Newgate e a travessa Paternoster. Era impossível imaginar como aquele nó de carruagens, cavalos e pessoas poderia ser desfeito.

Um dos carroceiros era bem-apessoado e o outro era gordo. Tendo resolvido a discussão, tornaram-se uma espécie de Baco e Sileno para a pândega e resolveram se entreter, assim como a seus adeptos, abrindo as portas das carruagens para ver o que faziam os ricos dentro delas. Cocheiros e criados tentaram reagir a esse atrevimento, mas a multidão era muito grande para ser contida e estava muito bêbada para se importar com as chicotadas que lhes davam os cocheiros mais irritados. Numa dessas carruagens, o carroceiro gordo descobriu Mr. Norrell e gritou: "Nossa! É o velho Mister Norrell"! Os carroceiros entraram na carruagem para apertar a mão de Mr. Norrell, exalar sobre ele emanções de xerez e lhe garantir que sem perda de tempo tirariam tudo do caminho para que ele, o herói do bloqueio francês, passasse. Uma promessa que cumpriram. Os cavalos das pessoas respeitáveis foram desengatados, as carruagens puxadas com energia e empurradas para dentro de pátios de curtidores e outros lugares desagradáveis, ou conduzidas por ruelas estreitas de terra batida com paredes de tijolos pelas quais passaram rente, tendo todo seu verniz arranhado. Depois de abrirem esse caminho triunfal, os carroceiros e seus amigos escoltaram Mr. Norrell e a carruagem durante

o trajeto inteiro até a Praça Hanover, dando vivas sem parar, atirando chapéus no ar e improvisando canções sobre ele.

Parecia que todo mundo estava contente com o que Mr. Norrell fizera. Grande parte da Marinha francesa fora induzida por astúcia a permanecer em seus portos por onze dias, tempo durante o qual os britânicos navegaram livremente pela baía de Biscaia, pelo canal da Mancha e pelo mar alemão, e muitas ações foram executadas. Espiões foram postos em várias partes do império francês e outros trazidos de volta à Inglaterra com informações sobre o que Bonaparte fazia. Os navios mercantes britânicos tinham descarregado cargas de café, algodão e especiarias nos portos holandeses e bálticos sem nenhuma interferência.

Napoleão Bonaparte, disseram, percorria a França à procura de um mago, porém sem êxito. Em Londres, os ministros ficaram pasmos ao constatar que, dessa vez, tinham feito algo que a nação aprovava.

Mr. Norrell foi convidado ao Ministério da Marinha, onde bebeu vinho Madeira na sala do Conselho. Sentou numa cadeira perto da lareira e teve uma conversa longa e agradável com o ministro da Marinha, Lorde Mulgrave, e com o secretário da Marinha, Mr. Horrocks. No alto da lareira, havia entalhes de instrumentos náuticos e festões que Mr. Norrell apreciou muitíssimo. Ele descreveu os belos entalhes da biblioteca de Hutfew Abbey.

- E, contudo, senhor - disse Mr. Norrell -, eu o invejo. Invejo-o de fato. É uma excelente representação dos instrumentos de sua profissão! Gostaria de ter feito o mesmo. Jamais vi efeito tão surpreendente. Creio que nada inspira e anima mais um homem a começar um dia de trabalho do que a visão de seus instrumentos tão caprichosamente dispostos ou da imagem deles em bom carvalho inglês. Mas a verdade é que um mago precisa de poucas ferramentas. Vou lhe contar um pequeno segredo, meu senhor: quanto mais instrumentos um mago carrega consigo, pós coloridos, gatos empalhados, chapéus mágicos e assim por diante, maior a possibilidade de que se trate de um impostor!

E quais eram, perguntou cortesmente Mr. Horrocks, as poucas ferramentas de que um mago precisava?

- Ora, na verdade nada! - respondeu Mr. Norrell. - Nada a não ser uma bacia de prata para ter visões dentro dela.

- Ah! - exclamou Mr. Horrocks. - Eu daria tudo para ver essa magia na prática... O senhor não daria, Lorde Mulgrave? Ah, Mister Norrell, será que não podemos persuadi-lo a nos mostrar uma visão numa bacia de prata?

Normalmente, Mr. Norrell era o último homem no mundo a se dispor a satisfazer uma curiosidade fútil como essa, mas estava tão feliz com a recepção no Ministério da Marinha (os dois cavalheiros lhe fizeram um mundo de elogios) que concordou quase de imediato, e mandaram um criado ir atrás de uma bacia de prata.

- Uma bacia de prata com cerca de trinta centímetros de diâmetro - ressaltou Mr. Norrell -, que o senhor deve encher com água limpa.

Recentemente, o Ministério da Marinha dera ordens para que três navios se encontrassem no sul de Gibraltar e Lorde Mulgrave tinha enorme curiosidade de saber se isso havia ou não sucedido; seria Mr. Norrell capaz de descobrir? Mr. Norrell não tinha certeza, mas prometeu tentar. Quando trouxeram a bacia e Mr. Norrell se debruçou sobre ela, Lorde Mulgrave e Mr. Horrocks sentiram-se transportados para o antigo apogeu da magia inglesa, como se estivessem vivendo na era de Stokesey, Godbless e do Rei Corvo.

Uma imagem apareceu na superfície da água na bacia de prata, três navios transpondo as ondas de um mar azul. A luz forte e clara do Mediterrâneo brilhou na escura sala de dezembro e iluminou o rosto dos três cavalheiros que perscrutavam o interior da bacia.

- Ela se move! - exclamou lorde Mulgrave com admiração.

Movia-se de fato. As mais delicadas e imagináveis nuvens brancas deslizavam no céu azul, os navios transpunham as ondas e pessoas minúsculas eram vistas a se movimentar de um lado para o outro. Lorde Mulgrave e Mr. Horrocks não tiveram dificuldade em reconhecer o HMS *Catherine of Winchester*, o HMS *Laurel* e o HMS *Centaur*.

- Ah, Mister Norrell! - exclamou Mr. Horrocks. - O *Centaur* é o navio do meu primo. Pode me mostrar o capitão Barry?

Mr. Norrell fez um gesto nervoso, aspirou fundo com um sibilo agudo e olhou intensamente para a bacia prateada, e dali a pouco apareceu a imagem demasiado aumentada, loira e de faces rosadas de um homem andando no tombadilho superior. Tratava-se, assegurou Mr. Horrocks, de seu primo, o capitão Barry.

- Está com boa aparência, não? – exclamou Mr. Horrocks. – Fico feliz de saber que goza de boa saúde.

- Onde eles estão? Pode dizer? – perguntou Lorde Mulgrave a Mr. Norrell.

- Ah – fez Mr. Norrell -, esta arte de criar imagens é a mais imprecisa do mundo. Alegra-me ter tido a honra de lhe mostrar alguns dos navios de Sua Majestade. Alegra-me ainda mais que sejam os navios que o senhor queria ver, o que, honestamente, vai além do que eu esperava; mas receio nada mais poder dizer.

Tão satisfeito ficou o Ministério da Marinha com tudo o que Mr. Norrell realizara que Lorde Mulgrave e Mr. Horrocks trataram de investigar que outras tarefas poderiam encontrar para o mago. A Marinha de Guerra de Sua Majestade havia capturado recentemente um navio francês de alto bordo com uma admirável figura de proa em forma de sereia de olhos azuis brilhantes, lábios coral-rosa, com volumosos e suntuosos cachos de cabelos dourados artisticamente salpicados de representações em madeira de estrelas-do-mar e caranguejos, e uma cauda toda coberta de prata dourada, como se seu interior fosse feito de pão de mel. Sabia-se que, antes de ter sido capturado, o navio estivera em Toulon, Cherburgo, Antuérpia, Roterdã e Gênova, de modo que a sereia conheceria inúmeras defesas inimigas e o grande plano do imperador Napoleão Bonaparte de construção naval em andamento na época. Mr. Horrocks pediu que Mr. Norrell a encantasse, para que ela contasse o que sabia. O que Mr. Norrell fez. Mas, embora a sereia tivesse sido dotada de fala, no início recusou-se a responder às perguntas. Considerava-se inimiga implacável dos britânicos e estava extremamente satisfeita por lhe terem dado poderes de fala, porque assim podia expressar o ódio que nutria por eles. Tendo passado a vida entre

marinheiros, conhecia um sem número de insultos e os proferia prontamente a qualquer um que dela se aproximasse, numa voz que soava como o estalar de mastros e vigas sob vento forte.

Tampouco se restringia a agredir os ingleses com palavras. Certa vez, três marinheiros que realizavam tarefas no navio ao alcance dos braços de madeira da sereia foram agarrados por suas enormes mãos de madeira e atirados na água.

Mr. Horrocks, que fora a Portsmouth conversar com ela, aborreceu-se com ela e ameaçou cortá-la em pedacinhos e com eles fazer uma fogueira. Mas, apesar de francesa, a sereia também era corajosa e afirmou que gostaria de ver o homem que tentaria queimá-la. Chicoteou com a cauda e agitou os braços ameaçadoramente. As estrelas-do-mar e os caranguejos de madeira em seu cabelo se arrepiaram.

A situação só se resolveu quando enviaram o jovem e bem-apeσοado capitão que capturara o navio da sereia para argumentar com ela. Num francês compreensível e claro, ele lhe explicou a justiça da causa britânica e a terrível injustiça da causa francesa, e se foi a persuasão de suas palavras ou a beleza de seu rosto que a convenceu eu não sei, mas o fato é que a sereia acabou contando a Mr. Horrocks tudo o que ele queria saber.

A cada dia Mr. Norrell ganhava notoriedade e se elevava aos olhos de todos, e um arrojado gravador chamado Holland, que possuía uma loja de estampas no adro da catedral St. Paul, teve a idéia de encomendar uma gravura dele para vender na loja. A gravura mostrava Mr. Norrell ao lado de uma jovem escassamente vestida com uma bata folgada. Uma grande quantidade de material rígido e escuro circundava o corpo da moça sem na verdade tocá-lo, e, para complementar a ornamentação de seu corpo, havia uma lua crescente encaixada entre as madeixas soltas do cabelo. Ela estava de braço dado com Mr. Norrell (que parecia pasmo com o gesto), puxando-o energicamente para cima num lanço de escada e apontando de forma enfática para uma dama de idade madura sentada no alto. A dama estava vestida com bata e panos, como a jovem, com o gracioso acréscimo de um elmo romano na cabeça; parecia chorar sem inibição, enquanto um leão já velho, sua única companhia, estava deitado a seus pés com uma expressão sinistra no rosto. A

gravura, intitulada *O espírito da Magia* leva Mr. Norrell a apoiar a Grã-Bretanha, fez enorme sucesso e Mr. Holland vendeu quase setecentas cópias em um mês.

Mr. Norrell já não saía tanto quanto antes; em vez disso, ficava em casa recebendo visitas respeitáveis de todo tipo de pessoas eminentes. Era comum que cinco ou seis seges com o brasão de uma coroa parassem em frente a sua casa na Praça Hanover durante toda uma manhã. Ele continuava o homenzinho nervoso e silencioso de sempre, e, não fosse por Mr. Drawlight e Mr. Lascelles os ocupantes dessas carruagens teriam achado as visitas realmente enfadonhas. Nessas ocasiões, Mr. Drawlight e Mr. Lascelles se incumbiam das conversas. Na verdade, a dependência que Mr. Norrell tinha desses dois cavalheiros aumentava a cada dia. Childermass uma vez comentara que só um tipo muito estranho de mago empregaria Drawlight; todavia Mr. Norrell o empregava com regularidade. Drawlight estava constantemente a bordo da carruagem de Mr. Norrell, encarregado de algum assunto de Mr. Norrell. Todo dia chegava de manhã cedo à Praça Hanover para contar ao mago tudo que se comentava na cidade, quem estava em alta, quem estava em baixa, quem tinha dívidas, quem estava apaixonado, até que Mr. Norrell, sentado sozinho em sua biblioteca, começou a saber tanto sobre a vida da cidade como qualquer matrona.

Surpreendentemente, talvez, fosse a dedicação de Mr. Lascelles à causa da magia inglesa. A explicação, porém, era muito simples. Mr. Lascelles pertencia à estirpe de homens inquietos que desprezam todo tipo de emprego estável. Embora perfeitamente ciente de sua inteligência superior, nunca se dera ao trabalho de desenvolver qualquer habilidade ou conhecimento em especial, tendo chegado aos trinta e nove anos totalmente incapacitado para qualquer cargo ou profissão. Olhara em volta de si e vira homens que haviam trabalhado com afincos durante seus anos de juventude e sido alçados a cargos de poder e influência; não restava dúvida de que os invejava. Portanto, foi deveras agradável para Mr. Lascelles tornar-se conselheiro-chefe do maior mago da era e ouvir as perguntas respeitáveis que lhe dirigiam os ministros do rei. Evidentemente fizera boa figura por ser o mesmo cavalheiro indiferente e descuidado de antes, mas na verdade era extremamente cioso de sua importância recém-descoberta. Uma noite, ele e Drawlight chegaram a um acordo no Bedford enquanto bebiam uma garrafa de vinho do Porto. Dois

amigos, concordaram, bastavam para um cavalheiro sereno como Mr. Norrell, e assim formaram uma aliança para proteger os interesses um do outro e impedir que qualquer outra pessoa exercesse qualquer influência sobre o mago.

Mr. Lascelles foi o primeiro a induzir Mr. Norrell a pensar em publicar algo. O pobre Mr. Norrell sempre se indignava com as concepções errôneas da magia e vivia lamentando o desconhecimento geral sobre o assunto.

- Eles me pedem que eu lhes mostre espíritos encantados - queixou-se - , unicórnios, manticórios e coisas desse tipo. Não têm a menor noção da *utilidade* da magia que pratiquei. Apenas o mais frívolo tipo de magia lhes desperta o interesse.

Mr. Lascelles replicou:

- Façanhas mágicas tornarão seu *nome* conhecido em todo lugar, senhor, mas nunca farão suas *opiniões serem* compreendidas. Para isso o senhor deve publicar alguma coisa.

- Sim, de fato - exclamou Mr. Norrell animadamente. - Tenho a intenção de escrever um livro, como o senhor sugere, mas sucede que passarão muitos anos antes de eu ter tempo suficiente para fazê-lo.

- Ah, concordo plenamente, um livro significaria um mundo de trabalho - disse Mr. Lascelles devagar. - Mas minha idéia não era um livro. Tinha em mente dois ou três artigos. Creio que não existe um editor, aqui em Londres ou em Edimburgo, que não teria o prazer de publicar qualquer coisinha que o senhor se desse ao trabalho de enviar... Pode escolher os periódicos, mas, se quiser meu conselho, o senhor deveria escolher *A Revista de Edimburgo*. Praticamente não existe uma só família no reino com pretensão ao refinamento que não a leia.

Não há modo mais rápido de tornar seus pontos de vista mais amplamente compreendidos.

Mr. Lascelles foi tão concludente no assunto, invocando visões dos artigos de Mr. Norrell em mesas de bibliotecas e as opiniões de Mr. Norrell sendo debatidas em todas as salas de estar, que, não fosse o enorme desprezo que tinha pela *Revista*

de *Edimburgo*, Mr. Norrell teria sentado naquele mesmo instante e começado a escrever. Infelizmente, *A Revista de Edimburgo* era uma publicação conhecida, sobretudo, por opiniões radicais, críticas ao governo e oposição à guerras com a França, das quais Mr. Norrell discordava.

- Ademais - disse Mr. Norrell -, não tenho vontade de escrever resenhas sobre livros de outras pessoas. As publicações modernas sobre magia são as coisas mais nocivas do mundo, cheias de informações incorretas e opiniões equivocadas.

- Pois o senhor poderá dizer isso. Quanto mais grosseiro for, mais satisfeitos os editores ficarão.

- Mas quero que minhas opiniões sejam mais conhecidas, não as dos outros.

- Ah, meu senhor - retrucou Lascelles -, mas é justamente ao julgar a obra alheia e mostrar seus erros que os leitores poderão vir a compreender melhor suas opiniões. É a coisa mais fácil do mundo um resenhador utilizar a resenha para propósitos pessoais. Basta mencionar o livro uma ou duas vezes e no restante do artigo desenvolver o tema que lhe convém. Garanto-lhe que é o que todo mundo faz.

- Hum - fez Mr. Norrell, a ruminar. - Talvez tenha razão. Mas não. Seria como se eu estivesse apoiando algo que em primeiro lugar nunca deveria ter sido publicado.

E quanto a esse aspecto Mr. Norrell se mostrou irredutível.

Lascelles ficou decepcionado. De longe *A Revista de Edimburgo* superava as publicações rivais em brilho e inteligência. Seus artigos eram devorados por todos no reino, do cura mais comum ao primeiro-ministro. Comparadas a ela, as outras publicações eram insípidas.

Estava propenso a abandonar a idéia e já tinha quase se esquecido dela quando, por acaso, recebeu uma carta de um jovem livreiro chamado Murray. Mr. Murray solicitava respeitosamente a Mr. Lascelles e a Mr. Drawlight que o honrassem com a permissão de visitá-los numa hora e num dia que lhes fossem convenientes. Tinha, explicava ele, uma proposta a fazer, uma proposta que interessava a Mr. Norrell.

Lascelles e Drawlight receberam o livreiro na casa de Mr. Lascelles, na Rua Bruton, dias depois. Ele era um homem prático e cheio de energia, e sem demora lhes apresentou a proposta.

- Cavalheiros, assim como todos os habitantes destas ilhas, fiquei surpreso e satisfeito com o recente e extraordinário renascimento da magia inglesa. E fiquei igualmente pasmo com o entusiasmo com que o público britânico recebeu o ressurgimento de uma arte que havia muito se tinha como morta. Estou convencido de que um periódico dedicado à magia alcançaria ampla circulação. Literatura, política, religião e viagem vão bem, serão sempre assuntos populares para um periódico, mas a magia, a magia prática e verdadeira como a de Mister Norrell, tem a vantagem de ser uma novidade total. O que eu gostaria de saber, cavalheiros, é se poderiam me dizer se Mister Norrell veria minha proposta com bons olhos. Soube que ele tem muito a dizer sobre o assunto. Soube que as opiniões de Mister Norrell são surpreendentes! Claro que todos nós aprendemos um pouco de história e teoria da magia nas salas de aula, mas há tanto tempo não se pratica a magia nestas ilhas que creio que o que aprendemos está crivado de erros e equívocos.

- Ah! - exclamou Mr. Drawlight. - É muito perspicaz, Mister Murray! Mister Norrell ficaria felicíssimo de ouvir isso! Erros e equívocos, exatamente! Caro senhor, quando tiver o privilégio de conversar com Mister Norrell, como tive em várias ocasiões, verá que o ponto é exatamente esse!

- Faz tempo que o maior desejo de Mister Norrell - disse Lascelles - é levar uma compreensão mais precisa da magia moderna a um público mais amplo, mas lamentavelmente, senhor, desejos privados são quase sempre frustrados por deveres públicos, e o Ministério da Marinha e o Ministério da Guerra o mantêm ocupadíssimo.

Mr. Murray retrucou cortesmente que sem dúvida todos os outros fatores deveriam dar lugar ao grande fator da guerra e que Mr. Norrell era um patrimônio nacional.

- Mas espero que se possa encontrar uma forma de resolver a situação, para que a carga principal não recaia nos ombros de Mister Norrell. Utilizaríamos um

editor para planejar cada edição, encomendar artigos e resenhas, fazer alterações... Tudo, claro, sob a orientação de Mister Norrell.

- Ah, sim! - disse Lascelles. - Sem dúvida. Tudo sob a orientação de Mister Norrell. Nós insistiríamos nisso.

O encontro terminou com muita cordialidade de ambas as partes e com a promessa de Lascelles e Drawlight falarem sem demora com Mr. Norrell. Drawlight observou Mr. Murray sair da sala.

- Escocês - disse, assim que a porta se fechou.

- Ah, sem dúvida! - concordou Lascelles. - Mas isso não me importa. Em geral os escoceses são bastante competentes, têm muito tino para os negócios. Creio que será promissor.

- Parece uma pessoa respeitável, na verdade quase um cavalheiro. A não ser pelo estranho tique de fixar o olho direito na pessoa com quem está falando, enquanto o outro olho vasculha em redor. Achei isso um tanto perturbador.

- Ele é cego do olho direito.

- Mesmo?

- Sim. Canning me contou. Um mestre-escola lhe enterrou um canivete no olho quando ele era menino.

- Minha nossa! Mas, caro Lascelles, imagine só! Um periódico inteiro dedicado às opiniões de uma pessoa! Nunca imaginei que isso fosse possível! Ficará espantado quando contarmos.

Mr. Lascelles riu.

- Considerará a coisa mais natural do mundo. A vaidade dele está além qualquer coisa.

Como Lascelles previra Mr. Norrell nada viu de extraordinário na proposta, mas logo começou a fazer objeções.

- É uma idéia excelente - disse -, mas, infelizmente, impraticável. Não tenho tempo para editar uma publicação periódica e por certo não entregaria uma tarefa tão importante aos cuidados de outra pessoa.

- Fui da mesma opinião, senhor - replicou Mr. Lascelles -, até me lembrar de Portishead.

- Portishead? Quem é Portishead? - perguntou Mr. Norrell.

- Bem - respondeu Lascelles -, era um teórico da magia, mas...

- Um teórico da magia? - interrompeu Mr. Norrell, estupefato. - Sabe o que penso a respeito!

- Ah, mas ainda não ouviu o que eu ia dizer - retrucou Lascelles – É um admirador tão grande do *senhor* que, ao saber que o senhor não aprova teóricos da magia, tratou logo de abandonar os estudos.

- Abandonou mesmo? - disse Mr. Norrell, um pouco acalmado por essa informação.

- Ele publicou um ou dois livros. Não me lembro quais exatamente... Uma história da magia do século XVI para crianças, algo assim. Acredito que o senhor poderia entregar com segurança o periódico aos cuidados de Lorde Portishead. Não haveria o risco de ele publicar alguma coisa que o senhor desaprovasse. Ele é conhecido como um dos homens mais dignos no reino. O primeiro desejo dele será agradá-lo, tenho certeza.

Com certa relutância, Mr. Norrell concordou em conhecer Lorde Portishead, e Mr. Drawlight escreveu uma carta a ele, convidando-o a ir à Praça Hanover.

Lorde Portishead tinha por volta de quarenta anos. Era muito alto e magro, com mãos e pés magros e compridos. Costumava usar um casaco desbotado e culotes de cores claras. Era um coração generoso que com tudo se embaraçava: sua altura excessiva o embaraçava; a condição de ex-teórico da magia o embaraçava (sendo um homem inteligente, sabia que Mr. Norrell o reprovava); conhecer homens experimentados e refinados como Drawlight e Lascelles o embaraçava; e conhecer

Mr. Norrell - seu grande herói - o embarçava ainda mais. Em certo momento, de tão agitado, começou a oscilar para a frente e para trás, o que, combinado com sua altura e as roupas desbotadas, deu-lhe a aparência de um vidoeiro sob vento forte.

Apesar do nervosismo, conseguiu transmitir que estava ciente da grande honra que lhe fora concedida ao ser convidado a conhecer Mr. Norrell. Mr. Norrell ficou tão satisfeito com a extrema deferência de Lorde Portishead para com ele que, benevolmente, deu-lhe permissão de voltar a estudar magia.

Lorde Portishead, evidentemente, ficou encantado, e quando soube que Mr. Norrell desejava que ele se sentasse por longos períodos de tempo num canto da sala de estar do próprio Mr. Norrell, absorvendo as opiniões de Mr. Norrell sobre a magia moderna, e depois editasse, sob a orientação de Mr. Norrell, o novo periódico de Mr. Murray, parecia que Lorde Portishead não seria capaz de conceber maior felicidade.

O novo periódico foi batizado de *Os Amigos da Magia Inglesa*, título tirado da carta que Mr. Segundus enviara a *The Times* na primavera anterior. Curiosamente, nenhum dos artigos publicados em *Os Amigos da Magia Inglesa* foi escrito por Mr. Norrell, que se revelou totalmente incapaz de concluir um texto. Jamais ficava satisfeito com o que escrevia; jamais estava seguro de que não dissera muito ou pouco.

Não há muito de interesse para o estudante sério de magia nos primeiros números, e o único entretenimento que pode extrair deles é o contido em vários artigos nos quais Portishead faz críticas, em nome de Mr. Norrell, a: magos-cavaleiros; magos-damas; magos de rua; magos-vagabundos; magos-crianças-prodígios; a Sociedade Culta dos Magos de York; a Sociedade Culta dos Magos de Manchester; as sociedades cultas de magos em geral - e a quaisquer outros magos.

13. O Mago da Rua Threadneedle

Dezembro de 1807

O mago de rua mais famoso de Londres era, sem dúvida, Vinculus. Sua barraca de mago ficava em frente da igreja St. Christopher Le Stocks, na Rua Threadneedle, defronte ao Banco da Inglaterra, e seria difícil dizer qual era o mais famoso, se o banco ou a barraca.

Entretanto, o motivo da fama, ou má fama, de Vinculus era um tanto misterioso. Ele não era um mago melhor do que qualquer outro impostor de cabelo escorrido com cortina amarela encardida. Seus encantamentos não tinham efeito, suas profecias não se realizavam e seus transe eram absolutamente falsos.

Durante muitos anos, entregou-se a consultas profundas com o espírito do rio Tâmis. Entrava em transe, fazia perguntas ao espírito, e a voz do espírito emanava de sua boca com entonações profundas, aquosas e aéreas. Num dia do inverno de 1805, uma mulher lhe pagou um xelim para que perguntasse ao espírito onde encontrar seu marido desaparecido. O espírito forneceu uma grande quantidade de informações bastante surpreendentes e uma multidão começou a se juntar em volta da barraca para ouvi-lo. Alguns curiosos que acreditavam no poder de Vinculus ficaram impressionados com o discurso do espírito; outros, porém, começaram a debochar do mago e da cliente. Um desses debochadores (um sujeito muito engenhoso) deu um jeito de atear fogo aos sapatos de Vinculus enquanto ele falava. Vinculus saiu logo do transe: pulava, uivava, jogava-se de um lado para o outro, tentando ao mesmo tempo arrancar os sapatos e apagar o fogo. A multidão toda se divertia imensamente com o que via, quando algo escapou da boca de Vinculus. Dois homens pegaram o objeto e o examinaram: era um aparelhinho de metal com menos de quatro centímetros de comprimento. Lembrava uma gaita, e, quando um dos homens o pôs na boca, também ele foi capaz de produzir a voz do espírito do rio Tamisa.

Apesar de humilhações públicas como essa, Vinculus conservou uma certa autoridade, uma certa dignidade inata, o que significava que ele, entre todos os magos de rua de Londres, era tratado com um pouco mais de respeito. Os amigos e admiradores de Mr. Norrell viviam lhe pedindo que fizesse uma visita a Vinculus e se surpreendiam de que ele não se mostrasse disposto a isso.

Num dia de fim de dezembro, quando nuvens de temporal formavam paisagens alpinas no céu de Londres, quando o vento devastava o firmamento de tal modo que ora a cidade imergia na penumbra, ora era iluminada pela luz solar, quando a chuva retinia nas vidraças, Mr. Norrell achava-se sentado confortavelmente na biblioteca em frente a um prazenteiro fogo de lareira. A mesa de chá, com uma quantidade de coisas apetitosas, estava posta diante dele, e na mão ele segurava *A linguagem das aves*, de Thomas Lanchester. Virava as páginas à procura de um trecho preferido, quando quase ficou fora de si de susto com uma voz que de súbito disse muito alto e desdenhosamente:

- Mago! Acha que maravilhou todo mundo com suas proezas!

Mr. Norrell ergueu os olhos e ficou pasmo de ver que havia alguém no cômodo, uma pessoa que jamais vira antes, um homem magro, andrajoso e em mau estado. O rosto tinha a cor do leite azedo de três dias; o cabelo, a cor de um céu saturado de fumaça e cinzas; e as roupas, a cor do Tâmis na imunda região de Wapping. Nada nele - rosto, cabelo, roupas - estava particularmente limpo, mas em todos os outros aspectos ele correspondia à idéia geral que se tinha da aparência de um mago (aparência que por certo não era a de Mr. Norrell). Estava em pé, o corpo bastante ereto, com uma expressão naturalmente imperiosa em seus olhos cinzentos e ferozes.

- Ah, sim! - continuou o homem, olhando irado para Mr. Norrell - O senhor se julga um sujeito perfeito! Bem, pois saiba de uma coisa, mago! A sua vinda foi há muito tempo profetizada. Eu o tenho esperado por vinte anos! Onde andou se escondendo?

Mr. Norrell mantinha-se num silêncio pasmo, fitando boquiaberto seu acusador. Era como se o homem lhe tivesse penetrado o peito, arrancando-lhe o pensamento

mais secreto, e agora o expusesse à luz. Desde que chegara à capital, Mr. Norrell tinha se dado conta de que estivera de fato preparado havia muito tempo; poderia ter feito magia em benefício da Inglaterra anos atrás; os franceses poderiam ter sido derrotados e a magia inglesa alçada, aos olhos da nação, à posição grandiosa que Mr. Norrell acreditava que ela deveria ocupar. Atormentava-o a idéia de que traíra a magia inglesa com sua lentidão. Agora era como se sua própria consciência tivesse adquirido uma forma concreta e passado a condená-lo. Isso lhe dava certa vantagem diante do misterioso estranho. Balbuciando, perguntou quem ele era.

- Sou Vinculus, o mago da Rua Threadneedle!

- Ah! - exclamou Mr. Norrell, aliviado ao comprovar que ao menos não se tratava de uma aparição sobrenatural. - E creio que veio aqui mendigar! Pois trate de ir embora! Não o reconheço como um mago-irmão e nada lhe darei! Nenhum dinheiro. Nenhuma promessa de ajuda. Nenhuma recomendação. De fato, posso lhe dizer que pretendo...

- Errou de novo, mago! Nada quero para mim. Vim para expor o seu destino a si mesmo, pois para isso nasci.

- Destino? Ah, profecias, não é? - disse Mr. Norrell, com desdém. Levantou-se da cadeira e puxou com violência o cordão do sino, mas nenhum criado apareceu. - Bem, eu realmente nada tenho a dizer a pessoas que simulam fazer profecias. *Lucas!* Profecias são, sem dúvida, um dos truques mais ignóbeis que tratantes como o senhor aplicam a homens honestos. A magia não prevê o futuro, e os magos que afirmaram o contrário eram mentirosos. *Lucas!*

Vinculus olhou em volta.

- Ovi dizer que o senhor possui todos os livros já escritos sobre magia disse - e se comenta que recuperou inclusive os que se perderam no incêndio da biblioteca de Alexandria... E imagino que conhece todos de cor!

- Livros e ensaios são a base da boa erudição e do conhecimento sólido - afirmou Mr. Norrell pedantemente. - A magia deve ser posta em pé de igualdade com outras disciplinas.

Vinculus se inclinou de repente para a frente e se curvou sobre Mr. Norrell com um olhar de concentração muito intensa e ardente. Sem exatamente querer, Mr. Norrell se calou e se aproximou de Vinculus para ouvir o que ele tinha a lhe confidenciar.

- *Estendi a minha mão* - sussurrou Vinculus -, *os rios da Inglaterra se desviaram e fluíram noutra direção...*

- O que disse?

- *Estendi a minha mão* - continuou Vinculus, um pouco mais alto -, *o sangue dos meus inimigos se congelou nas veias...*

Endireitou-se, abriu os braços e fechou os olhos, como se num êxtase religioso. Com voz forte e clara, cheia de paixão, prosseguiu:

- *Estendi a minha mão; pensamento e memória saíram voando da cabeça dos inimigos como um bando de estorninhos;*

Os inimigos se encolheram como sacos vazios.

Fui até eles saído da névoa e da chuva;

Fui até eles em sonhos à meia-noite;

Fui até eles num bando de corvos que enchiam um céu do norte na aurora; Quando se acharam seguros, fui até eles com um grito que quebrou o silêncio de uma floresta invernal...



Certo, certo... - interrompeu Mr. Norrell. - Acha mesmo que esse tipo de tolice é novidade para mim? Todo maluco em cada esquina berra o mesmo disparate batido e todo tratante por trás de uma cortina amarela se faz de misterioso ao declamar esse tipo de coisa. Está em todos os livros de terceira categoria sobre magia publicados nos últimos duzentos anos! "Fui até eles num bando de corvos"! O que isso *significa* é o que eu gostaria de saber! Quem foi até quem num bando de corvos? *Lucas!*

Vinculus o ignorou. Sua voz forte sobrepuiu a voz fraca e aguda de Mr. Norrell.

A chuva fez para mim uma porta e por ela passei;

As pedras fizeram para mim um trono e nele sentei;

Três reinos me foram dados para serem meus para sempre;

A Inglaterra me foi dada para ser minha para sempre.

O escravo sem nome tinha uma coroa de prata;

O escravo sem nome era rei num país estranho...

Três reinos! - exclamou Mr. Norrell. - Ah! Agora entendo o que essa tolice pretende ser! Uma profecia do Rei Corvo! Bem, lamento dizer que, se espera me impressionar recontando histórias desse cavaleiro, vai ficar desiludido. Está totalmente enganado. Não há mago que eu deteste mais!

- As armas que os inimigos ergueram contra mim são veneradas no Inferno como relíquias sagradas;

Os planos que os inimigos fizeram contra mim estão preservados como textos sagrados;

O sangue que derramei nos antigos campos de batalha é retirado da terra manchada por sacristãos do Inferno e posto num vaso de praia e marfim.

Dei magia à Inglaterra, uma herança valiosa,

Mas os ingleses desprezaram o meu presente.

*A magia será escrita no céu pela chuva, mas eles não serão capazes de lê-la;
A magia será escrita nas faces das colinas de pedra, mas suas mentes não serão capazes de contê-la;*

No inverno, as árvores estéreis serão uma escrita negra, mas eles não a entenderão...

- É direito de todo cidadão inglês ser servido por magos competentes e bem-educados - interrompeu Mr. Norrell. - O que o senhor oferece em vez disso? Divagações místicas a respeito de pedras; chuva e árvores! Parece Godbless, que nos recomendou aprender magia com os animais selvagens da floresta. Por que não com porcos no chiqueiro? Ou com cães perdidos, eu pergunto? Esse não é o tipo de magia que pessoas civilizadas desejam ver praticada na Inglaterra de hoje! - Lançou um olhar feroz para Vinculus e, ao fazê-lo, seus olhos foram atraídos para alguma coisa.

Vinculus não estava vestido com cuidado especial. Um imundo lenço fora enrolado com negligência em volta do pescoço e uma lacuna de pele suja se mostrava entre o lenço de pescoço e a camisa. Nesse espaço havia um curioso sinal curvo de um azul vivo, não diferente do traço ascendente de uma pena. Poderia ser uma cicatriz - talvez vestígio de uma briga de rua -, porém se assemelhava mais à pintura de pele primitiva que os nativos das ilhas dos Mares do Sul praticavam. Curiosamente, Vinculus, alguém capaz de ficar totalmente à vontade na casa de outro homem enquanto o recriminava, parecia se constranger com o sinal e, ao ver que Mr. Norrell o notara, levou a mão à garganta e puxou o lenço para escondê-lo.

- Dois magos surgirão na Inglaterra...

Uma espécie de exclamação escapou de Mr. Norrell, uma exclamação que começou como um grito e terminou como um suspiro baixo e triste.

- O primeiro irá me temer; o segundo desejará me ver;

O primeiro será mandado por ladrões e assassinos; o segundo conspirará para a sua própria destruição;

O primeiro enterrará o próprio coração numa escura floresta sob a neve e, ainda assim, sentirá a própria dor;

O segundo verá o seu mais caro bem na mão do inimigo...

- Ah! Agora sei que veio aqui com o único propósito de me ferir! Falso mago tem ciúme do meu sucesso! Não pode destruir minha magia e por isso está resolvido a manchar meu nome e destruir a minha paz...

- O primeiro passará a vida sozinho; será seu próprio carcereiro;

O segundo seguirá por estradas solitárias, a tempestade sobre sua cabeça, em busca de uma torre escura no alto de uma encosta...

Nesse instante a porta se abriu e dois homens entraram apressados.

- Lucas! Davey! - berrou Mr. Norrell com histeria. - Onde estavam? Lucas começou a dar uma explicação acerca da corda do sino.

- O quê? Agarrem esse homem! Depressa!

Davey, o cocheiro de Mr. Norrell tinha a compleição generosa dos homens de sua profissão e uma força que se originava de contrapor diariamente sua vontade à dos quatro vigorosos cavalos de raça pura que puxavam a carruagem. Agarrou Vinculus pelo corpo e pela garganta. Vinculus lutou energicamente, sem desistir de continuar repreendendo Mr. Norrell:

- Sento num trono negro nas sombras, e não haverão de me ver.

A chuva fará para mim uma porta e por ela passarei;

As pedras farão para mim um trono e nele sentarei...

Davey e Vinculus chocaram-se contra uma mesinha, derrubando uma pilha de livros que estava sobre ela.

- Aaaah! Cuidado! - exclamou Mr. Norrell. - Pelo amor de Deus, cuidado! Ele vai derrubar aquele tinteiro! Vai danificar meus livros!

Lucas se juntou a Davey no esforço de prender os braços de Vinculus que giravam desenfreadamente, enquanto Mr. Norrell corria pela biblioteca, bem mais depressa do que jamais fora visto se movimentar durante anos, recolhendo os livros e pondo-os em segurança.

- *O escravo sem nome usará uma coroa de prata* - disse Vinculus com a voz entrecortada, o braço de Davey lhe apertando a garganta e sem dúvida tornando seu discurso bem menos impressionante do que antes. Num último esforço, Vinculus impulsionou o tronco, libertou-se do controle de Davey e gritou: - *O escravo sem nome será rei num país estranho...* - Em seguida, Lucas e Davey o arrastaram para fora da biblioteca.

Mr. Norrell foi se sentar na cadeira ao lado da lareira. Tornou a pegar no livro, mas verificou que se achava muito agitado para retomar a leitura. Mexeu-se irrequieto na cadeira, roeu as unhas, andou de um lado para outro no cômodo, voltava constantemente aos volumes derrubados na luta e os inspecionava à procura de sinais de dano (não havia). Sobretudo, foi às janelas e ficou a espiar apreensivo lá fora, para ver se alguém observava a casa. Às três horas o cômodo estava às escuras. Lucas voltou para acender as velas e atizar o fogo, e atrás dele veio Childermass.

- Ah! - exclamou Mr. Norrell. - Finalmente! Soube o que aconteceu? Sou traído de todos os lados! Outros magos me vigiam e tramam minha queda! Meus preguiçosos criados esquecem seus deveres. É-lhes totalmente indiferente que minha garganta seja cortada ou não! Quanto ao senhor, seu patife, é o pior de todos! Digo-lhe que aquele homem apareceu de repente neste cômodo, como se por mágica! E quando puxei a corda do sino e chamei, ninguém atendeu! Ponha de lado todos os outros afazeres. Sua única tarefa daqui em diante é descobrir que

encantamentos aquele homem empregou para ter acesso a esta casa! Onde aprendeu sua magia? O que ele sabe?

Childermass olhou para o patrão com ironia.

- Bem, se esta é minha única tarefa, já está feita. Não houve magia. Uma das serventes deixou a janela da copa aberta, o mago entrou por ela e vasculhou a casa até encontrá-lo. Só isso. Ninguém atendeu porque ele cortou a corda do sino e Lucas e os outros não o ouviram chamar. Nada ouviram até ele começar com aquela arenga, e então vieram imediatamente. Não foi, Lucas?

Lucas, ajoelhado diante da lareira com o atizador de brasas na mão, confirmou que acontecera exatamente aquilo.

- Foi o que tentei lhe dizer, senhor. Mas o senhor não quis ouvir.

Mr. Norrell, porém, se deixara levar por um frenesi de ansiedade tão grande, por causa dos supostos poderes mágicos de Vinculus, que essa explicação, a princípio, pouco o acalmou.

- Ah! - exclamou. - Mas ainda estou seguro de que ele quer me prejudicar. E de fato já me prejudicou.

- Sim - concordou Childermass. - Prejudicou mesmo! Porque, quando estive na copa, devorou três bolos de carne.

- E duas ricotas.

Mr. Norrell foi obrigado admitir que aqueles atos não se pareciam muito com os de um grande mago, mas ainda assim não conseguiu se acalmar até dar vazão a toda a sua raiva. Com Childermass e Lucas convenientemente à mão, começou por eles e os submeteu a um longo sermão, cheio de inventivas contra Vinculus, chamando-o de o maior canalha que jamais existira e terminando com várias sugestões fortes quanto ao final ruim que aguarda criados atrevidos e desleixados.

Childermass e Lucas, obrigados a escutar esse tipo de coisa praticamente todas as semanas, desde que haviam começado a prestar serviços a Mr. Norrell,

não ficaram de modo algum espantados. Esperaram o patrão desabafar seu descontentamento, ao fim do que Childermass disse:

- Deixando de lado os bolos e os queijos, ele se meteu em grande dificuldade e correu o risco de ser enforcado só para lhe fazer essa visita. O que ele queria?

- Ah, proferir uma profecia do Rei Corvo. Uma idéia nem um pouco original. Foi tudo muito incompreensível como essas divagações costumam ser. Havia algo sobre um campo de batalha, algo sobre um trono e algo sobre uma coroa de prata, mas a idéia principal era exaltar outro mago, com o que, suponho, ele queria se referir a si mesmo.

Depois de se assegurar de que Vinculus não era um adversário tão terrível, Mr. Norrell começou a se arrepender de ter sido levado a argumentar com ele. Teria sido melhor, pensou, manter um silêncio majestoso e autoritário. Consolou-se com a ponderação de que Vinculus parecera bem menos imponente quando Lucas e Davey o arrastaram para fora da biblioteca. Aos poucos, esse pensamento e a consciência de que tinha educação e habilidades infinitamente superiores começaram a tranquilizá-lo novamente. Mas, ai! A tranquilidade foi breve! Ao retomar *A linguagem das aves*, deu com o seguinte trecho:

"Nada há na magia exceto o desvairado pensamento da ave enquanto ela se lança no vazio". Não há criatura na Terra com tal potencial para a magia. Mesmo a mais insignificante delas pode voar deste mundo e chegar por acaso a outros mundos. Onde vem o vento que sopra em seu rosto, que agita as páginas de seu livro? Onde a magia irrefletida das pequenas criaturas selvagens encontra a magia do homem, onde a linguagem do vento, da chuva e das árvores pode ser entendida, lá encontraremos o Rei Corvo.

Na próxima vez que encontrou Lorde Portishead (o que ocorreu dois dias depois), Mr. Norrell se aproximou imediatamente dele e dirigiu-lhe as seguintes palavras:

- Meu senhor, espero que tenha coisas bem contundentes a dizer a respeito de Thomas Lanchester no periódico. Durante anos admirei *A linguagem das aves* como uma corajosa tentativa de apresentar ao leitor uma descrição clara e abrangente da magia dos magos *Áureos*, mas, depois de um exame mais minucioso, verifiquei que o texto dele está contaminado com as piores características deles... Ele é místico, meu senhor! Ele é místico!

14. A Fazenda Desgosto

Janeiro de 1808

Cerca de trinta anos antes de Mr. Norrell chegar a Londres com o plano de surpreender o mundo com o renascimento da magia inglesa, um cavalheiro de nome Laurence Strange recebeu uma herança que consistia em uma casa quase em ruínas, algumas terras estéreis e uma montanha de dívidas e hipotecas. Era, de fato, um grande infortúnio, mas, pensou Laurence Strange, nada que a aquisição de uma enorme soma de dinheiro não resolvesse. E, assim como muitos outros cavalheiros antes e depois dele, propôs-se a ser particularmente cortês com herdeiras toda vez que viesse a conhecer uma. Como era um homem bem-apegoado e de modos elegantes, com um jeito inteligente de conduzir uma conversa, em pouco tempo cativou Miss Erquistoune, uma jovem escocesa com um dote de novecentas libras anuais.

Com o dinheiro que Miss Erquistoune lhe trouxe, Laurence Strange consertou a casa, cuidou das terras e saldou as dívidas. Logo começou a ganhar dinheiro, em vez de devê-lo. Aumentou seus bens e passou a emprestar dinheiro com juros de quinze por cento. Nessas e em outras atividades semelhantes, encontrava ocupação para cada hora do seu dia. Não podia mais se dar ao trabalho de dedicar à esposa muita atenção. De fato, deixou bastante claro que a companhia e a conversa dela lhe eram cansativas; e ela, pobrezinha, sofria muito com isso. A propriedade de Laurence Strange ficava no condado de Shrop, numa remota região campestre próxima à fronteira gaulesa. Mrs. Strange não conhecia ninguém lá. Estava acostumada à vida da cidade, aos bailes de Edimburgo, às lojas de Edimburgo e às conversas inteligentes de suas amigas de Edimburgo; a vista das colinas altas e melancólicas sempre cobertas da chuva gaulesa era bastante desanimadora. Ela suportou essa vida solitária por cinco anos, até morrer de um resfriado que contraiu enquanto fazia um passeio solitário nessas mesmas colinas debaixo de uma tempestade.

Mr. e Mrs. Strange tinham um filho, que, na época do falecimento da mãe, estava com quatro anos. Apenas alguns dias após o enterro de Mrs. Strange, esse menino se tornou objeto de uma violenta desavença entre Laurence Strange e a família de sua falecida esposa. Os Erquistoune sustentavam que, de acordo com os termos do contrato de arras, uma grande parte da fortuna de Mrs. Strange deveria caber ao filho, que a herdaria na maioridade. Laurence Strange, para a surpresa de ninguém, reivindicava que cada centavo do dinheiro da esposa lhe pertencia, para fazer dele o que bem entendesse. Ambas as partes consultaram advogados, e dois litígios independentes foram iniciados, um no Doctors Commons (nome afetoso do Colégio de Advogados e Doutores em Direito), em Londres, o outro no tribunal escocês. Os dois litígios, *Strange contra Erquistoune* e *Erquistoune contra Strange*, estenderam-se por anos e anos, e durante esse tempo Laurence Strange sentia aversão só em ver o filho (nos dois litígios, o julgamento se pronunciou em favor do filho de Laurence Strange). O menino lhe parecia um terreno pantanoso ou senão um bosque forrado de árvores doentes - valiosos apenas no papel, sem propiciar uma boa renda anual. Se a lei inglesa desse a Laurence Strange o direito de vender o filho e comprar outro melhor, ele provavelmente o teria feito.

Enquanto isso, os Erquistoune se deram conta de que Laurence Strange tinha a capacidade de tornar seu filho tão infeliz como o fizera com sua mulher. Por isso o irmão de Mrs. Strange escreveu com urgência a Laurence Strange, propondo que o menino passasse um período de cada ano em sua casa, em Edimburgo. Para grande surpresa de Mr. Erquistoune, Mr. Strange não fez objeção.

Assim, Jonathan Strange passou metade de cada ano de sua infância na casa de Mr. Erquistoune, na Praça Charlotte, em Edimburgo, onde, supõe-se, aprendeu a ter uma opinião não muito elevada sobre seu pai. Lá recebeu os primeiros ensinamentos, na companhia de três primas, Margaret, Maria e Georgiana Erquistoune. Edimburgo é por certo uma das cidades mais civilizadas do mundo e seus habitantes são tão inteligentes e amigos do prazer como os londrinos. Em todas as ocasiões em que tinham o sobrinho consigo, Mr. e Mrs. Erquistoune faziam de tudo para deixá-lo feliz, esperando assim compensar a negligência e a indiferença que ele encontrava na casa do pai. Por isso não surpreende ele ter crescido um

pouco mimado, um pouco orgulhoso de seu próprio jeito de ser e um pouco inclinado a se ter em alta conta.

Laurence Strange envelheceu e enriqueceu ainda mais, mas não se tornou um homem melhor.

Dias antes do encontro de Mr. Norrell com Vinculus, um novo criado começara a trabalhar na casa de Mr. Laurence Strange. Os criados antigos se apressaram a ajudar e aconselhar: contaram ao novo criado que Laurence Strange era um homem orgulhoso e cruel, que todo mundo o detestava, que ele amava o dinheiro acima de qualquer coisa e que ele e o filho mal conversavam havia anos. Disseram também que tinha a índole de um demônio e que o novo criado deveria evitar ao máximo fazer algo que o ofendesse, do contrário as coisas ficariam ruins para ele.

O novo criado agradeceu as informações e prometeu lembrar-se do que haviam dito. O que os outros criados, porém, não sabiam era que o novo criado tinha um temperamento que rivalizava com o de Mr. Strange; que às vezes ele se mostrava sarcástico e com freqüência era grosseiro, que tinha em alta conta suas próprias capacidades e, por conseguinte, tendia a menosprezar as das outras pessoas. O novo criado não mencionou suas fraquezas aos antigos criados, mas não por não conhecê-los bem. Embora amiúde se envolvesse em discussões com amigos e vizinhos, sempre procurava descobrir o motivo e sempre acabava por concluir que a culpa era dos outros. Mas, caso o leitor imagine que este capítulo tratará apenas de pessoas desagradáveis, é preciso logo declarar que, enquanto a maldade fosse o princípio e o fim do caráter de Laurence Strange, o novo criado era a mistura mais natural de luz e sombra. Possuía muito bom senso e defendia os outros de injúrias reais com a mesma energia com que se vingava de insultos imaginários que acreditava haver sofrido.

Laurence Strange estava velho e já não dormia muito. Aliás, com freqüência acontecia de sentir-se mais ativo à noite do que durante o dia, e então ele se sentava à escrivaninha para escrever cartas e administrar seus negócios. Claro que um dos criados sempre ficava acordado e à disposição dele, e poucos dias depois de ter começado a trabalhar na casa essa tarefa coube ao novo criado.

Tudo correu bem até pouco depois das duas da manhã, quando Mr. Strange

chamou o criado e pediu que ele lhe trouxesse uma taça pequena de xerez.

Era um pedido simples, mas que o novo criado não achou tão fácil atender. Depois de procurar o xerez nos lugares habituais, viu-se forçado, primeiro, a acordar a criada para lhe perguntar onde ficava o quarto do mordomo e, depois, o mordomo, para lhe perguntar onde guardavam o xerez. E ainda perdeu mais alguns minutos tendo de ouvir o mordomo falar sobre a surpresa que era Mr. Strange pedir xerez, algo que quase nunca bebia. O filho de Mr. Strange, Mr. Jonathan Strange - acrescentou o mordomo, para que o novo criado entendesse melhor a família -, gostava muito de xerez e costumava manter uma ou duas garrafas no quarto de vestir.

O novo criado foi buscar o xerez na adega, como lhe instruíra o mordomo, tarefa que o obrigou a acender muitas velas, a andar por muitos trechos escuros e corredores frios, a remover das roupas muitas teias de aranha antigas, a bater a cabeça várias vezes contra ferramentas velhas e enferrujadas penduradas no teto velho e embolorado, e por fim a remover muito sangue e poeira do rosto. Levou a taça a Mr. Strange, que a esvaziou num único sorvo e pediu outra.

O novo criado achou que já tinha visto o suficiente da adega por uma única noite e, lembrando-se do que o mordomo lhe dissera, subiu ao quarto de vestir de Mr. Jonathan Strange. Entrou com cautela e deparou com o aposento praticamente desocupado, exceto por algumas velas que ainda queimavam. Isso não o surpreendeu, pois o criado sabia como era notório o desperdício de velas entre os muitos maus hábitos característicos de cavalheiros ricos e solteiros. Começou a abrir gavetas e armários, a pegar urinóis e olhar dentro deles, a procurar embaixo de mesas e cadeiras e a espiar no interior de vasos de flores. (E, se o leitor se surpreendeu com todos esses lugares em que o novo criado procurou, tudo o que posso dizer é que ele tinha mais experiência com cavalheiros ricos e solteiros do que o leitor possa ter, e sabia que eles em geral conduzem questões caseiras com alguma excentricidade.) Encontrou a garrafa de xerez, como esperava, exercendo a função de uma descalçadeira dentro de uma bota.

Enquanto derramava o vinho na taça, o criado olhou por acaso para o espelho pendurado na parede e descobriu que o aposento não estava, afinal, vazio. Sentado

numa poltrona de encosto alto e largo, Jonathan Strange observava tudo o que o novo criado fazia com expressão de espanto no rosto. O criado não deu uma explicação sequer, pois que explicação teria ele a dar que um cavalheiro pudesse ouvir? Um criado o teria entendido de pronto. O novo criado limitou-se a sair do aposento.

Desde que chegara à casa, o criado alimentava a esperança de ganhar uma posição de autoridade sobre os demais criados. Entendia que sua inteligência superior e maior experiência do mundo faziam dele um representante natural dos dois Mr. Strange em quaisquer tarefas difíceis; em sua imaginação, já tinha ouvido coisas assim: "Como sabe, Jeremy, estas são tarefas sérias cuja realização não me arrisco a entregar a ninguém mais exceto você". Seria exagero afirmar que ele havia abandonado tais esperanças, mas era obrigado a admitir que Jonathan Strange não parecera muito satisfeito ao descobrir alguém em seus aposentos servindo-se do vinho de seu estoque particular.

Assim, o novo criado adentrou o escritório de Laurence Strange com uma recém-frustrada ambição e um ânimo perigosamente irritado. Mr. Strange bebeu a segunda taça de xerez num só gole e afirmou que pretendia tomar mais. Ao ouvir isso, o criado emitiu uma espécie de grito estrangulado, puxou os próprios cabelos e exclamou:

- Por que então, em nome de Deus, seu velho parvo, não disse isso logo de início? Eu lhe teria trazido a garrafa toda!

Mr. Strange olhou surpreso para ele e retrucou com brandura que, claro, não havia necessidade de ir buscar outra taça, se para ele aquilo fosse um grande incômodo.

O criado voltou à cozinha (perguntando-se, no caminho, se de fato não teria sido um tanto brusco). Minutos depois, o sino tornou a tocar. Mr. Strange estava sentado à enorme escrivaninha com uma carta na mão, olhando pela janela a noite chuvosa e escura como breu.

- No alto daquela colina em frente - disse - mora um homem, e esta carta, Jeremy, deve ser entregue a ele antes do raiar do dia.

Ah, pensou o criado, não demorou muito! Um negócio urgente a ser realizado sob o manto da noite! O que significa isso, a não ser que ele já passou a preferir minha assistência à dos demais criados? Extremamente lisonjeado, respondeu com animação que partiria sem demora e pegou a carta que continha apenas a enigmática inscrição: "Wyvern". Perguntou se a casa tinha nome, para que, no caso de se perder, pudesse pedir orientação a alguém.

Mr. Strange começou a dizer que a casa não tinha nome, mas então se interrompeu e riu.

- Pergunte por Wyvern, da fazenda Desgosto - instruiu. Disse ao novo criado que ele teria de deixar a estrada principal por um portãozinho quebrado em frente da cervejaria de Blackstock; atrás do portão, encontraria o caminho que o levaria diretamente à fazenda Desgosto.

O novo criado foi buscar um cavalo e uma lanterna robusta, e partiu rumo à estrada principal. Era uma noite sinistra. O tempo estava caótico, uma ventania uivante e uma chuva impetuosa e cortante penetravam por todas as fendas da roupa, e logo o criado começou a sentir um frio mortal.

O caminho que tinha início em frente da cervejaria de Blackstock e subia tortuosamente a colina estava coberto por uma terrível vegetação crescida. De fato, mal merecia o nome de "caminho", porque árvores novas brotavam do meio dele, dominadas pelo vento forte e transformadas em varas que açoitavam o novo criado enquanto ele por ali passava com muito esforço. Depois de haver percorrido menos de um quilômetro, sentia como se tivesse lutado contra vários homens corpulentos sucessivamente (sendo um tipo irascível, sempre envolvido em brigas públicas, essa era uma sensação que ele conhecia bem). Amaldiçoou Wyvern por ser um sujeito negligente e preguiçoso que não mantinha sequer as sebes aparadas. Somente cerca de uma hora depois ele chegou a um lugar que no passado decerto já fora um campo, mas que agora era um mundo de silveiras e sarças, e o novo criado começou a lamentar não ter levado consigo um machado. Amarrou o cavalo a uma árvore e tentou abrir caminho. Os espinhos eram grandes, agudos e abundantes; várias vezes viu-se preso nas silveiras em tantas partes do corpo e de forma tão complicada (um braço no alto, uma perna torcida atrás) que começou a perder a

esperança de um dia conseguir se ver livre outra vez. Era estranho que alguém morasse atrás de uma cerca de espinhos tão elevada, e começou a achar que não seria uma grande surpresa descobrir que Mr. Wyvern estava adormecido havia pelo menos uns cem anos. Bem, não devo me importar muito com isto, pensou, desde que não tenha que beijá-lo.

Enquanto uma aurora triste e cinzenta surgia na encosta da colina, ele deparou com um chalé em ruínas que não parecia ter tido um coração partido pelo desgosto, como dizia o nome do lugar, e sim o próprio pescoço. A torre da chaminé se inclinava para um lado numa grande curvatura, a chaminé cambaleante em cima. Um desmoronamento de pedras vindo do telhado abria buracos por onde vigas se expunham como costelas. Sabugueiros e espinheiros enchiam o interior do chalé e, com o vigor do crescimento, haviam rompido todas as janelas e forçado as portas para fora das molduras.

O novo criado permaneceu parado debaixo da chuva por algum tempo, observando esse cenário macabro. Ao erguer o olhar, avistou alguém descendo com passadas largas a encosta da colina em sua direção; um vulto de contos de fada com um amplo e curioso chapéu na cabeça e um bastão na mão. À medida que o vulto se aproximava, o criado notou que se tratava de um fazendeiro, um homem de aspecto judicioso cuja aparência fantástica se devia apenas ao fato de ter envolvido a cabeça num pedaço de lona para se proteger da chuva.

Ele saudou o novo criado:

- Homem! O que lhe sucedeu? Coberto de sangue e sua boa roupa em frangalhos!

O novo criado olhou para o próprio corpo e verificou que era verdade. Explicou que o caminho estava coberto de mato e de espinhos.

O fazendeiro olhou pasmo para ele.

- Mas existe uma estrada boa - observou -, a menos de quatrocentos metros a oeste, que poderia ter percorrido em metade do tempo! Quem neste mundo o orientou a tomar o velho caminho?

Em vez de responder, o criado perguntou se o fazendeiro sabia onde ele poderia encontrar Mr. Wyvern, da fazenda Desgosto.

- Esse é o chalé de Wyvern, mas ele morreu há cinco anos. Fazenda Desgosto? Quem lhe disse que é esse seu nome? Alguém lhe pregou uma peça. Caminhos velhos, fazenda Desgosto, ora essa! Mas ousou dizer que é um nome tão bom quanto qualquer outro; o coração de Wyvern de fato se partiu aqui. O pobre homem teve a infelicidade de possuir algumas terras cobiçadas por um cavalheiro no vale e, como Wyvern se recusou a vendê-las, o cavalheiro enviou malfeitores no meio da noite para desenterrar todas as vagens, cenouras e repolhos que Wyvern tinha plantado, e, como isso resultou em nada, ainda abriu contra ele processos judiciais... O pobre Wyvern nada sabia sobre leis e não entendeu o que estava acontecendo.

O novo criado refletiu um pouco.

- Creio - disse enfim - que sei qual é o nome desse cavalheiro.

- Ah! - exclamou o fazendeiro. - Todos sabem. - Olhou com mais atenção para o criado. - Homem - disse -, o senhor está branco como pudim de arroz, e trêmulo, a ponto de se desmanchar!

- Estou gelado - retrucou o criado.

Em seguida o fazendeiro (que disse se chamar Bullbridge) insistiu em que o novo criado o acompanhasse até sua casa, onde poderia se aquecer junto à lareira, comer e beber alguma coisa, e quem sabe até repousar um pouco. O novo criado agradeceu, mas disse que apenas sentia frio.

Então Bullbridge conduziu o criado de volta à estrada (por um caminho que evitava os espinhos) e ele voltou para a casa de Mr. Strange.

Um sol branco e melancólico se ergueu num céu branco e melancólico se ergueu num céu branco e melancólico, como se numa imagem alegórica do desespero. Enquanto cavalgava, parecia ao novo criado que o sol era o pobre Wyvern e o céu era o Inferno, onde Wyvern tinha sido posto por Mr. Strange para ser atormentado para sempre.

Quando chegou, os outros criados juntaram-se em torno dele.

- Ah, meu rapaz! – exclamou o mordomo, preocupado. – Que estado o seu! Foi o xerez, Jeremy? Você o enfureceu por causa do xerez?

O novo criado apeou do cavalo, agarrou-se ao casaco do mordomo e pediu que ele lhe trouxesse uma vara de pescar, pois precisava tirar Wyvern do Inferno.

Por essa e outras declarações, os criados logo concluíram que ele tinha se resfriado e estava febril. Puseram-no na cama e mandaram um homem buscar o médico. Mas Laurence Strange soube disso e mandou um segundo mensageiro dizer ao médico que não precisavam dele. Depois, Laurence Strange manifestou a vontade de comer mingau e disse ao mordomo que queria que o novo criado o levasse para ele. Isso fez com que o mordomo procurasse Mr. Jonathan Strange, para lhe pedir que intercedesse, mas ele, ao que tudo indicava, tinha acordado cedo para ir a Shrewsbury e deveria voltar apenas no dia seguinte. De modo que os criados foram obrigados a tirar o novo criado da cama, vesti-lo, pôr a bandeja com o mingau em suas mãos inertes e empurrá-lo porta adentro. O dia inteiro Mr. Strange continuou fazendo uma sucessão metódica de pequenos pedidos, cada um deles - e Mr. Strange era bastante específico nisto - a ser atendido pelo novo criado.

Ao anoitecer, o criado estava tão quente ao tato quanto uma chaleira de ferro e falava desvairadamente sobre barris de ostras. Mas Mr. Strange declarou que tencionava permanecer acordado mais uma noite e que o novo criado deveria acompanhá-lo ao escritório.

O mordomo rogou corajosamente ao patrão que o substituísse.

- Ah, mas não imagina quanto esse sujeito me agrada - replicou Mr. Strange, os olhos brilhando de repugnância -, e quanto desejo tê-lo sempre a meu lado. Crê que ele não está se sentindo bem? Pois, na minha opinião, tudo que ele precisa é de ar fresco. - Dito isso, abriu a janela acima da escrivaninha. Num instante o cômodo esfriou de modo cortante e um punhado de flocos de neve foi soprado para dentro.

O mordomo suspirou, apoiou o novo criado (que começara a cair novamente) com mais firmeza contra a parede e, às escondidas, enfiou um par de luvas nos

bolsos dele.

À meia-noite, a criada foi levar mingau para Mr. Strange. Quando voltou para a cozinha, informou que Mr. Strange tinha descoberto as luvas e colocado-as sobre a mesa. Os criados foram se deitar consternados, certos de que o novo criado estaria morto na manhã seguinte.

A manhã chegou. A porta do escritório de Mr. Strange estava fechada. Bateram as sete horas e ninguém tocou o sino chamando o criado; ninguém apareceu. Bateram as oito horas. Nove horas. Dez. Os criados torceram as mãos, apreensivos.

Mas o que todos esqueceram - o que, na verdade, Laurence Strange esqueceu - foi que o novo criado era um homem jovem e forte, enquanto Laurence Strange era um homem velho, e um pouco do que o novo criado fora forçado a sofrer nessa noite Laurence Strange fora forçado a compartilhar. Às dez horas e sete minutos, o mordomo e o cocheiro se arriscaram a entrar e encontraram o novo criado no chão num sono profundo, sem febre. No outro lado do cômodo, sentado à escrivaninha, estava Laurence Strange, congelado até a morte.

Quando os acontecimentos dessas duas noites se tornaram mais amplamente conhecidos, houve uma grande curiosidade para ver o novo criado, assim como haveria uma grande curiosidade para ver um homem que tivesse matado dragões ou derrubado um gigante. Claro que o novo criado se alegrou de sua notabilidade e, ao contar e recontar a história, descobriu que o que na verdade dissera a Mr. Strange quando este lhe pedira a terceira taça de xerez foi: "Ah, pode lhe convir muito bem agora, seu velho e maligno pecador, maltratar homens honestos e levá-los à sepultura, mas não está muito distante o dia em que o senhor responderá pelos suspiros que arrancou do peito de um homem honesto e pelas lágrimas que fez brotar dos olhos de uma viúva"! Da mesma forma, a vizinhança logo tomou conhecimento de que, quando Mr. Strange abrisse a janela com a gentil intenção de matar de frio o novo criado, este exclamara: "Frio no princípio, Laurence Strange, quente no final! Frio no princípio, quente no final"! Uma referência profética à situação atual de Mr. Strange.

15. “Como vai Lady Pole”?

Janeiro de 1808

“Como vai Lady Pole?”

Em todos os lugares da cidade, em todas as esferas e ocupações dos cidadãos, ouvia-se a pergunta. Em Covent Garden, ao amanhecer, verdureiros indagavam a floristas: “Como vai Lady Pole?”. No impressor e livreiro Ackermann's, no Strand, Mr. Ackermann em pessoa pedia aos fregueses (membros da nobreza e pessoas de distinção) notícias de Lady Pole. Na Câmara dos Comuns, durante os discursos enfadonhos, os membros do Parlamento sussurravam a pergunta a seus vizinhos de assento (olhando de esguelha para Sir Walter ao fazê-lo). Nos quartos de vestir de Mayfair, nas primeiras horas do dia, criadas desculpavam-se com as patroas e perguntavam: “... mas Lady Pole compareceu à festa ontem à noite? E como vai Sua Senhoria”?

E assim a pergunta corria em todos os lugares: “Como vai Lady Pole?”.

E “Ah (vinha a resposta), Sua Senhoria passa bem, muitíssimo bem”!

O que só demonstra a lamentável pobreza do idioma, visto que Sua Senhoria estava infinitamente melhor do que apenas bem. Perto de Sua Senhoria, qualquer pessoa no mundo pareceria pálida, cansada, quase morta. A extraordinária energia que ela exibiu na manhã seguinte a sua ressurreição jamais a abandonou; quando fazia seus passeios, as pessoas viam uma dama andando muito depressa. E, quanto ao criado destacado para acompanhá-la, o coitado em geral seguia alguns metros atrás, de rosto vermelho, sem fôlego. Numa manhã, ao sair do Banco Drummond, na Rua Charing Cross, o Ministro da Guerra repentina e inesperadamente chocou-se com Sua Senhoria, que caminhava muito depressa, e foi ao chão. Ela o ajudou a se levantar, disse esperar não tê-lo machucado e se afastou antes que ele pudesse pensar numa resposta.

Como qualquer jovem de dezenove anos, Lady Pole era louca por dança. Num baile, dançava todas as músicas sem nunca se cansar e se surpreendia com o fato de todos irem embora tão cedo. "É ridículo chamar essa coisa desanimada de baile!", dizia a Sir Walter. "Mal tivemos três horas de dança!". E também ficava pasma com a fragilidade dos demais dançarinos. "Coitados! Sinto pena deles!".

O Exército, a Marinha e a Igreja brindavam a sua saúde. Amiúde Sir Walter Pole era citado como o homem mais afortunado no reino, opinião que o próprio Sir Walter compartilhava. Miss Wintertowne - a pobre, pálida e doentia Miss Wintertowne - tinha-lhe despertado compaixão, mas Lady Pole, envolta numa constante e extraordinária chama de boa saúde e ânimo alegre, era objeto de sua admiração. Quando ela, inadvertidamente, lançou o ministro da Guerra ao chão, ele julgou o incidente a melhor anedota do mundo e o relatava a quem quer que encontrasse. Confidenciou a Lady Winsell, sua amiga pessoal, que Sua Senhoria era exatamente a mulher que lhe conviria – inteligente, vivaz e tudo mais que ele poderia ter desejado. Surpreendiam-no, em especial, suas opiniões independentes.

- Na semana passada, ela me recomendou que o governo não enviasse dinheiro e soldados para o rei da Suécia, que era o que tínhamos decidido, mas que apoiássemos Portugal e Espanha e tornássemos esses países as bases de nossas operações contra Bonaparte. Com dezenove anos e já pensando com tamanha profundidade acerca de tantos assuntos e chegando a tantas conclusões! Com dezenove anos e já contradizendo o governo inteiro com tanto destemor! Claro que lhe disse que ela deveria estar no Parlamento!

Lady Pole reunia numa só pessoa os diferentes fascínios da beleza, da política, da riqueza e da magia. A alta sociedade não duvidava que ela estava destinada a se tornar um de seus líderes mais brilhantes. Fazia quase três meses que se casara; chegara a hora de seguir o caminho que o destino e a alta sociedade lhe haviam designado. Cartões foram enviados convidando a um jantar magnífico a se realizar na segunda semana de janeiro.

O primeiro jantar da carreira de toda esposa é uma ocasião importante que suscita um sem-número de pequenas preocupações. As habilidades que lhe renderam elogios nos três anos desde que deixara a sala de aula já não bastam.

Não basta mais se vestir com apuro, escolher jóias adequadas a cada ocasião, conversar em francês, tocar pianoforte e cantar. Deve agora voltar a atenção para a cozinha francesa e os vinhos franceses. Embora outras pessoas possam aconselhá-la nessas matérias importantes, suas preferências e inclinações pessoais é que devem guiá-la. Ela por certo despreza o estilo de hospitalidade da mãe e deseja fazer as coisas de forma diferente. Em Londres, pessoas elegantes vão jantar fora quatro, cinco vezes por semana. Entretanto, conseguirá uma mulher recém-casada - de dezenove anos e que antes mal entrara numa cozinha - pensar numa refeição que assombre e encante paladares assim saturados?

Há ainda os criados. Na nova casa de uma recém-casada, os criados são novos em suas funções. Quando se necessita de algo rápido - velas, um garfo diferente, um pano resistente para carregar uma terrina de sopa quente -, serão eles capazes de encontrar? No caso da residência de Lady Pole, no número 9 da Rua Harley, os problemas triplicavam. Metade dos criados vinha do condado de Northampton - da propriedade de Sua Senhoria em Great Hitherden - e metade fora recém-contratada em Londres; e, como é do conhecimento de todos, existe um mundo de diferenças entre criados do interior e criados londrinos. Não exatamente no que se refere a deveres. Criados devem sempre cozinhar, limpar, ir buscar e carregar, sejam eles do condado de Northampton ou de Londres. Não, a diferença está mais no modo como cumprem esses deveres. Digamos que um proprietário de terras do condado de Northampton vá visitar um vizinho. Terminada a visita, o laçao da casa pega o sobretudo do proprietário de terras e o ajuda a vesti-lo. Enquanto o faz, é natural que pergunte respeitosamente pela esposa do proprietário de terras. Este não se ofende em nada e responde também com algumas perguntas. Talvez o proprietário de terras tenha ouvido falar que a avó do laçao caiu e se machucou enquanto colhia repolhos na horta, e queira saber se ela se recuperou. Proprietário de terras e laçao habitam um mundo muito pequeno e se conhecem desde a infância. Em Londres, isso jamais aconteceria. Um laçao londrino não deve se dirigir aos convidados do patrão. Deve dar a impressão de que não sabe que no mundo existem coisas como avós e repolhos.

No número 9 da Rua Harley, os criados de Lady Pole vindos do interior mostravam-se sempre ansiosos, com medo de errar e inseguros do que era o certo.

Até mesmo seu jeito de falar era criticado e ridicularizado. O sotaque do condado de Northampton nem sempre era inteligível para os criados de Londres (os quais, diga-se, não faziam nenhum esforço para entendê-los) e eles usavam palavras como gulosaria, espargo, grulha e lacrau, em vez de dizer gulodice, aspárago, gralha e lacraia.

Os criados de Londres adoravam pregar peças nos criados do interior. Entregaram a Alfred, um jovem lacaio, pratos com água suja e asquerosa, dizendo que era sopa francesa e sugerindo que a servisse aos demais empregados no jantar. Volta e meia incumbiam os criados do interior de transmitir mensagens ao rapaz do açougue, ao padeiro e ao acendedor de lampiões. Eram mensagens repletas de gírias londrinas que os criados do interior não entendiam, mas vulgares e ofensivas para o rapaz do açougue, o padeiro e o acendedor de lampiões, que as entendiam muito bem. O rapaz do açougue socou o olho de Alfred em virtude do que lhe havia sido dito, enquanto os criados de Londres, escondidos na despensa, escutavam e riam.

Claro que os criados do interior se queixaram energicamente a Lady Pole (a quem conheciam a vida inteira) da forma como vinham sendo perseguidos, e Lady Pole ficou abalada ao perceber que todos os seus velhos amigos sentiam-se infelizes na nova casa. Mas, como era inexperiente, não sabia como agir. Nem por um instante duvidou da verdade do que os criados do interior lhe contaram, mas receava piorar a situação.

- O que devo fazer, Sir Walter? - perguntou.

- Fazer? - retrucou Sir Walter, surpreso. - Nada. Entregue tudo nas mãos de Stephen Black. Quando Stephen tiver lidado com eles, todos ficarão mansos como cordeiros e harmoniosos como melros.

Antes de se casar, Sir Walter tinha tido apenas um criado, Stephen Black, e a confiança de Sir Walter nele quase não tinha limites. No número 9 da Rua Harley, chamavam-no de "mordomo", mas suas tarefas e responsabilidades iam muito além das que cabem a um mordomo: ele tratava com banqueiros e advogados em nome de Sir Walter; examinava as contas dos bens de Lady Pole e informava Sir Walter

sobre o que nelas encontrava; contratava criados e operários sem consultar quem quer que fosse; supervisionava o trabalho deles, pagava contas e salários.

Evidentemente, existe em muitas casas um criado a quem, em virtude' de sua inteligência e capacidades excepcionais, costuma-se conceder uma autoridade que vai além da habitual. No caso de Stephen, porém, isso era ainda mais extraordinário, pelo fato de ele ser negro. Digo "extraordinário" porque não é um criado negro, em geral, a pessoa menos respeitada numa casa? Ainda que seja trabalhador? Ainda que seja inteligente? Entretanto, de algum modo, Stephen Black encontrou uma forma de contrariar esse princípio universal. Possuía, é verdade, determinadas vantagens naturais: um rosto bonito e estatura alta, um corpo bem-feito. E decerto não o prejudicava em nada o fato de seu patrão ser um político que tinha a satisfação de tornar públicos seus princípios liberais ao incumbir um criado negro da administração de sua casa e de seus negócios, Os demais criados ficaram um pouco surpresos de se acharem sob as ordens de um negro - alguém que muitos deles nem sequer tinham visto antes. De início, alguns sentiram-se afrontados e comentaram entre si que, se ele ousasse lhes dar uma ordem, retribuiriam com uma resposta bastante grosseira. Mas, quaisquer que fossem suas intenções, eles perceberam que, quando na presença de Stephen, nada faziam nesse sentido. Sua expressão séria, seu ar de autoridade e as instruções sensatas que ele transmitia tornavam bastante natural fazer o que ele lhes dizia.

O rapaz do açougue, o padeiro, o acendedor de lampiões e outros novos conhecidos dos criados da Rua Harley mostraram desde o começo grande interesse por Stephen. Aos criados da Rua Harley fizeram perguntas sobre seu modo de vida. O que ele comia e bebia? Quem eram seus amigos? Aonde gostava de ir quando tinha tempo livre para ir a algum lugar? Quando os criados da Rua Harley responderam que Stephen comera três ovos cozidos no café-da-manhã, que o criado pessoal gaulês do ministro da Guerra era um grande amigo dele e que ele tinha ido a um baile de criados em Wapping na noite anterior, o rapaz do açougue, o padeiro e o acendedor de lampiões agradeceram muito pelas informações. Os criados da Rua Harley perguntaram por que eles queriam saber. O rapaz do açougue, o padeiro e o acendedor de lampiões ficaram totalmente surpresos. Pois então os criados da Rua Harley não sabiam? Não, os criados da Rua Harley não sabiam. O rapaz do

açougue, o padeiro e o acendedor de lâmpadas então explicaram que durante anos corria em Londres um boato de que Stephen Black não era, na verdade, mordomo. Era um príncipe africano que ali estava em segredo, herdeiro de um vasto reino, e sabia-se que, assim que cansasse de ser mordomo, voltaria para seu reino e se casaria com uma princesa tão negra como ele.

Depois dessa revelação, os criados da Rua Harley observaram Stephen pelo canto dos olhos e concluíram que nada mais era provável. E a melhor prova disso não era a própria obediência deles a Stephen? Porque era quase improvável que homens e mulheres ingleses independentes e orgulhosos se submetessem à autoridade de um negro, se não tivessem sentido instintivamente o respeito e a reverência que um plebeu sente por um rei!

Stephen Black nada sabia dessas curiosas conjecturas. Cumpria suas obrigações com o mesmo zelo de sempre. Continuava a polir a prataria, a treinar os lacaios nos deveres do *service à la française*, a repreender os cozinheiros, a encomendar flores, roupas de cama e mesa, facas, garfos, e a fazer um sem-número de coisas necessárias para preparar a casa e os criados para a importante noite do jantar suntuoso. Quando o dia chegou, tudo exibia o esplendor de sua engenhosidade. Vasos de rosas de estufa cobriam toda a sala de visitas e a sala de jantar e se enfileiravam na escadaria. A mesa de jantar fora preparada com uma pesada toalha branca de damasco e brilhava com todas as cintilações individuais que a prataria, os copos e a luz de velas podem proporcionar. Dois enormes espelhos de Veneza pendiam nas paredes, colocados, sob a orientação de Stephen, um diante do outro, de modo que os reflexos duplicavam, triplicavam e sextuplicavam a prataria, os copos e as velas, e, quando por fim se sentaram para o jantar, os convidados pareciam suavemente dissolvidos numa luz dourada e ofuscante, como hóspedes abençoados em glória eterna.

O convidado principal era Mr. Norrell. Que contraste com a época em que chegara a Londres! Naquele tempo fora menosprezado, era um João-ninguém. Agora sentava-se entre os mais eminentes do país e era por eles cortejado! Os demais convidados dirigiam-lhe comentários e perguntas incessantes e pareciam deliciados com suas respostas breves e indelicadas: "Não sei a quem se refere", ou "Não tenho

o prazer de me relacionar com esse cavalheiro", ou "Nunca estive no lugar que mencionou".

Parte da conversa de Mr. Norrell - a mais interessante - foi proporcionada por Mr. Drawlight e Mr. Lascelles. Eles o ladeavam à mesa, ocupando-se em transmitir aos convivas as opiniões dele acerca da magia moderna. Magia era o assunto da noite. Vendo-se ao mesmo tempo na presença do único mago da Inglaterra e do objeto mais famoso de sua magia, os hóspedes não conseguiram nem pensar nem falar de outra coisa. Em pouco tempo puseram-se a discutir as inúmeras reivindicações de encantamentos exitosos surgidos em todo o país após a ressurreição de Lady Pole.

- Ao que parece, todo jornal provinciano publica dois ou três relatos desses - concordou Lorde Castlereagh. - Outro dia, no *Bath Chronicle*, li que um homem chamado Gibbons, na Rua Milsom, acordou durante a noite porque escutou ladrões arrombarem a casa. Parece que o homem tem uma vasta biblioteca de livros de magia. Tentou um encantamento que conhecia e transformou os ladrões em camundongos.

- É mesmo? - disse Mr. Canning. - E o que aconteceu aos camundongos?

- Fugiram para dentro de buracos no lambril.

- Ah! - exclamou Mr. Lascelles. - Acredite-me, senhor, não foi magia. Gibbons ouviu um barulho, achou que era um ladrão, recitou uma fórmula mágica, abriu a porta e deparou, não com ladrões, mas com camundongos. A verdade é que eram camundongos desde o início. Todas essas histórias no fim acabam resultando falsas. Há um padre solteiro que mora com a irmã em Lincoln, os Malpas. Ambos sempre se ocuparam de investigar supostas ocorrências mágicas e nunca encontraram um fundo sequer de verdade em qualquer uma delas.

- São grandes admiradores de Mister Norrell, esse padre e a irmã dele! - acrescentou Mr. Drawlight com entusiasmo. - Estão muito satisfeitos de que um homem como ele tenha aparecido para restaurar a nobre arte da magia inglesa! Não toleram que alguém espalhe mentiras e afirme ter imitado os grandes feitos dele! Detestam quando alguém se passe por importante às custas de Mister Norrell!

Tomam o caso como afronta pessoal! Mister Norrell foi gentil e lhes forneceu determinados meios infalíveis de identificar sem qualquer tipo de dúvida a falsidade de reivindicações como essas, e agora Mister Malpas e Miss Malpas percorrem o país em seu faetonte para desmascarar impostores!

- Mister Lascelles, creio que esteja sendo por demais generoso com Gibbons - retrucou Mr. Norrell com seu jeito pedante. - Ainda não há certeza alguma de que ele não esteja de fato mal-intencionado ao lançar essa falsa afirmação. No mínimo, mentiu quanto à biblioteca. Mandei Childermass ir vê-la e ele me revelou que não há um só livro anterior a 1760. Tudo sem valor! Sem nenhum valor!

- Mas esperemos - disse Lady Pole a Mr. Norrell - que o padre e a irmã logo descubram um mago de capacidade genuína... Alguém para ajudá-lo, senhor.

- Ah, mas não existe um! - exclamou Drawlight. - Um que seja! Veja, para poder realizar suas extraordinárias proezas, Mister Norrell precisou se isolar durante anos, passou anos lendo livros. Ora, tal dedicação aos interesses do país é raríssima! Garanto-lhe que não existe outro!

- Mas o padre e sua irmã não devem desistir de sua busca - insistiu Sua Senhoria. - Tomando a mim mesma como exemplo, sei quanto trabalho implica um ato de magia solitário. Pense como seria conveniente se Mister Norrell contasse com um assistente.

- Conveniente, mas quase improvável - disse Mr. Lascelles. - Os Malpas nada descobriram que sugerisse a existência de tal pessoa.

- Mas, de acordo com suas próprias palavras, Mister Lascelles, eles não estão procurando! - ponderou Lady Pole. - O propósito dos dois tem sido desmascarar a falsa magia, e não encontrar novos magos. Por viajarem no faetonte, seria fácil para eles averiguar tanto quem pratica magia como quem possui uma biblioteca. Estou certa de que não se importarão com mais essa tarefa. Ficarão felizes de fazer o que puderem para ajudá-lo. - E dirigindo-se a Mr. Norrell: - E todos nós desejamos que alcancem um breve êxito, pois creio que o senhor deve se sentir algo solitário.

No devido tempo, uma adequada porção dos cerca de cinqüenta pratos foi, como previsto, consumida, e os lacaios removeram as sobras. As damas retiraram-se e os cavalheiros foram deixados com seus vinhos. Eles, contudo, sentiram-se menos confortáveis na companhia uns dos outros que de hábito. Já haviam dito tudo o que sabiam sobre magia. Não apreciavam tagarelar sobre a vida das pessoas que conheciam, e mesmo a política lhes parecia um assunto algo tedioso. Em poucas palavras, sentiam que teriam o prazer de ver Lady Pole novamente e por isso asseguraram a Sir Walter - em vez de lhe perguntar - que ele sentia falta da esposa. Ele replicou que não. Mas isso decerto era impossível; todos sabiam muito bem que um cavalheiro recém-casado nunca estava feliz longe da esposa; a mais breve ausência poderia deprimir o ânimo de um marido recente e atrapalhar a digestão. Os hóspedes de Sir Walter perguntaram uns aos outros se não achavam que o ministro aparentava um aspecto bilioso, e todos concordaram que sim. Sir Walter negou. Ah, estava mantendo a compostura, não é? Muito bem. Mas, claro, era um caso perdido. Sentiam pena dele e iriam juntar-se às damas.

No canto, ao lado do aparador, Stephen Black observou os cavalheiros se retirarem. Três lacaios - Alfred, Geoffrey e Robert - permaneceram na sala.

- Devemos servir o chá, Mister Black? - perguntou Alfred com inocência.

Stephen Black esticou um dedo magro, como sinal de que ficassem onde estavam, e franziu um pouco a testa, a indicar que se conservassem em silêncio. Esperou até se certificar de que os cavalheiros não podiam ouvi-lo e em seguida exclamou:

- O que aconteceu com todos vocês hoje? Alfred, bem sei que o número de convidados desta noite é incomum, mas não é motivo para esquecer todo o treinamento! Fiquei pasmo com sua estupidez!

Alfred resmungou suas desculpas.

- Lorde Castlereagh lhe pediu para servir *perdizes com trufas*. Eu ouvi claramente! Mas você lhe serviu *geléia de morango*! Estava pensando em quê?

Alfred respondeu algo bastante ininteligível, do qual só se entendeu a palavra "pavor".

- Sentiu pavor? Pavor de quê?

- Penso ter visto um vulto estranho em pé atrás da cadeira de Sua Senhoria.

- Alfred, do que está falando?

- Uma pessoa alta, de cabelo prateado brilhante e casaco verde. Estava curvado, olhando para a patroa. Mas de repente sumiu.

- Alfred, olhe para aquela extremidade da sala.

- Sim, Mister Black.

- O que está vendo?

- Uma cortina, Mister Black.

- E o que mais?

- Um candelabro.

- Uma cortina de veludo verde e um candelabro com chamas de velas. Alfred, lá está a pessoa de casaco verde e cabelo prateado que você viu. Agora vá ajudar Cissie a guardar a louça e não seja tão tolo no futuro, -Stephen Black dirigiu-se ao próximo laçao – Geoffrey, seu comportamento foi tão abominável quanto o de Alfred! Posso jurar que seus pensamentos estavam num lugar totalmente diferente. O que tem a dizer?

O pobre Geoffrey não respondeu de imediato. Piscava os olhos, comprimia os lábios e fazia tudo o que um homem faz quando tenta não chorar.

- Mister Black, desculpe-me, mas a música me distraiu.

- Que música? - perguntou Stephen. - Não havia música. Lá! Escute! Aquele é o quarteto de cordas que está começando a tocar na sala de estar. Não havia

tocado até agora.

- Ah, não, Mister Black! Eu me refiro à flauta e ao violino que tocavam o tempo todo na sala ao lado em que as damas e os cavalheiros jantavam. Ah, Mister Black! Era a música mais triste que já ouvi. Achei que fosse partir meu coração!

Stephen o fitou perplexo.

- Não estou entendendo você - disse. - Não havia flauta nem violino.

- Dirigiu-se ao último laçao, um homem de compleição sólida e cabelo preto, na casa dos quarenta anos. - E, Robert, nem sei o que dizer a seu respeito! Ainda ontem não tivemos uma conversa?

- Tivemos, Mister Black.

- Não lhe disse o quanto confio em que seja um exemplo para os demais?

- Sim, Mister Black.

- Entretanto, esta noite você foi até a janela pelo menos uma meia dúzia de vezes! Estava pensando em quê? Lady Winsell aguardava que lhe levassem uma taça. Seu trabalho era servir à mesa, atender os hóspedes da patroa, não ficar à janela.

- Desculpe-me, Mister Black, mas ouvi batidas na janela.

- Batidas? Que batidas?

- Galhos batendo contra a vidraça, Mister Black.

Stephen esboçou um gesto de impaciência.

- Mas, Robert, não há árvore alguma perto da casa! Sabe muito bem disso.

- Achei que um bosque havia crescido em volta da casa - retrucou Robert.

- O quê?! - exclamou Stephen.

16. *Esperança Perdida*

Janeiro de 1808

Na Rua Harley, os criados continuavam assombrados por visões sinistras e sons lamentosos. O cozinheiro, John Longridge, e as auxiliares de cozinha estavam perturbados com um sino melancólico. O efeito do sino, explicou John Longridge a Stephen Black, foi trazer de maneira vívida à lembrança deles todas as pessoas mortas que haviam conhecido, todas as coisas boas que haviam perdido e todas as coisas ruins que lhes havia sucedido. Por isso se sentiam desencorajados, deprimidos, achando que não valia mais a pena viver.

Geoffrey e Alfred, os lacaios mais jovens, estavam atormentados com o som da flauta e do violino que Geoffrey fora o primeiro a ouvir na noite do jantar. A música parecia vir sempre do aposento ao lado. Stephen os levou pela casa inteira e provou que em parte alguma alguém tocava tais instrumentos, mas de nada serviu; os dois continuaram tristes e amedrontados.

O comportamento mais perturbador de todos, na opinião de Stephen, era o de Robert, o laçao mais velho. Desde o começo Robert parecera a Stephen um homem sensato, consciencioso, confiável, em resumo, a última pessoa no mundo a ser vítima de temores imaginários. Robert, entretanto, continuava insistindo que ouvia um bosque invisível crescer em volta da casa. Toda vez que interrompia o trabalho, ouvia galhos espectrais raspando as paredes e batendo nas vidraças, raízes de árvores que se expandiam às escondidas sob as fundações da casa separavam os tijolos. O bosque era antigo, disse Robert, maligno. Um viajante que atravessasse o bosque teria medo tanto das árvores como de uma pessoa que nele se escondesse.

Mas, argumentou Stephen, o bosque mais próximo ficava a seis quilômetros, no alto de Hampstead Heath, e mesmo lá as árvores eram bastante mansas. Não se amontoavam em volta da casa das pessoas nem tentavam destruí-las. Stephen podia dizer o que bem entendesse; Robert apenas balançava a cabeça e tremia.

O único consolo de Stephen era que esse curioso desvario eliminara todas as divergências entre os criados. Os criados de Londres já não se importavam que os do interior falassem devagar e tivessem modos antiquados. Os criados do interior já não se queixavam a Stephen de que os de Londres lhes pregavam peças e os mandavam cumprir pequenas missões imaginárias. Todos os criados estavam agora unidos pela crença de que a casa era assombrada. Terminado o trabalho, ficavam na cozinha contando histórias de todas as outras casas de que tinham ouvido falar onde havia fantasmas e horrores, e dos terríveis destinos das pessoas que nelas viveram.

Uma noite, cerca de duas semanas após o jantar de Lady Pole, estavam reunidos em volta da estufa da cozinha, concentrados nessa sua ocupação preferida. Stephen logo se cansou de ouvi-las e foi para seu pequeno quarto ler o jornal. Minutos depois de lá chegar, ouviu o soar de um sino. Pôs o jornal de lado, vestiu o casaco preto e foi ver quem solicitava sua presença.

No pequeno corredor que ligava a cozinha ao quarto do mordomo, havia uma fileira de sinos e, na parte de baixo deles, o nome dos vários aposentos da casa estavam escritos claramente com tinta marrom: *Sala de recepção veneziana; Sala de recepção amarela; Sala de jantar; Sala de estar de Lady Pole; Quarto de dormir de Lady Pole; Quarto de vestir de Lady Pole; Escritório de Sir Walter; Quarto de dormir de Sir Walter; Quarto de vestir de Sir Walter; Esperança Perdida.*

"Esperança Perdida?", refletiu Stephen. "Mas o que é isto"?

Naquela manhã mesmo pagara o carpinteiro pelo trabalho de reposição dos sinos e registrara a soma no livro de contabilidade: *Para Amos Judd, para substituir nove sinos no corredor da cozinha e escrever o nome dos aposentos embaixo, 4 xelins.* Mas havia ali dez sinos. E o sino para Esperança Perdida tocava com muito ímpeto.

"Talvez", pensou Stephen, "seja uma brincadeira de Judd. Bem, amanhã vou chamá-lo de novo e obrigá-la a corrigir isso".

Sem saber o que mais fazer, Stephen foi ao térreo e vistoriou cômodo por cômodo - todos vazios. Depois subiu a escada para o primeiro andar.

No alto dela, havia uma porta que nunca vira antes.

- Quem está aí? - sussurrou uma voz por trás da porta. Era uma voz que Stephen não conhecia e, embora não passasse de um sussurro, era estranhamente penetrante. Parecia entrar na cabeça de Stephen por outra via, não pelos ouvidos. - Alguém está aí na escada! - insistiu a voz sussurrante. - É o criado? Por favor, venha cá! Preciso do senhor!

Stephen bateu e entrou.

O aposento era tão misterioso como a porta. Se lhe pedissem para descrevê-lo, Stephen diria que era decorado em estilo gótico - a única explicação que lhe ocorria para aquela aparência extraordinária. Mas nele não havia nenhum ornamento gótico habitual, como os retratados nas páginas do Depósito das artes, de Mr. Ackermann. Não havia arcos medievais pontiagudos, madeira com entalhes complexos, motivos eclesiásticos. As paredes e o piso do aposento eram revestidos de pedras cinzentas planas, bastante gastas e irregulares aqui e ali. O teto, de pedra abobadada. Uma janela pequena deixava entrever um céu estrelado. A janela não tinha mais do que um pedaço de vidraça e por ela o vento entrava uivando no aposento.

Um cavalheiro pálido, com uma quantidade extraordinária de cabelos de algodão prateado, olhava o próprio reflexo num velho espelho rachado, com ar de profunda insatisfação.

- Ah, aí está o senhor! - exclamou, olhando com irritação para Stephen. Nesta casa, uma pessoa chama e chama, mas ninguém atende!

- Sinto muito, senhor - disse Stephen -, mas não fui informado de que estava aqui. - Supôs que o cavalheiro fosse hóspede de Sir Walter ou de Lady Pole, o que explicava sua presença, mas não a existência do aposento. Cavalheiros são amiúde convidados a ficar na casa das pessoas. Aposentos, quase nunca. - Em que posso servi-lo, senhor? - perguntou Stephen.

- Mas que tolice! - exclamou o cavalheiro de cabelos de algodão. - Não sabe que Lady Pole vai comparecer a um baile na minha casa esta noite? Meu criado fugiu

e se escondeu nalgum lugar. Como posso aparecer neste estado ao lado da bela Lady Pole?

O cavalheiro tinha motivos para se queixar: o rosto não estava barbeado, seu curioso cabelo era um acúmulo de emaranhamentos, e ele não estava vestido, mas apenas envolto num roupão antiquado.

- Vou atendê-lo num instante, senhor - assegurou-lhe Stephen. Mas primeiro tenho de encontrar um meio de barbeá-lo. Imagino que o senhor não saiba que destino seu criado deu à navalha...

O cavalheiro encolheu os ombros.

Não havia toucador no aposento. Na verdade, havia poucos móveis de qualquer tipo. Apenas o espelho, um velho banquinho de ordenha de três pernas e uma estranha cadeira entalhada que parecia feita de ossos. Stephen não acreditou que fossem ossos humanos, embora tivessem uma aparência extraordinariamente semelhante.

Em cima do banquinho, ao lado de uma graciosa caixinha, Stephen localizou uma navalha de prata refinada. No chão viu uma bacia de peltre amassada, cheia de água.

Curiosamente, não havia lareira no aposento, apenas um braseiro de ferro enferrujado cheio de carvões abrasados, que cuspiam cinzas sujas no chão. Stephen esquentou a bacia de água no braseiro e depois barbeou o cavalheiro. Quando terminou, o hóspede examinou o rosto e se declarou satisfeitíssimo. Tirou o roupão e se deixou ficar pacientemente de ceroulas enquanto Stephen lhe massageava a pele com uma escova de cerdas rijas. Stephen não pôde deixar de observar que, enquanto outros cavalheiros ficavam vermelhos com esse tratamento, aquele continuava tão pálido como antes. A única diferença era o brilho alvacento que a pele adquirira como o do luar ou da madrepérola.

As roupas eram as mais apuradas que Stephen já vira; a camisa fora lavada e passada primorosamente, as botas reluziam como espelhos negros. Mas o melhor

de tudo eram os cerca de meia dúzia de lenços de pescoço, finos como teias de aranha e rígidos como partituras.

Demorou duas horas para concluir a toailete do cavalheiro, uma vez que ele era, Stephen achou, extremamente vaidoso. Durante esse tempo, o cavalheiro foi se encantando cada vez mais com Stephen.

- Digo-lhe que meu ignorante companheiro não tem a metade de sua habilidade para pentear - afirmou. - E quanto à delicada arte de amarrar um lenço de musselina ao pescoço, ora, ele não a detém de forma alguma!

- Bem, senhor, pois é justamente o tipo de tarefa que me cabe - disse Stephen. - Gostaria de poder convencer Sir Walter a se preocupar mais com roupas, mas políticos não têm tempo para pensar em coisas como essas.

Stephen ajudou-o a vestir o casaco verde-folha (que era da melhor qualidade e do corte mais elegante), após o que o cavalheiro dirigiu-se até o banquinho de ordenha e pegou a caixinha que estava em cima dele. Era feita de porcelana e prata, mais ou menos do tamanho de uma caixa de rapé, porém um pouco mais comprida. Stephen fez um comentário admirado sobre sua cor, que não era propriamente azul-clara, nem cinza, tampouco lavanda ou lilás.

- Sim, de fato! É linda! - concordou o cavalheiro, com entusiasmo. E muito difícil de confeccionar. O pigmento tem de ser misturado com lágrimas de mulheres solteiras de boa família, que devem viver uma longa vida de virtude impecável e morrer sem jamais terem conhecido um só dia de verdadeira felicidade!

- Pobres senhoras! - exclamou Stephen. - Fico feliz que seja tão rara.

-Ah, não são as lágrimas que a tornam rara, tenho garrafas cheias delas, mas a habilidade de misturar a cor.

O cavalheiro mostrava-se agora tão afável, tão disposto a conversar que Stephen não hesitou em lhe perguntar:

- E o que o senhor guarda nesta linda caixinha? Rapé?

- Ah, não! É uma grande preciosidade minha que desejo ver Lady Pole usar esta noite em meu baile! - Abriu a caixa e mostrou a Stephen um dedo pequeno e branco.

A princípio, isso pareceu um pouco incomum a Stephen, mas a surpresa logo passou, e, se alguém nesse instante lhe tivesse perguntado a respeito, teria respondido que cavalheiros com freqüência carregam dedos consigo em caixinhas e que este era apenas mais um dos muitos casos que já vira.

- Sua família o guarda há muito tempo, senhor? - perguntou cortesmente.

- Não, não há muito tempo.

O cavalheiro fechou a caixa com um estalo e a pôs no bolso.



Juntos, ele e Stephen admiraram suas imagens refletidas no espelho. Stephen não pôde deixar de notar que os dois se complementavam de forma perfeita: uma

pele negra reluzente ao lado de uma pele branca opalescente, cada qual um exemplo perfeito de um tipo especial de beleza masculina. Exatamente o mesmo pensamento parecia ter ocorrido ao cavalheiro.

- Como somos belos! - disse num tom de assombro. - Mas só agora percebo que cometi um erro terrível! Eu o tomei por um criado da casa! Mas isso é absolutamente impossível! Sua dignidade e beleza revelam sua origem nobre, talvez mesmo régia! Creio que o senhor seja um hóspede desta casa, assim como eu. Peço que me desculpe por tê-lo importunado e agradeço o grande serviço que me prestou, aprontando-me para que eu possa me encontrar com a bela Lady Pole.

Stephen sorriu.

- Não, senhor. Eu sou mesmo um criado. Sou o criado de Sir Walter.

O cavalheiro de cabelos de algodão ergueu a sobancelha, tomado de espanto.

- Um homem habilidoso e bem-apessoado como o senhor não deveria ser um criado! - disse num tom de voz indignado. - Deveria, isto sim, ser o soberano de uma vasta propriedade! De que serve a beleza, pergunto-me, se não para se impor como um sinal visível da superioridade de alguém sobre os demais? Mas entendo o que sucede! Seus inimigos conspiraram para privá-lo de todos os seus bens e lançá-lo entre os ignorantes e humildes!

- Não, senhor. Está equivocado. Sempre fui um criado.

- Bem, não compreendo – afirmou o cavalheiro de cabelos de algodão, abanando a cabeça num sinal de perplexidade. – Há um mistério nisso e por certo o investigarei assim que dispuser de tempo. Por ora, como recompensa por haver arrumado meu cabelo e pelos demais serviços prestados, o senhor está convidado a comparecer ao meu baile desta noite.

Era uma proposta tão extraordinária que por um momento Stephen não soube o que dizer. "É um louco", pensou, "ou então um tipo de político radical que aspira eliminar todas as distinções sociais". Em voz alta, disse:

- Estou sensibilizado com a honra com a qual me distingue, senhor, mas pense bem. Seus convidados comparecerão a sua casa esperando encontrar damas e cavalheiros de uma posição social igual à deles. Estou certo de que, ao descobrirem que estão se relacionando com um criado, vão se sentir profundamente insultados. Agradeço-lhe a gentileza, contudo não gostaria de constrangê-lo nem de ofender seus amigos.

Isso pareceu surpreender ainda mais o cavalheiro de cabelos de algodão.

- Mas que nobreza de sentimentos! - exclamou. - Sacrificar seu prazer pessoal para resguardar o bem-estar alheio! Bem, é algo que, admito, jamais me ocorreria. E apenas reforça minha decisão de torná-lo um amigo e de fazer ludo o que puder para ajudá-lo. Mas o senhor não entendeu bem. Meus convidados, com os quais se mostra tão escrupuloso, são todos vassallos e súditos meus. Não existe um só entre eles que se atreveria a me criticar e nenhum que eu possa chamar de amigo. E se o fizessem, ah, ainda restaria a possibilidade de matá-los! Mas, para falar a verdade - acrescentou, como se de repente estivesse se aborrecendo com a conversa não vale muito a pena discutir o assunto, uma vez que o senhor já está aqui!

Dito isso, o cavalheiro se afastou e Stephen viu-se num grande salão, onde uma multidão de pessoas dançava ao som de uma música triste.

Surpreendeu-se um pouco outra vez, mas, como antes, acostumou-se à idéia num instante e começou a olhar em volta. Apesar de tudo o que o cavalheiro de cabelos de algodão lhe dissera, de início sentiu um leve receio de ser reconhecido. Alguns rápidos olhares pelo salão, no entanto, bastaram para assegurar-lhe de que nenhum amigo de Sir Walter estava presente - na verdade, Stephen via um só conhecido e, com sua elegante roupa preta e camisa branca e limpa, acreditou que seria facilmente tomado por um cavalheiro. Estava feliz por Sir Walter jamais ter lhe exigido que usasse libré ou peruca empoadada, o que o teria caracterizado de imediato como um criado.

Todos se vestiam conforme a última moda. As damas trajavam vestidos das cores mais requintadas (embora, para falar a verdade, poucas daquelas cores Stephen se recordava de ter visto antes), Os cavalheiros usavam calções, meias brancas e casacos marrons, verdes, azuis e pretos; as camisas eram de um branco

lustroso, faiscante, e as luvas de pelica não apresentavam uma só marca ou mancha.

Apesar de todas as roupas elegantes e da alegria dos convidados, havia sinais de que a casa não era tão próspera como antes. O salão estava iluminado por um número insuficiente de velas de sebo e apenas uma viola e um pífano proporcionavam a música.

"Esta deve ser a música de que Geoffrey e Alfred falaram", pensou Stephen. "Estranho eu não a ter ouvido antes! É tão melancólica quanto disseram".

Aproximou-se de uma estreita janela sem vidros e lá fora viu um bosque escuro e emaranhado à luz das estrelas. "E este deve ser o bosque de que fala Robert. Parece tão maligno! E será que existe um sino"?

- Ah, sim! - disse uma dama parada perto dele. Ela usava um vestido da cor das tempestades, das sombras e da chuva, e um colar de promessas quebradas e arrependimentos. Stephen surpreendeu-se ao vê-la se dirigir a ele, porque tinha certeza de que não expressara os pensamentos em voz alta. - Existe de fato um sino! - ela disse. - Está lá em cima, em uma das torres.

Ela sorria e o olhava com uma admiração tão franca que Stephen achou cortês lhe dizer alguma coisa.

- Esta, certamente, é uma reunião das mais elegantes, minha senhora. Não me lembro de ter visto rostos tão bonitos e pessoas tão graciosas reunidos num único lugar. E todos os convidados na flor da idade. Admito minha surpresa de não ver pessoas mais velhas no salão. Essas damas e estes cavalheiros não têm mãe ou pai? Tias ou tios?

- Que observação mais estranha! - Retrucou ela, rindo. - Por que o senhor da Casa da Esperança Perdida deveria convidar ao baile pessoas idosas e de má aparência? Quem gostaria de olhar para elas? Ademais, não somos tão jovens como o senhor imagina. A Inglaterra não passava de uma floresta sombria e de uma charneca árida quando vimos nossos pais e mães pela última vez. Mas espere! Veja! Lá está Lady Pole!

Entre os dançarinos, Stephen viu de relance Sua Senhoria. Ela trajava um vestido de veludo azul e o cavalheiro de cabelos de algodão a conduzia ao auge da dança.

Depois a dama de vestido da cor das tempestades, das sombras e da chuva perguntou se Stephen gostaria de dançar com ela.

- Com prazer - respondeu ele.

Quando as outras damas viram como ele dançava bem, Stephen comprovou que poderia ter quantos pares desejasse. Depois da dama de vestido da cor das tempestades, das sombras e da chuva, ele dançou com uma jovem sem cabelos que usava uma peruca de besouros brilhantes que fervilhavam e se agitavam em sua cabeça. O terceiro par se queixava desagradavelmente toda vez que a mão de Stephen tocava seu vestido, alegando que isso desafinava a roupa; e, quando olhou para baixo, Stephen viu que o vestido estava coberto de boquinhos abertas que cantavam uma breve melodia numa série de notas agudas e sinistras.

Embora os dançarinos seguissem o costume de trocar os pares ao fim de duas danças, Stephen notou que o cavalheiro de cabelos de algodão dançou com Lady Pole a noite inteira e raras vezes dirigiu a palavra a alguém no salão. Não se esqueceu de Stephen, porém. Toda vez que por acaso o olhar de Stephen cruzava com o dele, o cavalheiro de cabelos de algodão sorria e curvava a cabeça, num sinal claro de que, de todas as circunstâncias encantadoras do baile, o que mais lhe agradava era ver Stephen Black lá.

17. *A Inexplicável Aparição de Vinte e Cinco Guinéus*

Janeiro de 1808

A melhor mercearia da cidade é a Brandy's, na Rua St. James. E essa opinião não é só minha; o avô de Sir Walter Pole, Sir William Pole, recusava-se a comprar café, chocolate ou chá em outro estabelecimento, argumentando que, em cotejo com o café turco puro e refinadamente torrado de Mr. Brandy, todos os outros cafés sabiam a farinha. Deve-se dizer, porém, que, como cliente, Sir William Pole era uma bênção um tanto duvidosa. Embora generoso nos elogios e sempre cortês e condescendente com os empregados da loja, sabe-se que raras vezes pagou uma conta e, quando faleceu, devia uma grande soma de dinheiro à Brandy's. Mr. Brandy, um homenzinho velho, mal-humorado, carrancudo e irritadiço, ficava fora de si e furioso com isso. Morreu pouco depois de Sir William, e, segundo alguns, o fez de propósito; para ir à caça do nobre devedor.

Com a morte de Mr. Brandy, o negócio passou para as mãos da viúva. Mr. Brandy tinha se casado bastante tarde, e creio que o leitor não ficará surpreso em saber que Mrs. Brandy não fora totalmente feliz no casamento. Ela logo descobriu que Mr. Brandy adorava olhar muito mais para guinéus e xelins do que para ela - embora eu afirme que ele deve ter sido um tipo bastante esquisito de homem para não adorar olhar para aquela jovem encantadora e amável de cabelos encaracolados sedosos, olhos azul-claros e expressão suave. A mim me parece que um homem já velho como Mr. Brandy, com nada a recomendá-lo afora o dinheiro, deveria ter apreciado uma esposa jovem e bonita, e procurando satisfazê-la em tudo; mas ele não o fez. Recusara-se até a lhe dar uma casa própria, algo que poderia ter facilmente custeado. Tão relutante era ele em gastar meio xelim que fosse, que afirmou que teriam de viver num pequeno aposento no andar de cima da loja da Rua St. James, e durante os doze anos do casamento de Mrs. Brandy esse aposento lhe serviu de sala de estar, quarto de dormir, sala de jantar e cozinha. Mas cerca de três semanas após a morte de Mr. Brandy ela comprou uma casa no bairro de Islington, perto de Angel, e adquiriu três criadas, de nomes Sukey, Dafney e Delphina.

Empregou também dois homens para atenderem os fregueses na loja. John Upchurch era sério, trabalhador e competente. Toby Smith era um homem ruivo nervoso, cujo comportamento intrigava Mrs. Brandy. Às vezes se mostrava calado e triste, outras vezes tornava-se alegre de repente, cheio de uma inesperada insegurança. Como havia discrepâncias na contabilidade (como ocorre em qualquer negócio) e Toby parecia desconsolado e constrangido toda vez que ela lhe indagava a respeito, Mrs. Brandy começou a rezear que ele estivesse embolsando a diferença. Numa noite de janeiro, seu dilema deu uma reviravolta. Ela estava sentada na pequena sala de visitas do andar de cima da loja quando, depois de bater à porta, Toby entrou desajeitadamente, mal conseguindo encará-la.

- O que foi, Toby?

- Com licença, minha senhora - disse, olhando em volta -, o total do dinheiro não confere. John e eu o contamos várias vezes, senhora, calculamos umas doze vezes, se não mais, mas não chegamos a uma conclusão.

Mrs. Brandy mostrou sinais de impaciência, suspirou e perguntou qual era a diferença.

- Vinte e cinco guinéus, senhora.

- Vinte e cinco guinéus! - exclamou Mrs. Brandy, horrorizada. – Vinte e cinco guinéus! Mas como foi possível perdermos tanto? Ah, Toby, espero que esteja enganado. Vinte e cinco guinéus! Não supunha que houvesse tanto dinheiro assim na loja! Ah, Toby! - exclamou, enquanto outro pensamento lhe ocorria. - Fomos roubados!

Não, minha senhora - retrucou Toby. - Desculpe-me, a senhora não está entendendo. Não quis dizer que temos vinte e cinco guinéus a menos. Temos a mais, minha senhora. Essa quantia a mais.

Mrs. Brandy o mirou.

- Verá com os próprios olhos - disse Toby -, se descer à loja – e segurou a porta aberta com uma expressão ansiosa de súplica no rosto. Mrs. Brandy desceu a escada às pressas até a loja, seguida por Toby.

Eram cerca de nove horas de uma noite sem luar. As persianas estavam fechadas e John e Toby tinham apagado os lampiões. A loja deveria estar tão escura como o interior de uma lata de chá, mas, em vez disso, estava inundada de uma luz dourada e suave que parecia emanar de algo dourado em cima do balcão, Uma pilha de guinéus reluzentes, Mrs, Brandy pegou uma moeda e a examinou, Era como se segurasse uma bola de luz de um amarelo suave com uma moeda na parte inferior. A luz era estranha. Fez Mrs. Brandy, John e Toby se sentirem diferentes: Mrs. Brandy parecia orgulhosa e arrogante, John parecia astuto e dissimulado, e Toby exibia uma expressão de extrema ferocidade. Desnecessário dizer, eram todas qualidades alheias ao caráter deles. Mais estranho ainda, todavia, era a transformação que a luz provocava nas dezenas de pequenas gavetas de mogno que forravam uma das paredes da loja. Em outras noites, a inscrição dourada de cada gaveta anunciava o seguinte conteúdo: *Macis (folhas), Mostarda (sementes), Noz-moscada, Erva-doce (moída), Louro (folhas), Pimentada-jamaica, Essência de gengibre, Alcaravia, Pimenta em grão e Vinagre*, além de todos os demais sortimentos de uma mercearia próspera e moderna. Agora, porém, as palavras pareciam indicar: *Mercê (merecida), Mercê (imerecida), Marasmos, Erva má, Agouro, Perseguição por famílias, Ingratidão de crianças, Algaravia, Perspicácia e Veracidade*. Foi melhor que nenhum deles tivesse notado a estranha mudança, Mrs. Brandy teria se afligido. Não faria a menor idéia de quanto cobrar por esses novos produtos.

- Bem - disse Mrs. Brandy -, de algum lugar devem ter vindo. Alguém veio saldar contas hoje?

John negou com a cabeça. Toby fez o mesmo.

- Ademais - acrescentou Toby -, ninguém deve muito, a não ser, claro, a Duquesa de Worksop, e francamente, minha senhora, nesse caso...

- Sei, sei, Toby, basta - interrompeu Mrs. Brandy. Refletiu por um momento. - Talvez algum cavalheiro, desejando enxugar a chuva do rosto, tirou o lenço de bolso, derrubando o dinheiro no chão.

- Mas não encontramos o dinheiro no chão - replicou John. - Estava aqui na caixa, com todo o resto.

- Bem - disse Mrs. Brandy -, não sei o que dizer. Alguém pagou com um guinéu hoje?

Não, responderam Toby e John, ninguém havia pago com um guinéu, muito menos com vinte e cinco guinéus e tampouco vinte e cinco pessoas com um guinéu cada uma.

- E esses guinéus amarelos, minha senhora - observou John -, todos iguaizinhos, sem uma mancha sequer neles...

- Devo chamar Mister Black, minha senhora? – perguntou Toby.

- Ah, sim! - respondeu Mrs. Brandy num impulso. – Mas, pensando bem, talvez não. Não devemos incomodar Mister Black, a não ser que algo esteja muito errado. E não está, não é, Toby? Ou talvez esteja. Não sei dizer.

A repentina e não contabilizada entrada de grandes somas de dinheiro é coisa tão rara em nossa Era Moderna que nem Toby nem John foram capazes de ajudar a patroa a concluir se aquilo era algo errado ou certo.

- Mas, pensando melhor - continuou Mrs. Brandy -, Mister Black é muito inteligente. Creio que resolverá este enigma num instante. Toby, vá à Rua Harley. Apresente meus cumprimentos a Mister Black e diga que, se estiver livre, me agradaria ter uma breve conversa com ele. Não, espere! Não diga isso, soa muito presunçoso. Desculpe-se por importuná-lo e diga que, quando ele estiver livre, eu ficaria agradecida... não, honrada... não, agradecida, eu ficaria agradecida de poder ter uma breve conversa com ele.

A relação de Mrs. Brandy com Stephen Black havia começado quando Sir Walter herdou as dívidas do avô e Mrs. Brandy herdou os negócios do marido. A cada semana, em média, Stephen aparecia com um ou dois guinéus para ajudar a quitar a dívida. Entretanto, curiosamente, era com relutância que Mrs. Brandy muitas vezes aceitava o dinheiro. "Ah, Mister Black!", dizia ela. "Por favor, guarde o dinheiro! Tenho certeza de que Sir Walter tem mais necessidade dele do que eu. A semana passada foi muito lucrativa para nós! No momento temos na loja um chocolate *carracca* que as pessoas têm tido a gentileza de afirmar ser o melhor chocolate de

toda a Londres, infinitamente superior a outros em sabor e textura, e chegaram encomendas de todas as partes da cidade. Não gostaria de tomar uma xícara, Mister Black?”

Mrs. Brandy trazia o chocolate numa linda chocolateira de porcelana azul e branca e o servia numa xícara a Stephen, perguntando-lhe ansiosamente o que achava; porque, embora pessoas de todas as partes da cidade o encomendassem, Mrs. Brandy parecia não se sentir totalmente convencida das virtudes do chocolate até ouvir a opinião de Stephen. Tampouco a atenção que lhe dedicava terminava com o preparo do chocolate. Ficava apreensiva com a saúde dele. Se acontecia de o dia estar frio, preocupava-se que não estivesse devidamente agasalhado; se chovia, preocupava-se que ele apanhasse um resfriado; se fazia um dia quente e seco, insistia que sentasse à janela com vista para um pequeno jardim verdejante para se refrescar.

Chegado o momento de ele ir embora, ela retomava o assunto do guinéu. “Mas quanto à semana que vem, Mister Black, não sei. Talvez então eu precise muito de um guinéu... As pessoas nem sempre pagam as contas... Por isso me atrevo a lhe pedir que o traga de volta na próxima quarta-feira. Quarta-feira, às três horas. Não terei nenhum compromisso às três horas, mas com certeza terei uma chocolateira pronta, já que o senhor é tão gentil em dizer que gosta do chocolate”.

O cavalheiro leitor há de rir consigo mesmo e dizer que mulheres de fato nada entendem de negócios, mas as leitoras hão de concordar comigo que Mrs. Brandy entendia muito bem de negócios, uma vez que o principal negócio de sua vida era fazer com que Stephen Black se apaixonasse por ela tanto quanto ela estava apaixonada por ele.

Toby voltou no devido tempo, não com uma mensagem de Stephen Black, mas com Stephen Black em pessoa, e a preocupação de Mrs. Brandy com as moedas foi varrida por uma perturbação nova e em tudo mais agradável.

- Ah, Mister Black! Não esperávamos vê-lo assim tão depressa! Não imaginei que estivesse livre!

Stephen ficou parado no escuro, fora da radiância das estranhas moedas.

- Não importa onde eu esteja esta noite - disse ele num tom de voz lento, bem diferente de sua voz habitual. - A casa está em grande confusão. Sua Senhora não passa bem.

Mrs. Brandy, John e Toby ficaram estupefatos ao ouvir isso. Como todo cidadão londrino, interessavam-se de perto por tudo o que dizia respeito a Sua Senhora. Orgulhavam-se das relações que tinham com os mais variados tipos de aristocratas, mas era a freguesia de Lady Pole que lhes dava a maior satisfação. Nada lhes agradava mais do que poderem assegurar às pessoas que, quando Lady Pole se sentava para tomar o café-da-manhã, o pãozinho de Sua Senhora era untado com as compotas de Mrs. Brandy e a xícara de café era preenchida com o café feito com os grãos de Mrs. Brandy.

De repente, ocorreu a Mrs. Brandy uma idéia desagradável.

- Espero que Sua Senhora não tenha comido algo que lhe fez mal.

- Não - replicou Stephen com um suspiro. - Não foi nada disso. - Ela se queixa de dores em todo o corpo, de sonhos estranhos e de sentir frio. Mas está principalmente silenciosa e deprimida. Sua pele está fria ao tato.

Stephen avançou para dentro da luz singular.

As estranhas alterações que a luz provocara na aparência de Toby, John e Mrs. Brandy foram insignificantes perto das mudanças que exerceu em Stephen: sua beleza inata aumentou cinco, sete, dez vezes mais; ele adquiriu uma expressão de nobreza quase sobrenatural; e, o mais extraordinário, a luz de algum modo parecia concentrada num aro em torno de sua cabeça, como se ele estivesse coroado com um diadema. Entretanto, tal como antes, nenhum dos presentes notou nada fora do comum.

Ele virou as moedas com seus dedos negros e finos.

- Onde elas estavam, John?

- Aqui na caixa, com o resto do dinheiro. Mister Black, de que lugar deste mundo poderiam ter vindo?

- Estou tão intrigado quanto os senhores. Não tenho explicações a dar. Stephen dirigiu-se a Mrs. Brandy, - Minha principal preocupação, minha senhora, é que deve se proteger de qualquer suspeita de haver obtido esse dinheiro por vias desonestas. Creio que deve entregar o dinheiro a um advogado. Instrua-o a publicar um anúncio no *Times* e no *Morning Chronicle* no intuito de descobrir se alguém perdeu vinte e cinco guinéus na loja de Mrs. Brandy.

- Um advogado, Mister Black! - exclamou Mrs. Brandy, horrorizada. - Ah, mas isso vai me custar um mundo de dinheiro!

- Advogados sempre custam dinheiro, minha senhora.

Nesse momento, um cavalheiro passou pela rua St. James em frente à loja de Mrs. Brandy e, ao perceber o brilho dourado que irradiava das frestas da persiana, deu-se conta de que havia alguém lá dentro, Como precisava de chá e açúcar, bateu à porta.

- Toby, freguês! - exclamou Mrs. Brandy.

Toby correu para abrir a porta e John guardou o dinheiro. Assim que fechou a tampa da caixa de dinheiro, o salão ficou às escuras e pela primeira vez eles se deram conta de que haviam estado sob a luz das moedas misteriosas. Então John correu pelo salão, acendendo os lampiões, fazendo o lugar parecer alegre e Toby pesou as coisas que o freguês pedira.

Stephen Black se deixou cair numa cadeira e passou a mão pela testa, Parecia ter o rosto acinzentado e estar morto de cansaço.

Mrs. Brandy se sentou na cadeira ao lado dele e tocou em sua mão com delicadeza.

- O senhor não está bem, meu caro Mister Black.

- É que me dói o corpo inteiro, como acontece com um homem que dançou a noite inteira. - Soltou um suspiro e apoiou a cabeça na mão.

Mrs. Brandy retirou a mão da dele.

- Não sabia que tinha havido um baile na noite passada - disse. Notava-se um traço de ciúme em suas palavras. - Espero que tenha desfrutado bons momentos de prazer. Quem foram seus pares?

- Não, não. Não houve baile. Apenas parece que sinto todas as dores de quem dançou muito sem ter tido nenhum prazer. - Ergueu a cabeça de repente. - Ouviu? - perguntou.

- O quê, Mister Black?

- O sino. Tocando para os mortos.

Ela aguçou os ouvidos por um momento.

- Não, não ouço nada. Espero que o senhor fique para jantar, meu caro Mister Black, Seria uma honra para nós. Receio, porém, que não vá ser uma refeição requintada. Há muito pouco. Quase nada. Apenas algumas ostras cozidas no vapor, uma torta de pombo e um *harrico* de carneiro. Mas um velho amigo como o senhor sempre há de dar um desconto, estou certa. Toby pode ir buscar um pouco de...

- Tem certeza de que não ouviu?

- Tenho.

- Não posso ficar. - Deu a impressão de que ia dizer algo mais, de fato abriu a boca para dizê-lo, mas o sino pareceu distrair sua atenção novamente e ele se calou. - Boa noite! - Levantou-se com uma rápida meia medida e saiu.

Na Rua St. James, o sino continuou a dobrar. Ele andava como quem caminha num nevoeiro. Tinha chegado ao Piccadilly quando um porteiro de avental carregando um cesto cheio de peixes saiu de repente de um beco. Ao tentar se desviar do porteiro, Stephen colidiu com um cavalheiro corpulento de casaco azul e chapéu Bedford parado na esquina da Rua Albemarle.

O cavalheiro corpulento se virou e deparou com Stephen. Num instante ficou alerta; viu um rosto negro próximo do seu e mãos negras próximas de seus bolsos e pertences. Não prestou atenção às roupas caras e ao ar respeitável de Stephen,

mas, concluindo de imediato que estava prestes a ser roubado ou derrubado, levantou o guarda-chuva para desferir um golpe em defesa própria.

Era o momento que Stephen temera a vida inteira. Imaginou que policiais seriam chamados e ele se veria arrastado perante juízes, e era provável que mesmo o apoio e a amizade de Sir Walter não o salvassem. Seria um júri inglês capaz de conceber um negro que não roubara nem mentira? Um negro que fosse uma pessoa responsável? Não parecia provável. Entretanto, agora que topara com seu destino, Stephen percebeu que não se preocupava muito com isso e observou os acontecimentos se desdobrarem como se assistisse a uma peça de teatro através de um vidro espesso ou uma cena no fundo de uma lagoa.

O cavalheiro corpulento arregalou os olhos de medo, raiva e indignação. Escancarou a boca para começar a acusar Stephen, mas, nesse momento, começou a se modificar. O corpo se transformou no tronco de uma árvore; dele, de súbito, brotaram braços em todas as direções e todos os braços se transformaram em galhos; o rosto transformou-se também num tronco e ele cresceu seis metros; onde antes estavam o chapéu e o guarda-chuva, havia agora uma espessa coroa de hera.

- Um carvalho em Piccadilly - pensou Stephen sem muito interesse. Isso é incomum.

O Piccadilly também estava mudando. Uma carruagem passava. Pertencia claramente a alguém importante, pois, além do cocheiro na boléia, dois lacaios cavalgavam atrás; havia um brasão na porta, desenhado com quatro tons complementares de cinza. Enquanto Stephen a observava, os cavalos foram se tornando mais altos e delgados, pareciam prestes a desaparecer de todo, mas então se transformaram de repente num arvoredo de delicados vidoeiros prateados. A carruagem converteu-se num azevinho, e o cocheiro e os lacaios numa coruja e em dois rouxinóis que sem demora alçaram vôo. De uma dama e um cavalheiro que caminhavam juntos de repente brotaram ramos em todas as direções e eles se transformaram num sabugueiro, e um cão em um monte emaranhado de samambaias secas. Os lampiões de gás que pendiam no alto da rua foram sugados para dentro do céu e se transformaram em estrelas num arabesco de

árvores invernais, e o próprio Piccadilly reduziu-se a uma vereda mal discernível que atravessava um escuro bosque invernal.

Mas, assim como num sonho, em que os acontecimentos mais extraordinários se mostram completos, com suas próprias explicações, e se tornam num instante aceitáveis, Stephen nada viu que o surpreendesse. Parecia-lhe que sempre soubera que o Piccadilly situava-se imediatamente próximo a um bosque mágico.

Começou a caminhar pela vereda.

O bosque estava escuro e silencioso. No alto, as estrelas brilhavam como ele jamais vira e as árvores não passavam de formas negras, meras ausências de estrelas.

A melancolia e a estupidez cinzentas e espessas que lhe haviam toldado a mente e o espírito durante o dia inteiro desapareceram e ele começou a refletir sobre o curioso sonho da noite anterior, em que encontrou uma estranha pessoa de casaco verde e de cabelos de algodão que o levara a uma casa onde ele dançara a noite toda com as mais excêntricas pessoas.

O sino triste soava com muito mais nitidez no bosque do que soara em Londres, e Stephen seguiu o som ao longo da vereda. Dali a pouco, deparou com uma imensa casa de pedra com milhares de janelas. Uma luz fraca brilhava através de algumas das janelas. Um muro alto circundava a casa. Stephen passou por ele (embora não entendesse bem como, pois não havia sinal de portão) e deu consigo num pátio amplo e sinistro, onde crânios, ossos partidos e armas enferrujadas se espalhavam como se lá estivessem há séculos. Apesar do tamanho e da grandiosidade da casa, a única entrada era uma pequena porta ordinária, e Stephen teve de se abaixar muito para conseguir passar por ela. Imediatamente avistou uma multidão de pessoas, todas vestidas com as roupas mais finas.

Dois cavalheiros estavam parados logo à entrada da porta. Usavam casacos escuros finos, meias brancas imaculadas, luvas e sapatilhas. Conversavam entre si, mas assim que Stephen surgiu, um deles se virou e sorriu.

- Ah, Stephen Black! – disse. – Nós o esperávamos!

Nesse instante, a viola e a flauta começaram a soar novamente.

18. Sir Walter consulta cavalheiros de várias profissões

Fevereiro de 1808

Lady Pole estava sentada à janela, pálida e grave. Falava muito pouco e, quando dizia alguma coisa, fazia observações bizarras e de modo algum objetivas. Quando o marido e os amigos lhe perguntavam, apreensivos, qual era o problema, respondia que estava cansada de dançar, que não queria mais dançar. Quanto à música, era a mais detestável do mundo - admirava-se de não ter se dado conta disso antes.

Sir Walter considerava extremamente preocupante tal imersão no silêncio e na indiferença. No geral, assemelhava-se muito à doença que causara à dama tanto sofrimento antes do casamento e que terminara tão tragicamente com a morte prematura dela. Não estivera pálida antes? Pois estava pálida agora. Não estivera fria antes? Pois estava novamente.

Durante a doença anterior de Sua Senhoria, nenhum médico jamais tratara dela e, evidentemente, médicos de toda parte tomaram isso como uma ofensa à profissão. "Ah", exclamavam toda vez que se mencionava o nome de Lady Pole, "a magia que a trouxe de volta à vida foi sem dúvida extraordinária, mas, se ao menos os medicamentos adequados tivessem sido administrados a tempo, não teria havido necessidade de magia".

Mr. Lascelles tinha razão em afirmar que a responsabilidade era toda de Mrs. Wintertowne. Ela detestava médicos e jamais lhes permitira se aproximar da filha. Sir Walter, porém, não estava contaminado por tal preconceito e logo mandou chamar Mr. Baillie.

Mr. Baillie era um cavalheiro escocês considerado desde havia muito o mais proeminente praticante da profissão em Londres. Escrevera vários livros com títulos que soavam importantes e era médico especial do rei. Tinha um rosto circunspecto e portava um bastão com o topo dourado, como símbolo de sua

preeminência. Respondeu sem demora ao chamado de Sir Walter, ansioso por provar a superioridade da medicina sobre a magia. Concluído o exame, procurou-o. Sua Senhora gozava de excelente saúde, disse. Apanhara somente um resfriado.

Sir Walter tornou a explicar que ela estava muito diferente do que estivera apenas poucos dias atrás.

Mr. Baillie olhou pensativo para Sir Walter. Disse acreditar que entendia o problema. Não fazia muito tempo que Sir Walter e Sua Senhora estavam casados, não é? Bem, que Sir Walter o desculpasse, mas os médicos quase sempre se vêm obrigados a dizer coisas que outras pessoas não diriam. Sir Walter não estava acostumado à vida de casado. Em breve descobriria que pessoas casadas quase sempre discutem. Não tinha por que se envergonhar disso, até os mais harmoniosos casais discordavam às vezes e, quando isso ocorria, não era incomum que um dos cônjuges simulasse indisposição. Ademais, não era apenas sua Senhora que agia dessa maneira. Haveria talvez algo que Lady Pole desejasse muito? Bem, se fosse uma coisa pequena, como um vestido novo ou uma touca, por que não permitir que a tivesse, já que a queria tanto? Se fosse algo grandioso, como uma casa ou uma viagem à Escócia, nesse caso o melhor talvez fosse conversar com ela. Mr. Baillie estava seguro de que Sua Senhora não era uma pessoa desarrazoada.

Houve uma pausa, durante a qual Sir Walter fitou Mr. Baillie até a ponta de seu nariz comprido.

- Sua Senhora e eu não discutimos - disse por fim.

Ah, fez Mr. Baillie, com cortesia. A Sir Walter poderia parecer não ter havido discussão. Em geral os cavalheiros não atentavam para os sinais. Mr. Baillie aconselhou Sir Walter a refletir bem. Não teria por acaso dito algo que aborrecera Sua Senhora? Mr. Baillie não se referia a recriminações. Tudo dizia respeito aos pequenos acordos que os casais devem estabelecer ao iniciar uma vida juntos.

- Mas não é do caráter de Lady Pole se comportar como uma criança mimada!

Sem dúvida, sem dúvida, disse Mr. Baillie. Mas Sua Senhora era muito jovem, e aos jovens sempre se devia permitir alguma leviandade. Cabeças sábias não

repousavam em ombros jovens. Que Sir Walter não contasse com isso. Mr. Baillie estava se entusiasmando com o tema. Tinha exemplos para dar (extraídos da história e da literatura) de homens e mulheres ponderados e inteligentes que na juventude fizeram tolices, mas um olhar de relance no rosto de Sir Walter o persuadiu a não prosseguir com o assunto.

Sir Walter vivia uma situação semelhante. Tinha também várias coisas a dizer e estava disposto a dizer algumas, contudo sentia-se em terreno pouco firme. Um homem que se casa pela primeira vez aos quarenta e dois anos sabe muito bem que quase todos os seus conhecidos estão mais bem qualificados do que ele próprio para lhe administrar os assuntos domésticos. Por isso Sir Walter se contentou em fechar a cara para Mr. Baillie e, em seguida, uma vez que eram quase onze horas, chamou a carruagem e o secretário e foi para Burlington House, onde tinha um compromisso com os demais ministros.

Em Burlington House, atravessou pátios com colunas e ante-salas douradas. Subiu escadarias de mármore grandiosas encimadas por tetos decorados nos quais um número inconcebível de deuses, deusas, heróis e ninfas pintados baixavam do céu azul ou se reclinavam em nuvens brancas macias. Foi saudado com mesuras por toda uma hoste de lacaios empoados e de libré até chegar à sala onde os ministros examinavam papéis e argumentavam.

- Mas, Sir Walter, por que não mandou chamar Mister Norrell? - perguntou Mr. Canning, assim que se inteirou do assunto. - Estou surpreso de que ainda não o tenha chamado. Tenho certeza de que a indisposição de Sua Senhoria provará ser nada mais do que uma leve irregularidade na magia que lhe devolveu a vida. Mister Norrell pode fazer um pequeno ajuste no encantamento e Sua Senhoria voltará a ficar bem.

- Ah, exatamente! - concordou Lorde Castlereagh. - A mim parece que Lady Pole está além dos médicos. Sir Walter, Vossa Excelência e eu fomos colocados aqui na Terra pela graça de Deus, mas Sua Senhoria cá está pela graça de Mister Norrell. Tem um apego à vida diferente de nós, teologicamente e, creio, medicamente também.

- Sempre que Mrs. Perceval adocece - apartou Mr. Perceval, um advogado

meticuloso de baixa estatura, de aparência e modos comuns, que exercia a elevada função de ministro do Tesouro -, a primeira pessoa a quem recorro é à criada dela. Afinal, quem conhece melhor o estado de saúde de uma dama do que sua criada? O que diz a criada de Lady Pole?

Sir Walter abanou a cabeça.

- Pampisford mostra-se tão perplexa quanto eu. Concorda comigo que Sua Senhoria apresentava ótima saúde dois dias atrás e que agora está gelada, pálida, apática e infeliz. Isso é tudo o que informa Pampisford. Isso e uma grande tolice acerca de a casa ser assombrada. Não sei o que se passa com os criados. Estão todos num estranho estado de nervos. Nesta manhã um laçao veio até mim com a história de ter encontrado alguém na escada à meia-noite. Uma pessoa de casaco verde e com uma enorme cabeleira branca e prateada.

- Quê?! Um fantasma? Uma aparição? - inquiriu Lorde Hawkesbury. - Sim, creio que foi o que ele quis dizer.

- Mas que extraordinário! E essa pessoa de casaco verde falou? - perguntou Mr. Canning.

- Não. Geoffrey disse que ele apenas lhe lançou um olhar frio e desdenhoso e seguiu adiante.

- Ah, Sir Walter, o laçao estava sonhando. Com certeza estava sonhando - comentou Mr. Perceval.

- Ou estava embriagado - sugeriu Mr. Canning.

- Sim, foi o que me ocorreu também. Por isso, claro, perguntei a Stephen Black - explicou Sir Walter -, mas ele está tão desvairado como os outros. Mal consigo fazê-lo falar comigo.

- Bem - disse Mr. Canning -, creio que não tentará negar que há algo aqui sugerindo magia. E não é mesmo tarefa de Mister Norrell explicar aquilo que outras pessoas não conseguem? Mande chamar Mister Norrell, Sir Walter!

Isso era tão razoável que Sir Walter começou a se questionar por que não lhe ocorrera antes. Tinha em alta conta sua própria competência e não se imaginava capaz de ignorar uma ligação tão evidente. A verdade, ele agora percebia, era que realmente *não gostava* de magia. Jamais gostara, nem no princípio, quando supôs ser falsa, nem agora que resultara real. Mas achava difícil explicar isso aos ministros - ele, que os persuadira a utilizar um mago pela primeira vez em duzentos anos!

Às três e meia voltou à Rua Harley. Era a hora mais sombria de um dia de inverno. O crepúsculo transformava os prédios e as pessoas num nada negro e borrado, enquanto no alto o céu continuava de um azul prateado, estonteante, pleno de luz fria. Um pôr-do-sol pintava uma faixa cor-de-rosa e vermelho-sangue no fim de cada rua, agradável aos olhos porém de algum modo glacial para a alma. Enquanto espiava pela janela da carruagem, Sir Walter pensou que era uma sorte não ser um fantasista. Outra pessoa em seu lugar estaria deveras inquieta por se ver ao mesmo tempo diante da desagradável tarefa de consultar um mago e da singular dissolução do negro e vermelho das ruas de Londres.

Geoffrey abriu a porta do número 9 da Rua Harley e Sir Walter subiu as escadas às pressas. No primeiro andar, passou pela sala de estar veneziana onde Sua Senhoria estivera sentada pela manhã. Uma espécie de pressentimento o levou a olhar para o interior da sala. De início, não pareceu que houvesse alguém lá. O fogo na lareira estava baixo, criando uma espécie de segundo crepúsculo dentro do cômodo. Ninguém tinha ainda acendido um lampião ou uma vela. Mas então ele a viu.

Estava sentada muito ereta na cadeira ao lado da janela. De costas para ele. Tudo em relação a ela - cadeira, posição, até mesmo as dobras do vestido e do xale - estava exatamente igual a quando a deixara naquela manhã.

Assim que entrou no escritório, sentou-se à escrivaninha e escreveu uma mensagem urgente para Mr. Norrell.

Mr. Norrell não foi de imediato. Transcorreram cerca de duas horas. Por fim ele chegou com uma expressão serena estampada no rosto. Sir Walter o recebeu no vestíbulo, contando-lhe o que sucedera. Em seguida sugeriu que subissem para a sala de estar veneziana.

- Ah - exclamou Mr. Norrell, sem delongas -, pelo que me contou, Sir Walter, tenho certeza de que não será preciso importunar Lady Pole, porque, entenda, receio que nada posso fazer por ela. Dói-me dizer-lhe isto, meu caro Sir Walter, pois, como sabe, eu desejaria sempre poder servi-lo, mas o que quer que tenha afligido Sua Senhoria não creio que esteja ao alcance da magia remediá-lo.

Sir Walter suspirou. Correu a mão pelos cabelos com uma expressão infeliz. - Mister Baillie nada verificou de errado, por isso pensei que...

- Ah, mas é precisamente tal circunstância que me deixa tão seguro de não poder ajudá-lo. Magia e medicina nem sempre são tão distintas uma da outra como o senhor parece imaginar. Suas esferas com freqüência coincidem. Uma doença pode ter uma cura médica e uma cura mágica. Se Sua Senhoria estivesse de fato doente ou se, Deus nos livre e guarde, estivesse novamente para morrer, então por certo haveria a magia para curá-la ou revivê-la. Mas, perdoe-me, Sir Walter, o que me relatou parece mais uma enfermidade espiritual do que física e, como tal, não pertence nem ao campo da magia nem ao da medicina. Não sou especialista no assunto, mas quem sabe um padre não possa encontrar uma resposta melhor?

- Lorde Castlereagh achou que... Não sei se é verdadeiro, mas Lorde Castlereagh achou que, uma vez que Lady Pole deve a vida à magia... Confesso que não entendi muito bem, mas creio que quis dizer que, uma vez que a vida de Sua Senhoria está fundada na magia, só seria suscetível à cura pela magia.

- É mesmo? Foi o que Lorde Castlereagh disse? Ah, pois ele está deveras enganado. Mas me intriga que tenha pensado nisso. Costumava-se chamar a isso de "heresia meraudiana". Um abade do século doze, de Rievaulx, dedicou-se a destruí-la e mais tarde foi santificado. Claro que a teologia da magia nunca foi um tema de minha predileção, mas creio estar correto ao dizer que, no capítulo sessenta e nove de *Três estados aperfeiçoáveis do ser*, de William Pantler...

Mr. Norrell parecia prestes a iniciar um de seus longos e enfadonhos discursos sobre a história da magia inglesa, repletos de referências a livros dos quais nunca ninguém ouvira falar. Sir Walter o interrompeu:

- Sim, sim! Mas faz alguma idéia de quem possa ser a pessoa de casaco verde e cabelo prateado?

- Ah - replicou Mr. Norrell-, então crê mesmo que havia alguém? Mas isso me parece muito improvável. Não poderia ter sido algo assim como um roupão que um criado negligente esqueceu pendurado num gancho? Exatamente onde não se esperaria encontrá-lo? Eu mesmo muitas vezes me sobressaltei terrivelmente com esta peruca que o senhor agora vê em minha cabeça. Lucas deve guardá-la todas as noites, ele sabe que deve, mas por várias vezes a deixa no porta-perucas em cima do console da lareira, onde sua imagem refletida no espelho sobre a lareira assemelha-se, nada mais, nada menos, a dois cavalheiros com duas cabeças juntas segredando a meu respeito.

Mr. Norrell piscou os olhinhos rapidamente para Sir Walter. Em seguida, tendo afirmado que nada poderia fazer, desejou boa-noite e se retirou.

Mr. Norrell seguiu direto para casa, na Praça Hanover. Assim que chegou, subiu para o pequeno escritório no segundo andar. Era um cômodo tranqüilo no fundo da casa, com vista para o jardim. Os criados nunca entravam quando ele ali trabalhava, e mesmo Childermass só o incomodava por alguma razão urgente e extraordinária. Embora Mr. Norrell raras vezes avisasse quando pretendia utilizar o pequeno escritório, uma das normas da casa era que sempre estivesse preparado para isso. Nesse dia, um fogo ardia vivamente na lareira e todos os lampiões estavam acesos, mas alguém se esquecera de fechar as cortinas e, por conseguinte, as vidraças da janela tornaram-se um espelho negro no qual o cômodo se refletia.

Mr. Norrell sentou-se à escrivaninha, voltada para a janela. Abriu um volume enorme, um entre os muitos sobre sua mesa de leitura, e começou a murmurar um encantamento consigo mesmo.

Um pedaço de brasa que caiu da lareira e uma sombra que se moveu no cômodo o fizeram erguer os olhos. Viu seu reflexo sobressaltado na janela escura e também alguém em pé às suas costas - um rosto pálido e prateado rodeado por um volumoso cabelo brilhante.

Mr. Norrell não se virou para trás; em vez disso, dirigiu-se ao reflexo na janela num tom de voz furioso e amargurado.

- Quando disse que tomaria metade da vida da jovem dama para si, pensei que permitiria que ela permanecesse com seus amigos e sua família por metade de setenta e cinco anos. Pensei que seria como se ela tivesse simplesmente morrido!

- Eu nunca disse isso.

- O senhor me enganou! Não me ajudou de modo algum! Arrisca-se a arruinar tudo com seus truques! - exclamou Mr. Norrell.

A pessoa na janela emitiu um som de desaprovação.

- Esperava encontrá-lo mais razoável em nosso segundo encontro. Mas está cheio de arrogância e raiva desarrazoada contra mim! Eu respeitei as condições do nosso acordo! Fiz o que me pediu e não tomei o que não me pertencia! Se estivesse de fato preocupado com a felicidade de Lady Pole, se sentiria alegre por ela estar agora entre amigos que a admiram e estimam de verdade!

- Ah, quanto a isso - retrucou Mr. Norrell com desdém -, pouco me importa. O que é o destino de uma jovem comparado ao êxito da magia inglesa? Não, o marido dela é que me preocupa, o homem por quem fiz tudo isso! Ele está bastante deprimido por causa da sua deslealdade. Suponha que não se refaça! Suponha que tenha de renunciar ao governo! Eu jamais encontraria outro aliado tão disposto a me ajudar. Decerto jamais voltarei a ser credor de um ministro como agora!

- O marido dela, é? Bem, então vou elevá-lo de posição! Vou torná-lo grandioso, bem maior do que qualquer coisa que ele pudesse alcançar com seu próprio esforço. Será primeiro-ministro. Ou que tal imperador da Grã-Bretanha? Isso o satisfaz?

- Não, não! - exclamou Mr. Norrell. - Não está entendendo! Só desejo que ele fique satisfeito comigo, converse com os outros ministros e os convença do grande bem que a minha magia pode fazer para o país!

- Isto é um completo mistério para mim - afirmou com arrogância a pessoa na janela. – O senhor preferir a ajuda dessa pessoa à minha! O que sabe ele de magia? Nada! Eu posso lhe ensinar a erguer montanhas e esmagar inimigos debaixo delas! Posso fazer as nuvens cantarem à sua aproximação. Posso fazer surgir a primavera quando o senhor chegar e o inverno quando partir. Posso...

- Ah, sim! E tudo o que deseja em troca é atrelar a magia inglesa a seus caprichos! Expulsará homens e mulheres ingleses de suas casas e tornará a Inglaterra um lugar adequado apenas à sua raça degenerada! O preço de sua ajuda é alto demais para mim!

A pessoa na janela não respondeu às acusações de forma direta. Em vez disso um candelabro saltou de repente de uma mesinha e atravessou voando o cômodo, despedaçando um espelho na parede em frente e um pequeno busto de porcelana de Thomas Lanchester.

Depois pairou o silêncio.

Mr. Norrell sentiu medo, ficou trêmulo. Baixou os olhos para os livros abertos na escrivaninha, mas, se estava lendo, então era de um jeito que só os magos conheciam, porque seus olhos não se moviam sobre a página. Após alguns minutos tornou a erguer os olhos. A pessoa refletida na janela havia desaparecido.

Os planos de todo mundo para Lady Pole resultaram em nada. O casamento, que por breves semanas parecia tanto prometer ao casal, caiu na indiferença e no silêncio, por parte dela, e na ansiedade e no tormento por parte dele. Longe de se tornar uma referência para a alta sociedade londrina, ela se recusava a ir a qualquer lugar. Ninguém a visitava, e a Londres elegante logo a esqueceu.

Os criados da Rua Harley relutavam em entrar no cômodo onde ela estava, embora nenhum deles soubesse dizer por quê. A verdade era que ao seu redor pairava o débil eco de um sino. Um vento gélido e longínquo parecia soprar sobre ela, fazendo estremecer quem dela se aproximasse. Então, Lady Pole ali ficava por horas a fio sentada, envolta em seu xale, sem se mexer nem falar, sonhos ruins e sombras acumulando-se em torno dela.

19. O Clube dos Peep-O'Day-Boys

Fevereiro de 1808

Curiosamente, ninguém reparou que a estranha enfermidade que afligia Sua Senhoria era a mesma que afligia Stephen Black. Ele também se queixava de cansaço e frio e, nas raras ocasiões em que diziam alguma coisa, ambos falavam baixo e como se estivessem exaustos.

Mas talvez não fosse assim tão curioso. Os estilos diferentes de vida de uma dama e de um mordomo tendem a obscurecer quaisquer semelhanças de suas condições. Um mordomo tem um trabalho a fazer e deve fazê-lo. Ao contrário de Lady Pole, Stephen não permanecia sentado ociosamente à janela por horas a fio, sem falar. Sintomas elevados à dignidade de doença no caso de Lady Pole foram tratados sumariamente como mero desânimo no caso de Stephen.

John Longridge, o cozinheiro da Rua Harley, sofria de desânimo havia mais de trinta anos e se apressou a dar as boas-vindas a Stephen como se recebesse um novo membro da maçonaria da melancolia. Parecia alegre, o pobre homem, por ter um companheiro de infortúnio. Nas noites em que Stephen sentava-se à mesa da cozinha com a cabeça enterrada nas mãos, John Longridge sentava-se do outro lado, dando-lhe demonstrações de solidariedade.

- Eu me condôo do senhor, me condôo de verdade. O desânimo, Mister Black, é o pior tormento de que um homem pode sofrer. Às vezes me parece que Londres inteira se parece com uma papa de ervilha fria, tanto na cor como na consistência. Vejo pessoas com cara de papa de ervilha fria e mãos de papa de ervilha fria andando por ruas de papa de ervilha fria. Ai de mim! Como me sinto mal! Mesmo o sol no céu é frio, cinza e com aspecto de papa, sem poderes para me aquecer. O senhor sente frio sempre? - John Longridge tocou a mão de Stephen com a sua. - Ah, Mister Black, o senhor está gelado como uma lápide.

Stephen sentia-se como um sonâmbulo. Não vivia mais; apenas sonhava. Sonhava com a casa da Rua Harley e com os outros criados. Sonhava com o trabalho, com os amigos e com Mrs. Brandy. Às vezes sonhava com coisas muito estranhas, coisas que, ele sabia, nalgum lugar remoto, acanhado e frio dentro de si mesmo, não deveriam existir. Podia estar andando pelo vestíbulo ou subindo a escada da casa da Rua Harley que, quando se virava, via outros vestíbulos e escadas que conduziam para o longe, vestíbulos e escadas que não pertenciam ao lugar. Como se a casa da Rua Harley tivesse se alojado de forma involuntária no interior de um edifício maior e mais antigo. Os corredores tinham abóbadas de pedra e eram cobertos de pó e sombras. As escadas e os pisos eram tão gastos e regulares que pareciam revestidos por pedras encontradas na natureza, não na arquitetura. Mas o mais estranho sobre esses corredores espectrais era serem familiares a Stephen. Não entendia por que ou como, mas se flagrava pensando: "Sim, depois daquele canto fica o arsenal oriental", ou: "Esta escada conduz à torre do estripador".

Toda vez que via esses corredores, ou, como às vezes sucedia, percebia-lhes a presença sem na realidade vê-los, sentia-se um pouco mais animado, um pouco mais como costumava ser antes. Qualquer que fosse a parte de si que tivesse se congelado (A alma? O coração?), descongelava-se um pouquinho, e o pensamento, a curiosidade e as sensações recomeçavam a pulsar dentro dele. Mas, quanto ao mais, nada o entretinha; nada o satisfazia. Tudo não passava de sombras, ecos e poeira.

Por vezes, seu espírito irrequieto o levava a sair em longas e solitárias perambulações pelas ruas escuras e invernais dos arredores de Mayfair e Piccadilly. Numa dessas noites, no fim de fevereiro, deu consigo em frente ao café de Mr. Wharton, na Rua Oxford. Conhecia bem o lugar. No salão de cima ficava a sede do Peep-O'Day-Boys, um clube reservado aos criados de alto nível das casas de alto nível de Londres. O criado pessoal de Lord Castlereagh era um membro notável; cocheiro do Duque de Portland era outro, e assim também era Stephen. O Peep-O'Day-Boys reunia-se na terceira terça-feira de cada mês e seus associados desfrutavam dos mesmos prazeres que os membros de qualquer outro clube londrino - bebiam, comiam, jogavam, conversavam sobre política e tagarelavam sobre a vida

das patroas. Nas outras noites do mês, os membros do Peep-O'Day-Boys que estavam livres freqüentavam o salão de cima do café de Mr. Wharton para retemperar o ânimo em companhia dos colegas. Stephen entrou e subiu a escada que levava ao andar superior.

O salão assemelhava-se a qualquer estabelecimento do gênero na cidade. Estava impregnado de fumaça de tabaco, como costumam estar lugares freqüentados pela parcela masculina da sociedade. As paredes eram revestidas de painéis de madeira escura. Divisórias da mesma madeira separavam o salão em áreas reservadas, para que os fregueses pudessem desfrutar de seu próprio pequeno mundo privado de madeira. O soalho exposto era mantido aprazível com a aplicação diária de serragem. Toalhas brancas cobriam as mesas, nas quais viam-se lamparinas limpas e de pavios aparados. Stephen sentou-se num dos reservados e pediu um copo de vinho do Porto, o qual fitou melancolicamente.

Toda vez que um dos Peep-O'Day-Boys passava pelo reservado de Stephen, costumava parar para falar com ele e Stephen erguia a mão numa saudação maquinal. Nessa noite, porém, o mordomo nem se incomodou em responder. Isso aconteceu, creio, duas ou três vezes, até que de repente Stephen ouviu alguém dizer num sussurro forte: "Faz muito bem em não lhes dar atenção! Porque, ao fim e ao cabo, o que são eles senão criados e burros de carga? E quando, com a minha assistência, o senhor for elevado a seu devido lugar no pináculo da nobreza e da grandeza, será um enorme consolo lembrar-se de que lhes rejeitou a amizade!". Era apenas um sussurro, porém Stephen o ouviu com muita clareza em meio às vozes e às risadas dos membros do Peep-O'Day-Boys e de outros cavalheiros. Teve a estranha impressão de que, conquanto fosse apenas um sussurro, teria sido capaz de varar pedra, ferro ou bronze. Se lhe tivesse sido dirigido de milhares de metros abaixo da terra, ainda assim o teria ouvido. Poderia ter estilhaçado pedras preciosas e provocado insânia.

Isso foi tão extraordinário que, por um momento, o fez despertar da apatia. Uma curiosidade vívida de descobrir quem falara levou Stephen a olhar em volta, mas ele não viu nenhum conhecido. Em seguida esticou a cabeça acima da divisória para espiar o reservado contíguo. Havia uma pessoa de aparência extravagante.

Parecia bastante à vontade. Os braços estavam apoiados na parte superior da divisória e os pés calçados com bota descansavam em cima da mesa.

Tinha vários traços notáveis, mas o principal deles era seu volumoso cabelo prateado, brilhante, sedoso e luminoso como algodão. O homem deu uma piscadela para Stephen. Em seguida se levantou, saiu do reservado e foi se sentar junto de Stephen.

- Devo declarar - disse, em tom extremamente confidencial- que esta cidade já não tem nem mesmo a centésima parte de seu antigo esplendor! Estou profundamente decepcionado desde que voltei. Antes, olhar para Londres era como contemplar uma floresta de torres, pináculos e agulhas de torre, As bandeiras e bandeirolas de muitas cores que se agitavam em cada uma delas deslumbravam os olhos! Em todos os lados viam-se esculturas de pedra tão delicadas como a ossatura dos dedos da mão e tão complexas quanto o curso de um rio! Havia casas ornamentadas com dragões de pedra, grifos e leões, simbolizando a sabedoria, a coragem e a ferocidade de seus ocupantes, enquanto nos jardins dessas casas podiam se encontrar dragões, grifos e leões reais, trancados em jaulas sólidas. Os rugidos que emitiam, ouvidos nitidamente na rua, aterrorizavam os covardes. Em cada igreja um santo abençoado realizava milagres de hora em hora a pedido do populacho. Cada santo estava confinado num escrínio de mármore, que era guardado num esquite cravejado de jóias, exibido, por sua vez, num magnífico santuário de ouro e prata que reluzia noite e dia à luz de mil velas! Todos os dias uma procissão grandiosa celebrava um ou outro desses santos abençoados, e a fama de Londres corria o mundo! Claro que naquele tempo os cidadãos londrinos costumavam procurar a mim para obter conselhos sobre a construção de igrejas, o arranjo de jardins, a decoração das casas. Se fossem devidamente respeitosos em suas solicitações, eu em geral lhes oferecia um bom conselho. Ah, sim! Quando devia a mim sua aparência, Londres era bela, nobre, sem igual. Mas hoje...

Fez um gesto eloqüente, como se tivesse amassado Londres numa bola na mão e a atirado longe.

- Mas que ar tolo o senhor adquire quando crava em mim os olhos desse jeito! Dei-me ao trabalho de vir até aqui lhe fazer uma visita e o senhor permanece

sentado aí em silêncio, taciturno, de boca aberta e caída! Creio que está surpreso em me ver, mas não há razão para pôr de lado as boas maneiras. Claro - observou, como quem faz uma grande concessão -, os ingleses quase sempre ficam espantados na minha presença, é a coisa mais natural do mundo, mas o senhor e eu somos de tal modo amigos que penso que eu merecia melhor recepção!

- Meu senhor, já nos vimos antes? - perguntou Stephen, assombrado. - Decerto que sonhei com o senhor. Sonhei que estávamos numa mansão imensa com corredores empoeirados e intermináveis!

- "Meu senhor, já nos vimos antes?" - zombou o cavalheiro de cabelos de algodão. - Ora! Mas que tolice está dizendo! Como se não tivéssemos comparecido aos mesmos jantares, bailes e reuniões todas as noites por semanas e semanas!

- Com certeza em meus sonhos...

- Não o supus tão estúpido! - exclamou o cavalheiro. - Esperança Perdida não é um sonho! Trata-se de uma das mais belas e mais antigas de minhas numerosas mansões, e tão real quanto Carlton House. Na verdade, bem mais real! Detenho o conhecimento de grande parte do futuro e lhe digo que Carlton House estará no chão daqui a vinte anos, que a cidade de Londres resistirá, digamos, por outros escassos dois mil anos, ao passo que Esperança Perdida sobreviverá até a próxima era! - Parecia absurdamente satisfeito com tal pensamento e, com efeito, é preciso dizer, felicitava a si mesmo com extrema naturalidade. - Não, não é um sonho. O senhor está apenas sob um encantamento que o conduz todas as noites a Esperança Perdida para participar de nossos festins sobrenaturais!

Stephen cravou os olhos no cavalheiro, sem compreender. Depois, lembrando-se de que devia falar ou então aceitar as acusações de ser um homem taciturno e se comportar mal, recuperou o juízo e balbuciou:

- E... E o encantamento é seu, meu senhor?

- Mas claro!

Pelo ar satisfeito com que falou, era evidente que o cavalheiro de cabelos de algodão julgava ter concedido a Stephen o maior dos privilégios por tê-lo encantado.

Stephen agradeceu-lhe cortesmente por isso.

- No entanto - acrescentou -, não posso imaginar o que fiz para merecer tal gentileza de sua parte. Na verdade, estou certo de que nada fiz.

- Ah! - exclamou o cavalheiro com alegria. - Stephen Black, o senhor tem modos excelentes! Poderia ensinar aos orgulhosos ingleses uma ou duas coisas a respeito da deferência devida a pessoas de qualidade. No fim, seus modos ainda lhe trarão muito boa sorte!

- E aqueles guinéus de ouro na caixa de dinheiro de Mrs. Brandy? - perguntou Stephen. - Eram seus também?

- Ah, é apenas uma suposição sua? Veja só como fui esperto: lembrando-me do que o senhor me contou sobre estar cercado dia e noite de inimigos que desejam prejudicá-lo, transferi o dinheiro a uma amiga sua. Depois, quando o senhor e ela casarem, o dinheiro será seu.

- Como o senhor... - começou Stephen e depois se interrompeu. Sem dúvida não havia uma parte sequer de sua vida que o cavalheiro desconhecesse e nada em que não se sentisse no direito de interferir. - Mas o senhor se engana quanto a inimigos - disse. - Não tenho inimigos.

- Meu caro Stephen! - exclamou o cavalheiro, achando muita graça. Claro que tem inimigos! E o principal deles é o homem cruel que é seu patrão e esposo de Lady Pole! Obriga-o a trabalhar como criado e a obedecer-lhe noite e dia. Ordena tarefas totalmente inadequadas a uma pessoa com a beleza e a dignidade do senhor. E por que ele age dessa maneira?

- Creio que porque... - começou Stephen.

- Exatamente! - afirmou o cavalheiro jubilosamente. - Porque em sua extrema crueldade ele o capturou e o prendeu com correntes, e agora prevalece sobre o senhor, a saltitar a sua volta e a uivar com risos malignos por vê-lo em tal situação!

Stephen abriu a boca para objetar que Sir Walter Pole jamais fizera tais coisas; que sempre o tratara com gentileza e carinho; que quando Sir Walter era mais jovem

despendera uma soma de que mal dispunha para que Stephen pudesse estudar; e mais tarde, quando Sir Walter estava ainda mais pobre, eles amiúde comiam da mesma comida e compartilhavam do calor da mesma lareira. Quanto a triunfar sobre inimigos, Stephen com freqüência vira Sir Walter estampar um sorriso bastante presumido quando acreditava ter marcado um ponto contra seus adversários políticos, mas jamais o vira saltitar ou uivar com risos malignos. Stephen estava prestes a dizer todas essas coisas, quando a menção da palavra "correntes" pareceu lhe desfechar uma espécie de raio silencioso ao longo do corpo. De súbito, na imaginação, viu um lugar escuro, terrível, repleto de horror, um lugar fechado, mal cheiroso, quente. Havia sombras na escuridão, e o arrastar e o retinir de pesadas correntes de ferro. O que essa imagem significava ou donde se originava Stephen não fazia a menor idéia. Não parecia uma lembrança. Teria estado num lugar como esse?

- ... Se viesse a descobrir que todas as noites o senhor e ela se libertam dele para ser felizes em minha casa, ora! Ele logo seria tomado por acessos de ciúme e, creio, tentaria matar os dois. Mas não receie nada, meu caro, meu caro Stephen! Tomarei todo o cuidado para que ele jamais descubra. Ah, como detesto pessoas egoístas assim! *Eu sei* o que é ser desdenhado e menosprezado pelos ingleses orgulhosos e ser submetido à realização de tarefas degradantes, Não posso aceitar que seja esse o seu destino! - O cavalheiro fez uma pausa para acariciar o rosto e a fronte de Stephen com seus dedos brancos e gélidos, o que provocou uma estranha sensação de entorpecimento na pele de Stephen. - Não pode imaginar o interesse generoso que tenho pelo senhor e como estou desejoso de lhe prestar um serviço duradouro, motivo pelo qual concebi um plano para torná-lo rei de algum reino encantado!

- Eu... Queira me desculpar, senhor. Estava pensando noutra coisa. O senhor disse rei? Não, senhor. Eu não poderia ser um rei. É só sua enorme bondade para comigo que o leva a pensar que isso seja possível. Ademais, estou quase certo de que o Reino Encantado não condiz comigo. Desde que visitei sua casa pela primeira vez, tenho me sentido parvo e pesado. Vivo cansado de manhã, à tarde e à noite, e minha vida tornou-se um fardo para mim. Creio que a culpa é toda minha, mas talvez os mortais não sejam feitos para a ventura dos mundos encantados.

- Ah, isso é simplesmente a tristeza que sente com a monotonia de Londres em comparação com a vida agradável que leva em minha casa, onde há sempre bailes, banquetes e pessoas vestidas em seus melhores trajes!

- Tem razão, senhor, mas, caso se sinta inclinado a me libertar deste encantamento, eu lhe seria muito grato.

- Ah, impossível! - afirmou o cavalheiro. - Sabe que minhas belas irmãs e primas, por quem, posso dizer, reis se mataram e grandes impérios entraram em decadência, todas elas brigaram para ver qual seria seu próximo par nas danças? O que diriam elas se eu lhes contasse que o senhor jamais voltaria a visitar Esperança Perdida? Porque, entre minhas muitas virtudes, está a de ser um irmão e um primo extremamente atencioso. Sempre procuro agradar as mulheres da família quando posso. E, quanto à recusa de se tornar rei, asseguro-lhe: não existe nada mais agradável do que ver pessoas curvadas diante de um rei, dirigindo-se a ele com toda espécie de títulos nobiliárquicos.

Continuou a lançar extravagantes elogios à beleza de Stephen, à sua fisionomia digna e elegante modo de dançar - que ele parecia considerar as principais qualificações para o soberano de um vasto reino encantado -, e começou a especular que reino seria o mais conveniente para Stephen.

- Bênçãos Incalculáveis é um belo lugar, com florestas escuras impenetráveis, montanhas solitárias e mares intransponíveis. De um lado, tem a vantagem de estar sem um soberano no momento, mas, de outro, a desvantagem de já haver vinte e seis candidatos ao trono, e o senhor seria lançado de imediato no meio de uma sangrenta guerra civil; ou o senhor não se importaria com isso? Há ainda o Ducado de Tenha-Dó. O duque atual não tem o que se poderia chamar de amigos. Ah, mas eu não suportaria ver um amigo meu soberano de um lugarzinho tão infeliz como Tenha-Dó!

20. *O Chapeleiro Inverossímil*

Fevereiro de 1808

Quem esperava que a guerra terminasse com a entrada do mago em cena logo se desiludiu.

- Magia! - exclamou Mr. Canning, o ministro das Relações Exteriores. – Não me falem de magia! É igual a tudo o mais, cheia de reveses e frustrações.

Havia algo de justo nisso, e Mr. Norrell sempre se dispunha a fornecer longas e difíceis explicações sobre o motivo pelo qual alguma coisa não era possível. Uma vez, ao dar uma dessas explicações, disse algo de que mais tarde viria a se arrepender. Foi na Burlington House que Mr. Norrell explicou a Lorde Hawkesbury, ministro do Interior, que não poderiam tentar isto ou aquilo porque exigiria, ah! No mínimo uma dúzia de magos a trabalharem dia e noite. Fez um longo e enfadonho discurso sobre a situação deplorável da magia inglesa e concluiu:

- Eu o faria, não fosse isso, mas, como Vossa Excelência bem sabe, nossos jovens de talento escolhem o Exército, a Marinha e a Igreja para seguir suas carreiras. Minha própria profissão é lamentavelmente negligenciada, pobre dela. – E soltou um grande suspiro.

Tudo que Mr. Norrell parecia pretender era chamar a atenção para seu próprio talento extraordinário; todavia, infelizmente, Lorde Hawkesbury entendeu algo bem diferente.

- Ah! - exclamou. - O senhor sugere que precisamos de mais magos? Ah, sim! Entendo perfeitamente. Perfeitamente. Uma escola talvez? Ou uma Sociedade Real sob o patrocínio de Sua Majestade? Bem, Mister Norrell, creio que podemos encarregá-lo dos detalhes. Se fizer a gentileza de redigir um memorando sobre o assunto, terei prazer em lê-lo e apresentar as propostas aos demais ministros. Conhecemos sua habilidade para redigir coisas assim, muito claras e pormenorizadas, e em boa caligrafia. Creio, meu senhor, que em algum lugar

haveremos de encontrar uma pequena soma de dinheiro para destinar ao senhor. Mas quando tiver tempo. Não há pressa. Sei o quanto é ocupado, senhor.

Pobre Mr. Norrell! Nada poderia desagradá-lo mais do que a formação de outros magos. Consolou-o o pensamento de que Lorde Hawkesbury era um ministro exemplar, dedicado a suas atividades, com um sem-número de coisas em que pensar. Sem dúvida, logo se esqueceria de tudo aquilo.

Mas, já na próxima vez em que Mr. Norrell foi a Burlington House, Lorde Hawkesbury o procurou apressado, dizendo:

- Ah, Mister Norrell! Conversei com o rei sobre sua intenção de formar novos magos. Sua Majestade ficou muito contente, achou o plano excelente e me pediu que lhe comunicasse que terá satisfação em conceder seu patrocínio ao projeto.

Foi uma sorte que, antes que Mr. Norrell pudesse responder, a súbita entrada do embaixador sueco na sala obrigou Sua Excelência a se retirar às pressas novamente.

Cerca de uma semana depois, porém, Mr. Norrell tornou a se encontrar com Lorde Hawkesbury, dessa vez num jantar especial oferecido pelo Príncipe de Gales em homenagem a Mr. Norrell na Carlton House.

- Ah, Mister Norrell, cá está o senhor! Terá por acaso consigo as recomendações para a escola de magos? É que acabei de conversar com o duque do condado de Devon e ele se mostrou muito interessado, acha que a casa que possui em Leamington Spa viria a calhar e me fez perguntas sobre qual seria o currículo, se haveria orações, onde os magos dormiriam, esse tipo de coisa de que não faço a menor idéia. O senhor poderia, por gentileza, conversar com ele? Ele está ali ao lado da lareira... Ah, já nos viu, vem vindo para cá. Vossa Graça, aqui está Mister Norrell, pronto para lhe falar tudo a respeito!

Foi com alguma dificuldade que Mr. Norrell conseguiu convencer Lorde Hawkesbury e o duque do condado de Devon de que demoraria muito tempo até se poder criar uma escola e que, ademais, seria necessário descobrir jovens de muito talento para que a empreitada valesse a pena. Relutantes, Sua Graça e Sua

Excelência viram-se obrigados a concordar e Mr. Norrell pôde então se concentrar em um projeto bem mais agradável: destruir os magos já existentes.

Os magos de Rua da City, o centro comercial e financeiro de Londres, havia muito constituíam um permanente motivo de irritação para Mr. Norrell. Quando ainda era um mago desconhecido e ignorado, começara a solicitar a membros do governo e a outros cavalheiros eminentes que removessem das ruas os magos vagabundos. Evidentemente, assim que alcançou a celebridade duplicou e triplicou seus esforços. Em primeiro lugar, achava que a magia deveria ser regulamentada pelo governo e que os magos deveriam ser licenciados (embora, claro, não soubesse de nenhum que, à parte ele mesmo, tivesse sido licenciado). Propunha a criação de um Conselho de Magia regulador, porém nisso mostrava-se por demais ambicioso.

Como Lorde Hawkesbury disse a Sir Walter:

- Não desejamos ofender um homem que prestou tal serviço ao país, mas, no curso de uma guerra tão prolongada e difícil como esta exigir que se forme um conselho com secretários e membros privados, e sabe Deus mais o quê! E com que finalidade? Para ouvir Mister Norrell falar e fazer elogios a ele! Isso é inadmissível!. Meu caro Sir Walter, peço-lhe que o convença a tomar outro rumo.

Assim, quando Sir Walter e Mr. Norrell se reencontraram (na casa de Mr. Norrell, na Praça Hanover), Sir Walter dirigiu-se ao amigo dizendo o seguinte:

- Meu senhor, trata-se de um propósito admirável e ninguém o rejeita, mas a criação de um conselho é a forma equivocada de abordá-lo. Sobre o perímetro da City, onde o problema é maior, o conselho não teria autoridade. Digo-lhe o que devemos fazer. Amanhã, o senhor e eu iremos à Mansion House visitar o prefeito de Londres e alguns edis. Penso que logo encontraremos alguns simpatizantes para nossa causa.

- Mas meu caro Sir Walter! - exclamou Mr. Norrell. - Isso não pode ser. O problema não se restringe a Londres. Eu o tenho estudado desde que deixei o condado de York... - Dito isso, remexeu numa pilha de papéis em cima de uma mesinha próxima para pegar uma lista. - Existem doze magos de rua em Norwich, dois em Yarmouth, dois em Gloucester, seis em Winchester, *quarenta e dois* em

Penzance! Ora! Ainda noutro dia, um deles, uma mulher imunda, veio até minha casa, insistiu que queria me ver, depois do que exigiu que eu lhe desse um papel, nada menos que um certificado de competência! Atestando que, a meu ver, ela se encontrava apta a realizar magia. Nunca fiquei tão pasmo na vida! E lhe disse: "Escute mulher..".

- Quanto aos outros lugares que o senhor mencionou – disse Sir Walter, interrompendo-o com impaciência -, descobrirá que, assim que Londres estiver livre desse inconveniente, eles também tomarão rápidas providências. Nenhum vai querer ficar atrás.

Mr. Norrell não demorou a comprovar que era exatamente como Sir Walter previra. O prefeito e os edis mostraram-se ávidos por participar do glorioso reflorescimento da magia inglesa. Persuadiram o tribunal da Câmara Municipal a formar uma Comissão de *Atos Mágicos*, e ela decretou que somente Mr. Norrell estava autorizado a fazer magia no perímetro da City, e que outros que "montassem barracas ou lojas, ou de algum modo incomodassem os cidadãos londrinos sob a alegação de fazer magia", seriam expulsos incontinenti.

Os magos de rua recolheram suas barracas, acondicionaram seus pertences surrados em carrinhos-de-mão e saíram da City num estirão. Alguns deram-se ao trabalho de amaldiçoar Londres enquanto se retiravam, mas, de modo geral, suportaram a mudança de sorte com admirável resignação. Muitos apenas decidiram que, dali em diante, abandonariam a magia e se tomariam mendigos e ladrões, e, uma vez que tinham se entregado à mendicância e à ladroagem de forma amadora durante anos, a guinada não era tão grande como se poderia imaginar.

Um deles, entretanto, não partiu. Vinculus, o mago da Rua Threadneedle, permaneceu em sua tenda prevendo futuros infelizes e vendendo desforras baratas a amantes desdenhosos e aprendizes ressentidos. Claro que Mr. Norrell se queixou energicamente à Comissão de *Atos Mágicos*, uma vez que Vinculus era o mago que ele mais detestava. A Comissão de *Atos Mágicos* enviou maceiros e guardas para ameaçar Vinculus com clavas, mas Vinculus não lhes deu atenção, e era tão benquisto pelos cidadãos londrinos que a comissão temeu um tumulto, se ele fosse removido.

Num dia cinzento e deprimente de fevereiro, Vinculus estava em sua barraca ao lado da igreja St. Christopher Le Stocks. Caso o leitor não se lembre das barracas de magos de nossa infância, é preciso dizer que, no formato, ela mais se assemelhava a um teatrinho dos fantoches Punch e Judy ou a uma barraca de feirante, e era feita de madeira e lona. Uma cortina amarela, ornamentada até a metade com uma espessa crosta de sujeira, servia a um só tempo de porta e de cartaz de anúncio dos serviços oferecidos em seu interior.

Nesse dia em especial, Vinculus estava sem freguês e com pouca esperança de vir a ter um. As ruas da City estavam praticamente vazias. Um nevoeiro cinza e cortante que sabia a fumaça e alcatrão pairava sobre Londres. Os comerciantes da City haviam empilhado carvões nas lareiras e acendido todos os lampiões que possuíam, numa vã tentativa de afastar a escuridão e o frio, mas nesse dia as janelas de sacada arredondadas não projetavam um fulgor alegre nas ruas: a luz simplesmente não conseguia atravessar o nevoeiro. Portanto, ninguém se sentia atraído a entrar nas lojas para gastar dinheiro, e os vendedores de aventais brancos e compridos e de perucas empoadas ficavam num sem ter o que fazer muito à vontade, a papear uns com os outros ou se aquecendo junto à lareira. Era um dia em que quem tivesse o que fazer em casa permaneceria em casa para fazê-lo e quem fosse obrigado a sair o faria rapidamente a fim de voltar para casa o quanto antes.

Vinculus estava sentado atrás de sua cortina, quase morto de frio, a revolver no pensamento o nome de dois ou trêsERVEJEIROS que poderia persuadir a lhe venderem a crédito um ou dois copos de ponche. Tinha quase decidido qual deles tentaria primeiro, quando o som de alguém que batia os pés e soprava os dedos pareceu sugerir que um freguês se encontrava do lado de fora. Vinculus afastou a cortina e saiu.

- O senhor é o mago?

Um pouco desconfiado, Vinculus confirmou que sim (o homem tinha o aspecto de um aguazil).

- Excelente. Tenho uma incumbência para o senhor.

- São dois xelins a primeira consulta.

O homem enfiou a mão no bolso, tirou uma carteira e pôs dois xelins na mão de Vinculus.

Em seguida começou a descrever o problema que ele desejava que Vinculus fizesse desaparecer por magia. Explicava com muita clareza e sabia exatamente o que queria de Vinculus. O único senão era que quanto mais o homem falava, menos Vinculus acreditava nele. Disse que viera de Windsor. Isso era perfeitamente possível. Falava com um sotaque do Norte, mas nada de estranho havia nisso também; as pessoas com freqüência vinham dos condados do Norte com o propósito de prosperar. O homem contou ainda ser proprietário de uma chapelaria bem-sucedida; isso já pareceu bem menos provável, porque era difícil imaginar alguém menos assemelhado com um chapeleiro. Vinculus conhecia pouquíssimo sobre chapeleiros, mas sabia que em geral vestiam-se no melhor da moda. O sujeito usava um casaco preto antigo emendado e remendado inúmeras vezes. Suas roupas, embora limpas e de boa qualidade, teriam sido classificadas como antiquadas vinte anos antes. Vinculus não sabia os nomes da mais de uma centena de pequenos artigos de luxo que os chapeleiros fabricavam, mas tinha certeza de que os chapeleiros sabiam. Este não sabia; chamava-os de “fol-de-lols”.

O frio intenso transformara o chão numa desastrosa combinação de gelo e lama congelada, e, enquanto anotava os detalhes do caso num livrinho engordurado, Vinculus de algum modo se desequilibrou, escorregou e caiu sobre o chapeleiro inverossímil. Tentou pôr-se de pé, mas o chão gelado estava tão traiçoeiro que se viu obrigado a usar o homem como uma espécie de escada para subir. O chapeleiro inverossímil pareceu horrorizado com o forte bafo de cerveja e repolho que lhe era soprado no rosto e com os dedos esqueléticos que o agarravam, mas nada disse.

- Desculpe-me - murmurou Vinculus, quando enfim voltou à posição ereta.

- Está desculpado - retrucou cortesmente o chapeleiro inverossímil, espanando do casaco farelos de pão, fragmentos de gordura e sujeira e outros pequenos vestígios da passagem de Vinculus por lá.

Vinculus também ajeitava sua roupa, que de algum modo se desarranjara na queda.

O chapeleiro inverossímil retomou sua história.

- Então, como dizia, meus negócios progridem e meus gorros são os mais procurados em todo o Windsor. É raro passar uma semana sem que uma das princesas do Castelo apareça para encomendar um novo gorro ou *fol-de-lol*. Pus uma enorme imagem dourada de gesso do brasão da família real acima da porta de meu estabelecimento para anunciar a clientela real que me distingue. Entretanto, ainda não consigo deixar de pensar que chapelaria implica muito trabalho: ficar até tarde da noite a costurar gorros, a contar dinheiro, coisas assim. Tenho a impressão de que minha vida seria bem mais fácil se uma das princesas se apaixonasse por mim e me esposasse. Dispõe desse tipo de encantamento, mago?

- Encantamento amoroso? Por certo. Mas custa caro. Costumo cobrar quatro xelins para encantar uma ordenhadora, dez xelins para uma costureira e seis guinéus para uma viúva dona de seu próprio negócio. Uma princesa... Hum, vejamos. - Vinculus coçou o rosto não barbeado com as unhas sujas. - Quarenta guinéus - arriscou.

- Está bem.

- E qual é? - perguntou Vinculus.

- Qual é o quê? - perguntou o chapeleiro inverossímil.

- Qual é a princesa?

- São todas bonitas, não são? O preço varia conforme a princesa?

- Não, de fato não. Vou lhe dar o encantamento escrito num papel. Rasgue o papel no meio e costure metade dele no bolso interno do seu casaco. Precisa esconder a outra metade dentro da roupa da princesa que escolher.

O chapeleiro inverossímil ficou pasmo.

- Mas como conseguirei fazer isso?

Vinculus olhou para o homem.

- Mas o senhor não acabou de dizer que costura os gorros delas?

O chapeleiro inverossímil riu.

- Ah, sim! Claro.

Vinculus mirou o homem, desconfiado.

- O senhor é chapeleiro tanto quanto eu sou um... Um...

- Um mago? - sugeriu o chapeleiro inverossímil. - O senhor por certo deve reconhecer que esta não é sua única profissão. Afinal de contas, o senhor acabou de remexer nos meus bolsos.

- Só porque desejei saber que tipo de tratante o senhor é - retrucou Vinculus, sacudindo os braços até que todos os objetos que tirara dos bolsos do chapeleiro inverossímil tivessem caído das mangas do casaco. Havia um punhado de moedas de prata, dois guinéus de ouro e três ou quatro folhas de papel dobradas. Ele recolheu os papéis.

Eram folhas pequenas e grossas, de excelente qualidade, todas cobertas por uma caligrafia caprichosa e miúda em linhas estreitas. No alto da primeira folha, estava escrito: *Dois encantamentos para fazer um homem obstinado deixar Londres e um encantamento para descobrir o que meu inimigo faz no momento.*

- O mago da Praça Hanover! - afirmou Vinculus.

Childermass (pois era ele) fez que sim com a cabeça.

Vinculus leu os encantamentos até o fim. O primeiro destinava-se a fazer a vítima acreditar que todos os cemitérios de igreja de Londres eram assombrados pelas pessoas neles enterradas e que todas as pontes estavam assombradas pelos suicidas que delas haviam se jogado. A vítima veria os fantasmas com o aspecto que as pessoas tinham na hora da morte, com todas as marcas extremas de violência, doença e velhice. Dessa forma, ficaria mais e mais aterrorizada, até que não se atrevesse a passar mais por uma ponte ou igreja sequer - o que em Londres é um sério inconveniente, uma vez que as pontes distam menos de cem metros umas das

outras e as igrejas, bem menos ainda. O segundo encantamento destinava-se a convencer a vítima de que encontraria o verdadeiro amor e todo tipo de felicidade pelo país afora, e o terceiro encantamento, o que visava descobrir o que o inimigo fazia, incluía um espelho, que talvez, na intenção de Mr. Norrell, possibilitaria a Childermass espionar Vinculus.

Vinculus disse com desprezo: disse com desprezo:

- Pode dizer ao mago de Mayfair que estes encantamentos não têm efeito sobre mim.

- Mesmo? - retrucou Childermass com sarcasmo. - Bem, isso provavelmente porque ainda não os lancei.

Vinculus atirou os papéis ao chão com violência.

- Pois lance-os agora! - Cruzou os braços em desafio e fez os olhos cintilarem, como fazia toda vez que invocava o Espírito do Rio Tâmis.

- Obrigado, mas não.

- E por que não?

- Porque, assim como o senhor, ignoro quando pretendem me dizer como devo agir. Meu patrão me instruiu para eu me certificar de que o senhor deixe Londres. Mas pretendo fazê-lo do meu jeito, não do jeito dele. Vamos, Vinculus, penso que o melhor seria eu e o senhor termos uma conversa.

Vinculus refletiu sobre isso.

- E podemos ter essa conversa num lugar um pouco mais quente? Numa cervejaria, por exemplo?

- Claro, se quiser.

Soprados pelo vento, os papéis com os encantamentos de Mr. Norrell rodopiavam aos pés deles. Vinculus se agachou, recolheu-os e, sem dar atenção

aos fragmentos de palha e barro que neles haviam se grudado, guardou-os no bolso interno do casaco.

21. *O Baralho de Marselha*

Fevereiro de 1808

A cervejaria se chamava Pineapple e no passado fora refúgio e esconderijo de um famigerado ladrão e assassino. O ladrão tivera um inimigo, um homem tão mau quanto ele. O ladrão e seu inimigo tinham sido comparsas num crime hediondo, mas o ladrão guardara a partilha de ambos e depois enviara uma mensagem aos juízes, revelando-lhes onde seu inimigo poderia ser encontrado. Assim que fugiu do presídio de Newgate, o inimigo do ladrão foi à Pineapple na calada da noite acompanhado de trinta homens. Ele os havia encarregado de arrancar as telhas de ardósia do telhado e remover cada tijolo das paredes até que ele pudesse ter acesso ao interior da cervejaria para apanhar o ladrão. Ninguém testemunhou o que ocorreu, mas muitos ouviram gritos aflitivos ecoando na rua escura como breu. O estalajadeiro percebeu que a má reputação da Pineapple convinha a seus negócios e nunca se deu ao trabalho de consertar o edifício; limitou-se a tapar os buracos com madeira e piche, o que fez parecer que a cervejaria usava ataduras, como se houvesse brigado com os prédios vizinhos.

Três degraus escorregadios separavam a porta da rua do interior do sombrio salão. A Pineapple tinha um odor todo especial, de cerveja, tabaco, da fragrância natural dos fregueses e do fedor medonho do rio Fleet, que vinha sendo utilizado como esgoto havia uma infinidade de anos. O rio Fleet corria por baixo das fundações da Pineapple, e era comum imaginar que a cervejaria estava afundando nele. Gravuras ordinárias adornavam as paredes do salão: retratos de criminosos famosos do século anterior que tinham sido enforcados e retratos dos filhos dissolutos do rei que ainda não tinham sido enforcados.

Childermass e Vinculus sentaram-se a uma mesa num canto. Uma jovem fantasmagórica levou-lhes uma vela de sebo barata e dois canecões de peltre de cerveja quente condimentada. Childermass pagou.

Beberam em silêncio por um instante e depois Vinculus olhou para Childermass.

- Que asneira foi aquela de gorros e princesas?

Childermass riu.

- Ah, foi só uma idéia que tive. Desde o dia em que o senhor apareceu na biblioteca do meu patrão, ele vem solicitando a amigos importantes que o ajudem a destruir o senhor. Pediu a Lorde Hawkesbury e a Sir Walter Pole que se queixassem ao rei em nome dele. Creio que imaginava que Sua Majestade enviaria o Exército para guerrear com o senhor, mas Lorde Hawkesbury e Sir Walter disseram achar improvável que o rei se desse a tanto trabalho por causa de um mago maltrapilho e imundo. Mas me ocorreu que, se viesse a saber que o senhor de algum modo ameaçou a virgindade de suas filhas, Sua Majestade examinaria o assunto com outros olhos. - Childermass tomou mais um gole da cerveja condimentada. - Mas me diga, Vinculus, não está farto de encantamentos falsos e de oráculos simulados? Metade de seus fregueses vão procurá-lo apenas para rir do senhor. Acreditam na sua magia tanto quanto o senhor. Seus dias estão contados. Agora existe um mago de verdade na Inglaterra.

Vinculus soltou um breve riso de desdém.

- O mago da Praça Hanover! Todos os homens importantes de Londres comentam que nunca viram homem tão honesto. Mas conheço magos, conheço a magia, e afirmo: todos os magos mentem, e este mais do que todos.

Childermass encolheu os ombros, como não se importando em negá-lo. Vinculus se debruçou sobre a mesa.

-A magia será escrita nas faces das colinas de pedra, mas suas mentes não serão capazes de contê-la; no inverno, as árvores estéreis serão uma escrita negra, mas eles não a entenderão...

- Árvores e colinas, Vinculus? Quando viu uma árvore ou uma colina pela última vez? Por que não diz que a magia está escrita nas faces das casas sujas ou que a fumaça escreve magia no céu?

- A profecia não é minha!

**** O rei era um pai extremamente carinhoso e dedicado a suas seis filhas, mas a afeição era tal que o levava a agir quase como um carcereiro delas. Não tolerava pensar que uma delas pudesse se casar e deixá-lo. As filhas eram forçadas a viver uma vida insuportavelmente monótona no Castelo de Windsor, com a mal-humorada rainha. Das seis, apenas uma conseguiu se casar antes dos quarenta anos.*

- Ah, sim, claro. O senhor a atribui ao Rei Corvo. Bem, nada há de incomum nisso. Todo charlatão que conheço é portador de uma mensagem do Rei Corvo.

- *Sento num trono negro nas sombras* - murmurou Vinculus -, *e não haverão de me ver. A chuva fará para mim uma porta e por ela passarei.*

- Muito bem. Então, já que não escreveu essa profecia, onde a encontrou?

Por um instante Vinculus deu a impressão de que não ia responder mas depois disse:

- Está escrita num livro.

- Num livro? A biblioteca de meu patrão é vasta. Ele não conhece essa profecia.

Vinculus ficou em silêncio.

- O livro é seu? - perguntou Childermass.

- Está comigo.

- E onde o conseguiu? De onde o roubou?

- Não o roubei. É minha herança. A maior glória e o maior fardo já damos a um homem nesta era.

- Se é valioso como de fato diz, pode vendê-lo a Norrell. Ele já pagou grandes somas de dinheiro por livros.

- O mago da Praça Hanover nunca possuirá esse livro. Nem nunca vai vê-lo.

- E onde guarda esse grande tesouro?

Vinculus riu com frieza, como a dizer que certamente não o revelaria a um empregado de seu inimigo.

Childermass pediu à jovem mais cerveja. Ela a levou e eles beberam durante mais algum tempo em silêncio. Depois, Childermass tirou um baralho do bolso interno do casaco e o mostrou a Vinculus.

- O baralho de Marselha. Já viu estas cartas de jogo antes?

- Muitas vezes - respondeu Vinculus. - Mas estas são diferentes.

- São cópias de um conjunto que pertencia a um marinheiro que conheci em Whitby. Ele as comprou em Gênova, com a intenção de usá-las para descobrir os lugares em que os piratas escondiam ouro, mas, quando as examinou, verificou que não era capaz de entendê-las. Propôs vendê-las a mim, mas eu era pobre, não tinha como pagar o preço que ele pedia. Então chegamos a um acordo: eu leria o destino dele e, em troca, ele me emprestaria as cartas tempo suficiente para que eu fizesse cópias delas. Infelizmente, seu navio zarpuu antes de eu ter concluído os desenhos, por isso metade delas foi feita de memória.

- E que sorte leu para ele?

- A que lhe cabia. Que morreria afogado antes do fim daquele ano.

Vinculus riu em sinal de aprovação.

Ao que parecia, quando fez o trato com o marinheiro morto, Childermass era tão pobre que não tinha condições nem de comprar papel, por isso as cartas de jogo foram desenhadas no verso de recibos de cervejaria, listas de lavanderia, cartas, velhas contas e cartazes de teatro. Mais tarde, colara esses papéis sobre cartões

coloridos, mas em vários casos a impressão ou a caligrafia no outro lado tinham vazado, dando às cartas um estranho aspecto.

Childermass dispôs nove cartas em fileira. Virou a primeira.

Abaixo da figura havia um número e um nome: *VIII. L'Ermite*. Era a imagem de um velho com um manto e um capuz monacais. Carregava uma lanterna e caminhava com um bastão, como se estivesse a ponto de perder o uso dos membros de tanto permanecer sentado, estudando. O rosto era amargurado e desconfiado. Um ar seco parecia pairar no alto e envolver o observador, como se a própria carta estivesse salpicada de pó.

- Hum! - fez Childermass. - No presente suas ações são regidas por um eremita. Bem, já sabíamos disso.

A carta seguinte era *Le Mat*, a única sem número, como se seu personagem de algum modo não pertencesse à história. A carta de Childermass mostrava um homem que andava por uma estrada debaixo de uma árvore no verão. Carregava um bastão, e no ombro via-se outro bastão, do qual pendia uma trouxa de lenço. Um cãozinho saltitava atrás dele. A figura representava o tolo ou o bufão dos tempos antigos. Havia um sino em seu chapéu e fitas nos joelhos, que Childermass colorira de vermelho e verde. O procurador de Mr. Norrell parecia não saber ao certo como interpretar a carta. Meditou um pouco e em seguida virou as duas cartas seguintes: *VIII. La Justice*, uma mulher com uma coroa, levando numa das mãos uma espada e na outra uma balança; e *O Dois de Paus*. Os paus estavam cruzados e, entre outras coisas, poderiam representar uma encruzilhada.

Childermass soltou uma breve risada.

- Ora, ora, ora! - exclamou, cruzando os braços e observando Vinculus com ar divertido. - Esta carta aqui - bateu de leve com o dedo em *La Justice* - me diz que o senhor pesou escolhas e chegou a uma decisão. E esta aqui apontou para *O Dois de Paus* - me revela qual foi sua decisão: o senhor vai viajar. Parece que perdi meu tempo. O senhor já decidiu sair de Londres. Tantas objeções, Vinculus, e, contudo, sempre teve a intenção de ir embora!

Vinculus encolheu os ombros como a dizer: o que mais Childermass poderia esperar?

A quinta carta era o *Valet de Coupe*, o Valete de Copas. É natural pensar que um escudeiro seja uma pessoa jovem, mas a figura mostrava um homem maduro de cabeça encurvada. O cabelo era desgrenhado e a barba cerrada. Na mão esquerda carregava uma pesada copa, mas talvez não fosse isso que lhe conferia ao rosto uma expressão tensa e estranha - a menos que se tratasse da copa mais pesada do mundo. Não, devia ser algum outro fardo, não visível de imediato. Em razão do material que Childermass fora obrigado a usar para produzir o baralho, a figura tinha um aspecto muito característico. Fora desenhada no verso de uma carta, cuja escrita transparecia no papel. As roupas do homem eram um emaranhado de rabiscos, e mesmo seu rosto e suas mãos ostentavam fragmentos de letras.

Vinculus riu ao vê-la, como se estivesse reconhecendo uma velha amiga. Deu três batidinhas na carta, numa saudação amigável. Mas ela parecia tê-lo deixado menos seguro do que antes.

- O senhor tem uma mensagem para entregar a alguém - disse num tom inseguro.

Vinculus confirmou com a cabeça.

- E a próxima carta vai me mostrar a pessoa? - perguntou.

-Sim.

- Ah! - exclamou Vinculus, virando ele mesmo a sexta carta.

A sexta carta era o *Cavalier de Baton*. O Cavaleiro de Paus. Um homem de chapéu de aba larga montado num cavalo de cor clara. A região rural pela qual cavalgava era sugerida por algumas pedras em volta e tufo de grama nos cascos do cavalo. Suas roupas eram bem-feitas, pareciam caras, e, por um motivo inexplicável, ele portava uma clava pesada. Chamá-la de clava, na verdade, fazia-a soar mais grandiosa do que era. Não passava de um galho grosso arrancado de uma árvore ou de uma cerca-viva; alguns ramos e folhas ainda se projetavam dele.

Vinculus pegou a carta e a examinou com atenção.

A sétima carta era *O Dois de Espadas*. Childermass ficou calado e em seguida virou a oitava - *Le Pendu*, O Enforcado. A nona carta era *Le Monde*, O Mundo. Mostrava uma figura feminina que dançava; em cada canto da carta, uma imagem: um anjo, uma águia, um touro alado e um leão alado - os símbolos dos evangelistas.

- Poderá haver um encontro - disse Childermass – que envolverá algum tipo de provação, talvez até mesmo morte. As cartas não dizem se o senhor sobreviverá ou não, mas, o que quer que venha a suceder, esta - tocou a última carta - diz que o senhor alcançará seu objetivo.

- E o senhor agora sabe quem eu sou? - perguntou Vinculus.

- Não exatamente, mas sei mais sobre o senhor do que antes.

- Vê que não sou como os outros – disse Vinculus.

- Nada aqui diz que o senhor seja mais do que um charlatão – retrucou Childermass, começando a recolher as cartas.

- Espere - disse Vinculus. - Vou ler a sua sorte.

Vinculus pegou as cartas e enfileirou nove delas na mesa. Em seguida virou uma por uma: *XVIII La Lune*, *XVI La Maison Dieu* invertida, *O Nove de Espadas*, *Valet de Baton*, *O Dez de Paus* invertida, *II La Papesse*, *X La Roue de Fortune*, *O Dois de Ouros*, *O Rei de Copas*. Vinculus olhou para elas. Pegou *La Maison Dieu* e a examinou, mas ficou calado.

Childermass riu.

- Tem razão, Vinculus. Não é como os outros. Esta é a minha vida... Aqui na mesa. Mas não sabe interpretá-la. O senhor é uma criatura estranha, o oposto de todos os magos dos últimos séculos. Eles tinham muito conhecimento, mas nenhum talento. O senhor tem muito talento, mas nenhum conhecimento. Não sabe tirar proveito do que vê.

Vinculus coçou sua bochecha alongada e encovada com suas unhas sujas. Childermass começou a recolher as cartas de novo, mas Vinculus mais uma vez o impediu, sugerindo que tornassem a distribuir as cartas.

- Por quê? - perguntou Childermass, surpreso. - Já li a sua sorte. O senhor não conseguiu ler a minha. O que mais quer?

- Vou ler a sorte dele.

- De quem? De Norrell? Mas não a entenderá.

- Embaralhe as cartas - disse Vinculus teimosamente.

Então Childermass embaralhou, Vinculus tirou nove cartas e as distribuiu na mesa. Em seguida virou a primeira. *III. L'Empereur*. Mostrava um rei sentado num trono ao ar livre, paramentado com todos os acessórios régios habituais, e de cetro e coroa. Childermass se curvou para a frente e a examinou.

- O que foi? - perguntou Vinculus.

- Parece que não reproduzi esta carta muito bem. Nunca havia notado. A aplicação de tinta é ruim. As linhas estão grossas e borradas de tal forma, que o cabelo e o manto do Imperador parecem quase pretos. E alguém deixou a impressão digital de um polegar sujo em cima da águia. O Imperador deveria ser um homem mais velho do que este. Desenhei um jovem. Arrisca uma interpretação?

- Não - respondeu Vinculus e, com um movimento desdenhoso de queixo, sugeriu que Childermass virasse a próxima carta.

III. L'Empereur.

Um breve silêncio.

- Não é possível - disse Childermass. - Não existem dois Imperadores neste baralho. Sei que não.

O rei aparecia mais jovem e impetuoso do que antes. Seu cabelo e manto eram negros, e a coroa na cabeça se tornara uma tira fina de metal claro. Não havia

vestígios do polegar na carta, mas o enorme pássaro no canto agora sem dúvida era negro e, tendo abandonado a aparência de uma águia, assumira uma forma bem mais inglesa: transformara-se num corvo.

Childermass virou a terceira carta. IIII. L'Empereur. E a quarta IIII. L'Empereur. Na quinta, o número e o nome da carta haviam desaparecido, mas a figura permanecia a mesma: um rei jovem de cabelos negros, a cujos pés se emproava um grande pássaro negro. Childermass virou as outras cartas. Chegou até a examinar o restante do baralho, mas, na ansiedade de ver, manuseou-as desajeitadamente e elas acabaram se espalhando. Reis negros volteavam ao redor de Childermass no ar frio e cinzento. Em cada carta a mesma figura com o mesmo olhar pálido e implacável.

-Aí está! - exclamou Vinculus com brandura. - É isto que o senhor pode dizer ao mago da Praça Hanover! Este é o passado, o presente e o futuro dele!

Desnecessário dizer que, quando Childermass tornou à Praça Hanover e contou a Mr. Norrell o que sucedera, ele ficou furioso. Que Vinculus continuasse a desafiar Mr. Norrell já era ruim; que afirmasse ter um livro e Mr. Norrell não pudesse lê-lo era ainda pior; mas que tivesse a pretensão de ler a sorte de Mr. Norrell e ameaçá-lo com figuras de reis negros era certamente intolerável.



- Ele o enganou! - afirmou Mr. Norrell com raiva. - Escondeu suas cartas e as substituiu por um baralho dele. Estou pasmo de que tenha engolido isso!

- Exatamente - concordou Mr. Lascelles, olhando com frieza para Childermass.

- Ah, com certeza Vinculus não sabe fazer mais que prestidigitações concordou Drawlight. - Ainda assim gostaria de ter visto. Gosto muito de Vinculus. Mister Childermass, por que não me avisou que iria visitá-lo? Teria ido com o senhor.

Childermass ignorou Lascelles e Drawlight e se dirigiu a Mr. Norrell.

- Mesmo supondo que Vinculus seja um mago capaz de tal prestidigitação, o que estou longe de admitir, como poderia saber que eu possuía um baralho de Marselha? Como poderia saber, quando nem mesmo o senhor sabia?

- Sim, e foi muito bom para o senhor que eu não soubesse! Ler a sorte com cartas de figuras... É tudo o que mais desprezo! Ah, foi uma coisa mal conduzida do princípio ao fim!

- E quanto ao livro que o mago afirma ter? - perguntou Lascelles.

- Sim, é verdade - disse Mr. Norrell. - Aquela estranha profecia. Creio que não seja nada, contudo, uma ou outra expressão sugeriam uma grande antiguidade. Creio que o melhor seria eu examinar esse livro.

- E então, Mister Childermass? - perguntou Lascelles.

- Não sei onde ele o guarda.

- Pois sugerimos que descubra.

De modo que Childermass colocou espiões para seguir Vinculus, e a primeira e mais surpreendente descoberta foi que Vinculus era casado, Na verdade, muito mais casado do que a maioria das pessoas. Tinha cinco mulheres, espalhadas por vários distritos de Londres, cidades e vilarejos circunvizinhos. A mais velha tinha quarenta e cinco anos, a mais nova quinze, e elas não faziam a mais leve idéia da existência umas das outras. Childermass tramou um encontro com cada uma delas. Para duas, apareceu caracterizado como o chapeleiro inverossímil; para outra apresentou-se

como inspetor de alfândega; para o bem da quarta, transformou-se num jogador trapaceiro e embriagado; e à quinta disse que, embora aos olhos do mundo fosse um criado do grande Mr. Norrell da Praça Hanover, ele mesmo era secretamente um mago. Duas tentaram roubá-lo; uma disse que contaria o que ele gostaria de saber desde que lhe pagasse uma genebra; uma tentou fazer com que fosse com ela à reunião metodista de preces comunitárias; e a quinta, para o espanto de todos, apaixonou-se por ele. Mas, no fim, toda a representação de Childermass resultou em vão, pois elas nem sequer sabiam que Vinculus possuía um livro, quanto mais onde o guardava.

Mr. Norrell recusou-se a acreditar nisso e, em seu escritório privado no segundo andar, lançou encantamentos e espiou em um recipiente de prata com água os aposentos das cinco mulheres de Vinculus; em parte alguma, porém, existia algo semelhante a um livro.

Nesse meio-tempo, no andar de cima, num cômodo pequeno reservado para seu uso particular, Childermass punha as cartas. Todo o baralho havia retornado à forma original, menos *O Imperador*, que não perdera seu ar de corvo régio. Algumas cartas apareciam repetidas vezes, entre elas *O Ás de Copas* - um cálice de aspecto eclesiástico com um traço tão primoroso que mais lembrava uma cidade fortificada no alto de um tronco - e II. *La Papesse*. Childermass acreditava que essas duas cartas tinham um significado oculto. O grupo de paus também surgia com uma freqüência fora do comum, mas sempre com os números mais altos, o Sete, o Oito, o Nove e o Dez. Quanto mais Childermass olhava para essas fileiras de paus, mais elas lhe pareciam linhas de escrita. Ao mesmo tempo, porém, constituíam uma barreira, um obstáculo ao entendimento; por isso, Childermass passou a crer que o livro de Vinculus, não importava o que fosse, fora escrito num idioma desconhecido.

22. *O Cavaleiro de Paus*

Fevereiro de 1808

Jonathan Strange era muito diferente do pai. Não era avaro, não era orgulhoso, não era mal-humorado nem desagradável. Mas, embora sem vícios notáveis, tinha virtudes talvez igualmente difíceis de definir. Nas prazenteiras reuniões de Weymouth e nos salões de Bath, as pessoas elegantes que lá ele conhecia amiúde afirmavam que Jonathan Strange era "o homem mais encantador do mundo", mas com isso somente queriam dizer que ele conversava bem, dançava bem, caçava e jogava tanto quanto qualquer cavalheiro deveria fazer.

Era bastante alto, com um corpo considerado elegante. Alguns o achavam um homem bem-apessoado, mas essa não era, de modo algum, uma opinião unânime. Havia em seu rosto duas imperfeições: um nariz comprido e uma expressão irônica. Também é verdade que o cabelo tinha um matiz ruivo e, como todos sabem, nenhum homem de cabelos ruivos pode ser classificado como bonito.

Na época da morte de seu pai, estava empenhado em persuadir uma certa jovem a se casar com ele. Quando, ao voltar de Shrewsbury, chegou à casa no dia da morte do pai e os criados lhe deram a notícia, o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi o quanto isso afetaria seu pedido de casamento. Seria mais provável que agora ela dissesse sim? Ou menos?

Arranjar esse casamento deveria ter sido a coisa mais fácil do mundo. Todos os amigos dos pretendentes aprovaram a união, e o irmão da jovem, o único parente que lhe restara, não estava menos decidido a consumá-la do que o próprio Jonathan Strange. É verdade que Laurence Strange fizera forte objeção à pobreza da moça, mas seu poder de criar qualquer séria dificuldade tinha desaparecido quando ele se deixou morrer congelado.

No entanto, embora durante meses Jonathan Strange tivesse sido o pretendente declarado da jovem, o noivado - que os conhecidos de ambos

aguardavam que ocorresse a qualquer momento - não foi adiante. Não que ela não o amasse; ele estava bastante seguro de que o amava, mas às vezes parecia ter se apaixonado por ele com o único propósito de discutir. Ele era incapaz de explicar aquilo. Acreditava ter feito tudo o que ela desejava a fim de modificar seu próprio comportamento. Os jogos de cartas e outros tipos de jogos reduziram-se a quase nenhum e ele passara a beber muito pouco, quase não mais do que uma garrafa por dia. Disse a ela que não faria objeção a freqüentar mais a igreja, se isso lhe agradasse - digamos, uma vez por semana; ou duas, se ela preferisse -, mas a jovem respondeu que entregaria o assunto à consciência dele, que aquilo não era o tipo de coisa que outra pessoa pudesse impor. Sabendo que ela não gostava das costumeiras visitas que ele fazia a Bath, Brighton, Weymouth e Cheltenham, afiançou-lhe que nada tinha a recear quanto às mulheres desses lugares; sem dúvida eram encantadoras, mas nada significavam para ele. Ela redargüiu que não era essa sua preocupação. Isso nem sequer lhe ocorrera. Gostaria apenas que ele encontrasse uma forma melhor de ocupar o tempo. Não tinha intenções moralistas, e ninguém mais do que ela adorava algumas férias, mas férias eternas? Era realmente o que ele desejava? Isso o deixava feliz?

Ele lhe disse que decerto concordava com ela, que no ano anterior fizera planos seguidos de se iniciar numa ou noutra profissão e uma série de estudos. Os planos eram muito bons. Pensava em encontrar um gênio poético carente de quem pudesse se tornar patrono; pensava em estudar direito; procurar fósseis na praia de Lyme Regis; comprar uma fundição; estudar metalurgia; perguntar a um sujeito que conhecia sobre os novos métodos agrícolas; estudar teologia; e terminar de ler uma obra fascinante sobre engenharia que, tinha quase certeza, deixara em cima de uma mesinha no canto do escritório do pai havia dois ou três anos. Para cada um desses projetos elaborados, porém, existia um tremendo obstáculo. Encontrar gênios poéticos carentes era mais difícil do que ele imaginara; livros de direito eram enfadonhos; não conseguia se lembrar do nome do sujeito que entendia de agricultura; e no dia em que pretendia partir para Lyme Regis choveu torrencialmente.

E assim por diante. Contou à jovem que desejara profundamente ter entrado para a Marinha de Guerra anos antes. Nada no mundo teria sido mais conveniente

para ele! Mas o pai jamais concordara, e agora ele estava com vinte e oito anos. Tarde demais para seguir uma carreira naval.

O nome dessa jovem curiosamente insatisfeita era Arabella Woodhope, filha do falecido cura da St. Swithin, em Clunbury. Quando Laurence Strange morreu, ela fazia uma visita prolongada a alguns amigos no vilarejo do condado de Gloucester, onde seu irmão era cura. A carta de pêsames que escreveu chegou às mãos de Strange na manhã do enterro e exprimia tudo o que era apropriado - condolências pela perda, abrandadas pelo entendimento de que Mr. Strange tivera muitas falhas como pai. Mas havia algo mais. Preocupava-se com ele. Lamentava estar ausente do condado de Shrop. Não gostava de imaginá-lo sozinho e sem amigos em tal circunstância.

Jonathan Strange logo começou a chegar a algumas conclusões. Dificilmente se veria outra vez em situação tão vantajosa. Ela nunca mais seria tomada por tal ternura apreensiva e ele nunca mais seria tão rico. (Não conseguia acreditar que ela fosse tão indiferente à riqueza dele quanto afirmava.) Considerou que deveria haver um intervalo adequado entre o enterro do pai e a proposta de casamento. Três dias lhe pareceram razoáveis, de modo que, na manhã do quarto dia, ordenou a seu criado pessoal que fizesse suas malas e ao cavaliariço que preparasse o cavalo, e partiu para o condado de Gloucester.

Fez-se acompanhar do novo criado. Conversara longamente com ele e concluía que era um homem ativo, habilidoso e capaz. O novo criado ficou feliz por ter sido escolhido (embora sua vaidade lhe assegurasse que isso era a coisa mais natural do mundo). Mas, agora que o novo criado havia passado pelo estágio mais desafiador de sua carreira – agora que, por assim dizer, deixara a condição de mito para entrar no mundo real do trabalho -talvez seja mais conveniente dar-lhe o nome, como se faz com qualquer mortal. Ele se chamava Jeremy Johns.

No primeiro dia, não enfrentaram mais que as peripécias habituais que se apresentam a todo viajante: discutiram com um homem que havia instigado seu cão a latir para eles sem motivo aparente e se preocuparam com o cavalo de Strange, que começou a dar sinais de doença, mas que, após um exame cuidadoso, provou gozar de perfeita saúde. Na manhã do segundo dia, cavalgaram por uma bela paisagem de

colinas suavemente onduladas, bosques invernais e fazendas bem-cuidadas e de ar próspero. Jeremy Johns ocupava-se em praticar o grau de altivez próprio ao criado de um cavalheiro recém-declarado herdeiro de uma vasta propriedade e Jonathan Strange pensava em Miss Woodhope.

Agora que chegara o dia de vê-la novamente, ele começava a ter dúvidas sobre como seria recebido. Alegrava-o pensar que ela estava com o irmão, o caro e bom Henry, que via apenas vantagem no casamento e que, Strange tinha certeza, jamais deixara de estimular a irmã a considerá-lo promissor. Mas tinha algumas dúvidas sobre os amigos que a hospedavam. Eram um ministro da igreja anglicana e sua esposa. Nada sabia sobre eles, mas nutria a natural desconfiança que um homem jovem, rico e auto-indulgente sente por membros do clero. Que idéias de extraordinária virtude e de desnecessário sacrifício estariam transmitindo a ela diariamente?

O sol baixo produzia sombras imensas. Gelo e geada cintilavam nos galhos das árvores e nas depressões dos campos. Ao avistar um homem que lavrava a terra, Jonathan Strange se lembrou das famílias que viviam nas terras que lhe pertenciam e cujo bem-estar sempre fora causa de preocupação para Miss Woodhope. Uma conversa imaginária começou a se desenrolar em sua mente. *E que intenções tem com seus arrendatários?* perguntaria ela. *Intenções?* Retrucaria ele. *Sim*, diria ela. *Como vai lhes abrandar o fardo? Seu pai arrancou deles todos os centavos que pôde. Tornou a vida deles infeliz.* Strange retrucaria: *Sei que sim, nunca defendi as ações de meu pai.* E ela perguntaria: *Já baixou os aluguéis? Conversou com o conselho paroquial? Pensou em casas de caridade para os idosos e numa escola para as crianças?*

"Seria insensatez ela falar de aluguéis, casas de caridade e numa escola", pensou Strange com melancolia. "Afim, meu pai morreu só na terça-feira passada".

- Bem, isto é esquisito! - observou Jeremy Johns.

- Hum? - fez Strange. Percebeu que tinham parado em frente de um portão branco. Ao lado da estrada havia um bem-cuidado chalé branco. Fora recém-construído, tinha seis faces e janelas góticas.

- Onde está o portageiro? – Perguntou Jeremy Johns.

- Hum? - fez Strange.

- Este é um posto de portagem, meu senhor. Veja, ali está a placa com a lista de preços. Mas não há ninguém aqui. Devo deixar seis *pence*?

- Sim, sim. Como queira.

Então Jeremy Johns deixou o tributo no degrau da porta do chalé e abriu o portão para que ele e Strange pudessem passar. Cerca de duzentos metros adiante, entraram num vilarejo. Havia uma antiga igreja de pedra imersa numa invernal luz dourada, uma alameda ladeada por carpinos antigos e retorcidos que levava a algum lugar e cerca de vinte chalés de pedra bem-cuidados com fumaça se erguendo das chaminés. Um riacho corria ao lado do caminho. Era bordejado por um gramado amarelo e seco, com pingentes de gelo.

- Onde estão as pessoas? - perguntou Jeremy.

- O quê? - retrucou Strange. Olhou em volta e viu duas meninhas espiando da janela de um chalé. - Lá - disse.

- Não, senhor. Aquelas são crianças. Eu me referia aos adultos. Não vejo nenhum.

Verdade; não se viam adultos. Havia algumas galinhas andando com ar pomposo, um gato acomodado sobre um monte de palha numa carreta velha e alguns cavalos num campo; mas não pessoas. Entretanto, assim que Strange e Jeremy Johns saíram do vilarejo, o motivo dessa situação singular se tornou evidente. A uns cem metros da última casa do vilarejo, uma multidão reunia-se em volta de uma cerca-viva. Portavam um arsenal variado - podões, foices, varas e armas de fogo. Era uma cena estranha, ao mesmo tempo sinistra e um tanto ridícula. Qualquer um pensaria que o vilarejo tinha resolvido declarar guerra a pilriteiros e sabugueiros. O sol baixo de inverno brilhava intenso sobre os moradores, dourando-lhes as roupas, as armas e suas estranhas expressões concentradas. Sombras azuis e alongadas ondeavam por trás deles. Estavam todos silenciosos e

quando alguém se movimentava o fazia com cautela, como se receasse fazer barulho.

Enquanto cavalgavam, Strange e Jeremy se ergueram sobre os estribos e esticaram o pescoço para ter um vislumbre do que os moradores viam.

- Que coisa esquisita! - exclamou Jeremy depois que passaram. - Nada havia lá!

- Não - disse Strange -, havia um homem. Não me surpreende que não o tenha visto. De início eu o tomei por uma raiz de cerca-viva, mas era sem dúvida um homem - um homem curtido pelo tempo, macilento e grisalho, extraordinariamente parecido com uma raiz de cerca-viva, mas por certo um homem.

A alameda os conduziu para dentro de um escuro bosque invernal. Com a curiosidade despertada, Jeremy Johns perguntou quem seria o homem e o que os moradores pretendiam fazer com ele. Strange respondeu umas duas coisas sem refletir, e logo voltou a pensar em Miss Woodhope.

"Será melhor evitar qualquer conversa sobre as mudanças que a morte de meu pai acarretou", ponderou. "É arriscado. Começarei com assuntos leves e sem importância, como, por exemplo, as ocorrências desta viagem. Mas o que sucedeu que possa entretê-la"? Olhou para o alto. Árvores gotejantes e escuras o rodeavam. "Deve haver algo". Lembrou-se de um moinho de vento que vira perto de Hereford, com a capa vermelha de uma criança presa numa de suas aspas. À medida que elas giravam, a capa ora via-se tragada pela neve suja e pelo lodo, ora tremulava no ar, como uma bandeira de um escarlata intenso. A alegoria de alguma coisa. Depois posso falar do vilarejo deserto e das meninas que espiavam por entre as cortinas da janela, uma com uma boneca na mão, a outra com um cavalo de pau. Há ainda o silêncio da multidão armada e o homem da cerca-viva.

Ah! Decerto ela diria, *pobre homem! O que aconteceu com ele?* Strange responderia: *Não sei.* Ela retrucaria: *Mas sem dúvida ficou para ajudá-lo.* Strange diria: *Não.* E ela exclamaria: *Ah!...*

- Espere! - gritou Strange, refreando o cavalo. - Isto não está certo! Temos que voltar. Não me sinto tranqüilo quanto ao homem da cerca-viva.

-Ah! - exclamou Jeremy Johns, aliviado. -Alegra-me ouvir isso, senhor. Eu também não.

- Por acaso não pensou em trazer consigo duas pistolas, pensou? - Indagou Strange.

- Não, senhor.

- Mald...! - exclamou Strange, e logo se interrompendo, pois Miss Woodhope não aprovava imprecensões. - Nem uma faca? Algo parecido?

- Não, nada, senhor. Mas fique tranqüilo. - Jeremy saltou do cavalo e caminhou em direção à mata. - Com estes galhos posso fazer porretes que ser virão quase tão bem quanto pistolas.

Alguém cortara alguns galhos robustos de um arvoredos e os deixara no chão. Jeremy pegou um deles e o ofereceu a Strange. Não chegava a ser um porrete; era mais um galho com ramos brotando dele.

- Bem - disse Strange sem convicção -, creio que isto é melhor do que nada.

Jeremy muniu-se de outro galho igual e, assim armados, cavalgaram de volta para o vilarejo e para o silencioso grupo de pessoas.

- Olá você! - exclamou Strange, dirigindo-se a um homem que usava um avental de pastor com vários xales de tricô amarrados sobre ele e chapéu de abas largas na cabeça. Fez alguns movimentos vigorosos com o porrete de um modo que supunha ameaçador. - O que?...

Nesse momento, várias pessoas do agrupamento viraram-se ao mesmo tempo para ele e pousaram o dedo nos lábios.

Um homem se aproximou de Strange. Vestia-se de forma mais respeitável do que o primeiro, com um casaco canelado marrom. Tocou o chapéu com os dedos e disse com delicadeza:

- Desculpe, senhor, mas poderia levar os cavalos para mais longe? Eles batem os cascos e respiram muito alto.

- Mas... - começou Strange.

- Silêncio, senhor! - sussurrou o homem. - A sua voz.. É muito alta. Vai acordá-lo!

- Acordá-lo? Quem?

- O homem junto da cerca-viva, senhor. É um mago. Nunca ouviu dizer que quando se acorda um mago antes da hora corre-se o risco de trazer para este mundo os sonhos da cabeça dele?

- E quem sabe que coisas horrendas não estará sonhando! - concordou outro homem, num sussurro.

- Mas como... - começou Strange. Mais uma vez, várias pessoas da multidão se viraram para ele e, indignadas, franziram o cenho, fazendo sinais para que falasse mais baixo. - Mas como sabe que é um mago? - sussurrou.

- Ah, senhor, ele chegou a Monk Gretton há dois dias. Disse a todo mundo que é um mago. No primeiro dia, fez algumas de nossas crianças furtarem torta e cerveja da despensa das mães, dizendo que era para a Rainha das Fadas. Ontem, foi visto vagando pelos jardins de Farwater Hall, que é, meu senhor, a residência mais magnífica que temos por aqui. Mrs. Morrow, a dona da propriedade, incumbiu-o de ler a sorte dela, mas ele só disse que seu filho, o capitão Morrow, foi morto pelos franceses... E agora a pobre senhora se deitou na cama e diz que assim vai ficar até morrer. Por isso, senhor, estamos fartos desse homem. Queremos que se vá. Se ele não partir, vamos mandá-lo para o asilo de necessitados.

- Bem, parece bastante razoável - sussurrou Strange. - Mas o que não entendo é...

Nesse momento, o homem junto da cerca-viva abriu os olhos. A multidão emitiu uma espécie de grito sufocado comunal e várias pessoas recuaram alguns passos.

O homem tentou se levantar, o que não foi tarefa fácil, pois várias partes da cerca-viva - brotos de pilriteiro, galhos de sabugueiro, fragmentos de hera, visco e vassouras-de-bruxa - haviam se introduzido em suas roupas, membros e cabelos durante a noite ou aderido a ele com a geada. O homem se sentou. Não pareceu nem um pouco surpreso ao descobrir que tinha uma platéia; de fato, a julgar por seu comportamento, era de supor que ele até mesmo já esperava por isso. Olhou para todos e emitiu uma série de bufos e fungadelas depreciativos.

Passou os dedos pelo cabelo, removendo folhas secas, pedaços de brotos e uma meia-dúzia de centopéias.

- Estendi a mão - murmurou ele para ninguém em especial. – Os rios da Inglaterra se desviaram e fluíram para o lado oposto. - Afrouxou o lenço de pescoço e retirou algumas aranhas que haviam se instalado dentro da camisa. Ao fazê-lo revelou um pescoço e uma garganta ornados com um estranho desenho de linhas, pontos, cruces e círculos azulados. Em seguida passou o lenço em volta do pescoço e, depois de dar por concluída a toaleta, levantou-se.

- Meu nome é Vinculus - declarou. Levando-se em conta que acabara de pernoitar junto de uma cerca-viva, a voz soou incrivelmente alta e clara. -Por dez dias caminhei rumo ao oeste, à procura de um homem destinado a se tornar um grande mago. Dez dias atrás me foi mostrada uma imagem desse homem e agora, por meio de sinais místicos, vejo que se trata do senhor!

Todos olharam em volta para ver a quem ele se referia.

O homem com avental de pastor e xales tricotados se aproximou de Strange e lhe cutucou o casaco.

- É o senhor - disse.

- Eu? - replicou Strange.

Vinculus se dirigiu a Strange e disse:

- Dois magos surgirão na Inglaterra,

O primeiro irá me temer; o segundo desejará me ver;

O primeiro será mandado por ladrões e assassinos; o segundo conspirará para a sua própria destruição;

O primeiro enterrará o próprio coração numa escura floresta sob a neve e, ainda assim, sentirá a própria dor;

O segundo verá o seu mais caro bem nas mãos do inimigo...

- Certo - interrompeu Strange. - E qual deles sou eu? O primeiro ou o segundo? Não, não me diga. Não importa. Os dois soam medonhos. Para alguém que está ansioso para que eu me torne um mago, devo dizer que o senhor não me apresenta essa vida de modo muito atraente. Espero me casar em breve e passar minha existência numa floresta escura, cercado de ladrões e assassinos seria no mínimo inconveniente. Sugiro que escolha outra pessoa.

- Eu não o escolhi, mago! O senhor foi escolhido há muito tempo.

- Bem, quem quer que tenha feito isso terá uma decepção.

Vinculus ignorou o comentário e agarrou com firmeza as rédeas do cavalo de Strange, para impedir que partisse. Em seguida declamou na íntegra a profecia com que já havia brindado Mr. Norrell na biblioteca da casa da Praça Hanover.

Strange acolheu-a com um grau de entusiasmo semelhante e, ao término dela, curvou-se para baixo e disse, devagar e claramente:

- Não sei magia alguma!

Vinculus se deteve. Parecia prestes a admitir que isso de fato seria um obstáculo verdadeiro para Strange vir a se tornar um grande mago, quando, felizmente, a solução lhe ocorreu de imediato; enfiou a mão no bolso interno do casaco e de lá tirou algumas folhas de papel com pedaços de palha grudados nelas.

- Bem - disse, com ar ainda mais misterioso e imponente -, tenho aqui uns encantamentos que... Não, não! Não posso dá-los ao senhor! - Strange estendera a mão para pegá-los. - São objetos preciosos. Suportei anos de tormento e sofri grandes provações no intuito de possuí-los.

- Quanto custam? - perguntou Strange.

- Sete xelins e seis *pence* - respondeu Vinculus.

- Que seja.

- Meu senhor, pretende lhe dar dinheiro? - perguntou Jeremy Johns.

- Se isso o fizer parar de dirigir-se a mim, sim, com certeza.

Enquanto isso, a multidão não via Strange e Jeremy Johns com bons olhos.

A chegada deles coincidira um pouco com o despertar de Vinculus, e os moradores já se perguntavam se não seriam duas aparições saídas dos sonhos do mago. Começaram a se acusar uns aos outros de terem acordado Vinculus. Estavam envolvidos nessa discussão, quando uma pessoa de aspecto oficial e com um chapéu imponente se aproximou e informou Vinculus de que ele deveria ir para o asilo de necessitados, na condição de mendicante. Vinculus retrucou que não iria, uma vez que deixara de ser mendigo: possuía agora sete xelins e seis *pence*! E balançou o dinheiro diante do rosto do homem de maneira bastante impertinente.

No exato momento em que uma briga parecia a ponto de rebentar por um motivo qualquer, a paz foi de repente devolvida ao vilarejo de Monk Gretton pelo simples fato de Vinculus ter se virado e seguido por um caminho, enquanto Strange e Jeremy Johns iam por outro.

Por volta das cinco horas, chegaram a uma estalagem no vilarejo de S., perto de Gloucester. Tão poucas esperanças Strange tinha de que o encontro com Miss Woodhope resultasse em outra coisa que não sofrimento para ambos, que pensou em adiá-lo para o dia seguinte. Pediu um bom jantar e foi se sentar ao lado da lareira numa cadeira confortável e com um jornal nas mãos. Mas, tão logo percebeu que conforto e tranqüilidade eram pobres substitutos da companhia de Miss

Woodhope, cancelou o jantar e dirigiu-se depressa à casa de Mr. e Mrs. Redmond, com o objetivo de começar a ser infeliz o quanto antes. Encontrou em casa apenas as mulheres, Mrs. Redmond e Miss Woodhope.

Amantes são raras vezes criaturas racionais, de modo que não surpreenderá o leitor a descoberta de que os devaneios de Strange com relação a Miss Woodhope resultaram num retrato inexato dela. Embora se possa dizer que as conversas imaginárias dele descreviam as *opiniões* dela, não constituíam de maneira alguma um guia para a *disposição* e a *conduta* de sua eleita. *Não fazia parte* dos modos de Miss Woodhope importunar pessoas recentemente enlutadas com a exigência de que construíssem escolas e casas de caridade. Tampouco ela procurava e apontava defeitos em tudo o que essas pessoas diziam. Não era assim tão cruel.

Ela o saudou de uma forma muito diferente da jovem zangada e repressora das fantasias dele. Sem em nenhum momento exigir que ele corrigisse as injustiças cometidas pelo pai, procedeu com especial delicadeza para com ele e parecia sentir enorme prazer em vê-lo.

Miss Woodhope tinha cerca de vinte anos. Em repouso, suas feições eram apenas moderadamente bonitas, tanto seu rosto como seu corpo apresentavam muito poucas características notáveis. Contudo, possuía o tipo de rosto que, quando animado pela conversa ou pelo riso, transformava-se por completo. A jovem tinha temperamento alegre, era perspicaz e demonstrava inclinação para o cômico. Estava sempre disposta a sorrir e, uma vez que o sorriso é o ornamento mais elegante que uma moça pode exibir, sabia-se que em algumas ocasiões eclipsara mulheres de três condados que eram reconhecidas beldades.

Sua amiga, Mrs. Redmond, era uma mulher serena e afável de quarenta e cinco anos. Não era rica, nem viajada, nem particularmente inteligente. Em outras circunstâncias, teria encontrado dificuldade em saber o que dizer a um homem experimentado como Jonathan Strange, mas, felizmente, seu pai acabara de morrer e isso proporcionava um assunto.

- Mister Strange, imagino como não deve andar ocupado no momento - disse. - Lembro-me de que quando meu pai morreu havia um mundo de coisas a fazer. Ele

deixou tantas doações testamentárias! Havia alguns jarros de porcelana que ficavam na cornija da nossa cozinha. Meu pai manifestou o desejo de que um jarro fosse dado a cada um de nossos mais antigos criados. Mas as descrições dos jarros no testamento eram tão confusas que ninguém soube qual jarro deveria ser entregue a qual criado. Então todos começaram a disputar o jarro amarelo com rosas cor-de-rosa. Ah! Pensei que jamais conseguiria dar um fim a esses legados. Seu pai deixou muitos bens, Mister Strange?

- Não, minha senhora. Ele odiava todo mundo.

- Ah, foi uma sorte, não foi? E o que vai fazer então?

- Fazer? - repetiu Strange.

- Miss Woodhope contou que seu pobre e querido pai comprava e vendia coisas. Vai seguir seus passos?

- Não, minha senhora. Se eu conseguir fazer o que desejo, e creio que conseguirei, os negócios de meu pai serão encerrados o quanto antes.

- Ah, mas então imagino que o senhor vá se dedicar à agricultura! Miss Woodhope diz que suas terras são vastas.

- De fato são minha senhora. Mas já experimentei a agricultura e não creio que me seja uma atividade adequada.

- Ah... - exclamou Mrs. Redmond num tom compreensivo.

Pairou um silêncio. O relógio de Mrs. Redmond tiquetaqueava e pedaços de carvão se remexiam na lareira. Mrs. Redmond começou a puxar e a repuxar uma fita de seda bordada que repousava em seu colo e com ela fez um laço espantoso. Em seguida, seu gato preto, entendendo que essa atividade era uma brincadeira, caminhou altivamente pelo sofá para tentar apanhar a peça de seda. Arabella riu, pegou o gato e começou a brincar com ele. Esse era exatamente o tipo de cena doméstica e tranqüila de que Strange estava ávido (embora não quisesse Mrs. Redmond nela e ainda não estivesse certo quanto ao gato) e que lhe era especialmente agradável aos olhos por jamais haver encontrado em casa senão

frieza e desconforto. O problema era: como convencer Arabella de que ela também desejava aquilo? Uma espécie de inspiração lhe ocorreu e Strange voltou a se dirigir a Mrs. Redmond.

- Em resumo, minha senhora, não creio que terei tempo. Vou estudar magia. -
Magia! - exclamou Arabella, olhando-o com surpresa.

Parecia prestes a interrogá-lo a respeito, mas, nesse momento extremamente interessante, ouviram Mr. Redmond entrar no vestíbulo. Vinha acompanhado do cura, Henry Woodhope, o mesmo Henry Woodhope que era irmão de Arabella e amigo de infância de Jonathan Strange. Claro, houve apresentações e explicações (Henry Woodhope não sabia da visita de Strange), e com isso o inesperado anúncio de Strange foi esquecido.

Os cavalheiros vinham de uma reunião paroquial e assim que todos voltaram a se sentar na sala de estar Mr. Redmond e Henry Woodhope transmitiram várias informações sobre a paróquia a Mrs. Redmond e Arabella. Depois indagaram sobre a viagem de Strange, a condição das estradas e como estavam os fazendeiros dos condados de Shrop, Hereford e Gloucester (os condados que Strange atravessara em sua viagem). Às sete da noite, serviu-se o jantar. No silêncio que se seguiu, enquanto comiam e bebiam, Mrs. Redmond comentou com o marido:

- Meu querido, Mister Strange vai se tornar mago. – Falou como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, e era para ela.

- Mago?! - fez Henry, tomado de espanto. - Por que quer ser mago, Strange?

Strange permaneceu calado. Não querendo revelar o verdadeiro motivo que era impressionar Arabella com a decisão de fazer algo sensato e no campo acadêmico -, serviu-se da única explicação que lhe ocorreu.

- Em Monk Gretton, conheci um homem perto de uma cerca-viva que me disse que eu era um mago.

Mr. Redmond riu, aprovando o gracejo.

- Excelente! - exclamou.

- Conheceu mesmo? - perguntou Mrs. Redmond.

- Não estou entendendo - retrucou Henry Woodhope.

- Suponho que não acredita em mim - disse Strange a Arabella.

- Ah, ao contrário, Mister Strange! - replicou Arabella com um sorriso divertido.

- É coerente com seu jeito habitual de fazer as coisas. É a base sólida de uma carreira que eu esperaria do senhor.

- Mas - disse Henry -, se vai iniciar uma nova profissão, e não vejo por que deveria, uma vez que herdou uma propriedade, decerto pode escolher algo melhor do que a magia! Ela não tem aplicação prática.

- Creio que está equivocado! - retrucou Mr. Redmond. - Em Londres há aquele cavalheiro que confunde os franceses ao lhes enviar ilusões! Escapa-me o nome dele. Como ele classifica a sua teoria? Magia moderna?

- Mas em que se diferencia da magia antiga? - refletiu Mrs. Redmond.

- E a qual delas se dedicará, Mister Strange?



- Sim, Mister Strange, diga-nos - disse Arabella com expressão brejeira.

- A qual delas se dedicará?

- A um pouco das duas, Miss Woodhope. A um pouco das duas! - Dirigindo-se a Mrs. Redmond, disse: - Comprei três encantamentos do homem da cerca-viva. Gostaria de ver um?

- Ah, sim, claro!

- E Miss Woodhope também? - perguntou Strange.

- Para que servem?

- Não sei. Ainda não os li. - Jonathan Strange tirou do bolso interno os três encantamentos que Vinculus lhe dera e os entregou a Miss Woodhope para que os examinasse.

- Estão muito sujos - observou Arabella.

-Ah, nós, magos, nem nos preocupamos com uma sujeirinha dessas. Ademais, creio que são muito antigos. Encantamentos remotos e misteriosos como esses são quase sempre...

- Há uma data no alto deles. Dois de fevereiro de 1808. Duas semanas atrás.

- É mesmo? Não notei.

- Dois *encantamentos para fazer um homem obstinado sair de Londres* – leu Arabella. - Gostaria de saber por que o mago desejava fazer as pessoas saírem de Londres.

- Não sei. Decerto há muita gente lá, mas parece uma trabalhadeira fazer que saiam uma por uma.

- Que pessoas horríveis! Cheios de fantasmas e horrores! Fazem a pessoa acreditar que está prestes a encontrar o verdadeiro amor, quando na verdade o encantamento não faz nada nesse sentido!

- Deixe-me ver! - Strange tomou de volta os encantamentos ofensivos. Examinou-os superficialmente e disse: - Garanto que quando os comprei nada sabia do conteúdo deles, nada, nada. A verdade é que o homem que os vendeu para mim era um vagabundo, e muito pobre. O dinheiro que lhe dei livrou-o do asilo de necessitados.

- Bem, é bom saber disso. Mas esses encantamentos ainda assim são horríveis e espero que não os utilize.

- Mas que me diz do último? Um *encantamento para descobrir o que meu inimigo faz no momento*. Imagino que não se oponha a ele. Deixe-me fazer este último.

- Mas funcionará? Não tem inimigos, tem?

- Não que eu saiba. Por isso tentar não causará dano a ninguém, não é mesmo?

Como as instruções exigiam um espelho e algumas flores secas, Strange e Henry tiraram um espelho da parede e o depositaram em cima da mesa. As flores foram mais difíceis de obter; era fevereiro e as únicas que Mrs. Redmond possuía eram lavandas, rosas e tomilhos secos.

- Servirão? - perguntou a Strange.

- Quem sabe? - retrucou ele, encolhendo os ombros. - Bem... - disse, tornando a examinar as instruções. - As flores devem ser postas em volta, deste jeito. Depois, desenho um círculo no espelho com o dedo, assim. E divido o círculo em quartos. Bato no espelho três vezes e digo estas palavras...

- Strange - disse Henry Woodhope -, onde obteve essa tolice?

- Do homem da cerca-viva. Henry, você não presta atenção...

- E ele lhe pareceu honesto?

- Honesto? Não especialmente. Eu diria que parecia "frio" é uma boa palavra para descrevê-lo; e "faminto", outra.

- E quanto pagou por esses encantamentos?

- Henry! - exclamou a irmã. - Não ouviu Mister Strange dizer que os comprou como um gesto de caridade?

Strange desenhava círculos distraidamente na superfície do espelho e o dividia em quartos. Arabella, sentada ao lado dele, de repente se sobressaltou, tomada de surpresa. Strange baixou o olhar.

- Meu Deus! - exclamou.

No espelho via-se a imagem de uma sala, mas não a sala de estar de Mrs. Redmond. Era uma sala pequena, mobiliada sem extravagância, mas com bons móveis. O teto, de pé-direito alto, dava a idéia de um pequeno cômodo dentro de

uma grande casa - talvez mesmo grandiosa. Havia estantes abarrotadas de livros, e ainda mais livros empilhados em mesas. Havia um bom fogo numa lareira e velas sobre a escrivaninha. Um homem trabalhava sentado diante dela. Tinha talvez uns cinqüenta anos e estava vestido com simplicidade, num casaco cinza. Um homem tranqüilo, de aparência comum, com uma peruca antiquada. Vários livros estavam abertos na escrivaninha e ele lia um pouco nalguns e escrevia um pouco noutros.

- Mrs. Redmond! Henry! - exclamou Arabella. - Corram aqui! Vejam o que Mister Strange fez!

- Mas quem é ele? - perguntou Strange, perplexo. Ergueu o espelho e olhou embaixo dele, aparentemente pensando que lá encontraria um minúsculo cavalheiro de casaco cinza pronto para ser interrogado. Quando o espelho foi recolocado sobre a mesa, a visão da outra sala e do outro homem continuava lá. Não conseguiam ouvir sons do outro cômodo, mas as chamas dançavam na lareira e o homem, de óculos reluzentes no nariz, mexia a cabeça, passando de um livro para outro.

- Por que ele é seu inimigo? - perguntou Arabella.

- Não faço a menor idéia.

- Talvez lhe deva dinheiro? - perguntou Mr. Redmond.

- Penso que não.

- Talvez seja um banqueiro. Parece um pouco um escritório de contabilidade - opinou Arabella.

Strange começou a rir.

- Bem, Henry, pode parar de me lançar olhares de reprovação. Se sou um mago, sou um mago dos mais medíocres. Outros iniciados convocam espíritos mágicos e reis mortos há tempos. Ao que parece, invoquei o espírito de um banqueiro.

VOLUME 2 - JONATHAN STRANGE



- *Pode um mago **matar** um homem com magia? - Perguntou Lorde Wellington a Strange.*

*Strange franziu o cenho. Pareceu não gostar da pergunta. - Creio que um mago **poderia** - admitiu. - Um cavalheiro, **jamais**.*

23. *A Casa da Sombra*

Julho de 1809

Num dia do verão de 1809, dois cavaleiros seguiam por uma estrada poeirenta no interior do condado de Wilt. O céu era de um azul intenso e brilhante e, abaixo dele, a Inglaterra se estendia em esboços de sombras densas e reflexos brumosos riscados pela forte luz do céu. Um enorme castanheiro-da-Índia se curvava sobre a estrada, formando uma lagoa de sombra negra, e, quando os dois cavaleiros a alcançaram, a sombra os engoliu de tal modo que nada restou deles, a não ser as vozes.

- ... E quando começará a pensar em publicar? - perguntou uma delas. - Porque o senhor tem de publicar, sabe? Tenho pensado nisso e creio que o primeiro dever de todo mago moderno é publicar. Surpreende-me que Norrell não publique.

- Creio que o fará quando chegar a hora - observou a outra voz. - Quanto a mim, quem desejaria ler o que tenho escrito? Nos dias de hoje, em que Norrell produz um novo milagre a cada semana, não posso imaginar que o trabalho de um mago puramente teórico seja de grande interesse a alguém.

- Ah, o senhor é muito modesto - retrucou a primeira voz. - Não deve deixar tudo para Norrell. Ele não consegue fazer tudo.

- Ah, consegue, sim. Ele faz - suspirou a segunda voz.

Que bom encontrar velhos amigos! Pois se trata de Mr. Honeyfoot e Mr. Secundus. Contudo, por que razão os vemos a cavalo, numa espécie de exercício que não condiz nem com um nem com outro, que nem um nem outro pratica com regularidade, uma vez que Mr. Honeyfoot é muito velho e Mr. Secundus muito pobre? E num dia como este?! Tão quente que fará Mr. Honeyfoot primeiro transpirar, depois sentir comichões, depois se cobrir de borbulhas vermelhas; um dia de uma claridade tão ofuscante que, com certeza, causará a Mr. Secundus uma de suas costumeiras dores de cabeça. E o que fazem os dois no condado de Wilt?

Sucedeu que, no curso dos esforços empreendidos em nome da pequena escultura de pedra e da jovem com folhas de hera no cabelo, Mr. Honeyfoot fizera uma descoberta. Acreditava ter identificado um homem de Avebury como o assassino. Daí, fora ao condado com o propósito de examinar uns documentos antigos na igreja da paróquia de Avebury. "Porque", como explicara a Mr. Secundus, "se descobrir quem foi, então isso talvez me leve a descobrir quem era a jovem e que obscuro impulso o levou a matá-la". Mr. Secundus acompanhara o amigo, examinara todos os documentos e o ajudara a decifrar o latim antigo. Mas, embora adorasse documentos antigos (ninguém os adorava mais do que ele) e depositasse grande fé no que poderiam conseguir, Mr. Secundus no íntimo duvidava de que sete palavras latinas de cinco séculos atrás pudessem explicar a vida de um homem. Mr. Honeyfoot, porém, era todo otimismo. Ocorreu então a Mr. Secundus que, uma vez que se encontravam em Wilt, deveriam aproveitar a oportunidade para visitar a Casa da Sombra, situada nesse mesmo condado e que os dois não conheciam.

Muitos de nós ouvimos falar da Casa da Sombra nas salas de aula. O nome evoca vagas noções de magia e ruínas, mas poucos de nós temos uma recordação clara do motivo pelo qual ela é tão importante. A verdade é que os historiadores da magia ainda discutem sua importância e alguns se apressarão a lhe dizer que a casa não tem a menor importância. Nenhum grande acontecimento da história da magia inglesa teve lugar lá; ademais, quanto aos dois magos que habitaram a casa, um era impostor e o outro uma mulher - atributos improváveis de se poder recomendar a magos cavalheiros e a historiadores cavalheiros dos anos recentes. Ainda assim, por dois séculos, a Casa da Sombra ficou conhecida como um dos lugares mais mágicos da Inglaterra.

Foi construída no século XVI por Gregory Absalom, mago da corte do rei Henrique VIII e das rainhas Maria e Elizabeth. Se medirmos o sucesso de um mago pela quantidade de magia que ele faz, então Absalom não era mago de modo algum, pois seus encantamentos raras vezes obtinham resultado. Entretanto, se considerarmos a quantidade de dinheiro que um mago faz e a tomarmos como padrão de cotejo, então Absalom foi sem dúvida um dos maiores magos que a Inglaterra já teve, pois nasceu na pobreza e morreu muito rico.

Uma de suas façanhas mais arrojadas foi persuadir o rei da Dinamarca a pagar um bom punhado de diamantes por um encantamento que, segundo Absalom, transformaria em água a carne do rei da Suécia. Claro que o encantamento nada fez, mas, com o dinheiro que obteve por metade das jóias, Absalom construiu a Casa da Sombra. Decorou-a com tapetes turcos, espelhos e vidros venezianos, e centenas de outros belos objetos; quando a casa foi concluída, algo curioso ocorreu - talvez tenha ocorrido, ou quem sabe nem ocorreu. Alguns estudiosos acreditam, outros não, que a magia que Absalom pretendia fazer para seus clientes manifestou-se espontaneamente no interior da casa.

Numa noite enluarada de 1610, duas criadas olharam para fora por uma janela do andar superior e viram vinte ou trinta belas jovens e cavalheiros vistosos a dançarem em círculo no gramado. Em fevereiro de 1666, Valentine Greatrakes, um irlandês, teve uma conversa em hebraico com os profetas Moisés e Aarão num pequeno corredor ao lado do grande armário de roupas de cama. Em 1667, Mrs. Penelope Chelmorton, uma visitante da casa, olhou num espelho e viu uma menina de três ou quatro anos espiando-a de dentro dele. Enquanto observava com atenção, viu a menina crescer e envelhecer, e reconheceu a si mesma. O reflexo de Mrs. Chelmorton continuou a envelhecer até restar não mais que um cadáver seco no espelho. A fama da Casa da Sombra se baseia nessas e numa centena de outras histórias.

Absalom tinha uma filha, chamada Maria. Ela nasceu na Casa da Sombra e nela morou a vida inteira, raras vezes se ausentando por mais de um ou dois dias. Durante sua juventude, a casa foi visitada por reis e embaixadores, estudiosos, soldados e poetas. Mesmo após a morte do pai, as pessoas iam reverenciar o fim da magia inglesa, seu estranho e último florescimento às vésperas de seu longo ocaso. Mais tarde, à medida que os visitantes foram diminuindo, a casa se debilitou, começou a se deteriorar, o jardim se tornou selvagem. Mas Maria Absalom recusou-se a restaurar a casa do pai. Mesmo pedaços de pratos quebrados permaneceram intactos no chão.

**** Alguns estudiosos (entre eles Jonathan Strange) argumentaram que Maria Absalom sabia exatamente o que fazia ao deixar a casa arruinar-se de um modo irreparável. Sustentam que Miss Absalom fez o que fez de acordo com a crença corrente de que todos os prédios em ruínas pertencem ao Rei Corvo. Isso explicaria, talvez, o fato de que a magia na Casa da Sombra pareceu se fortalecer depois de a casa cair em ruínas.*

"Todas as obras do homem, todas as cidades, todos os impérios, todos os monumentos um dia se desintegrarão em pó. Mesmo a casa do caro leitor, embora somente por um dia, uma hora, cairá em ruínas e se tornará uma casa onde as pedras serão argamassadas com o luar, onde as janelas serão providas pela luz das estrelas e onde a mobília será fornecida pelo vento poeireiro. Dizem que nesse dia, nessa hora, nossas casas se tornarão propriedade do Rei Corvo. Embora lastimemos o fim da magia inglesa e digamos que ela há muito nos deixou, e nos perguntemos como foi possível virmos a perder algo tão precioso, não nos esqueçamos de que também ela espera por nós no fim da Inglaterra e de que um dia seremos tão capazes de escapar ao Rei Corvo como, na presente era, somos capazes de trazê-lo de volta".

História e Prática da Magia Inglesa, Jonathan Strange, ed. John Murray, Londres, 1816.

No quinquagésimo ano, as heras haviam crescido com tal vigor e se expandido de tal forma, que vicejavam dentro de armários e tornavam os pisos escorregadios e perigosos de neles se andar. Os pássaros cantavam tanto dentro como fora da casa. No centésimo ano, a casa e a mulher eram uma só ruína, embora nenhuma delas tivesse se extinguido de todo. Maria viveu outros quarenta e cinco anos, até morrer em seu leito numa manhã de verão, com as sombras das folhagens de um enorme freixo e a luz irregular do sol incidindo sobre ela.

Enquanto se apressavam rumo à Casa da Sombra na tarde quente, Mr. Honeyfoot e Mr. Secundus estavam um pouco nervosos, com receio de que Mr. Norrell viesse a saber dessa visita (pois, a julgar pelos almirantes e ministros que lhe

enviavam cartas respeitosas e lhe faziam visitas, Mr. Norrell se tornava ilustre hora após hora). Temiam que ele julgasse que Mr. Honeyfoot infringira as condições do contrato. Assim, para que o menor número possível de pessoas tomasse conhecimento de seu plano, não revelaram a quem quer que fosse aonde iam; partiram de madrugada, andaram até uma fazenda onde poderiam alugar cavalos e se dirigiram à Casa da Sombra por um caminho de muitos rodeios.

No fim da estrada poeirenta e branca, viram-se diante de um par de portões altos. Mr. Secundus apeou do cavalo para abri-los. Eram portões feitos de um excelente ferro batido castelhano, porém tomados por uma ferrugem de um vermelho vívido e escuro, e com sua forma original deteriorada, retorcida. A mão de Mr. Secundus se cobriu de traços de poeira, como se um milhão de rosas secas e pulverizadas se tivesse compactado para criar a aparência irreal de um portão. O ferro ondulado tinha como ornamentos adicionais pequenos rostos risonhos e cruéis em baixo-relevo, de um vermelho abrasado e em desintegração, como se a parte do Inferno onde esses pagãos hoje residiam estivesse aos cuidados de um demônio desatento que deixara a fornalha esquentar em demasia.

Do outro lado do portão, mil rosas cor-de-rosa pálidas e altas, paredões oscilantes de olmos, freixos e castanheiras iluminados pelo sol, e um céu azul, muito azul. Havia quatro cumeeiras elevadas, uma profusão de chaminés cinzas e altas, e janelas com gelsias de pedra. Mas a Casa da Sombra estava em ruínas havia bem mais de um século e fora construída tanto de sabugueiros e rosas-caninas como de calcário prateado, contendo em sua composição não apenas brisas com odores de verão, mas também de ferro e vigas.

- É igual a Outras Terras – disse Mr. Secundus, no entusiasmo comprimindo o rosto contra o portão e dele recebendo uma impressão em forma de rosas pulverizadas. Abriu o portão com um puxão e conduziu o cavalo. Mr. Honeyfoot seguiu atrás. Amarraram os cavalos ao lado de uma bacia de pedra e começaram a explorar os jardins.



A área em volta da Casa da Sombra talvez não merecesse a denominação de "jardins". Ninguém cuidara dela por mais de cem anos. Tampouco constituía bosque. Ou uma selva. Não há palavra no idioma que defina um jardim de mago duzentos anos após a morte do mago. Os jardins da Casa da Sombra eram mais férteis e desordenados do que qualquer jardim que Mr. Secundus e Mr. Honeyfoot tinham visto até então.

Mr. Honeyfoot ficou extremamente encantado com tudo o que viu. Irrompeu em exclamações de admiração ante uma extensa aléia de olmos onde as árvores se erguiam à altura da cintura deles, por assim dizer, num mar de dedaleiras de um rosa vívido. Maravilhou-se em voz alta diante do entalhe de uma raposa com um filhote na boca. Falou animadamente da notável atmosfera mágica do lugar e afirmou que até mesmo Mr. Norrell aprenderia algo se visitasse o local.

Mr. Honeyfoot, porém, não era suscetível a atmosferas; Mr. Secundus, em compensação, começou a ficar apreensivo. Pareceu-lhe que o jardim de Absalom exercia uma estranha influência sobre ele. Várias vezes, enquanto Mr. Honeyfoot e ele caminhavam, viu-se prestes a falar com alguém que julgou conhecer. Ou senão

reconhecendo um lugar em que estivera antes. Mas cada vez que estava a ponto de se lembrar do que queria dizer, dava-se conta de que o que tomara como um amigo era na realidade apenas uma sombra na superfície de uma roseira. A cabeça do homem não passava de um ramo de rosas pálidas e a mão, um outro. O lugar que Mr. Secundus julgou tão bem reconhecer como o cenário de passagens comuns de sua infância nada mais era que a junção casual de um arbusto amarelo com alguns galhos oscilantes de sabugueiro e com a quina aguda e ensolarada da casa. Ademais, não sabia quem era o tal amigo nem em que lugar estava. Isso começou a perturbá-lo tanto que, meia hora depois, propôs a Mr. Honeyfoot sentarem um pouco.

**** Quando se fala de "Outras Terras", em geral se tem em mente o Reino Encantado, ou qualquer outra vaga noção semelhante. Para os propósitos de uma conversa genérica, definições como essa servem muito bem, mas um mago deve aprender a ser mais preciso. Sabe-se que o Rei Corvo regia três reinos: o primeiro, o Reino da Inglaterra do Norte, formado por Cumberland, Northumberland, Durham, os condados de York, Lanca, Derby e parte de Nottingham. Os outros dois eram chamados de "as Outras Terras do Rei". Um era parte do Reino Encantado e o outro comumente se supunha ser um país no lado extremo do Inferno, às vezes chamado de "Terras Amargas". Os inimigos do Rei diziam que ele o arrendara de Lúcifer.*

- Meu caro amigo – disse Mr. Honeyfoot -, o que foi? Sente-se mal? Está muito pálido, as mãos tremem. Por que não me falou antes?

Mr. Secundus passou a mão na testa e disse, ininteligivelmente, que acreditava que alguma magia estava prestes a se realizar. Tinha a mais nítida impressão de que era esse o caso.

- Magia?! - exclamou Mr. Honeyfoot. - Mas que magia será? – Olhou em volta nervoso, temendo que Mr. Norrell surgisse de repente de trás de uma árvore. - Penso que é só o calor do dia que o aflige. Também sinto muito calor. Mas é tolice

nossa permanecermos nesta condição. Pois aqui está o conforto! Aqui está fresco! Sentar-se à sombra de árvores altas como estas, ao lado de um riacho agradável e sonoro como este é o melhor tônico no mundo. Venha, Mister Secundus, vamos nos sentar aqui!

Sentaram-se à margem ervosa de um riacho acastanhado. O ar quente e suave, o perfume das rosas acalmaram e aquietaram Mr. Secundus. Os olhos dele se fecharam uma vez. Abriam-se. Fecharam-se outra vez. Abriam-se, lenta e pesadamente...

Ele começou a sonhar quase em seguida.

Viu uma porta alta num lugar escuro. Fora entalhada numa pedra cinza-prateada que brilhava um pouco, como se houvesse luar. A ombreira da porta era feita à imagem de dois homens (ou poderia ser apenas um, pois ambos eram o mesmo). O homem parecia dar um passo, como se saindo da parede, e John Secundus logo o reconheceu como mago. Não via o rosto com clareza, apenas o suficiente para saber que era um rosto jovem e bonito. Em sua cabeça havia um boné com um bico aguçado e asas de corvo em cada lado.

John Secundus passou pela porta e por um momento viu tão-só o céu negro, as estrelas e o vento. Em seguida, porém, notou um cômodo em ruínas. Apesar disso, as paredes que lá existiam estavam forradas de quadros, tapeçarias e espelhos. Mas as figuras nas tapeçarias se mexiam e conversavam entre si, e nem todos os espelhos proporcionavam reproduções fiéis do cômodo; alguns pareciam refletir lugares diferentes.

No fundo do cômodo, numa indistinta mistura de luar e luz de velas, uma mulher estava sentada a uma mesa. Usava um vestido de estilo antiquado e com uma quantidade de tecido bem maior do que John Secundus julgaria necessário, ou mesmo possível, numa única peça de roupa. Era de um azul intenso, antigo, estranho; em volta do vestido, assim como outras estrelas, ainda cintilavam os últimos diamantes do rei da Dinamarca. Ela olhou para ele quando o viu se aproximar, dois olhos curiosamente oblíquos, mais afastados um do outro do que em geral se considera apropriado à beleza, e uma boca larga curvada num sorriso

cujo significado ele nem sequer poderia imaginar. O bruxuleio da luz das velas sugeria um cabelo tão vermelho como o vestido era azul.

De repente outra pessoa entrou no sonho de John Secundus, um cavalheiro com trajes modernos, O cavalheiro não pareceu nem um pouco surpreso ante a dama vestida com requinte (embora um tanto fora de moda), porém pareceu bastante perplexo com a presença de John Secundus. Estendendo a mão, pegou no ombro de John Secundus e começou a sacudi-lo...

Mr. Secundus se deu conta de que Mr. Honeyfoot tinha agarrado seu ombro e o sacudia de leve.

- Desculpe-me - disse Honeyfoot -, mas o senhor gritou enquanto dormia e achei que gostaria de acordar.

Mr. Secundus o olhou um pouco perplexo.

- Tive um sonho - disse. - Um sonho muito curioso!

Mr. Secundus contou o sonho a Mr. Honeyfoot.

- Mas que lugar mágico admirável! - exclamou Mr. Honeyfoot, com aprovação. - Seu sonho, tão repleto de símbolos e agouros estranhos, é outra prova disso!

- Mas o que significa? - perguntou Mr. Secundus.

- Ah... - fez Mr. Honeyfoot, interrompendo-se para refletir um pouco. Bem, o senhor disse que a mulher trajava um vestido azul? Azul significa... Deixe-me pensar... Imortalidade, castidade e fidelidade. Representa Júpiter e pode ser simbolizado pelo estanho. Hum! Pois bem, aonde isso nos leva?

- A lugar nenhum, creio - suspirou Mr. Secundus. - Sigamos em frente. Ansioso por ver mais, Mr. Honeyfoot concordou sem demora com a proposta e sugeriu que explorassem o interior da Casa da Sombra.

Na forte luz do sol, a casa nada mais era do que uma altaneira névoa verde-azulada contra o céu. Ao cruzarem a porta e entrarem no Grande Salão, Mr.

Segundus não conteve uma exclamação.

- O que foi agora? - perguntou Mr. Honeyfoot, sobressaltado.

Em cada lado da entrada havia uma escultura de pedra do Rei Corvo.

- Eu as vi em meu sonho - respondeu Mr. Segundus.

No Grande Salão, Mr. Segundus olhou em volta. Os espelhos e os quadros que vira em sonho já não existiam. Lilases e sabugueiros forravam as paredes esburacadas. Castanheiros-da-Índia e freixos formavam um telhado verde e prata balouçante que sarapintava o céu azul. Relvas douradas vistosas e piscos felpudos criavam uma gelosia para as janelas de pedra vazadas.

Num canto da sala, havia duas esculturas indistintas, imersas numa luz de sol intensa. Alguns objetos estranhos espalhavam-se pelo piso, numa espécie de escombros mágicos: pedaços de papel com fragmentos de encantamentos rascunhados, uma bacia de prata cheia d'água e uma vela consumida até a metade num antigo castiçal de latão.

Mr. Honeyfoot desejou bom-dia às duas esculturas espectrais; uma delas respondeu num tom de voz sério e cortês, mas a outra logo exclamou:

- Henry, é ele! Este é o sujeito! E este o homem que descrevi! Não vê? Um homenzinho de olhos e cabelos tão pretos que poderia ser italiano, embora tenha uns poucos fios grisalhos, Mas com uma expressão tão serena e tímida que só pode ser inglês, sem dúvida! Um casaco surrado todo empoeirado e remendado, com punhos puídos que procura esconder ao apará-las com tesoura. Ah, Henry, este é o homem, com certeza! Olá, senhor - chamou, dirigindo-se de súbito a Mr. Segundus -, explique-se!

O pobre Mr. Segundus ficou extremamente espantado ao ouvir a si mesmo e seu casaco serem descritos com tal minúcia por um total estranho, e uma descrição particularmente embaraçosa! Nem um pouco cortês! Enquanto permanecia imóvel, tentando reorganizar os pensamentos, seu interlocutor entrou na sombra de um

freixo que formava parte da parede norte da sala, e pela primeira vez no mundo desperto Mr. Secundus viu Jonathan Strange.

Um pouco hesitante (porque, ao falar, estava ciente de que soava de forma estranha), Mr. Secundus disse:

- Meu senhor, creio tê-lo visto em meu sonho.

Isso apenas irritou Strange ainda mais.

- O sonho, meu senhor, era meu! Deitei-me com o propósito de sonhá-lo. Posso apresentar provas, testemunhas, de que o sonho era meu. Mister Woodhope - apontou para o companheiro - me viu fazê-lo. Mister Woodhope é um ministro da Igreja anglicana e reitor de uma paróquia no condado de Gloucesster. Não posso conceber que sua palavra seja posta em dúvida! Pelo que me consta, na Inglaterra os sonhos de um cavalheiro são de interesse privado. Creio que existe uma lei concernente a isso e, se não existir, ora, sem dúvida o Parlamento deveria aprovar uma o quanto antes! Impediria que um homem se convidasse a entrar no sonho alheio! - Strange fez uma pausa para tomar fôlego.

- Meu senhor! - exclamou Honeyfoot, inflamado. - Devo lhe pedir mais respeito ao se dirigir a este cavalheiro. O senhor não teve a sorte de conhecê-lo como eu o conheço, mas, se tiver essa honra, saberá que nada está mais distante de seu caráter do que o desejo de ofender o próximo.

Strange emitiu uma espécie de exclamação irritada.

- É com certeza muito estranho que as pessoas entrem nos sonhos alheios - comentou Henry Woodhope, - Por certo não foi de fato o mesmo sonho, foi?

- Ah, creio que sim - retrucou Mr. Secundus, num suspiro. - Desde que entrei neste jardim, senti que estava repleto de portas invisíveis e que as atravessei uma após outra, até adormecer e sonhar o sonho em que vi este cavalheiro. Fiquei num estado de confusão mental muito grande. Sabia que não tinha deixado as portas entreabertas nem as feito abrir, mas não me importei. Só desejava ver o que existia atrás delas.

Henry Woodhope fitou Mr. Secundus como se não o tivesse entendido por completo.

- Mas ainda acredito que não possa ser o *mesmo* sonho, sabe? - explicou a Mr. Secundus, como se falasse com uma criança de pouca inteligência. - O senhor sonhou com o quê?

- Com uma dama de vestido azul - respondeu Mr. Secundus. - Imaginei que fosse Miss Absalom.

- Claro que era Miss Absalom! - exclamou Strange, com grande irritação, como se mal tolerasse ouvir a menção de algo tão óbvio. - Mas, infelizmente, o compromisso que a dama tinha era apenas com um cavalheiro. Ela, é evidente, perturbou-se ao ver dois, por isso logo desapareceu. - Strange fez um movimento desaprovador de cabeça. - Não deve haver mais que cinco homens na Inglaterra com pretensões à magia, e um deles tem de vir aqui interromper meu encontro com a filha de Absalom! Mal posso acreditar nisso. Sou o homem mais desafortunado da Inglaterra. Deus sabe o quanto me empenhei para sonhar esse sonho. Exigiu-me três semanas de trabalho, dia e noite, preparar os encantamentos de invocação, e quanto ao...

- Mas isso é maravilhoso! - interrompeu Mr. Honeyfoot. - É assombroso! Ora, nem mesmo o próprio Mister Norrell teria se aventurado a tal coisa!

- Ah - fez Strange, dirigindo-se a Mr. Honeyfoot -, não é tão difícil como imagina. Em primeiro lugar o senhor deve enviar um convite à dama, qualquer encantamento de invocação serve. Usei Ormskirk. Claro que o maior problema foi adaptar Ormskirk, para que Miss Absalom e eu chegássemos ao meu sonho ao mesmo tempo... Ormskirk é tão impreciso que a pessoa invocada pode ir a qualquer lugar a qualquer momento e pensar haver cumprido suas obrigações... Isso, admito, não foi tarefa fácil. Claro que tinha ouvido falar desses encantamentos, mas confesso que nunca de fato vi um, e por isso, sabe, vi-me obrigado a inventar o meu... Creio que é bastante medíocre, mas o que fazer?

**** Paris Ormskirk (1496-1587), mestre-escola do vilarejo de Clerkenwell, próximo a Londres. Escreveu vários tratados de magia. Embora um pensador não*

muito original, foi um diligente estudioso que se incumbiu da tarefa de reunir e esquadriñar todos os encantamentos de invocação que pôde encontrar, numa tentativa de descobrir uma versão fidedigna. Isso tomou doze anos de sua vida, durante os quais sua pequena casa junto ao prado de Clerkenwell ficou abarrotada de milhares de recortes de papel com encantamentos anotados. Mrs. Ormskirk não era por isso uma pessoa muito satisfeita, e, pobrezinha, acabou se tornando o protótipo da mulher de um mago nas comédias de repertório e nos romances de segunda classe - uma pessoa infeliz, rabugenta e estridente.

O encantamento apresentado por Ormskirk ganhou popularidade e foi amplamente utilizado no século em que viveu e nos dois seguintes; todavia, até Jonathan Strange introduzir mudanças nos encantamentos e invocar Maria Absalom em seu próprio sonho e no de Mr. Secundus, eu nunca soube de alguém que tivesse obtido o menor êxito com eles - talvez pelos motivos oferecidos por Jonathan Strange.

- Meu Deus! - exclamou Mr. Honeyfoot. - O senhor quer dizer que praticamente toda essa magia foi invenção sua?

- Ah! Bem... - retrucou Strange - quanto a isso... Eu tinha Ormskirk... Baseei tudo em Ormskirk.

- Ah, mas não teria sido Hether-Gray uma base melhor do que Ormskirk? - perguntou Mr. Secundus. - Desculpe-me, não sou um prático da magia, mas Hether-Gray sempre me pareceu mais confiável do que Ormskirk.

- Mesmo? - retrucou Strange. - Claro, ouvi falar de Hether-Gray. Há pouco tempo comecei a me corresponder com um cavalheiro no condado de Lincoln que diz possuir um exemplar de *A anatomia de um minotauro*, de Hether-Gray. Mas então vale a pena estudar Hether-Gray?

Mr. Honeyfoot afirmou que Hether-Gray não valia a pena, que o livro dele era o maior disparate do mundo; Mr. Secundus discordou e Strange viu-se mais interessado e menos consciente de sua irritação com Mr. Secundus.

Pois quem pode permanecer irritado com Mr. Secundus por muito tempo? Creio que existem pessoas que se ofendem com a bondade e a amabilidade, cujo espírito se exaspera diante da gentileza, mas me alegra dizer que Jonathan Strange não era uma delas. Mr. Secundus se desculpou por haver atrapalhado a magia e Strange, com um sorriso e uma reverência, disse que Mr. Secundus deveria esquecer o incidente.

- Não lhe perguntarei - disse Strange a Mr. Secundus - se é mago. A facilidade com que penetra no sonho alheio revela seu poder. - Strange dirigiu-se a Mr. Honeyfoot. - Mas o senhor também é mago?

Pobre Mr. Honeyfoot! Uma pergunta tão direta atingindo um ponto tão sensível! Ainda era um mago em essência e não gostava que o lembrassem da perda. Respondeu que *fora* um mago não muito tempo atrás. Mas que tinha sido obrigado a renunciar a isso. Nada poderia estar mais longe de sua vontade. O estudo da magia, da boa magia inglesa, era, em sua opinião, a mais nobre ocupação do mundo.

**** Mr. Secundus pareceu ter perdido o bom senso a esta altura. Charles Hether-Gray (1712-89) era outro mago historicista que publicou um célebre encantamento de invocação. Os encantamentos de Hether-Gray e Ormskirk são igualmente ruins: nada os distingue.*

Strange o observou com alguma surpresa.

- Não o entendo muito bem. Como pôde alguém obrigá-lo a renunciar a seus estudos, contra a sua vontade?

Então Mr. Secundus e Mr. Honeyfoot contaram que tinham sido membros da Sociedade Culta dos Magos de York e que a sociedade havia sido desfeita por Mr. Norrell.

Mr. Honeyfoot perguntou a Strange que opinião tinha de Mr. Norrell.

- Ah - fez Strange, com um sorriso -, Mister Norrell é o santo protetor dos livreiros ingleses.

- O que disse? - indagou Mr. Honeyfoot.

- Ah! - exclamou Strange. - Falam de Mister Norrell em todos os lugares dedicados ao comércio de livros, de Newcastle a Penzance. O livreiro sorri, faz uma reverência e diz: "Ah, o senhor chegou muito tarde! Eu tinha vários livros excelentes sobre magia e, história. Mas vendi todos a um cavalheiro cultíssimo do condado de York". É sempre Mister Norrell. Pode-se comprar, se for o caso, livros pelos quais Mister Norrell não se interessou. Em geral, comprovei que livros que Mister Norrell não leva são de fato objetos excelentes para acender a lareira.

Mr. Secundus e Mr. Honeyfoot, naturalmente, mostraram-se ansiosos por conhecer melhor Jonathan Strange, e ele parecia de igual modo desejoso de conversar com eles. Por conseguinte, após cada um formular e responder as perguntas de praxe ("Onde está hospedado?", "Ah, na estalagem George, em Avebury", "Mas que coincidência! Nós também"), logo resolveram que os quatro deveriam retornar a Avebury e jantar juntos.

Ao deixarem a Casa da Sombra, Strange deteve-se junto à porta do Rei Corvo e perguntou a Mr. Secundus e a Mr. Honeyfoot se eles já tinham visitado a antiga capital de Newcastle, no Norte. Ambos responderam que não.

- Esta porta é uma reprodução da que os senhores encontrarão em cada canto daqui - disse Strange. - A primeira neste estilo foi feita quando o rei ainda estava na Inglaterra. Naquela cidade, tem-se a impressão de que em toda parte o rei está saindo de alguma passagem em arco escura e empoeirada e avançando em nossa direção. - Strange sorriu com ironia. - Mas metade de seu rosto está sempre escondida e ele nunca falará conosco.

Às cinco da tarde, sentaram para jantar no salão da estalagem George. Mr.

Honeyfoot e Mr. Secundus julgaram Strange uma companhia extremamente agradável, animado e conversador. Henry Woodhope, de sua parte, comeu com avidez e, quando terminou, ficou a olhar pela janela. Mr. Secundus, receando que

Henry estivesse se sentindo negligenciado, virou-se para ele e o congratulou pela magia que Strange realizara na Casa da Sombra.

Henry Woodhope ficou surpreso.

- Não presumi que fosse caso de felicitação – redargüiu. – Strange disse que não foi algo extraordinário.

- Mas, caro senhor! – Exclamou Mr. Secundus. – Quem sabe quando tal proeza foi realizada pela última vez na Inglaterra?

- Ah! Nada sei de magia. Creio que é algo bastante atual... Li relatos sobre magia nos jornais de Londres. Mas a um clérigo sobra pouco tempo para leitura. Ademais, conheço Strange desde que éramos meninos e ele tem um caráter muito extravagante. Surpreende-me que esse capricho de magia haja durado tanto. Creio que logo se cansará, como se cansou de outras coisas.

Dito isso, levantou-se da mesa e falou que pensava em dar uma pequena volta pelo vilarejo. Desejou boa-noite a Mr. Honeyfoot e a Mr. Secundus e os deixou.

- Pobre Henry - comentou Strange assim que Mr. Woodhope saiu. - Imagino que o entediamos terrivelmente.

- Foi muita bondade de seu amigo acompanhá-lo em sua viagem, uma vez que ele mesmo não tem nenhum interesse no assunto – comentou Mr. Honeyfoot.

- Ah, sem dúvida! - exclamou Strange. - Mas ocorre, sabe, que ele se viu forçado a vir comigo ao perceber o quanto de tranqüilidade havia em casa. Henry está nos fazendo uma visita de algumas semanas, mas nossa vizinhança é muito isolada e creio que estou envolvido demais em meus estudos.

Mr. Secundus perguntou a Mr. Strange quando ele havia começado a estudar magia.

- Na primavera do ano passado.

- E já realizou tanto! - exclamou Mr. Honeyfoot. - Em menos de dois anos! Caro Mister Strange, isso é realmente extraordinário!

- O senhor acha mesmo? A mim me parece que pouco fiz até agora. Mas acontece que não sabia onde procurar conselho. Os senhores são os primeiros magos confrades que conheço, e os aviso de antemão que pretendo fazê-los ficar acordados metade da noite respondendo a perguntas.

- Teremos satisfação em ajudá-lo no que pudermos, senhor - disse Mr. Secundus. - Mas duvido que lhe possamos ser úteis. Sempre fomos apenas teóricos da magia.

- O senhor é modesto demais - afirmou Strange. - Leve em conta, por exemplo, que suas leituras foram bem mais amplas do que as minhas.

Dessa forma, Mr. Secundus passou a sugerir autores de quem Strange talvez não tivesse ouvido falar e Strange começou a anotar nomes e obras de maneira um tanto casual, às vezes num caderninho de apontamentos, às vezes no verso da conta do jantar, e uma ocasião no dorso da mão. Em seguida começou a indagar Mr. Secundus acerca dos livros.

Pobre Mister Honeyfoot! Como desejava participar dessa conversa interessante! E, de fato, *participou* dela, iludindo a ninguém exceto a si mesmo com pequenos estratagemas.

- Diga-lhe que leia *A linguagem das aves*, de Thomas Lanchester - Sugeriu, dirigindo-se a Mr. Secundus, e não a Strange. - Ah, sei que não tem uma opinião favorável sobre ele, mas penso que podemos aprender muitas coisas com Lanchester.

Em razão disso, Mr. Strange comentou que, tanto quanto sabia, existiam quatro exemplares de *A linguagem das aves* na Inglaterra havia apenas cinco anos atrás: um num livreiro de Gloucester; um na biblioteca particular de um cavalheiro mago em Kendal; um na propriedade de um ferreiro próximo a Penzance, que o recebera como parte do pagamento pelo conserto de um portão de ferro; e um tapando a fresta de uma janela da escola de meninos, no átrio da catedral de Durham.

- E onde estão agora? - perguntou Mr. Honeyfoot. - Por que não comprou um exemplar?

- Quando cheguei a cada um desses lugares, Mister Norrell tinha estado lá antes e comprado todos eles - explicou Mr. Strange. - Nunca pus os olhos nesse homem, contudo ele me frustra a cada passo. Por isso elaborei o plano de invocar um mago já morto e lhe fazer perguntas. Imaginei que uma *dama* seria mais solidária com meus esforços, daí ter escolhido Miss Absalom.

Mr. Secundus abanou a cabeça.

- Como método de aquisição de conhecimento, parece-me mais dramático do que conveniente. Não concebe uma forma mais fácil? Afinal, na Idade de Ouro da magia inglesa, livros eram mais raros do que hoje, e ainda assim os homens se tornavam magos.

- Estudei histórias e biografias dos Áureos para descobrir como eles começaram - disse Strange - e me parece que, naquela época, assim que alguém percebia possuir aptidão para a magia logo procurava a casa de um outro mago, mais velho e mais experiente, oferecendo-se como discípulo.

**** Nos tempos medievais, a invocação dos mortos era um conhecido tipo de magia, e, ao que parece, havia o consenso de que era mais fácil tanto despertar como interrogar o espírito de um mago morto.*

Foram poucos os magos que não aprenderam magia com um praticante. O Rei Corvo não foi o primeiro mago britânico. Existiram outros antes dele - notadamente, Merlin, o meio-homem e meio-demônio do século VII -, porém não havia magos na época em que o Rei Corvo chegou à Inglaterra. Pouco se sabe dos primeiros anos do Rei Corvo, mas é razoável supor que ele tenha aprendido magia e realeza na corte de um rei do Reino Encantado. Os primeiros magos da Inglaterra medieval aprenderam sua arte na corte do Rei Corvo e, depois, treinaram outros.

Uma exceção, talvez, seja o mago do condado de Nottingham, Thomas Godbless (1105-82). Desconhecemos grande parte de sua história. Com certeza conviveu um período com o Rei Corvo, mas, ao que parece, isso ocorreu no fim de sua vida, depois de ter sido mago durante anos. Talvez seja um exemplo de mago que se instruiu sem a ajuda de mestres - como, claro, é o caso de Gilbert Norrell e Jonathan Strange

Pois então o senhor deveria se candidatar a assistente de Mister Norrell! – Sugeriu Mr. Honeyfoot. – Deveria mesmo. Ah, sim, eu sei – acrescentou, ao perceber que Mr. Secundus estava prestes a objetar -, Mister Norrell é um tanto reservado, mas que importa? Tenho certeza de que Mister Strange saberá vencer a timidez dele. Apesar de todas as falhas de temperamento, Norrell não é tolo e por certo verá as enormes vantagens de ter um assistente como ele.

Mr. Secundus tinha muitas objeções a esse plano, especialmente em virtude da grande aversão de Mr. Norrell a outros magos. Mas Mr. Honeyfoot, entusiasmado e ansioso pelo arranjo, mal concebera a idéia e ela já se tornara o seu desejo predileto, não podendo imaginar qualquer contratempo.

- Admito - disse - que Norrell jamais nos viu, a nós, teóricos da magia, com bons olhos. Mas creio que se comportará de forma diferente perante um igual.

Strange não pareceu de modo algum contrário à idéia; tinha uma curiosidade natural de conhecer Norrell. Com efeito, Mr. Secundus não pôde evitar a suspeita de que ele já chegara a uma conclusão sobre o assunto e por isso Mr. Secundus foi pouco a pouco permitindo que suas dúvidas e objeções fossem sendo questionadas.

- Hoje é um dia formidável para a Grã-Bretanha, meu senhor! – Exclamou Mr. Honeyfoot. - Veja só o que um único mago foi capaz de realizar! Pense no que dois poderiam fazer! Strange e Norrell! Ah, como soa bem! – E Mr. Honeyfoot repetiu "Strange e Norrell" várias vezes e de um jeito tão divertido que fez Strange rir muito.

Mas, assim como muitas personalidades delicadas, Mr. Secundus era dado a mudar de idéia. Enquanto Mr. Strange estava diante dele, alto, sorridente e seguro,

Mr. Secundus teve certeza de que o talento de Mr. Strange merecia o devido reconhecimento, com a ajuda de Mr. Norrell ou a despeito de Mr. Norrell. Na manhã seguinte, porém, depois que Mr. Strange e Henry Woodhope partiram, pensou em todos os magos que Mr. Norrell se esforçara para eliminar e começou a se perguntar se ele e Mr. Honeyfoot não tinham induzido Strange a um erro.

- Não consigo deixar de pensar - disse - que deveríamos ter nos esforçado mais para alertar Mister Strange sobre a prudência de evitar Mr. Norrell. Em vez de incentivá-lo a procurar Norrell, deveríamos tê-lo aconselhado a se ocultar dele!

Mas Mr. Honeyfoot não entendeu muito bem a observação.

- Nenhum cavalheiro gosta de que o aconselhem a se ocultar - replicou. - E, se Mister Norrell pretende fazer algum mal a Mister Strange, o que nem de longe creio ser o caso, estou certo de que Mister Strange será o primeiro a descobrir.

24. *Um Outro Mago*

Setembro de 1809

Mr. Drawlight se virou de leve na cadeira, sorriu e disse:

- Parece-me que o senhor tem um rival. Antes que Mr. Norrell tivesse tempo de pensar numa resposta adequada, Lascelles perguntou qual era o nome do homem.

- Strange - respondeu Drawlight.

- Não o conheço - disse Lascelles.

- Ah - exclamou Drawlight -, creio que o conhece. Jonathan Strange, do condado de Shrop. Duas mil libras esterlinas anuais.

- Não faço a menor idéia da pessoa a quem se refere. Ah, espere! Não é o homem que, quando estudava em Cambridge, espantou o gato de um professor da Corpus Christi?

Drawlight confirmou que se tratava do mesmo homem. Lascelles o identificou de imediato e ambos riram.

Mr. Norrell estava mudo e queda. A observação inicial de Drawlight fora um terrível golpe. Sentia como se Drawlight o tivesse ferido de chofre, como se uma figura num quadro, ou uma mesa, ou uma cadeira, tivesse se chocado contra ele. O impacto quase lhe tirou o fôlego; estava quase certo de que adoeceria. Mr. Norrell não se atreveu a pensar no que Drawlight poderia dizer em seguida - talvez algo relacionado a sumos poderes, maravilhas realizadas, em cotejo com as quais as de Mr. Norrell pareceriam de fato deploráveis. Ele, que se empenhara em assegurar que não haveria rivais! Sentia-se como quem anda pela casa à noite, a trancar portas e janelas, para no fim ouvir passos de alguém caminhando no cômodo de cima.

Com o correr da conversa, porém, essas sensações desagradáveis abrandaram e Mr. Norrell começou a se sentir mais tranqüilo. Enquanto Drawlight e Lascelles falavam das viagens de recreio a Brighton e das visitas a Bath que Mr. Strange fazia, e da propriedade de Mr. Strange no condado de Shrop, Mr. Norrell julgou entender a espécie de homem que o tal de Strange deveria ser: um homem da moda, frívolo, não muito diferente do próprio Lascelles. Assim (disse Mr. Norrell a si mesmo), não seria mais provável que "O senhor tem um rival" fora dirigido não a ele, mas a Lascelles? O tal de Strange (pensou Mr. Norrell) deveria ser rival de Lascelles num caso amoroso ou de outra natureza. Norrell olhou para suas mãos juntas no colo e riu da própria tolice.

- Mas então - perguntou Lascelles - Strange agora é mago?

- Ah - exclamou Drawlight, virando-se para Mr. Norrell-, estou certo de que nem mesmo os melhores amigos de Strange ousariam comparar os talentos dele com os do estimável Mister Norrell. Creio, porém, que é muito bem-visto em Bristol e Bath, Está em Londres no momento. Os amigos dele esperam que o senhor tenha a bondade de lhe conceder um encontro... E, se me permite, gostaria de manifestar desde já o desejo de estar presente quando os dois notáveis práticos dessa arte se reunirem.

Mr. Norrell ergueu os olhos muito devagar.

- Terei prazer em me encontrar com Mister Strange - declarou.

Mr. Drawlight não precisou aguardar muito para testemunhar o importante encontro entre os dois magos (o que foi perfeito, pois Mr. Drawlight detestava esperar). Um convite foi enviado, e Lascelles e Drawlight trataram de estar presentes no dia em que Mr. Strange fez uma visita a Mr. Norrell.

Não era nem jovem nem bonito como Mr. Norrell reudara. Tendia mais para os trinta do que para os vinte anos, e, tanto quanto um cavalheiro pode julgar outro nesse sentido, definitivamente não era bem-apegoado. A grande surpresa, porém, foi se ter feito acompanhar de uma bela jovem: Mrs. Strange.

Mr. Norrell começou por perguntar a Mr. Strange se levara consigo seus escritos. Disse que apreciaria muito ler o que Mr. Strange escrevera.

- Meus escritos? - respondeu Strange, calando-se por um momento. Não sei bem a que o senhor se refere. Nunca escrevi coisa alguma.

- Mister Drawlight me contou que lhe pediram um artigo para a *Revista do Cavalheiro*, mas talvez...

- Ah, esse! - exclamou Strange. - Mal pensei a respeito. Nichols assegurou-me de que não precisaria do artigo antes da sexta-feira seguinte à próxima.

- Uma semana, a contar desta sexta-feira, e o senhor nem sequer começou! - Observou Mr. Norrell com espanto.

- Ah - retrucou Strange -, acredito que quanto mais depressa tiramos essas coisas da cabeça, pomos no papel e mandamos para as impressoras, melhor! Creio, senhor - e sorriu afável para Mr. Norrell -, que pensa da mesma forma.

Mr. Norrell, que jamais havia tirado algo de sua cabeça com êxito e mandado diretamente para as impressoras, e cujas tentativas de escrita estavam todas ainda no estágio de revisão, nada disse.

- Quanto ao que escreverei - continuou Strange -, ainda não sei ao certo, mas provavelmente será uma refutação ao artigo de Portishead publicado em *O Mago Moderno*. O senhor o leu? Deixou-me enfurecido uma semana inteira. Ele procurou provar que os magos modernos não têm o direito de se ocupar com os seres mágicos. Uma coisa é admitir que perdemos o poder de evocar tais espíritos; outra bem diferente é renunciar a todas as intenções de vir a utilizá-los! Não tenho paciência para escrúpulos dessa natureza. O mais extraordinário, contudo, é que até o momento não vi uma só crítica ao artigo de Portishead. Agora que temos algo semelhante a uma comunidade de magos, penso que seria um tremendo erro deixar esse disparate estúpido passar sem reprovação.

Strange, aparentemente julgando que falara o suficiente, aguardou que um dos cavalheiros replicasse.

Após alguns minutos de silêncio, Mr. Lascelles afirmou que Lorde Portishead escrevera o artigo atendendo a um pedido expresso de Mr. Norrell, e também com sua assistência e aprovação.

- Mesmo?! - Strange pareceu deveras surpreso.

Após mais alguns minutos de silêncio, Lascelles perguntou com indolência como se poderia aprender magia nos dias de hoje.

- Nos livros - respondeu Strange.

- Ah, senhor! - exclamou Mr. Norrell. - Que prazer ouvi-lo dizer isso! Não perca tempo, peço-lhe, na busca de outro caminho; concentre-se constantemente nas leituras! Nenhum sacrifício de tempo ou de prazer poderá ser mais gratificante!

Strange fitou Mr. Norrell de modo um pouco irônico e, em seguida, observou: - Infelizmente, a falta de livros tem sido um grande obstáculo. Creio que o senhor não faz idéia de quão poucos livros de magia existem hoje em circulação na Inglaterra. Todos os livreiros concordam que não muitos anos atrás existia uma enorme quantidade deles, mas hoje...

**** O Mago Moderno foi um dos diversos periódicos sobre magia fundados após a primeira publicação de Os Amigos da Magia Inglesa, em 1808. Embora não escolhidos por Mr. Norrell, os editores desses periódicos jamais sonharam se desviar do parecer mágico ortodoxo estabelecido por Mr. Norrell.*

- É mesmo? - interrompeu Mr. Norrell depressa. - Decerto é muito estranho.

Seguiu-se um silêncio particularmente embaraçoso. Ali estavam os únicos dois magos ingleses da Idade Moderna. Um confessava não ter livros; o outro, como era sabido, possuía duas excelentes bibliotecas cheias deles. A mera cortesia recomendava que Mr. Norrell oferecesse alguma ajuda, ainda que superficial; mas ele nada disse.

- Suponho que um motivo muito singular - disse Mr. Lascelles pouco depois - o tenha levado a se tornar mago.

- De fato - disse Strange. - Muito singular.

- E não vai nos contar que motivo foi esse?

Strange sorriu, malicioso.

- Estou certo de que dará grande satisfação a Mister Norrell saber que por sua causa vim a me tornar mago. Pode-se dizer que Mister Norrell foi quem fez de mim um mago.

- Eu? - exclamou Mr. Norrell, sobressaltado.

- A verdade, senhor - apressou-se a dizer Arabella Strange -, é que ele tentou de tudo... Agricultura, poesia, fundição. Durante um ano inteiro, experimentou uma série de ocupações sem se deter em nenhuma. Estava fadado a chegar à magia cedo ou tarde.

Pairou outro silêncio, depois Strange disse:

- Meu senhor, não imaginei que Lorde Portishead tivesse escrito sob suas ordens. Talvez tenha a bondade de me explicar uma coisa. Li todos os ensaios de Vossa Excelência em *Os Amigos da Magia Inglesa* e *O Mago Moderno*, mas não vi qualquer menção ao Rei Corvo. A omissão é tão surpreendente que começo a crer que tenha sido intencional.

Mr. Norrell assentiu com a cabeça.

- Uma de minhas ambições é fazer com que esse homem seja completamente esquecido, como merece - disse.

- Mas seguramente, senhor, sem o Rei Corvo não haveria magia nem magos...

- Esta é a opinião corrente, sem dúvida. Mas, mesmo que fosse verdadeira, o que estou longe de admitir, há muito tempo ele perdeu o direito ao nosso apreço. Pois quais foram suas primeiras ações ao chegar à Inglaterra? Declarar guerra ao

rei legítimo da Inglaterra e despojá-lo de metade de seu reino! E deveremos eu e o senhor, Mister Strange, dar a conhecer que temos esse tipo de homem como nosso modelo? Que o consideramos o primeiro entre nós? Isso acaso trará respeitabilidade a nossa profissão? Persuadirá os ministros do rei a confiarem em nós? Não creio! Não, Mister Strange, se não conseguirmos fazer com que o nome dele caia no esquecimento, então nosso dever, o seu e o meu, será disseminar a aversão que temos a ele! Deixar que todos saibam o quanto abominamos sua natureza perversa e seus feitos malignos!

Estava claro que existia uma enorme disparidade de pontos de vista e temperamentos entre os dois magos, e Arabella Strange pareceu concluir que não havia por que permanecerem na mesma sala irritando-se mais e mais um com o outro. Ela e Strange foram embora logo depois.

Evidentemente, Mr. Drawlight foi o primeiro a se pronunciar sobre o novo mago.

- Bem - disse, *muito antes* de a porta se fechar atrás de Mr. Strange - não sei qual é a sua opinião, mas nunca fiquei tão pasmo na vida! Várias pessoas disseram que ele era um homem bem-apeσοado. O que será que quiseram dizer com isso? Aquele nariz, e o cabelo... Ruivo-acastanhado é uma cor caprichosa, não há vida nele, estou quase certo de ter visto alguns fios brancos. E todavia não deve ter mais de... O quê? Trinta, trinta e dois anos? Quanto a ela, é encantadora! Que vivacidade! Aqueles cachos de cabelo castanhos, tão suavemente arrumados! Mas é lamentável que não se dê ao trabalho de se informar sobre a moda londrina. A musselina enfeitada com ramos que usava era decerto bonita, mas gostaria de vê-la trajando algo mais requintado, digamos seda verde-floresta adornada com fitas pretas e miçangas pretas. É só uma primeira idéia, o senhor me entende... Talvez outra completamente diferente me ocorra quando tornar a vê-la.

- Acha que as pessoas terão curiosidade de conhecê-lo? - indagou Mr. Norrell.

- Sem dúvida - respondeu Mr. Lascelles.

- Ah! - exclamou Mr. Norrell. - Nesse caso, receio que... Mister Lascelles, agradeceria se pudesse aconselhar-me a respeito... Receio que Lorde Mulgrave mande chamar Mister Strange. O entusiasmo de Sua Excelência por empregar

magia na guerra, claro que em si mesmo admirável, teve a desastrosa consequência de encorajá-lo a ler todo tipo de livros sobre história da magia e formar opiniões a respeito. Ele esboçou um plano para convocar feiticeiras que me ajudem a derrotar os franceses... Creio que tenha em mente aquelas mulheres semi-humanas, semi-encantadas, a quem pessoas malignas costumavam recorrer quando desejavam fazer mal aos vizinhos... Em suma, o tipo de feiticeira descrito por Shakespeare em *Macbeth*. Ele me pediu que invocasse três ou quatro delas, e não ficou satisfeito com minha recusa. A magia moderna pode realizar muitas coisas, mas a convocação de feiticeiras traria um mundo de dificuldades para todos. Agora, porém, suspeito que ele poderá apelar a Mister Strange. Mister Lascelles, não acha que poderia? E então Mister Strange faria sua tentativa, sem se dar conta do perigo. Talvez fosse conveniente escrever a Sir Walter e lhe perguntar se faria a bondade de ter uma conversa com Sua Excelência, a fim de preveni-lo contra Mister Strange.

- Ah - fez Lascelles -, não vejo motivo para isso. Se o senhor acredita que a magia de Mister Strange não é segura, então o boato logo se espalhará.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Mr. Norrell foi homenageado com um jantar numa casa da Rua Great Titchfield, ao qual também compareceram Mr. Drawlight e Mr. Lascelles. Não demorou muito, Mr. Norrell foi convidado a opinar sobre o mago do condado de Shrop.

- Mister Strange - disse Mr. Norrell - parece ser um cavalheiro bastante agradável e um mago bastante talentoso que poderá vir a acrescentar muito à nossa profissão, a qual, por certo, tem sido um pouco depauperada nos últimos tempos.

- Mister Strange dá a impressão de nutrir noções muito estranhas sobre magia - observou Lascelles. - Não se preocupou em conhecer os conceitos modernos sobre o assunto... Com o que, claro, refiro-me às idéias de Mister Norrell, que surpreenderam o mundo por sua clareza e concisão.

Mr. Drawlight repetiu sua opinião de que o cabelo ruivo de Mr. Strange carecia de vida e de que o vestido de musselina de Mrs. Strange, embora não exatamente elegante, era muito bonito.

Quase, ao mesmo tempo que se dava essa conversa, outro grupo de pessoas (entre elas Mr. e Mrs. Strange) reunia-se à mesa numa sala de jantar mais modesta, numa casa da Praça Charterhouse. Os amigos de Mr. e Mrs. Strange estavam naturalmente ansiosos por saber a opinião de ambos sobre o notável Mr. Norrell.

- Ele diz esperar que o Rei Corvo logo esteja esquecido - afirmou Strange, ainda estupefato. - O que entendem por isso? Um mago à espera de que o Rei Corvo logo esteja esquecido! Para mim, é o mesmo que descobrir que o arcebispo da Cantuária se empenha secretamente em suprimir todo o conhecimento da Santíssima Trindade.

- Ele é como um músico que desejasse silenciar a música do senhor Handel - concedeu uma senhora de turbante que comia alcachofra com amêndoas.

- Ou como um peixeiro esperançoso de nos persuadir que o mar não existe - disse um cavalheiro, servindo-se de uma enorme posta de tainha com um bom molho à base de vinho.

Em seguida, outras pessoas propuseram exemplos de tolices semelhantes, e todos riram, menos Strange, que continuou a comer de semblante fechado.

- Pensei que pretendia pedir ajuda de Mister Norrell – observou Arabella.

- Como poderia, se parecíamos dispostos a nos altercar assim que nos vimos? - replicou Strange. – Ele não gosta de mim. Nem eu dele.

- Não gosta do senhor! Não, talvez não *tenha gostado* do senhor. Ele não olhou para outra pessoa o tempo todo em que lá estivemos. Parecia querer engoli-lo com os olhos. Creio que seja um solitário. Estudou todos esses anos sem nunca ter com quem trocar idéias. Certamente não o faria com aqueles homens desagradáveis... Escapa-me o nome deles. Mas, agora que o viu, e sabendo que poderia conversar com o senhor... Bem, será muito estranho se não o convidar novamente.

Na Rua Great Titchfield, Mr. Norrell descansou o garfo e limpou os lábios com leves batidinhas do guardanapo.

- Claro - disse -, ele precisa se dedicar. Exortei-o a se dedicar.

Strange, na Praça Charterhouse, disse:

- Aconselhou-me a me dedicar. A que? Perguntei. À leitura, respondeu. Nunca me senti tão perplexo na vida. Quase lhe perguntei o que eu deveria ler, uma vez que ele possui todos os livros.

No dia seguinte, Strange disse a Arabella que poderiam tornar ao condado de Shrop quando ela o desejasse - não via razão para permanecerem em Londres. Disse também que resolvera não mais pensar em Mr. Norrell. Nisso, porém, não foi de todo bem-sucedido, pois, várias vezes nos dias que se seguiram Arabella teve de ouvir uma longa enumeração de todas as falhas de Mr. Norrell, tanto profissionais como pessoais.

Entrementes, na Praça Hanover, Mr. Norrell indagava sem cessar a Mr. Drawlight o que Mr. Strange fazia, quem visitava e o que as pessoas pensavam a seu respeito.

Mr. Lascelles e Mr. Drawlight ficaram um pouco apreensivos com tal desdobramento. Fazia mais de um ano que desfrutavam de um grau não desprezível de influência sobre o mago e, na condição de amigos dele, eram cortejados por almirantes, generais, políticos, por qualquer um que, com efeito, desejasse conhecer a opinião de Mr. Norrell sobre isso ou que desejasse que Mr. Norrell fizesse aquilo. Era desagradável em extremo imaginar que outro mago pudesse se apegar a Mr. Norrell por laços mais estreitos do que Drawlight ou Lascelles jamais esperaram forjar, de que pudesse chamar a si a tarefa de aconselhar Mr. Norrell. Mr. Drawlight disse a Mr. Lascelles que Norrell deveria ser dissuadido de continuar pensando no mago do condado de Shrop e, embora a natureza caprichosa de Mr. Lascelles jamais lhe permitisse concordar totalmente com quem quer que fosse, restam poucas dúvidas de que ele pensava da mesma forma.

Mas três ou quatro dias após a visita de Mr. Strange, Mr. Norrell disse:

- Refleti muito sobre o assunto e acredito que algo deva ser feito em benefício de Mister Strange. Ele se queixou da falta de petrechos. Bem, claro, percebo que

isso poderia... Em suma, resolvi presenteá-lo com um livro.

- Mas, senhor! - exclamou Drawlight. - Seus livros preciosos! Não deve dá-los às pessoas... Sobretudo a magos que talvez não os utilizem de forma tão sensata como o senhor!

- Ah! - fez Mr. Norrell. - Não quero dizer um de meus livros. Não poderia me privar de nem um só deles. Não, adquiri um volume da Edwards e Skittering para dar a Mister Strange. Uma escolha difícil, admito. Existem muitos livros que, para ser franco, ainda não me sinto completamente à vontade para recomendar a Mister Strange; ele não está preparado para eles. Assimilaria todo tipo de idéias erradas. Este livro - Mr. Norrell olhou para o exemplar com certa inquietação - contém muitas falhas... Suspeito de que falhas demais. Com ele Mister Strange não aprenderá magia real alguma. Mas tem muito o que ensinar sobre pesquisas aplicadas e os perigos de se porem idéias no papel cedo demais... Lições que espero Mister Strange possa tomar a sério.

Assim, Mr. Norrell convidou Strange à Praça Hanover mais uma vez e, como na ocasião anterior, Drawlight e Lascelles estavam presentes. Strange, contudo, foi sozinho.

O segundo encontro se deu na biblioteca da casa da Praça Hanover. Strange observou a enorme quantidade de livros à volta sem emitir uma palavra. Talvez já não sentisse raiva. Parecia haver de ambas as partes uma determinação de agir com mais cordialidade.

- O senhor muito me honra - disse Strange ao receber de Mr. Norrell o presente. - *Magia inglesa*, de Jeremy Tott. - Virou as páginas. - Deste autor nunca ouvi falar.

- É uma biografia sobre o irmão dele, um mago historiador teórico do século passado chamado Horace Tott - disse Mr. Norrell. Forneceu uma explicação sobre as lições que Strange deveria aprender sobre pesquisa aplicada e sobre não se apressar a pôr idéias no papel. Strange sorriu cortesmente, fez uma reverência e disse ter certeza de que seria muito interessante.

Mr. Drawlight mirou o presente de Strange.

Mr. Norrell fitou Mr. Strange com uma curiosa expressão no rosto, como a dizer que teria satisfação em conversar com ele, mas que não fazia a menor idéia de como começar.

**** Horace Tott viveu uma vida tranqüila no condado de Ches, sempre tencionando escrever um volumoso livro sobre a magia inglesa, mas sem jamais iniciá-lo. Morreu aos setenta e quatro anos, ainda imaginando que começaria a escrever na semana seguinte, ou na imediatamente posterior àquela.*

Mr. Lascelles lembrou Mr. Norrell de que Lorde Mulgrave, do Ministério da Marinha, chegaria em uma hora.

- O senhor tem assuntos a tratar - disse Strange. - Não devo importuná-lo. Na verdade, Mrs. Strange me encarregou de uma incumbência na Rua Bond de que não devo me descuidar.

- Quem sabe um dia - disse Drawlight - não tenhamos a honra de ver um ato de magia realizado por Mister Strange. Gosto muito de presenciar a realização de magia.

- Quem sabe - replicou Strange.

Mr. Lascelles tocou a sineta para chamar o criado. De repente, Mr. Norrell disse:

- Muito me agradaria ver uma magia de Mister Strange agora... Se ele nos honrasse com uma demonstração.

- Oh! - exclamou Strange. - Mas eu não...

- O senhor muito me honraria - insistiu Mr. Norrell.

- Muito bem - disse Strange -, será um prazer lhe mostrar algo. Parecerá um pouco desajeitado, talvez, em comparação com o que o senhor está habituado. Duvido muito, Mister Norrell, que eu possa igualar-me ao senhor na elegância da execução.

Mr. Norrell fez uma reverência.

Strange correu os olhos duas ou três vezes pela biblioteca à procura de uma magia que pudesse realizar. O olhar recaiu sobre um espelho pendurado nas profundezas de um canto do cômodo onde a luz jamais penetrava. Pôs *Magia Inglesa*, de Jeremy Tott, em cima da mesa de leitura de modo que a imagem do livro se refletisse de forma visível no espelho. Por alguns instantes, fitou-o, mas nada aconteceu. Em seguida, fez um gesto curioso: correu as mãos pelo cabelo, apertou a nuca com as mãos e estirou os ombros, como o faz quem se alivia de uma câimbra. Depois sorriu, parecendo extremamente satisfeito consigo mesmo.

O que foi esquisito, porque o livro continuava com o mesmo aspecto de antes.

Lascelles e Drawlight, acostumados a testemunhar - ou ouvir sobre - a magia maravilhosa de Mr. Norrell, não se impressionaram; com efeito, era muito menos do que um mago ordinário teria realizado numa feira. Lascelles abriu a boca, sem dúvida para comentar algo mordaz, porém foi interrompido por Mr. Norrell, que de súbito exclamou num tom assombrado:

- Mas é extraordinário! Isto é verdadeiramente... Meu caro Mister Strange! Jamais ouvi sequer falar desta magia! Não está arrolada no Sutton-Grove. Asseguro-lhe, caro senhor, não está no Sutton-Grove!

Lascelles e Drawlight olharam confusos de um mago para outro.

Lascelles aproximou-se da mesa e observou atentamente o livro.

- Está um pouco mais comprido do que antes, talvez - disse.

- Creio que não - replicou Drawlight.

- É de couro castanho agora - disse Lascelles. - Era azul antes?

- Não - replicou Drawlight. - Sempre foi castanho.

Mr. Norrell soltou uma sonora risada; Mr. Norrell, que raras vezes sequer sorria, ria-se deles.

- Não, não, cavalheiros! Então não perceberam?! Deveras não! Ah! Mister Strange, não sei expressar quanto... Mas eles não entendem o que o senhor fez! Pegue-o! - exclamou. - Pegue-o, Mister Lascelles!

Mais intrigado ainda, Lascelles estendeu a mão para agarrar o livro, mas tudo o que conseguiu pegar foi o ar vazio. O livro estava ali apenas em aparência.

- Ele fez o livro e o reflexo dele trocaram de lugar - disse Mr. Norrell. O livro real está lá, no espelho. - E foi espiar dentro do espelho com ar de grande interesse profissional. - Como fez isso?

- Como fiz? - murmurou Strange. Andou em volta no cômodo, a examinar de diferentes ângulos o reflexo do livro na mesa, como um jogador de bilhar, fechando um olho e depois o outro.

- Pode fazê-lo voltar? - perguntou Drawlight.

- Infelizmente, não - respondeu Strange. - Para falar a verdade - disse por fim - , tenho apenas uma vaga noção do que realizei. Creio que o mesmo sucede com o senhor, é como a sensação de uma música tocando dentro da cabeça... Sabe-se meramente qual será a próxima nota.

- Extraordinário - observou Mr. Norrell.

Talvez ainda mais extraordinário fosse que Mr. Norrell, que vivera a vida receando um dia descobrir um rival, tinha finalmente presenciado a magia de um outro homem e, longe de oprimido por essa visão, sentia-se estimulado por ela.

Mr. Norrell e Mr. Strange despediram-se nessa tarde em termos cordialíssimos e, na manhã seguinte, encontraram-se de novo sem o conhecimento de Mr. Lascelles ou de Mr. Drawlight. O encontro se encerrou com a oferta de Mr. Norrell tomar Mr. Strange como discípulo. Mr. Strange aceitou.

- Desejaria apenas que não tivesse se casado - disse Mr. Norrell, mal-humorado. - Magos não têm o direito de se casar.

25. *O Ensino de um Mago*

Setembro - dezembro de 1809

No primeiro dia de estudos, Strange foi convidado a um café-da-manhã na Praça Hanover. Enquanto os dois magos estavam à mesa, Mr. Norrell disse:

- Tomei a liberdade de esboçar um plano de estudo para o senhor para os próximos três ou quatro anos.

Strange pareceu um pouco sobressaltado à menção de três ou quatro anos, mas nada disse.

- Três ou quatro anos é um período tão curto - continuou Mr. Norrell num queixume - que, por mais que me esforce, não creio que conseguiremos muita coisa.

Entregou cerca de dez folhas de papel a Strange. Cada uma estava dividida em três colunas e coberta da caligrafia precisa e miúda de Mr. Norrell; em cada coluna, uma longa lista dos diversos tipos de magia.

- Ah, senhor, como o invejo - disse Mr. Norrell. - Invejo-o, sim. A prática da magia é cheia de frustrações e decepções, mas o estudo é um deleite contínuo. Todos os grandes magos da Inglaterra são companheiros e guias uns dos outros. O empenho sistemático traz como recompensa o aumento do conhecimento, e o melhor de tudo: não se faz tão necessário pôr os olhos em qualquer semelhante no espaço de um mês, se assim o desejar.

Por um momento, Mr. Norrell pareceu se perder na meditação desse estado de felicidade, depois, animando-se, propôs que não se negassem por mais tempo o prazer do ensino de Strange e fossem imediatamente à biblioteca para iniciar os estudos.

A biblioteca de Mr. Norrell ficava no primeiro andar. Era uma sala encantadora, em conformidade com as preferências do dono, que sempre a freqüentava em busca

de refrigério e recreação. Mr. Drawlight persuadira Mr. Norrell a adotar a moda de colocar pequenos espelhos em cantos e ângulos desocupados. Com isso, onde menos se esperava, era comum topar com um brilhante lampejo de luz prateada ou o súbito reflexo de alguém que passava na rua. As paredes eram forradas de papel verde-claro, com motivos de folhas verdes e ramos nodosos de carvalho, enquanto no teto via-se uma pequena cúpula com uma pintura representando a abóbada frondosa de uma clareira na primavera. Todos os livros tinham encadernações semelhantes de couro de bezerro claro e o título estampado na lombada em letras maiúsculas prateadas e bem-feitas. Em meio a toda essa elegância e harmonia, era um pouco inesperado observar tantas lacunas entre os livros e tantas prateleiras vazias.

Strange e Mr. Norrell sentaram-se cada um de um lado da lareira.

- Se me permite, senhor - disse Strange -, gostaria de começar por lhe fazer algumas perguntas. Admito que o que soube outro dia sobre espíritos mágicos deixou-me totalmente pasmo, e pensei se não poderia convencê-lo a falar um pouco sobre o assunto. A que perigos o mago se expõe ao se servir de espíritos mágicos? E qual é sua opinião sobre a utilidade deles?

- A utilidade deles tem sido grandemente exagerada e seus riscos bastante subestimados - respondeu Mr. Norrell.

- Ah! É da opinião que seres mágicos são, como pensam alguns, demônios? - perguntou Strange.

- Ao contrário. Estou convicto de que a concepção comum que deles se tem é a correta. Conhece os escritos de Chaston sobre o assunto? Não me surpreenderia se atestássemos que Chaston chegou bem perto da verdade. Não, não, minha objeção aos seres mágicos é de outra ordem. Mister Strange, diga-me, por que a magia inglesa, na sua opinião, depende tanto, ou parece depender, da ajuda dos espíritos mágicos?

Strange meditou um pouco.

*** *Richard Chaston (1620-95). Chaston escreveu que homens e seres mágicos contêm em si a faculdade da razão e a faculdade da magia. Nos homens, a razão é forte e a magia fraca.*

Com os seres mágicos, dá-se o oposto: a magia lhes é bastante natural, mas, de acordo com os padrões humanos, eles são mal-e-mal sensatos.

- Creio que porque toda a magia inglesa procede do Rei Corvo, que por ter sido educado numa corte do Reino Encantado lá aprendeu sua magia.

- Concordo que o Rei Corvo tem relação com isso – replicou Mr. Norrell -, mas creio que não da forma que o senhor supõe. Mister Strange, considere, se assim o desejar, que o tempo todo que governou a Inglaterra do Norte o Rei Corvo governou também um reino encantado. Considere, se assim o desejar, que nenhum rei jamais teve sob seu domínio duas raças tão diferentes. Considere, se assim desejar, que ele foi notável como rei e como mago, um fato ao qual a maioria dos historiadores tendem a fazer vista grossa. Restam poucas dúvidas de que estava bastante empenhado na tarefa de unir os dois povos, tarefa que cumpriu, Mister Strange, *ao exagerar de forma proposital a função dos seres mágicos na magia.* Desse modo, aumentou a estima dos súditos humanos pelos seres mágicos, proporcionou a seus súditos mágicos uma ocupação e fez os dois povos desejarem a companhia um do outro.

- Sim - disse Strange, pensativo -, entendo.

- Parece-me - continuou Mr. Norrell - que mesmo os maiores magos *Áureos* calcularam mal em que medida os seres mágicos são indispensáveis à magia humana. Veja Pale! Ele considerava os criados mágicos tão necessários à prática dessa arte que escreveu que seus maiores tesouros eram os três ou quatro espíritos mágicos que com ele moravam! Todavia, meu próprio exemplo deixa claro que quase todos os tipos *respeitáveis* de magia são perfeitamente realizáveis sem a assistência de um deles sequer! O que já fiz eu que exigisse a ajuda de um ser mágico?

- Entendo - disse Strange, imaginando que a última indagação lançada por Mr. Norrell não passasse de pura retórica. - E confesso, senhor, que essa idéia me é bastante nova. Nunca li sobre ela em livro algum.

- Eu tampouco - concordou Mr. Norrell. - Claro que alguns tipos de magia são impossíveis de realizar sem os seres mágicos. Haverá vezes, e espero sinceramente, que tais ocasiões sejam raras, em que o senhor e eu nos veremos obrigados a lidar com essas criaturas malignas. Obviamente, teremos de proceder com o máximo de cautela, Qualquer ser mágico que convoquemos já terá, por certo, lidado antes com magos ingleses. Estará ansioso por nos revelar todos os nomes dos grandes magos aos quais serviu e os préstimos que ofereceu a cada um. Entenderá as formas e os precedentes de tais relações bem melhor do que nós. Isso nos deixa, nos deixará, em condição de inferioridade. Asseguro-lhe, Mister Strange, em parte alguma o declínio da magia inglesa é melhor entendido do que nas Outras Terras.

- Mas os espíritos mágicos exercem um fascínio sobre as pessoas comuns - meditou Strange -, e provavelmente, se o senhor por vezes empregasse um Em seu trabalho, eles ajudariam a popularizar nossa arte. Ainda existe um grande preconceito contra o uso de magia na guerra.

- Ah, sem dúvida! - exclamou Mr. Norrell com irritação, - As pessoas acreditam que a magia principia e termina com seres mágicos! Mal levam em consideração as habilidades e o conhecimento do mago! Não, Mister Strange, para mim isto não é argumento em favor do emprego de seres mágicos! Ao contrário! Há cem anos, o mago historiador Valentine Munday refutou a existência das Outras Terras. Acreditava que os homens que afirmaram ter estado lá eram todos mentirosos. Nisso se equivocava, mas continuo a concordar com o ponto de vista dele e gostaria que pudéssemos torná-lo mais amplamente aceito. Claro - prosseguiu Mr. Norrell, pensativo - que Munday acabou por refutar a existência dos Estados Unidos da América, depois da França, e assim por diante. Creio que, na época em que faleceu, já tinha renunciado à Escócia e começava a duvidar de Carlisle... Tenho o livro dele aqui. - Mr. Norrell se levantou e tirou o livro da estante, mas não o entregou a Strange.

Depois de um breve silêncio, Strange perguntou:

- Aconselha-me a leitura deste livro?

- Sim, de fato. Penso que deveria lê-lo - disse Mr. Norrell.

Strange aguardou, mas Norrell continuava a fitar o livro que tinha na mão, parecendo não saber como agir.

- Neste caso, senhor, dê-me o livro - disse Strange com suavidade.

- Sim, de fato - concordou Mr. Norrell. Aproximou-se de Strange com cautela e estendeu o livro por um momento, antes de, de repente, largá-lo na mão de Strange com um gesto estranho, como se não se tratasse de um livro, mas de um pequeno pássaro que se agarrasse a ele e se recusasse a ir com outra pessoa, de maneira que se via forçado a induzi-lo a isso ao retirar a mão. Estava tão concentrado nessa manobra que, por sorte, não notou o riso que Strange procurava conter.

Por um momento, Mr. Norrell lançou um olhar tristonho para o livro na mão do outro mago.

Assim que se desfez do primeiro livro, porém, a parte mais dolorosa dessa provação pareceu terminada. Meia hora depois, recomendou outro livro a Strange e foi buscá-lo quase sem ansiedade. Ao meio-dia, chamava a atenção de Strange para alguns livros na estante e permitia que o próprio discípulo fosse pegá-los. No fim do dia, Mr. Norrell já cedera a Strange um número extraordinário de livros, dizendo esperar que os lesse até o fim da semana.

**** O livro azul: tentativa de expor os embustes e as imposturas mais comuns aplicados por magos ingleses nos súditos do rei e neles mesmos, de Valentine Munday, publicado em 1698.*

Um dia inteiro de conversação e estudo era um luxo que eles não se podiam permitir amiúde; em geral, viam-se obrigados a ceder parte do dia às visitas de Mr.

Norrell, fossem elas a pessoas da alta sociedade cuja relação Mr. Norrell ainda acreditava ser essencial cultivar, fossem a membros dos vários departamentos governamentais.

Ao cabo de duas semanas, o entusiasmo de Mr. Norrell pelo novo discípulo não tinha limites.

- Basta explicar-lhe algo uma única vez - disse Mr. Norrell a Sir Walter que ele logo entende! Lembro-me muito bem das semanas que labutei tentando compreender as Conjecturas Concernentes ao Prenúncio do Devir, de Pale. Mister Strange, todavia, dominou essa teoria excepcionalmente difícil em pouco menos de quatro horas!

Sir Walter sorriu.

- Não duvido. Mas penso que o senhor subestima suas próprias conquistas. A vantagem de Mister Strange é contar com um professor que o ajuda a compreender as partes mais difíceis, enquanto o senhor não teve um... O senhor preparou o caminho para ele, tornando-lhe tudo mais suave e fácil.

- Ah! - exclamou Mr. Norrell. - Sucede que, quando Mister Strange e eu nos estendemos um pouco mais sobre as Conjecturas, dei-me conta de que elas têm uma aplicação bem mais ampla do que eu supunha. Sabe, as perguntas dele é que me levaram a uma nova compreensão das idéias do Doutor Pale!

- Bem, senhor - observou Sir Walter -, fico satisfeito que tenha encontrado um amigo cuja mentalidade se harmoniza tão bem com a sua; não há maior consolo.

- Concordo Sir Walter! - exclamou Mr. Norrell. - Estou de pleno acordo!

A admiração de Strange por Mr. Norrell era de natureza mais comedida. A conversa tediosa e as excentricidades de comportamento de Norrell continuavam a lhe dar nos nervos; e, quase na mesma hora em que Mr. Norrell elogiava Strange a Sir Walter, Strange queixava-se de Mr. Norrell a Arabella.

- Até agora ainda não sei bem o que pensar sobre ele. Norrell é ao mesmo tempo o homem mais notável e mais tedioso de sua época, Por duas vezes nesta

manhã, nossa conversa foi interrompida porque ele pensou ter ouvido um camundongo na sala... Ele tem especial aversão a camundongos. Dois lacaios, duas criadas e eu tiramos os móveis de lugar à procura do camundongo, enquanto ele permaneceu ao lado da lareira, paralisado de medo.

- Ele não tem um gato? - perguntou Arabella. - Deveria arranjar um.

- Ah, mas isso é absolutamente impossível! Ele detesta gatos ainda mais do que camundongos. Disse-me que, se alguma vez tiver a infelicidade de ficar num mesmo cômodo que um gato, sem dúvida vai estar coberto de borbulhas vermelhas em não mais que uma hora.

Era sincero o desejo de Mr. Norrell ensinar meticulosamente seu discípulo; o mais difícil era libertar-se dos hábitos reservados e de dissimulação que cultivara a vida toda. Num dia de dezembro, quando a neve caía em flocos fofos e abundantes, saídos de nuvens pesadas e cinza-esverdeadas, os dois magos se encontravam na biblioteca de Mr. Norrell. A queda lenta e arrastada da neve do lado de fora das janelas, o calor do fogo na lareira e os efeitos de uma taça grande de xerez que ele aceitara imprudentemente quando Mr. Norrell a ofereceu, tudo concorria para tornar Strange pesado e sonolento. A cabeça apoiava-se numa das mãos e os olhos estavam quase fechados.

Mr. Norrell falava.

- Vários magos - disse, gesticulando - tentaram concentrar poderes mágicos em um objeto físico. Não é uma operação difícil e o objeto pode ser qualquer coisa que o mago queira. Árvores, jóias, livros, projéteis, chapéus já foram utilizados para tal propósito uma ou outra vez. - Mr. Norrell franziu o cenho e fitou a ponta dos dedos. - Ao concentrar certo poder no objeto escolhido, o mago espera com isso proteger-se da diminuição desse poder, um resultado inevitável das doenças e da velhice. Eu mesmo, muitas vezes, me vi seriamente tentado a fazê-lo; minhas habilidades podem ser destruídas por um forte resfriado ou por uma inflamação inoportuna na garganta. Contudo, depois de uma cautelosa reflexão, concluí que tais distribuições de poder são demasiado imprudentes. Examinemos o caso dos anéis. Há muito consideram-se os anéis particularmente adequados a esse tipo de magia,

em virtude de seu tamanho pequeno. Um homem pode conservar um anel no dedo por anos, sem jamais despertar o menor comentário... O mesmo não ocorreria se demonstrasse apego a um livro ou a um seixo... Entretanto, é raro encontrar um só mago na história que, tendo depositado parte de suas habilidades e poderes em um anel mágico, não tenha de alguma forma perdido o adorno e se metido num mundo de dificuldades para reavê-lo. Veja, por exemplo, o Mestre de Nottingham, do século XII, cuja filha confundiu o anel de poder do pai com uma bugiganga comum, enfiou-o no dedo e foi para a quermesse de São Mateus. Esta jovem negligente...

- Quê? - exclamou Strange de súbito.

- Quê? - ecoou Mr. Norrell, sobressaltado.

Strange lançou ao outro cavalheiro um olhar interrogativo e penetrante. Mr. Norrell o fitou em resposta, um pouco assustado.

- Desculpe-me, senhor - disse Strange -, mas não o entendo bem. Estamos falando de poderes mágicos que são de algum modo transferidos para anéis, pedras, amuletos, coisas desse tipo?

Mr. Norrell confirmou, inclinando a cabeça cautelosamente.

- Mas pensei que o senhor havia dito... – Replicou Strange. – Quer dizer... – Esforçou-se para falar com mais delicadeza. – Pensei que o senhor tivesse dito, algumas semanas atrás, que anéis e pedras mágicos são uma fábula.

Mr. Norrell mirou o discípulo, irrequieto.

- Terei me enganado?! - perguntou Strange.

Mr. Norrell não disse uma só palavra.

- Creio que me enganei - continuou Strange. - Desculpe-me, senhor, por interrompê-lo. Por favor, continue.

Mas, embora Mr. Norrell parecesse bastante aliviado com o fato de Strange haver encerrado o assunto, não se sentia mais em condições de prosseguir

e, em vez disso, propôs que tomassem chá; com o que Mr. Strange concordou de pronto.

**** A história da filha do Mestre de Nottingham (à qual Mr. Norrell jamais retornou) merece ser contada, por isso a relato aqui.*

A quermesse à qual a jovem foi realizou-se na Festa de São Mateus, em Nottingham, Ela passou um dia agradável, indo de barraca em barraca, comprando roupas brancas, rendas e especiarias. À tarde, a certa altura, ao se virar de súbito para ver alguns acrobatas italianos que se achavam atrás dela, a borda de seu manto esvoaçou e bateu num ganso que passava. A ave, mal-humorada, avançou contra ela, batendo as asas e grasnando. Tomada de surpresa, a jovem deixou cair o anel do pai, que escorregou para dentro da boca aberta do ganso; este, tomado de surpresa, o engoliu. Antes, porém, que a filha do Mestre de Nottingham pudesse dizer ou fazer alguma coisa, o guardador de gansos tocou a ave adiante e ambos sumiram na multidão.

O ganso foi comprado por um homem chamado John Ford, que o levou para sua casa no vilarejo de Fiskerton. No dia seguinte a esposa, Margaret Ford, matou, depenou e estripou o ganso. Em seu estômago encontrou um pesado anel de prata incrustado com um fragmento curvo âmbar-amarelo. Ela o depositou em uma mesa, ao lado de três ovos de galinha que haviam sido recolhidos de manhã.

Imediatamente os ovos começaram a se mexer, depois se abriram, e de dentro de cada um surgiu algo maravilhoso. Do primeiro saiu um instrumento de cordas semelhante a uma viola medieval, mas com braços e pernas pequeninos, que extraía maviosa música de si mesma com um arco minúsculo. Do segundo ovo emergiu um navio do mais puro marfim com velas de fina seda branca e remos de prata. E da casca do último ovo saltou um pintinho com uma estranha plumagem vermelho-dourada. Este último foi a única maravilha a ver a luz de um outro dia. Umás duas horas depois, a viola se partiu como casca de ovo, desmanchando-se em pedaços, enquanto ao pôr-do-sol o navio de marfim se fez à vela, remando ar adentro; a ave, porém, cresceu e mais tarde ateou um fogo que destruiu grande

parte de Grantham. Durante a conflagração, viram-na banhando-se nas chamas. Dadas as circunstâncias, supôs-se que era uma fênix.

Quando se deu conta de que de algum modo estava de posse de um anel mágico, Margaret Ford resolveu usá-lo para fazer magia. Infelizmente era uma mulher maldosa, que tiranizava o marido bondoso, e passou horas e horas a pensar em como se vingaria de seus inimigos. John Ford tomou posse do solar de Fiskerton e, nos meses seguintes, tinha acumulado terras e riquezas cedidas pelos senhores mais poderosos, que temiam a nefasta magia da mulher.

As notícias dos prodígios de Margaret Ford não tardaram a chegar a Nottingham, onde o Mestre de Nottingham jazia no leito, à espera da morte. Tanto de seus poderes fora transferido para o anel que a perda dele o deixou primeiro melancólico, depois desesperançado e por último doente. Quando enfim veio a notícia do anel, já estava doente demais para agir.

A filha, extremamente desolada por ter levado tal infortúnio à família, julgou ser seu dever recuperar o anel; assim, sem dizer a ninguém o que pretendia, partiu ao longo da margem do rio em direção ao vilarejo de Fiskerton.

Mal chegou a Gunthorpe, deparou com uma visão terrível. Um pequeno bosque ardia em meio a chamas ferozes que lambiam cada parte sua. A fumaça preta e penetrante fazia arder os olhos e a garganta da filha do Mestre, mas o fogo não consumia o bosque. As árvores emitiam um gemido baixo, como se protestassem contra um tormento tão inatural. Ela olhou em volta à procura de alguém que lhe explicasse tal prodígio. Um jovem lenhador que ia passando contou-lhe: "Há duas semanas, Margaret Ford parou nesse bosque, quando voltava de Thurgarton. Descansou sob a sombra das árvores, bebeu da água do rio e comeu as castanhas e as amoras daqui, mas, no momento em que ia embora, uma raiz lhe prendeu o pé e a fez cair. Ela então enfeitiçou o bosque, jurando que ele queimaria eternamente".

A filha do Mestre lhe agradeceu pela informação e seguiu caminho por algum tempo. Sentindo sede, agachou-se para tirar um pouco de água do rio com a mão em concha. Súbito, uma mulher - ou algo parecido com uma mulher - emergiu do rio. Escamas de peixe cobriam-lhe o corpo, a pele era cinzenta e pintalgada como

a de uma truta, e os cabelos tinham sido transformados num estranho arranjo de barbatanas espinhosas e cinzentas. Ela parecia fitar a filha do Mestre, mas seus olhos de peixe redondos e frios, assim como sua rija pele de peixe, ainda não estavam bem adaptados para reproduzir expressões humanas, por isso era difícil afirmar que ela fitava a jovem.

"Oh! Desculpe-me!", disse a filha do Mestre, sobressaltada.

A mulher abriu a boca, revelando uma goela de peixe e um monte de dentes de peixe feios, mas parecia incapaz de emitir som. Em seguida, virou-se e mergulhou de volta nas águas.

Uma mulher que lavava roupas na margem do rio explicou à filha do Mestre: "Aquela é Joscelin Trent, que teve a má sorte de ser a esposa de um homem de quem Margaret Ford gosta. Por ciúme, Margaret Ford a enfeitiçou e agora a pobre senhora é obrigada a passar os dias e as noites imersa nos baixios do rio para impedir que a pele e a carne encantadas sequem, mas, como não sabe nadar, tem um medo constante de se afogar".

A filha do Mestre agradeceu à mulher por lhe ter contado isso.

Não muito tempo depois, a filha do Mestre chegou ao vilarejo de Hoveringham. Um homem e sua esposa, espremidos em cima de um pônei, aconselharam-na a não entrar no vilarejo, mas a guiaram em torno dele, por sendas e caminhos estreitos. De um pequeno outeiro verdejante, a filha do Mestre olhou para baixo e viu que todas as pessoas do vilarejo usavam uma venda grossa nos olhos. Como não estavam nem um pouco acostumadas à cegueira que elas mesmas se impunham, volta e meia batiam o rosto contra paredes, tropeçavam em tamboretas e carretas, cortavam-se com facas e ferramentas, queimavam-se no fogo. Como resultado, estavam cobertas de cortes e feridas, embora nenhuma delas tirasse a venda.

"Oh"! Exclamou a esposa. "O padre de Hoveringham teve muita coragem de condenar do púlpito a maldade de Margaret Ford. Bispos, abades e cônegos silenciaram, mas esse homem velho e frágil a desafiou, por isso ela amaldiçoou todo o vilarejo. É sina deles, agora, ter imagens vívidas de seus piores temores

constantemente diante dos olhos. Essas pobres almas vêem os filhos passar fome, os pais enlouquecer, os entes queridos enjeitá-los, traí-los. Esposas e maridos se vêem assassinados de forma horrível. Por isso, embora as visões não passem de ilusões, os moradores do vilarejo têm de vendar os olhos, para não endoidecer com tudo que vêem”.

Abanando a cabeça em sinal de reprovação à estarrecedora maldade de Margaret Ford, a filha do Mestre continuou a caminhar rumo ao solar de John Ford, onde encontrou Margaret e as criadas, cada uma delas com uma vara na mão, levando as vacas para a ordenha da tarde.

A filha do Mestre abordou corajosamente Margaret Ford. Sem demora, Margaret Ford virou-se e a golpeou com a vara. "Moça travessa!", exclamou, "Sei quem você é! O meu anel me contou. Sei que planeja mentir para mim, eu que nunca lhe fiz mal algum, e se oferecer como minha criada. Sei que planeja roubar-me o anel. Pois saiba de uma coisa! Lancei fortes feitiços sobre o anel. Se um ladrão for tolo o bastante para tocá-lo, dentro de um período muito curto de tempo abelhas e vespas, e todos os tipos de insetos, voariam da terra para picá-lo; águias e falcões e todos os tipos de aves baixariam do céu para bicá-lo; depois, ursos e javalis, todos os tipos de criaturas selvagens apareceriam para pisoteá-lo e esmagá-lo”!

Em seguida, Margaret Ford deu-lhe uma boa sova e disse às criadas que a pusessem para trabalhar na cozinha.

As criadas de Margaret Ford, uma gente desditosa e maltratada, deram à filha do Mestre o trabalho mais penoso, e toda vez que Margaret Ford as surrava ou repreendia – o que volta e meia acontecia -, elas se aliviavam fazendo o mesmo com ela. A filha do Mestre, entretanto, não se deixou abater. Trabalhou na cozinha durante meses e refletiu intensamente sobre como poderia induzir Margaret Ford a deixar cair o anel ou a perdê-lo.

Margaret Ford era uma mulher cruel, que se ofendia com tudo e cuja ira, uma vez despertada, jamais se apacava. Mas, apesar disso, adorava crianças pequenas; não perdia uma oportunidade de cuidar de bebês e quando estava com uma criança nos braços era a brandura em pessoa. Ela mesma não tinha filhos e

todos os que a conheciam não duvidavam que isso era-lhe uma fonte de grande tristeza. Comentava-se que ela empregara uma enorme quantidade de magia tentando conceber um filho, mas sem sucesso.

Um dia, Margaret Ford brincava com a filha de uma vizinha, dizendo que, se viesse a ter filhos, preferiria uma menina de pele branca, leitosa, olhos verdes e cabelos com cachos cor de cobre (essa era a coloração da própria Margaret Ford).

"Ah!", exclamou com inocência a filha do Mestre. "A esposa do aguazil de Epperstone tem um bebê exatamente com essas características, a criaturinha mais linda que já se viu".

Então Margaret Ford fez a filha do Mestre levá-la a Epperstone e lhe mostrar o bebê da esposa do aguazil. Quando viu o bebê, que de fato era a menina mais linda e encantadora que já existira (exatamente como dissera a filha do Mestre), Margaret Ford anunciou à mãe horrorizada sua intenção de levar a criança embora.

Assim que se apossou da filha da mulher do aguazil, Margaret Ford se tornou uma pessoa diferente. Passava os dias em casa cuidando do bebê, brincando com ele e cantando para ele. Margaret Ford estava satisfeita com sua sorte. Usava o anel mágico bem menos do que antes e quase nunca perdia a paciência.

Tudo continuou dessa forma até fazer quase um ano que a filha do Mestre de Nottingham morava na casa de Margaret Ford. Então, num dia de verão, Margaret Ford, a filha do Mestre, o bebê e as outras criadas foram almoçar à margem do rio. Depois de comer, Margaret Ford descansou à sombra de uma roseira. Era um dia quente e todas sentiam-se sonolentas.

Tão logo se certificou de que Margaret Ford havia adormecido, a filha do Mestre pegou um confeito e o mostrou ao bebê. Sabendo muito bem o que se deve fazer com confeitos, o bebê abriu uma boca bem grande e dentro dela a filha do Mestre colocou o doce. Em seguida, o mais rápido que pôde, e se assegurando de que nenhuma criada a observava, tirou o anel mágico do dedo de Margaret Ford.

Então, "Ai! Ai!", gritou ela. "Acorde, senhora! O bebê pegou seu anel e o pôs na boca! Ai, pelo amor à querida menina, desfaça o feitiço. Desfaça o feitiço!"

Margaret Ford acordou e viu a menininha com a bochecha inflada, mas estava ainda muito sonolenta e surpresa para entender o que acontecia.

Uma abelha passou voando, a filha do Mestre apontou para ela e gritou. As criadas também gritaram. "Depressa, senhora, peço-lhe!", exclamou a filha do Mestre. "Ai!", olhou para cima. "As águias e os falcões estão se aproximando! Ai." Olhou para longe. "Os ursos e os javalis vêm em tropel para esmagar a pobrezinha!"

Margaret Ford ordenou ao anel que parasse a magia, o que foi feito de imediato, quase no mesmo instante em que o bebê engolia o confeito. Enquanto Margaret Ford e as criadas imploravam que o bebê expelisse o anel e o sacudiam, a filha do Mestre de Nottingham começou a correr pela margem do rio em direção a Nottingham.

O restante da história tem todos os artifícios habituais. Assim que Margaret Ford descobriu que fora lograda, reuniu cavalos e cães em perseguição à filha do Mestre. Em várias ocasiões, parecia certo que a fugitiva estava perdida - As cavaleiras estavam prestes a apanhá-la e os cães se achavam bem atrás dela. Mas a história conta que ela foi ajudada por todas as vítimas da magia de Margaret Ford: os moradores do vilarejo de Hoveringham arrancaram as vendas e, não obstante as imagens terríveis que viam, apressaram-se a levantar barricadas a fim de impedir a passagem de Margaret Ford; a pobre Joscelin Trent ergueu-se do rio e tentou puxar Margaret Ford para dentro das águas barrentas; o bosque em chamas lançou galhos flamejantes sobre ela.

O anel foi devolvido ao Mestre de Nottingham, que desfez todo o mal que Margaret Ford havia perpetrado, recuperando assim sua prosperidade e reputação.

Existe outra versão dessa história que não contém anel mágico, bosque em chamas eternas ou fênix - com efeito, milagre algum. De acordo com essa versão, Margaret Ford e a filha do Mestre de Nottingham (cujo nome era Donata Torel) não eram inimigas, mas líderes de uma associação de magas que floresceu no condado de Nottingham no século XII. Hugh Torel, o Mestre de Nottingham, opôs-se à associação e se empenhou muitíssimo em destruí-la (embora sua própria filha fosse um membro dela). Ele quase conseguiu, até que as mulheres saíram de

casa, largaram pais e esposos, e foram viver na floresta sob a proteção de Thomas Godbless, um mago bem mais importante que Hugh Torel. Essa versão menos pitoresca da história não teve a mesma popularidade que a outra, mas é a versão que Jonathan Strange afirmou ser a verdadeira e que incluiu na História e Prática da Magia Inglesa.

Nessa noite, Strange contou a Arabella tudo o que Mr. Norrell dissera e tudo o que ele, Strange, dissera em resposta.

- Foi a coisa mais esquisita do mundo! Ele ficou tão assustado por ter sido desmascarado que não soube o que dizer. Coube a mim pensar em novas mentiras que ele pudesse me contar. Fui obrigado a me aliar a ele contra mim mesmo.

- Mas não entendo - replicou Arabella. - Por que iria ele se contradizer desse jeito?

- Ah, está decidido a fazer segredo de certas coisas. Isso é bastante claro... E suponho que nem sempre ele se recorde do que deve ou não ser segredo. Lembra que lhe contei que há lacunas entre os livros na biblioteca? Bom, parece que no mesmo dia em que me aceitou como discípulo ele ordenou que cinco prateleiras fossem esvaziadas e os livros fossem enviados de volta ao condado de York, porque eram muito perigosos para eu ler.

- Minha nossa! Mas como descobriu? - inquiriu Arabella, surpresa.

- Drawlight e Lascelles me contaram. Divertiram-se muito com isso.

- Mas que maldosos!

Mr. Norrell ficou bastante desapontado ao saber que o ensino de Strange teria de ser interrompido por uns dois dias, enquanto ele e Arabella procurassem uma casa para morar.

- O problema é a esposa dele - explicou Mr. Norrell a Drawlight, suspirando. - Fosse solteiro, creio que não teria se oposto a vir morar comigo.

Drawlight inquietou-se ao saber que Mr. Norrell chegara a cogitar disso e, caso a idéia voltasse à baila, tomou a precaução de dizer:

- Ah, senhor, mas pense em seu trabalho para o Ministério da Marinha e o Ministério da Guerra, tão importante e confidencial! A presença de outra pessoa na casa o dificultaria enormemente!

- Mas Mister Strange me ajudará nesse trabalho! - replicou Mr. Norrell - Eu cometeria um grande erro se privasse o país dos talentos de Mister Strange. Na última quinta-feira, Mister Strange e eu fomos ao Ministério da Marinha fazer uma visita a Lorde Mulgrave. Tenho a impressão de que a princípio Lorde Mulgrave não gostou nem um pouco de eu ter levado Mister Strange...

- Isso porque Sua Excelência está acostumado à sua magia superior! Creio que pensa que um mero *amador*, por mais talentoso, não tem o direito de se intrometer nos assuntos do Ministério da Marinha.

- ... Mas quando ouviu as idéias de Mister Strange para derrotar os franceses por meio da magia, Sua Excelência se virou para mim com um grande sorriso no rosto e disse: "O senhor e eu, Mister Norrell, estamos ultrapassados. Queríamos sangue novo que nos animasse, não queríamos?".

- Lorde Mulgrave disse *isso?! Ao senhor?! - exclamou Drawlight. - Mas que grosseria abominável! Espero, senhor, que lhe tenha lançado um daqueles seus olhares!*

- Quê? - Envolvido em seu próprio relato Mr. Norrell não tinha como dar atenção ao que Drawlight pudesse dizer. - Ah, eu lhe respondi: "Estou de pleno acordo, senhor. Mas espere até ouvir o resto do que Mister Strange tem a dizer. Ainda não ouviu nem a metade!".

Não era apenas o Ministério da Marinha: o Ministério da Guerra e os demais departamentos do governo tinham razões para festejar o advento de Jonathan

Strange. Num átimo, uma série considerável de coisas antes difíceis tornavam-se fáceis. Os ministros do rei havia muito acalentavam o plano de enviar pesadelos aos inimigos da Grã-Bretanha. O ministro das Relações Exteriores o propusera pela primeira vez em janeiro de 1808, e por todo um ano, todas as noites, Mr. Norrell enviara diligentemente um pesadelo ao imperador Napoleão Bonaparte que, porém, em nada resultara. O império de Bonaparte não se arruinara e o próprio Bonaparte continuou participando de batalhas com a serenidade de sempre. Assim, Mr. Norrell recebeu instruções para interromper as atividades. Privadamente, Sir Walter e Mr. Canning comentaram que o plano fracassara porque Mr. Norrell não tinha talento para criar horrores. Mr. Canning queixou-se de que os pesadelos que Mr. Norrell enviara ao imperador (que giravam em torno de um capitão da cavalaria escondido no guarda-roupa de Bonaparte) dificilmente assustariam a governanta de seus filhos, que dizer do conquistador de metade da Europa. Por algum tempo ele tentara persuadir os demais ministros de que deveriam incumbir Mr. William Beckford, Mr. Matthew Gregory Lewis e Mrs. Ann Radcliffe de criar sonhos de vívido horror que Mr. Norrell poderia então introduzir na mente de Bonaparte. Os demais ministros consideraram, porém, que utilizar um mago era uma coisa; romancistas, outra bem diferente, e que não se submeteriam a isso.

Com Strange o plano ressurgiu. Strange e Mr. Canning suspeitaram que o cruel imperador francês fosse à prova de males insubstanciais como sonhos, razão pela qual dessa vez resolveram começar com seu aliado Alexandre, o imperador da Rússia. Tinham a vantagem de contar com um grande número de amigos na corte de Alexandre, entre eles nobres russos que haviam construído fortunas vendendo madeira para a Grã-Bretanha e que estavam ansiosos por tornar a fazê-lo, e uma dama escocesa audaz e generosa, esposa do criado pessoal de Alexandre.

Ao tomar conhecimento de que Alexandre era uma pessoa curiosamente impressionável e afeita ao misticismo, Strange resolveu enviar-lhe um sonho de agouros e símbolos sinistros. Por sete noites consecutivas, Alexandre sonhou que fazia uma tranqüila ceia com Napoleão Bonaparte, em que lhes foi servida uma excelente sopa de carne de veado. Todavia, assim que provou da sopa, o imperador sobressaltou-se e exclamou: “J’ai une faim qui ne saurait se satisfaire de potage” (“A fome que tenho, nenhuma sopa saciará”), após o que se transformou numa loba que devorou primeiro o gato de Alexandre, depois o cão, depois o cavalo,

depois sua bela amante turca. E, enquanto a loba se punha a tragar mais amigos e parentes de Alexandre, seu ventre se abriu e devolveu o gato, o cão, o cavalo, a amante turca, amigos, parentes, e assim por diante, mas horrivelmente desfigurados. E quanto mais comia, mais a loba crescia, e quando estava tão grande como o Kremlin, voltou-se, as tetas pesadas oscilantes, o bucho sangrento, com a intenção de devorar toda Moscou.

- Nada há de desonroso em lhe enviar um sonho que lhe diga que se equivoca em confiar em Bonaparte e que o imperador no fim o trairá - explicou Strange a Arabella. - Talvez eu acabe por lhe mandar uma carta dizendo exatamente isso. Ele *está* equivocado e nada é mais certo de que no fim Bonaparte irá traí-lo.

A dama escocesa em pouco tempo informou que o imperador russo se mostrara deveras perturbado com os sonhos e que, assim como o bíblico rei Nabucodonosor, mandara chamar astrólogos e adivinhos para interpretá-los, o que estes fizeram sem demora.

Strange enviou em seguida mais sonhos ao imperador russo.

- E aceitei seu conselho - disse a Mr. Canning. - Tornei-os mais obscuros e difíceis de interpretar, para que os adivinhos do imperador tenham com que se ocupar.

A infatigável Mrs. Janet Archibaldovna Barsukova pôde em breve transmitir a satisfatória notícia de que Alexandre descuidava dos assuntos do governo e da guerra, passando dias inteiros a refletir sobre os sonhos e a discuti-los com os astrólogos e adivinhos; e de que, quando lhe chegava uma carta do imperador Napoleão Bonaparte, viam-no empalidecer e estremecer.

26. *Orbe, Coroa e Cetro*

Setembro de 1809

Todas as noites, sem exceção, Lady Pole e Stephen Black eram convocados pelo triste sino para dançar nos salões umbrosos de Esperança Perdida. Por seu bom gosto e beleza, eram, sem dúvida, os bailes mais esplêndidos que Stephen já vira, mas as roupas finas e a elegância dos dançarinos contrastavam estranhamente com a mansão, que exibia inúmeros sinais de pobreza e decadência. A música jamais variava. O mesmo punhado de melodias era arranhado num único violino e buzinado por uma só flauta. As gordurosas velas de sebo - Stephen não pôde deixar de observar com olhos de mordomo que havia pouquíssimas delas para um salão tão amplo - projetavam estranhas sombras que rodopiavam nas paredes enquanto os dançarinos trocavam de par.

Em outras ocasiões, Lady Pole e Stephen Black participavam de longas procissões em que se carregavam estandartes nos salões empoeirados e mal iluminados (o cavalheiro de cabelos de algodão apreciava sobretudo tais cerimônias). Alguns dos estandartes não passavam de trapos apodrecidos com bordados compactos; outros representavam vitórias do cavalheiro sobre seus inimigos e eram feitos, na verdade, das peles curtidas desses adversários, tendo lábios, olhos, cabelos e roupas sido bordados nas peles amareladas por mulheres aparentadas do cavalheiro de cabelos de algodão. Ele jamais se cansava desses prazeres e jamais parecia nutrir a menor dúvida de que Stephen e Lady Pole deliciavam-se igualmente com eles.

Embora mutável em tudo o mais, permanecia constante em duas coisas: a admiração por Sua Senhoria e a simpatia por Stephen Black. Esta ele demonstrava ao oferecer a Stephen presentes extravagantes e lhe enviar excêntricos objetos de bom agouro. Como antes, alguns presentes eram dados a Mrs. Brandy em nome de Stephen, outros enviados diretamente a ele. Certa vez, o cavalheiro disse com alegria a Stephen:

- Seu inimigo maligno não saberá disto! (Referia-se a Sir Walter). Eu habilmente o ceguei com minha magia e ele jamais terá sequer curiosidade de saber. Ora! O senhor poderia se tornar Arcebispo da Cantuária amanhã e ele nem faria caso! Ninguém faria. - Um pensamento pareceu lhe ocorrer de súbito. - Gostaria de ser Arcebispo da Cantuária amanhã, Stephen?

- Não, senhor, obrigado.

- Tem absoluta certeza? Não é problema, de modo algum, e se a Igreja tiver o mínimo interesse para o senhor...

- Asseguro-lhe, senhor, que não tem.

- Como sempre, seu mérito é ter bom gosto. Uma mitra é algo tremendamente desconfortável de se usar, e nada conveniente.

O pobre Stephen era assaltado por milagres. Dia sim, dia não, algo sucedia que o beneficiava. Por vezes, o valor real do ganho era insignificante - mais do que alguns xelins -, porém o provento sempre lhe chegava de forma extraordinária. Certa vez, por exemplo, recebeu a visita do capataz de uma fazenda que insistiu que, anos antes, conhecera Stephen numa rinha perto de Richmond, na divisão administrativa norte do condado de York, e que Stephen apostara com ele que o Príncipe de Gales um dia faria algo que lançaria o país na desgraça. Como isso agora acontecera (o capataz mencionou como feito vergonhoso o Príncipe haver abandonado a esposa), ele fora de diligência a Londres para entregar a Stephen vinte e sete xelins e seis pence, que, afirmou, era a quantia da aposta. Em vão Stephen argumentou que jamais estivera numa rinha ou em Richmond, no condado de York; o capataz só ficou satisfeito quando Stephen aceitou o dinheiro.

Dias depois da visita do capataz, notou-se um enorme cão cinza parado no outro lado da Rua Harley, defronte à casa. A pobre criatura estava encharcada da água da chuva, respingada de barro e com todos os sinais de que havia percorrido uma grande distância. O mais curioso é que trazia um documento preso entre os dentes. Os lacaios Robert e Geoffrey e o cozinheiro, John Longridge, fizeram de tudo para espantá-lo, gritaram, atiraram-lhe pedras e garrafas, mas o cão tolerou tal tratamento com serenidade e recusou-se a se mover até Stephen

Black sair na chuva e lhe tirar o documento da boca. Foi-se então, com ar de calmo contentamento, como se parabenizasse a si mesmo por haver cumprido a contento uma tarefa difícil. O documento era o mapa de um vilarejo do condado de Derby que mostrava, entre outras coisas surpreendentes, uma entrada secreta na encosta de uma colina.

Noutra ocasião, Stephen recebeu uma carta do prefeito e dos edis de Bath relatando que, dois meses antes, o Marquês de Wellesley fora a Bath e durante sua estada nada mais fizera que falar de Stephen Black, de sua honestidade, inteligência e da extraordinária fidelidade a seu patrão. Tão impressionados ficaram o prefeito e os edis com o relatório de Sua Alteza que logo mandaram cunhar uma medalha, em homenagem à conduta e às virtudes de Stephen. Depois de terem sido produzidas quinhentas medalhas, o prefeito e os edis mandaram distribuí-las aos mais importantes chefes de família de Bath, em meio a um regozijo geral. Enviaram uma medalha a Stephen, pedindo-lhe que os procurasse se algum dia fosse a Bath, para que pudessem homenageá-lo com um jantar magnífico.

Nenhum desses milagres animava o pobre Stephen; só serviam para realçar o caráter sinistro de sua vida presente. Ele sabia que o capataz, o cão, o prefeito e os edis tinham agido todos contra a própria natureza: capatazes adoravam dinheiro, dele não se desfariam sem um bom motivo; cães não persistiam com tamanha paciência em estranhas buscas por semanas intermináveis; e prefeitos e edis não manifestavam de súbito um vívido interesse por criados negros que jamais conheceram. Contudo, nenhum dos amigos de Stephen parecia notar algo fora do comum no rumo que a vida dele tomava. O mordomo estava farto de ver ouro e prata, e o pequeno aposento no alto da casa da Rua Harley estava repleto de tesouros que ele não desejava.

Fazia quase dois anos que ele estava sob feitiço. Amiúde pedira ao cavalheiro que o libertasse - ou, se não a ele, a Lady Pole -, mas o cavalheiro não lhe dava ouvidos. Por isso Stephen viu-se estimulado a contar a alguém o que ele e Lady Pole padeciam. Estava ansioso por descobrir se havia algum precedente do caso. Tinha uma vaga esperança de encontrar quem os ajudasse a se libertarem. A primeira pessoa com quem falou foi Robert, o lacaios, Alertou-o de que ouviria uma revelação confidencial de um infortúnio secreto, e Robert pareceu bastante grave e

interessado. Mas, quando começou a falar, Stephen verificou, para seu espanto, que abordava um assunto completamente diferente; viu-se a fazer um discurso muito sério e douto sobre o cultivo e a utilização de ervilhas e vagens, assunto sobre o qual nada sabia. Pior ainda, algumas informações eram de natureza por demais insólita e teriam francamente pasmado um agricultor ou um jardineiro que as ouvisse. Esclareceu, ainda, sobre as várias propriedades das vagens, fossem plantadas ou colhidas ao luar, à ausência do luar, na festa do 1º. de maio em Beltane, na Irlanda, ou no solstício de verão, e de que modo tais propriedades se alterariam se as vagens fossem semeadas ou colhidas com uma trolha de prata ou uma faca.

A próxima pessoa que procurou para expor seu apuro foi John Longridge. Dessa vez, apresentou um relato exato das ações e experiências de Júlio César na Grã-Bretanha. Foi mais claro e minucioso do que um erudito o seria, mesmo depois de ter se debruçado sobre o assunto por mais de vinte anos. Mais uma vez, dominava informações que não constavam em livro algum.

Stephen fez duas outras tentativas de contar a alguém sua horrível situação. A Mrs. Brandy apresentou uma estranha defesa de Judas Iscariotes, na qual afirmou que, em todas as suas últimas ações, Iscariotes obedeceu a instruções de dois homens, John Copperhead e John Brassfoot, os quais Iscariotes julgou serem anjos. A Toby Smith, o empregado da loja de Mrs. Brandy, forneceu uma lista de todas as pessoas na Irlanda, Escócia, País de Gales e Inglaterra raptadas por seres mágicos nos últimos duzentos anos. Nunca ouvira falar de qualquer uma delas.

Stephen viu-se obrigado a concluir que, por mais que tentasse, não conseguia falar do encantamento.

Quem mais sofria com os estranhos silêncios de Stephen e seu ânimo melancólico era, sem dúvida, Mrs. Brandy. Ela não se dava conta de que ele mudara com o mundo inteiro, apenas percebia que mudara com ela. Um dia, no começo de setembro, Stephen lhe fez uma visita. Fazia algumas semanas que não se viam, e isso deixou Mrs. Brandy tão triste que ela escreveu para Robert Austin e este procurara Stephen para censurá-lo pelo descaso. Todavia, assim que Stephen chegou ao pequeno aposento em cima da loja da Rua St. James, ninguém teria culpado Mrs. Brandy se ela tivesse desejado vê-lo partir logo. Ele ficou sentado com

a cabeça apoiada na mão, a suspirar pesadamente, sem ter o que dizer. Ela lhe ofereceu vinho Constança, geléia de laranja, um tradicional pãozinho doce de passas, variados acepipes, mas ele os recusou. Nada queria. Ela então se sentou no outro lado da lareira e retomou seu trabalho de agulha, uma touca de dormir que bordava desanimadamente para ele.

**** Stephen relatou que Júlio César, não muito tempo depois de ter chegado a estas costas, afastou-se de seu exército e adentrou a esmo um bosquete verdejante. Não tinha ido longe quando deparou com dois rapazes, que se lamuriavam profundamente e socavam o solo, tomados de frustração. Ambos eram muito bem-apessoados e trajavam roupas dos mais finos tecidos tingidos com os mais raros corantes. Júlio César ficou tão impressionado com a aparência nobre dos rapazes que lhes dirigiu inúmeras perguntas, que eles responderam com sinceridade, sem o menor acanhamento. Explicaram-lhe que eram ambos querelantes num tribunal vizinho. O tribunal se reunia por quatro dias a cada trimestre com o intuito de resolver disputas e punir transgressores entre a população, mas, infelizmente, os magistrados pertenciam a uma estirpe cruel e irascível, e, no momento, era impossível realizar uma audiência, porque não se encontrava um juiz imparcial; todas as pessoas respeitáveis eram acusadas de um crime ou apontadas como suspeitas de envolvimento em algum processo. Ao saber disso, Júlio César mostrou-se bastante penalizado e se ofereceu de pronto para ser juiz deles, com o que concordaram avidamente.*

Conduziram-no por um curto caminho através do bosque, até um vale ervoso entre suaves colinas verdejantes. Ali ele deparou com cerca de mil dos mais belos homens e mulheres que jamais vira. Sentou-se na encosta da colina e ouviu todas as queixas e incriminações; quando terminou, fez julgamentos tão judiciosos que todos se encantaram e ninguém foi embora com a sensação de ter sido desrespeitado.

Tão satisfeitos ficaram com os julgamentos de Júlio César que lhe ofereceram como pagamento o que ele bem desejasse. Júlio César meditou por um momento e disse que gostaria de governar o mundo. O que lhe foi prometido.

- Talvez - disse ela - o senhor esteja farto de Londres e de mim e deseje voltar para a África...

- Não - retrucou Stephen.

- Suponho que a África seja um lugar encantador - replicou Mrs. Brandy, que parecia decidida a se punir enviando Stephen de volta à África o quanto antes. - É o que sempre ouvi dizer. Laranjas e abacaxis por toda parte, canas-de-açúcar, cacauzeiros. - Trabalhara durante catorze anos no comércio de secos e molhados e mapeara o mundo em termos de estoque. Riu com amargura. Creio que me daria bem mal na África. Que necessidade as pessoas têm de lojas, quando lhes basta esticar a mão e apanhar frutos na árvore mais próxima? Ah, sim! Eu logo estaria arruinada. - Partiu um fio entre os dentes com um estalo. - Não que não apreciasses ir amanhã mesmo... - Enfiou o fio ferozmente no inocente buraco da agulha - ... Caso fosse convidada.

- Iria à África por minha causa? - perguntou Stephen, surpreso.

Ela ergueu os olhos.

-Iria a qualquer lugar por sua causa - respondeu. - Pensei que soubesse disso.

Olharam-se com tristeza.

Stephen disse que precisava voltar à Rua Harley para cumprir suas tarefas.

Na rua, o céu escurecera e a chuva começara a cair. As pessoas abriam guarda-chuvas. Enquanto caminhava pela Rua St. James, Stephen deparou com algo estranho - um navio negro navegava na direção dele através do ar chuvoso e cinzento, acima da cabeça das pessoas. Era uma fragata de uns sessenta centímetros de altura, com velas esfrangalhadas e sujas, a pintura a descascar. Elevava-se e baixava, imitando o movimento de um navio no mar. Stephen estremeceu um pouco ao vê-lo. Um mendigo surgiu da multidão, um negro de pele escura e reluzente como a de Stephen. O navio estava preso a seu chapéu. Enquanto andava, baixava e erguia a cabeça para o navio navegar. Seguia, fazendo

os curiosos movimentos oscilantes e flutuantes com muito vagar e cautela, receando tombar o enorme chapéu. O efeito era o de quem dança espantosamente devagar. O mendigo se chamava Johnson, um pobre e aleijado marinheiro a quem negaram pensão. Não tendo outro meio de subsistência, passara a cantar e a mendigar para ganhar a vida, no que vinha tendo bom sucesso, e se tornara conhecido em toda a cidade por seu curioso chapéu. Johnson estendeu a mão para Stephen, mas Stephen desviou o olhar. Sempre evitava falar com um negro de posição social inferior, ou mesmo saudá-lo. Receava que, se o vissem conversando com pessoas assim, suporiam que tinha alguma relação com elas,

Ouviu chamarem seu nome e deu um salto, como se tivesse se queimado, mas era apenas Toby Smith, o empregado da loja de Mrs. Brandy.

- Ah, Mister Black! - exclamou Toby. - Ei-lo aqui! O senhor anda sempre tão depressa! Eu estava certo de que a esta altura já teria chegado à Rua Harley. Mrs. Brandy lhe envia saudações, senhor, e diz que esqueceu isto ao lado da cadeira.

Toby estendeu-lhe um diadema de prata, uma delicada tira de metal de um tamanho que se ajustava perfeitamente à cabeça de Stephen. Como ornamento trazia apenas alguns sinais estranhos e letras esquisitas gravadas na superfície.

- Mas isto não é meu! - replicou Stephen.

- Ah! - exclamou Toby um tanto confuso, mas depois pareceu concluir que Stephen gracejava. - Ah, Mister Black, como se não o tivesse visto em sua cabeça uma centena de vezes! - Em seguida riu, fez uma reverência e correu de volta à loja, deixando Stephen com o diadema na mão.

Stephen atravessou o Piccadilly em direção à Rua Bond. Não tinha ido longe quando ouviu um grito e viu um vulto miúdo correndo. Em estatura, parecia não ter mais que quatro ou cinco anos de idade, mas o rosto de lividez cadavérica e os traços bem marcados pertenciam a um garoto mais velho. Dois ou três homens o perseguiram a distância, gritando "Ladrão!" e "Peguem-no"!

Stephen saltou na frente do ladrão. Embora o jovem não pudesse escapar inteiramente de Stephen (que era ágil), este não conseguiu agarrar

propriamente o ladrão (que era astucioso). O fugitivo segurava um fardo comprido enrolado num pano vermelho que de algum modo transferiu para as mãos de Stephen antes de se misturar correndo a um grupo de pessoas em frente ao Hemming's, o ourives. As pessoas tinham acabado de sair da loja e nada sabiam da perseguição, de forma que não se dispersaram quando o ladrão meteu-se entre elas. Impossível dizer que rumo ele tomara.

Stephen ficou parado com o fardo na mão. O pano, um veludo antigo suave, escorregou, revelando um comprido bastão de prata.

O primeiro perseguidor a chegar foi um cavalheiro bem-apessoado e moreno, sombria e elegantemente trajado de preto.

- O senhor o deteve por um momento – disse a Stephen.

- Sinto muito, senhor - respondeu Stephen -, não tê-lo detido até sua chegada. Mas, como vê, fiquei com seu pertence. - Stephen ofereceu ao homem o bastão de prata e o veludo vermelho, mas ele não os pegou.

- Culpa de minha mãe! - exclamou irado o cavalheiro. - Ah, como pôde ser tão descuidada?! Avisei-a mil vezes que, se deixasse aberta a janela da sala de estar, cedo ou tarde um ladrão entraria por ali. Não avisei uma centena de vezes, Edward? Não avisei, John? - A última parte da fala fora dirigida a seus criados, que chegaram correndo ao encontro do patrão. Estavam sem fôlego para responder, mas com sinais de cabeça enfáticos confirmaram que o cavalheiro de fato avisara a mãe. - Todo mundo sabe que guardo tesouros em casa prosseguiu -, entretanto minha mãe continua a deixar a janela aberta, apesar de todos os meus pedidos! E agora, claro, põe-se a chorar por causa da perda deste tesouro que pertence à minha família há centenas de anos. Porque minha mãe se orgulha muito de nossa família e de todos os nossos bens. Este cetro, por exemplo, prova que descendemos dos antigos reis de Wessex, pois pertenceu a Edgar ou Alfred, ou a alguém assim.

- Deve então levá-lo consigo senhor - insistiu Stephen. - Creio que sua mãe ficará bastante aliviada ao vê-lo são e salvo.

O cavalheiro estendeu a mão para pegar o cetro, mas, súbito, retraiu-a.

- Não! - exclamou. - Não o farei! Juro que não o farei. Se devolver este tesouro à guarda de minha mãe, ela jamais perceberá as más conseqüências de sua negligência! Jamais aprenderá a deixar a janela fechada! E quem sabe o que mais eu poderei perder? Ora, é possível que amanhã eu chegasse a uma casa vazia! Não, senhor, fique com este cetro! É uma recompensa pelo serviço que me prestou ao tentar capturar o ladrão.

Os criados do cavaleiro concordaram com a cabeça, como se entendessem a sensatez da decisão; em seguida uma carruagem parou, os cavaleiros e os criados entraram, e ela partiu.

Stephen ficou parado na chuva com o diadema numa mão e o cetro na outra. À frente dele, as lojas da Rua Bond, as mais elegantes de todo o reino. Nas vitrinas estavam expostos tecidos de seda e veludo, toucas com pérolas e penas de pavão, diamantes, rubis, jóias e os mais variados adornos dourados e prateados.

"Bom" pensou Stephen, "ele sem dúvida transformará em tesouros sobrenaturais para mim tudo o que estas lojas contêm. Mas serei mais inteligente do que ele. Vou para casa por outro caminho".

Entrou numa travessa estreita entre dois prédios, cruzou um pequeno pátio, passou por um portão, seguiu por outra travessa e foi dar numa ruazinha de casas modestas. O lugar estava ermo e estranhamente silencioso. O único som era o da chuva batendo nas pedras arredondadas do calçamento da rua. A chuva escurecera as fachadas das casas de tal modo que pareciam negras. Os ocupantes das casas davam a impressão de ser gente econômica, pois nenhum deles acendera lampião ou vela, não obstante a escuridão do dia. Contudo, a pesada nuvem não encobria por inteiro o céu, e uma luz branca e aquosa despontava no horizonte, de forma que entre o céu escuro e a terra escura a chuva caía em claros raios de prata.

Súbito, algo brilhante surgiu rolando de uma travessa escura, roçando tortuosamente as pedras molhadas até se deter defronte a Stephen.

Ele fitou a coisa e soltou um suspiro profundo ao perceber que era, como havia imaginado, uma pequena bola de prata. Tinha um aspecto envelhecido e surrado. No alto, onde teria existido uma cruz simbolizando que o mundo inteiro a Deus pertencia,

via-se uma pequenina mão aberta. Um dos dedos estava decepado. Este símbolo - a mão aberta - Stephen conhecia bem. Era um dos utilizados pelo cavalheiro de cabelos de algodão. Ainda na noite anterior Stephen participara de uma procissão e carregara um estandarte estampado com tal emblema por pátios escuros e açoitados pelo vento, e ao longo de alamedas de carvalhos imensos em cujos galhos invisíveis o vento zunia.

O som de uma janela de guilhotina sendo erguida se fez ouvir. No alto de uma casa uma mulher pôs a cabeça para fora de uma janela. Seu cabelo estava coberto de papelotes.

- Agora pegue! - exclamou, olhando com fúria para Stephen.

- Mas não é minha! - replicou ele.

- E diz que não é sua! - Isso a deixou ainda mais furiosa. - E acha que não a vi cair do seu bolso e rolar? Como se eu não me chamasse Mariah Tompkins! E nem trabalhasse noite e dia para conservar a Rua Pepper limpa e asseada! E o senhor vem aqui de propósito apenas para jogar o seu lixo!

Com um pesado suspiro, Stephen pegou o orbe do chão. Concluiu que, não importava o que Mariah Tompkins dissesse ou acreditasse, se a pusesse no bolso, haveria o risco bastante real de que lhe rasgasse a roupa, tão pesada era. Por isso viu-se obrigado a seguir caminhando na chuva, o cetro numa mão, o orbe na outra. O diadema ele pusera na cabeça, o lugar mais conveniente para tal, e, adornado dessa forma, rumou para casa.

Ao chegar à casa da Rua Harley, desceu ao pátio e abriu a porta da cozinha. Mas deu consigo não na cozinha, como esperara, e sim num cômodo que jamais vira antes. Espirrou três vezes.

Um instante bastou para se assegurar de que não se achava em Esperança Perdida. Era uma sala bastante comum - o tipo de sala, com efeito, encontrável em qualquer casa abastada de Londres. Exceto por seu incomum desleixo. Os moradores, supostamente novos na casa, apareciam em meio ao desencaixotamento de seus pertences. Todas as peças em geral próprias de uma

sala de estar e de um escritório estavam presentes: mesas de jogo, mesas de trabalho, mesas de leitura, pá e tenazes de lareira, cadeiras de vários graus de conforto e utilidade, espelhos, chávenas de chá, lacres, castiçais, quadros, livros (um grande número deles), lixadeiras mecânicas, tinteiros, penas, papéis, relógios, romances, supedâneos, guarda-fogos e escrivaninhas. Mas as peças estavam todas misturadas e ao lado umas das outras em novas e surpreendentes combinações. Caixotes de embalagem, caixas e trouxas estavam espalhados, alguns desfeitos, alguns quase desfeitos e alguns mal tocados. A palha dos caixotes de embalagem fora arrancada e esparramada na sala, em cima da mobília, tornando tudo empoeirado e fazendo Stephen espirrar duas outras vezes. Um pouco da palha fora parar até mesmo na lareira, de modo que havia o perigo real de todo o cômodo se incendiar a qualquer momento.

Na sala havia duas pessoas: um homem que Stephen jamais vira e o cavalheiro de cabelos de algodão. O homem que jamais vira estava sentado a uma mesinha defronte à janela. Presumia-se que teria estado a desembalar as coisas e a arrumar a sala e que abandonara tais tarefas para concentrar-se na leitura de um livro. Interrompia a leitura de quando em quando para consultar trechos em dois ou três outros volumes na mesinha, ou para resmungar nervosamente consigo mesmo, ou para fazer uma ou duas anotações num livrinho borrifado de tinta.

Enquanto isso, o cavalheiro de cabelos de algodão, sentado numa poltrona diante da lareira, dirigia ao outro homem um olhar de uma malevolência e irritação tão extremas que fez Stephen temer pela vida do estranho. Contudo, assim que olhou para Stephen, o cavalheiro de cabelos de algodão mostrou-se deleitado e tornou-se todo amabilidade.

- Ah, ei-lo! - exclamou. - Quão nobre parece com seus acessórios régios!

Por acaso havia um espelho enorme defronte à porta. Pela primeira vez Stephen viu a si mesmo com coroa, cetro e orbe. Da cabeça aos pés parecia um rei.

Virou-se para olhar o homem à mesa e verificar de que modo reagia à repentina aparição de um negro com uma coroa.

- Ah, não se preocupe com ele! - disse o cavalheiro de cabelos de algodão. - Não pode nos ver nem ouvir. Não tem mais talento do que o outro. Veja!

- Amassou uma folha de papel e a atirou com força contra a cabeça do homem. Ele não se encolheu, não ergueu o olhar nem pareceu se dar conta do que tinha ocorrido.

- O outro, senhor? - indagou Stephen. - O que quer dizer?

- Esse é o mago mais jovem. Recém-chegado a Londres.

- É mesmo? Ouvei falar dele, claro. Sir Walter o tem em alta conta. Mas me escapa seu nome.

- Ah, que importa o nome dele! O que interessa é que é tão estúpido como o outro, e quase tão feio.

- Quê? - perguntou o mago, de repente. Desviou os olhos do livro e olhou em volta do cômodo com um leve ar de suspeita. - Jeremy! - chamou num brado.

Um criado enfiou a cabeça pela porta entreaberta, mas não se deu ao trabalho de entrar na sala.

- Senhor? - disse.

Os olhos de Stephen se arregalaram ante um comportamento tão indolente - algo que jamais seria permitido na Rua Harley. Fez questão de fitar muito friamente o homem para lhe mostrar o que pensava dele, até se lembrar de que o criado não podia vê-lo.

- Estas casas londrinas foram terrivelmente mal construídas - disse o mago. - Escuto as pessoas na casa ao lado.

Isso foi interessante o bastante para levar o criado, que se chamava Jeremy, a se aventurar cômodo adentro. Parou e escutou.

- Todas as paredes são finas assim? - continuou o mago. - Crê que haja algo de errado com elas?

Jeremy bateu na parede contígua à casa do vizinho. A batida produziu um som seco e abafado, como em qualquer parede sólida e bem construída do reino. Sem nada concluir, ele disse:

- Nada ouço, senhor. O que dizia mesmo?
- Penso ter ouvido um deles chamar o outro de estúpido e feio.
- Tem certeza, senhor? Deste lado moram duas senhoras idosas.
- Ah! Isso nada prova. Nos dias de hoje, idade não é garantia de coisa alguma.

Com tal comentário, o outro mago de repente deu mostras de estar cansado da conversa. Voltou ao livro e começou a ler.

Jeremy esperou um momento e, uma vez que o patrão parecia tê-lo esquecido, foi-se embora novamente.

- Ainda não lhe agradei, senhor - disse Stephen ao cavaleiro, por estes presentes maravilhosos.

- Ah, Stephen! Alegra-me tê-lo satisfeito. O diadema, confesso, é seu próprio chapéu transformado por magia. Eu preferia tê-lo presenteado com uma coroa de verdade, mas estive totalmente incapacitado de obter uma em prazo tão curto. Creio que está desapontado. Embora, agora me ocorre, o rei da Inglaterra possua várias coroas e raras vezes faz uso de uma delas sequer.

Ergueu as mãos no ar e apontou para o alto com dois dedos brancos infinitamente compridos.

- Ah! - exclamou Stephen, de repente se dando conta do que o cavaleiro estava prestes a fazer. - Se pensa em realizar algum encantamento para trazer o rei da Inglaterra até aqui com uma de suas coroas, o que, creio, está pensado, visto que é tão gentil, então lhe peço que não se dê ao trabalho! No momento, não necessito de uma, como sabe, e o rei da Inglaterra é um cavaleiro tão velho... Não seria, talvez, mais cordial deixá-lo ficar em casa?

- Oh, está bem! - replicou o cavaleiro, baixando as mãos.

Por falta de ocupação melhor; recomeçou a injuriar o novo mago. Nada no homem o agradava. Mofou do livro que ele lia, encontrou defeitos na fabricação de seus sapatos e desaprovava completamente sua estatura (não obstante tivessem a mesma altura, como se comprovou quando, por acaso, ambos se levantaram ao mesmo tempo).

Stephen estava ansioso por retomar as tarefas na Rua Harley, mas receava que, se os deixasse sozinhos, o cavalheiro poderia começar a atirar algo mais sólido do que papel contra o mago.

- Senhor, que tal irmos juntos para a Rua Harley? - perguntou. - Poderá então me contar como suas nobres ações modelaram Londres e a tornaram gloriosa. Isto é sempre muito interessante de ouvir. Nunca me canso.

- De bom grado, Stephen! De bom grado!

- É muito longe, senhor?

- O que é longe, Stephen?

- A Rua Harley, senhor. Não sei onde estamos.

- Estamos na Praça Soho, e não é longe, não!

Quando chegaram à casa da Rua Harley, o cavalheiro se despediu de forma bastante cordial, insistindo que Stephen não se entristecesse com essa separação, lembrando-lhe que voltariam a se encontrar naquela noite em Esperança Perdida.

- ... Quando uma encantadora cerimônia será realizada no campanário da Torre Mais a Leste. Ela comemora uma ocasião que aconteceu, ah! Há cerca de quinhentos anos, quando habilmente consegui capturar os filhos de meu inimigo e arremessá-los do campanário em direção à morte. Nesta noite reviveremos esse grande triunfo! Vestiremos bonecos de palha com as roupas manchadas de sangue das crianças e os lançaremos contra as pedras do calçamento, depois cantaremos, dançaremos e nos regozijaremos com sua destruição!

- E o senhor realiza esta cerimônia todos os anos? Eu decerto me lembraria dela se a tivesse visto antes. É tão... Admirável.

- Alegra-me que assim pense. Eu a realizo quando sinto vontade. Claro que era bem mais admirável quando usávamos crianças de verdade.

27. *A Esposa do Mago*

Dezembro de 1809 – Janeiro de 1810

Existiam agora dois magos em Londres para ser venerados e adulados, mas duvido que alguém se surpreenderá em saber que, dos dois, Londres preferia Mr. Strange. Ele correspondia à idéia que todos tinham de um mago, Era alto, encantador, tinha um sorriso assaz irônico e, ao contrário de Mr. Norrell, falava bastante sobre magia e não se opunha a responder a perguntas sobre o assunto. Mr. e Mrs. Strange iam a muitos jantares e saraus e, a certa altura dessas reuniões, Strange geralmente comprazia aos convidados com a demonstração de uma magia menor. A mais popular consistia em fazer visões aparecerem na superfície da água. Ao contrário de Norrell, ele não utilizava uma bacia de prata, o recipiente tradicional para se verem essas imagens, Strange afirmava que, na verdade, via-se tão pouco numa bacia que quase nem valia a pena lançar ali encantamentos. Em vez disso, preferia esperar os criados tirarem a mesa e removerem a toalha para depois entornar em seu tampo um copo d'água ou vinho e invocar visões na poça que se formava. Por sorte, os anfitriões costumavam ficar tão deliciados com a magia que quase nunca reclamavam das mesas e dos tapetes manchados e estragados.

De sua parte, Mr. e Mrs. Strange fixaram residência em Londres com enorme satisfação. Habitavam uma casa na Praça Soho, e Arabella estava envolvida ao extremo com todos os agradáveis cuidados de que um novo lar necessitava: encomendava a marceneiros móveis novos e elegantes, solicitava que amigos a ajudassem a encontrar criados confiáveis e ia a lojas todos os dias.

Certa manhã de meados de dezembro, recebeu uma mensagem de um dos vendedores da tapeçaria Haig and Chippendale's (uma pessoa muito atenciosa) dizendo que uma seda cor de bronze, acetinada e com listras ondeadas, acabara de chegar à loja e que ele a julgava perfeita para as cortinas da sala de Mrs. Strange. Isso exigiu uma pequena reorganização do dia de Arabella.

- Pela descrição de Mister Summer, parece muito elegante - disse a Strange no café-da-manhã -, e espero que eu goste bastante do tecido. Mas se optar por seda cor de bronze nas cortinas, penso que terei de desistir da idéia do veludo cor de vinho para a *chaise longue*. Creio que bronze e vinho não combinam. Por isso vou à Flint and Clark's dar outra olhada no veludo cor de vinho e ver se crio coragem para desistir dele. Depois vou à Haig and Chippendale's. Mas com isso não terei tempo de visitar sua tia, o que de fato deveria fazer, uma vez que ela está de partida para Edimburgo esta manhã. Gostaria de lhe agradecer por ter encontrado Mary para nós.

- Hum? - fez Strange, que comia pãozinhos quentes com compota e lia *Observações singulares sobre a anatomia dos seres mágicos*, de Holgarth e Pickle.

- Mary. A nova criada. Viu-a ontem à noite.

- Ah - fez Strange, virando uma página.

- Parece uma moça simpática, agradável, recatada. Estou certa de que ficaremos satisfeitos com ela. Mas então, como dizia, eu lhe agradeceria muito, Jonathan, se visitasse sua tia ainda hoje pela manhã. Poderia ir à Rua Henrietta após o café-da-manhã e lhe agradecer por Mary. Depois poderia ir à Haig and Chippendale's para lhes perguntar quando o aparelho de jantar ficará pronto? Não lhe dará trabalho algum. É quase no seu caminho, - Olhou-o em dúvida, - Jonathan, está me ouvindo?

- Hum? - fez Strange, erguendo os olhos. - Ah, perfeitamente!

Então Arabella, acompanhada por um dos lacaios, caminhou até a Rua Wigmore, onde ficava o estabelecimento de Flint e Clark. Entretanto, no segundo exame do veludo cor de vinho concluiu que, apesar de muito bonito, era sombrio demais. Por isso seguiu, toda expectante, para a Alameda St. Martin, para ver a seda cor de bronze. Ao chegar à Haig and Chippendale's, encontrou o vendedor a sua espera, porém não o marido. O vendedor desculpou-se muito, mas não, Mr. Strange não estivera lá pela manhã.

Ela saiu à rua novamente.

- George, vê seu patrão em algum lugar? - perguntou ao laçao.

- Não, senhora.

Uma chuva cinzenta começava a cair. Uma espécie de pressentimento a levou a olhar para a vitrine de uma livraria. Lá dentro encontrou Strange, conversando animadamente com Sir Walter Pole. Em seguida ela entrou, deu bom dia a Sir Walter e indagou meigamente ao marido se visitara a tia ou fora à Wedgwood and Byerley's.

Strange pareceu um pouco perplexo com a pergunta. Baixou os olhos e notou que tinha na mão um livro volumoso. Franziu o cenho, como se não imaginasse como fora parar lá.

- Eu teria ido, minha querida, claro - respondeu -, mas Sir Walter esteve conversando comigo todo esse tempo, o que de início me impediu, - A culpa foi toda minha - apressou-se Sir Walter a asseverar a Arabella. - Temos um problema com o bloqueio. É o mesmo de sempre, e eu conversava a respeito com Mister Strange, na esperança de que ele e Mister Norrell possam nos ajudar.

- E podem? - perguntou Arabella.

- Ah, creio que sim - respondeu Strange.

Sir Walter explicou que o governo britânico recebera informações secretas de que alguns navios franceses, possivelmente nada menos do que dez, haviam escapado ao bloqueio britânico. Ninguém sabia para onde tinham ido nem o que pretendiam fazer quando lá chegassem. Tampouco o governo sabia onde encontrar o almirante Armingcroft, cujo dever era impedir esse tipo de ocorrência. O almirante, sua frota de dez fragatas e dois navios de alto bordo tinham simplesmente desaparecido, talvez ao perseguirem os franceses. Havia um jovem e promissor capitão, no momento estacionado na ilha da Madeira, e, se o Ministério da Marinha ao menos descobrisse o que estava acontecendo e onde estava acontecendo, de bom grado encarregariam o capitão Lightwood do comando de quatro ou cinco

outros navios e o mandariam para lá. Lorde Mulgrave perguntara ao Almirante Greenwax o que deveriam fazer, e o Almirante perguntara aos ministros, os quais haviam respondido que o Ministério da Marinha deveria consultar Mr. Strange e Mr. Norrell o quanto antes.

- Não quero que a senhora pense que o Ministério da Marinha está de todo desamparado sem Mister Strange - disse Sir Walter, sorrindo. - Eles têm feito o possível. Enviaram a Greenwich um funcionário, alguém chamado Mister Petrofax, à procura de um amigo de infância do almirante Armingcroft para lhe perguntar, dado o conhecimento superior que tem do caráter do almirante, o que pensava que o almirante faria em tais circunstâncias. Quando Mister Petrofax chegou a Greenwich, porém, encontrou o amigo de infância do almirante na cama, embriagado, e Mister Petrofax não teve certeza de ele haver entendido a pergunta.

- Creio que Norrell e eu poderemos sugerir algo - disse Strange pensativamente -, mas gostaria de ver o problema num mapa.

- Tenho todos os mapas e papéis necessários em casa. Mais tarde um de nossos criados os levará à Praça Hanover e depois quem sabe o senhor possa fazer a gentileza de conversar com Norrell...

- Ah, mas podemos fazer isso agora! - exclamou Strange. - Arabella não se importa de esperar um pouco. Não se importa, não é? - perguntou à esposa. - Vou me encontrar com Mister Norrell às duas horas e acredito que, se lhe explicar logo o problema, poderemos dar uma resposta ao Ministério da Marinha antes do jantar.

Arabella, sendo uma mulher meiga, complacente e boa esposa, por um momento pôs de lado todas as idéias sobre cortinas novas e assegurou aos dois cavalheiros que, neste caso, esperar não lhe causaria aborrecimento. Resolveu-se que Mr. e Mrs. Strange acompanhariam Sir Walter até a casa dele na Rua Harley.

Strange tirou o relógio do bolso e o consultou.

- Vinte minutos até a Rua Harley. Quarenta e cinco minutos para examinar o problema. Depois outros quinze minutos até a Praça Soho. Sim, temos tempo de sobra.

Arabella riu.

- Ele não é sempre assim tão escrupuloso, garanto-lhe - disse a Sir Walter -, pois na terça-feira chegou atrasado a um encontro com Lorde Liverpool, e Mister Norrell não gostou muito.

- Não foi culpa minha – replicou Strange. – Estava pronto para sair de casa a tempo, mas não encontrava as luvas. – Como a zombeteira acusação de retardatário que Arabella lhe fez continuou a importuná-lo, a caminho da Rua Harley ele consultou o relógio como se na esperança de descobrir algo sobre a ação do tempo que até então lhe passara despercebido e que o justificaria. Ao chegar à Rua Harley, julgou tê-lo descoberto. - Ah! - exclamou, de repente. – Eu sei o que é. Meu relógio está errado!

- Creio que não - retrucou Sir Walter, tirando o relógio do bolso e o mostrando a Strange. - Meio-dia em ponto. O meu marca a mesma hora.

- Então por que não estou ouvindo sinos? - indagou Strange. – Está ouvindo sinos? - perguntou a Arabella.

- Não, não ouço nada.

Sir Walter ruborizou-se e murmurou que os sinos daquela paróquia e dos arredores não tocavam mais.

- Mesmo? - perguntou Strange. - E por que não?

Sir Walter deu a impressão de que agradeceria se Strange tivesse guardado a curiosidade para si, mas tudo o que disse foi:

- A doença de Lady Pole deixou seus nervos numa condição lamentável. Como o dobre de um sino lhe é particularmente penoso, pedi se os sacristãos da St. Mary-le-bone e St. Peter, em consideração aos nervos de Lady Pole, não poderiam se abster de tocar os sinos da igreja, e eles fizeram o grande obséquio de nos atender.

Isso era, sem dúvida, extraordinário, mas na opinião geral a própria doença de Lady Pole era algo também bastante extraordinário, com sintomas nada comuns.

Nem Mr. nem Mrs. Strange jamais viram Lady Pole. Fazia dois anos que ninguém a via.

Quando chegaram ao número 9 da Rua Harley, Strange estava ansioso por olhar imediatamente os documentos de Sir Walter, mas foi obrigado a conter a impaciência enquanto Sir Walter se certificava de que a Arabella não faltaria passatempo durante a ausência deles. Sir Walter era um homem cortês e lhe desagradava sobremaneira deixar uma visita sozinha na casa. Abandonar uma dama era particularmente incorreto. Strange, por sua vez, desejava ser pontual ao encontro com Mr. Norrell e por esse motivo, com a mesma rapidez com que Sir Walter sugeria entretenimentos a Arabella, procurava provar que ela não precisava deles.

Depois de mostrar a Arabella os romances na estante, Sir Walter recomendou-lhe *Belinda*, de Mrs. Edgeworth, que ele acreditava poder entretê-la.

- Ah - exclamou Strange, interrompendo -, li *Belinda* para Arabella há dois ou três anos. Ademais, sabe, não creio que vamos demorar tanto que ela consiga terminar um romance de *três volumes*.

- Talvez então chá e bolo com sementes de alcaravia...? - sugeriu Sir Walter a Arabella.

- Mas Arabella não gosta de bolo com sementes de alcaravia - interrompeu Strange, pegando *Belinda* distraidamente e começando a ler o primeiro volume. - Tem particular aversão por ele.

- Então uma taça de vinho Madeira - disse Sir Walter. - Decerto tomará um pouco de vinho Madeira. Stephen!... Stephen, traga uma taça de vinho Madeira para Mrs. Strange.

De um modo silencioso e soturno próprio de criados londrinos bem treinados, um criado negro de estatura elevada pôs-se à disposição de Sir Walter. Mr. Strange pareceu sobressaltado com essa chegada súbita e o fitou por alguns instantes antes de dizer à esposa:

- Não quer vinho Madeira, quer? Não quer coisa alguma.

- Não, Jonathan. Não quero coisa alguma - concordou a esposa, rindo-se daquela curiosa discussão. - Obrigada, Sir Walter, mas para mim está muito bom apenas me sentar aqui e ficar lendo.

O criado negro fez uma reverência e saiu tão silenciosamente como havia chegado, e Strange e Sir Walter deixaram o aposento, para ir conversar sobre a frota francesa e os navios ingleses desaparecidos.

Ao se ver sozinha, porém, Arabella se deu conta de que não tinha a menor disposição para ler. Ao olhar em volta à procura de distração, seus olhos foram atraídos para um quadro enorme. Era uma paisagem que retratava um bosque e um castelo em ruínas no alto de um penhasco. As árvores eram escuras, e nas ruínas e no penhasco havia um toque de dourado da luz de um sol poente; o céu, em compensação, estava pleno de luz e fulgurava com uma cor nacarada. Boa parte do primeiro plano era ocupada por uma lagoa prateada, na qual uma jovem parecia se afogar; uma segunda figura - homem, mulher, sátiro ou fauno, impossível identificá-la - se debruçava sobre ela, e, embora Arabella lhes observasse a postura com atenção, não pôde concluir se a intenção da segunda figura era salvar ou matar a jovem. Quando se cansou de olhar a pintura, Arabella caminhou um pouco pelo corredor para admirar os quadros que lá havia, mas como se tratava, na maioria, de aquarelas de panoramas de Brighton e Chelmsford, achou-os muito sem graça.

Podia-se ouvir a conversa de Sir Walter com Strange na outra sala.

- ... Coisa extraordinária! Entretanto, à maneira dele, é um sujeito formidável - disse a voz de Sir Walter.

- Ah, sei de quem o senhor fala! Ele tem um irmão, organista da catedral de Bath - disse Strange. - Tem um gato branco e preto que anda à frente dele pelas ruas de Bath. Uma vez, eu estava na Rua Milsom...

Uma porta estava aberta, pela qual Arabella viu uma sala de estar muito elegante com um grande número de pinturas que pareciam mais esplêndidas e intensamente coloridas do que as que vira antes. Entrou.

A sala parecia inundada de luz, embora o dia continuasse com um aspecto cinzento e ameaçador. "Então donde vem toda esta luz?", perguntou-se Arabella. "É como se emanasse das pinturas, mas isso é impossível". As pinturas eram todas de Veneza e, sem dúvida, as enormes porções de céu e mar que continham tornavam a sala de algum modo incorpórea.

Quando terminou de observar as pinturas numa parede, voltou-se para se dirigir até a outra parede e num instante notou - sentindo grande embaraço - que não estava sozinha. Uma jovem, sentada num sofá azul em frente à lareira, observava-a com curiosidade. O sofá tinha um encosto muito alto, razão por que Arabella não a notara antes.

- Oh, desculpe-me!

A jovem permaneceu calada.

Era uma mulher de extraordinária elegância, pele perfeita e pálida, o cabelo preto arrumado com muita graça. Usava um vestido de musselina branca e um xale indiano de cores marfim, prata e preto. Parecia extremamente bem-vestida para ser a governanta da casa e se mostrava deveras à vontade para ser uma dama de companhia. Contudo, se se tratava de uma hóspede, por que Sir Walter não a apresentara?

Arabella fez uma mesura para a jovem e, um pouco ruborizada, disse:

- Pensei que não houvesse ninguém aqui. Queira me perdoar pela intromissão. - Virou-se para sair.

- Oh - exclamou a jovem -, espero que não esteja pensando em ir embora! É tão raro eu ver alguém... Quase nunca vejo alguém! Ademais, seu desejo era ver as pinturas! Não pode negá-lo, pois a vi por aquele espelho ao entrar na sala, e sua intenção era clara. - Um enorme espelho de Veneza pendia acima da lareira. A moldura era toda trabalhada, também feita de pequenos espelhos e decorada com os arabescos e as flores de vidro mais feias que se poderia imaginar. - Espero - disse a jovem - que não se iniba por mim.

- Mas não desejo incomodá-la - replicou Arabella.

- Ah, mas não me incomoda! – A jovem gesticulou, indicando as pinturas. - Por favor, continue.

Assim, sentindo que recusar seria uma descortesia ainda maior, Arabella agradeceu à jovem e foi observar as pinturas, mas o fez com menos minúcia do que antes, ciente de que a jovem a olhava pelo espelho o tempo inteiro.

Quando terminou, a jovem pediu que Arabella se sentasse.

- São do seu agrado? - perguntou.

- Bem - respondeu Arabella -, sem dúvida são quadros muito bonitos. Gosto especialmente das pinturas de procissões e festas... Nada temos de semelhante na Inglaterra. Tantas bandeiras adejantes! Tantos barcos dourados e trajes requintados! Mas me parece que o artista gosta mais de prédios e céus azuis que de pessoas. Ele as fez tão pequenas, tão insignificantes! Entre tantos palácios de mármore e pontes, parecem quase perdidas. Não acha?

A jovem pareceu se entreter com isso. Sorriu um sorriso irônico.

- Perdidas? - replicou. - Ah, creio que estão mesmo perdidas, pobrezinhas! Porque, ao fim e ao cabo, Veneza é um labirinto só, decerto um belo e vasto labirinto, mas de qualquer forma um labirinto, e ninguém exceto seus habitantes mais antigos sabe de fato por onde anda, ou ao menos assim o entendo.

- Mesmo? - disse Arabella. - Sem dúvida isso deve ser muito inconveniente. Contudo, a sensação de se perder num labirinto me parece tão agradável! Ah, daria quase tudo para estar lá!

A jovem a observou com um sorriso estranho e melancólico.

- Se tivesse passado meses, como passei, a caminhar à exaustão por aquelas vielas escuras sem fim, creio que pensaria de outra forma. Os prazeres de se perder num labirinto enfadam muito depressa. Quanto às cerimônias curiosas, procissões, festas, bem... - Encolheu os ombros. - Eu as detesto!

Arabella não compreendeu muito bem, mas pensou que ajudaria se descobrisse quem era a jovem, por isso perguntou seu nome.

- Sou Lady Pole.

- Ah, claro! - exclamou Arabella, surpreendendo-se por não haver pensado nisso. Disse a Lady Pole seu próprio nome e que o marido tinha um assunto a tratar com Sir Walter, por isso ela ali se encontrava.

Uma súbita gargalhada explodiu na biblioteca.

- Deveriam estar falando da guerra - comentou Arabella com Sua Senhoria -, mas ou a guerra se tornou bem mais divertida recentemente, ou então suponho que deixaram o assunto de lado para bisbilhotar a vida de algum conhecido. Meia hora atrás Mister Strange só pensava em seu próximo encontro de hoje, mas agora imagino que Sir Walter o levou a falar de outras coisas, e creio que se esqueceu de tudo. - Sorriu consigo mesma como fazem esposas que fingem criticar o marido, mas que no fundo estão se vangloriando dele. – Creio mesmo que é a criatura mais fácil de se dispensar no mundo. A paciência de Mister Norrell deve, por vezes, ser posta dolorosamente à prova.

- Mister Norrell? - perguntou Lady Pole.

- Mister Strange tem a honra de ser discípulo de Mister Norrell – respondeu Arabella.

Esperava que Sua Senhoria reagisse com algum elogio à extraordinária habilidade de Mr. Norrell para a magia ou com algumas palavras de agradecimento por sua generosidade. Como Lady Pole manteve-se calada, continuou num tom encorajador.

Naturalmente ouvimos falar muito da maravilhosa magia que Mister Norrell realizou para o bem de Vossa Senhoria.

- Mister Norrell não é meu amigo - replicou Lady Pole num tom de voz seco e indiferente. - Teria sido melhor morrer que estar como estou.

Ouvir isso foi tão chocante que por alguns momentos Arabella não soube o que dizer. Não tinha razões para adorar Mr. Norrell. Ele nunca se mostrara gentil com ela, na verdade várias vezes havia se dado ao trabalho de mostrar quão pouco a estimava, mas, apesar de tudo, ele era o único outro representante da profissão do marido. Assim, do mesmo modo que a esposa de um almirante tomará sempre o partido da Marinha de Guerra, ou a esposa de um bispo defenderá sempre a Igreja, Arabella viu-se na obrigação de dizer algo a favor do outro mago.

- Dor e sofrimento são nossos piores companheiros, e não duvido que Vossa Senhoria já esteja mais do que farta deles. Ninguém no mundo poderia culpá-la por desejar se ver livre deles... (Entretanto, mesmo enquanto dizia essas palavras, Arabella pensava: "É estranho, mas ela não parece doente. Nem um pouco"). Se, porém, for verdade o que escuto, não lhe falta refrigério no sofrimento. Devo dizer que jamais ouvi pronunciarem o nome de Vossa Senhoria sem que viesse seguido de algum louvor a seu dedicado marido. Certamente não o deixaria com alegria! Por certo Vossa Senhoria há de se sentir um pouco agradecida a Mister Norrell, ao menos em consideração a Sir Walter.

Lady Pole não respondeu. Em vez disso, começou a interrogar Arabella acerca do marido. Havia quanto tempo praticava magia? Havia quanto tempo era discípulo de Mr. Norrell? Era a magia dele em geral bem lograda? Fazia magia sozinho ou sob a direção de Norrell?

Arabella fez o que pôde para responder a todas as perguntas e acrescentou:

- Se houver algo que Vossa Senhoria gostaria que eu perguntasse em seu nome a Mister Strange, se houver algum serviço que ele possa lhe prestar, basta mencioná-lo.

- Obrigada. Mas o que tenho a lhe dizer é tanto em benefício de seu marido quanto de mim mesma. Creio que Mister Strange deveria saber do terrível destino a que Mister Norrell me entregou. Mister Strange precisa conhecer o tipo de homem com quem está lidando. Vai lhe contar?

- Claro. Eu...

- Prometa-me.

- Contarei a Mister Strange o que Vossa Senhoria desejar.

- Aviso-lhe de que fiz inúmeras tentativas de falar às pessoas a respeito do meu sofrimento e que não fui bem-sucedida.

Enquanto Lady Pole dizia isso, sucedeu algo que Arabella não entendeu de todo. Foi como se uma das pinturas tivesse se movimentado, ou alguém houvesse passado por trás de um dos espelhos, e mais uma vez ela se convenceu de que a sala não era de modo algum uma sala, de que as paredes não tinham uma solidez real, de que, em vez disso, a sala era apenas uma espécie de encruzilhada onde ventos estranhos provenientes de lugares longínquos sopravam sobre Lady Pole.

- Em 1607 - começou Lady Pole -, um cavalheiro de nome Redeshawe, em Halifax, no oeste do condado de York, herdou da tia dez libras esterlinas. Usou o dinheiro para comprar um tapete turco, que levou para casa e estendeu sobre o chão lajeado da sala. Depois tomou cerveja e adormeceu numa cadeira ao lado da lareira. Ao acordar, às duas da manhã, viu o tapete coberto por cerca de quatrocentas pessoas, cada uma medindo uns sete centímetros. Mister Redeshawe observou que entre elas se achavam indivíduos notáveis, homens e mulheres magnificamente vestidos com armaduras douradas e prateadas, montados em coelhos brancos, os quais eram para eles o que os elefantes são para nós. Quando lhes perguntou o que estavam fazendo, uma alma valente se destacou, subiu até o ombro de Mister Redeshawe e berrou em seu ouvido que pretendiam travar um combate de acordo com as regras de Honoré Bonet, e que o tapete de Mister Redeshawe era bastante adequado para tal propósito, visto que a regularidade dos padrões ajudava os arautos a determinar se cada exército se posicionava de modo correto, sem lograr vantagem sobre o outro. Contudo, como não estava disposto a ver um combate ser travado em seu tapete novo, Mister Redeshawe pegou uma vassoura e... Não, espere! - Lady Pole se interrompeu e de súbito cobriu o rosto com as mãos. - Não era isso o que eu queria dizer!

Começou de novo. Dessa vez, contou a história de um homem que fora caçar num bosque. Tinha se separado dos amigos. O cavalo ficara com a pata presa numa toca de coelho e tombara no chão. Ao cair, o homem teve a curiosa impressão de

que, de alguma forma, estava caindo dentro da toca de coelho. Quando se levantou, descobriu que se achava num estranho campo iluminado por seu próprio sol e nutrido por sua própria chuva. Num bosque muito semelhante ao que acabara de deixar, encontrou uma mansão onde um grupo de cavalheiros – alguns deles muito bizarros – jogava cartas.

Quando Lady Pole tinha chegado à parte em que os cavalheiros convidaram o caçador perdido a se juntar a eles, um som baixo - quase não mais do que um ar aspirado - fez Arabella se virar de lado. Verificou então que Sir Walter tinha entrado na sala e mirava a esposa com consternação.

- Está cansada - disse-lhe.

Lady Pole ergueu os olhos para o marido. Tinha no momento uma expressão curiosa, um quê de tristeza, de piedade também, e, por estranho que pareça, um ar divertido. Como se dissesse a si mesma: "Olhe só para nós! Que par melancólico formamos!". Em voz alta, disse:

- Só sinto o cansaço habitual. Devo ter andado quilômetros e quilômetros ontem à noite. E dançado durante horas também!

- Então precisa descansar - insistiu ele. - Vou levá-la para cima e entregá-la aos cuidados de Pampisford.

De início Sua Senhoria pareceu disposta a não ceder. Tomou a mão de Arabella e a segurou, como a mostrar ao marido que não consentiria ser separada dela. Mas depois, repentinamente, desistiu e permitiu que ele a levasse.

À porta, voltou-se.

-Adeus, Mrs. Strange. Espero que permitam que volte. Espero que me conceda aquela honra. Nunca vejo ninguém. Ou, melhor, vejo salões repletos de pessoas, mas nenhum cristão entre elas.

Arabella se adiantou, com a intenção de apertar a mão de Lady Pole e lhe garantir que teria prazer em voltar, mas Sir Walter já tinha retirado Sua Senhoria da sala. Pela segunda vez nesse dia, Arabella viu-se sozinha na casa da Rua Harley.

Um sino começou a tocar.

Naturalmente ela ficou um pouco surpresa, depois do que Sir Walter dissera a respeito de os sinos de Mary-le-bone permanecerem silenciosos em consideração à doença de Lady Pole. O sino soava triste e longínquo e lhe trouxe à lembrança toda espécie de cenas melancólicas...

... charneças e pântanos inóspitos açoitados pelo vento; campos desertos com muros arruinados e portões pendendo dos gonzos; uma sepultura aberta; um suicida enterrado numa encruzilhada erma; uma fogueira de ossos a arder na neve sob uma luz crepuscular; uma forca com um homem a oscilar pendurado pelos braços; outro homem crucificado numa roda; uma antiga lança cravada na lama com um estranho talismã, um pequeno dedo de couro pendendo dela; um espantalho cujos farrapos negros eram soprados com tal violência pelo vento que parecia prestes a saltar no ar cinzento e voar em direção à gente com imensas asas negras...

- Queira me desculpar se viu aqui algo mais que a tenha perturbado - disse Sir Walter, voltando abruptamente à sala.

Arabella agarrou-se a uma cadeira para manter o equilíbrio.

- Mrs. Strange!? A senhora não está bem. - Tomou-lhe o braço e ajudou-a a se sentar. - Devo chamar alguém? Seu marido? A criada de Sua Senhoria.

- Não, não - respondeu Arabella, um pouco sem fôlego. - Não quero ninguém, nada. Pensei que... Não sabia que o senhor estava aqui. Só isso.

Sir Walter a fitou com preocupação. Ela tentou sorrir para ele, mas não estava bem certa se o sorriso fora eficaz.

Ele pôs as mãos nos bolsos, tirou-as, correu os dedos pelos cabelos e suspirou fundo.

- Creio que Sua Senhoria andou lhe contando toda espécie de histórias estranhas - disse, com tristeza.

Arabella assentiu com a cabeça.

- E ficou aflita ao ouvi-las. Sinto muito.

- Não, não. Não foi nada. Sua Senhoria de fato falou um pouco... Pareceu bastante estranho, mas não me incomodou. Em nada! Senti-me um pouco tonta. Mas não associe uma coisa com a outra, por favor! Não teve relação com Sua Senhoria! Ocorreu-me a idéia tola de que havia uma espécie de espelho à minha frente com as mais diversas paisagens, e achei que estava caindo dentro dele. Presumo que estivesse prestes a desmaiar e sua chegada o impediu. Mas é esquisito. Nunca agi de tal modo antes.

- Vou chamar Mister Strange.

Arabella riu.

- Pode chamá-lo, se quiser, mas lhe asseguro que ele se mostrará bem menos preocupado comigo do que o senhor. Mister Strange nunca se importa muito com as indisposições alheias. As dele, porém, são outro assunto! Mas não é preciso chamar ninguém. Está vendo? Já me recobrei. Sinto-me muitíssimo bem.

Houve um breve silêncio.

- Lady Pole... - começou Arabella, e se interrompeu, sem saber como continuar.

- Sua Senhoria costuma se mostrar bastante calma - comentou Sir Walter -, não exatamente em paz, a senhora compreende, mas bastante calma. Porém, nas raras ocasiões em que algum desconhecido nos visita, ela se sente estimulada a fazer tais discursos extravagantes. Estou certo de que a senhora é bastante discreta para não passar adiante o que quer que ela tenha lhe dito.

- Ah, claro! Não o revelaria por coisa alguma deste mundo!

- A senhora é muito gentil.

- E posso... Posso voltar outras vezes? Sua Senhoria parece desejá-lo muito e eu ficaria felicíssima com essa relação.

Sir Walter refletiu durante muito tempo sobre a proposta. Por fim aquiesceu com a cabeça. Em seguida, transformou a inclinação de cabeça num gesto de reverência.

- Julgo que nos concederá uma grande honra - disse. – Obrigado.

Strange e Arabella deixaram a casa da Rua Harley, e Strange se mostrava bastante animado.

- Sei como fazê-lo - disse. - Nada seria mais simples. Pena ter de aguardar a opinião de Mister Norrell antes de poder começar, do contrário todo o problema estaria resolvido em meia hora. A meu ver, existem dois pontos cruciais. O primeiro... O que foi?

Emitindo um breve "Oh!", Arabella parara.

Ocorrera-lhe de súbito que fizera duas promessas totalmente contraditórias: uma para Lady Pole, de que falaria com Strange acerca do cavaleiro de York que comprara o tapete; a segunda para Sir Walter, de que não revelaria nada do que Lady Pole lhe dissera.

- Não é nada - respondeu.

- E se dedicou a qual das muitas ocupações que Sir Walter lhe preparou?

- A nenhuma. Eu... Vi Lady Pole e tivemos uma conversa. Só isso.

- Teve? Pena eu não estar lá. Teria gostado de conhecer a mulher que deve a vida à magia de Norrell. Mas não lhe contei o que aconteceu comigo! Lembra-se do criado negro que entrou de repente? Bem, por um instante tive a nítida impressão de que lá estava um rei negro e alto, coroado com um diadema de prata, segurando um cetro de prata reluzente e um orbe... Mas, quando olhei de novo, não havia ninguém exceto o criado negro de Sir Walter. Não é absurdo? - Strange riu.

Strange tagarelara tanto com Sir Walter que se atrasou quase uma hora para o encontro com Mr. Norrell e ele ficou bastante irritado. Mais tarde, nesse mesmo dia, Strange enviou uma mensagem ao Ministério da Marinha em que dizia que Mr. Norrell

e ele tinham examinado o problema dos navios franceses desaparecidos e estavam convencidos de que eles se encontravam no Atlântico, a caminho das Antilhas, com o intuito de lá causar danos. Além disso, os dois magos acreditavam que o almirante Armingcroft calculara corretamente o que os franceses pretendiam e fora em sua perseguição. O Ministério da Marinha, a conselho de Mr. Strange e Mr. Norrell, enviou ordens para que o capitão Lightwood seguisse o almirante a oeste. No devido tempo, alguns navios franceses foram capturados e os que não foram retornaram aos portos franceses e lá estacionaram.

A consciência de Arabella estava dolorosamente atormentada pelas promessas que fizera. Expôs o problema a várias matronas, amigas em cujas sensatez e cautelosa opinião depositava grande confiança. Claro que o apresentou de forma idealizada, sem nomear ou mencionar circunstâncias específicas. Infelizmente, isso transformou seu dilema em algo incompreensível, e as matronas judiciosas não puderam ajudá-la. Afligia-a não poder confiar em Strange, mas decerto qualquer menção ao caso seria quebrar a palavra empenhada a Sir Walter. Depois de muito ponderar, concluiu que sua obrigação era cumprir mais o prometido a uma pessoa *com* juízo do que o prometido a alguém *sem* juízo. Afinal, de que serviria reproduzir as divagações disparatadas de uma pobre mulher endoidecida? Assim, nunca contou a Strange o que Lady Pole lhe dissera.

Alguns dias depois, Mr. e Mrs. Strange compareceram a um concerto de música italiana numa casa da Praça Bedford. Arabella deleitava-se com a apresentação, mas, como a sala em que se encontravam não estava bastante aquecida, numa pequena pausa que houve para que outra cantora se unisse aos músicos, ela escapuliu sem alvoroço para ir buscar seu xale em outro cômodo. No exato momento em que se envolvia no xale, soou um sussurro atrás dela; Mrs. Strange ergueu os olhos e viu Drawlight se aproximando com a rapidez de um sonho, e a dizer alto:

- Mrs. Strange! Que satisfação vê-la! E como vai Lady Pole? Soube que a viu.

Arabella confirmou com relutância.

Drawlight enganchou seu braço no dela, para que ela não fugisse, e disse:

- O trabalho que tenho tido para conseguir um convite àquela casa, a senhora nem imagina! Nenhum de meus esforços obteve o menor sucesso! Sir Walter me posterga com uma desculpa esfarrapada atrás da outra. É sempre o mesmo... Sua Senhoria está doente ou está um pouco melhor, mas nunca está bem o suficiente para ver alguém.

- Bem, creio que... - começou Arabella.

- Exatamente! - interrompeu Drawlight. - Se está doente, então, claro, que se impeça a plebe de se aproximar. Mas não é motivo para excluir *a mim*. Eu a vi quando era um *cadáver*! Ah, sim! Não sabia disso, não é? Na noite em que a trouxe de volta de entre os mortos, Mister Norrell me procurou e suplicou que o acompanhasse até a casa. As palavras dele foram: "Venha comigo, caro Drawlight, pois não creio que meu espírito suporte ver uma jovem dama, bela e inocente, morta no mais gracioso período de sua vida!". Ela fica em casa, não vê ninguém. Há quem pense que a ressurreição a tornou orgulhosa e que já não está disposta a se misturar com mortais comuns. Mas eu penso que a verdade é bem outra. Creio que a morte e a ressurreição lhe incutiram um gosto por experiências bizarras. Não acha que poderia ser? Parece-me totalmente possível que ela ingira algo para ver horrores! Não terá a senhora notado indícios desse tipo? Não terá ela tomado goles de um copo com algum líquido de cor esquisita? Não terá enfiado algum papel dobrado às pressas no bolso quando a senhora entrou na sala? Um papel que poderia conter uma ou duas colheres de chá de algum pó? Não? Láudano vem em geral num pequeno frasco de vidro azul entre dois e seis centímetros de altura. Em casos de vício, a família sempre acredita que pode esconder a verdade, mas em vão. No fim sempre se descobre. - Deu um riso afetado. - *Eu* sempre descubro.

Arabella retirou delicadamente seu braço do dele e se desculpou. Não tinha como lhe fornecer as informações de que precisava. Nada sabia de pequenos frascos ou pós.

Voltou ao concerto com sentimentos bem menos agradáveis do que os que levara consigo.

"Detestável, que homenzinho detestável!"

28. A Biblioteca do Duque de Roxburghe

Novembro de 1810 - Janeiro de 1811

Em fins de 1810, a situação do governo era tão ruim quanto possível. Más notícias chegavam aos ministros a cada momento. Os franceses triunfavam por toda parte; as grandes potências européias que haviam se unido à Grã-Bretanha para lutar contra o imperador Napoleão Bonaparte (e que por ele foram subseqüentemente derrotadas) agora descobriam seu erro e se tornavam aliadas de Bonaparte. No país, o comércio fora destruído pela guerra e homens de todas as regiões do reino estavam falidos; as colheitas fracassaram por dois anos consecutivos. A filha mais nova do rei adoeceu e faleceu, e ele enlouqueceu de desgosto.

A guerra destruiu todo o bem-estar vigente e lançou o futuro numa obscuridade profunda. Soldados, comerciantes, políticos e agricultores amaldiçoavam a hora em que tinham nascido, mas os magos (uma raça diferente de homens, se é que já existiu uma) estavam deliciados com o curso dos acontecimentos. Havia centenas de anos a arte da magia não era tão respeitada. Toda tentativa de ganhar a guerra acabara em desastre, e a magia parecia ser agora a maior esperança da Grã-Bretanha. Cavalheiros dos vários departamentos do Ministério da Guerra e do Ministério da Marinha ansiavam por empregar Mr. Norrell e Mr. Strange. A premência do trabalho na casa de Mr. Norrell na Praça Hanover era com freqüência tão grande que as visitas viam-se obrigadas a esperar até as três ou quatro horas da manhã para enfim serem atendidas pelos dois magos. Isso não era uma terrível provação se houvesse um grupo de cavalheiros aguardando na sala de visitas de Mr. Norrell, mas era um infortúnio para o último deles, pois nunca é agradável ter de esperar no meio da noite do lado de fora de uma porta por trás da qual dois magos praticam magia.

Uma história que circulava na época (ouvida em todo lugar) era a dos esforços frustrados do imperador Napoleão Bonaparte para encontrar um mago para si mesmo. Os espiões de Lorde Liverpool informaram que o imperador sentia tal inveja

do êxito dos magos ingleses que mandara oficiais procurarem em todo o império uma pessoa, ou pessoas, com habilidades mágicas. Até então, porém, haviam descoberto somente um holandês chamado Witloof, que possuía um guarda-roupa mágico. O guarda-roupa fora transportado para Paris numa barouche-landau. Em Versalhes, Witloof afiançara ao imperador que poderia obter-se resposta a qualquer pergunta dentro do guarda-roupa.

De acordo com os espiões, Bonaparte fez ao guarda-roupa estas três perguntas: "O filho que a imperatriz espera será menino?"; "O tsar da Rússia mudará de lado outra vez?"; "Quando os ingleses serão derrotados?".

Witloof entrou no guarda-roupa e saiu de lá com as seguintes respostas: "Sim", "Não" e "Daqui a quatro semanas". Toda vez que Witloof entrava no guarda-roupa, ouvia-se um barulho hediondo, como se demônios do inferno estivessem urrando dentro dele, nuvens de pequeninas estrelas prateadas saíam pelas frestas e dobradiças, e o guarda-roupa tremia ligeiramente sobre seus pés esféricos. Depois da resposta às três perguntas, Bonaparte fitou o guarda-roupa em silêncio por alguns instantes e em seguida avançou para ele e abriu-lhe as portas. Dentro encontrou um ganso (para fazer os barulhos), um pouco de nitrato de potássio (para produzir as estrelas prateadas) e um anão (para inflamar o nitrato de potássio e incitar o ganso). Ninguém sabia ao certo o que acontecera com Witloof e o anão, mas o imperador havia comido o ganso no jantar da noite seguinte.

Em meados de novembro, o Ministério da Marinha convidou Mr. Norrell e Mr. Strange para Portsmouth, a fim de inspecionarem a Frota do Canal da Mancha, honra em geral reservada a almirantes, heróis e reis. No dia marcado, os dois magos e Arabella desceram a Portsmouth na carruagem de Mr. Norrell. Sua entrada na cidade foi saudada com salvas de canhão de todos os navios na enseada e de todos os arsenais e fortes circundantes, Transportaram-nos em barco a remos entre os navios na Spithead, acompanhados de toda uma hoste de almirantes, oficiais-generais da Armada e capitães em várias barcaças, Outras embarcações menos oficiais também se achavam presentes, abarrotadas de bons cidadãos de Portsmouth que ali se encontravam para ver os dois magos, acenar e aplaudir. Ao retornarem a Portsmouth, Mr. Norrell e Mr. e Mrs. Strange inspecionaram o arsenal

da Marinha e à noite realizou-se um grande baile em sua honra no salão de festas, e toda a cidade estava iluminada.

O baile foi considerado um evento deveras agradável. Houve um aborrecimento sem importância mais cedo, quando alguns convidados mostraram-se tolos o bastante para fazer comentários com Mr. Norrell sobre a amenidade da ocasião e a beleza do salão de baile. A resposta rude do mago os convenceu de pronto de que ele era um homem rabugento, desagradável, sem disposição para falar com quem estivesse abaixo do posto de almirante. Contudo, encontraram grande compensação para tal decepção nos modos alegres e cândidos de Mr. e Mrs. Strange. Eles estavam felizes em ser apresentados aos principais habitantes de Portsmouth e falavam com admiração de Portsmouth, dos navios que tinham visto e de assuntos navais e náuticos em geral. Mr. Strange dançou todas as danças sem exceção, Mrs. Strange não tomou parte apenas em duas, e ambos só voltaram para seus aposentos na estalagem Crown pouco antes das duas horas da manhã.

Tendo ido se deitar por volta das três, Strange não gostou muito de ser acordado às sete horas com uma batida à porta. Levantou-se e deparou com um criado da estalagem parado no corredor.

- Desculpe, senhor - disse o homem -, mas o almirante do porto naval mandou dizer que o *Black Joke* chocou-se contra o Banco dos Cavalos. Mandou o capitão Gilbey buscar um dos magos, mas o outro mago está com dor de cabeça e não vai.

Isso não era, talvez, tão compreensível como o homem pretendia, e Strange suspeitou que, mesmo que estivesse bem mais alerta, não o teria entendido. Entretanto, estava claro que *algo* sucedera e era preciso que ele fosse a *algum lugar*.

- Diga ao capitão Sei-Lá-Quem que espere - informou com um suspiro. - Irei em seguida.

Vestiu-se e desceu ao térreo. No salão de café, deu com um jovem que trajava uniforme de capitão e andava de um lado para o outro. Era o capitão Gilbey. Strange se lembrava dele do salão de baile, um homem que parecia inteligente e de boas maneiras. O capitão mostrou-se bastante aliviado ao ver Strange e explicou que um

navio, o *Black Joke*, encalhara num banco de areia na Spithead. Uma situação embaraçosa. O *Black Joke* poderia ou não ser resgatado sem danos sérios. Entrementes, O almirante do porto naval enviava saudações a Mr. Norrell e Mr. Strange e solicitava que um deles, ou ambos, acompanhasse o capitão Gilbey para ver se algo podia ser feito.

Um cabriolé estava parado defronte à Crown com um criado da estalagem a controlar o cavalo. Strange e o capitão Gilbey subiram, e o capitão os conduziu rapidamente pela cidade. A cidade começava a despertar com um ar de indisfarçável urgência e apreensão. Janelas se abriam; cabeças com gorros de dormir despontavam delas e gritavam perguntas para baixo; pessoas na rua respondiam. Um grande número de cidadãos parecia correr na mesma direção da pequena carruagem do capitão Gilbey.

Quando chegaram à fortificação, o capitão Gilbey estancou. O ar estava frio e úmido, e uma brisa fresca soprava do mar. Um pouco à frente, um enorme navio estava inclinado para um lado, com as velas a se arrastarem inutilmente nas águas cinza-chumbo. Viam-se marinheiros, pequeninos, escuros e distantes, agarrando-se à amurada e descendo pelo costado. Cerca de dez barcos a remo e pequenos veleiros juntavam-se ao redor do navio.

Aos olhos nem um pouco náuticos de Strange, parecia simplesmente que o navio havia assentado a quilha e adormecido. Se estivesse no lugar do capitão, pensou, teria ido falar duramente com o navio e mandado que se erguesse de novo.

- Mas com certeza inúmeros navios vão e vêm o tempo todo em Portsmouth. Como isso pôde acontecer?

O capitão Gilbey encolheu os ombros.

- Não é algo tão extraordinário como o senhor imagina. O capitão do *Black Joke* talvez não conhecesse bem os canais da Spithead, ou talvez estivesse bêbado.

Uma grande multidão se juntava. Todo habitante de Portsmouth tem uma ligação com o mar e com navios, e algum interesse a proteger. A conversa cotidiana gira em torno dos navios que entram e saem da enseada e dos que estão fundeados

na Spithead. Um acontecimento como esse despertava uma preocupação quase geral. Atraía não só os vadios habituais do lugar (bastante numerosos) como também cidadãos e comerciantes mais respeitáveis, e, claro, qualquer cavalheiro da Marinha com tempo disponível para ir até lá dar uma espiada. Já se instalava uma intensa polêmica sobre o que o capitão do navio fizera de errado e o que deveria ser feito para corrigi-lo. Assim que entendeu quem era Strange e o que fora fazer lá, a multidão lhe transferiu com prazer o benefício de inúmeras opiniões. Como, infelizmente, empregavam um sem número de termos náuticos, tudo que Strange conseguiu obter foi uma vaga impressão das idéias dos informantes. Depois de ouvir uma explanação, cometeu o erro de perguntar o que significavam "pôr à capa" e "barlaventear", o que deu origem a uma explicação tão confusa dos princípios da navegação, que no fim ele entendeu ainda menos do que no início.

- Bem - disse ele -, o problema principal é, sem dúvida, que o navio está de lado. Devo pô-lo em posição vertical? Isso seria muito fácil de fazer.

- Deus meu! Não! - exclamou o capitão Gilbey. - De nada serviria! A quilha quase com certeza batera na areia e se romperia. A água entraria e todos se afogariam.

- Ah! - fez Strange.

Sua tentativa seguinte mostrou-se ainda pior. Alguma coisa que alguém dissera acerca de uma brisa fresca soprando o navio para longe do banco de areia o levou a pensar que um vento poderia ajudar. Quando erguia as mãos para começar a invocar um desses ventos, o capitão Gilbey perguntou:

- O que está fazendo?

Strange lhe disse.

- Não! Não! Não! - gritou o capitão, estarrecido.

Algumas pessoas se apoderaram fisicamente de Strange. Um homem começou a sacudi-lo com energia, como se pensasse que, assim, dispersaria qualquer magia antes que ela tivesse efeito.

- O vento vem do sudoeste - explicou o capitão Gilbey. - Se ganhar ainda mais força, lançará o navio contra o banco de areia e quase com certeza o partirá. Todo mundo se afogará!

Ouviram-se alguém comentar que era humanamente impossível entender por que o Ministério da Marinha tinha uma opinião tão favorável de um sujeito cuja ignorância era tão espantosa.

Um segundo homem replicou com sarcasmo que ele talvez não fosse um mago de fato, mas que dançava muito bem.

Uma terceira pessoa riu.

- Como é que se chama a areia? - perguntou Strange.

O capitão Gilbey abanou a cabeça de modo exasperado, indicando que não fazia a menor idéia do que Strange queria dizer.

- O... O lugar... Essa coisa que prendeu o navio - insistiu Strange. - Algo a ver com cavalos, não é?

- O banco de areia se chama Banco dos Cavalos - respondeu com frieza o capitão, virando-se de lado para falar com outra pessoa.

Nos dois, três minutos seguintes, ninguém deu a menor atenção ao mago. Observavam o avanço de chalupas, brigues e barcaças em torno do *Black Joke*, olhavam para o céu, conversavam sobre as mudanças do tempo e se perguntavam onde o vento estaria na preamar.

De repente, várias pessoas chamaram a atenção para as águas, Algo estranho aparecera lá. Uma coisa grande, prateada, com uma cabeça comprida e de formato estranho, com melenas semelhantes a ervas daninhas esbranquiçadas por trás da cabeça. Parecia nadar em direção ao *Black Joke*. Nem bem a multidão começou a exclamar e a se indagar sobre o misterioso objeto, vários outros apareceram. Em pouco tempo havia toda uma hoste de formas prateadas, mais do que se poderia contar, todas nadando rumo ao navio com desenvoltura e velocidade.

- Mas o que são? - perguntou um homem na multidão.

Eram grandes demais para ser homens e nada parecidos com peixes ou golfinhos.

- São cavalos - respondeu Strange.

- E donde vêm? - perguntou outro homem.

- Eu os fiz - disse Strange - com areia. Com a areia do Banco dos Cavalos, para ser mais preciso.

- Mas não vão se dissolver? - perguntou alguém.

- E para que servem? - indagou o capitão Gilbey.

- São feitos de areia, de água do mar e de magia, e durarão enquanto tiverem trabalho a fazer - explicou Strange. - Capitão Gilbey, peça a um dos barcos que leve uma mensagem ao capitão do *Black Joke* dizendo que seus homens devem atrelar os cavalos ao navio tantos quanto puderem. Os cavalos puxarão o navio para fora do banco de areia.

- Ah! - exclamou o capitão Gilbey. - Muito bem. Sim, claro.

Meia hora após a mensagem chegar ao *Black Joke*, o navio estava fora do banco de areia, enquanto os marinheiros ocupavam-se em corrigir as velas e a fazer um sem-número das coisas que os marinheiros fazem (coisas à sua maneira tão misteriosas quanto as atividades de um mago). Entretanto, é necessário dizer que a magia não funcionou exatamente como Strange pretendia. Ele não imaginara que haveria tanta dificuldade em capturar os cavalos. Supôs que no navio houvesse um número suficiente de cordas para fazer os cabrestos e regular a magia de modo que os cavalos fossem os mais dóceis possível. Mas marinheiros conhecem pouco sobre cavalos. Tudo que conhecem é o mar. Alguns marinheiros deram o melhor de si para conter os cavalos e arreá-los, mas muitos não tinham a menor idéia de por onde começar ou sentiam muito medo das criaturas prateadas e espectrais para delas se aproximarem. Dos cem cavalos que Strange criara, apenas uns vinte foram afinal atrelados ao navio. Esses vinte por certo desempenharam um

papel decisivo para desencalhar o *Black Joke* do banco de areia, mas igualmente útil foi o cavalo enorme que ia nascendo do banco de areia enquanto mais e mais cavalos eram dele criados.

Em Portsmouth, a opinião sobre Strange se dividia entre ele ter feito algo magnífico ao salvar o *Black Joke* ou meramente ter usado o acidente para promover sua carreira pessoal. Muitos capitães e oficiais da região afirmaram que o tipo de magia que ele realizara fora bastante ostentosa e se destinara, evidentemente, mais a chamar a atenção sobre seus talentos e impressionar o Ministério da Marinha do que a salvar o navio. Tampouco estavam satisfeitos com os cavalos de areia. Eles não desapareceram quando o trabalho terminou, como Strange garantiu que sucederia; em vez disso, ficaram nadando na Spithead por um dia e meio, após o que assentaram e se transformaram em bancos de areia em lugares totalmente imprevisíveis. Os mestres e os pilotos de Portsmouth se queixaram ao almirante do porto naval de que Strange alterara de modo permanente os canais e os bancos de areia na Spithead, o que não só ocasionaria à Marinha britânica muitas despesas como a obrigaria a refazer as sondagens e os levantamentos do ancoradouro.

Em Londres, contudo, onde os ministros sabiam tão pouco sobre navios e marinharia como Strange, apenas uma coisa estava clara: Strange salvara um navio cuja perda teria custado ao Ministério da Marinha uma grande soma de dinheiro.

- Uma coisa que o resgate do *Black Joke* demonstra - observou Sir Walter Pole a Lorde Liverpool- é a enorme vantagem de se ter um mago por perto, capaz de lidar com uma crise assim que ela ocorre. Sei que já pensamos em enviar Norrell a algum lugar e fomos obrigados a desistir, mas que tal Strange?

Lorde Liverpool refletiu sobre isso.

- Creio - disse - que só poderíamos justificar o envio de Mister Strange para servir com um dos generais se estivéssemos razoavelmente seguros de que esse general em pouco tempo obteria algum sucesso contra os franceses. Qualquer outra coisa seria um imperdoável desperdício dos talentos de Mister Strange, dos quais, Deus sabe, precisamos muitíssimo aqui em Londres. Honestamente, não é uma boa escolha. De fato, não há outro senão Lorde Wellington.

- Ah, exatamente!

Lorde Wellington estava em Portugal com o Exército, de forma que não se poderia apurar sua opinião com facilidade, mas, por uma estranha coincidência, a esposa dele morava no número 11 da rua Harley, bem em frente à casa de Sir Walter. Nessa noite, quando voltou para casa, Sir Walter bateu à porta de Lady Wellington e perguntou a Sua Senhoria o que pensava que Lorde Wellington diria sobre a idéia de um mago. Lady Wellington, porém, uma mulher de baixa estatura e infeliz, cujas opiniões o marido não tinha em alta conta, não sabia.

Strange, de sua parte, ficou encantado com a proposta. Arabella, embora menos encantada, assentiu de pronto. O maior obstáculo à ida de Strange provou ser Norrell, o que, aliás, não surpreendeu a ninguém. No último ano Norrell passara a contar muito com o discípulo. Consultava Strange sobre todos os assuntos que em tempos passados eram confiados a Drawlight e Lascelles. Mr. Norrell não falava de outra coisa a não ser de Strange quando Strange estava ausente, e não falava com ninguém *a não ser com* Strange quando Strange estava presente. Esses sentimentos de ligação pareciam mais fortes por serem de todo novos; nunca antes ele se sentira à vontade com a companhia de quem quer que fosse. Se, numa sala de estar ou salão de baile apinhados de gente, Strange dava um jeito de escapulir por uns quinze minutos, Mr. Norrell mandava Drawlight ir à procura dele para descobrir aonde tinha ido e com quem conversava. Assim, Mr. Norrell ficou chocado ao tomar conhecimento de que havia um plano para enviar seu único discípulo e amigo para a guerra.

- Estou pasmo, Sir Walter - disse -, de que o senhor tenha sequer sugerido tal coisa!

- Mas todo homem deve estar preparado para fazer sacrifícios em nome de seu país durante uma guerra - replicou Sir Walter, com certa irritação. - Milhares já o fizeram como sabe.

- Mas eram soldados! - exclamou Mr. Norrell. - Acredito que um soldado seja bastante valioso a sua maneira, mas nada que se compare à perda que a nação sofreria se algo sucedesse a Mister Strange! Existe, pelo que me consta, uma

escola em High Wycombe onde trezentos oficiais são treinados todos os anos. Quem me dera ter a sorte de poder contar com trezentos magos para instruir! A magia inglesa, então, estaria numa situação mais promissora do que agora!

Depois de Sir Walter haver tentado e fracassado, Lorde Liverpool e o Duque de York se incumbiram de conversar com Mr. Norrell sobre o assunto, mas nenhum deles conseguiu persuadir o mago a ver a proposta de partida de Strange de outro modo que não com horror.

- Já pensou senhor - disse Strange -, no grande respeito que a magia inglesa conquistará?

- Ah, creio que sim - retrucou Mr. Norrell com irritação -, mas isso é praticamente como evocar o Rei Corvo e todo aquele tipo de magia desarrazoada e nociva que a visão de um mago inglês num campo de batalha suscita! As pessoas começarão a pensar que invocamos espíritos mágicos e consultamos corujas e ursos. Ao passo que minha esperança é que a magia inglesa seja considerada uma profissão discreta e respeitável, na realidade o tipo de profissão que...

- Mas, senhor - disse Strange, interrompendo às pressas um discurso que já ouvira centena de vezes -, não contarei com o apoio de cavaleiros mágicos. E cometeríamos um grande erro ao ignorar outros motivos. O senhor e eu com freqüência nos queixamos de como continuamente nos pedem que realizemos o mesmo tipo de magia repetidas vezes. Creio que as necessidades da guerra exigirão de mim magias que nunca fiz antes e, como muitas vezes dissemos um ao outro, senhor, a prática da magia facilita sobremaneira o entendimento da teoria.

Mas os dois magos tinham temperamentos por demais diferentes para concordarem sobre esse ponto. Strange falava em enfrentar o perigo a fim de glorificar a magia inglesa. Sua linguagem e as metáforas que utilizava eram todas extraídas de jogos de azar e da guerra, e era pouco provável que recebessem a aprovação de Mr. Norrell. Mr. Norrell assegurou a Strange que ele julgaria a guerra por demais desagradável.

- Quase sempre se está molhado e gelado num campo de batalha. Gostará bem menos do que imagina.

No decorrer de janeiro e fevereiro de 1811, parecia que a oposição de Mr. Norrell impediria Strange de partir para a guerra. O erro que Sir Walter, Lorde Liverpool, o Duque de York e Strange tinham cometido fora apelar à nobreza, ao patriotismo e ao senso de dever de Mr. Norrell. Não há dúvida de que o mago possuía tais virtudes, mas havia nele princípios mais fortes que se opunham a qualquer faculdade mais elevada.

Por sorte, dois outros cavalheiros sabiam como lidar com o caso de forma mais eficaz. Lascelles e Drawlight estavam tão desejosos como todo mundo de que Strange fosse para Portugal e, em sua opinião, o melhor método para alcançar isso era tirar proveito da preocupação de Mr. Norrell com o destino da biblioteca do Duque de Roxburghe.

Essa biblioteca era, havia muito, um espinho encravado em Mr. Norrell. Tratava-se de uma das mais importantes bibliotecas particulares do reino, inferior apenas à de Mr. Norrell. Tinha uma história comovente e curiosa. Cerca de cinqüenta anos antes, quis o acaso que o Duque de Roxburghe, um cavalheiro muito inteligente, civilizado e respeitável, se apaixonasse pela irmã da rainha e pedisse ao rei permissão para esposá-la. Por motivos concernentes à etiqueta da corte, formalidades e precedência, o rei recusara. Desconsolados, o duque e a irmã da rainha fizeram a promessa solene de se amarem para sempre e jamais, sob qualquer incentivo, esposar quem quer que fosse. Se a irmã da rainha cumpriu sua parte da jura, eu não sei, mas o duque se refugiou em seu castelo nas fronteiras escocesas e, para preencher seus dias solitários, começou a colecionar livros raros: primorosos manuscritos medievais iluminados e edições dos primeiros livros impressos, produzidos em oficinas de homens de grande gênio, como William Caxton, de Londres, e Valdarfer, de Veneza. Nos primeiros anos do século, a biblioteca do duque constituía uma das maravilhas do mundo. Sua Graça apreciava poesia, cavalaria, história e teologia. Não se interessava por magia em especial, mas, como todos os livros antigos o encantavam, teria sido bastante singular não encontrar em sua biblioteca um ou dois textos sobre magia.

Mr. Norrell escrevera ao duque inúmeras vezes, pedindo-lhe que lhe permitisse examinar, e talvez adquirir, os livros de magia que porventura Sua Graça possuísse. O duque, porém, não se sentiu inclinado a satisfazer a curiosidade de Mr. Norrell e,

sendo imensamente rico, tampouco desejava o dinheiro de Mr. Norrell. Tendo permanecido fiel à promessa feita à irmã da rainha durante longos anos, o duque não tinha filhos e nenhum herdeiro declarado. Após sua morte, inúmeros de seus parentes homens foram assaltados pela forte convicção de que estavam prestes a se tornar o novo Duque de Roxburghe. Esses cavalheiros apresentaram suas reivindicações ao Comitê de Privilégios da Câmara dos Lordes. O comitê as examinou e concluiu que o novo duque era ou o general-de-divisão Ker ou Sir James Innes, mas como não estava bem certo de qual deles deveria ser, o comitê resolveu refletir mais longamente sobre o assunto. No início de 1811, ainda não havia tomado uma decisão.

Numa fria e úmida manhã de terça-feira, Mr. Norrell se encontrava em sua biblioteca na casa da Praça Hanover, em companhia de Mr. Lascelles e Mr. Drawlight. Childermass também estava presente, a escrever cartas para vários departamentos do governo em nome de Mr. Norrell. Strange fora para Twickenham com Mrs. Strange visitar um amigo.

Lascelles e Drawlight falavam do litígio entre Ker e Innes. Uma ou duas alusões aparentemente aleatórias de Lascelles sobre a famosa biblioteca capturaram a atenção de Mr. Norrell.

- O que sabemos sobre esses homens? - perguntou a Lascelles. – Têm eles algum interesse na prática da magia?

Lascelles sorriu.

- Quanto a isso, o senhor fique tranqüilo. Garanto-lhe que o único interesse de Innes ou Ker é se tornar duque. Não creio que jamais tenha visto algum deles abrir um livro.

- Mesmo? Não se interessam por livros? Bem, isso é bastante animador - Mr. Norrell meditou por um instante. - Mas suponhamos que um deles tome posse da biblioteca do duque, por acaso encontre numa das estantes um texto sobre magia e tenha curiosidade por ele. Sabe, as pessoas sentem curiosidade por magia. Esta foi uma das conseqüências mais lamentáveis do meu sucesso, Esse homem poderá ler alguma coisa e se sentir inspirado a experimentar um ou outro encantamento. É,

afinal de contas, como eu mesmo comecei quando, ainda um menino de doze anos, abri um livro na biblioteca de meu tio e encontrei uma única página arrancada de um volume muito mais antigo. Assim que a li, convenci-me de que eu mesmo deveria me tornar um mago!

- Mesmo? Mas que interessante - disse Lascelles, num tom de completo aborrecimento. - Mas creio que é improvável que isso ocorra com Innes ou Ker. Innes deve estar na casa dos setenta anos e Ker à beira dela. Nenhum deles busca uma nova carreira.

- Ah, mas não têm parentes jovens? Parentes que sejam leitores ávidos de *Os Amigos da Magia Inglesa* e *O Mago Moderno*? Parentes que se apoderariam de qualquer livro de magia assim que batessem os olhos nele? Não, perdoe-me, Mister Lascelles, mas não posso de modo algum considerar a idade avançada dos dois cavalheiros como garantia de nada!

- Pois bem. Mas duvido, senhor, que esses taumatômanos (pessoa possuída por uma paixão por magia e prodígios) jovens que o senhor descreve tão vividamente tenham qualquer oportunidade de ver a biblioteca. A fim de perseguirem sua pretensão ao ducado, tanto Innes como Ker incorreram em imensos custos legais. A primeira preocupação do novo duque, seja ele quem for, será pagar os advogados. A primeira medida ao entrar na Floors Castle será procurar o que vender. Ficarei muito e muito surpreso se a biblioteca não for posta à venda uma semana após a decisão do comitê.

- Uma venda de livros! - exclamou Mr. Norrell, assustado.

- Qual seu temor agora? - perguntou Childermass, erguendo os olhos e interrompendo a escrita. - Venda de livros é coisa que em geral lhe agrada.

- Ah, isso antigamente - replicou Mr. Norrell -, quando ninguém no reino exceto eu mesmo demonstrava o menor interesse por livros de magia; agora receio que um grande número de pessoas tente adquiri-los. Provavelmente haverá notas no *Times*.

- Ah - exclamou Drawlight -, se os livros forem adquiridos por alguém, o senhor poderá se queixar aos ministros! Poderá se queixar ao Príncipe de Gales! Não é do

interesse da nação que livros de magia caiam nas mãos de outra pessoa que não o senhor, Mister Norrell.

- Exceto Strange - disse Lascelles. - Creio que o Príncipe de Gales ou os ministros não se oporiam a que Strange possuísse os livros.

- Isso é verdade! - concordou Drawlight. - Esqueci-me de Strange.

Mr. Norrell pareceu ainda mais assustado.

- Mas Mister Strange entenderá que é adequado que os livros pertençam a mim - disse. - Teriam de ser reunidos numa única biblioteca. Não deveriam ser separados. - Evidentemente - continuou - não objetarei que Mister Strange os leia. Todo mundo sabe quantos dos meus livros, dos meus próprios e preciosos livros, emprestei a Mister Strange. Bem... Quero dizer, dependeria do assunto.

Drawlight, Lascelles e Childermass permaneceram calados. Sabiam, de fato, quantos livros Mr. Norrell emprestara a Mr. Strange. E também quantos negara.

- Strange é um cavalheiro - disse Lascelles. - Comportar-se-á como tal e do senhor esperará o mesmo. Se os livros forem oferecidos privadamente ao senhor, e apenas ao senhor, então penso que deva adquiri-los, mas, se forem a leilão, ele se sentirá no direito de fazer um lance contra o senhor.

Mr. Norrell hesitou, olhou para Lascelles e lambeu os lábios com nervosismo.

- E como imagina que os livros serão vendidos? Por leilão ou por transação particular?

- Leilão - responderam Lascelles, Drawlight e Childermass ao mesmo tempo.

Mr. Norrell cobriu o rosto com as mãos.

- Claro que - disse Lascelles devagar, como se a idéia acabasse de lhe ocorrer -, se estivesse no exterior, Strange não poderia fazer nenhum lance. - Bebeu um gole do café. - Poderia?

Mr. Norrell ergueu os olhos com uma nova esperança no rosto.

Subitamente, tornou-se de todo desejável que Mr. Strange ficasse em Portugal por cerca de um ano.

**** A Comissão de Privilégios por fim decidiu-se a favor de Sir James Innes e, exatamente como Mr. Lascelles previra, o novo duque pôs a biblioteca imediatamente à venda.*

O leilão, transcorrido no verão de 1812 (enquanto Strange estava na península), foi talvez o acontecimento bibliográfico mais notável desde o incêndio da biblioteca de Alexandria. Durou quarenta e um dias e foi a causa de pelo menos dois duelos.

Entre os livros do duque foram encontrados sete textos sobre magia, todos extraordinários.

Rosa et Fons era uma meditação mística sobre magia feita por um mago desconhecido do século XIV.

Thomas de Dundelle, até então um poema desconhecido de Chrétien de Troyes, era uma versão pitoresca da vida de Thomas Dundale, o primeiro criado humano do Rei Corvo.

O livro de Loveday Ingham era uma descrição das ocupações cotidianas de um mago na Cambridge do século XV.

Exercitatio Magica Nobilissima era uma tentativa do século XVII de descrever toda a magia inglesa.

A história de Sete era uma obra bastante desconexa, escrita em parte em inglês, em latim e também num idioma mágico ignorado. Não era possível saber de quando datava, nem identificar seu autor, e o propósito de ele haver escrito o livro continuava totalmente obscuro. Parecia ser, no conjunto, a história de uma cidade do Reino Encantado chamada "Sete", mas as informações eram apresentadas num estilo confuso, e o autor com freqüência interrompia a narrativa

para acusar uma pessoa não especificada de tê-lo ferido de uma forma misteriosa. Essas partes do texto assemelhavam-se mais a uma carta indignada.

O parlamento das mulheres era uma descrição alegórica, feita no século XVI, a respeito especialmente da sabedoria e da magia das mulheres.

Mas, sem termo de comparação, o mais notável era O espelho da vida de Ralph Stokesey, que, junto com a primeira edição do Decamerão, de Boccaccio, foi a leilão no último dia. Mesmo Mr. Norrell desconhecia a existência do livro até esse dia. Aparentemente, fora escrito por dois autores, um mago do século XV chamado William Thorpe e o criado mágico de Ralph Stokesey, o coronel Tom Blue. Por esse tesouro Mr. Norrell pagou a soma inaudita de dois mil e cem guinéus.

O respeito geral por Mr. Norrell era tal que nem um só cavalheiro na sala abriu lances contra ele. Mas uma dama o fez em todos os livros. Nas semanas que antecederam o leilão, Arabella Strange esteve bastante ocupada. Escrevera numerosas cartas a parentes de Strange e fizera visitas a todos os amigos em Londres na tentativa de tomar emprestado dinheiro para comprar alguns dos livros para o marido. Norrell, no entanto, a sobrepujou em cada um dos lances.

Sir Walter Scott, o escritor, estava presente e descreveu o fim do leilão. "Tal foi a decepção de Mrs. Strange ao perder *A vida de Ralph Stokesey*, que rompeu em lágrimas. Nesse momento, Mr. Norrell passou por ela com o livro na mão. Nenhuma palavra, nenhum olhar dignou-se este homem a dirigir à esposa de seu discípulo. Não me lembro da última vez que presenciei um comportamento tão mesquinho para meu gosto. Várias pessoas notaram esse tratamento, e ouvi coisas ásperas acerca de Norrell. Mesmo Lorde Portishead, cuja admiração pelo mago não tem limites, reconhece que Norrell se comportou de forma incrivelmente cruel com Mr. Strange".

Mas nem só o tratamento que Mr. Norrell dedicou a Mrs. Strange despertou comentários desfavoráveis. Nas semanas seguintes ao leilão, estudiosos e historiadores esperaram para saber que novo conhecimento fora descoberto nos sete livros maravilhosos. Em especial, nutriam a esperança de que *O espelho da vida de Ralph Stokesey* forneceria soluções para alguns dos mais intrigantes

mistérios da magia inglesa. Supunha-se que Mr. Norrell revelaria as novas descobertas nas páginas de *Os Amigos da Magia Inglesa* ou que produziria a impressão de cópias dos livros. Não fez uma coisa nem outra. Uma ou duas pessoas escreveram-lhe cartas em que lhe faziam perguntas específicas. Ele não as respondeu. Quando surgiram cartas nos jornais queixando-se de tal comportamento, ele se indignou ainda mais. Afinal, simplesmente agia como sempre o fizera, adquirindo livros valiosos e depois os escondendo onde nenhum outro homem pudesse vê-los. A diferença era que, na época em que ele era um cavalheiro desconhecido, ninguém tinha uma opinião a respeito, ao passo que agora estava sob os olhos do mundo. Seu silêncio surpreendia, e as pessoas começavam a se lembrar de outras ocasiões em que Mr. Norrell agira de maneira rude ou arrogante.

29. Na Casa de José Estoril

Janeiro - Março de 1811

- Estive pensando, senhor, que minha ida à península Ibérica será causa de muitas mudanças em seu trato com o Ministério da Guerra - disse Strange. - Creio que, quando eu tiver partido, o senhor não julgará conveniente ter pessoas batendo a sua porta todas as horas do dia e da noite, solicitando que esta ou aquela magia seja feita sem demora. O senhor os atenderá sozinho. Quando dormirá? Creio que precisamos persuadi-los a proceder de outra forma. Se puder ajudar a organizar isso, terei imenso prazer. Deveríamos convidar Lorde Liverpool para um jantar nesta semana?

- Ah, sim, claro! - disse Mr. Norrell, entusiasmado com essa prova de deferência de Strange. - O senhor tem de estar presente. O senhor explica tudo tão bem! Basta dizer algo uma só vez para que Lorde Liverpool o entenda de imediato

- Posso então escrever a Sua Excelência?

- Sim, escreva! Escreva!

Era a primeira semana de janeiro. A partida de Strange ainda não estava marcada, mas com certeza ocorreria em breve. Strange sentou-se e redigiu o convite. Lorde Liverpool respondeu prontamente e dois dias depois estava na Praça Hanover.

Mr. Norrell e Jonathan Strange tinham como hábito passar a hora que antecedia o jantar na biblioteca de Mr. Norrell, e foi nesse cômodo que receberam Sua Excelência. Childermass também estava presente, pronto para atuar como escrevente, conselheiro, mensageiro ou criado, conforme as circunstâncias.

Lorde Liverpool nunca vira a biblioteca de Mr. Norrell e, antes de se sentar, fez uma pequena inspeção.

- Falaram-me, senhor - disse -, que sua biblioteca é uma das maravilhas do mundo, mas nem de longe imaginei que fosse assim tão extensa.

Mr. Norrell sentiu-se lisonjeado. Lorde Liverpool era exatamente o tipo de convidado de que gostava: admirava livros, mas não se mostrava inclinado a tirá-los das prateleiras para ler.

Então Strange, dirigindo-se a Mr. Norrell, disse:

- Ainda não conversamos, senhor, sobre os livros que eu deveria levar para a península Ibérica. Preparei uma lista de quarenta títulos, mas, se achar que pode ser aperfeiçoada, ficaria satisfeito com seu parecer. - Puxou uma folha dobrada da confusão de papéis em uma mesa e a entregou a Mr. Norrell.

Não era uma lista que animasse o espírito de Mr. Norrell. Estava repleta de considerações riscadas, de reconsiderações riscadas e de inúmeras outras reconsiderações torcidas e contorcidas em redor de palavras interpostas. Havia borrões de tinta, nomes de livros e de autores grafados de modo incorreto e, o mais desconcertante de tudo, três versos de um poema enigmático que Strange começara a compor como presente de despedida para Arabella. Contudo, não foi isso que deixou Mr. Norrell lívido. Jamais lhe ocorrera que Strange necessitasse de livros em Portugal. A idéia de quarenta preciosos volumes levados a um país em guerra, onde poderiam ser queimados, destruídos numa explosão ou num alagamento ou se encher de poeira, era por demais horrenda. Mr. Norrell não entendia muito bem de guerra, mas desconfiava de que soldados não eram grandes respeitadores de livros. Poderiam tocá-los com dedos imundos. Poderiam rasgá-los! Poderiam - horror dos horrores! - lê-los e tentar fazer encantamentos! Soldados sabiam ler? Mr. Norrell não tinha idéia. Porém, com o destino de todo o continente europeu em jogo e com Lorde Liverpool na sala, deu-se conta de que seria por demais difícil - de fato, impossível - recusar o empréstimo.

Virou-se para Childermass com um apelo desesperado no olhar.

Childermass encolheu os ombros.

Lorde Liverpool continuava olhando em volta com ar sereno. Parecia pensar que a ausência temporária de quarenta livros mal seria notada entre milhares deles.

- Não desejaria levar mais do que quarenta - continuou Strange com naturalidade.

- Muito prudente, senhor - comentou Lorde Liverpool. - Muito prudente. Não leve mais do que possa carregar comodamente de um lado a outro.

- Carregar de um lado a outro! - exclamou Mr. Norrell, ainda mais horrorizado. - Mas por certo o senhor não pretende levá-los de um lugar a outro! Ponha-os numa biblioteca assim que chegar. O melhor será uma biblioteca num castelo. Um castelo sólido e bem protegido...

- Mas creio que pouco me servirão numa biblioteca - replicou Strange com uma calma irritante. - Estarei em acampamentos e campos de batalha. Logo, eles também.

- Ponha-os então numa caixa! - retrucou Mr. Norrell. - Numa caixa de madeira robusta ou talvez num baú de ferro! Sim, ferro será o melhor. Poderemos mandar fazer um especialmente. E depois...

- Ah, perdoe-me, Mister Norrell- interrompeu Lorde Liverpool -, mas desaconselho enfaticamente um baú de ferro. Mister Strange não deve contar com nenhum suprimento nas carretas. Os soldados precisam delas para acondicionar equipamentos, mapas, alimentos, munição, assim por diante. Ele causará ao exército menor inconveniente se transportar seus pertences numa mula ou burro, como fazem os oficiais. - Dirigiu-se a Strange. - O senhor precisará de uma mula bastante forte para a bagagem e seu criado. Compre alforjes na Hewley & Ratt's para guardar os livros. Os alforjes militares são mais espaçosos. Ademais, numa carreta, os livros, é quase certo, seriam roubados. Soldados, sinto dizer, roubam tudo. - Refletiu por um momento e acrescentou: - Ou ao menos os nossos roubam.

Depois disso, Mr. Norrell mal se deu conta de como transcorreria o jantar. Escutara vagamente Strange e Sua Excelência conversando e rindo muito. Ouviu Strange dizer várias vezes: "Bem, então está decidido!". E Sua

Excelência responder: "Ah, sem dúvida!". Mas sobre o que conversavam Mr. Norrell não sabia e nem queria saber. Desejava jamais ter se mudado para Londres. Desejava jamais ter se incumbido de reviver a magia inglesa. Desejava ter permanecido em Hurlfrew Abbey, lendo e fazendo magia para seu prazer pessoal. Nada disso, pensava, valia a perda de quarenta livros.

Depois que Lorde Liverpool e Strange foram embora, dirigiu-se à biblioteca para olhar os quarenta livros, para segurá-los e apreciá-los enquanto pudesse.

Childermass continuava lá. Jantara a uma das mesas e agora fazia a contabilidade doméstica. Quando Mr. Norrell entrou, ele ergueu os olhos e sorriu.

- Senhor, creio que Mister Strange se sairá muito bem na guerra. Mostrou-se mais hábil do que o senhor.

Numa noite enluarada e clara de princípios de fevereiro, um navio britânico batizado de *St. Serlo's Blessing* navegou pelo Tejo e atracou na Praça Cavalos Negros, no centro de Lisboa. Entre os primeiros a desembarcar na cidade, estavam Strange e seu criado Jeremy Johns. Strange, que nunca estivera num país estrangeiro, percebeu que a consciência de agora estar num, assim como da momentosa azáfama naval e militar à volta, era assaz estimulante. Ansiava por começar a fazer magia.

- Gostaria de saber onde está Lorde Wellington - disse a Jeremy Johns, - Acha que um destes camaradas saberia me dizer? - Olhou com curiosidade para um vasto arco construído pela metade no fundo da praça. O arco tinha um aspecto bastante militar e Strange não ficaria nem um pouco surpreso se descobrisse que Wellington se achava em algum lugar atrás dele.

- Mas, senhor, são duas horas da manhã - disse Jeremy. - Sua Excelência deve estar dormindo.

- Ah, acredita mesmo nisso? Com o destino de toda a Europa em suas mãos? Talvez o senhor tenha razão.

Com relutância, Strange concordou que seria melhor ir para o hotel naquele momento e procurar Lorde Wellington pela manhã.

Recomendaram-lhes um hotel na Rua do Sapateiro cujo proprietário era um homem chamado Mr. Prideaux, natural da Cornualha. Os hóspedes de Mr. Prideaux eram quase todos oficiais britânicos que haviam acabado de chegar da Inglaterra ou que aguardavam navios que os levariam em licença. A intenção de Mr. Prideaux era que os oficiais se sentissem aclimatados tanto quanto possível durante sua estadia no hotel. Nisso obtinha um sucesso apenas parcial. Por mais que se esforçasse, Mr. Prideaux acabava constatando que Portugal se impunha sem cessar à atenção dos hóspedes. O papel de parede e a mobília do hotel bem que haviam sido levados originalmente de Londres, mas por cinco anos brilhara sobre eles um sol português que os desbotara de uma forma peculiarmente portuguesa. Mr. Prideaux bem que instruíra a cozinheira a preparar um cardápio inglês, mas como a cozinheira era portuguesa nos pratos havia sempre mais pimenta e óleo do que os hóspedes esperavam. Até mesmo suas botas adquiriam um ar tenuemente português depois de engraxadas pelo limpa-botas português.

Na manhã seguinte, Strange acordou muito tarde. Fez um demorado desjejum e depois caminhou por cerca de uma hora. Lisboa revelou-se uma cidade bem suprida de praças com arcadas, prédios modernos elegantes, estátuas, teatros e lojas. Ele começou a achar que, afinal de contas, a guerra não seria tão medonha assim.

Ao voltar para o hotel, deu com quatro ou cinco oficiais britânicos na entrada, a conversarem animadamente. Era a oportunidade que esperara. Abordou-os, desculpou-se pela intromissão, apresentou-se e perguntou em que lugar de Lisboa poderia encontrar Lorde Wellington.

Os oficiais se viraram e olharam surpresos, como se pensassem que a pergunta fora equivocada, embora ele não soubesse dizer por quê.

- Lorde Wellington não se encontra em Lisboa - respondeu um deles, um homem de jaleco azul e culotes brancos dos hussardos.

- Ah! Quando estará de volta? - perguntou Strange.

- De volta? - disse o oficial. - Creio que não em semanas, ou meses. Talvez nunca.

- Onde então posso encontrá-lo?

- Deus meu! - exclamou o oficial. - Ele pode estar em qualquer lugar.

- Não sabe onde? - perguntou Strange.

O oficial olhou-o com austeridade.

- Lorde Wellington não fica num único lugar - respondeu. - Lorde Wellington vai aonde precisam dele. E precisam de Lorde Wellington - complementou, para o melhor entendimento de Strange - *em todo lugar*.

Outro oficial, que trajava jaleco escarlate vibrante, abundantemente adornado com galões prateados, disse em tom mais cordial:

- Lorde Wellington está nas linhas.

- Nas linhas? - replicou Strange.

-Sim.

Por infelicidade, não foi exatamente a explicação clara e útil que o oficial pretendia oferecer. Strange, por sua vez, sentiu que já demonstrara ignorância o suficiente. Evaporara-se de todo o desejo de fazer perguntas.

"Lorde Wellington está nas linhas". Uma frase muito curiosa e, se tivesse de adivinhar seu significado, Strange talvez se arriscasse a dizer que se tratava de uma espécie de gíria de embriagados.

Entrou no hotel e pediu ao porteiro que procurasse Jeremy Johns. Se alguém tivesse que parecer tolo e ignorante ante o Exército britânico, que fosse Jeremy.

- Aí está o senhor! - disse, quando Jeremy apareceu. - Vá atrás de um soldado ou de um oficial e pergunte onde poderei encontrar Lorde Wellington.

- Pois não, senhor. Mas não prefere perguntar o senhor mesmo?

- Impossível. Tenho de fazer magia.

Jeremy então saiu e, após um breve intervalo, voltou.

- Descobriu? - perguntou Strange.

-Ah, sim, senhor! – respondeu Jeremy, alegre. – Não há um grande segredo a respeito. Lorde Wellington está nas linhas.

- Sim, mas o que significa isso?

- Ah, desculpe-me, senhor... O cavalheiro me informou com tanta naturalidade, como se fosse a coisa mais comum do mundo... Achei que o senhor soubesse.

- Pois não sei. Talvez seja melhor eu perguntar a Prideaux.

Mr, Prideaux teve o maior prazer em ajudar. Não havia nada mais simples no mundo, Mr. Strange deveria ir ao quartel-general. Lá, sem dúvida, encontraria Sua Excelência. Ficava a meio dia de viagem da cidade. Talvez um pouco mais.

- A mesma distância de Tyburn a Godalming, senhor, se é que faz alguma idéia dela.

- Bem, se tiver a gentileza de me mostrar num mapa...

- Deus o abençoe, senhor! - exclamou Mr. Prideaux. - Jamais encontraria o lugar sozinho. Tenho de procurar um homem para levá-lo até lá.

A pessoa que Mr. Prideaux conseguiu era um intendente auxiliar com ocupação em Torres Vedras, uma cidade cerca de sete quilômetros além do quartel-general. O intendente auxiliar afirmou que seria um prazer cavalgar com Strange e lhe mostrar o caminho.

"Agora, afinal", pensou Strange, "estou fazendo algum progresso".

A primeira etapa da viagem transcorreu numa agradável paisagem de campos e vinhedos, pontilhados aqui e acolá por belas e pequeninas casas de fazenda

pintadas de branco e moinhos de vento de pedra com aspas de lona marrom. Soldados portugueses de uniforme marrom iam e vinham sem cessar pela estrada, e havia também alguns oficiais britânicos, cujos uniformes de cor escarlate ou azul mais vivo pareciam, ao menos aos olhos patrióticos de Strange, mais bélicos e varonis. Após cavalgarem por três horas, avistaram contornos de montanhas que se erguiam da planície qual muros.

Ao entrarem num estreito vale entre duas das montanhas mais altas, o intendente auxiliar disse:

- Este é o início das linhas. Vê aquele forte bem no alto, numa das faces do desfiladeiro? - Apontou para a direita. Ao que parecia, o "forte" fora antes um moinho de vento que recebera recentemente toda espécie de incorporações, como bastiões, ameias e canhoneiras. - Vê também o forte que está do outro lado do desfiladeiro? - juntou o intendente auxiliar. Apontou para a esquerda. - E no afloramento rochoso seguinte mais um, pequeno? E mais além existe outro, embora o senhor não possa vê-lo, porque o dia hoje está nublado e escuro. E assim por diante. Toda uma linha de fortes, do Tejo ao mar! E não param aí! Existem mais duas linhas ao norte! Três ao todo!

- É mesmo impressionante! Obra dos portugueses?

- Não, senhor. Lorde Wellington. Os franceses não podem passar aqui. Ora, senhor, nem mesmo um besouro pode passar, a não ser que tenha uma autorização assinada por Lorde Wellington! Por isso, senhor, o Exército francês permanece estacionado em Santarém, sem avançar, enquanto o senhor e eu dormimos seguros em Lisboa!

Em pouco tempo deixaram a estrada e seguiram por uma senda íngreme e tortuosa que levava, colina acima, até o pequeno vilarejo de Pero Negro, Strange ficou surpreso ao se dar conta da diferença entre a guerra que ele concebera e a guerra que ele agora via. Imaginara Lorde Wellington sentado em algum edifício grandioso de Lisboa, a lançar ordens. Em vez disso, achava-se num lugar pequeno que na Inglaterra mal seria qualificado de vilarejo.

O quartel-general revelou ser uma casa extremamente comum num pátio simples com pavimento de pedras arredondadas. Informaram a Strange que Lorde Wellington fora inspecionar as linhas. Ninguém sabia quando voltaria, provavelmente não antes do jantar. Ninguém se opunha a que Strange o esperasse, desde que não atrapalhasse.

Mas, assim que entrou na casa, Strange se viu submetido à lei natural e particularmente incômoda que estabelece que um indivíduo que chega a um lugar onde não é conhecido se transformará, queira ou não, num estorvo, onde quer que se posicione. Como não podia se sentar, porque o deixaram numa sala sem cadeiras - talvez para que os franceses, se entrassem de algum modo na casa, não tivessem como se esconder atrás delas -, Strange se instalou defronte a uma janela. Porém, passado algum tempo, entraram dois oficiais, um deles desejoso de mostrar ao outro determinada característica militar importante da paisagem portuguesa, para o que era indispensável que olhassem pela janela. Lançaram então um olhar fulminante a Strange, que se afastou e se posicionou defronte a um arco acortinado a meio.

Enquanto isso, de um corredor, uma voz gritava a todo instante por alguém de nome Winespill, pedindo que levasse barris de pólvora, e sem demora. Entrou no cômodo um soldado de estatura muito baixa e com uma leve corcova. Tinha no rosto uma marca de nascença púrpura intensa e parecia trajar parte do uniforme de cada regimento do Exército britânico. Era, talvez, Winespill. Winespill mostrava-se impaciente. Não encontrava os barris de pólvora. Vasculhou os armários, embaixo das escadas e dos balcões. De quando em quando gritava "Espere um pouco!", até que lhe ocorreu olhar atrás de Strange, atrás da cortina e sob o arco. Dali a pouco gritou que tinha encontrado os barris de pólvora e que os teria visto antes, não fosse alguém - dardejou Strange com um olhar irado - estar parado bem na frente deles.

As horas se arrastavam. Strange tinha retomado seu lugar à janela e quase adormecia, quando percebeu, por sons de bulício e distúrbio, que alguém de importância acabara de entrar na casa. Dali a pouco três homens irromperam no cômodo e Strange se viu, afinal, na presença de Lorde Wellington.

Como descrever Lorde Wellington? Como poderá ser isso necessário ou mesmo possível? Seu rosto está por toda parte - uma estampa barata na parede

dos alojamentos de treinamento, outra mais elaborada, enfeitada com bandeiras e tambores, no alto da escada da sala de reuniões. Nos dias de hoje, nenhuma jovem dama medianamente romântica chega aos dezessete anos sem possuir no mínimo um retrato dele. Ela julga um nariz aquilino infinitamente preferível a um curto e grosso, e considera o pior dos infortúnios que ele seja casado. Para compensar tal fato, planeja dar o nome de Arthur ao primeiro filho. Tamanha devoção, porém, não lhe é exclusiva. Os irmãos e as irmãs mais novos da jovem dama são igualmente fanáticos por Lorde Wellington. O soldadinho de chumbo mais bonito do quarto de uma criança inglesa ganha sempre o nome de Wellington e vive mais aventuras do que todos os outros brinquedos da caixa. Todo escolar personifica Wellington ao menos uma vez por semana e o mesmo fazem suas irmãs mais novas. Wellington simboliza todas as virtudes inglesas. É o inglesismo elevado à perfeição. Se os franceses carregam Napoleão na barriga (o que aparentemente fazem), levamos Wellington no coração.

No momento, Lorde Wellington estava por demais insatisfeito com alguma coisa.

- Creio que minhas ordens foram bastante claras! - disse aos dois oficiais. - Os portugueses deveriam ter destruído todo o trigo, e não o levado embora, para que não caísse na mão dos franceses. Mas acabei de passar metade do dia observando soldados franceses entrarem nas grutas de Cartaxo e saírem de lá carregados de sacos.

- Teria sido penoso para os agricultores portugueses destruírem o trigo. Receiam passar fome - explicou um dos oficiais.

O outro oficial arriscou a otimista sugestão de que talvez não fosse trigo o que os franceses encontraram nos sacos, mas algo bem menos útil. Quem sabe ouro ou prata?

Lorde Wellington o fitou com frieza.

- Os soldados franceses levaram os sacos para os moinhos de vento. As aspas giravam à vista de todos! Acha talvez que estivessem moendo ouro? Dalziel, por

favor, encaminhe uma queixa às autoridades portuguesas! - O olhar, que dardejava furiosamente em volta, caiu sobre Strange. – E quem é este? - perguntou.

O oficial chamado Dalziel cochichou ao ouvido de Sua Excelência.



- Ah! - exclamou Lorde Wellington. Em seguida, dirigindo-se a Strange, disse: - O senhor é o mago. - Um débil tom interrogativo permeou sua observação.

- Sim - respondeu Strange.

- Mister Norrell?

- Ah, não. Mister Norrell está na Inglaterra. Sou Mister Strange.

Lorde Wellington pareceu confuso.

- O outro mago - explicou Strange.

- Entendo - disse Lorde Wellington.

O oficial chamado Dalziel fitou Strange com uma expressão de surpresa, como se pensasse que, tendo Lorde Wellington dito uma vez a Strange quem ele era, ser-lhe-ia descortês insistir em ser outra pessoa.

- Bem, Mister Strange - disse Lorde Wellington -, receio que sua viagem tenha sido em vão. Digo-lhe francamente que se tivesse podido impedir sua vinda eu o teria feito. Mas, já que aqui está, aproveito a oportunidade para lhe explicar o grande inconveniente que o senhor e o outro cavalheiro têm sido para o Exército.

- Inconveniente? - replicou Strange.

- Inconveniente - repetiu Lorde Wellington. - As visões que o senhor mostrou aos ministros os levaram a crer que conhecem a situação em Portugal. Mandaram-me um sem-número de ordens e interferiram bem mais que de hábito. Só eu sei o que precisa ser feito em Portugal, Mister Strange, uma vez que só eu conheço todas as circunstâncias. Não digo que o senhor e o outro cavalheiro talvez não tenham feito algo de bom em outro lugar... A Marinha parece satisfeita... Nada sei a respeito... Mas o que *digo* é que não preciso de mago algum aqui em Portugal.

- Mas por certo, milorde, aqui em Portugal a magia não está sujeita a tal abuso, uma vez que estarei inteiramente a seu serviço e sob sua orientação.

Lorde Wellington lançou a Strange um olhar penetrante.

- Preciso principalmente de homens. Pode criar mais deles?

- Homens? Bem, depende do que Vossa Excelência quer dizer. É um ponto interessante... - Com grande mal-estar, Strange percebeu que falara exatamente como Mr. Norrell.

- Pode criar mais deles? - interrompeu Sua Excelência.

- Não.

- Pode fazer os projéteis deslocarem-se mais depressa para atingir os franceses? Como são já voam bem depressa. Pode talvez revolver a terra e mover as pedras para construir os meus baluartes, as minhas lunetas e outras obras de defesa?

- Não, milorde, Mas, milorde...

- O nome do capelão do quartel-general é Mister Briscall. O nome do oficial-médico é Doutor McGrigor. Se decidir permanecer em Portugal, sugiro-lhe que se apresente a esses cavalheiros, Talvez o senhor lhes seja um pouco útil. A mim não é nem um pouco útil. - Lorde Wellington virou-se e pediu a alguém de nome Thornton que lhe preparasse o jantar. Strange concluiu que a entrevista tinha sido encerrada.

Ele havia se habituado ao tratamento deferente dos ministros do governo. Estava acostumado que figurões do país se dirigissem a ele como a um igual. Ver-se de repente equiparado a capelões e doutores do Exército, a meros coadjuvantes, era com efeito lastimável.

Passou a noite, muito desconfortavelmente, na única estalagem de Pero Negro e voltou a Lisboa assim que amanheceu. Quando chegou ao hotel na Rua do Sapateiro, escreveu a Arabella uma longa carta, relatando com minúcias a forma vergonhosa com que fora tratado. Depois, sentindo-se um pouco melhor, concluiu que era impróprio de um homem se queixar, e rasgou a carta.

A seguir preparou uma lista de todas as magias que Norrell e ele haviam realizado para o Ministério da Marinha e procurou decidir qual delas seria mais adequada a Lorde Wellington. Após minuciosa reflexão, concluiu não haver melhor forma de aumentar o suplício do Exército francês do que lhes enviando tempestades com raios, trovões e chuvas torrenciais. Resolveu de imediato escrever para Sua Excelência uma carta em que se oferecia para realizar tal magia. Uma ação firme é sempre alentadora, e o ânimo de Strange logo melhorou – quer dizer, até olhar por acaso pela janela. O céu estava negro, a chuva desabava em torrentes, e soprava um vento fortíssimo. Parecia que dali a pouco trovejaria. Ele foi consultar Mr. Prideaux. O dono do hotel confirmou que havia semanas chovia dessa forma, que os portugueses achavam que continuaria assim por muito tempo, e, de fato, os franceses estavam bastante descontentes.

Strange meditou um pouco. Viu-se tentado a enviar a Lorde Wellington um bilhete oferecendo-se para fazer cessar a chuva, com base no fato de que ela deveria ser deveras incômoda para os britânicos também. Mas, por fim, concluiu que, até que ele fosse capaz de entender melhor a guerra e Lorde Wellington, toda questão relacionada com magia e tempo seria por demais controversa. Decidiu que, por ora, uma praga de rãs seria a melhor coisa para lançar sobre a cabeça dos soldados franceses. Era sumamente bíblica. E o que, pensou Strange, seria mais respeitável do que isso?

Na manhã seguinte, estava sentado todo triste em seu quarto no hotel. Tencionava ler um dos livros de Norrell, mas na verdade observava a chuva, quando bateram à porta. Um oficial escocês com o uniforme dos hussardos olhou inquisitivamente para Strange e perguntou:

- Mister Norrell?

- Não sou... Ah, esqueça! Em que posso ajudá-lo?

- Mensagem do quartel-general para o senhor, Mister Norrell. - O jovem oficial entregou a Strange um papel.

Era a carta que escrevera para Wellington. Alguém rabiscara nela com um lápis azul e grosso uma única palavra: "Negado".

- De quem é esta letra? - perguntou Strange.

- De Lorde Wellington, Mister Norrell.

-Ah.

No dia seguinte, Strange enviou outro bilhete a Wellington, oferecendo-se para fazer as águas do rio Tejo subirem e afogarem os franceses. Isso ao menos incitou Wellington a escrever uma resposta mais longa, explicando que no momento o Exército britânico e grande parte do Exército português se encontravam *entre* o Tejo e os franceses, e que, portanto, não julgava a sugestão de Strange de modo algum conveniente.

Strange recusou-se a se intimidar. Continuou enviando uma proposta a Wellington todos os dias. Todas eram rejeitadas.

Num dia particularmente sombrio de fins de fevereiro, ele atravessava o saguão do hotel de Mr. Prideaux para seu solitário jantar, quando quase colidiu com um jovem recém-chegado que trajava roupas inglesas. O jovem se desculpou e lhe perguntou onde poderia encontrar Mr. Strange.

- Eu sou Strange. Quem é o senhor?

- Meu nome é Briscall. Sou capelão no quartel-general.

- Mister Briscall. Sim. Claro.

- Lorde Wellington pediu-me que lhe fizesse uma visita - explicou Mr. Briscall. - Disse que o senhor poderia me ajudar com magia... - Mr. Briscall sorriu. - Mas desconfio de que o verdadeiro motivo é que ele espera que eu possa persuadi-lo a deixar de lhe escrever todos os dias.

- Ah! - exclamou Strange -, não vou parar até que me dê algo para fazer. Mr. Briscall riu.

- Está bem, direi a ele.

- Obrigado. E há algo em que possa ajudá-lo? Nunca fiz magia para a Igreja antes. Mister Briscall, serei honesto com o senhor. Meu conhecimento sobre magia eclesiástica é bastante superficial, mas teria prazer em lhe ser útil.

- Hum. Também serei honesto com o senhor, Mister Strange. Meus deveres são na verdade muito simples. Visito doentes e feridos. Rezo missas para os soldados e procuro lhes dar um enterro decente quando são mortos, os pobres camaradas. Não vejo o que poderia fazer para ajudar.

- Tampouco outras pessoas vêm... – replicou Strange, com um suspiro - Mas não gostaria de jantar comigo? Ao menos não comeria sozinho esta noite.

Logo concordaram nisso, e os dois homens foram se sentar no refeitório. Strange julgou Mr. Briscall um conviva agradável, disposto a falar tudo o que sabia

sobre Lorde Wellington e o Exército.

- Em geral, soldados não são homens religiosos - disse -, mas jamais esperei que o fossem, e muito me ajudou o fato de que todos os capelães anteriores partiram de licença assim que chegaram. Sou o primeiro a ficar, por isso os soldados me são gratos. Parecem muito afáveis com quem se dispõe a compartilhar a vida difícil que levam.

Strange respondeu que tinha certeza disso.

- E quanto ao senhor, Mister Strange? Como se dá com eles?

- Eu? Não me dou de modo algum. Ninguém me quer aqui. Nas raras ocasiões em que se dirigem a mim o fazem sem discriminação, tratando-me ou por Mister Strange ou por Mister Norrell. Parece que ninguém tem a menor noção de que poderiam ser pessoas *distintas*.

Briscall riu.

- E Lorde Wellington recusa todas as minhas propostas de ajuda assim que as apresento.

- Por quê? O que lhe propôs?

Strange contou-lhe sobre sua primeira proposta, a de enviar uma praga de rãs que caísse do céu sobre os franceses.

- Bem, na verdade não me surpreende nem um pouco que ele tenha recusado isso! - retrucou Briscall com desdém. - Os franceses cozinham e comem rãs. E parte vital do plano de Lorde Wellington é que os franceses passem fome. O senhor também poderia ter proposto jogar sobre eles frango assado ou empadas de carne de porco!...

- Não é culpa minha - replicou Strange, um pouco melindrado. - Teria o maior prazer de levar em consideração os planos de Lorde Wellington; ocorre que não os conheço. Em Londres, o Ministério da Marinha nos colocava a par de suas intenções e, de acordo com isso, preparávamos a magia.

- Sei - disse Briscall. - Desculpe-me, Mister Strange, talvez não o tenha entendido bem, mas me parece que aqui o senhor desfruta de uma grande vantagem. Em Londres, era obrigado a confiar na opinião do Ministério da Marinha quanto ao que estaria sucedendo a milhares de quilômetros, e imagino que muitas vezes o ministério estivesse errado. Aqui o senhor pode ver por si mesmo. Sua experiência não difere da minha. Quando cheguei, também ninguém me deu a menor atenção. Fiquei à deriva, indo de um regimento a outro. Ninguém me queria.

- E agora pertence ao grupo de Wellington. Como o conseguiu?

- Demorou, mas por fim pude provar minha utilidade para Sua Excelência, e com certeza o senhor fará o mesmo.

Strange suspirou.

- Eu tento, Mas parece que só demonstro minha superfluidade. Repetidas vezes!

- Tolice! A meu ver, seu único erro foi ter permanecido aqui, em Lisboa. Se quer meu conselho, parta o quanto antes. Durma nas montanhas com os soldados e os oficiais! Só assim poderá compreendê-los. Converse com eles. Passe os dias com eles nos vilarejos abandonados para além das linhas. Logo vão adorá-lo por isso. São os melhores companheiros do mundo.

- Mesmo? Conta-se em Londres que Wellington os chamou de a escória da Terra.

Briscall riu, como se escória da Terra fosse uma indiscrição muito pequena e, com efeito, grande parte do encanto do Exército, Era, pensou Strange, um estranho ponto de vista para um clérigo.

- O que eles são, afinal? - perguntou ele.

- Ambas as coisas, Mister Strange. Ambas. Bem, que me diz? Irá?

Strange franziu o cenho.

- Não sei. Não que eu tema privações ou desconforto, entenda. Acredito que

possa suportar muito disso, tanto quanto outros homens. Mas lá não conheço ninguém. Parece que só faço estorvar todo mundo desde que cheguei, e sem amigos a quem procurar...

- Ah, isso é fácil de remediar! Não estamos em Londres, ou Bath, onde as pessoas precisam de cartas de recomendação. Leve um barril de conhaque e uma ou duas caixas de champanhe, se seu criado conseguir carregá-los. Logo o senhor terá um grande número de conhecidos entre os oficiais, se tiver conhaque e champanhe de sobra.

- Mesmo? Então é simples assim?

- Ah, pode estar seguro! E nem se dê ao trabalho de levar vinho tinto. Já têm o bastante.

Dias depois, Strange e Jeremy Johns saíram de Lisboa a caminho da região além das linhas. Os oficiais britânicos e os homens ficaram um pouco surpresos de ter um mago entre eles. Escreveram cartas a amigos em que o descreviam das formas mais desfavoráveis e se perguntavam o que afinal ele fazia lá. Mas Strange agiu como Mr. Briscall aconselhara, Todo oficial que conhecia era convidado a tomar champanhe com ele à noite depois do jantar. Logo lhe perdoaram a excentricidade da profissão. O importante era que podiam sempre encontrar companheiros alegres no bivaque de Strange e ter algo decente para beber.

Strange também passou a fumar. Jamais o fumo o atraía como passatempo, mas descobriu que um suprimento de tabaco à mão era muito valioso para iniciar conversações com homens alistados.

Era um tipo de vida bizarro e um tipo de paisagem lúgubre. Os habitantes foram evacuados dos vilarejos além das linhas por ordem de Lorde Wellington e as plantações, queimadas. Soldados de ambos os exércitos entraram nos vilarejos abandonados e se serviram de tudo que lhes parecesse útil. No lado britânico, era comum topar com sofás, guarda-roupas, camas, cadeiras e mesas na encosta de uma colina ou na clareira de um bosque. Ocasionalmente era possível encontrar quartos e salas inteiros, completos, com aparelho de barbear, livros e lampiões, mas sem o obstáculo de paredes e teto.

Contudo, se o Exército britânico sofria o transtorno dos ventos e das chuvas, o apuro do Exército francês era ainda pior. Suas roupas estavam em frangalhos e eles não tinham o que comer. Miravam as linhas de Lorde Wellington desde outubro último. Não podiam atacar o Exército britânico: havia três linhas de fortes inexpugnáveis para trás das quais ele podia se retirar no momento que quisesse. Tampouco Lorde Wellington se dava ao trabalho de atacar os franceses. Para quê, quando fome e doença matavam os inimigos com uma rapidez que ele jamais conseguiria? No dia 5 de março, os franceses desmontaram acampamento e rumaram para o Norte, Em poucas horas, Lorde Wellington e o exército britânico já estavam em sua perseguição. Jonathan Strange foi com eles.

Numa manhã muito chuvosa do meado do mês, Strange cavalgava na margem de uma estrada na qual marchavam os fuzileiros do 95º. Regimento. Por acaso notou alguns amigos seus um pouco à frente. Instigando o cavalo a meio galope, logo os alcançou.

- Bom dia, Ned - disse, dirigindo-se a um homem que ele tinha motivos para considerar pessoa séria e prudente.

- Bom dia, senhor - respondeu Ned alegremente.

- Ned?

- Sim, senhor?

- Qual é seu maior desejo? Sei que é uma pergunta estranha, Ned, e me desculpe por fazê-la. Mas realmente preciso saber.

Ned não respondeu de pronto. Aspirou o ar, franziu as sobrancelhas e mostrou outros sinais de profunda reflexão. Enquanto isso, seus camaradas disseram prestativamente a Strange o que mais desejavam, coisas como potes de ouro mágicos que jamais se esvaziassem e casas lavradas de um único diamante. Um deles, um gaulês, entoou melancolicamente "Queijo tostado! Queijo tostado!" Várias vezes, o que arrancou boas gargalhadas dos demais, Os gauleses eram pessoas naturalmente cômicas.

Entrementes, Ned chegara ao fim de suas ponderações.

- Botas novas - disse.

- Mesmo?! - exclamou Strange, surpreso.

- Sim, senhor - respondeu Ned. - Botas novas. Estas malditas estradas portuguesas... - Indicou com um sinal a acumulação de pedras e crateras que os portugueses achavam conveniente chamar de estrada. - Reduzem as botas de um homem a tiras, e à noite seus ossos doem por haver caminhado nelas. Mas se tivesse botas novas, ah! Não estaria eu fresco depois de caminhar um dia inteiro? Não poderia simplesmente lutar contra os franceses? Não poderia fazer as botas suarem só para isso?

- Sua propensão para o combate lhe dá grande mérito, Ned - disse Strange. - Obrigado. Forneceu-me uma excelente resposta. - Afastou-se, seguido de muitos gritos de "Então, quando é que o Ned vai ganhar as botas dele?" e "Onde estão as botas do Ned?".

Nessa noite, o quartel-general de Lorde Wellington foi instalado numa mansão antes esplêndida no vilarejo de Lousão. A casa pertencera a um fidalgo português abastado e patriótico, José Estoril, que, com seus filhos, tinha sido torturado e morto pelos franceses. A esposa morrera de febre, e circulavam várias histórias concernentes ao triste destino das filhas. Por muitos meses fora um lugar bastante melancólico, mas agora os homens de Wellington haviam chegado para enchê-lo do som de anedotas e discussões ruidosas, e os cômodos sinistros tornavam-se quase alegres com o vaivém dos oficiais de sobretudo vermelho e azul.

A hora que antecedia o jantar era a mais movimentada do dia, a sala se enchia de oficiais que traziam notícias, recebiam ordens ou só mexericavam. Num canto, uma imponente escadaria de pedra trabalhada, em desintegração, levava a um par de portas antigas. Atrás das portas, diziam, Lorde Wellington empenhava-se em conceber novos planos para derrotar os franceses, e era um fato curioso que todos que entravam na sala não deixassem de lançar um breve e respeitável olhar para o alto da escadaria. Dois assistentes de Wellington de posição mais elevada - o chefe do serviço de intendência do Exército, o general Sir George Murray, e o general-de-brigada, general Sir Charles Stewart - estavam sentados um em cada lado de uma

enorme mesa, envolvidos nos preparativos de distribuição da tropa no dia seguinte. E aqui faço uma pausa para observar que se, ao ler a palavra "general", o leitor imaginou dois velhos sentados a uma mesa, não poderia estar mais enganado. É fato que, quando a guerra francesa teve início, dezoito anos antes, o Exército britânico fora comandado por algumas pessoas idosas bastante veneráveis, que passaram toda a carreira sem ver nem de relance um campo de batalha. Mas os anos transcorreram, esses velhos generais se aposentaram ou morreram, e julgou-se conveniente substituí-los por homens mais jovens e cheios de energia. O próprio Wellington tinha pouco mais de quarenta anos, e boa parte dos oficiais superiores eram ainda mais jovens. A sala da casa de José Estoril abrigava, portanto, homens jovens, todos afeitos à luta, todos afeitos a uma boa dança, todos totalmente dedicados a Lorde Wellington.

A noite de março, embora chuvosa, era amena, tão amena quanto uma noite de maio na Inglaterra. Desde a morte de José Estoril, o jardim passara a crescer selvagememente e um grande número de lilases aparecera, comprimindo-se contra as paredes da casa. As árvores estavam agora em flor, e as janelas e as venezianas mantinham-se abertas para deixar entrar o ar úmido e impregnado do odor de lilás. De súbito o general Murray e Sir Charles Stewart se deram conta de que eles e papéis importantes estavam sendo amplamente regados com gotas d'água. Ao erguerem os olhos com certa indignação, viram Strange na varanda, a sacudir despreocupadamente a água do guarda-chuva.

Ele entrou na sala e deu boa-noite a vários oficiais com que tinha alguma relação. Aproximou-se da mesa e perguntou se seria possível falar com Lorde Wellington. Sir Charles Stewart, um homem bem-apegoado e orgulhoso, respondeu apenas com um balanço vigoroso de cabeça. O general Murray, uma alma mais cortês e gentil, disse recear que não seria possível.

Strange olhou para o alto da imponente escadaria, em direção às portas talhadas atrás das quais estava Sua Excelência. (Curioso como todos que entravam sabiam, instintivamente, onde ele poderia ser encontrado. Que fascínio exercem os grandes homens!). Strange não se mostrou inclinado a ir embora. O general Murray imaginou que estivesse se sentindo solitário.

Um homem alto, de sobrancelhas pretas intensas que combinavam com longo bigode preto, aproximou-se da mesa. Usava o jaleco azul-escuro e o galão dourado da Brigada Ligeira.

- Onde colocou os prisioneiros franceses? - perguntou ao general Murray.

- No campanário - respondeu o general Murray.

- Está bem - retrucou o homem. - Só pergunto porque, ontem à noite, o coronel Pursey pôs três franceses num pequeno galpão, achando que não haveria mal em ficarem lá. Mas parece que uns camaradas do 52º. Regimento tinham posto algumas galinhas no galpão e, durante a noite, os franceses as comeram. O coronel Pursey disse que, hoje de manhã, seus homens olhavam os franceses de um jeito esquisito, como se perguntassem a si mesmos quanto do sabor das galinhas ainda estaria impregnado nos franceses, e se não valia a pena cozinhar um deles para descobrir.

- Ah! - fez o general Murray. - Esta noite não há risco de que algo assim aconteça. As outras únicas criaturas no campanário são os ratos, e penso que, se alguém for comer alguém, os ratos comerão os franceses.

O general Murray, Sir Charles Stewart e o homem de bigode preto começaram a rir. De repente, foram interrompidos pelo mago, que dizia:

- A estrada entre Espinhal e Lousão é abominavelmente ruim. (Era a estrada que parte substancial do Exército britânico percorrera naquele dia).

O general Murray concordou que a estrada era de fato muito ruim.

Strange prosseguiu:

- Sou incapaz de dizer quantas vezes, hoje, meu cavalo tropeçou em crateras e escorregou na lama. Eu estava certo de que ele ficaria coxo. Entretanto, não era uma estrada pior do que qualquer outra em que estive desde que cheguei, e amanhã, se bem entendi, alguns de nós deveremos ir aonde não existe absolutamente qualquer estrada.

- Sim - disse o general Murray, desejando com gana que o mago fosse embora.

- Imagino que atravessaremos rios transbordados e campinas pedregosas, e também bosques e matagais - disse Strange. - Será péssimo para todos nós. Creio que o resultado será insatisfatório. Creio que não avançaremos de modo algum.

- É uma das desvantagens de combater num lugar tão atrasado e remoto como Portugal - observou o general Murray.

Sir Charles Stewart permaneceu calado, mas o olhar irritado que lançou ao mago expressou com muita clareza sua opinião - de que Mr. Strange faria melhor se ele e seu cavalo voltassem para Londres.

- Conduzir quarenta e cinco mil homens, mais todos os cavalos, carretas e equipamentos, por esse terreno abominável! Ninguém na Inglaterra acreditaria nisso! - Strange riu. - Pena que Sua Excelência não tenha tempo para conversar comigo, mas talvez os senhores possam fazer a bondade de lhe transmitir uma mensagem. Digam isto a ele: Mister Strange apresenta cumprimentos a Lorde Wellington e diz que, se for do interesse de Sua Excelência ter uma estrada boa e bem-feita na qual o Exército possa marchar amanhã, então Mister Strange terá a satisfação de evocar uma para ele. Ah! E, se desejar, também poderá ter pontes, para substituir as que os franceses destruíram. Para os senhores, boa noite. - Strange fez uma reverência para ambos os cavalheiros, pegou o guarda-chuva e saiu.

Strange e Jeremy Johns não acharam lugar para se hospedar em Lousão. Nenhum dos cavalheiros a quem cabia encontrar alojamento para os generais e determinar em que campo úmido os soldados dormiriam fez qualquer preparativo para o mago e seu criado. Strange, afinal, chegou a um acordo com o dono de uma pequena loja de vinhos, para ocupar um quartinho no andar de cima, a poucos quilômetros da estrada que levava a Miranda de Corvo.

Strange e Jeremy comeram o jantar que o dono da loja lhes preparou. Era um ensopado, e a diversão da noite consistiu principalmente em tentar adivinhar os ingredientes.

- Mas que diabo é isto? - perguntou Strange, erguendo o garfo. Na ponta dele havia algo esbranquiçado e reluzente que se enrolava por cima e por baixo de si mesmo.

- Peixe, talvez? - arriscou Jeremy.
- Mais parece uma lesma - disse Strange.
- Ou um pedaço de orelha - acrescentou Jeremy.

Strange fitou a coisa um pouco mais.

- Não quer? - perguntou.

- Não, senhor, obrigado - respondeu Jeremy, com um olhar conformado para o próprio prato rachado. - Já tenho de sobra.

Quando terminaram o jantar e quando a última vela se extinguiu, parecia que nada restava a fazer senão ir para a cama. Jeremy se encolheu num lado do quarto e Strange se deitou no outro. Cada um preparou sua cama com o material que achou mais conveniente. Jeremy tinha um colchão feito de suas roupas de reserva; Strange tinha um travesseiro moldado principalmente com os livros da biblioteca de Mr. Norrell.

Súbito, ouviu-se o som de um cavalo galopando em direção à loja de vinhos. Em pouco tempo seguiu-se o som de botas subindo pesadamente os degraus inseguros da escada e, por fim, o som de um punho cerrado batendo na porta desconjuntada. A porta se abriu e um jovem expedito em uniforme dos hussardos meio que desabou no quarto. Embora um tanto sem fôlego, o jovem expedito conseguiu comunicar, arquejando, que Lorde Wellington apresentava cumprimentos a Mr. Strange e que, se não fosse de modo algum inconveniente, Lorde Wellington gostaria de falar com ele imediatamente.

Na casa de José Estoril, Wellington jantava com vários oficiais de seu Estado-maior e outros cavalheiros. Strange podia jurar que os cavalheiros à mesa mantinham uma conversa bastante animada até vê-lo entrar na sala. Agora estavam todos calados. Isso sugeria, em muito, que falavam dele.

- Ah, Strange! - exclamou Lorde Wellington, erguendo um copo numa saudação.
- Aqui está o senhor! Três de meus ajudantes-de-ordens o procuraram a noite inteira.

Queria convidá-lo para jantar, mas meus rapazes não o encontraram. Sente-se mesmo assim, tome champanhe e como sobremesa.

Strange olhou desejoso para os restos do jantar que os criados levavam embora. Entre outras coisas boas, Strange acreditava ter reconhecido restos de ganso assado, cascas de camarões-grandes passados na manteiga, metade de um ragu de aipo e pontas de lingüiça portuguesa picante. Agradeceu a Sua Excelência e sentou-se. Um criado lhe trouxe uma taça de champanhe e ele se serviu de torta de amêndoa e cerejas secas.

- Que lhe parece a guerra, Mister Strange? - perguntou um cavalheiro com cabelo de raposa e cara de raposa na outra ponta da mesa.

- Ah, no início é um tanto confuso, como quase tudo - disse Strange -, mas agora, depois de viver muitas das aventuras que a guerra proporciona, já me acostumei. Fui roubado uma vez. Fui alvejado uma vez. Uma vez dei com um francês na cozinha e tive de escorraçá-lo, e uma vez a casa em que eu dormia foi incendiada.

- Pelos franceses? - indagou Sir Charles Stewart.

- Não, não. Pelos ingleses. Parece que um grupo de soldados do 43º. Regimento sentiu muito frio naquela noite e ateou fogo à casa para se aquecerem.

- Ah, isso sempre acontece! - observou Sir Charles Stewart.

Fez-se um breve silêncio e em seguida outro cavalheiro, com uniforme da cavalaria, disse:

- Estivemos conversando, na verdade discutindo, sobre magia e de que maneira ela é feita. Strathclyde afirma que o senhor e o outro mago atribuíram um número a cada palavra da Bíblia, que o senhor procura as palavras para fazer os encantamentos, depois acrescenta os números, depois faz não sei o que mais e depois...

- Não foi isso o que eu disse! - protestou alguém, Strathclyde, provavelmente. - O senhor não entendeu coisa alguma!

- Lamento, mas jamais fiz algo nem mesmo remotamente semelhante ao que o senhor descreve - disse Strange. - Parece deveras complicado e não creio que desse resultado. Quanto a minha maneira de fazer magia, existem muitos e muitos procedimentos. Tantos quanto, creio, existem para fazer a guerra.

- Eu gostaria de fazer magia - disse o cavalheiro de cabelo de raposa e cara de raposa na ponta da mesa. - Gostaria de oferecer uma festa todas as noites, com música encantada, fogos de artifício encantados, e convidaria as mulheres mais belas da história. Helena de Tróia, Cleópatra, Lucrecia Bórgia, Donzela Mariana e Madame Pompadour. Eu as traria todas aqui para dançar com os senhores, companheiros. E, quando os franceses despontassem no horizonte, eu simplesmente – agitou o braço de maneira indiferente – faria assim, sabem, e todos cairiam mortos.

- Pode um mago matar um homem com magia? – perguntou Lorde Wellington a Strange.

Strange franziu o cenho. Pareceu não gostar da pergunta.

- Creio que um mago poderia - admitiu. - Um cavalheiro, jamais.

Lorde Wellington assentiu com a cabeça, como se tivesse esperado exatamente essa resposta. Em seguida, disse:

- A estrada, Mister Strange, que fez a gentileza de nos oferecer, que tipo de estrada seria?

- Ah, milorde, a coisa mais fácil do mundo é preparar os detalhes. De que tipo de estrada gostaria?

Os oficiais e os cavalheiros em volta da mesa de jantar de Lorde Wellington se entreolharam; não tinham pensado no assunto.

- Uma estrada de giz, talvez? - disse Strange, prestimoso. - Uma estrada de giz é bonita.

- Muito poeirenta no seco e um rio de lama na chuva - replicou Lorde Wellington. - Não, não. Uma estrada de giz jamais servirá. Uma estrada de giz não será melhor do que estrada alguma.

- Que tal uma estrada pavimentada com pedras redondas? – sugeriu o general Murray.

- Pedras gastarão as botas dos soldados - observou Wellington.

- Ademais, a artilharia não vai gostar - comentou o cavalheiro de cabelo de raposa com cara de raposa. - Levarão um tempo enorme para transportar as armas ao longo de uma estrada de pedras arredondadas.

Alguém sugeriu uma estrada de cascalho. Mas Wellington acreditava que ela também estaria sujeita aos mesmos obstáculos de uma estrada de giz: sob a chuva se tornaria um rio de lama, e os portugueses estavam certos de que choveria de novo no dia seguinte.

- Não - disse Sua Excelência. - Mister Strange, acredito que o que melhor nos conviria seria uma estrada que seguisse o padrão romano, com uma excelente vala de cada lado para o escoamento da água e boas pedras planas bem fixadas em cima.

- Está bem - disse Strange.

- Partiremos ao amanhecer - disse Wellington.

- Nesse caso, milorde, se alguém fizer a gentileza de me mostrar aonde a estrada deverá levar, tomarei providências imediatas.

Pela manhã, a estrada estava assentada. Lorde Wellington cavalgou por ela no Copenhague, seu cavalo preferido, e Strange cavalgou a seu lado no Egípcio, o seu cavalo preferido. Com seu modo resolutivo habitual, Wellington chamou a atenção para as coisas de que ele mais gostava na estrada e as coisas de que não gostava.

- Na verdade, quase nada tenho a criticar. A estrada é excelente! Mas, por favor, faça-a um pouco mais larga amanhã.

Lorde Wellington e Strange concordaram que, como regra, a estrada deveria estar pronta cerca de duas horas antes de o primeiro regimento pisar nela e desaparecer uma hora depois de o último soldado haver passado. Isso para impedir que o Exército francês tirasse proveito das estradas. O sucesso desse plano dependia de os oficiais de Wellington fornecerem a Strange informações precisas sobre o início e o fim da marcha do exército. Claro que tais cálculos nem sempre resultavam corretos. Mais ou menos uma semana após a aparição da primeira estrada, o coronel Mackenzie, do 11º. Regimento de Infantaria, apresentou-se furioso a Lorde Wellington, reclamando que o mago fizera a estrada desaparecer antes que seu regimento a tivesse alcançado.

- Quando chegamos a Celorico, milorde, começou a desaparecer sob nossos pés! Uma hora depois, tinha sumido por completo. Não poderia o mago invocar visões para descobrir o que os vários regimentos estão fazendo? No meu entender, é-lhe fácil fazer isso! Assim, se assegurará de que as estradas não desapareçam antes que todos as tenham percorrido.

Lorde Wellington retrucou com rispidez:

- O mago tem muito que fazer. Beresford necessita de estradas. Eu necessito de estradas. Não posso pedir a Mister Strange que passe o tempo todo olhando para espelhos e bacias d'água a fim de descobrir onde está cada regimento desgarrado. O senhor, coronel Mackenzie, e os seus subordinados devem acompanhar o passo. É tudo.

Pouco depois, o quartel-general britânico recebeu informações secretas sobre algo que sucedera a grande parte do Exército francês, enquanto marchava de Guarda a Sabugal. Uma patrulha fora enviada para inspecionar a estrada que ligava as duas cidades, quando dela se aproximou um português, dizendo que aquela era uma das estradas do mago inglês e que, com certeza, desapareceria dali a umas duas horas, levando todos para o Inferno ou, possivelmente, para a Inglaterra. Assim que esse boato chegou aos ouvidos dos soldados, eles se recusaram a ir pela estrada, que, na verdade, era perfeitamente real e existia por quase mil anos. Em vez disso, os franceses seguiram por uma rota tortuosa através de montanhas e

vales pedregosos que lhes rompeu as botas e esfrangalhou suas roupas, retardando-os por vários dias.

Lorde Wellington não poderia ter ficado mais satisfeito.

30. O livro de Robert Findhelm

Janeiro - fevereiro de 1812

Toda casa de mago, pelo menos é o que se espera, tem lá suas peculiaridades, e o mais peculiar na casa de Mr. Norrell era, sem dúvida, Childermass. Não existia empregado igual em família nenhuma de Londres. Num dia, ele podia ser visto retirando uma xícara suja e farelos de pão da mesa, como um laçao. Noutro, poderia interromper a conversa de almirantes, generais e nobres reunidos numa sala para lhes apontar detalhes sobre os quais julgava estarem equivocados. Numa ocasião Mr. Norrell censurara publicamente o Duque de Devon por falar ao mesmo tempo que Childermass.

Num dia nublado, no fim de janeiro de 1812, Childermass entrou na biblioteca da Praça Hanover onde Mr. Norrell trabalhava e o informou sumariamente de que precisava se ausentar para cuidar de negócios e não sabia quando estaria de volta. Depois, tendo instruído os outros criados da casa sobre o que deveriam fazer em sua ausência, montou no cavalo e partiu.

Nas três semanas que se seguiram, Mr. Norrell recebeu dele quatro cartas: uma de Newark, no condado de Nottingham; uma de York, divisão administrativa leste do condado de York; uma de Richmond, divisão administrativa norte do condado de York; e uma de Sheffield, divisão oeste do condado de York. As cartas, porém, só falavam de trabalho e não esclareciam a razão de sua viagem misteriosa.

Numa noite, na segunda metade de fevereiro, Childermass voltou. Lascelles e Drawlight tinham ido jantar na Praça Hanover e estavam na sala com Mr. Norrell, quando ele entrou. Acabava de vir do estábulo, as botas e os culotes ainda respingando barro, o casaco úmido da chuva.

- Mas por onde andou o senhor? - inquiriu Mr. Norrell.

- Pelo condado de York - respondeu Childermass -, em busca de informações sobre Vinculus.

- Viu Vinculus? - perguntou Drawlight com ansiedade.

- Não, não vi.

- Sabe onde ele está? - perguntou Mr. Norrell.

- Não, não sei.

- Descobriu o livro de Vinculus? - perguntou Lascelles.

- Não, não descobri.

- Ora essa! - exclamou Lascelles. Olhou para Childermass com ar de reprovação. - Se quiser seguir um conselho, Mister Norrell, não permita que Childermass perca mais tempo com Vinculus. Há anos ninguém o vê nem dele ouve falar. Provavelmente está morto.

Childermass sentou-se num sofá como quem tinha todo o direito de fazê-lo e disse:

- As cartas dizem que ele não está morto. As cartas dizem que ainda está vivo e que ainda possui o livro.

- As cartas! As cartas! - bradou Mr. Norrell. - Já lhe falei milhares de vezes como abomino qualquer menção a esses objetos! Faça-me o obséquio de tirá-las desta casa e de jamais voltar a se referir a elas!

Childermass lançou um olhar frio para o patrão.

- Quer ouvir o que apurei ou não? - perguntou.

Mr. Norrell fez que sim com a cabeça, emburrado.

- Ótimo - disse Childermass. - Para seu próprio interesse Mister Norrell, cuidei de estreitar minha relação com todas as esposas de Vinculus. Sempre me pareceu improvável que uma delas não soubesse de alguma coisa que nos pudesse ajudar. Pareceu-me que tudo o que tinha a fazer era acompanhá-las com assiduidade a tavernas, comprar-lhes bastante genebra e deixá-las falar, até que, por fim, uma

delas me revelasse algo. Pois bem, estava certo. Há três semanas, Nan Purvis me contou uma história que finalmente me pôs na pista do livro de Vinculus.

- Qual delas é Nan Purvis? - indagou Lascelles.

- A primeira. Ela me relatou algo ocorrido há vinte ou trinta anos, quando acabara de se casar com Vinculus. Tinham bebido numa taverna. Como haviam gastado todo o dinheiro e ficado sem crédito, era hora de voltar para o quarto de pensão. Foram caminhando cambaleantes pela rua e na sarjeta encontraram uma criatura bem mais embriagada do que eles. Lá estava caído um velho bêbado como um gambá. A água suja escorria pelo rosto e em volta do homem, e só por sorte ele não se afogou. Algo no infeliz chamou a atenção de Vinculus. Parecia-lhe familiar. Aproximou-se e o perscrutou. Depois riu e deu um pontapé violento no velho. Nan perguntou a Vinculus quem era o homem. Vinculus disse que se chamava Clegg. Ela perguntou como o havia conhecido. Irado, Vinculus respondeu que não conhecia Clegg. Disse que jamais o conhecera! Ademais, acrescentou, estava decidido a jamais vir a conhecê-lo! Em suma, não existia ninguém no mundo que ele desprezasse mais do que Clegg! Quando Nan protestou que aquela não era uma explicação muito satisfatória, Vinculus, com relutância, retrucou que o homem era seu pai. Depois disso, recusou-se a falar mais.

- Mas isso relaciona-se com o quê? - indagou Mr. Norrell.

- Por que não perguntou às esposas de Vinculus sobre o livro?

Childermass pareceu se irritar.

- Meu senhor, eu perguntei. Quatro anos atrás. Deve se lembrar que lhe contei. Nenhuma delas sabia nada sobre ele.

Com um aceno exasperado de mão, Mr. Norrell ordenou que Childermass continuasse.

- Meses depois, Nan estava numa taverna, ouvindo com atenção o relato de um enforcamento em York que alguém lia num jornal. Nan gostava de saber sobre enforcamentos, mas se impressionou em especial com esse, pois o nome do homem

executado era Clegg. Isso não lhe saiu da cabeça e à noite contou a Vinculus. Para sua surpresa, soube que ele já estava à par de tudo e que de fato se tratava de seu pai. Vinculus ficou feliz com o enforcamento de Clegg. Disse que merecia o castigo. Disse que Clegg fora culpado de um crime terrível, o pior cometido na Inglaterra nos últimos cem anos.

- Que crime? - perguntou Lascelles.

- De início Nan não conseguia se lembrar - respondeu Childermass. Mas depois de um breve, mas persistente interrogatório, e da promessa de mais genebra, ela se recordou. Clegg roubara um livro.

- Um livro! - exclamou Mr. Norrell.

- Ah, Mister Norrell! - bradou Drawlight. - Deve ser o mesmo livro. O livro de Vinculus!

- E é? - perguntou Mr. Norrell.

- Creio que sim - respondeu Childermass.

- Mas a mulher de Vinculus sabia que livro era? - indagou Mr. Norrell.

- Não, e essa foi a última informação que Nan me deu. Então viajei em direção ao Norte, para York, onde Clegg fora julgado e executado, e examinei os registros das sessões trimestrais do juiz de paz. A primeira coisa que descobri foi que Clegg era originário de Richmond, no condado de York. Ah, sim! - Nesse ponto, Childermass lançou um olhar expressivo para Mr. Norrell. - Vinculus é, ao menos por descendência, natural do condado de York. Clegg começou a vida como funâmbulo em quermesses do Norte, mas funambulismo não é profissão que combine com bebida, e Clegg era um beberrão de primeira... Viu-se obrigado a abandonar a atividade. Voltou para Richmond e se empregou como criado numa fazenda próspera. Lá se saiu muito bem, e sua habilidade impressionou o fazendeiro, que passou a incumbi-lo de mais e mais ocupações. De quando em quando bebia com más companhias e nessas ocasiões não se contentava com a primeira ou a segunda garrafa. Bebia até as torneiras se esgotarem e as adegas se esvaziarem. Embriagava-se durante dias, período em que cometia todo tipo de diabruras...

Roubo, jogatina, brigas, destruição de propriedades... Mas sempre se assegurava de que essas aventuras desenfreadas ocorressem longe da fazenda e sempre tinha desculpas plausíveis para justificar sua ausência, de forma que o patrão, o fazendeiro, nunca desconfiou de que houvesse algo de errado, embora os outros criados soubessem de tudo. O fazendeiro, Robert Findhelm, era um homem sereno, bondoso e respeitável, da espécie que se deixa facilmente iludir por um trapaceiro como Clegg. A fazenda estava com a família por gerações, mas já fora, muito tempo atrás, uma das granjas de Easby Abbey...

Mr. Norrell suspirou fundo e se remexeu irrequieto na cadeira.

Lascelles olhou inquisitivamente para ele.

- Easby Abbey era uma das fundações do Rei Corvo - explicou Mr. Norrell.

- Como Hurtfew - acrescentou Childermass.

- Mesmo?! - fez Lascelles, surpreso. - Surpreende-me que, depois de tudo o que o senhor falou sobre o Rei Corvo, more numa casa tão estritamente ligada a ele.

- O senhor não entende - disse Mr. Norrell com irritação. - estamos nos referindo ao condado de York, ao Reino da Inglaterra do Norte de John Uskglass, onde ele viveu e governou por trezentos anos. Praticamente não existe um vilarejo sequer, um campo sequer que não esteja ligado a ele.

Childermass continuou.

- A família de Findhelm possuía outra coisa que antes pertencera à abadia... Um tesouro que lhes fora dado em custódia pelo último abade e que passara de pai para filho junto com as terras.

- Um livro de magia? - perguntou Norrell, impaciente.

- Se o que me contaram no condado de York for verdadeiro, era mais do que um livro de magia. Era O Livro de Magia. Um livro escrito pelo Rei Corvo e registrado por suas próprias mãos.

Sobreveio um silêncio.

- É isso possível? - perguntou Lascelles a Mr. Norrell.

Mr. Norrell não respondeu. Meditava profundamente, absorto nessa nova, e não de todo agradável, idéia.

Afinal falou, porém mais refletindo em voz alta do que respondendo à pergunta de Lascelles.

- Um livro pertencente ao Rei Corvo, ou por ele escrito, constitui uma das grandes tolices da magia inglesa. Inúmeras pessoas imaginaram tê-lo encontrado ou saber onde estava escondido. Algumas eram homens inteligentes, autores de obras eruditas importantes que desperdiçaram a vida em busca do livro do Rei. O que não significa que tal livro não exista em algum lugar...

- E se existisse? - insistiu Lascelles. - Se fosse descoberto, o que sucederia?

Mr. Norrell abanou a cabeça e não respondeu.

Childermass o fez por ele.

- Então a magia inglesa inteira teria de ser reinterpretada à luz do conteúdo desse livro.

Lascelles ergueu uma sobrancelha.

- Isso é verdade? - indagou.

Mr. Norrell hesitou, dando a impressão de que gostaria muito de dizer que não.

- Acredita que esse era o livro do Rei? - perguntou Lascelles a Childermass. Childermass encolheu os ombros.

- Findhelm por certo acreditava. Em Richmond, encontrei dois homens já idosos que, quando jovens, trabalharam como criados na casa de Findhelm. Disseram que o livro do Rei era o orgulho de sua existência. Fora o primeiro Guardião do Livro, e todos os outros familiares, maridos, genitores, fazendeiros, os segundos. - Childermass fez uma pausa. - A maior honra e o maior fardo de um homem nesta era

- refletiu. - Ao que parece o próprio Findhelm foi um modesto mago teórico. Comprava livros sobre magia e pagava a um mago de Northallerton para ensiná-lo. Uma coisa, entretanto, me pareceu deveras curiosa... Esses dois antigos criados asseguraram que Findhelm nunca lera o livro do Rei e que tinha apenas uma idéia muito vaga de seu conteúdo.

- Ah! – Exclamou Mr. Norrell em voz baixa.

Lascelles e Childermass olharam para ele.

- Então não consegui lê-lo – disse Mr. Norrell. – Bem, isso é muito... – Calou-se e se pôs a roer as unhas.

- Talvez estivesse escrito em latim - opinou Lascelles.

- E por que supõe que Findhelm não soubesse latim? – replicou Childermass com certa irritação. - Só porque era fazendeiro...

- Oh, não foi minha intenção ofender os fazendeiros, asseguro-lhe – riu Lascelles. - A profissão tem lá sua utilidade. Mas fazendeiros não são conhecidos exatamente por sua cultura clássica. Teria essa pessoa sabido ao menos reconhecer latim se o visse?

Childermass retorquiu que sem dúvida Findhelm teria reconhecido latim. Não era um tolo.

Ao que Lascelles retrucou com frieza que nunca afirmara que ele fosse.

A discussão ia ficando acalorada, quando ambos foram silenciados por Mr. Norrell, que, devagar e ponderadamente, disse:

- Quando chegou à Inglaterra pela primeira vez, o Rei Corvo não sabia ler nem escrever. Naquela época, poucas pessoas sabiam, mesmo reis. E o Rei Corvo fora criado numa casa encantada onde não existiam escritos. Nunca vira um antes. Seus novos criados humanos mostraram-lhe alguns escritos e lhe explicaram o propósito deles. Mas na época o Rei Corvo era jovem, muito jovem, talvez não tivesse mais que catorze ou quinze anos. Havia já conquistado reinos em dois mundos distintos e

possuía toda a magia que um mago poderia desejar. Era arrogante e orgulhoso. Não sentia desejo de ler a mente de outros homens. O que eram os pensamentos de outros homens comparados com os dele? Portanto, recusou-se a aprender a ler e a escrever em latim, que era o que os criados almejavam, e, em vez disso, desenvolveu uma escrita própria que lhe preservasse os pensamentos para a posteridade. Suponho que essa escrita refletia o funcionamento de sua mente de forma mais precisa do que o latim teria feito. Isso se deu bem no início. Contudo, à medida que permanecia na Inglaterra, mais ele se transformava, tornando-se menos calado, menos solitário, menos semelhante a um ser sobrenatural e mais semelhante a um ser humano. Por fim, concordou em aprender a ler e a escrever como qualquer homem. Mas não abandonou sua escrita pessoal, as Letras do Rei, como é chamada, e a transmitiu a alguns magos seus prediletos, para que entendessem mais perfeitamente a magia que ele realizava. Martin Pale menciona as Letras do Rei, assim como Belasis, mas nenhum deles nunca viu mais do que um único traço de pena dessa escrita. Se algum escrito sobreviveu, e do próprio punho do Rei, então decerto... - Mr. Norrell silenciou novamente.

- Bem, Mister Norrell - disse Lascelles -, o senhor está surpreendente esta noite! Quanta admiração por um homem que o senhor sempre afirmou detestar e desprezar!

- Minha admiração em nada diminui minha aversão por ele! - retrucou Mr. Norrell, cortante. - Eu disse que ele foi um grande mago. Não disse que foi um grande homem ou que com prazer eu lhe acolhesse a influência sobre a magia inglesa. Ademais, o que o senhor acabou de ouvir foi minha opinião particular; não se presta à divulgação pública. Childermass sabe. Childermass entende.

Mr. Norrell lançou um olhar nervoso a Drawlight, mas este já não acompanhava a conversa havia algum tempo, assim que percebeu que a história de Childermass não dizia respeito a ninguém do mundo moderno, mas somente a fazendeiros e criados bêbados do condado de York. No momento, ocupava-se em lustrar a caixa de rapé com o lenço de bolso.

- Então Clegg roubou o livro? - perguntou Lascelles a Childermass. É isso que o senhor vai nos contar?

- De certo modo. No outono de 1754, Findhelm entregou o livro a Clegg e lhe disse que o levasse a um homem no vilarejo de Bretton, no Peak do condado de Derby, Por quê, não sei. Clegg partiu e no segundo ou terceiro dia de viagem chegou a Sheffield. Parou numa taverna e lá travou relações com um homem, um ferreiro por profissão cuja fama de bebedor era quase tão extraordinária quanto a do próprio Clegg. Deram início a uma competição de bebedeira que se prolongou por dois dias e duas noites. A princípio, começaram a beber apenas para ver quem bebia mais, mas no segundo dia passaram a lançar um ao outro desafios delirantes e malucos. Havia num canto do salão um barril de arenques conservados em sal. Clegg desafiou o ferreiro a andar no chão forrado de arenques. A esta altura formara-se uma platéia, e todos os espectadores e desocupados do lugar despejaram arenques e pavimentaram o soalho com peixes. A seguir, o ferreiro andou de um canto a outro do salão, até o soalho se tornar uma fedorenta mixórdia de polpa de peixe e o ferreiro ficar coberto de sangue da cabeça aos pés como resultado dos tombos que levava. Depois o ferreiro desafiou Clegg a andar na beirada do telhado da taverna. A esta altura fazia um dia que Clegg estava bêbado. O tempo inteiro os espectadores achavam que ele ia cair e quebrar seu pescoço imprestável, mas ele não caiu. Em seguida, Clegg desafiou o ferreiro a assar e comer os sapatos, o que o ferreiro fez; e, por último, o ferreiro desafiou Clegg a comer o livro de Robert Findhelm. Clegg o rasgou em tiras e comeu, pedaço por pedaço.

Mr. Norrell emitiu uma exclamação de horror. Até Lascelles piscou os olhos, surpreso.

- Dias depois - disse Childermass -, quando acordou, Clegg se deu conta do que tinha feito. Foi para Londres e, quatro anos depois, topou com uma criada numa taverna de Wapping, que era a mãe de Vinculus.

- Mas a explicação é clara! – bradou Mr. Norrell. - O livro não se perdeu de modo algum! A história da competição de bebida foi mera invenção de Clegg para esconder de Findhelm a verdade! Na realidade, conservou o livro e o deu a filho! Se pudermos ao menos descobrir...

- Mas por quê? - disse Childermass. - Por que se meteria em tudo isso a fim de obter o livro para um filho que nunca vira e com quem não se preocupava? Ademais,

Vinculus ainda não tinha nascido quando Clegg partiu para o condado de Derby.

Lascelles pigarreou.

- Por esta vez, Mister Norrell, concordo com Mister Childermass. Se Clegg ainda tivesse o livro ou soubesse onde encontrá-lo, então, por certo, ele o teria apresentado no julgamento ou tentado usá-lo para salvar a própria pele.

- E se Vinculus tivesse se beneficiado de alguma forma com o crime do pai? - acrescentou Childermass. - Por que odiava tanto o pai? Por que se alegrou quando foi enforcado? Robert Findhelm estava certo de que o livro fora destruído, isso é claro. Nan me contou que Clegg foi enforcado por roubar um livro, mas Robert Findhelm não o acusou de roubo. A acusação que Findhelm fez contra ele foi de homicídio de livro. Clegg foi o último homem na Inglaterra a ser enforcado por homicídio de livro.

- Então por que Vinculus afirma ter o livro, se o pai o comeu? - Perguntou Lascelles em tom de dúvida. - Isso não é possível.

- De algum modo a herança de Robert Findhelm passou às mãos de Vinculus, mas como isso sucedeu não me atrevo a entender - comentou Childermass.

- E quanto ao homem do condado de Derby? - perguntou Mr, Norrell, de repente. - O senhor disse que Findhelm estava enviando o livro a um homem no condado de Derby.

Childermass suspirou.

- Passei pelo condado de Derby no caminho de volta a Londres. Fui ao vilarejo de Bretton. Três casas e uma taverna no alto de uma colina escavada. Quem quer que tenha sido o homem que Clegg devia procurar, está morto há muito tempo. Nada descobri lá.

**** Homicídio de livro foi o último aditamento feito à lei da magia inglesa. A destruição premeditada de um livro de magia merecia a mesma punição que o*

homicídio de um cristão.

Stephen Black e o cavalheiro de cabelos de algodão estavam sentados no salão de cima do café de Mr. Wharton na Rua Oxford, onde os membros do Peep-O'Day-Boys se reuniam.

O cavalheiro falava, como muitas vezes o fazia, da grande afeição que tinha por Stephen.

- O que me faz lembrar - disse - de que há meses quero lhe apresentar uma desculpa e uma explicação.

- Uma desculpa a mim, senhor?

- Sim, Stephen. O senhor e eu nada mais desejamos neste mundo do que a felicidade de Lady Pole. Entretanto sou obrigado, pelas condições do perverso acordo com o mago, a devolvê-la todas as manhãs à casa do marido, onde lhe cabe passar o longo dia até a noite. Mas, inteligente como o senhor é, por certo deve ter notado que não existem tais restrições à sua pessoa, e creio que se pergunta por que não o levo para a Casa da Esperança Perdida, onde seria feliz para todo o sempre.

- Já me perguntei a respeito, senhor - concordou Stephen. Fez uma pausa porque seu futuro parecia depender da pergunta seguinte. - Existe algo que o impede?

- Sim, Stephen. De certa maneira, existe.

- Entendo - disse Stephen. - Bem, isso é muito lamentável.

- Não gostaria de saber o que é? - perguntou o cavalheiro.

- Ah, sim, senhor! Claro!

- Pois saiba - disse o cavalheiro, assumindo um ar circunspecto e importante bem diferente de sua expressão habitual - que nós, espíritos mágicos, conhecemos

algo do futuro. Muitas vezes o Destino nos escolhe como receptáculo de suas profecias. No passado, ajudamos cristãos a alcançar destinos notáveis e nobres... Júlio César, Alexandre, o Grande, Carlos Magno, William Shakespeare, John Wesley, e assim por diante. Muitas vezes, porém, o conhecimento que temos do porvir é nebuloso e... - O cavaleiro gesticulou intensamente, como se removesse espessas teias de aranha da frente do rosto. - ... Imperfeito. Por meu devotado amor ao senhor, Stephen, segui o rastro da fumaça de cidades incendiadas e campos de batalha, e arranquei entranhas ensangüentadas e gotejantes de homens agonizantes a fim de descobrir seu futuro. O senhor está com efeito destinado a ser rei! Devo acrescentar que isso não me surpreende nem um pouco! Senti fortemente, desde o início, que seria rei, e era improvável que eu estivesse errado. Mas, mais do que isso, creio saber qual será seu reino. A fumaça e as entranhas, e todos os demais sinais, indicam com bastante clareza que será um reino ao qual já se encontra estreitamente ligado.

**** Nem todos os homens ilustres mencionados pelo cavaleiro eram cristãos. Assim como nos referimos a uma grande diversidade de tribos e raças como "seres mágicos", eles comumente nos chamam de "cristãos", sem considerar nossa religião, raça ou época.*

Stephen aguardou.

Mas não percebe? - bradou o cavaleiro, impaciente. – Deve ser a Inglaterra! Não sou capaz de expressar a alegria que senti quando tomei conhecimento dessa importante notícia!

- Inglaterra! - exclamou Stephen.

Sim, de fato! Nada seria mais benéfico para a Inglaterra que tê-lo como rei. O rei está velho e cego, e, quanto a seus filhos, são todos obesos e bêbados! Agora o senhor vê por que não posso levá-lo para Esperança Perdida. Cometeria um grande erro se o tirasse de seu reino legítimo!

Stephen permaneceu calado por um momento, procurando compreender.

- Mas não seria talvez um reino em alguma região da África? - disse afinal. - Quem sabe eu não esteja destinado a voltar para lá e, por algum estranho prodígio, ser reconhecido pelo povo como o descendente de um de seus reis...?

- Talvez - disse o cavalheiro, sem muita convicção. - Mas, não! Não pode ser. Porque, entenda, é um reino em que o *senhor já esteve*. E o senhor nunca esteve na África. Ah, Stephen! Mal vejo a hora em que seu maravilhoso destino se cumpra. Nesse dia unirei meus muitos reinos à Grã-Bretanha, e o senhor e eu viveremos em amizade e fraternidade perfeitas. Pense em como nossos inimigos ficarão desconcertados! Pense em como os magos se deixarão consumir pela ira! Em como amaldiçoarão a si mesmos por não nos terem tratado com mais respeito!

- Mas creio que o senhor se equivoca. Não posso governar a Inglaterra. Não com esta... - Estendeu as mãos diante de si. *Pele negra*, pensou. Em voz alta, continuou: - Somente o senhor, com sua predileção por mim, poderia conceber tal possibilidade. Escravos não se tornam reis, senhor.

- Escravo, Stephen? O que quer dizer?

- Senhor, nasci na escravidão. Como muitos de minha raça. Minha mãe era escrava numa propriedade rural na Jamaica cujo proprietário era o avô de Sir Walter. Quando as dívidas dele chegaram ao ápice, Sir William foi à Jamaica a fim de vender a propriedade... E um dos bens que trouxe de volta consigo foi minha mãe. Ou, melhor dizendo, pretendia trazê-la para ser criada na casa dele, mas durante a viagem ela deu à luz a mim e morreu.

- Ah! - exclamou o cavalheiro, jubiloso. - Pois foi o que eu disse. O senhor e sua estimável mãe foram escravizados pelos cruéis ingleses e humilhados por suas maquinações!

- Bem, sim, senhor. Isso é verdade de certo modo. Mas agora não sou escravo. Ninguém em solo britânico pode ser escravo. O ar da Inglaterra é o ar da liberdade. É motivo de orgulho para os ingleses que assim seja. - *Contudo*, pensou, *escravizam pessoas em outros países*. Em voz alta, disse: - A partir do momento em

que o criado pessoal de Sir William me carregou ainda bebê para fora do navio, eu estava livre.

- Não obstante, devemos puni-los! - bradou o cavalheiro. - Podemos facilmente matar o marido de Lady Pole, depois descerei aos infernos e procurarei o avô dele, e depois...

- Mas não foram Sir William e Sir Walter os responsáveis pela escravidão - objetou Stephen. - Sir Walter sempre se opôs ao comércio de escravos. E Sir William se mostrou bondoso comigo. Ele me batizou e me educou.

- O quê?! Batizou? Até seu nome é uma imposição de seus inimigos? Significando escravidão? Nesse caso, recomendo-lhe com firmeza que o renegue e escolha outro quando subir ao trono da Inglaterra! Que nome sua mãe lhe deu?

- Não sei, senhor. Não estou certo de que tenha me dado um nome.

O cavalheiro estreitou os olhos, como sinal de que meditava intensamente. - Teria sido um tipo estranho de mãe - cismou - se não desse um nome ao filho. Sim, deve haver um nome que seja seu. Que realmente lhe pertença. Isso me é muito claro. O nome pelo qual sua mãe o chamou em seu coração durante os preciosos momentos em que o teve nos braços. Não sente curiosidade de saber que nome foi?

- Por certo, senhor. Mas minha mãe morreu faz muito tempo. Talvez nunca tenha dito esse nome a outra pessoa. Mesmo o nome dela se perdeu. Uma vez, quando menino, perguntei a Sir William como ela se chamava, mas ele já não se lembrava.

- Sem dúvida sabia muito bem, mas não lhe disse por maldade. Só alguém de extrema notabilidade poderia lhe recuperar o nome, Stephen, alguém de rara perspicácia, com talentos extraordinários e incomparável nobreza de caráter. Com efeito, eu. Sim, é o que farei. Como prova de meu amor pelo senhor, descobrirei seu verdadeiro nome!

31. Dezesete Napolitanos Mortos

Abril de 1812 – Junho de 1814

Na época, havia no Exército britânico vários "oficiais exploradores" cuja tarefa era conversar com os habitantes da região, interceptar cartas do Exército francês e estar sempre a par do paradeiro das tropas francesas. A idéia que o leitor tem de uma guerra talvez seja muito romântica, mas os oficiais exploradores de Wellington a superavam em muito. Vadeavam rios ao luar e transpunham cadeias de montanhas sob um sol escaldante. Viviam mais atrás das linhas francesas do que das inglesas e conheciam todos que simpatizassem com a causa britânica.

O mais extraordinário desses oficiais exploradores era, sem dúvida, o major Colquhoun Grant, do 11º. Regimento de Infantaria. Com freqüência os franceses, ao levantarem os olhos do que estavam fazendo, avistavam o major Grant a cavalo, a observá-los do alto de uma colina distante. Ele os estudava pelo telescópio e depois fazia anotações em seu pequeno caderno de apontamentos. Isso os deixava perturbadíssimos.

Numa manhã de abril de 1812, por um grande acaso, o major Grant viu-se entre duas patrulhas cavalarianas francesas. Quando lhe ficou claro que deles não escaparia, abandonou o cavalo e se escondeu numa mata. O major Grant sempre se considerara um soldado, não um espião, e, como soldado, era questão de honra para ele envergar seu uniforme o tempo inteiro. Infelizmente, o uniforme do 11º. Regimento de Infantaria (como o de todos os regimentos de infantaria) era escarlata-vivo e, como o major Grant se escondia entre rebentos verdes de verão, os franceses não tiveram a menor dificuldade em vê-lo.

Para os britânicos, a captura de Grant foi uma calamidade semelhante à perda de toda uma brigada de homens comuns. Lorde Wellington logo enviou mensagens urgentes: algumas a generais franceses, propondo troca de prisioneiros, outras a comandantes da guerrilha, prometendo-lhes dólares em moedas de prata e armas em abundância, se resgatassem Grant. Como as propostas resultaram em nada,

Lorde Wellington viu-se forçado a recorrer a outro plano. Contratou um dos mais famosos e ferozes líderes guerrilheiros, Jeronimo Saornil, para levar Jonathan Strange até o major Grant.

- O senhor verificará que Saornil é um homem assustador - informou Lorde Wellington a Strange antes de ele partir -, mas quanto a isso nada receio, porque, honestamente, Mister Strange, o senhor também é.

Com efeito, Saornil e seus homens constituíam um bando de infames sanguinários. Sujos, malcheirosos, barbados. Levavam sabres e facas no cinturão, fuzis na bandoleira. As roupas e os xairéis cobriam-se de imagens cruéis e implacáveis: caveiras e ossos cruzados; corações cravados em facas; forcas; crucificações em rodas de carroças; corvos bicando corações e olhos, e outros emblemas assim amenos. Essas imagens, à primeira vista, pareciam fabricadas de botões de madrepérola, mas, examinadas de perto, revelavam ser dentes dos franceses que eles haviam matado. Saornil, em especial, tinha tantos dentes presos ao corpo que, ao se movimentar, produzia uma série de sons chocalhantes, como se os franceses mortos ainda batessem os dentes de medo.

Rodeados por esses símbolos e equipamentos da morte, Saornil e seus homens estavam seguros de infundir terror a quem encontrassem pelo caminho. Ficaram, portanto, um pouco desconcertados ao perceberem que, nesse aspecto, o mago inglês os havia sobrepujado, uma vez que levava consigo um esquite. Assim como muitos homens violentos, os guerrilheiros eram também um pouco supersticiosos. Um deles perguntou a Strange o que havia dentro do caixão. Sem lhe dar muita atenção, Strange respondeu que o esquite continha um homem.

Após dias de intensa cavalgada, o bando de guerrilheiros guiou Strange a uma colina que sobranceava a estrada principal e que conduzia para fora da Espanha e para dentro da França. Por essa estrada, garantiram a Strange, com certeza o major Grant e seus captores passariam.

Os homens de Saornil montaram acampamento nos arredores e se puseram à espera. No terceiro dia, viram um grupo grande de soldados franceses vindo pela estrada e, a cavalgar entre eles, de uniforme escarlate, o major Grant. Imediatamente Strange ordenou que abrissem o esquite. Três guerrilheiros pegaram

pés-de-cabra e ergueram a tampa. Em seu interior, encontraram um corpo de cerâmica, uma espécie de manequim feito de argila vermelha e grosseira que os espanhóis usavam para fabricar pratos e jarros de cores vivas. Era de tamanho natural, mas tosco em extremo. Dois buracos representavam os olhos, mas não havia nariz. Estava vestido com esmero, num uniforme de oficial do 11º. Regimento de Infantaria.

**** Guerrilha - Palavra de origem espanhola que significa "pequena guerra". Os guerrilheiros eram grupos espanhóis que montavam a dezenas e milhares, e combatiam e atormentavam as tropas francesas. Alguns eram liderados por ex-soldados e demonstravam um impressionante grau de disciplina militar. Outros eram pouco mais do que bandoleiros e dedicavam grande parte de sua energia tanto a aterrorizar seus infelizes conterrâneos quanto a combater os franceses.*

- Agora - disse Strange a Jeronimo Saornil -, quando os batedores franceses chegarem àquele rochedo, assumo o comando dos homens e os ataque.

Saornil demorou um instante até compreender isso, muito porque Strange falava um espanhol com excentricidades de pronúncia e gramática. Quando por fim entendeu, perguntou:

- Devemos tentar libertar *El Bueno Granto*? (*El Bueno Granto* era o nome do major Grant em espanhol.)

- Claro que não! - respondeu Strange. - Eu cuido de *El Bueno Granto*!

Saornil e seus homens desceram metade da colina, até um lugar em que árvores esparsas formavam uma cortina que os ocultava da estrada. De lá abriram fogo. Os franceses foram pegos de surpresa. Alguns morreram, muitos se feriram. Não havia pedras nem arbustos onde pudessem se esconder, mas a estrada ainda estava defronte deles, a oferecer uma boa oportunidade de deixarem seus

agressores para trás. Depois de alguns minutos de pânico e confusão, os franceses se recuperaram, recolheram os feridos e saíram em fuga.

Os guerrilheiros retornaram à colina, mas sem a convicção de haverem sido bem-sucedidos; afinal, a pessoa de uniforme escarlate ainda estava entre os franceses em retirada. Quando chegaram ao lugar em que haviam deixado o mago, ficaram espantados ao notar que ele não se achava mais sozinho. O major Grant estava com ele. Sentados amigavelmente numa pedra, comiam frango frio e bebiam clarete.

- ... Brighton é muito boa - dizia o major Grant -, mas prefiro Weymouth.

- O senhor me surpreende - comentou Strange. - Eu detesto Weymouth. Lá passei uma das semanas mais desgraçadas de minha vida. Estava terrivelmente apaixonado por uma moça chamada Marianne que me rejeitou por causa de um sujeito que tinha uma propriedade na Jamaica e um olho de vidro.

- Não é culpa de Weymouth - retrucou o major Grant. - Ah, capitán Saornil! - Acenou para o comandante guerrilheiro com uma coxa de frango na mão, numa saudação. - *Buenos días!*

Enquanto isso, os oficiais e os soldados da escolta francesa seguiram em direção à França e, quando chegaram a Bayonne, confiaram o prisioneiro à guarda do chefe da polícia secreta local. O chefe da polícia se adiantou então para saudar o que acreditava ser o major Grant. Ao apertar a mão do major, ficou um tanto desconcertado ao ver o braço todo do prisioneiro se desprender e ficar largado em sua mão. De tão surpreso, deixou-o cair no chão, onde se espatifou em mil pedaços. Voltou-se para oferecer desculpas ao major Grant e ainda mais pasmo ficou ao descobrir enormes rachaduras pretas em todo o rosto do major. A seguir, parte da cabeça do prisioneiro inglês caiu - com o que o homem descobriu que o major era completamente oco por dentro - e dali a instantes ele se desfez inteiro em pedaços, como o corpo de Humpty-Dumpty em *Mother Goose's Melody*.

No dia 22 de julho, Wellington combateu os franceses nos arredores da antiga cidade universitária de Salamanca. Foi a vitória mais decisiva conquistada por um exército britânico em anos recentes.

Nessa noite, o Exército francês fugiu pelos bosques ao sul de Salamanca. Enquanto corriam, os soldados olharam para o alto e ficaram pasmos ao ver revoadas de anjos descendo por entre as árvores escuras. Os anjos brilhavam com uma luz ofuscante. As asas eram brancas como asas de cisnes, os mantos tinham as cores iridescentes da madrepérola, de escamas de peixe ou do céu antes de um raio sobrevir. Seguravam nas mãos lanças flamejantes e seus olhos reluziam com uma fúria divina. Voavam por entre as árvores com uma rapidez espantosa e brandiam as lanças ante o rosto dos franceses.

Vários soldados, tomados pelo terror, correram de volta em direção à cidade, ao Exército britânico que os perseguia. Um grande número deles estava por demais atônito para fazer outra coisa que não parar e olhar. Um homem, mais corajoso e mais decidido que os demais, tentou entender o que ocorria. Parecia-lhe de todo improvável que a Providência tivesse de súbito se aliado aos inimigos dos franceses; afinal, não se tinha conhecimento de tal fato desde os tempos do Velho Testamento. Notou que, conquanto ameaçassem os soldados com lanças, os anjos não os atacavam. Esperou que um anjo investisse contra ele e então enterrou nele seu sabre. A arma não encontrou resistência - nada exceto ar vazio. Tampouco o anjo mostrou qualquer sinal de ferimento ou choque. Sem demora o francês gritou a seus compatriotas que não havia o que temer; os anjos não passavam de ilusões produzidas pelo mago de Wellington; não lhes fariam mal algum.

Os soldados franceses continuaram por aquele caminho, perseguidos pelos anjos fantasmiais. Ao saírem dos bosques, deram na margem do rio Tormes. Uma antiga ponte atravessava o rio, levando à cidade de Alba de Tormes. Por um erro da parte de um dos aliados de Lorde Wellington, a ponte fora deixada totalmente desprotegida. Os franceses a atravessaram e escaparam pela cidade.

Poucas horas depois do amanhecer, Lorde Wellington, muito cansado, atravessou a cavalo a ponte de Alba de Tormes. Acompanhavam-no três cavalheiros:

o coronel De Lancey, quartel-mestre auxiliar do Exército; um jovem bem-apessoado de nome Fitzroy Somerset, secretário militar de Lorde Wellington; e Jonathan Strange. Estavam todos empoeirados, marcados pela guerra e sem dormir havia dias. Tampouco existia a possibilidade de que pudessem vir a fazê-lo tão cedo, pois Wellington estava resolvido a continuar perseguindo os franceses em fuga.

A cidade, com suas igrejas, conventos e edifícios medievais, destacava-se com perfeita nitidez contra o céu opalescente. Não obstante a hora (não passava muito das cinco e meia), Alba de Tormes já havia despertado. Os sinos tocavam para comemorar a derrota dos franceses. Multidões de abatidos soldados britânicos e portugueses enchiam as ruas, e os habitantes da cidade saíam das casas para com insistência lhes oferecer pães, frutas e flores. Carretas transportando feridos alinhavam-se contra um muro, enquanto o oficial encarregado enviava homens à procura do hospital e de lugares que os acolhessem. Enquanto isso, cinco ou seis freiras de rosto franco e aspecto competente chegavam de um dos conventos e se misturavam entre os feridos, dando-lhes goles de leite fresco em canecas de estanho. Garotos que ninguém conseguia persuadir a permanecer na cama saudavam alegremente cada soldado que via e de improviso formavam marchas da vitória atrás dos que não pareciam se importar com isso.

Lorde Wellington olhou em volta.

- Watkins! - bradou, chamando um soldado de uniforme da artilharia.

- Sim, milorde? - respondeu o homem.

- Watkins, estou atrás do meu café-da-manhã. Por acaso não viu meu cozinheiro?

- Milorde, o sargento Jefford disse que viu seu pessoal indo para o castelo. - Obrigado, Watkins - disse Sua Excelência, e se foi cavalgando com seu destacamento.

O Castelo de Alba de Tormes não era propriamente um castelo. Anos antes, no começo da guerra, os franceses lhe fizeram cerco e, exceto por uma torre, não passava agora de ruínas. Aves e criaturas selvagens construíram ninhos e tocas

onde outrora os duques de Alba viveram rodeados de luxos inimagináveis, Os belos murais italianos que haviam dado fama ao castelo mostravam-se agora bem menos imponentes, pois os tetos tinham se deteriorado e cedido sob os violentos afagos da chuva, do granizo, da saraiva e da neve. À sala de jantar faltavam algumas comodidades; estava a céu aberto e no centro dela crescia um vidoeiro novo. Isso, porém, não perturbava nem um pouco os criados de Lorde Wellington, acostumados a servir refeições a Sua Excelência em lugares ainda mais estranhos. Puseram uma mesa sob o vidoeiro e a cobriram com uma toalha branca. No momento em que Wellington e seus companheiros chegavam ao castelo, estavam começando a distribuir pela mesa pratos com pãezinhos, fatias de presunto espanhol, tigelas de abricós e pires com manteiga fresca. O cozinheiro de Wellington apressou-se a fritar peixe e rins apimentados, e a fazer café.

Os quatro cavalheiros sentaram-se. O coronel De Lancey afirmou que mal conseguia se lembrar de quando fizera a última refeição. Alguém mais concordou e, em seguida, todos se entregaram silenciosamente à séria atividade de comer e beber.

Começavam a se sentir um pouco mais eles mesmos e já se mostravam mais conversadores, quando o major Grant chegou.

- Ah, Grant! - disse Lorde Wellington. - Bom dia. Sente-se. Coma alguma coisa.

- Daqui a pouco, milorde. Primeiro, tenho uma notícia para lhe dar. Bastante surpreendente. Parece que os franceses perderam seis canhões.

- Canhões? - replicou Sua Excelência sem muito interesse. Serviu-se de um pãozinho e de rins apimentados. - Claro que perderam canhões. Somerset - disse, dirigindo-se ao secretário militar -, quantos canhões franceses capturei ontem?

- Onze milorde.

- Não, não, milorde - retrucou o major Grant. - Desculpe-me, mas me entendeu mal. Não me refiro aos canhões capturados durante a batalha. Refiro-me aos que nunca estiveram nela. Tinham sido enviados pelo general Caffarelli, no Norte, ao Exército francês. Mas não chegaram a tempo para a batalha. Na verdade, nunca

chegaram. Sabendo que o senhor se encontrava nas proximidades, milorde, e a assediar os franceses, o general Caffarelli ficou ansioso por entregá-los com a máxima urgência. Formou uma escolta com os primeiros trinta soldados à disposição. Bem, milorde, ele agiu às pressas e depois teve tempo de se arrepender, porque, ao que parece, dez dos trinta soldados eram napolitanos.

- Napolitanos! Mesmo? - replicou Sua Excelência.

De Lancey e Somerset trocaram olhares de satisfação e até mesmo Jonathan Strange sorriu.

A verdade era que, não obstante Nápoles fizesse parte do império francês, os napolitanos detestavam os franceses. Os jovens de Nápoles eram obrigados a lutar no exército de Napoleão, mas aproveitavam todas as oportunidades para desertar, muitas vezes fugindo em direção ao inimigo.

- Mas e os outros soldados? - Perguntou Somerset. - Decerto temos de pressupor que impedirão os napolitanos de causar muitos danos!

- É tarde demais para os outros soldados fazerem alguma coisa disse o major Grant. - Morreram todos. Vinte pares de botas francesas e vinte uniformes franceses estão, neste momento, pendurados na loja de um comerciante de roupas usadas em Salamanca. Os sobretudos exibem talhos compridos nas costas, como se feitos por um estilete italiano, e todos estão cobertos manchas de sangue.

- Então os canhões caíram nas mãos dos desertores italianos, é isso? - Perguntou Strange. - O que eles vão fazer? Começar uma guerra particular?

Não, não! - respondeu Grant. - Vão vendê-los para quem lhes oferecer mais. Para Lorde Wellington ou para o general Castanos. (Este era o nome do general responsável pelo Exército espanhol).

- Somerset! - bradou Sua Excelência. - Quanto devo dar por seis canhões franceses? Quatrocentos dólares?

- Ah, milorde, decerto vale quatrocentos dólares fazer os franceses sentirem as conseqüências de sua insensatez. Mas não entendo por que os napolitanos não

entraram em contato conosco. O que estariam esperando?

- Acho que tenho a resposta para isso - disse o major Grant. - Quatro noites atrás, dois homens se encontraram secretamente num pequeno cemitério numa encosta próxima a Castrejon. Trajavam uniformes franceses rotos e se comunicavam numa espécie de italiano. Conferenciaram um pouco e, ao se separarem, um seguiu para o Sul, na direção do Exército francês em Cantalapiedra, e o outro para o Norte, na direção de Duero. Milorde, creio que os desertores napolitanos estão enviando mensagens a seus conterrâneos para que se juntem a eles. Penso que acreditam que, com o dinheiro que o senhor ou o general Castanos lhes der em troca das armas, poderiam voltar para Nápoles num navio dourado. É provável que entre eles não haja um só homem que não tenha um irmão ou um primo em algum regimento francês. Não querem voltar para seu país e enfrentar mães e avós sem levar consigo seus parentes.

- Sempre ouvi falar que as mulheres italianas são muito impetuosas - concordou o coronel De Lancey.

- Tudo o que temos a fazer, milorde - continuou o major Grant -, é encontrar alguns napolitanos e interrogá-los. Estou convencido de que comprovaremos que sabem onde estão os ladrões e as armas.

- Há algum napolitano entre os prisioneiros de ontem? - inquiriu Wellington.

O coronel De Lancey mandou um homem investigar.

- Claro - continuou Wellington, pensativo – que para mim seria muito melhor não pagar. Merlin! (Era assim que chamava Jonathan Strange,) Se nos fizer a bondade de evocar uma visão dos napolitanos, talvez tenhamos uma idéia de onde eles e as armas se encontram. Depois poderíamos simplesmente ir apanhá-los!

- Talvez - disse Strange.

- Parece-me provável que haja uma montanha de contorno estranho ao fundo - disse Sua Excelência, animado. - Ou um vilarejo com uma inconfundível torre de igreja. Um dos guias espanhóis logo reconhecerá o lugar.

- É provável - disse Strange.

- Não parece ter certeza.

- Desculpe-me, milorde, mas, como penso ter dito antes, visões são precisamente o tipo errado de magia para esse tipo de coisa!

- Bem, tem algo melhor para sugerir? - indagou Sua Excelência.

- Não, milorde. No momento, não.

- Então está decidido! - exclamou Lorde Wellington. - Mister Strange, o coronel De Lancey e o major Grant podem concentrar a atenção na descoberta dessas armas. Somerset e eu vamos incomodar os franceses. - A maneira vivaz com que Sua Excelência falou sugeria que ele esperava que todas essas coisas começassem a acontecer logo. Strange e os cavalheiros do Estado-Maior engoliram o restante do café-da-manhã e foram se ocupar das várias tarefas.

**** Jonathan Strange a John Secundus, Madri, 20 de agosto de 1812.*

"Toda vez que é preciso localizar alguém ou alguma coisa, Lorde Wellington insiste em me pedir que evoque uma visão. Nunca dá certo. O Rei Corvo e os outros Áureos possuíam uma espécie de magia para encontrar coisas e pessoas. No meu entender, começaram com uma bacia de prata cheia d'água, dividindo sua superfície em quartos com linhas de luz cintilante. (A propósito, John, não posso de fato acreditar que esteja enfrentando dificuldades, como disse, para criar essas linhas. Não sei como descrever essa magia de forma ainda mais clara. As linhas são as coisas mais simples do mundo!). Os quartos representam o Céu, o Inferno, a Terra e o Reino Encantado. Ao que parece, usa-se um encantamento de escolha para determinar em qual dessas regiões a pessoa ou a coisa será localizada, mas como proceder a partir daí não faço a menor idéia, tampouco Norrell. Se ao menos eu estivesse de posse dessa magia! Wellington ou os oficiais estão sempre me incumbindo de tarefas que não sei executar ou que me vejo obrigado a deixar pela metade por não a possuir. Sinto falta dela quase todos os dias. Entretanto, não

tenho tempo para experimentos. Por isso, John, ficaria imensamente grato se pudesse reservar algum tempo para tentar esse encantamento e me informasse imediatamente em caso de êxito”.

Nada há nos papéis remanescentes de John Secundus que sugira que ele tenha obtido algum êxito nas tentativas de reconstituir essa magia. No entanto, no outono de 1814 Strange se deu conta de que uma passagem de Revelações de trinta e seis outros mundos, de Paris Ormskirk - que por muito tempo julgou-se ser a descrição de um versinho usado pelos pastores para contar seu rebanho - era de fato uma versão deturpada desse encantamento. Em fins de 1814 tanto Strange quanto Mr. Norrell praticavam essa magia com segurança.

Por volta do meio-dia, Lorde Wellington e Fitzroy Somerset estavam montados em seus cavalos numa crista miúda perto do vilarejo de Garcia Hernandez. Na planície pedregosa abaixo, várias brigadas dos dragões britânicos preparavam-se para atacar alguns esquadrões da cavalaria que formavam a retaguarda do Exército francês.

Neste preciso momento o coronel De Lancey subiu a cavalo.

- Ah, coronel! - disse Lorde Wellington. - Encontrou para mim algum napolitano?

Não há napolitanos entre os prisioneiros, milorde - respondeu De Lancey. - Mas Mister Strange sugeriu que procuremos entre os mortos no campo de batalha de ontem. Por meios mágicos, identificou dezessete cadáveres de napolitanos.

- Cadáveres! - exclamou Lorde Wellington, surpreso, abaixando o telescópio. - Mas para que ele quer cadáveres?

- Foi o que lhe perguntamos, milorde, mas ele se mostrou evasivo e não respondeu. Entretanto, pediu que se ponham os mortos em lugar seguro, onde não se percam nem sejam importunados.

- Bem, creio que não se pode empregar um mago e depois reclamar que ele não se comporta como qualquer outra pessoa - disse Wellington.

Nesse momento, um oficial que estava por perto gritou que os dragões tinham instigado os cavalos a ir a galope e em breve atacariam os franceses. As excentricidades do mago foram logo esquecidas; Lorde Wellington levou o telescópio ao olho e os homens voltaram a atenção para a batalha.

Strange, entretanto, tinha deixado o campo de batalha e se dirigido ao castelo de Alba de Tormes. Na torre de armaria (o único lugar do castelo ainda em pé), descobriu um cômodo que ninguém usava e havia se apropriado dele. Ali se espalhavam os quarenta livros de Norrell. Ainda estavam de certa forma inteiros, embora uns parecessem inegavelmente danificados. O chão se cobria de cadernos de notas e pedaços de papel com fragmentos de encantamentos e cálculos rabiscados por Strange. Numa mesa, no centro do cômodo, havia uma tigela de prata rasa e larga, cheia d'água. As venezianas haviam sido bem fechadas e a única luz no cômodo irradiava da tigela de prata. Tudo considerado, era um verdadeiro antro de mago, e a bela criada espanhola que a intervalos regulares levava café e biscoitos de amêndoas estava bastante apavorada e saía correndo sempre depois de depositar as bandejas.

Um oficial do 18º. Regimento dos hussardos, de nome Whyte, chegara para auxiliar Strange. O capitão Whyte morara algum tempo na embaixada britânica em Nápoles. Era perito em idiomas e entendia perfeitamente o dialeto napolitano.

Strange não teve dificuldade de invocar as visões, mas, como bem previra, elas lhe forneceram pistas escassas do local onde se achavam os homens. As armas, descobriu, estavam semi-ocultas atrás de umas pedras amarelo-claras - pedras que se alastravam generosamente por toda a península Ibérica - e os homens, acampados num aglomerado de oliveiras e pinheiros - a espécie de mata densa que podia ser vista ao lançar os olhos em qualquer direção.

Postado ao lado de Strange, o capitão Whyte traduzia para um inglês conciso e claro tudo o que os napolitanos diziam. Entretanto, embora houvessem fitado a tigela prateada o dia inteiro, pouco descobriram. Um homem que se sente faminto a dezoito meses, que não vê a esposa ou a namorada por dois anos e que passou os últimos quatro meses a dormir na lama e nas pedras tende a ficar com a capacidade de conversação um tanto embotada. Os napolitanos tinham muito pouco a se dizer e

o que diziam concernia sobretudo à comida que desejavam comer, aos encantos de suas mulheres e namoradas ausentes que desejavam estar desfrutando e aos macios colchões de penas nos quais gostariam de dormir.

Durante metade da noite e grande parte do dia seguinte, Strange e o capitão Whyte permaneceram na torre de armaria, ocupados com o tedioso trabalho de observar os napolitanos. Perto do anoitecer do segundo dia, um ajudante-de-ordens chegou com uma mensagem de Wellington. Sua Excelência havia montado o quartel-general num lugar chamado Flores de Ávila, e Strange e o capitão tinham sido convocados para lá servi-lo. Então empacotaram os livros e a tigela de Strange, recolheram outros pertences e puseram-se a caminho pelas estradas quentes e poeirentas.

Flores de Ávila revelou-se um lugar ignorado; nenhum dos homens e mulheres espanhóis que o capitão Whyte interpelou tinham ouvido falar dele. Porém, quando dois dos mais notáveis exércitos da Europa acabam de passar por uma estrada, é inevitável que deixem sinais dessa passagem; Strange e o capitão Whyte concluíram que o melhor a fazer era seguir o rastro de equipamentos abandonados, carretas quebradas, cadáveres e melros com que haviam se banquetado os exércitos. Contra um fundo de planícies desertas e forradas de pedras, essas cenas lembravam, mais do que outra coisa, imagens do Inferno numa pintura medieval e motivaram Strange a tecer vários comentários pessimistas a respeito do horror e da futilidade da guerra. O capitão Whyte, soldado profissional, normalmente se sentiria inclinado a apresentar argumentos contrários, mas, impressionado também com o caráter sombrio do ambiente, limitou-se a observar: “É verdade, senhor”. É verdade.

De um soldado, porém, não se espera que prolongue demais tais assuntos. Sua vida é repleta de privações e ele deve extrair prazer de onde puder. Conquanto leve algum tempo refletindo sobre as crueldades que vê, basta juntá-lo a seus camaradas que seu ânimo logo se levanta. Strange e o capitão Whyte chegaram a Flores de Ávila por volta das nove horas e depois de cinco minutos já estavam saudando os amigos calorosamente, ouvindo os últimos mexericos sobre Lord Wellington e fazendo um sem-número de perguntas sobre a batalha do dia anterior - outra derrota dos franceses. Mal se podia imaginar que tivessem presenciado qualquer cena angustiante nos últimos doze meses.

O quartel-general fora montado numa igreja em ruínas numa encosta acima do vilarejo, e era lá que Lorde Wellington, Fitzroy Somerset, o coronel De Lancey e o major Grant os esperavam.

Embora houvesse vencido duas batalhas em questão de dias, Lorde Wellington não se apresentava no melhor de seu humor. O Exército francês, famoso em toda a Europa pela rapidez de sua marcha, lhe escapara e se encontrava agora a caminho de Valladolid e da segurança.

- Para mim é um mistério total como marcham com tal rapidez – queixou-se. - Daria tudo para alcançá-los e destruí-los. Mas este é o único exército que tenho, não posso desgastá-lo.

- Recebemos notícia dos napolitanos e das armas - informou o major Grant a Strange e ao capitão Whyte. - Pedem cem dólares por peça. Seiscentos dólares ao todo.

- O que é muito - disse Sua Excelência, sucintamente. - Mister Strange, capitão Whyte, espero que me tragam boas notícias.

- Não exatamente, milorde - disse Strange. - Os napolitanos estão num bosque. Mas não faço idéia de onde fica. Não sei bem como prosseguir. Esgotei tudo o que sei.

- Então trate de aprender algo bem depressa!

Por um momento pareceu que Strange daria uma resposta furiosa a Sua Excelência, mas ele pensou melhor, suspirou e perguntou se os dezessete napolitanos mortos continuavam em lugar seguro.

- Estão no campanário - respondeu o coronel De Lancey -, sob a responsabilidade do sargento Nash. Qualquer que seja a serventia deles, aconselho a usá-los logo. Duvido que durem muito mais neste calor.

- Agüentarão mais uma noite - replicou Strange. - As noites estão frias. - Depois se virou e saiu da igreja.

Os oficiais de Wellington observaram-no se afastar com certa curiosidade.

- Sabem - disse Filzroy Somerset -, não consigo deixar de me perguntar o que ele fará com esses dezessete cadáveres.

- Seja o que for - disse Wellington, mergulhando a pena na tinta e começando a escrever uma carta para os ministros em Londres -, pensar nisso não lhe dá prazer. Está fazendo o que pode para evitá-lo.

Nessa noite Strange realizou uma magia que nunca antes tentara. Experimentou entrar nos sonhos do grupo de napolitanos. Nisso obteve êxito.

Um homem sonhou que era perseguido até o alto de uma árvore por uma perna de cordeiro assada. Ficou na árvore, a chorar de fome, enquanto a perna de cordeiro corria em círculos e o cutucava de forma ameaçadora com a ponta do osso. Pouco depois, à perna de cordeiro se juntaram cinco ou seis ovos cozidos maldosos que cochichavam as mais desagradáveis mentiras a respeito dele, Outro homem sonhou que, enquanto caminhava por um pequeno arvoredo, deparou com a mãe morta. Ela lhe disse que acabara de espiar dentro de uma toca de coelho e no fundo dela vira Napoleão Bonaparte, o rei da Inglaterra, o papa e o czar da Rússia. O homem entrou na toca para ver, mas, ao chegar ao fundo, descobriu que Napoleão Bonaparte, o rei da Inglaterra, o papa e o czar da Rússia eram na verdade uma mesma pessoa, um homem enorme e inchado, tão grande como uma igreja, com dentes de ferro enferrujado e rodas de carroça em chamas no lugar dos olhos. "Ah!", escarneceu o ogro, "não pensou que fôssemos de fato pessoas diferentes, pensou"? Enfiou a mão num caldeirão fervente perto dele, tirou de lá o filhinho do homem que sonhava e o devorou. Em resumo, os sonhos dos napolitanos, embora interessantes, não eram muito esclarecedores.

Na manhã seguinte, por volta das dez horas, Lorde Wellington estava sentado a uma escrivaninha improvisada no presbitério da igreja arruinada. Ergueu os olhos ao ver Strange entrar na igreja.

- Então? - perguntou.

Strange suspirou e disse:

- Onde está o sargento Nash? Preciso dele para trazer os corpos. Com sua permissão, milorde, tentarei uma magia de que uma vez ouvi falar.

**** Strange a conhecia como uma das magias praticadas pelo Rei Corvo. A maioria delas era misteriosa, bonita e sutil, por isso surpreende um pouco saber que ele se servisse de um encantamento tão brutal.*

Em meados do século XIII, vários inimigos do Rei procuraram formar uma aliança contra ele. Muitos deles eram conhecidos seus: o rei da França, o rei da Escócia, e ainda inúmeros seres mágicos desleais que se auto-atribuíam títulos grandiosos e que talvez, ou talvez não, tenham governado os vastos territórios que se arrogavam. Havia também outros personagens mais misteriosos, mas ainda maiores. Durante boa parte de seu reinado, o Rei estabelecera boas relações com a maioria dos anjos e demônios, mas depois espalhou-se o boato de que ele tinha se desavindo com dois deles: Zadkiel, que governava Misericórdia, e Alrinach, que governava Naufrágio.

Ao que parece, o Rei não se preocupava muito com as atividades da aliança. Mostrou-se mais interessado, porém, quando determinados portentos mágicos pareciam indicar que um de seus próprios pares se unira a seus inimigos e tramava contra ele. O homem de quem suspeitava era Robert Barbatus, Conde de Wharfdale, um homem tão conhecido por seus modos astutos e manipuladores que recebera o apelido de Raposa. Aos olhos do Rei, não havia maior crime do que a traição.

Quando o filho mais velho de Raposa, Henry Barbatus, morreu de febre, o Rei Corvo removeu seu corpo da sepultura e lhe devolveu a vida para que contasse o que sabia, Thomas de Dundale e William Lanchester sentiam profunda repulsa por esse tipo de magia e rogaram ao Rei que se servisse de outros meios. Mas, como ele estava implacavelmente irado, não conseguiram dissuadi-lo. Havia uma centena de outras magias de que ele poderia ter se utilizado, mas nenhuma tão rápida ou tão direta como essa, e, como a maioria dos grandes magos, o Rei Corvo não era senão um prático.

Conta-se que, em sua fúria, o Rei Corvo espancou Henry Barbatus. Em vida, Henry fora um jovem esplêndido, admirado por seu belo rosto e modos graciosos, e

muito temido por sua bravura cavalheiresca. Que tal cavaleiro nobre fosse reduzido a um boneco covarde e lamurioso pela magia do Rei, enraiveceu William Lanchester e foi a causa de uma rixa ferrenha entre os dois que se prolongou por vários anos.

De imediato se espalhou no quartel-general a notícia de que o mago faria algo com os napolitanos mortos. Flores de Ávila era um lugar minúsculo, com quase não mais do que cem moradias. A noite anterior resultara deveras aborrecida para um exército de jovens que acabara de conquistar uma grande vitória e se sentia inclinado à celebração, por isso considerava-se extremamente provável que a magia de Strange se convertesse no melhor entretenimento do dia. Uma pequena multidão de oficiais e homens logo se formou para assisti-la.

Na igreja havia um terraço de pedras que sobranceava um estreito vale e uma vista de montanhas altaneiras e pálidas. Vinhas e olivais cobriam declives. O sargento Nash e seus homens tiraram os dezessete cadáveres do campanário e os puseram sentados contra um muro baixo que ficava na beirada do terraço.

Strange percorreu a fileira, olhando um por um.

- Creio que o avisei - disse ao sargento Nash - de que não queria que ninguém violasse os cadáveres.

O sargento Nash se indignou.

- Estou seguro, senhor - retrucou -, de que nenhum dos nossos rapazes tocou neles. Mas, milorde - disse, recorrendo a Lorde Wellington -, quase não havia um só cadáver no campo de batalha a quem as tropas irregulares espanholas não tivessem feito alguma coisa... - Discorreu sobre os vários defeitos nacionais dos espanhóis e concluiu que, se um homem dormisse onde um espanhol o descobrisse, ele se arrependeria disso ao acordar.

Lorde Wellington acenou com impaciência, para fazer o homem se calar.

- Não me parece que estejam muito mutilados - disse a Strange. - Importa, se estiverem?

Strange murmurou sinistramente que supunha que não, mas que precisava examiná-los.

Com efeito, grande parte dos ferimentos exibidos pelos napolitanos parecia ser os que lhes haviam causado a morte, mas todos os corpos estavam despídos, e os dedos das mãos de vários deles haviam sido cortados, para melhor se removerem os anéis. Um deles fora um jovem bem-apeesoado, mas sua beleza estava bastante desfigurada depois de lhe haverem arrancado os dentes (para fazer uma dentadura) e cortado quase toda a cabeleira preta (para fazer uma peruca).

Strange disse a um homem que fosse buscar uma faca afiada e ataduras limpas. Quando o homem lhe trouxe a faca, ele tirou o casaco e arregaçou a manga da camisa. A seguir, começou a murmurar em latim. Depois fez um corte fundo e comprido no próprio braço, e, quando saiu um bom e forte esguicho de sangue, salpicou com ele a cabeça dos cadáveres, cuidando de untar olhos, língua e narinas de cada um. Após um momento, o primeiro cadáver se levantou. Houve um horrível som áspero enquanto os pulmões ressequidos se enchiam de ar e os membros se sacudiam de uma forma que afligia o olhar. Em seguida, um por um os cadáveres ressuscitaram e começaram a falar num idioma gutural que continha uma porção bem maior de gritos do que qualquer outro idioma que os circunstantes conheciam.



Até Wellington pareceu empalidecer um pouco. Somente Strange aparentemente não demonstrou emoção.

- Meu Deus! - Exclamou Fitzroy Somerset. - Que língua é essa?

- Creio ser um dos dialetos do Inferno - respondeu Strange.

- Mesmo? - replicou Somerset. - Bem, é extraordinário.

- Aprenderam bem depressa - comentou Lorde Wellington, - Faz apenas três dias que estão mortos. - Admirava pessoas que agiam prontamente e de forma prática, - O senhor fala esse idioma? - perguntou a Strange.

- Não, milorde.

- Então como vamos conversar com eles?

Em resposta, Strange agarrou a cabeça do primeiro cadáver, abriu-lhe as mandíbulas tagarelas e cuspiu dentro de sua boca. De imediato ele começou a falar em seu idioma nativo, terreno – um forte dialeto napolitano, que, para a maioria das pessoas, era tão impenetrável e quase tão horrendo como o idioma que falava antes. A vantagem, porém, é que o capitão Whyte o compreendia perfeitamente.

Com a ajuda do capitão, o major Grant e o coronel De Lancey interrogaram os napolitanos mortos e ficaram muito satisfeitos com as respostas que obtiveram. Na condição de mortos, os napolitanos estavam infinitamente mais ansiosos por agradar os interrogadores do que qualquer informante vivo estaria. Ao que parecia, pouco antes de morrer na batalha de Salamanca, cada um desses infelizes recebera uma mensagem de seus conterrâneos escondidos nas matas, informando-os da captura dos canhões e lhes dizendo que rumassem para um vilarejo a algumas milhas ao norte da cidade de Salamanca. Dali poderiam encontrar facilmente o caminho para a mata seguindo os sinais secretos marcados com giz em árvores e penedos.

O major Grant reuniu um pequeno destacamento da cavalaria e, dias depois, voltou com as armas e os desertores. Wellington ficou satisfeitíssimo.

Lamentavelmente, Strange não foi capaz de descobrir um encantamento que enviasse os napolitanos mortos de volta a seu sono impiedoso. Fez várias tentativas, mas todas apresentaram poucos resultados, exceto uma que fez os dezessete cadáveres crescerem de repente, até alcançarem seis metros de altura e ficarem estranhamente transparentes, como enormes reproduções de si mesmos pintadas em estandartes de musselina fina. Quando Strange lhes devolveu o tamanho normal, o problema do que fazer com eles persistia.

A princípio, foram colocados com os outros prisioneiros franceses. Mas estes se queixaram alto e bom som por estarem sendo confinados com tais aberrações de andar trôpego e arrastado. ("De fato", comentou Lorde Wellington, enquanto observava os cadáveres com desgosto, "não se pode culpá-los").

Assim, quando os prisioneiros foram enviados para a Inglaterra, os napolitanos mortos permaneceram com o Exército. Durante todo o verão, viajaram numa carreta puxada a boi e, por ordem de Lorde Wellington, foram agrilhoados. Os grilhões destinavam-se a lhes tolher os movimentos e mantê-los num mesmo lugar, mas como

os napolitanos mortos não temiam dor - na verdade não pareciam senti-la -, não lhes era problema se libertarem dos grilhões, às vezes deixando para trás pedaços de si mesmos. Uma vez libertos, procuravam Strange e começavam a lhe suplicar, da forma mais lastimosa imaginável, que lhes devolvesse a plenitude da vida. Tinham estado no Inferno e não ansiavam voltar para lá.

**** Para pôr fim à "vida" de um cadáver, se lhe arrancam os olhos, a língua e o coração.*

Em Madri, o artista espanhol, Francisco Goya, fez um desenho sépia de Jonathan Strange rodeado de napolitanos mortos. Strange está sentado no chão. Seu olhar é de desânimo, os braços pendendo ao lado do corpo, numa postura de impotência e desespero. Os napolitanos estão reunidos a sua volta; alguns olham famintos para ele, outros trazem expressões de súplica no rosto; um estende um dedo hesitante querendo tocar a parte de trás de seu cabelo. Desnecessário dizer, é um retrato bastante diferente de qualquer outro de Jonathan Strange.

No dia 25 de agosto, Lorde Wellington ordenou que os napolitanos mortos fossem destruídos.

Strange estava um pouco receoso de que Mr. Norrell tomasse conhecimento da magia que ele fizera na igreja em ruínas de Flores de Ávila. Não fez menção a ela nas cartas que escreveu e pediu a Lorde Wellington que a omitisse em seus despachos.

- Ah, sem dúvida! - disse Sua Excelência. Além do quê, Lorde Wellington não tinha nenhuma vontade especial de escrever sobre magia. Detestava lidar com coisas que não entendia perfeitamente. - Mas isso não será de grande valia - ressaltou. - Todo homem daqui que tenha escrito uma carta para casa nos últimos cinco dias decerto fez um relato completo sobre ela aos amigos.

- Eu sei - replicou Strange, constrangido -, mas as pessoas sempre exageram o que faço. É possível que lá na Inglaterra, depois de as pessoas desconsiderarem

os adornos de praxe, minha magia já não parecerá tão notável. Simplesmente vão imaginar que curei um punhado de napolitanos feridos ou algo assim.

**** Quanto aos soldados italianos mortos, só posso dizer que lamentamos profundamente tal crueldade para com homens que já haviam sofrido tanto. Mas fomos obrigados a agir daquela forma. Foi impossível persuadi-los a deixar o mago em paz. Se não o tivessem matado, por certo o teriam levado à loucura. Fomos obrigados a destacar dois homens para vigiá-lo durante o sono, a fim de impedir que os mortos o tocassem e o acordassem. Estavam por demais deteriorados desde sua morte. Os coitados não eram um espetáculo agradável de ver ao despertar. No fim fizemos uma fogueira e os atiramos dentro dela.*

Lorde Fitzroy Somerset ao irmão, 2 de setembro de 1812.

A ressurreição dos dezessete napolitanos foi um bom exemplo do tipo de problema que Strange enfrentou na última metade da guerra. Assim como os ministros antes dele, Lorde Wellington estava mais acostumado a usar a magia com o fito de atingir seus objetivos, e exigia do mago encantamentos cada vez mais sofisticados. Contudo, ao contrário dos ministros, Wellington tinha pouco tempo ou disposição para ouvir as longas explicações de por que uma coisa não era possível. Afinal, ele comumente exigia o impossível dos engenheiros, generais, oficiais, e não via motivo para abrir exceção ao mago. "Encontre outro jeito", era tudo que dizia, enquanto Strange procurava explicar que essa ou aquela magia não era realizada desde 1302, ou que o encantamento havia se perdido, ou que sequer jamais existira, Assim como aconteceu quando começou a praticar magia, antes de conhecer Norrell, Strange via-se obrigado a inventar a maioria das magias que fazia, com base em princípios gerais e nas histórias que mais ou menos se lembrava de livros antigos.

Em princípios do verão de 1813, Strange tornou a realizar uma magia que não se via desde a época do Rei Corvo: mudou a posição de um rio. Sucedeu assim:

nesse verão, a guerra corria bem e todas as realizações de Lorde Wellington redundavam em êxito. Ocorreu, entretanto, que, numa determinada manhã de junho, os franceses viram-se em situação bem mais vantajosa, o que havia muito não acontecia. Sua Excelência e os outros generais reuniram-se sem demora para discutir o que fazer para corrigir tal circunstância de todo indesejável. Strange foi chamado a se juntar a eles na tenda de Lorde Wellington. Quando lá chegou, encontrou-os em volta de uma mesa na qual fora estendido um mapa enorme.

Sua Excelência estava realmente com excelente humor nesse verão e saudou Strange quase que com carinho.

- Ah, Merlin! Aí está o senhor! Eis nosso problema: nos encontramos posicionados deste lado do rio, enquanto os franceses estão do outro, e me conviria muito que as posições se invertessem.

Um dos generais pôs-se a explicar que, se o Exército marchasse para oeste *aqui*, depois construísse uma ponte sobre o rio *aqui*, depois travasse combate com os franceses *aqui*...

- Levará muito tempo! - afirmou Lorde Wellington. - Tempo demais! Merlin, não poderia dar um jeito de o Exército ganhar asas e voar sobre os franceses? Acha que poderia fazer isso? - Sua Excelência talvez estivesse gracejando, mas apenas um pouco. - É só prover cada homem de um pequeno par de asas. Tome como exemplo o capitão Macpherson - disse, olhando para um escocês encorpado. - Imagino muito bem asas brotando de Macpherson e fazendo-o voar por aí.

Strange observou o capitão Macpherson pensativamente.

- Não - disse, afinal -, mas ficaria grato, milorde, se me permitisse tomá-lo emprestado, assim como o mapa, por umas duas horas.

Strange e o capitão Macpherson examinaram o mapa por algum tempo, depois Strange tornou a se apresentar a Lorde Wellington, dizendo que demoraria muito para brotar asas em cada soldado do Exército, mas que não levaria tempo algum mudar a posição do rio. Serviria?

- No momento - disse Strange -, o rio corre para o sul aqui e depois se desvia para o norte aqui. Se corresse para o norte em vez de para o sul, e se desviasse para o sul aqui, então, o senhor percebe, estaríamos na margem norte e os franceses na margem sul.

- Ah! – Exclamou Sua Excelência. – Muito bem.

A nova posição do rio desconcertou os franceses de tal forma que várias companhias francesas, quando receberam ordens de marchar para o norte, tomaram a direção totalmente errada, tão convencidas ficaram de que a direção oposta ao rio deveria ser o norte. Essas companhias jamais foram vistas outra vez e a suposição geral é que foram mortas por guerrilheiros espanhóis.

Lorde Wellington mais tarde comentou animadamente com o general Picton que não havia coisa mais extenuante para tropas e cavalos do que a marcha constante, e que, a seu ver, no futuro seria melhor mantê-los parados, enquanto Mr. Strange movia a Espanha como um tapete sob os pés deles.

Entrementes, em Cadiz, o Conselho Regente espanhol mostrava-se muito preocupado com tal desdobramento, começando a duvidar se reconheceria o país quando este fosse por fim resgatado dos franceses. Uma queixa foi encaminhada ao ministro das Relações Exteriores (que muitos julgavam um ingrato). O ministro das Relações Exteriores persuadiu Strange a escrever uma carta ao Conselho Regente prometendo que, depois da guerra, recolocaria o rio na posição original, além de "qualquer outra coisa que Lorde Wellington venha a precisar mover do lugar durante o prosseguimento da guerra". Entre os muitos elementos que Strange deslocou de lugar estavam: uma floresta de oliveiras e pinheiros, em Navarra; a cidade de Pamplona; e duas igrejas na cidade de St. Jean de Luz, na França.

**** O coronel Vickery fez um reconhecimento da floresta e verificou que ela estava cheia de soldados franceses à espreita, prontos para alvejar o Exército britânico. No instante em que seus oficiais debatiam o que fazer, Lorde Wellington chegou a cavalo.*

- Creio que poderíamos circundá-la - disse Wellington. - Mas levará muito tempo, e estou com pressa. Onde está o mago?

Alguém foi chamar Strange.

- Mister Strange! - bradou Lorde Wellington. - Não posso crer que seja um trabalho imenso para o senhor remover essas árvores do lugar! É bem menos, estou certo, do que fazer quatro mil homens caminharem dez quilômetros fora da rota. Por favor, mova a floresta!

Strange fez o que lhe foi pedido e moveu a floresta para o outro lado do vale. Os soldados franceses se encolheram de medo numa encosta escavada e sem demora entregaram-se aos britânicos.

Devido a um erro nos mapas da Espanha de Lorde Wellington, a cidade de Pamplona não estava situada precisamente onde os britânicos supunham. Wellington ficou extremamente decepcionado quando, depois de caminhar trinta quilômetros em um dia, o Exército não chegou a Pamplona, que, descobriram, ficava quinze quilômetros ao norte. Após uma rápida discussão do problema, concluiu-se que seria mais conveniente Mr. Strange mover a cidade, em vez de corrigir todos os mapas.

As igrejas de St. Jean de Luz causaram certo constrangimento. Não havia motivo para movê-las. O fato é que, numa manhã de domingo, Strange tomava conhaque como café-da-manhã num hotel de St. Jean de Luz com três capitães e dois tenentes do 16º. Regimento da Brigada Ligeira. Ele explicava a esses cavalheiros a teoria que embasava o transporte mágico de vários objetos. Um esforço inútil: eles não entenderiam muito bem nem mesmo se estivessem sóbrios, e nem eles nem Strange andavam de todo sóbrios nos últimos dois dias. Para ilustrar sua teoria, Strange inverteu as posições das duas igrejas com os fiéis ainda dentro delas. Tinha a intenção de repô-las no lugar antes que as pessoas saíssem, mas pouco depois foi convidado a um jogo de bilhar e se esqueceu por completo de reverter a magia. Com efeito, apesar de suas muitas promessas, Strange jamais teve tempo ou disposição para devolver rio, floresta, cidade ou qualquer coisa a seu lugar original.

No dia 6 de abril de 1814, Napoleão Bonaparte abdicou. Dizem que, quando contaram a Lorde Wellington, ele executou uma pequena dança. Quando Strange soube da notícia, soltou uma gargalhada, mas de repente parou e murmurou: "Meu Deus! O que farão conosco agora?". Supôs-se, na época, que essa observação um pouco enigmática referia-se ao Exército, mas depois várias pessoas se perguntaram se talvez ele não estivesse falando de si mesmo e do outro mago.

O mapa da Europa foi redesenhado: os novos reinos de Bonaparte foram desmantelados e os antigos recolocados no lugar; alguns reis foram depostos, outros restituídos a seu trono. Os povos da Europa se congratulavam por afinal terem derrotado o Grande Intruso. Mas, para os habitantes da Grã-Bretanha, parecia de súbito que a guerra tivera um propósito de todo diferente: tornara a Grã-Bretanha a maior nação do mundo. Em Londres, Mr. Norrell teve a satisfação de ouvir de todos que a magia - a dele e a de Mr. Strange - fora de importância vital para a obtenção disso.

Certa noite, em fins de maio, Arabella voltou para casa depois de um jantar comemorativo da vitória na Carlton House. Ouvira falar do marido em termos calorosos, elogios e brindes foram feitos em homenagem a ele, e o Príncipe Regente lhe dissera muitas coisas lisonjeiras. Passava pouco da meia-noite e ela estava sentada na sala de estar, a refletir que tudo de que precisava para se sentir inteiramente feliz era o retorno do marido, quando uma das criadas irrompeu na sala e exclamou:

- Oh, senhora! O patrão está aqui!

Alguém entrou na sala.

Era uma pessoa mais magra e mais morena do que ela se lembrava. O cabelo estava mais grisalho e havia uma cicatriz esbranquiçada acima da sobrancelha esquerda. Não era uma cicatriz recente, mas Arabella jamais a vira antes. Os traços dele eram os mesmos, mas a fisionomia de algum modo mudara, Mal parecia ser a pessoa em quem ela pensava ainda momentos atrás. Antes, porém, que ela pudesse ficar decepcionada, ou constrangida, ou qualquer uma das coisas que receara sentir

quando ele por fim retornasse, Strange olhou em volta da sala com um olhar vivaz e irônico que ela reconheceu num instante. Em seguida olhou para ela com o sorriso mais familiar do mundo e disse:

- Voltei.

Na manhã seguinte ainda não haviam conversado uma centésima parte de tudo que tinham para contar um ao outro.

- Sente-se aqui - disse Strange a Arabella.

- Nesta cadeira?

- Sim.

- Por quê?

- Para que eu possa olhá-la. Faz três anos que não a vejo e senti muita falta disso. Preciso compensar essa carência.

Ela se sentou, mas depois de um ou dois segundos começou a rir.

- Jonathan, não consigo manter o controle com você me fitando desse jeito. A essa velocidade só compensará sua carência em meia hora. Desculpe decepcioná-lo, mas nunca olhou para mim por tanto tempo. Estava sempre com o nariz enfiado em algum livro.

- Incorreto. Eu tinha me esquecido por completo de como você é briguenta. Passe-me aquele pedaço de papel. Vou anotar isso.

- Recuso-me - replicou Arabella, rindo.

- Sabe qual foi meu primeiro pensamento ao acordar esta manhã? Que tinha de me levantar, fazer a barba e tomar o café-da-manhã antes que o criado de alguém levasse embora a água quente e os pãezinhos. Depois me lembrei de que todos os

criados da casa são meus, que toda a água quente da casa é minha, e os pãezinhos também. Não me lembro de ter me sentido tão feliz na vida.

- Nunca teve conforto na Espanha?

- Numa guerra ou se vive como príncipe ou como vagabundo. Vi Lorde Wellington, devo dizer Sua Graça, dormir debaixo de uma árvore tendo uma pedra como travesseiro. Outras vezes, vi ladrões e pedintes roncando em camas de penas em quartos palacianos. A guerra é uma grande confusão.

**** O governo britânico tornou Lorde Wellington um duque. Ao mesmo tempo, falava-se muito em nobilitar Strange. "Uma dignidade de baronete é o mínimo que ele esperará", disse Lorde Liverpool a Sir Walter, "e estaríamos perfeitamente autorizados a fazer algo mais... Que tal um viscondado"? Nada disso aconteceu porque, como Sir Walter ressaltou, era impossível outorgar um título a Strange sem outorgar outro a Norrell e, por alguma razão, ninguém no governo gostava de Norrell o suficiente para desejar fazê-lo. A idéia de terem de se dirigir a Mr. Norrell como "Sir Gilbert" ou "milorde" era de certa forma deprimente.*

- Bem, espero que não ache enfadonha a vida em Londres. O cavalheiro de cabelos de algodão disse que quem experimentou a guerra com certeza se sente aborrecido em casa.

- Ah! Decerto que não! Ora, com tudo limpo e coisas assim? E com todos os livros e pertences ao alcance da mão, a esposa à vista toda vez que se olhe...? Quem disse isso? O cavalheiro com que tipo de cabelo?

- De algodão. Tenho certeza de que conhece a pessoa a quem me refiro. Ele mora com Sir Walter e Lady Pole. Quero dizer, não estou certa de se ele mora lá, mas o vejo toda vez que vou à casa.

Strange franziu o cenho.

- Não o conheço. Como se chama?

Mas Arabella não sabia.

- Imagino que seja algum parente de Sir Walter ou de Lady Pole. Estranho nunca ter me ocorrido perguntar-lhe o nome. Ah, tive horas de conversação com ele!

- Mesmo? Não sei se aprovo. Ele é bem-apegoado?

- Ah, sim! Muito! Curioso eu não saber seu nome! Ele é muito divertido. Bem diferente da maioria das pessoas que conhecemos.

- E conversam sobre o quê?

- Oh, sobre tudo! Mas no fim ele sempre deseja me oferecer presentes. Na última segunda-feira, quis importar um tigre de Bengala para mim. Na quarta-feira, quis me trazer a rainha de Nápoles porque, disse, eu e ela somos tão parecidas que por certo nos tornaríamos as melhores amigas; e na sexta-feira pensou em mandar um criado me trazer uma árvore musical...

- Uma árvore musical?

Arabella riu.

- Uma árvore musical! Ele diz que em algum lugar numa montanha com um nome de livro de histórias cresce uma árvore que dá partituras em vez de frutos, e a música é deveras superior a qualquer outra. Não sei dizer se ele acredita ou não nas histórias que conta. Na verdade, houve ocasiões em que cheguei a pensar se ele não era louco. Sempre dou alguma desculpa para não aceitar os presentes que me oferece.

- Isso me alegra. Não teria me sentido de modo algum inclinado a voltar para uma casa cheia de tigres, rainhas e árvores musicais. Tem tido notícias de Mister Norrell?

- Não recentemente.

- Por que está sorrindo? - perguntou Strange.

- Estou? Não notei. Pois bem, vou lhe contar. Uma única vez ele me mandou uma mensagem, e foi tudo.

- Uma vez? Em três anos?

- Sim. Há cerca de um ano, correu um boato que você havia morrido em Vitória e Mister Norrell enviou Childermass para perguntar se era verdade. Eu sabia tanto quanto ele. Mas, naquela noite, o capitão Moulthrop veio até aqui. Não fazia dois dias que tinha desembarcado em Portsmouth e veio diretamente para cá a fim de me dizer que não havia um pingão de verdade no boato. Jamais me esquecerei de quanto foi bondoso! Pobre jovem! O braço dele fora amputado creio que havia apenas um mês e ele ainda sofria muito. Mas há na mesa uma carta que Mister Norrell lhe enviou. Childermass a trouxe ontem.

Strange levantou-se e foi até a mesa. Pegou a carta e a virou nas mãos.

- Bem, acho que devo ir - disse, sem convicção.

A verdade é que não estava muito ansioso nem entusiasmado para ver o antigo preceptor. Acostumara-se à independência de pensamento e ação. Na Espanha, recebera instruções do Duque de Wellington, mas a decisão sobre que tipo de magia utilizar para cumprir tais instruções coubera só a ele. Não lhe atraía a perspectiva de voltar a fazer magia sob a orientação de Mr. Norrell; e, após meses na companhia dos oficiais jovens, corajosos e arrojados de Wellington, a idéia de passar longas horas conversando apenas com Mr. Norrell lhe era um tanto penosa.

Entretanto, apesar de seus receios, foi um encontro bastante amistoso. Mr. Norrell estava tão satisfeito em vê-lo, tão cheio de perguntas sobre a natureza precisa dos encantamentos que empregara na Espanha, tão cheio de elogios para tudo o que fora realizado, que Strange quase começou a achar que fizera um falso juízo do preceptor.

Claro que Mr. Norrell nem quis ouvir Strange falar em abandonar sua condição de discípulo de Mr. Norrell.

- Não, não, não! O senhor deve retornar! Temos muito a fazer. Agora que a guerra acabou, todo o trabalho real está diante de nós. Precisamos estabelecer a

magia para a era moderna! Recebi garantias gratificantes de vários ministros; eles se mostraram desejosos de me assegurar da total impossibilidade de continuarem a governar o país sem o auxílio da nossa magia! E, a despeito de tudo que o senhor e eu fizemos, existem conceitos errôneos! Ora! Ainda outro dia ouvi por acaso Lorde Castlereagh comentar com alguém que o senhor, ante a insistência do Duque de Wellington, empregou magia negra na Espanha! Sem demora assegurei a Sua Excelência que o senhor nada mais empregou que métodos dos mais modernos.

Strange ficou em silêncio e depois inclinou a cabeça ligeiramente, de uma forma que Mr. Norrell decerto entendeu como assentimento.

- Mas falávamos sobre se devo ou não continuar como seu discípulo. Dominei todos os tipos de magia da lista que o senhor me preparou quatro anos atrás. O senhor me disse, antes de eu partir para a península Ibérica, que estava extremamente satisfeito com minha evolução, como, creio, há de se recordar.

- Ah, mas aquilo foi só o começo! Preparei outra lista enquanto o senhor estava na Espanha. Chamarei Lucas para que vá pegá-la na biblioteca. Ademais, existem *outros livros*, sabe, que quero que leia. - Piscou nervosamente os olhinhos azuis para Strange.

Strange hesitou. Era uma referência à biblioteca de Hurtfew Abbey, que Strange ainda não vira.

- Ah, Mister Strange! - exclamou Mr. Norrell. - Estou muito feliz que tenha voltado. Muito feliz em vê-lo! Espero que possamos ter horas e horas de conversação. Mister Lascelles e Mister Drawlight estiveram aqui várias vezes...

Strange disse que estava certo disso.

- ... Mas não conversamos sobre magia. Venha de novo amanhã. Venha cedo. Venha para o café-da-manhã!

32. O Rei

Novembro de 1814

No início de novembro de 1814, Mr. Norrell foi honrado com a visita de cavalheiros nobilíssimos - um conde, um duque e dois baronetes - que o procuraram, como disseram, para conversar sobre um assunto extremamente delicado. E tão discretos foram que, meia hora após terem começado a falar, Mr. Norrell ainda desconhecia completamente o que queriam dele.

Resultou que, elevados que eram, os cavalheiros ali estavam representando alguém ainda mais eminente, o Duque de York, e foram falar com Mr. Norrell a respeito da loucura do rei. Os filhos do rei haviam visitado o pai recentemente e tinham se abalado com sua lamentável condição; e, embora fossem todos interesseiros, alguns dissolutos e nenhum muito dado a qualquer tipo de sacrifício, todos foram unânimes em afirmar que dariam qualquer soma de dinheiro e arriscariam a própria vida para oferecer ao rei um pouco mais de conforto, Mas, assim como os filhos do rei discutiam entre si que médico o pai deveria ter, agora discutiam se um mago deveria ou não cuidar do rei. Quem mais se opunha à idéia era o príncipe regente. Muitos anos antes, durante a vida do notável Mr. Pitt, o rei sofrera um grave acesso de loucura e o príncipe o substituíra. Depois, porém, que o rei se recuperou, o príncipe viu retirados de si seus poderes e privilégios. De todas as situações mais aborrecidas no mundo, pensava o príncipe regente, a pior era sair da cama todos os dias na incerteza de ser ou não soberano da Grã-Bretanha. Assim, talvez se pudesse perdoar o príncipe por desejar que o rei permanecesse louco ou que, ao menos, desfrutasse do alívio que só a morte poderia lhe trazer.

Mr. Norrell, que não estava inclinado a ofender o príncipe regente, recusou-se a prestar assistência ao rei, alegando que duvidava muito de que sua doença fosse suscetível de tratamento por magia. Assim, o segundo filho do rei, o Duque de York, um cavalheiro militar, perguntou ao Duque de Wellington se achava possível persuadir Mr. Strange a visitar o rei.

- Ah, por certo! - respondeu o Duque de Wellington. - Mister Strange sempre se mostra satisfeito com a oportunidade de fazer magia. Nada lhe dá maior prazer. As tarefas de que o incumbi na Espanha impunham-lhe todo tipo de dificuldade e, embora ele se queixasse muito, a verdade é que sentia grande satisfação em realizá-las. Tenho em alta conta a competência de Mister Strange. A Espanha é, como sabe Vossa Alteza, um dos lugares mais incivilizados do mundo, lá não há, de uma ponta a outra do país, quase nenhuma estrada melhor do que uma trilha de cabra. Mas, graças a Mister Strange, meus homens dispuseram de boas estradas inglesas que os levavam aonde fosse preciso, e, quando uma montanha, uma floresta ou uma cidade bloqueava o caminho, ora! Mister Strange simplesmente a removia para outro lugar.

O Duque de York observou que o rei Ferdinando, da Espanha, mandara uma carta para o príncipe regente, queixando-se de que o mago inglês deixara inúmeras partes do reino totalmente irreconhecíveis e exigindo que Mr. Strange retornasse e restituísse o país à forma original.

- Ah - fez o Duque de Wellington sem muito interesse -, eles ainda se queixam disso, é?

Como conseqüência dessa conversa, ao descer ao térreo numa quinta-feira de manhã, Arabella encontrou a sala de estar tomada pelos filhos do rei. Cinco deles: Suas Altezas os Duques de York, Clarence, Sussex, Kent e Cambridge. Todos tinham entre quarenta e cinqüenta anos de idade. Todos haviam sido homens bem-apegoados, mas, como adoravam comer e beber, estavam ficando um tanto obesos.

Mr. Strange estava de pé, com um dos cotovelos apoiado no console da lareira, um livro de Mr. Norrell na mão e um ar de interesse cortês no rosto, enquanto Suas Altezas falavam ao mesmo tempo e se interrompiam na ânsia de descrever a terrível e patética condição do rei.

- Se visse como Sua Majestade se babuja com pão e leite - disse o Duque de Clarence a Arabella, com lágrimas nos olhos. - Como é assaltado por medos imaginários e como mantém conversas imaginárias com Mister Pitt, falecido há tempos... Bem, minha cara, nada mais lhe caberia fazer senão deprimir-se

extremamente com a cena. - O duque tomou a mão de Arabella e começou a acariciá-la, aparentemente supondo que ela fosse a copeira.

- Os súditos de Sua Majestade lamentam que ele esteja doente – disse Arabella. – Nenhum de nós recebe com indiferença seu padecimento.

- Ah, minha cara! Exclamou o duque com deleite. - Muito me comove ouvi-la falar assim! – E, cravando-lhe um beijo régio úmido e generoso, olhou-a com muita ternura.

- Se Mister Norrell julga que não é algo passível de tratamento por magia, então, honestamente, não creio que haja muita esperança - disse Strange. - Mas terei prazer em visitar Sua Majestade.

- Nesse caso - retrucou o Duque de York -, existe apenas o problema dos Willis.

- Dos Willis? - replicou Strange.

- Sim, claro! - exclamou o Duque de Cambridge. - Os Willis são mais insolentes do que se imagina.

- Temos de ser cautelosos para não aborrecer muito os Willis - alertou o Duque ele Clarence -, do contrário certamente se vingarão em Sua Majestade.

- Os Willis farão inúmeras objeções a Mister Strange visitar o rei - suspirou o Duque de Kent.

Os Willis eram dois irmãos proprietários de um manicômio no condado de Lincoln. Havia anos tratavam do rei sempre que Sua Majestade tinha crises de loucura. E sempre que o rei voltava à lucidez dizia reiteradamente a todo mundo quanto detestava os Willis e quanto se ressentia do tratamento cruel que lhe dispensavam. Arrancara da rainha, dos duques e das princesas a promessa de que, caso tornasse a sofrer outra crise de loucura, não o poriam nas mãos dos Willis. Mas de nada adiantou. Ao primeiro sinal de delírio, chamaram os Willis, que atenderam de pronto, trancaram o rei num quarto, prenderam-no a uma camisa-de-força e lhe ministraram fortes remédios purgantes.

Creio que intrigará o leitor (pois intriga a todo mundo) um rei ser tão pouco capaz de governar o próprio destino. Mas pense com que abalo cada família costuma receber os rumores da loucura. Depois pense como esse abalo é ainda maior quando a vítima é o rei da Grã-Bretanha! Se o leitor ou eu enlouquecemos, é um infortúnio tão-só para nós mesmos, para nossos amigos e familiares. Quando, porém, um rei enlouquece é uma calamidade para a nação inteira. Com freqüência, no passado, a doença do rei Jorge deixava uma total incerteza quanto a quem regeria o país. Não havia precedentes. Ninguém sabia o que fazer. Não que os Willis fossem bem-vistos ou respeitados, pois não eram. Não que o tratamento a que recorriam oferecesse ao rei algum alívio para seus tormentos, pois não oferecia. O segredo do êxito dos Willis era se manterem calmos quando todos entravam em pânico. Aceitavam uma responsabilidade que todo mundo desejava evitar. Em troca, exigiam controle absoluto sobre o rei. Os Willis não consentiam que ninguém conversasse com o rei na ausência de um deles. Nem a rainha nem o primeiro-ministro. Nem mesmo os treze filhos e filhas do monarca.

- Bem - disse Strange, depois de lhe explicarem tudo isso -, admito que preferiria falar com Sua Majestade sem o empecilho de outras pessoas, sobretudo daquelas contrárias ao meu propósito. Entretanto, já houve ocasião em que frustrei todo o Exército francês. Creio que posso subjugar dois médicos. Eu me encarrego dos Willis.

Strange recusou-se a discutir sobre honorários antes de ver o rei. Nada cobraria pela visita a Sua Majestade, o que os duques - que tinham dívidas de jogo para pagar e casas cheias de filhos ilegítimos para alimentar e educar - julgaram muito generoso da parte dele.

Cedo no dia seguinte, Strange partiu a cavalo para o Castelo de Windsor para ver o rei. Fazia uma manhã fria e cortante, e uma névoa branca e densa cobria tudo. A caminho lançou três pequenos encantamentos. O primeiro garantia que os Willis dormiriam bem mais do que o habitual; o segundo faria as esposas e os criados deles se esquecerem de acordá-los; e o terceiro encantamento asseguraria que, quando afinal os Willis despertassem, nem suas roupas nem sapatos estariam onde os haviam deixado. Dois anos antes, Strange teria tido escrúpulos em empregar

artimanhas até mesmo insignificantes como essas em dois estranhos, mas agora não pensava duas vezes. Assim como inúmeros outros cavalheiros que haviam estado na Espanha com o Duque de Wellington, começara de modo inconsciente a imitar Sua Graça, que, em parte, agia sempre da forma mais direta possível.

Por volta das dez horas, atravessou o rio Tâmis pela pequena ponte de madeira no vilarejo de Datchet. Seguiu pela azinhaga entre o rio e a muralha do castelo e entrou na cidade de Windsor. No portão do castelo, identificou-se para o sentinela e disse que tinha um assunto a tratar com o rei. Um criado de uniforme azul apareceu para acompanhá-lo aos aposentos reais. Era um homem polido e inteligente, e, como só acontece com criados de residências ilustres, orgulhava-se em demasia do castelo e de tudo relacionado a ele. Seu grande prazer na vida era mostrar o castelo às pessoas e vê-las surpresas, pasmas, maravilhadas.

- Estou certo, senhor, de que esta não é sua primeira visita ao castelo... observou a Strange.

- Ao contrário. Nunca estive aqui antes.

O homem pareceu abalado.

Pois então, senhor, perdeu uma das vistas mais nobres que a Inglaterra tem a oferecer.

- Mesmo? Bem, eis-me aqui agora.

- Mas a trabalho, senhor – redargüiu o criado, com ar de censura. -Não creio que terá tempo de examinar tudo como se deve. O senhor precisa voltar. No verão. E, caso seja casado, tomo a liberdade de acrescentar que as senhoras ficam especialmente encantadas com o castelo.

Guiou Strange por um pátio de tamanho impressionante. Havia muito tempo, em época de guerra, servira como refúgio a um grande número de habitantes e seus animais de criação; ainda havia alguns edifícios antigos de estilo bastante simples que atestavam seu caráter originalmente militar. Com o passar do tempo, porém, o desejo de fausto e esplendor régios começou a ganhar mais importância do que propósitos utilitários, e construiu-se nele uma igreja imponente que ocupou grande

parte de seu espaço. Essa igreja (chamada de capela, mas na verdade mais semelhante a uma catedral) exibia toda a complexidade e refinamento de que o estilo gótico é capaz. Estava cercada por botaréis de pedra espinhentos, coroados com pináculos também de pedra, e agigantada por suas capelas, oratórios e sacristias.

O criado conduziu Strange por um outeiro íngreme com laterais regulares, encimado pela torre redonda do castelo, sua parte mais facilmente reconhecível quando visto à distância. Cruzaram um portão medieval e entraram em outro pátio, mas, enquanto o anterior estava habitado por criados, soldados e oficiais da casa, este surgia silencioso e vazio.

- É pena que o senhor não tenha vindo aqui alguns anos atrás - disse o criado. - Naquela época podia-se visitar os aposentos do rei e da rainha mediante um pedido ao zelador. A doença do rei, entretanto, tornou isso impossível.

Conduziu Strange por uma imponente entrada gótica no centro de uma extensa fileira de edifícios de pedra. Enquanto subiam um lanço da escadaria, continuou a lamentar os muitos obstáculos que impediam Strange de ver o castelo. Não podia senão supor que a decepção de Strange era imensa.

- Já sei! - afirmou de repente. - Vou lhe mostrar o salão de São Jorge! Ah, não é nem uma centésima parte do que o senhor deveria ver, mas ainda assim lhe dará uma idéia da grandiosidade do Castelo de Windsor!

No patamar da escada, virou para a direita e seguiu com rapidez por um corredor em que havia arranjos de espadas e pistolas nas paredes. Entraram num corredor longo e alto, entre sessenta e noventa metros de comprimento.

- Lá! - exclamou o criado, com enorme satisfação, como se ele próprio as tivesse construído e decorado.

Janelas altas e arqueadas ao longo da parede sul deixavam penetrar uma luz fria e difusa. A parte inferior das paredes era apainelada com madeira de pereira e todos os painéis apresentavam bordas entalhadas e douradas. A parte superior das paredes e o teto cobriam-se de pinturas de deuses e densas, reis e rainhas. O teto mostrava Carlos II no momento de sua ascensão à glória eterna, em cima de uma

nuvem azul e branca e rodeado de querubins róseos e gorduchos. Generais e diplomatas deitavam troféus a seus pés, enquanto Júlio César, Marte, Hércules e várias outras personagens importantes eram vistos em volta com certo ar de constrangimento, de súbito humilhados pela consciência de sua inferioridade diante do rei britânico.

Tudo isso era extremamente magnífico, mas a pintura que chamou a atenção de Strange foi um vasto mural que se estendia ao longo da parede norte. No meio dele, dois reis estavam sentados em dois tronos. Ao lado dos monarcas, de pé ou ajoelhados, viam-se cavaleiros, damas, cortesãos, pajens, deuses e deusas. A parte esquerda da pintura banhava-se em luz de sol. O rei desse lado era um homem forte e bem-apessoado que exibia todo o vigor da juventude. Trajava um manto claro e seu cabelo era dourado e cacheado. Portava uma coroa de louro na testa e um cetro na mão. As pessoas e os deuses que o acompanhavam estavam equipados com elmo, peitoral, lanças e espadas, como se o artista desejasse sugerir que esse rei só atraía como amigos homens e deuses belicosos. No lado direito da pintura, a luz era fraca e sombria, como se o artista houvesse pretendido representar um crepúsculo no verão. Estrelas cintilavam acima e em volta das figuras. O rei desse lado tinha pele clara e cabelo escuro. Trajava manto negro e sua expressão era inescrutável. Usava uma coroa de folhas de hera escuras e na mão esquerda segurava um cetro de marfim delgado. Seu séquito compunha-se em boa parte de criaturas mágicas: uma fênix, um unicórnio, uma manticora, faunos e sátiros. Mas havia também algumas personagens misteriosas: uma figura masculina com um manto semelhante ao de um monge e com o capelo sobre o rosto, e uma figura feminina de capa escura e estrelada que cobria os olhos com o braço. Entre os dois tronos, estava uma jovem de túnica branca e elmo dourado na cabeça. O rei belicoso pousava a mão esquerda protetoramente sobre o ombro dela; o rei trajado de negro estendia-lhe a mão direita, enquanto a jovem também estendia a sua para ele, de maneira que as pontas de seus dedos se tocavam de leve.

- A obra de Antonio Verrio, um cavalheiro italiano - disse o criado. Apontou para o rei à esquerda. - Aquele é Eduardo III da Inglaterra do Sul. - Apontou para o rei à direita. - E aquele é o Rei Mago da Inglaterra do Norte, John Uskglass.

- É mesmo? - disse Strange com grande interesse. - Já vi estátuas dele, claro. E gravuras em livros. Mas creio nunca ter visto uma pintura. E a dama entre os dois reis, quem é?

- É Mrs. Gwynn, uma das senhoras de Carlos II. Representa a Grã-Bretanha.

- Entendo. É louvável que ele ainda tenha um lugar de honra na casa do rei. Mas, de outro lado, vestem-no com trajes romanos e o fazem segurar a mão de uma atriz. O que diria ele a respeito?

O criado conduziu Strange de volta ao corredor com o arranjo de armas e até uma porta preta de tamanho imponente encimada por um notável frontão de mármore triangular e saliente.

- Não posso levar o senhor adiante. Minha responsabilidade aqui termina e a dos doutores Willis aqui começa. O rei está no cômodo atrás daquela porta. - Curvou-se numa mesura e desceu a escada.

Strange bateu à porta. De algum lugar no lado de dentro soou o som de um cravo e de uma voz que cantava.

A porta se abriu e revelou um sujeito alto e robusto, entre trinta e quarenta anos. Exibia um rosto redondo, branco, marcado por bexigas e salpicado de suor como um queijo do condado de Ches. No todo, tinha uma incrível semelhança com o homem da Lua que dizem ser feito de queijo. Barbeara-se com uma habilidade não muito grande e, aqui e ali no rosto branco, despontavam dois ou três pêlos pretos ásperos, como se uma família de moscas tivesse se afogado no leite antes de o queijo ser feito e suas pernas se projetassem para fora dele. Seu casaco era de droquete marrom grosseiro, e a camisa e o lenço de pescoço de um linho ordinário. Nenhuma peça da roupa que usava estava especificamente limpa.

- Pois não? - disse, mantendo a mão na porta, como se na intenção de tornar a fechá-la à menor provocação. Tinha muito pouco do caráter de um criado palaciano e muitíssimo do caráter de um assistente de manicômio, que era o que ele era.

Strange ergueu as sobrancelhas ante esse comportamento rude. Deu-lhe o nome com frieza e disse que ali estava para ver o rei.

O homem suspirou.

- Bem, senhor, não posso negar que o esperávamos. Mas, sabe, não pode entrar. O Doutor John e o Doutor Robert... - Era o nome dos dois irmãos Willis - ... Não estão aqui. Faz uma hora e meia que os esperamos de minuto a minuto. Não sabemos aonde podem ter ido.

- Lamento por isso - replicou Strange -, mas não me diz respeito. Não desejo ver os cavalheiros que o senhor menciona. O que tenho a tratar é com o rei. Trago uma carta assinada pelos arcebispos da Cantuária e de York em que me concedem permissão para visitar Sua Majestade hoje. - Strange brandiu a carta defronte o rosto do homem.

- Mas o senhor deve aguardar a chegada do Doutor John e do Doutor Robert. Eles não permitem que ninguém interfira no sistema que montaram para controlar o rei. Silêncio e retiro é o que melhor convém ao monarca. Conversação é o que há de pior para ele. Nem de longe o senhor imagina que dano terrível poderia causar ao rei só em conversar com ele. Digamos que o senhor mencionasse que está chovendo. Creio que o senhor a consideraria a mais inocente observação do mundo. Entretanto, ela poderia levar o rei a pensar, percebe, e a loucura em sua mente o faz passar de uma coisa a outra, enfurecendo-o num grau extremamente perigoso. Poderia começar a se recordar de épocas passadas em que choveu e em que os criados lhe trouxeram notícias de batalhas perdidas, de filhas mortas, de filhos que o desonraram. Ora! Seria o bastante para matar o rei incontinenti! O senhor deseja matar o rei?

- Não - respondeu Strange.

- Pois então - disse o homem persuasivamente -, percebe como será bem melhor esperar o Doutor John e o Doutor Robert?

- Obrigado, mas creio que vou correr o risco. Por favor, leve-me ao rei.

- O Doutor John e o Doutor Robert ficarão furiosos - advertiu o homem.

- Não me importa - retrucou Strange com serenidade.

O homem pareceu perplexo.

- Então - disse Strange com um olhar muito firme e outro floreio da carta - vai me deixar ver o rei ou prefere desafiar a autoridade de dois arcebispos? Esta é uma atitude gravíssima, punível com... Bem, não sei exatamente com quê, mas imagino que com algo bastante severo.

O assistente suspirou. Chamou outro homem (tão grosseiro e imundo como ele) e mandou que fosse imediatamente à casa do Dr. John e do Dr. Robert, para buscá-los. A seguir, com enorme relutância, saiu da frente para Strange entrar.

O cômodo tinha proporções grandiosas. As paredes eram apaineladas com madeira de carvalho e havia entalhes primorosos em abundância. Mais personagens régios e simbólicos reclinavam-se em nuvens no teto. Mas era um lugar triste. Nada cobria o piso, que estava muito frio. Uma cadeira e um cravo surrado eram a única mobília. Um velho estava sentado ao cravo, de costas para eles. Trajava um roupão de brocado antigo roxo. Tinha na cabeça um amarfanhado gorro de dormir de veludo escarlata e nos pés chinelas rotas e sujas. Tocava com enorme vigor e cantava muito alto em alemão. Quando ouviu o som de passos que se aproximavam, parou.

- Quem está aí? - inquiriu. - Quem é?

- O mago, Vossa Majestade - disse o assistente do manicômio.

O velho pareceu meditar por um momento e disse em voz alta:

- Uma profissão pela qual tenho especial aversão! - Voltou a tocar as teclas do cravo e a cantar alto.

Um começo assaz desanimador. O assistente do manicômio soltou um riso contido e impertinente e se retirou, deixando Strange sozinho com o rei. Strange avançou alguns passos no cômodo e se deteve num lugar de onde poderia observar o rosto do monarca.

Um rosto no qual todo o tormento da loucura se misturava ao tormento da cegueira. Os olhos tinham íris de um azul enevoado e brancos tão desbotados como leite azedado. Longos cachos de cabelo esbranquiçado com vestígios cinzentos

caíam sobre as duas bochechas malhadas por veias rompidas. Enquanto o rei cantava, expelia saliva pelos lábios vermelhos e frouxos. A barba era quase tão longa e branca como o cabelo. Não parecia em nada com os retratos que Strange vira dele e que haviam sido feitos quando tinha a mente sã. O cabelo comprido, a barba comprida e seu roupão roxo e comprido faziam-no semelhante a alguém muito trágico e antigo saído de Shakespeare - ou, mais exatamente, duas pessoas muito trágicas e antigas saídas de Shakespeare. Em sua loucura e cegueira, era uma mistura de Lear com Gloucester.



Os duques reais haviam alertado Strange de que era contrário à etiqueta da corte falar ao rei antes que ele o fizesse primeiro. Entretanto, era pouco provável que isso viesse a ocorrer, dada sua ojeriza por magos. Assim, quando o rei parou de tocar e cantar novamente, Strange disse:

- Sou um criado humilde de Vossa Majestade, Jonathan Strange, de Ashfair, no condado de Shrop. Fui mago efetivo do Exército durante a última guerra na Espanha,

onde, alegre-me dizê-lo, pude servir Vossa Majestade. É esperança dos filhos e filhas de Vossa Majestade que minha magia traga a Vossa Majestade algum alívio de sua doença.

- Diga ao mago que não o vejo! - disse o rei com displicência.

Strange não se incomodou de dar uma resposta a tal afirmação disparatada. Claro que o rei não o via, o rei estava cego.

- Mas vejo o companheiro dele *perfeitamente!* - prosseguiu Sua Majestade em tom de aprovação. Virou a cabeça como se para fixar um ponto a cerca de um metro à esquerda de Strange. - Pudera! Com o cabelo prateado que tem, tal seria se não pudesse vê-lo! Parece um sujeito bastante turbulento.

A fala do rei era tão convincente que Strange de fato se virou para olhar. Claro que não havia ninguém.

Nos últimos dias, ele pesquisara os livros de Norrell em busca de algo pertinente ao estado do rei. Havia, surpreendentemente, pouquíssimos encantamentos para curar loucura. Na verdade, encontrou apenas um, e mesmo assim não estava seguro de a que se destinava. Era uma prescrição em *Revelações de trinta e seis outros mundos*, de Ormskirk. Ormskirk disse que aquela magia dissiparia ilusões e corrigiria idéias erradas. Strange pegou o livro e releu o encantamento. Era singularmente obscuro, consistindo tão-só nas seguintes frases:

Ponha-lhe nos olhos a lua e sua brancura devorará as visões falsas que o impostor neles pôs.

Ponha-lhe nas orelhas um enxame de abelhas. Abelhas prezam a verdade e destruirão as mentiras do impostor.

Ponha-lhe sal na boca, para que o impostor não tente agradá-lo com o sabor do mel ou desagradá-lo com o sabor das cinzas.

Crave-lhe a mão com pregos de ferro, para que não erga e cumpra a ordem do impostor.

Ponha-lhe o coração num lugar secreto, para que todos os desejos sejam dele e neles o impostor não encontre abrigo.

Nota. A cor vermelha talvez seja benéfica.

Contudo, enquanto o lia até o fim, Strange viu-se forçado a admitir que não fazia a menor idéia de seu significado. Como poderia o mago buscar a lua para o doente? E, se a segunda parte estivesse correta, os duques teriam feito melhor ao empregarem um apicultor, em vez de um mago. Strange tampouco acreditava que Suas Altezas ficariam muito satisfeitas se ele comesse a perfurar as mãos do rei com pregos de ferro. A nota sobre a cor também era bizarra, Achava que se lembrava de ter ouvido ou lido algo sobre o vermelho, mas não conseguia recordar o que era.

O rei, entretantes, conversava com a pessoa imaginária de cabelo prateado.

- Desculpe-me tê-lo tomado por uma pessoa comum - disse. – O senhor pode ser um rei, como diz, mas simplesmente ousou afirmar que jamais ouvi falar de um de seus reinos. Onde fica Esperança Perdida? Onde ficam os Castelos Azuis? Onde fica a Cidade de Anjos de Ferro? Eu, por meu turno, sou rei da *Grã-Bretanha*, um lugar que todos conhecem e que se encontra claramente assinalado em todos os mapas! - Sua Majestade fez uma pausa, provavelmente aguardando a resposta da pessoa de cabelo prateado porque de repente exclamou: - Ah, não se zangue! Por favor, não se zangue! O senhor é rei, eu sou rei! Sejamos reis juntos! Não há necessidade de nos zangarmos! Tocarei e cantarei para o senhor. - Tirou uma flauta do bolso do roupão e começou a tocar uma ária melancólica.

Como experimento, Strange se adiantou e arrancou o gorro de dormir escarlate de Sua Majestade. Observou atentamente, para ver se o rei tornava-se mais enlouquecido sem o gorro, mas depois de alguns minutos de observação viu-se forçado a admitir que não via diferença. Pôs o gorro de volta.

Na hora e meia que seguiu, tentou todas as magias que lhe ocorreram. Lançou encantamentos de lembrança, encantamentos de descobertas, encantamentos de despertar, encantamentos para concentrar a mente, encantamentos para dissipar pesadelos e pensamentos malignos, encantamentos para encontrar ordem no caos, encantamentos para descobrir outro caminho quando um se perdeu, encantamentos de desmistificação, encantamentos de discernimento, encantamentos para reforçar a inteligência, encantamentos para curar doença e encantamentos para reparar um membro quebrado. Alguns eram longos e complexos. Alguns resumiam-se numa única palavra. Alguns tinham de ser pronunciados em voz alta. Alguns precisavam apenas ser pensados. Alguns não consistiam de palavras, mas de um único gesto. Alguns eram encantamentos que Strange e Norrell haviam empregado de uma forma ou de outra todos os dias dos últimos cinco anos. Alguns provavelmente não tinham sido utilizados por séculos. Alguns usavam um espelho; dois, uma pequena gota de sangue do dedo do mago; e um usava uma vela e um pedaço de fita. Todos, porém, tinham uma única coisa em comum: não exerciam o menor efeito sobre o rei.

Ao cabo desse tempo, "Ah, desisto!", pensou Strange.

Sua Majestade, que apropriadamente não estava consciente da magia a ele dirigida, confiava com a pessoa de cabelo prateado que só ele via.

- Foi enviado aqui para sempre ou pode ir embora? Ah, não fique para ser apanhado! Este é um péssimo lugar para reis! Eles nos põem em camisas-de-força! A última vez que me permitiram sair destes aposentos foi numa segunda-feira de 1811. Dizem-me que foi três anos atrás, mas mentem! De acordo com meus cálculos, serão duzentos e quarenta e seis anos no sábado daqui a duas semanas.

"Pobre, infeliz cavalheiro!", pensou Strange. "Trancado neste lugar frio e melancólico, sem amigos ou diversões! Não admira que o tempo passe tão devagar para ele. Não admira que esteja louco!"

Em voz alta, disse:

- Terei prazer em levá-lo para fora, Vossa Majestade, se desejar.

O rei parou de falar e virou a cabeça de leve.

- Quem disse isso? - inquiriu.

- Eu, Vossa Majestade. Jonathan Strange, o mago. - Strange fez uma mesura respeitosa para o rei, antes de se lembrar que Sua Majestade não poderia vê-la.

- Grã-Bretanha! Meu reino querido! - Exclamou o rei. - Adoraria poder revê-lo, principalmente agora no verão. As árvores e as campinas estão todas vestidas com seus mais brilhantes atavios e o ar é doce como torta de cereja!

Strange olhou de relance pela janela a névoa gelada e branca lá fora, os esqueletos das árvores invernais.

- Exatamente. E consideraria uma grande honra se Vossa Majestade me acompanhasse lá fora.

O rei pareceu refletir sobre a proposta. Tirou uma das chinelas e tentou equilibrá-la na cabeça. Como não conseguiu, tornou a calçá-la, pegou uma borla que pendia na extremidade do cordão do roupão e pôs-se a sugá-la pensativamente.

- Mas como saberei que o senhor não é um demônio perverso que veio me tentar? - perguntou afinal, num tom de voz que denotava a mais perfeita sensatez.

Strange não soube que resposta dar. Enquanto pensava no que dizer, o rei continuou:

- Claro que, se for um demônio perverso, sabe que sou eterno e não posso morrer. Se eu descobrir que é meu inimigo, baterei com força o pé no chão e o mandarei de volta para o Inferno!

- Mesmo? Vossa Majestade tem de me ensinar esse truque. Gostaria de aprender algo tão útil. Mas permita-me observar que, com tão poderosa magia à disposição, Vossa Majestade não precisa temer me acompanhar lá fora. Devemos sair o mais rápido e discretamente possível. Os Willis logo deverão estar aqui. Vossa Majestade deve ficar bem quieto!

O rei nada disse, mas bateu de leve no nariz com ar muito matreiro.

A próxima tarefa de Strange era encontrar um caminho para fora sem alertar os assistentes do manicômio. Quanto a isso o rei não ajudou em nada. Quando indagado aonde as várias portas levavam, opinou que uma levava à América do Norte, outra à Perdição Eterna e uma terceira possivelmente seria o caminho para a próxima sexta-feira. De forma que Strange escolheu qualquer uma, a que o rei supunha conduzir à América do Norte, e rapidamente escoltou Sua Majestade por vários cômodos. Todos exibiam pinturas no teto, nas quais monarcas ingleses eram representados cruzando precipitadamente o céu em flamejantes carros de guerra, subjugando pessoas que simbolizavam a Inveja, o Pecado e a Sedição, e fundando templos de virtude, palácios de justiça eterna e outras instituições úteis como essas. Mas, embora os tetos estivessem repletos das mais intensas atividades, os cômodos abaixo deles encontravam-se abandonados, surrados e cheios de pó e aranhas. Os móveis estavam cobertos com lençóis, dando a impressão de que cadeiras e mesas tivessem morrido havia algum tempo e que essas eram suas sepulturas.

Chegaram a uma espécie de escada de fundos. O rei, que tomara muito a sério o aviso de Strange para não fazer barulho, teimou em descer a escada na ponta dos pés, à maneira extremamente exagerada de um menino pequeno. Isso demorou algum tempo.

- Bem, Vossa Majestade - disse Strange, alegremente, quando afinal alcançaram o fundo da escada -, acho que nos saímos muito bem. Não ouço ruídos de perseguição. O Duque de Wellington teria satisfação em empregar um de nós como oficial do serviço secreto. Não creio que o capitão Somers-Cocks ou Colquhoun Grant teriam atravessado um território inimigo com mais...

Foi interrompido pelo rei, que tocava sua flauta com um clangor alto e triunfante.

- Com a breca! - disse Strange, atentando para possíveis ruídos de aproximação dos assistentes do manicômio ou, pior ainda, dos Willis.

Mas nada aconteceu. De algum lugar muito perto, vinha o som estranho e irregular de pancadas e estrépitos, acompanhado de gritos e gemidos, como se

alguém estivesse sendo espancado por um monte de vassouras ao mesmo tempo. À parte isso, tudo era silêncio.

Uma porta se abriu para um amplo terraço de pedra. Dali, o solo descia a pique e, no sopé do talude, havia um parque, mas a névoa branca apagara os detalhes e as cores da paisagem, deixando-a fantasmagórica. Terra e céu se mesclavam no mesmo elemento cinza insubstancial. À direita, mal se enxergava uma fileira dupla e comprida de árvores.

De braços dados, o rei e Strange caminharam pelo terraço até a quina do castelo. Lá Strange descobriu um caminho que levava para baixo do talude até o parque. Desceram por ele e não tinham adentrado muito o parque quando depararam com um tanque ornamental orlado de pedras baixas. No centro, havia um pequeno pavilhão de pedras decorado com criaturas esculpidas. Algumas assemelhavam-se a cães, exceto pelo corpo comprido e baixo, como o de lagartos, e cada uma trazia uma fileira de saliências ao longo das costas. Outras pretendiam representar golfinhos de pedra curvos que pareciam haver tramado se fixar às paredes. No telhado, meia dúzia de cavalheiros e damas clássicos estavam sentados em posições também clássicas, segurando vasos. Sem dúvida fora intenção do arquiteto que fontes de água jorrassem da boca de todos esses estranhos animais, dos vasos no telhado, indo cair decorativamente dentro do tanque. Mas nesse momento estava tudo congelado e silencioso.

Strange estava prestes a fazer uma observação sobre o melancólico cenário que o tanque congelado oferecia, quando ouviu uma série de gritos. Olhou para trás e viu que um grupo de pessoas descia o talude do castelo com extrema rapidez. Quando se aproximaram, percebeu que eram quatro homens: dois cavalheiros que nunca vira e os dois assistentes do manicômio, o de rosto igual a um queijo do condado de Ches e o que tinha sido enviado para buscar os Willis. Todos pareciam enfurecidos.

Os cavalheiros vinham apressados e franzindo o cenho de um jeito que denotava importância e ofensa. Revelavam todos os sinais de que tinham se vestido às pressas. Um tentava sem muito êxito abotoar o casaco. Assim que o conseguia, os botões escapavam das casas. Tinha mais ou menos a idade de Mr. Norrell e

usava uma peruca obsoleta (muito parecida com a de Mr. Norrell), que de quando em quando saltava e girava na cabeça. Mas se diferenciava do mago por ser bastante alto, muito bem-apessoado e por sua conduta resoluta e imponente. O outro cavalheiro (muitos anos mais novo) estava atrapalhado com os sapatos, que pareciam ter opiniões próprias. Enquanto o sujeito se esforçava em andar para a frente, tentavam carregá-lo para direção totalmente oposta. Strange só pôde imaginar que a magia que ele lançara anteriormente fora mais bem sucedida do que ele esperara, tornando mais difícil lidar com as roupas.

O cavalheiro mais alto (o da peruca brincalhona) lançou a Strange um olhar furioso.

- Com a autorização de quem o rei está ao ar livre? - inquiriu.

Strange encolheu os ombros.

- Acho que com a minha.

- Sua? Quem é o senhor?

Não gostando da maneira como fora tratado, Strange retorquiu:

- Quem é o senhor?

- Eu sou o Doutor John Willis. Este é meu irmão, o Doutor Robert Darling Willis. Somos os médicos do rei. Temos a tutela da pessoa do rei por ordem do Conselho da Rainha. Ninguém está autorizado a ver Sua Majestade sem nossa permissão. Pergunto-lhe mais uma vez: quem é o senhor?

- Sou Jonathan Strange. Vim a pedido de Suas Altezas, os Duques de York, Clarence, Sussex, Kent e Cambridge, para ver se Sua Majestade poderia ou não ser curada por magia.

- Ah! - bradou o Dr. John com desdém. – Magia! É usada sobretudo para matar franceses, não?

O Dr. Robert riu com sarcasmo. Mas o efeito desse desprezo frio e científico foi bastante prejudicado quando seus sapatos de repente o carregaram com uma

força tal que ele bateu o nariz contra uma árvore.

- Bem, mago! - exclamou o Dr. John. - O senhor se engana se pensa que pode destratar a mim e a meus criados sem impunidade. O senhor admite que colou as portas do castelo por meio de magia, de forma que meus homens não pudessem impedi-lo de sair?

- Decerto que não! - afirmou Strange. - Não fiz nada disso! *Podéria* ter feito - reconheceu -, em caso de necessidade. Mas seus homens são tão ociosos como impertinentes! Quando eu e Sua Majestade saímos do castelo, eles nem se achavam por perto!

O primeiro assistente do manicômio (o de rosto igual a um queijo do condado de Ches) quase estourou ao ouvir isso.

- Não é verdade! - bradou. - Doutor John, Doutor Robert, peço-lhes que não dêem ouvido a essas mentiras! O Martin aqui - apontou para o outro assistente do manicômio - perdeu a voz completamente. Não pôde emitir um som sequer de alerta! - O outro assistente do manicômio fazia trejeitos e gestos furiosos para confirmar. - Quanto a mim, senhor, eu estava no corredor ao pé da escada, quando a porta se abriu no alto. Preparava-me para falar com este mago, e me dirigiria a ele com palavras drásticas, senhor, em seu nome, quando, por magia, fui puxado para dentro do armário de vassouras e a porta se fechou logo atrás de mim...

- Que disparate! - exclamou Strange.

- Disparate? - bradou o homem. - E suponho que o senhor não fez as vassouras baterem em mim no armário!? Estou todo machucado.

Isso, podia-se ver, era perfeitamente verdadeiro. O rosto e as mãos dele estavam cobertos de vergões vermelhos.

- Pois então, mago! - exclamou o Dr. John, em triunfo. - O que diz agora? Agora que todos os seus truques foram revelados?

- Ora, francamente! - disse Strange. - Ele fez isso contra si mesmo para tornar sua história mais convincente!

O rei soprou um ruído grosseiro com a flauta.

- Esteja certo - disse o Dr. John - de que o Conselho da Rainha logo tomará conhecimento de sua desfaçatez! - A seguir, virando-se para o outro lado, bradou: - Vossa Majestade! Venha cá!

O rei se escondeu lepidamente atrás de Strange.

- Ficaria penhorado ao senhor, se devolvesse o rei aos meus cuidados – disse o Dr. John.

- Isso eu não farei - afirmou Strange.

- Então o senhor sabe como os lunáticos devem ser tratados, não é? – disse o Dr. Robert com escárnio. - Estudou o assunto?

- Sei que manter um homem isolado, negar-lhe exercícios e troca de ares não pode ser cura de nada de modo algum - respondeu Strange. - É uma barbaridade! Eu não manteria nem mesmo um cão em tais condições.

- Ao falar assim - acrescentou o Dr. Robert -, o senhor apenas trai sua ignorância. A solidão e a tranqüilidade das quais o senhor tão energicamente reclama são os fundamentos de todo o nosso sistema de tratamento do rei.

- Ah! - fez Strange. - O senhor o chama de sistema? E em que consiste esse sistema?

- Existem três princípios mestres - afirmou o Dr. Robert. - Intimidação...

O rei extraiu algumas notas tristes da flauta...

- ... Isolamento...

... Que se transformaram numa breve melodia solitária...

- ... E repressão.

... E terminaram numa longa nota, como um suspiro.

- Dessa forma - prosseguiu o Dr. Robert -, todas as fontes possíveis de excitação são suprimidas e ao paciente se nega material com que elabore fantasias e idéias inadequadas.

- Mas, no fim - acrescentou o Dr. John -, é pela imposição da vontade do médico sobre o paciente que a cura se efetua. É a força do caráter do médico que lhe determina o sucesso ou o fracasso. Muitas pessoas observaram que nosso pai era capaz de dominar lunáticos simplesmente olhando fixo para eles.

- Mesmo? - fez Strange, mostrando-se interessado mesmo contra a vontade. - Nunca pensei nisso antes, mas algo semelhante é por certo verdadeiro no que concerne à magia. Em muitas ocasiões, o sucesso de uma magia depende da força de caráter do mago.

- Verdade? - disse o Dr. John, lançando um olhar breve à esquerda.

- Sim. Veja Martin Pale, por exemplo. Pois bem, ele... - Os olhos de Strange voltaram-se involuntariamente para onde o Dr. John olhara. Um dos assistentes do manicômio, o que não conseguia falar, rastejava em torno do tanque ornamental em direção ao rei com um objeto de cor clara nas mãos. De início Strange não distinguiu o que era. A seguir o reconheceu. Era uma camisa-de-força.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Strange gritou algo, não soube o quê; o outro assistente do manicômio investiu na direção do rei; os dois Willis tentaram agarrar Strange; o rei soprou guinchos agudos de alarma com a flauta e ouviu-se um estranho barulho, como se centenas de pessoas tivessem pigarreado ao mesmo tempo.

Todo mundo parou e olhou em volta. O som pareceu saído do pequeno pavilhão de pedra no centro do tanque congelado. De súbito, da boca de cada criatura pétrea, surgiu uma densa nuvem branca, como se todas tivessem exalado ao mesmo tempo. As nuvens de hálito brilharam e faiscaram na luz esparsa e indistinta, e depois caíram no gelo com um débil som tilintante.

Pairou um silêncio, logo seguido de um som horrendo, como se blocos de mármore estivessem se partindo ao meio. Depois as criaturas de pedra se

desprenderam das paredes do pavilhão e puseram-se a rastejar e a bambolear sobre o gelo em direção aos Willis. Seus olhos de pedra vazios reviravam-se nas órbitas. Suas bocas de pedra se abriram e de cada garganta de pedra jorrou uma coluna d'água. Caudas de pedras serpenteavam de um lado para outro e pernas de pedra se erguiam e baixavam, rígidas. Os canos de chumbo que conduziam água para as bocas das criaturas se estendiam magicamente por trás delas.

Os Willis e os assistentes do manicômio não despregavam os olhos de tudo aquilo, incapazes de compreender o que acontecia. As criaturas grotescas rastejavam, arrastando os canos atrás de si e ensopando os Willis de água. Os Willis gritavam e saltavam de um lado para o outro, mais de medo que por alguma dor real que sentiam.

Os assistentes do manicômio fugiram e, quanto aos Willis permanecerem por mais tempo com o rei, isso estava fora de questão. Em contato com o ar frio, as roupas encharcadas começavam a se tornar gélidas.

- Mago! - bradou o Dr. John, quando se virou para retornar ao castelo. - Ora! É só outro nome para mentiroso! Lorde Liverpool saberá disso, mago!

Saberá de que forma o senhor trata os médicos do rei! Ai! Ai! - Teria dito mais, mas as esculturas de pedra no telhado do pavilhão haviam se levantado e começado a apedrejá-lo.

Strange limitou-se a lançar um sorriso desdenhoso aos dois Willis. Demonstrava, porém, mais segurança do que na verdade sentia. O fato é que um leve desconforto começava a invadi-lo. Toda a magia que fora feita não havia sido realizada por ele.

33. Ponha-me nos Olhos a Lua

Novembro de 1814

Era um grande mistério. Seria alguém no castelo um mago? Um dos criados, talvez? Ou uma das princesas? Parecia improvável. Seria alguma proeza de Mr. Norrell? Strange imaginou o preceptor no pequeno cômodo do segundo andar da casa da Praça Hanover a perscrutar a bacia de prata, a observar tudo o que sucedia para no fim expulsar os Willis com magia. Era possível, supôs. Trazer estátuas à vida era, afinal, uma especialidade de Mr. Norrell. Foi a primeira magia a lhe dar notoriedade. Contudo, contudo... Por que Mr. Norrell teria resolvido ele repente ajudá-lo? Por seu bondoso coração? Dificilmente. Ademais, houvera um humor negro na magia que em nada lembrava Norrell. O mago não quisera tão-só assustar os Willis; quisera também ridicularizá-los. Não, não poderia ser Norrell. Mas quem então?

O rei não parecia nem um pouco fatigado. Com efeito, estava mais disposto a dançar, a saltitar e a celebrar a derrota dos Willis. Assim, supondo que mais exercícios não causariam mal algum a Sua Majestade, Strange abriu o portão do parque e ambos o atravessaram.

A névoa branca apagara os detalhes e as cores da paisagem, deixando-a fantasmagórica. Terra e céu se mesclavam com o mesmo elemento cinza insubstancial.

O rei segurou o braço de Strange de maneira afetuosa, como se esquecido de que detestava magos. Começou a falar das coisas que o preocupavam em sua loucura. Estava convencido de que um grande número de desastres sucedera à Grã-Bretanha desde que enlouquecera. Parecia imaginar que à ruína de sua razão correspondia o naufrágio do reino. Entre esses delírios, o principal era a convicção de que Londres fora submersa numa grande inundação.

- ... E quando vieram à minha presença para me informar que as águas frias e cinzentas haviam engolfado a cúpula da catedral St. Paul, e que Londres se transformara num domínio de peixes e monstros marinhos, não posso descrever meus sentimentos! Creio haver chorado por três semanas inteiras! Agora os prédios estão crivados de cracas e os mercados só vendem ostras e ouriços-do-mar! Mister Fox me contou que três domingos atrás foi à St. Vedast, na alameda Foster, onde ouviu um excelente sermão proferido por um rodovalho. Mas tenho um plano para o restabelecimento do meu reino! Despachei embaixadores ao rei dos peixes com a proposta de que eu espose uma sereia e assim ponha fim ao antagonismo entre as nossas duas grandes nações!...

O outro assunto que preocupava Sua Majestade era a pessoa de cabelo prateado que só ele via.

- Ele se diz um rei - sussurrou, ansioso -, mas creio que é um anjo! Com todo aquele cabelo prateado, acho mais provável. E aqueles dois espíritos do mal, com quem o senhor esteve conversando, ele os maltratou terrivelmente. Creio que veio para castigá-los e lançá-los ao fogo! Depois, decerto levará a mim e ao senhor em triunfo à praça!

- Graça - disse Strange. - Vossa Majestade quer dizer que ele nos dará a graça!

Caminharam. A neve começou a cair, uma lenta queda de branco sobre um mundo pálido e cinzento. Tudo era quietude.

De súbito soou o som de uma flauta. Uma música infelizmente triste e fúnebre, mas ao mesmo tempo plena de nobreza.

Supondo que o rei estivesse a tocar, Strange virou-se para olhar. Mas os braços do rei estavam largados ao lado do corpo, a flauta no bolso. Strange olhou em volta. A névoa não estava tão densa que pudesse ocultar alguém perto deles. Não havia ninguém. O parque estava vazio.

- Ah, ouça! - bradou o rei. - Ele descreve a tragédia do rei da Grã-Bretanha. Este ritmo de notas... É pelos poderes passados e idos! Esta frase melancólica... É

por seu juízo, destruído pelos políticos impostores e pelo cruel comportamento dos filhos. Esta breve melodia que lhe parte o coração é pela bela criatura jovem que ele adorava quando jovem e que os amigos o forçaram a esquecer. Ah, Deus! Como ele chorou!

**** Charles James Fox, político radical falecido cerca de oito anos antes. Essa afirmação prova o quanto o rei estava fora de si: Mr. Fox era um ateu famoso que jamais entrou numa igreja por motivo algum.*

Lágrimas rolaram pelo rosto do rei. Ele começou a executar uma dança lenta e solene, oscilando o corpo e os braços de um lado para o outro e girando lentamente no chão. A música foi se afastando mais e mais para dentro, e o rei a acompanhava com a dança.

Strange ficou aturdido. A música parecia levar o rei em direção a um arvoredo. Ao menos Strange achou que fosse um. Estava quase certo de, momentos antes, ter visto uma dúzia de árvores, talvez menos. Agora, porém, o arvoredo se transformara numa mata, não, num bosque, um bosque cerrado e escuro com árvores antigas e silvestres. Os galhos enormes se assemelhavam a membros torcidos e as raízes, a ninhos de cobras revoltos. Enredavam-se inextricavelmente em heras e viscos. Havia uma trilha estreita entre as árvores, escavada com buracos fundos, orlada por gelo e ervas daninhas enrijecidas pela geada. Pontos de luz pálida no interior do bosque sugeriam a existência de uma casa onde alguma deveria existir.

- Vossa Majestade! - exclamou Strange. Correu atrás do rei e o agarrou. - Perdoe-me, Vossa Majestade, mas não estou gostando muito da aparência destas árvores. Talvez seja melhor voltarmos para o castelo.

O rei se deixara enlevar tanto pela música que não queria regressar. Resmungou e, com um puxão, libertou o braço das mãos de Strange, Strange o agarrou novamente e o conduziu e arrastou em direção ao portão.

Mas o flautista invisível não parecia propenso a desistir deles tão facilmente. A

música tornou-se mais alta; cercou-os por completo. Outra melodia insinuava-se de maneira imperceptível, misturando-se com suavidade à primeira.

- Ah, escute! Oh, escute! - bradou o rei, rodopiando. - Está tocando pelo senhor agora! Esta melodia desarmoniosa é para o seu preceptor cruel, que não lhe ensinará o que tem todo o direito de aprender. Estas notas dissonantes descrevem sua raiva por se ver impedido de realizar novas descobertas. Esta marcha lenta e triste é pela biblioteca notável que por egoísmo ele não o deixa ver.

- Mas como... - disse Strange, interrompendo-se. Também ele ouviu a música que lhe descrevia a vida inteira. Pela primeira vez se deu conta de que sua existência era uma tristeza só. Estava rodeado de homens e mulheres de espírito mesquinho que o detestavam e que no íntimo lhe invejavam o talento. Sabia agora que cada pensamento irado que tivera se justificava e que cada pensamento generoso fora inoportuno. Seus inimigos eram desprezíveis e seus amigos traiçoeiros. Norrell (evidentemente) era o pior deles, e mesmo Arabella mostrava-se fraca e indigna de seu amor.

- Ah! - suspirou Sua Majestade. - Então o senhor também foi traído.

- Sim - disse Strange, com tristeza.

Estavam diante do bosque novamente. As luzes minúsculas entre as árvores transmitiam a Strange uma nítida idéia da casa e dos confortos que oferecia. Quase podia ver a luz suave de velas incidindo nas cadeiras confortáveis, as lareiras antigas em que chamas vívidas ardiam, as taças de vinho condimentado quente que lhes seriam oferecidas para aquecê-los após a caminhada no bosque escuro. As luzes sugeriam ainda outras idéias.

- Creio que há uma biblioteca - disse.

- Ah, sem dúvida! - exclamou o rei, batendo palmas com entusiasmo.

- O senhor lerá os livros e, quando seus olhos se cansarem, eu os lerei para o senhor! Mas temos de ir depressa! Ouça esta música! O flautista está impaciente para que o sigamos!

Sua Majestade estendeu a mão para se apoiar no braço esquerdo de Strange. Para ajeitá-lo, Strange percebeu que teria de se livrar de algo que segurava na mão esquerda: o livro *Revelações de trinta e seis outros mundos*, de Ormskirk.

"Ah, isto!", pensou. "Não preciso mais dele. Decerto haverá livros melhores na casa do bosque!" Abriu a mão e deixou cair *Revelações* no chão coberto de neve.

A neve caía mais densamente. O flautista tocava. Eles se aviaram em direção ao bosque. Enquanto corriam, o gorro escarlate do rei cobriu-lhe os olhos. Strange estendeu a mão para endireitá-la. Ao fazê-lo, de repente se lembrou do que sabia a respeito da cor vermelha: era uma poderosa proteção contra encantamentos.

- Vamos! Vamos! - bradou o rei.

O flautista tocava uma seqüência de notas rápidas que subiam e desciam, imitando o som do vento. Um vento real surgiu de parte alguma e como que os ergueu e carregou acima do chão em direção ao bosque. Quando tornou a pô-los no chão, estavam bem mais perto da mata.

- Excelente! - exclamou o rei.

O gorro de dormir atraiu a atenção de Strange outra vez.

... *Proteção contra encantamentos...*

O flautista invocou outro vento. Este carregou o gorro do rei.

- Não importa! Não importa! - bradou o rei alegremente. - Ele me prometeu que terei gorros de sobra quando chegarmos a sua casa.

Mas Strange soltou o braço do rei e voltou cambaleante através da neve e do vento para reaver o gorro. Ele jazia na neve, escarlate-vivo, em meio aos matizes indistintos de branco e cinza.

... *Proteção contra encantamentos...*

Lembrou-se de ter dito a um dos Willis que, a fim de alcançar êxito na prática da magia, um mago deve empregar a força de seu caráter; por que pensava nisso

agora?

Ponha-me nos olhos a lua (pensou) e sua brancura devorará as visões falsas que o impostor neles pôs.

O disco branco e maculado da lua surgiu de súbito - não no céu, mas em algum outro lugar. Se tivesse de dizer exatamente onde, diria que dentro de sua cabeça. Não era uma sensação agradável. Tudo em que pensava, tudo o que via era a face da lua, como uma lasca de osso antigo. Esqueceu o rei. Esqueceu que era um mago. Esqueceu Mr. Norrell. Esqueceu o próprio nome.

Esqueceu tudo, menos a lua...

A lua desapareceu. Strange ergueu os olhos e se encontrou num lugar coberto de neve, próximo a um bosque escuro. Entre ele e o bosque estava o rei cego de roupão. O rei teria continuado a caminhar quando ele parara. Porém, sem guia para ampará-lo, sentia-se perdido e temeroso. E gritava:

- Mago! Mago! Onde está?

A Strange o bosque já não parecia um lugar acolhedor. Via-o agora como de início - sinistro, impenetrável, *não inglês*. Quanto às luzes, mal as distinguia; não eram mais que pontos brancos na escuridão e nada sugeriam além de que os moradores da casa não podiam se dar ao luxo de dispor de muitas velas.

- Mago!- chamou o rei.

- Estou aqui, Vossa Majestade.

Ponha-me nas orelhas um enxame de abelhas (pensou). Abelhas prezam a verdade e destruirão as mentiras do impostor.

Um ruído murmurante baixo encheu-lhe os ouvidos, obstruindo a música do flautista. Era como um idioma e Strange pensou por um momento que o entendia. Cresceu, invadindo-lhe a cabeça e o peito até a ponta dos dedos das mãos e dos pés. Mesmo o cabelo parecia eletrificado e a pele zumbia e estremecia com o ruído.

Por um instante terrível, sentiu como se a boca estivesse cheia de abelhas e que mais abelhas zumbiam e voavam sob sua pele, entranhas e ouvidos.

O zumbido cessou. Strange voltou a ouvir a música do flautista, mas ela não soava maviosa como antes e parecia não mais descrever sua vida.

Ponha-me sal na boca, (pensou) para que o impostor não tente agradá-lo com o sabor do mel ou desagradá-lo com o sabor das cinzas.

Esta parte do encantamento não produziu resultado algum.

Crave-me a mão com pregos de ferro, para que não a erga e cumpra a ordem do impostor.

**** Quando, mais tarde, recapitulou os eventos dessa manhã, Strange só pôde supor que o flautista não tentara iludi-lo pelo sentido do paladar.*

- Aaaiii! Deus meu! Gritou Strange. Sentia uma dor atroz na palma da mão esquerda. Quando cessou (tão de repente como começara), ele já não se sentia impelido a correr em direção ao bosque.

Ponha-me o coração num lugar secreto, para que todos os meus desejos sejam meus e neles o impostor não encontre abrigo.

Imaginou Arabella, como a vira milhares de vezes, lindamente vestida e sentada numa sala de estar no meio de um grupo de pessoas que riam e conversavam. Entregou a ela seu coração. Ela o pegou e pôs serenamente no bolso do vestido. Ninguém notou o que ela fez.

A seguir, Strange aplicou o encantamento ao rei e na última etapa entregou o coração do rei a Arabella, para que ela o guardasse no bolso. Era interessante observar a magia à distância. Havia tantos acontecimentos incomuns na pobre

cabeça do rei que a súbita aparição da luz não pareceu surpreendê-lo. Também não se importou com as abelhas; passado algum tempo, tratou apenas de espantá-las.

Terminado o encantamento, o flautista parou repentinamente de tocar.

- E agora, Vossa Majestade - disse Strange -, creio que é hora de voltarmos para o castelo. Vossa Majestade e eu somos um rei britânico e um mago britânico. Embora a Grã-Bretanha possa nos abandonar, não temos o direito de abandonar a Grã-Bretanha. Ela ainda poderá vir a precisar de nós.

- É verdade! É verdade! Na minha coroação jurei sempre servi-la! Ah, meu pobre país! - O rei se virou e acenou na direção em que supôs estava o flautista misterioso. - Adeus! Adeus, caro senhor! Deus o abençoe pela gentileza com Jorge III!

Revelações de trinta e seis outros mundos jazia quase coberto pela neve. Strange pegou o livro e o limpou.

Quando chegaram ao portão, Strange olhou para trás. O bosque escuro sumira. Em seu lugar estava um inofensivo grupo de cinco faias desfolhadas.

A caminho de Londres, Strange absorveu-se em pensamentos. Dava-se conta de que a experiência em Windsor deveria tê-lo perturbado, talvez até assustado. Mas a curiosidade e o arrebatamento superaram de longe a inquietação. Ademais, o que quer que, ou quem quer que, tivesse realizado aquela magia, ele o derrotara e impusera sua vontade sobre o outro. O desconhecido mostrara-se forte, mas ele ainda mais. Toda a aventura confirmara uma coisa de que havia muito suspeitava: existia mais magia na Inglaterra do que Mr. Norrell admitia.

Ao ponderar sobre o assunto sob todos os pontos de vista, ele sempre voltava à pessoa de cabelo prateado que só o rei conseguia ver. Tentou recordar o que precisamente o rei dissera sobre ela, mas de nada lembrava além de seu cabelo prateado.

Chegou a Londres às quatro e meia da tarde. A cidade escurecia. Luzes fulguravam em todas as lojas e os acendedores de lampiões estavam nas ruas. Ao

chegar à esquina da Rua Oxford com a New Bond, deu a volta e cavalgou rumo à Praça Hanover. Encontrou Mr. Norrell na biblioteca, tomando chá.

Mr. Norrell, como sempre, ficou contente em ver o outro mago e estava ansioso por saber tudo acerca da visita de Strange ao rei.

Strange lhe contou que o rei era mantido como prisioneiro solitário em seu próprio palácio e relatou-lhe os encantamentos que lançara. Mas sobre o encharcamento dos Willis, o bosque encantado e o flautista invisível não disse uma só palavra.

Não me surpreende de forma alguma que não tenha podido ajudar Sua Majestade - comentou Mr. Norrell. - Creio que nem mesmo os magos Áureos conseguiam curar loucura. Na verdade, não estou certo de que o tenham tentado. Parece que consideravam a loucura sob um prisma bastante diferente. Viam os loucos com uma espécie de reverência, julgavam que eles sabiam coisas que homens sãos não sabiam, coisas úteis a um mago. Há histórias de que Ralph Stokesey e Catherine de Winchester aconselhavam-se com loucos.

- Mas decerto não apenas os magos... - disse Strange. - Os seres mágicos também demonstravam um forte interesse por loucos. Lembro-me de já ter lido sobre isso.

- Sim, de fato! Alguns de nossos escritores mais importantes fizeram observações sobre a forte semelhança entre loucos e seres mágicos. Ambos são bastante conhecidos por falarem sem bom senso ou nexos... O senhor deve ter percebido algo disso no caso do rei. Mas existem outras semelhanças. Chaston, se bem me lembro, escreveu bastante sobre o assunto. Ele cita como exemplo um lunático de Bristol que todas as manhãs dizia à família de sua intenção de fazer um passeio na companhia de uma das cadeiras da sala de jantar. O homem era muito afeiçoado a essa peça da mobília, considerava-a seu melhor amigo, e com ela mantinha conversas imaginárias que tratavam do passeio que fariam e da possibilidade de encontrarem outras mesas e cadeiras. Ao que parece o homem ficava muito aflito quando alguém fazia menção de se sentar na cadeira. Evidentemente era um louco, mas Chaston afirma que os seres mágicos não lhe julgariam o comportamento tão ridículo como o fazemos. Os seres mágicos não

distinguem de modo claro o animado do inanimado. Acreditam que pedras, portas, árvores, fogo, nuvens, assim por diante, todos têm alma e desejos, e são masculinos ou femininos. Talvez isso explique a extraordinária compaixão pela loucura que os seres mágicos manifestam. Por exemplo, é bem conhecido o fato de que, quando os seres mágicos se escondiam da vista geral, os loucos muitas vezes podiam vê-los. O caso mais célebre de que me recordo foi o de um jovem louco chamado Duffy, de Chesterfield, no condado de Derby, no século XIV, que era o predileto de um espírito encantado traquinas que atormentava a cidade por anos. O espírito agradou-se deveras desse rapaz e lhe dava presentes extravagantes, muitos dos quais, se lhe teriam sido de pouquíssima utilidade em perfeito juízo, decerto de nada lhe serviam na loucura... Um barco a velas incrustado com diamantes, um par de botas de prata, um porco cantor...

- Mas por que o ser mágico fazia tal corte a Duffy?

- Ah! Ele disse a Duffy que eram irmãos na adversidade. Ignoro por quê. Chaston escreveu que um grande número de seres mágicos nutria um vago sentimento de haverem sido tratados muito mal pelos ingleses, embora fosse um mistério para Chaston, assim como é para mim, por que pensavam desse modo. Na casa dos grandes magos ingleses, os seres mágicos eram os primeiros entre os criados e se sentavam nos melhores lugares, depois do mago e da esposa. Chaston tem muitas outras coisas interessantes a dizer sobre o assunto. Sua melhor obra é o *Liber Novus*. - Mr. Norrell fitou o discípulo com o cenho franzido. - Estou certo de que lhe recomendei esse livro uma meia dúzia de vezes - disse. Ainda não o leu?

Lamentavelmente, Mr. Norrell nem sempre se lembrava com precisão absoluta de quais livros desejava que Strange lesse e de quais enviara de volta para o condado de York, com o claro propósito de mantê-los fora do alcance de seu discípulo. O *Liber Novus* estava seguro numa estante da biblioteca de Hurlfew Abbey. Strange soltou um suspiro e observou que assim que Mr. Norrell lhe pusesse o livro nas mãos teria o maior prazer em lê-lo.

- Mas enquanto isso, senhor, talvez possa fazer a gentileza de concluir a história do ser mágico de Chesterfield.

- Ah, sim! Onde foi que parei? Bem, durante vários anos nada de ruim sucedeu a Duffy e nada de bom sucedeu à cidade. Um bosque cresceu na praça do mercado e os moradores precisaram interromper suas atividades. Os bodes e os porcos ganharam asas e fugiram. O ser mágico transformou em pães de açúcar as pedras da igreja inacabada da paróquia. O açúcar ficou quente e grudento debaixo do sol e parte da igreja se dissolveu. A cidade cheirava como um pasteleiro gigante. Pior ainda, cães e gatos iam lambendo a igreja, e aves, ratos e camundongos iam mordiscá-la. Assim os cidadãos acabaram tendo uma igreja desfigurada e comida pela metade, o que não era de forma alguma o que tinham em mente. Viram-se obrigados a procurar Duffy e lhe implorar que, em nome deles, suplicasse a ajuda do ser mágico. Mas ele estava mal-humorado e não os ajudou, porque se lembrava de que haviam zombado dele no passado. Então os cidadãos viram-se obrigados a fazer ao pobre e louco infeliz todo tipo de elogios a sua inteligência e beleza. Depois disso Duffy suplicou ao ser mágico e, ah! Que diferença! O ser mágico deixou de atormentá-los e voltou a transformar a igreja de açúcar em pedra. Os habitantes derrubaram o bosque no mercado e compraram outros animais. Mas a igreja nunca mais foi a mesma. Até hoje existe algo de estranho na igreja de Chesterfield. Não é exatamente igual a outras igrejas.

Strange ficou em silêncio por um momento. Depois disse:

- Em sua opinião, Mister Norrell, os seres mágicos abandonaram a Inglaterra completamente?

- Não sei. Há muitas histórias de homens e mulheres ingleses que se encontraram com seres mágicos em lugares remotos nos últimos trezentos ou quatrocentos anos, mas, como nenhum desses indivíduos era estudioso ou mago, não se pode dizer que seu testemunho seja valioso. Quando o senhor e eu invocamos seres mágicos... Quero dizer - juntou depressa -, se fôssemos imprudentes a ponto de fazer tal coisa, então, desde que lançássemos os encantamentos de forma correta, os seres mágicos apareceriam de imediato. Mas de onde vêm ou por que caminhos viajam, isso é incerto. Nos tempos de John Uskglass, construíram-se estradas bastante rudimentares que levavam da Inglaterra ao Reino Encantado, amplas estradas verdejantes entre altas sebes verdejantes ou muros pedra. Elas ainda existem, mas não creio que os seres mágicos as usem nos

dias de hoje mais do que os cristãos. As estradas estão cobertas de vegetação e arruinadas. Têm um aspecto desolado e consta que as pessoas as evitam.

- As pessoas crêem que as estradas encantadas trazem má sorte – disse Strange.

- Tolice - replicou Norrell. - Estradas encantadas não podem fazer mal a ninguém. Estradas encantadas levam a lugar nenhum.

**** É discutível se Mr. Norrell estava certo ao afirmar que estradas encantadas não podem causar mal algum. São lugares sinistros e há inúmeras histórias de aventuras bizarras ocorridas com pessoas que tentaram viajar por elas. A história a seguir é uma das mais conhecidas. É difícil dizer exatamente que destino tiveram as pessoas na estrada - mas com certeza não foi um destino que o leitor ou eu desejaríamos compartilhar.*

No condado de York, em fins do século XVI, havia um homem que tinha uma fazenda. Numa manhã de verão, bem cedo, ele saiu com dois ou três trabalhadores para preparar o feno para a secagem. Uma bruma branca pairava sobre a terra e o ar estava frio. Ao longo de um lado do campo havia uma antiga estrada encantada confinada por sebes elevadas de pilriteiro. Capins altos e árvores novas cresciam na estrada e mesmo em dias bem claros ela era indistinta e sombria. O fazendeiro nunca vira ninguém na estrada encantada, mas nessa manhã ele e os trabalhadores ergueram o olhar e viram um grupo de pessoas caminhando por ela. Tinham rosto estranho e trajavam roupas bizarras. Um deles - um homem - seguia à frente com passadas largas. Ele saiu da estrada e entrou no campo. Trajava preto e era jovem e bem-apessoado; embora nunca o tivessem visto, o fazendeiro e os trabalhadores o reconheceram de imediato: era o Rei Mago, John Uskglass. Ajoelharam-se diante dele e ele os levantou. Disse-lhes que estava numa jornada e eles foram lhe buscar um cavalo e algo de comer e beber. Trouxeram as esposas e os filhos, e John Uskglass os abençoou e lhes desejou boa sorte.

O fazendeiro olhou com receio para as pessoas estranhas que continuavam na estrada encantada, porém John Uskglass disse ao fazendeiro que não tivesse medo. Assegurou-lhe que elas não lhe fariam mal. A seguir, foi-se a cavalo.

As pessoas estranhas permaneceram um pouco mais na estrada antiga, mas, quando os primeiros raios do forte sol de verão as tocaram, desapareceram com a bruma.

- E quanto aos descendentes semi-humanos dos seres mágicos? - perguntou Strange.

- Ah! Essa é outra questão. Muitas pessoas, hoje, têm sobrenomes que revelam as origens encantadas de seus ancestrais. Dois deles são Otherlander e Fairchild. Outro é Elfick. E Fairey, obviamente. Lembro-me de um Tom Otherlander que trabalhava em uma de nossas fazendas quando eu era menino. Mas raramente algum desses descendentes de seres mágicos demonstra o menor talento para a magia. Na verdade, no mais das vezes têm fama de serem malignos, orgulhosos e preguiçosos, todos os defeitos pelos quais seus ancestrais mágicos se tornaram conhecidos.

No dia seguinte, Strange reuniu-se com os duques reais e lhes disse o quanto lamentava não ter podido mitigar a loucura do rei. Suas Altezas Reais sentiram ao saber disso, mas não se surpreenderam nem um pouco. Esperavam por esse resultado e garantiram a Strange que não o culpavam por nada. Com efeito, estavam satisfeitos com tudo o que ele fizera e apreciaram em especial não lhes ter cobrado honorários. Como recompensa, concederam-lhe autorizações reais. Isso significava que, se desejasse, poderia pôr imagens de gesso dourado de todos os cinco brasões reais no alto da porta de sua casa na Praça Soho e tinha a liberdade de dizer a quem quisesse que fora nomeado mago dos duques reais.

Strange não contou aos duques que se sentia merecedor dessa gratidão mais do que eles imaginavam. Estava seguro de que salvara o rei de um destino horrível - embora não soubesse qual era.

34. À Beira do Deserto

Novembro de 1814

Stephen e o cavalheiro de cabelos de algodão caminhavam pelas ruas de uma cidade estranha.

- Não está ficando cansado, senhor? - perguntou Stephen. - Eu estou. Estamos andando aqui há horas.

O cavalheiro desatou uma gargalhada estridente.

- Meu caro Stephen! O senhor mal acabou de chegar! Um instante atrás estava na casa de Lady Pole, sendo obrigado a executar uma tarefa servil por ordem do cruel marido dela!

- Ah! - fez Stephen. Deu-se conta de que a última coisa de que se lembrava era de estar polindo a prataria no pequeno quarto ao lado da cozinha, mas isso parecia ter sido, oh! Anos atrás.

Olhou em volta. Nada havia ali que reconhecesse. Até o cheiro do lugar, uma mistura de temperos, café, verduras podres e carne assada, era-lhe novo. Suspirou. - É essa magia, senhor. É muito confuso.

O cavalheiro apertou-lhe o braço afetuosamente.

A cidade dava a impressão de ter sido construída numa encosta íngreme. Parecia não haver ruas propriamente, apenas vielas estreitas constituídas sobretudo de degraus que serpeavam para cima e para baixo por entre as casas. As próprias moradias eram da maior simplicidade; poder-se-ia dizer severidade. As paredes eram de terra ou barro e pintadas de branco, e tanto as portas de entrada como as venezianas das janelas eram feitas de madeira tosca. Os degraus das vielas também estavam pintados de branco. Em toda a cidade não parecia haver uma mancha sequer de cor onde se pudesse descansar os olhos: nenhuma flor num

vaso num peitoril de janela, nenhum brinquedo colorido abandonado por uma criança numa porta de entrada. Andar nessas ruas estreitas, pensou Stephen, era como se perder nas dobras de um enorme guardanapo branco.

Fazia um silêncio inquietante. Enquanto subiam e desciam os degraus estreitos, ouviam murmúrios de conversação solene vindos das casas, não havia risos, canções, uma voz de criança sequer que se erguesse em alegria. De quando em quando deparavam com um morador da cidade; um homem pomposo de rosto moreno vestia um manto branco e pantalonas, e usava um turbante branco na cabeça. Todos carregavam bengalas - mesmo os homens mais novos -, embora na verdade ninguém parecesse muito jovem. Os habitantes dessa cidade haviam nascido velhos.

Encontraram apenas uma mulher (ao menos o cavalheiro de cabelos de algodão disse ser uma mulher). Parada ao lado do marido, vestia-se do cocoruto à ponta dos dedos do pé com uma única peça de roupa da cor das sombras. Quando Stephen a viu pela primeira vez, ela estava de costas para ele e parecia tão em harmonia com a atmosfera irreal do lugar que, quando ela se virou devagar em sua direção, ele viu que o rosto não era de forma alguma um rosto, mas um painel de tecido densamente bordado do mesmo tom escuro de toda a sua roupa.

- Estas pessoas são muito estranhas - sussurrou Stephen. - E não parecem surpresas de nos verem aqui.

- Ah! - fez o cavalheiro. - Parte da magia que realizei faz que nos vejam, ao senhor e a mim, como semelhantes a eles. Estão convencidos de que nos conhecem desde a infância. Ademais, o senhor perceberá que os entende perfeitamente e que eles o entenderão, apesar da obscuridade do idioma, incompreensível até mesmo para seus próprios conterrâneos, que moram a quarenta quilômetros daqui!

Provavelmente, pensou Stephen, também era parte da magia que os habitantes da cidade não notassem quão alto o cavalheiro falava e como suas palavras ecoavam em cada corredor caiado.

A rua que estavam descendo virava uma esquina e terminava abruptamente num muro baixo que ali fora posto para impedir que pedestres incautos rolassem

colina abaixo. Desse local se descortinavam os arredores. Um vale desolado de pedras brancas estendia-se à frente, debaixo de um céu límpido. Um vento quente soprava por ele. Era um mundo do qual se arrancara toda a carne, deixando só ossos.

Stephen teria imaginado que aquele lugar era um sonho ou parte de seu estado de encantamento, não lhe tivesse informado exaltadamente o cavalheiro de cabelos de algodão:

- Esta é a África! Seu solo ancestral, meu caro Stephen!

“Mas”, refletiu Stephen, "meus ancestrais não viveram aqui, tenho certeza. Essas pessoas são mais escuras do que os ingleses, porém mais claras do que eu. Creio que são árabes”. Em voz alta, disse:

- Estamos indo a algum lugar específico, senhor?

- Ao mercado, Stephen!

Stephen ficou contente de ouvir isso. O silêncio e o vazio eram opressivos. No mercado provavelmente haveria algum ruído, alguma azáfama.

Mas resultou que o mercado dessa cidade tinha um caráter muito curioso. Situava-se junto das altas muralhas da cidade, bem ao lado de um enorme portão de madeira. Não havia barracas nem multidões ansiosas para inspecionar as mercadorias. Em vez disso, quem se dispunha a comprar alguma coisa sentava-se no chão em silêncio com as mãos fechadas enquanto um funcionário do mercado, uma espécie de leiloeiro, ia exibindo as mercadorias para os possíveis compradores. O leiloeiro mencionava o último preço oferecido e o comprador ou balançava a cabeça negativamente ou oferecia um valor mais alto. Não havia grande variedade de mercadorias: alguns fardos de tecido de qualidade, alguns artigos bordados, mas a maior parte era tapetes. Quando Stephen comentou isso com seu companheiro, o cavalheiro replicou:

- A religião deles é extremamente restritiva, Stephen. Quase tudo lhes é proibido, exceto tapetes.

Stephen observou-os movimentar-se tristemente pelo mercado, homens cujas bocas permaneciam eternamente fechadas para que não dissessem nenhuma palavra proibida, cujos olhos permaneciam eternamente desviados de imagens proibidas, cujas mãos se abstinham a cada instante de qualquer ato proibido. Pareceu-lhe que faziam pouco mais do que existir pela metade. Poderiam ser tanto visões como fantasmas. Na cidade silenciosa, no campo silencioso, só o vento quente parecia feito de uma substância real. Stephen sentiu que não se surpreenderia se um dia o vento soprasse e carregasse completamente a cidade e seus habitantes.

Stephen e o cavaleiro sentaram-se num canto do mercado, debaixo de um toldo marrom em frangalhos.

- Por que estamos aqui, senhor? - perguntou Stephen.

- Para que possamos ter uma conversa tranqüila, Stephen. Surgiu um assunto gravíssimo. Sinto lhe dizer que todos os nossos planos maravilhosos foram rudemente derrubados, e mais uma vez quem nos frustra são os magos! Nunca houve uma dupla de homens tão velhaca quanto essa! Acho que o único prazer que têm é demonstrar desprezo por nós! Mas um dia creio que...

O cavaleiro estava bem mais interessado em injuriar os magos do que em tornar as coisas claras, de forma que Stephen levou algum tempo até entender o que acontecera. Parecia que Jonathan Strange visitara o rei da Inglaterra - com que propósito o cavaleiro não explicou - e o cavaleiro também fora, primeiro com o intuito de saber o que o mago faria e depois de ver o rei da Inglaterra.

- ... E não sei por quê, mas por algum motivo nunca antes fiz uma visita de cortesia a Sua Majestade. Verifiquei que é um idoso encantador! Mostrou-se muito respeitoso para comigo! Conversamos longamente! Ele sofreu deveras com o tratamento cruel de seus súditos, Os ingleses sentem enorme prazer em humilhar os eminentes e os nobres. Ao longo da história, um grande número de personalidades ilustres padeceu com suas perversas perseguições, por exemplo Carlos I, Júlio César e, sobretudo, o senhor e eu!

- Desculpe-me, senhor. Mas o senhor mencionou planos. Que planos são esses?

- Ora, nossos planos de torná-lo rei da Inglaterra, claro! Não se esqueceu, esqueceu?

- Não, deveras! Mas...

- Pois então! Não conheço sua opinião, caríssimo Stephen - afirmou o cavaleiro, sem esperar para conhecê-la -, mas confesso que estou me cansando de aguardar que seu maravilhoso destino se concretize por si só. Vejo-me bastante inclinado a me adiantar às Parcas tardias e eu mesmo transformá-lo em rei. Quem sabe? Talvez eu esteja destinado a me tornar o nobre instrumento que o alce à elevada posição que é sua de direito! Nada parece mais plausível! Bem! Enquanto o rei e eu conversávamos, ocorreu-me que o primeiro passo para tornar o senhor rei era me desfazer dele! Entenda! Eu tinha boas intenções para com o velho. De modo algum o contrário! Encantei-lhe a alma e o deixei mais feliz do que foi em todo um ano. Mas isso não agradou ao mago! Mal havia iniciado o encantamento, o mago começou a agir contra mim, Ele empregou uma antiga magia feérica de poder imenso. Nunca me surpreendi tanto na vida! Quem poderia imaginar que ele soubesse fazer tal coisa?

O cavaleiro interrompeu a invectiva por longo tempo, o suficiente para Stephen dizer:

- Embora grato por sua preocupação comigo, senhor, sinto-me no dever de observar que o rei vigente tem treze filhos e filhas, o mais velho dos quais já governa a nação. Mesmo que o rei estivesse morto, a Coroa certamente passaria para um deles.

- Sim, sim! Mas os filhos do rei são todos obesos e estúpidos. Quem deseja ser governado por tais pessoas grotescas? Quando o povo da Inglaterra entender que poderá ser governado pelo senhor, meu caro Stephen, que é todo elegância e encanto, e cuja fisionomia nobre aparecerá bem numa moeda, ora! Ele será de fato muito obtuso se não ficar feliz de pronto e correr para apoiar a sua causa!

O cavaleiro, pensou Stephen, compreendia o caráter do inglês bem menos do que ele imaginava.

Nesse momento a conversa foi interrompida por um som medonho - uma enorme trombeta estava sendo soprada. Vários homens correram para fechar os pesados portões da cidade. Supondo que algum perigo ameaçasse a população, Stephen olhou ao redor, assustado.

- Senhor, o que está acontecendo?

- Ah, o povo daqui tem o hábito de fechar os portões todas as noites contra o perverso selvagem - respondeu o cavaleiro com certa apatia -, com o que significam todo mundo exceto eles mesmos. Mas qual sua opinião, Stephen? O que devemos fazer?

- Fazer, senhor? Em relação a quê?

- Aos magos, Stephen! Aos magos! Para mim agora está claro que tão logo seu maravilhoso destino comece a se revelar, eles com certeza interferirão, embora eu não saiba por que lhes importe quem seja o rei da Inglaterra. Imagino que, sendo eles mesmos pessoas feias e estúpidas, prefiram ser governados por um rei semelhante. Não, eles são inimigos nossos, por isso cumpre-nos encontrar uma forma de destruí-los. Veneno? Facas? Pistolas?..

O leiloeiro se aproximou, estendendo mais um tapete.

- Vinte *pennies* de prata - ofereceu, em tom lento e ponderado, como se pronunciando a sentença mais justa do mundo.

O cavaleiro de cabelos de algodão fitou o tapete pensativamente.

- É possível, claro - disse -, aprisionar alguém no interior dos motivos de um tapete por cerca de mil anos. Trata-se de um destino especialmente horrendo que sempre reservo a pessoas que me ofendem de modo profundo, como esses magos! A interminável repetição de cores e motivos, sem mencionar irritação causada do pó e a humilhação provocada pelas manchas, infalivelmente enlouquece o prisioneiro! Como ele sempre sai do tapete resolvido a se vingar do mundo inteiro, todos os

magos e heróis de uma era devem se unir para matá-lo ou, mais comumente, aprisioná-lo pela segunda vez por outros mil anos em uma prisão ainda mais horrível. E assim sua loucura e maldade vão aumentando com o passar dos milênios. Sim, tapetes! Talvez...

- Obrigado - disse Stephen ao leiloeiro, rapidamente -, mas não queremos comprar este tapete. Por favor, senhor, siga em frente.

- Tem razão, Stephen - disse o cavalheiro. - Qualquer que seja o defeito deles, os magos se mostraram muito competentes em evitar encantamentos. Precisamos encontrar outra forma de lhes destruir o ânimo, para que não sintam mais vontade de se opor a nós! Temos de fazê-los se arrepender do dia em que adotaram a prática da magia!

35. O Cavaleiro do Condado de Nottingham

Novembro de 1814

Durante os três anos da ausência de Strange, Mr. Drawlight e Mr. Lascelles desfrutaram um pequeno restabelecimento de sua influência sobre Mr. Norrell. Quem desejasse falar com ele ou pedir sua ajuda via-se obrigado, primeiro, a se dirigir a eles. Aconselhavam Mr. Norrell sobre a melhor forma de manejar os ministros e aos ministros a melhor forma de manejar Mr. Norrell. Sendo amigos e consultores do mago mais eminente da Inglaterra, todas as pessoas mais ricas e mais respeitáveis do reino lhes disputavam a amizade.

Após a volta de Strange, embora continuassem a servir Mr. Norrell com a mesma assiduidade, agora era a opinião de Strange que Mr. Norrell mais desejava ouvir e o conselho de Strange que buscava antes de qualquer outro. Claro que essa situação desagradava a Lascelles e Drawlight, e este, em especial, fez o que pôde para multiplicar os triviais aborrecimentos e ressentimentos que cada mago de quando em quando tinha com o outro.

- Não posso acreditar que eu não saiba de algo capaz de prejudicá-lo - disse a Lascelles. - Correm algumas histórias muito esquisitas sobre sua atuação na Espanha. Várias pessoas me contaram que ele ressuscitou todo um exército de soldados mortos para combater os franceses. Cadáveres com membros despedaçados e olhos pendurados por um fio, todo tipo de horror que pode imaginar! O que acha que Norrell diria disso?

Lascelles suspirou.

- Gostaria de poder convencê-lo da futilidade de tentar fabricar uma rixa entre os dois. Eles mesmos se encarregarão disso cedo ou tarde.

Dias depois da visita de Strange ao rei, um grupo de amigos e admiradores de Mr. Norrell se reuniu na biblioteca da Praça Hanover com o propósito de apreciar um novo retrato dos dois magos pintado por Mr. Lawrence. Mr. Lascelles e Mr.

Drawlight estavam presentes, assim como Mr. e Mrs. Strange e vários ministros do rei.

**** Esse retrato, agora perdido, esteve pendurado na biblioteca de Mr. Norrell de novembro de 1814 até o verão do ano seguinte, quando foi retirado. Desde então não foi visto.*

O trecho a seguir, extraído de um volume de memórias, descreve as dificuldades que Mr. Lawrence (posteriormente Sir Thomas Lawrence) encontrou para pintar o retrato. É também interessante por lançar luz sobre a relação entre Norrell e Strange no fim de 1814. Ao que parece, a despeito das muitas provocações, Strange ainda se esforçava para tolerar com paciência o mago mais velho e incentivar outros a fazerem o mesmo.

"Os dois magos posaram para o quadro na biblioteca de Mr. Norrell". Mr. Lawrence achou Mr. Strange um homem muito apazível e a parte de Strange do retrato avançou muito bem. Mr. Norrell, por seu turno, mostrava-se muito inquieto desde o início. Mudava de posição na cadeira e esticava o pescoço a todo instante, como se tentando vislumbrar as mãos de Mr. Lawrence, um esforço vão, pois o cavalete se achava entre eles. Mr. Lawrence deduziu que Mr. Norrell deveria estar apreensivo com o quadro e lhe assegurou que tudo corria bem. O pintor acrescentou que Mr. Norrell poderia olhar, se desejasse, mas isso em nada contribuiu para debelar o desassossego de Mr. Norrell.

Súbito Mr. Norrell dirigiu-se a Mr. Strange, que estava na sala a escrever uma carta a um dos ministros: Mister Strange, sinto uma corrente de ar! Creio que aquela janela atrás de Mr. Lawrence está aberta! Por favor, Mister Strange, veja se está aberta! Sem erguer os olhos, Strange retrucou: Não, a janela não está aberta. O senhor está enganado. Alguns minutos depois, Mr. Norrell pensou ter ouvido um vendedor de pastelões na praça e pediu a Mr. Strange que fosse à janela espiar; porém, mais uma vez, ele se recusou. A seguir, foi a carruagem de uma duquesa que Mr. Norrell ouviu. Pensou em tudo o que pôde para fazer Mr. Strange ir à janela, mas ele não foi. Isso era muito peculiar e Mr. Lawrence começou a

desconfiar que a agitação de Mr. Norrell nada tinha a ver com correntes de ar, vendedores de pastelões ou duquesas imaginárias, e sim com o quadro.

Portanto, quando Mr. Norrell se ausentou da sala, Mr. Lawrence perguntou a Mr. Strange qual era o problema. De início ele asseverou que nada havia de errado, mas como Mr. Lawrence estava resolvido a descobrir a verdade, insistiu com Mr. Strange. Com um suspiro, o mago disse: Ah, está bem! Ele meteu na cabeça que o senhor está copiando encantamentos dos livros que estão atrás do cavalete.

Mr. Lawrence ficou pasmo. Pintara os mais notáveis do país e jamais fora tido como suspeito de roubo. Não era o tipo de tratamento que esperava.

Por favor, pediu Strange com brandura, não se zangue. Se algum homem na Inglaterra merece nossa paciência, é Mister Norrell. Todo o futuro da magia inglesa recai em seus ombros e lhe asseguro que ele o sente fervorosamente. Isso o torna um pouco excêntrico. Pergunto-me quais seriam suas sensações, Mister Lawrence, se numa manhã acordasse e descobrisse haver se tornado o único artista na Europa. Não se sentiria um tanto solitário? Não sentiria sobre o senhor o olhar vigilante de Michelangelo, Rafael, Rembrandt e de todos os demais, ao mesmo tempo o desafiando e lhe pedindo que se nivelasse às realizações deles? O senhor por vezes não perderia o ânimo e a calma?

De Reminiscências de Sir Thomas Lawrence durante uma intimidade de quase trinta anos, por Miss Croft.

O retrato mostrava Mr. Norrell com seu casaco cinza e sua peruca antiquada. O casaco e a peruca pareciam grandes demais para ele. Mr. Norrell dava a impressão de haver se recolhido dentro deles, e seus pequeninos olhos azuis espiavam o mundo com uma curiosa mistura de temor e arrogância que lembrava a Sir Walter Pole o gato de seu criado pessoal. A maioria das pessoas parecia ter certa dificuldade em encontrar algo lisonjeiro que dizer à metade de Mr. Norrell no retrato, mas todas tinham satisfação em admirar a metade de Strange. Strange fora pintado atrás de Mr. Norrell, meio sentado, meio recostado numa mesinha, inteiramente à vontade com seu meio sorriso zombeteiro e olhos repletos de sorrisos, segredos e encantamentos - como os olhos dos magos deveriam ser.

- Ah, mas está excelente! - entusiasmou-se uma dama. - Vejam como a escuridão do espelho atrás das figuras realça a cabeça de Mister Strange.

- As pessoas sempre imaginam que magos e espelhos andam juntos – queixou-se Mr. Norrell. - Não há espelho nesta parte da minha biblioteca.

- Artistas são cheios de truques, senhor, sempre dão nova forma ao mundo de acordo com um intuito pessoal - comentou Strange. - Quanto a isso, na verdade, não diferem dos magos. Ainda assim ele criou uma obra curiosa. Parece mais uma porta do que um espelho... É tão escuro! Quase sinto uma corrente de ar saindo dali. Não gosto de me ver sentado tão perto disso... Receio pegar um resfriado.

Um dos ministros, que nunca visitara a biblioteca de Mr. Norrell, fez uma observação admirativa sobre as proporções harmoniosas do lugar e o estilo da instalação, o que levou outras pessoas a dizer como a achavam bela.

- É por certo uma sala requintadíssima - concordou Drawlight -, mas na verdade nada se comparada à biblioteca de Hurtfew Abbey! Aquela, sim, é uma sala realmente graciosa. Jamais vi algo tão encantador, tão bem-acabado. Há pequeninos arcos pontiagudos e uma cúpula com pilares em estilo gótico, e os entalhes de folhas, folhas secas e torcidas, como se ressequidas por uma terrível rajada de vento invernal, tudo feito com boa madeira inglesa, carvalho, freixo e olmo, esses entalhes são as coisas mais perfeitas que já vi. Assim que pus os olhos neles, eu disse: "Mister Norrell, o senhor tem uma profundidade que não imaginamos. O senhor é um romântico".

Mr. Norrell deu a impressão de não ter gostado de ouvir falar tanto da biblioteca de Hurtfew Abbey, mas ainda assim Mr. Drawlight continuou:

- É como estar num bosque, num bosquezinho lindo, no final do ano, e as encadernações dos livros, sendo todas tanadas, marrons e ressequidas pelo tempo, ajudam a compor essa impressão. Com efeito, parece haver tantos livros lá quanto as folhas num bosque. - Mr. Drawlight fez uma pausa. - O senhor já esteve em Hurtfew, Mister Strange?

Strange respondeu que ainda não tivera esse prazer.

- Ah, o senhor deveria ir - disse Drawlight com um sorriso maldoso. Deveria mesmo. É verdadeiramente maravilhosa.

Norrell olhou apreensivo para Strange, mas este não replicou. Dera as costas para todos e olhava atentamente para o próprio retrato.

Enquanto os demais se afastavam e começavam a falar sobre outro assunto, Sir Walter murmurou:

- O senhor não deve dar ouvidos à maldade dele.

- Hum?- fez Strange. - Ah, não é isso. É o espelho. Não dá a impressão de que se poderia entrar nele? Acho que não seria muito difícil. Pode-se usar o encantamento da revelação. Não, do desenredamento. Ou talvez ambos. O caminho se abriria. Um passo à frente e para longe. - Olhou em volta e disse: E haveria dias em que eu estaria longe.

- Onde? - Sir Walter se surpreendeu; não havia lugar que o agradasse mais do que Londres, com seus bicos de gás, lojas, cafés, clubes, milhares de mulheres bonitas, milhares de variações de mexericos, e ele imaginava que todo mundo sentisse o mesmo.

- Ah, aonde quer que homens como eu costumavam ir há muito tempo. Vaguear por caminhos que outros homens não conheceram. Por trás do céu. Do outro lado da chuva.

Strange soltou outro suspiro e seu pé direito bateu com impaciência no tapete de Mr. Norrell, sugerindo que, se ele não se decidisse logo ir por aqueles caminhos esquecidos, seus pés o carregariam para lá por vontade própria.

Às duas horas as visitas tinham ido embora e Mr. Norrell, que estava ansioso por evitar qualquer conversa com Strange, subiu e se escondeu no pequeno cômodo nos fundos da casa no segundo andar. Sentou-se à escrivaninha e começou a trabalhar. Logo esqueceu tudo a respeito de Strange, da biblioteca de Hurtfew e das sensações desagradáveis que as palavras de Drawlight causaram. Por isso se

sobressaltou um pouco quando, minutos depois, uma batida soou na porta e Strange entrou.

- Desculpe-me incomodá-lo, senhor - disse -, mas gostaria de lhe perguntar algo.

- Ah! – Fez Mr. Norrell nervosamente. – Bem, claro que estou sempre disposto a responder a qualquer pergunta que me faça, mas no momento há um trabalho que receio não poder negligenciar. Conversei com Lorde Liverpool sobre nosso plano de proteger a costa da Grã-Bretanha contra tempestades por meio de magia e ele se mostrou muito satisfeito. Lorde Liverpool diz que todo ano o mar destrói propriedades avaliadas em centenas de milhares de libras esterlinas. Lorde Liverpool considera a preservação de propriedades a principal tarefa da magia em tempos de paz. Como sempre, Sua Senhoria deseja que isso seja feito imediatamente, e é um trabalho enorme. Só o condado da Cornualha tomará uma semana. Creio que precisaremos adiar nossa conversa para outra oportunidade.

Strange sorriu.

- Se a magia é tão urgente assim, senhor, então o melhor é que eu o ajude e poderemos conversar enquanto trabalhamos. Onde começará?

- Em Yarmouth.

- E o que está usando? Belasis?

- Não, Belasis não. Existe uma reconstrução da magia de Stokesey para acalmar águas procelosas no *Tratado da linguagem das aves*, de Lanchester. Não sou tolo a ponto de supor que Lanchester se compare a Stokesey, mas é o melhor de que dispomos. Fiz algumas revisões de Lanchester e estou acrescentando encantamentos de proteção e vigilância de Pevensey. Mr. Norrell estendeu uns papéis na direção de Strange. Strange examinou-os e também se pôs a trabalhar.

Pouco depois, Strange disse:

- Descobri recentemente uma referência, em *Revelações de trinta e seis outros mundos*, de Ormskirk, ao reino situado atrás dos espelhos, um reino aparentemente

repleto das estradas mais convenientes pelas quais um viajante pode ir de um lugar a outro.

Esse assunto, de hábito, não agradaria Mr. Norrell, mas ele ficou tão aliviado ao verificar que Strange não pretendia discutir sobre a biblioteca de Hurtfew que se mostrou bastante comunicativo.

- Ah, sim! Existe de fato um caminho que une todos os espelhos do mundo. Os grandes medievais o conheciam. Sem dúvida o percorreram muitas vezes. Receio não poder lhe dar informações mais precisas. Os autores que li, todos o descrevem de forma diferente. Ormskirk afirma ser uma estrada que atravessa uma charneca extensa e escura, enquanto Hickman o define como uma casa ampla com inúmeros corredores escuros e escadas grandiosas! Hickman diz que dentro da casa há pontes de pedra que se estendem sobre abismos profundos e canais de água negra que fluem por entre paredes de pedra, para que destinação ou propósito ninguém sabe. – De repente Mr. Norrell estava de excelente humor. Sentar tranquilamente para fazer magia com Mr. Strange era para ele o ápice da fruição. – E está progredindo o artigo para o próximo número da Revista do Cavalheiro? - perguntou.

Strange refletiu um pouco.

- Não está concluído ainda - respondeu.

- De que trata? Não, não me diga! Vou aguardar ansiosamente para lê-lo! Não poderia trazê-lo amanhã?

- Ah! Amanhã, decerto.

Nessa noite, Arabella entrou na sala de estar da casa da Praça Soho e ficou um pouco surpresa ao deparar com o tapete coberto de pedaços de papel com encantamentos escritos, notas e fragmentos da conversa com Norrell. Strange estava parado no centro da sala, fitando os papéis e mexendo nos cabelos.

- Mas o que será que posso escrever no próximo artigo da Revista do Cavalheiro? - indagou.

- Não sei, meu querido. Mister Norrell não deu sugestões?

Strange franziu o cenho.

- Por algum motivo ele pensa que já está escrito.

- Bem, que tal sobre árvores e magia? - sugeriu Arabella. - Ainda outro dia você dizia que é um assunto interessante, porém muito desprezado.

Strange pegou uma folha de papel em branco e rapidamente começou a fazer anotações.

- Carvalhos podem se tornar amigos e nos ajudarão contra inimigos, se julgarem nossa causa justa. Bétulas são conhecidas por fornecerem portas que levam ao Reino Encantado. Freixos jamais cessarão de prantear enquanto o Rei Corvo não retornar. Não, não! Não está bom! Não posso dizer isso. Norrell teria um ataque. - Amassou o papel e o lançou à lareira.

- Ah, talvez então possa escutar por um instante o que tenho a lhe contar - disse Arabella. - Hoje fiz lima visita à casa de Lady Westby, onde conheci uma jovem muito curiosa que parece estar com a impressão de que o senhor está lhe ensinando magia.

Strange ergueu os olhos ligeiramente.

- Não estou ensinando magia a ninguém - disse.

- Não, meu querido - replicou Arabella pacientemente. - Sei que não. Isso é que torna o caso tão extraordinário.

- E como se chama essa jovem confusa?

- Miss Gray.

- Não a conheço.

- Uma moça elegante, inteligente, mas não bonita. Parece muito rica e apaixonada por magia. É o que todos falam. Ela tem um leque decorado com seus retratos, o seu e o de Mister Norrell, e leu cada palavra que o senhor e Lorde Portishead publicaram.

Strange a fitou pensativo por alguns segundos, e Arabella equivocadamente deduziu que ele refletia sobre o que ela acabara de dizer. Quando ele falou, porém, foi apenas para dizer, num tom de tolerante repreensão:

- Minha querida, está pisando em meus papéis. - Pegou-lhe no braço e gentilmente pô-la de lado.

- Ela me contou que lhe pagou quatrocentos guinéus pelo privilégio de ser sua aluna. Disse que, em troca, recebeu cartas suas com descrições de encantamentos e recomendações de leituras.

- Quatrocentos guinéus! Bem, isso é estranho. Posso me esquecer de uma jovem, mas não creio que me esqueceria de quatrocentos guinéus. - Um pedaço de papel capturou a atenção de Strange; ele o pegou e começou a ler.

- De início pensei que ela estivesse inventando essa história para me provocar ciúme e causar uma desavença entre nós, mas a obsessão dela não parece ser desse tipo. Não é a sua pessoa que ela admira; é a sua profissão. Para mim isso não tem pé nem cabeça. Que cartas serão essas? Quem as teria escrito?

Strange pegou um caderninho de apontamentos (por acaso o caderninho de notas que Arabella usava para dirigir a casa e que nada tinha a ver com ele) e começou a fazer anotações.

- Jonathan!

- Hum?

- O que devo dizer a Miss Gray quando a vir novamente?

- Pergunte-lhe sobre os quatrocentos guinéus. Diga-lhe que ainda não os recebi.

- Jonathan! O assunto é sério.

- Ah, concordo plenamente! Há poucas coisas tão sérias quanto quatrocentos guinéus,

Arabella insistiu que tinha sido a coisa mais bizarra do mundo. Disse a Strange que estava muito preocupada com o relato de Miss Gray e que conversaria com ela para que o mistério fosse solucionado. Mas disse tudo isso apenas para sua satisfação pessoal, pois sabia muito bem que ele não lhe prestava mais atenção.

Dias depois, Strange e Sir Walter Pole jogavam bilhar no Bedford Coffee House, em Covent Garden. O jogo chegou a um impasse quando Sir Walter começou, como de hábito, a acusar Strange de transportar as bolas de um lado para o outro na mesa por meio de magia.

Strange garantiu que não fizera tal coisa.

- Vi-o tocar o nariz - reclamou Sir Walter.

- Meus Deus! - exclamou Strange. - Pois então não se pode mais espirrar? Estou resfriado.

Dois outros amigos de Strange e Sir Walter, o tenente-coronel Colquhoun e o coronel Manningham, que assistiam à partida, disseram que, se Strange e Sir Walter desejassem tão-só brigar, seria assim tão necessário que ocupassem a mesa de bilhar? Colquhoun Grant e o coronel Manningham davam a entender que havia outras pessoas, mais interessadas no jogo em si, esperando a vez de jogar. Tendo isso evoluído para uma argumentação mais geral, lamentavelmente dois senhores rurais meteram a cabeça pela porta para indagar quando a mesa estaria livre para uma partida, sem saberem que, nas noites de quinta-feira, considerava-se o salão de bilhar do Bedford propriedade pessoal de Sir Walter Pole, de Jonathan Strange e de seus amigos próximos.

- Palavra de honra que não sei - respondeu Colquhoun Grant. - Mas provavelmente não por um bom tempo.

Um dos senhores rurais era um homem de complexão robusta, atarracado, que usava um casaco de tecido marrom pesado e botas que pareciam mais apropriadas a algum mercado provinciano do que ao ambiente elegante do Bedford. O outro senhor rural era um homem baixo e manco, com uma expressão de perpétuo espanto no rosto.

- Mas, senhor - retrucou o primeiro homem, dirigindo-se a Strange na mais perfeita sensatez -, os senhores estão apenas conversando, não jogando. Mister Tantony e eu somos do condado de Nottingham. Pedimos nosso jantar e nos disseram que só será servido daqui a uma hora. Deixe-nos jogar enquanto conversam e depois lhes devolveremos a mesa com a maior satisfação.

Disse isso de modo perfeitamente educado, mas ainda assim os amigos de Strange mostraram-se bastante ressentidos. Tudo em seu aspecto sugeria tratar-se de um fazendeiro ou comerciante, e eles não gostaram nem um pouco que o homem tivesse tomado a decisão de lhes dar ordens.

- Se observar a mesa - disse Strange -, verá que acabamos de começar. Pedir a um cavalheiro que interrompa a partida antes de ela ter terminado... Bem, senhor, é algo que jamais se faz no Bedford.

- Ah, não? - replicou o cavalheiro do condado de Nottingham com amabilidade. - Então peço que me desculpe. Mas talvez o senhor não faça objeção a me dizer se acha que será uma partida breve ou demorada.

- Já lhe dissemos - afirmou Grant. - Não sabemos. - Lançou a Strange um olhar que dizia: "Este sujeito é muito estúpido".

Foi nesse momento que o cavalheiro do condado de Nottingham começou a desconfiar que os amigos de Strange não estavam apenas sem disposição para cooperar, mas que tencionavam ser rudes com ele. Fechou cenho e indicou o homem pequeno e manco com expressão de perpétuo espanto a seu lado.

- Esta é a primeira visita de Mister Tantony a Londres e ele não deseja retornar. Eu quis lhe mostrar em especial o café Bedford, mas não pensei que fosse encontrar gente tão descortês.

- Bem, se não gosta daqui - disse Strange, irritado -, só posso sugerir que volte para sei lá de onde veio... Condado de Nada, não foi o que disse?

Colquhoun Grant lançou um olhar frio para o cavalheiro do condado de Nottingham e comentou com ninguém em especial:

- Não admira que a agricultura esteja nesse estado deplorável. Fazendeiros hoje em dia vivem vadiando. Topa-se com eles nos antros mais ociosos do reino. Levam em conta tão-só o próprio prazer. Pergunto-me se não há trigo para ser semeado no condado de Nottingham. Se não há porcos para serem alimentados.

- Mister Antony e eu não somos fazendeiros, senhor! - exclamou o cavalheiro do condado de Nottingham, indignado. - Somos cervejeiros. A Entire Stout de Gatcombe e Antony é nossa cerveja mais célebre e de reputação em três condados!

- Obrigado, mas em Londres já temos cerveja e cervejeiros que bastem observou o coronel Manningham. - Por favor, não fiquem por nossa causa.

- Mas não estamos aqui para vender cerveja! Viemos com um propósito bem mais nobre! Mister Antony e eu somos entusiastas da magia! Julgamos que é dever de todo inglês patriota interessar-se pelo assunto. Londres já não é só a capital da Grã-Bretanha, é o centro da nossa erudição mágica. Por muitos anos o mais fervoroso desejo de Mister Antony foi aprender magia, mas a arte se achava num estado tão deplorável que ele perdeu a esperança. Os amigos rogaram-lhe que se animasse. Nós lhe dissemos que é quando as coisas pioram que elas começam a melhorar. E tínhamos razão, porque, quase de imediato, surgiram dois dos maiores magos que a Inglaterra já conheceu. Refiro-me, claro, a Mister Norrell e Mister Strange! As maravilhas que eles realizaram deram aos ingleses motivo para voltarem a abençoar o país em que nasceram e encorajaram Mister Antony a esperar um dia estar entre eles.

- Mesmo? Bem, em minha opinião ele se decepcionará – observou Strange.

- Pois o senhor não poderia estar mais equivocado! - exclamou o cavalheiro do condado de Nottingham, exultante. - Mister Antony está sendo instruído nas artes da magia pelo próprio Mister Strange!

Infelizmente, nesse momento, Strange se debruçava sobre a mesa, equilibrado sobre um pé, tendo na mira uma bola de bilhar. Ficou tão surpreso com o que ouviu que errou a tacada totalmente, bateu o taco contra a lateral da mesa e de pronto foi ao chão.

- Deve haver algum engano - disse Colquhoun Grant.

- Não, senhor. Engano nenhum - replicou o cavalheiro do condado de Nottingham com uma calma irritante.

Strange, levantando-se do chão, perguntou:

- Como é a aparência dele, desse Mister Strange?

- Ah! - exclamou o cavalheiro do condado de Nottingham -, não posso lhe dar informação precisa sobre isso. Mister Antony nunca viu Mister Strange. A instrução de Mister Antony é feita totalmente por cartas. Mas temos grande esperança de um dia encontrar Mister Strange na rua. Amanhã vamos à Praça Soho com o único propósito de ver sua casa.

- Cartas! - exclamou Strange.

- Suponho que a instrução por correspondência deva ser do tipo mais inferior - disse Sir Walter.

- De forma alguma! - replicou o cavalheiro do condado de Nottingham. - As cartas de Mister Strange são repletas de conselhos sábios e percepções notáveis sobre a magia inglesa. Não faz muito tempo, Mister Antony escreveu a Mister Strange pedindo-lhe um encantamento que fizesse parar de chover... Chove muito na nossa região do condado de Nottingham. No dia seguinte Mister Strange respondeu dizendo que, embora de fato existam encantamentos que possam deslocar chuva e sol, como peças num jogo de xadrez, ele só os empregaria em caso de necessidade extrema, e aconselhou Mister Antony a lhe seguir o exemplo. A magia inglesa, disse Mister Strange, cresceu no solo inglês e em certo sentido foi nutrida pela chuva inglesa. Mister Strange disse que interferir no clima inglês é interferir na Inglaterra, e interferir na Inglaterra é arriscar destruir as próprias fundações da magia inglesa. Achamos esse um exemplo admirável do gênio de Mister Strange, não é, Mister Antony? – O homem do condado de Nottingham deu uma sacudidela no amigo que o fez piscar os olhos sucessivamente.

- Alguma vez disse isso? - murmurou Sir Walter.

- Bem! Creio que sim - respondeu Strange. - Penso ter dito algo do gênero... Quando foi? Acho que na última sexta-feira.

- E o disse a quem?

- A Norrell, claro.

- E havia alguém mais na sala?

Strange fez uma pausa.

- Drawlight - respondeu, devagar.

- Ah!

- Senhor - disse Strange ao cavalheiro do condado de Nottingham -, peço-lhe que me desculpe se o ofendi antes. Mas o senhor há de reconhecer que falou comigo de uma maneira que não foi bem... Em suma, estou irritado e o senhor me provocou. Sou Jonathan Strange e lamento lhe dizer que nunca tinha ouvido falar do senhor ou de Mister Tantony até hoje. Desconfio que seu amigo e eu estamos sendo vítimas de um homem inescrupuloso. Suponho que Mister Tantony esteja pagando pela instrução. Posso lhe perguntar para onde envia o dinheiro? Se for para a Rua Little Ryder, terei a prova de que preciso.

Lamentavelmente, a idéia que o cavalheiro do condado de Nottingham e Mr. Tantony haviam feito de Strange era a de um homem alto e de peitos fortes, barba branca comprida, um modo de falar pesado e um estilo de vestir antiquado. Como diante deles estava um Mr. Strange esguio, bem barbeado, de fala ligeira e trajado exatamente como qualquer cavalheiro rico e elegante de Londres, de início não se deixaram persuadir de que era a pessoa que dizia ser.

- Bem, pode-se resolver isso facilmente - disse Colquhoun Grant.

- Claro - disse Sir Walter. - Vou chamar um garçom. Talvez a palavra de um criado faça o que a palavra de um cavalheiro não fez. John! Venha cá! Precisamos do senhor!

- Não, não, não! - exclamou Grant. - Não foi isso o que eu quis dizer. John,

pode voltar. Não precisamos do senhor. Há uma série de coisas que Mister Strange pode fazer que provaria sua incomparável arte da magia muito melhor do que uma mera afirmação. Ele afinal é o maior mago desta era.

- Esse título - disse o homem do condado de Nottingham, franzindo o cenho - decerto pertence a Mister Norrell.

Colquhoun Grant replicou, sorrindo:

- Meu senhor, o coronel Manningham e eu tivemos a honra de combater com Sua Graça, o Duque de Wellington, na Espanha. Garanto-lhe que lá nada sabíamos acerca de Mister Norrell. Foi em Mister Strange, este cavalheiro aqui, que confiamos. Agora, se ele realizasse um ato de magia sensacional, creio que o senhor deixaria suas dúvidas de lado, e depois estou certo de que seu grande respeito pela magia inglesa e pelos magos ingleses não lhe permitiria permanecer em silêncio nem um minuto mais. Estou certo de que o senhor desejaria lhe contar tudo o que sabe sobre essas cartas forjadas.

Grant fitou o cavalheiro do condado de Nottingham com um olhar inquiridor.

- Bem - disse o cavalheiro do condado de Nottingham -, devo dizer que os senhores formam um curioso grupo de cavalheiros, e não sei o que o senhor pretende ao inventar uma história como essa. Pois lhe digo claramente que ficaria muito surpreso se descobrisse que as cartas são falsificações, pois cada linha, cada palavra delas, transpira a boa magia inglesa!

- Mas - retrucou Grant - se, como supomos, o salafrário fez uso das próprias palavras de Mister Strange para tramar mentiras, então isso o explicaria, não? Agora, a fim de provar que ele é quem afirmamos ser, Mister Strange lhe mostrará algo jamais visto por nenhuma criatura viva!

- Por quê? - disse o homem do condado de Nottingham. - O que ele fará?

Grant deu um sorriso largo e se dirigiu a Strange, como se também ele estivesse de repente tomado de curiosidade.

- Sim, Strange, diga-nos. O que fará?

Mas foi Sir Walter quem respondeu. Com um sinal de cabeça, indicou um enorme espelho veneziano que ocupava boa parte de uma parede e refletia apenas a escuridão, e afirmou:

- Ele entrará naquele espelho e dele não voltará.

36. Todos os Espelhos do Mundo

Novembro de 1814

O vilarejo de Hampstead situa-se a cerca de oito quilômetros ao norte de Londres. Na época de nossos avós, não passava de um ajuntamento de casas de fazenda e chalés sem nenhum atrativo, mas a existência de um local assim rústico nas cercanias de Londres atraiu grande número de pessoas, que para lá se dirigiam a fim de desfrutar seu ar fresco e sua vegetação. Para a diversão, ali se construiu uma raia e um gramado para jogos de bola. Casas de pães e jardins onde se servia chá proporcionavam a merenda. Pessoas ricas compraram chalés de veraneio, e Hampstead logo se tornou o que é hoje: uma das estâncias preferidas da alta sociedade londrina. Num espaço de tempo muito curto, passou de um vilarejo rural a um lugar de tamanho respeitável, quase uma pequena cidade.

Duas horas depois de Sir Walter, o tenente-coronel Grant, o coronel Manningham e Jonathan Strange terem se desavindo com o cavalheiro do condado de Nottingham, uma carruagem entrou em Hampstead pela estrada de Londres e seguiu por uma alameda escura sobre a qual pairavam sabugueiros, lilases e pilriteiros. A carruagem dirigiu-se a uma casa no fim da alameda, ali parou e dela desceu Mr. Drawlight.

No passado fora uma casa de fazenda, mas em anos recentes recebera muitos melhoramentos. Suas pequenas janelas rurais, mais úteis para impedir a entrada do frio do que para permitir a entrada da luz, haviam dado lugar a janelas grandes e regulares; um pórtico sustentado por colunas substituíra a medíocre entrada rural; o terreiro de fazenda tinha sido removido por completo e em seu lugar se instalado um jardim de flores e arbustos.

Mr. Drawlight bateu à porta. Uma criada atendeu e imediatamente o conduziu até uma sala de visitas. A sala fora, provavelmente, o salão da casa de fazenda,

mas todos os vestígios do estilo original haviam desaparecido sob dispendiosos papéis de parede franceses, tapetes persas e móveis ingleses de fabricação e estilo modernos.

Drawlight não esperava havia mais do que alguns minutos, quando uma dama adentrou a sala. Era alta, bonita e de constituição bem formada. Trajava um vestido de veludo escarlate, a gola branca adornada com um intricado colar de contas de azeviche.

Através de uma porta aberta no corredor, vislumbrava-se uma sala de jantar tão dispendiosamente decorada como a de visitas. Restos de uma refeição na mesa revelavam que a dama jantara sozinha. A impressão era de que pusera o vestido vermelho e o colar negro para seu próprio desfrute.

- Ah, minha senhora! - exclamou Drawlight, levantando-se num salto. - Espero que esteja bem...

Ela fez um breve gesto, dispensando manifestações de simpatia.

- Creio estar bem. Tão bem como pode estar alguém quase sem companhia e sem muito com que se ocupar.

- Quê! - exclamou Drawlight com espanto na voz. - Mora sozinha aqui?

- Tenho a companhia de uma tia velha. Ela me recomenda a religião com insistência.

- Ah, minha senhora! - exclamou Drawlight. - Não desperdice energia com orações e sermões. Não lhe trarão consolo. Em vez disso, concentre seus pensamentos na *vingança*.

- Concentrarei. É o que tenho feito. - Foi tudo que disse. Sentou-se no sofá defronte à janela. - E como vão Mister Strange e Mister Norrell?

- Oh, ocupados, minha senhora! Ocupados, ocupados, ocupados! Eu desejaria, tanto para o bem deles como para o da senhora, que se ocupassem menos. Ainda ontem Mister Strange perguntou sobre a senhora. Queria saber se estava bem-

disposta. "Ah, razoável", eu disse. "Apenas razoável". Minha senhora, Mister Strange está horrorizado, francamente horrorizado com o comportamento insensível de seus parentes.

- Verdade? Pois espero que sua indignação se manifeste de formas mais práticas - disse ela com frieza. - Já lhe paguei mais de cem guinéus e ele nada fez. Mister Drawlight, estou cansada de providenciar as coisas por um intermediário. Mande meus respeitos a Mister Strange. Diga-lhe que estou disposta a me encontrar com ele em qualquer lugar de sua escolha, a qualquer hora do dia ou da noite. Todas as horas são iguais para mim. Não tenho compromissos.

- Ah, minha senhora! Bem que gostaria de fazer o que me pede. E Mister Strange gostaria muito também! Mas receio ser absolutamente impossível!

- É o que o senhor diz, mas não vejo motivos para isso, ao menos nenhum que me satisfaça. Imagino que Mister Strange esteja apreensivo com o que as pessoas falarão se nos virem juntos. Mas será um encontro privado. Ninguém precisa saber.

- Ah, minha senhora! Entendeu mal o caráter de Mister Strange! Nada lhe agradaria mais do que uma oportunidade de mostrar ao mundo o quanto despreza as pessoas que a perseguem. Deve-se inteiramente à sua causa que ele seja tão cauteloso. Ele teme que...

Mas o que Mr. Strange temia a dama jamais soube, pois nesse momento Drawlight se interrompeu de súbito e olhou em volta com expressão de suma perplexidade no rosto.

- Mas o que é aquilo? - indagou.

Foi como se uma porta se tivesse aberto em algum lugar. Ou uma série de portas, possivelmente. A sensação era de que uma brisa soprava dentro da casa, trazendo consigo odores vagos da infância. A luz na sala sofreu mudanças, todas as sombras pareciam incidir de outra forma. Nada era mais preciso do que isso, e, entretanto, como muitas vezes ocorre quando uma magia está sendo feita, Drawlight e a dama tiveram a nítida impressão de que já não podiam se

apoiar no mundo visível. Como se, ao esticarem a mão para tocar qualquer coisa na sala, descobrissem que ela deixara de existir.

Havia um espelho alto pendurado na parede acima do sofá onde a dama estava sentada. Ele mostrava uma segunda lua branca e grande numa segunda janela escura e alta, e uma segunda sala espelhada e obscurecida. Mas Drawlight e a dama não apareciam em parte alguma da sala espelhada. Em vez disso, notava-se uma espécie de indistinção, que depois se assemelhou a uma sombra, que por seu turno se transformou na forma escura de alguém andando em direção a eles. Pelo caminho que a pessoa fazia, via-se claramente que a sala espelhada não era igual à original e que só por bizarros efeitos de luz e perspectiva - como os que se encontram no teatro - aparentava ser a mesma. Na verdade, a sala espelhada se parecia com um corredor comprido. O cabelo e o casaco do vulto misterioso eram agitados por um vento que não podia ser sentido na sala real e, embora ele andasse vigorosamente em direção ao espelho que separava as duas salas, demorava para chegar a ele. Por fim alcançou o espelho e, por um momento, o corpo obscurecido se agigantou, o rosto ainda na sombra.

Então, Strange saiu do espelho com muita elegância, sorriu um sorriso encantador e disse boa-noite a Drawlight e à dama. Aguardou um instante, como se dando-lhes tempo para se manifestarem, mas, como nada falaram, disse:

- Minha senhora, espero que tenha a gentileza de me perdoar esta visita em hora tão imprópria. Para falar a verdade, o caminho foi mais sinuoso do que eu esperava. Tomei um desvio errado e por pouco não cheguei a... Bem, não sei exatamente onde.

Fez outra pausa, como aguardando que o convidassem a se sentar. Como não convidaram, sentou-se de qualquer maneira.

Drawlight e a dama de vestido escarlate o olhavam fixamente. Ele sorriu para eles.

- Acabei de conhecer Mister Tantony - disse a Drawlight. - Um cavalheiro muito cordial, embora não muito loquaz. Entretanto, o amigo dele, Mister Gatcombe contou-me tudo o que eu desejava saber.



- O senhor é Mister Strange? - indagou a dama de vestido vermelho.

- Sim, senhora.

- Mas que sorte! Mister Drawlight me explicava ainda há pouco por que o senhor e eu não poderíamos nos encontrar.

- É verdade, minha senhora, que até esta noite as circunstâncias não foram favoráveis ao nosso encontro. Mister Drawlight, por favor, faça as apresentações.

Drawlight murmurou que a dama de vestido vermelho era Mrs. Bullworth. Strange se levantou, inclinou-se diante de Mrs. Bullworth e tornou a se sentar.

- Acredito que Mister Drawlight o tenha informado sobre minha terrível situação - disse Mrs. Bullworth.

Strange fez um breve gesto com a cabeça que tanto poderia significar uma coisa, como uma outra coisa, como poderia significar nada. E disse:

- A narrativa de uma pessoa distanciada dos eventos jamais coincide com a história contada por alguém intimamente envolvido com eles. Pode haver pontos vitais que Mister Drawlight, por um motivo ou outro, omitiu. Compraza-me, minha senhora. Deixe-me ouvi-la.

- Tudo?

- Tudo.

- Pois bem. Sou, como o senhor sabe, filha de um cavalheiro do condado de Northamptonshire. A propriedade de meu pai é vasta. Sua casa e sua renda são imensas. Estamos entre os primeiros daquela região. Mas minha família sempre me encorajou a crer que com minha beleza e meus talentos eu poderia ocupar uma posição ainda mais elevada no mundo. Há dois anos, contraí um matrimônio bastante vantajoso. Mister Bullworth é rico e transitávamos pelos mais elegantes círculos sociais. Apesar disso eu não era feliz. No verão passado, por infortúnio, conheci um homem que é tudo o que Mister Bullworth não é: bem-apegoado, inteligente, divertido. Algumas breves semanas bastaram para me convencer de que eu preferia esse homem a qualquer outro que tivesse conhecido. – Meneou os ombros ligeiramente. – Dois dias antes do Natal, deixei a casa de meu marido na companhia desse homem. Esperava, com efeito desejava, divorciar-me de Mister Bullworth e casar-me com ele. Essa, porém, não era sua intenção. No fim de janeiro nos desentendemos e meu amigo me abandonou. Voltou para casa e para todas as suas atividades habituais, mas uma recuperação semelhante de minha vida anterior já não era possível para mim. Meu marido me renegou. Meus amigos recusaram-se a me receber. Tive de me voltar à compaixão de meu pai. Ele disse que me proveria a subsistência para o resto de minha vida, porém sob a condição de eu viver em total isolamento. Nada de bailes, nada de festas, nada de amigos. Nada de nada. - Ela fitou a distância por um instante, como se a contemplar tudo o que perdera, mas com a mesma rapidez afastou a melancolia e afirmou: - E agora, ao que interessa! - Foi até uma pequena escrivaninha, abriu uma gaveta e dela tirou um papel que

entregou a Strange. - Fiz, como o senhor propôs, uma lista de todas as pessoas que me traíram - disse.

- Pedi-lhe que fizesse uma lista, é? - disse Strange, pegando o papel. - Ah, mas que homem prático eu sou! É uma lista bastante longa!

- Oh! - fez Mrs. Bullworth. - Cada nome será considerado uma incumbência separada, e o senhor receberá uma remuneração para cada um. Tomei a liberdade de escrever ao lado de cada nome a punição que acredito merecerem. Mas seu conhecimento superior da magia talvez sugira outros destinos, mais apropriados, para meus inimigos. Eu acolheria sugestões.

- "Sir James Southwell. Gota" - leu Strange.

- Meu pai - explicou Mrs. Bullworth. - Ele me exauriu até não mais poder com discursos sobre meu caráter maligno e me expulsou para sempre de casa. Sob vários aspectos, ele é o responsável por toda a minha desgraça. Antes pudesse endurecer meu coração o bastante para lhe decretar doença mais grave. Mas não posso. Suponho que seja isso o que querem dizer por fraqueza das mulheres.

- Gota é extremamente dolorosa - observou Strange. - Ao menos é o que me dizem.

Mrs. Bullworth fez um gesto de impaciência.

- "Miss Elizabeth Church" - continuou Strange. - "Romper o noivado". Quem é Miss Elizabeth Church?

- Uma prima, uma garota enfadonha e afetada. Ninguém jamais lhe dera a menor atenção até eu me casar com Mister Bullworth. Contudo, agora eu soube que está para se casar com um clérigo anglicano e que meu pai lhe deu um cheque para comprar o vestido de noiva e móveis novos. Meu pai prometeu a Lizzie e ao clérigo que usará de sua influência para lhes obter todo tipo de ascensão. Terão o caminho facilitado, viverão em York, onde participarão de jantares, festas e bailes, e desfrutarão todos os prazeres que deveriam ser meus. Mister Strange - bradou ela, mais enérgica -, sem dúvida deve haver encantamentos que façam um clérigo

simplesmente não suportar nem mesmo olhar para Lizzie! Que o façam estremecer ao ouvir sua voz!

- Não sei - replicou Strange. - Nunca refleti sobre isso antes. Creio que deva haver. - Retornou à lista. - "Mister Bullworth"...

- Meu marido - disse ela.

- ... "Mordido por cães".

- Ele tem sete bestas pretas enormes e se preocupa mais com elas do que com uma criatura humana.

- "Mrs. Bullworth sênior", suponho que a mãe de seu marido, "Afogada numa tina de lavar roupas. Sufocada até morrer com a compota de abricó que ela mesma faz. Assada por acidente no forno de pães". Três mortes para uma única mulher. Perdoe-me, Mrs. Bullworth, até mesmo o maior mago que jamais existiu seria incapaz de matar a mesma pessoa de três maneiras diferentes.

- Faça o máximo possível - pediu Mrs. Bullworth com tenacidade. - A velha tem um orgulho insofrível do modo como dirige a casa. Ela me aborreceu demais com o assunto.

- Entendo. Bem, tudo isso é bastante shakespeariano. E assim chegamos ao último nome. "Henry Lascelles". Conheço este cavalheiro. - Strange lançou um olhar inquiridor para Drawlight.

Mrs. Bullworth disse:

- Esta é a pessoa sob cuja proteção deixei a casa de meu marido.

- Ah! E qual será a sina dele?

- Bancarrota - respondeu ela com voz baixa e feroz. - Sandice. Fogo. Uma doença desfiguradora. Um cavalo que o atropela! Um malvado que o espreite e lhe corte o rosto com uma faca! Uma visão de horror que o assombre e o prive do sono noite após noite! - Levantou-se e começou a andar de um lado para outro na sala. - Que cada ação mesquinha e desonrosa realizada por ele seja publicada nos jornais!

Que todo mundo em Londres se esquive dele! Que ele seduza uma garota do campo e ela enlouqueça de amor por ele. Que ela o siga aonde ele for por anos e anos. Que ele se torne objeto de ridículo por sua causa. Que ela jamais o deixe em paz. Que algum engano por parte de um homem honesto o leve a ser acusado de um crime. Que ele sofra toda a indignidade de um julgamento e de um encarceramento. Que seja marcado a fogo! Que seja espancado! Que seja açoitado! E que seja executado!

- Mrs. Bullworth - disse Strange -, por favor, acalme-se.

Mrs. Bullworth parou de andar. Suspendeu a invocação das sinas horríveis sobre a cabeça de Mr. Lascelles, mas nem de longe se podia dizer que tivesse se acalmado. Ela arfava, seu corpo inteiro tremia e o rosto ainda se contraía furiosamente.

Strange pôs-se a observá-la. Quando julgou que ela tinha readquirido um razoável controle de si mesma para entender o que ele desejava dizer, começou:

- Lamento Mrs. Bullworth, mas a senhora foi vítima de uma trapaça cruel. Esta pessoa - olhou para Drawlight - mentiu para a senhora, Mister Norrell e eu jamais aceitamos incumbências de caráter individual. Jamais empregamos esta pessoa como agente para nos arranjar trabalho. Nem jamais tinha ouvido o nome da senhora até esta noite.

Mrs. Bullworth o fitou por um momento e depois se virou para Drawlight.

- É verdade?

Drawlight fixou o olhar aflito no tapete e resmungou uma espécie de fala em que se discerniam apenas as palavras "senhora" e "situação peculiar".

Mrs. Bullworth esticou o braço e puxou o cordão do sino.

A criada que introduzira Drawlight na casa reapareceu.

- Haverhill - disse Mrs. Bullworth -, retire Mister Drawlight daqui.

Ao contrário da maioria das criadas de casas seletas, escolhidas sobretudo por seu rosto gracioso, Haverhill era alguém com o aspecto competente da meia-idade, braços fortes e expressão implacável. Nessa ocasião, porém, não foi necessário fazer muito, uma vez que Mr. Drawlight ficou bastante grato pela oportunidade de se retirar. Apanhou a bengala e saiu correndo da sala assim que Haverhill abriu a porta.

Mrs. Bullworth dirigiu-se à Strange.

- Irá me ajudar? Irá fazer o que peço? Se o dinheiro não for suficiente...

- Ah, o dinheiro! - Strange fez um gesto de desprezo. - Lamento, mas, como lhe disse há pouco, não aceito incumbências privadas.

Ela o fitou e depois disse, em tom de dúvida:

- Será possível que o infortúnio de minha situação lhe seja totalmente indiferente?

- Ao contrário, Mrs. Bullworth, um sistema moral que pune a mulher e isenta o homem de toda a culpa me parece assaz execrável. Entretanto, não vou além disso. Não farei mal a pessoas inocentes.

- Inocentes! - exclamou ela. - Inocentes! Quem é inocente? Ninguém!

- Mrs. Bullworth, nada tenho a dizer. Nada posso fazer pela senhora. Sinto muito.

Ela o observou com ar cáustico.

- Hum, muito bem. Ao menos o senhor teve a cortesia de não me recomendar arrependimento, obras de caridade, trabalhos de agulha ou o que quer que todos esses tolos afirmam ser a cura para uma vida vazia e um coração partido. Creio que o melhor para nós será colocarmos um fim a esse encontro. Boa noite, Mister Strange.

Strange fez uma reverência. Ao deixar a sala, lançou um olhar saudoso para o espelho acima do sofá, como se preferisse partir através dele, mas Haverhill mantinha a porta aberta, e a polidez vigente o obrigava a passar por ela.

Não tendo cavalo nem carruagem, percorreu a pé os oito quilômetros que separavam Hampstead da Praça Soho. Ao chegar em frente à porta de casa, notou que, embora fossem quase duas horas da madrugada, havia luz em todas as janelas. Antes mesmo de começar a procurar a chave no bolso, a porta foi escancarada por Colquhoun Grant.

- Deus do céu! O que está fazendo aqui? - bradou Strange.

Grant não se deu ao trabalho de responder, voltando, em vez disso, para dentro da casa e chamando:

- Ele está aqui, senhora! Está a salvo!

Arabella saiu correndo, quase tropeçando, da sala de estar, seguida pouco depois por Sir Walter. A seguir, Jeremy Johns e vários outros criados apareceram no corredor que levava à cozinha.

- Aconteceu alguma coisa? Há algo de errado? - perguntou Strange, olhando para todos com ar de surpresa.

- Cabeça-dura! - riu Grant, afagando-lhe a cabeça com carinho. - Estávamos preocupados! Por onde andou?

- Hampstead.

- Hampstead! - exclamou Sir Walter. - Bem, estamos muito contentes em vê-lo!
- Olhou para Arabella e acrescentou nervosamente: - Acho que deixamos Mrs. Strange preocupada sem motivo.

- Ah! - fez Strange para a esposa. - Não ficou apreensiva, ficou? Eu estava perfeitamente bem. Sempre estou.

- Pois então, senhora! - afirmou o tenente-coronel Grant, animado. É como lhe disse. Na Espanha Mister Strange muitas vezes correu grande perigo, mas nunca nos preocupamos com ele por pouco que fosse. É esperto demais para sofrer algum mal.

- Precisamos ficar aqui no vestíbulo? - perguntou Strange. No caminho de volta de Hampstead viera refletindo sobre magia e pretendia continuar suas reflexões em casa. Em vez disso, encontrou-a cheia de gente, todos falando ao mesmo tempo. Isso o deixou indisposto.

Tomou a frente, entrou na sala de estar e pediu a Jeremy que lhe levasse vinho e algo de comer. Quando estavam todos sentados, disse:

- Era exatamente o que pensamos. Drawlight andava planejando que Norrell e eu fizéssemos todo tipo de magia negra que os senhores possam imaginar. Encontrei-o com uma mulher jovem e muito nervosa que queria que eu infligisse tormentos a parentes seus.

- Que horrível! – Exclamou o tenente-coronel Grant.

- E o que Drawlight disse? - perguntou Sir Walter. - Como se explicou?

- Ah! - Strange desatou uma breve risada desgostosa. - Não disse uma palavra. Simplesmente fugiu, o que foi uma pena, pois estava disposto a desafiá-lo para um duelo.

- Ah! - fez Arabella de repente. - Então agora é duelo?

Sir Walter e Grant olharam para ela assustados, mas Strange estava por demais absorvido no que dizia para perceber a expressão zangada da esposa.

- Não suponho que ele aceitasse, mas gostaria de assustá-lo um pouco. Deus sabe como o merece.

- Mas nada ainda nos contou sobre esse reino, caminho, seja lá o que for, atrás do espelho - disse o tenente-coronel Grant. - Correspondeu a suas expectativas?

Strange meneou a cabeça.

- Não tenho palavras para descrevê-lo. Tudo o que Norrell e eu fizemos é nada comparado a ele! E, no entanto, temos a ousadia de nos intitular magos! Bem que gostaria de poder lhes dar uma idéia de sua grandeza! De sua dimensão e complexidade! Dos enormes corredores de pedra que se estendem por todas as

direções! A princípio tentei calcular seu comprimento e a quantidade deles, mas logo desisti. Pareciam não ter fim. Havia canais de água parada em aterros de pedra. Água negra na luz lúgubre. Vi escadas que se elevavam tanto que não lhes enxerguei o alto, e outras que desciam para dentro de um negrume absoluto. Depois, de repente, passei sob um arco e dei comigo numa ponte de pedra que atravessava uma paisagem vazia e escura. A ponte era tão incomensurável que não lhe vi o fim. Imaginem uma ponte que ligasse Islington a Twickenham! Ou York a Newcastle! E em todo lugar nos corredores e na ponte vi a forma dele.

- A forma de quem? - perguntou Sir Walter.

- Do homem que Norrell e eu difamamos em quase tudo o que escrevemos. Do homem cujo nome Norrell mal suporta ouvir. Do homem que construiu os corredores, os canais, a ponte, tudo! John Uskglass, o Rei Corvo! Claro que a estrutura se dilapidou ao longo dos séculos. Qualquer que tenha sido o propósito com que John Uskglass utilizou essas estradas no passado, elas já não parecem necessárias. Estátuas e alvenaria desmoronaram. Feixes de luz se infiltram só Deus sabe de onde. Alguns corredores estão obstruídos; outros, inundados. E lhes direi algo mais, bastante curioso. Havia uma grande quantidade de sapatos abandonados em todo lugar por onde passei. Talvez pertencessem a viajantes. Tinham um estilo muito antigo e estavam bastante deteriorados. Daí a conclusão de que esses corredores foram pouco freqüentados em anos recentes. Durante todo o trajeto, vi somente uma pessoa.

- Viu outra pessoa? - perguntou Sir Walter.

- Ah, sim! Ao menos penso que era uma pessoa. Vi uma sombra que se movia ao longo de uma estrada branca que atravessava a charneca escura. Entendam que no momento eu me encontrava na ponte, que era bem mais alta do que qualquer uma que eu tenha visto neste mundo. O chão parecia a milhares e milhares de quilômetros de distância. Olhei para baixo e vi alguém. Se não estivesse tão determinado a ir no encalço de Drawlight, por certo teria encontra do uma forma de descer e seguido esse homem ou essa mulher, pois me pareceu que não haveria coisa melhor para um mago do que passar algum tempo conversando com tal espécie de pessoa.

- Mas a pessoa estava a salvo? - perguntou Arabella.

- A salvo?- replicou Strange com desdém. - Ah, não. Penso que não. Mas também ousou dizer que nem eu mesmo esteja particularmente a salvo. Espero não ter perdido minha oportunidade. Espero, quando voltar lá amanhã, descobrir uma pista de para onde foi o vulto misterioso.

- Voltar?! - exclamou Sir Walter. - Tem certeza de que...?

- Ah! - Exclamou Arabella, interrompendo. - Já posso ver como será! Percorrerá esses caminhos toda vez que Mister Norrell lhe conceder um tempo livre, enquanto eu ficarei aqui, na mais angustiante incerteza, sem saber se o verei novamente!

Strange olhou surpreso para ela.

- Arabella?! O que se passa?

- O que se passa?!' Decide se expor ao perigo mais terrível e ainda espera que eu me cale a respeito!

Strange fez um gesto que combinava apelo e desamparo, como se solicitasse a Sir Walter e a Grant que testemunhassem quão excessivamente desarrazoado isso era. Disse:

- Mas quando comuniquei que ia para a Espanha, agiu com perfeita calma, embora uma guerra feroz estivesse sendo travada. Isso, de outro lado, é muito...

- Com perfeita calma? Asseguro-lhe que não estava calma de forma alguma! Sentia um medo terrível, como sentiam todas as esposas, mães e irmãs dos homens que foram para a Espanha. Mas concordamos que era seu dever ir. E, ademais, na Espanha estava acompanhado por todo o Exército britânico, enquanto lá estará totalmente sozinho. Digo "lá", mas nenhum de nós sabe onde fica esse "lá"!

- Desculpe-me, mas sei exatamente onde fica! São as estradas do Rei. Francamente, Arabella, acho que já é um pouco tarde para concluir que não gosta da

minha profissão!

- Oh, isso não é justo! Nunca disse uma só palavra contra a sua profissão. Julgo-a uma das mais nobres no mundo. Orgulho-me em demasia do que o senhor e Mister Norrell fizeram e nunca objetei o mínimo que fosse ao aprendizado de qualquer nova magia que houve por bem aprender... Ocorre que até hoje sempre se contentou em fazer suas descobertas nos livros!

- Bem, não mais. Confinar as pesquisas de um mago aos livros de sua biblioteca, bem, é como dizer a um explorador que se aprova seu plano de pesquisar a origem do... do... Sei lá como se chamam aqueles rios africanos... Com a condição de que ele jamais se afaste das águas medicinais da cidade de Tunbridge Wells!

Arabella soltou uma exclamação exasperada.

- Achei que pretendesse ser um mago, não um explorador!

- É a mesma coisa. Um explorador não pode ficar em casa estudando magias traçados por outros. Um mago não pode aumentar o sortimento de magia estudando em livros escritos por outros, É-me bastante óbvio que, cedo ou tarde, Norrell e eu teremos de olhar para além dos livros!

- Mesmo? É óbvio para o senhor, é? Bem, Jonathan, pois duvido muito que seja óbvio para Mister Norrell.

Durante toda essa troca de palavras, Sir Walter e o tenente-coronel Grant pareciam tão constrangidos como duas pessoas que inadvertidamente se tornam testemunhas de uma pequena explosão de desarmonia conjugal. Tampouco a situação deles melhorava com a constatação de que no momento nem Arabella nem Strange demonstravam muito boa vontade para com eles. Já tinham sido obrigados a tolerar algumas palavras ásperas de Arabella quando confessaram haver encorajado Strange a realizar a perigosa magia, e agora Strange lhes lançava olhares irados, como se perguntasse a si mesmo com que direito tinham ido a sua casa no meio da noite enfurecer sua normalmente afável esposa. Assim que houve algo semelhante a uma pausa na conversa, o tenente-coronel Grant murmurou algo ininteligível sobre o avançar das horas, sobre a gentil hospitalidade do casal ter ido

além do que ele merecia e sobre votos de boa-noite. Mas como ninguém lhe prestou a menor atenção, viu-se obrigado a permanecer onde estava.

Sir Walter, contudo, tinha um caráter mais firme. Concluiu que cometera um erro ao enviar Strange ao caminho do espelho e estava decidido a fazer o possível para corrigir a situação. Como político que era, nunca fora dissuadido de oferecer opiniões a quem quer que fosse pelo simples fato de que não estivessem inclinados a ouvi-las.

- Leu todos os livros sobre magia? - Indagou a Strange.

- Quê? Não, claro que não! Sabe muito bem que não! – retrucou Strange. (Pensava nos livros da biblioteca de Hurtfew).

- Os corredores que viu esta noite, sabe aonde conduzem? - Perguntou Sir Walter.

- Não - respondeu Strange.

- Sabe qual é o terreno escuro que a ponte atravessa?

- Não, mas...

- Então, com certeza, seria melhor fazer o que Mrs. Strange sugere e ler tudo o que puder sobre essas estradas antes de voltar a elas, não acha? - disse Sir Walter.

- Mas as informações nos livros são imprecisas e contraditórias! Até Norrell o reconhece, e ele leu tudo o que há para ler sobre essas estradas. Esteja certo disso!

Arabella, Strange e Sir Walter continuaram a argumentar por mais meia hora, até todos ficarem mal-humorados, infelizes e desejosos de ir dormir. Só Strange pareceu à vontade com as descrições de corredores silenciosos e sinistros, caminhos intermináveis e paisagens vastas e escuras. Arabella mostrou-se muito assustada com o que ouviu, e até Sir Walter e o tenente-coronel Grant se sentiram visivelmente perturbados. A magia, que parecera tão familiar poucas horas antes, tão inglesa, de súbito se tornara inumana, sobrenatural, de outro mundo.

Quanto a Strange, em sua categórica opinião eles eram as pessoas mais incompreensíveis e irritantes do país. Pareciam não entender que ele fizera algo extremamente notável. Não seria exagero afirmar (pensou) que fora a realização mais extraordinária de sua carreira até então. Desde Martin Pale, nenhum outro mago estivera nas estradas do Rei. Mas, em vez de o congratularem e lhe elogiarem a habilidade - o que qualquer pessoa teria feito -, tudo o que faziam era se lamuriar de uma forma norrelliana.

Na manhã seguinte, acordou resolvido a voltar às estradas do Rei. Cumprimentou Arabella com animação, conversou com ela sobre assuntos insignificantes e procurou simular que a discussão se devera ao cansaço dela e à situação exaustiva da noite anterior. Mas, bem antes que pudesse tirar proveito dessa conveniente ficção (e escapulir para as estradas pelo espelho grande mais próximo), Arabella lhe disse, com muita franqueza, que se sentia exatamente como na noite anterior.

No fim, não resulta inútil tentar seguir o curso de uma discussão entre marido e mulher? Uma tal conversação por certo meandra mais do que qualquer outra. Contém argumentos e ressentimentos tributários de anos anteriores, todos bastante incompreensíveis para qualquer um que não as duas pessoas mais de perto interessadas. Nenhuma delas jamais prova estar certa ou errada em tal caso, ou, se prova, o que isso significa?

O desejo de viver em harmonia e amizade com um cônjuge é muito forte, e quanto a isso Strange e Arabella não eram diferentes de outras pessoas. Finalmente, depois de dois dias de avanços e retrocessos na apresentação de argumentos sobre o assunto, promessas foram feitas. Ele lhe prometeu não voltar às estradas do Rei até que ela o autorizasse. Em troca, ela lhe prometeu conceder a permissão assim que ele a convencesse de que se tratava de uma jornada segura.

37. O Cinque Dragownes

Novembro de 1814

Sete anos atrás, considerava-se a casa de Mr. Lascelles na Rua Bruton uma das melhores de Londres. Tinha o tipo de perfeição que só pode ser alcançado por homens muito ricos e ociosos que dedicam a maior parte de seu tempo a colecionar esculturas e quadros e a maior parte de suas energias mentais a escolher móveis e papéis de parede. Ele tinha um bom gosto admirável e talento para combinar cores em formas novas e surpreendentes. Apreciava particularmente azuis, cinzas e uma espécie de bronze-metálico fusco. Entretanto, nunca tivera apego sentimental a seus bens. Vendia quadros com a mesma freqüência com que os comprava e a casa jamais se degenerava naquela confusão de galeria de arte que assedia a residência de alguns colecionadores. Cada cômodo da casa de Lascelles continha apenas um punhado de quadros e *objets d'art*, mas entre esse punhado se encontravam alguns dos mais belos e mais notáveis objetos de toda a Londres.

Nos últimos sete anos, porém, a perfeição da casa de Mr. Lascelles se reduzira um tanto. As cores continuavam requintadas, mas eram as mesmas de sete anos antes. Os móveis continuavam dispendiosos, mas representavam o que houvera de mais moderno sete anos antes. Nesse período, nenhum quadro novo fora acrescentado à coleção de Lascelles. As notáveis esculturas antigas que haviam chegado a Londres nos últimos sete anos, vindas de Itália, Egito e Grécia, tinham sido adquiridas por outros cavalheiros.

E mais: havia sinais de que o proprietário da casa se envolvera em ocupações úteis, que estivera, em outras palavras, trabalhando. Relatórios, manuscritos, cartas e papéis governamentais amontoavam-se em mesas e cadeiras, e exemplares de Os Amigos da Magia Inglesa e livros sobre magia podiam ser encontrados em todos os cômodos.

A verdade era que, embora ainda fingisse desprezar o trabalho, nos últimos sete anos, desde que Mr. Norrell chegara a Londres, Lascelles estivera mais ocupado do que nunca. Conquanto tivesse sido sugestão sua nomear Lorde Portishead editor de *Os Amigos da Magia Inglesa*, a forma com que Sua Senhoria conduzia os trabalhos editoriais exasperara Lascelles a um ponto quase insuportável. Lorde Portishead condescendia com Mr. Norrell em tudo - implementava imediatamente todas as correções desnecessárias de Norrell - e, como resultado, *Os Amigos da Magia Inglesa* fora se tornando mais enfadonha e mais perifrástica a cada edição. No outono de 1810, Lascelles conseguira nomear a si mesmo co-editor. *Os Amigos da Magia Inglesa* contava com um dos maiores conjuntos de assinantes entre os periódicos no reino; o trabalho não era insignificante. Ademais, Lascelles escrevia sobre magia moderna para outros periódicos e jornais, aconselhava o governo sobre as diretrizes da magia, visitava Mr. Norrell quase diariamente e, nas horas livres, estudava história e teoria da magia.

Três dias depois de Strange ter visitado Mrs. Bullworth, Lascelles estava em sua biblioteca trabalhando intensamente na próxima edição de *Os Amigos da Magia Inglesa*. Embora passasse um pouco do meio-dia, ainda não encontrara tempo para se barbear e se vestir, e estava sentado de roupão em meio a montes de livros, papéis, pratos e xícaras de café ainda da refeição matinal. Deu pela falta de uma carta de que precisava e foi procurá-la. Ao entrar na sala de estar, surpreendeu-se ao deparar com alguém lá.

- Oh! - exclamou. - É o senhor.

A criatura de aspecto deplorável que desabara numa poltrona ao lado da lareira ergueu a cabeça e disse:

- Seu criado foi procurá-lo para lhe dizer que estou aqui.

- Ah! - fez Lascelles, e ficou em silêncio, aparentemente não tendo mais o que dizer. Sentou-se na poltrona em frente, apoiou a cabeça numa das mãos e observou Drawlight pensativamente.

O rosto de Drawlight estava pálido, os olhos fundos. O casaco estava empoeirado, os sapatos polidos, mas com negligência, e mesmo a roupa tinha uma

aparência abatida.

- Creio que foi muita indelicadeza sua - disse Lascelles afinal - aceitar dinheiro para planejar minha ruína, invalidez e loucura. E de Maria Bullworth, quem diria! O motivo de ela estar tão furiosa escapa à minha compreensão! Ela foi tão responsável quanto eu. Não a forcei a se casar com Bullworth. Simplesmente lhe ofereci uma saída quando ela já não suportava sequer vê-lo. É verdade que desejava que Strange me infligisse lepra?

- Ah, provavelmente - disse Drawlight com um suspiro. - Realmente não sei. Jamais houve o menor perigo de que lhe acontecesse alguma coisa. O senhor fica aqui, tão rico, saudável e confortável como sempre, enquanto eu sou o ser mais infeliz de Londres. Faz três dias que não durmo. Esta manhã minhas mãos tremiam tanto que mal pude dar o nó na gravata. Ninguém sabe que humilhação é para mim aparecer neste estado andrajoso. Mas que importância tem isso, se ninguém vai me ver? Negam-me entrada em cada porta de Londres. Sua casa é a única em que sou aceito. - Fez uma pausa. - Não deveria lhe contar isso.

Lascelles encolheu os ombros.

- O que não entendo - disse - é como podia esperar que um plano tão absurdo tivesse êxito.

- Não era nem um pouco absurdo! Ao contrário, fui escrupuloso na minha escolha de... De clientes. Maria Bullworth vive num perfeito isolamento social. Gatcombe e Tantony são cervejeiros! Do condado de Nottingham! Quem poderia ter previsto que eles e Strange algum dia viessem a se conhecer?

- E quanto a Miss Gray? Arabella Strange a conheceu na casa de Lady Westby, na Praça Bedford.

Drawlight respondeu com um suspiro.

- Miss Gray tem dezoito anos e mora com seus tutores em Whitby. De acordo com as condições do testamento do pai, ela era obrigada a consultar a vontade deles em relação a tudo que fizesse até os trinta e seis anos. Eles detestaram

Londres e resolveram jamais sair de Whitby. Infelizmente, ambos apanharam uma gripe e morreram de súbito dois meses atrás, e a pobre moça logo veio para a capital. - Drawlight fez uma pausa e lambeu os lábios nervosamente. Mister Norrell está muito zangado?

- Nunca o vi tão zangado - respondeu Lascelles com brandura.

Drawlight afundou um pouco mais na poltrona.

- O que farão?

- Não sei. Uma vez que sua aventurezinha veio à tona, pensei que o melhor é me ausentar da Praça Hanover por algum tempo. Soube pelo almirante Summerhayes que Strange pretendia desafiá-lo para um duelo - Drawlight emitiu uma espécie de grito de pavor -, mas, como Arabella desaprova duelos, a idéia não foi adiante.

- Norrell não tem o direito de se zangar comigo! - afirmou Drawlight de repente. - Ele deve tudo a mim! Certo, era a arte da magia, mas se eu não o tivesse feito transitar na sociedade e o mostrado às pessoas, ninguém jamais teria tomado conhecimento dele. Não pôde prescindir de mim na época e não pode prescindir agora.

- Acredita que não?

Os olhos escuros de Drawlight se arregalaram como nunca e ele levou um dedo à boca, como se buscasse conforto em roer a unha. Dando-se conta, porém, de que ainda estava de luvas, retirou-o logo.

- Voltarei à noite - disse. - Estará em casa?

- Provavelmente. Disse a Lady Blessington que talvez fosse a sua galeria, mas duvido que vá. Estamos terrivelmente atrasados com *Os Amigos*. Norrell vive a nos apoquentar com instruções contraditórias.

- Tanto trabalho! Meu pobre Lascelles! Isso não lhe será de modo algum conveniente! O velho é um grande feitor de escravos!

Depois de Drawlight sair, Lascelles chamou o criado.

- Emerson, vou sair daqui a uma hora. Diga a Wallis que prepare minhas roupas... Ah, e Emerson! Mister Drawlight manifestou a intenção de voltar aqui mais tarde esta noite. Quando chegar, não o deixe entrar sob hipótese alguma.

Ao mesmo tempo que a conversa acima ocorria, Mr. Norrell, Mr. Strange e John Childermass estavam reunidos na biblioteca da Praça Hanover para discutir a traição de Drawlight. Mr. Norrell fitava em silêncio a lareira acesa, enquanto Childermass contava a Strange ter descoberto outra vítima de Drawlight, um cavalheiro idoso de Twickenham chamado Palgrave que dera a Drawlight duzentos guinéus para que sua vida fosse prolongada por mais oitenta anos e a juventude lhe fosse devolvida.

- Não estou seguro - prosseguiu Childermass - de que viremos a saber com certeza quantas pessoas pagaram Drawlight, convencidas de que incumbiam os senhores de realizar magia negra. Tanto Mister Tantony como Miss Gray receberam a promessa de uma futura posição na hierarquia de magos, que Drawlight lhes disse que logo existirá e que eu não tenho pretensões de entender muito bem.

Strange suspirou e disse:

- Não sei como convenceremos as pessoas de que não estamos envolvidos nisso. Temos que fazer alguma coisa, mas confesso que não tenho a menor idéia do quê.

De repente Mr. Norrell disse:

- Refleti cuidadosamente sobre o assunto durante os últimos dois dias, posso dizer que na verdade mal pensei em outra coisa, e cheguei à conclusão de que devemos reviver o Cinque Dragownes!

**** Les Cinqes Dragownes (Os Cinco Dragões). O nome deste tribunal não deriva, como em geral se supõe, da ferocidade dos juizes, mas de um aposento na casa de John Uskglass, o Rei Corvo, em Newcastle, onde originalmente se*

realizavam os julgamentos. Dizia-se que o aposento tinha doze lados e era decorado com entalhes notáveis, alguns deles obra de homens e alguns deles obra de seres mágicos. Os mais maravilhosos eram os entalhes de cinco dragões.

Entre os crimes julgados pelo Cinque Dragownes estavam: "Inclinações para o mal", magia com propósitos inerentemente malignos; "Falsa magia", simulação de magia ou promessa de realizar magia de que não se era capaz ou que não se tinha a intenção de fazer; vender anéis mágicos, chapéus, sapatos, casacos, cintos, pás, feijões, instrumentos musicais, assim por diante, a pessoas sem condições de controlar esses artigos poderosos; pretextar ser mago ou pretextar agir em nome de um; ensinar magia a pessoas inadequadas, como bêbados, dementes, crianças, pessoas de hábitos e inclinações repreensíveis; e inúmeros outros crimes de magia cometidos por magos e outros cristãos treinados. Crimes contra a pessoa de John Uskglass também eram julgados pelo Cinque Dragownes. A única categoria de crimes de magia com a qual o Cinque Dragownes nada tinha a ver referia-se aos crimes cometidos por seres mágicos. Estes eram da competência de um tribunal separado de Folflures.

Na Inglaterra dos séculos XII, XIII e XIV, uma florescente comunidade de magos e seres mágicos realizava continuamente magia. É notória a dificuldade de regulamentar a magia e, certamente, nem toda magia era feita com boas intenções. Ao que parece, John Uskglass dedicou grande parte de seu tempo e energia à criação de um código de leis que regulasse a magia e os magos. Quando a prática da magia se espalhou por toda a Inglaterra, os reis do Sul da Inglaterra ficaram muitíssimo gratos por tomarem emprestada a sabedoria dos vizinhos do Norte. Era uma peculiaridade daquela época que, embora a Inglaterra se dividisse em dois países com sistemas judiciários separados, o código de leis regulador da magia fosse o mesmo para ambos. O equivalente inglês no Sul ao Cinque Dragownes era chamado de Petty Dragownes, de Londres, e situava-se próximo a Blackfriars.

Pairou um breve silêncio e então Strange disse:

- Perdão, senhor. Disse Cinque Dragownes?

Mr. Norrell confirmou com a cabeça.

- Para mim está bastante claro que esse patife deve ser julgado pelo Cinque Dragownes. Ele é culpado de falsa magia e inclinações para o mal. Felizmente a antiga lei medieval nunca foi revogada.

- A antiga lei medieval - disse Childermass, com um breve riso - requeria que doze magos tomassem parte no julgamento no Tribunal de Cinque Dragownes. Não existem doze magos na Inglaterra. O senhor sabe muito bem que não. Existem apenas dois.

- Podemos encontrar outros - disse Mr. Norrell.

Strange e Childermass olharam pasmos para ele.

Mr. Norrell teve a cortesia de parecer um pouco constrangido por contradizer tudo o que sustentara durante sete anos, mas mesmo assim continuou:

- Há Lorde Portishead e aquele homenzinho moreno de York que se recusou a assinar o acordo. São dois, e creio – e nisso olhou para Childermass – que o senhor encontrará outros, se puser a cabeça para funcionar.

Childermass abriu a boca, provavelmente para dizer algo sobre todos os magos que já tinha encontrado para Mr. Norrell, magos que não eram mais magos, agora que Mr. Norrell se lhes apossara dos livros, que os afastara da profissão, que os obrigara a assinar contratos perniciosos ou que, de alguma outra forma, os destruía.

Perdoe-me, Mister Norrell- interrompeu Strange -, mas, quando falei que precisávamos fazer alguma coisa, pensei em um anúncio no jornal ou algo parecido. Duvido muito que Lorde Liverpool e os ministros nos autorizem, em virtude da punição de um homem, a reviver uma ramificação da lei inglesa que está morta há mais de duzentos anos. E, mesmo que sejam tão condescendentes a ponto de permiti-lo, creio que devemos admitir que doze magos significam doze magos *praticantes*. Lorde Portishead e John Secundus são magos teóricos. Ademais, é bastante provável que Drawlight seja logo processado por fraude, falsificação, roubo

e não sei mais o quê. Não consigo perceber a vantagem do Cinque Dragownes sobre os tribunais de direito consuetudinário.

- A justiça dos tribunais de direito consuetudinário é totalmente imprevisível! O juiz nada saberá de magia. A ele escapará completamente a magnitude dos crimes desse homem. Refiro-me a crimes contra a magia inglesa, a crimes contra mim. Para nossa plena segurança, julgo que deva ser enforcado.

- Enforcado!

- Ah, sim! Estou bastante resolvido a vê-lo enforcado! Pensei que era disso que falávamos. - Mr. Norrell piscou rapidamente os olhos miúdos.

- Mister Norrell- disse Strange -, estou tão aborrecido com esse homem como o senhor. Ele é inescrupuloso. É falaz. É tudo o que mais desprezo. Mas não causarei a morte de quem quer seja. Estive na península Ibérica, senhor, já vi muitos homens morrerem.

- Mas dois dias atrás o senhor desejou desafiá-lo para um duelo!

Strange lançou-lhe um olhar irado.

- É coisa completamente diferente!

- De qualquer forma - continuou Mr. Norrell-, não creio que se possa culpar Drawlight mais do que ao senhor!

- Do que a mim!- exclamou Strange, espantado. - Por quê? O que fiz?

- Ah, sabe muito bem o que quero dizer! O que o levou a tomar as estradas do Rei? Sozinho e absolutamente despreparado? O senhor decerto não imaginou que eu aprovaria essa aventura desvairada! Suas ações daquela noite contribuirão para desprestigiar a magia tanto quanto esse homem já fez. Com efeito, é possível que contribuam ainda mais! Ninguém jamais viu Christopher Drawlight com bons olhos. Não surpreende que se revele um patife. Mas o senhor é conhecido em todos os lugares como meu discípulo! O senhor é o segundo mago do país! As pessoas

acharão que aprovei o que fez, Pensarão que isso é parte do meu plano de restaurar a magia inglesa!

Strange fitou o mestre.

- Mister Norrell, Deus queira que não se sinta desacreditado por uma ação minha. Nada, asseguro-lhe, poderia estar mais longe da minha vontade. Mas pode-se remediar isso facilmente. Se o senhor e eu nos separarmos, cada um de nós poderá agir de modo independente. O mundo julgará cada um de nós sem referência com o outro.

Mr. Norrell pareceu horrorizado. Mirou Strange, afastou os olhos e murmurou em voz baixa que não pretendia dizer isso. Esperava que Mr. Strange soubesse que não quisera dizer isso. Pigarreou.

- Espero que Mister Strange leve em consideração meu estado de ânimo exacerbado. Espero que Mister Strange se preocupe bastante com a magia inglesa para que possa tolerar meu mau humor. Sabe quanto é importante que ele e eu falemos e ajamos juntos para o bem da magia inglesa. É cedo em extremo para que a magia inglesa seja exposta a rajadas de ventos contrários. Se Mister Strange e eu começarmos a nos contradizer sobre as diretrizes da magia, não creio que a magia inglesa sobreviverá...

Silêncio.

Strange levantou-se da cadeira e se inclinou diante de Mr. Norrell numa mesura rígida e cerimoniosa.

Seguiram-se momentos constrangedores. Mr. Norrell dava a impressão de que adoraria ter o que dizer, mas lhe faltava assunto.

Por acaso o novo livro de Lorde Portishead, *Ensaio sobre o extraordinário renascimento da magia inglesa*, e outros, acabara de chegar da gráfica e estava numa mesinha próxima. Mr. Norrell o agarrou.

- Que pequenina obra excelente esta! E quão dedicado a nossa causa é Lorde Portishead! Depois de uma crise como esta em que não nos sentimos inclinados a

confiar em quem quer que seja, creio que podemos confiar sempre em Lorde Portishead!

Entregou o livro a Strange.

Strange virou as páginas, pensativamente.

- Ele sem dúvida fez tudo o que pedimos. Dois capítulos extensos com críticas ao Rei Corvo e que mal mencionam os seres mágicos. Se bem me recordo, o manuscrito original continha uma longa descrição da magia do Rei Corvo.

- Sim, de fato - comentou Mr. Norrell. - Antes de o senhor promover aquelas correções, não tinha mérito algum. Pior, estava perigoso! Mas as longas horas que o senhor passou com ele, guiando-lhe as opiniões, revelaram-se frutíferas! Estou extremamente satisfeito com o livro!oras que o senhor passou com ele, guiando-lhe as opini

Quando Lucas lhes trouxe a bandeja de chá e petiscos, os dois magos já pareciam refeitos (embora Strange talvez estivesse um pouco mais quieto que de costume), A desavença parecia superada.

Pouco antes de se ir, Strange perguntou se poderia levar emprestado o livro de Lorde Portishead.

- Claro! - exclamou Mr. Norrell. - Fique com ele! Tenho vários exemplares.

A despeito de todas as objeções feitas por Strange e Childermass, Mr. Norrell foi incapaz de desistir do plano de reviver o Cinque Dragownes. Quanto mais pensava nele, mais lhe parecia que jamais voltaria a gozar de paz até que houvesse um adequado tribunal de lei da magia instalado na Inglaterra, Sentia que nenhuma punição imposta a Drawlight por outro tribunal o satisfaria. Assim, mais tarde, naquele mesmo dia, enviou Childermass à casa de Lorde Liverpool a fim de lhe solicitar o obséquo de alguns minutos de conversa com Sua Senhoria. Lorde Liverpool respondeu que receberia Mr. Norrell no dia seguinte.

Na hora marcada, Mr. Norrell visitou o primeiro-ministro e lhe explicou seu plano. Quando concluiu, Lorde Liverpool fez uma expressão grave.

- Mas a lei da magia caiu em desuso na Inglaterra - disse Sua Senhoria. - Não há advogados treinados que atuem em um tribunal como esse. Quem defenderia as causas? Quem as julgaria?

- Ah! - exclamou Mr. Norrell, exibindo um espesso maço de papéis. - Alegria-me que Vossa Senhoria faça perguntas tão pertinentes. Redigi um documento em que descrevo os procedimentos do Cinque Dragowens. Lamentavelmente, há muitas lacunas no nosso conhecimento, mas sugiro formas pelas quais poderíamos restaurar o que se perdeu. Tomei como modelo os tribunais eclesiásticos do Doctors Commons. Como Vossa Senhoria verificará, temos muito trabalho pela frente.

Lorde Liverpool olhou os papéis de relance.

- Trabalho demais, Mister Norrell - declarou, categórico.

- Ah, mas lhe garanto que é por demais necessário. Por demais necessário! Senão, de que outra forma regularemos a magia? De que outra forma poderemos nos defender de magos perversos e seus criados?

- Que magos perversos? Existem apenas Mister Strange e o senhor.

- Bem, isso é verdade, mas...

- O senhor se sente particularmente perverso no momento, Mister Norrell? Existe algum motivo premente para que o governo britânico estabeleça um órgão legal independente para controlar suas tendências malévolas?

- Não, eu...

- Ou quem sabe Mister Strange é que esteja demonstrando forte inclinação para o homicídio, a mutilação e o roubo?

- Não, mas...

- Pois então resta-nos o tal de Mister Drawlight, que, pelo que me consta, não é mago.

- Os crimes dele, no entanto, são especificamente crimes de magia. De acordo com a lei inglesa, ele deveria ser julgado pelo tribunal de Cinques Dragownes, o lugar apropriado para ele. Eis os nomes dos crimes que cometeu. Mr. Norrell pôs outra lista diante do primeiro-ministro. - Aqui! Falsa magia, inclinações para o mal e pedagogia maligna. Nenhum tribunal comum tem competência para lidar com eles.

- Sem dúvida. Mas, como já salientei, não há quem possa julgar a causa.

- Se só passar os olhos pela página quarenta e dois de minhas anotações, Vossa Senhoria verá que proponho empregar juízes, advogados de defesa e advogados eclesiásticos do Doctors Commons. Eu poderia lhes explicar os princípios da lei taumatúrgica, o que não tomaria mais de uma semana ou coisa assim. E poderia lhes emprestar meu empregado, John Childermass, enquanto durasse o julgamento. Ele é cultíssimo e poderia lhes dizer com facilidade quando fizessem algo errado.

- Quê! O juiz e os advogados serem instruídos em seus deveres pelo querelante e um seu empregado! Decerto que não! A justiça rechaça tal idéia!

Mr. Norrell piscou os olhos.

- Mas como, então, posso estar seguro de que outros magos não venham a se manifestar para desafiar minha autoridade e me contradizer?

- Mister Norrell, não é dever do tribunal, de qualquer tribunal, elevar as opiniões de uma pessoa acima das de outras! Nem em magia nem em qualquer outra esfera da vida. Se há magos que pensam de forma diferente do senhor, cabe-lhe debater com eles. Deve provar a superioridade de suas opiniões, como eu faço na política. Deve argumentar, publicar e praticar a sua magia, e aprender a viver como eu tenho feito, confrontando-se com críticas constantes, com a oposição e com a censura. Esse é o jeito inglês, senhor.

- Mas...

- Sinto muito, Mister Norrell. Paremos por aqui. Conversa encerrada. O governo da Grã-Bretanha lhe é grato. O senhor prestou ao país um serviço incalculável.

Todos sabem como o temos em alta estima, mas o que pede é absolutamente impossível.

A trapaça de Drawlight logo se tornou pública e, como Strange previra, também uma certa dose de culpa impregnou os dois magos. Drawlight era, afinal, companheiro íntimo de um deles. Constituiu um excelente tema para os caricaturistas e vários desenhos bastante surpreendentes foram publicados. Uma caricatura de George Cruikshank mostrava Mr. Norrell fazendo um longo discurso ante um grupo de admiradores sobre a nobreza da magia inglesa, enquanto num cômodo de fundos Strange ditava uma espécie de cardápio para um criado, que o anotava com giz num quadro-negro: Para matar por magia um conhecido desprezível, vinte guinéus. Para matar um amigo íntimo, quarenta guinéus. Para matar um parente, cem guinéus. Para matar um cônjuge, quatrocentos guinéus. Em outra caricatura, de Rowlandson, uma dama da moda andava pela rua levando na coleira um cãozinho peludo. Encontrou-se com uma conhecida, que se pôs a exclamar a respeito do cão: Nossa! Mas que cãozinho dócil, Mrs. Foulkes! Sim, respondeu Mrs. Foulkes, é Mr. Foulkes. Paguei cinqüenta guinéus para Mr. Strange e Mr. Norrell fazerem meu marido obedecer a todos os meus desejos, e eis o resultado!

Não resta dúvida de que as caricaturas e os parágrafos maliciosos nos jornais causaram grande dano à magia inglesa. Agora a magia era vista sob uma luz bem diferente: não mais como a maior defesa da nação, e sim como instrumento da maldade e da inveja.

E quanto às pessoas que Drawlight prejudicara? Como analisavam a questão? Não há dúvida de que Mr. Palgrave, o homem idoso, doente e desagradável que esperara viver para sempre, tencionara processar Drawlight por fraude, mas fora impedido de fazê-lo por sua súbita morte, ocorrida um dia depois. Seus filhos e herdeiros (que o odiavam) ficaram contentes em descobrir que seus últimos dias haviam se caracterizado por muita frustração, tormento e decepção.

Tampouco Drawlight teve algo a temer de Miss Gray ou de Mrs. Bullworth. Os amigos e parentes de Miss Gray não lhe permitiram se envolver num processo judicial vulgar, e as instruções de Mrs. Bullworth a Drawlight foram tão malévolas que

a tornavam passível de culpa; ela se achava impotente para atacá-lo. Restavam Gatcombe e Tantony, os cervejeiros do condado de Nottingham. Como prático homem de negócios, Mr. Gatcombe estava, sobretudo, empenhado em recuperar o dinheiro e enviara aguazis a Londres para recolhê-lo. Lamentavelmente, Drawlight não tinha condições de atender Mr. Gatcombe nesse pormenor, uma vez que o gastara havia muito tempo.

E assim chegamos à derrocada real de Drawlight, pois, tão logo escapou do patíbulo, sua verdadeira Nêmesis lhe apareceu no já nublado céu da vida, a avançar rapidamente no ar com asas negras para aniquilá-lo. Nunca fora rico; com efeito, bem o contrário disso. Vivia sobretudo de créditos e empréstimos feitos com amigos. Às vezes ganhava dinheiro em casas de jogo, mas no mais das vezes encorajava fulanos e beltranos tolos e jovens a jogar, e, quando eles perdiam (o que invariavelmente acontecia), Drawlight os pegava pelo braço e, falando sem parar, levava-os a este ou aquele prestamista conhecido, "Honestamente, não lhes recomendaria outro prestamista", dizia-lhes, todo solícito, "porque cobram juros absurdos", mas Mister Buzzard pertence a uma categoria diferente. É um velho cavalheiro gentil. Não tolera que se negue prazer a alguém quando ele próprio tem meios para oferecê-los. Realmente penso que ele vê o empréstimo de pequenas somas de dinheiro mais à luz de um trabalho caritativo do que de especulação comercial! Por essa pequena, mas importante função de induzir jovens a dívidas, maus hábitos e perdição, Drawlight recebia pagamento dos prestamistas, em geral quatro por cento sobre os juros do primeiro ano no caso do filho de um homem do povo, seis por cento no caso do filho de um visconde ou baronete e dez por cento no caso do filho de um conde ou duque.

A notícia de sua desonra começou a circular. Alfaiates, chapeleiros e luveiros a quem devia dinheiro ficaram ansiosos e começaram a clamar por pagamento. Dívidas que ele intimamente supôs pudessem ser proteladas por mais quatro ou cinco anos de súbito foram renovadas e transformadas em casos de urgência. Homens de feições rudes com paus na mão iam dar pancadas em sua porta. Várias pessoas o aconselharam a partir imediatamente para o estrangeiro, mas ele não pôde acreditar que seria totalmente abandonado pelos amigos. Acreditava que Mr. Norrell abrandaria; que Lascelles, o caro, caríssimo Lascelles, iria ajudá-lo. Enviou-lhes cartas respeitosas solicitando o empréstimo imediato de quatrocentos guinéus.

Mr. Norrell, porém, jamais respondeu e Lascelles apenas escreveu para dizer que tinha como regra nunca emprestar dinheiro a quem quer que fosse. Drawlight foi preso por dívidas numa terça-feira de manhã e na sexta-feira seguinte era prisioneiro na King's Bench Prison.

Numa noite de fins de novembro, cerca de uma semana após esses eventos, Strange e Arabella estavam na sala de estar da casa da Praça Soho. Arabella escrevia uma carta e Strange fitava o vazio, puxando os cabelos distraidamente. De repente se levantou e saiu da sala.

Voltou uma hora depois com uma dúzia de papéis escritos.

Arabella ergueu os olhos.

- Pensei que já tivesse escrito o artigo para *Os Amigos da Magia Inglesa* disse.

- Este não é o artigo para *Os Amigos da Magia Inglesa*. É uma resenha do livro de Portishead.

Arabella franziu o cenho.

- Mas não pode resenhar um livro que ajudou a escrever.

- Creio que posso. Sob certas condições.

- Não me diga! E que condições são essas?

- Se disser que é um livro abominável, uma fraude cruel perpetrada contra o público britânico.

Arabella o olhou fixamente.

- Jonathan! - exclamou por fim.

- Mas é um livro abominável.

Entregou-lhe o maço de papéis e ela começou a ler. O relógio no console da lareira assinalou nove horas e Jeremy trouxe o chá. Quando ela terminou de ler, disse com um suspiro:

- O que vai fazer?

- Não sei. Imagino que publicá-lo.

- Mas e o pobre Lorde Portishead? Se escreveu coisas no livro que estão erradas, claro que alguém deve lhe dizer. Mas sabe muito bem que ele só as escreveu porque o senhor mandou. Ele se sentirá muitíssimo maltratado.

- Ah, decerto! É uma coisa lamentável do princípio ao fim - disse Strange com indiferença. Bebeu um gole de chá e comeu um pedaço de torrada. -mas não se trata disso. Devo permitir que minha estima por Portishead me impeça de dizer o que penso ser verdadeiro? Creio que não. Crê que sim?

- Mas tem de ser o senhor? - replicou Arabella com um olhar aflito. - Pobre homem, ficará ainda mais sentido por partir do senhor.

Strange franziu o cenho.

- Claro que tem de ser eu. Quem mais? Mas, escute, prometo-lhe que apresentarei a ele uma generosa desculpa assim que tiver o ensejo.

E com isso Arabella viu-se obrigada a se conformar.

Strange ponderou sobre para que editor enviaria a resenha. Escolheu Mr. Jeffrey, d'A *Revista de Edimburgo*, na Escócia. A *Revista de Edimburgo*, vale lembrar, era uma publicação radical favorável à reforma política, à emancipação de católicos e judeus e a todo tipo de coisa que Mr. Norrell reprovava. Como conseqüência, nos últimos anos Mr. Jeffrey vira resenhas e artigos sobre o Renascimento da Magia Inglesa aparecerem em publicações rivais, enquanto ele, pobre sujeito, nada publicara. Evidentemente ficou contente em receber a resenha de Strange. Não se mostrou nem um pouco preocupado com seu conteúdo surpreendente e revolucionário, visto que esse era o tipo de coisa de que mais gostava. Escreveu de imediato uma carta a Strange, garantindo-lhe que publicaria a

resenha assim que possível, e dias depois enviou a Strange um *haggis* (uma espécie de pudim escocês) de presente.

38. D'A Revista de Edimburgo

Janeiro de 1815

ART. XIII. *Ensaio sobre o extraordinário renascimento da magia inglesa, e outros.* De JOHN WATERBURY, Lorde PORTISHEAD, com um relato da magia feita na recente Guerra Peninsular, por JONATHAN STRANGE, mago efetivo de Sua Graça o Duque de WELLINGTON. Londres, 184. John Murray.

Como valioso assistente e confidente de Mr. NORRELL, e amigo de Mr. STRANGE, Lorde PORTISHEAD está admiravelmente qualificado para escrever a história dos recentes eventos de magia, pois esteve no centro de muitos deles. Todas as realizações de Mr. NORRELL e Mr. STRANGE foram amplamente debatidas em jornais e revistas, mas a compreensão dos leitores de Lorde PORTISHEAD será bastante ampliada com o relato que se lhes oferece na íntegra.

Os admiradores mais entusiásticos de Mr. NORRELL querem nos fazer acreditar que ele chegou a Londres na primavera de 1807 plenamente formado como o maior mago da Inglaterra e o primeiro fenômeno desta era, mas evidencia-se no relato de PORTISHEAD que tanto ele como STRANGE só se tornaram mais seguros e hábeis após começos bastante experimentais. PORTISHEAD não se furta a mencionar tanto seus fracassos como seus êxitos. O quinto capítulo contém um relato tragicômico do debate interminável que mantiveram com a CAVALARIA DE GUARDA e que foi iniciado em 1810, quando um dos generais teve a original idéia de substituir os cavalos da cavalaria por unicórnios. Dessa forma esperava-se conceder aos soldados o poder de ferir com chifres o coração dos franceses. Lamentavelmente, esse excelente plano nunca foi levado a cabo, pois, longe de encontrarem unicórnios em número suficiente para a utilização da cavalaria, Mr. Norrell e Mr. Strange ainda estavam por descobrir um deles que fosse.

De valor mais dúbio é a segunda parte do livro de Sua Senhoria, em que abandona a descrição e se põe a estabelecer regras para identificar o que é e o que não é magia inglesa respeitável - em outras palavras, o que se pode chamar de magia branca e magia negra. Nada há de novo aqui. Caso o leitor deitasse os olhos nos trabalhos dos recentes comentadores da magia, começaria a perder uma curiosa uniformidade de opinião. Todos repetem a mesma história e todos usam os mesmos argumentos para formular conclusões.

Talvez tenha chegado o momento de indagar por que isso ocorre. Em todos os outros ramos do conhecimento, nosso entendimento se alarga por meio de oposições e debates racionais. Direito, Teologia, História e Ciência, todos apresentam várias facções. Por que então, na *Magia*, nada ouvimos senão os mesmos argumentos desgastados? É de se perguntar por que afinal se dar ao trabalho de argumentar, se todos já parecem convencidos das mesmas verdades? Essa mesmice árida é particularmente evidente em recentes relatos da HISTÓRIA DA MAGIA INGLESA, que a cada repetição tornam-se mais excêntricos.

Há oito anos, o autor destas linhas publicou *Uma história do Rei Corvo para crianças*, uma das obras mais perfeitas no gênero. Ela transmite ao leitor uma sensação vívida da fantasmagoria e do prodígio da magia de JOHN USKGLASS. Portanto, por que agora tem ele pretensões a crer que a verdadeira magia começou no século XVI com MARTIN PALE? No sexto capítulo de *Ensaio sobre o extraordinário renascimento da magia inglesa, e outros*, ele afirma que PALE dispôs-se intencionalmente a extirpar da magia inglesa seus elementos mais negros. Não se esforça, porém, para apresentar uma prova dessa reivindicação extraordinária, o que é uma coisa boa, visto não existirem provas.

Segundo a concepção atual de PORTISHEAD, a tradição iniciada com PALE foi desenvolvida mais perfeitamente por HICKMAN, LANCHESTER, GOUBERT, BELASIS et al. (os que denominamos magos ARGÊNTEOS) e agora alcançou seu glorioso apogeu com Mr. NORRELL e Mr. STRANGE. É decerto uma concepção que exigiu de Mr. STRANGE e Mr. NORRELL muito trabalho para perpetrar. Mas é simplesmente inútil. MARTIN PALE e os magos ARGÊNTEOS nunca pretenderam assentar as fundações da magia inglesa. Em cada encantamento que registraram, em cada palavra que escreveram, tentavam recriar a gloriosa magia de seus

predecessores (que denominamos magos da Era de Ouro, ou ÁUREOS): THOMAS GODBLESS, RALPH DE STOKESSEY, CATHERINE DE WHINCHESTER e, sobretudo, JOHN USKGLASS. MARTIN PALE foi o devotado seguidor desses magos. Jamais cessou de lamentar ter nascido duzentos anos fora de seu próprio tempo.

Uma das características mais extraordinárias do nascimento da magia inglesa tem sido o tratamento dispensado a JOHN USKGLASS. Nos dias de hoje, seu nome parece ser invocado tão-somente para ser ultrajado. É como se Mr. DAVY e Mr. FARADAY, e tantos outros grandes cientistas, tivessem a obrigação de inicial suas palestras expressando desdém e aversão por ISAAC NEWTON. Ou como se nossos eminentes médicos tivessem de preceder cada anúncio de uma nova descoberta em Medicina com uma descrição da iniquidade de WILLIAM HARVEY.

Lorde PORTISHEAD dedica um longo capítulo do livro à tentativa de provar que JOHN USKGLASS não é, como se supõe comumente, o fundador da magia inglesa, visto que antes dele existiram magos nestas ilhas. Não o nego. O que nego com muita veemência é que tenha havido uma *tradição de magia* na Inglaterra antes de JOHN USKGLASS.

Examinemos esses primeiros magos que PORTISHEAD considera tão importantes. Quem foram eles? JOSÉ DE ARIMATÉIA foi um deles, um mago que veio das Terras Santas e plantou uma árvore mágica para proteger a Inglaterra do mal - mas não me consta que tenha permanecido tempo suficiente para ensinar suas habilidades a nenhum habitante. MERLIN foi outro, mas, sendo *gaulês* por parte de mãe e *infernal* por parte de pai, dificilmente servirá como padrão dessa magia inglesa respeitável que PORTISHEAD, NORRELL e STRANGE almejam. E quem foram os discípulos e seguidores de MERLIN? Somos incapazes de nomear um que seja. Não, ao menos uma vez a opinião vigente é a correta: a magia esteve por muito tempo extinta nestas ilhas até JOHN USKGLASS vir do Reino Encantado e estabelecer seu reino na Inglaterra do Norte.

Ao que parece, PORTISHEAD teve algumas dúvidas sobre isso e, antecipando-se à possibilidade de seus argumentos não convencerem os leitores, pôs-se a provar que a magia de JOHN USKGLASS era inerentemente maligna. Mas os exemplos que

escolheu estão longe de sustentar essa conclusão. Examinemos um deles. Todo mundo já ouviu falar dos quatro bosques mágicos que circundavam Newcastle, a principal cidade de JOHN USKGLASS. Tinham por nome Great Tom, Asmody's Citadel, Petty Egypt e Serlo's Blessing. Mudavam de lugar para lugar e sabe-se que, de quando em quando, engoliam pessoas que se aproximassem da cidade com a intenção de fazer mal aos habitantes. Por certo a idéia de bosques canibais parecia-nos sinistra e horrível, mas não existem indícios de que os contemporâneos de JOHN USKGLASS assim a considerassem. Tratava-se de uma época violenta; JOHN USKGLASS era um rei medieval e agia como tal para proteger sua cidade e seus cidadãos.

Por vezes é difícil chegar a uma conclusão sobre a moralidade das ações de

JOHN USKGLASS, uma vez que seus motivos eram muito obscuros. Ninguém sabe por que em 1138 ele causou o desaparecimento da Lua no céu e a fez percorrer todos os lagos e rios da Inglaterra. Não sabemos por que em 1202 indis pôs-se com o inverno e o baniu do reino, de forma que por quatro anos a Inglaterra do Norte desfrutou de um verão ininterrupto. Tampouco sabemos por que durante trinta noites consecutivas, em maio e junho de 1345, todos os homens, mulheres e crianças do reino sonharam que se reuniam numa planície vermelho-escura debaixo de um céu dourado-claro para construir uma elevada torre negra. Trabalhavam todas as noites e acordavam de manhã em suas próprias camas totalmente exaustos. O sonho apenas cessou de afligi-los quando, na trigésima noite, a torre e as fortificações foram concluídas. Em todas essas histórias - mas em especial na última - temos a sensação da ocorrência de grandes eventos sem, no entanto, saber o que poderiam ser. Vários estudiosos conjecturaram que a elevada torre negra situava-se na porção do Inferno que USKGLASS supostamente arrendara de LÚCIFER e que USKGLASS construía uma fortaleza a fim de levar à cabo uma guerra contra os inimigos no Inferno. Contudo, MARTIN PALE pensava de maneira diferente. Acreditava existir uma ligação entre a construção da torre e o aparecimento da peste negra na Inglaterra três anos mais tarde. O reino de USKGLASS na Inglaterra do Norte foi muito menos atingido pela doença do que seus vizinhos do Sul e PALE acreditava que isso devia-se ao fato de USKGLASS ter construído uma espécie de defesa contra ela.

Mas, de acordo com o *Ensaio sobre o extraordinário renascimento da magia inglesa*, não temos o direito de nem mesmo nos perguntar sobre tais coisas, De acordo com Mr. NORRELL e Lorde PORTISHEAD, o mago moderno não deve se ocupar de coisas que se pode apenas parcialmente compreender. Mas eu afirmo que é justamente porque essas coisas são compreendidas apenas parcialmente que devemos estudá-las.

A magia inglesa é a casa estranha que nós, magos, habitamos. Está construída sobre fundações que JOHN USKGLASS sedimentou e que ignoramos por nossa própria conta e risco. Deveriam ser estudadas e sua natureza compreendida, de forma que pudéssemos saber o que podem e o que não podem sustentar. Caso contrário, aparecerão fendas que deixarão penetrar ventos só Deus sabe vindos de onde. Os corredores levar-nos-ão a lugares a que nunca pretendemos ir.

Em conclusão, o livro de PORTISHEAD - conquanto contenha muitas coisas excelentes - é um ótimo exemplo da contradição insana que habita o coração da magia inglesa moderna: nossos magos mais proeminentes afirmam sem cessar sua intenção de apagar da magia inglesa todos os indícios e vestígios de JOHN USKGLASS. Mas como será isso possível, se é a magia de JOHN USKGLASS que praticamos?

39. Os Dois Magos

Fevereiro de 1815

De todos os artigos já publicados em *A Revista de Edimburgo*, esse foi de longe o mais controverso. No fim de janeiro, de uma ponta a outra do país parecia quase não haver homem ou mulher instruídos que não o tivessem lido e sobre ele formado uma opinião. Embora não assinado, todo mundo sabia quem era o autor - Strange. Ah, sim, por certo de início alguns hesitaram e chamaram a atenção para o fato de que Strange fora tão criticado como Norrell - talvez mais. Mas amigos dessas pessoas as julgaram muito tolas. Não era Jonathan Strange, afinal, conhecido por ser justamente um tipo contraditório e caprichoso, capaz de publicar uma crítica a si mesmo? E não declarara o autor ser um mago? Quem mais poderia ser? Quem mais falaria com tamanha autoridade?

Quando Mr. Norrell chegou a Londres, suas opiniões pareceram bastante novas e nem um pouco excêntricas. Desde então, porém, as pessoas se acostumaram a elas e ele não parecia mais do que refletir sua época ao afirmar que a magia, assim como os oceanos, deveria aceitar ser governada por ingleses. Suas fronteiras seriam demarcadas e tudo o que não fosse facilmente compreensível por damas e cavalheiros modernos - o reinado de trezentos anos de John Uskglass, a estranha e inquietante história de nossas relações com seres mágicos poderia ser convenientemente abolido. Agora, Strange virara de ponta-cabeça a visão norrellita da magia. De súbito, parecia que tudo o que se aprendera na infância sobre o desvario da magia inglesa ainda era verdadeiro, e mesmo hoje, em caminhos havia muito esquecidos, atrás do céu, no outro lado da chuva, John Uskglass estaria cavalgando, em companhia de homens e seres mágicos.

A maior parte das pessoas achava que a parceria entre os dois magos deveria ser desfeita. Em Londres, corria o boato de que Strange estivera na Praça Hanover e que os criados não o deixaram entrar. E outro boato corria, contraditório, segundo o qual Strange não fora à Praça Hanover, mas que Mr. Norrell ficava sentado noites

e dias na biblioteca, à espera do discípulo, importunando os criados a cada cinco minutos pedindo que fossem à janela ver se ele estava chegando.

Num domingo à noite, no início de fevereiro, Strange por fim visitou Mr. Norrell. Isso era verdadeiro, pois dois cavalheiros a caminho da igreja St. George na Praça Hanover o viram de pé na escadaria da casa; viram a porta se abrir, Strange falar com o criado e ser convidado a entrar imediatamente, como se havia muito o aguardassem. Os dois cavalheiros continuaram em direção à igreja, onde logo contaram aos amigos, nos bancos adjacentes, o que haviam visto. Cinco minutos depois, um jovem esguio e de expressão angelical chegou à igreja. Pretextando orar, sussurrou que tinha acabado de falar com alguém que estava apoiado na janela do primeiro andar da casa vizinha à de Mr. Norrell e que essa pessoa acreditava ter ouvido Mr. Strange arengar ao mestre. Dois minutos depois, noticiava-se em toda a igreja que os dois magos tinham se ameaçado mutuamente com uma espécie de excomunhão por meio de magia. A missa começou e vários fiéis foram vistos contemplando ansiosamente as janelas, como se curiosos em saber por que as aberturas dos prédios eclesiásticos ficavam sempre situadas nas alturas. Cantou-se um hino com acompanhamento do órgão, e algumas pessoas disseram posteriormente que em meio à música ouviram fortes ribombos de trovões, um inequívoco sinal de distúrbios mágicos. Mas outras pessoas afirmaram que tudo não havia passado de imaginação.

Todas essas versões teriam causado grande surpresa aos dois magos, que nesse momento estavam na biblioteca de Mr. Norrell, em pé, calados, olhando-se atentamente. Strange, que por uns dias não vira o preceptor, espantou-se com sua aparência. O rosto estava abatido e o corpo encolhido - Parecia dez anos mais velho.

- Vamos nos sentar, senhor? - disse Strange.

Puxou uma cadeira para a frente e Mr. Norrell se retraiu com a brusquidão do movimento - como se estivesse esperando que Strange fosse lhe desferir um golpe. Logo, porém, refez-se o suficiente para se sentar.

Strange também não se sentia muito à vontade. Nos últimos dias, perguntara a si mesmo, repetidas vezes, se tinha sido justo ao publicar a resenha, e repetidamente chegara à conclusão de que sim. Resolvera que a atitude acertada a tomar era a de uma dignificada superioridade moral atenuada por uma quantidade bastante moderada de escusa. Mas, agora que estava sentado outra vez na biblioteca de Mr. Norrell, não achava fácil encarar o preceptor. Seu olhar se fixava numa curiosa sucessão de objetos - uma pequena estatueta de porcelana do Dr. Martin Pale; a maçaneta da porta; a unha do próprio polegar; o pé sapato esquerdo de Mr. Norrell.

Mr. Norrell, por seu turno, não desviou os olhos do rosto de Strange nem uma vez.

Após alguns instantes de silêncio, os dois homens falaram ao mesmo tempo.

- Depois de ter sido tão generoso comigo... - começou Strange.

- O senhor pensa que estou zangado - começou Mr. Norrell.

Os dois fizeram uma pausa e a seguir Strange indicou que Mr. Norrell continuasse.

- O senhor pensa que estou zangado - disse Mr. Norrell -, mas não estou. O senhor pensa que não sei por que fez o que fez, mas sei. O senhor pensa que se entregou de corpo inteiro àquele artigo e que todos na Inglaterra agora o entendem. Será que entendem? Não. Entendi o senhor antes de escrever uma só palavra. - Fez uma pausa, e seu rosto se contraiu, como se esforçando para dizer algo muito íntimo. - O que o senhor escreveu, escreveu para mim. Só para mim.

Strange abriu a boca para objetar essa conclusão surpreendente. Mas, após refletir um pouco, deu-se conta de que talvez fosse verdade. Ficou calado.

Mr. Norrell continuou.

- Acredita realmente que nunca senti o mesmo... O mesmo *anelo* que sente? É a magia de John Uskglass que praticamos. Claro que sim. Que mais poderia ser? Digo-lhe, houve momentos, quando eu era jovem, em que teria feito qualquer coisa,

suportado qualquer coisa, para encontrá-lo e me lançar a seus pés. Tentei invocá-lo... Ah! O ato de um homem muito jovem e muito tolo... Tratar um rei como laçao, convocá-lo para vir conversar comigo. Considero uma das circunstâncias mais felizes de minha vida eu ter fracassado! Depois tentei encontrá-lo usando os antigos encantamentos de eleito. Nem sequer fiz que funcionassem. Toda a magia de minha juventude foi desperdiçada na tentativa de encontrá-lo. Por dez anos não pensei em outra coisa.

- O senhor nunca me disse isso.

Mr. Norrell suspirou.

- Desejava evitar que o senhor cometesse o mesmo erro. - Ergueu as mãos num gesto de impotência.

- Mas pelo que disse, Mister Norrell, isso se deu há muito tempo, quando era jovem e inexperiente. O senhor é hoje um mago diferente, e me encoraja a não ser um assistente medíocre. E se tentássemos novamente?

- Não é possível encontrar um mago tão poderoso, a menos que ele deseje ser encontrado - afirmou Mr. Norrell, categórico. - Inútil tentar. Pensa que ele se importa com o que acontece com a Inglaterra? Pois lhe digo que não. Ele nos abandonou há muito tempo.

- Abandonou? – Replicou Strange, franzindo o cenho. – Essa é uma palavra bastante dura. Presumo que anos de decepção naturalmente levariam alguém a esse tipo de conclusão. Mas existem inúmeros relatos de pessoas que viram John Uskglass muito tempo depois de supostamente ele haver deixado a Inglaterra. A filha do luveiro de Newcastle, o fazendeiro do condado de York, o marinheiro basco...

**** No fim do século XVII, existia um luveiro na cidade de Newcastle do Rei que tinha uma filha, uma menininha corajosa. Um dia a criança, que todos supunham estar brincando num canto da casa do pai, sumiu. A mãe, o pai e os irmãos a procuraram. Os vizinhos a procuraram, mas ela não foi encontrada em lugar nenhum. Mais tarde, ao anoitecer, olharam para cima e a viram descendo a*

colina lamacenta de pedras arredondadas. Alguns, por instantes, pensaram ter visto alguém a seu lado na escura rua invernal, mas a menina vinha sozinha. Estava sã e salva, e a história que contou, depois de a reconstituírem, foi a seguinte:

Ela saíra da casa do pai para andar a esmo pela cidade e logo chegou a uma rua que nunca vira antes. Era uma rua larga e bem pavimentada que a levou direto para cima, a uma altura que nunca atingira, até o portão e o pátio de uma enorme casa de pedra. Ela entrou na casa e examinou os muitos cômodos, mas todos estavam vazios, silenciosos, cobertos de pó e aranhas. Numa ala da casa havia um conjunto de cômodos em que sombras de folhagem caíam sem cessar sobre paredes e piso, como se houvesse árvores de verão do lado de fora da janela; mas árvores não havia (afinal, era inverno). Um cômodo continha apenas um espelho alto, e cômodo e espelho pareciam estar brigados, pois, embora o espelho refletisse um cômodo repletos de pássaros, ele, na verdade, estava vazio. A filha do luveiro, entretanto, ouvia pássaros em redor. Havia um corredor comprido e escuro com som de águas impetuosas ao fim dele, como se lá existisse um mar ou um rio. Pelas janelas de alguns cômodos, ela podia ver a cidade de Newcastle, mas por outras via uma cidade completamente diferente, enquanto outras ainda mostravam apenas charnecas altas e agrestes, e um céu azul frio.

Ela viu muitas escadas dentro da casa que serpeavam para cima, de início escadas vastas, que se tornavam rapidamente mais estreitas e mais tortuosas enquanto ela ia subindo alto por elas, até que se reduziram a frestas e aberturas na alvenaria que uma criança notaria e pelas quais poderia passar. A última delas conduziu-a a uma portinha de madeira tosca.

Não vendo o que temer, empurrou-a para abrir, mas o que descobriu no outro lado fê-la gritar. Pareceu-lhe que milhares de pássaros se amontoavam no ar, de forma que não havia luz do dia nem escuridão, somente uma grande confusão de asas negras. Um vento parecia vir de muito longe e ela teve a sensação de um espaço vasto, como se tivesse subido a um céu cheio de corvos. A filha do luveiro começou a sentir medo, mas nisso ouviu chamarem seu nome. Imediatamente os pássaros desapareceram e ela se viu num quartinho totalmente nu, com paredes de pedra e chão de pedra. Não havia móvel algum, mas, sentado no chão, estava

um homem que lhe acenou e a chamou pelo nome outra vez, dizendo-lhe que não tivesse medo. Seu cabelo era preto, comprido e desgrenhado, sua roupa negra, rota e estranha.

Nada nele sugeria que fosse um rei, e o único símbolo a indicar sua condição de mago era a enorme bacia de prata com água a seu lado. A filha do luveiro permaneceu junto do homem por algumas horas até escurecer, quando então ele desceu com ela pela casa e a acompanhou de volta à cidade e a sua casa.

A história mais misteriosa da volta de John Uskglass talvez seja a relatada por um marinheiro basco, sobrevivente da grande armada do rei espanhol. Após ter seu navio destruído por procelas nas longínquas costas do Norte da Inglaterra, o marinheiro e dois companheiros se refugiaram no interior do país. Não ousaram se aproximar dos vilarejos, mas como era inverno e a geada se adensava no chão, recearam morrer de frio. Quando anoiteceu, encontraram um celeiro de pedra vazio na encosta de uma alta colina de terra escavada e congelada. Dentro estava escuro, mas algumas aberturas no alto das paredes deixavam penetrar a luz das estrelas. Deitaram-se no chão de terra e dormiram.

O marinheiro basco sonhou que um rei o observava.

Acordou. Acima dele, fracos feixes de luz cinzenta penetravam na escuridão invernal. Nas sombras do canto mais extremo da construção, ele teve a impressão de ver uma plataforma de pedra. À medida que a luz tornou-se mais forte, viu algo em cima dessa plataforma: uma cadeira ou um trono. Um homem estava sentado no trono; um homem pálido de cabelo comprido, envolto num manto preto. Apavorado, o marinheiro acordou os companheiros e lhes mostrou a visão misteriosa no trono. Ele parecia observá-los, mas não se mexia, não mexia sequer um dedo; contudo, não lhes ocorreu duvidar de que fosse um homem vivo. Aos tropeções, abriram a porta e saíram correndo pelos campos congelados.

O marinheiro basco logo perdeu seus companheiros: um morreu de frio e dor uma semana depois; o outro, resolvido a tentar retornar ao golfo de Biscaia, pôs-se a caminhar em direção ao Sul, e o que lhe sucedeu ninguém nunca soube. Mas o marinheiro basco permaneceu em Cúmbria e foi acolhido por alguns fazendeiros. Tornou-se criado na mesma fazenda e se casou com uma moça de uma fazenda

vizinha. A vida inteira contou a história do celeiro de pedra no alto da colina, e seus novos amigos e vizinhos o ensinaram a crer que o homem no trono negro era o Rei Corvo. O marinheiro basco nunca encontrou o celeiro de pedra novamente, nem os amigos nem os filhos dele.

E a vida inteira, toda vez que se encontrava em lugares escuros, ele dizia: "Saúdo-te, Senhor, e te acolho em meu coração", para o caso de o rei pálido de cabelo negro e comprido estar sentado na escuridão a sua espera. Na vastidão da Inglaterra do Norte, há milhares e milhares de escuridões, milhares e milhares de lugares em que o Rei pode estar. "Saúdo-te, Senhor, e te acolho em meu coração".

Mr. Norrell emitiu um débil som de irritação.

- Rumores e superstição! Mesmo que as histórias fossem verdadeiras, o que estou longe de admitir, jamais compreendi como podiam saber que a pessoa que viram era John Uskglass. Não existe um retrato dele. Dois de seus exemplos, a filha do lueiro e o marinheiro basco, na verdade não o identificaram como Uskglass. Viram um homem de roupa preta e outras pessoas lhes disseram mais tarde que era John Uskglass. Mas é com efeito de pouquíssima importância se ele voltou ou não nesta ou naquela época ou se foi visto por esta ou aquela pessoa. Resta o fato de que, quando abandonou o trono e partiu da Inglaterra, levou consigo o melhor da magia inglesa. Daquele dia em diante, ela começou a declinar. Por certo isso em si não bastaria para caracterizá-lo como nosso inimigo? Creio que o senhor está familiarizado com *O fenecimento de um bosque encantado*, de Watershippe.

- Não, não o conheço - retrucou Strange. Lançou a Mr. Norrell um olhar penetrante que parecia dizer que não o lera pelo motivo habitual. - Mas admito desejaria que o senhor me tivesse falado sobre essas coisas antes.

- Talvez eu tenha errado em privá-lo tanto de meus juízos - disse Mr. Norrell entrelaçando os dedos. - Estou quase certo de que errei. Mas há muito concluí que os melhores interesses da Grã-Bretanha foram servidos pelo silêncio absoluto sobre

tais assuntos, e é difícil se livrar de hábitos antigos. Mas decerto o senhor percebe a tarefa que se nos apresenta não é Mister Strange? A sua e a minha? A magia não pode contar com o obséquio de um rei que já não se importa com o que acontece com a Inglaterra. Precisamos libertar os magos ingleses da dependência dele. Temos de fazê-los esquecer John Uskglass tão completamente como ele nos esqueceu.

Strange meneou a cabeça, franzindo o cenho.

- Não. Apesar de tudo o que senhor afirma, a mim me parece que John Uskglass ainda se situa no coração da magia inglesa e que o ignoramos por nossa conta e risco. Talvez no fim resulte que eu esteja errado. Nada é mais provável. Mas, sendo um ponto de importância tão vital para a magia inglesa, preciso tirar minhas próprias conclusões. Não pense que eu seja ingrato, senhor, mas creio que o período de nossa colaboração acabou. Parece-me que somos muito diferentes...

- Ah! - Exclamou Mr. Norrell. - Já intuía isso... - Fez um gesto de rejeição. - Mas que importância tem? Somos magos. Esse é o meu ponto de partida e de chegada e também o seu ponto de partida e de chegada. É tudo o que nos interessa. Se deixar esta casa hoje para seguir seu próprio caminho, com quem conversará, como estamos conversando agora? Não há ninguém. Estará muito sozinho, - Quase em tom de súplica, murmurou: - Não faça isso!

**** O fenecimento de um bosque encantado (1444), de Peter Watershippe. Trata-se de uma exposição notavelmente minuciosa feita por um mago contemporâneo do declínio da magia inglesa, que ocorreu após John Uskglass deixar a Inglaterra. Em 1434 (o ano da partida de Uskglass), Watershippe tinha vinte e cinco anos e era um jovem que apenas começava a praticar magia em Norwich. O fenecimento de um bosque encantado contém relatos precisos de encantamentos que eram perfeitamente praticáveis enquanto Uskglass e seus súditos mágicos permaneceram na Inglaterra, mas que já não produziam resultados depois que partiram. De fato, é extraordinário que grande parte do*

conhecimento que temos da magia inglesa dos Argênteos procede de Watershippe. O fenecimento de um bosque encantado parece ser um livro irado até que o comparemos com duas obras posteriores de Watershippe: Uma defesa das minhas ações escrita enquanto injustamente encarcerado por meus inimigos no Castelo de Newark (1459-60) e Crimes do falso rei (escrito em 1461?, publicado em 1697, Penzance).

Strange fitou o mestre, perplexo. Não esperara por isso, Longe de ter levado Mr. Norrell a um acesso de fúria, a resenha de Strange parecia ter apenas provocado uma explosão de honestidade e humildade no mago. Nesse momento, pareceu a Strange razoável e propício voltar à tutela de Mr. Norrell. Mas foi só por orgulho e pela consciência de que decerto ele sentiria de modo diferente dali uma ou duas horas que disse:

- Sinto muito, Mister Norrell, mas desde que voltei da península Ibérica não me parece mais correto denominar-me seu discípulo. Senti como se estivesse representando um papel. Submeter meus escritos a sua aprovação, para que faça as alterações que julgue adequadas, isso é o que não posso mais. É forçar-me a dizer aquilo em que já não acredito.

- Tudo, tudo tem de ser feito em público - disse Mr. Norrell com um suspiro. Inclinou-se para a frente e disse com mais energia: - Deixe-me guiá-lo. Prometa-me que nada publicará, nada falará, nada fará até chegar a uma conclusão definitiva sobre essas coisas. Acredite-me quando lhe digo que dez, vinte, até cinqüenta anos de silêncio valem a satisfação de no fim saber que se disse o que deveria ser dito, nem mais, nem menos. Silêncio e inércia não lhe convêm, sei disso. Mas prometo me corrigir no que puder. O senhor não perderá com isso. Se alguma vez teve motivos para me considerar ingrato, não o terá no futuro. Direi a todos que o estimo em altíssimo grau. Não mais seremos preceptor e discípulo. Que seja uma parceria de iguais! Pois de qualquer maneira não aprendi eu quase tanto com o senhor como o senhor comigo? O negócio mais lucrativo haverá de ser todo seu! Os livros... - Engoliu ligeiramente. - Os livros que eu deveria ter lhe emprestado e conservei à distância do senhor, o senhor os lerá! Iremos para o condado de York, juntos, esta

noite, se desejar, e lhe darei a chave da biblioteca e lerá o que quiser. Eu... - Mr. Norrell passou a mão na testa, como se surpreso com as próprias palavras -, eu nem sequer pedirei uma retratação da resenha. Que fique como está. Que fique como está. E com o tempo, juntos, responderemos a todas as perguntas que o senhor nela levanta.

Houve um silêncio demorado. Mr. Norrell observou com ansiedade o rosto do outro mago. A proposta de mostrar a Strange a biblioteca de Hurtfew surtiu algum efeito. Por instantes Strange hesitou em sua decisão de se separar do mestre, mas por fim disse:

- Sinto-me honrado, senhor. Normalmente não é um homem de conciliações, eu sei. Mas penso que devo agora seguir meu próprio destino. Penso que devemos nos separar.

Mr. Norrell fechou os olhos.

Nesse momento a porta se abriu. Lucas e um outro laçaiio entraram com a bandeja de chá.

- Ora vamos, senhor - disse Strange.

Segurou no braço do mestre para erguê-lo um pouco e os dois únicos magos da Inglaterra tomaram chá juntos pela última vez.

Strange deixou a casa da Praça Hanover às oito e meia. Várias pessoas, paradas ao lado das janelas do térreo de suas casas, viram-no sair. Outras, que não se dignavam a espiar, mandaram criadas e laçaios se postarem na praça. Não se sabe se Lascelles tomou alguma providência desse tipo, mas o fato é que, dez minutos depois de Strange ter virado a esquina e seguido pela Rua Oxford, ele bateu à porta de Mr. Norrell.

Mr. Norrell ainda estava na biblioteca, e ainda na cadeira em que estivera desde que Strange saíra. Olhava fixamente para o tapete.

- Ele se foi? - indagou Lascelles.

Mr. Norrell não respondeu.

Lascelles sentou-se.

- As nossas condições. Como ele as recebeu?

Ainda nenhuma resposta.

- Mister Norrell? O senhor lhe contou o que combinamos? Disse-lhe que, a menos que publique uma retratação, nós nos veremos forçados a revelar o que sabemos sobre a magia negra praticada na Espanha? Disse-lhe que em circunstância alguma voltaria a aceitá-lo como discípulo?

- Não - respondeu Mr. Norrell. - Não lhe disse nada disso.

- Mas...

Mr. Norrell suspirou fundo.

- Não importa o que eu disse. Ele se foi.

Lascelles permaneceu em silêncio por um momento, olhando o mago com certa desaprovação. Mr. Norrell, ainda absorvido em pensamentos, não o notou.

Por fim Lascelles encolheu os ombros.

- O senhor estava certo - disse. - Só pode existir um mago na Inglaterra.

- O que quer dizer?

- Quero dizer que dois de qualquer coisa é um número assaz incômodo.

Um faz o que bem entende. Seis podem se dar perfeitamente bem. Mas dois acabam sempre lutando pela supremacia. Dois vigiam sempre um ao outro. Os olhos do mundo inteiro cairão sobre esses dois, sem terem certeza de qual deles acompanhar. O senhor suspira Mister Norrell. Sabe que estou certo, Doravante teremos que levar Strange em conta em todos os nossos planos, o que ele dirá, o que fará, como agir contra ele. O senhor me disse muitas vezes que ele é um

mago notável. O brilho dele foi uma grande vantagem quando empregado a seu serviço. Mas isso agora acabou. Cedo ou tarde usará seus talentos contra o senhor. Nunca será cedo demais nos prevenirmos contra ele. Falo literalmente. O gênio dele para a magia é muito grande e seus implementos muito pobres; no fim acabará por acreditar que a um mago tudo é permitido, seja arrombamento de casa, roubo ou impostura. - Lascelles inclinou-se para a frente. - Não quero dizer que ele esteja tão corrompido a ponto de roubar do senhor neste momento, mas, se um dia vier a ficar bastante necessitado, à sua mente indisciplinada parecerão justificáveis um abuso de confiança, uma violação de propriedade. - Fez uma pausa. - Tomou providências contra ladrões em Hurtfew? Encantamentos de dissimulação?

- Encantamentos de dissimulação não seriam proteção contra Strange! afirmou Mr. Norrell, colérico. - Serviriam apenas para lhe atrair os olhos! Levariam-no diretamente para meus volumes mais preciosos! Não, não, o senhor está certo. - Suspirou. - Algo mais é necessário neste caso. Tenho de pensar.

Duas horas após a partida de Strange, Mr. Norrell e Lascelles deixaram a Praça Hanover na carruagem de Mr. Norrell. Três criados os acompanhavam e todos aparentavam estar iniciando uma longa viagem.

No dia seguinte, Strange, caprichoso e contraditório como sempre, tendia a lamentar o rompimento com Mr. Norrell. A predição de Mr. Norrell de que jamais tornaria a ter alguém com quem conversar sobre magia não lhe saía da cabeça. Estava quase seguro de que todas as conclusões de Norrell concernentes a John Uskglass eram equivocadas. Como resultado do que Mr. Norrell dissera, desenvolvera muitas idéias novas acerca de John Uskglass e agora sofria toda a angústia de não ter a quem expô-las.

Na ausência de um ouvinte mais adequado, foi se queixar a Sir Walter Pole na Rua Harley.

- Desde ontem à noite, pensei numa dezena de coisas que deveria ter-lhe dito. Agora, creio, precisarei expô-las num artigo ou numa resenha, cuja publicação não

ocorrerá antes de abril; depois ele terá de instruir Lascelles ou Portishead a escrever uma contestação, que não aparecerá antes de junho ou julho.

Cinco ou seis meses para saber o que ele me dirá! É uma forma muitíssimo incômoda de conduzir um debate, em especial se considerarmos que até ontem eu poderia simplesmente ir à Praça Hanover e lhe perguntar o que achava. E agora tenho certeza de que não vou poder ver e nem mesmo cheirar os livros que importam! Como pode um mago existir sem livros? É isso que eu gostaria que me explicassem. É como pedir que um político alcance um cargo elevado sem o benefício de subornos ou apadrinhamentos.

Sir Walter não se ofendeu com esse comentário grosseiro, levando bondosamente em conta o ânimo irritadiço de Strange. Quando colegial em Harrow, fora obrigado a estudar a história da magia (que detestava) e agora empurrava sua mente àqueles tempos para ver se conseguia se recordar de algo útil. Descobriu que não se lembrava de muita coisa, só o suficiente, pensou com ironia, para encher pela metade uma taça muito pequena de vinho.

Refletiu por instantes e por fim ofereceu-lhe esta sugestão:

- No meu entender, o Rei Corvo aprendeu tudo o que podia sobre magia inglesa sem a ajuda de livros, pois na época eles não existiam na Inglaterra. Quem sabe o senhor não possa fazer o mesmo?

Strange lançou-lhe um olhar bastante frio.

- E no meu entender o Rei Corvo era o filho de criação predileto do Rei Auberon, que, entre outras ninharias, garantiu-lhe uma excelente educação em magia e um vasto reino. Imagino que eu poderia caminhar ociosamente por florestas remotas e atalhos musguentos na esperança de ser adotado por uma realeza sobrenatural, mas creio que me considerariam alto demais para esse propósito.

Sir Walter riu.

- E o que fará agora, sem Mister Norrell para lhe ocupar os dias? Devo dizer a Robson, no Ministério das Relações Exteriores, que lhe incumba de alguma magia?

Ainda na semana passada ele se queixava de que teria de esperar a conclusão de todos os trabalhos para o Ministério da Marinha e o Ministério da Fazenda até Mister Norrell poder lhe reservar algum tempo.

- Sem dúvida. Mas diga que não poderá ser nos próximos dois ou três meses. Vamos ao condado de Shrop. Arabella e eu queremos muito passar algum tempo em nossa região e, agora que não precisamos levar em conta a conveniência de Mister Norrell, nada nos impede de ir.

- Ah! - fez Sir Walter. - Mas não partem imediatamente, não é mesmo?

- Daqui a dois dias.

- Tão cedo?

- Por que a surpresa? Francamente, Pole, eu não fazia idéia de que apreciava tanto minha companhia!

- Não se trata disso. Eu pensava em Lady Pole. Será uma mudança triste para ela. Sentirá falta da amiga.

- Ah! Ah, sim! - disse Strange, um pouco desconcertado. - Claro!

Mais tarde, nessa mesma manhã, Arabella fez uma visita de despedida a Lady Pole. Cinco anos pouca diferença haviam feito na beleza de Sua Senhoria e tampouco em seu estado lastimável. Estava calada como sempre e indiferente a qualquer dor ou prazer. Gentileza ou frieza a deixavam igualmente impassível. Ela passava os dias sentada à janela na sala de estar veneziana da casa da Rua Harley. Jamais demonstrava a menor disposição para se ocupar com alguma coisa, e Arabella era a única pessoa que a visitava.

- Gostaria que não se fosse - disse Sua Senhoria, quando Arabella lhe deu a notícia. - Que tipo de lugar é o condado de Shrop?

- Ah, creio que meu julgamento é bastante parcial. Acredito que muitos concordariam que se trata de um lugar bonito, com colinas verdejantes, bosques e agradáveis trilhas campestres. Claro que será preciso aguardar a primavera até podermos desfrutá-lo completamente. Mas mesmo no inverno a paisagem pode ser admirável. É uma região especialmente romântica, com uma história nobre. Há castelos em ruínas e pedras incrustadas nos topos das colinas não se sabe por quem, e, estando tão perto do País de Gales, sempre foi uma área muito disputada; há campos de batalha antigos em quase todos os vales.

- Campos de batalha! - exclamou Lady Pole. - Sei muito bem como são. Olhar por uma janela e nada ver exceto ossos quebrados e armaduras enferrujadas por toda parte! É uma paisagem deveras melancólica. Espero que não a ache demasiado aflitiva.

- Ossos quebrados e armaduras? - repetiu Arabella. - Na verdade, não. Vossa Senhoria me entendeu mal. As batalhas aconteceram há muito tempo. Não há o que se ver, decerto nada que me aflija.

- Entretanto, sabe - continuou Lady Pole, mal lhe prestando atenção -travaram-se batalhas vez ou outra em quase todos os lugares. Lembro-me de haver aprendido na escola que Londres foi, certa vez, cenário de uma batalha particularmente sangrenta. As pessoas foram mortas de formas horrendas e a cidade destruída num incêndio. Estamos rodeados por sombras de violência e sofrimento todos os dias de nossa vida, e a mim parece que pouco importa se restam ou não vestígios materiais.

Algo se modificou na sala, como se asas cinzas, frias e esvoaçantes tivessem passado sobre a cabeça das duas mulheres ou como se alguém tivesse atravessado os espelhos e lançado uma sombra na sala. Uma curiosa artimanha da luz que Arabella muitas vezes notara quando em companhia de Lady Pole. Sem saber a que outra coisa atribuí-la, julgava que se devia ao fato de haver muitos espelhos no ambiente.

Lady Pole estremeceu e firmou o xale em volta do corpo. Arabella se inclinou para a frente e segurou-lhe a mão.

- Vamos! Concentre os pensamentos em coisas mais alegres!

Lady Pole olhou para ela com perplexidade. Não sabia ser alegre, como não sabia voar.

Arabella começou então a conversar, esperando distraí-la por um momento de pensar em tantos horrores. Falou das novas lojas e das novas tendências da moda. Descreveu um tafetá cor de marfim muito bonito que vira numa vitrina na Rua Friday e um enfeite de miçangas azul-turquesa que vira em algum lugar e que combinaria perfeitamente com o tafetá. A seguir contou o que sua modista lhe dissera sobre miçangas, depois descreveu uma planta extraordinária que a modista tinha num vaso, numa pequena sacada de ferro do lado de fora da janela, e que crescera tanto no espaço de um ano que acabara por bloquear totalmente uma janela do andar de cima, que pertencia a um fabricante de castiçais. Depois seguiram-se outras plantas surpreendentemente altas: João e o pé de feijão, o gigante no alto do feijoeiro, gigantes e matadores de gigantes de maneira geral, Napoleão Bonaparte e o Duque de Wellington, os méritos do duque em todas as esferas da vida, exceto numa: a enorme infelicidade da duquesa.

- Felizmente é o que Vossa Senhoria e eu jamais experimentamos - concluiu, um tanto arquejante -, ter a paz interrompida sem cessar pela visão de um marido que corteja outras mulheres.

- Creio que sim - respondeu Lady Pole sem muita convicção.

Isso incomodava Arabella. Ela procurava levar em consideração todas as singularidades de Lady Pole, mas achava extremamente difícil lhe perdoar a costumeira frieza para com o marido. Sempre que visitava a casa da Rua Harley, Arabella não conseguia deixar de lembrar quão dedicado Sir Walter era a Lady Pole. Quando a ele ocorria que determinada coisa pudesse lhe dar prazer ou lhe abrandar o sofrimento, por pouco que fosse, essa coisa era feita num instante, e Arabella não podia observar sem agonia a escassa retribuição que ele recebia por seu esforço. Não que Lady Pole não o visse com bons olhos; mas às vezes ela mal parecia se dar conta de que ele estava presente.

- Oh! Mas não imagina que bênção isso é - disse Arabella. - Uma das maiores bênçãos da vida.

- O quê?

- O amor de seu marido.

Lady Pole pareceu surpresa.

- Sim, ele me ama - disse afinal. - Ou ao menos diz que me ama. Mas de que serve isso? Nunca me aqueceu quando senti frio, e sempre sinto frio, sabe? Nunca abreviou um baile demorado e fatigante por um minuto que fosse ou interrompeu uma procissão por corredores fantasmagóricos, escuros e compridos. Nunca me salvou de nenhum sofrimento. O amor de seu marido já a salvou de alguma coisa?

- Mister Strange? - disse Arabella, sorrindo. - Não, nunca. Eu é que costumo salvá-lo! O que quero dizer - acrescentou logo, pois estava claro que Lady Pole não a entendera - é que muitas vezes ele se reúne com pessoas que desejam que faça magia em nome delas. Ou que têm um sobrinho-neto que quer aprender magia com ele. Ou que acreditam ter descoberto um sapato ou um garfo mágicos, tolices assim. São pessoas bem-intencionadas. Na verdade são, em geral, muito respeitáveis. Mas Mister Strange não é um homem muito paciente, por isso sou obrigada a me intrometer e resgatá-lo antes que diga algo que seria bem melhor não dizer.

Chegou o momento em que Arabella pensara em partir e ela começou a se despedir. Agora que não se encontrariam outra vez por muitos meses, estava especialmente desejosa de dizer algo alegre.

- E espero, minha querida Lady Pole - disse -, que, quando voltarmos a nos ver, esteja bem melhor e, quem sabe, já pronta a freqüentar outra vez a sociedade. Desejo muitíssimo um dia poder nos ver num teatro ou num salão de baile...

- Salão de baile! - exclamou Lady Pole horrorizada. - Mas o que a fez dizer isso? Deus nos livre de alguma vez nos encontrarmos num salão de baile!

- Calma! Calma! Minha intenção não foi afligi-la. Esqueci-me de que detesta dançar. Vamos, não chore! Não pense mais nisso, se a deixa infeliz.

Fez o possível para tranqüilizar a amiga. Abraçou-a, beijou-lhe a face e o cabelo, afagou-lhe as mãos, ofereceu-lhe água de lavanda. Nada ajudou. Por vários

minutos, Lady Pole ficou totalmente entregue a um acesso de choro. Arabella não entendia bem qual era o problema. Mas o que poderia haver para entender? Parte da queixa de Sua Senhoria era ser tomada de pavor por ninharias, tornar-se infeliz por coisa alguma. Arabella tocou o sino para chamar a criada.

Só quando a criada apareceu Sua Senhoria afinal se esforçou para se recompor.

- A senhora não faz idéia do que disse! - bradou. - E Deus a livre de algum dia vir a descobrir como eu descobri. Tentarei alertá-la... Sei que é inútil, mas tentarei! Escute-me, querida, querida Mrs. Strange. Escute-me como se as suas esperanças de salvação eterna dependessem disso!

De forma que Arabella aparentou estar o mais atenta possível.

Mas foi tudo inútil. Essa ocasião resultou não ser em nada diferente das muitas outras em que Sua Senhoria afirmara ter algo de extrema importância para comunicar a Arabella. Ela empalideceu, respirou fundo várias vezes e então se pôs a relatar uma história muito bizarra sobre o dono de uma mina de grafita no condado de Derby que se apaixonou por uma ordenhadora. A ordenhadora era tudo o que o dono da mina sonhara, exceto o reflexo dela num espelho sempre aparecia com um atraso de minutos, seus olhos mudavam de cor no crepúsculo e sua sombra era muitas vezes vista dançando danças desvairadas quando ela mesma estava parada.

Depois de Lady Pole subir a seus aposentos, Arabella ficou sozinha. "Mas que tola eu sou!", pensou. "Então não sei perfeitamente que a simples menção a uma dança a aflige em demasia"? Como pude ser tão imprudente? O que será que ela queria me contar? Será que ela mesma sabe? Pobrezinha! Sem a bênção da saúde e do juízo, a riqueza e a beleza não têm de fato valor algum!

Fazia reflexões morais nesse tom, quando um fraco ruído às costas fê-la voltar-se. Imediatamente levantou-se da cadeira e andou às pressas em direção à porta, as mãos estendidas.

- É o senhor! Fico muito contente em vê-lo! Vamos! Dê-me um aperto de mão. Este será nosso último encontro por muito tempo.

Nessa noite, ela disse a Strange:

- Ao menos uma pessoa gostou que o senhor tenha voltado a atenção para o estudo de John Uskglass e de seus súditos mágicos.

- Mesmo? E quem é essa pessoa?

- O cavalheiro de cabelos de algodão.

- Quem?

- O cavalheiro que mora com Sir Walter e Lady Pole. Já lhe falei dele antes.

- Ah, sim! Eu me lembro. - Houve um momento de silêncio, enquanto Strange refletia sobre isso. - Arabella! - exclamou de repente. - Está acaso me dizendo que ainda não sabe qual é o nome dele? - Começou a rir.

Arabella pareceu se melindrar.

- Não é minha culpa - replicou. - Ele nunca me disse seu nome e eu nunca me lembrei de perguntar. Mas fico contente que não o leve a sério. Pensei uma vez que estivesse inclinado ao ciúme.

- Não me lembro de ter estado.

- Estranho! Pois eu me lembro perfeitamente.

- Desculpe-me, Arabella, mas é difícil sentir ciúme de um homem que a senhora conheceu anos atrás e cujo nome ainda está para ser descoberto. Mas então ele aprova meu trabalho?

- Sim, ele me disse muitas vezes que o senhor só obteria resultados quando começasse a estudar seres mágicos. Diz que esta é a verdadeira magia... O estudo e a magia dos seres mágicos.

- Mesmo? Ele parece ter opiniões bastante conclusivas sobre o assunto! E o que, diga-me, ele sabe a respeito? Ele é mago?

- Creio que não. Afirmou uma vez nunca ter lido um livro sobre o assunto.

- Ah, é um desses, é? - retrucou Strange com desdém. - Não estudou o assunto, mas conseguiu elaborar várias teorias sobre ele. Vivo encontrando esse tipo de gente. Bem, se não é mago, o que ele é então? Pode ao menos me responder isso?

- Acho que posso - respondeu Arabella com o jeito satisfeito de quem fez uma descoberta muito inteligente.

Strange aguardou em expectativa.

- Não - disse Arabella -, não vou lhe dizer. Só ria de mim novamente.

- Talvez.

- Então está bem - disse ela após um instante. - Creio que ele é um príncipe. Ou um rei. Sem dúvida tem sangue real.

- Mas o que a faz pensar isso?

- É que ele me falou bastante dos reinos, dos castelos e das mansões que possui, embora, confesso, todos têm nomes bizarros e nunca ouvi falar de um deles sequer. Penso que é um dos príncipes que Bonaparte depôs na Alemanha ou na Suíça.

- Mesmo? - disse Strange um pouco irritado. - Bem, agora que Bonaparte foi derrotado, talvez queira voltar para seu lugar de origem.

Nenhuma dessas meias explicações e adivinhações concernentes ao cavalheiro de cabelos de algodão o convenceu de fato, por isso Strange continuou curioso para saber quem era o amigo de Arabella. No dia seguinte (seu último em Londres), foi ao escritório de Sir Walter em Whitehall com a intenção manifesta de descobrir quem era o sujeito.

Quando lá chegou, porém, Strange encontrou apenas o atarefado secretário particular de Sir Walter.

- Oh, Moorcock! Bom dia! Sir Walter saiu?

- Acabou de ir para Fife House (A casa londrina de Lorde Liverpool, uma mansão antiga, pitoresca e isolada que ficava às margens do Tamisa), Mister Strange. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

- Não, eu não... Bem, talvez. Há uma coisa que estou sempre para perguntar a Sir Walter e nunca me lembro. O senhor por acaso conhece o cavalheiro que mora na casa dele?

- Casa de quem, senhor?

- De Sir Walter.

Mr. Moorcock franziu o cenho.

- Um cavalheiro na casa de Sir Walter? Não me ocorre quem possa ser. Como se chama?

- É o que eu gostaria de saber. Nunca vi o sujeito, mas ao que parece Mrs. Strange sempre o encontra quando está saindo da casa. Ela o conhece há anos, porém jamais conseguiu descobrir seu nome. Deve ser uma pessoa bastante excêntrica para manter o nome em segredo. Mrs. Strange o chama de cavalheiro do nariz prateado ou cavalheiro de pele branca como a neve. Algo esquisito assim.

Mas Mr. Moorcock apenas ficou ainda mais perplexo com essas informações.

- Sinto muito, senhor. Não creio que alguma vez o tenha visto.

40. *“Pode estar certo: Waterloo não existe”!*

Junho de 1815

O imperador Napoleão Bonaparte fora desterrado para a ilha de Elba. Entretanto, Sua Majestade Imperial tinha dúvidas se uma vida tranqüila na ilha lhe seria apropriada, pois, afinal, estava acostumado a governar uma grande parte do mundo conhecido. Assim, antes de deixar a França, declarou a várias pessoas que, quando as violetas tornassem a florescer na primavera, ele voltaria. Cumpriu a promessa.

Assim que pôs os pés em solo francês, reuniu um exército e marchou para o norte de Paris, perseguindo mais uma vez seu destino, que era guerrear todos os povos do mundo. Evidentemente, estava ansioso por se reinstalar como imperador, embora ainda não se soubesse onde ele escolheria imperar. Sempre desejara ardentemente seguir o exemplo de Alexandre, o Grande, por isso acreditava-se que poderia seguir para leste. Invadira o Egito uma vez e obtivera algum êxito. Ou então poderia ir para oeste: corriam rumores de uma frota de navios à espera dele em Cherbourg, para levá-lo à América do Norte, onde começaria a conquistar um mundo novo e diferente.

Qualquer lugar que escolhesse, porém, todos tinham como certo que Bonaparte começaria por invadir a Bélgica, de forma que o Duque de Wellington foi a Bruxelas aguardar a chegada do Grande Inimigo da Europa.

Nos jornais ingleses circulava uma abundância de boatos: Bonaparte tinha reunido seu exército; avançava com extraordinária rapidez sobre a Bélgica; estava lá; era vitorioso! Depois, no dia seguinte, ao que parecia ainda se achava no palácio de Paris, de onde nem sequer tinha se mexido.

No fim de maio, Jonathan Strange acompanhou Wellington e o Exército até Bruxelas. Tinha passado três meses tranqüilos no condado de Shrop a refletir sobre magia, por isso não surpreende que a princípio se sentisse um tanto

desnorteado. Contudo, após circular pela cidade por cerca de duas horas, concluiu que não era culpa sua, mas da própria Bruxelas. Conhecia uma cidade em guerra, e o aspecto daquela era diferente. Deveria haver companhias de soldados marchando para cima e para baixo, carretas com suprimentos, rostos apreensivos. Em vez disso encontrou lojas modernas e senhoras sentadas em carruagens elegantes. É verdade que havia grupos de oficiais por toda parte, mas nenhum parecia disposto a se envolver com atividades militares (um deles despendia muito esforço e concentração no conserto de um guarda-sol de brinquedo para uma menina). Havia mais risos e alegria do que seriam compatíveis com uma invasão iminente de Bonaparte.

Uma voz o chamou pelo nome. Virou-se e topou com o coronel Manningham, que logo o convidou a ir com ele à casa de Lady Charlotte Greville, uma dama inglesa que morava em Bruxelas. Strange objetou que não tinha convite e que, de qualquer maneira, precisava procurar o duque. Manningham, porém, afirmou que não importava a falta de convite, por certo seria bem recebido, e que o duque provavelmente seria encontrado na sala de visitas de Lady Charlotte Greville, mais do que em qualquer outro lugar.

Dez minutos depois, Strange estava num suntuoso apartamento apinhado de pessoas, muitas delas já conhecidas. Havia oficiais, belas damas, cavalheiros elegantes, políticos britânicos e representantes, assim parecia, de cada posto e escalão dos pares do reino britânico. Todos falavam da guerra alto e bom som e diziam pilhérias dela. Era um conceito bastante novo para Strange: a guerra como passatempo da moda. Na Espanha e em Portugal, os soldados se consideravam martirizados, denegridos, esquecidos. As notícias publicadas pelos jornais britânicos sempre se empenharam em retratar a situação como a mais desalentadora possível. Mas ali, em Bruxelas, a coisa mais nobre do mundo era ser um dos oficiais de Sua Graça e, em segundo lugar, ser o mago de Sua Graça.

- Wellington realmente quer toda essa gente aqui? - sussurrou Strange para Manningham, estupefato. - O que sucederá se os franceses atacarem? Preferiria não ter vindo. Alguém decerto me perguntará sobre minha divergência com Norrell e não quero falar disso.

- Bobagem! - sussurrou Manningham. - Aqui ninguém se interessa por isso! E de qualquer maneira aí vem o duque!

Houve um pequeno alvoroço e o duque apareceu.

- Ah, Merlin! - exclamou, quando seu olhar deu com Strange. - Que prazer vê-lo aqui! Aperte minha mão! Conhece o Duque de Richmond, claro. Não? Então me permita apresentá-lo!

Se a reunião já estava animada antes, agora tornava-se ainda mais viva com a presença de Sua Graça! Todos os olhares voltavam-se para ele a fim de se descobrir com quem falava e (bem mais interessante) com quem flertava. Quem o visse não poderia imaginar que estivesse em Bruxelas por algum outro motivo que não se divertir. Mas toda vez que Strange procurava escapulir o duque lançava-lhe um olhar, como a dizer: "Não, fique. O senhor é necessário!". Por fim, ainda sorrindo, inclinou a cabeça e murmurou no ouvido de Strange:

- Lá, creio que servirá. Venha! Há um jardim-de-inverno no outro canto da sala. Ali estaremos longe de todos.

Sentaram-se entre palmeiras e outras plantas exóticas.

- Uma advertência - disse o duque. - Não estamos na Espanha. Na Espanha os franceses eram os inimigos detestados de todos os homens, mulheres e crianças do país. Aqui, porém, as coisas são muito diferentes. Bonaparte tem amigos em todas as esquinas e em várias facções do Exército. A cidade está cheia de inimigos. Por isso nossa tarefa, a sua e a minha, é dar a impressão de que nada no mundo era mais certo do que a derrota dele! Sorria, Merlin! Tome um chá. Irá acalmar-lhe os nervos.

Strange tentou um sorriso despreocupado, mas que logo se transformou numa carranca ansiosa. Por isso, para desviar a atenção de Sua Graça das deficiências de seu rosto, perguntou a Sua Graça o que achava da composição do Exército.

- Ah, é o melhor de um exército ruim. O mais heterogêneo que já comandeï. Britânicos, belgas, holandeses e alemães, todos misturados. É como erguer uma muralha com materiais diversos. Cada material é excelente individualmente, mas não

podemos deixar de duvidar se a coisa se manterá firme, quando todos se juntarem. O Exército da Prússia, entretanto, prometeu combater conosco. E Blücher é um ótimo velho camarada - referia-se ao general prussiano -, adora uma batalha. Infelizmente, também é maluco. Acredita que está grávido.

- Ah!

- Que espera um elefante bebê.

- Ah!

- Mas, Strange, temos de pô-lo para trabalhar agora mesmo! Trouxe os livros? A bacia de prata? Dispõe de um lugar para trabalhar? Tenho um forte pressentimento de que Bonaparte aparecerá primeiro no oeste, vindo de Lille. É por certo a direção que eu escolheria, e recebi cartas de amigos nossos naquela cidade que me garantem que o esperam por lá a qualquer hora. Eis sua tarefa: observar a fronteira ocidental à procura de sinais da aproximação dele e me avisar assim que vislumbrar tropas francesas.

Nas duas semanas seguintes, Strange invocou visões de lugares onde o duque julgava que os franceses apareceriam. O duque lhe fornecera duas coisas para ajudá-lo: um mapa enorme e um jovem oficial chamado William Hadley-Bright.

Hadley-Bright era um desses homens felizes para quem a Sorte reserva suas melhores dádivas. Conseguia tudo sem esforço. Era o filho único e adorado de uma viúva rica. Quis uma carreira militar; os amigos lhe arranjaram um posto num regimento moderno. Quis agitação e aventura; o Duque de Wellington o escolheu para ser um de seus ajudantes-de-ordens. Depois, quando concluiu que a coisa de que mais gostava, além de servir como soldado era a magia inglesa, o duque o designou para auxiliar o sublime e misterioso Jonathan Strange. Mas apenas pessoas de disposição particularmente amarga invejavam o sucesso de Hadley-Bright; as outras se desarmavam ante sua jovialidade e afabilidade.

Dia após dia, Strange e Hadley-Bright examinaram antigas cidades fortificadas no Oeste da Bélgica, perscrutaram tediosas ruas de vilarejos, observaram campos

vastos e desertos sob paisagens ainda mais vastas de nuvens de aquarela. Mas os franceses não apareceram.

Num dia quente e abafado de meados de junho, os dois estavam sentados, entregues a essa tarefa interminável. Eram cerca de três horas. O garçom não se dera o trabalho de recolher algumas xícaras de café sujas e uma mosca zunia em volta delas. Pela janela aberta entravam odores mesclados de suor de cavalo, pêssigo e leite azedo. Hadley-Bright, empoleirado numa cadeira de mesa de jantar, demonstrava à perfeição uma das mais importantes habilidades de um soldado: a de pegar no sono em qualquer situação e a qualquer momento.

Strange olhou para o mapa e escolheu a esmo um lugar. Na água da bacia de prata apareceu uma encruzilhada tranqüila; nas redondezas havia uma fazenda e duas ou três casas. Ele observou por um momento. Nada aconteceu. Seus olhos se fecharam e ele estava a ponto de cochilar quando alguns soldados arrastaram uma arma e a posicionaram debaixo de alguns olmos. Agiam com grande eficiência. Ele acordou Hadley-Bright com um pontapé.

- Quem são estes camaradas? - perguntou.

Hadley-Bright olhou para a bacia de prata com os olhos quase cerrados.

Os soldados na encruzilhada trajavam capotes verdes com debruns vermelhos. De repente parecia haver muitos deles.

- *Nassauers* - disse Hadley-Bright, especificando alguns dos soldados alemães de Wellington. - Os rapazes do Príncipe de Orange. Não há por que se preocupar. Onde está olhando?

- É uma encruzilhada a uns trinta quilômetros ao sul da cidade. Um lugar chamado Quatre Bras.

- Ah! Não é necessário perder tempo com esse lugar - afirmou HadleyBright, bocejando. - Fica na estrada que leva a Charleroi. O Exército prussiano está na outra extremidade, ou assim me disseram. Mas será que esses camaradas deveriam

estar lá? - Começou a folhear uns papéis que descreviam a distribuição dos vários exércitos aliados. - Não, de fato, não creio que...

- E o que é isto? - interrompeu Strange, apontando para um soldado de capote azul que aparecera de repente na colina em frente com um mosquete de prontidão.

Houve uma pausa muito breve.

- Um francês - respondeu Hadley-Bright. - E ele deveria estar lá? - perguntou Strange.

Ao francês se uniu um outro. A seguir, apareceram mais cinqüenta. Os cinqüenta se transformaram em duzentos, trezentos, mil! A encosta da colina parecia reproduzir franceses como um queijo reproduz bichos. Em instantes, todos começaram a disparar os mosquetes contra os *nassauers* na encruzilhada. O combate não durou muito. Os *nassauers* dispararam canhões. Os franceses, que aparentemente não dispunham de canhões, bateram em retirada colina acima.

- Ah! - fez Strange, deliciado. - Foram vencidos! Fugiram!

- Sim, mas de onde vieram? - resmungou Hadley-Bright. - Pode olhar em cima desta colina?

Strange bateu de leve na água e fez uma espécie de movimento de torção em sua superfície. A encruzilhada sumiu e, em seu lugar, apareceu uma excelente visão do Exército francês, ou pelo menos de boa parte dele.

Hadley-Bright sentou-se como uma marionete cujos cordões haviam sido cortados. Strange praguejou em espanhol (idioma que ele associava com naturalidade à guerra). Os exércitos aliados se achavam em lugares totalmente errados.

As divisões de Wellington estavam no oeste, prontas para defender até a morte regiões que Bonaparte não tinha a menor intenção de atacar. O general Blücher e o Exército prussiano se achavam no extremo leste. E ali estava o Exército francês, surgindo de repente no sul. No momento, os *nassauers* (que somavam talvez três ou quatro mil homens) eram os únicos posicionados entre Bruxelas e os franceses.

- Mister Strange! Faça alguma coisa, eu lhe imploro! - bradou Hadley Bright.

Strange respirou fundo e abriu amplamente os braços, como se para reunir toda a magia que aprendera.

- Depressa, Mister Strange! Depressa!

- Eu poderia mudar a cidade de lugar! - disse Strange. – Poderia mover Bruxelas. Poderia pô-la num lugar onde os franceses não a encontrariam.

- Pô-la onde? - bradou Hadley-Bright, agarrando as mãos de Strange e obrigando-as a baixar novamente. - Estamos cercados por exércitos. Por nossos próprios exércitos! Se mudar Bruxelas de lugar, é provável que esmague alguns dos regimentos sob os prédios e as pedras dos pavimentos. O duque não ficará contente. Ele precisa de todos os homens.

Strange meditou um pouco mais.

- Já sei! - exclamou.

Uma espécie de brisa soprou com ímpeto. Não era desagradável, tinha, com efeito, a fragrância refrescante do oceano. Hadley-Bright olhou pelas janelas. Para além das casas, igrejas, palácios e parques, viam-se cumes de montanhas que não existiam momentos antes. Eram negros, como se forrados de pinheiros. O ar estava bem mais fresco, como um ar que nunca fora aspirado.

- Onde estamos? - perguntou Hadley-Bright.

- Na América do Norte - respondeu Strange. E, como explicação, acrescentou:
- Parece sempre tão deserta nos mapas.

- Meu Deus! Mas a situação não melhorou em nada! Esqueceu-se de que mal acabamos de assinar um tratado de paz com a América do Norte? Nada desagradará mais os norte-americanos do que a aparição de uma cidade europeia no solo deles!

- Provavelmente! Mas não há por que se preocupar, garanto-lhe. Estamos bem longe de Washington, Nova Orleans ou de uma das regiões em que se travaram as

batalhas. Acredito que a centenas de quilômetros. Ao menos... Bem, não sei onde exatamente. O senhor crê que isso tem importância?

**** Os cidadãos de Bruxelas e os vários exércitos que ocupavam a cidade ficaram intrigados ao saber que tinham sido transportados para um país distante. Infelizmente, assaz ocupados que estavam com os preparativos da batalha vindoura (ou, no caso da camada mais rica e mais frívola da população, com os preparativos do baile que a Duquesa de Richmond ofereceria naquela noite), quase ninguém teve tempo para descobrir como era o país ou quem eram seus habitantes. Assim, por um longo período, não ficou claro para onde, com exatidão, Strange transferira Bruxelas nessa tarde de junho.*

Em 1830, um comerciante e caçador de peles de nome Pearson Denby viajava pelas planícies, quando foi abordado por um chefe lakota que ele conhecia, chamado Homem com Medo da Água. Homem com Medo da Água perguntou se Denby poderia lhe conseguir algumas bolas de raio pretas, pois pretendia guerrear com seus inimigos e necessitava com urgência delas. Disse que certa vez chegara a possuir cerca de cinqüenta bolas e sempre as usara com parcimônia, mas agora elas tinham acabado. Denby não entendeu. Perguntou se Homem com Medo da Água se referia a munição. Não, ele respondeu, era como munição, mas muito maior. Levou Denby de volta ao acampamento e lhe mostrou um obus de latão de cinco polegadas e meia fabricado pela Carron Company de Falkirk, na Escócia. Denby ficou pasmo e perguntou como Homem com Medo da Água tinha adquirido aquela arma. Homem com Medo da Água explicou que numas colinas próximas vivia uma tribo chamada Povo Incompleto. A tribo fora criada muito de repente num verão e seu criador lhe dera apenas uma das habilidades de que os homens necessitavam para sobreviver: a de combater. Aos homens da tribo faltavam todas as demais: não sabiam caçar búfalos ou antílopes, domar cavalos ou construir casas. Não conseguiam sequer entender uns aos outros, pois seu maluco criador lhes dera quatro ou cinco idiomas diferentes. Mas tinham essa arma, que trocaram por alimentos com Homem com Medo da Água.

Intrigado, Denby procurou a tribo do Povo Incompleto. A princípio achou-a semelhante a qualquer outra, mas depois notou que os homens mais velhos tinham uma aparência curiosamente européia e que alguns deles falavam inglês. Certos costumes assemelhavam-se aos das tribos lakota, outros, no entanto, pareciam baseados nos procedimentos militares europeus. O idioma era similar ao lakota, mas continha um grande número de palavras inglesas, holandesas e alemãs.

Um homem chamado Robert Heath (também conhecido como Homezinho Falante Demais) contou a Denby que todos haviam desertado de diversos exércitos e regimentos na tarde de 15 de junho de 1815, porque no dia seguinte um grande combate seria travado e todos tiveram o pressentimento de que, se permanecessem, morreriam. Sabia Denby se o rei da França era o Duque de Wellington ou Napoleão Bonaparte? Denby não sabia. "Bem, senhor", disse Heath, filosoficamente, "quem quer que ele seja, acho que a vida continua a mesma para gente como o senhor e eu".

Hadley-Bright saiu correndo à procura do duque para informá-lo de que, ao contrário do que imaginava, os franceses estavam na Bélgica, porém ele, o duque, não.

Sua Graça (que por acaso tomava chá com alguns políticos britânicos e condessas belgas) recebeu a notícia com sua habitual serenidade. Meia hora depois, porém, apareceu no hotel de Strange com o chefe do serviço de intendência, o coronel De Lancey. Fitou a visão na bacia de prata com expressão soturna.

- Napoleão me logrou, meu Deus! - Exclamou.

- De Lancey, escreva as ordens o mais rápido possível. Temos de reunir o Exército em Quatre Bras.

O pobre coronel De Lancey mostrou-se bastante alarmado.

- Mas como entregaremos as ordens aos oficiais com todo o Atlântico entre nós? - perguntou.

- Ah - fez Sua Graça -, Mister Strange cuidará disso. - Algo no lado de fora da janela atraiu seu olhar. Passavam quatro cavaleiros. Exibiam postura de reis e expressão de imperadores. A pele era da cor do mogno; o cabelo comprido tinha o preto-azeviche lustroso das asas de um corvo. Vestiam-se com pelês decoradas com espinhos de porco-espinho. Cada um estava equipado com um rifle enfiado numa capa de couro, uma lança de aspecto assustador (enfeitada com as mesmas penas que ornavam a cabeça de cada um) e um arco. – Ah, e De Lancey! Mande alguém perguntar àqueles camaradas se gostariam de lutar ao nosso lado amanhã, sim? Têm todo o jeito de que se sairiam muito bem.

Mais ou menos uma hora depois, na cidade de Ath, a uns trinta quilômetros de Bruxelas (ou melhor, a uns trinta quilômetros de onde Bruxelas costumava se situar), um *pâtissier* tirou do forno uma porção de pequenos bolos. Depois que eles esfriaram, desenhou algumas palavras com glacê cor-de-rosa em cima de cada um, coisa que jamais fizera na vida. A esposa (que não sabia uma só palavra de inglês) pôs os bolos numa bandeja de madeira e entregou-a ao *sous-pâtissier*, que a levou ao quartel-general do exército aliado na cidade, onde Sir Henry Clinton estava emitindo ordens aos oficiais. O *sous-pâtissier* ofereceu os bolos a Sir Henry. Sir Henry pegou um e estava prestes a levá-lo à boca quando o major Norcott, do 95º. Regimento dos Fuzileiros soltou um grito de surpresa. Diante deles, escrita com glacê cor-de-rosa nos pequenos bolos, estava uma mensagem de Wellington instruindo Sir Henry a deslocar a 2ª. Divisão de Infantaria para Quatre Bras sem demora. Sir Henry ergueu o olhar, tomado de espanto. O *sous-pâtissier* deu-lhe um sorriso radiante.

Quase ao mesmo tempo, o general encarregado da 3ª. Divisão, um cavalheiro hanoveriano chamado Sir Charles Alten, trabalhava intensamente num *château* a quarenta quilômetros a sudoeste de Bruxelas. Ao olhar por acaso pela janela, notou no pátio uma minúscula tempestade de estranho comportamento. A chuva caía apenas no centro do pátio e de modo algum tocava as paredes. Sir Charles ficou tão curioso que saiu para observar mais de perto. Lá, escrita na poeira, com gotas de chuva, estava a seguinte mensagem:

Bruxelas, 15 de junho de 1815.

Deslocar a 3ª. Divisão para Quatre Bras imediatamente.

Wellington

Enquanto isso, alguns generais holandeses e belgas do exército de Wellington haviam descoberto por si mesmos que os franceses estavam em Quatre Bras e para lá se encaminharam com a 2ª. Divisão da Holanda. Por conseguinte, mais irritados do que esclarecidos ficaram os generais (cujos nomes eram Rebecq e Perponcher) quando aves canoras pousaram em grande número nas árvores circundantes e começaram a cantar:

As idéias do duque vamos explicar.

Em Quatre Bras os franceses vão se achar.

Todas as tropas devem se formar.

Para a encruzilhada todos a marchar.

- Sim, sim! Já sabemos! - exclamou o general Perponcher, gesticulando para espantar as aves. - Sumam daqui, suas danadas!

Mas as aves só voaram para mais perto, algumas atrevendo-se a pousar em seus ombros e em seu cavalo. Continuaram a cantar da forma mais oficiosa possível:

Lá muitos haverão de ser celebrados.

O duque manda: não tenham medo!

Todos os planos do exército traçados.

Sigam depressa agora com a brigada!

As aves acompanharam os soldados até o fim do dia, sem cessar um instante sequer de gorjear e chilrear a mesma exasperante canção. O general Rebecq, cujo inglês era excelente, conseguiu se apoderar de uma delas e ensinar-lhe uma nova canção, na esperança de que voltasse para Jonathan Strange e para ele cantasse:

O mago do duque deve ser levado.

De Bruxelas para Maastricht.

Por pregar peças a homens honestos.

Para Maastricht e de novo de volta.

Às seis horas, Strange devolveu Bruxelas a solo europeu. Sem demora os regimentos aquartelados no interior da cidade saíram em marcha pelo portão de Namur e desceram a estrada que levava a Quatre Bras. Com isso, Strange pôde fazer seus preparativos pessoais para a guerra. Reuniu a bacia de prata, uma meia dúzia de livros sobre magia, duas pistolas, um casaco leve de verão com vários bolsos excepcionalmente fundos, doze ovos cozidos, três cantis de conhaque, alguns pedaços de empadão de porco embrulhados em papel e um enorme guarda-chuva de seda.

**** O general Rebecq também compôs uma versão holandesa desses versos, que os soldados cantaram a caminho de Quatre Bras. Os versos, que eles ensinaram a seus camaradas ingleses, mais tarde se tornaram versinhos de pulacorda, tanto na Inglaterra como na Holanda.*

Na manhã seguinte, após distribuir por seu corpo alguns desses objetos indispensáveis e outros guardar no cavalo, cavalgou em companhia do duque e dos oficiais até a encruzilhada de Quatre Brás. Milhares de soldados aliados lá se reuniam, mas os franceses ainda não haviam aparecido. De quando em quando, espocava o som de um mosquete, nada mais, porém, do que era comum se ouvir em qualquer bosque inglês onde cavalheiros caçavam.

Strange olhava em volta quando um tordo canoro lhe pousou no ombro e começou a trinar:

As idéias do duque vamos explicar.

Em Quatre Bras os franceses vão se achar...

- Quê? - resmungou Strange. - Que faz aqui? Já deveria ter desaparecido horas atrás! - Fez um gesto de Ormskirk para dispersar o encantamento mágico e a ave voou. Na verdade, para sua consternação, todo um bando de aves bateu asas ao mesmo tempo. Strange olhou em volta nervosamente, para ver se alguém notara que ele havia estragado a magia; como todos pareciam ocupados com os assuntos militares, concluiu que ninguém percebera nada.

Encontrou uma posição de seu agrado numa vala bem em frente da casa de fazenda de Quatre Bras. A encruzilhada ficava logo à direita e o 92°. Regimento escocês de Gordon à esquerda. Tirou os ovos cozidos dos bolsos e os deu aos soldados escoceses que julgou gostariam de comê-los. (Em tempos de paz, algum tipo de apresentação é em geral necessário para se travar conhecimento com uma pessoa; em tempos de guerra, algo comestível desempenha a mesma função). Os soldados escoceses deram-lhe balas e chá com leite como retribuição, e logo todos conversavam muito amistosamente.

Fazia um dia de intenso calor. A estrada descia por entre os campos de centeio, que, debaixo do sol radiante, cintilavam com um brilho quase sobrenatural. A uns cinco quilômetros adiante, o exército prussiano já enfrentava os franceses: ouviam-se sons fracos de canhões explodindo, homens gritando, como fantasmas de coisas por vir. Pouco antes do meio-dia, tambores e cantorias arrebatadas soaram à distância. O chão começou a estremecer sob o pisar de dezenas de milhares de pés, e pelo campo de centeio, em direção a eles, vinham as colunas escuras e espessas da infantaria francesa.

O duque não dera a Strange nenhuma instrução especial, por isso, quando o combate teve início, ele lançou mão de todas as magias que usara nos campos de batalha espanhóis. Enviou anjos incandescentes para ameaçar os franceses e dragões para sobre eles soprarem chamas. Eram ilusões mais grandiosas e mais luminosas do que as realizadas na Espanha. Ele saiu várias vezes da vala para admirar o efeito, apesar de os soldados escoceses o advertirem de que poderia ser alvejado a qualquer momento.

Vinha lançando diligentemente encantamentos por três ou quatro horas, quando algo sucedeu. Do campo de batalha, um assalto repentino da cavalaria francesa ameaçava cercar o duque e os oficiais. Os cavalheiros viram-se forçados a fazer um giro e cavalgar desordenadamente de volta para as linhas aliadas. As tropas mais próximas eram por acaso as do 92º. Regimento dos escoceses de Gordon.

- Nonagésimo segundo! - gritou o duque. - Deitem-se!

Os soldados escoceses deitaram-se imediatamente. Da vala, Strange olhou para cima e viu o duque no Copenhague (o famoso cavalo castanho do duque) passar rente sobre a cabeça deles. Sua Graça estava ileso e de fato parecia mais revigorado do que apavorado com a aventura. Olhou em volta para ver o que cada um fazia. Seus olhos caíram sobre Strange.

- Mister Strange! O que está fazendo? Quando eu quiser uma exibição de magia de Vauxhall Gardens, eu mesmo lhe pedirei! Os franceses já viram bastante esse tipo de coisa na Espanha, não estão nem um pouco perturbados. Mas é uma novidade total para os belgas, os holandeses e os alemães do meu exército. Acabei de ver um de seus dragões ameaçando uma companhia de Brunswicker naquele

bosque. Quatro deles caíram. Isso não serve, Mister Strange! Simplesmente não serve! - E partiu a galope.

Strange o observou afastar-se. Pensou em fazer, para seus amigos do 92º. Regimento, algumas observações oportunas sobre a ingratidão do duque, mas todos estavam um tanto ocupados no momento, sendo alvejados por tiros de canhões e golpes de sabres. Por isso pegou o mapa, saiu da vala e caminhou em direção à encruzilhada, onde o secretário militar do duque, Lorde Fitzroy Somerset, olhou para ele com expressão ansiosa.

- Milorde? - disse Strange. - Preciso lhe perguntar uma coisa. Como está indo a batalha?

Somerset suspirou:

- Tudo acabará bem. Claro que sim. Mas metade do exército ainda não chegou. A cavalaria que temos é insignificante. Sei que o senhor enviou prontamente as ordens para as divisões, mas algumas estavam situadas muito longe. Se os franceses receberem reforço antes de recebermos o nosso, então... – Encolheu os ombros.

- Se o reforço francês de fato chegar, de qual direção virá? Diria que do sul?

- Do sul e do sudeste.

**** Em 1810, Messrs. George e Jonathan Barratt, os proprietários de Vauxhall Gardens, ofereceram a Strange e Norrell uma grande soma de dinheiro para que apresentassem exhibições de magia todas as noites nos jardins da propriedade. A magia que os Barratt propuseram fora exatamente ilusões de criaturas mágicas, personalidades famosas da Bíblia e da história, assim por diante. Evidentemente, Mr. Norrell se recusou.*

Strange não voltou à batalha. Em vez disso, caminhou até a fazenda Quatre Brás, bem atrás das linhas britânicas. A fazenda se achava bastante abandonada. As portas estavam abertas, as cortinas se agitavam nas janelas, uma foice e uma enxada haviam sido deixadas no chão de terra, na pressa de uma fuga. Na escuridão da leiteria que fedia a leite, ele encontrou uma gata com filhotes recém-nascidos. Toda vez que as armas disparavam (com frequência), a gata tremia. Ele buscou água para ela e falou-lhe com brandura. Depois sentou-se na laje fria do chão e dispôs o mapa diante de si.

Começou a deslocar as estradas, os caminhos e os vilarejos ao sul e ao leste do campo de batalha. Primeiro mudou a posição de dois vilarejos. Depois fez todas as estradas que iam para leste e oeste seguirem para norte e sul. Aguardou dez minutos e então voltou tudo à posição original. Fez todos os bosques da vizinhança se virarem e ficarem de frente para o lado oposto. A seguir alterou o curso dos rios para a direção oposta. Hora após hora continuou interferindo na paisagem. Era um trabalho intrincado, tedioso, tão enfadonho como tudo o que fizera com Norrell. Às seis e meia, ouviu as cornetas dos aliados anunciarem o avanço. Às oito, levantou-se e esticou os membros doloridos do corpo.

- Bem - disse à gata -, não tenho a menor idéia se isso trouxe algum bom resultado ou não.

Uma fumaça negra sobrepairava aos campos. Espectadores sinistros de toda batalha, gralhas e corvos haviam chegado às centenas. Strange encontrou seus amigos, os soldados escoceses, na mais lastimável condição. Tinham capturado uma casa ao lado da estrada, mas, ao fazerem-no, perderam metade dos homens e vinte e cinco dos trinta e seis oficiais, inclusive o coronel, um homem que muitos consideravam como pai. Veteranos de aspecto envelhecido estavam sentados com a cabeça nas mãos, chorando.

**** A magia conhecida para criar confusão em estradas, paisagens, cômodos e em outros espaços físicos é criar um labirinto dentro deles. Mas Strange só aprendeu essa técnica em fevereiro de 1817.*

Entretanto, essa ação foi sem dúvida decisiva para a campanha. Sem que Strange soubesse, o general francês, D'Erlon, tentava chegar ao campo de batalha com vinte mil homens. Em vez disso, passou aquelas horas cruciais marchando por uma paisagem que inexplicavelmente se alterava de minuto em minuto. Se ele e seus homens tivessem logrado chegar a Quatre Bras, provavelmente os franceses se sairiam vitoriosos e Waterloo jamais teria acontecido.

Strange se magoara com a rudeza do duque naquela manhã e não mencionou a ninguém o que fizera. Mais tarde contou a John Segundus e Thomas Levy. Por conseguinte, perplexos, os historiadores de Quatre Bras não souberam explicar o fracasso de D'Erlon até a publicação de A vida de Jonathan Strange, de John Segundus, em 1820.

Os franceses, aparentemente, tinham retornado a Frasnes, a cidade de onde haviam chegado naquela manhã. Strange perguntou a várias pessoas se isso significava que os aliados tinham vencido, mas ninguém parecia ter informações precisas.

Dormiu nessa noite em Genappe, um vilarejo distante cerca de cinco quilômetros da estrada que levava a Bruxelas. Quando tomava o café-da-manhã, o capitão Hadley-Bright apareceu, trazendo uma notícia: o Exército prussiano, aliado do duque, sofrera uma terrível perda no combate do dia anterior.

- Foi derrotado? - perguntou Strange.

- Não, mas bateu em retirada, e o duque diz que devemos fazer o mesmo. Sua Graça escolheu um lugar para combater, e os prussianos nos encontrarão lá. Um lugar chamado Waterloo.

- Waterloo? Que nome ridiculamente curioso! - exclamou Strange.

- Curioso mesmo, não é? Não consegui localizá-lo no mapa.

- Ah! - fez Strange -, isso vivia acontecendo na Espanha. Sem dúvida o camarada que lhe contou se enganou de nome. Pode estar certo: Waterloo

não existe!

Pouco depois do meio-dia, montaram em seus cavalos e estavam prestes a seguir o Exército para fora do vilarejo quando chegou uma mensagem de Wellington: uma divisão de lanceiros franceses se aproximava; não poderia Mr. Strange fazer algo para apoquentá-los? Strange, desejoso de evitar outra acusação de magia de Vauxhall Gardens, aconselhou-se com Hadley-Bright.

- O que uma cavalaria mais detesta?

Hadley-Bright refletiu por um momento.

- Lama - respondeu.

- Lama? Mesmo? Sim, acho que tem razão. Bem, existem poucas coisas mais simples e mais eficazes do que a magia de clima!

O céu escureceu. Uma nuvem negra e tempestuosa surgiu, tão grande como toda a Bélgica e tão carregada e pesada que suas orlas rotas pareciam roçar a copa das árvores. Houve um clarão repentino e o mundo por instantes tornou-se de um branco ósseo. Houve um estalo ensurdecido e a seguir a chuva desabou em torrentes tais que a terra fervilhou e chiou. Em minutos os campos circundantes transformaram-se em lodaçais. Os lanceiros franceses viram-se impedidos de se entregar a seu esporte preferido de equitação veloz e destra, e a retaguarda de Wellington escapou com segurança.

Uma hora depois, Strange e Hadley-Bright surpreenderam-se ao descobrir que de fato existia um lugar chamado Waterloo e que a ele haviam chegado. O duque estava montado em seu cavalo debaixo da chuva, a observar com muito bom humor os homens, os cavalos e as carretas, todos imundos.

- Excelente lama, Merlin! - exclamou, animado. - Bastante pegajosa e escorregadia. Os franceses não gostarão nada. Mais chuva, por favor! Agora, vê aquela árvore onde a estrada declina?

- O olmo, Vossa Graça?

- O olmo. Se puder permanecer lá durante a batalha de amanhã, eu lhe seria gratíssimo. Ficarei lá também, mas é provável que não por muito tempo. Meus rapazes lhe levarão as instruções.

Nessa noite, várias divisões do Exército aliado assumiram posições ao longo de uma baixa cordilheira ao sul de Waterloo. Sobre eles, ribombavam os trovões e caía a chuva torrencial. De quando em quando, delegações de homens ensopados e enlameados aproximavam-se do olmo e rogavam a Strange que a fizesse parar, mas ele meneava a cabeça e dizia:

- Quando o duque me pedir, eu o farei.

Os veteranos da Guerra Peninsular, porém, comentavam com aprovação que a chuva sempre fora amiga dos ingleses em tempos de guerra. Diziam aos camaradas: "Para nós não existe nada tão confortante ou familiar, sabe... ao passo que a outras nações ela frustra". Choveu nas noites antes de Fuentes, Salamanca e Vitória. (Nome de algumas das grandes vitórias de Wellington na península Ibérica).

No abrigo de seu guarda-chuva, Strange meditava sobre a guerra iminente. Após o fim da Guerra Peninsular, estudara a magia que os *Áureos* tinham empregado em tempos de guerra. Sabia-se pouquíssimo sobre ela; havia rumores, e nada mais, de um encantamento que John Uskglass usara antes das batalhas que travou. Predizia resultados de acontecimentos presentes. Pouco antes do anoitecer, Strange teve uma súbita inspiração. "Não há como descobrir o que Uskglass fez, mas sempre há as Conjecturas Concernentes ao Prenúncio do Devir. Provavelmente é uma versão bastante diluída da mesma coisa. Posso usá-la."

Por alguns instantes antes do efeito do encantamento, esteve ciente de todos os ruídos ao redor: a chuva que tamborilava no metal e no couro e escorria pela lona; cavalos arrastando as patas e bufando; ingleses que cantavam e escoceses que tocavam gaitas-de-foles; dois soldados gauleses debatendo a interpretação correta de um trecho da Bíblia; o capitão escocês, John Kincaid, que entretinha indígenas norte-americanos e os ensinava a tomar chá (talvez acreditando que, uma

vez que um homem aprendesse a tomar chá, os demais hábitos e qualidades britânicos viriam com naturalidade).

Depois, silêncio. Homens e cavalos começaram a desaparecer, de início poucos por vez, a seguir com mais rapidez, centenas, milhares deles sumindo de vista. Enormes brechas surgiram entre os soldados antes aglomerados. Um pouco adiante a leste, todo um regimento se fora, deixando um espaço do tamanho da Praça Hanover. Onde, momentos antes, houvera vida, conversas e atividades, agora nada mais restava exceto a chuva, o crepúsculo e as hastes ondeantes das plantações de centeio. Strange limpou a boca, sentia náusea. "Ah!", pensou, "que isso me sirva de lição por lidar com magia reservada a reis! Norrell tem razão. Certas magias não se destinam a magos comuns. Provavelmente John Uskglass sabia o que fazer com esse conhecimento horrendo. Eu não. Devo contar a alguém? Ao duque? Ele não me agradecerá por isso."

Alguém o observava; alguém falava com ele - um capitão da artilharia montada. Strange via a boca do homem se mexer, mas não ouvia som algum. Estalou os dedos para dissolver o encantamento. O capitão o convidava a acompanhá-lo e compartilhar com ele conhaque e charutos. Strange sentiu calafrios e recusou.

Durante o restante da noite permaneceu sentado sozinho debaixo do olmo. Até esse momento, nunca lhe ocorrera que a arte da magia o afastara de seus semelhantes. Mas agora vislumbrara o lado errado de alguma coisa. Tinha uma sensação sinistra, como se o mundo envelhecesse a sua volta e o melhor da vida - riso, amor, inocência - escapulisse irrevogavelmente para dentro do passado.

Por volta das onze e meia da manhã seguinte, as armas francesas começaram a ser disparadas. A artilharia aliada respondeu. O ar claro de verão entre os dois exércitos se encheu de véus de fumaça negra e acre que o vento carregava.

O ataque dos franceses tinha como alvo principal o Château de Hougoumont, um posto avançado dos aliados no vale, cujos bosques e prédios eram defendidos pelas guardas de escoceses, de Coldstream, *nassauers* e hanoverianos. Strange invocou visões após outras na bacia de prata, a fim de observar os sangrentos confrontos que se desenrolavam nos bosques em volta do *château*. Pensou em

mudar as árvores de lugar para propiciar aos soldados aliados uma melhor visão de seus agressores, mas combates corpo a corpo eram os piores para a magia. Lembrou-se de que, na guerra, um soldado pode causar maior dano se agir com precipitação ou impetuosidade do que se jamais agir. Esperou.

A canhonada tornou-se mais feroz. Os veteranos britânicos diziam a seus amigos que nunca tinham visto balas caírem tão velozes e tão cerradas. Os homens viam camaradas serem cortados ao meio, esmagados ou decapitados por balas de canhão. O próprio ar estremecia com as reverberações das armas.

- É fogo cerrado - comentou o duque, imperturbável, e ordenou que os soldados da linha de frente recuassem para a crista da colina e se deitassem. Quando tudo cessou, os aliados ergueram a cabeça e viram a infantaria francesa avançar no vale enfumaçado: dezesseis mil homens lado a lado em colunas imensas, gritando e marchando juntos.

Mais de um soldado já se perguntava se, afinal, os franceses contavam também com seu próprio mago; os soldados de infantaria franceses pareciam mais altos do que os homens comuns e a luz que se via em seus olhos à medida que se aproximavam ardia com uma fúria quase sobrenatural. Mas se tratava apenas da magia de Napoleão Bonaparte, que sabia como nenhum outro vestir os soldados para aterrorizar o inimigo e distribuí-los de forma que um observador os julgasse indestrutíveis.

Agora Strange sabia exatamente o que fazer. A lama, espessa e impeditiva, já se mostrava um nítido obstáculo para os soldados que avançavam. Para tolhê-los ainda mais, pôs-se a encantar as hastes de centeio, fazendo-as se enrolar nos pés dos franceses. Os talos eram fortes como arames, os soldados cambaleavam e caíam. Com sorte, a lama os refrearia e eles seriam pisoteados por seus camaradas ou pela cavalaria francesa que logo surgiria atrás deles. Mas era um trabalho minucioso e, não obstante todos os esforços, essa primeira magia de Strange provavelmente não causou mais dano aos franceses do que os disparos dos hábeis mosqueteiros e fuzileiros britânicos.

Um ajudante-de-ordens passou com impressionante velocidade e lançou uma tira de pele de cabra na mão de Strange, gritando: "Mensagem de sua Graça"! Num

instante se afastou novamente.

Obuses franceses incendiaram o Château de Hougoumont. Apague o fogo. Wellington.

Strange invocou outra visão de Hougoumont. Os homens lá dentro tinham sofrido imensamente desde que ele vira o *château* pela última vez. Feridos de ambos os lados jaziam em toda parte. Os montes de feno, os prédios anexos e o *château* estavam em chamas. Uma fumaça negra e sufocante tomava o lugar. Cavalos rinchavam e homens feridos tentavam escapar rastejando, porém quase não havia para onde ir. Entrementes, a batalha devastava tudo ao redor. Na capela, Strange localizou seis imagens de santos pintadas nas paredes. Mediam dois ou três metros e exibiam proporções estranhas, obra, ao que tudo indicava, de um *amateur* entusiasta. Tinham barba marrom comprida e olhos grandes e melancólicos.

- Servirão! - murmurou ele. - A uma ordem sua, os santos desceram das paredes. Moviam-se aos trancos, como marionetes, mas com certa graça e leveza. Passaram entre as fileiras de homens feridos em direção a um poço num dos pátios. Lá tiraram baldes de água, que carregaram até as chamas. Tudo parecia correr bem até que dois deles (possivelmente São Pedro e São Jerônimo) pegaram fogo e se consumiram por completo - compostos apenas de tinta e magia, queimaram-se com facilidade. Strange pensava em como remediar a situação quando parte de um obus francês explodido atingiu a borda da bacia de prata, arremessando-a aos giros a uns setenta metros à direita. Quando por fim a recuperou, corrigiu um enorme afundamento em sua lateral e a endireitou, todos os santos pintados haviam sucumbido às chamas. Homens feridos e cavalos queimavam, Não havia mais pinturas nas paredes. Quase em prantos pela frustração, Strange amaldiçoou a ociosidade do artista desconhecido.

O que mais podia ser feito? O que mais ele sabia? Pensou muito. Em seu tempo John Uskglass às vezes criava para si mesmo um paladino feito de corvos - as aves se juntavam e se transformavam num gigante negro, eriçado e movediço que

desempenhava qualquer tarefa com desenvoltura. Em outras ocasiões, Uskglass fazia criados de terra.

Strange invocou uma visão do poço de Hougoumont. Extraiu a água do poço por meio de uma espécie de fonte; em seguida, antes que a fonte se desfizesse no chão, forçou-a a assumir a tosca aparência de um homem. Ordenou então que o homem-água corresse até as chamas e se atirasse sobre elas. Dessa forma baias de cocheiras foram inundadas com êxito e três homens foram salvos. Strange fez mais coisas com toda a rapidez de que foi capaz, porém a água não é um elemento que conserva uma forma coerente com facilidade; após cerca de uma hora de trabalho, a cabeça de Strange girava e suas mãos tremiam de maneira incontrollável.

Entre quatro e cinco da tarde, sucedeu algo totalmente imprevisto. Ao erguer os olhos, Strange viu se aproximar uma multidão resplandecente da cavalaria francesa. Quinhentos cavaleiros cavalgavam lado a lado e mil e duzentos ao fundo, e o estrondo das armas era tamanho que nenhum som mais se podia ouvir deles; pareciam avançar em silêncio. "Com certeza", pensou Strange, "devem saber que a infantaria de Wellington está incólume. Serão estraçalhados". Atrás dele, os regimentos de infantaria formavam quadrados; alguns homens chamaram Strange para ir se abrigar no interior deles. Como lhe pareceu um bom conselho, ele foi.

Na relativa segurança do quadrado, Strange observou o avanço da cavalaria; os couraceiros usavam peitorais brilhantes e elmos cristados altos; as armas dos lanceiros eram adornadas com esvoaçantes flâmulas vermelhas e brancas. Quase não pareciam pertencer a esta era insípida. Pertenciam a antigos períodos de glória, mas Strange estava resolvido a rivalizar com eles em sua própria glória secular. Imagens dos criados de John Uskglass fervilhavam em sua mente, criados feitos de corvos, criados feitos de terra. Debaxo dos cavaleiros franceses, a lama a inflar e a borbulhar. Assumiu a forma de mãos gigantescas que se ergueram e tragaram para baixo homens e cavalos. Os que caíam eram pisoteados por seus camaradas. Os demais tinham de resistir às rajadas dos mosquetes da infantaria aliada. Strange observava a tudo impassivelmente.

Quando os franceses foram rechaçados, ele retornou à bacia de prata.

- O senhor é o mago? - perguntou alguém.

Ele se virou e se surpreendeu ao deparar com um homenzinho roliço, de olhar meigo e em trajes à paisana que lhe sorria.

- Quem em nome de Deus é o senhor? - inquiriu.

- Eu me chamo Pink - disse o homem. - Sou caixeiro-viajante da Welbeck's Superior Buttons, de Birmingham. Trago-lhe uma mensagem do duque.

Strange, que estava coberto de lama e mais cansado do que jamais estivera na vida, demorou a entender.

- Onde estão os ajudantes-de-ordens do duque?

- Ele disse que estão mortos.

- Quê? Hadley-Bright está morto? E o coronel Canning?

- Ah... - sorriu Mr. Pink - não tenho informações precisas para dar. Cheguei da Antuérpia ontem para assistir à batalha e, quando avistei o duque, aproveitei a oportunidade para me apresentar e mencionar de passagem as excelentes qualidades da Welbeck's Superior Buttons. Ele me pediu, como favor particular, que eu viesse informá-lo de que o Exército prussiano se aproxima daqui, que já alcançou o bosque de Paris, mas disse Sua Graça que estão comendo o pão que o diabo amassou... - Mr. Pink sorriu e piscou ao se ouvir citando uma expressão militar - nas trilhas e na lama e pergunta se o senhor não teria a gentileza de fazer uma estrada para eles entre o bosque e o campo de batalha.



- Claro - disse Strange, limpando um pouco da lama do rosto.

- Vou dizer a Sua Graça. - Fez uma pausa e indagou ansioso. - O senhor crê que Sua Graça gostaria de encomendar alguns botões?

- Não vejo por que não. Ele gosta de botões, como a maioria dos homens.

- Pois então, sabe, poderíamos pôr "Fornecedores de botões para Sua Graça o Duque de Wellington" em todos os nossos anúncios. - Mr. Pink sorriu feliz. - Então me vou!

- Sim, sim. Vá.

Strange criou a estrada para os prussianos, mas anos depois sempre se viu propenso a supor que sonhara com Mr. Pink, da Welbeck's Superior Buttons.

**** Na realidade, Mr. Pink foi apenas um dos civis a quem o duque recorreu como ajudante-de-ordens não oficial nesse dia. Entre eles, houve também um*

cavalheiro suíço e outro caixeiro-viajante, dessa vez de Londres.

Os acontecimentos pareciam se repetir. Muitas vezes a cavalaria francesa investiu e Strange se refugiou dentro do quadrado da infantaria. Mais uma vez os cavaleiros implacáveis remoinharam contra as laterais do quadrado, como ondas. Mais uma vez Strange extraiu mãos colossais da terra para puxá-los para baixo. Todas as vezes que a cavalaria se retirava, a canhonada recomeçava; ele então voltava à bacia de prata e fazia homens de água para apagar o fogo e socorrer os moribundos no arruinado e irrecuperável Hougoumont. Tudo acontecia repetidas, inúmeras vezes; era inconcebível que os combates algum dia tivessem fim. Ele começou a pensar que sempre fora assim.

"Há de chegar uma hora em que as balas dos mosquetes e dos canhões se esgotarão", pensou. "O que faremos então? Retalharemos uns aos outros com sabres e baionetas? E, se cada um de nós morrer, quem se arrogará vencedor?"

A fumaça recuava, revelando cenas congeladas, quadros vivos de um teatro spectral: na casa de fazenda La Haye Sainte, os franceses escalavam uma montanha de seus próprios mortos para vencer o muro e matar os defensores alemães.

Uma vez, Strange achava-se fora do quadrado quando os franceses investiram. De súbito, a sua frente, surgiu um enorme couraceiro francês montado num cavalo igualmente enorme. Seu primeiro pensamento foi se o camarada saberia quem ele era. (Haviam lhe dito que todo o Exército francês odiava o mago inglês com uma vívida paixão latina). Seu segundo pensamento foi que havia deixado as pistolas dentro do quadrado da infantaria.

O couraceiro ergueu o sabre. Sem refletir, Strange murmurou o *Animam Evocare* de Stokesey. Algo assim como uma abelha voou do peito do couraceiro e lhe assentou na palma da mão. Mas não foi uma abelha; foi uma conta de luz azul perolada. Uma segunda luz voou do cavalo do couraceiro. O cavalo relinçou e empinou. O couraceiro olhou perplexo.

Strange ergueu a outra mão para exterminar cavalo e cavaleiro. Depois se imobilizou.

- Pode um mago matar um homem com magia? - perguntou Lorde Wellington.

E ele respondeu:

- Um mago poderia. Mas um cavalheiro, jamais.

Enquanto hesitava, um oficial da cavalaria britânica, do regimento escocês de dragões Scots Greys, surgiu do nada brandindo a espada. Num só golpe, abriu ao meio a cabeça do couraceiro, a partir do queixo, subindo através dos dentes. O homem tombou como uma árvore. O Scots Grey continuou a cavalgar.

Strange jamais conseguiu se lembrar do que sucedeu depois. Acreditava que andara ao léu num estado de aturdimento. Não soube por quanto tempo.

O som de vivas o reanimou. Ergueu o olhar e viu Wellington montado em Copenhague. Agitava o chapéu, sinal de que os aliados estavam prestes a investir contra os franceses. Mas a fumaça se espiralava tão densamente em torno do duque que só os soldados mais próximos a ele puderam compartilhar esse momento de vitória.

Strange então sussurrou uma palavra, e uma pequena brecha se abriu entre os rolos de fumaça. Um único raio do sol da tarde brilhou sobre Wellington. Ao longo da colina, os rostos dos soldados voltaram-se para ele. Os vivas tornaram-se mais estrondosos.

"Pronto", pensou Strange, "este é o uso apropriado da magia inglesa".

Acompanhou os soldados e os franceses que batiam em retirada pelos campos de batalha. Espalhadas entre mortos e moribundos, estavam as enormes mãos de terra que ele criara. Pareciam gestos congelados de ultraje e horror, como se a própria terra se achasse em desespero. Ao chegar ao terreno em que estavam as armas francesas que haviam causado danos tão profundos aos soldados aliados, fez um último ato de magia. Extraiu outras mãos da terra. As mãos agarraram os canhões e os puxaram para baixo.

Na estalagem Belle Alliance, no outro extremo do campo de batalha, Strange encontrou o duque com o general prussiano, o príncipe Blücher. O duque o saudou com a cabeça e disse:

- Jante comigo.

O príncipe Blücher apertou-lhe a mão calorosamente e disse muitas coisas em alemão (as quais Strange nada entendeu). A seguir, o velho cavalheiro apontou para o estômago, onde estava o elefante ilusório, e fez uma careta de desagrado, como a dizer: "O que pode fazer?".

Strange saiu e quase de imediato se encontrou com o capitão Hadley-Bright.

- Disseram-me que tinha morrido! - exclamou.

- Estava certo de que diriam isso - replicou Hadley-Bright.

Houve um silêncio. Ambos se sentiram levemente constrangidos. As fileiras de mortos e feridos estendiam-se por todos os lados, a perder de vista. O simples fato de estar vivo num momento como esse parecia, de uma forma inexplicável, descortês.

- Quem mais sobreviveu? Sabe? - perguntou Hadley-Bright.

Strange sacudiu a cabeça.

-Não.

Despediram-se.

Nessa noite, no quartel-general de Wellington em Waterloo, a mesa foi posta para quarenta ou cinqüenta pessoas. Na hora do jantar, porém, apenas três homens estavam presentes: o duque, o general Alava (o adido espanhol) e Strange. Todas as vezes que a porta se abria, o duque virava a cabeça para ver se era um de seus amigos que chegava, vivo e bem; mas ninguém apareceu.

Muitos lugares na mesa foram postos para cavalheiros que estavam ou mortos ou moribundos: o coronel Canning, o coronel Gordon, o general Picton, o coronel De

Lancey. A lista aumentaria com o avançar da noite.

O duque, o general Alava e Mr. Strange sentaram-se em silêncio.

41. *Starecross*

Fim de setembro - dezembro de 1815

A sorte insistia em não sorrir para Mr. Secundus. Ele fora morar em York com o intuito de desfrutar o convívio e a conversação dos vários magos da cidade. Mal acabara de chegar, porém, todos os outros magos tinham sido destituídos da profissão por Mr. Norrell, restando apenas ele. A pequena reserva de dinheiro se reduzira bastante e, no outono de 1815, ele foi forçado a procurar trabalho.

- E não devo pressupor - afirmou ele a Mr. Honeyfoot com um suspiro - que venha a ganhar muito. Que qualificações tenho eu?

Mr. Honeyfoot não pôde admitir isso.

- Escreva para Mister Strange! - aconselhou. - Ele talvez precise de um secretário.

Nada agradaria mais Mr. Secundus do que trabalhar para Jonathan Strange, mas sua natural modéstia não lhe permitia propô-lo. Seria indecoroso apresentar-se dessa maneira. Mr. Strange poderia não saber que resposta lhe dar. Poderia até mesmo parecer que ele, John Secundus, julgava-se à altura de Mr. Strange!

Mr. e Mrs. Honeyfoot lhe asseguraram que, se não gostasse da idéia, Mr. Strange o diria prontamente, de forma que não faria mal algum lhe perguntar. Mas Mr. Secundus mostrou-se impersuadível.

A outra sugestão que lhe fizeram agradou-o mais.

- Por que não averiguar se algum menino na cidade gostaria de aprender magia? - perguntou Mrs. Honeyfoot. Os netos dela, garotinhos decididos de cinco a sete anos, estavam bem na idade de começar a estudar e por isso o assunto não lhe saiu da cabeça.

Assim Mr. Secundus tornou-se professor de magia. Além de garotos, encontrou também algumas jovens damas, cujos estudos, em outros tempos, se limitariam mais comumente a francês, alemão e música, mas que agora se mostravam desejosas de aprender teoria da magia. Em breve lhe pediram que desse aulas aos irmãos mais velhos das jovens, muitos dos quais começaram a se imaginar como magos. Para rapazes de mentalidade estudiosa, que não desejavam se dedicar à Igreja ou ao Direito, a magia era por demais atraente, sobretudo, depois do triunfo de Strange nos campos de batalha da Europa. Afinal, muitos Séculos haviam transcorrido desde que clérigos se distinguiram no campo da guerra, e advogados jamais se distinguiram.

No início do outono de 1815, o pai de um dos alunos encarregou Mr. Secundus de uma pequena missão. O cavalheiro, cujo nome era Palmer, tomara conhecimento de uma casa à venda no norte do condado. Mr. Palmer não pretendia comprá-la, mas um amigo lhe dissera que havia lá uma biblioteca digna de ser examinada. Mr. Palmer estava ocupado no momento para ir vê-la pessoalmente. Conquanto confiasse nos criados para vários outros assuntos, o talento deles não se estendia exatamente à erudição, por isso pediu a Mr. Secundus que fosse em seu lugar para descobrir qual era a quantidade de livros, o estado deles e se valeria a pena adquiri-los.

Starecross Hall era a principal construção de um vilarejo que, quanto ao mais, compreendia uns poucos chalés de pedra e casas de fazenda. Starecross, propriamente dita, localizava-se num local muito isolado, cercada de todos os lados por charneças pardacentas e desertas. Árvores altas a protegiam de tempestades e ventanias, ao mesmo tempo que a tornavam escura e soturna. No vilarejo havia uma abundância de paredes de pedra e celeiros de pedra caindo aos pedaços. O silêncio era total; dava a impressão de ser o fim do mundo.

Havia uma ponte para cavalos de carga muito antiga e de aspecto desgasta do que passava sobre um riacho de águas fundas e turbulentas. Folhas amarelo-claras fluíam velozes na água escura, quase negra, formando motivos ao deslizar. Para Mr. Secundus, esses padrões se assemelhavam um pouco à escrita mágica. "Mas", pensou, "tantas coisas se assemelham".

A casa era uma edificação comprida, baixa e labiríntica, construída com as mesmas pedras escuras do resto do vilarejo. Os jardins, pátios e átrios descuidados estavam abarrotados de folhas outonais. Difícil imaginar quem desejaria comprar uma casa assim. Era muito grande para uma casa de fazenda e demasiado sombria e remota para ser a residência de um cavalheiro. Poderia servir como casa paroquial, mas não existia igreja. Poderia servir como estalagem, mas a antiga estrada para animais de carga que antes atravessava o vilarejo caíra em desuso e a ponte era tudo o que dela restava.

Ninguém atendeu às batidas de Mr. Secundus. Ele notou que a porta da frente estava entreaberta. Seria inadequado simplesmente entrar, mas, após continuar batendo em vão por quatro ou cinco minutos, foi o que fez.

Casas, assim como pessoas, tendem a se tornar deveras excêntricas, se deixadas sozinhas em demasia; essa era o equivalente arquitetônico a um velho cavalheiro de roupão surrado e chinelas rasgadas que acorda e dorme em horas estranhas do dia, e que mantém uma conversação ininterrupta com amigos que ninguém mais consegue ver. Enquanto Mr. Secundus a percorria a esmo em busca de um encarregado qualquer, encontrou um cômodo onde não havia nada mais que cinchos de porcelana empilhados. Em outro deparou com montes de roupas vermelhas bizarras, que ele jamais vira igual, algo entre guarda-pós de um trabalhador e togas de um clérigo. Na cozinha havia poucos utensílios normalmente encontrados em cozinhas, em compensação, o crânio de um crocodilo numa caixa envidraçada exibia um grande sorriso e parecia bastante satisfeito consigo mesmo, embora Mr. Secundus não conseguisse imaginar por quê. Havia um cômodo ao qual só se chegava através de um curioso arranjo de degraus e escadas, e onde todos os quadros pareciam ter sido escolhidos por alguém com um gosto descomedido por lutas; viam-se quadros de homens brigando, de rapazes brigando, de galos brigando, de touros brigando, de cães brigando, de centauros brigando, e até uma surpreendente pintura de dois escaravelhos enlaçados num combate. Outro cômodo estava quase vazio, a não ser por uma casa de bonecas em cima de uma mesa postada no centro; a casa de bonecas era uma cópia fiel da casa real, exceto que dentro dela várias bonecas elegantemente vestidas desfrutavam juntas uma vida pacífica e racional: faziam bolos e pães proporcionais ao tamanho de uma boneca, entretinham as amigas com um cravo minúsculo, jogavam cassino com cartas

minúsculas, educavam crianças em miniatura e jantavam perus assados do tamanho da unha do polegar de Mr. Secundus. Um estranho contraste com a realidade sinistra que reproduzia.

Pensou ter olhado em todos os cômodos, mas ainda não encontrara a biblioteca nem uma alma viva sequer. Deparou com uma pequena porta semi-oculta por uma escada. Atrás dela havia um cômodo minúsculo, não muito maior do que uma despensa. Um homem de casaco branco sujo com os sapatos em cima da mesa tomava conhaque olhando para o teto. Depois de um pouco de persuasão, a pessoa concordou em lhe mostrar onde ficava a biblioteca.

Os primeiros dez livros que Mr. Secundus viu não tinham valor - eram livros de sermões e reflexões morais do século anterior ou descrições de pessoas por quem criatura alguma se interessava. Os cinqüenta livros seguintes eram parecidos. Quando começou a achar que a tarefa logo estaria cumprida, topou com algumas obras de geologia, filosofia e medicina bastante interessantes e incomuns. Começou a se animar.

Trabalhou sistematicamente por duas ou três horas. Uma vez pensou ter ouvido a chegada de uma carruagem, mas não deu atenção a isso. Ao cabo desse tempo, de repente percebeu que sentia muita fome. Não sabia se haviam feito ou não preparativos para o jantar, e a casa ficava muito distante da estalagem mais próxima. Saiu à procura do homem negligente no cômodo minúsculo para lhe perguntar o que se poderia fazer e de imediato se perdeu no labirinto de cômodos e corredores. Vagou por ali e por aqui abrindo todas as portas, sentindo mais e mais fome, e mais e mais irritação com o homem negligente.

Viu-se numa sala antiquada com painéis de carvalho escuro e um console de lareira do tamanho de um arco do triunfo bem-conservado. Em frente a ele, uma graciosa jovem estava sentada num assento fundo na parte interior da janela, mirando na distância as árvores e as colinas escalvadas e altas. Só teve tempo de notar que na mão esquerda lhe faltava o dedo mínimo, e de súbito ela já não se encontrava mais ali, ou talvez fosse mais exato dizer que sofrera uma transformação. Em seu lugar havia uma mulher mais velha, mais robusta, mais ou menos da idade de Mr. Secundus, trajando um vestido de seda violeta, com um xale indiano nos

ombros e um cãozinho no colo. A dama estava sentada na mesma postura da outra, olhando pela janela com a mesma expressão nostálgica.

Demorou um pouco até todos esses detalhes serem percebidos, contudo a impressão que as duas damas causaram em Mr. Secundus foi insólita, quase sobrenaturalmente vívida, como imagens de um delírio. Um estranho frêmito fez seu corpo todo vibrar, os sentidos fraquejaram e ele desmaiou.

Quando voltou a si, estava deitado no chão e as duas damas debruçadas sobre ele, a emitirem exclamações aflitas e preocupadas. Não obstante sua perturbação, ele de imediato concluiu que nenhuma das damas era a bela jovem sem o dedo mínimo que vira antes. Uma era a dama com o cãozinho que ele vira depois, a outra era uma dama igualmente madura, magra e loura, de rosto e conformação comuns. Aparentemente ela estivera no cômodo o tempo inteiro, mas sentada atrás da porta, por isso não a notara.

As duas damas não consentiram que ele se levantasse ou tentasse fazer um movimento sequer. Não lhe permitiram nem mesmo falar; advertiram-no com gravidade que isso causaria outra vertigem. Buscaram almofadas para apoiar sua cabeça, cobertores para conservá-lo aquecido (ele objetou que estava perfeitamente aquecido, mas não lhe deram ouvidos). Prepararam água de lavanda e sal volátil. Bloquearam uma corrente de ar que acharam passava por baixo de uma das portas. Mr. Secundus começou a suspeitar que tinham tido uma manhã monótona e que, quando ele, um cavalheiro estranho, entrara na sala e caíra num desmaio, sentiram mais satisfação do que qualquer outra coisa.

Após quinze minutos desse tratamento, autorizaram-no a sentar sem auxílio numa cadeira e bebericar um chá fraco.

- A culpa é toda minha - disse a dama com o cãozinho. - Fellowes me falou que o cavalheiro veio de York para ver os livros. Deveria ter me apresentado antes ao senhor. Foi um grande sobressalto dar conosco daquele jeito!

A dama se chamava Mrs. Lennox. A outra era Mrs. Blake, sua dama de companhia. Residiam em Bath e tinham ido a Starecross para Mrs. Lennox visitar a casa mais uma vez antes de ser vendida.

- Uma tolice, não é? - disse Mrs. Lennox a Mr. Secundus. - A casa permaneceu vazia por anos e anos. Eu deveria tê-la vendido há muito tempo, mas quando menina passei aqui vários verões especialmente felizes.

- O senhor ainda está muito pálido - sugeriu Mrs. Blake. - Comeu alguma coisa hoje?

Mr. Secundus admitiu que estava faminto.

- Fellowes não se ofereceu para trazer seu jantar? - perguntou Mrs. Lennox, surpresa.

Fellowes era, provavelmente, o criado negligente do cômodo minúsculo. Mr. Secundus preferiu não contar que mal conseguira fazer Fellowes despertar de sua apatia para falar com ele.

Felizmente, Mrs. Lennox e Mrs. Blake tinham trazido consigo um jantar abundante e Fellowes, naquele momento, o preparava. Meia hora depois, as duas damas e Mr. Secundus sentaram-se para jantar numa sala apainelada com carvalho e com uma vista melancólica das árvores outonais. O único inconveniente, de somenos importância, era que elas desejavam que Mr. Secundus, na qualidade de inválido, comesse uma comida leve, de fácil digestão, quando na verdade ele sentia muita fome e queria um bife frito e um pudim quente.

As duas damas estavam contentes por terem companhia e fizeram várias perguntas sobre ele. Ficaram interessadíssimas ao saber que era mago; jamais conhecera um antes.

- E encontrou algum texto de magia em minha biblioteca? - perguntou Mrs. Lennox.

- Nenhum, minha senhora - respondeu Mr. Secundus. - Mas livros de magia, os valiosos, são de fato raros. Ficaria surpreso se encontrasse algum.

- Agora, pensando nisso - refletiu Mrs. Lennox -, creio que havia alguns. Mas os vendi anos atrás para um cavalheiro que morava perto de York. Muito cá entre nós,

achei-o um tanto insensato por me pagar uma grande soma de dinheiro por livros que ninguém queria. Mas talvez não tenha sido tão insensato.

Mr. Secundus sabia que o “cavalheiro que morava perto de York” possivelmente não tinha pago a Mrs. Lennox um quarto do valor real dos livros, mas, como de nada servia dizer tal coisa alto e bom som, ele sorriu cortesmente e guardou o comentário para si.

Contou-lhes de seus alunos, tanto homens como mulheres, dizendo que eram inteligentes e ávidos de aprender.

E uma vez que o senhor os incentiva com tal louvor - disse Mrs. Blake, gentilmente -, com certeza lograrão mais êxito sob sua tutela do que com qualquer outro mestre.

- Ah, não estou certo quanto a isso - replicou Mr. Secundus.

- Eu não tinha me dado conta antes - observou Mrs. Lennox com ar pensativo - de como o estudo da magia se tornou popular. Pensava que estivesse restrito àqueles dois homens de Londres. Como se chamam? Provavelmente, Mister Secundus, não será o próximo passo uma escola de magos? Sem dúvida é nisso que o senhor concentrará suas energias, não?

- Uma escola! - exclamou Mr. Secundus. - Ah, mas para isso seria necessário... Bem, não sei exatamente quanto, mas uma grande soma de dinheiro, além de uma casa.

- Haveria dificuldade de conseguir alunos? - inquiriu Mrs. Lennox.

- Na verdade não! Ocorrem-me de imediato quatro rapazes.

- E se publicasse um anúncio...

- Ah, jamais faria isso! - retrucou Mr. Secundus, um tanto melindrado, - A magia é a profissão mais nobre do mundo... Bem, talvez a segunda mais nobre, depois da Igreja. Não podemos maculá-la com procedimentos comerciais. Não, eu só aceitaria rapazes mediante recomendação.

- Então resta apenas que alguém lhe arranje algum dinheiro e uma casa. Nada mais fácil. Acredito que seu amigo, Mister Honeyfoot, de quem o senhor fala com tamanha estima, deseje lhe emprestar o dinheiro. Creio que gostaria de reivindicar essa honra para si mesmo.

- Ah, não! Mister Honeyfoot tem três filhas, as moças mais adoráveis deste mundo. Uma delas está casada, outra está noiva e a terceira não se decide. Não, Mister Honeyfoot tem de pensar na família. O dinheiro dele está comprometido.

- Nesse caso posso lhe falar da minha esperança em sã consciência! Que tal se eu lhe emprestasse o dinheiro?

Mr. Segundus ficou estupefato e por instantes não soube direito o que responder.

- A senhora é muito generosa! - balbuciou por fim.

Mrs. Lennox sorriu.

- Não, senhor. Não sou. Se a magia é tão popular como diz, e por certo vou consultar a opinião de outras pessoas a respeito, então acredito que os lucros serão substanciais.

- Mas minha experiência em negócios é desgraçadamente ínfima - disse Mr. Segundus. - Recearia cometer um erro e lhe causar a perda do dinheiro. Não, a senhora é muito gentil, e sinceramente lhe agradeço, mas devo recusar.

- Bem, se lhe desagrada a idéia de tomar dinheiro emprestado, e sei que não convém a todos, isso pode ser resolvido com facilidade. A escola será minha, de mais ninguém. Arcarei com todas as despesas e riscos. O senhor será o mestre da escola e nossos nomes aparecerão juntos no folheto. Afinal, que melhor propósito poderá haver para esta casa do que uma escola de magos? Como residência, os inconvenientes são inúmeros, mas como escola as vantagens são grandes. A localização é bastante afastada. Não há caçadas, propriamente. Haveria pouquíssima oportunidade de os jovens jogarem ou caçarem. Os prazeres serão muitíssimo limitados, por isso poderão se dedicar aos estudos.

- Eu não selecionaria jovens que joguem! - disse Mr. Secundus, bastante ofendido.

Ela sorriu novamente.

- Não creio que alguma vez tenha causado a seus amigos um instante sequer de apreensão, exceto, talvez, por recearem que este mundo perverso tentasse se aproveitar de alguém tão honesto como o senhor.

Após o jantar, Mr. Secundus retornou conscienciosamente à biblioteca e ao anoitecer despediu-se das duas damas. Separaram-se de forma bastante amigável e com a promessa de Mrs. Lennox de que em breve o convidaria a Bath.

No caminho de volta, ele fez sérias advertências a si mesmo para não depositar esperanças nesses planos maravilhosos de um futuro e felicidade promissores, mas não pôde evitar se deliciar com imagens idealizadas do ensino de jovens e do extraordinário progresso que faziam; da visita de Jonathan Strange à escola; do encantamento dos alunos ao descobrirem que seu mestre era amigo íntimo dos mais célebres magos da era moderna; de Strange a lhe dizer: "Excelente, Secundus. Eu não poderia ter ficado mais satisfeito. Muito bem!".

Passava da meia-noite quando chegou em casa, e lhe exigiu muita determinação não correr de imediato à casa de Mr. Honeyfoot para lhes contar as novas. Na manhã seguinte, porém, quando os visitou bem cedo, o entusiasmo deles foi indescritível. Encheram-se de uma felicidade que ele mesmo não se permitia sentir. Mrs. Honeyfoot ainda conservava muito da colegial que fora e, pegando o marido pelas mãos, dançou com ele em volta da mesa do café-da-manhã como se só dessa forma pudesse exprimir o que sentia. A seguir, pegando na mão de Mr. Secundus, também dançou com ele em volta da mesa, e, quando os dois magos se recusaram a prosseguir, ela continuou dançando sozinha. O único desapontamento de Mr. Secundus (e muito superficial) foi Mr. e Mrs. Honeyfoot não haverem se surpreendido como ele esperara; tinham dele uma opinião tão elevada que nada viram de especial em damas ilustres desejarem fundar uma escola tão-só para benefício dele.

- Talvez ela se considere afortunada por tê-lo conhecido! - afirmou Mr. Honeyfoot. - Pois quem está mais bem-preparado para dirigir uma escola de magos? Ninguém!

- E, afinal de contas - concluiu Mrs. Honeyfoot -, o que mais pode ela fazer com o dinheiro que tem? Pobre dama sem filhos!

Mr. Honeyfoot estava convencido de que Mr. Secundus agora contava com a sorte. Seu otimismo não lhe permitia esperar menos que isso. Contudo, tendo já vivido bastante neste mundo para aprender algumas praxes prudentes de negócios, disse a Mr. Secundus que iriam obter informações sobre Mrs. Lennox, quem era ela e se era rica como aparentava.

Escreveram a um amigo de Mr. Honeyfoot que morava em Bath. Por sorte, Mrs. Lennox era conhecida como uma dama notável, mesmo em Bath, cidade adorada por famílias abastadas e nobres. Nascera rica e esposara um homem ainda mais rico. Seu marido morrera jovem, e não muito pranteado, deixando-a livre para dar vazão a sua disposição enérgica e mente inteligente. Ela multiplicara sua fortuna fazendo bons investimentos e uma administração cautelosa das terras e propriedades. Era famosa pelo temperamento audaz e resoluto, pelas várias atividades caritativas e por sua calorosa amizade. Possuía casas em todo o reino, mas morava principalmente em Bath com Mrs. Blake.

Entrementes, Mrs. Lennox fez o mesmo tipo de perguntas a respeito de Mr. Secundus, e deve ter ficado satisfeita com as respostas, pois logo o convidou a Bath, onde rapidamente resolveram, todos os detalhes sobre o projeto da escola.

Os meses seguintes foram dedicados a consertos e instalações na Starecross Hall. O telhado tinha goteiras, as duas chaminés estavam obstruídas e parte da cozinha desmoronara. Mr. Secundus assustou-se ao ver o custo total. Calculou que, se deixasse de limpar a segunda chaminé, utilizasse velhos bancos de madeira com espaldar alto e cadeiras também de madeira em vez de comprar móveis novos, e limitasse o número de criados a três, economizaria sessenta libras esterlinas. A carta que escreveu a Mrs. Lennox sobre isso rendeu uma pronta resposta: ela o informou de que Mr. Secundus não estava gastando o bastante. Os alunos seriam de boas famílias, iam esperar contar com lareiras eficientes e todo o conforto. Ela o

aconselhou a contratar nove criados, além de um mordomo e um cozinheiro francês. Deveria reformar a casa completamente e adquirir uma nova adega com bons vinhos franceses. Os talheres, disse, deveriam ser de prata; a faiança, Wedgwood.

No início de dezembro, Mr. Segundus recebeu uma carta de congratulações de Jonathan Strange, que prometia visitar a escola na primavera seguinte, Mas, a despeito dos votos gerais de prosperidade e do empenho de todos, Mr. Segundus não conseguia se libertar da sensação de que a escola jamais se concretizaria; algo ocorreria para impedir isso. Essa idéia não lhe saía da cabeça, não importava o que fizesse para afastá-la.

Numa manhã de meados de dezembro, ao chegar a Starecross Hall, deparou com um homem sentado, muito à vontade, no degrau da entrada. Conquanto acreditasse que jamais o tivesse visto, reconheceu-o de imediato: era a personificação da Má Sorte; a Ruína das Esperanças e dos Sonhos de Mr. Segundus. O homem usava um casaco preto de talhe antiquado, tão gasto e roto como o de Mr. Segundus, e sapatos enlameados. Com o cabelo comprido e desgrenhado, parecia o presságio da morte numa peça de má qualidade.

- Mister Segundus, não faça isso! - advertiu com um sotaque do condado de York.

- Como disse? - replicou Mr. Segundus.

- A escola, senhor. Tem de abandonar a idéia da escola!

- Quê?! - bradou Mr. Segundus, fingindo corajosamente desconhecer que o homem dizia uma verdade inevitável.

- Pois bem - continuou o homem misterioso -, o senhor me conhece e sabe que quando digo que uma coisa é assim, essa coisa será assim, por mais que o senhor e eu possamos lamentar.

- Mas o senhor está redondamente enganado - replicou Mr. Segundus. - Não o conheço. Ao menos não creio tê-lo visto antes.

- Sou John Childermass, o criado de Mr. Norrell. A última vez que conversamos foi há nove anos, defronte da catedral de York. Quando o senhor se restringia a uns poucos alunos, Mister Secundus, pude fazer vistas grossas. Calei-me e Mister Norrell nada soube acerca do que o senhor fazia. Uma escola ativa para magos adultos, porém, é bem diferente. O senhor está sendo muito ambicioso. Ele sabe, Mister Secundus. Ele sabe e deseja que acabe com o negócio imediatamente.

- Mas o que Mister Norrell ou os desejos de Mister Norrell têm a ver comigo? Eu não assinei o contrato. O senhor deveria saber que não estou sozinho neste empreendimento. Tenho amigos agora.

- É verdade - disse Childermass, divertindo-se um pouco. - E Mrs. Lennox é uma mulher muito rica, excelente para negócios. Mas tem ela a amizade dos ministros como tem Mister Norrell? Tem ela a mesma influência dele? Lembre-se da Sociedade Culta dos Magos, Mister Secundus! Lembre-se de como ele a subjugou!

Childermass esperou um momento e, uma vez que a conversa parecia ter chegado ao fim, afastou-se em direção ao estábulo.

Cinco minutos depois reapareceu montado num enorme cavalo marrom. Mr. Secundus estava parado, exatamente como antes, de braços cruzados, fitando as pedras do pavimento.

Childermass olhou de cima para ele:

- Sinto que termine desta forma, senhor. Entretanto, com certeza, nada está perdido! Esta casa é tão adequada a outro tipo de escola como é a uma escola de magia. Ao olhar para mim o senhor não diria, mas sou um sujeito com um grande círculo de conhecidos entre os ilustres. Escolha outro tipo de escola e, na próxima vez que eu souber de um lorde ou de uma lady que necessitem de tal estabelecimento para seus fidalgotes, recomendarei o senhor.

- Não quero outro tipo de escola! - protestou Mr. Secundus com irritação. Childermass sorriu seu sorriso malicioso e partiu.

Mr. Secundus foi a Bath e informou sua benfeitora da situação lastimável. Ela ficou furiosíssima com o fato de que um cavalheiro que nem sequer conhecia se

atrevesse a lhe dar instruções sobre o que poderia e não poderia fazer. Escreveu uma carta irada a Mr. Norrell. Não obteve resposta, mas seus banqueiros, advogados e parceiros em outras especulações comerciais de repente viram-se receptores de estranhas cartas de pessoas ilustres, todas contendo queixas indiretas da escola de Mr. Secundus. Um dos banqueiros, um homem idoso obstinado e propenso a discussões, foi imprudente o bastante para indagar publicamente (no saguão da Câmara dos Comuns) o que uma escola de magos no condado de York poderia ter a ver com ele. Como resultado, várias damas e cavalheiros amigos de Mr. Norrell deixaram de ser clientes do banco dele.

Na sala de estar de Mrs. Honeyfoot em York, algumas noites mais tarde, Mr. Secundus pôs a cabeça entre as mãos, a lamuriar.

- É como se a má sorte estivesse decidida a me atormentar, oferecendo-me grandes privilégios para em seguida arrancá-los de mim.

Mrs. Honeyfoot estalou a língua em solidariedade, deu-lhe uma palmadinha no ombro e recriminou Mr. Norrell no mesmo tom condenatório com o qual consolara Mr. Secundus e Mr. Honeyfoot nos últimos nove anos, a saber: que Mr. Norrell parecia ser um cavalheiro muito estranho, cheio de caprichos bizarros, e ela jamais o entenderia.

- Por que não escreve a Mister Strange? - sugeriu Mr. Honeyfoot de repente. - Ele saberá o que fazer!

Mr. Secundus ergueu o olhar.

- Ah! Sei que Mister Strange e Mister Norrell se separaram, mas ainda assim não gostaria de ser a causa de uma rixa entre eles.

- Tolice! - exclamou Mr. Honeyfoot. - Não leu as edições recentes de *O Mago Moderno*? É justamente isso que Strange quer! Algum princípio de magia norrellita que possa criticar abertamente e assim fazer todo o edifício vir abaixo. Acredite-me, ele ficará grato ao senhor pela oportunidade. Sabe, Secundus, quanto mais penso, mais gosto deste plano! Mr. Secundus também.

- Deixe-me apenas consultar Mrs. Lennox e, se ela concordar, certamente farei o que sugere!

Era vasta a ignorância de Mrs. Lennox sobre os eventos recentes da magia. De Jonathan Strange sabia apenas o nome e que tinha uma certa ligação com o Duque de Wellington. Mas apressou-se a garantir a Mr. Secundus que, se Mr. Strange não via Mr. Norrell com bons olhos, então lhe dava todo o apoio. Assim, no dia 20 de dezembro, Mr. Secundus enviou uma carta a Strange na qual o informava das ações de Gilbert Norrell no tocante à escola de Starecross Hall.

Infelizmente, longe de saltar em defesa de Mr. Secundus, Strange nem sequer respondeu.

42. *Strange resolve escrever um Livro*

Junho - dezembro de 1815

Talvez seja muito fácil imaginar o prazer com que Mr. Norrell recebeu a notícia de que, ao voltar para a Inglaterra, Mr. Strange fora direto para o condado de Shrop.

- E o melhor disso - Mr. Norrell disse a Lascelles - é que é improvável que se publique outro daqueles artigos nocivos sobre a magia do Rei Corvo.

- De fato, não, senhor - disse Lascelles. - Duvido muito que ele tenha tempo para escrevê-lo.

Mr. Norrell refletiu um pouco sobre o que isso poderia significar.

- Ah, então o senhor não soube? - prosseguiu Lascelles. - Strange está escrevendo um livro. Não fala de outra coisa quando escreve aos amigos. Começou de maneira súbita, há umas duas semanas, e, de acordo com ele mesmo, está avançando com rapidez. Mas nós conhecemos bem a facilidade com que Strange escreve. Ele prometeu incluir no livro toda a história da magia inglesa. Disse a Sir Walter que se surpreenderia se tudo coubesse em dois volumes. Em vez disso, crê que precisará de um terceiro volume. Terá como título *História e Prática da Magia Inglesa*, e Murray prometeu publicá-lo assim que estiver pronto.

Difícilmente haveria pior notícia. Mr. Norrell sempre tencionara escrever um livro. Pretendia intitulá-lo *Preceitos para a instrução de um mago* e o começara ao se tornar preceptor de Mr. Strange. As anotações já ocupavam duas estantes do pequeno escritório tomado de livros no segundo andar. Contudo, sempre se referira ao livro como algo para um futuro distante. Tinha um horror bastante irracional em se comprometer por escrito com o que oito anos de adulação em Londres não haviam curado. Ninguém até então vira todos os seus volumes de anotações pessoais, histórias e diários (exceto, em poucas ocasiões, Strange e Childermass). Mr. Norrell

jamais se considerava pronto para ser publicado: não tinha certeza de que alcançara a verdade; não estava convencido de que refletira bastante sobre o tema; não sabia se era um assunto adequado para apresentar ao público.

Logo que Lascelles saiu, Mr. Norrell pediu que levassem ao escritório do segundo andar uma bacia de prata com água limpa.

No condado de Shrop, Strange trabalhava em seu livro. Não ergueu o olhar, mas de súbito esboçou um sorriso irônico e agitou o dedo no ar, como se dissesse não a alguém que não via. Todos os espelhos do cômodo estavam voltados para a parede, e, embora Mr. Norrell tivesse passado horas e horas debruçado sobre a bacia de prata no fim da noite, nada viu do que se passava.

Certa noite, no início de dezembro, Stephen Black polia a prataria no pequeno quarto no fim do corredor da cozinha, quando, ao baixar os olhos, notou que os cordões do avental de polimento estavam se desatando sozinhos. Não que o laço se afrouxara (Stephen jamais fizera um laço malfeito na vida); simplesmente os cordões do avental serpenteavam de maneira audaciosa, decidida, como se soubessem o que faziam. A seguir, as mangas e as luvas de polimento deslizaram de seus braços e mãos e se dobraram caprichosamente sobre a mesa. Depois o casaco saltou do espaldar da cadeira onde estava pendurado, ajustou-se firme em Stephen, ajudando-o a se vestir. Por fim, o próprio quarto do mordomo desapareceu.

De súbito ele se encontrava num pequeno salão apainelado com madeira escura. Uma mesa ocupava a maior parte do espaço. Ela estava coberta por uma toalha de linho vermelho com debrum largo e ornamentado de ouro e prata, e abarrotada com pratos também de ouro e de prata, repletos de comida. Jarros adornados com jóias estavam cheios de vinho. Velas de cera em castiçais dourados produziam uma luz intensa e incenso queimava em dois incensórios dourados. Ao lado da mesa, os únicos outros móveis eram duas cadeiras de madeira entalhada cobertas com tecido de ouro que almofadas bordadas tornavam suntuosas.

Numa dessas cadeiras estava o cavaleiro de cabelos de algodão.

- Boa noite, Stephen!

- Boa noite, senhor.

- Parece um pouco pálido esta noite, Stephen. Espero que não esteja indisposto.

- Estou apenas um pouco sem fôlego, senhor. Acho esses transportes repentinos para outros países e continentes um tanto desnorteantes.

- Ah, mas ainda estamos em Londres, Stephen! Este é o Jerusalém Coffee House, no pátio de Cowper. Conhece-o?

- Ah, sim, senhor, conheço. Sir Walter costumava cear aqui com seus amigos ricos nos tempos de solteiro. A diferença é que antes não era tão grandioso. Quanto a este banquete, praticamente não há um prato que eu reconheça.

- Ah, é porque pedi uma cópia exata de uma refeição que fiz nesta mesma casa quatrocentos ou quinhentos anos atrás! Temos aqui um pernil assado de dragão alado e uma torta de beija-flor com mel. Esta é uma salamandra assada com tempero de romã; este é um delicado fricassê de cristas de basilisco condimentadas com açafraão e arco-íris em pó e decoradas com estrelas de ouro! Agora sente-se e coma! Será a melhor cura para a sua vertigem. O que deseja?

- São todos pratos maravilhosos, senhor, mas creio ver umas costeletas de porco despreziosas que parecem deliciosas.

- Ah, Stephen! Como sempre, seus instintos nobres o levam a escolher o melhor dos pratos! Embora as costeletas de porco sejam de fato bastante despreziosas, foram fritas em gordura clarificada de espectros conjurados de porcos pretos gauleses que vagam à noite pelas colinas do País de Gales, aterrorizando os habitantes daquele país deplorável! A fantasmagoria e a ferocidade dos porcos emprestam às costeletas um sabor excelente que o distingue de qualquer outro! E o molho que as acompanha é feito de cerejas cultivadas no pomar de um centauro!

Pegando uma jarra dourada e decorada com jóias, o cavalheiro serviu-lhe uma taça de vinho vermelho-vivo.

- Este vinho é de uma safra do Inferno, mas não se deixe dissuadir de prová-lo por causa disso! Ouviu falar de Tântalo, não? O rei perverso que assou o filho pequeno numa torta e o comeu? Condenaram-no a ficar imerso até o pescoço num tanque de água que não pode beber, debaixo de uma parreira carregada de uvas que não pode comer. Este vinho foi feito dessas uvas. E, uma vez que a parreira foi plantada com o propósito único de atormentar Tântalo, pode ter certeza de que as uvas têm sabor e aroma excelentes, assim como o vinho. As romãs também são do pomar de Perséfone.

Stephen provou do vinho e das costeletas de porco.

- Extraordinário, senhor. Em que ocasião o senhor jantou aqui antes?

- Ah! Eu e meus amigos comemoramos a partida para as Cruzadas. William de Lanchester estava aqui, Tom Dundell e muitos outros lordes e cavaleiros nobres, tanto cristãos como seres mágicos. Claro que na época não era um café. Era uma estalagem. De onde estávamos sentados, víamos um amplo pátio rodeado por pilares esculpidos e dourados. Nossos criados, pajens e escudeiros iam e vinham, providenciando todos os preparativos para que descarregássemos nossa terrível vingança sobre os inimigos iníquos! No outro lado do pátio, ficavam os estábulos onde se abrigavam não só os mais belos cavalos da Inglaterra como também três unicórnios que outro ser mágico, um primo meu, levaria para as Terras Santas a fim de perpassar os inimigos. Vários magos talentosos sentavam-se à mesa conosco. De modo algum assemelhavam-se a esses horrores que nos dias de hoje se fazem passar por magos. Eram bonitos fisicamente e consumados em sua arte! As aves no ar inclinavam-se para lhes ouvir as ordens. As chuvas e os rios eram seus criados. O vento norte, o vento sul, todos só existiam por ordem deles. Estendiam as mãos e cidades desmoronavam ou se reconstruíam! Que contraste com esse homem horrível sentado numa sala empoeirada, a resmungar consigo mesmo e a virar páginas de um livro antigo! - Os cavalheiros comeram pensativamente fricassês de cristas de basilisco. - O outro está escrevendo um livro - disse.

- Ouvi dizer, senhor. Observou-o recentemente?

O cavalheiro fechou a cara.

- Eu? Não acabou de me ouvir dizer que considero esses magos os homens mais estúpidos e abomináveis da Inglaterra? Não, não o vi mais do que duas ou três vezes por semana desde que saiu de Londres. Quando escreve, apara as penas bem quadradas com um canivete velho. Eu teria vergonha de usar um canivete tão feio e danificado, mas esses magos toleram grosserias que nos fazem estremecer! Às vezes ele se perde tanto no que escreve que se esquece de aparar a pena, e a tinta respinga no papel, no café, e ele não presta a menor atenção nisso.

Stephen achou estranho que o cavalheiro, que morava numa casa parcialmente arruinada, em meio a ossos medonhos de batalhas passadas, se impressionasse com a desordem da casa alheia.

- E qual é o assunto do livro, senhor? - perguntou. - Que opinião tem sobre ele?

- É muito esquisito! Ele descreve todas as aparições mais importantes da minha raça neste país. Há relatos de nossa intervenção nos assuntos da Grã-Bretanha para a prosperidade da nação e maior glória de seus cidadãos. Ele oferece sem cessar sua opinião de que nada é mais propício do que os magos desta era nos invocarem imediatamente e nos solicitarem assistência. Faz sentido para o senhor, Stephen? Para mim, não. Quando pretendi trazer o rei da Inglaterra para minha casa e oferecer-lhe todo tipo de cortesia, esse mesmo mago me impediu. Seu comportamento na ocasião parecia ter o propósito único de me insultar!

- Mas, senhor - disse Stephen brandamente - Penso que ele não entendeu direito quem ou o que o senhor era.

- Ah, quem pode dizer o que esses ingleses entendem? Têm uma mentalidade muito curiosa! É impossível saber o que pensam! Creio que verificará que assim é, Stephen, quando reinar sobre eles!

- Eu de fato não pretendo ser rei de ninguém, senhor.

- Sentirá de forma bem diferente quando se tornar rei. É que está desencorajado pela idéia de se ver afastado de Esperança Perdida e de todos os seus amigos. Fique tranquilo quanto a isso! Eu também me sentiria infeliz se pensasse que sua ascensão concorreria para a nossa separação. Mas não vejo

necessidade de o senhor residir de forma permanente na Inglaterra só por ser o monarca. Uma semana é o máximo que qualquer pessoa pode esperar se demorar num país tão sem graça. Uma semana é mais do que suficiente!

- Mas e meus deveres, senhor? No meu entender, reis têm muitos assuntos a tratar e, por menos que eu queira ser rei, não deveria desejar...

- Meu caro Stephen! - exclamou o cavalheiro com um deleite cordial e divertido. - Para isso existem os senescais! Podem executar todas as tarefas tediosas do governo, enquanto o senhor fica comigo em Esperança Perdida, desfrutando de todos os prazeres costumeiros. Voltará para cá sempre que tiver de recolher os impostos e os tributos das nações conquistadas e depositá-los num banco. Bem, imagino que, de quando em quando, será prudente permanecer na Inglaterra tempo suficiente para lhe pintarem o retrato, a fim de que o populacho possa adorá-lo ainda mais. Às vezes poderá permitir bondosamente que as damas mais belas do país façam fila para lhe beijar as mãos e se apaixonar pelo senhor. Depois, todos os deveres cumpridos à perfeição, poderá voltar para Lady Pole e para mim com a consciência tranqüila! - O cavalheiro fez uma pausa e ficou inusitadamente pensativo. - Contudo, devo admitir - disse por fim - que meu fascínio pela bela Lady Pole já não é tão intenso como antes. Existe outra dama de quem gosto mais. Ela é apenas moderadamente bela, mas sua deficiência de beleza é mais do que compensada por seu ânimo alegre e conversação agradável. E essa outra dama tem uma grande vantagem sobre Lady Pole. Como o senhor e eu sabemos, Stephen, por mais que Lady Pole visite minha casa, ela sempre tem de ir embora, conforme o trato feito com o mago. No caso dessa dama, porém, não haverá necessidade de um acordo assim insensato. Uma vez que eu a consiga, poderei conservá-la sempre ao meu lado!

Stephen suspirou. A idéia de outra dama infeliz mantida prisioneira em Esperança Perdida por toda a eternidade era assaz triste! Entretanto, seria tolo supor que conseguiria fazer algo para impedi-lo, e seria bem possível que isso viesse a beneficiar Lady Pole.

- Nesse caso, senhor - disse respeitosamente -, pensaria em libertar Sua Senhoria do encantamento? Sei que seu marido e amigos ficariam felizes de reavê-

la.

- Ah! Mas sempre considerarei Lady Pole uma incorporação muitíssimo agradável a todos os nossos entretenimentos. Uma bela mulher é sempre uma boa companhia, e duvido que haja na Inglaterra beleza igual à de Sua Senhoria. Não existem muitas que se equiparem a ela no Reino Encantado. Não, o que o senhor sugere é de todo impossível. Mas voltemos ao assunto em tela. Precisamos elaborar um plano para arrancar essa outra dama de casa e levá-la para Esperança Perdida. Sei, Stephen, que ficará bem mais ansioso para me ajudar quando lhe disser que considero a remoção dessa dama da Inglaterra essencial para nosso nobre objetivo de torná-lo rei. Será um choque terrível para nossos inimigos! Irá desalentá-los até o desespero! Produzirá discórdia e dissidência entre eles. Ah, sim! Serão coisas boas para nós e coisas ruins para eles! Falharíamos em nossos elevados deveres se fizéssemos menos do que isso!

Stephen não entendeu bem. Referia-se o cavalheiro a uma das princesas do Castelo de Windsor? Todos sabiam que o rei tinha enlouquecido após a morte da mais nova de suas filhas, sua predileta. Talvez o cavalheiro de cabelos de algodão imaginasse que a perda também de outra princesa viria a matá-lo ou faria alguns membros da família real perderem o juízo.

- Agora, meu caro Stephen - disse o cavalheiro -, o problema que se nos coloca é o seguinte: como roubar a dama sem que alguém note, sobretudo os magos! - Refletiu por um momento. - Já sei! Busque-me um carvalho de turfa!

- Como?

- Tem que ser mais ou menos da medida de sua cintura e longo como a minha clavícula.

- Teria prazer em buscá-lo imediatamente, senhor. Mas não sei o que é um carvalho de turfa.

- Madeira antiga enterrada em turfeiras por séculos sem fim!

- Nesse caso, senhor, receio ser improvável que encontremos alguma em Londres. Aqui não existem turfeiras.

- É verdade, é verdade. - O cavalheiro recostou-se no espaldar da cadeira com um movimento rápido e fitou o teto, enquanto meditava sobre o complicado problema.

- Algum outro tipo de madeira serviria a seu propósito, senhor? - perguntou Stephen. - Há um madeireiro na Rua Gracechurch que, suponho...

- Não, não retrucou o cavalheiro – Isso tem que ser feito...

Nesse instante, Stephen experimentou uma estranha sensação: foi arrancado da cadeira e posto em pé. Ao mesmo tempo, o café desapareceu e foi substituído por um nada absoluto, frio como gelo e escuro como breu. Embora nada enxergasse, Stephen teve a sensação de que se achava num lugar amplo e aberto. Um vento cortante zunia em seus ouvidos e uma chuva copiosa parecia cair sobre ele de todas as direções simultaneamente.

... Corretamente - continuou o cavalheiro, no mesmo tom de voz. – Há um excelente pedaço de carvalho de turfa por aqui. Ao menos creio me lembrar... - Sua voz, que estava em algum lugar próximo do ouvido direito de Stephen, afastou-se. - Stephen! - bradou. - Trouxe uma podadora de turfa, um sulcador ou uma pá estreita?

- O quê, senhor? Qual, senhor? Não, senhor. Não trouxe nada disso. Para falar a verdade, não entendi bem que íamos a algum lugar. - Stephen sentiu os pés e os tornozelos imersos em água fria. Tentou se desviar. Imediatamente o chão balançou de maneira assustadora e ele de repente afundou até metade das panturrilhas. Gritou.

- Hum? - inquiriu o cavalheiro.

- Eu... Eu jamais ousaria interrompê-lo, senhor. Mas parece que o chão está me engolindo.

- É um pântano - disse o cavalheiro, prestimosamente.

- É sem dúvida uma substância apavorante - comentou Stephen, procurando imitar o tom calmo e indiferente do cavalheiro. Sabia muito bem quanto o cavalheiro

valorizava a dignidade em quaisquer situações, e Stephen receava que, se percebesse quão assustado estava, muito possivelmente o cavalheiro se revoltaria com ele e iria embora, deixando que o pântano o sugasse. Tentou se mexer, mas nada encontrou de sólido sob os pés. Agitou-se, quase caiu e o único resultado foi que os pés e as pernas penetraram um pouco mais na lama aquosa. Tornou a gritar. O pântano emitiu uma série de sons de sucção bastante desagradáveis. - Ah, Deus! Senhor, tomo a liberdade de comentar que estou afundando pouco a pouco. Ah! - começou a cair de lado. - O senhor muitas vezes teve a gentileza de expressar sua afeição por mim e de me dizer o quanto preferia minha companhia à de qualquer outra pessoa. Se não fosse de modo algum incômodo para o senhor, poderia eu persuadi-lo a me salvar deste pântano terrível?

O cavalheiro nem se deu o trabalho de responder, mas Stephen se viu arrancado do pântano por magia e posto de pé. Sentia-se enfraquecido pelo medo e gostaria de se deitar, mas não ousou se mexer. O chão ali parecia bastante sólido, mas estava desagradavelmente molhado e não tinha idéia de onde estava o pântano.

- Gostaria muitíssimo de ajudá-lo, senhor - disse alto na escuridão –porém, não me atrevo a me mexer, com receio de cair no pântano outra vez!

- Ah, não tem importância! - retrucou o cavalheiro. - Na verdade, nada há a fazer a não ser esperar. É mais fácil encontrar carvalho de turfa ao amanhecer.

- Mas faltam nove horas para o amanhecer! - exclamou Stephen, horrorizado.

- Sim, de fato! Sentemos e aguardemos!

- Aqui, senhor? Mas este lugar é aflitivo. Escuro, frio, medonho!

- Ah, exatamente! É muito desagradável! - concordou o cavalheiro com uma calma exacerbante. A seguir calou-se, e Stephen pôde apenas imaginar que ele punha em prática o plano maluco de esperar o amanhecer.

O vento gelado soprava sobre Stephen; a umidade se infiltrava em todas as partes do seu ser; o negror o oprimia; e as longas horas passavam com uma lentidão exasperante. Não esperava poder dormir, mas a certa altura da noite sentiu

um pouco de alívio daquela situação angustiante. Não adormeceu, no entanto sonhou.

No sonho, tinha ido à copa pegar uma fatia de um excelente empadão de carne de porco. Ao cortar o empadão, porém, verificou que dentro dele havia uma quantia ínfima de porco. Grande parte de seu interior estava ocupada pela cidade de Birmingham. Dentro da crosta do empadão, fornalhas e ferrarias fumegavam e motores batiam pesadamente. Um dos cidadãos, uma pessoa de aspecto respeitoso, por acaso saiu do corte que Stephen fizera e, quando pousou o olhar em Stephen, disse...

Nisso, um som pesaroso e alto irrompeu no sonho de Stephen, uma canção triste e lenta num idioma desconhecido, e Stephen percebeu, sem na realidade acordar, que o cavalheiro de cabelos de algodão cantava.

Pode-se estabelecer como regra geral que quando um ser humano começa a cantar, ninguém mais prestará atenção na canção a não ser seres humanos como ele. Isso é verdadeiro, ainda que a canção seja eminentemente bela. Outros homens podem se extasiar com a habilidade do cantor, mas o restante das criaturas fica, em geral, impassível. Talvez um cão ou um gato olhe para ele; seu cavalo, se for um animal de inteligência excepcional, talvez pare de comer o capim, contudo nada mais que isso. Quando, porém, um ser mágico canta, o mundo inteiro pára para escutá-lo. Stephen sentiu que nuvens se detinham ao passar; sentiu colinas adormecidas se moverem e murmurarem; sentiu brumas frias dançarem. Compreendeu pela primeira vez que o mundo de forma alguma é silencioso, mas que simplesmente espera que alguém se dirija a ele numa linguagem que entenda. Na canção do ser mágico, a terra reconhecia os nomes pelos quais ela própria se chamava.

Stephen começou a sonhar novamente. Dessa vez viu colinas caminhando e o céu chorando. Árvores conversaram com ele e lhe revelaram seus segredos, e também se deveria ou não considerá-las amigas ou inimigas. Destinos importantes se ocultavam dentro de seixos e de folhas amassadas. Ele sonhou que tudo no mundo - pedras e rios, folhas e fogo - tinha um propósito que o mundo estava resolvido a levar à cabo com o máximo rigor, mas também entendeu que por vezes era possível persuadir coisas a seguirem um desígnio diferente.

Quando acordou, era o amanhecer. Ou algo parecido com o amanhecer. A luz estava aquosa, fraca e excepcionalmente triste. Colinas vastas, cinzas e sinistras erguiam-se ao redor deles e, entre elas, havia uma enorme extensão de pântano negro. Stephen nunca vira uma paisagem tão predisposta a num instante precipitar o observador a um estado de desespero absoluto.

- Será este um de seus reinos, senhor? - perguntou.

- Um de meus reinos? - exclamou o cavaleiro, surpreso. - Ah, não! Esta é a Escócia!

O cavaleiro desapareceu de súbito e pouco depois reapareceu com uma braçada de ferramentas. Havia um machado, um espeto e três objetos que Stephen jamais vira. Um lembrava um pouco uma enxada, outro lembrava um pouco uma pá e o último era muito estranho, algo entre uma pá e uma foice. Entregou todos a Stephen, que os examinou com ar intrigado.

- São novos, senhor? Brilham com tanta intensidade.

- Bem, evidentemente não podemos utilizar ferramentas de metal comum para o empreendimento mágico a que me proponho. Estes são feitos de um composto de mercúrio e brilho de estrela. Agora, Stephen, temos de procurar um trecho de solo onde o orvalho ainda não assentou; se lá cavarmos, com certeza encontraremos carvalho de turfa!

Em toda a extensão do vale, ervas e as pequeninas plantas coloridas do pântano se cobriam de orvalho. As roupas, as mãos, o cabelo e a pele de Stephen exibiam uma camada cinzenta e aveludada, e ao brilho costumeiro do cabelo do cavaleiro - sempre extraordinário - acrescentava-se o fulgor de um milhão de minúsculas esferas d'água. Ele parecia usar um halo ornado de jóias.

O cavaleiro atravessou lentamente o vale pantanoso, olhos fixos no chão. Stephen o seguiu.

- Ah! - exclamou o cavaleiro. - Eis aqui!

Como o cavaleiro descobriu isso, Stephen não soube dizer.

Estavam parados no meio de uma imensidão pantanosa, exatamente igual a todas as outras partes do vale. Não havia nas proximidades árvore ou pedra que distinguísse o lugar. Mas o cavalheiro andou com ar seguro até chegar a uma depressão rasa. No centro dela via-se uma faixa larga e comprida onde não havia orvalho.

- Stephen, cave aqui!

O cavalheiro se revelou um surpreendente conhecedor da arte de cortar turfa. E, embora ele mesmo não fizesse o trabalho braçal, com meticulosidade ensinou Stephen a cortar a camada superior de ervas e musgo com uma das ferramentas, a cortar a turfa com a outra e a alçar os pedaços com a terceira.

Como não estava acostumado ao trabalho físico, Stephen logo ficou sem fôlego e com o corpo inteiro dolorido. Felizmente, não tinha cortado muito fundo quando bateu em algo mais duro do que a turfa.

- Ah! - exclamou o cavalheiro, extremamente satisfeito. - É o carvalho de turfa. Excelente! Agora, Stephen, corte em volta dele!

Mais fácil falar do que fazer. Mesmo depois de Stephen haver cortado uma quantidade suficiente de turfa para expor o carvalho de turfa ao ar, ainda era difícil discernir o que era carvalho e o que era turfa: ambos eram pretos, molhados e limosos. Cavou um pouco mais e começou a desconfiar que, embora o cavalheiro o chamasse de toro, tratava-se, na verdade, de uma árvore inteira.

- O senhor não poderia alçá-lo por meio de magia? - indagou.

- Ah, não! Não, mesmo! Pedirei muito a esta madeira, portanto cabe a nós fazê-la passar do pântano para este mundo mais vasto da forma mais fácil que conseguirmos! Agora, Stephen, pegue este machado e me corte um pedaço da altura da minha clavícula. Depois, com o espeto e a pá, o extrairemos!

Levaram mais de três horas para realizar a tarefa. A machadadas, Stephen cortou a madeira do tamanho que o cavalheiro lhe pedira, mas a tarefa de tirá-lo de dentro do pântano revelou-se maior do que um só homem poderia enfrentar, e o

cavalheiro foi obrigado a descer com ele no buraco fétido e lamacento, e juntos forcejaram, puxaram e suspenderam.

Quando por fim terminaram, Stephen lançou-se ao chão num estado de completa exaustão, enquanto o cavalheiro permaneceu de pé, admirando o toro com satisfação.

- Bem - disse ele -, foi bem mais fácil do que imaginei.

Stephen de repente deparou consigo mais uma vez no salão do segundo andar do Jerusalém Coffee House. Olhou para si mesmo e para o cavalheiro. Suas boas roupas estavam em frangalhos e da cabeça aos pés eles estavam cobertos da lama do pântano.

Pela primeira vez viu o toro de carvalho de turfa com perfeição. Era negro como o pecado, de fibra extremamente compacta, e dele vertia uma água preta.

- Temos de enxugá-lo antes que ele se preste a qualquer coisa – disse.

- Ah, não! – Replicou o cavalheiro com um sorriso luminoso. – Para os meus propósitos, servirá muito bem como está!

43. *A Curiosa Aventura de Mr. Hyde*

Dezembro de 1815

Certa manhã, na primeira semana de dezembro, Jeremy bateu à porta da biblioteca de Strange na Ashfair House, dizendo que Mr. Hyde lhe pedia o obséquio de alguns minutos de conversa.

Strange não gostou de ser interrompido. Desde que fora para o interior, tornara-se quase tão afeito ao silêncio e ao isolamento como Norrell.

- Ah, está bem - resmungou.

Demorou-se mais algum tempo escrevendo outro parágrafo, consultando duas ou três coisas numa biografia de Valentine Greatrakes, secando o papel com o mata-borrão, corrigindo a ortografia e secando novamente o papel com o mata-borrão, depois do que foi até a sala.

Um cavalheiro estava sentado sozinho junto à lareira, fitando o fogo pensativamente. Era um homem de aspecto ágil, vivaz, de cerca de cinquenta anos, trajando roupas robustas e botas de fazendeiro. Numa mesa ao lado havia uma taça de vinho pequena e um pratinho com biscoitos. Evidentemente, Jeremy concluía que a visita ficara sozinha por tempo suficiente para se fazer necessário um refrigerio.

Mr. Hyde e Jonathan Strange tinham sido vizinhos a vida toda, mas, em virtude das acentuadas diferenças de riqueza e inclinações pessoais, nunca foram mais do que apenas conhecidos. Essa, na verdade, era a primeira vez que se encontravam desde que Strange se tornara mago.

Apertaram-se as mãos.

- Creio que o senhor - começou Mr. Hyde - esteja curioso por saber o que me traz à sua casa num tempo como este.

- Tempo?

- Sim, senhor. Péssimo.

Strange olhou pela janela. As colinas elevadas que circundavam Ashfair estavam revestidas de neve. Cada galho e cada ramo suportavam o fardo da neve. Com a geada e a névoa, mesmo o ar parecia branco.

- É verdade. Não havia notado. Não saio de casa desde domingo.

- Seu criado me falou que o senhor está muito ocupado com os estudos. Peço-lhe que me desculpe por interrompê-lo, mas tenho algo a lhe dizer que não pode mais esperar.

- Ah, não é necessário se explicar. E como vai... - Strange se interrompeu, procurando se lembrar se Mr. Hyde tinha esposa, filhos, irmãos, irmãs ou amigos. Deu-se conta, porém, de que não dispunha de uma só informação a respeito de seu vizinho. - ...A fazenda? - completou. - Lembro-me de que fica em Aston.

- Fica perto de Clunbury.

- Clunbury. Sim.

- Tudo vai bem comigo, Mister Strange, a não ser por uma coisa muito... Perturbadora que me aconteceu três dias atrás. Desde então vinha deliberando comigo mesmo se deveria ou não conversar com o senhor a respeito. Aconselhei-me com meus amigos e com minha esposa, e todos concordamos que eu deveria lhe contar o que vi. Há três dias, tive um negócio para tratar no lado gaulês da fronteira, com David Evans... É provável que o senhor o conheça.

- Conheço-o de vista. Jamais conversei com ele. Creio que Ford o conhece. (Ford era o agente que administrava todos os assuntos da propriedade de Strange).

- Bem, senhor, David Evans e eu encerramos o assunto sobre nossos negócios por volta das duas horas, e eu estava ansioso por chegar em casa. Havia um denso acúmulo de neve em toda parte, e as estradas entre aqui e Llanfair Waterdine estavam em péssimas condições. Creio que o senhor não sabe, mas a casa de David Evans fica bem no topo de uma colina, com uma extensa vista para o oeste, e, na hora em que ele e eu saímos, vimos nuvens cinzentas enormes, cheias de neve,

vindo em nossa direção. Mrs. Evans, a mãe de David, insistiu que eu ficasse com eles e voltasse para casa no dia seguinte, mas Evans e eu discutimos o assunto e conviemos que tudo estaria bem desde que eu partisse sem demora e retornasse pelo caminho mais direto possível... Em outras palavras, eu deveria cavalgar até a Dyke e entrar na Inglaterra antes de a tempestade me alcançar.

- Até a Dyke? - perguntou Strange, franzindo o cenho, - Mas é um percurso íngreme mesmo no verão, e um lugar muito isolado, caso alguma coisa lhe sucedesse. Eu não teria me arriscado. Penso, porém, que o senhor conhece essas colinas e a constituição delas melhor do que eu.

- Talvez o senhor seja mais prudente do que eu. Enquanto cavalgava em direção à Dyke, começou a soprar um vento forte e inclemente que ergueu no ar a neve que já havia caído. A neve agarrou-se à pele do meu cavalo e ao meu sobretudo, de modo que, quando olhei, estávamos tão brancos como a encosta da colina, tão brancos como o ar. Tão brancos como tudo mais. O vento moldava formas estranhas e inquietantes com a neve, e eu parecia estar rodeado por fantasmas que remoinhavam, pela espécie de espíritos malignos e anjos maus que se encontram nas histórias da dama das Mil e Uma Noites. Meu pobre cavalo, que não costuma ser um animal nervoso, parecia ver todo tipo de coisas apavorantes. Como o senhor bem pode imaginar, nessa altura eu começava a desejar ardentemente ter aceitado a hospitalidade de Mrs. Evans. Mas então ouvi o som de um sino a dobrar.

- Um sino?! - exclamou Strange.

- Sim, senhor.

- Mas que sino poderia ser?

- Bem, nenhum, senhor, naquele lugar ermo. Com efeito, surpreende-me ter ouvido qualquer coisa entre os bufos do cavalo e os uivos do vento.

Strange, que imaginava que Mr. Hyde o procurara para obter informações sobre o estranho sino, pôs-se a falar do significado mágico dos sinos: que eles eram utilizados como proteção contra seres mágicos e outros espíritos malignos, e que um

ser mágico maléfico poderia às vezes ser afugentado pelo som de um sino de igreja. Entretanto, sabia-se também que seres mágicos adoravam sinos, e sua magia com freqüência vinha acompanhada do dobre de um; e sinos, muitas vezes, soavam com a aparição de seres mágicos.

- Não sei como explicar essa curiosa contradição - disse. - Há séculos magos teóricos empenham-se em decifrar isso.

Mr. Hyde ouviu o discurso de Strange com cortesia e atenção. Quando Strange concluiu, disse:

- Mas o sino foi só o começo, senhor.

**** Dyke é uma grande muralha feita de terra e pedras, agora bastante arruinada, que separa o País de Gales da Inglaterra - obra de Offa, um rei merciano do século XVIII, que aprendera, por experiência própria, a não confiar em seus vizinhos gauleses.*

- Ah! - Fez Strange, um pouco aborrecido. - Pois bem. Continue.

- Cheguei a uma tal altura na colina que pude ver a Dyke no ponto em que ela se estende ao longo do cume. Havia árvores curvadas, alguns trechos desmoronados com pedras soltas. Ao olhar para o sul, vi uma dama andando apressada, ao longo da Dyke, em minha direção...

- Uma dama!

- Vi com toda a clareza. Seu cabelo estava solto e o vento o erguia no ar, fazendo-o contorcer-se em volta de sua cabeça. - Mr. Hyde gesticulou com as mãos para mostrar de que modo o cabelo da dama dançava no ar níveo. - Creio que gritei para ela. Sei que ela virou a cabeça e olhou para mim, mas não se deteve nem diminuiu a velocidade dos passos. Afastou-se e caminhou ao longo da Dyke, rodeada pelos espectros de neve. Trajava apenas um vestido preto. Nenhum xale. Nenhuma

peliça. E isso me fez temer por ela. Pensei que fosse sofrer algum acidente medonho. Assim, instiguei o cavalo colina acima, tão veloz quanto a pobre criatura poderia ir. Procurei conservá-la à vista o tempo inteiro, mas o vento continuava a lançar neve em meus olhos. Cheguei à Dyke e não a vi em parte alguma. Então cavalguei de um lado para outro ao longo da Dyke. Vasculhei e gritei até ficar rouco... Estava certo de que ela havia caído atrás de um monte de pedras ou de neve ou pisado em alguma toca de coelho. Ou talvez tivesse sido levada para longe pela pessoa que lhe causara o mal...

- O mal?

- Bem, senhor, suponho que ela deve ter sido levada à Dyke por alguém que desejou lhe causar algum dano. Nos dias de hoje tomamos conhecimento dessas coisas terríveis.

- O senhor conhece essa dama?

- Sim, senhor.

- Quem era?

- Mrs. Strange.

Pairou um momento de silêncio.

- Mas pode não ser - replicou Strange, perplexo. - Mister Hyde, se algo de natureza aflitiva tivesse sucedido a Mrs. Strange, penso que alguém teria me contado. Não vivo tão confinado assim com meus livros. Desculpe-me, Mister Hyde, mas o senhor está enganado. Quem quer que tenha sido essa pobre mulher, não era Mrs. Strange.

Mr. Hyde meneou a cabeça.

- Se eu o visse em Shrewsbury ou em Ludlow, talvez não o reconhecesse de imediato. Mas o pai de Mrs. Strange foi cura da minha paróquia por quarenta e sete anos. Conheço Mrs. Strange, ou Miss Woodhope, como ela se chamava, desde pequenina, dando os primeiros passos no adro de Clunbury. Mesmo que não tivesse

olhado para mim, eu a teria reconhecido. Eu a reconheceria por sua compleição, pela maneira de andar, por tudo nela.

- O que fez o senhor após perder de vista a mulher?

- Vim diretamente para cá, mas seu criado não me deixou entrar.

- Jeremy? O homem com quem o senhor falou há pouco?

- Sim. Ele me disse que Mrs. Strange encontrava-se segura no interior da casa. Admito que não acreditei, por isso dei a volta na casa e espiei por todas as janelas, até que a vi sentada num sofá desta mesma sala. - Mr. Hyde apontou para o sofá em questão. - Trajava um vestido azul-claro, de modo algum preto.

- Bem, nada há de extraordinário nisso. Mrs. Strange nunca veste preto. Não é uma cor que me agrada ver numa mulher jovem.

Mr. Hyde meneou a cabeça e franziu o cenho.

- Gostaria de poder convencê-lo do que vi senhor. Mas vejo que não consigo.

- E eu gostaria de lhe poder explicar o que o senhor viu. Mas não consigo.

Apertaram-se as mãos ao se despedirem. Mr. Hyde olhou sério para Strange e disse:

- Nunca desejei causar mal algum a ela, Mister Strange. Ninguém mais do que eu poderia estar mais agradecido por sabê-la segura.

Strange fez uma ligeira mesura.

- E assim pretendemos conservá-la.

A porta se fechou às costas de Mr. Hyde.

Strange esperou um pouco e foi à procura de Jeremy.

- Por que não me falou que ele esteve aqui antes?

Jeremy soltou uma espécie de bufo zombeteiro.

- Creio, senhor, que não me cabe perturbá-lo com disparates! Damas de vestido preto andando sob tempestades de neve!

- Espero que não tenha se dirigido a ele com demasiada rispidez.

- Eu, senhor? Não, de forma alguma!

- Talvez estivesse bêbado. Sim, espero que tenha sido isso. É bem provável que ele e David tenham decidido comemorar o exitoso desfecho de seus negócios.

Jeremy franziu o cenho.

- Penso que não, senhor. David Evans é um pregador metodista.

- Ah, bom, sim! Suponho que tenha razão. E, com efeito, não é como uma alucinação produzida pela embriaguez. É mais o tipo de coisa que se imaginaria ao se consumir ópio após a leitura de um dos romances de Mrs. Radcliffe.

A visita de Mr. Hyde deixou Strange irrequieto. A idéia de Arabella, mesmo de uma Arabella hipotética, imaginária, perdida na neve, a errar pelos cumes das colinas, era perturbadora. Não pôde evitar a recordação da própria mãe, que tinha o hábito de vagar por aquelas mesmas colinas para escapar ao sofrimento de um casamento infeliz, e que faleceu após se resfriar num temporal.

Nessa noite, durante o jantar, disse a Arabella:

- Vi John Hyde hoje. Ele pensou tê-la visto na Dyke, terça-feira passada, debaixo de uma nevasca.

-Não!

-Sim.

- Pobre homem! Devia estar muito assustado.

- Creio que sim.

- Com certeza visitarei Mister e Mrs. Hyde quando Henry estiver aqui.

- Parece resolvida a visitar todo mundo no condado de Shrop quando Henry estiver aqui - comentou Strange. - Espero que não se decepcione.

- Decepcionar-me? O que quer dizer?

- É que o tempo está péssimo.

- Então pediremos a Harris que dirija devagar e com cautela. Mas ele o faria de qualquer maneira. E Starling é um cavalo bastante calmo. Não se amedronta facilmente. Ademais, sabe, há pessoas que Henry deve visitar... Pessoas que sentiriam muito se ele não fosse vê-las. Jenny e Alwen, os dois velhos criados de papai. Só falam da chegada de Henry. Faz cinco anos que o viram pela última vez e, pobrezinhos, dificilmente viverão outros cinco anos.

- Está bem! Está bem! Só falei que o tempo estará ruim. Isso é tudo.

Mas não era exatamente tudo. Strange sabia que Arabella esperava demais dessa visita. Vira o irmão poucas vezes desde que se casara. Ele não fora à Praça Soho com a freqüência que ela gostaria e, quando ia, nunca ficava o tempo que ela gostaria. Essa visita no Natal, porém, restauraria toda a antiga intimidade. Percorreram juntos os lugares de sua infância, e Henry prometera ficar quase um mês.

Henry chegou e, de início, parecia que os desejos mais caros de Arabella seriam satisfeitos. Nessa noite, a conversação no jantar transcorreu bastante animada. Henry tinha muito a contar sobre Great Hitherden, o vilarejo do condado de Northampton onde ele era reitor.

**** Na época do casamento de Strange e Arabella, Henry era reitor de Grace Adieu, no condado de Gloucester. Enquanto lá morava, cedeu ao desejo de esposar uma jovem dama do vilarejo, Miss Parbringer. Strange, porém, não aprovara a jovem dama nem seus amigos. Sucedeu que o benefício eclesiástico de Great Hitherden ficou vago na época e Strange persuadiu Sir Walter Pole, a quem*

incumbia concedê-lo, a nomear Henry. Henry ficou encantado. Great Hitherden era um lugar bem maior do que Grace Adieu, e logo ele esqueceu a jovem dama inadequada.

Great Hitherden era um vilarejo grande e próspero. Havia várias famílias de cavalheiros na vizinhança. Henry estava satisfeitiíssimo com a posição respeitável que ocupava na sociedade. Após uma longa descrição de seus amigos, jantares e bailes, concluiu:

Mas não gostaria que pensassem que descuidamos das obras de caridade. Formamos uma comunidade bastante ativa. Há muito que fazer e muitas pessoas necessitadas. Anteontem, visitei uma família pobre e doente, e deparei com Miss Watkins já no chalé, dando a eles algum dinheiro e bons conselhos. Miss Watkins é uma jovem dama bastante piedosa. - Fez uma pausa, como se esperasse algum comentário.

Strange pareceu perplexo; depois, de repente, ocorreu-lhe um pensamento:

- Pois bem, Henry, peço-lhe desculpas. Deve estar pensando que somos muito negligentes. Já mencionou Miss Watkins umas cinco vezes em dez minutos e nem Bell nem eu lhe fizemos a menor pergunta sobre ela. Nós dois estamos com o raciocínio um pouco lento esta noite, é o ar frio gaulês, ele enregela o cérebro, mas agora que me dei conta do que pretende dizer tenho a satisfação de lhe perguntar sobre ela da forma que você apreciaria. Loura ou morena? Tez clara ou escura? Prefere piano ou harpa? Quais seus livros favoritos?

Henry desconfiou que Strange caçoava dele, fechou o semblante e pareceu inclinado a nada mais dizer acerca da dama.

Arabella, lançando um olhar frio para o marido, retomou as perguntas de um modo mais gentil e logo obteve do irmão as seguintes informações: Miss Watkins mudara-se para Great Hitherden apenas recentemente; seu nome de batismo era Sophronia; morava com seus tutores, Mr. e Mrs. Swoonfirst (parentes seus

distantes); adorava ler (embora Henry não soubesse dizer o quê); sua cor predileta era o amarelo; e tinha uma especial aversão a ananás.

- E a fisionomia? É bonita? - perguntou Strange.

A pergunta pareceu desconcertar Henry.

- À primeira vista Miss Watkins não é considerada uma beldade, não. Mas depois, à medida que se a conhece mais, sabe, ela apresenta um grande trunfo. Pessoas de ambos os sexos cuja fisionomia é no início bastante indiferente podem parecer quase bonitas à medida que se as conhece mais. Uma mente bem informada, modos polidos e uma natureza bondosa, tudo isso provavelmente contribui mais para a felicidade de um marido do que a mera beleza transitória.

Strange e Arabella ficaram um tanto surpresos com esse discurso. Houve uma pausa e então Strange perguntou:

- Dinheiro?

Henry pareceu serenamente jubiloso.

- Dez mil libras - disse.

- Meu caro Henry! - exclamou Strange.

Mais tarde, quando a sós, Strange disse a Arabella:

- No meu entender, é preciso felicitar a inteligência de Henry. Ao que parece encontrou a dama antes de qualquer outro. Imagino que ela não estivesse atolada em propostas; algo em seu rosto ou em sua compleição a protege de uma admiração demasiado universal.

- Mas não penso que seja apenas o dinheiro - replicou Arabella, inclinada a defender o irmão. - Creio que também existe afeto. Senão Henry nem teria pensado nisso.

- Ah, sem dúvida - disse Strange. - Henry é um camarada muito bom. E, ademais, nunca interfiro, como sabe.

- Está sorrindo - disse Arabella -, o que não tem o direito de fazer. Eu fui tão inteligente como Henry na minha vez. Não acredito que alguém tivesse pensado em esposá-lo, com esse nariz comprido e essa sua disposição para a descortesia, até que me ocorreu fazê-lo.

- Isso é verdade - disse Strange, pensativo. - Tinha me esquecido. É um defeito de família.

No dia seguinte, Strange permaneceu na biblioteca enquanto Arabella e Henry foram visitar Jenny e Alwen. Mas o contentamento dos primeiros dias não duraria muito. Arabella logo descobriu que já não tinha muito em comum com o irmão. Henry passara os últimos sete anos num vilarejo do interior, ao passo que ela morara em Londres, onde assistira de perto a alguns dos acontecimentos mais importantes dos anos recentes. Desfrutava da amizade de vários ministros. Conhecia o primeiro-ministro e dançara inúmeras vezes com o Duque de Wellington. Tinha sido apresentada aos duques reais, fizera mesuras a princesas e podia sempre contar com um sorriso e uma palavra do príncipe regente quando sucedia de ele estar na Carlton House. Quanto às extensas relações com todos ligados ao glorioso renascimento da magia inglesa, nem era preciso mencionar.

Mas, enquanto ela se mostrava muito interessada em todas as notícias do irmão, ele quase não tinha interesse nas dela. As descrições que Arabella fazia da vida londrina suscitavam nele não mais do que um cortês "Ah, é mesmo?". Uma vez, quando contava algo que o Duque de Wellington tinha-lhe dito e o que ela dissera em resposta, Henry lhe lançou um olhar com as sobrancelhas arqueadas e um sorriso afável que diziam claramente "Não acredito em você". Esse comportamento a magoava. Não achava que estivesse se vangloriando, seus conhecidos haviam sido parte da substância de sua vida cotidiana em Londres. Ela se dava conta, com um pouco de angústia, de que enquanto as cartas dele sempre a deleitaram, ele deveria ter julgado as respostas dela tediosas e pretensiosas.

Entrementes, o pobre Henry também vivia lá suas insatisfações. Quando rapaz, admirara muito Ashfair House. O tamanho, a localização e a grande importância do proprietário na comunidade de Clun, tudo lhe parecia maravilhoso. Sempre aguardara com ansiedade o dia em que Jonathan Strange herdaria a propriedade e

ele poderia visitar Ashfair na importante condição de Amigo do Mestre. Agora que tudo se consumara, descobria, na verdade, que não apreciava estar lá. Ashfair era inferior a muitas casas que vira nos últimos anos. Tinha tantas empenas quanto janelas. Os cômodos apresentavam pé-direito baixo e configuração bizarra. As muitas gerações de moradores haviam colocado janelas nas paredes só porque lhes aprazia, sem nenhuma reflexão sobre a aparência geral da casa, e as próprias janelas eram escurecidas pelas roseiras e heras que cresciam nas paredes. Era uma casa antiquada, com efeito o tipo de moradia, como Strange observou, na qual uma dama de romance gostaria de ser atormentada.

Várias casas na vizinhança de Great Hitherden haviam sido reformadas recentemente e novos e elegantes chalés construídos para damas e cavalheiros com tendências rústicas, por isso - e também porque era impossível a Henry guardar para si todas as coisas relacionadas a sua paróquia, além do que tencionava casar-se em breve, o que fazia seus pensamentos se voltarem para melhoramentos domésticos - não pôde evitar oferecer um conselho a Strange sobre o tema. Estava particularmente perturbado com a posição do pátio do estábulo, o qual, como disse a Strange:

- ... Somos forçados a atravessar para chegar à parte sul das áreas de recreação e do pomar. Poderia sem problemas demoli-lo e reconstruí-lo em outro lugar.

Strange não respondeu exatamente ao conselho, mas, em vez disso, dirigiu-se de repente à esposa.

- Minha querida, ao menos a senhora gosta da casa? Sinto se nunca me ocorreu lhe perguntar isso. Se disser que não gosta, nos mudaremos sem demora para outro lugar!

Arabella riu e disse que estava bastante contente com a casa.

- E me desculpe Henry, mas estou perfeitamente satisfeita com o pátio do estábulo e com tudo o mais.

Henry insistiu.

- Bem, por certo concordarão que uma boa melhoria poderia ser feita simplesmente cortando aquelas árvores que se amontoam em volta da casa e escurecem todos os cômodos. Crescem a seu bel-prazer, bem onde, imagino, as glandes ou as sementes caíram.

- Quê? - perguntou Strange, cujos olhos tinham-se voltado para o livro durante a última parte da conversa.

- As árvores - disse Henry.

- Que árvores?

- Aquelas - disse Henry, apontando pela janela para toda uma multidão de antigos e magníficos carvalhos, freixos e faias.

- Como nossas vizinhas, essas árvores são exemplares. Sabem cuidar de si mesmas e nunca me incomodaram. Creio mesmo que retribuirei a gentileza.

- Mas estão obstruindo a luz.

- Pois você também, Henry, e nem por isso o ataquei com um machado.

Na verdade, embora Henry tivesse muitas críticas ao terreno e à posição de Ashfair, a queixa real não era essa. O que de fato o perturbava na casa era a atmosfera de magia nela impregnada. Quando Strange abraçou a profissão de mago, Henry não tinha uma opinião a respeito. Na época, as notícias sobre as maravilhosas realizações de Mr. Norrell estavam apenas começando a se propagar pelo reino. A magia parecia ser algo mais que um ramo esotérico da história, um entretenimento para cavalheiros ricos e ociosos; e Henry, de algum modo, ainda a via sob esse prisma. Orgulhava-se da riqueza, da propriedade de Strange, de sua linhagem importante, mas não de sua magia. Sempre ficava um pouco surpreso quando alguém o felicitava pela estreita ligação com o Segundo Maior Mago daquela Era.

Strange estava muito longe do ideal de Henry de um cavalheiro rico. Abandonara em grande medida as atividades com que os cavalheiros da zona rural inglesa usualmente ocupavam o tempo. Não se interessava por atividades agrícolas

nem por caçadas. Os vizinhos praticavam a caça - Henry ouvira os disparos ecoarem nos bosques e campos cobertos de neve e o ladrar dos cães -, mas Strange jamais pegara numa arma. Era necessária toda a persuasão de Arabella para fazê-lo sair e caminhar por meia hora. Na biblioteca, os livros que haviam pertencido ao pai e ao avô de Strange - as obras em inglês, grego e latim que todos os ingleses têm nas estantes - foram removidos e empilhados no chão, para dar lugar aos livros e aos cadernos de anotações de Strange. Periódicos concernentes à prática da magia, como *Os Amigos da Magia Inglesa* e *O Mago Moderno*, espalhavam-se por toda parte na casa. Em cima de uma das mesas na biblioteca, ficava uma enorme bacia de prata, às vezes cheia de água. Strange, em muitas ocasiões, sentava-se diante dela por meia hora, a examinar a água, a bater de leve em sua superfície, a fazer estranhos gestos e a anotar o que vira. Numa outra mesa, em meio a uma confusão de livros, havia um mapa da Inglaterra no qual Strange assinalava as antigas estradas encantadas que uma vez levaram da Inglaterra a não se sabia onde.

Havia também outras coisas que Henry só entendia parcialmente, mas que o desagradavam ainda mais. Sabia, por exemplo, que os cômodos de Ashfair muitas vezes tinham um aspecto estranho, sem perceber, no entanto, que o motivo disso era que os espelhos na casa de Strange tinham toda a possibilidade de refletir a luz de meia hora antes, ou de centenas de anos atrás. E de manhã, ao acordar, e à noite, pouco antes de adormecer, ouvia o som de um sino distante - um som triste, como o sino de uma cidade submersa ouvido através de uma imensidade de oceano. Nunca refletiu de verdade sobre o sino, tampouco se recordava de nada sobre ele, mas sua influência melancólica o acompanhava o dia inteiro.

Encontrou consolo para todas as suas diversas decepções e insatisfações ao estabelecer numerosas comparações entre a maneira como se faziam as coisas em Great Hitherden e a maneira como eram feitas no condado de Shrop (em detrimento do condado de Shrop), e ao se indagar em voz alta se Strange deveria mesmo estudar com tanto afinco - "Como se não possuísse propriedades e como se toda uma fortuna ainda estivesse por ser construída". Embora tais comentários em geral se dirigissem a Arabella, muitas vezes Strange se encontrava por perto e os ouvia, e não demorou para que Arabella se visse na posição nada invejável de tentar manter a paz entre os dois.

- Quando quiser conselhos de Henry - disse Strange -, eu os pedirei. Gostaria de saber com que direito ele se intromete no lugar onde escolho construir meus estábulos... Ou na maneira como passo meu tempo.

- É de fato muito irritante, meu querido - concordou Arabella -, e ninguém pode se admirar que isso o tenha deixado zangado, mas procure levar em conta...

- Zangado! Ele é que vive se indispondo comigo!

- Fale baixo! Ele pode ouvir. O senhor foi aflitivamente submetido a uma provação, e qualquer um diria que a suportou como um anjo. Mas, sabe, acho que ele quer ser gentil. É que não se expressa muito bem. Apesar dos deslizes de Henry, sentiremos muito a falta dele.

Mesmo após esta última observação, Strange não pareceu se convencer como Arabella esperara. Por isso ela acrescentou:

- Seja gentil com Henry. Por mim, está bem?

- Claro! Claro! Sou a paciência em pessoa. Sabe disso! Havia um bordão, há muito extinto, algo sobre padres semeando o trigo e magos semeando o centeio, todos no mesmo campo. O significado dele é que padres e magos jamais chegarão a um acordo. Nunca acreditei que assim fosse, até agora. Julgava-me em bons termos de amizade com o clérigo londrino. O deão de Westminster Abbey e o capelão do Príncipe Regente são pessoas excelentes. Mas Henry me aborrece.

**** O significado talvez fosse um pouco mais amplo. Já no século XII, padres e magos eram considerados, em alguns casos, rivais. Ambos acreditam que o Universo é habitado por uma grande variedade de seres sobrenaturais sujeitos a forças sobrenaturais. Ambos acreditam que esses seres podem ser evocados por meio de encantamentos ou orações e, assim, ser persuadidos a ajudar ou a molestar a humanidade. De várias formas, as duas cosmologias são notavelmente semelhantes, mas padres e magos tiram conclusões bastante diferentes desse entendimento.*

Magos se interessam, principalmente, pela utilidade dos seres sobrenaturais; desejam saber em que circunstâncias e por que meios anjos, demônios e seres mágicos podem ser levados a emprestar ajuda à execução de magia. Para os seus propósitos, é quase irrelevante que a primeira classe de seres seja divinamente boa, a segunda infernalmente má e a terceira moralmente suspeita. Padres, por seu turno, mal se interessam por qualquer outra coisa.

Na Inglaterra medieval, as tentativas de reconciliar as duas cosmologias foram condenadas ao fracasso. A Igreja apressou-se a identificar uma grande quantidade de heresias das quais um mago desprevenido poderia ser culpado. A heresia meraudiana já foi mencionada.

Alexander de Whitby (1230? - 1302) ensinou que o Universo é como uma tapeçaria da qual só nos é permitido ver partes. Apenas depois de nossa morte, poderemos enxergar todo o conjunto e então ficará claro de que forma as diferentes partes se relacionam. Alexander foi forçado a divulgar uma retratação dessa tese e, dali em diante, padres puseram a heresia whitbiana sob vigilância. Mesmo o mais humilde mago de vilarejo via-se obrigado a se tornar um político astuto, a fim de evitar acusações de heresia.

Isso não significa que todos os magos evitaram confundir religião e magia. Muitos "encantamentos" que nos foram transmitidos exortam tal e tal santo ou tal e tal pessoa santa a auxiliar um mago. De maneira surpreendente, a confusão originava-se, muitas vezes, dos próprios criados mágicos dos magos. A maioria dos seres mágicos eram forçosamente batizados assim que entravam na Inglaterra, e logo começavam a incorporar à sua magia referências a santos e apóstolos.

No dia de Natal, a neve caía densa e veloz. Fosse pelas contrariedades dos últimos dias ou por alguma outra razão, Arabella acordou de manhã bastante nauseada e com uma dor de cabeça terrível, incapacitada de se levantar da cama. Strange e Henry foram forçados, portanto, a se fazer companhia o dia inteiro. Henry falou muito de Great Hitherden e, à noite, jogaram *écarté*. Era um jogo de que ambos gostavam e teria, talvez, produzido um estado mais natural de contentamento se na

metade da segunda partida Strange, ao virar o nove de espadas, não tivesse de imediato pensado em novas idéias relacionadas ao significado mágico dessa carta. Abandonou o jogo, abandonou Henry e levou a carta consigo para a biblioteca a fim de estudá-la. Henry foi deixado por sua própria conta.

Nas primeiras horas da manhã seguinte, Strange despertou - ou sentiu-se parcialmente desperto. Havia uma fraca radiação prateada no aposento que poderia ser perfeitamente ainda um reflexo do luar na neve lá fora. Pensou ter visto Arabella vestida e sentada ao pé da cama e de costas para ele. Ela penteava os cabelos. Strange disse-lhe alguma coisa, ou ao menos pensou ter dito.

Depois tornou a pegar no sono.

Por volta das sete horas, acordou de vez, ansioso por ir até a biblioteca e lá trabalhar por umas duas horas antes de Henry aparecer. Levantou-se depressa, foi ao quarto de vestir e tocou o sino para que Jeremy Johns o barbeasse.

Às oito horas, a criada de Arabella, Janet Hughes, bateu à porta do quarto. Como não houve resposta, Janet supôs que a patroa ainda estivesse com dor de cabeça, e se foi novamente.

Às dez horas, Strange e Henry tomaram juntos o café-da-manhã. Henry resolvera passar o dia a caçar e se esforçou para persuadir Strange a acompanhá-lo.

- Não, não. Preciso trabalhar, mas que isso não o impeça de ir. Afinal, conhece estes campos e bosques tão bem como eu. Empréstimo-lhe uma arma, e cães por certo poderão ser encontrados em algum lugar.

Jeremy Johns apareceu e disse que Mr. Hyde voltara. Estava no vestíbulo e pedira para falar com Strange com urgência.

- Ah, mas o que quer esse sujeito desta vez? - resmungou Strange.

Mr. Hyde entrou apressado, o rosto lívido de ansiedade.

Henry de repente exclamou:

- Mas o que este sujeito crê que está fazendo? Nem entra nem sai! - Uma das várias fontes de irritação de Henry em Ashfair era os criados, que raras vezes se comportavam com o grau de cerimônia que Henry considerava apropriado para membros de uma família importante. Nessa ocasião, Jeremy Johns começara a sair da sala, mas se detivera no limiar da porta, onde, parcialmente oculto pela porta, ele e outro criado trocavam sussurros urgentes.

Strange olhou na direção da porta, suspirou e disse:

- Henry, na verdade não importa. Mister Hyde, eu...

Nesse ínterim, Mr. Hyde, cuja agitação parecia ter aumentado com esse atraso, prorrompeu:

- Uma hora atrás, vi Mrs. Strange novamente nas colinas gaulesas!

Henry sobressaltou-se e olhou para Strange.

Strange lançou a Mr. Hyde um olhar muito frio e disse:

- Não é nada, Henry. Realmente não é nada.

Ao ouvir isso, Mr. Hyde vacilou um pouco, mas havia nele uma espécie de obstinação que o ajudou a suportá-lo.

- Foi no castelo Idris e, como antes, Mrs. Strange se afastou de mim e não vi seu rosto. Tentei segui-la e alcançá-la, mas, como antes, a perdi de vista. Sei que da última vez isso foi atribuído tão-só a uma ilusão, a um fantasma que minha cabeça criou com neve e vento, mas hoje o dia está claro e ameno, e sei que vi Mrs. Strange com a mesma clareza como vejo o senhor agora.

- A última vez? - indagou Henry, confuso.

Um tanto impaciente, Strange começou a agradecer Mr. Hyde pela bondade de lhes ter levado essa... (Não conseguia encontrar a palavra que queria).

- ... Mas, como sei que Mrs. Strange está segura dentro desta casa, creio que o senhor não ficará surpreso se eu...

Jeremy voltou para dentro da sala inopinadamente. Foi até Strange, inclinou-se e sussurrou algo em seu ouvido.

- Bem, homem, fale! Diga-nos qual é o problema! - disse Henry.

Jeremy olhou receoso para Strange, mas ele nada disse. Cobriu a boca com a mão e seus olhos se voltaram para lá e para cá, como se de súbito lhe tivesse ocorrido uma nova e nada agradável idéia.

- Mrs. Strange não se encontra na casa, senhor - disse Jeremy. - Não sabemos onde ela está.

Henry interrogava Mr. Hyde sobre o que ele vira nas colinas, mal dando-lhe tempo de responder uma pergunta e já formulando outra. Jeremy Johns franzira o cenho para ambos. Strange, entretantes, permanecia calado, fitando o vazio. De repente, levantou-se e saiu às pressas da sala.

- Mister Strange! - chamou Mr. Hyde. - Aonde vai?

- Strange! - gritou Henry.

Como nada poderia ser feito ou decidido sem ele, não tiveram escolha senão segui-lo. Strange subiu a escada que levava à biblioteca no primeiro andar e dirigiu-se sem demora até a grande bacia de prata que estava numa das mesas.

- Traga-me água - disse a Jeremy.

Jeremy Johns levou-lhe uma jarra de água e encheu a bacia.

Strange emitiu uma única palavra e o cômodo pareceu se tornar crepuscular e sombrio. Na mesma hora a água da bacia tornou-se escura e levemente opaca.

O enfraquecimento da luz aterrorizou Henry.

- Strange! - bradou. - O que está fazendo? A luz está falhando! Minha irmã está lá fora. Não deveríamos ficar nesta casa nem um instante mais! - Voltou-se para Jeremy Johns na esperança de que ele pudesse ter alguma influência sobre Strange.
- Diga-lhe que pare! Temos que começar a procurar!

- Cale-se, Henry - disse Strange.

Correu o dedo na superfície da água duas vezes. Duas linhas de luz cintilante surgiram, dividindo a água em quatro. Fez um gesto acima de um dos quartos. Nele surgiram estrelas e mais linhas, veios e teias de luz. Fitou-os por instantes. A seguir, fez um gesto acima do quarto seguinte. Um desenho de luz diferente surgiu. Strange repetiu o processo nos outros dois quartos. Os desenhos não permaneceram os mesmos. Moveram-se e cintilaram, às vezes sugerindo uma escrita, às vezes parecendo-se com linhas de um mapa e outras com constelações de estrelas.

- O que vai fazer com isso? - indagou Mr. Hyde num tom de assombro.

- Encontrá-la - respondeu Strange. - Ao menos, essa é a idéia.

Bateu de leve num dos quartos. Num instante os outros três desenhos desapareceram. O desenho restante aumentou até ocupar toda a superfície da água. Strange dividiu-o em quartos, examinou-os um pouco e depois bateu de leve num deles. Repetiu o processo várias vezes. Os desenhos se adensaram e começaram a tomar a forma de um mapa. Mas, quanto mais Strange avançava, mais dúvida se estampava em sua expressão e menos seguro ele parecia do que a bacia lhe mostrava.

Passados alguns minutos, Henry não pôde mais suportar aquilo.

- Pelo amor de Deus, não é hora para magia! Arabella está perdida! Strange, eu lhe imploro! Desista dessa tolice e vamos procurá-la!

Strange nada respondeu, mas pareceu irado e golpeou a água. No mesmo instante as linhas e as estrelas desapareceram. Ele respirou fundo e recomeçou. Dessa vez procedeu de modo mais confiante e rapidamente chegou a um desenho que ele pareceu considerar pertinente. Mas, longe de obter dele informações úteis, pôs-se a mirá-lo com uma mescla de consternação e perplexidade.

- O que foi? - perguntou Mr. Hyde, assustado. - Está vendo sua esposa, Mister Strange?

- Não consigo entender o que o encantamento está me revelando! Diz que ela não está na Inglaterra. Não está no País de Gales. Não está na Escócia. Não está na França. Não consigo fazer a magia corretamente. Henry, tem razão. Estou perdendo tempo. Jeremy, traga-me as botas e o casaco!

Uma visão brotou de súbito na superfície da água. Num salão antigo e sombrio, um grupo de homens bem-apegoados e belas mulheres dançava. Mas, como isso não poderia ter uma ligação compreensível com Arabella, Strange golpeou a superfície da água outra vez. A visão esvaneceu.

Lá fora a neve espessa assentava sobre tudo. Tudo congelado, imóvel e silencioso. Os terrenos de Ashfair foram os primeiros a ser inspecionados. Quando provaram não abrigar mais do que uma garriça e um tordo, Strange, Henry, Mr. Hyde e os criados começaram a procurar nas estradas.

Três das criadas voltaram à casa e foram a sótãos que mal tinham sido utilizados desde que Strange era garoto. Pegaram um machado e um martelo e, a golpes, abriram baús trancados havia cinqüenta anos. Procuraram em armários e gavetas, alguns dos quais nem sequer poderiam conter o corpo de um bebê, quanto mais o de uma mulher adulta.

Alguns criados visitaram casas em Clun. Outros pegaram cavalos e dirigiram-se a Clunton, Purslow, Clunbury e Whitcott. Em pouco tempo não havia uma casa na vizinhança que não soubesse que Mrs. Strange estava desaparecida e nenhuma que não tivesse enviado alguém para colaborar nas buscas. Entrementes, as mulheres dessas casas mantinham aceso o fogo da lareira e faziam todo tipo de preparativos, pois se Mrs. Strange fosse levada para aquela casa, sem demora teria aquecimento, alimento e conforto, prazeres de que um ser humano pode às vezes desfrutar.

Passada uma hora, chegou o capitão John Ayrton, da 12^a. Brigada Ligeira, que estivera com Wellington e Strange na península Ibérica e em Waterloo. Suas terras eram limítrofes com as de Strange. Ambos tinham a mesma idade e haviam sido vizinhos a vida toda; o capitão Ayrton, porém, era um cavalheiro reservado e de uma tal timidez que ao longo de um ano eles raras vezes trocaram mais do que vinte palavras. Nessa crise, trouxe consigo mapas e uma promessa séria e discreta a Strange e a Henry de que lhes forneceria toda a ajuda que estivesse a seu alcance.

Logo se descobriu que Mr. Hyde não havia sido o único a ver Arabella. Dois trabalhadores de uma fazenda, Martin Oakley e Owen Bullbridge, também a tinham visto. Jeremy Johns tomou conhecimento disso por meio de amigos dos dois homens, e sem demora pegou o primeiro cavalo à disposição e cavalgou para os campos cobertos de neve nas margens do rio Clun, onde Oakley e Bullbridge haviam se reunido nas buscas gerais. Jeremy Johns em parte os escoltara e em parte os juntara para levá-los de volta a Clun, a fim de que se apresentassem ao capitão Ayrton, Mr. Hyde, Henry Woodhope e Strange.

Descobriram que os relatos de Oakley e Bullbridge apresentavam contradições curiosas com o de Mr. Hyde. Mr. Hyde vira Arabella nas encostas escavadas cobertas de neve do Castelo Idris. Ela andava em direção ao norte. Vira-a exatamente às nove horas e, como antes, ouvira sinos dobrarem.

Oakley e Bullbridge, por seu turno, viram-na correndo entre as escuras árvores invernais cerca de oito quilômetros a leste do Castelo Idris, mas também afirmaram terem-na visto exatamente às nove horas. O capitão Ayrton franziu o cenho e pediu a Oakley e a Bullbridge que explicassem como sabiam que eram nove horas, visto que, ao contrário de Mr. Hyde, nenhum deles possuía um relógio de bolso. Oakley respondeu que acharam que eram nove horas porque ouviram sinos dobrarem. Os sinos, pensou Oakley, pertenciam à St. George, em Clun. Mas Bullbridge disse que *não eram* os sinos da St. George, que os sinos que ouvira eram vários, ao passo que na St. George só havia um sino. Disse que os sinos que ouviu eram tristes, sinos de enterro, pensou. Porém, quando solicitado a explicar o que queria dizer com isso, não soube o que dizer.

Os dois relatos concordavam em todos os demais detalhes. Em nenhum deles havia o disparatado vestido preto. Os três homens disseram que ela trajava um vestido branco e concordaram em que ela andava muito depressa. Ninguém vira seu rosto.

O capitão Ayrton enviou homens para inspecionar os escuros bosques invernais em grupos de quatro e cinco. Enviou mulheres para procurar lanternas e agasalhos e cavaleiros para percorrer as colinas abertas e altas nas cercanias do Castelo Idris.

Nomeou Mr. Hyde, que não se satisfaria com outra coisa, como encarregado deles. Dez minutos depois de Oakley e Bullbridge terem terminado de falar, todos partiram. Enquanto puderam contar com a luz do dia, procuraram, mas ela não durava muito. Faltavam apenas cinco dias para o solstício do inverno, e às três da tarde a luz começava a se extinguir; às quatro, já havia desaparecido.

Os homens voltaram para a casa de Strange, onde o capitão Ayrton pretendia examinar o que havia sido feito até então e decidir o que fazer em seguida. Várias damas das redondezas também estavam presentes. Havia tentado esperar em casa por notícias de Mr. Strange, mas se sentiram solitárias e angustiadas. Tinham ido a Ashfair não só para ali estar caso precisassem delas, mas, sobretudo, para confortar umas às outras.

Os últimos a chegar foram Strange e Jeremy Johns. Vieram diretamente do estábulo, calçando botas e enlameados. Strange tinha o rosto cinzento e os olhos vazios. Movimentava-se como um homem num sonho. Provavelmente não teria sequer sentado não fosse Jeremy Johns empurrá-lo para uma cadeira.

O capitão Ayrton estendeu os mapas sobre a mesa e passou a perguntar a cada grupo de busca onde tinha estado e o que tinha descoberto - que era absolutamente nada.

Cada homem e cada mulher presente imaginou que as linhas esmeradamente traçadas e as palavras escritas nos mapas eram, na verdade, lagos e rios cobertos de gelo, bosques silenciosos, valas congeladas e altas colinas escalvadas, e cada um deles pensou quantos carneiros, reses e criaturas já não haviam morrido nessa estação.

- Acho que acordei ontem à noite... - disse de súbito uma voz rouca. Todos os olhos se voltaram.

Strange ainda estava sentado na cadeira em que Jeremy o pusera. Os braços caídos ao lado do corpo, o olhar fixo no chão.

- Acho que acordei ontem à noite. Não sei a que horas exatamente. Arabella estava sentada ao pé da cama. Vestida.

- O senhor não disse isso antes – observou Mr. Hyde.

- Não me lembrei. Achei que tivesse sonhado.

- Não entendo - disse o capitão Ayrton. - Está querendo dizer que Mrs. Strange pode ter saído da casa durante a noite?

Strange pareceu procurar uma resposta razoável, mas sem êxito.

- Mas decerto - disse Mr. Hyde - o senhor deve saber dizer se ela estava lá ou não hoje de manhã...

- Estava. Claro que sim. É ridículo sugerir... Ao menos... - Strange fez uma pausa. - Quer dizer, eu pensava em meu livro quando me levantei e o quarto estava às escuras.

Várias pessoas começaram a suspeitar que, como marido, Jonathan Strange era, se não de todo negligente, ao menos curiosamente desatento à esposa, e houve quem começasse a vê-lo com suspeita e a repensar os muitos motivos pelos quais uma esposa aparentemente dedicada poderia querer fugir de repente em meio à neve. Palavras cruéis? Temperamento violento? Visões medonhas a serviço da obra de um mago - fantasmas, demônios, horrores? A súbita descoberta de que ele tinha uma amante em algum lugar e meia dúzia de filhos naturais?

De repente ouviu-se um grito do lado de fora do vestíbulo. Depois, ninguém pôde dizer a quem a voz pertencia. Vários vizinhos de Strange que estavam em pé perto da porta foram ver o que se passava. A seguir, as exclamações dessas pessoas arrancaram outras.

O vestíbulo estava escuro, mas logo velas foram trazidas e eles puderam ver que alguém estava parado ao pé da escada.

Era Arabella.

Henry adiantou-se para abraçá-la; Mr. Hyde e Mrs. Ayrton lhe disseram quão felizes estavam em vê-la sã e salva; outras pessoas passaram a exprimir sua estupefação e a dizer a quem se dispusesse a ouvir que não tinham tido a menor

idéia de que ela estava ali. Várias damas e criadas reuniram-se em volta dela, fazendo-lhe perguntas. Estava machucada? Onde estivera? Tinha se perdido? Acontecera algo que a afligira?

Depois, como às vezes sucede, muitas pessoas notaram ao mesmo tempo algo bastante estranho: Strange nada dissera, não esboçara um gesto na direção da esposa - nem ela falara com ele ou esboçara um movimento na direção do marido.

O mago se levantou, fitando em silêncio a esposa. De repente, exclamou:

- Deus meu, Arabella! O que está trajando?

Mesmo à luz bruxuleante e instável das velas, era possível notar que ela usava um vestido preto.

44. *Arabella*

Dezembro de 1815

- Deve estar gelada até os ossos! - afirmou Mrs. Ayrton, pegando numa mão de Arabella. - Oh, minha querida! Está fria como uma sepultura!

Outra dama foi buscar depressa um dos xales de Arabella na sala de estar, Voltou com um caxemira azul indiano com um delicado debrum de fios dourados e róseos, e quando Mrs. Ayrton a envolveu nele toda a beleza do vestido preto pareceu se extinguir.

Com os dedos entrelaçados diante de si, Arabella olhou para elas com uma expressão calma e indiferente no rosto. Não se deu ao trabalho de responder a qualquer uma das perguntas corteses. Não parecia surpresa nem desconcertada por vê-las ali.

- Mas onde esteve? - inquiriu Strange.

- Andando - respondeu ela. A voz era a de sempre.

- Andando! Arabella, está maluca? Em quase um metro de neve? Onde?

- Nos bosques escuros - respondeu -, entre meus irmãos e irmãs que dormiam um sono sereno. Pelas charnecas altas, entre os fantasmas de fragrância agradável de meus irmãos e irmãs mortos há muito tempo. Debaixo do céu cinzento, através dos sonhos e murmúrios de meus irmãos e irmãs ainda por vir.

Strange a fitou.

- Quê?

Com um interrogatório gentil como esse para incentivá-la, a ninguém surpreendeu que ela nada mais dissesse, e ao menos uma das damas começou a

pensar que a aspereza do marido é que a tornara tão silenciosa e a fizera dar respostas tão bizarras.

Mrs. Ayrton passou o braço em torno de Arabella e delicadamente a conduziu na direção da escada.

- Mrs. Strange está cansada - disse com firmeza. - Venha, minha querida, subamos nós duas...

- Ah, não! - exclamou Strange. - Ainda não! Quero saber onde conseguiu esse vestido. Desculpe-me, Mrs. Ayrton, mas estou decidido a...

Avançou em direção a elas, mas deteve-se de súbito e olhou para o chão, perplexo. A seguir, cautelosamente se desviou de algo.

- Jeremy! De onde vem esta água? Bem onde Mrs. Strange estava...

Jeremy Johns trouxe um candelabro até o pé da escada. Havia uma poça enorme. A seguir, ele e Strange examinaram o teto e as paredes. Os demais criados mostraram interesse pelo problema, assim como os cavalheiros.

Enquanto os homens se distraíam dessa forma, Mrs. Ayrton e as damas retiraram-se em silêncio com Arabella.

O salão de Ashfair era tão antiquado como o restante da casa, todo apainelado com madeira de olmo pintada na cor creme. O chão era revestido de lajes de pedra bem limpas. Um dos criados supôs que as lajes estivessem infiltradas de água, por isso foi buscar uma vareta de ferro para cutucar o piso e assim provar que uma das lajes estava solta. Mas não conseguiu fazer nenhuma se mexer. Em parte alguma havia sinal de infiltração. Alguém opinou que talvez os dois cães do capitão Ayrton tivessem espalhado a água. Os animais foram cuidadosamente inspecionados. Não estavam nem um pouco molhados.

Por fim inspecionaram a água propriamente dita.

- É preta e nela há resíduos minúsculos de alguma coisa - salientou Strange.

- Parece musgo - disse Jeremy Johns.

Continuaram a se indagar e a exclamar por algum tempo, até que uma total falta de êxito os obrigou a abandonar o caso. Pouco depois, os cavalheiros foram embora, levando consigo as esposas.

Às cinco horas, Janet Hughes subiu ao quarto da patroa e a encontrou deitada na cama. Nem se incomodara em tirar o vestido preto. Quando Janet lhe perguntou se estava bem, Arabella respondeu que sentia uma dor nas mãos. A seguir, Janet ajudou a patroa a se despir, desceu e contou o que ouvira a Strange.

No segundo dia, Arabella se queixou de uma dor que descia do alto da cabeça até os pés, pela lateral do corpo (ou pelo menos acharam que era o que ela queria dizer com "da copa às pontas das minhas raízes"). Isso foi suficientemente alarmante para que Strange mandasse chamar Mr. Newton, o médico de Church Stretton. Mr. Newton chegou a Clun à tarde, mas, afora a dor, nada verificou de errado e se foi animadamente, dizendo que voltaria dali a um ou dois dias.

No terceiro dia Arabella morreu.

VOLUME 3 - JOHN USKGLASS



O ponto que Mr. Norrell, da Praça Hanover, sustenta é que tudo o que pertence a John Uskglass deve ser removido da magia moderna, assim como removemos traça e pó de um casaco velho. O que imagina ele que restaria?

Se nos livrarmos de John Uskglass, restar-nos-á o ar vazio.

Jonathan Strange, Prefácio a *História e prática da magia inglesa*, ed. John Murray, Londres, 1816.

45. Prefácio à História e Prática da Magia Inglesa

Por Jonathan Strange

Nos últimos meses de 1110, um exército desconhecido surgiu no Norte da Inglaterra. Ouviu-se falar dele, primeiro, nas proximidades de um lugar chamado Penlaw, cerca de quarenta quilômetros a noroeste de Newcastle. Ninguém soube dizer de onde viera: supôs-se que fosse uma invasão de escoceses ou dinamarqueses, ou talvez até de franceses.

No início de dezembro, após tomar os castelos de Newcastle e Durham, o exército rumou para oeste. Chegou a Allendale, pequena povoação rochosa situada muito alto entre as colinas da Nortúmbria, e acampou uma noite na borda de uma charneca nos arredores da cidade. Os habitantes de Allendale eram ovinocultores, não soldados. Não havia muralhas protegendo a cidade, e os soldados mais próximos estavam a cerca de sessenta quilômetros dali, preparando-se para defender o castelo de Carlisle. Por conseguinte, os habitantes da cidade concluíram que o melhor era não perder tempo tentando fazer amizade com o exército desconhecido. Com isso em mente, várias jovens bonitas partiram, um grupo de corajosas Judites, decididas a salvar a si mesmas e a seus vizinhos, se pudessem. Entretanto, ao chegar ao local onde o exército armara acampamento, as mulheres ficaram receosas e hesitaram.

O acampamento era um lugar silencioso e sombrio. Caía uma neve densa e os soldados desconhecidos, envoltos em capas pretas, estavam deitados no chão coberto de neve. De início as jovens acharam que estavam mortas, impressão reforçada pelo grande número de corvos e outras aves negras pousadas no acampamento, e também pelos vultos prostrados dos soldados. Mas, os soldados não estavam mortos; de quando em quando um deles se levantava para cuidar de seu cavalo ou espantar uma ave que tentava lhe bicar o rosto.

À aproximação das jovens, um soldado se levantou. Uma delas, afugentando seus temores, avançou em direção a ele e o beijou na boca.

A pele dele era bastante pálida (brilhava como o luar) e imaculada. O cabelo era comprido e liso, como uma queda-d'água marrom-escura. Os ossos do rosto eram anormalmente delicados e fortes. A expressão do rosto era séria. Os olhos azuis eram longos e oblíquos, os supercílios muito finos e escuros, como se traçados a lápis, com um curioso floreio nas extremidades. Nada disso preocupou a jovem nem um pouco. Pelo que sabia, todos os homens nascidos dinamarqueses, escoceses e franceses eram sinistramente belos.

Ele gostou muito do beijo e permitiu que ela o beijasse novamente. A seguir, retribuiu do mesmo modo. Outro soldado se levantou do chão e abriu a boca. De dentro dela, saiu uma espécie de música plangente e triste. O primeiro soldado, o que a moça havia beijado, começou a induzi-la a dançar com ele, forçando-a de um jeito e de outro com seus dedos brancos compridos, até que ela dançou de uma forma que o agradou.

Isso prosseguiu por algum tempo, até que ela sentiu calor por causa da dança e fez uma pausa para tirar o manto. Então suas companheiras viram que gotas de sangue, como pingos de suor, formavam-se nos braços, no rosto e nas pernas da jovem, indo cair no chão coberto de neve. Ante o horror dessa visão, elas fugiram.

O exército desconhecido não entrou em Allendale. Prosseguiu durante a noite rumo a Carlisle. No dia seguinte, com muita cautela, os habitantes da cidade foram até o lugar onde o exército estivera acampado. Lá encontraram a jovem com o corpo totalmente branco e exaurido de sangue e a neve em volta manchada de um sangue vívido.

Por esses sinais, reconheceram os *daoine sidhe* - as hostes dos seres sobrenaturais das colinas.

Batalhas foram travadas e os ingleses perderam todas. No Natal, as hostes sobrenaturais se achavam em York. Tomaram Newcastle, Durham, Carlisle e Lancaster. À parte o esvaimento em sangue da donzela de Allendale, os seres sobrenaturais mostraram muito pouco da crueldade pela qual a raça era conhecida. De todas as cidades e fortificações que tomaram, apenas Lancaster foi arrasada por um incêndio. Em Thirsk, no Norte de York, um porco ofendeu as hostes ao correr

entre as patas dos cavalos, fazendo-os empinar, tombar e quebrar o pescoço. Os seres sobrenaturais e seus companheiros perseguiram o porco e, quando o agarraram, arrancaram-lhe os olhos. De modo geral, porém, a chegada das hostes a um novo lugar era motivo de grande júbilo entre animais selvagens e domesticados, como se reconhecessem nelas um aliado contra o inimigo em comum - o homem.

No Natal, o rei Henrique convocou condes, bispos, abades e figuras eminentes do reino para irem a sua casa em Westminster, a fim de discutirem o caso. Na época, seres sobrenaturais não eram desconhecidos na Inglaterra. Em muitos lugares, existiam antigas povoações sobrenaturais, algumas ocultas por magia, outras simplesmente evitadas por seus vizinhos cristãos. Os conselheiros do rei Henrique concordavam que esses seres sobrenaturais eram naturalmente malignos. Eram lascivos, mendazes e gatunos; seduziam homens e mulheres jovens, confundiam viajantes e roubavam crianças, reses e trigo. Eram extraordinariamente preguiçosos: tornaram-se mestres no ofício de pedreiro, carpinteiro e entalhador havia milhares de anos, mas, em vez de se darem o trabalho de construir casas, muitos ainda preferiam viver em lugares que com satisfação chamavam de castelos, mas que na verdade eram apenas *brugh* - colinas antiqüíssimas. Passavam os dias a beber e a dançar, enquanto a cevada e as vagens apodreciam nos campos, os animais tiritavam de frio e morriam nas encostas geladas das colinas. De fato, todos os conselheiros do rei Henrique concordavam que, não fosse por seu extraordinário poder mágico e quase imortalidade, a raça inteira desses seres teria sido extinta havia muito tempo pela fome e pela sede. Contudo, esse povo irresponsável e imprevidente invadira um reino cristão bem defendido, vencera todas as batalhas travadas e dominara lugares sem conta, defendendo cada reduto conquistado. Tudo isso revelava um grau de intencionalidade que não se supunha existir num ser mágico.

Ninguém sabia como lidar com isso.

Em janeiro, as hostes sobrenaturais deixaram York e rumaram para o sul. Em Trent, detiveram-se. Foi então que em Newark, nas margens do rio Trent, o rei Henrique e seu exército enfrentaram os *daoine sidhe* numa batalha.

Antes da batalha, soprou um vento mágico entre as tropas do rei Henrique e se ouviu o som de música de flauta, o que fez com que os cavalos, em grande número, se libertassem e fugissem para o lado mágico, muitos levando consigo seus desventurados cavaleiros. A seguir, todos os homens ouviram vozes de seus entes queridos, mães, pais, filhos, amados, chamando-os de volta. Bandos de corvos baixaram do céu e bicaram o rosto dos ingleses, cegando-os com a confusão de asas negras. Os soldados ingleses tinham de lutar não só com a destreza e a ferocidade dos *sidhe*, mas também com o próprio medo em face de tal sinistra magia. Não surpreende que a batalha foi breve e que o rei Henrique perdeu. No momento em que sobreveio o silêncio e ficou claro, sem mais dúvida alguma, que o rei Henrique fora derrotado, as aves começaram a cantar jubilosas, por quilômetros e quilômetros.

O rei e seus conselheiros aguardaram que um líder ou um rei se apresentasse. Os soldados dos *daoine sidhe* abriram caminho e alguém apareceu.

Ele tinha bem menos do que quinze anos de idade. Como os *daoine sidhe*, trajava roupas rotas de lã preta grosseira. Como eles, seus cabelos eram negros, lisos e compridos. Como eles, não falava inglês nem francês, os dois idiomas correntes na Inglaterra na época, mas apenas um dialeto do Reino Encantado. Era pálido, bem-apessoado, com um rosto grave, porém estava claro para todos os presentes que se tratava de um humano e não de um ser sobrenatural.

Pelos padrões dos condes e cavaleiros normandos e ingleses que o viram nesse dia pela primeira vez, ele decerto não era civilizado. Nunca vira uma colher antes, nem uma cadeira, nem uma chaleira de ferro, nem um *penny* de prata, nem uma vela de cera. Nenhum clã ou reino mágico desse período possuía coisas tão requintadas. Quando o rei Henrique e o rapaz se reuniram para dividir a Inglaterra entre si, Henrique sentou-se num banco de madeira e bebeu vinho de um cálice de prata, enquanto o rapaz se sentou no chão e bebeu leite de ovelha de uma copa de pedra. O cronista Orderic Vitalis, cerca de trinta anos mais tarde, descreveu o impacto sentido pela corte do rei Henrique quando viu, em meio a todo esse importante procedimento, um guerreiro dos *daoine sidhe* inclinar-se sobre a cabeça do rapaz e, cuidadosamente, começar a catar piolhos de seu cabelo imundo.

Entre as hostes sobrenaturais, havia um jovem cavaleiro normando de nome Thomas de Dundale. Conquanto estivesse cativo no Reino Encantado por muitos anos, lembrava-se o bastante do próprio idioma (francês) para ajudar o rapaz e o rei Henrique a se entenderem.

O rei Henrique perguntou ao jovem como ele se chamava.

Ele respondeu que não tinha nome.

O rei Henrique lhe perguntou por que guerreara contra a Inglaterra.

O jovem disse que era o único sobrevivente de uma família aristocrática normanda a quem o pai do rei Henrique, Guilherme, o Conquistador, concedera terras. Os homens de sua família haviam sido privados das terras e mortos por um inimigo maligno chamado Hubert de Cotentin. O rapaz disse que anos antes o pai rogara justiça a Guilherme II (irmão e antecessor do rei Henrique), mas, não a obtivera. Pouco depois seu pai fora assassinado. O jovem disse que ele mesmo fora levado por homens de Hubert enquanto ainda uma criança de colo e abandonado na floresta. Mas os *daoine sidhe* o encontraram e o levaram para viver com eles no Reino Encantado. Agora estava de volta.

Ele tinha a crença que todo homem muito jovem tem na justeza total de sua própria causa e na injustiça total de todas as outras. Estava convencido de que o trecho da Inglaterra situado entre o Tweed e o Trent era uma recompensa justa pelo fracasso dos reis normandos na vingança dos assassinos de sua família. Por esse motivo, e não outro, o rei Henrique teve de aceitar a retenção da metade sul de seus domínios.

O rapaz contou que já era rei no Reino Encantado. Mencionou o nome do rei mágico que era seu suserano. Ninguém entendeu.

Nesse dia iniciou seu ininterrupto reinado de mais de trezentos anos.

Aos catorze anos, já havia criado o sistema de magia que hoje empregamos.

Ou, melhor, que empregaríamos se pudéssemos; grande parte do que ele sabia nós esquecemos. Sua magia era uma combinação perfeita da magia dos seres

sobrenaturais com organização humana - poderes se aliavam para propósitos aterrorizantes. Não se sabe por que um menino cristão raptado teria de súbito se tornado o maior mago de todas as eras. Outras crianças antes, e desde então, foram mantidas cativas nas fronteiras do Reino Encantado, sem que nenhuma jamais houvesse se beneficiado dessa experiência como ele o fez. Comparados com suas realizações, todos os nossos esforços parecem triviais, insignificantes.

O ponto que Mr. Norrell, da Praça Hanover, sustenta é que tudo o que pertence a John Uskglass deve ser removido da magia moderna, assim como removemos traça e pó de um casaco velho. O que imagina ele que restaria? Se nos livrarmos de John Uskglass, restar-nos-á o ar vazio.

De *História e prática da magia inglesa*, volume I, de Jonathan Strange, publicado por John Murray, 1816.

46. “O céu falou comigo...”

Janeiro de 1816

Era um dia escuro. Um vento gelado lançava flocos de neve contra as janelas da biblioteca de Mr. Norrell, onde Childermass escrevia uma carta comercial. Embora fossem apenas dez horas da manhã, as velas já estavam acesas. Os únicos sons vinham dos carvões queimando na lareira e da pena de Childermass no papel.

Praça Hanover

Para Lorde Sidmouth, Ministro do Interior.

8 de janeiro de 1816.

Milorde:

Mr. Norrell solicita-me que o informe de que foram concluídos os encantamentos que visam impedir a cheia dos rios no condado de Suffolk. A fatura será enviada hoje para Mr. Wynne, no Tesouro.

Em algum lugar dobrava um sino, um som fúnebre. Soava ao longe. Childermass mal o notou. Contudo, sob a influência do sino, toda a sala tornou-se mais escura e desolada.

A magia conservará as águas dentro dos limites do curso habitual dos rios. Entretanto, Mr. Leeves, o jovem engenheiro empregado pelo vice-rei de Suffolk para

avaliar a resistência das pontes atuais e de outras estruturas adjacentes aos rios, expressou algumas dúvidas...

Diante deles surgiu uma paisagem lúgubre. Ele a via com nitidez, como se fosse um lugar que conhecesse bem ou uma pintura que tivesse visto todos os dias, por anos e anos. Uma vasta paisagem de campos castanhos vazios e prédios arruinados sob um céu cinzento e triste. (...)

... Quanto as pontes sobre o Stour e o Orwell serem capazes de resistir ao fluxo mais violento de água que por certo ocorrerá em épocas de chuvas torrenciais. Mr. Leeves recomenda uma inspeção imediata e completa das pontes, dos moinhos e baixios de Suffolk, a começar pelo Stour e pelo Orwell. Fui informado de que ele já escreveu a Sua Senhoria a respeito do assunto.

Não pensava mais apenas na paisagem. Parecia-lhe, na verdade, que estava lá. Parado numa velha estrada, sulcada e antiga, que por uma colina negra subia em ziguezague em direção ao céu, onde aves negras se juntavam num enorme bando.

Mr. Norrell não dá a magia por encerrada. Em sua opinião, ela durará tanto como os próprios rios, porém recomenda a Sua Senhoria que os encantamentos sejam revistos dentro de vinte anos. Na próxima terça-feira, Mr. Norrell começará a realizar a mesma magia no condado de Norfolk.

As aves eram como letras negras contra o céu cinzento. Ele pensou que, num instante, entenderia o significado daquela escrita. As pedras na estrada antiga eram símbolos que prediziam a jornada do viajante.

Childermass voltou a si num sobressalto. A pena lhe escapuliu da mão e a tinta

respingou na carta.

Olhou em volta, confuso. Aparentemente não sonhara. Todos os objetos antigos e familiares estavam presentes: os livros nas estantes, os espelhos, o tinteiro, as tenazes de remexer brasas, a estatueta de porcelana de Martin Pale. Mas a confiança nos próprios sentidos fora abalada. Não mais cria que os livros, os espelhos, a estatueta de porcelana estivessem ali de fato. Era como se tudo o que conseguisse ver fosse uma mera película que ele poderia rasgar com uma unha do dedo, para encontrar atrás dela a paisagem fria e deserta.

Os campos cor de castanha estavam parcialmente inundados; encordoados por cadeias de lagoas cinzentas e gélidas. A configuração das lagoas tinha um significado. Elas haviam sido inscritas nos campos pela chuva. Eram magia feita pela chuva, assim como os saltos das aves negras contra o cinza eram um encantamento lançado pelo céu e o movimento dos capins castanho-acinzentados era um encantamento lançado pelo vento. Tudo tinha significado.

Childermass se afastou da escrivaninha num salto, estremeando. Virou-se às pressas e tocou a sineta para chamar o criado. Mas, mesmo enquanto esperava, a magia começou a se reafirmar. Quando Lucas apareceu, o procurador já não sabia ao certo se estava na biblioteca de Mr. Norrell ou parado numa estrada antiga...

Lucas o olhou com ar preocupado.

- Mister Childermass! Sente-se indisposto?

- Não se preocupe. Onde está Mister Norrell?

- No Ministério da Marinha, senhor. Pensei que soubesse. A carruagem veio buscá-lo uma hora atrás. Creio que ele voltará em breve.

- Não - replicou Childermass -, não pode ser. Não pode ter saído. Tem certeza de que não está lá em cima, praticando magia?

- Certeza absoluta, senhor. Vi a carruagem partir com o patrão. Mister Childermass, pedirei a Matthew que chame um médico. O senhor me parece muito doente.



Childermass abriu a boca para objetar que não estava doente de modo algum, mas nesse momento...

... O céu olhou para ele. Ele sentiu a terra encolher os ombros, porque ela o carregava nas costas.

O céu falou com ele.

Era um idioma que jamais ouvira. Nem sabia ao certo se havia palavras. Talvez o céu só falasse com ele por meio da escrita negra das aves. Ele sentia-se pequeno e desamparado, e não havia saída. Fora pego entre a terra e o céu, como se posto entre duas mãos em concha. Poderiam esmagá-lo, se quisessem.

O céu falou com ele novamente.

- Não entendo - disse.

Piscou os olhos e viu Lucas debruçado sobre ele. Arfava. Esticou a mão e roçou em algo ao lado. Virou-se para olhar e ficou perplexo ao descobrir que era a perna de uma cadeira. Estava no chão.

- O que aconteceu...? - perguntou.

- O senhor está na biblioteca - disse Lucas. - Acho que desmaiou.

- Ajude-me a me levantar. Preciso falar com Norrell.

- Mas, senhor, já disse que...

- Não - replicou Childermass. - Engana-se. Ele deve estar aqui. Deve estar. Leve-me lá para cima.

Lucas o ajudou a se levantar e a sair da sala, mas, ao chegarem à escada, ele quase caiu novamente. Então Lucas chamou Matthew, o outro laçai, e juntos sustentaram Childermass e o carregaram até o pequeno escritório no segundo andar, onde Mr. Norrell costumava realizar suas magias mais privadas.

Lucas abriu a porta. Lá dentro, o fogo ardia na lareira. Penas de escrever, canivetes, porta-penas de escrever e lápis estavam dispostos de forma ordenada numa pequena bandeja. O tinteiro, cheio, estava fechado com a tampa de prata. Livros e canhenhos estavam empilhados com capricho ou postos num canto. Tudo limpo, lustroso e em perfeita ordem. Evidentemente, Mr. Norrell não estivera ali de manhã.

Childermass afastou de si o laçai. Ficou parado, observando a sala com perplexidade.

- O senhor vê? - disse Lucas. - É como lhe falei. O patrão está no Ministério da Marinha.

- Sim - disse Childermass.

Mas não fazia sentido. Se a magia sinistra não era de Mr. Norrell, de quem seria então?

- Mister Strange esteve aqui? - indagou.

- Não, de forma alguma! - respondeu Lucas, indignado. - Creio conhecer meus deveres o suficiente para não deixar Mister Strange entrar nesta casa. O senhor ainda me parece indisposto. Vou chamar um médico.

- Não, não. Sinto-me melhor, bem melhor. Por favor, ajude-me a sentar. - Childermass prostrou-se numa cadeira, soltando um suspiro. - Mas, em nome de Deus, por que me olham assim? - Acenou, dispensando-os. - Matthew, não tem o que fazer? Lucas, traga-me um copo d'água!

Ainda estava zozzo e confuso, mas a sensação de enjôo diminuía. Podia descrever a paisagem com detalhes. A imagem dela estava fixada em sua cabeça. Podia experimentar o gosto de sua desolação, de seu caráter onírico, mas já não sentia o perigo de nela se perder. Podia pensar.

Lucas voltou trazendo numa bandeja um copo de vinho e uma garrafa d'água. Encheu um copo de água e Childermass o esvaziou de um gole.

Childermass conhecia um encantamento. Um encantamento para detectar magia. Não revelava a magia ou seu autor, mas apenas se ela ocorria ou não. Ao menos era o que se esperava. Childermass a utilizara uma única vez e nada detectara. Não havia como saber se dava resultado.

- Encha o copo de novo - disse a Lucas. Lucas o encheu.

Dessa vez, Childermass não bebeu a água. Limitou-se a murmurar algumas palavras para o copo. A seguir, ergueu-o contra a luz e olhou através dele, girando-o devagar, até ter examinado cada parte da sala através do copo.

Nada detectou.

- Nem sei o que procuro - murmurou. Disse a Lucas: - Vamos, preciso de sua

ajuda.

Voltaram à biblioteca. Childermass ergueu o copo novamente, pronunciou as palavras e olhou através dele.

Nada.

Aproximou-se da janela. Por um momento, pensou ter visto algo no fundo do copo, como uma pérola de luz branca.

- Está na praça - disse.

- O que está na praça? - indagou Lucas.

Childermass não respondeu. Em vez disso, olhou pela janela. A neve cobria as pedras redondas e enlameadas do pavimento da Praça Hanover. As grades de ferro negras que cercavam o recinto no centro destacavam-se na brancura. A neve continuava a cair e um vento cortante soprava. Apesar disso, várias pessoas circulavam pela praça. Todos sabiam que Mr. Norrell morava na Praça Hanover e vinham visitá-la na esperança de vê-lo. Nesse instante, um cavalheiro e duas jovens (todos, sem dúvida, apaixonados por magia) estavam parados em frente da casa, olhando para ela com certa comoção. Um pouco mais adiante, um rapaz moreno estava encostado na grade. Perto dele havia um vendedor de tinta, de casaco roto e com um pequeno barril de tinta nas costas. À direita, uma jovem. Ela se afastava da casa e andava devagar em direção à Praça Hanover, mas Childermass teve a impressão de que a vira entre os circunstantes momentos antes. Trajava roupa dispendiosa e elegante, uma peliça verde adornada com arminho, e portava um enorme regalo também de arminho.

Childermass conhecia bem o vendedor de tinta, muitas vezes comprara dele. Todos os outros eram, pensou, estranhos.

- Reconhece alguém? - perguntou.

- O sujeito de cabelo preto. - Lucas apontou para o jovem encostado na grade de ferro. - É Frederick Marston. Veio aqui várias vezes para pedir a Mister Norrell que o aceitasse como discípulo, mas o patrão sempre se recusou a recebê-lo.

- Sim, creio que o senhor já me falou dele. - Childermass examinou as pessoas na praça um pouco mais e disse: - Por incrível que pareça, uma dessas pessoas está fazendo algum tipo de magia. Preciso descer até lá para ver. Venha comigo. Não posso fazer isso sem o senhor.

Na praça, a magia podia ser sentida de maneira ainda mais forte. O sino triste tocava dentro da cabeça de Childermass. Atrás da cortina de neve, os dois mundos oscilavam num vaivém, como imagens de uma lanterna mágica - ora a Praça Hanover, ora os campos melancólicos e uma escrita negra no céu.

Childermass ergueu o copo de vinho, preparando-se para pronunciar as palavras do encantamento, mas não foi necessário. O copo resplandeceu com uma luz branca suave. Era a coisa mais brilhante de todo esse dia de inverno escuro, uma luz mais clara e mais pura do que a de um lampião, a lançar sombras curiosas sobre o rosto de Childermass e Lucas.

O céu falou com ele novamente. Dessa vez, sentiu que era uma pergunta. Grandes conseqüências dependiam da resposta. Se ao menos entendesse o que lhe era perguntado e encontrasse as palavras certas para emitir a resposta, algo então seria revelado - algo que mudaria a magia inglesa para sempre, algo em que Strange e Norrell ainda nem sequer haviam pensado.

Por um longo momento, esforçou-se para entender. O idioma ou o encantamento lhe pareciam de uma familiaridade atormentadora. Dali a pouco, pensou, entenderia. Afinal, o mundo vinha lhe dizendo aquelas palavras todos os dias de sua vida; apenas não as notara antes...

Lucas dizia alguma coisa. Childermass devia ter começado a cair novamente, pois se dava conta de que agora Lucas o segurava pelo braço e lhe endireitava o corpo. O copo de vinho espatifara-se nas pedras do pavimento e a luz branca estava partida sobre a neve.

- ... Que coisa mais estranha - disse Lucas. - É isto, Mister Childermass. Levante-se. Nunca vi o senhor neste estado. Tem certeza de que não deseja entrar? Mas aí vem Mister Norrell. Ele saberá o que fazer.

Childermass olhou para a direita. A carruagem de Mr. Norrell dobrava a Rua George e entrava na praça.

O vendedor de tinta também a viu. Imediatamente aproximou-se do cavalheiro e das duas moças. Fez-lhes uma mesura respeitosa e se dirigiu ao cavalheiro. Os três viraram a cabeça e olharam para a carruagem. O cavalheiro enfiou a mão no bolso e deu uma moeda ao vendedor de tinta. Este fez outra mesura e se afastou.

Mr. Marston, o rapaz moreno, não precisou que lhe informassem que se tratava da carruagem de Mr. Norrell. Logo que a viu se aproximar, afastou-se da grade e avançou.

Até mesmo a jovem de traje elegante se virara e agora caminhava em direção à casa, aparentemente com a intenção de ver o mais importante mago da Inglaterra.

A carruagem parou diante da casa. O laçao desceu da boléia e abriu a porta. Mr. Norrell desceu. Eslava tão agasalhado que seu corpo miúdo e encolhido parecia quase robusto. Mr. Marston o saudou sem demora e começou a lhe dizer algo. Mr. Norrell meneou a cabeça com impaciência e fez sinal para que Mr. Marston se afastasse.

A jovem de traje elegante passou por Childermass e Lucas. Estava muito pálida e com expressão grave. Ocorreu a Childermass que seria considerada bonita por pessoas que davam atenção a esse tipo de coisa. Agora que olhava bem para ela, começou a achar que a conhecia.

- Lucas - murmurou - quem é esta mulher?

- Desculpe senhor. Creio que nunca a vi antes.

Ao pé dos degraus da carruagem, Mr. Marston insistia mais e mais e Mr. Norrell se irritava mais e mais. O mago olhou em volta; viu Lucas e Childermass por perto e os chamou com um gesto.

Nesse instante, a moça de traje elegante avançou em direção a Mr. Norrell. Por um momento pareceu que também dirigiria algumas palavras a ele, mas sua intenção não era essa. Tirou uma pistola do regalo e, com toda a calma do mundo, apontou para o coração dele.

Mr. Norrell e Mr. Marston olharam surpresos para ela.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Lucas soltou Childermass, que caiu como uma pedra no chão, e correu para socorrer o patrão. Mr. Marston agarrou a moça pela cintura. Davey, o cocheiro de Mr. Norrell saltou da boléia e prendeu o braço que empunhava a pistola.

Childermass jazia em meio à neve e aos cacos de vidro. Viu a mulher se livrar das garras de Mr. Marston com o que lhe pareceu uma espantosa facilidade. Ela o atirou ao chão com tal força que ele não se levantou novamente. A jovem encostou a pequena mão enluvada no peito de Davey e ele foi arremessado vários metros para trás. O laçao de Mr. Norrell que abrira a porta da carruagem tentou derrubá-la, mas o golpe que lhe desferiu não surtiu efeito algum. Ela pôs a mão em seu rosto - pareceu o toque mais suave do mundo - e ele tombou ao chão. Quanto a Lucas, ela apenas o golpeou com a pistola.

Childermass mal entendeu o que estava acontecendo. Pôs-se de pé com dificuldade e, cambaleante, avançou por uns seis metros, sem saber se caminhava sobre as pedras arredondadas do pavimento da Praça Hanover ou se numa antiga estrada do Reino Encantado.

Mr. Norrell fitou a jovem com grande pavor, demasiado assustado para poder gritar ou fugir. Childermass estendeu as mãos para ela num gesto de conciliação.

- Senhora... - começou.

Ela nem sequer olhou para ele.

A queda estonteante dos flocos brancos de neve o confundiam. Por mais que tentasse, não conseguia fixar-se na Praça Hanover. A sinistra paisagem o chamava; Mr. Norrell seria assassinado e ele nada poderia fazer.

Então algo estranho sucedeu.

Algo estranho sucedeu. A Praça Hanover desapareceu. Mr. Norrell, Lucas e todos os demais desapareceram.

Mas a jovem permaneceu.

Estava parada diante dele, na estrada antiga, debaixo do céu com as aves negras em alvoroço e aos saltos. Ela ergueu a pistola e, afastando-a do Reino Encantado e aproximando-a da Inglaterra, apontou para o coração de Mr. Norrell.

- Senhora - repetiu Childermass.

Ela o olhou com uma fúria fria e ardente. Nada que ele pudesse dizer a deteria. Nem neste mundo nem em qualquer outro. Por isso fez a única coisa que lhe ocorreu. Agarrou o cano da pistola.

Soou um disparo, um som insuportavelmente alto.

Foi a força do barulho, Childermass supôs, que o lançou de volta à Inglaterra.

De súbito, viu-se meio sentado, meio deitado na Praça Hanover, recostado nos degraus da carruagem. Não sabia onde Norrell se encontrava, nem se estava morto. Supôs que deveria ir descobrir, mas concluiu que não se importava muito, e por isso permaneceu onde estava.

Apenas com a chegada de um médico ele entendeu que a jovem de fato disparara contra alguém e que esse alguém era ele próprio.

O restante desse dia e grande parte do seguinte, transcorreram numa confusão de dor e sonhos induzidos por láudano. Às vezes Childermass achava que estava parado numa estrada antiga debaixo do céu que falava, mas agora Lucas estava

com ele conversando sobre damas de honra e baldes para carvão. Uma corda bamba cruzava o céu de um lado a outro e várias pessoas andavam nela. Strange estava lá, Mr. Norrell também. Os dois tinham pilhas de livros nas mãos. Estavam John Murray, o editor, Vinculus e muitos outros. Às vezes a dor no ombro de Childermass fugia dele, corria pelo quarto e se escondia. Quando isso acontecia, ele achava que a dor tinha se transformado num animalzinho. Ninguém mais sabia que ela estava ali. Pensou que deveria contar a eles, para que a afugassem. Viu-a uma vez; tinha pêlos da cor das chamas, mais reluzentes que os de uma raposa...

Na noite do segundo dia, deitado na cama, tinha uma noção bem mais clara de quem ele era, de onde estava e do que acontecera. Por volta das sete horas entrou no quarto carregando uma das cadeiras da sala de jantar. Depositou-a ao lado da cama. Pouco depois, Mr. Norrell entrou e nela se sentou.

Por alguns instantes, Mr. Norrell nada fez senão mirar as cobertas com expressão ansiosa. A seguir murmurou uma pergunta.

Childermass não ouviu o que ele disse, mas, supondo que Mr. Norrell, evidentemente, lhe perguntava sobre a saúde, pôs-se a dizer que esperava estar melhor em dois dias.

Mr. Norrell o interrompeu e repetiu, ríspido:

- Por que realizou o Scopus de Belasis?

- Quê? - replicou Childermass.

- Lucas contou que o senhor andou fazendo magia - disse Mr. Norrell. - Insisti que a descrevesse para mim. Obviamente reconheci o Scopus de Belasis. - Assumi um ar mais sério e desconfiado. - Por que a fez? E, para ir mais direto ainda ao ponto, onde a aprendeu? Como posso realizar meu trabalho sendo a todo instante traído dessa forma? É espantoso que eu tenha obtido algum êxito estando cercado por criados que aprendem encantamentos pelas minhas costas e discípulos que desfazem tudo o que logrei realizar!

Childermass lançou-lhe um olhar de amena exasperação.

- O senhor mesmo me ensinou.

- Eu?! - exclamou Mr. Norrell, a voz vários tons acima do nível habitual.

- Antes de o senhor vir para Londres, na época em que se dedicava à sua biblioteca em Hurlfrew, quando eu costumava viajar pelo país para lhe comprar livros valiosos. O senhor me ensinou o encantamento caso algum dia eu viesse a conhecer alguém que se declarasse prático de magia. O senhor temia que outro mago pudesse...

- Sim, sim - disse Mr. Norrell com impaciência. - Lembro-me agora. Mas isso não explica por que estava fazendo magia na praça ontem de manhã.

- Por que havia magia em toda parte.

- Lucas não notou coisa alguma.

- Não faz parte das obrigações de Lucas saber quando ocorre uma magia. Isso cabe a mim. Foi a coisa mais estranha que jamais vi. Pensei o tempo inteiro que estava num lugar totalmente diferente. Creio que durante algum tempo corri um perigo real. Não entendo bem onde ficava esse lugar. Tinha algumas características curiosas, que em breve descreverei, mas com certeza não era a Inglaterra. Penso que se tratava do Reino Encantado. Que tipo de magia produz tal efeito? E de onde vinha? Seria possível que aquela mulher fosse uma maga?

- Que mulher?

- A mulher que atirou em mim.

Mr. Norrell emitiu um breve som de irritação.

- A bala o afetou mais do que supus - retrucou com desdém. - Se ela fosse uma grande maga, crê mesmo que o senhor teria conseguido frustrar seus planos com tanta facilidade? Não havia outro mago na praça. Muito menos aquela mulher.

- Por quê? Quem era ela?

Mr. Norrell calou-se por um momento. Depois disse:

- A esposa de Sir Walter Pole. A mulher que ressuscitei.

Childermass calou-se por um momento.

- Bem, isso me surpreende! - disse afinal. - Consigo imaginar várias pessoas com um bom motivo para apontar uma pistola para o seu coração, mas não entendo por que essa mulher seria uma delas.

- Disseram-me que enlouqueceu - explicou Mr. Norrell. - Fugiu das pessoas encarregadas de vigiá-la e veio até aqui para me matar, o que, creio que concordará, é prova suficiente de sua loucura. - Os olhos cinzentos e miúdos de Mr. Norrell se desviaram. - Afinal de contas, sou tido como o benfeitor dela.

Childermass mal prestava atenção.

- Mas onde teria ela conseguido a pistola? Sir Walter é um homem prudente. Custa imaginar que deixaria armas de fogo ao alcance dela.

- Era uma pistola para duelo, de um par que pertence a Sir Walter. Fica trancada num estojo guardado numa escrivaninha também trancada em seu escritório particular. Sir Walter disse que até ontem poderia jurar que sua esposa nada sabia a respeito. Como ela obteve a chave, as duas chaves, é um mistério para todos.

- A mim não me parece tanto um mistério. Esposas, até mesmo esposas loucas, têm sempre um jeito de obter o que desejam dos maridos.

- Mas as chaves não estavam com Sir Walter. Esse é o detalhe mais estranho. As pistolas eram as únicas armas de fogo na casa, Sir Walter tinha uma preocupação natural com a segurança da esposa e de seus bens, visto que com freqüência se ausenta de casa. As chaves ficavam sob a guarda do mordomo, aquele homem negro e alto, creio que sabe a quem me refiro. Sir Walter não entende como ele pôde cometer tal erro. Sir Walter disse que, de modo geral, ele é o sujeito mais confiável e fidedigno do mundo. Claro que nunca sabemos de fato o que pensam os criados - continuou Mr. Norrell, risonho, esquecendo-se de que falava

com um empregado -, contudo é quase impossível imaginar que esse homem tenha algum ressentimento contra mim. Nunca troquei mais do que algumas palavras com ele. Claro - prosseguiu - que eu poderia processar Lady Pole por tentar me matar. Ontem estava bastante decidido a isso. Mas várias pessoas me fizeram ver que devo levar Sir Walter em consideração. Lorde Liverpool e Mister Lascelles afirmam isso, e creio que estão certos. Sir Walter tem se mostrado um grande amigo da magia inglesa. Não desejo fornecer-lhe motivo algum para que se arrependa de nossa amizade. Sir Walter prometeu-me que ela ficará isolada em algum lugar no interior, onde não verá ninguém e ninguém a verá.

Mr. Norrell não se incomodou em indagar qual era a opinião de Childermass sobre o caso. Apesar do fato de que quem estava de cama era o procurador, sofrendo dores e perda de sangue, e de que os ferimentos de Mr. Norrell consistiam sobretudo numa leve dor de cabeça e num pequeno corte num dedo, estava claro para Mr. Norrell que ele era o mais ofendido dos dois.

- Então de quem era a magia? - perguntou Childermass.

- Minha, é evidente! - afirmou Mr. Norrell com irritação. - De quem mais seria? Era a magia que fiz quando a ressuscitei. Foi o que o senhor sentiu e é o que o Scopus de Belasis revelou. Como era o início de minha carreira, creio que ocorreram algumas irregularidades que podem ter causado uma alteração curiosa no encantamento...

- Alteração curiosa?! - exclamou Childermass com voz rouca. Foi acometido por um acesso de tosse. Quando recobrou a respiração, disse: - Durante o tempo todo corri o risco de ser transportado para um reino onde tudo exalava magia. O céu falou comigo! Tudo falou comigo! Como isso foi possível?

Mr. Norrell arqueou uma sobrancelha.

- Não sei. Talvez o senhor estivesse embriagado.

- E acaso o senhor alguma vez já me viu embriagado durante o cumprimento de meus deveres? - indagou Childermass com frieza.

Mr. Norrell encolheu os ombros, na defensiva.

- Não tenho a menor idéia de seus atos. O senhor parece guiar-se por seus próprios princípios desde a primeira vez que pôs os pés em minha casa.

- Mas sem dúvida não é uma idéia tão estranha se vista à luz da antiga magia inglesa - insistiu Childermass. - Não me contou o senhor que os *Áureos* consideravam árvores, colinas, rios, e assim por diante, criaturas vivas, com pensamentos, recordações e desejos próprios? Os *Áureos* acreditavam que tudo no mundo exercia algum tipo de magia.

- Alguns *Áureos* assim pensavam, de fato. É uma crença assimilada de seus criados mágicos, que atribuíam um pouco de sua extraordinária magia à capacidade para conversar com árvores, rios, e de estabelecer amizades e alianças com eles. Mas não há motivo para supor que estivessem certos. Minha própria magia não se fia em tais idéias absurdas.

- O céu falou comigo - disse Childermass. - Se o que vi foi verdadeiro, então... - interrompeu-se.

- Então o quê? - perguntou Mr. Norrell.

Em seu estado de fraqueza, Childermass pensara em voz alta. Pretendia dizer que, se tudo o que tinha visto era verdade, então tudo o que Strange e Norrell haviam feito não passava de brincadeira de criança e a magia era algo mais estranho e mais aterrador do que eles imaginavam. Strange e Norrell meramente atiravam dardos de papel num salão, enquanto a magia real voava a grande altura, precipitava-se e girava com asas enormes num céu sem limites, muito, mas muito acima deles.

Mas, dando-se conta de quão improvável seria que Mr. Norrell aceitasse uma visão assaz otimista de tais idéias, manteve-se calado.

De qualquer maneira, curiosamente, Mr. Norrell pareceu ter lido seus pensamentos.

- Ah! - exclamou, com uma ira repentina. - Muito bem! Então é assim? Nesse caso, aconselho-o a se unir imediatamente a Strange, Murray e todos os outros

traidores! Creio que descobrirá que as idéias deles se ajustam bem mais à sua atual mentalidade! Estou certo de que o acolherão com enorme prazer. E o senhor poderá lhes revelar todos os meus segredos! Acho provável que lhe paguem bem por isso. Serei arruinado e...

- Mister Norrell, acalme-se. Não pretendo começar um novo trabalho. O senhor é o único patrão que pretendo ter.

Fez-se outro breve silêncio, que talvez tenha dado a Mr. Norrell tempo para refletir sobre a inadequação de discutir com o homem que lhe salvara a vida ainda no dia anterior. Num tom mais ponderado, disse:

- Creio que ainda não lhe contaram. A esposa de Strange morreu.

- Quê?

- Morreu. Soube por Sir Walter. Aparentemente ela saiu para um passeio na neve. Muito imprudente. Dois dias depois estava morta.

Childermass sentiu frio. A paisagem sinistra de súbito tornou-se mais próxima, bem debaixo da pele da Inglaterra. Ele podia quase se ver na estrada antiga novamente...

... E Arabella Strange estava na estrada à frente dele. De costas para ele, caminhava sozinha pelas terras cinzentas e frias, sob a magia do céu que falava...

- Disseram-me - continuou Mr. Norrell, totalmente alheio à palidez e aos arquejos repentinos de Childermass - que Lady Pole ficou muito desconsolada com a morte de Mrs. Strange. Foi possuída por uma angústia desmedida. Parece que eram amigas. Só agora tive conhecimento disso. Se tivesse sabido antes, talvez tivesse... - interrompeu-se e em seu rosto transpareceu uma emoção íntima. - Agora, porém, não importa mais... Uma está louca, a outra morta. Até onde Sir Walter pode dizer, parece que Lady Pole me considera de algum modo culpado pela morte de Mrs.

Strange. - Fez uma pausa. Depois, para que não pairasse dúvida alguma sobre o assunto, acrescentou: - O que, claro, é um disparate.

Nesse momento, entraram no quarto dois médicos eminentes que Mr. Norrell chamara para cuidar de Childermass. Ficaram surpresos de ver o mago no quarto - surpresos e contentes. O rosto sorridente e o corpo bamboleante e reverente de ambos exprimiam que julgavam um agradável exemplo da condescendência do grande homem fazer uma visita a seu empregado. Disseram-lhe raras vezes ter visto uma casa em que o patrão se preocupava tanto com a saúde de seus subordinados ou em que os empregados estivessem mais ligados ao patrão por laços de respeito e sincero afeto que pelos do mero dever.

Mr. Norrell, tão suscetível a lisonjas como a maioria dos homens, começou a pensar que talvez estivesse de fato fazendo algo excepcionalmente virtuoso. Estendeu a mão com a intenção de afagar a mão de Childermass de uma forma amigável e condescendente. Entretanto, ao deparar com o olhar frio de Childermass, refletiu melhor, pigarreou e deixou o quarto.

Childermass o observou sair.

Todos os magos mentem e este mais do que todos, dissera Vinculus.

47. *“Um moço preto e um sujeito azul, isso deve significar alguma coisa”.*

Fim de janeiro de 1816

A carruagem de Sir Walter Pole viajava por uma estrada erma do condado de York. Stephen Black a acompanhava, montado num cavalo branco.

Nos dois lados, charnecas desoladas da cor de uma machucadura se estendiam até um céu negro que ameaçava nevar. Ali e acolá, espalhavam-se pedras cinzentas e disformes, tornando ainda mais agreste e sinistra a paisagem. De quando em quando, um raio de sol muito fraco atravessava as nuvens, iluminando por instantes um riacho branco e escumoso ou incidindo numa poça d'água que de súbito se tornava tão faiscante como um centavo de prata no chão.

Chegaram a uma encruzilhada. O cocheiro deteve os cavalos e mirou com melancolia o lugar onde, em sua opinião, deveria estar o poste sinalizador de direção.

- Não há marcos miliários - disse Stephen -, nada que indique aonde levam estas estradas.

- Isto supondo que levem a algum lugar - disse o cocheiro -, do que começo a duvidar. - Tirou uma caixa de rapé do bolso e inalou uma boa pitada.

O laçao, sentado na boléia ao lado do cocheiro (e que era, sem termos de comparação, o mais frio e o mais infeliz dos três), amaldiçoou todo o condado de York, todos os habitantes do condado de York e todas as estradas do condado de York.

- Creio que viajávamos para norte ou nordeste - disse Stephen. - Mas fiquei um tanto confuso nesta charneca. Tem idéia de onde está o norte?

O cocheiro, a quem a pergunta fora dirigida, respondeu que todas as direções lhe pareciam ser o Norte.

O laçao deu uma risada curta e desanimada.

Percebendo que seus companheiros não eram de ajuda, Stephen fez o que sempre fazia em circunstâncias semelhantes; encarregou-se ele da viagem. Ordenou ao cocheiro que tomasse uma estrada, enquanto ele tomaria outra.

- Se tiver sucesso, voltarei para procurá-los ou então enviarei uma mensagem. Se o senhor tiver sucesso, chegue a seu destino e não se preocupe comigo.

Stephen partiu, contemplando em dúvida todas as sendas e trilhas com que deparava. A certa altura, encontrou outro cavaleiro solitário e pediu-lhe orientação, porém o homem não conhecia a charneca e jamais ouvira falar do nome do lugar que Stephen mencionou.

Chegou por fim a uma senda estreita que serpeava entre dois muros feitos de pedras secas e sem argamassa, como era costume nessa região da Inglaterra.

Seguiu pela senda. Nos dois lados, uma fileira de árvores desfolhadas acompanhava a linha dos muros. Em meio aos primeiros flocos de neve que caíam, flutuando, ele atravessou uma ponte estreita para burros de carga e entrou num vilarejo com chalés de pedra austeros e muros em ruínas. O silêncio era total. Não havia mais do que um punhado de construções e ele rapidamente encontrou o que procurava. Era um edifício baixo e comprido, com um pátio pavimentado na frente. Examinou com profunda insatisfação os telhados baixos, as janelas de batente antiquadas e as pedras cobertas de musgo.

- Ó de casa! - chamou. - Há alguém aí?

A neve começou a cair mais densa e rápida. De algum lugar no lado da casa, dois criados apareceram correndo. Estavam vestidos com esmero, mas o ar nervoso e desajeitado deles fez Stephen estremecer e desejar tê-los treinado.

Eles, de sua parte, viram no pátio um homem negro montado numa égua branca. O mais destemido deles emitiu uma espécie de bufo.

- Aqui é Starecross Hall? - perguntou Stephen.

- Sim, senhor - respondeu o criado destemido.

- Vim tratar de um assunto em nome de Sir Walter Pole. Chamem o responsável pela casa.

O homem se foi. Pouco depois, a porta da frente se abriu e uma pessoa morena e magra apareceu.

- É o enfermeiro do manicômio? - indagou Stephen. - É John Secundus?

- Sou sim! - respondeu Mr. Secundus. - Seja bem-vindo! Seja bem vindo!

Stephen desmontou do cavalo e lançou as rédeas para o criado.

- Foi do diabo encontrar este lugar! Percorremos esta charneca infernal durante uma hora. Pode enviar um homem para trazer a carruagem de Sua Senhoria? Pegaram a estrada à esquerda desta na encruzilhada, cerca de três quilômetros atrás.

- Claro. Imediatamente - assegurou-lhe Mr. Secundus. - Lamento que tenha tido dificuldades. Como vê, a casa é extremamente isolada, mas este é um dos motivos pelos quais convém a Sir Walter. Espero que a esposa dele esteja bem...

- A viagem a deixou muito estafada.

- Está tudo preparado para recebê-la. Ao menos... - Mr. Secundus o conduziu para dentro da casa. - Sei que deve ser bastante diferente das condições com as quais ela está acostumada...

No fim de um pequeno corredor de pedra, chegaram a um quarto que exibia um agradável contraste com os arredores sinistros e sombrios. Era todo conforto e acolhimento. Fora decorado com quadros e móveis bonitos, tapetes macios e lampiões que ardiam vivamente. Havia escabelos para os pés de Sua Senhoria, caso se sentisse cansada, biombos para protegê-la de uma corrente de ar, caso sentisse frio, e livros para entretê-la, caso desejasse ler.

- Não é apropriado? - perguntou Mr. Secundus, ansioso. - Por sua expressão, vejo que não.

Stephen abriu a boca para dizer a Mr. Secundus que via algo bem diferente. Via o que Sua Senhoria veria quando entrasse no quarto. Cadeiras, quadros e lampiões bastante espectrais. Atrás deles havia as formas mais sólidas, substanciais, das escadas e dos salões cinzentos e sinistros de Esperança Perdida.

Mas seria em vão tentar explicar essas coisas. As palavras se alterariam quando as pronunciasse; transformar-se-iam em disparates sobre cerveja fermentada pela ira e por desejos de vingança; ou sobre jovens cujas lágrimas se tornavam opalas e pérolas na lua cheia e cujas pegadas se enchiam de sangue na lua minguante. Por isso, limitou-se a dizer:

- Não, não. É plenamente satisfatório. É só o de que Sua Senhoria necessita.

Para muitas pessoas, isso teria soado frio, sobretudo se tivessem trabalhado com o mesmo afinco de Mr. Secundus, mas ele não objetou.

- Então esta é a dama que Mister Norrell ressuscitou? - perguntou.

- Sim - disse Stephen.

- O ato único sobre o qual toda a restauração da magia inglesa está fundamentada!

- Sim - disse Stephen.

- E, ainda assim, ela tentou matá-lo! É um caso muito estranho! Estranhíssimo!

Stephen permaneceu calado. Não se tratava, em sua opinião, de um assunto adequado à reflexão de um enfermeiro de manicômio; e, mesmo que o fizesse, era muito improvável que chegasse à verdade.

Para afastar os pensamentos de Mr. Secundus de Sua Senhoria e de seu suposto crime, Stephen disse:

- Sir Walter escolheu este estabelecimento pessoalmente. Não sei com quem se aconselhou. Faz tempo que o senhor administra o manicômio?

Mr. Segundus riu.

- Não, de forma alguma. Na verdade há duas semanas. Lady Pole será a primeira pessoa de que me encarrego.

- Mesmo?!

- Creio que Sir Walter julga minha falta de experiência uma vantagem, não o contrário! Outros cavalheiros nesta profissão costumam exercer todo tipo de autoridade sobre as pessoas a seu cargo e a elas impor restrições, algo a que Sir Walter se opõe bastante no caso de sua esposa. Mas, como vê, não cultivo tais hábitos para deles precisar me livrar. Sua Senhoria nada encontrará a não ser gentileza e respeito nesta casa. E, afora umas poucas precauções que nos possam parecer sensatas, como manter armas e facas fora de seu alcance, Sua Senhoria será tratada como hóspede aqui, e nos empenharemos para fazê-la feliz.

Stephen inclinou a cabeça, aprovando essas propostas.

- Como chegou a isto? - indagou.

- À casa? - perguntou Mr. Segundus.

- Não, a ser enfermeiro de manicômio.

- Ah! Mera casualidade. Em setembro passado, tive a enorme felicidade de conhecer uma dama chamada Mrs. Lennox, que desde então tornou-se minha benfeitora. Ela é a proprietária desta casa. Durante alguns anos, procurou um bom arrendatário, mas sem sucesso. Simpatizou comigo e quis me fazer uma gentileza; por isso resolveu estabelecer um negócio aqui e dele me encarregar.

Primeiro pensamos numa escola para magos, porém...

- Magos! - exclamou Stephen, surpreso. - Mas qual é a sua relação com magos?

- Eu sou um mago. Fui mago a vida inteira.

- Mesmo?!

Stephen mostrou-se tão insultado com a informação que a reação natural de Mr. Segundus foi lhe pedir desculpas, embora não soubesse que tipo de desculpa deveria apresentar por ser um mago. Prosseguiu:

- Mas Mister Norrell não aprovou nosso plano da escola e enviou Childermass aqui para me aconselhar que não o levasse adiante. O senhor conhece John Childermass?

- Apenas de vista - respondeu Stephen. - Nunca falei com ele.

- De início, Mrs. Lennox e eu pensamos seriamente em nos opor a ele, quero dizer, a Mister Norrell, não a Childermass. Escrevi a Mister Strange, mas minha carta chegou na manhã em que a esposa dele desapareceu, e, como creio que o senhor sabe, a pobre dama faleceu poucos dias depois.

Por um instante Stephen deu a impressão de que diria alguma coisa, mas a seguir meneou a cabeça e Mr. Segundus continuou:

- Sem a ajuda de Mister Strange, para mim ficou claro que tínhamos que desistir da escola. Viajei até Bath para informar Mrs. Lennox. Ela foi muito amável e me disse que logo escolheríamos outro projeto. Mas confesso que me despedi dela bastante desanimado. Não tinha me afastado muito de sua casa quando deparei com uma cena estranha. No meio da rua estava um sujeito em andrajos negros, os olhos injetados e inflamados, esvaziados de razão e esperança. Lançava os braços contra os fantasmas que o assediavam e berrava, implorando-lhes que dele se apiedassem. Pobre alma! O corpo enfermo pode às vezes obter descanso no sono, mas eu sabia, instintivamente, que os demônios daquele homem o perseguiriam até mesmo nos sonhos. Dei-lhe algumas moedas e segui meu caminho. Na viagem de volta, não sei ao certo se pensei especificamente nele, porém, quando atravessei o limiar desta casa, sucedeu algo curioso. Tive o que, creio, devo chamar de uma visão. Vi o louco, com todos os seus delírios, em pé no vestíbulo, da mesma forma que em Bath, e me dei conta de uma coisa: de que esta casa silenciosa e erma seria benéfica para

peessoas de mente perturbada. Escrevi para Mrs. Lennox e ela aprovou meu novo plano. O senhor falou que não sabe quem me recomendou a Sir Walter. Foi Childermass. Childermass disse que me ajudaria, se pudesse.

- Senhor - disse Stephen -, seria melhor evitar mencionar sua profissão ou escola, ao menos no início. Nada no mundo, neste ou em qualquer outro, traria maior sofrimento a Sua Senhoria do que descobrir que está submetida a outro mago.

- Submetida! - exclamou Mr. Secundus, tomado de espanto. - Mas que palavra estranha! Espero, honestamente, que ninguém se sinta submetido a mim! Com certeza não esta dama!

Stephen o observou um pouco.

- Estou seguro de que o senhor é um mago bastante diferente de Mister Norrell - disse.

- Espero que sim - retrucou Mr. Secundus, sério.

Uma hora depois, ouviu-se um pequeno rebuliço no pátio. Stephen e Mr. Secundus saíram para receber Sua Senhoria. Os cavalos e a carruagem não haviam conseguido atravessar a ponte para burros de carga e Lady Pole vira-se obrigada a percorrer a pé os últimos cinqüenta metros da viagem. Ela entrou no pátio da Starecross Hall um pouco apreensiva, olhando a paisagem sinistra e coberta de neve ao redor, e Stephen sentiu que só almas muito cruéis poderiam olhar para ela, em toda a sua juventude, beleza e triste aflição, sem lhe desejar toda a proteção possível. No íntimo, amaldiçoava Mr. Norrell.

Algo na aparência dela pareceu sobressaltar Mr. Secundus. Ele desceu os olhos para a mão esquerda de Lady Pole, mas a mão estava enluvada. Recompondo-se de imediato, deu-lhe as boas-vindas a Starecross Hall.

Na sala de estar, Stephen levou-lhes chá.

- Soube que Vossa Senhoria ficou deveras abalada com a morte de Mrs. Strange - disse Mr. Secundus. - Aceite minhas condolências.

- Ela virou o rosto para esconder as lágrimas.

- Seria mais sensato apresentar condolências a ela, não a mim - replicou - Meu marido propôs escrever a Mister Strange e lhe pedir o favor de nos emprestar um retrato de Mrs. Strange, para que dele se pudesse fazer uma cópia a fim de me consolar. Mas para quê? Afinal, é improvável que eu venha a me esquecer de seu rosto, visto que ela e eu freqüentamos os mesmos bailes e as mesmas procissões todas as noites... E, suponho, pelo resto de nossas vidas, Stephen sabe. Stephen compreende.

- Ah, sim - disse Mr. Secundus. - Vossa Senhoria tem horror a dança e música, sei disso. Esteja certa de que não serão permitidas aqui. Aqui, nada teremos que não seja alegre, nada que não lhe estimule a felicidade. - Falou-lhe dos livros em que pensara ler juntos e das caminhadas que poderiam fazer na primavera, se Sua Senhoria o desejasse.

Para Stephen, ocupado em servir o chá, a conversa parecia das mais inócuas, exceto por uma ou duas vezes ter notado Mr. Secundus desviar o olhar de Sua Senhoria para ele e tornar a olhar para ela, de uma maneira perspicaz e penetrante que o intrigou e incomodou.

A carruagem, o cocheiro, a criada e o laçao ficariam na Starecross Hall com Lady Pole; Stephen, porém, voltaria para a Rua Harley. Cedo na manhã seguinte, quando Sua Senhoria tomava o café-da-manhã, ele entrou para se despedir dela.

Enquanto lhe dirigia uma mesura, ela soltou uma risada entre divertida e melancólica.

- Mas que ridículo despedir-se assim, quando o senhor e eu sabemos que voltaremos a nos reunir em poucas horas. Não se preocupe comigo, Stephen. Será mais confortável para mim aqui. Sinto que sim.

Stephen dirigiu-se ao pátio do estábulo, onde seu cavalo o aguardava. Acabava de pôr as luvas, quando uma voz soou atrás dele.

- Queira me desculpar!

Lá estava Mr. Secundus, hesitante e modesto como de hábito.

- Posso lhe fazer uma pergunta? Qual é a magia que envolve o senhor e Sua Senhoria? - Esticou a mão, como se com a intenção de roçar o rosto de Stephen com a ponta dos dedos. - Há uma rosa vermelha e branca em sua boca. E outra na dela. O que isso significa?

Stephen levou a mão à boca. Nada havia ali. Por um momento, teve gana de contar tudo a Mr. Secundus, tudo sobre seu encantamento e o das duas mulheres. Imaginou que Mr. Secundus o entenderia; que Mr. Secundus provaria ser um mago extraordinário - bem mais notável do que Strange e Norrell - e encontraria um modo de deter o cavalheiro de cabelos de algodão. Mas foi uma fantasia passageira. Pouco depois, a desconfiança inata que Stephen sentia dos ingleses - e dos magos ingleses em especial - retornou.

- Não compreendo o que o senhor quer dizer - respondeu de pronto. Montou e partiu sem dizer mais uma palavra.

As estradas invernais nesse dia eram as piores que Stephen já tinha visto. O barro congelara em sulcos e cristas duros como ferro. Os campos e as estradas estavam cobertos por uma geada branca, e uma névoa gélida fazia crescer a melancolia reinante.

Seu cavalo era um dos inúmeros presentes do cavalheiro. Uma égua branca sem um só pêlo preto no corpo. Era, ademais, forte e veloz, e tão afetuosa para com Stephen quanto um cavalo pode ser para um homem. Ele a batizara de Firenze e duvidava que até mesmo o príncipe regente ou o Duque de Wellington possuíssem cavalo melhor. Uma das peculiaridades de sua vida encantada e estranha era que, não importava aonde fosse, ninguém comentava a respeito da incongruência de um criado negro possuir o cavalo mais admirável do reino.

Cerca de trinta quilômetros ao sul da Starecross Hall, chegou a um pequeno vilarejo. Havia uma curva fechada no trecho em que a estrada passava entre uma casa elegante, grande e ajardinada à direita e uma fileira de estábulos em ruínas à esquerda. Bem no momento em que Stephen passava pela entrada da casa, uma carruagem surgiu de repente na curva e por um triz não colidiu com ele. O cocheiro

olhou em volta para ver o que fizera seus cavalos se assustarem, levando-o a refreá-los. Vendo tão-só um homem negro, agrediu-o violentamente com o chicote. A chicotada não acertou Stephen, mas atingiu Firenze bem acima do olho direito. Dorida e assustada, ela se empinou e perdeu o equilíbrio na estrada glacial.

Houve um instante em que tudo pareceu vir abaixo. Quando por fim Stephen compreendeu o que ocorria, percebeu que estava no chão. Firenze tombara. Ele fora arremessado de lado, mas seu pé esquerdo continuava preso ao estribo e a perna estava torcida de uma forma preocupante - teve certeza de que estava quebrada. Libertou o pé e ficou sentado por um momento, sentindo-se mal e zozzo. Sentiu algo escorrendo por seu rosto e viu que as mãos haviam sido esfoladas na queda. Tentou se levantar e com alívio verificou que era capaz de fazê-lo; a perna parecia machucada, mas não quebrada.

Firenze continuava deitada, girando os olhos freneticamente. Ele se perguntou por que ela não tentara se levantar ou ao menos escoicear. Uma espécie de tremor involuntário percorria-lhe o corpo, mas à parte isso permanecia imóvel. As pernas estavam rijas e pareciam esticadas em ângulos canhestros. Então ocorreu a Stephen: ela não podia se mexer; o lombo estava quebrado.

Olhou para a casa do cavalheiro, esperando que alguém viesse em seu socorro. Uma mulher espiou pela janela por um momento. Stephen teve a breve impressão de ver roupas elegantes e uma expressão altiva e fria. Assim que se certificou de que o acidente não causara dano a alguém ou a alguma coisa que lhe pertencesse, ela se retirou e Stephen não a viu mais.

Ele se ajoelhou ao lado de Firenze, afagando-lhe a cabeça e a espádua. Do alforje, tirou uma pistola, um frasco de pólvora, uma vareta e um cartucho. Carregou e escorvou a pistola. A seguir se pôs de pé e engatilhou a arma.

Mas sentiu que não conseguiria ir adiante. Ela fora uma grande amiga; não poderia matá-la. Estava a ponto de desistir, em desespero, quando um estrépito soou na estrada atrás dele. Fazendo a curva, aproximou-se uma carroça puxada por um cavalo enorme, trôpego e de aspecto plácido. Era um carro de correio e nele estava sentado o próprio portador, um homem grande em forma de barril com um

rosto gordo e redondo. Trajava um casaco velho. Ao avistar Stephen, deteve o cavalo.

- Ei, moço! Que está fazendo?

Stephen apontou para Firenze com a pistola.

O portador desceu da carroça e se aproximou de Stephen.

- Mas como era bonita! - disse, com voz branda. Deu umas palmadinhas no ombro de Stephen e exalou compreensivos odores de repolho sobre ele. - Mas, moço, isso não fará bem a ela agora!

Desviou o olhar do rosto de Stephen e o dirigiu para a pistola. Esticou a mão e devagar ergueu o cano até apontá-lo para a cabeça trêmula de Firenze. Como Stephen ainda assim não disparou, disse:

- Quer que faça para o senhor, companheiro?

Stephen concordou.

O portador pegou a pistola. Stephen olhou para o outro lado. Soou um disparo, um som horrendo, seguido de um crocito selvagem e de um rufar de asas, como se todas as aves da cercania tivessem alçado vôo ao mesmo tempo. Stephen tornou a olhar. Firenze convulsionou-se uma vez e depois ficou imóvel.

- Obrigado - disse ao portador.

Ouviu-o se afastar, pensou que o homem tivesse ido embora, mas dali a pouco ele voltou, cutucou Stephen com o cotovelo e estendeu-lhe uma garrafa preta.

Stephen sorveu um gole. Gim da pior qualidade. Tossiu.

A despeito do fato de que o valor das roupas e das botas de Stephen equivaleria ao de duas carroças e dois cavalos do portador, este assumiu a animada superioridade que os brancos em geral sentem em relação aos negros. Refletiu sobre o caso e disse a Stephen que a primeira coisa que deveriam fazer era providenciar a remoção da carcaça.

- É um animal valioso, morto ou vivo. Seu patrão não vai ficar muito contente quando souber que outro sujeito ficou com o cavalo e o dinheiro.

- A égua não era do meu patrão - replicou Stephen. - Era minha.

- Ei! - fez o portador. - Veja só isto!

Um corvo pousara no flanco branco de Firenze.

- Não! - bradou Stephen, avançando para espantar a ave.

Mas o portador o impediu.

- Não, moço! Não! Isto é sorte. Não me lembro de ter visto melhor agouro! - Sorte! - exclamou Stephen. - Do que está falando?

- É o sinal do antigo Rei, não é? Um corvo numa coisa branca. A antiga bandeira de John!' O portador informou Stephen de que conhecia um lugar perto dali onde as pessoas ajudariam Stephen, mediante pagamento, a se desembaraçar de Firenze. Stephen subiu na boléia e o portador o levou a uma fazenda.

O fazendeiro, que nunca vira um homem negro na vida, ficou surpreso ao topar com criatura tão bizarra em suas terras. Apesar de todos os indícios em contrário, não conseguia acreditar que Stephen estivesse falando inglês. O portador, solidário com a confusão do fazendeiro, postou-se ao lado de Stephen, repetindo gentilmente tudo o que ele dizia para que o fazendeiro melhor o entendesse. Mas deu no mesmo. O fazendeiro não prestou atenção aos dois, estava simplesmente embasbacado com Stephen e fazendo comentários sobre ele com um de seus homens, igualmente fascinado. O fazendeiro perguntava-se se a cor preta se desprendia quando Stephen tocava as coisas e fez outras especulações de natureza ainda mais impertinente e desagradável. Todas as instruções de Stephen concernentes à remoção da carcaça de Firenze deram em nada, até que a esposa do fazendeiro chegou, voltando de um mercado vizinho. Ela era um tipo de pessoa bem diferente. No que lhe dizia respeito, um homem com roupas de qualidade e um cavalo valioso (embora morto) equivalia a um cavalheiro, qualquer que fosse sua cor. Mencionou a Stephen um comerciante de

carne de cavalo que recolhia os cavalos mortos da fazenda, desfazia-se da carne e vendia os ossos e os cascos para a fabricação de cola. Disse-lhe quanto o comerciante pagaria e prometeu providenciar tudo, se pudesse ficar com um terço do dinheiro. Stephen concordou.

Stephen e o portador saíram das terras da fazenda e tomaram a estrada.

- Obrigado - disse Stephen. - Teria sido muito mais difícil sem a sua ajuda. Vou recompensá-lo pelo contratempo, claro. Mas creio que vou incomodá-lo um pouco mais. Não tenho como voltar para casa. Eu lhe agradeceria muitíssimo se pudesse me levar até o posto mais próximo de entrega.

- Não! - disse o portador. - Pode guardar esta carteira, moço. Levo o senhor até Doncaster, e não vai lhe custar nada.

Na verdade, Stephen preferia ir para o próximo posto de entrega, mas o portador parecia tão contente de haver encontrado companhia que Stephen se mostraria mais gentil e agradecido se fosse com ele.

Percorrendo estradas rurais, a carroça prosseguia rumo a Doncaster aos poucos, e, vindo de curiosas direções, chegava a estalagens e vilarejos de surpresa. Entregaram uma armação de cama num lugar, um bolo de frutas noutra, e recolheram um sem-fim de pacotes de formas estranhas. Pararam uma vez num pequeno e isolado chalé que ficava atrás de uma cerca-viva alta no meio de um bosque. Lá receberam das mãos de uma criada velha uma gaiola pintada de preto, antiga e esquelética, que continha um canário muito pequeno. O portador informou Stephen de que o canário pertencia a uma senhora idosa que morrera, e que ele agora seria entregue à sua sobrinha-neta no sul de Selby.

Não muito depois de o canário ter sido guardado na parte de trás da carroça, Stephen sobressaltou-se com uma série de rancos estrondosos vindos de um mesmo lugar. Como parecia impossível que um barulho assim sonoro fosse produzido por uma ave tão pequena, Stephen concluiu que havia outra pessoa na carroça, alguém que ele ainda não tivera o privilégio de ver.

O portador tirou de uma cesta uma torta de carne de porco enorme e um naco de queijo. Cortou uma fatia da torta com uma faca grande e estava prestes a oferecê-la a Stephen quando foi assaltado por uma dúvida.

- Pretos comem as mesmas coisas que nós? - perguntou, como se pensasse que provavelmente comiam grama ou raios de luar.

- Sim - respondeu Stephen.

O portador deu a Stephen o pedaço da torta e um pouco de queijo.

- Obrigado. Seu outro passageiro não quer comer um pouco?

- Talvez. Quando acordar. Eu o recolhi em Ripon. Não tinha dinheiro. Achei que me faria companhia para conversar. No início mostrou-se bastante conversador, mas em Boroughbridge se deitou para dormir e desde então não faz outra coisa.

- É uma pena para o senhor.

- Não me incomodo. Agora tenho o senhor para conversar.

- Ele deve estar muito cansado - ponderou Stephen. - Continuou dormindo durante o tiro que liquidou meu cavalo, na visita àquele fazendeiro tolo, quando pegamos a cama, o canário... De fato, durante todos os acontecimentos do dia. Para onde ele está indo?

- Ele? Para lugar nenhum. Perambula de um lugar a outro. É perseguido por um sujeito famoso em Londres e não pode ficar muito tempo no mesmo lugar, senão o criado do sujeito pode alcançá-lo.

- É mesmo?

- Ele é azul - observou o portador.

- Azul? - disse Stephen, perplexo.

O portador confirmou com a cabeça.

- Como? Azul de frio? Ou foi espancado?

- Não, companheiro. Ele é azul como o senhor é preto. Ei! Tenho um moço preto e um sujeito azul na minha carroça! Nunca soube de alguém que tivesse isso! Agora, se ver um moço preto é boa sorte, o que deve ser, como gatos, então ver um moço preto e um sujeito azul juntos em algum lugar deve significar alguma coisa. Mas o quê?

- Talvez signifique mesmo alguma coisa - concordou Stephen -, mas não para o senhor. Talvez para ele. Ou para mim.

- Não, não pode ser - objetou o portador. - É comigo que está acontecendo.

Stephen refletiu sobre a bizarra cor do desconhecido.

- Ele tem alguma doença? - perguntou.

- Quem sabe - disse o portador, não querendo se comprometer.

Depois de comerem, o portador começou a cochilar e logo caiu num sono profundo, com as rédeas nas mãos. A carroça continuou serenamente ao longo da estrada, sob a capitania do cavalo, um animal com excelente senso e raciocínio.

Era uma viagem fatigante para Stephen. O triste exílio de Lady Pole e a perda de Firenze abatiam-lhe o ânimo. Ficou feliz por ser poupado da conversa do portador por algum tempo.

A certa altura, ouviu uma espécie de resmungo, o que sugeria que o homem azul estava acordando. De início não entendeu o que ele dizia, mas depois ouviu com clareza: "*O escravo sem nome será rei num país estranho*".

Isso fê-lo estremecer; lembrou-lhe convincentemente da promessa do cavalheiro de torná-lo rei da Inglaterra.

Escurecia. Stephen deteve o cavalo, desceu da boléia e acendeu os três lampiões velhos pendurados na carroça. Estava para voltar para a boléia quando

uma pessoa de aspecto descuidado e maltrapilho desceu de súbito da traseira da carroça, saltou no chão gélido e se pôs diante dele.

A pessoa de aspecto descuidado olhou para Stephen à luz dos lampiões.

- Já chegamos lá? - perguntou com voz rouca.

- Aonde? - perguntou Stephen.

O homem refletiu por um instante e depois resolveu reformular a pergunta. - Onde estamos?

- Em lugar nenhum. Creio que entre um lugar chamado Ulleskelf e outro chamado Thorpe Willowghby.

Embora tivesse solicitado a informação, o homem não pareceu muito interessado nela, quando lhe foi dada. Sua camisa suja estava aberta até a cintura e Stephen percebeu que a descrição que dele fizera o portador fora de natureza bastante enganosa. Ele não era azul da maneira que Stephen era negro. Era um homem magro, rapace, cuja pele, em estado natural, seria idêntica à de qualquer inglês; ela, porém, estava coberta com um estranho desenho de linhas, floreios, pontos e círculos azuis.

- Conhece John Childermass, o criado do mago? - perguntou.

Stephen ficou espantado, como ficaria qualquer um a quem tivesse sido dirigida a mesma pergunta duas vezes, em dois dias, por dois estranhos.

- Conheço-o de vista. Nunca falei com ele. .

O homem deu um sorriso largo e pestanejou.

- Faz oito anos que ele me procura. Ainda não me encontrou. Fui dar uma espiada na casa do patrão dele no condado de York. Fica num terreno ajardinado magnífico. Gostaria de ter roubado alguma coisa. Quando estive na casa dele, em Londres, comi algumas tortas.

Era um tanto desconcertante ver-se na companhia de um ladrão confesso, contudo Stephen não pôde deixar de sentir uma espécie de solidariedade com alguém que desejava roubar o mago. Afinal, não fosse por Mr. Norrell, Lady Pole e ele jamais teriam sido encantados. Enfiou a mão no bolso e tirou duas coroas.

- Tome! - disse.

- Por quê? - indagou o homem, desconfiado (mas mesmo assim pegou as moedas).

- Tenho pena do senhor.

- Por quê?

- Porque, se for verdade o que me disseram, o senhor não tem um lar.

O homem deu outro sorriso largo e coçou a bochecha suja.

- E, se for verdade o que me disseram, o senhor não tem um nome.

- Quê?

- Eu tenho um nome. Vinculus. - Agarrou a mão de Stephen. - Por que tenta me repelir?

- Não tentei - replicou Stephen.

- Tentou, sim. Agora mesmo.

Stephen hesitou.

- Sua pele está manchada e descorada. Ocorreu-me que as manchas pudessem indicar algum tipo de doença.

- Não é isso que minha pele significa - disse Vinculus.

- Significa? - retrucou Stephen. - É estranho que use essa palavra. Mas é verdade, a pele pode significar muitas coisas. A minha significa que qualquer homem pode me agredir em público sem temer pelas conseqüências. Significa que meus

amigos nem sempre gostam de ser vistos comigo na rua. Significa que, não importa quantos livros eu tenha lido ou quantos idiomas eu conheça, jamais serei outra coisa senão uma curiosidade, como um porco falante ou um cavalo matemático.

Vinculus deu um sorriso.

- E a minha significa o oposto. Significa que o senhor será elevado às alturas, o Rei Sem Nome. Significa que seu reino espera pelo senhor e que seu inimigo será destruído. Significa que a hora está próxima. *O escravo sem nome usará uma coroa de prata; o escravo sem nome será rei num país estranho...*

A seguir, prendendo com firmeza o braço de Stephen, Vinculus declamou a profecia inteira.

- Pronto - disse ao terminar. - Eu a anunciei aos dois magos e agora ao senhor. A primeira parte da minha tarefa está cumprida.

- Mas eu não sou um mago - replicou Stephen.

- Jamais disse que o senhor é - retrucou Vinculus. De modo inesperado, largou o braço de Stephen, embrulhou-se em seu casaco roto, mergulhou na escuridão que reinava para além dos lampiões e se foi.

Poucos dias depois, o cavalheiro de cabelos de algodão expressou o repentino desejo de assistir a uma caça a lobos, algo que aparentemente não fazia havia vários séculos.

Por acaso uma realizava-se no Sul da Suécia nesse momento, por isso logo ele se transportou com Stephen para o local. Stephen deparou consigo em cima de um galho de um carvalho antigo em meio a uma floresta nevada. Dali tinha uma excelente visão de uma pequena clareira onde um mastro de madeira fora fincado no chão. No alto do mastro havia uma antiga roda de carroça de madeira, em cima dela, um bode novo fora amarrado firmemente. Ele berrava muito.

Uma família de lobos saiu das árvores, com geada e neve obstruindo-lhes o pelame, o olhar faminto fixo no bode. Tão logo os lobos apareceram, ouviram-se cães em toda parte da floresta e vislumbraram-se cavaleiros aproximando-se a grande velocidade. Uma matilha ocupou a clareira; os dois primeiros cães de caça avançaram sobre um lobo e as três criaturas se transformaram num emaranhado de corpos, pernas e dentes que abocanhavam, rosnavam, mordiam e dilaceravam. Os caçadores chegaram a galope e mataram o lobo com um tiro. Os demais lobos fugiram para dentro da escuridão das árvores, perseguidos pelos cães e pelos caçadores.

Assim que o esporte terminava num lugar, o cavaleiro carregava a si e a Stephen pelo ar, por magia, para onde quer que provavelmente a caçada fosse melhor. Desse modo, foram seguindo de uma copa a outra de árvore, de uma colina a um afloramento rochoso. Uma vez voejaram até o alto de uma torre de igreja num vilarejo de casas de madeira, onde as janelas e as portas exibiam singulares formatos de contos de fada e os tetos estavam cobertos de uma neve em pó que reluzia à luz de sol.

Esperavam, num lugar silencioso do bosque, a aparição dos caçadores, quando um lobo passou pela árvore em que estavam. Era o mais vistoso de sua raça, com belos olhos pretos e um pêlo cor de ardósia molhada. Ele olhou para a árvore e se dirigiu ao cavaleiro num idioma que soava como o arrulho de água sobre pedras, o suspiro do vento por entre galhos desfolhados e a crepitação do fogo consumindo folhas secas.

O cavaleiro respondeu-lhe na mesma linguagem, a seguir soltou um riso indiferente e com a mão fez sinal para que se fosse.

O lobo lançou ao cavaleiro um olhar reprovador e partiu.

- Pediu-me que o salvasse - explicou o cavaleiro.

- E o senhor não poderia fazê-lo? Detesto ver essas criaturas nobres morrerem!

- Stephen de bom coração! - exclamou o cavalheiro com afeto. Mas, não salvou o lobo.

Stephen não gostava de modo algum da caça a lobos. Verdade que os caçadores eram corajosos e que seus cães eram fiéis e impetuosos, mas estas sucediam próximas demais da perda para que ele pudesse sentir prazer com a morte de um animal, sobretudo, de uma criatura tão forte e vistosa como o lobo.

Pensar em Firenze o fez lembrar que ainda não contara ao cavalheiro sobre o encontro com o homem de pele azul na carroça e sobre a profecia. Então contou.

- Mesmo?! Bem, é assaz surpreendente! - afirmou o cavalheiro.

- O senhor já tinha ouvido falar dessa profecia?

- Na verdade, sim! Conheço-a bem. Toda a minha raça conhece. É uma profecia de... - Nesse ponto o cavalheiro disse uma palavra que Stephen não entendeu. - A quem o senhor conhece mais pelo nome inglês de John Uskglass, o Rei Corvo. Mas não entendo como a profecia sobreviveu na Inglaterra. Não pensei que os ingleses ainda se interessassem por esses assuntos.

- O escravo sem nome! Bem, sou eu, senhor, não? E essa profecia aparentemente diz que serei rei!

- Bem, claro que será rei! Foi o que eu lhe disse, e nunca erro nessas questões. Mas, por mais que eu o estime, Stephen, essa profecia de forma alguma refere-se ao senhor. Quase toda ela é sobre a restauração da magia inglesa, e o trecho que o senhor declamou não se trata, na verdade, de uma profecia. O Rei está se recordando de que tomou posse de três reinos, um na Inglaterra, um no Reino Encantado e outro no Inferno. Por "escravo sem nome" refere-se a si mesmo. Ele era o escravo sem nome no Reino Encantado, o menininho cristão escondido no *brugh*, levado para lá por um ser mágico maligno que o raptara na Inglaterra.

Stephen sentiu-se estranhamente decepcionado, embora não soubesse por quê. Afinal, não desejava ser rei de lugar nenhum. Não era inglês; não era africano. Não pertencia a lugar algum. As palavras de Vinculus haviam lhe dado a breve

sensação de pertencer a alguma coisa, de ser parte de um plano e de ter um propósito pela frente. Mas fora tudo ilusório.

48. As Gravuras

Fim de Fevereiro, início de Março de 1816

- O senhor mudou. Fiquei impressionado ao vê-lo.

- Mudei? O senhor me surpreende. Talvez esteja um pouco mais magro, mas não me dei conta de alguma outra mudança.

- Não, transparece em seu rosto, em seu jeito, em... Alguma coisa.

Strange sorriu. Ou, melhor, crispou o rosto, o que Sir Walter interpretou como um sorriso. Sir Walter não conseguia de fato se lembrar de como era o sorriso dele.

- É a roupa preta - disse Strange. - Pareço sobras de um funeral, condenado a perambular pela cidade, assustando as pessoas, fazendo-as pensar em sua própria mortalidade.

Estavam no Bedford Coffee House, em Covent Garden, escolhido por Sir Walter por ser um lugar onde muitas vezes ficaram ligeiramente embriagados no passado e que, portanto, poderia animar Strange. Mas numa noite como essa até mesmo o Bedford carecia de animação. Lá fora, uma ventania ameaçadora e fria jogava as pessoas de um lado para outro e lançava uma chuva copiosa e ameaçadora sobre seus olhos. Ali dentro, salões repletos de cavalheiros desanimados e molhados produziam uma espécie de nevoeiro sombrio e familiar, que os garçons procuravam dispersar lançando doses extras de pás de carvão na lareira e fazendo os cavalheiros beberem mais copos de vinho quente condimentado.

Assim que entrou no salão, Sir Walter deparou com Strange a escrever freneticamente num caderninho. Com um sinal de cabeça, indicou o caderno e disse:

- Então não desistiu da magia?

Strange riu.

Sir Walter entendeu o riso como negativa, com o que ficou satisfeito, pois tinha em alta estima um homem com uma profissão e acreditava que uma ocupação estável e útil era capaz de curar muitas coisas que outros remédios não eram.

Entretanto, não apreciou muito a risada, uma exclamação amarga e dura que de Strange ele jamais ouvira.

- É que o senhor disse... - começou.

- Ah, eu disse uma infinidade de coisas! Todo tipo de idéias curiosas passaram pela minha cabeça. Excesso de pesar pode acarretar um bom acesso de loucura, assim como o excesso de qualquer outra coisa. Para falar a verdade, fiquei fora de mim por algum tempo. Para falar a verdade, estive algum tanto desvairado. Mas agora tudo passou, como vê.

Para falar a verdade, porém, Sir Walter não conseguia vê-lo.

Não era suficiente afirmar que Strange mudara. Em certo sentido, continuava igual. Sorria com a mesma freqüência de antes (embora não fosse exatamente o mesmo sorriso). Expressava-se no mesmo tom superficial e irônico de sempre (dando ao mesmo tempo a impressão de que mal prestava atenção às próprias palavras). Suas palavras e seu rosto eram como seus amigos se lembravam, com uma diferença: o homem que as pronunciava parecia representar um papel, enquanto seus pensamentos e seu coração estavam em outro lugar. Ele fitava a todos por trás de um sorriso sarcástico e ninguém sabia o que ele pensava. Parecia-se com um mago mais do que antes. Era algo curioso e ninguém sabia o sentido disso, mas de certa forma ele agora se assemelhava mais com Norrell.

Usava um anel de luto no anular da mão esquerda que continha uma fina mecha de cabelo castanho e Sir Walter percebeu que ele o tocava continuamente, girando-o no dedo.

Pediram um bom jantar, que consistia em tartaruga, três ou quatro bifés, um molho feito da gordura de um ganso novo, lampreias, filetes de ostras e uma pequena salada de beterraba.

- Alegra-me ter voltado - disse Strange. - Agora que estou aqui, pretendo

causar o máximo de danos possível. Norrell fez tudo do seu jeito por muito tempo.

- Ele já fica martirizado toda vez que mencionam seu livro. Vive perguntando às pessoas se estão a par do conteúdo.

- Ah, mas o livro é só o começo! E, ademais, faltam meses para que fique pronto. Teremos um novo periódico. Murray quer lançá-lo o quanto antes. Evidentemente será uma obra muitíssimo superior. Deverá se chamar *O Famulus* e se destina a divulgar os meus pontos de vista sobre magia.

- E são muito diferentes dos pontos de vista de Norrell?

- Mas claro! Minha idéia principal é examinar o assunto de forma racional, sem quaisquer das restrições e limitações que Norrell lhe impõe. Estou seguro de que essa revisão abrirá rapidamente novos caminhos que merecem ser explorados. Porque, quando se reflete sobre o assunto, o que significa, afinal, a nossa chamada restauração da magia inglesa? O que Norrell realizou de fato? Uma certa trama de ilusões com nuvens, chuva, fumaça *et cetera*, as coisas mais fáceis do mundo de realizar! Conferir vida e fala a objetos inanimados... Bem, admito que isso é de um requinte extremo. Enviar tempestades e mau tempo aos inimigos... Não posso deixar de registrar o quão simples é a magia que envolve clima. O que mais? Invocar visões... Bem, seria impressionante se um de nós conseguisse fazê-lo com alguma habilidade, mas não conseguimos. Agora, compare a lamentável avaliação da magia dos *Áureos!* Eles persuadiram aglomerados de sicômoros e carvalhos a se unirem a eles contra inimigos; das flores produziram esposas e criados para si mesmos; transformaram-se em camundongos, raposas, árvores, rios *et cetera*; fizeram navios de teias de aranha. Casas de roseiras...

- Sim, sim! - interrompeu Sir Walter. - Entendo que esteja impaciente por experimentar todos esses tipos de magia. Mas, embora não me agrada muito dizê-lo, parece-me que Norrell tem razão. Nem todos esses tipos de magia nos convém nos dias de hoje. Alterar formas era adequado no passado. Concordo que torna mais interessante uma história. Mas por certo, Strange, não deseja praticar uma magia como essa, deseja? Um cavalheiro não pode mudar sua própria forma. Um

cavalheiro desdenha parecer outra coisa que não ele mesmo. O senhor jamais desejaria aparecer na qualidade de um pasteleiro ou de um acendedor de lampião...

Strange riu.

- Pois então - disse Sir Walter - pense em como seria ainda pior um cão ou um porco!

**** Famulus: palavra latina que significa servo, principalmente criado de um mago.*

Sir Walter expressa uma preocupação corrente. Sempre se viu com desconfiança a magia da transformação. Os Áureos costumavam empregá-la em suas viagens ao Reino Encantado ou a outras terras além da Inglaterra. Tinham ciência de que a magia da transformação estava sujeita especialmente a utilizações desonestas. Por exemplo, em Londres, em 1232, a esposa de um fidalgo de nome Cecily de Walbrook encontrou um lindo gato de cor peltre arranhando a porta de seu quarto. Deixou-o entrar e deu-lhe o nome de Sir Loveday. Ele comia da mão dela e dormia na cama dela. Mais notável ainda, seguia-a por toda a parte, até a igreja, onde ficava enrodilhado na bainha de seu vestido, a ronronar. Um dia um mago de nome Walter de Chepe viu-a na rua com Sir Loveday. Logo suspeitou de algo. Abordou Cecily e disse: "Minha senhora, o gato que a acompanha, receio não ser um gato". Dois outros magos foram chamados, e Walter e eles lançaram encantamentos sobre Sir Loveday, que readquiriu sua forma verdadeira, a de um mago menor de nome Joscelin de Snitton. Pouco depois, Joscelin foi julgado pelo Petty Dragownes de Londres e condenado a ter a mão direita decepada.

- O senhor escolhe intencionalmente exemplos inferiores.

- Leão, então! Gostaria de ser um leão?

- Possivelmente. Talvez. Provavelmente não. Não se trata disso, porém! Concordo que a alteração de formas é um tipo de magia que exige manipulação

delicada, mas isso não quer dizer que não existe uma aplicação útil para ela. Pergunte ao Duque de Wellington se ele não teria gostado de poder transformar seus oficiais exploradores em raposas ou camundongos, para infiltrá-los nos acampamentos franceses. Asseguro-lhe que Sua Graça não se mostraria tão escrupuloso.

- Não creio que o senhor teria persuadido Colquhoun Grant a se transformar numa raposa.

- Ah! Grant não se importaria de ser uma raposa, desde que pudesse ser uma raposa de uniforme. Não, não, precisamos passar a concentrar a atenção nos *Áureos*. Muito mais energia deve ser aplicada ao estudo da vida e da magia de John Uskglass, e quando nós...

- Está aí algo que o senhor não deve fazer. Nem pense nisso.

- Do que está falando?

- Falo a sério, Strange. Nada tenho contra os *Áureos*, de modo geral. Com efeito, no todo, penso que o senhor está certo. Os ingleses têm grande orgulho da história antiga da magia, de Godbless, Stokesey, Pale e os demais. Não gostam de ler nos jornais que Norrell menospreza as realizações deles. Mas o senhor está sujeito a cair em erro oposto. Muita conversa sobre outros reis porá o governo nervoso. Principalmente porque estamos sujeitos a ser invadidos pelos johanitas a qualquer momento.

- Johanitas? Quem são eles?

- Quê? Deus meu, Strange! Nunca passa os olhos num jornal?

Strange pareceu um tanto embaraçado.

- Meus estudos me tomam boa parte do tempo. Todo o meu tempo, na verdade. E ademais, sabe, no último mês posso alegar distrações de toda natureza.

- Mas não me refiro a ocorrências do mês passado. Há quatro anos existem johanitas nos condados do Norte.

- Sim, mas quem são eles?

- São artesãos que invadem moinhos na calada da noite e destroem propriedades. Incendeiam casas dos donos das fábricas. Realizam reuniões nocivas, incitando as pessoas comuns a tumultos, saqueiam feiras livres.

- Ah, *destruidores de máquinas*. Sim, sim, me lembro agora. É que o senhor me induziu a erro com esse nome estranho. Mas o que os destruidores de máquinas têm a ver com o Rei Corvo?

- Muitos deles são ou, melhor, afirmam ser seus seguidores. Pintam o Corvo em Vôo em todas as paredes onde uma propriedade é destruída. Os capitães portam cartas de incumbência, dando a entender que são de John Uskglass, e dizem que ele aparecerá em breve para restaurar o reino em Newcastle.

- E o governo acredita neles? - perguntou Strange, boquiaberto.

- Claro que não! Não somos ridículos a esse ponto. Tememos, sim, algo bem mais rotineiro... Em suma, uma revolução. A bandeira de John Uskglass se agita em toda parte no Norte, de Nottingham a Newcastle. Evidentemente temos nossos espões e informantes, que nos relatam o que fazem e pensam esses indivíduos. Ah, não digo que todos acreditam no retorno de John Uskglass. A maioria é tão racional como o senhor ou eu. Mas estão cientes da força de seu nome entre as pessoas comuns. Rowley Fisher-Drake, representante de Hampshire no Parlamento, apresentou um projeto de lei propondo a ilegalidade de se invocar o Corvo em Vôo. Mas não podemos proibir as pessoas de agitar bandeiras, a bandeira de seu rei legítimo. - Sir Walter suspirou e cutucou com o garfo um bife no prato. - Em outros países - acrescentou - há histórias de reis prontos para retornar em épocas de grande necessidade. Só na Inglaterra isso está na Constituição.

Strange brandiu o garfo com impaciência na direção do ministro.

- Mas tudo isso é política. Nada tem a ver comigo. Não vou reivindicar o restabelecimento do reino de John Uskglass. Meu único desejo é examinar, de maneira calma e racional, suas realizações como mago. Como poderemos restaurar a magia inglesa antes de entendermos o que deve ser restaurado?

- Então estude os *Áureos*. Deixe John Uskglass na obscuridade em que Norrell o colocou.

Strange meneou a cabeça e comentou:

- Norrell indispôs os senhores contra John Uskglass. Enfeitiçou a todos.

Comeram em silêncio por algum tempo e depois Strange disse:

- Já lhe contei que há um retrato dele no Castelo de Windsor?

- Retrato de quem?

- De Uskglass. Uma cena imaginária pintada na parede de um dos salões nobres por um pintor italiano. Mostra Eduardo III e John Uskglass, o rei guerreiro e o rei mago sentados lado a lado. Já faz quase quatrocentos anos desde que John Uskglass saiu da Inglaterra e os ingleses ainda não se decidiram se o adoram ou o odeiam.

-Ah! - exclamou Sir Walter. - No Norte sabem exatamente o que pensar dele. Se pudessem, trocariam o governo de Westminster pelo governo dele amanhã.

Mais ou menos uma semana depois, foi lançada a primeira edição de *O Famulus* e, devido à natureza sensacional de um dos artigos, a tiragem se esgotou em dois dias. Mr. Murray, que logo publicaria o primeiro volume de *História e Prática da magia inglesa*, de Strange, encheu-se da alegre expectativa de alcançar grandes lucros. O artigo que tanto entusiasmou o público era uma descrição de como magos podem invocar os mortos com o propósito de obter deles informações úteis. Tal assunto escandaloso (mas extremamente interessante) causou tamanha comoção que várias damas jovens desmaiavam só em tomar conhecimento de que havia um exemplar de *O Famulus* em sua casa. Ninguém imaginou que Mr. Norrell aprovaria uma publicação como essa, por isso todos que antipatizavam com ele tiveram um prazer especial em comprar um exemplar.

Na Praça Hanover, Mr. Lascelles lia em voz alta para Mr. Norrell.

- "... Onde o mago é deficiente em habilidade e conhecimento - e isso inclui todos os magos modernos, tendo o nosso Gênio Nacional em tais assuntos decaído lamentavelmente em comparação a seus tempos passados - seria mais aconselhável invocar o espírito de alguém que foi na vida um mago ou ao menos teve algum talento para a arte. Pois, se estamos seguros do caminho, é melhor convocar alguém de posse de um pouco de conhecimento e que esteja capacitado, por assim dizer, para nos encontrar a meio caminho".

- Ele arruinará tudo! - exclamou Norrell com uma irritação descontrolada. - Está resolvido a me destruir!

- É decerto enervante - observou Lascelles com toda a calma do mundo -, e depois de jurar a Sir Walter que tinha abandonado a magia quando a esposa morreu.

**** O povo comum da Inglaterra do Norte achava que vinha sofrendo bastante nos últimos anos, e tinha motivos para acreditar nisso. A pobreza e a falta de emprego somaram-se ao sofrimento generalizado que a guerra contra os franceses acarretara. Depois, quando a guerra terminou, outra ameaça à felicidade surgiu: novas e extraordinárias máquinas capazes de produzir economicamente todo tipo de mercadorias causaram desemprego. Não é de admirar, portanto, que alguns indivíduos tenham se disposto a destruir essas máquinas, numa tentativa de preservar sua subsistência.*

**** Não há melhor ilustração do que esta da curiosa relação que o governo de Londres mantinha com a metade norte do reino. O governo representava o rei da Inglaterra, mas o rei da Inglaterra era apenas rei da metade Sul. Do ponto de vista legal, ele era o intendente da parte Norte que sustentava o império da lei até a época em que John Uskglass resolvesse retornar.*

**** Naturalmente, em diferentes períodos, surgiram embusteiros alegando ser John Uskglass e tentando retomar o reino da Inglaterra do Norte. O mais célebre*

deles foi um jovem de nome Jack Pharaoh, coroado na Catedral de Durham em 1487. Recebera apoio de um grande número de fidalgos do Norte e também de uns poucos seres mágicos que haviam permanecido na cidade de Newcastle do Rei. Pharaoh era um homem bem-apeçoado, de porte majestoso. Realizava magias simples e seus auxiliares mágicos logo faziam outras mais sempre que ele estava presente, atribuindo-as a ele. Era filho de dois magos errantes. Quando ainda menino fora visto numa feira pelo Conde de Hexham, que percebeu nele uma surpreendente semelhança com as descrições de John Uskglass. Hexham deu sete xelins aos pais pelo menino. Pharaoh nunca mais tornou a vê-los. Hexham o manteve num local secreto na Inglaterra do Norte, onde foi treinado nas artes régias. Em 1486, o conde apresentou Pharaoh e ele iniciou seu breve reinado como rei da Inglaterra do Norte. O problema era que muitas pessoas sabiam do embuste. Pharaoh e Hexham logo se indispuseram. Em 1490, Hexham foi morto por ordem de Pharaoh. Os quatro filhos de Hexham uniram-se a Henrique VII da Inglaterra do Sul para atacar Pharaoh, e na Batalha de Worksop, em 1493, Pharaoh viu-se derrotado. Foi trancafiado na Torre de Londres e executado em 1499.

Outros embusteiros a obter um êxito razoável foram Piers Blackmore e Davey Sans-chaussures. Este último era conhecido apenas como o Rei Verão, pois jamais se descobriu sua verdadeira identidade. Apareceu pela primeira vez perto de Sunderland em maio de 1536, pouco depois de Henrique VIII ter dissolvido os mosteiros. Acredita-se que tenha sido monge de uma das maiores abadias do Norte, Fountains, Rievaulx ou Hurtlefrew. O Rei Verão diferia de Pharaoh e de Blackmore por não ter recebido apoio da aristocracia do Norte e tampouco ter tentado obtê-lo. Seu interesse era pela gente comum. De certa maneira, sua carreira foi mais mística do que mágica. Ele curava os enfermos e ensinava seus seguidores a venerarem a natureza e as criaturas selvagens, um credo que parece mais próximo dos ensinamentos do mago do século XII, Thomas Godbless, do que de qualquer coisa proposta por John Uskglass. Seu bando de seguidores andrajosos não tentou capturar Newcastle nem o que quer que fosse. Durante o verão de 1536, erraram pela Inglaterra do Norte, conquistando partidários onde apareciam. Em setembro, Henrique VIII enviou um exército contra eles. Não estavam preparados para lutar. Muitos fugiram para casa, mas alguns ficaram,

combateram pelo rei e foram massacrados em Pontefract. É possível que o Rei Verão estivesse entre os mortos ou tivesse simplesmente desaparecido.

**** A consulta a magos mortos pode parecer sensacionalista, mas se trata de um procedimento mágico com um histórico perfeitamente respeitável. Martin Pale afirmou ter aprendido magia com Catherine de Winchester (discípula de John Uskglass). Catherine de Winchester morreu duzentos anos antes do nascimento de Martin Pale. Diz-se que o próprio John Uskglass teve conversações com Merlin, a Feiticeira de Endor, Moisés, Aarão, José de Arimatéia e outros magos veneráveis e antigos.*

- Ah! Nós todos podemos morrer, metade de Londres pode ser arrasada, mas Strange jamais deixará de praticar magia, está além dele. É um mago rematado para se dispor a parar. E a magia que fará é maligna... E não sei como impedi-lo!

- Por favor, acalme-se, Mister Norrell- disse Lascelles -, estou certo de que algo logo lhe ocorrerá.

- Quando o livro será publicado?

- De acordo com os anúncios de Murray, o primeiro volume sairá em agosto.

- O primeiro volume!

- Ah, sim! Não sabia? Será uma obra em três volumes. O primeiro apresenta ao público a história completa da magia inglesa. O segundo oferece um entendimento preciso da natureza da magia e o terceiro fornece os fundamentos para a prática futura.

Mr. Norrell resmungou em voz alta, baixou a cabeça e escondeu o rosto nas mãos.

- Claro que - disse Lascelles, pensativo -, mesmo malicioso como o texto sem dúvida será, o que considero ainda mais alarmante são as gravuras...

- Gravuras?! - exclamou Mr. Norrell, horrorizado. - Que gravuras?

- Ah - respondeu Lascelles -, Strange descobriu um certo imigrante que estudou com os melhores mestres da Itália, França e Espanha, e está pagando uma soma de dinheiro excessiva para que ele faça as gravuras.

- Mas do que elas tratam? Qual é o assunto?

- Qual? - replicou Lascelles com um bocejo. - Não tenho a menor idéia. - Tornou a pegar O *Famulus* e pôs-se a lê-lo em silêncio.

Mr. Norrell perdeu-se em pensamentos durante algum tempo, roendo a unha dos dedos. Dali a pouco tocou o sino e mandou chamar Childermass.

No leste da cidade de Londres fica o subúrbio de Spitalfields, famoso por ser um lugar onde se confeccionam excelentes tecidos de seda. Não existe, nem jamais existirá, seda de tão boa qualidade produzida em qualquer outro lugar da Inglaterra que não Spitalfields. No passado, casas boas foram construídas para acomodar negociantes, tecelões-mestres e tintureiros de seda que prosperavam com o comércio. Mas, conquanto a seda produzida nos sótãos dos tecelões de hoje seja em tudo tão extraordinária como sempre foi, Spitalfields em si mesmo está bastante decadente. As casas tornaram-se sujas e miseráveis. Os negociantes ricos se mudaram para Islington, Clerkenwell e (caso sejam realmente ricos) para a paróquia de Mary le Bone, no oeste. Hoje, o subúrbio de Spitalfields é habitado por gente humilde e pobre, assolada por rapazotes, ladrões e outros inimigos da paz dos cidadãos.

Num dia muito sombrio, em que uma chuva fria e cinzenta caía nas ruas sujas, fazendo poças na lama, uma carruagem seguiu pela Rua Elder em Spitalfields e deteve-se em frente a uma casa elegante e alta. O cocheiro e o lacaio que estavam na carruagem trajavam luto. O lacaio saltou da boléia, abriu um guarda-chuva preto e abriu a porta para Jonathan Strange sair.

Strange demorou-se um pouco na calçada a fim de ajustar as luvas pretas e olhar de um lado para outro da Rua Elder. Afora dois cães vira-latas que escavavam

com diligência um monte de lixo, a rua estava vazia. Entretanto continuou a olhar em volta, até que seus olhos foram atraídos por uma entrada no outro lado da rua.

Era uma entrada comum, a do depósito de um mercador ou coisa assim. Três degraus gastos levavam a uma sólida porta preta de construção respeitável, coroada por um enorme frontão triangular saliente. A porta estava forrada de cartazes e avisos informando que em tal e tal dia e em tal e tal taberna toda a propriedade de Mr. Fulano (Falido) estaria à venda.

- George - disse Strange ao laçao que segurava o guarda-chuva -, o senhor desenha?

- Como disse senhor?

- Alguma vez aprendeu a desenhar? Entende os princípios do desenho? Planos de fundo, projeções, perspectiva, esse tipo de coisa?

- Eu, senhor? Não, senhor.

- É uma pena. Fez parte de minha instrução. Eu poderia lhe desenhar uma paisagem ou um retrato bastante competente e bastante desinteressante. Tal qual as produções de qualquer outro *amateur* bem treinado. Sua falecida patroa não tinha nenhuma das qualidades dos caríssimos professores de desenho que eu tive, porém, creio, seu talento era maior. As aquarelas que pintou de adultos e crianças horrorizariam um mestre do desenho moderno. Ele julgaria as figuras duras em excesso e as cores muito brilhantes. Mas Mrs. Strange tinha o dom de capturar expressões de rosto e corpo, de encontrar encanto e agudeza nas situações mais comuns. Há em seus quadros algo ao mesmo tempo vívido e bonito que... - interrompeu-se e se calou por um momento. - Mas o que eu dizia? Ah, sim. O desenho ensina o sempre útil hábito da observação atenta. Aquela entrada, por exemplo...

O laçao olhou para a entrada.

- ... Hoje está um dia frio, escuro, chuvoso. Há pouca luz e, portanto, nenhuma sombra. Deveríamos esperar que o interior daquela entrada estivesse mal iluminado

e sombrio; que não houvesse aquela sombra... Refiro-me à sombra acentuada que vai da esquerda para a direita, deixando às escuras o lado esquerdo da entrada. E creio estar certo ao dizer que, mesmo que fosse um dia claro de sol, uma sombra incidiria na direção oposta. Não, aquela sombra é uma raridade. Não é algo próprio da Natureza.

O laçao olhou para o cocheiro em busca de ajuda, mas este, decidido a não se envolver, fitou a distância.

- Entendo senhor - disse o laçao.

Strange continuou a observar a entrada com a mesma expressão de interesse pensativo. A seguir, chamou:

- Childermass! É o senhor?

Por um instante nada ocorreu, mas depois a sombra escura que Strange tanto objetara se mexeu. Saiu da entrada como um lençol molhado que se puxa de uma cama e, ao fazê-lo, modificou-se, encolheu-se, alterou-se e se transformou num homem: John Childermass.

Childermass sorriu seu sorriso irônico.

- Bem, não esperava permanecer escondido do senhor por muito tempo.

Strange respondeu com desdém.

- Tenho esperado pelo senhor há uma semana ou mais. Por onde andou?

- Só ontem meu patrão me enviou.

- E como vai seu patrão?

- Ah, mal, senhor, muito mal. Vive atormentado por resfriados e dores de cabeça, tremores dos membros. Todos os seus sintomas habituais de quando alguém o aborrece. E ninguém o aborrece mais do que o senhor.

- Alegra-me saber.

- A propósito, senhor, preciso lhe dizer: tenho um dinheiro para o senhor na Praça Hanover. Seus honorários do Ministério do Tesouro e da Marinha referentes ao último trimestre de mil oitocentos e catorze.

Strange arregalou os olhos, surpreso.

- E Norrell tenciona realmente me dar a parte que me cabe? Imaginei que esse dinheiro estivesse perdido para sempre.

Childermass sorriu.

- Mister Norrell nada sabe a respeito. Devo trazer o dinheiro esta noite?

- Decerto. Não estarei em casa, mas entregue a Jeremy. Diga-me, Childermass, estou curioso. Mister Norrell sabe que o senhor anda por aí se fazendo invisível e se transformando em sombra?

- Ah, adquiri um pouco de habilidade aqui e acolá. Sirvo Mister Norrell há vinte e seis anos. Eu seria um sujeito muito tolo se não tivesse aprendido coisa alguma.

- Sim, claro. Mas não foi isso que perguntei. Norrell sabe?

- Não, senhor. Desconfia, mas prefere não saber. Um mago que passa a vida numa sala repleta de livros precisa de alguém que circule por ele no mundo. Há limites para o que se pode descobrir numa bacia de prata cheia d'água. O senhor sabe disso.

- Hum... Bem, vamos, homem! Veja o que foi enviado para ver!

O aspecto da casa era de negligência e de quase abandono. As janelas e a pintura estavam muito encardidas e as venezianas recolhidas. Strange e Childermass esperaram na calçada enquanto o lacaio batia à porta. Strange estava debaixo do guarda-chuva e Childermass indiferente à chuva que caía sobre ele.

Nada aconteceu durante algum tempo; depois algo fez o lacaio olhar para o terreno mais abaixo e ele começou a conversar com alguém que ninguém conseguia ver. Quem quer que fosse a pessoa, o lacaio de Strange não a tinha em alta conta;

sua cara fechada, seu jeito de ficar com as mãos na cintura, a maneira de admoestá-la, tudo revelava uma severa impaciência.

Depois de algum tempo, a porta foi aberta por uma criada muito pequena, muito suja e muito assustada. Jonathan Strange, Childermass e o lacaio entraram e, ao fazerem-no, baixaram o olhar para fitá-la; ela, pobrezinha, ficou apavorada por ser observada por tantas pessoas altas e de aspecto importante.

Strange não se deu o trabalho de pedir à criada miúda que fosse anunciá-lo, pois parecia improvável que conseguissem persuadi-la a fazê-lo. Em vez disso, ordenando que Childermass o seguisse, Strange subiu a escada e entrou direto em um dos cômodos. Lá, na luz obscura gerada por muitas velas que ardiam numa espécie de nevoeiro, pois a casa dava a impressão de produzir seu próprio clima, encontraram o gravador, M. Minervois, e seu assistente, M. Forcalquier.

M. Minervois não era um homem alto; era de compleição franzina. Tinha cabelo comprido, tão fino, escuro, lustroso e sedoso como uma madeixa de seda marrom. Roçava-lhe os ombros e caía-lhe no rosto toda vez que se debruçava sobre o trabalho, o que ocorria quase o tempo inteiro. Também seus olhos eram notáveis: grandes, suaves e castanhos, sugerindo origens sulistas. A fisionomia de M. Forcalquier formava um surpreendente contraste com a extrema beleza do patrão. Tinha um rosto ossudo e olhos encovados, a cabeça raspada coberta de pêlos claros. Entretanto, apesar do aspecto cadavérico, quase esquelético, tinha um temperamento muitíssimo cortês.

Embora fossem refugiados da França, a distinção entre um refugiado e um inimigo era demasiado sutil para a gente de Spitalfields. M. Minervois e M. Forcalquier eram considerados espiões franceses. Sofriam bastante por causa dessa injusta reputação: bandos de garotos e garotas de Spitalfields tinham como diversão predileta de seus feriados atocaiar os dois franceses, espancá-los e fazê-los rolar na terra, um artigo especialmente abundante em Spitalfields. Em outros dias, os vizinhos dos franceses descarregavam seus sentimentos contra eles por meio de hostilidades e vaias e recusando-se a lhes vender qualquer coisa que quisessem ou de que necessitassem. Strange fora de algum auxílio ao atuar como mediador entre M. Minervois e seu senhorio, ao expor argumentos para que este

entendesse mais o caráter e a situação de M. Minervois e ao enviar Jeremy Johns para todas as tabernas da vizinhança a fim de beber gim e entabular conversa com os nativos do lugar, e de tornar conhecido que os franceses eram protegidos de um dos dois magos ingleses, "e", disse Strange, erguendo um dedo para Jeremy ao instruí-lo, "se responderem que Norrell é o maior dos dois, ignore, mas diga-lhes que minha paciência é mais curta e que sou bem mais sensível ao desrespeito para com meus amigos". M. Minervois e M. Forcalquier ficaram gratos a Strange pelo esforço, mas, dadas as péssimas circunstâncias, concluíram que o melhor amigo que tinham era o conhaque, ingerido com rigorosa regularidade ao longo de todos os dias.

Encerravam-se na casa da Rua Elder. As persianas mantinham-se fechadas dia e noite contra a inospitalidade de Spitalfields. Viviam e trabalhavam à luz de velas e havia muito tinham rompido relações com os relógios. Surpreenderam-se ao ver Strange e Childermass, uma vez que pensavam estar no meio da noite. Tinham uma criada - a jovem órfã miúda e de olhos arregalados - que não os entendia, que sentia muito medo deles e cujo nome eles desconheciam. Mas, de um jeito altivo e negligente, os dois homens eram gentis para com ela e lhe deram um quartinho com um colchão de penas e lençóis, de forma que ela julgava a casa sombria um verdadeiro paraíso. Sua principal tarefa era lhes comprar comida, conhaque e ópio, que dividiam com ela, guardando o conhaque e o ópio para si mesmos, mas dando-lhe grande parte dos alimentos. Ela também buscava água, que esquentava para eles tomarem banho e fazerem a barba, pois ambos eram bastante vaidosos. Eram, porém, indiferentes à sujeira e à desordem da casa, o que vinha a propósito, pois a pequena órfã sabia cuidar de uma casa tanto quanto sabia hebraico antigo.

Folhas de papel grosso espalhavam-se por todos os tapetes manchados de tinta. Pratos de peltre continham cascas velhas de queijo e potes continham penas e pedaços de carvão. Havia um maço de aipo que convivera por muito tempo, e com muita promiscuidade, com os carvões para que pudesse estar com boa saúde. Viam-se gravuras e desenhos presos com alfinete em todas as partes do apainelamento e do papel de parede encardido e escuro - um de Strange era particularmente bom.

Nos fundos da casa, num quintalzinho enferruscado, havia uma macieira que já fora uma árvore de campo - até a Londres cinzenta chegar e engolir todas as suas

aprazíveis vizinhas verdejantes. Certa vez, num acesso de zelo, uma pessoa desconhecida que morava na casa colheu todas as maçãs da árvore e as depositou no parapeito de todas as janelas, onde ali permaneceram por vários anos, tornando-se, primeiro, maçãs velhas, depois cadáveres de maçãs intumescidos e finalmente meros fantasmas de maçãs. Havia um odor bastante distinto no lugar - uma combinação de tinta, papel, carvão mineral, conhaque, ópio, maçãs podres, velas, café, tudo mesclado com o perfume singular exalado por dois homens que trabalham dia e noite num espaço assaz confinado e que nunca, em circunstância alguma, podem ser induzidos a abrir uma janela.

A verdade era que Minervois e Forcalquier com freqüência se esqueciam de que existiam lugares como Spitalfields ou França na face da terra. Viviam dias e dias no pequeno universo das gravuras do livro de Strange, e estas eram realmente estranhas.

Mostravam longos corredores construídos mais de sombras que de outra coisa. Aberturas escuras nas paredes sugeriam outros corredores, de forma que as gravuras aparentavam ser do interior de um labirinto ou algo assim. Algumas mostravam degraus largos que levavam até canais subterrâneos escuros. Havia desenhos de uma vasta charneca escura, atravessada por uma estrada sinuosa e tristonha. O observador tinha a impressão de olhar para esse cenário de uma grande altitude. Além, muito além e à frente dessa estrada havia uma sombra - não mais que um arranhão na pálida superfície da estrada -, mas demasiado distante para se poder dizer que era de um homem, de uma mulher ou de uma criança, ou mesmo de um ser humano; de algum modo, porém, sua aparição naquele espaço vazio era inquietante.

Uma gravura mostrava uma ponte solitária que se estendia por um vazio imenso e enevado - talvez o próprio céu. Embora a ponte fosse construída com as mesmas pedras maciças dos corredores e canais, em cada lado escadas minúsculas desciam serpeantes, aferradas às enormes colunas da ponte. As escadas tinham um aspecto frágil, construídas com muito menos habilidade do que a ponte, mas havia inúmeras delas serpeando para baixo através das nuvens, só Deus sabe até onde.



Strange se debruçou sobre essas coisas, com uma concentração que rivalizava com a do próprio Minervois, a objetar, criticar e propor. Strange e os dois gravadores conversaram em francês. Para surpresa de Strange, Childermass entendeu perfeitamente e até fez umas duas perguntas a Minervois na língua dele. Childermass, contudo, falava um francês com um sotaque tão forte de nativo do condado de York que Minervois não entendeu e perguntou a Strange se Childermass era holandês.

- É claro - comentou Strange para Childermass - que eles tornam estas cenas muito romanas, parecidas com as obras de Palladio e Piranesi, entretanto não podem evitá-lo, é a formação deles. Sabe, não se pode fugir da sua formação. Na qualidade de mago, jamais serei completamente Strange ou, ao menos, não apenas Strange... Tenho muito de Norrell.

- Então foi isso o que viu nas estradas do Rei? - indagou Childermass.

-Sim.

- E que país a ponte atravessa?

Strange olhou para Childermass com ironia.

- Não sei, mago. Qual é sua opinião?

Childermass encolheu os ombros.

- Imagino que seja o Reino Encantado.

- Talvez. Mas começo a crer que o que chamamos de Reino Encantado provavelmente sejam vários países. Poderíamos também chamá-lo de "Outro Lugar" e o significado seria o mesmo.

- Esses lugares ficam longe?

- Não muito. Fui de Covent Garden para lá e vi todos eles no período de uma hora e meia.

- Foi difícil a magia?

- Não, na verdade não.

- E me dirá o que foi?

- Com muito boa vontade. É necessário um encantamento de revelação... Usei Doncaster. E outro de dissolução, para desfazer a superfície do espelho. Há encantamentos de dissolução sem conta nos livros que li, mas, no meu entender, são absolutamente inúteis, por isso me vi obrigado a criar o meu... Posso anotá-lo para o senhor, se quiser. Por fim, é necessário pôr esses dois encantamentos dentro de um encantamento abrangente de procura de caminho. Isso é importante, pois, do contrário, não vejo como poderia jamais retornar. Strange fez uma pausa e fitou Childermass. - Está me entendendo?

- Perfeitamente, senhor.

- Ótimo. - Depois de uma pausa breve, Strange disse: - Já não é

hora, Childermass, de deixar de servir Mister Norrell e ficar comigo? Não há mais necessidade dessa tolice de ser criado. O senhor seria simplesmente meu discípulo e meu assistente.

Childermass riu.

- Ah, ah! Obrigado, senhor. Obrigado! Mas ainda não. Mister Norrell e eu ainda temos nossas pendências. E, ademais, acho que eu seria um péssimo discípulo, pior do que o senhor.

Strange, sorrindo, refletiu um pouco.

- É uma boa resposta - disse afinal -, mas receio que não o bastante. Não acredito que o senhor apóie realmente a posição de Mister Norrell. Um único mago na Inglaterra! Uma única opinião sobre magia! O senhor não concorda com isso, concorda? Existe ao menos tanta oposição em seu caráter como no meu. Por que não fazer oposição junto comigo?

- Mas nesse caso eu seria obrigado a concordar com o senhor, não seria? Não sei como o senhor e Norrell terminarão. Perguntei às minhas cartas, mas a resposta parece oscilar de um lado e de outro. O que está por vir é por demais complexo para que as cartas expliquem com clareza e não encontro a pergunta certa para fazer a elas. Digo-lhe o que vou fazer. Eu lhe farei uma promessa. Se o senhor perder e Mister Norrell vencer, então deixarei de servir a ele. Defenderei sua causa, opor-me-ei a ele com todas as forças e encontrarei argumentos para exasperá-lo, e então ainda haverá dois magos na Inglaterra e duas opiniões sobre magia. Mas, se ele perder e o senhor vencer, farei o mesmo pelo senhor. Isso basta?

Strange sorriu.

- Sim, basta. Volte para Mister Norrell e lhe apresente meus respeitos. Diga-lhe que espero que se sinta satisfeito com as respostas que dei ao senhor. Se ele desejar saber algo mais, estarei em casa amanhã por volta das quatro horas.

- Obrigado, senhor. Foi muito franco e sincero.

- E por que não seria? Norrell é quem gosta de guardar segredos, não eu. Eu nada disse ao senhor que não esteja em meu livro. Dentro de mais ou menos um mês, todos os homens, todas as mulheres e todas as crianças do reino poderão ler a respeito e tirar as próprias conclusões. Realmente não vejo o que Norrell possa fazer para impedi-lo.

49. Impetuosidade e Loucura

Março de 1816

Alguns dias após a visita aos gravadores, Strange convidou Sir Walter e Lorde Portishead para um jantar. Ambos os cavalheiros haviam jantado com Strange em várias outras ocasiões, mas esta era a primeira vez que entravam na casa na Praça Soho desde a morte de Mrs. Strange. Encontraram-na lamentavelmente mudada. Strange parecia ter retornado a seus antigos hábitos de solteiro. Mesas e cadeiras iam desaparecendo rapidamente sob pilhas de papéis. Capítulos inacabados do livro achavam-se por toda parte da casa e havia anotações até mesmo no papel de parede da sala de estar.

Sir Walter começou a tirar uma pilha de livros de uma cadeira.

- Não, não! - exclamou Strange. - Não toque neles! Estão numa ordem específica.

- Mas onde posso me sentar? - indagou Sir Walter, com certa perplexidade.

Strange emitiu um leve som irritado, como se fosse uma pergunta muito pouco razoável. Apesar disso, removeu os livros e só uma vez se distraiu enquanto o fazia, pondo-se a ler um deles. Tão logo leu o trecho inteiro duas vezes e o anotou no papel de parede, voltou a dar atenção aos convidados.

- Folgo em vê-lo novamente, milorde - disse a Portishead. - Andei indagando a todos acerca de Norrell tanto quanto, creio, ele andou indagando de mim. Espero que o senhor tenha muitas coisas a me dizer.

- Pensei que já lhe tivesse contado tudo a esse respeito - observou Sir Walter em tom queixoso.

- Sim, sim. O senhor me contou onde Norrell esteve, com quem conversou e que todos os ministros o estimam, mas pergunto a Sua Senhoria sobre *magia* e o

que entende sobre magia mal...

- ... Encheria um centímetro quadrado de papel de parede? - sugeriu Sir Walter.

- Exatamente. Vamos, milorde. Diga-me. O que Mister Norrell anda fazendo?

- Bem - disse Lorde Portishead -, a pedido de Lorde Liverpool, ele tem trabalhado numa magia para ajudar a guarda a impedir que Napoleão Bonaparte escape novamente e tem estudado os *Discursos sobre o reino da luz e o reino das trevas*. Acredita ter feito algumas descobertas.

- E do que tratam? - perguntou Strange com inquietação. - Algo novo nos *Discursos*?

- Algo que ele encontrou na página 72 da edição de Cromford. Uma nova aplicação do encantamento de invocação da morte. Não entendo muito bem. Mr. Norrell parece pensar que o princípio pode ser adaptado para curar doenças em seres humanos e animais, ao se invocar a doença, para que deixe o corpo, como se fosse um demônio.

- Ah, *isso*? - exclamou Strange com alívio. - Sim, sim! Agora sei o que o senhor quer dizer. Fiz essa conexão em junho passado. Pois então Norrell acaba de chegar a ela, não é? Ah, excelente!

- Muita gente se surpreendeu com o fato de ele não ter aceitado outro discípulo depois do senhor - continuou Lorde Portishead -, e sei que ele recebeu várias propostas. Mas, rejeitou todas elas. De fato, não acredito que tenha sequer falado com os jovens em questão ou lhes respondido as cartas. Os critérios dele são tão exigentes que ninguém chega ao nível do senhor.

Strange sorriu.

- Bem, tudo exatamente como eu esperava. Ele mal pode suportar a existência de um segundo mago. Um terceiro provavelmente lhe seria a morte. Em breve levarei vantagem sobre ele. No embate para decidir o caráter da magia inglesa, os lados se estabelecerão de forma desigual. Haverá somente um mago norrellita e inúmeros magos strangitas. Ou pelo menos tantos quantos eu puder instruir. Estou pensando

em designar Jeremy Johns como uma espécie de anti Childermass. Poderá viajar pelo país à procura de todas as pessoas que Norrell e Childermass persuadiram a abandonar o estudo da magia, para que possamos tê-las de volta. Já mantive conversações com vários jovens. Dois ou três deles são muito prometedores. O segundo filho de Lorde Chaldecott, Henry Purfois, leu livros de quarta categoria sobre magia e biografias de quinta sobre magos. Isso torna a conversa com ele um tanto enfadonha, mas não se pode culpá-lo por isso, pobre rapaz. Depois há William Hadley-Bright, que era um dos ajudantes-de-ordens de Wellington em Waterloo, e um homenzinho curioso chamado Tom Levy, que no momento trabalha como professor de dança em Norwich.

- Professor de dança? - indagou Sir Walter, franzindo o cenho. - Mas será esse tipo de pessoa que devemos incentivar para a prática da magia? Certamente é uma profissão que deveria ser reservada a cavalheiros, não?

- Não vejo por quê. E, ademais, gosto muito de Levy. De todas as pessoas que conheci nesses anos todos, ele é a primeira que encara a magia como algo a ser desfrutado... E também é o único dos três que conseguiu aprender alguma magia prática. Fez com que da moldura daquela janela ali brotassem ramos e folhas. Imagino que os senhores estejam se perguntando por que ela se encontra nessa estranha condição.

- Para falar a verdade - retrucou Sir Walter -, a sala está repleta de coisas estranhas que eu ainda não havia notado.

- Claro que a intenção de Levy não era essa - explicou Strange -, mas depois de lançar a magia não conseguiu desfazê-la, tampouco eu. Acho que tenho de pedir a Jeremy que arrume um carpinteiro para consertá-la.

- Alegra-me que tenha encontrado tantos jovens que se ajustem ao senhor - disse Sir Walter. - É um bom agouro para a magia inglesa.

- Tenho também vários pedidos de moças - replicou Strange.

- Moças! - exclamou Lorde Portishead.

- Claro! Não há por que não estudarem magia. Este é mais um dos argumentos

capciosos de Norrell.

- Hum. E eles agora se sucedem sem parar - comentou Sir Walter.

- O quê?

- Os argumentos capciosos de Norrell.

- O que quer dizer com isso?

- Nada, nada! Não se ofenda. Mas percebi que o senhor mesmo não mencionou ter aceitado discípulas.

Strange soltou um suspiro e retrucou:

- É um problema meramente prático. Apenas isso. Mago e discípulo precisam passar um bom tempo juntos, lendo, discutindo. Se Arabella não tivesse morrido, acredito que eu teria aceitado discípulas. Agora, porém, seria obrigado a aceitar damas de companhia e todo tipo de coisas tediosas para as quais não tenho paciência no momento. Minhas pesquisas vêm em primeiro lugar.

- E que magia nova o senhor pretende nos mostrar, Mister Strange? perguntou Lorde Portishead, ansioso.

- Ah! Alegria-me que tenha perguntado isso! Ando refletindo bastante a respeito. Se o renascimento da magia inglesa deve continuar, ou, melhor, se deve permanecer sob a exclusiva orientação de Gilbert Norrell, então preciso aprender algo inusitado. Mas não se obtém magia nova de maneira tão fácil. Eu poderia tomar as estradas do Rei e tentar chegar aos locais onde a magia é regra geral, não exceção.

- Deus meu! - exclamou Sir Walter. - Outra vez?! O senhor enlouqueceu? Pensei que tínhamos concordado que as estradas do Rei eram demasiado perigosas para justificar...

- Sei, sei! Estou bem inteirado de suas opiniões. O senhor já discorreu longamente sobre o assunto. Mas deixe-me terminar! Refiro-me tão-só a possibilidades. Não voltarei às estradas do Rei. Prometi à minha... A Arabella que não o faria!

Houve uma pausa. Strange suspirou, sua expressão se entristeceu. Agora claramente pensava em outra coisa, ou em outra pessoa.

Sir Walter comentou com brandura:

- Sempre tive o maior respeito pelo bom senso de Mrs. Strange. O melhor seria seguir o conselho dela. Strange, compreendo... Claro que deseja fazer magia nova, qualquer estudioso o desejaria, mas por certo a única forma segura de aprender magia é por meio de livros, não é assim?

- Mas não disponho de livros! - exclamou Strange. - Deus meu! Prometo ser um mago resignado e caseiro como uma tia solteira, se o governo aprovar uma lei obrigando Norrell a me mostrar sua biblioteca! Mas como o governo não fará isso, não tenho outra escolha senão aumentar meu conhecimento como posso.

- O que fará então? - indagou Lorde Portishead.

- Invocarei um ser mágico - respondeu Strange animadamente. - Já fiz várias tentativas.

- Mas Mister Norrell não afirmou que a invocação de seres mágicos é, em geral, repleta de perigos? - inquiriu Sir Walter.

- Não há o que Mister Norrell não considere repleto de perigos - replicou Strange algo irritado.

- É verdade - convenceu-se Sir Walter. Afinal, a invocação de seres mágicos era uma área da magia inglesa havia muito aceita. Todos os *Áureos* a praticaram e todos os *Argênteos* desejaram tê-lo feito.

- Mas o senhor está seguro de que é até mesmo possível? - perguntou Lorde Portishead. - Os especialistas, na maioria, concordam que os seres mágicos nem sequer visitam mais a Inglaterra.

- Sim, essa é a opinião geral - assentiu Strange -, mas estou quase certo de que tive a companhia de um em novembro de 1814, uns dois meses antes de Norrell

e eu nos separarmos.

- Mesmo?! - exclamou Lorde Portishead.

- Nunca mencionou isso antes - disse Sir Walter.

- Não me senti em condições - disse Strange. - Minha posição como discípulo de Norrell pedia que eu nunca soltasse uma palavra a respeito. Norrell teria uma crise de depressão à menor sugestão de tal coisa.

- E como era ele, Mister Strange? - perguntou Lorde Portishead.

- O ser mágico? Não sei. Não o vi. Eu o ouvi. Ele tocava música. Havia alguém presente que, acredito, não só o ouviu como também o viu. Agora, pense nas vantagens de lidar com uma pessoa assim! Nenhum mago, vivo ou morto, poderia me ensinar tanto. Seres mágicos são a fonte de tudo que nós, magos, mais desejamos. A magia é sua condição inata! Quanto às desvantagens, bem existe somente a usual, a de que quase não há idéia de como produzi-la. Lancei dezenas de encantamentos, fiz tudo o que ouvi e li para tentar reaver esse ser mágico, mas em vão. Não consigo entender por que Norrell desperdiça tanta energia proscrevendo o que ninguém pode alcançar. Milorde, acaso conhece algum encantamento para invocar seres mágicos?

- Muitos - respondeu Lorde Portishead -, mas tenho certeza de que já tentou todos eles, Mister Strange. Esperamos que o senhor nos reconstrua tudo o que se perdeu.

- Ah! - suspirou Strange. - Às vezes acho que nada se perdeu. A verdade é que está tudo na biblioteca de Hurlfrew.

- O senhor comentou que outra pessoa viu e ouviu o ser mágico... - disse Sir Walter.

-Sim.

- E imagino que essa outra pessoa não era Norrell, estou certo?

- Está.

- Pois bem. E o que disse essa outra pessoa?

- Ele ficou... Confuso. Acreditava estar vendo um anjo, mas, em virtude de sua maneira de viver e sua formação mental, não julgou isso tão extraordinário quanto o senhor possa pensar. Queira me desculpar, mas a discrição me proíbe de dizer mais sobre as circunstâncias.

- Sim, sim! Muito bem! Mas seu companheiro viu o ser mágico. Por que será?

- Ah, eu sei por quê. Havia nele algo bastante especial que lhe permitia ver seres mágicos.

- Bem, e não pode usar isso de alguma forma?

Strange meditou.

- Não vejo como. É um mero acaso, como uma pessoa ter olhos azuis e outra ter olhos castanhos. - Calou-se por um momento, a refletir. - Mas quem sabe não. Talvez o senhor tenha razão. Pensando bem, não é uma idéia assim tão extravagante. Pense nos *Áureos!* Alguns eram quase semelhantes aos seres mágicos na impetuosidade e na loucura! Pense em Ralph Stokesey e em seu criado mágico, Col Tom Blue! Quando Stokesey era jovem, quase nada os distinguia. Talvez eu seja um mago demasiado dócil, demasiado *doméstico*. Mas como *produzir* um pouco de loucura? Encontro pessoas loucas todos os dias nas ruas, mas nunca pensei em como se tornaram loucos. Talvez eu devesse perambular por charnecas solitárias e praias ermas. Costumam ser lugares populares entre os lunáticos, ao menos em romances e peças teatrais. Talvez a Inglaterra agreste me enlouqueça.

Strange levantou-se e foi até a janela da sala de estar, como se esperando observar de lá a Inglaterra agreste, embora tudo que houvesse para ver era a prosaica vista da Praça Soho sob uma chuva cerrada e miúda.

- Creio que acertou Pole.

- Eu? - exclamou Sir Walter, um tanto assustado com o que suas observações pareciam acarretar. - Minha intenção não foi sugerir tal coisa!

- Mas, Mister Strange - argumentou o gentil Lorde Portishead -, não é possível que pense nisso. Um homem com sua erudição propor se tornar um... Um vagabundo. Bem, senhor, é uma idéia horripilante.

Strange cruzou os braços, olhou novamente para a Praça Soho e disse:

- Bem, não irei hoje. - Sorriu um sorriso como se zombando de si mesmo e pareceu voltar ser a pessoa que sempre fora. - Vou esperar que pare de chover.

**** Mesmo John Uskglass, que tinha três reinos para governar e toda a magia inglesa para dirigir, não era inteiramente livre dessa inclinação a partir de longas viagens misteriosas. Em 1241, saiu de casa em Newcastle de uma forma misteriosa só conhecida pelos magos. Disse a um criado que o encontrariam a dormir num banco em frente da lareira dali a um dia.*

No dia seguinte, o criado e os membros da casa do Rei o procuraram no banco diante da lareira, mas ele não estava lá. Procuraram-no por toda manhã e por toda noite, mas ele não apareceu.

William, Conde de Lanchester, assumiu o governo em seu lugar e muitas decisões foram adiadas "até o retorno do Rei". Com o decorrer do tempo, porém, muitos passaram a duvidar que isso viesse a suceder. Então, um ano e um dia após sua partida, o Rei foi encontrado dormindo no banco diante da lareira.

Não parecia estar cômico de que algo impróprio ocorrera e a ninguém revelou onde estivera. Ninguém se atreveu a lhe perguntar se sempre tivera a intenção de se ausentar por tanto tempo ou se algo terrível sucedera. William de Lanchester chamou o criado e lhe pediu que repetisse mais uma vez as palavras exatas do Rei. Não teria ele dito, na verdade, que se ausentaria por um ano e um dia?

Talvez, respondeu o homem. O Rei falava, em geral, muito baixo. Era bem possível que não o tivesse ouvido corretamente.

50. História e Prática da Magia Inglesa

De abril a fins de setembro de 1816

Os amigos de Strange ficaram contentes com a garantia de que ele não pretendia abandonar suas casas confortáveis, sua boa renda e seus criados para se tornar um cigano debaixo de vento e de chuva; ainda assim, porém, pouquíssimos mostraram-se de todo satisfeitos com suas novas maquinações. Tinham um bom motivo para rezear que ele perdera toda a prudência e se dispunha a se entregar a qualquer tipo de magia. A promessa a Arabella o afastava no momento das estradas do Rei, mas todas as advertências de Sir Walter não o impediam de continuar a falar e a pensar acerca de John Uskglass e de seus súditos mágicos.

No fim de abril, os três novos discípulos de Strange, o honorável Henry Purfois, William Hadley-Bright e Tom Levy, o professor de dança, alugaram quartos nas proximidades da Praça Soho. Todos os dias iam à casa de Strange para estudar magia. Nos intervalos da administração dos ensinamentos, Strange trabalhava em seu livro e realizava magia para o Exército e para a Companhia da Índia Oriental. Recebera, também, pedidos de assistência da Corporação de Liverpool e da Sociedade de Empresas Mercantes de Bristol.

O fato de Strange ainda receber encargos de órgãos oficiais ou, com efeito, de qualquer um enfureceu tanto Mr. Norrell que ele se queixou com Lorde Liverpool, o primeiro-ministro.

Lorde Liverpool não se mostrou compreensivo.

- Mister Norrell, os generais fazem o que querem. O governo não interfere em assuntos militares, como bem sabe o senhor. Os generais empregam Mister Strange como mago há vários anos e não vêem motivo para deixar de fazê-lo apenas porque o senhor e ele se indispuseram. Quanto à Companhia da Índia Oriental, fui informado de que funcionários dela contataram o senhor primeiro e que o senhor recusou-se a ajudá-los.

Mr. Norrell piscou rapidamente os olhos miúdos.

- Milorde, meu trabalho para o governo, meu trabalho para o senhor, toma muitíssimo de meu tempo. Não posso, em sã consciência, negligenciá-lo em favor de uma companhia privada.

- E, acredite-me, Mister Norrell, agradecemos por isso. Entretanto, nem é preciso lhe dizer quanto o sucesso da Companhia da Índia Oriental é vital para a prosperidade da nação, e é imensa a necessidade que ela tem de um mago. Suas frotas mercantes estão à mercê de tempestades e do mau tempo; a companhia precisa administrar vastos territórios, e seus exércitos são hostilizados o tempo todo por príncipezinhos e bandidos indianos. Mister Strange se incumbiu de controlar o clima em torno do cabo da Boa Esperança e do Oceano Índico, e ofereceu conselhos sobre o melhor uso da magia em territórios hostis. Os diretores da Companhia da Índia Oriental acreditam que a experiência dele na península Ibérica resultará inestimável. É mais uma demonstração da aguda necessidade que a Grã-Bretanha tem de mais magos. Mister Norrell, por mais diligente que o senhor seja, não pode estar em toda parte e se encarregar de tudo, e ninguém espera que o faça. Soube que Mister Strange aceitou discípulos. Agradar-me-ia imensamente saber que o senhor pretende fazer o mesmo.

A despeito da aprovação de Lorde Liverpool, a instrução dos três novos magos, Henry Purfois, William Hadley-Bright e Tom Levy, não avançava com mais suavidade do que a de Strange seis anos antes. A única diferença era que, enquanto Strange tivera de lidar com o caráter evasivo de Norrell, os jovens viam-se continuamente frustrados pelo desânimo e pela inquietação de Strange.

No início de junho, o primeiro volume de História e prática da magia inglesa foi concluído. Strange o entregou a Mr. Murray, e ninguém se surpreendeu quando, no dia seguinte, comunicou a Henry Purfois, William Hadley-Bright e Tom Levy que teriam de adiar os estudos de magia por algum tempo porque ele resolvera viajar pelo estrangeiro.

- Acho um plano excelente! - disse Sir Walter logo que Strange lhe contou. - Uma mudança de cenário. Uma mudança de sociedade. É exatamente o que eu lhe

recomendaria. Vá! Vá!

- Não acha muito cedo? - perguntou Strange, preocupado. - Deixarei Londres nas mãos de Norrell, por assim dizer.

- Pensa que nossa memória é tão curta? Bem, nos esforçaremos ao máximo para não esquecê-lo por alguns meses. Ademais, seu livro logo será publicado e servirá a todos nós como um lembrete permanente de que não podemos avançar sem o senhor.

- É verdade. Há o livro. Norrell levará meses para refutar quarenta e seis capítulos e eu estarei de volta bem antes de ele terminar.

- Para onde irá?

- Creio que para a Itália. Os países do Sul da Europa sempre exerceram uma forte atração sobre mim. Quando estive na Espanha, muitas vezes me impressionei com o aspecto do campo, ou creio que teria me impressionado, não estivesse ele coberto por soldados e pela fumaça das armas.

- Espero que escreva de quando em quando. Algumas de suas impressões.

- Ah, não o pouparei! É direito de todo viajante desabafar sua frustração diante da inconveniência mais insignificante escrevendo sobre ela para os amigos. Conte com longos relatos a respeito de tudo.

Como acontecia muitas vezes nesse período, o humor de Strange se ensombrou de súbito. O ar leve e irônico se evaporou num instante e ele pôs-se a fitar o balde de carvão com o cenho franzido.

- Estava pensando se... - disse afinal. - Quer dizer, gostaria de lhe pedir... - Emitiu um som irritado em virtude de sua própria hesitação. - Transmitiria uma mensagem minha à Lady Pole? Eu lhe seria muito grato. Arabella era deveras ligada a Sua Senhoria e sei que ela não gostaria que eu partisse da Inglaterra sem deixar uma mensagem à Lady Pole.

- Claro. O que devo dizer a ela?

- Ah! Apenas lhe deseje meus sinceros votos de uma saúde melhor. O que o senhor achar adequado. Não importa o que diga. Mas deve dizer que a mensagem é do marido de Arabella. Quero que Sua Senhoria entenda que o marido de sua amiga não se esqueceu dela.

- Com a maior boa vontade - disse Sir Walter. - Obrigado.

De certo modo, Strange esperou que Sir Walter o convidasse a falar pessoalmente com Lady Pole, contudo ele não o fez. Ninguém sequer sabia se Sua Senhoria ainda estava na casa da Rua Harley. Circulava um boato na cidade de que Sir Walter a mandara para o campo.

Strange não era o único a desejar viajar pelo estrangeiro. Isso de repente se tornara moda. Por muito tempo a guerra com Bonaparte confinara os britânicos em sua própria ilha. Por muito tempo viram-se obrigados a satisfazer o desejo de conhecer novas paisagens e pessoas interessantes, fazendo visitas às regiões montanhosas da Escócia, aos lagos ingleses ou ao pico do condado de Derby. Mas agora que a guerra tinha acabado podiam ir ao continente europeu para ver montanhas e praias de características bem diferentes. Podiam ver com os próprios olhos as célebres obras de arte que até então só conheciam por meio de livros de gravuras. Alguns iam para o estrangeiro na esperança de comprovar que era mais barato viver no continente europeu do que em seu próprio país. Alguns partiam para evitar dívidas ou escândalos e outros, como Strange, iam em busca da tranqüilidade que lhes faltava na Inglaterra.

Jonathan Strange a John Secundus

Bruxelas 12 de junho de 1816

Cheguei, segundo me consta, cerca de um mês após Lorde Byron. Em cada cidade que paramos, encontramos estalajadeiros, postilhões, funcionários públicos, burgueses, carteiros e damas de todo tipo e qualidade cujo cérebro ainda parece

algo desequilibrado devido a um breve período de exposição a Sua Senhoria. E, embora meus companheiros digam com cuidado às pessoas que sou este ser terrível, um mago inglês, sem dúvida nada sou se comparado a um poeta inglês e aonde quer que eu vá desfruto a reputação, bastante nova para mim, asseguro-lhe, do inglês bom e tranqüilo, que não faz barulho e não incomoda ninguém...

Fazia um verão duvidoso nesse ano. Ou, para ser mais preciso, não era sequer um verão. O inverno estendera-se agosto adentro. Quase não se via o sol. Nuvens densas e cinzentas cobriam o céu; ventos cortantes sopravam sobre cidades, devastavam safras; tempestades de chuva e granizo, avivadas por trovões e raios ocasionais, abatiam-se sobre todas as partes da Europa. Sob vários aspectos, era pior do que o inverno: as longas horas de luz do dia negavam às pessoas o consolo da escuridão, que por algum tempo teria ocultado todos esses infortúnios. .

Londres estava semi-deserta. O Parlamento tinha se dissolvido e todos os parlamentares haviam ido para suas casas de campo, a fim de melhor contemplar as chuvas. Em Londres, o editor John Murray estava em sua casa, na Rua Albermarle. Em outras épocas, as salas de Mr. Murray eram as mais animadas de

**** Lorde Byron deixou a Inglaterra em abril de 1816, em face de dívidas cada vez maiores, denúncias de crueldade para com a esposa e rumores de que tinha seduzido a irmã.*

Londres - repletas de poetas, ensaístas, críticos literários e de todos os grandes homens de letras do reino. Mas os grandes nomes literários do reino tinham ido para o campo. A chuva rufava na janela e o vento gemia na chaminé. Mr. Murray empilhou mais carvões na lareira e sentou-se à escrivaninha para começar a ler as cartas do dia. Pegava cada uma e a aproximava do olho esquerdo (pois o direito era bastante cego e imprestável).

Sucedeu que nesse dia havia duas cartas de Genebra, na Suíça. A primeira era de Lorde Byron queixando-se de Jonathan Strange e a segunda era de Strange queixando-se de Byron. Os dois homens haviam se encontrado umas poucas vezes na casa de Mr. Murray, mas até então não tinham se dado a conhecer. Strange visitara Byron em Genebra duas semanas antes. O encontro não fora exatamente um sucesso.

Strange (cuja disposição de ânimo no momento depositava grande valor no matrimônio e em tudo o que perdera com Arabella) estava perturbado com os ajustes domésticos de Byron. Encontrei Sua Senhoria na bela quinta às margens do lago. Não se achava sozinho. Com ele estava também um poeta, chamado Shelley, Mrs. Shelley e outra mulher, na verdade uma jovem, que chamava a si mesma de Mrs. Clairmont e cuja relação com os dois homens não entendi.

Se o senhor sabe qual é, não me diga. Também presente estava um estranho jovem que falava tolices o tempo inteiro, um certo Mr. Polidori.

Lorde Byron, por seu turno, fez objeções ao estilo de vestir de Strange.

"Trajava meio-luto. A esposa morreu no Natal, não foi? Mas talvez ele suponha que preto o torne mais misterioso e mágico."

Tendo antipatizado de imediato um com o outro, passaram a divergir com desembaraço acerca de política. Strange escreveu: "Não sei bem como aconteceu, mas logo estávamos falando da batalha de Waterloo, um tema inoportuno, uma vez que sou o mago do Duque de Wellington e todos eles detestam Wellington e idolatram Bonaparte. Mrs. Clairmont, com a impertinência de uma garota de dezoito anos, perguntou-me se não me envergonhava de ser um instrumento da queda de um homem tão extraordinário. Não, respondi".

Byron escreveu: "Ele é um grande partidário do Duque de W. Espero, para seu próprio bem, meu caro Murray, que o livro seja mais interessante do que ele".

Strange concluiu: "As pessoas têm idéias muito estranhas a respeito de magos. Queriam que eu lhes falasse sobre vampiros".

Mr. Murray lamentou que seus dois autores não se entendessem, mas

ponderou que isso era provavelmente inevitável, pois ambos eram famosos por brigarem: Strange com Norrell e Byron com quase todo mundo.

Quando terminou de ler as cartas, Mr. Murray pensou em descer até a livraria. Imprimira um grande número de exemplares do livro de Strange e ansiava por saber como iam as vendas. A loja era administrada por um homem chamado Shackleton, que tinha exatamente a aparência que esperamos de um livreiro. Ele jamais teria se adequado a outro tipo de lojista - por certo não um armarinheiro ou um chapeleiro, que devem ser mais elegantes do que os fregueses -, mas como livreiro era perfeito. Não aparentava uma idade em especial. Era magro, desinteressante e coberto de salpicos miúdos de tinta. Tinha um ar de erudição com um quê de abstração. O nariz era adornado com óculos; havia uma pena de escrever encaixada atrás da orelha e uma peruca um tanto mal ajeitada na cabeça.

- Shackleton, quantos livros de Mister Strange vendemos hoje? - inquiriu Mr. Murray.

- Acho que uns sessenta ou setenta exemplares.

- Excelente! - exclamou Mr. Murray.

Shackleton franziu o cenho e empurrou os óculos mais para cima do nariz.

- Sim, seria de se pensar isso, não é?

- O que quer dizer?

Shackleton tirou a pena de escrever de trás da orelha.

- Várias pessoas vieram duas vezes e compraram um exemplar nas duas ocasiões.

- Tanto melhor! Nesse ritmo superaremos o *Corsário*, de Lorde Byron! Nesse ritmo precisaremos de uma segunda impressão no fim da próxima semana! A seguir, observando que o cenho de Shackleton não se afrouxara nem um pouco, Mr. Murray acrescentou: - Bem, o que há de errado nisso? Imagino que as pessoas queiram os livros para presentear os amigos.

Shackleton meneou a cabeça, fazendo sacudir todos os fios soltos de cabelo de sua peruca.

- É estranho. Não me lembro de isso ter acontecido antes.

A porta da livraria se abriu e um rapaz entrou. Era de baixa estatura e complexão miúda. Tinha feições harmoniosas e, verdade seja dita, seria bem-apegoado não fossem seus modos assaz desastrosos. Uma dessas pessoas cujas idéias são demasiado vivazes para se manterem confinadas ao cérebro e que acabam transbordando pelo mundo para desgosto de quem está por perto. Falava consigo mesmo e a expressão de seu rosto mudava constantemente. Em um único instante, parecia surpreso, insultado, resoluto e irado - emoções que eram, provavelmente, conseqüência das conversas enérgicas que mantinha com as pessoas imaginárias dentro de sua cabeça.

Dado que lojas, em especial as londrinas, são, com freqüência, perturbadas por lunáticos, Mr. Murray e Shackleton preveniram-se de imediato. Tampouco a desconfiança deles minorou quando o rapaz, de seus olhos azuis e brilhantes, fitou Shackleton com um olhar penetrante e bradou:

- Isto é tratar os fregueses bem! Isto é cortesia! - Virou-se para Mr. Murray e dirigiu-se a ele deste modo: - Escute o meu conselho, senhor! Não compre livros aqui. Eles são todos mentirosos e ladrões!

- Mentirosos e ladrões? - disse Mr. Murray. - Não, o senhor está enganado. Estou certo de que podemos convencê-lo disso.

- Ah! - exclamou o rapaz, lançando um olhar perspicaz para Mr. Murray para lhe mostrar que agora entendia que Mr. Murray não era, como de início supusera, um freguês.

- Sou o proprietário - apressou-se Mr. Murray a explicar. - Aqui não roubamos as pessoas. Diga-me qual é o problema e terei o prazer de servi-lo como puder. Estou certo de que tudo não passa de um mal-entendido.

Mas o rapaz não se abrandou nem um pouco com as palavras corteses de Mr. Murray. Bradou:

- O senhor nega que este estabelecimento emprega um mago impostor e velhaco, um mago chamado Strange?

Mr. Murray começou a dizer algo sobre Strange ser um de seus autores, mas o rapaz não esperou para ouvi-la.

- O senhor nega que Mister Strange lançou um encantamento sobre os livros dele para fazê-los desaparecer, de forma que somos obrigados a comprar outro exemplar? E depois outro?! - Brandiu um dedo para Shackleton e o fitou com ironia. - E não me diga que não se lembra de mim!

- Não, senhor, não direi. Lembro-me muito bem do senhor. Foi um dos primeiros cavalheiros a comprar um exemplar de *História e prática da magia inglesa* e voltou uma semana depois para comprar outro.

O rapaz arregalou os olhos.

- Fui obrigado a comprar outro! - bradou, colérico. - O primeiro sumiu!

- Sumiu? - perguntou Mr. Murray, intrigado. - Se perdeu o livro, Mister... Hum, sinto muito, mas não entendo por que culpar o livreiro por isso.

- Senhor, meu nome é Green. E não perdi o livro. Ele sumiu. Duas vezes. - Mr. Green suspirou fundo, como faz um homem que tem que lidar com tolos e débeis mentais. - Levei o primeiro livro para casa - explicou - e o pus na mesa, em cima de um estojo em que guardo minha navalha e as coisas de barbear. - Mr. Green reproduziu o ato de pôr o livro sobre o estojo. - Coloquei o jornal em cima do livro e em cima do jornal meu castiçal de latão e um ovo.

- Um ovo? - replicou Mr. Murray.

- Um ovo cozido! Mas quando me virei, menos de dez minutos depois, o jornal estava em cima do estojo e o livro tinha desaparecido! Mas o ovo e o castiçal continuavam onde os coloquei. Então, uma semana depois, voltei para comprar outro exemplar, como seu empregado disse. Levei-o para casa. Coloquei-o no console da lareira junto com o *Dicionário da cirurgia prática* de Cooper e em cima pus o bule de

chá. Mas por acaso, ao fazer o chá, desloquei os dois livros e eles caíram dentro do cesto onde guardo a roupa suja. Na segunda-feira, Jack Boot, meu criado, pôs a roupa de cama suja no cesto. Na terça-feira, a lavadeira apareceu para levar a roupa suja; quando a roupa de cama foi retirada, o Dicionário *da cirurgia prática* de Cooper estava lá no fundo do cesto, mas *História e prática da magia* tinha sumido!

Essas informações, que sugeriam pequenas excentricidades nas normas domésticas de Mr. Green pareciam oferecer a esperança de uma explicação.

- Não teria se enganado quanto ao lugar em que o pôs? - propôs Mr. Shackleton.

- Talvez a lavadeira o tenha colocado junto com os lençóis... - sugeriu Mr. Murray.

- Não, não! - afirmou Mr. Green.

- Alguém o teria tomado emprestado? Ou tirado do lugar? - sugeriu Shackleton.

Mr. Green pareceu espantado com tal insinuação.

- Quem? - inquiriu.

- Eu... Não faço idéia. Mrs. Green? Seu criado?

- Não existe nenhuma Mrs. Green! Moro sozinho! Exceto por Jack Bool, mas Jack Boot não sabe ler!

- Um amigo então?

Mr. Green pareceu prestes a negar que tivesse amigos.

Mr. Murray disse, com um suspiro:

- Shackleton, dê a Mister Green outro exemplar e lhe devolva o dinheiro do segundo livro. - A Mr. Green disse: - Alegria-me que goste do livro a ponto de desejar comprar outro exemplar.

- Gostar?! - bradou Mr. Green, ainda mais pasmo. - Não tenho a menor idéia se gosto ou não! Nunca tive a oportunidade de abri-lo.

Depois que ele se foi, Mr. Murray permaneceu na livraria por algum tempo, a fazer gracejos sobre cestos de roupas de cama sujas e ovos cozidos, mas Mr. Shackleton (que em geral apreciava um gracejo como todo mundo) recusou-se a ser entretido. Tinha uma expressão pensativa e preocupada, e várias vezes repetiu que algo estranho estava acontecendo.

Meia hora depois, Mr. Murray estava na sala do andar de cima, a fitar a estante de livros. Ergueu os olhos e deparou com Shackleton.

- Ele voltou - disse Shackleton.

- Quê?

- Green. Perdeu o livro outra vez. Guardara-o no bolso direito, mas, quando chegou à Rua Great Pulteney, tinha sumido. Claro que lhe disse que Londres está cheia de ladrões, mas o senhor deve reconhecer...

- Sim, sim! Deixe isso para lá agora! - interrompeu Mr. Murray. - Meu exemplar também sumiu! Veja! Eu o coloquei ali, entre o *Flim-Flams*, de d'Israeli, e *Emma*, de Miss Austen. Pode ver o espaço onde estava. O que está acontecendo, Shackleton?

- Magia - respondeu Shackleton, com firmeza. - Andei pensando a respeito e creio que Green tem razão. Há algum tipo de encantamento sobre os livros, sobre nós.

- Encantamento! - Mr. Murray arregalou os olhos. - Sim, creio que sim. Nunca fui alvo de magia antes. Não penso que terei pressa em sê-lo outra vez. É por demais sinistro e desagradável. O que pode um homem fazer quando nada se comporta como deve?

- Bem - retrucou Shackleton -, se eu fosse o senhor, começaria por consultar os outros livreiros, para descobrir se os livros deles também estão desaparecendo. Assim, ao menos saberemos se o problema é geral ou restrito a nós.

Parecia um bom conselho. Deixando a livraria a cargo do contínuo, Mr. Murray e Shackleton puseram o chapéu e saíram na chuva e no vento. O livreiro mais próximo era Edwards and Skittering, no Piccadilly. Quando lá chegaram, viram-se obrigados a sair do caminho para dar passagem a um laçao de libré azul. Ele carregava uma pilha enorme de livros para fora da livraria.

Mr. Murray mal teve tempo de pensar que tanto o laçao como o libré lhe pareciam familiares quando o homem se foi.

Lá dentro, encontrou Mr. Edwards absorto numa conversa com John Childermass. No momento em que Murray e Shackleton entraram, Mr. Edwards olhou em volta com expressão de culpa, mas Childermass comportou-se como sempre.

- Ah, Mister Murray! - disse. - Que prazer vê-lo! Isso me poupa andar debaixo de chuva.

- O que está acontecendo? - inquiriu Mr. Murray. - O que está fazendo?

- Fazendo? Mister Norrell está comprando alguns livros. Nada mais.

- Ah! Se seu patrão pretende impedir a circulação do livro de Mister Strange adquirindo todos os exemplares, ele ficará decepcionado. Mister Norrell é rico, mas um dia a riqueza dele chegará ao fim e posso imprimir livros com a mesma rapidez com que ele os compra.

- Não - replicou Childermass. - Não pode.

Mr. Murray dirigiu-se a Mr. Edwards.

- Robert, Robert! Por que se deixa tyrannizar dessa maneira?

O pobre Mr. Edwards fez uma expressão de extrema infelicidade.

- Desculpe-me, Mister Murray, mas os livros estavam sumindo. Tive de devolver o dinheiro a mais de trinta pessoas. O prejuízo seria muito grande. Mas agora Mister Norrell propôs comprar todo o meu estoque do livro de Strange e me pagar um preço justo por eles, por isso eu...

- Justo? - exclamou Shackleton, incapaz de tolerar isso. - Justo? Eu gostaria de saber o que há de justo nisso! Para começar, quem o senhor imagina que está fazendo os livros desaparecerem?

- Precisamente! - concordou Mr. Murray. Virando-se para Childermass, disse: - Irá o senhor tentar negar que tudo isso é proeza de Norrell?

- Não, não. Ao contrário, Mister Norrell está ansioso por se declarar responsável. Ele tem uma lista de motivos e terá satisfação de explicá-los a quem quiser ouvir.

- E que motivos são esses? - perguntou Mr. Murray com frieza.

- Ah, creio que os de sempre - respondeu Childermass, parecendo, pela primeira vez, ligeiramente evasivo. - Uma carta está sendo redigida e ela lhe informará tudo a respeito.

- E acha que isso irá me satisfazer? Uma carta de desculpas?

- Desculpas? Duvido que alguma desculpa lhe seja apresentada.

- Pretendo consultar meu advogado ainda esta tarde - disse Mr. Murray.

- Claro que sim. Não esperaríamos menos do que isso. Mas, seja como for, a intenção de Mister Norrell não é que o senhor perca dinheiro. Tão logo possa me passar um cálculo de tudo o que gastou com a publicação do livro de Mister Strange, estou autorizado a emitir-lhe uma ordem de pagamento do valor total.

Isso era inesperado. Mr. Murray viu-se dividido entre o desejo de dar a Childermass uma resposta bastante rude e a consciência de que Norrell de fato o privava de uma grande quantia de dinheiro e que, por justiça, deveria pagá-lo.

Shackleton cutucou discretamente o braço de Mr. Murray, alertando-o para não fazer nada às pressas.

- E quanto ao meu lucro? - perguntou Mr. Murray, procurando ganhar um pouco de tempo.

- Ah, então o senhor deseja que isso seja levado em conta? Nada mais justo, creio. Falarei com Mister Norrell. - Dito isso, Childermass fez uma reverência e saiu da livraria.

Não havia por que Mr. Murray e Shackleton ficarem. Logo que se viram na rua outra vez, Mr. Murray se virou para Shackleton e disse:

- Vá à Rua Thames - onde ficava o depósito de livros de Mr. Murray e descubra se os livros de Mister Strange ainda estão lá. Não deixe Jackson dissuadi-lo com alguma resposta breve. Faça com que ele lhe mostre os livros. Diga-lhe que quero que os conte e que me mande o cômputo em uma hora.

Quando voltou à Rua Albermarle, Mr. Murray encontrou três jovens passando tempo na livraria. Logo que o viram, fecharam os livros que tinham nas mãos, cercaram-no de imediato e começaram a falar ao mesmo tempo. Mr. Murray supôs, claro, que ali estavam com o mesmo propósito de Mr. Green. Dado que dois deles eram de estatura elevada e todos falavam alto e com indignação, ficou nervosíssimo e fez sinal para que o contínuo fosse buscar ajuda. Este permaneceu exatamente onde estava, a observar os acontecimentos com uma invulgar expressão de interesse no rosto.

Algumas expressões bastante violentas proferidas pelos jovens, como "Tremendo patife!" e "Salafrário abominável!", Pouco fizeram para tranquilizar Mr. Murray, mas, passados alguns momentos, ele começou a entender que não era a ele que insultavam, e sim a Norrell.

- Cavalheiros, queiram me desculpar - disse -, mas, caso não seja incômodo demais, poderiam ter a gentileza de me informar quem são os senhores?

Os jovens ficaram surpresos. Supunham ser bem mais conhecidos. Apresentaram-se. Eram os três discípulos de Strange à espera dele: Henry Purfois, William Hadley-Bright e Tom Levy.

William Hadley-Bright e Henry Purfois eram altos e bem-apessoados, enquanto Tom Levy era baixo e de compleição miúda, com cabelo e olhos pretos. Como já se mencionou, Hadley-Bright e Purfois eram cavalheiros de boa família, enquanto Tom,

um ex-professor de dança, tinha antepassados hebreus. Felizmente, Hadley-Bright e Purfois davam pouquíssima atenção a tais distinções de classe e linhagem. Cientes de que Tom era o mais talentoso dos três, em geral submetiam-se a ele em todos os assuntos de conhecimento da magia, e, afora chamarem-no pelo prenome (enquanto ele os tratava como Mr. Purfois e Mr. Hadley-Bright) e esperarem que ele recolhesse os livros que deixavam para trás, inclinavam-se a tratá-lo como a um igual.

- Não podemos ficar aqui sem fazer nada enquanto esse patife, esse monstro, destrói a grande obra de Mister Strange! - afirmou Henry Purfois. - Mister Murray, dê-nos algo para fazer! É só o que pedimos!

- E se esse algo implicar atravessar Mister Norrell com um sabre bem afiado, tanto melhor - acrescentou William Hadley-Bright.

- Um dos senhores poderia procurar Strange e trazê-lo de volta? - perguntou Mr. Murray.

- Ah, com certeza! Hadley-Bright é o indicado para isso! - afirmou Henry Purfois. - Sabe, ele foi um dos ajudantes-de-ordens do duque em Waterloo.

Não há nada que ele aprecie mais do que andar a cavalo a velocidades inacreditáveis.

- O senhor sabe para onde foi Mister Strange? - perguntou Tom Levy.

- Duas semanas atrás ele estava em Genebra - respondeu Mr. Murray.

- Recebi uma carta dele esta manhã. Talvez ainda esteja lá. Ou talvez tenha ido para a Itália.

A porta se abriu e Shackleton entrou, a peruca a pender com gotas de chuva, como se ele a tivesse enfeitado com inúmeras contas de vidro.

- Está tudo em ordem - disse animadamente a Mr. Murray. - Os livros ainda estão nos fardos.

- Viu-os com os próprios olhos?

- Sim, de fato. Presumo que só uma enorme quantidade de magia consiga fazer dez mil livros desaparecerem.

- Bem que eu gostaria de ser tão otimista - disse Tom Levy. - Desculpe-me, Mister Murray, mas, com base em tudo o que ouvi sobre Mister Norrell, assim que ele se propõe uma tarefa passa a trabalhar nela de forma incansável, até realizá-la. Não creio que temos tempo para esperar a volta de Mister Strange.

Shackleton pareceu surpreso ao ouvir alguém se pronunciar com tamanha segurança acerca de assuntos de magia.

Mr. Murray apressou-se a apresentar os três discípulos de Strange.

- De quanto tempo mais o senhor crê que dispomos? - perguntou a Tom.

- Um dia? No máximo dois? Decerto não o bastante para localizar Mister Strange e trazê-lo de volta. Mister Murray, penso que o senhor deve deixar isso em nossas mãos e que nós devemos experimentar alguns encantamentos para neutralizar a magia de Norrell.

- E esses encantamentos existem? - indagou Mr. Murray, fitando sem convicção os magos iniciantes.

- Ah, centenas deles! - respondeu Henry Purfois.

- Conhecem algum? - perguntou Mr. Murray.

- Sabemos que existem - respondeu William Hadley-Bright. - Talvez consigamos aplicar um razoavelmente bom. Que excelente seria se Mister Strange retornasse do continente europeu e encontrasse seus livros salvos por nós! Acredito que isso serviria para abrir-lhe os olhos!

- E que tal o Não-sei-quê Invisível e o Regira-uma-traquitana do Pale? perguntou Henry Purfois.

- Sei a que se refere - disse William Hadley-Bright.

- Um método admirável do Doutor Pale - informou Henry Purfois a Mr. Murray. - Inverte o encantamento e o inflige ao lançador. Os próprios livros de Mister Norrell ficariam em branco ou desapareceriam! O que, afinal, é só o que ele merece.

- Não estou certo de que Mister Strange ficaria satisfeito de, ao voltar, descobrir que destruímos a biblioteca de magia mais importante da Inglaterra observou Tom. - Ademais, a fim de realizar a Reflexão e Proteção Invisíveis de Pale precisaríamos construir um quilifone.

- Um o quê? - inquiriu Mr. Murray.

- Um quilifone - disse William Hadley-Bright. - As obras do Doutor Pale estão repletas de máquinas como essa para realizar magia. Acredito que sua aparência seja algo entre uma trompa e um garfo de tostadura...

- ... E há quatro globos de metal em cima que ficam girando o tempo inteiro - acrescentou Henry Purfois.

- Entendo - disse Mr. Murray.

- A construção de um quilifone demoraria muito - disse Tom, com firmeza. - Sugiro que concentremos nossa atenção na Profilaxia de De Chepe.

**** Walter de Chepe foi um mago londrino do início do século XIII. Seu método, Profilaxia, protege uma pessoa, uma cidade ou um objeto de encantamentos mágicos. Por hipótese, se aproxima da magia dos seres sobrenaturais. É considerada muito potente. Com efeito, o único problema concernente a esse encantamento é sua extraordinária eficácia. Por vezes os objetos tornam-se inacessíveis a agentes humanos ou sobrenaturais de qualquer tipo, mágicos ou não. Desse modo, se os alunos de Strange obtivessem êxito ao lançarem o encantamento sobre os livros de Strange, é possível que ninguém fosse capaz de pegar um livro ou virar-lhe as páginas.*

Em 1280, cidadãos de Bristol determinaram que os magos da cidade lançassem a Profilaxia de De Chepe sobre a cidade a fim de protegê-la dos

encantamentos mágicos de seus inimigos. Desgraçadamente, a magia teve um tal sucesso que todos e tudo na cidade, animais e os navios na enseada, transformaram-se em estátuas vivas. Ninguém conseguia se mexer; a água parou de fluir dentro dos limites da região; até mesmo as chamas nas lareiras se imobilizaram. Bristol permaneceu assim durante um mês inteiro, até John Uskglass deixar sua casa em Newcastle e ir corrigir tudo.

É de execução bastante rápida e, se feita corretamente, retardaria a magia de Norrell por algum tempo, o suficiente para enviarmos uma mensagem a Mister Strange.

Nisso a porta se abriu e entrou um sujeito de aspecto desleixado de avental de couro. Ele ficou um pouco desconcertado ao perceber que todos os olhos caíam sobre ele. Fez uma leve e bamboleante mesura, entregou um papel a Shackleton e saiu de pronto.

- O que é, Shackleton? - perguntou Mr. Murray.

- Uma mensagem do depósito da Rua Thames. Abriram todos os livros. Todas as páginas estão em branco, não há nenhuma palavra sequer nelas. Sinto muito, Mister Murray, mas *História e prática da magia inglesa* sumiu.

William Hadley-Bright meteu as mãos nos bolsos e assobiou baixinho.

Com o passar das horas, ficou claro que nem um único exemplar do livro de Strange estava em circulação. William Hadley-Bright e Henry Purfois eram a favor de desafiar Mr. Norrell, até que lhes explicaram que Mr. Norrell era um cavalheiro idoso que raras vezes se exercitava e que jamais fora visto com uma espada ou uma pistola na mão. Sob circunstância alguma seria justo ou honrado dois homens na flor da vida (um deles soldado) desafiá-lo para um duelo. Hadley-Bright e Purfois concordaram de bom grado, mas Purfois não conseguiu evitar olhar em redor à procura de alguém tão decrépito quanto Mr. Norrell. Lançou um olhar especulativo para Shackleton.

Outros amigos de Strange apareceram para expressar pesar a Mr. Murray e dar vazão a um pouco da ira que sentiam pelo que Mr. Norrell fizera. Lorde Portishead chegou e lhe prestou conta da carta que enviara a Mr. Norrell, rompendo a amizade, e da carta enviada a Lascelles, demitindo-se como editor de *Os Amigos da Magia Inglesa* e cancelando sua assinatura.

- Doravante, cavalheiros - disse aos discípulos de Strange -, considero-me exclusivamente do seu grupo.

Os discípulos de Strange asseguraram a Sua Senhoria que tinha tomado a decisão certa e que dela jamais se arrependeria.

Às dezenove horas, Childermass chegou. Entrou na sala repleta com a mesma serenidade de alguém que adentra uma igreja.

- Então, Mister Murray, quanto perdeu? - perguntou. Sacou do caderno de apontamentos, pegou uma pena de escrever em cima da escrivinha de Mr. Murray e a mergulhou na tinta.

- Guarde o caderno, Mister Childermass - disse Mr. Murray. - Não preciso do seu dinheiro.

- Mesmo? Tenha cuidado senhor, ao se deixar influenciar por estes cavalheiros. Alguns deles são jovens e não têm responsabilidades... - Childermass olhou com frieza para os três discípulos de Strange e para os vários oficiais uniformizados na sala. - E outros são ricos, uma centena de libras a mais ou a menos não lhes faria diferença. - Olhou para Lorde Portishead. - Mas o senhor, Mister Murray, é um homem de negócios e os negócios devem ser sua primeira preocupação.

- Ah! - Mr. Murray cruzou os braços e com o olho bom lançou um olhar triunfante para Childermass. - Pensa que preciso desesperadamente do dinheiro, mas, veja, não preciso. Ofertas de empréstimos de amigos de Mister Strange me foram feitas a noite toda. Acredito que, se quiser, posso iniciar um negócio totalmente novo! Mas quero que o senhor envie uma mensagem a Mister Norrell. É a seguinte: no fim, ele pagará, mas sob nossas condições, não as dele. Tencionamos

fazê-lo pagar a nova edição. Ele pagará a publicidade do livro do concorrente dele. Isso lhe infligirá uma dor maior do que qualquer outra coisa, acredito.

-Ah, mesmo?! Se alguma vez vier a acontecer - disse Childermass, seco. Virou-se em direção à porta. A seguir, deteve-se e, fitando o tapete por um instante, pareceu discutir algo consigo mesmo. - Digo-lhe uma coisa - falou. Os livros não foram destruídos como pode parecer no momento. Tratei de consultar minhas cartas e lhes perguntei se haviam sobrado alguns exemplares. Ao que parece, sobraram dois. Strange tem um, Norrell o outro.

No mês seguinte, Londres praticamente só falou da coisa inacreditável que Mr. Norrell fizera, mas, quanto à culpa caber mais à perversidade do livro de Strange ou ao rancor de Mr. Norrell, Londres se dividia. As pessoas que tinham comprado exemplares estavam furiosas com a perda de seus livros e Mr. Norrell não amenizou em nada a situação ao enviar seus criados à casa delas com um guinéu (o preço do livro) e uma carta em que explicava suas razões para ter feito os livros desaparecerem. Um grande número de pessoas sentiram-se ainda mais insultadas e algumas chamaram imediatamente seu advogado para abrir um processo contra Mr. Norrell.

**** A carta continha duas inferências consideradas particularmente ofensivas: a primeira, que os compradores não eram bastante inteligentes para entender o livro de Strange; a segunda, que não possuíam critério moral para decidir por si mesmos se a magia que Strange descrevia era boa ou má.*

Os norrellitas esperavam que a destruição do livro de Strange seria polêmica e estavam preparados para receber muitas críticas, todavia o dano que a carta causou à causa foi totalmente involuntário. Mr. Norrell deveria tê-la mostrado a Mr. Lascelles antes de enviá-la. Se Lascelles a tivesse visto, a linguagem e as expressões teriam sofrido modificações significativas e talvez a carta tivesse ofendido menos os destinatários.

Infelizmente, houve um mal-entendido. Mr. Norrell perguntou a Childermass se Lascelles tinha feito alterações. Childermass pensou que estivessem falando de um artigo para Os Amigos da Magia Inglesa e respondeu que sim. E assim a carta foi expedida sem correções. Lascelles ficou furioso e acusou Childermass de, propositalmente, haver incentivado Mr. Norrell a prejudicar a própria causa. Childermass negou com veemência.

A partir desse momento, as relações entre Lascelles e Childermass (que nunca haviam sido boas) deterioraram-se com rapidez, e logo Lascelles insinuava a Mr. Norrell que Childermass alimentava simpatias strangitas e tramava em segredo para trair o patrão.

Em setembro, os ministros voltaram do interior para Londres e, evidentemente, as ações extraordinárias de Mr. Norrell constituíram um dos tópicos principais de conversa assim que se encontraram.

- Quando empregamos Mister Norrell para realizar magia em nosso nome - disse um deles -, não tínhamos a idéia de lhe permitir introduzir encantamentos na casa das pessoas e lhes alterar os bens. Sob alguns aspectos, é lamentável que não tenhamos aquele tribunal de magia que ele está sempre a propor. Como é que se chama?

- O Cinque Dragownes - respondeu Sir Walter Pole.

- Imagino que ele seja culpado de algum crime de magia ou coisa assim, não?

- Ah, decerto! Mas não faço a menor idéia do quê. John Childermass provavelmente sabe, mas duvido que nos conte.

- Não tem importância. Há vários processos contra ele nos tribunais comuns por roubo.

- Roubo! - disse outro ministro, surpreso. - Julgo vergonhoso que um homem que tenha prestado um tal serviço ao país seja processado por um crime tão baixo!

- Por quê? - indagou o primeiro. - Ele próprio incorreu nisso.

- O problema - disse Sir Walter - é que assim que lhe pedirem que se defenda ele responderá dizendo algo sobre a natureza da magia inglesa. E ninguém, a não ser Strange, é competente para discutir esse assunto. Precisamos ser pacientes. Temos de esperar pela volta de Strange.

- O que levanta um novo problema - disse outro ministro. - Existem apenas dois magos na Inglaterra. Como nos decidir entre eles? Quem pode dizer qual deles está certo e qual está errado?

Os ministros entreolharam-se perplexos.

Apenas Lorde Liverpool, o primeiro-ministro, permaneceu impassível.

- Nós os conheceremos como conhecemos outros homens - afirmou - pelos frutos que dão (“Por seus frutos os conhecereis” – O Evangelho Segundo Mateus, 7-16). Houve uma pausa para os ministros meditarem que os frutos que Mr. Norrell dava no momento não eram lá muito prometedores: arrogância, roubo e má intenção.

Concordou-se que o ministro do Interior falaria com Mr. Lascelles privadamente e lhe pediria que transmitisse a Mr. Norrell o extremo desagrado do primeiro-ministro e de todos os ministros com o que Mr. Norrell fizera.

Aparentemente nada mais havia a dizer, porém os ministros não conseguiram abandonar o assunto sem antes se entregar a um pouco de mexerico. Todos tinham conhecimento de que Lorde Portishead rompera com Mr. Norrell. Mas Sir Walter pôde lhes contar que Childermass - que até então parecera ser a sombra do patrão - se distanciara dos interesses de Mr. Norrell e falara com os amigos reunidos de Strange como alguém independente, assegurando-lhes de que o livro não fora destruído. Sir Walter respirou fundo:

- Não consigo deixar de pensar que, sob certos aspectos, isso é um sinal ainda pior do que todo o resto. Norrell nunca foi um bom conhecedor dos homens, e agora seus melhores amigos o abandonam... Strange se foi, John Murray, e agora

Portishead. Se Childermass e Norrell se indisputarem, restará apenas Henry Lascelles.

Os amigos de Strange sentaram nessa noite para lhe escreverem cartas cheias de indignação. Levavam duas semanas para elas chegarem à Itália, mas Strange se deslocava tanto que outras duas semanas passariam antes de o encontrarem. A princípio, seus amigos estavam seguros de que assim que as lesse ele retornaria de imediato para a Inglaterra, tomado de ira, disposto a enfrentar Norrell nos tribunais e nos jornais. Mas em setembro receberam notícias que os levaram a pensar que, no fim, talvez tivessem de esperar um pouco mais.

Enquanto Strange viajava para a Itália, parecia animado. Suas cartas estavam sempre repletas de tolices alegres. Mas logo que chegou, houve uma mudança de humor. Pela primeira vez desde a morte de Arabella, não tinha trabalho e nada que o distraísse do estado de viuvez. Nada do que via o agradava e, durante algumas semanas, parecia que só conseguia encontrar alívio para o sofrimento numa contínua mudança de cenário. No início de setembro, chegou a Gênova. Gostou do lugar um pouco mais do que de outras cidades italianas que vira, e lá ficou por quase uma semana. Durante esse período, uma família inglesa chegou ao hotel em que estava hospedado. Embora tivesse dito a Sir Walter que tentava evitar a companhia de ingleses no estrangeiro, Strange travou relações com essa família. Num abrir e fechar de olhos, estava enviando cartas para a Inglaterra repletas de elogios aos modos, à inteligência e à gentileza dos Greysteel. Ao cabo daquela semana, viajou para Bolonha, mas, não encontrando prazer lá, sem demora voltou a Gênova, onde ficou com os Greysteel até o fim do mês, quando todos planejaram viajar juntos para Veneza.

Naturalmente, os amigos de Strange ficaram muito contentes por ele haver encontrado companhia agradável, mas o que mais os intrigava eram as referências nas cartas de Strange à filha da família, que era jovem, solteira e em cuja companhia Strange parecia encontrar um prazer especial. A mesma idéia interessante ocorreu ao mesmo tempo a vários de seus amigos: e se ele se casasse novamente? Uma esposa jovem e bonita curaria seu espírito melancólico bem mais do que qualquer outra coisa, e, o melhor de tudo, ela o distrairia da magia sinistra e perturbadora a que ele parecia tão entregue.

Havia mais tormentos para Mr. Norrell do que para Strange. Um cavalheiro de nome Knight abriu uma escola para magos na Rua Henrietta, em Covent Garden. Mr. Knight não era prático de magia, tampouco pretendia sê-lo. O anúncio que publicara oferecia a jovens cavalheiros "uma completa instrução da teoria da magia e da história da magia inglesa, com base nos mesmos princípios que guiaram nosso mais importante mago, Mr. Norrell, ao ensinar seu ilustre discípulo, Jonathan Strange". Mr. Lascelles escreveu a Mr. Knight uma carta irada em que declarava que a escola não poderia de modo algum se basear nos princípios mencionados, posto que eles eram de conhecimento apenas de Mr. Norrell e Mr. Strange. Lascelles ameaçou desmascarar Mr. Knight como fraudulento se não desmontasse a escola imediatamente.

Mr. Knight respondeu com uma carta cortês em que se desculpava por discordar. Disse que, ao contrário, o sistema educacional de Mr. Norrell era bastante conhecido. Chamou a atenção de Mr. Lascelles para a página 47 de *Os Amigos da Magia Inglesa*, da edição do outono de 1810, na qual Lorde Portishead afirmava que a única base para o treinamento de mais magos aprovada por Mr. Norrell era a delineada por Francis Sutton-Grove. Mr. Knight (que se declarava um sincero admirador da magia de Mr. Norrell) adquirira um exemplar de *De Generibus Artium Magicarum Anglorum*, de Sutton-Grove, e o estudara. Aproveitou a oportunidade para se perguntar se Mr. Norrell lhe concederia a honra de se tornar o preceptor convidado da escola, proferir conferências, assim por diante. Pretendia ensinar quatro rapazes, mas recebera uma tal quantidade de requerimentos que se vira obrigado a alugar outra casa para alojá-los e contratar mais professores para ensiná-los. Outras escolas estavam sendo planejadas em Bath, Chester e Newcastle.

Quase pior do que as escolas eram as lojas. Várias casas comerciais londrinas haviam começado a vender filtros mágicos, espelhos mágicos e bacias de prata, as quais, afirmavam os fabricantes, haviam sido especialmente construídas para nelas se obterem visões. Mr. Norrell fizera o possível para pôr fim à comercialização, com invectivas contra os fabricantes em *Os Amigos da Magia Inglesa*. Persuadira os editores de todas as demais publicações sobre magia com os quais ainda tinha

alguma influência a publicarem artigos explicando que jamais existira algo como espelhos mágicos, e que a magia realizada por magos com a utilização de espelhos (que, de qualquer maneira, era apenas de uns poucos tipos, os quais Mr. Norrell não aprovava) envolvia o uso de espelhos comuns. Contudo, os produtos de magia continuaram a vender com a mesma rapidez com que os lojistas conseguiam repô-los nas prateleiras, e alguns lojistas começaram a pensar se não deveriam abandonar seus outros negócios para reservarem a loja inteira aos equipamentos de magia.

51. Uma Família de nome Greysteel

De outubro a novembro de 1816

Campo Santa Maria Zobenigo, Veneza.

16 de outubro de 1816.

Jonathan Strange a Sir Walter Pole:

Deixamos a terra firme em Mestre. Havia duas gôndolas. Miss Greysteel e a tia iriam numa delas, o médico e eu em outra. Mas, não sei se por causa de uma obscuridade no meu italiano quando o expliquei aos gondolieri, ou se porque a distribuição das caixas e dos baús de Miss Greysteel impusesse outra disposição, as coisas não saíram como planejamos. A primeira gôndola se foi deslizando lagoa adentro com todos os Greysteel a bordo, enquanto eu fui deixado na margem.

O Dr. Greysteel se ergueu esticando o pescoço e se desculpou aos berros, como bom sujeito que é, antes de a irmã - que, acho, tem um pouco de medo de água - fazê-lo voltar a se sentar. Foi um incidente banal, contudo, de alguma forma, enervou-me e nos momentos que se seguiram fui vítima dos mais mórbidos temores e lucubrações. Olhei para a minha gôndola. Muito já se falou, sei, da aparência funérea dessas engenhocas, que são algo entre um esquife e um barco, Mas fui tomado por uma idéia bastante diferente. Pensei que se pareciam em muito com as caixas mágicas pintadas de preto e com cortinas pretas da minha infância - aquelas dentro das quais magos charlatões depositavam os lenços, as moedas e os medalhões das pessoas. Às vezes, não se podia reaver os objetos, pelo que o mago sempre se desculpava: "Os espíritos mágicos, meu senhor, são criaturas muito doidivas e irritantes". E todas as babás e auxiliares de cozinheira que conheci quando menino sempre tinham uma tia que conhecia uma mulher cujo filho do primo-irmão fora posto dentro de uma dessas caixas e nunca mais tinha sido

visto. Em pé no embarcadouro de Mestre, ocorreu-me a idéia horrível de que, ao chegarem a Veneza, os Greysteel abririam a gôndola que deveria ter me transportado até lá e dentro dela nada encontrariam. Essa idéia apossou-se de mim com tal força que por alguns minutos não consegui pensar em outra coisa e lágrimas de verdade marejaram-me os olhos - o que, creio, mostra o quanto fiquei apreensivo. É bastante ridículo um homem começar a sentir medo de que está prestes a desaparecer. Anoitecia, as duas gôndolas eram negras como a noite e muito melancólicas. Entretanto, o azul do céu era o mais pálido e frio que se pode imaginar. Não ventava, ou quase não ventava, e o mar era somente o espelho do céu. Havia espaços incomensuráveis de luz fria e imóvel acima e abaixo de nós. Mas a cidade em frente não recebia iluminação do céu ou da lagoa e aparentava ser um vasto conjunto de torres e pináculos de sombra, todos perfurados por pequenas luzes e assentados na água reluzente. Quando entramos em Veneza, a água se tornou abarrotada de resíduos e detritos - estilhas de madeira e palha, cascas de laranja e talos de repolho. Baixei o olhar e por um momento vi uma mão espectral - só por um momento -, mas de fato acreditei que havia uma mulher sob as águas sujas tentando voltar para a luz. Claro que era apenas uma luva branca, contudo, enquanto durou, o pavor foi bastante grande. Mas não se preocupe comigo. Estou muito ocupado, trabalhando no segundo volume de História e prática e, quando não trabalho, em geral fico com os Greysteel, que são exatamente o tipo de pessoas de quem o senhor gostaria - alegres, independentes e bem informadas. Confesso que fiquei um pouco impaciente por não saber até agora como foi recebido o primeiro volume. Estou razoavelmente seguro de que foi um triunfo - sei que, quando o leu, N. caiu no chão num acesso de inveja, espumando pela boca -, mas não consigo deixar de desejar que alguém me escreva contando isso.

Campo Santa Maria Zobenigo, Veneza.

27 de outubro de 1816

Jonathan Strange a John Murray

(...) Oito pessoas diferentes sobre o que Norrell fez. Ah, eu poderia ficar furioso. Eu poderia, creio, esgotar minha pena de escrever e a mim mesmo numa longa diatribe - mas com que finalidade? Não aceito ser governado por mais tempo por esse homenzinho impudente. Voltarei a Londres no início da primavera, como planejei, e faremos uma nova edição. Teremos advogados. Tenho amigos, exatamente como ele tem os dele. Que ele diga no tribunal (se ousar) por que acredita que os ingleses se tornaram crianças e não conhecem as coisas que nossos antepassados conheceram. E, se ousar usar magia contra mim outra vez, teremos uma contra-magia e então vamos ver quem é o maior mago desta era. E penso Mr. Murray, que o melhor a fazer é imprimir um número de exemplares bem maior do que antes - este foi um dos atos de magia mais célebres de Norrell e estou certo de que as pessoas gostarão de ver o livro que o compeliu a realizá-lo. A propósito, quando imprimir a nova edição, teremos correções - há alguns erros crassos. Os capítulos seis e quarenta e dois são particularmente ruins [...]

Sir Walter Pole a Jonathan Strange.

Rua Harley, Londres

1º. de outubro de 1816

[...] um livreiro no adro da St. Paul, Titus Watkins, imprimiu um livro bastante tolo e o está vendendo como o História e prática da magia inglesa perdido de Strange. Lorde Portishead diz que parte dele é copiado de Absalom e a outra parte é um disparate. Portishead gostaria de saber o que senhor julgará mais ofensivo, a parte de Absalom ou o disparate. Como todo bom sujeito, Portishead contradiz essa intrusão aonde vai, mas um grande número de pessoas já o adquiriu e Watkins certamente fez dinheiro. Alegra-me que goste tanto de Miss Greysteel [...]

Jonathan Strange a John Murray

Campo Santa Maria Zobenigo, Veneza.

16 de novembro de 1816

Caro Murray:

Ficará contente, creio, de saber que algum bem ao menos surgiu da destruição de História e prática da magia inglesa: reparei minha rixa com Lorde Byron. Sua Senhoria nada sabe das grandes controvérsias que estão dividindo a magia inglesa e francamente pouco se importa. Mas tem o maior respeito por livros. Informou-me que está sempre em guarda, temendo que sua pena excessivamente cautelosa, Mr. Murray, altere-lhe alguns dos poemas e tome algumas das palavras mais surpreendentes um pouco mais respeitáveis. Quando tomou conhecimento de que um livro inteiro deixou de existir por meio da magia do inimigo do autor, indignou-se de forma quase indescritível. Enviou-me uma longa carta aviltando Norrell com os termos mais fortes. De todas as cartas que recebi acerca desse triste acontecimento, esta é a minha predileta. Nenhum inglês vivo consegue rivalizar com Sua Senhoria num insulto. Ele chegou a Veneza na semana passada e se encontrou comigo no Florian. Confesso que fiquei um tanto preocupado, receando que se fizesse acompanhar daquela jovem insolente, Mrs. Clairmont, mas felizmente ela não apareceu. Ao que tudo indica, ele a dispensou tempos atrás. Nossa nova relação amistosa foi selada pela descoberta de que ambos gostamos de bilhar; jogo quando reflito sobre magia e ele quando gesta seus poemas (...).

A luz do sol era tão fria e clara como o som tirado por uma faca de um excelente copo para vinho. Sob essa luz, as paredes da igreja Santa Maria Formosa eram brancas como conchas ou ossos e as sombras nas pedras do calçamento azuis como o mar.

A porta da igreja se abriu e um pequeno grupo saiu para o campo. Essas damas e cavalheiros visitavam a cidade de Veneza e foram olhar o interior da igreja,

os altares e os objetos de interesse; agora que se achavam do lado de fora mostravam-se falantes, preenchendo o silêncio do lugar batido pelas águas com uma conversação alta e animada. Estavam satisfeitos em extremo com o campo de Santa Maria Formosa. Achavam as fachadas das casas assaz magníficas - os maiores elogios mostravam-se insuficientes. Mas a triste dilapidação exibida por prédios, pontes e pela igreja parecia encantá-los ainda mais. Eram ingleses, para quem o declínio de outras nações era a coisa mais natural do mundo. Pertenciam a uma raça abençoada com uma apreciação bastante sensível de seus próprios talentos (e com uma opinião tão incerta dos de outras pessoas) que não se surpreenderam nem um pouco ao saber que os próprios venezianos desconheciam os méritos da cidade - até os ingleses chegarem para lhes dizer como era encantadora.

Uma dama, tendo encerrado seus arroubos, pôs-se a falar do tempo com outra dama.

- Sabe, é uma coisa estranhíssima, minha querida, mas quando estávamos na igreja, enquanto a senhorita e Mister Strange admiravam os quadros, dei uma espiada pela porta e achei que estivesse chovendo, e fiquei com muito receio de que a senhorita se molhasse.

- Não, tia. Veja, as pedras estão totalmente secas. Não há um pingão de chuva nelas.

- Bem, então, minha querida, espero que não esteja incomodada com este vento. Dói um pouquinho em volta das orelhas. Podemos pedir a Mister Strange e ao papai que andem um pouco mais depressa, se não gostar disso.

- Obrigada, tia, mas estou perfeitamente bem. Gosto desta brisa, gosto do cheiro do mar, refrescam a cabeça, os sentidos... Tudo, Mas talvez, tia, a senhora não goste.

- Ah não, minha querida. Esse tipo de coisa nunca me incomoda. Sou bastante resistente. Só me preocupo com a senhorita.

- Sei que sim, tia - disse a jovem dama. Ela talvez estivesse ciente de que a luz

do sol e a brisa, que destacavam Veneza de maneira tão especial, que lhe tornavam os canais azuis como nunca e os mármorees tão misticamente brilhantes, atuassem sobremaneira - ou quase - sobre ela. Nada poderia chamar tão bem a atenção para a diafanidade da tez de Miss Greysteel do que a rápida progressão da luz do sol e da sombra sobre ela. Nada poderia ser mais adequado a seu vestido de musselina branca do que a brisa que o esvoaçava.

- Ah - fez a tia -, agora o papai está mostrando algumas coisas novas para Mister Strange. Flora, minha querida, não gostaria de ver?

- Já vi o bastante. Vá a senhora, tia.

Assim a tia foi correndo para a outra extremidade do campo e Miss Greysteel caminhou lentamente em direção à pequena ponte branca ao lado da igreja, fincando impacientemente a ponta do guarda-sol branco entre as pedras brancas do calçamento e murmurando consigo mesma: "Já vi o bastante. Ah, já vi mesmo o bastante!". A repetição dessa misteriosa exclamação não pareceu oferecer alívio à sua disposição de ânimo; com efeito, serviu apenas para torná-la ainda mais triste e fazê-la suspirar com mais freqüência.

- Está muito quieta hoje - disse Strange de súbito. Ela se sobressaltou. Não notara que ele se achava tão perto.

- Estou? Não tinha me dado conta. - A seguir voltou a atenção à paisagem e permaneceu em silêncio por alguns instantes. Strange se apoiou na ponte, cruzou os braços e fitou-a atentamente.

- Quieta - repetiu ele - e acho que um pouco triste. Por isso, sabe, devo conversar com a senhorita.

Isso a fez sorrir a contragosto.

- Deve? - inquiriu ela.

Mas o próprio ato de sorrir e dirigir-se a ele pareceu lhe causar sofrimento, de forma que ela suspirou e tornou a desviar o olhar.

- Sim, pois toda vez que eu estou triste a senhorita conversa comigo acerca de coisas alegres e me cura o desânimo, por isso agora devo fazer o mesmo para com a senhorita. Amizade é isso.

- Receptividade e sinceridade, Mister Strange. Creio que sejam esses os melhores fundamentos da amizade.

- Ah! Pensa que sou reservado. Vejo por sua expressão que sim. Talvez esteja certa, mas eu... Quero dizer... Não, creio que tem razão. Imagino que não seja uma profissão que incentive...

Miss Greysteel o interrompeu:

- Não foi minha intenção lançar indiretas à sua profissão. De forma alguma. Todas as profissões têm diferentes tipos de discricão. Creio que isso seja bastante compreensível.

- Então não a compreendo.

- Não importa. É melhor nos juntarmos à titia e ao papai.

- Não, espere, Miss Greysteel, assim não vai dar certo. Quem mais me colocará no caminho correto, quando estiver indo pelo caminho errado, se não a senhorita? Diga-me... Quem, a seu ver, eu iludo?

Miss Greysteel fez silêncio por um momento e depois, com certa relutância, disse:

- Talvez sua amiga ontem à noite?

- Minha amiga ontem à noite! O que quer dizer?

Miss Greysteel adquiriu uma expressão triste.

- A moça na gôndola que estava ansiosa por falar com o senhor e que tanto temeu, por meia hora, que alguém mais o fizesse.

- Ah! - fez Strange, sorrindo e meneando a cabeça. - Não, a senhorita concluiu mal. Ela não é minha amiga. É amiga de Lorde Byron.

- Ah! - exclamou Miss Greysteel, corando um pouco. - Ela parece ser uma jovem bastante perturbada.

- Ela não está muito satisfeita com o comportamento de Sua Senhoria disse Strange, encolhendo os ombros. - Quem está? Ela queria saber se eu poderia influenciá-lo e eu me dava ao trabalho de convencê-la de que não existe, nem jamais existiu, creio, magia suficiente na Inglaterra capaz de fazer isso.

- O senhor está ofendido.

- Nem um pouco. Agora acredito que nos aproximamos do bom entendimento que a senhorita requer para uma amizade. Poderá dar-me um aperto de mão?

- Com a maior boa vontade - disse ela.

- Flora? Mister Strange? - chamou o Dr. Greysteel, caminhando a passos largos em direção a eles. - O que é isto?

Miss Greysteel sentiu-se um tanto confusa. Era-lhe de grande importância que a tia e o pai tivessem uma opinião favorável a respeito de Mr. Strange. Não queria que soubessem que ela mesma desconfiara de um mau procedimento dele. Fez de conta que não ouvira a pergunta do pai e começou a falar com grande entusiasmo de algumas pinturas no Scuola di Giorgio degli Schiavoni que desejava muitíssimo ver.

- Fica bem perto daqui. Poderíamos ir agora. Espero que venha conosco -disse para Strange.

Strange lhe sorriu, pesaroso.

- Preciso trabalhar.

- Em seu livro? - perguntou o Dr. Greysteel.

- Hoje não. Estou pesquisando uma magia que me traga um espírito mágico para ser meu assistente. Perdi a conta das vezes que tentei, e de quantas maneiras.

E nunca, evidentemente, com o menor sucesso. Mas essa é a dificuldade do mago moderno! Encantamentos que qualquer mago menor da Inglaterra tinha como certos no passado são hoje tão inacessíveis que perdemos a esperança de algum dia reavê-los. Martin Pale tinha vinte e oito criados mágicos. Eu me consideraria afortunado se possuísse um.

- Seres mágicos! - exclamou tia Greysteel. - De acordo com o que todos dizem, são criaturas travessas! Mister Strange, tem mesmo certeza de que deseja sobrecarregar-se com companhia tão impertinente?

- Minha querida tia! - exclamou Miss Greysteel. - Mister Strange sabe o que faz.

Mas tia Greysteel estava preocupada e, para ilustrar o que dizia, começou a contar de um rio que atravessava o vilarejo do condado de Derby onde ela e o Dr. Greysteel cresceram. Muito tempo atrás, fora encantado por seres mágicos e, como consequência, reduzira-se de uma majestosa torrente a um riacho tranqüilo e, embora isso tivesse ocorrido séculos e séculos atrás, os habitantes locais ainda se lembravam do fato e se sentiam contrariados. Ainda falavam das oficinas que poderiam ter criado e das indústrias que poderiam ter fundado, se o rio fosse bastante forte para lhes fornecer energia. Strange escutou cortesmente e, quando ela concluiu, disse:

- Ah, sem dúvida! Os seres mágicos são de natureza muito travessa e difíceis de controlar. Se eu obtivesse sucesso, por certo teria de me preocupar com as companhias do meu ser mágico, ou dos meus seres mágicos, - Lançou um olhar a Miss Greysteel. - Entretanto, seu poder e conhecimento são tais que um mago não pode levemente prescindir da ajuda deles, a menos que o mago seja Gilbert Norrell. Todo ser mágico que respire possui mais magia na cabeça, nas mãos e no coração do que poderia conter a mais notável biblioteca de livros de magia que já existiu.

- É mesmo?! - exclamou tia Greysteel. - Bem, isso é extraordinário.

**** Tia Greysteel se refere provavelmente a Derwent. Muito tempo atrás, quando John Uskglass ainda era um menino cativo no Reino Encantado, um rei do Reino Encantado previu que, se ele alcançasse a idade adulta, todos os antigos reinos encantados pereceriam. O rei enviou seus criados para a Inglaterra, a fim de que lhe trouxessem de volta uma faca de ferro para matá-lo. A faca foi forjada por um ferreiro às margens do Derwent e as águas do rio foram usadas para esfriar o metal quente. Contudo, a tentativa de matar John Uskglass fracassou e o rei foi destruído junto com seu clã pelo mago-menino. Quando John Uskglass entrou na Inglaterra e estabeleceu seu reino, seus partidários mágicos procuraram o ferreiro. Mataram-no e a seus familiares, destruíram-lhe a casa e lançaram encantamentos sobre o Derwent, punindo-o pela participação na fabricação da faca perversa.*

O Dr. Greysteel e tia Greysteel desejaram sucesso a Strange com sua magia e Miss Greysteel lembrou-o de que ele prometera ir com ela um dia desses ver um pianoforte que souberam estava para alugar num antiquário que morava perto de Campo San Angelo. Depois os Greysteel prosseguiram para desfrutar os prazeres do resto do dia, enquanto Strange voltou para os aposentos que alugara perto de Santa Maria Zobenigo.

A maioria dos cavalheiros ingleses que visitam a Itália nos dias de hoje escrevem poemas ou descrições da viagem, ou fazem esboços. Os italianos que desejam lhes alugar quartos são aconselhados a fornecer-lhes acomodações onde possam realizar tais atividades. O senhorio de Strange, por exemplo, reservara um pequeno cômodo escuro no alto da casa para uso do hóspede. Continha uma mesa antiga cujas quatro pernas eram grifos entalhados; havia uma cadeira de capitão de barco, um armário de madeira pintado semelhante aos encontrados em igrejas e uma escultura de madeira de uns oitenta centímetros, sobre uma coluna. Ela representava um homem sorridente segurando um objeto redondo e vermelho na mão, que tanto poderia ser uma maçã, como uma romã, como uma bola vermelha. Difícil imaginar a origem desse cavalheiro: era um tanto alegre demais para ser um santo de igreja e não bastante cômico para ser um letreiro de uma cafeteria.

Depois de verificar que o armário era úmido e mofado, desistiu de usá-lo e empilhou os livros e os papéis no chão. Mas encontrou na escultura de madeira uma espécie de amigo e, enquanto trabalhava, volta e meia dirigia-lhe observações, como "Qual é a sua opinião?", "Doncaster ou Belasis"? "O que sugere"? E Então? Consegue vê-lo? Eu não, e uma vez num tom de extrema irritação: "Ah! Fique quieto, sim"?

**** Os pontos de vista expressos por Strange nesse momento são irrefletidamente otimistas e românticos, A literatura da magia inglesa está repleta de exemplos de seres mágicos fracos de poderes ou que eram estúpidos ou ignorantes.*

O encantamento que Jacques Belasis criou para invocar espíritos era considerado excelente, Lamentavelmente, o único exemplar da obra-prima de Belasis, As instruções, encontrava-se na biblioteca de Hurlfew, e Strange nunca o vira. Tudo o que sabia a respeito eram vagas descrições de relatos posteriores, por isso é de se supor que Strange estava recriando essa magia e apenas tinha uma idéia superficial do que pretendia.

Pegou um papel no qual anotara um encantamento. Moveu os lábios como fazem os magos ao recitarem palavras mágicas. Quando terminou, olhou em volta no quarto como se esperasse encontrar ali outra pessoa. Mas, quem quer que esperasse ver, não viu. Suspirou, amassou o encantamento, fazendo com ele uma bola, e o atirou contra a pequena escultura de madeira. A seguir, pegou outra folha de papel, fez algumas anotações, consultou um livro, resgatou do chão o primeiro papel, alisou-o, examinou-o por meia hora, puxando aqui e ali o cabelo o tempo inteiro, amassou-o novamente e o jogou pela janela.

Um sino começou a soar em algum lugar. Um som triste e solitário que fazia quem o ouvisse pensar em lugares ermos, abandonados, céus escuros e vazio. Algumas dessas idéias devem ter ocorrido a Strange, pois ele se distraiu, interrompeu seus afazeres e olhou pela janela, como se para se certificar de que

Veneza não se transformara de súbito numa ruína deserta e silenciosa. Mas lá fora a vista era a da habitual azáfama e animação. A luz do sol brilhava na água azul. O campo estava apinhado de gente: damas venezianas que iam para Santa Maria Zobenigo, soldados austríacos passeando de braços dados e olhando para tudo, comerciantes que tentavam lhes vender coisas, rapazolas que brigavam e mendigavam, gatos cuidando de suas atividades secretas.

Strange retomou o trabalho. Tirou o paletó e enrolou a manga da camisa. Em seguida, saiu do quarto e voltou com uma faca e uma bacia branca e pequena. Usou a faca para sangrar o braço. Pôs a bacia em cima da mesa e olhou no fundo dela para ver se a quantidade bastava, mas a perda de sangue deve ter produzido um efeito bem maior do que ele imaginava, pois num instante de desfalecimento bateu contra a mesa e a bacia foi ao chão. Ele xingou em italiano (um bom idioma para xingamentos) e procurou em volta algo com que limpar o sangue.

**** Em contrapartida, o encantamento comumente atribuído ao Mestre de Doncaster é bem conhecido e aparece em inúmeras obras, amplamente disponíveis. Desconhece-se a identidade do Mestre de Doncaster. Infere-se sua existência com base em umas poucas referências em relatos de Áureos a magos do século XIII que adquiriram encantamentos e magia "de Doncaster". De mais a mais, não é de modo algum claro que toda a magia atribuída ao Mestre de Doncaster seja obra de um homem, Isso levou historiadores da magia a pressuporem a existência de um segundo mago, ainda mais nebuloso do que o primeiro, o Pseudo-Mestre de Doncaster. Se, como convincentemente se argumentou, o Mestre de Doncaster era de fato John Uskglass, seria lógico supor que o encantamento de invocação foi criado pelo Pseudo-Mestre. Parece improvável em extremo que John Uskglass tenha tido necessidade de um encantamento para invocar seres mágicos, Afinal, sua corte estava repleta deles.*

Por acaso havia um pano branco enrolado em cima da mesa. Era um camisão de dormir que Arabella costurara nos primeiros anos do casamento. Sem se dar conta disso, Strange esticou a mão para pegá-lo. Estava quase por agarrá-lo

quando Stephen Black saiu das sombras e lhe estendeu um trapo. Stephen acompanhou a ação com uma leve semi-mesura, que é a segunda natureza de todo criado experiente. Strange pegou o trapo e limpou o sangue (de modo um tanto ineficaz), sem se dar conta, porém, da presença de Stephen no quarto. Stephen recolheu o camisão de dormir, desfez as pregas, dobrou-o com cuidado e o pôs caprichosamente sobre um tamborete num canto.

Strange se deixou cair na cadeira, bateu a parte ferida do braço na quina da mesa, xingou novamente e cobriu o rosto com as mãos.

- Mas o que ele está tentando fazer? - perguntou Stephen Black, num tom baixo de voz.

- Ah, está tentando me invocar! - disse o cavalheiro de cabelos de algodão. - Deseja fazer-me todo tipo de perguntas sobre magia! Mas não é necessário sussurrar, meu caro Stephen. Ele não o vê nem o ouve. Esses magos ingleses são tão ridículos! Fazem tudo por meios indiretos! Stephen, digo-lhe que observar este camarada tentar fazer magia é como observar um homem sentar-se para jantar com o paletó vestido ao contrário, uma venda nos olhos e um balde na cabeça! Quando o senhor me viu realizar truques tão absurdos assim? Tirar meu próprio sangue ou rabiscar palavras num papel? Quando quero fazer algo, simplesmente falo com o ar, ou com as pedras, ou com a luz do sol, ou com o mar, ou com o que quer que seja, e educadamente lhes peço que me ajudem. E então, dado que minhas alianças com esses espíritos poderosos foram firmadas há milhares de anos, eles têm a maior satisfação em fazer o que quer que eu lhes peça.

- Entendo - disse Stephen. - Mas, apesar de todo o desconhecimento do mago, ainda assim ele obteve êxito. Afinal, o senhor está aqui, não está?

- Sim, não nego - disse o cavalheiro com um tom irritado. - Mas isso não diminui o fato de que a magia que aqui me trouxe é inepta e canhestra! Ademais, em que beneficia? Em nada! Decidi não me tornar visível para ele, e ele não conhece contra-magia. Stephen! Depressa! Vire as páginas daquele livro! Não há brisa no quarto e isso o deixará perplexo. Ah! Veja como ele olha espantado! Quase desconfia que estamos aqui, mas não pode nos ver. Ah, ah! Está ficando muito nervoso! Dê-lhe um forte beliscão na nuca! Pensará que é um mosquito!

52. *A Velha Dama de Cannaregio*

Fim de novembro de 1816

Algum tempo antes de partir da Inglaterra, o Dr. Greysteel recebeu uma carta de um amigo na Escócia na qual pedia que, caso fosse a Veneza, visitasse uma velha dama que lá morava. Seria, disse o amigo escocês, um ato de benevolência, uma vez que a velha senhora, que no passado fora rica, agora estava pobre. O Dr. Greysteel tinha uma vaga lembrança da curiosa e heterogênea origem da dama: meio escocesa, meio espanhola ou talvez meio irlandesa, meio hebraica.

O Dr. Greysteel tencionava visitá-la, mas, fosse por causa das estalagens e carruagens, dos deslocamentos repentinos e das mudanças de planos, ao chegar a Veneza verificou que já não estava de posse da carta e que já não guardava uma impressão muito clara de seu conteúdo. Tampouco tinha anotado o nome da dama; nada contava a não ser com um pedaço de papel com o endereço de onde a encontraria.

Tia Greysteel disse que, dadas as dificultosas circunstâncias, o melhor seria enviar uma carta à velha dama, informando-a da visita. Acrescentou, porém, que sem dúvida pareceria estranhíssimo não saberem seu nome; ela com certeza os julgaria negligentes e deploráveis. O Dr. Greysteel demonstrou desconforto, torceu o nariz e se inquietou bastante, mas, como não lhe ocorreu plano melhor, escreveram de imediato um bilhete e o entregaram à senhoria, a fim de que ela o mandasse sem demora para a velha dama.

A seguir, sucedeu o primeiro elemento estranho do caso, pois ao examinar o endereço a senhoria franziu o cenho e, por motivos que o Dr. Greysteel não entendeu, enviou-o a seu cunhado na ilha de Giudecca.

Dias depois, o mesmo cunhado, um advogado veneziano pequeno e elegante, visitou o Dr. Greysteel. Informou-o de que tinha enviado o bilhete, como o Dr. Greysteel pedira, mas que era necessário que o doutor soubesse que a dama

morava numa região da cidade chamada Cannaregio, no Ghetto, onde viviam os judeus. A carta fora entregue nas mãos de um venerável cavalheiro hebreu. Não houvera resposta. Como o Dr. Greysteel gostaria de proceder? O pequeno advogado veneziano teria prazer em servi-lo como pudesse.

No fim da tarde, Miss Greysteel, tia Greysteel, o Dr. Greysteel e o advogado (cujo nome era Signor Tosetti) atravessaram a cidade numa gôndola - a região chamada São Marco, onde viram homens e mulheres preparando-se para os prazeres noturnos -, passaram pelo desembarcadouro de Santa Maria Zobenigo, onde Miss Greysteel se virou para trás de modo a olhar para uma janelinha iluminada à luz de vela, que poderia ser a de Jonathan Strange, passaram pela ponte Rialto, onde tia Greysteel começou a manifestar impaciência com suspiros e interjeições e a desejar muitíssimo ver mais sapatos nos pés das crianças.

Desceram da gôndola no Ghetto Nuovo. Conquanto todas as casas de Veneza fossem estranhas e antigas, as do Ghetto pareciam sê-lo de forma especial, como se a estranheza e a antiguidade delas fossem duas mercadorias negociadas por esse povo mercantil para a construção de casas. Conquanto todas as ruas de Veneza fossem melancólicas, essas exibiam uma melancolia bastante distinta, como se a tristeza judia e a tristeza gentia tivessem sido feitas com fórmulas diferentes. Contudo, as casas eram muito simples, e a porta em que o Signor Tosetti bateu era negra e humilde o suficiente para servir como casa de reuniões de um quacre na Inglaterra.

A porta foi aberta por um criado que os fez entrar na casa e numa sala escura apainelada com madeira seca de aspecto antigo que não exalava outro cheiro que não o de mar.

Havia na sala uma porta apenas entreaberta. De onde estava o Dr. Greysteel pôde ver livros antigos e de aparência surrada encadernados com couro delicado, candelabros de prata de onde brotavam mais ramificações do que em geral se via nos candelabros ingleses, caixas de madeira polida de aspecto misterioso - tudo, no entender do Dr. Greysteel, ligado à religião do cavalheiro hebreu. Na parede pendia um boneco, ou marionete, alto e encorpado como um homem, de mãos e pés

grandes, mas vestido como mulher, a cabeça afundada no peito, de forma que não se lhe podia ver o rosto.

O criado passou pela porta para falar com seu patrão. O Dr. Greysteel sussurrou à irmã que a aparência dele era bastante apresentável. Sim, retrucou tia Greysteel, exceto por não trajar paletó. Tia Greysteel declarou que muitas vezes observara criados propensos a se apresentarem em mangas de camisa, e que só ia acontecer que, no caso de patrões solteiros, nada se fazia para corrigir tal mau hábito. Tia Greysteel não entendia o porquê disso. Ela pressupôs que o cavalheiro hebreu fosse viúvo.

- Ah! - exclamou o Dr. Greysteel, espiando pela porta entreaberta. - Nós lhe interrompemos o jantar.

O venerável cavalheiro hebreu trajava casaco preto comprido e empoeirado, tinha uma enorme barba encaracolada e grisalha, cabelos brancos e um solidéu no alto da cabeça. Estava sentado a uma mesa comprida coberta com uma toalha de linho branco impecável e prendera uma boa porção dela dentro da gola do roupão preto para lhe servir de guardanapo.

Tia Greysteel escandalizou-se com o fato de o Dr. Greysteel espiar pela fresta da porta e tentou fazê-lo parar, cutucando-o com a ponta do guarda-chuva.

Mas ele tinha ido à Itália para observar tudo o que fosse possível e não via motivo para abrir exceção para um cavalheiro hebreu num cômodo privado.

Esse cavalheiro hebreu em particular não parecia predisposto a interromper o jantar para receber uma família inglesa desconhecida; aparentemente informava ao criado o que lhes dizer.

O criado voltou e falou com o Signor Tosetti. Quando concluiu, o Signor Tosetti fez uma mesura a tia Greysteel e explicou que o nome da dama que procuravam era Delgado e que ela morava no último andar da casa. O Signor Tosetti ficou um tanto contrariado, porque parecia que nenhum dos criados do cavalheiro hebreu dispunha-se a lhes mostrar o caminho e anunciar sua chegada, mas, como disse, o grupo não

rejeitava aventuras audaciosas e sem dúvida saberia como alcançar o alto de uma escada.

O Dr. Greysteel e o Signor Tosetti pegaram uma vela cada um. A escada subia serpeando escuridão adentro. Eles passaram por muitas portas que, conquanto magníficas, tinham um aspecto curioso e mirrado - pois, com o fito de acomodarem todas as pessoas, as casas no Ghetto foram construídas tão altas e com tantos andares quanto os moradores puderam ousar enfrentar, e, para compensar isso, os tetos eram demasiado baixos. A princípio ouviram pessoas conversando atrás dessas portas, e atrás de uma ouviram um homem que cantava uma triste canção num idioma desconhecido. Depois depararam com portas abertas que exibiam apenas escuridão; uma corrente de ar frio e viciado escapava delas. A última porta, porém, estava fechada. Bateram, mas ninguém atendeu. Anunciaram que ali estavam para visitar Mrs. Delgado. Nenhuma resposta. E a seguir, por que tia Greysteel observou que seria tolice terem ido tão longe para agora retornarem, abriram a porta e entraram.

O cômodo, que não era muito mais do que um porão, tinha toda a desolação que a velhice e a pobreza extrema poderiam lhe dar. Nada continha que não estivesse quebrado, lascado ou roto. Todas as cores no cômodo haviam definhado, ou escurecido, ou se transformado até ficarem cinzentas. Uma pequena janela aberta para o ar da noite mostrava a lua, embora causasse um pouco de surpresa que a lua, com sua face e dedos brancos e limpos, concedesse a honra de uma aparição nesse quartinho imundo.

Entretanto, não foi isso que fez o Dr. Greysteel se alarmar, repuxar a gravata, ir do rubor à palidez, resfolegar. Se existia uma coisa que o Dr. Greysteel detestava mais que tudo no mundo, eram gatos - e o cômodo estava repleto deles. Entre os gatos estava uma pessoa muito franzina, sentada numa cadeira de madeira empoeirada. Era sorte, como dissera o Signor Tosetti, que os Greysteel fossem aventureiros audaciosos, pois a visão de Mrs. Delgado bem poderia ter assustado pessoas nervosas. Embora sentasse a prumo - poder-se-ia dizer que se colocara na posição de salto, à espera de algo -, ela exibia tantas marcas e desfigurações da velhice extrema que ia perdendo a semelhança com os seres humanos e começava a se assemelhar a outras classes de criaturas vivas. Os braços descansavam no colo,

tão extravagantemente cobertos de manchas marrons que pareciam dois peixes. Sua pele era branca, quase transparente, pele dos extremamente idosos, tão fina e enrugada como uma teia de aranha, com veias de um azul nodoso.

Não se levantou quando eles entraram, tampouco deu qualquer indicação de que lhes notara a presença. Talvez não os tivesse escutado, pois, embora o cômodo fosse silencioso, o silêncio de cinquenta gatos é algo peculiar, como cinquenta silêncios individuais empilhados uns sobre os outros.

Então os Greysteel e o Signor Tosetti, pessoas práticas, sentaram-se no horrível quartinho e a tia Greysteel, com o sorriso bondoso e o desejo solícito de que todos se sentissem confortáveis e à vontade, começou a se dirigir à velha dama.

- Espero, minha querida Mrs. Delgado, que nos perdoe a intrusão, mas minha sobrinha e eu quisemos nos permitir a honra de uma visita à senhora. Tia Greysteel fez uma pausa, caso a velha dama desejasse responder, mas ela permaneceu calada. - Mas que acomodação espaçosa e arejada a senhora tem! Uma amiga minha muito querida, Miss Whilesmith, habita um pequeno quarto no alto de uma casa na Praça Queen, em Bath, um quarto muito parecido com este seu, Mrs. Delgado, e ela diz que no verão não o trocaria pela melhor casa da cidade, pois é bafejada por brisas como ninguém e se sente perfeitamente fresca, enquanto gente ilustre sufoca em seus ricos apartamentos. E ela mantém tudo arrumado com capricho, ao alcance das mãos toda vez que precisa. A única queixa é que a moça do segundo casal dos fundos está sempre pondo chaleiras quentes na escada, o que, como sabe, Mrs. Delgado, pode ser algo muito desagradável se por acaso bate-se o pé nelas. A senhora encontra muita inconveniência com relação à escada?



Houve um silêncio. Ou, melhor, alguns momentos se passaram cheios de nada mais que o respirar de cinqüenta gatos.

O Dr. Greysteel enxugou a testa suada com o lenço e se remexeu por baixo da roupa.

- Estamos aqui - começou - por um pedido especial de Mister John McKean, do condado de Aberdeen. Ele lhe manda lembranças. Espera que a senhora esteja bem e lhe deseja uma boa saúde no futuro.

O Dr. Greysteel falou mais alto do que o normal, pois começara a desconfiar que a velha dama era surda. Isso, porém, teve como resultado apenas perturbar os gatos, muitos dos quais começaram a se pavonear pelo cômodo, esfregando-se uns nos outros e emitindo centelhas no ar crepuscular. Um gato preto saltou de algum lugar sobre o espaldar da cadeira do Dr. Greysteel e andou sobre ele como se numa corda bamba.

O Dr. Greysteel demorou um pouco para se recobrar e depois disse:

- A senhora gostaria que transmitíssemos a Mister McKean alguma notícia sobre sua saúde?

A velha dama permaneceu calada.

Miss Greysteel foi a próxima a tentar.

- Fico contente, minha senhora, de vê-la cercada assim de tão bons amigos. Devem ser um grande consolo para a senhora. Esse gatinho cor de mel a seus pés, mas que aparência elegante ele tem! E um jeito delicado de lavar o rosto! Como se chama?

A velha dama não respondeu.

Assim, estimulado por um olhar do Dr. Greysteel, o pequeno advogado veneziano começou a relatar grande parte do que já havia sido dito, dessa vez porém em italiano. A única diferença era que agora a velha dama já não se dava ao trabalho de olhar para eles, mas fixava o olhar num enorme gato cinza, que, por seu turno, olhava para um gato branco, que, por seu turno, contemplava a lua.

- Diga-lhe que lhe trouxe dinheiro - disse o Dr. Greysteel ao advogado. - Diga-lhe que é um presente de John McKean. Diga-lhe que não deve me agradecer... - O Dr. Greysteel gesticulou energicamente com a mão, como se uma reputação por realizações generosas e ações benevolentes fosse um mosquito que ele quisesse impedir de pousar nele.

- Mister Tosetti - disse tia Greysteel-, o senhor não está bem. Está pálido. Gostaria de um copo d'água? Decerto Mrs. Delgado poderia lhe oferecer um copo d'água.

- Não, Madamina Greysteel, não me sinto indisposto. Estou... - O Signor Tosetti olhou em volta, à procura da palavra desejada. - Temeroso - sussurrou.

- Temeroso? - sussurrou o Dr. Greysteel - Por quê? De quê?

- Ah, Signor, este lugar é terrível! - respondeu o outro num sussurro, enquanto seus olhos, numa espécie de horror, se dirigiam primeiro para onde um dos gatos

lambia a pata, preparando-se para lavar o rosto, e depois de volta à velha dama, como se esperasse vê-la realizar a mesma ação.

Miss Greysteel sussurrou que, preocupados em manifestar sua preocupação com Mrs. Delgado, haviam formado um grupo grande e chegado muito de repente à porta dela. Decerto eles eram suas primeiras visitas em anos. Não admirava que a cabeça dela parecesse temporariamente confusa. Era uma provação por demais violenta!

- Ah, Flora! - sussurrou tia Greysteel. - Imagine! Passar anos e anos sem companhia de tipo algum!

Sussurrar todos juntos num cômodo tão pequeno - a velha dama não estava nem a um metro deles - pareceu ridículo demais ao Dr. Greysteel e, por não saber o que mais fazer, irritou-se sobremaneira com seus acompanhantes, de forma que sua irmã e sua filha julgaram melhor se retirar.

Tia Greysteel insistiu em dar um longo e cordial adeus à velha dama, dizendo-lhe que voltariam quando ela estivesse se sentindo melhor, o que, esperava tia Greysteel, seria em breve.

Logo que passaram pela porta, olharam para trás. Nesse momento, aparecera um outro gato no peitoril da janela com algo rijo e pontudo na boca, algo extraordinariamente semelhante a um pássaro morto. A velha dama emitiu um breve som jubiloso e saltou da cadeira com surpreendente energia. Foi o som mais estranho do mundo, e sem a menor semelhança com a fala humana. Ele fez o Signor Tosetti gritar de susto, fechar a porta e esconder o que quer que fosse que a velha dama estivesse prestes a fazer.

**** O Signor Toselli admitiu mais tarde para os Greysteel que acreditava saber quem era a velha dama de Cannaregio. Ouvira sua história muitas vezes ao visitar a cidade, mas antes de vê-la com os próprios olhos descartara o caso, considerando-o apenas uma fábula, uma história para assustar jovens e tolos.*

Ao que parece, o pai dela era judeu e a mãe descendia de metade dos povos

da Europa.

Quando menina, aprendera vários idiomas e os falava com perfeição. Não havia um em que não pudesse ser mestra, se o desejasse. Aprendia por prazer. Aos dezesseis anos, dominava não só francês, italiano e alemão, parte das habilidades correntes de uma dama, como também todos os idiomas do mundo civilizado (e do não civilizado). Falava o idioma da região montanhosa da Escócia (que é como cantar). Falava basco, língua que raras vezes causa alguma impressão sobre a inteligência de um povo, de forma que alguém pode ouvi-lo com a freqüência e o tempo que desejar sem jamais conseguir se lembrar de uma sílaba sequer. Aprendera até mesmo o idioma de um estranho país que, disseram ao Signor Tosetti, alguns acreditavam ainda existir, embora ninguém no mundo soubesse onde ficava. (O nome desse país era Gales).

Ela viajara o mundo e comparecera ante reis e rainhas; arquidukes e arquidukesas; príncipes e bispos; grafs e gräfins, e com cada uma dessas personalidades ela conversou no idioma que elas haviam aprendido quando crianças, e todas declararam-na um prodígio.

Até que por fim foi a Veneza.

A dama, no entanto, nunca aprendera a moderar seu comportamento, por pouco que fosse. À sua sede de aprender juntavam-se outras sedes, e ela se casou com um homem semelhante. A dama e o marido chegaram no Carnevale e nunca mais foram embora. Perderam toda a fortuna em jogatinas no Ridottos. A saúde perderam em outros prazeres. E numa manhã, quando os canais de Veneza estavam prateados e róseos com a luz do alvorecer, seu marido deitou-se nas pedras molhadas de Fondamenta dei Mori e morreu, e não houve nada que alguém pudesse fazer para salvá-lo. E o melhor que sua esposa talvez pudesse fazer seria o mesmo, pois não tinha dinheiro nem para onde ir. Mas os judeus se lembraram de que a dama tinha algum direito à caridade deles, sendo ela mesma de certa forma judia (embora jamais o tivesse admitido), ou talvez tenham se condoído dela como criatura sofredora (pois os judeus também sofriam com paciência em Veneza). Qualquer que tenha sido a razão, deram-lhe abrigo no Ghetto. As histórias variam quanto ao que sucedeu depois, mas todas concordam em que ela

vivia entre os judeus, porém não era um deles. Vivia muito sozinha, e se por culpa dela ou deles não sei. Muito tempo se passou, e ela não falava com ninguém, e um forte vento de loucura uivou dentro dela e derribou todos os seus idiomas. Ela esqueceu o italiano, esqueceu o inglês, esqueceu o latim, esqueceu o basco, esqueceu o gaulês, esqueceu tudo no mundo, exceto a linguagem dos gatos, e esta, diziam, ela falava maravilhosamente bem.

53. *Um Pequeno Camundongo Cinzento Morto*

Fim de novembro de 1816

Na noite seguinte, numa sala em que a melancolia e o esplendor venezianos se mesclavam de maneira romântica e satisfatória, Strange e os Greysteel sentaram-se para cear juntos. O piso era de mármore gasto e rachado, e as cores, de um inverno veneziano: A cabeça de tia Greysteel, coberta com uma touca branca esmerada, contrastava com a enorme porta preta que assomava à distância atrás dela. Encimando a porta, havia entalhes indistintos muito semelhantes a um monumento funerário cingido por sombras lúgubres. Nas paredes de reboco, viam-se espectros de afrescos pintados com espectros de cores, todos glorificando alguma antiga família veneziana cujo último herdeiro morrera afogado havia muito tempo. Os proprietários atuais eram pobres como camundongos de igreja e durante anos não tiveram condições de restaurar a casa. Chovia lá fora e, o mais surpreendente, também lá dentro; de algum lugar na sala vinha o som desagradável de água gotejando em abundância no chão e nos móveis. Mas os Greysteel não se deixavam deprimir e tampouco se privavam de um bom jantar por causa de tais trivialidades. Tinham expulsado as sombras fúnebres com uma excelente luz viva de velas e encobriam o som da água gotejante com risos e conversação. De modo geral, conferiam um alegre caráter inglês à parte da sala em que estavam.

- Mas não entendo - disse Strange -, quem cuida da velha?

- O cavalheiro judeu - respondeu o Dr. Greysteel-, que parece ser um velho bastante caridoso, provê-lhe acomodação, e os seus criados lhe colocam pratos de comida ao pé da escada.

- Mas de que maneira fazem a comida chegar até ela – exclamou Miss Greysteel - ninguém sabe. O Signor Tosetti acredita que os gatos a levam.

- Que tolice! - afirmou o Dr. Greysteel. - Quem já ouviu falar de gatos fazendo algo útil!

- Afora olharem fixamente para nós com altivez - comentou Strange. - Isso tem uma espécie de utilidade moral, imagino, pois faz com que nos sintamos incomodados e nos incentiva à reflexão ponderada sobre imperfeições.

A estranha aventura dos Greysteel vinha servindo de assunto para a conversa desde que se sentaram para jantar.

- Flora, minha querida - disse tia Greysteel-, Mister Strange começará a pensar que não conseguimos falar de outra coisa.

- Ah, não dê atenção ao que digo - replicou Strange. - É algo curioso e nós, magos, colecionamos curiosidades, sabe?

- Poderia curá-la por meio da magia, Mister Strange? - perguntou Miss Greysteel.

- Curar loucura? Não. Embora não por falta de tentativas. Uma vez pediram-me que visitasse um velho cavalheiro louco para ver o que eu poderia fazer por ele. Acredito que aquela foi uma ocasião em que lancei meus encantamentos mais fortes, mas ao cabo da visita a loucura continuava nele.

- Mas deve haver fórmulas para curar a loucura, não? - perguntou Miss Greysteel com entusiasmo. - Certamente os magos Áureos tinham uma. - Miss Greysteel passara a se interessar pela história da magia e agora suas conversações incluíam palavras como Áureo e Argênteo.

- Possivelmente - respondeu Strange -, mas, nesse caso, a prescrição se perdeu há centenas de anos.

- E, ainda que fosse há milhares de anos, estou segura de que isso não seria necessariamente um impedimento para o senhor. O senhor nos relatou dezenas de exemplos de encantamentos que se acreditavam perdidos e que conseguiu recuperar.

- É verdade, mas, em geral eu tinha uma idéia de como começar. Nunca ouvi falar de um caso sequer de um mago Áureo que curasse loucura. Os magos tinham

um ponto de vista bem diferente do nosso com relação à loucura. Julgavam os loucos videntes, profetas, e lhes escutavam as divagações com muita atenção.

- Que curioso! Por quê?

- Mister Norrell acreditava que os seres mágicos tinham compaixão pelos loucos, isso e o fato de que estes são capazes de perceber espíritos mágicos quando ninguém mais consegue, - Strange fez uma pausa, - Disse que a velha senhora é muito louca? - perguntou.

- Ah, sim! Creio que é.

Na sala de estar, após o jantar, o Dr. Greysteel adormeceu profundamente na cadeira. Tia Greysteel cochilou na dela, acordando de quando em quando para se desculpar pela sonolência e logo voltar a cair no sono. Dessa forma Miss Greysteel pôde desfrutar uma conversa a sós com Strange pelo resto da noite. Tinha muito a lhe dizer. Por sugestão dele, lera havia pouco Uma história do Rei Corvo para crianças, de Lorde Portishead, e desejava lhe fazer perguntas a respeito. Entretanto, ele parecia distraído, e várias vezes ela teve a impressão desagradável de que não lhe prestava atenção.

No dia seguinte, os Greysteel visitaram o Arsenal e ficaram admirados com sua escuridão e vastidão, passaram umas duas horas ociosas em lojas de raridades (onde os vendedores pareciam quase tão pitorescos e antiquados como as próprias raridades) e tomaram sorvete num confeitiro perto da igreja de San Stefano. A todos os prazeres do dia Strange fora convidado, mas de manhã bem cedo tia Greysteel recebera um breve bilhete em que ele lhe apresentava respeitos e agradecimentos, mas dizia que encontrara por acaso um novo curso de investigação que não ousava dispensar, "e os estudiosos, minha senhora, como sabe pelo exemplo de seu próprio irmão, são os seres mais egoístas da criação, e penso que essa dedicação à pesquisa justifica tudo". Tampouco apareceu no dia, seguinte, quando visitaram a Scuola di Santa Maria della Carità. Nem no outro dia, quando foram de gôndola a Torcello, uma ilha solitária, invadida por juncais e envolta em uma névoa cinzenta onde a primeira cidade veneziana fora erguida, vivera dias de esplendor, para ser depois abandonada e finalmente desmoronar de todo, havia muito tempo.

Mas, embora Strange estivesse trancado em seus aposentos perto de Santa Maria Zobenigo, praticando magia, o Dr. Greysteel foi poupado da angústia de sentir sua falta em grande parte pela freqüência com que lhe mencionavam o nome. Se os Greysteel caminhassem pela Rialto, e se a vista dessa ponte motivasse o Dr. Greysteel a falar de Shylock, de Shakespeare e da situação do teatro moderno, estava seguro de que teria o benefício das opiniões de Strange sobre tais assuntos, pois Miss Greysteel as conhecia todas e conseguia argumentar sobre elas tão bem como sobre os próprios assuntos. Se, numa loja de raridades, os Greysteel se fascinasse pela pintura de um peculiar urso dançante, isso só ensejava Miss Greysteel a falar ao pai de um conhecido de Mr. Strange que tinha um urso empalhado numa caixa envidraçada. Se os Greysteel comessem carne de cordeiro, Miss Greysteel com certeza se recordava de uma ocasião em que Mr. Strange lhe contou que havia comido carne de cordeiro no Lyme Regis.

Na noite do terceiro dia, o Dr. Greysteel enviou uma mensagem a Strange propondo-lhe que tomassem um café e um copo de aguardente italiana. Encontraram-se no Florian pouco depois das seis.

- É um prazer vê-lo - disse o Dr. Greysteel-, mas o senhor parece pálido. Anda se lembrando de comer? De dormir? De fazer exercícios?

- Creio que comi alguma coisa hoje - respondeu Strange -, embora não consiga me lembrar o quê.

Conversaram por algum tempo assuntos sem importância, mas Strange estava transtornado. Várias vezes respondeu ao Dr. Greysteel a esmo. Depois, sorvendo seu último gole de grappa, consultou o relógio de bolso e disse:

- Espero que me perdoe a pressa. Tenho um compromisso. Boa noite, então.

O Dr. Greysteel ficou um tanto surpreso e não pôde evitar a curiosidade de saber de que compromisso se tratava. Um homem poderia se comportar mal em qualquer parte do mundo, mas ao Dr. Greysteel parecia que em Veneza ele se comportaria ainda pior, e com mais freqüência. Nenhuma outra cidade do mundo estava tão preparada para proporcionar oportunidades para todo tipo de diabruras,

e aconteceu que nesse ensejo o Dr. Greysteel esperava que o caráter de Strange fosse irreprochável. De forma que, com o maior ar de desinteresse, indagou se o compromisso era com Lorde Byron.

- Com efeito, não. Para falar a verdade - Strange estreitou os olhos e confidenciou -, creio que encontrei alguém para me auxiliar.

- O seu ser mágico?

- Não. Outro ser humano. Tenho muita esperança nessa colaboração. Entretanto, ao mesmo tempo, não sei bem como a pessoa receberá minha proposta. O senhor entende que, sob tais circunstâncias, não desejo fazê-la esperar.

- Claro que não! - exclamou o Dr. Greysteel. - Vá! Vá!

Strange se afastou, transformando-se numa das inúmeras figuras negras na piazza, todas com corpos pretos, rostos pretos e nenhuma expressão, atravessando às pressas a face veneziana da cor do luar. A própria lua se achava entre as grandes nuvens arquitetônicas, de forma que parecia haver no céu outra cidade iluminada pelo luar, cujo esplendor se igualava ao de Veneza e cujos palácios monumentais e ruas se desmoronavam em ruínas, como se algum espírito com disposição de ânimo caprichosa ali a tivesse posto para zombar do lento declínio da outra.

Entrementes, tia Greysteel e Miss Greysteel tinham aproveitado a ausência do médico para retornar ao terrível quatinho no alto da casa no Ghetto. Foram secretamente, porque tinham a sensação de que o Dr. Greysteel, e talvez até mesmo Mr. Strange, tentaria impedi-las ou, ao contrário, insistiria em acompanhá-las, e dessa vez não desejavam companhia masculina.

- Eles quererão falar a respeito - disse tia Greysteel -, tentarão imaginar como ela chegou a essa triste condição. Mas de que servirá? Como isso poderá ajudá-la?

Miss Greysteel levara algumas velas e um castiçal. Acendeu a vela, para que vissem o que faziam. Depois, das cestas que carregavam, tiraram um delicioso prato de fricassê de vitela que encheu de um cheiro bom o cômodo de ar viciado e horrível, alguns pãezinhos frescos, maçãs e um xale para aquecê-la. Tia Greysteel

pôs o prato de fricassê de vitela diante de Mrs. Delgado, mas verificou que os dedos e as unhas da mão da velha eram curvos e rijos como garras e não conseguiam sustentar o cabo da faca e do garfo.

- Bem, minha querida - disse afinal tia Greysteel-, ela mostra bastante interesse pela comida, e com certeza lhe fará bem. Mas deixemos que coma do jeito que julgar melhor.

Desceram para a rua. Uma vez fora do prédio, tia Greysteel exclamou:

- Ah, Floral Viu? O jantar dela já estava preparado. Havia um pequeno pires de porcelana, um pires muito bonito, um pouco semelhante ao meu jogo de chá com botões de rosa e miosótis, com um camundongo, um camundongo cinza morto!

Miss Greysteel parecia pensativa.

- Diria que era uma cabeça de chicória, cozida e temperada com um molho, como os que preparam aqui, parecida com um pequeno camundongo.

- Ah, minha querida! - disse tia Greysteel. - Sabe que não era nada disso...

Caminhavam pelo Ghetto Vecchio em direção ao canal de Cannaregio quando Miss Greysteel se afastou de repente para dentro das sombras e sumiu de vista.

- Flora! O que é?- exclamou tia Greysteel. - O que viu? Não se demore, minha querida. É demasiado escuro aqui entre as casas. Minha querida! Flora!

Miss Greysteel voltou para a área iluminada com a mesma rapidez com que dela se afastara.

- Não é nada, tia - disse. - Não se assuste. Foi só que pensei ter ouvido alguém chamar meu nome e fui ver. Achei que fosse alguém conhecido. Mas não havia ninguém lá.

Na Fondamenta, a gôndola esperava por elas. O remador ajudou-as a embarcar e então, com remadas lentas, partiu. Tia Greysteel instalou-se confortavelmente sob a cobertura no centro do barco. A chuva começou a tamborilar na lona.

- Quando chegarmos, talvez encontremos Mister Strange com papai disse ela.

- Talvez - respondeu Miss Greysteel.

- Ou quem sabe ele tenha ido jogar bilhar com Lorde Byron novamente - disse tia Greysteel. - É curioso que sejam amigos. Parecem cavalheiros diferentes um do outro.

- Ah, de fato! Mas Mister Strange me contou que achou Lorde Byron bem menos agradável quando o encontrou na Suíça. Sua Senhoria estava com outras pessoas dedicadas à poesia que lhe tomavam toda a atenção e cuja companhia ele claramente preferia. Mister Strange diz que ele se comportou com pouca polidez.

- Bem, isso é muito desagradável. Porém não é de estranhar. Não teria medo de olhar para ele, minha querida? Quero dizer, Lorde Byron. Creio que eu provavelmente teria... um pouco.

- Não, eu não.

- Bem, minha querida, isso porque é mais lúcida e equilibrada do que muitas pessoas. De fato, desconheço que coisas no mundo a senhorita temeria

-Ah! Não creio que se deva a uma coragem extrema de minha parte. Quanto a uma virtude extrema, não sei. Até hoje nunca estive tentada a fazer coisas más. Apenas que Lorde Byron jamais conseguirá exercer nenhum poder sobre mim ou dominar meus pensamentos e ações. Estou a salvo dele. Mas isso não significa que não exista alguém no mundo, e não afirmo que já o tenha visto, de quem às vezes eu sentiria um pouco de medo de ver, por recear que parecesse estar triste, perdido, pensativo ou, sabe, o que seria ainda pior, ruminando alguma ira ou mágoa secretas, sem saber ou se importar que eu estivesse olhando para ele.

No pequeno sótão no alto da casa no Ghetto, as velas de Miss Greysteel se consumiram e se apagaram. A lua brilhava no interior do quarto apavorante e a velha dama de Cannaregio começou a devorar o fricassê de vitela que as damas Greeysteel lhe levaram.

Estava prestes a engolir o último bocado quando uma voz inglesa de súbito disse:

- Lamentavelmente, minhas amigas não ficaram para as apresentações e é sempre incômodo, não é, minha senhora, quando duas pessoas ficam sozinhas num cômodo para se conhecerem. Eu me chamo Strange. A senhora, embora não saiba, chama-se Delgado, e estou encantado em conhecê-la.

Strange estava encostado no peitoril da janela com os braços cruzados, observando-a atentamente.

- Em primeiro lugar - disse -, quero lhe assegurar de que não sou uma dessas visitas tediosas que vêm sem um propósito real e sem ter o que dizer. Mrs. Delgado, quero lhe fazer uma proposta. É uma feliz ocasião, minha senhora, nos conhecermos neste momento. Posso oferecer-lhe o que mais aspira e em troca a senhora me retribuirá com o que mais aspiro.

Mrs. Delgado não deu indicação de que ouvira essas palavras. Voltou a atenção para o pires com o camundongo morto e escancarou a boca velha para devorá-lo.

- Ora, minha senhora! - exclamou Strange. - Devo insistir que deixe o jantar de lado por um instante e atente para o que digo. - Inclinou-se para a frente e pegou o pires. Pela primeira vez, Mrs. Delgado pareceu saber que ele estava ali. Emitiu um pequeno miado de desagrado e olhou contrariada para ele.

- Quero que me ensine a enlouquecer. A idéia é tão simples, que não sei como não me ocorreu antes.

Mrs. Delgado resmungou baixinho.

- Ah! Põe em dúvida a prudência da minha medida? Talvez tenha razão, Alguém desejar a loucura para si mesmo é bastante imprudente. Meu mestre, minha esposa e meus amigos ficariam furiosos comigo, se soubessem. - Fez uma pausa. A expressão sarcástica desapareceu de seu rosto e o tom leve desapareceu de sua voz. - Mas reneguei meu mestre, minha esposa morreu e estou separado dos meus amigos por trinta quilômetros de água gelada e por boa parte de um continente. Pela

primeira vez desde que abracei esta estranha profissão não me vejo obrigado a consultar quem quer que seja. Bom, como começaremos? A senhora precisa me dar alguma coisa, alguma coisa que sirva de símbolo e receptáculo de sua loucura. - Procurou em volta. - Infelizmente, parece que a senhora nada possui, exceto seu vestido... - olhou para o pires que ela segurava - ... E este camundongo. Creio preferir o camundongo.

Strange começou a proferir as palavras de um encantamento. Houve uma explosão de luzes prateadas no quarto. Algo entre chamas brancas e o efeito cintilante produzido por fogos de artifício. Por um momento a luz pairou no ar entre Mrs. Delgado e Strange. A seguir Strange fez um gesto, como se pretendesse atirar a luz sobre ela; a luz flutuou em direção a Mrs. Delgado e, só por um momento, foi banhada por um resplendor prateado. De repente a velha dama sumiu de vista, substituída por uma jovem séria e esquiva de vestido antiquado. Depois, também ela desapareceu, substituída por uma mulher jovem e bela de expressão obstinada. Foi rapidamente seguida por uma mulher mais velha de porte imperioso, mas com um brilho de iminente loucura no olhar. Todas as mulheres que Mrs. Delgado fora na vida bruxulearam por instantes na cadeira. Depois desapareceram.

Na cadeira restara tão-só um tecido de seda amontoado. Dele saiu um gatinho cinzento. O gato saltou com delicadeza para o chão, depois até o parapeito da janela e desapareceu na escuridão.

- Bem, funcionou - disse Strange. Apanhou pela cauda o camundongo morto e quase apodrecido. Num instante os gatos se interessaram por Strange, miando, ronronando e se esfregando em suas pernas para atrair-lhe a atenção. Ele fez uma careta. Pôs-se a imaginar o que John Uskglass teve de aturar a fim de forjar a magia inglesa...

Perguntou-se se notaria alguma diferença. Após realizar o encantamento, ele se pegaria tentando imaginar se enlouquecera? Ficaria ali parado, se esforçando para ter pensamentos loucos e saber se algum deles lhe parecia mais natural? Deu uma última olhada para o mundo em volta, abriu a boca e dentro dela pôs cautelosamente o camundongo...

Era como mergulhar sob uma cachoeira ou ter o som de duas mil trombetas num ouvido. Tudo o que pensara antes, tudo o que sabia, tudo o que ele fora ia sendo levado numa grande inundação de emoções e sensações confusas. O mundo se fez novamente em cores iguais a chamas insuportáveis. Novos temores, novos desejos, novos ódios o traspassavam. Presenças grandiosas o rodeavam. Algumas tinham bocas perversas cheias de dentes, e olhos grandes ardentes. Algo semelhante a uma aranha horrivelmente atrofiada alçava-se ao lado dele. Estava cheia de malignidade. Na boca de Strange havia algo de sabor atroz. Incapaz de pensar, incapaz de saber, ele encontrou, Deus sabe onde, presença de espírito para cuspi-lo fora. Alguém gritou...

Deu consigo de costas no chão a fitar uma confusão de trevas, vigas de teto e luar. Uma face sombria fitava-lhe o rosto de maneira enervante. Tinha um hálito quente, úmido e malcheiroso. Ele não se lembrava de ter-se deitado, mas na verdade não se recordava de nada. Perguntou-se se estaria em Londres ou no condado de Shrop. Uma sensação estranhíssima tomava-lhe o corpo inteiro, como se vários gatos andassem sobre ele ao mesmo tempo. Pouco depois, ergueu a cabeça e verificou que de fato era esse o caso.

Soergueu-se e os gatos se afastaram aos saltos. A lua cheia entrava brilhando por uma janela quebrada. Em seguida, juntando recordações, passou a reconstituir a noite. Lembrou-se do encantamento com o qual tinha transformado a velha, do plano de enlouquecer para encontrar os seres mágicos. A princípio isso lhe parecia tão remoto que pensou estar recordando de eventos ocorridos havia, ah! Talvez um mês. Entretanto, ali estava ele no quarto, e pelo relógio de bolso verificou que o tempo mal havia passado.

Conseguiu resgatar o camundongo. Por sorte, seu braço caíra sobre ele e o protegera dos gatos. Colocou-o no bolso e saiu do quarto às pressas. Não queria ficar ali nem mais um instante; a princípio, o quarto fora um pesadelo e agora lhe parecia um lugar de indizível horror.

Encontrou várias pessoas na escada, mas elas não lhe prestaram a menor atenção. Havia lançado antes um encantamento sobre os moradores da casa e eles estavam convencidos de que o viam todos os dias, de que ele freqüentava os

aposentos com regularidade e de que nada seria mais natural do que ele ali estar. Mas, se lhes perguntassem quem era ele, não seriam capazes de dizer.

Strange voltou para seus aposentos em Santa Maria Zobenigo. A loucura da velha ainda parecia contagiá-lo. As pessoas por quem passava nas ruas estavam estranhamente mudadas; as expressões pareciam ferozes e ininteligíveis, e mesmo o modo como andavam era pesado e feio. "Bem, uma coisa está clara", pensou ele, "a velha era realmente louca. Eu não poderia invocar o ser mágico naquela situação".

No dia seguinte, levantou-se cedo e, logo depois do café-da-manhã, deu início ao processo de reduzir a pó a carne e as tripas do camundongo, conforme vários princípios conhecidos da magia. Deixou os ossos intactos. A seguir transformou o pó em poção. Havia duas vantagens nisso. Em primeiro lugar (e de modo algum sem importância), era bem menos repulsivo engolir umas poucas gotas da poção do que pôr um camundongo morto na boca. Em segundo lugar, ele acreditava que, dessa maneira, conseguiria controlar o grau de loucura que se impunha.

Às cinco horas, ele tinha obtido um líquido amarronzado cujo odor era principalmente o do conhaque que usara no preparo da poção. Entornou-o numa garrafa. A seguir, contou cautelosamente catorze gotas num copo da poção e o bebeu.

Passados alguns minutos, olhou pela janela que dava para o Campo Santa Maria Zobenigo. Havia um ir e vir de pessoas. A parte de trás da cabeça delas era oca; o rosto não mais do que máscaras finas. Dentro de cada cavidade da cabeça ardia uma vela. Isso era tão claro para Strange que ele se perguntou por que não o notara antes. Imaginou o que aconteceria se saísse na rua e soprasse algumas daquelas velas. Riu ao pensar nisso. Riu tanto que não conseguia se manter de pé. O riso ecoou pela casa inteira. Um pequeno resíduo de razão o advertiu de que o senhorio e a família dele não deveriam saber o que ele estava fazendo, portanto se deitou na cama para abafar o riso no travesseiro, esperneando de quando em quando com a simples hilaridade daquilo.

Na manhã seguinte, ao acordar, estava na cama completamente vestido e de sapatos. Afora a sensação de entorpecimento e untuosidade que em geral resulta de se dormir com roupas de sair, ele se sentia como sempre. Lavou-se, barbeou-se e

vestiu outra roupa. Depois, saiu para comer e beber alguma coisa. Gostava de um pequeno café situado na esquina da Calle de la Cortesia com Campo San Angelo. Tudo parecia bem até que o garçom se aproximou da mesa e nela depositou a xícara de café. Strange ergueu o olhar e viu nos olhos do homem um reflexo semelhante a minúsculas chamas de vela. Percebeu que já não se lembrava se as pessoas tinham ou não velas na cabeça. Sabia que existia uma enorme diferença entre estas duas noções: uma era sã e a outra não, mas já não era capaz de distingui-las.

Isso era um tanto perturbador.

"O único problema com a poção", refletiu, "é que é realmente difícil avaliar quando os efeitos terminam. Não pensei nisso antes. Creio que devo aguardar um ou dois dias antes de tentar novamente".

Ao meio-dia, porém, a impaciência abrandou. Ele se sentiu melhor. Estava inclinado a entender que não havia velas na cabeça das pessoas. "E de qualquer maneira", refletiu, "não importa se há ou não velas. O problema não guarda relação alguma com minha tarefa atual". Pingou nove gotas da poção num copo de Vin Santo e as bebeu.

Imediatamente se convenceu de que todos os armários da casa estavam abarrotados de abacaxis. Estava persuadido também de que havia mais abacaxis embaixo da cama e da mesa. Tão assustado ficou com tal pensamento que foi tomado por uma sensação de calor e frio e viu-se forçado a sentar-se no chão.

Todas as casas e todos os palazzi da cidade estavam abarrotados de abacaxis e nas ruas as pessoas carregavam abacaxis escondidos nas roupas. Sentia cheiro de abacaxi em todo lugar, um cheiro ao mesmo tempo doce e azedo.

Algum tempo depois, bateram à porta. Ficou surpreso ao verificar que já anoitecera e que o cômodo estava às escuras. Bateram outra vez. O senhorio estava à porta. Ele se pôs a falar, mas Strange não o entendia. Isso porque o homem tinha um abacaxi na boca. De que modo ele introduzira o abacaxi inteiro na boca, Strange não conseguia imaginar. Folhas verdes e pontiagudas emergiam devagar de sua boca e depois retornavam para dentro enquanto ele falava.

Strange se perguntou se talvez devesse ir buscar uma faca ou um gancho e tentar arrancar o abacaxi, para que o senhorio não se sufocasse. Ao mesmo tempo, porém, não se importava muito com isso. "Afinal", pensou com certa irritação, "a culpa é dele. Ele o pôs na boca".

No dia seguinte, no café da esquina da Calle de la Cortesia, um dos garçons estava cortando um abacaxi. Strange, debruçado sobre sua xícara de café, estremeceu ao vê-lo.

Descobrira que era fácil enlouquecer, bem mais fácil do que alguém poderia supor, mas, como em toda magia, isso envolvia inúmeros obstáculos e frustrações. Mesmo que obtivesse êxito na invocação de um ser mágico (o que não parecia muito provável), não estaria em condições de conversar com ele. Todos os livros que lera sobre o assunto recomendavam aos magos manter-se vigilantes ao lidarem com seres mágicos. Exatamente quando mais precisasse de todo o seu juízo, ele o teria perdido.

"Como impressioná-lo com a superioridade das minhas artes de magia se apenas sou capaz de tagarelar sobre abacaxis e velas?", pensou.

Passou o dia a andar de um lado para outro no cômodo, parando de quando em quando para fazer anotações num papel. Ao anoitecer, escreveu um encantamento para invocar seres mágicos e o deixou na mesa. A seguir, pingou quatro gotas da poção num copo de água e o bebeu.

Dessa vez a poção atuou de forma diferente. Ele não foi invadido por crenças ou temores singulares. Com efeito, sob vários aspectos, sentiu-se melhor do que em muitas ocasiões: mais sereno, mais calmo, menos atormentado. Verificou que já não se importava muito com magia. Portas se fechavam com força em sua cabeça e ele ia entrando a esmo em salas e corredores dentro de si mesmo que havia anos não visitava. Mais ou menos nos primeiros dez minutos, tornou-se o homem que fora aos vinte ou vinte e dois anos; depois, transformou-se numa pessoa totalmente diferente, alguém que ele sempre tivera o poder de ser, mas que por vários motivos nunca fora.

Sua primeira vontade após beber a poção foi ir a um Ridotto. Parecia ridículo que estivesse em Veneza desde o início de outubro e nunca tivesse visitado um. Mas, ao consultar o relógio de bolso, viu que eram apenas oito da noite.

- É cedo demais! - observou, para ninguém em especial. Sentia-se conversador e procurou em redor alguém em quem confiar. Na falta de coisa melhor, dirigiu-se à pequena escultura de madeira no canto. - Não há quem valha a pena ver antes de mais três ou quatro horas.

Para preencher o tempo, pensou em ir procurar Miss Greysteel.

- Mas acho que a tia e o pai estarão presentes. - Emitiu um breve estalo de irritação. - Que tédio! Que tédio! Por que mulheres bonitas sempre têm hordas de parentes? - Olhou-se no espelho. - Meu Deus! O nó desta gravata parece ter sido dado por um lavrador! .

Passou a próxima meia hora atando e reatando a gravata até se dar por satisfeito. Depois descobriu que suas unhas estavam mais compridas do que gostava e não muito limpas. Procurou a tesoura para cortá-las.

A tesoura estava em cima da mesa. Ao lado de outra coisa.

- Mas o que é isto? - inquiriu. - Papéis! Papéis com encantamentos anotados! - Pareceu-lhe extremamente divertido. - Sabe, é muito bizarro - disse à pequena escultura de madeira -, mas conheço o sujeito que escreveu isto! Chama-se Jonathan Strange, e, pensando bem, acho que estes livros são dele. Leu um pouco mais. - Ah! Não pode imaginar a tolice em que ele está envolvido agora! Lançando encantamentos para invocar seres mágicos! Ah, ah! Diz a si mesmo que é para obter um criado mágico e promover a causa da magia inglesa. Mas na verdade é só para aterrorizar Gilbert Norrell! Ele viajou centenas de quilômetros até a cidade mais exuberante do mundo e tudo o que lhe interessa é o que um velho em Londres pensa! Que ridículo!

Desgostoso, tornou a pôr o papel na mesa e pegou a tesoura. Virou-se e por pouco não bateu a cabeça contra alguma coisa.

- Mas o quê...? - começou.

Uma fita preta pendia do teto. Na extremidade dela, havia alguns ossos minúsculos, um frasco pequeno com um líquido escuro - talvez sangue - e um papel escrito, tudo amarrado junto. O comprimento da fita era tal que quase com certeza uma pessoa que se movimentasse pelo cômodo cedo ou tarde bateria contra ela. Strange meneou a cabeça sem acreditar na estupidez alheia. Curvou-se sobre a mesa e começou a aparar as unhas.

Passaram-se alguns minutos.

- Ele tinha uma esposa, sabe - disse à pequena escultura de madeira. Aproximou a mão da luz da vela para examinar as unhas. - Arabella Woodhope. A moça mais encantadora do mundo. Mas morta. Morta, morta, morta. - Pegou na mesa uma lixa e com ela começou a polir as unhas. - Na verdade, pensando bem, será que eu estava mesmo apaixonado por ela? Devo ter estado. Era uma doçura a forma como dizia meu nome e sorria ao mesmo tempo, e sempre que o fazia meu coração palpitava. - Riu. - Sabe, é ridículo, admito, mas não consigo me lembrar do meu nome. Laurence? Arthur? Frank? Gostaria que Arabella estivesse aqui. Ela saberia. E também me diria! Ela não é de fazer troça e de insistir em um jogo quando ele já deixou de ser divertido. Ah, Deus, como gostaria que ela estivesse aqui! Sinto uma dor bem aqui. - Deu uma batidinha na altura do coração. - E algo quente e duro aqui dentro. Deu uma batidinha na testa. - Mas estou seguro de que meia hora de conversa com Arabella poria tudo no lugar. Talvez eu devesse invocar o ser mágico desse sujeito e lhe pedir que a traga aqui. Seres mágicos podem invocar os mortos, não podem? - Pegou o encantamento de cima da mesa e o leu novamente. Isto não é nada. É a coisa mais simples do mundo.

Proferiu rapidamente as palavras do encantamento e a seguir, porque parecia importante fazê-lo, retomou o polimento das unhas.

Nas sombras, ao lado do armário pintado, havia uma pessoa de casaco verde da cor de uma folha, com cabelos cor de algodão e com um tipo de sorriso superior e divertido no rosto.

Strange ainda se concentrava nas unhas.

O cavalheiro de cabelos de algodão andou depressa até onde Strange estava e esticou a mão para lhe puxar o cabelo. Porém, antes que pudesse fazê-lo, Strange olhou bem para ele e disse:

- O senhor por acaso teria uma pitada de rapé?

O cavalheiro de cabelos de algodão se imobilizou.

- Vasculhei em todos os bolsos deste maldito paletó - continuou Strange, totalmente alheio ao espanto do cavalheiro -, mas não encontrei uma só caixa de rapé. Não consigo imaginar onde estava com a cabeça ao sair sem uma. Em geral uso a Kendal Brown, se o senhor tiver.

Enquanto falava, voltou a remexer nos bolsos. Mas se esquecera do pequeno buquê de osso e sangue que pendia do teto e, ao se movimentar, bateu a cabeça contra ele. O buquê balançou para trás, balançou para a frente, e lhe bateu de leve no meio da testa.

54. *Uma Caixinha da Cor da Tristeza*

1º. e 2 de dezembro de 1816

Soou no ar uma espécie de estalo, logo seguido de uma leve brisa e de um novo frescor, como se um odor acre de repente tivesse sido eliminado do cômodo.

Strange piscou umas três vezes.

Ao recobrar a razão, o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que todo seu plano meticuloso surtira efeito. Diante dele havia alguém - sem dúvida um ser mágico. O segundo pensamento foi se perguntar o que andara fazendo. Tirou do bolso o relógio e o examinou: quase uma hora se passara desde que ingerira a poção.

- Queira me desculpar - disse -, sei que é uma pergunta estranha, mas já lhe pedi alguma coisa?

- Rapé - respondeu o cavalheiro de cabelos de algodão.

- Rapé?

- Pediu-me uma pitada de rapé.

- Quando?

- O quê?

- Quando lhe pedi rapé?

- Agora mesmo.

- Ah! Ah. Ótimo. Então, não se preocupe. Não preciso mais.

O cavalheiro de cabelos de algodão fez uma reverência.

Strange estava ciente de que a confusão lhe transparecia no rosto. Lembrava-se de todos os conselhos sérios que lera sobre não permitir que integrantes dessa raça astuta suspeitassem que sabiam mais do que o invocador. Por isso disfarçou a perplexidade assumindo ares sarcásticos. A seguir, lembrando-se de que era ainda mais perigoso aparentar superioridade, e assim enfurecer o espírito mágico, disfarçou o sarcasmo com um sorriso. Por fim voltou a aparentar perplexidade.

Não percebeu que o cavalheiro estava tão incomodado como ele.

- Eu o invoquei - disse - porque há muito aspirei que algum ser de sua raça me auxiliasse e me instrísse na magia. - Ensaíara essa breve declaração várias vezes e ficou feliz ao verificar que soava firme e digna. Lamentavelmente, logo em seguida estragou tudo ao acrescentar com ansiedade: - Já mencionei isso antes?

O cavalheiro permaneceu calado.

- Meu nome é Jonathan Strange. Acaso ouviu falar de mim? Estou na fase mais interessante de minha carreira. Acredito que não exagero ao dizer que todo o futuro da magia inglesa depende de minhas ações nos próximos meses. Concorde em me ajudar e seu nome tornar-se-á tão famoso como os de Col Tom Blue e do Mestre Witcherley!

- Ora! - declarou o cavalheiro, indignado. - Pessoas inferiores!

- Mesmo? - replicou Strange. - Não sabia. - Continuou. - Foi a sua... - fez uma pausa para encontrar as palavras certas - assistência gentil ao rei da Inglaterra que me chamou a atenção para o senhor pela primeira vez. Que poder! Que espírito inventivo! A magia inglesa carece de espírito nos dias de hoje! Carece de fogo e energia! Não sabe o quanto estou farto dos mesmos encantamentos enfadonhos para solucionar os mesmos problemas enfadonhos. O vislumbre que tive de sua magia provou-me que ela é bastante diferente. O senhor me surpreendeu. E desejo ser surpreendido!

O cavalheiro arqueou uma sobrancelha perfeitamente sobrenatural, como se de forma alguma fizesse objeções a surpreender Jonathan Strange.

Strange continuou impaciente.

- Ah, e posso também lhe dizer de pronto que existe um velho em Londres chamado Norrell, um mago medíocre, que terá acessos de fúria assim que souber que o senhor se aliou a mim. Fará de tudo para nos contrariar e creio que eu e o senhor seremos mais do que um páreo duro para ele.

O cavalheiro parecia ter parado de ouvir. Olhava em volta do cômodo, fixando o olhar num objeto, depois em outro.

- Algo aqui o desagrada? - perguntou Strange. - Por favor, diga-me, se for o caso. Não nego que suas suscetibilidades mágicas são superiores às minhas. Ainda assim, há certas coisas que interferem em minha capacidade de fazer magia... Creio que se dá assim com todos os magos, Um saleiro, uma sorveira-brava, um fragmento de pão eucarístico, tudo isso me perturba. Não que eu não consiga fazer magia na presença deles, mas sempre me vejo obrigado a levá-los em conta nos encantamentos. Se alguma coisa aqui o desagrada, basta dizer que a removerei.

O cavalheiro fitou-o por um momento, como se não tivesse a menor idéia do que Strange falava. A seguir, de repente, exclamou:

- Sim, minhas suscetibilidades mágicas! O senhor é muito inteligente! Minhas suscetibilidades mágicas são, como o senhor imagina, enormes! E neste exato momento elas me informam que o senhor adquiriu há pouco um objeto de grande poder! Um anel de desencantamento? Um vaso de visibilidade? Algo dessa natureza? Felicitações! Mostre-me o objeto e sem demora eu o instruirei acerca de sua história e de seu uso apropriado!

- Na verdade não - disse Strange, surpreso. - Nada tenho desse tipo. O cavalheiro fechou a cara. Olhou de forma intensa, primeiro, para um urinol semi-oculto sob a mesa, depois para um anel de luto que continha uma miniatura de um anjo pintado em marfim e por fim para um jarro de cerâmica que outrora já contivera pêssegos e ameixas cristalizadas.

- Não o terá adquirido por acaso? - indagou. - Tais objetos podem se revelar bastante poderosos mesmo quando o mago lhes desconhece a presença.

- Na verdade, penso que não - disse Strange. - Este jarro, por exemplo, foi

comprado de um confeitiro em Gênova. Havia dúzias dele na loja, todos iguais. Não vejo por que uns seriam mágicos e outros não.

- Tem razão - concordou o cavalheiro. - E de fato não parece haver aqui outra coisa que não os objetos habituais. Quero dizer - ajuntou às pressas -, objetos que eu esperaria encontrar na residência de um mago com a sua índole.

Houve uma pausa breve.

- O senhor não respondeu à minha proposta - disse Strange. - Permanecerá indeciso até me conhecer melhor. É assim que deve ser. Daqui a uns dois dias terei a honra de solicitar sua companhia novamente e conversaremos mais.

- Foi uma conversa deveras interessante! - observou o cavalheiro.

- Espero que a primeira de muitas - disse Strange, cortesmente, e fez uma mesura.

O cavalheiro respondeu com outra mesura.

Strange libertou então o cavalheiro do encantamento de invocação e ele desapareceu de imediato.

Strange encontrava-se sob grande emoção. Pensou que deveria sentar-se e fazer anotações sensatas e douradas sobre o que vira, mas era difícil evitar dançar, rir e bater palmas. De fato executou várias evoluções de uma contradança e, se a escultura de madeira não tivesse os pés fixados numa coluna de madeira, decerto a teria arrebatado como par e com ela dançado por todo o cômodo.

Quando o acesso de dança passou, ficou por demais tentado a escrever para Norrell. De fato, chegou a sentar-se e a começar uma carta triunfante, impregnada de sarcasmo. ("O senhor sem dúvida *gostará* de saber que..."). Mas depois refletiu melhor. "Só o levaria a fazer desaparecer minha casa, ou coisa assim. Ah! Estará furioso quando eu retornar à Inglaterra. Tenho de publicar a notícia assim que puser os pés lá. Não devo esperar pela próxima edição de *O Famulus*. Demoraria muito tempo. Murray vai se queixar, mas que fazer. *The Times* seria o

melhor. O que será que o cavalheiro quis dizer com aquelas tolices de anéis de poder e urinóis? Creio que tentava justificar meu êxito ao invocá-lo.”

De modo geral, não poderia ter ficado mais satisfeito consigo mesmo se tivesse invocado o próprio John Uskglass e tido com ele meia hora de cortês conversação. O único aspecto inquietante do caso era a recordação - que lhe voltava em resíduos e fragmentos - da forma que a loucura assumira dessa vez. "Creio ter me transformado em um Lascelles ou um Drawlight! Que horror!"

Na manhã seguinte, Stephen Black tinha assuntos a tratar em nome de Sir Walter. Visitou um banqueiro na Rua Lombard; falou com um retratista na Little Britain; entregou ordens a uma mulher na travessa Fetter concernentes a um vestido para Lady Pole. Seu próximo compromisso era no escritório de um advogado. Caía uma neve intensa e macia. Em volta dele soavam os ruídos costumeiros da City: o bufar e o patear dos cavalos, o estrépito das carruagens, os pregões dos camelôs, o bater de portas e os passos abafados na neve.

Estava parado na esquina da Rua Fleet com o beco Mitre. Tinha acabado de tirar do bolso o relógio (presente do cavalheiro de cabelos de algodão), quando todos os ruídos cessaram, como se cortados por uma faca. Por um instante, pareceu ter ensurdecido. Mas pouco antes de ficar de fato apreensivo, olhou em volta e percebeu que havia outra peculiaridade. A rua se esvaziara de repente. Não havia pessoas, gatos, cães, cavalos, pássaros. Tudo se fora.

E a neve! Essa era a coisa mais estranha de todas. Ela pairava, suspensa no ar, em flocos brancos, macios e enormes, do tamanho de moedas de soberano.

"Magia!", pensou, desgostoso.

Avançou alguns passos no beco Mitre, olhando as vitrinas das lojas. Os lampiões permaneciam acesos; as mercadorias, empilhadas ou espalhadas nos balcões: tecidos de seda, tabaco, partituras; o fogo ainda ardia nas lareiras, mas as chamas estavam imobilizadas. Olhou para trás e descobriu que tinha aberto

uma espécie de túnel no trabalho de renda tridimensional da neve. De todas as coisas estranhas que vira na vida, esta era sem igual.

Vindo do nada, uma voz furiosa bradou:

- Pensei que tivesse me livrado dele! Que truques estará usando?

O cavaleiro de cabelos de algodão surgiu de súbito bem em frente de Stephen, com o rosto flamejante e os olhos cintilantes.

O susto foi tão grande que por um momento Stephen temeu desfalecer. Mas, sabendo muito bem o quanto o cavaleiro prezava a calma e a compostura, ocultou seu pavor da melhor maneira possível e disse com a voz ofegante::

- Tivesse se livrado de quem, senhor?

- Ora, do mago, Stephen! Do mago! Pensei que ele tivesse adquirido algum objeto potente para lhe revelar minha presença. Mas nada encontrei em seus aposentos e ele me jurou não possuir nada do gênero. Só para me certificar, dei a volta no planeta na última meia hora e examinei cada anel de poder, cada cálice e moedor. Nenhum está faltando. Estão todos onde imaginei que estivessem.

Dessa explicação bastante incompleta Stephen deduziu que o mago tivera êxito em invocar o cavaleiro de cabelos de algodão e com ele conversar.

- Mas por certo, senhor - disse -, houve época em que o senhor desejou ajudar os magos, fazer magia com eles e obter-lhes gratidão. Foi assim que resgatou Lady Pole, não foi? Talvez venha a perceber que gosta disso mais do que pensa.

- Ah, talvez! Mas realmente não creio. Digo-lhe, Stephen, além da inconveniência de ele me invocar quando bem entende, foi a meia hora mais enfadonha que passei desde há muito. Nunca ouvi alguém falar tanto! É a pessoa mais presunçosa que já conheci. Gente assim que fala consigo mesma sem parar e não tem tempo para ouvir os outros desagrada-me por demais.

- Ah, de fato, senhor! É deveras irritante. E parece-me provável que, uma vez que o senhor estará ocupado com o mago, teremos de adiar o propósito de me

tornar rei da Inglaterra, não?

O cavaleiro disse algo bastante raivoso em seu idioma, possivelmente uma maldição.

- Acho que tem razão... E isso me deixa mais zangado do que todo o resto junto! - Meditou por um instante. - Mas, de outra forma, talvez não seja tão ruim como receamos. Esses magos ingleses são em geral muito tolos. Normalmente querem as mesmas coisas. Os pobres desejam um suprimento interminável de nabos ou mingau; os ricos querem ser mais ricos ou dominar o mundo; e os jovens pretendem o amor de uma princesa ou de uma rainha. Assim que ele me pedir alguma dessas coisas, eu o satisfarei. E decerto isso lhe trará um mundo de problemas para sua cabeça. É desse modo que acontece. Ele ficará entretido e então eu e o senhor poderemos dar continuidade ao plano de torná-lo rei da Inglaterra! Ah, Stephen! Como estou feliz em tê-lo procurado! É do senhor, e não de qualquer outro, que sempre ouço as coisas mais sensatas! - Num instante a ira do cavaleiro se dissipou e ele se encheu de alegria. O sol saiu de trás de uma nuvem e toda aquela estranha queda de neve suspensa cintilou e resplandeceu ao redor deles (embora Stephen não soubesse se era ou não uma proeza do cavaleiro).

Estava prestes a salientar que na verdade não estava sugerindo nada, quando o cavaleiro desapareceu. Tudo reapareceu de súbito, pessoas, cavalos, carruagens, gatos, cães, e Stephen colidiu com uma mulher obesa de peliça roxa.

Strange saiu da cama com excelente disposição de ânimo. Dormira durante oito horas ininterruptas. Pela primeira vez após semanas não se levantara no meio da noite para fazer magia. Como recompensa a si mesmo pelo sucesso na invocação do ser mágico, resolveu que esse seria um dia de folga. Pouco depois das dez, compareceu ao *palazzo* onde os Greysteel estavam hospedados e encontrou a família preparando o café-da-manhã. Aceitou o convite de sentar-se à mesa, comeu alguns pãezinhos quentes, tomou um pouco de café e disse a Miss Greysteel e a tia Greysteel que estava ao inteiro dispor delas.

Tia Greysteel delegou com satisfação à sobrinha a parte do privilégio que lhe cabia. Miss Greysteel e Strange passaram a manhã juntos lendo livros sobre magia, livros que ele havia lhe emprestado ou recomendado e que ela comprara. Eram *Uma história do Rei Corvo para crianças*, de Portishead, *A vida de Martin Pale*, de Hickman, e *A anatomia de um minotauro*, de Hether-Gray. Strange os tinha lido quando começara a estudar magia e achou graça ao perceber como agora eles lhe pareciam simples, quase inocentes. Era a coisa mais agradável do mundo lê-los para Miss Greysteel, responder às perguntas dela e ouvir sua opinião sobre eles - ávida, inteligente e, pareceu a ele, um tanto séria em demasia.

À uma hora, após um leve repasto de carne fria, tia Greysteel afirmou que estavam sentados há bastante tempo, e propôs um passeio.

- Creio, Mister Strange, que o senhor apreciará o ar fresco. Estudiosos muitas vezes negligenciam exercícios.

- Somos sujeitos lamentáveis, minha senhora - concordou Strange animadamente.

Fazia um belo dia. Eles caminharam pelas ruas e vielas estreitas e depararam com uma feliz sucessão de objetos intrigantes: uma escultura de um cão com um osso na boca; o santuário de um santo que nenhum deles reconheceu; um grupo de janelas cujas cortinas de início aparentaram ser feitas de pesadas grinaldas de renda muito fina, mas que, após um exame mais atento, eram apenas teias de aranha - imensas e entremescladas, permeando cada parte do cômodo. Não havia guia para lhes contar sobre essas coisas; não havia ninguém por perto a quem pudessem fazer perguntas, por isso se entretinham inventando explicações.

Pouco antes do crepúsculo, entraram numa pequena e fria praça sepulcral com um poço no centro. Um lugar curiosamente vazio e ermo. O chão era pavimentado com pedras antigas. As paredes exibiam uma quantidade surpreendentemente pequena de janelas. Como se as casas houvessem se ofendido com algo que a praça fizera, dando-lhe resolutamente as costas e voltando-se para o outro lado. Havia uma lojinha que parecia não vender outra coisa além de balas de goma num número infinito de variedades e cores. Estava fechada, mas Miss Greysteel e a tia

espiaram pela vitrina e se perguntaram em voz alta quando abriria e se conseguiriam achar o caminho de volta para ali.

Strange perambulou, Não pensava em nada em especial. O ar estava bastante frio, agradavelmente frio, e no céu surgiu a primeira estrela da noite. Deu-se conta de um rangido peculiar às costas e se virou para ver o que produzia o som.

No canto mais escuro da pequena praça algo estava parado, algo que ele jamais vira igual. Era preto, tão preto que poderia ser composto da escuridão circundante. Sua cabeça, ou a parte superior dela, tinha a forma de uma liteira antiquada, igual à que de quando em quando se via transportando matronas em Bath. Tinha janelas com cortinas pretas cerradas. Mas abaixo das janelas reduzia-se ao corpo e às pernas de um enorme pássaro negro. A criatura usava um chapéu alto e preto e portava uma bengala preta e fina. Não tinha olhos, entretanto Strange sabia que estava olhando para ele. Arrastava a ponta da bengala nas pedras do calçamento com um horrível movimento espasmódico.

Ele supôs que deveria sentir medo. Que talvez devesse fazer uma magia para rechaçá-la. Encantamentos de dispersão, encantamentos de rejeição, encantamentos de proteção lhe passaram pela cabeça, mas por algum motivo ele não conseguiu controlar um só deles. Embora a coisa exalasse crueldade e malevolência, ele tinha a forte sensação de que no momento ela não representava perigo para ele ou outra pessoa. Parecia mais um presságio do mal por vir.

Começava a se perguntar como os Greysteel lidariam com uma repentina aparição de horror como essa, quando algo mudou dentro de sua cabeça. A coisa não estava mais ali. Em seu lugar, avolumava-se o corpo robusto do Dr. Greysteel, o Dr. Greysteel de roupa preta, o Dr. Greysteel de bengala na mão.

- E então? - incitou o Dr. Greysteel.

- Queira... Queira me desculpar! – Respondeu Strange - O senhor falou comigo? Eu estava pensando... Em outra coisa.

- Perguntei se pretende jantar conosco esta noite!

Strange o fitou.

- O que foi? Está indisposto? - perguntou o Dr. Greysteel. Perscrutou Strange, como se visse no rosto ou na conduta do mago algo de que não gostava.

- Estou muito bem, garanto-lhe - disse Strange. - E com prazer jantarei com sua família. Nada seria melhor. Apenas prometi a Lorde Byron jogar bilhar com ele às quatro da tarde.

- Encontraremos uma gôndola que nos leve de volta - disse o Dr. Greysteel. - Creio que Louise está mais cansada do que admite. - Referia-se a tia Greysteel. - Onde encontrará Sua Senhoria? Em que lugar deveremos dizer ao gondoleiro que o deixe?

- Obrigado - disse Strange -, mas irei andando. Sua irmã tinha razão. Preciso de ar fresco e de exercício.

Miss Greysteel ficou um pouco desapontada ao saber que Strange não voltaria com eles. As duas damas e o mago se despediram demoradamente e insistiram em se lembrar que se encontrariam dali a poucas horas, até que o Dr. Greysteel começou a perder a paciência com eles.

Os Greysteel se foram em direção ao Rio. Strange os seguiu a distância. Não obstante ter garantido ao médico que estava bem-disposto, sentia-se abalado em extremo. Tentou se convencer de que a aparição não passara de um efeito de luz, mas não adiantou. Tinha de admitir a si mesmo que ela se assemelhava mais a um retorno da loucura da velha senhora.

"É realmente desagradável! Parece que os efeitos da poção passaram por completo! Bem, rogo a Deus que não tenha de tomá-la mais uma vez. Se esse ser mágico se recusar a me servir, precisarei encontrar uma nova forma de invocar outro."

Saiu da viela, entrou numa área mais iluminada do Rio, viu que os Greysteel haviam encontrado uma gôndola e que alguém, um cavalheiro, ajudava Miss Greysteel a entrar nela. Pensou de início que se tratasse de um estranho, mas

depois percebeu que o cabelo da pessoa era como se feito de um algodão reluzente. Correu ao encontro dele.

- Mas que bela jovem! - exclamou o cavalheiro, enquanto a gôndola se afastava do desembarcadouro. Seus olhos faiscavam, luminosos. - E dança de forma encantadora, não?

- Dança? - replicou Strange. - Não sei. Deveríamos ter ido a um baile em Gênova, mas não fomos porque ela sentiu uma dor de dente. Surpreende-me vê-lo aqui. Não esperava que aparecesse antes que eu o invocasse.

- Ah, mas andei pensando em sua proposta de fazermos magia juntos! E agora me dou conta de que é um plano excelente!

- Alegra-me ouvir isso - disse Strange, reprimindo um sorriso. - Mas diga-me. Há semanas venho tentando invocá-lo. Por que não veio antes?

- Ah! É fácil de explicar! - afirmou o cavalheiro, e se pôs a contar uma longa história de um primo que era muito maldoso e invejoso de todos os seus talentos e virtudes; que detestava os magos ingleses sem exceção; e que de alguma forma conseguira distorcer a magia de Strange, de maneira que o cavalheiro só tomara conhecimento das invocações na noite anterior. Era uma história assaz complicada e Strange não entendeu uma só palavra. Mas como julgou prudente dar a impressão de que entendera, fez uma mesura de aquiescência - E, para demonstrar como me sensibiliza a honra que o senhor me dá - concluiu o cavalheiro -, eu lhe oferecerei qualquer coisa que deseje.

- Qualquer coisa - repetiu Strange com um olhar penetrante. - E esta oferta tem, se bem entendo, a natureza de um acordo firmado. Não irá me negar algo depois de eu ter designado meu pedido, irá?

- Não é o meu desejo!

- E posso pedir riqueza, domínio sobre o mundo? Esse tipo de coisa?

- Exatamente! - respondeu o cavalheiro com ar de deleite. Ergueu as mãos para começar.

- Bem, mas não desejo nada disso. Quero principalmente informações. Qual foi o último mago inglês com quem o senhor lidou?

Um momento de silêncio.

- Ah, o senhor não quer saber isso! - afirmou o cavalheiro. - Garanto-lhe, é por demais enfadonho. Bem, vamos! Deve haver algo que o senhor deseje acima de tudo, não? Um reino todo seu? Uma bela companheira? A princesa Pauline Borghese é uma mulher encantadora e posso trazê-la num piscar de olhos!

Strange abriu a boca para dizer algo, mas parou por um instante.

- O senhor disse Pauline Borghese? Vi um retrato dela em Paris. - Depois, recobrando a compostura, prosseguiu: - Mas não me interessa por isso no momento. Fale-me de magia. Como me transformar num urso? Ou numa raposa? Quais são os nomes dos três rios mágicos que percorrem o reino de Agrace? Ralph Stokesey acreditava que esses rios tiveram influência sobre acontecimentos na Inglaterra. É verdade? Em A Linguagem dos Pássaros, há a menção de um grupo de encantamentos lançados pela manipulação de cores. O que me diz a respeito? O que representam as pedras nas praças de Doncaster?

O cavalheiro levantou as mãos para o ar em fingida surpresa.

- Perguntas demais! - Riu. Pretendia ser uma risada alegre e despreocupada, mas soava um tanto forçada.

- Bem, então responda a uma delas. A que o senhor escolher.

O cavalheiro apenas abriu um sorriso agradável.

Strange o fitou com indisfarçada irritação. Aparentemente, a oferta não se estendia a conhecimentos, apenas a objetos. "Se eu quisesse me dar alguma coisa eu mesmo me compraria um presente!", pensou Strange. "Se quisesse ver Pauline Borghese, eu a procuraria e me apresentaria a ela. Não preciso de magia para isso! Mas como posso...?" Ocorreu-lhe uma idéia. Em voz alta, disse:

- Traga-me algo que o senhor ganhou ao lidar pela última vez com um mago inglês!

- Quê? - replicou o cavalheiro, espantado. - Não, não é o que o senhor quer! Não tem valor, valor algum! Pense em outra coisa!

O pedido de Strange o deixou, sem dúvida, perturbado, embora Strange não soubesse por quê. "Talvez", pensou, "o mago lhe tenha dado algo valioso e ele esteja pouco inclinado a cedê-lo. Não importa. Assim que o vir, e aprender o que puder por meio dele, eu o devolverei. Isso deverá convencê-lo de minhas boas intenções."

Disse, com um sorriso cortês:

- Um acordo firmado, não foi o que combinamos? Vou esperar receber o que quer que seja mais tarde esta noite!

Às oito da noite, jantou com os Greysteel na sombria sala de jantar da família.

Miss Greysteel perguntou-lhe sobre Lorde Byron.

- Ah! - exclamou Strange. - Ele não pretende voltar para a Inglaterra.

Pode escrever poemas em qualquer lugar. No meu caso, porém, a magia inglesa foi moldada pela Inglaterra, assim como a Inglaterra foi moldada pela magia. Uma depende da outra. Impossível separá-las.

- O senhor quer dizer - disse Miss Greysteel, franzindo um pouco a testa - que a mentalidade e a história inglesas, entre outras coisas, foram moldadas por magia. Fala metaforicamente, decerto.

- Não, falo literalmente. Esta cidade, por exemplo, foi construída da maneira usual...

- Ah! - interrompeu o Dr. Greysteel, rindo. - Isso soa como coisa de mago mesmo! A leve entonação de desdém quando se refere a coisas feitas da maneira comum!

- Não foi minha intenção parecer descortês, Garanto-lhe que tenho a maior estima por coisas feitas da maneira comum. Não, apenas quis dizer que as fronteiras e a forma da Inglaterra foram determinadas por magia.

- Não estou certo disso - retrucou o Dr. Greysteel com desdém. – Dê-me um exemplo.

- Pois não. Existiu uma vez uma cidade muito imponente na costa do condado de York cujos cidadãos começaram a querer saber por que o rei, John Uskglass, cobrava-lhes imposto. Sem dúvida, alegavam, um mago assim tão poderoso poderia fazer surgir do ar todo o ouro que desejasse. Agora não há perigo em especular, mas essas pessoas tolas não pararam aí. Recusaram-se a pagar e começaram a tramar com os inimigos do rei. É aconselhável que um homem pense bem antes de se desavir com um mago, e ainda mais com um rei. Quando essas duas características estão reunidas em uma só pessoa, ora! Então o perigo é cem vezes maior. Primeiro, vindo do Norte, um vento soprou sobre a cidade. Quando ele tocou os animais da cidade, estes envelheceram e morreram... Vacas, porcos, aves domésticas e carneiros, até gatos e cachorros. Quando o vento tocou a cidade, as casas se transformaram em ruínas diante dos olhos de seus infelizes moradores. Ferramentas se quebraram, potes se despedaçaram, madeira se envergonhou e se fendeu, tijolo e pedra desfizeram-se em pó. Imagens de pedra na igreja se desgastaram, como se por extrema velhice, até que, soube-se, o rosto de cada estátua parecia gritar. O vento agitou o mar, impondo-lhe formas estranhas e ameaçadoras. Prudentes, os moradores da cidade começaram a fugir e, quando chegaram ao ponto mais alto da região, ao olharem para trás, só tiveram tempo de ver os restos da cidade deslizando devagar sob as ondas cinzentas e frias.

O Dr. Greysteel sorriu.

- Quem quer que esteja no governo, liberais, conservadores, imperadores ou magos, eles ficam doentes quando as pessoas não pagam impostos. E o senhor incluirá esta história em seu próximo livro?

- Ah, claro. Não sou desses autores mesquinhos que pesam as palavras até o último quarto de onça. Tenho idéias bastante liberais sobre autoria. Quem quer que se disponha a pagar um guinéu a Mister Murray descobrirá que escancarei as portas

do meu depósito e que todo o meu conhecimento está à venda. Meus leitores podem circular à vontade e escolher a seu bel-prazer.

Miss Greysteel meditou seriamente sobre a história por alguns instantes.

- Ele decerto foi provocado – disse afinal – mas, ainda assim foi o ato de um tirano.

De algum lugar nas sombras soaram passos que se aproximavam.

- O que deseja Frank? - perguntou o Dr. Greysteel.

Frank, o criado do Dr. Greysteel, saiu da penumbra.

- Encontramos uma carta e uma caixinha, senhor. Ambas para Mister Strange. - Frank pareceu perturbado.

- Bem, bem, não fiquei aí parado boquiaberto. Mister Strange está aqui, sentado bem aí a seu lado. Entregue-lhe a carta e a caixinha.

A expressão e a atitude de Frank revelavam que ele lutava com alguma grande perplexidade. Seu cenho franzido sugeria que ele acreditava estar perdido. Fez uma última tentativa de comunicar seu desconcerto ao patrão.

- Encontramos a carta e a caixinha no chão do lado de dentro da porta, senhor, mas a porta estava trancada a chave e aferrolhada!

- Então alguém deve tê-la destrancado e desaferrolhado, Frank. Não faça mistérios - replicou o Dr. Greysteel.

A seguir, Frank entregou a carta e a caixa a Strange e se afastou para dentro da escuridão novamente, a resmungar consigo mesmo e a perguntar a cadeiras e mesas que encontrava no caminho por que tipo de estúpido eles o haviam tomado.

Tia Greysteel inclinou-se e cortesmente solicitou a Mr. Strange que não fizesse cerimônia, pois estava entre amigos e deveria ler a carta sem demora. Era muita gentileza da parte dela, mas um tanto desnecessária, visto que Strange já tinha aberto o papel e estava lendo a carta.

- Ah, tia! - exclamou Miss Greysteel, pegando a caixinha que Frank depositara na mesa. - Veja que linda!

Era uma caixa pequena e oblonga, aparentemente feita de prata e porcelana. Havia nela um belo matiz de azul, porém não exatamente azul, e sim mais semelhante ao lilás. Mas também não exatamente lilás, visto ter um toque de cinza. Para ser mais preciso, era da cor da tristeza. Felizmente, como nem Miss Greysteel nem tia Greysteel jamais tinham se visto muito atormentadas pela tristeza, não a reconheceram.

- É mesmo muito bonita - disse a tia. - É italiana, Mister Strange?

- Hum? - fez Strange. Ergueu o olhar. - Não sei.

- Há alguma coisa dentro? - perguntou tia Greysteel. - Acredito que sim - respondeu Miss Greysteel, começando a abri-la.

- Flora! - exclamou o Dr. Greysteel, meneando a cabeça enfaticamente para a filha. Ele acreditava que se tratasse de um presente que Strange pretendia dar a Flora. Não lhe agradava a idéia, mas o Dr. Greysteel achava-se incompetente para julgar os tipos de comportamento que um homem experiente e moderno como Strange dava-se a liberdade de se permitir.

Strange, o nariz ainda mergulhado na carta, não viu nem ouviu o que se passava à volta. Pegou a caixinha e a abriu.

- Há alguma coisa dentro? - perguntou tia Greysteel.

Strange fechou a caixa rapidamente.

- Não, minha senhora, nada. - Guardou-a no bolso, chamou Frank imediatamente e pediu um copo d'água.

Despediu-se dos Greysteel logo após o jantar e seguiu direto para o café na esquina da Cue de la Cortesia. A primeira visão do conteúdo da caixa fora assustadora e ele desejava estar em público quando tornasse a abri-la.

O garçom lhe trouxe um conhaque. Ele tomou um gole e abriu a caixa.

De início supôs que o ser mágico lhe enviara a réplica de um dedo amputado branco e pequeno, feito de cera ou de um material afim e bastante realista. Estava tão pálido, tão exangue, que parecia quase esverdeado, com um traço de rosa nos sulcos em volta da unha. Espantava-o que alguém houvesse trabalhado tanto para produzir algo tão horrendo.

Mas assim que o tocou percebeu que não era de cera. Estava gélido, porém a pele se movimentava da mesma forma que a pele de seu próprio dedo e os músculos podiam ser detectados sob ela, pelo toque e pela vista. Era, sem dúvida alguma, um dedo humano. A julgar por seu tamanho, parecia ser o dedo de uma menina ou talvez o dedo mínimo de uma mulher de mãos muito delicadas.

"Mas por que o mago deu-lhe um dedo?", perguntou-se. "Será o dedo do próprio mago? Não creio, a não ser que se tratasse de um mago criança ou mulher." Ocorreu-lhe que uma vez ouvira algo a respeito de um dedo, porém não conseguia se lembrar do que era. Estranhamente, não se recordava do que lhe tinham contado; achava que se lembrava de quem lhe havia contado. Drawlight.

"O que explica por que não prestei atenção. Mas por que Drawlight falara sobre magia? Quase nada sabia disso e pouco se importava."

Bebeu um pouco mais de conhaque.

"Pensei que, se tivesse um ser mágico para me explicar tudo, todos os mistérios seriam esclarecidos. Mas o resultado é que acabei diante de outro mistério!"

Começou a refletir sobre as várias histórias que ouvira acerca dos grandes magos ingleses e de seus criados mágicos. Martin Pale com Mestre Witcherley, Mestre FaBowthought e os demais. Thomas Godbless com Dick-come-Tuesday; Meraud com Coleman Gray; e, o mais famoso de todos, Ralph Stokesey e Col Tom Blue.

Na primeira vez que Stokesey viu Col Tom Blue, ele era uma pessoa impetuosa e desregrada, o último ser mágico do mundo a querer se aliar a um mago inglês.

Assim, Stokesey o seguiu até o Reino Encantado, até o próprio castelo de Col Tom Blue, e, tendo ido sob a forma invisível, descobriu muitas coisas interessantes. Strange não era tão inocente a ponto de supor que a história, como fora transmitida a crianças e historiadores da magia, fosse uma descrição exata do que ocorrera. "Entretanto", pensou, "deve haver alguma verdade nela. Talvez o fato de Stokesey haver conseguido entrar no castelo de Col Tom Blue tenha provado ao ser mágico que Stokesey era um mago a ser levado em conta. Não há motivo para que eu não consiga fazer algo semelhante. Afinal, este ser mágico nada sabe de minhas habilidades ou realizações. Uma visita inesperada provaria a ele a extensão do meu poder."

**** Stokesey invocou Col Tom Blue em sua casa em Exeter. Quando o ser mágico recusou-se a servi-lo pela terceira vez, Stokesey se tornou invisível e seguiu Col Tom Blue para fora da cidade. Col Tom Blue percorreu uma estrada encantada e logo chegou a um lugar que não era a Inglaterra. Havia uma colina marrom e baixa junto a uma lagoa de águas calmas. Em resposta a um comando de Col Tom Blue, uma porta se abriu na encosta da colina e ele entrou. Stokesey entrou também.*

No centro da colina, Stokesey encontrou um salão encantado onde todo mundo dançava. Esperou até uma das dançarinas se aproximar e rolou uma maçã mágica em direção a ela, que a pegou. Evidentemente era a melhor e a mais bela maçã já vista em todos os mundos. Assim que a mulher a comeu, ansiou por outra igual. Procurou em volta, mas não viu ninguém. "Quem me enviou esta maçã?", perguntou. "O vento leste" sussurrou Stokesey. Na noite seguinte, Stokesey seguiu Col Tom Blue de novo ao interior da colina. Observou os dançarinos e mais uma vez rolou a maçã em direção à mulher. Quando ela perguntou quem lhe enviara a maçã, ele respondeu que fora o vento leste. Na terceira noite, ele segurou a maçã na mão. A mulher apartou-se dos outros dançarinos e olhou em volta. "Vento leste! Vento leste!", sussurrou. "Onde está minha maçã?" "Diga-me onde Col Tom Blue dorme", sussurrou Stokesey, "e lhe darei a maçã." Ela então lhe contou: no fundo do chão, no extremo norte do brugh.

Nas noites seguintes, Stokesey personificou o vento oeste, o vento norte e o vento sul, e usou as maçãs para persuadir outros moradores da colina a lhe darem

mais informações sobre Col Tom Blue. De um pastor, soube que animais Col Tom Blue guardava enquanto dormia: uma porca selvagem e até um bode ainda mais selvagem. Da ama do ser mágico, soube o que Col Tom Blue segurava na mão enquanto dormia: um seixo muito especial e importante. E de um auxiliar de cozinheira soube quais eram as três palavras que Col Tom Blue dizia toda manhã ao acordar.

Dessa forma, Stokesey soube o suficiente para ganhar poder sobre Col Tom Blue. Mas, antes de utilizar seu novo conhecimento, Col Tom Blue o procurou e disse que tinha mudado de opinião: achava que afinal de contas apreciaria servir Stokesey.

Sucedeu o seguinte: Col Tom Blue descobrira que o vento leste, o vento oeste, o vento norte e o vento sul haviam feito perguntas sobre ele. Não tinha idéia do que fizera para ofender tais personagens importantes, mas estava seriamente preocupado. Uma aliança com um mago inglês douto e poderoso de repente lhe pareceu bem mais atraente.

Recordou-se do dia nebuloso e de neve em Windsor, quando ele e o rei por pouco não entraram no Reino Encantado, induzidos pela magia do cavaleiro, Pensou no bosque e nas pequenas luzes dentro dele que sugeriam uma casa antiga. As estradas do Rei decerto o levariam até lá, mas, pondo de lado a promessa a Arabella, ele não desejava encontrar o cavaleiro por meio de magia que já fizera. Desejava agora algo novo e surpreendente. Quando visse o cavaleiro na próxima vez, queria estar possuído da confiança e do júbilo que um novo encantamento de sucesso sempre lhe dava.

"O Reino Encantado nunca está distante", pensou, "e existem mil maneiras de lá chegar. Não serei eu capaz de encontrar uma delas?"

Conhecia um encantamento capaz de criar um caminho entre dois seres que o mago designasse. Era um encantamento antigo, a apenas um passo da magia dos seres sobrenaturais. Os caminhos que criaria poderiam decerto cruzar as fronteiras entre mundos. Strange jamais o utilizara e não tinha idéia do aspecto do caminho ou

de como seguiria por ele. Contudo, acreditava que conseguiria fazê-lo. Murmurou as palavras para si mesmo, fez alguns gestos e nomeou a si e ao cavalheiro como os dois seres entre os quais o caminho seria traçado.

Houve uma mudança, como às vezes ocorre no início de uma magia. Como se uma porta invisível se abrisse e se fechasse, deixando-o do outro lado dela. Ou como se todos os prédios da cidade tivessem se virado e tudo agora se voltasse para outra direção. Aparentemente a magia surtira efeito, algo, com certeza, acontecera, mas ele não via nenhum resultado. Pensou no que faria a seguir.

"Provavelmente é apenas um caso de percepção, e sei como remediar isso."

Fez uma pausa. "É inquietante. Seria melhor não tornar a usá-la, mas, ainda assim, uma vez mais não deverá fazer mal."

Enfiou a mão no bolso interno do paletó e de lá tirou a poção da loucura. O garçom levou-lhe um copo d'água e com cuidado Strange pingou nele uma única e pequena gota. Bebeu de um gole.

Olhou em volta e pela primeira vez notou a linha de luz fulgurante que começava a seus pés, atravessava o chão ladrilhado do café e seguia porta afora. As semelhava-se em muito às linhas que ele muitas vezes fizera aparecer na bacia de prata com água. Verificou que, quando olhava diretamente para ela, ela desaparecia. Mas quando a olhava com o canto de um olho conseguia vê-la muito bem.

Pagou o garçom e saiu na rua.

- Bem - disse -, isto é realmente extraordinário.

55. *O segundo verá o seu mais caro bem nas mãos do Inimigo*

Noite de 2 e 3 de dezembro de 1816

Era como se o destino que sempre parecera ameaçar a cidade de Veneza a tivesse surpreendido, mas, em vez de afogá-la em água, afogava-a em árvores. Árvores escuras e espectrais abarrotavam vielas e praças e enchiam os canais. Paredes não lhes constituíam obstáculo. Seus galhos traspassavam pedra e vidro. As raízes mergulhavam fundo nas pedras do calçamento. Heras forravam estátuas e colunas. De repente - de qualquer maneira para os sentidos de Strange -, tudo se tornara mais escuro e mais silencioso. Barbas rastejantes de viscos escondiam lampiões e velas, e o denso dossel das copas obstruía a lua.

Contudo, nenhum habitante de Veneza parecia notar a menor mudança. Strange muitas vezes lera que homens e mulheres poderiam ficar alegremente alheios à magia ao redor, mas jamais vira mostra disso. Um padeiro aprendiz carregava um tabuleiro de pães na cabeça. Enquanto Strange o observava, o homem se esquivou habilmente de todas as árvores que ele não sabia que existiam e se abaixava aqui e ali para evitar galhos que lhe teriam arrancado os olhos. Um homem e uma mulher fantasiados para o baile ou para o *Ridotto*, com capas e máscaras, desciam juntos a Salizzada San Moisè, de braços dados, as cabeças coladas, a sussurrar. No caminho deles erguia-se uma árvore imensa. Separaram-se com muita naturalidade, passaram cada qual por um lado da árvore e tornaram a se dar os braços depois de a contornarem.

Strange seguiu a linha de luz fulgurante por uma viela até o cais. As árvores prosseguiram onde a cidade terminava, e a linha de luz levava por entre elas.

Não se importou muito com a idéia de pisar no mar. Em Veneza não existe uma praia de inclinação suave que permita entrar na água passo a passo; o mundo de pedra da cidade termina no cais e o Adriático começa logo a seguir. Strange não sabia a profundidade da água naquele trecho, mas estava razoavelmente certo de

que seria fundo o bastante para se afogar. Só esperava que o caminho fulgurante que o conduzia pelo bosque também o impedisse de se afogar.

Contudo, ao mesmo tempo, satisfazia-lhe a vaidade pensar que a aventura se adequava mais a ele do que a Norrell. "Ele jamais se deixaria convencer a entrar no mar. Detesta se molhar. Quem foi mesmo que disse que um mago precisa ter a sutileza de um jesuíta, a coragem de um soldado e a perspicácia de um ladrão? Acredito que a idéia visava insultar, mas há nisso um pouco de verdade".

Deu um passo para além do cais.

Imediatamente o mar tornou-se mais etéreo e irreal, e o bosque mais sólido. Em pouco tempo, o mar não passava de um pálido brilho prateado entre as árvores escuras e uma mistura salgada e penetrante dos odores incomuns de um bosque durante a noite.

"Sou", pensou Strange, "o primeiro mago inglês a entrar no Reino Encantado em quase trezentos anos." Esse pensamento deixou-o extremamente satisfeito e desejou muito que houvesse alguém ali, espantado, vendo-o fazer aquilo, Deu-se conta de quão farto estava de livros e de silêncio, de quão saudoso estava dos tempos em que ser mago significava viagens a lugares que inglês algum jamais vira. Pela primeira vez desde Waterloo, realizava de fato algo. Mas então lhe ocorreu que, em vez de se felicitar, deveria olhar em volta para ver se havia algo que aprender. Concentrou-se em examinar o ambiente.

O bosque não era exatamente inglês, embora fosse muito semelhante. As árvores eram um tanto antigas, um tanto enormes e de conformação um tanto fantástica. Strange teve a forte impressão de que possuíam caráter inteiramente formado, com amores, ódios e desejos próprios. Pareciam acostumadas a ser tratadas igualmente por homens e mulheres e esperar ser consultadas em assuntos que lhes concerniam.

"Isto é justamente o que eu esperava", pensou, "mas era necessário que se mantivesse como uma espécie de alerta do quanto esse mundo difere do meu. As pessoas que eu encontrar aqui por certo me farão perguntas. Querirão me lograr." Começou a imaginar que tipos de perguntas poderiam ser feitas e a preparar várias

respostas inteligentes. Não tinha medo; pouco se lhe dava se aparecesse um dragão. Avançara muito nos últimos dias; sentia que não havia coisa alguma no mundo que não pudesse fazer, se tentasse.

**** O último mago inglês a entrar voluntariamente no Reino Encantado antes de Strange foi o Dr. Martin Pale. Ele fez várias viagens para lá. A última, provavelmente, ocorreu nos anos 50 do século XIV.*

Após cerca de vinte minutos de caminhada, a luz fulgurante o guiou à casa.

Ele a reconheceu de imediato; a imagem se lhe apresentara muito nítida e clara naquele dia em Windsor. Entretanto, era ao mesmo tempo diferente. Em Windsor parecia brilhante e acolhedora. Agora lhe chamava a atenção o inconsolado ar de pobreza e de desolação. As janelas eram numerosas, mas minúsculas, e muitas delas estavam às escuras. Era bem maior do que esperara, bem maior do que uma morada terrena. "O czar da Rússia deve ter uma casa ampla assim", pensou, "ou talvez o papa em Roma. Não sei. Nunca visitei tais lugares."

Um muro elevado a cercava. A linha fulgurante pareceu parar diante do muro. Ele não via uma abertura. Murmurou o encantamento da revelação de Ormskirk, seguido do escudo de Taillemache, um feitiço que garantia a passagem segura por lugares encantados. Sua sorte persistiu e logo surgiu um pequeno e humilde portão. Ele o atravessou e deu consigo num pátio cinzento e grande. Estava cheio de ossos que reluziam, esbranquiçados, à luz das estrelas. Alguns esqueletos vestiam armaduras enferrujadas; as armas que os tinham destruído ainda se achavam enroscadas em suas costelas ou se projetando de uma cavidade ocular.

Strange vira os campos de batalha de Badajoz e de Waterloo; certamente não se perturbou com uns poucos esqueletos antigos. Ainda assim era interessante. Sentia que agora se encontrava realmente no Reino Encantado.

Apesar do estado de deterioração da casa, ele teve a forte suspeita de que havia algo mágico em sua aparência. Tentou de novo o encantamento da

revelação de Ormskirk. De imediato a casa se deslocou e se alterou, e ele pôde ver que apenas parte da construção era de pedra. O que aparentava ser paredes, botaréis e torres agora se revelava em parte um grande monte de terra, na verdade uma encosta.

"É um *brugh!*", pensou com grande emoção.

Passou por urna entrada baixa e logo se viu num vasto salão repleto de pessoas que dançavam. Os dançarinos trajavam as mais refinadas roupas imagináveis, mas o salão parecia num estado péssimo, a requerer reparos. Com efeito, numa extremidade, parte de uma parede desabada formava um entulho. A mobília era mínima e gasta, as velas eram de qualidade inferior e só um violino e uma flauta proporcionavam a música.

Aparentemente ninguém prestava a menor atenção a Strange, de maneira que ele se juntou às pessoas paradas perto de uma parede e observou a dança. Sob vários aspectos, o entretenimento lhe era menos estranho do que, digamos, uma *conversazione* em Veneza. Os modos dos convidados pareciam mais ingleses e a própria dança lembrava as contradanças apreciadas por damas e cavalheiros de Newcastle a Penzance e realizadas semanalmente, o ano todo.

Lembrou-se que no passado gostava de dançar, assim como Arabella. Após a guerra na Espanha, porém, raras vezes dançara com ela ou com qualquer outra dama. Quando ia a Londres, para um baile ou para visitar um departamento do governo, sempre havia muita gente para conversar sobre magia. Imaginou se Arabella teria dançado com outras pessoas. Ficou curioso em saber se lhe perguntara. "Apesar de que, se de fato lhe perguntei", refletiu com um suspiro, "sem dúvida não escutei a resposta, pois não me lembro de nada."

- Deus meu, senhor! O que faz aqui?

Strange virou-se para ver quem havia falado. A única coisa para a qual não estava preparado era que a primeira pessoa a encontrar fosse o mordomo de Sir Walter Pole. Não conseguiu se lembrar do nome do sujeito, embora tivesse ouvido Sir Walter dizê-lo uma centena de vezes. Simon? Samuel?

O homem agarrou Strange pelo braço e o sacudiu. Parecia estar profundamente perturbado.

- Pelo amor de Deus, senhor, o que faz aqui? Não sabe que ele o odeia?

Strange abriu a boca para dar uma das respostas inteligentes, mas hesitou. Quem o odiava? Norrell?

Na confusão da dança, o homem desapareceu. Strange o procurou e o avistou no outro lado do salão. O homem fitou Strange com fúria, como se indignado por ele não ter ido embora.

"Que estranho", refletiu Strange. "Entretanto, claro, agiriam assim. Fariam a coisa mais imprevisível. Possivelmente não é o mordomo de Pole. Deve ser apenas um ser mágico na forma dele. Ou uma ilusão mágica." Começou a procurar em volta seu próprio ser mágico.

- Stephen! Stephen!

- Estou aqui, senhor! Stephen se virou e deparou com o cavalheiro de cabelos de algodão a seu lado.

- O mago está aqui! Ele está aqui! O que será que quer?

- Não sei senhor.

- Ah! Veio para me destruir! Sei que sim!

Stephen ficou pasmo. Havia muito imaginara que o cavalheiro era à prova de qualquer dano. Contudo, ali estava ele num estado de grande ansiedade e medo.

- Mas por que quereria fazer isso, senhor? - perguntou Stephen num tom tranqüilizador. - Acho bem mais provável que tenha vindo para resgatar... Para levar a esposa para casa. Não deveríamos talvez libertar Mrs. Strange do encantamento e permitir que volte para casa com o marido? E Lady Pole também. Senhor, deixe Mrs. Strange e Lady Pole voltarem para a Inglaterra com o mago. Tenho certeza de que isso bastará para abrandar a ira dele contra o senhor. Tenho certeza de que conseguirei persuadi-lo.

- O quê? Do que está falando? Mrs. Strange? Não, não, Stephen! Está muito enganado! Está mesmo! Ele nem chegou a mencionar a nossa prezada Mrs. Strange. Stephen, nós dois sabemos apreciar a companhia de uma mulher como ela. Ele não. Esqueceu-se dela. Agora tem outro amor, uma jovem cativante cuja presença adorável, espero um dia, também abrihantará nossos bailes! Não há ninguém mais volúvel do que um inglês. Ah, acredite-me! Ele veio para me destruir! A partir do momento em que me pediu o dedo de Lady Pole percebi que é bem mais inteligente do que eu suspeitava. Stephen, aconselhe-me. O senhor conviveu com esses ingleses durante anos. O que devo fazer? Como me proteger? Como posso castigar tal perversidade?

Em meio ao embotamento e à opressão do encantamento, Stephen esforçou-se para raciocinar com clareza. Uma grande crise podia depender dele, estava certo disso. Jamais um cavalheiro lhe pedira ajuda de modo tão aberto. Sem dúvida deveria tirar proveito da situação. Mas como? E sabia, por longa experiência, que as disposições de ânimo do cavalheiro não eram duradouras; ele era o ser mais instável do mundo. A menor palavra era capaz de transformar seu temor em fúria e ódio violentos... Se Stephen agora se expressasse de maneira inconveniente, longe de libertar a si mesmo e aos outros, poderia incitar o cavalheiro a destruí-los todos. Olhou em volta em busca de inspiração.

- O que devo fazer, Stephen? - gemeu o cavalheiro. - O que devo fazer? Algo lhe chamou a atenção. Sob um arco preto havia uma presença familiar: uma fada que habitualmente usava um véu preto que ia da cabeça à ponta dos dedos. Nunca participava das danças; meio que andava e meio que flutuava por entre os dançarinos e os que aguardavam a vez. Stephen jamais a vira conversar com alguém, mas quando ela passava por perto exalava um leve odor de cemitérios, terra e ossuários. Jamais olhara para a fada sem sentir um calafrio de apreensão, mas se ela era má, amaldiçoada, ou ambos, não sabia.

- Existem pessoas neste mundo - começou -, cuja vida não passa de um fardo para elas. Um véu preto se interpõe entre elas e o mundo. São totalmente solitárias, como sombras na noite, excluídas da alegria e do amor, de todas as emoções humanas gentis, incapazes até mesmo de reconfortar umas às outras. Seus dias são

cheios tão-somente de trevas, sofrimento e solidão. O Senhor sabe a quem me refiro. Eu... Não falo de culpa... - O cavalheiro o fitava com uma intensidade feroz. - Mas estou seguro de que poderemos afastar do senhor a ira do mago, se apenas libertar...

- Ah! - exclamou o cavalheiro, arregalando os olhos ao entender. Ergueu a mão, num sinal para que Stephen se calasse.

Stephen teve certeza de que fora longe demais.

- Desculpe-me - murmurou.

- Desculpá-lo? - disse o cavalheiro, surpreso. - Ora! Não há o que desculpar! Há muitos séculos ninguém fala comigo com tanta franqueza, e o estimo por isso! Trevas, sim! Trevas, sofrimento e solidão! - Girou nos calcanhares e se embrenhou na multidão.

Strange divertia-se imensamente. As misteriosas contradições do baile não o perturbavam de modo algum; era exatamente o que teria esperado. Não obstante a pobreza do grande salão, ainda era em parte uma ilusão. O olho de mago percebia que ao menos uma área do salão estava sob a terra.

Um pouco adiante, uma fada o olhava com insistência. Trajava um vestido da cor de um crepúsculo invernal e portava um leque reluzente e delicado do qual pendiam coisas que poderiam ser contas de cristal, mas que se assemelhavam mais a geadas nas folhas e frágeis pendentes de gelo nos ramos.

Nesse momento começava uma dança. Ninguém apareceu para solicitar a mão da fada, de forma que, num impulso, Strange sorriu, fez uma mesura e disse:

- Ninguém aqui parece me conhecer. Por isso não nos apresentarão. Entretanto, minha senhora, seria uma grande honra para mim se dançasse comigo.

Ela não respondeu nem sorriu em resposta, mas lhe pegou a mão estendida e lhe permitiu conduzi-la para dançar. Ocuparam um lugar na disposição dos pares e por um momento nada disseram.

- Engana-se em afirmar que ninguém o conhece - disse ela de repente. - Eu o conheço. O senhor é um dos dois magos destinados a devolverem a magia à Inglaterra. - Como se declamasse uma profecia ou algo comumente conhecido, disse: - *E o nome de um será Temor. E o nome do outro será Arrogância...* Bem, como sem dúvida o senhor não é Temor, imagino que seja Arrogância.

Não foi algo muito cortês de se dizer.

- Esse de fato é o meu destino - concordou Strange. - E que excelente destino!

- Ah, pensa que é? - replicou ela, olhando-o de lado. - Então por que ainda não o realizou?

Strange sorriu.

- E o que leva a senhora a acreditar que não o realizei?

- Porque o senhor está aqui.

- Não entendo.

- Não ouviu a profecia quando lhe foi feita?



- A profecia, minha senhora?

- Sim, a profecia de... - concluiu dizendo um nome, mas no próprio idioma dela, de forma que Strange não compreendeu.

- Como disse?

- A profecia do Rei.

Strange recordou-se de Vinculus saindo de debaixo da cerca-viva invernal, a roupa coberta de fragmentos de capim seco acastanhado e vagens sem sementes; lembrou-se de Vinculus declamando alguma coisa na azinhaga invernal. Mas não fazia idéia do que Vinculus dissera. Na época não pensava em se tornar mago e não prestara atenção.

- Minha senhora, creio que houve algo parecido com uma profecia disse -, mas, para ser fiel à verdade, foi há tanto tempo que já não me lembro. O que a profecia

diz que devemos fazer? O outro mago e eu?

- Fracassar.

Strange piscou os olhos, tomado de surpresa.

- Eu... não acho que... fracassar? Não, minha senhora, não. É muito tarde para isso. Já somos os magos de maior êxito desde Martin Pale.

Ela permaneceu calada.

Seria muito tarde para fracassar? Perguntou-se Strange. Pensou em Mr. Norrell na casa da Praça Hanover, em Mr. Norrell em Hurlfrew Abbey, em Mr. Norrell felicitado por todos os ministros e cortesmente recebido pelo príncipe regente. Talvez fosse um tanto irônico que, entre tantas pessoas, eles fossem encontrar consolo justamente no sucesso de Norrell, mas nesse momento nada no mundo parecia mais sólido e mais incontestável. A fada estava equivocada.

Nos minutos seguintes, concentraram-se na dança. Quando retomaram seu lugar na disposição dos pares, ela disse:

- Mago, o senhor decerto tem muita coragem para vir até aqui.

- Por quê? O que eu deveria temer, minha senhora?

Ela riu.

- Quantos magos ingleses o senhor imagina deixaram seus ossos neste *brugh*? Sob as estrelas?

- Não tenho a mínima idéia.

- Quarenta e sete.

Strange começou a se sentir um pouco menos à vontade.

- Sem contar Peter Porkiss, mas ele não era mago. Era só um *cowan* (Um problema bastante comum na Inglaterra medieval era a grande abundância de

cowans. É um termo (hoje obsoleto) aplicado corretamente a qualquer artesão inepto ou fracassado, mas aqui aplica-se em especial a magos).

- Por certo.

- Não finja que sabe o que quero dizer - replicou ela com rispidez. Está claro como um pandemônio que não sabe.

Mais uma vez Strange não soube o que responder. Ela parecia disposta a ser desagradável. Mas também, pensou ele, o que havia de incomum nisso? Em Bath e em Londres, assim como em todas as cidades da Europa, as damas simulavam repreender homens que elas pretendiam atrair. Tanto quanto sabia, ela era igual. Resolveu lidar com sua atitude dura como uma espécie de flerte e ver se isso a abrandaria. Riu então com leveza e disse:

- Parece que a senhora sabe de muitas coisas ocorridas neste *brugh* no passado. - Estremeceu de emoção ao dizer a palavra, uma palavra tão antiga e romântica.

Ela encolheu os ombros.

- Visito este lugar há quatro mil anos.

- Teria satisfação em ouvi-la falar a respeito quando estiver livre.

- Melhor dizer quando o senhor estiver livre! Então não objetarei a responder a suas perguntas.

- A senhora é muito amável.

- Não há de quê. Daqui a cem anos então?

- Como... como disse?

Mas a fada pareceu considerar que já havia falado o bastante e ele nada mais extraiu dela senão comentários banais sobre o baile e os dançarinos.

A dança terminou; eles se separaram. Fora a mais estranha e perturbadora conversa que Strange já tivera na vida. Por que, afinal, ela pensava que a magia ainda não havia sido restaurada na Inglaterra? E o que significava aquela tolice sobre cem anos? Consolou-o a idéia de que uma mulher que passara boa parte da vida numa mansão repleta de ecos no meio de um bosque escuro e profundo dificilmente estaria bem informada sobre os acontecimentos de mundos mais amplos.

**** Vários especialistas observaram que seres mágicos longevos tendem a chamar de "quatro mil anos" qualquer período de tempo considerável. A dama sobrenatural apenas quer dizer que conhece o brugh desde tempos imemoriais, sem que alguém se preocupe em calcular o tempo em anos, séculos e milênios. Muitos seres mágicos, quando indagados, dirão que têm quatro mil anos de idade; com isso querem dizer que desconhecem sua idade, que são mais velhos do que a civilização humana ou, possivelmente, do que a própria humanidade.*

Voltou a se unir aos observadores junto da parede. O andamento da dança seguinte trouxe para perto dele uma mulher particularmente encantadora. Strange ficou impressionado com o contraste entre a beleza de seu rosto e a tristeza profunda e marcada de sua expressão. Quando ela ergueu a mão para segurar a do parceiro, Strange percebeu que lhe faltava o dedo mínimo.

"Curioso!", pensou, e apalpou o bolso do paletó onde guardara a caixa de prata e porcelana. "Talvez..." Mas não conseguiu conceber uma seqüência de acontecimentos que resultassem em um mago dar a um ser mágico um dedo que pertencesse a alguém da própria casa do ser mágico. Não fazia sentido. "Talvez as duas coisas não tenham ligação", refletiu.

Mas a mão da mulher era muito pequena e branca. Ele teve certeza de que o dedo na caixa se ajustaria com perfeição a ela. Tomado de curiosidade, resolveu se aproximar dela e lhe perguntar de que forma perdera o dedo.

A dança terminou. Ela conversava com outra dama, que estava de costas para ele.

- Queiram me desculpar... - começou Strange.

Imediatamente a outra dama se virou. Era Arabella.

Trajava um vestido branco com uma sobreveste de filó azul-claro e diamantes. Cintilava como geada e neve, e era mais belo do que qualquer um dos vestidos que ela possuía quando morava na Inglaterra. Em seu cabelo havia borrifos de florações minúsculas semelhantes a estrelas e no pescoço uma fita de veludo preto amarrada.

Ela o fitou com uma estranha expressão, uma expressão em que surpresa se mesclava com cautela e encanto com incredulidade.

- Jonathan! Veja, minha querida! - disse à companheira. - É Jonathan!

- Arabella... - começou ele. Não sabia o que dizer. Estendeu-lhe a mão; ela não a pegou. Sem dar a impressão de saber o que fazia, ela recuou de leve e juntou as mãos às da mulher desconhecida, como se esta fosse a pessoa em quem ela agora buscava conforto e apoio.

A desconhecida olhou para Strange, atendendo ao pedido de Arabella.

- É como a maioria dos homens - comentou ela com frieza. Em seguida, como se entendesse que o encontro havia chegado ao fim, disse: - Vamos. - Tentou levar Arabella embora.

- Ah, mas espere! - disse Arabella com doçura. - Creio que ele deve ter vindo para nos ajudar! Não acha que sim?

- Talvez - respondeu a mulher desconhecida, sem convicção. Voltou a fitar Strange. - Não. Creio que não. Acredito que veio por um motivo totalmente diferente.

- Sei que já me alertou para falsas esperanças - disse Arabella - e tentei agir conforme seus conselhos. Mas ele está aqui! Eu estava segura de que ele não me esqueceria tão cedo.

- Esquecê-la! - exclamou Strange. - Não, de forma alguma! Arabella, eu...

- Veio aqui de fato para nos ajudar? - inquiriu a desconhecida, dirigindo-se de repente a Strange diretamente.

- Quê? - replicou Strange. - Não, eu... Entenda, até agora eu não sabia... Quero dizer, não compreendo bem...

A mulher desconhecida emitiu um breve som de irritação.

- Veio ou não veio nos ajudar? Parece-me uma pergunta muito simples.

- Não - respondeu Strange. - Arabella, por favor, fale comigo. Conte-me o que...

- Aí está! Vê? - disse a mulher desconhecida a Arabella. - Agora vamos nós duas procurar um canto onde possamos ficar em paz. Penso ter visto um banco desocupado perto da porta.

Mas Arabella ainda não estava persuadida a ir embora. Continuava fitando Strange da mesma forma estranha; como se olhasse para um retrato dele, e não para o homem em carne e osso. Disse:

- Sei que não deposita muita fé nos homens, mas...

- Não deposito fé nenhuma nos homens - interrompeu a mulher desconhecida. - Sei o que é desperdiçar anos e anos alimentando esperanças vãs de ajuda desta ou daquela pessoa. Nenhuma esperança é melhor do que a decepção incessante!

Strange perdeu a paciência.

- Perdoe-me por interrompê-la, minha senhora - disse à mulher desconhecida -, embora note que a senhora nada fez exceto me interromper desde que me juntei às senhoras! Lamento, mas devo insistir em um minuto de conversa privada com minha esposa! Por favor, faça a bondade de recuar um ou dois passos...

Mas nem ela nem Arabella lhe prestavam atenção. Dirigiam o olhar um pouco mais para adireita dele. O cavalheiro de cabelos de algodão estava atrás dele.

Stephen avançou para dentro da multidão de dançarinos. A conversa com o cavalheiro fora enervante. Algo se decidira, mas quanto mais pensava nisso, mais Stephen se dava conta de que não tinha a menor idéia do que era. "Ainda não é tarde", murmurava enquanto forçava o caminho. "Ainda não é tarde." Parte dele, a metade fria, indiferente e sob encantamento, perguntava-se o que ele queria dizer com isso. Ainda não era tarde para se salvar? Para salvar Lady Pole e Mrs. Strange? O mago?

As fileiras de dançarinos nunca lhe pareceram tão extensas, tão semelhantes a uma cerca obstruindo-lhe o caminho. Do outro lado do salão pensou ter tido um vislumbre de uma cabeça de cabelos de algodão.

- Senhor! - gritou. - Espere! Preciso lhe falar outra vez!

A luz mudou. Os sons de música, dança e conversa esvaneceram. Stephen olhou em volta, esperando dar consigo numa nova cidade ou em outro continente. Mas ainda estava no grande salão de Esperança Perdida. Vazio; os dançarinos e os músicos tinham partido. Três pessoas permaneciam: ele mesmo, Stephen, e, um pouco distantes, o mago e o cavalheiro de cabelos de algodão.

O mago chamou o nome da esposa. Correu em direção a uma porta escura, como se pretendesse se precipitar para dentro da casa à procura dela.

- Espere! - gritou o cavalheiro de cabelos de algodão. O mago se virou e Stephen notou que o rosto do cavalheiro estava negro de fúria, que sua boca se contorcia, como se um encantamento estivesse prestes a explodir de dentro dele.

O cavalheiro de cabelos de algodão ergueu as mãos. O grande salão se encheu de um bando de aves. Num piscar de olhos apareceram; num piscar de olhos desapareceram.

As aves golpearam Stephen com as asas. Deixaram-no sem fôlego. Quando se recobrou o bastante para erguer a cabeça, viu que o cavalheiro de cabelos de algodão tinha erguido as mãos uma segunda vez.

O grande salão se encheu de folhas rodopiantes. Eram secas e de um marrom invernal, trazendo um vento saído de parte alguma. Num piscar de olhos apareceram; num piscar de olhos desapareceram.

O mago olhava fixa e irrefletidamente. Não parecia saber o que fazer ante uma magia tão assoberbante. "Ele está perdido", pensou Stephen.

O cavalheiro de cabelos de algodão ergueu as mãos pela terceira vez. O grande salão se encheu de chuva - não uma chuva de água, mas uma chuva de sangue. Num piscar de olhos apareceu; num piscar de olhos desapareceu.

A magia terminou. Nesse momento o mago desapareceu e o cavalheiro de cabelos de algodão caiu no chão, como que desmaiado.

- Senhor, onde está o mago? Inquiriu Stephen, correndo para se ajoelhar ao lado dele. - O que aconteceu?

- Eu o mandei de volta para a colônia marítima de Altinum - respondeu com um sussurro roufeno. Tentou sorrir, mas não conseguiu. - Eu o fiz, Stephen! Fiz o que o senhor me aconselhou! Sugou-me toda a energia. Minhas antigas alianças foram estendidas ao limite. Mas mudei o mundo! Ah! Que grande golpe lhe dei! Trevas, sofrimento e solidão! Ele não mais nos fará mal! Tentou um riso triunfante, mas que se transformou num acesso de tosse e ânsia de vômito. Quando concluiu, segurou a mão de Stephen. - Não se preocupe comigo, Stephen. Sinto-me apenas um pouco cansado, nada mais. O senhor é uma pessoa de visão e percepção admiráveis. Doravante eu e o senhor não somos mais amigos; somos irmãos! Ajudou-me a derrotar meu inimigo e em troca descobrirei seu nome. Farei do senhor um rei! - Sua voz reduziu-se a um nada.

- Diga-me o que fez! - sussurrou Stephen.

Mas o cavalheiro fechou os olhos.

Stephen continuou ajoelhado no salão de baile, a segurar a mão do cavalheiro. As velas de sebo se extinguíram; as sombras baixaram sobre eles.

*** *Em outras palavras, Veneza: Altinum era a cidade da costa leste da Itália de onde se originaram os primeiros habitantes de Veneza.*

56. A Torre Negra

3 e 4 de dezembro de 1816

O Dr. Greysteel dormia e sonhava. No sonho, alguém o chamava e lhe pedia algo. Desejoso de atender quem quer que fosse, andou de um lado a outro à procura da pessoa; não encontrou ninguém, mas ainda continuavam a chamá-lo. Por fim, abriu os olhos.

- Quem é? - perguntou.

- Sou eu, senhor. Frank, senhor.

- O que foi?

- Mister Strange está aqui. Quer falar com o senhor.

- Algum problema?

- Ele não disse, senhor. Mas acho que sim.

- Frank, onde ele está?

- Não quer entrar, senhor. Não consegui convencê-lo a entrar. Está lá fora, senhor.

O Dr. Greysteel se ergueu, pôs os pés no chão e tomou fôlego.

- Está frio, Frank! - exclamou.

- Sim, senhor.

Frank ajudou o Dr. Greysteel a vestir o roupão e a calçar as chinelas. Atravessaram em silêncio numerosos cômodos escuros, um longo caminho de pisos de mármore escuro. No vestíbulo, ardia um lampião. Frank abriu a grande porta dupla de ferro, pegou o lampião e saiu. O Dr. Greysteel o seguiu.

Um lance de degraus de pedra descia na escuridão. Apenas o cheiro de

mar, o bater da água contra a pedra, uma certa cintilação ocasional e a mutação da escuridão permitiam ao observador entender que ao pé da escada havia um canal. Lâmpioes ardiã nas janelas e balcões das poucas casas vizinhas. Para além delas tudo era silêncio e escuridão.

- Não vejo ninguém! - exclamou o Dr. Greysteel. - Onde está Mister Strange?

Em resposta, Frank apontou para mais adiante à direita. Um lâmpio surgiu de súbito sob uma ponte e à luz dele o Dr. Greysteel viu uma gôndola aguardando. O gondoliero impeliu o barco com o remo em direção a eles. Quando se aproximou, o Dr. Greysteel viu um passageiro. A despeito de tudo o que Frank dissera, demorou alguns segundos até o médico reconhecê-lo.

- Strange! - exclamou. - Deus do céu! O que aconteceu? Não o reconheci! Meu... meu... meu caro amigo. - a Dr. Greysteel gaguejou, travando a língua enquanto procurava uma palavra adequada. Nas últimas semanas acostumara-se à idéia de que ele e Strange em breve se tornariam mais próximos. Entre! Frank, depressa! Vã buscar um copo de vinho para Mister Strange!

- Não! - exclamou Strange com voz rouca e estranha. Falou apressado, em italiano, com o gondoliero. Seu italiano era razoavelmente mais fluente do que o do Dr. Greysteel e este não o entendeu, mas o sentido logo ficou claro quando o gondoliero começou a afastar o barco. - Não posso entrar! - disse Strange. - Não me peça!

- Está bem, mas me conte o que aconteceu.

- Estou amaldiçoado!

- Amaldiçoado? Não! Não diga isso.

- Mas digo. Eu estava errado do princípio ao fim! Pedi a este camarada que afastasse um pouco o barco. Não é seguro eu me aproximar muito da casa. Doutor Greysteel, o senhor precisa tirar sua filha daqui!

- Flora! Por quê?

- Há alguém nas vizinhanças que pretende fazer mal a ela!

- Meu Deus!

Os olhos de Strange se arregalaram.

- Há alguém que pretende submetê-la a uma vida de sofrimento sem fim! De escravidão e subjugação a um espírito desvairado! Uma prisão antiga construída tanto de encantamentos frios como de pedra e terra. Perverso, perverso! Mas, por outro lado, talvez nem tão perverso assim, pois o que faz ele senão agir conforme sua natureza? Como pode evitar?

Nem o Dr. Greysteel nem Frank entenderam.

- O senhor está doente - disse o Dr. Greysteel. - Tem febre. Venha para dentro. Frank lhe preparará uma bebida sedativa para afugentar esses pensamentos malignos. Venha para dentro, Mister Strange. - Recuou um pouco na escada para que Strange se aproximasse, mas o mago não lhe deu atenção.

- Pensei que... - começou Strange e em seguida se interrompeu. Fez uma pausa tão longa que pareceu ter esquecido o que ia dizer, mas depois recomeçou. - Pensei que Norrell tivesse mentido para mim. Mas estava enganado. Muito enganado. Ele mentiu para todo mundo. Mentiu para todos nós. - Em seguida falou com o gondoliero e a gôndola desapareceu na escuridão.

- Espere! Espere! - gritou o Dr. Greysteel, mas a gôndola se fora. Espiou na escuridão, esperando que Strange reaparecesse, mas isso não aconteceu.

- Devo ir atrás dele, senhor? - perguntou Frank.

- Não sabemos para onde foi.

- Acho provável que tenha ido para casa, senhor. Posso segui-lo a pé.

- E dizer o que para ele, Frank? Não nos dará ouvidos neste momento. Não, vamos entrar. Temos de pensar em Flora.

Mas, uma vez dentro da casa, o Dr. Greysteel sentiu-se desamparado, sem saber o que fazer. De súbito aparentou a idade que tinha. Frank segurou-lhe o braço gentilmente e o ajudou a descer uma escadaria de pedra escura que levava à cozinha.

Era uma cozinha muito pequena para servir aos inúmeros e amplos cômodos de mármore no andar superior. De dia, era um lugar úmido e sinistro. Havia apenas uma janela. Ficava no alto da parede, pouco acima do nível da água lá fora, coberta por uma pesada grade de ferro. Isso significava que a maior parte da cozinha situava-se abaixo do nível do canal. Depois do encontro com Strange, porém, parecia um lugar quente e agradável. Frank acendeu mais velas e avivou o fogo. A seguir encheu uma chaleira para fazer chá para os dois.

Sentado numa cadeira simples de cozinha, o Dr. Greysteel fitou o fogo, absorto em pensamentos.

- Quando ele falou de alguém querer fazer mal a Flora... - disse afinal.

Frank assentiu com a cabeça, como se soubesse o que ouviria a seguir.

- ... Não consegui evitar o pensamento de que ele se referia a si mesmo, Frank - concluiu o Dr. Greysteel. - Receia fazer algo que venha a feri-la e por isso veio me avisar.

- Exatamente, senhor! - concordou Frank. - Veio nos avisar. O que demonstra que no fundo é um bom homem.

- É um bom homem - repetiu o Dr. Greysteel com seriedade. - Mas algo aconteceu. É a magia, Frank. Deve ser. É uma profissão muito esquisita e não posso deixar de desejar que ele fosse outra coisa, soldado, clérigo ou advogado! O que diremos a Flora, Frank? Ela não quererá ir embora, esteja certo! Não quererá deixar Mister Strange. Principalmente porque... porque ele está doente. O que posso dizer a minha filha? Eu deveria ir embora com ela. Mas quem ficaria em Veneza para cuidar de Mister Strange?

- O senhor e eu ficaremos aqui para ajudar o mago, senhor. Mas mande Miss Flora partir com a tia.

- Sim, Frank! Justamente! É o que faremos!

- Apesar disso, senhor - acrescentou Frank -, devo dizer que Miss Flora certamente não precisa dos cuidados de ninguém. Não é igual às demais jovens. - Frank vivera com os Greysteel o suficiente para saber como a família considerava Miss Greysteel uma pessoa de capacidade e inteligência excepcionais.

Sentindo que haviam feito tudo o que podiam no momento, o Dr. Greysteel e Frank voltaram a se recolher.

Mas uma coisa é traçar planos no meio da noite e outra bem diferente realizá-los em plena luz do dia. Como o Dr. Greysteel previra, Flora objetou com veemência ser mandada para longe de Veneza e de Jonathan Strange. Não entendia. Por que deveria ir?

Porque, explicou o Dr. Greysteel, Strange estava doente.

Então é mais um motivo para eu ficar, replicou ela. Strange precisaria que alguém cuidasse dele.

O Dr. Greysteel tentou insinuar que a doença de Strange era contagiosa, mas, por princípio e inclinação, era um homem honesto. Mentira pouquíssimas vezes, e mentira mal. Flora não acreditou nele.

Tia Greysteel por certo não entendeu mais do que a sobrinha a mudança de planos. Incapaz de resistir à oposição conjunta das duas, o Dr. Greysteel viu-se obrigado a confiar na irmã e lhe contar o que acontecera durante a noite. Lamentavelmente, ele não tinha talento para reproduzir atmosferas. O abatimento peculiar das palavras de Strange ficou totalmente ausente da explanação. Tia Greysteel entendeu apenas que Strange fora incoerente. Concluiu, naturalmente, que estava ébrio. Embora muito desagradável, isso não era incomum entre cavalheiros e parecia não haver motivo para que as duas fossem para outra cidade.

- Afinal de contas, Lancelot - disse ela -, eu o vi num estado ainda pior sob efeito do vinho. Uma vez jantamos com Mister Sixsmith e você insistiu em se despedir de todas as galinhas. Foi ao terreiro e tirou uma a uma do galinheiro, todas

escaparam, fugiram para todos os lados e metade delas foi devorada pela raposa. Nunca vi a Antoinette tão zangada com você. - Antoinette era a falecida esposa do médico.

Era uma história antiga e muito degradante. O Dr. Greysteel a ouviu com uma exasperação cada vez maior.

- Pelo amor de Deus, Louisa! Eu sou médico! Sei reconhecer um estado de embriaguez!

De forma que Frank foi chamado. Ele se lembrou com maior precisão do que Strange dissera. Evocou visões de Flora aprisionada por toda a eternidade que foram suficientes para apavorar a tia. Num espaço curto de tempo, tia Greysteel mostrou-se mais ansiosa do que ninguém para tirar Flora de Veneza. Entretanto, insistiu em algo que não ocorrera nem ao Dr. Greysteel nem a Frank: que contassem a verdade a Flora.

Foi por demais doloroso para Flora Greysteel saber que Strange perdera o juízo. A princípio achou que eles estivessem enganados, e mesmo depois que a convenceram de que poderia ser verdade continuou certa de que era desnecessário ir embora de Veneza; estava segura de que ele jamais a feriria. Mas então percebeu que o pai e a tia pensavam o contrário e que não ficariam tranquilos enquanto ela não partisse. Com muita relutância, concordou.

Pouco depois da partida das duas damas, o Dr. Greysteel estava sentado numa das salas de mármore frio do pallazo. Consolava-se com um copo de conhaque e tentava encontrar coragem para ir procurar Strange, quando Frank entrou e falou de uma torre negra.

- Quê? - indagou o Dr. Greysteel. Não estava com disposição para desvendar as excentricidades de Frank.

- Venha até a janela que lhe mostrarei senhor.

O Dr. Greysteel se levantou e foi à janela.

Algo tinha surgido no centro de Veneza. A melhor descrição era uma torre negra de uma imensidade inconcebível. A base parecia cobrir vários acres. A torre se projetava da cidade para dentro do céu e não era possível ver seu topo. À distância, a cor era de um preto uniforme e sua textura, macia. Mas havia instantes em que parecia quase translúcida, como se feita de fumaça preta. Era possível vislumbrar prédios atrás dela ou até, talvez, em seu interior.

Era a coisa mais misteriosa que o Dr. Greysteel já vira.

- Como terá surgido, Frank? E o que aconteceu com as casas que lá existiam?

Antes que essas ou outras perguntas pudessem ser respondidas, uma batida alta e formal soou à porta. Frank foi atender. Voltou em instantes acompanhado de um pequeno grupo de pessoas, nenhuma das quais o Dr. Greysteel conhecia. Duas delas eram padres, e havia três ou quatro jovens de porte militar que trajavam uniformes coloridos decorados com uma extravagante quantidade de galões dourados. O mais bem-apessoado deles se adiantou. Trajava o uniforme mais esplêndido e tinha um bigode louro comprido. Explicou que era o coronel Wenzel von Ottenfeld, secretário do governador austríaco da cidade. Apresentou seus companheiros; os oficiais eram austríacos como ele, mas os padres eram venezianos. Isso bastou para deixar o Dr. Greysteel um tanto surpreso; os venezianos detestavam os austríacos, e raras vezes as duas raças eram vistas juntas.

- O senhor é o doutor? - perguntou o coronel Von Ottenfeld. - O amigo do Hexen-meister (Mago em alemão) do Grande Wellington?

O Dr. Greysteel confirmou.

- Ah, senhor doutor! Hoje somos pedintes a seus pés! - Von Ottenfeld assumiu uma expressão melancólica, bastante reforçada por seu longo bigode curvado para baixo.

O Dr. Greysteel se disse espantado de ouvir isso.

- Aqui estamos hoje. Pedimos a sua... - Von Ottenfeld franziu o cenho e estalou os dedos. - Vermittlung. Wir bitten um Ihre Vermittlung. Wie kann man das sagen? -

Seguiu-se uma discussão sobre como traduzir a primeira palavra. Um dos padres italianos sugeriu "intercessão".

- Sim, sim - concordou Von Ottenfeld, ansioso. - Pedimos sua intercessão por nós junto ao Hexen-meister do Grande Wellington. Senhor doutor, estimamos muitíssimo o Hexen-meister do Grande Wellington. Mas agora o Hexen-meister do Grande Wellington se excedeu. Que calamidade! O povo de Veneza está com medo. Muitos têm de abandonar suas casas e ir embora!

- Oh! - fez o Dr. Greysteel, compreensivo. Refletiu por alguns instantes e compreendeu melhor. - Ah! O senhor crê que Mister Strange tem algo a ver com aquela Torre Negra.

- Não! - replicou Von Ottenfeld. - Não é uma Torre. É a Noite! Que calamidade!

- Como assim? - perguntou o Dr. Greysteel, olhando para Frank em busca de ajuda. Frank encolheu os ombros.

Um dos padres, cujo inglês era um pouco mais sólido, explicou que, naquela manhã, o sol nascera em todas as regiões da cidade, exceto em uma, na paróquia de Santa Maria Zobenigo, onde Strange morava. Lá, a noite continuou a imperar.

- Por que o Hexen-meister do Grande Wellington faz isso? - perguntou Von Ottenfeld. - Não sabemos. Pedimos que o senhor o procure, senhor doutor. Peça-lhe, por favor, que devolva o sol a Santa Maria Zobenigo. Pode lhe pedir, respeitosamente, que não faça mais magia em Veneza?

- Claro que posso - respondeu o Dr. Greysteel. - É uma situação por demais angustiante. E, embora tenha certeza absoluta de que Mister Strange não o fez de propósito, de que se verificará que tudo não passou de um engano, terei prazer em ajudar como puder.

- Ah! - exclamou apressado o padre que falava um inglês bom, erguendo a mão, como se temesse que o Dr. Greysteel logo saísse correndo dali em direção a Santa Maria Zobenigo. - Mas o senhor levará seu criado junto, não é? Não irá sozinho, irá?

A neve caía densa. Todas as cores tristes de Veneza haviam se transformado em tons de cinza e preto. A Praça São Marco era uma pálida gravura cinzenta sobre papel branco. Estava erma. O Dr. Greysteel e Frank seguiam juntos pela neve com passos pesados. O médico carregava uma lanterna e o criado segurava um guarda-chuva negro acima da cabeça do patrão.

Para além da praça se erguia a Torre Negra da Noite; eles passaram sob o arco do Atrio e por entre as casas silenciosas. A escuridão tinha início no meio de uma pequena ponte. Era a coisa mais sombria do mundo ver os flocos de neve que caíam obliquamente serem sugados de súbito para dentro dela, como se fosse um ser vivo a devorá-los com lábios gulosos.

Após darem uma última olhada para a cidade branca e silenciosa, penetraram na escuridão.

As vielas estavam ermas. Os habitantes da paróquia haviam buscado refúgio em casas de parentes e amigos em outras áreas da cidade. Mas os gatos de Veneza, que como os gatos de qualquer cidade formam um grupo de criaturas caprichosas, afluíram a Santa Maria Zobenigo para dançar, caçar e brincar na noite interminável que lhes parecia uma espécie de Dia da Expição. Na escuridão, eles passavam se esfregando no Dr. Greysteel e em Frank; e por várias vezes o médico entreviu olhos brilhantes observando-o de uma entrada.

Quando chegaram à casa onde Strange estava hospedado, reinava o silêncio. Bateram à porta e chamaram, mas ninguém atendeu. Verificando que a porta não estava trancada, abriram-na. O interior da casa estava às escuras. Encontraram a escada e subiram para o aposento de Strange no último andar, onde ele praticava magia.

Depois de tudo que acontecera, esperavam algo extraordinário, encontrar Strange conversando com um demônio ou assombrado por aparições horrendas. Desconcertou um pouco o fato de a cena que se lhes apresentou ter sido tão comum. O cômodo apresentava o mesmo aspecto de inúmeras outras ocasiões. Um grande número de velas o iluminava e um fogão de ferro proporcionava um calor confortante. Strange estava à mesa, debruçado sobre sua bacia de prata, uma luz branca e pura irradiando no rosto. Não ergueu o olhar. Um relógio tiquetaqueava

calmamente num canto. Livros, papéis e objetos de escrita estavam, como sempre, espalhados em abundância por todos os lugares. Strange passou a ponta do dedo na superfície da água e bateu de leve duas vezes. A seguir se virou e fez uma anotação num livro.

- Strange - disse o Dr. Greysteel.

Strange ergueu o olhar. Não parecia tão alucinado como na noite anterior, mas seus olhos exibiam o mesmo ar de acossado. Olhou para o médico fixamente, por longo tempo, sem indicar que o reconhecia.

- Greysteel - murmurou por fim. - O que faz aqui?

- Vim ver como o senhor está. Estou preocupado.

Strange nada disse. Retornou à bacia de prata e fez alguns gestos sobre ela.

Mas em seguida pareceu insatisfeito. Pegou um copo e despejou mais água dentro dela. Depois pegou um frasco e cuidadosamente pingou duas gotas do líquido dentro do copo.

O Dr. Greysteel o observava. Não havia rótulo no frasco; o líquido tinha a cor do âmbar; poderia ser qualquer coisa.

Strange notou que o Dr. Greysteel o observava.

- Imagino que me aconselhará a não tomar isto. Bem, não se dê o trabalho! - Bebeu-o de um gole. - Não o dirá quando souber o motivo!

- Não, não - retrucou o Dr. Greysteel num tom de voz bastante calmo, o que empregava com os pacientes mais difíceis. - Garanto-lhe que não ia dizer isso. Só queria saber se o senhor sente alguma dor. Ou se está doente. Ontem à noite achei que estava. Talvez eu possa lhe recomendar... - interrompeu-se. Sentiu um cheiro. Um cheiro muito forte, seco, de mofo, misturado com algo rançoso e animal; e o curioso era que o reconhecia. De repente sentiu o odor do quartinho em que a velha morava: a velha louca e todos os seus gatos.

- Minha esposa está viva - disse Strange. Sua voz estava rouca e grossa. - Ah!

Pronto! O senhor não sabia disso!

O Dr. Greysteel gelou. Se havia uma coisa que Strange pudesse dizer para assustá-lo ainda mais, provavelmente essa era uma.

- Disseram-me que ela havia morrido! - continuou Strange. - Disseram-me que a tinham enterrado! Como pude acreditar? Ela estava encantada! Foi roubada de mim! Por isso preciso disto! - Agitou o frasco de líquido âmbar diante do rosto do médico.

O Dr. Greysteel e Frank recuaram um ou dois passos. Frank murmurou no ouvido do médico:

- Está tudo bem, senhor. Está tudo bem. Não deixarei que lhe faça mal. Agora tenho noção de como ele está. Não tema.

- Não posso voltar para a casa - disse Strange. - Ele me expulsou e não me deixará voltar. As árvores não me deixarão passar. Tentei encantamentos de desencantamento, mas não dão certo. Não dão certo...

- Vem fazendo magia desde a noite de ontem? - perguntou o Dr. Greysteel.

- Quê? Sim!

- Lamento saber. O senhor deveria descansar. Acho que não se recorda muito da noite de ontem...

- Ah! - exclamou Strange com ironia cortante. - Jamais me esquecerei do menor detalhe!

- Verdade? - replicou o Dr. Greysteel no mesmo tom calmo. - Bem, não posso esconder do senhor que sua aparência me preocupou. O senhor estava diferente. Conseqüência, estou certo, do trabalho excessivo. Talvez eu possa...

- Perdoe-me, Doutor Greysteel, mas, como acabei de explicar, minha esposa está sob encantamento; prisioneira sob a terra. Por mais que eu apreciasse continuar esta conversa, tenho coisas mais urgentes a fazer!

- Perfeitamente. Acalme-se. Nossa presença o aflige. Iremos embora e voltaremos amanhã. Mas, antes, devo dizer o seguinte: o governador enviou uma delegação à minha casa esta manhã. Ele solicita, respeitosamente, que o senhor evite fazer magia por ora...

- Não fazer magia! - Strange se riu, um som frio, duro e desanimado. O senhor me pede que eu pare agora? Impossível! Por que Deus me tornou mago senão para isso? - Virou-se para a bacia de prata e começou a desenhar sinais no ar, bem acima da superfície da água.

- Então ao menos liberte a paróquia desta noite inatural. Faça ao menos isso por mim, está bem? Em nome de nossa amizade. Em nome de Flora.

Strange deteve-se no meio de um gesto.

- Do que está falando? Que noite inatural? O que há de inatural?

- Pelo amor de Deus, Strange! É quase meio-dia!

Por um momento Strange permaneceu calado. Olhou para a janela negra, para a escuridão do cômodo e finalmente para o Dr. Greysteel.

- Não fazia a menor idéia - murmurou, estupefato. - acredite-me! Eu não fiz isso!

- Quem então?

Strange não respondeu; olhou em volta com uma expressão vazia.

O Dr. Greysteel receou que perguntar mais sobre a escuridão só o deixaria irritado, por isso apenas indagou:

- Pode devolver a luz do dia?

- Eu... Não sei.

O Dr. Greysteel disse a Strange que voltariam no dia seguinte, e aproveitou a oportunidade para mais uma vez recomendar que o sono era um excelente remédio.

Strange não prestava atenção, mas, quando o Dr. Greysteel e Frank estavam saindo, agarrou o braço do médico e sussurrou:

- Posso lhe perguntar algo?

O Dr. Greysteel fez que sim com a cabeça.

- Não tem medo de que se apague?

- O quê? - replicou o Dr. Greysteel.

- A vela. - Strange apontou para a cabeça do Dr. Greysteel. - A vela dentro de sua cabeça.

Lá fora, a escuridão parecia ainda mais inquietante. O Dr. Greysteel e Frank caminharam calados pelas ruas noturnas. Quando chegaram à luz do dia, na extremidade oeste da Praça São Marco, soltaram um grande suspiro de alívio. O Dr. Greysteel disse:

- Estou resolvido a nada dizer ao governador sobre a perda do juízo dele. Sabe Deus o que os austríacos poderiam fazer. Poderiam mandar soldados para prendê-lo, ou coisa pior! Direi simplesmente que, por ora, ele é incapaz de expulsar a Noite, mas que não tenciona causar dano à cidade (tenho certeza absoluta de que não) e que estou seguro de que o convencerei a corrigir tudo muito em breve.

No dia seguinte, quando amanheceu, a escuridão ainda cobria a paróquia de Santa Maria Zobenigo. Às oito e meia, Frank saiu para comprar leite e peixe. A bonita camponesa de olhos pretos que vendia leite no batelão no canal de San Lorenzo gostava de Frank e sempre lhe sorria e trocava com ele algumas palavras. Nessa manhã, ela lhe entregou o jarro de leite e lhe perguntou: "Hai sentito che lo stregone inglese è pazzo?" (Ouvii falar que o mago inglês está louco?).

No mercado de peixes ao lado do grande canal, um pescador lhe vendeu três tainhas, mas depois quase se esqueceu de pegar o dinheiro porque concentrava a atenção na argumentação com o colega sobre se o mago inglês enlouquecera porque era mago ou porque era inglês. A caminho de casa, duas freiras de rosto pálido que esfregavam os degraus de mármore de uma igreja deram bom-dia a

Frank e Ihe disseram que rezariam para o pobre mago inglês louco. Depois, quase perto da porta de casa, um gato branco saiu de debaixo do banco de uma gôndola e saltou no cais, olhando para ele. Frank esperou que dissesse algo sobre Jonathan Strange, mas ele não disse.

- Mas como, em nome de Deus, isso foi acontecer? - perguntou o Dr. Greysteel, soerguendo-se na cama. - Acha que Mister Strange saiu e conversou com alguém?

Frank não sabia. Tornou a sair para obter informações. Ao que parecia, Strange ainda não tinha posto os pés para fora do cômodo no alto da casa de Santa Maria Zobenigo; mas Lorde Byron (que em toda a cidade era o único a tratar a aparição da Noite Eterna como uma espécie de diversão) o visitara por volta das cinco horas da tarde anterior e o encontrara ainda fazendo magia, delirando acerca de velas, ananases, danças que se prolongavam por séculos e bosques escuros que enchiam as ruas de Veneza. Byron foi para casa e contou à sua amada, seu senhorio e seu criado pessoal; e, como estes eram pessoas sociáveis e muito propensas a passar as noites entre grandes grupos de amigos falantes, o número de pessoas que na manhã seguinte passaram a saber da história revelou-se de fato extraordinário.

- Lorde Byron! Claro! - exclamou o Dr. Greysteel.

- Esqueci-me dele por completo! Vou-Ihe pedir que seja discreto.

- Acho que é um pouco tarde para isso, senhor - observou Frank.

O Dr. Greysteel viu-se forçado a admitir a verdade desse fato. Contudo, pensou que gostaria de consultar alguém mais. E quem melhor do que a outra amiga de Strange? Assim, à noite vestiu-se com esmero e foi em sua gôndola até a casa da Condessa Albrizzi. A condessa era uma dama grega inteligente em idade madura, que publicara alguns livros sobre escultura; seu principal deleite, porém, era dar conversazioni nas quais pessoas cultas e modernas de todos os tipos podiam se conhecer. Strange comparecera a umas duas, mas até essa noite o Dr. Greysteel nunca pensara nelas.

Conduziram-no a um salão enorme no piano nobile. Era ricamente decorado com pisos de mármore, estátuas admiráveis, paredes e tetos pintados. A um canto, as damas sentavam-se em semicírculo em volta da condessa. Os homens permaneciam em pé no outro canto. Assim que entrou no salão, o Dr. Greysteel sentiu sobre ele o olhar dos demais convidados. Mais de uma pessoa o apontava para seu companheiro vizinho. Restava pouca dúvida de que falavam de Strange e da Escuridão.

Um homem miúdo e bem-apegoado estava em pé ao lado da janela. Tinha cabelo preto encaracolado e uma boca vermelha e delicada. Uma boca que, se já seria de surpreender numa mulher, num homem era simplesmente extraordinária. Com sua pequena estatura, roupas escolhidas com esmero, cabelo e olhos escuros, assemelhava-se um tanto a Christopher Drawlight, mas tão-só, e se fosse Drawlight terrivelmente inteligente. O Dr. Greysteel dirigiu-se a ele:

- Lorde Byron?

O homem se virou para ver quem falara. Não pareceu nem um pouco contente de ser abordado por um inglês de meia-idade, corpulento e insípido. Entretanto, não podia negar-se a saber quem ele era.

-Sim?

- Meu nome é Greysteel. Sou um amigo de Mister Strange.

- Ah! - fez Sua Senhoria. O médico que tem uma filha muito bela! O Dr. Greysteel, por seu turno, não ficou nem um pouco contente de ouvir um dos mais célebres devassos da Europa referir-se a sua filha nesses termos, entretanto não podia negar que Flora era bela. Deixando isso de lado por ora, disse:

- Visitei Strange. Meus piores receios se confirmaram. O juízo dele de fato se perdeu.

- Ah, de fato! - concordou Byron. - Estive com ele novamente, horas atrás, e não consegui fazê-lo falar de outra coisa que não de sua mulher morta que não está realmente morta, mas só encantada. E agora ele se cobre de escuridão e pratica magia negra! Há algo muito admirável nisso tudo, não concorda?

- Admirável? - retrucou o médico com rispidez. - Melhor seria dizer deplorável! Mas o senhor acha que ele criou a escuridão? Ele me disse muito claramente que não.

- Mas decerto a criou! - afirmou Byron. - Um mundo negro para combinar com sua disposição de ânimo negro! Quem não gostaria de tapar o sol às vezes? A diferença é que um mago pode fazê-lo na realidade.

O Dr. Greysteel meditou sobre isso.

- O senhor talvez tenha razão - admitiu. - Provavelmente criou a escuridão e depois se esqueceu dela. Não creio que ele sempre se lembre do que diz ou faz. Notei que se recorda muito pouco das primeiras conversas que tive com ele.

- Ah. Sim. Pois é - disse Sua Senhoria, como se nada houvesse de surpreendente nisso, e também ele fosse se esquecer com muito gosto da conversa com o médico assim que pudesse. - Sabia que ele escreveu para o cunhado?

- Não, não sabia.

- Instruiu o sujeito para vir a Veneza ver a irmã morta.

- E acredita que ele virá? - perguntou o Dr. Greysteel.

- Não faço a menor idéia! - O tom da voz de Lorde Byron deu a entender que o Dr. Greysteel mostrava-se um tanto presunçoso em esperar que o maior poeta daquela era se interessasse por essa espécie de assunto. Após alguns instantes de silêncio, acrescentou num tom mais natural: - Para falar a verdade, creio que não virá. Strange mostrou-me a carta. Estava repleta de divagações e raciocínios desconexos que ninguém exceto um louco, ou um mago, entenderia.

- É muito triste! - disse o Dr. Greysteel. - Muito triste mesmo! Ainda anteontem passeamos com ele. Estava animadíssimo! Não entendo como tenha passado da completa sanidade para a completa loucura no espaço de uma noite. Pergunto-me se não haverá alguma causa física. Alguma infecção talvez?

- Tolice! - afirmou Byron. - As causas da loucura dele são

puramente metafísicas. Residem no vasto abismo entre aquilo que se é e aquilo que se deseja ser, entre a alma e o corpo. Perdoe-me, Doutor Greysteel, mas tenho experiência nesse assunto. Sobre isso posso falar com autoridade.

- Mas... - O Dr. Greysteel franziu o cenho e fez uma pausa para organizar as idéias. - Tudo indicava que seu período de intensa frustração havia passado. O trabalho dele progredia.

- Só posso lhe dizer uma coisa. Antes dessa estranha obsessão com a esposa morta, ele estava tomado por algo diferente: John Uskglass. O senhor não notou? Agora, conheço muito pouco sobre magos ingleses. Sempre me pareceram um bando de velhos desinteressantes e enfadonhos, com exceção de John Uskglass. Este é bem diferente! O mago que domou habitantes de outros mundos. O único a derrotar a Morte! O mago a quem o próprio Lúcifer viu-se forçado a tratar como um igual! Agora, toda vez que Strange se compara com essa criatura sublime, como o faz de quando em quando, vê a si mesmo como de fato é: um medíocre diligente terreno! Tudo o que realizou de tão louvado na ilhazinha desolada desmorona diante dele! Isso o acometerá de um desespero muito delicado, como é de se esperar. Isto é ser mortal e buscar as coisas para além da mortalidade. - Lorde Byron hesitou por um momento, como se a registrar na memória a última afirmação, caso desejasse incluí-la num poema. - Eu mesmo fiquei sujeito a uma melancolia desse tipo quando estive nas montanhas suíças em setembro. Andei ao léu, ouvindo avalanches a cada cinco minutos, como se Deus estivesse concentrado em me destruir! Eu estava pleno de remorsos e de aspirações imortais. Por várias vezes fiquei tentado a estourar os miolos, e o teria feito não fosse a recordação do prazer que isso causaria a minha sogra.

Lorde Byron poderia se matar em qualquer dia da semana que o Dr. Greysteel não se importaria a mínima. Mas com relação a Strange era diferente.

- O senhor o julga capaz de destruir a si mesmo? - Perguntou apreensivo.

- Ah, por certo!

- E o que se pode fazer?

- Fazer? - repetiu Sua Senhoria, levemente surpreso. - Por que haveria de querer fazer alguma coisa? - A seguir, julgando que já haviam falado o bastante sobre outra pessoa, Sua Senhoria conduziu a conversa para si mesmo. - De modo geral, estou contente de termos nos conhecido, Doutor Greysteel. Trouxe comigo um médico da Inglaterra, mas fui obrigado a dispensá-lo em Gênova. Agora, temo que meus dentes estejam amolecendo. Veja! - Byron escancarou a boca e mostrou os dentes ao Dr. Greysteel.

O Dr. Greysteel tocou com delicadeza num dente grande e branco.

- Parecem-me saudáveis e firmes - disse.

- Ah, o senhor crê que sim? Mas receio que não por muito tempo. Estou envelhecendo. Estou murchando. Posso senti-lo. - Byron suspirou. A seguir, ocorrendo-lhe um pensamento mais alegre, acrescentou: - Sabe, esta crise com Strange não poderia ter vindo em melhor hora. Por acaso estou escrevendo um poema sobre um mago que luta corpo a corpo com os espíritos inefáveis que lhe governam o destino. Evidentemente, Strange está longe de ser um perfeito modelo para meu mago; falta-lhe a verdadeira natureza heróica. Para compensá-lo, terei de acrescentar um pouco de mim mesmo.

Uma jovem italiana graciosa passou por eles. Byron inclinou a cabeça num ângulo bastante curioso, entrefechou os olhos e recobrou a compostura como a sugerir que estivesse prestes a morrer de indigestão crônica. O Dr. Greysteel só pôde imaginar que ele obsequiava a jovem com todo seu perfil e expressão byronianos.

57. *As Cartas Negras*

Dezembro de 1816

Santa Maria Zobenigo, Veneza

3 de dezembro de 1816

Jonathan Strange

Ao Reverendo Henry Woodhope

Caro Henry,

Prepare-se para uma notícia maravilhosa. Eu vi Arabella. Vi e falei com ela.

Não é magnífico? Não é a melhor das notícias? Não acreditará em mim. Não me entenderá. Garanto-lhe que não se tratou de um sonho. Tampouco de embriaguez, loucura ou ópio. Reflita: basta admitir que no último Natal em Clun estávamos quase encantados e tudo se torna crível, tudo se torna possível. É irônico, não é, que eu, mais do que ninguém, não tenha reconhecido a magia que me envolvia. Em minha própria defesa, posso dizer que era de uma natureza deveras inesperada e oriunda de uma região que jamais previ. Entretanto, para minha Vergonha, outras pessoas revelaram-se mais perspicazes do que eu. John Hyde sabia que algo estava errado e tentou me alertar, mas não lhe dei ouvidos. Mesmo você, Henry, disse-me claramente que eu estava metido em demasia com meus livros, que negligenciava minhas responsabilidades e minha esposa. Ofendi-me com seus conselhos e em várias ocasiões dei-lhe respostas indelicadas. Sinto muito por isso e agora, humildemente, peço-lhe perdão. Culpe-me o quanto quiser. Não poderá sequer imaginar nem mesmo a metade do quanto eu mesmo creio ser responsável pelo erro. Mas vou ao que interessa em tudo isso: preciso que você venha a Veneza. Arabella encontra-se num lugar não muito distante daqui, mas de lá não pode sair e

para lá não posso ir, ao menos [várias linhas obliteradas]. Meus amigos aqui em Veneza são bem-intencionados, mas me afligem com perguntas. Não tenho criado e algo aqui me dificulta andar pela cidade sem ser observado. Sobre isso mais nada direi. Meu caro e bom Henry, não hesite. Venha sem demora a Veneza. Sua recompensa será Arabella segura, saudável e restituída a nós. Por que outro motivo Deus fez de mim o maior mago desta era senão para isso?

Seu amigo,

S

**** Desde que foram publicadas em Londres, em janeiro de 1817, as últimas cartas de Strange passaram a ser conhecidas sob o nome de venezianas (em especial as endereçadas a Henry Woodhope). Advogados e estudiosos da magia sem dúvida continuarão a debater sobre a legalidade ou não da publicação. Seguramente Strange não deu permissão, e Henry Woodhope sempre sustentou que ele tampouco o fizera. Henry Woodhope declarou ainda que as cartas publicadas foram alteradas e aumentadas, possivelmente por Henry Lascelles e Gilbert Norrell. Em A vida de Jonathan Strange, John Secundus publicou o que ele e Woodhope afirmaram ser as originais. Estas são as versões aqui reproduzidas.*

Jonathan Strange ao reverendo Henry Woodhope.

Santa Maria Zobenigo, Veneza.

6 de dezembro de 1816

Caro Henry,

Ando com a consciência um tanto intranquã desde que lhe escrevi pela última vez. Sabe que não minto, mas confesso que não lhe contei o suficiente para que forme uma opinião exata da situação de Arabella no momento. Ela não está morta,

mas ... [doze linhas risca das e ilegíveis] ... Sob a terra, dentro da colina que chamam de brugh. Viva, porém não viva, morta também não, encantada. É costume deles, desde tempos imemoriais, raptar homens e mulheres cristãos com a finalidade de torná-los seus criados, ou de forçá-los, como neste caso, a participar de exaustivos passatempos: danças, banquetes, delongadas e vazias comemorações em que tudo é pó e nada. Entre todas as censuras com que cumulo minha própria mente, a mais amarga é, de longe, que a traí - ela, a quem meu principal dever era proteger.

Jonathan Strange ao reverendo Henry Woodhope.

Santa Maria Zobenigo, Veneza.

15 de dezembro de 1816

Caro Henry,

Dói-me informar-lhe que agora tenho motivos ainda maiores para a inquietação que demonstrei na última carta. Fiz tudo em que pude pensar para romper as barreiras da prisão negra em que ela se encontra, mas sem êxito. Não conheço encantamento que provoque o menor arranhão nesta magia tão antiga. Que eu saiba, não existe tal encantamento em todo o cânone inglês. Histórias de magos que libertam cativos do Reino Encantado são raras. Não me recordo de nenhuma agora. Martin Pale, num de seus livros, relata que os seres mágicos podem se cansar de seus hóspedes humanos e expulsá-los do brugh sem aviso prévio; os pobres cativos então se vêm de volta para casa, mas centenas de anos depois de a terem deixado. Talvez isso venha a ocorrer. Arabella voltará para a Inglaterra muito tempo depois de você e eu termos morrido. Pensar nisso gela-me o sangue. Não posso esconder de você que uma sinistra disposição de ânimo se apossa de mim. Desavim-me com o tempo. Todas as horas são agora meia-noite. Eu possuía um relógio de parede e um de bolso, mas os destruí. Não suportei que zombassem de mim. Não durmo. Não consigo comer. Bebo vinho e alguma outra coisa mais. Agora,

por vezes, fico um tanto desvairado. Tremo, rio e choro por algum tempo, sem saber dizer por quanto tempo; talvez por uma hora ou todo um dia. Mas basta de falar disso. A loucura é a explicação. Acredito ser o primeiro mago inglês a entender isso. Norrell tinha razão. Disse que não precisamos da ajuda dos seres mágicos. Disse que os loucos e os seres mágicos têm muito em comum, mas na época não entendi as implicações disso, e tampouco ele. Henry, não pode imaginar a urgência com que preciso de você aqui. Por que não vem? Está doente? Não recebi respostas às minhas cartas, mas isso pode significar que já esteja a caminho de Veneza e que esta carta jamais chegue a suas mãos.

**** Esta carta nunca foi encontrada. É provável que Strange não a tenha enviado. De acordo com Lorde Byron (carta a John Murray em 31 de dezembro de 1816), Strange muitas vezes escrevia longas cartas aos amigos e depois as destruía. Strange confessou a Byron que logo ficava em dúvida sobre quais enviara ou não.*

- Trevas, sofrimento e solidão! - exclamou o cavalheiro com imensa alegria. - Foi isso que lhe infligi e é disso que deverá padecer nos próximos cem anos! Ah, como está deprimido! Venci! Venci! - Bateu palmas e seus olhos faiscaram.

No quarto de Strange na paróquia de Santa Maria Zobenigo, três velas ardiavam: uma na escrivaninha, uma no alto do pequeno armário pintado e uma no candelabro de parede ao lado da porta. Um observador da cena poderia supor que se tratava das únicas luzes em todo o mundo. Da janela de Strange, nada se via exceto noite e silêncio. Strange, com a barba por fazer, olhos injetados e cabelo revoltado, praticava magia.

Stephen olhava para ele com uma mistura de piedade e horror.

- E, entretanto, não está tão solitário quanto eu gostaria - comentou o cavalheiro num tom de desgosto. - Há alguém com ele.

Havia de fato. Um homem baixo e moreno de trajes dispendiosos estava

encostado no pequeno armário pintado, a observar Strange com ar de grande interesse e satisfação. De quando em quando, pegava um caderno de apontamentos e escrevia.

- Este é Lorde Byron - disse Stephen.

- E quem é ele?

- Um cavalheiro muito cruel, senhor. Poeta. Brigou com a esposa e seduziu a própria irmã.

- Mesmo? Talvez eu venha a matá-lo.

- Oh, não faça isso, senhor! É verdade que cometeu pecados graves e foi de certo modo forçado a sair da Inglaterra, mas ainda assim...

- Ah, pouco me importam os crimes que cometeu contra outras pessoas! Importam-me os que poderá cometer contra mim! Não deveria estar aqui. Ah, Stephen, Stephen! Não se atormente assim. Por que deveria o senhor preocupar-se com o destino de um inglês cruel? Digo-lhe o que farei: porque o estimo muitíssimo, não vou matá-lo agora. Ele poderá ter outros... Ah, outros cinco anos de vida! Mas ao cabo deles deverá morrer!

- Obrigado, senhor! - disse Stephen, agradecido. - É muito bondoso.

**** Byron morreu de febre cinco anos mais tarde na Grécia.*

De súbito Strange levantou a cabeça e bradou:

- Sei que estão aqui! Podem se esconder de mim, se quiserem, mas é tarde demais! Sei que estão aqui!

- Está falando com quem? - perguntou-lhe Byron.

Strange fechou a cara.

- Estou sendo observado. Espionado!

- Mesmo? E sabe por quem?

- Por um ser mágico e um mordomo!

- Um mordomo, hein? - fez Sua Senhoria, rindo-se. – Bem, pode-se falar o que quiser acerca de diabretes e duendes, mas mordomos são os piores deles!

- Quê? - disse Strange.

O cavalheiro de cabelos de algodão olhava ansioso em volta.

- Stephen! Vê minha caixinha em algum lugar?

- Caixinha, senhor?

- Sim, sim! Sabe a qual me refiro! A caixinha com o dedo da querida Lady Pole!

- Não a vejo, senhor. Mas decerto agora a caixinha já não importa, não é mesmo? Agora que o senhor derrotou o mago...

- Ah, lá está ela! - exclamou o cavalheiro. - Vê? O senhor apoiou a mão na mesa e por acaso a escondeu da minha vista.

Stephen retirou a mão. Após um instante, disse:

- Não a pegue senhor.

A essa observação o cavalheiro não respondeu. Em vez disso, de imediato continuou a injuriar o mago e a se envaidecer da própria vitória.

"Não é mais dele!", pensou Stephen, com um frêmito de emoção. "Não pode tomá-la! Pertence ao mago agora! Talvez Mr. Strange possa usá-la de alguma forma para libertar Lady Pole!" Stephen observou e esperou para ver o que o mago faria. Passada meia hora, porém, foi obrigado a reconhecer que os sinais eram pouco promissores. Strange andou de um lado para outro no quarto, a murmurar encantamentos mágicos com um ar de total insanidade: Lorde Byron perguntou-lhe o

que estava fazendo e as respostas que Strange lhe deu foram irrefletidas e incompreensíveis (embora bem ao gosto de Lorde Byron). E, quanto à caixinha, Strange não olhou uma vez sequer para ela. No entender de Stephen, esquecera-se dela por completo.

58. *Henry Woodhope faz uma visita*

Dezembro de 1816

- Fez muito bem em vir me procurar, Mister Woodhope. Examinei com atenção a correspondência veneziana de Strange e, afora o horror geral de que o senhor justificadamente fala, muitas coisas nestas cartas ficam ocultas do leigo. Penso poder afirmar sem vaidade que, neste momento, sou o único homem na Inglaterra capaz de entendê-las.

Era crepúsculo, três dias antes do Natal. Na biblioteca da Praça Hanover, as velas e os lampiões ainda não tinham sido acesos. Era aquela curiosa hora do dia em que o céu ainda está brilhante e cheio de cores, mas todas as ruas opacas e sombrias. Sobre a mesa havia um vaso de flores, porém na luz desvanecente mais parecia um vaso negro de flores negras.

Mr. Norrell estava sentado à janela com as cartas de Strange nas mãos. Lascelles estava sentado junto à lareira, a olhar friamente para Henry Woodhope.

- Confesso que fiquei num estado de aflição desde que recebi estas cartas - disse Henry Woodhope a Mr. Norrell. - Não sabia a quem procurar para obter ajuda. Para falar a verdade, não me interessei por magia. Nunca acompanhei os debates de hoje sobre o assunto. Mas todo mundo diz que o senhor é o maior mago da Inglaterra, e foi preceptor de Strange. Eu lhe ficaria gratíssimo, senhor, por qualquer conselho que possa me dar.

Mr. Norrell anuiu.

- O senhor não deve responsabilizar Strange - disse. - A profissão de mago é perigosa. Não existe outra que exponha tanto um homem aos riscos da vaidade. Política e Direito são áreas inofensivas, em comparação. Deve entender, Mister Woodhope, que me empenhei ao máximo para conservá-lo comigo, para guiá-lo. Mas o gênio dele, que, aliás, nos faz admirá-lo, é que lhe desencaminha o juízo.

Estas cartas mostram que ele se extraviou para bem mais longe do que eu poderia ter imaginado.

- Extraviou-se? Então o senhor não acredita nessa história singular de que minha irmã está viva?

- Não acredito numa só palavra, senhor, numa só palavra. Tudo não passa de uma infeliz fantasia.

- Ah! - Henry Woodhope se calou por um momento, como se pesando os graus proporcionais de decepção e alívio que sentia. Disse: - E quanto à curiosa queixa de Mister Strange de que o tempo parou? Como o senhor entende isso?

- Pelos nossos correspondentes na Itália - disse Lascelles -, entendemos que por algumas semanas Mister Strange foi cercado pela escuridão perpétua. Não sabemos se fez isso de propósito ou se foi um encantamento malogrado. Existe também a possibilidade de que tenha ofendido alguma força superior e este seja o resultado. O certo é que uma ação de Mister Strange causou um distúrbio na ordem natural das coisas.

- Percebo - disse Henry Woodhope.

Lascelles o fitou com seriedade.

- É algo que Mister Norrell se esforçou a vida inteira para evitar.

- Ah - fez Henry. Dirigiu-se a Mr. Norrell. - Mas o que devo fazer, senhor? Devo visitá-lo, como me pede?

Mr. Norrell torceu o nariz.

- Creio que o ponto mais importante seja quando conseguiremos trazê-lo de volta para a Inglaterra, onde seus amigos poderão cuidar dele e pôr um rápido fim aos delírios que o assediam.

- Talvez o senhor pudesse escrever para ele.

- Ah, não. Receio que meu pequeno estoque de influência sobre Mister Strange tenha se esgotado há alguns anos. A guerra na Espanha é que fomentou a discórdia. Antes de ir para a península Ibérica, ele se mostrava satisfeito de estar comigo e de aprender tudo o que eu podia lhe ensinar, mas depois... - Mr. Norrell suspirou. - Não, temos de confiar no senhor, Mister Woodhope. O senhor deve fazê-lo voltar. Contudo, uma vez que desconfio que sua ida a Veneza serviria tão-só para prolongar a permanência dele naquela cidade e o convenceria de que ao menos uma pessoa dá crédito a suas fantasias, recomendo-lhe enfaticamente que não vá.

- Bem, senhor, devo confessar que me alegra muito ouvi-lo dizer isso. Decerto acatarei seu conselho. Por favor, passe-me as cartas, pois não desejo incomodá-lo mais.

- Mister Woodhope - disse Lascelles. - Não tenha tanta pressa, por favor! A conversa não terminou de modo algum. Mister Norrell respondeu a todas as suas perguntas com franqueza e sem reservas. Agora o senhor deve retribuir-lhe o favor.

Henry Woodhope franziu o cenho e pareceu confuso.

- Mister Norrell aliviou-me de uma grande preocupação. Se puder servi-lo de alguma forma, claro, terei prazer em fazê-lo. Mas não entendo...

- Talvez eu não tenha me expressado bem - disse Lascelles. - Quero dizer, evidentemente, que Mister Norrell necessita de sua ajuda para que ele possa ajudar Mister Strange. Há algo mais que o senhor possa nos contar sobre a viagem de Mister Strange à Itália? Como estava ele antes de cair neste estado lamentável? Andava animado?

- Não! - respondeu Henry, indignado, entendendo que a pergunta continha uma ofensa. - A morte de minha irmã o deixou assaz deprimido! Ao menos de início. Parecia muito infeliz. Mas quando chegou a Gênova tudo mudou. - Fez uma pausa. - Não escreve uma só palavra a respeito agora, mas antes suas cartas traziam vários elogios a uma jovem dama do grupo com quem está viajando. E, claro, não pude evitar de pensar que ele pretendia se casar novamente.

- Um segundo casamento! - exclamou Lascelles. - E não muito depois da morte de sua irmã? Deus meu! Que indecoroso! Que penoso para o senhor.

Henry aquiesceu com tristeza.

Após um breve silêncio, Lascelles disse:

- Espero que ele nunca tenha demonstrado nenhuma predileção pela companhia de outras damas antes. Quero dizer, quando Mrs. Strange era viva. Teria causado a ela uma grande infelicidade.

- Não, não! Claro que não! - bradou Henry.

- Desculpe-me se o ofendi. Minha intenção decerto não foi desrespeitar sua irmã, uma mulher muito encantadora. Mas essas coisas não são incomuns, sabe? Principalmente em homens de certa índole. - Lascelles esticou a mão em direção à mesa onde estavam as cartas de Strange endereçadas a Henry Woodhope. Remexeu-as com um dedo até encontrar a que queria. - Nesta carta disse, correndo os olhos sobre ela - Mister Strange escreveu: "Jeremy me contou que você não fez o que lhe pedi. Mas não importa. Jeremy fez, e o resultado é exatamente como imaginei". Lascelles baixou a carta e sorriu com simpatia para Mr. Woodhope. - O que Mister Strange lhe pediu que fizesse que o senhor não fez? Quem é Jeremy e que resultado foi esse?

- Mister Strange... Mister Strange me pediu para desenterrar o caixão de minha irmã. - Henry baixou o olhar. - Bem, claro que eu não o faria. Então Strange escreveu ao criado dele, um homem chamado Jeremy Johns. Um sujeito muito arrogante!

- E Jeremy exumou o corpo?

- Sim. Um amigo dele em Clun é coveiro. Fizeram-no juntos. Mal posso descrever meus sentimentos quando descobri o que essa pessoa fizera.

- Sim, claro. Mas o que eles descobriram?

- O que mais poderiam descobrir senão o cadáver de minha pobre irmã? Entretanto, decidiram dizer que não. Decidiram contar uma história ridícula.

- Contaram o quê?

- Não repito tagarelices de criados.

- Claro que não. Mas Mister Norrell deseja que o senhor deixe de lado esse excelente princípio por um momento e fale, aberta e francamente, o que ele contou ao senhor.

Henry mordeu o lábio.

- Eles disseram que o caixão continha um toro de madeira preta.

- E nenhum corpo? - perguntou Lascelles.

- Nenhum corpo - respondeu Henry.

Lascelles olhou para Mr. Norrell. Mr. Norrell olhou para suas mãos no colo.

- Mas o que a morte de minha irmã tem a ver com tudo isso? - inquiriu Henry, com uma expressão de estranheza. Dirigiu-se a Mr. Norrell. - Pelo que o senhor disse antes, entendi que nada havia de extraordinário acerca da morte de minha irmã. Pensei que o senhor dissesse não ter havido magia alguma...

- Oh, ao contrário! - afirmou Lascelles. - Certamente houve magia. Não resta a menor dúvida! O problema é: magia de quem?

- O que quer dizer? - perguntou Henry.

- Evidentemente isso é por demais hermético para mim! - disse Lascelles. - Só Mister Norrell sabe lidar com isso.

Henry olhou perplexo de um para outro.

- Quem está com Strange agora? - perguntou Lascelles. - Imagino que tenha criados.

- Não. Nenhum criado pessoa! É servido, creio, pelos criados do senhorio. Seus amigos em Veneza são uma família inglesa. Parecem formar um grupo de pessoas bastante curioso, muito afeito a viagens, tanto as damas como os cavalheiros.

- Como se chamam?

- Greystone ou Greyfield. Não me lembro ao certo.

- E de onde são essas pessoas chamadas Greystone ou Greyfield?

- Não sei. Creio que Strange nunca me contou. Ao que parece o cavalheiro era médico num navio e a esposa, falecida, era francesa.

Lascelles aquiesceu. A penumbra na sala agora era tal que Henry Woodhope não conseguia ver o rosto dos dois homens.

- Parece pálido e cansado, Mister Woodhope - observou Mr. Lascelles.

- Talvez o ar de Londres não lhe faça bem.

- Não tenho dormido muito bem. Desde que essas cartas começaram a chegar, não sonho com outra coisa senão horrores.

Lascelles aquiesceu.

- Às vezes um homem sabe de coisas em seu íntimo que ele jamais sussurrará ao vento ou nem mesmo a si mesmo. O senhor gosta muito de Mister Strange, não é?

Talvez se pudesse desculpar Henry Woodhope por parecer um tanto perplexo, uma vez que ele não fazia a menor idéia do que Lascelles estava falando, mas tudo o que disse foi:

- Obrigado por seu conselho, Mister Norrell. Certamente farei o que me sugeriu, mas agora posso ter minhas cartas de volta?

- Ah! Bem, quanto a elas - disse Lascelles -, Mister Norrell gostaria de saber se poderia tomá-las emprestado por um tempo. Crê que ainda há muito o que apurar nelas. - Henry Woodhope deu a impressão de que iria objetar, por isso Lascelles acrescentou num leve tom de repreensão: - Ele só está pensando em Mister Strange! É tudo para o bem de Mister Strange.

De forma que Henry Woodhope deixou as cartas na posse de Mr. Norrell e Lascelles. Quando ele saiu, Lascelles disse:

- Nossa próxima providência deve ser enviar alguém a Veneza.

- Sim, isso mesmo! - concordou Mr. Norrell. - Eu gostaria muitíssimo de conhecer a verdade sobre esse caso.

- Ah, sim... - Lascelles deu uma risada breve, insolente. - *A verdade...*

Mr. Norrell piscou seus pequenos olhos depressa para Lascelles, mas este não explicou o que quis dizer.

- Não sei quem poderíamos enviar - continuou Mr. Norrell. - A Itália fica bastante longe. A viagem leva quase duas semanas, se não me engano. Não poderia prescindir de Childermass nem por uma semana.

- Hum - fez Lascelles. - Não pensei exatamente em Childermass. Com efeito, existem vários argumentos contrários ao envio dele. O senhor mesmo muitas vezes desconfiou de que Childermass tivesse simpatias strangitas. A mim me parece de todo indesejável que os dois se encontrem sozinhos num país estrangeiro onde possam tramar contra nós. Não, eu sei quem podemos enviar.

No dia seguinte, os criados de Lascelles percorreram várias regiões da cidade. Alguns lugares visitados eram excessivamente mal-afamados, como os bairros pobres e os pardieiros de St. Giles, Sevel Dials e Saffron Hill; outros eram nobres e magníficos, como Golden Square, St. Jame's e Mayfair. Juntaram uma estranha mistura de gente: alfaiates, luveiros, chapeleiros, sapateiros, prestamistas (muitos deles), aguazis e zeladores de albergues para falidos; e todos foram levados à casa de Lascelles na Rua Bruton. Quando estavam reunidos na cozinha (pois o patrão não tinha a intenção de receber esse tipo de gente na sala de estar), Lascelles desceu e pagou a cada um deles uma soma de dinheiro em nome de outra pessoa. Era, disse-lhes com um sorriso frio, um ato de caridade. Afinal, se um homem não é caridoso no Natal, quando o será?

Três dias depois, no Dia de São Estêvão, o Duque de Wellington apareceu de súbito em Londres. Havia cerca de um ano Sua Graça morava em Paris, onde comandava o Exército Aliado de Ocupação. Com efeito, dificilmente seria exagero afirmar que no momento o Duque de Wellington era quem governava a França. Agora surgira a dúvida se o Exército Aliado deveria permanecer na França ou retornar a seus vários países de origem (um desejo dos franceses). Durante todo esse dia, o duque se trancara em seu gabinete com o ministro das Relações Exteriores, Lorde Castlereagh, para discutir esse assunto importante, e à noite jantou com os ministros numa casa da Praça Grosvenor.

Mal haviam iniciado a refeição, a conversa morreu (algo raro em meio a tantos políticos). Os ministros pareciam aguardar que alguém dissesse alguma coisa. O primeiro-ministro, Lorde Liverpool, pigarreou um pouco nervosamente e disse:

- Não cremos que tenha tomado conhecimento, mas recebemos da Itália a informação de que Strange enlouqueceu.

O duque deteve-se por um momento com a colher a meio caminho da boca. Olhou de relance para todos em volta e continuou a tomar a sopa.

- A notícia parece não tê-lo perturbado tanto - observou Lorde Liverpool. - Não, de fato - disse Sua Graça, limpando a boca com o guardanapo.

- Pode nos dizer por quê? - indagou Sir Walter Pole.

- Mister Strange é excêntrico - respondeu o duque. - Poderia dar a impressão de estar louco para as pessoas ao redor dele. Acho provável que não estejam acostumadas com magos.

Os ministros pareceram não julgar tal argumento tão convincente quanto Wellington esperara. Forneceram-lhe exemplos da loucura de Strange: a insistência de que a esposa não estava morta, a curiosa crença de que as pessoas tinham velas na cabeça e a situação ainda mais bizarra de que passou a ser impossível transportar ananases para dentro de Veneza.

- Os barqueiros que transportam frutas do interior para a cidade dizem que os ananases voam dos barcos como se disparados por um canhão - disse Lorde

Sidmouth, um homem pequeno e de aspecto seco. - Claro que transportam outros tipos de fruta, maçãs, peras e assim por diante. Nenhuma delas causa o menor distúrbio, mas várias pessoas foram feridas por ananases voadores. Ninguém sabe por que o mago tem tanta aversão a essa fruta em especial.

O duque não se impressionou.

- Nada disso prova coisa alguma. Garanto-lhes, ele fez coisas bem mais excêntricas na península Ibérica. Mas, se de fato estiver louco, tem algum motivo para isso. Se querem meu conselho, cavalheiros, não se preocupem com isso.

Houve um breve silêncio de ponderação dos ministros.

- Está sugerindo que ele enlouqueceu *de propósito*? - perguntou um deles, num tom de incredulidade.

- É mais do que provável - respondeu o duque.

- Mas por quê? - perguntou outro.

- Não tenho a menor idéia. Na península Ibérica, aprendemos a não questioná-lo. Cedo ou tarde ficaria claro que todas as ações alarmantes e incompreensíveis dele faziam parte de sua magia. Encarreguem-no de uma tarefa, mas não demonstrem surpresa com nada do que ele faz. Esta, milorddes, é a maneira como se lida com um mago.

- Ah, mas o senhor ainda não ouviu toda a história - disse, animado, o ministro da Marinha. - Há coisa pior. Consta que ele está cercado de uma escuridão constante. A ordem natural das coisas sofreu uma reviravolta e toda a paróquia da cidade de Veneza foi mergulhada numa Noite Interminável!

- Mesmo Vossa Graça - afirmou Lorde Sidmouth -, com toda a sua parcialidade com relação a esse homem, deve admitir que um Manto de Escuridão Eterna não é um bom agouro. Não importa o bem que este homem tenha feito para o país, não podemos pretender que um Manto de Escuridão Eterna seja um bom agouro.

Lorde Liverpool disse, suspirando:

- Lamento muito que isso tenha acontecido. Sempre se pôde conversar com Strange como uma pessoa comum. Eu tinha esperança de que ele nos explicasse as ações de Mister Norrell. Mas agora parece que temos primeiro que encontrar alguém que nos explique Strange.

- Podemos pedir a Mister Norrell - sugeriu Lorde Sidmouth.

- Não penso que possamos esperar um julgamento imparcial da parte dele - disse Sir Walter Pole.

- Então o que devemos fazer? - perguntou o ministro da Marinha. - Devemos enviar uma carta aos austríacos - disse o Duque de Wellington, com sua determinação habitual. - Uma carta lembrando a eles do afetuoso interesse que o príncipe regente e o governo britânico sempre terão pelo bem-estar de Mister Strange; lembrando-os da grande dívida que toda a Europa tem para com a bravura e a arte da magia de Mister Strange durante as últimas guerras. Uma carta que os lembre do nosso grande desagradado caso venhamos a saber que ele tenha sofrido algum dano.

- Ah - exclamou Lorde Liverpool -, mas é nesse ponto que discordamos, Vossa Graça. A mim me parece que, se Strange vier a sofrer algum dano, não será causado pelos austríacos. É mais provável que seja provocado pelo próprio Strange.

Em meados de janeiro, um livreiro de nome Titus Watkins publicou um livro intitulado *As Cartas Negras* que, segundo se afirmava, eram cartas que Strange enviara a Henry Woodhope. Corriam rumores de que Mr. Norrell pagara as despesas da edição. Henry Woodhope jurou jamais ter dado permissão para que as cartas fossem publicadas. Disse ainda que algumas delas haviam sido alteradas. Referências às relações de Norrell com Lady Pole haviam sido eliminadas e outras coisas incluídas, muitas das quais pareciam insinuar que Strange assassinara a esposa por meio de magia.

Por volta do mesmo período, um amigo de Lorde Byron, um homem chamado Scrope Davies, causou sensação ao divulgar que tencionava processar Mr. Norrell, em nome de Lorde Byron, por haver o mago tentado se apropriar da correspondência particular de Lorde Byron por meio de magia. Scrope Davies procurou um advogado em Lincoln's Inn e prestou um depoimento no qual declarou o que se segue: recentemente recebera várias cartas de Byron nas quais Sua Senhoria referia-se ao Pilar da Escuridão, que, constante, cobria a paróquia de Mary Sobendigo [sic], em Veneza, e à loucura de Jonathan Strange. Scrope Davies guardara as cartas no quarto de vestir de sua residência na Rua Jermyn, em St. James's. Uma noite, acreditava ter sido no dia 7 de janeiro, vestia-se para ir ao clube. As cartas de Byron estavam sobre a penteadeira. Tinha acabado de pegar uma escova para cabelo, quando notou que as cartas saltavam como folhas secas tocadas por uma brisa. Mas não havia brisa que justificasse os movimentos e, de início, ele se intrigou. Pegou as cartas e viu que a caligrafia nas folhas também se comportava de modo estranho. Os traços se desprendiam das páginas e se sacudiam como varais num vento forte. De súbito ocorreu-lhe que as cartas deviam estar sob a influência de encantamentos mágicos. Ele era um jogador profissional e, como todo jogador de sucesso, era sagaz e de sangue-frio. Sem demora pôs as cartas dentro de uma Bíblia, nas páginas do Evangelho Segundo São Marco. Mais tarde disse a amigos que, embora não tivesse conhecimento algum da teoria da magia, pareceu-lhe que nada seria mais provável de anular um encantamento adverso do que a Escritura Sagrada. Estava certo; as cartas continuaram em sua posse, e inalteradas. Depois do acontecido, a pilhéria predileta em todos os clubes de cavalheiros foi que o aspecto mais extraordinário de todo o episódio não era Mr. Norrell haver tentado se apossar das cartas, e sim Scrope Davies, um notório farrista, e ébrio, ter em casa uma *Bíblia*.

59. *Leucrocuta, o Lobo da Noite*

Janeiro de 1817

Numa manhã de meados de janeiro, o Dr. Greysteel pôs os pés para fora de casa e deteve-se um instante para ajustar as luvas. Ao erguer os olhos, por acaso notou um homenzinho que se resguardava do vento na entrada da casa em frente.

Todas as entradas das casas de Veneza são pitorescas, como às vezes também o são as pessoas que diante delas se detêm. O sujeito era bastante pequeno e, a despeito de sua evidente pobreza, parecia amaneirado em alto grau. Trajava roupa surrada em extremo e de aspecto andrajoso, mas tentara melhorá-la ao lustrar tudo o que podia ser lustrado e ao escovar tudo o que não podia. Branqueara as luvas velhas e amarelecidas com tanto talco que deixara pequenas impressões digitais na porta ao lado dele. À primeira vista, parecia usar os artigos próprios de um peralvilho, a saber, uma comprida corrente de relógio, um feixe de selos de relógio e um lornhão; mas uma observação mais atenta revelava que não havia corrente de relógio, e sim apenas uma fita dourada-berrante que ele meticulosamente ajeitara para que pendesse de uma casa de botão. Da mesma forma, verificava-se que não se tratava de selos de relógio; era um feixe de corações de latão, cruzes e talismãs da Virgem Maria, o tipo de bugiganga que vendedores ambulantes italianos comerciavam por um ou dois francos. Mas o lornhão era o melhor de tudo, pois não há peralvilho e dândi que não adorem lornhões. Usam-no para observar furtivamente os que lhes são menos modernos. Possivelmente o pequeno e curioso homem sentia-se desnudo sem um, por isso pendurara em seu lugar uma enorme colher de cozinha.

O Dr. Greysteel atentou para essas excentricidades pensando poder com elas entreter um amigo. Mas se lembrou de que seu único amigo na cidade era Strange, e Strange já não ligava para essas coisas.

De repente o homenzinho saiu da entrada e andou em direção ao Dr. Greysteel. Inclinou a cabeça de lado e disse em inglês:

- O senhor é o Doutor Greyfield?

Surpreso por ser abordado, o Dr. Greysteel não respondeu de imediato.

- O senhor é o Doutor Greyfield? O amigo do mago?

- Sim - respondeu o Dr. Greysteel num tom de assombro. - Mas meu nome é Greysteel, senhor, não Greyfield.

- Mil perdões, caro doutor! Algum estúpido informou-me seu nome erroneamente! Isso me deixa deveras envergonhado. O senhor é, garanto-lhe, a última pessoa no mundo a quem desejaria ofender! Meu respeito pela profissão médica não tem limites! E agora aí está o senhor, com toda a dignidade de cataplasmas e auscultações, a se perguntar: "Quem é esta criatura estranha que ousa se dirigir a mim na rua, como se fosse eu uma pessoa comum?". Permita que me apresente! Vim de Londres, a pedido de amigos de Mister Strange, que, quando souberam do quanto seu juízo se desarranjou, ficaram num tal estado de ansiedade que tomaram a liberdade de me enviar para descobrir como ele está!

- Hum! - fez o Dr. Greysteel. - Sinceramente, eu esperava deles uma ansiedade maior. Escrevi-lhes pela primeira vez em início de dezembro, há seis semanas, senhor! Seis semanas!

- Ah, exato! Impressionante, não é? São as criaturas mais ociosas do mundo! Pensam só no que lhes convém! Enquanto o senhor continua aqui em Veneza, o único e verdadeiro amigo do mago! - Fez uma pausa. - Isso é correto, não é? - perguntou num tom de voz bem diferente. - O senhor é seu único amigo?

- Bem, há Lorde Byron... - começou o Dr. Greysteel.

- Byron! - exclamou o homenzinho. - Mesmo? Minha nossa! Louco e amigo de Lorde Byron! - Deu a impressão de que não sabia o que era pior. Ah, meu caro Doutor Greysteel. Tenho mil perguntas a lhe fazer! Podemos conversar privadamente em algum lugar?

A porta do Dr. Greysteel estava bem atrás deles, mas a antipatia do médico pelo homenzinho aumentava a cada instante. Por mais ansioso que estivesse

por ajudar Strange e seus amigos, não tinha vontade de convidar o sujeito a entrar.

De forma que resmungou que naquele momento o criado se encontrava na cidade às voltas com uma pequena incumbência. Havia um café algumas ruas adiante; por que não se dirigirem para lá?

O homenzinho foi todo aquiescência e sorrisos.

Andaram rumo ao café. O caminho seguia pela beira de um canal. O homenzinho estava à direita do Dr. Greysteel, bem próximo da água. Enquanto falava com o médico, olhava em volta. Os olhos do Dr. Greysteel de repente se desviaram para o canal, de onde ele viu surgir, de repente, uma onda, uma única onda. Isso era em si mesmo singular, mas o que se seguiu foi ainda mais surpreendente. A onda correu em direção a eles, elevou-se sobre a borda de pedra do canal e, ao fazê-lo, mudou de forma; dedos de água estenderam-se na direção do pé do homenzinho, como se tentassem puxá-lo. Assim que a água o tocou, ele recuou soltando uma imprecação, mas aparentemente sem notar que algo de incomum ocorrera, e o Dr. Greysteel nada disse sobre o que vira.

O interior do café era um acolhedor refúgio do ar frio e úmido de janeiro. Estava aquecido e enfumaçado, um tanto escuro talvez, mas com uma penumbra confortadora. As paredes e o teto pintados de marrom haviam escurecido sob a ação do tempo e da fumaça de tabaco, mas também eram animados pelo brilho das garrafas de vinho, pelo fulgor dos canecos de peltre e pela cintilação dos objetos de cerâmica extremamente lustrosos e dos espelhos de moldura dourada. Um *spaniel* molhado e indolente estava deitado no piso de ladrilhos defronte à estufa. Sacudiu a cabeça e espirrou quando a ponta da bengala do Dr. Greysteel por acaso esbarrou em sua orelha.

- Devo alertá-lo - disse o Dr. Greysteel depois que o garçom lhes levou café e conhaque - de que na cidade circulam todo tipo de boatos sobre Mister Strange. Falam que ele invocou bruxas e que com o fogo gerou um criado pessoal. O senhor saberá não se guiar por tais disparates, mas é bom que se prepare. O senhor verá que ele mudou de forma lamentável. Seria tolo ignorar isso. Mas no íntimo ele ainda

é o mesmo. Todas as suas excelentes qualidades, todos os seus méritos permanecem intactos. Disso não duvido.

- Mesmo? Mas, diga-me, é verdade que ele comeu os sapatos? É verdade que transformou várias pessoas em vidro e depois as apedrejou?

- Comeu os sapatos? - exclamou o Dr. Greysteel. - Quem lhe contou isso?

- Ah, várias pessoas! Mrs. Kendal Blair, Lorde Pope, Sir Galahad Denehey, Miss Underhills... - Depressa o homenzinho pôs-se a repetir de memória uma longa lista de nomes de damas e cavalheiros ingleses, irlandeses e escoceses que naqueles dias residiam em Veneza e nas cidades vizinhas.

O Dr. Greysteel estava perplexo. Por que teriam os amigos de Strange consultado tais pessoas em vez de ele mesmo?

- Mas não ouviu o que acabei de dizer? É justamente desse tipo absurdo de disparate que estou falando!

O homenzinho riu divertidamente.

- Paciência! Paciência, meu caro doutor! Não tenho sua inteligência. Enquanto o senhor a afiava com anatomia e química, a minha definhava na ociosidade. - Disparou a falar que jamais se dedicara a um curso de estudos regular, que os professores perderam todas as esperanças nele e que seus talentos não se encontravam de modo algum nessa direção.

Mas o Dr. Greysteel já não se dava o trabalho de escutá-lo. Refletia. Ocorreu-lhe que ainda momentos antes o homenzinho lhe pedira permissão para se apresentar, porém de alguma forma deixara de fazê-lo. O Dr. Greysteel estava prestes a lhe perguntar o nome quando o outro fez uma pergunta que lhe varreu tudo o mais da cabeça.

- O senhor tem uma filha, não tem?

- Como?

O homenzinho, aparentemente pensando que o Dr. Greysteel era surdo, repetiu

a pergunta elevando um pouco o tom de voz.

- Sim, tenho, mas...

- E dizem que o senhor a mandou para fora da cidade...

- Dizem? Quem diz isso? Com o que minha filha tem a ver, afinal?

- Ah, é só que dizem que ela partiu imediatamente depois de o mago ter enlouquecido. Isso parece mostrar seu receio de que algo de ruim aconteça a ela!

- Suponho que o senhor soube disso por intermédio de Mrs. Kendal-Blair e dos outros - disse o Dr. Greysteel - Eles não passam de um bando de tolos!

- Ah, acho muito provável! Mas o senhor *mandou* sua filha para outro lugar?

O Dr. Greysteel permaneceu calado.

O homenzinho inclinou a cabeça primeiro para um lado, depois para o outro. Sorriu o sorriso de alguém que conhece um segredo e que se prepara para com ele pasmar o mundo.

- O senhor deve saber, claro - disse -, que Strange matou a esposa.

- Quê?! - O Dr. Greysteel permaneceu um momento em silêncio. Em seguida explodiu numa espécie de risada. - Não acredito!

- Ah, mas deve acreditar! - replicou o homenzinho, inclinando-se para a frente. Seus olhos cintilaram de excitação. - Todo mundo sabe! O próprio irmão da dama, um homem muito respeitável, um clérigo, um certo Mister Woodhope, estava presente quando ela morreu e viu com os próprios olhos.

- Viu o quê?

- Todo tipo de circunstâncias suspeitas. A dama foi enfeitiçada. Estava totalmente encantada e mal sabia o que tinha feito da manhã à noite. E ninguém conseguiu explicá-lo. Tudo obra do marido. Claro que ele tentará escapar à

punição por meio de magia, mas Mister Norrell, que está *destruído*, bastante *destruído* e sentindo piedade pela pobre dama, irá frustrá-lo. Mister Norrell está resolvido a levar Strange à Justiça pelos crimes que cometeu.

O Dr. Greysteel meneou a cabeça.

- Nada do que o senhor diz me fará acreditar nesta calúnia. Strange é um homem honrado!

- Ah, sim! Todavia, a prática da magia já destruiu intelectos mais fortes do que o dele. Em mãos erradas, a magia pode resultar na aniquilação de todas as boas qualidades e na ampliação de todas as ruins. Ele desafiou seu mestre, o mais paciente, o mais prudente, o mais nobre, o mais bondoso...

O homenzinho, a enfileirar adjetivos, parecia já não se lembrar do que queria dizer; perturbava-se com o olhar penetrante do Dr. Greysteel. Devagar, o médico disse com desprezo:

- Curioso. O senhor disse ter sido enviado por amigos de Mister Strange, contudo não me revelou quem são esses amigos. É decerto um tipo de amigo muito peculiar esse que afirma aos quatro ventos que um homem é um assassino.

O homenzinho manteve-se calado.

- Foi talvez Sir Walter Pole?

- Não - retrucou o homenzinho, num tom reflexivo -, não Sir Walter.

- Os discípulos de Mister Strange então? Escapa-me o nome deles.

- Acontece a todo mundo. São os homens menos memoráveis de que se tem notícia.

- Foram eles?

- Não.

- Mister Norrell?

O homenzinho permaneceu em silêncio.

- Qual é o seu nome? - perguntou o Dr. Greysteel.

O homenzinho inclinou a cabeça de um lado, depois do outro. Não vendo, porém, como evitar pergunta tão direta, respondeu:

- Drawlight.

- Oh, ah, ah! Mas que admirável acusador! Sim, de fato, suas afirmações terão enorme influência contra um homem honesto, contra o próprio mago do Duque de Wellington! Christopher Drawlight! Famoso em toda a Inglaterra como mentiroso, ladrão e salafrário!

Drawlight corou e olhou indignado para o Dr. Greysteel, os olhos quase fechados.

- Pois isso lhe cabe muito bem! - sibilou entre dentes. - Strange é um homem rico e o senhor pretendia casar sua filha com ele! Onde está a honra disso, caro doutor? Onde está?

O Dr. Greysteel emitiu um som de exasperação mesclada com ira. Levantou-se da cadeira.

- Visitarei todas as famílias inglesas em Veneza. Vou adverti-las de que não falem com o senhor! Eu me vou agora. Não lhe desejo bom-dia! Não me despeço do senhor! - E assim dizendo, jogou algumas moedas sobre a mesa e saiu.

A última parte dessa troca de palavras fora estridente e acalorada. Os garçons e os fregueses do café olhavam com curiosidade para Drawlight, sentado sozinho. Ele aguardou até que houvesse pouquíssima possibilidade de encontrar o médico na rua e então também saiu. Enquanto caminhava pelas ruas, a água nos canais se agitava de forma estranha. Ondas surgiam e o seguiam, de quando em quando fazendo pequenos movimentos e incursões a seus pés, para depois se entornar sobre a borda do canal. Mas ele nada notou.

O Dr. Greysteel cumpriu o prometido. Visitou todas as famílias britânicas na cidade e advertiu-as de que não falassem com Drawlight. Drawlight não se importou. Voltou a atenção para criados, garçons e *gondolieri*. Sabia, por experiência, que essa classe de gente muitas vezes estava bem mais a par de uma série de assuntos do que os patrões a quem serviam; e, se não estivessem, ora! Poderia corrigir a situação e lhes revelar ele mesmo alguma coisa. Logo um grande número de pessoas soube que Strange assassinara a esposa; que tentara se casar com Miss Greysteel à força na Catedral de São Marco e só fora impedido pela chegada de uma tropa de soldados austríacos; e que combinara com Lorde Byron manterem as futuras esposas e amantes em comum. Drawlight contou todas as mentiras que lhe ocorreram, mas, como sua faculdade inventiva era limitada, contentou-se em se agarrar a qualquer semi-rumor, a qualquer pensamento semi-formado na cabeça de seus informantes.

Um *gondoliero* o apresentou à esposa de um fanqueiro, Marianna Segati, amante de Byron. Por meio de um intérprete, Drawlight fez-lhe um mundo de elogios e contou segredos escandalosos sobre grandes damas londrinas, as quais, assegurou-lhe, estavam longe de possuir sua beleza. Ela lhe revelou que, de acordo com Byron, Strange mantinha-se trancado no quarto, a beber vinho e conhaque, e a lançar encantamentos mágicos. Nada disso era de muito interesse, porém contou a Drawlight o pouco que sabia sobre o mago por meio do poema de Lorde Byron; que ele se associou a espíritos malignos, desafiou os deuses e toda a humanidade. Conscientiosamente, Drawlight acrescentou mais essas invenções a seu edifício de mentiras.

Mas, de todos os moradores de Veneza, quem Drawlight mais desejava como confidente era Frank. Amargurado com os insultos do Dr. Greysteel, logo decidiu que a melhor vingança seria transformar o criado do médico em traidor. Assim, enviou uma carta a Frank em que o convidava a encontrá-lo num pequeno café em San Polo. Um pouco para sua surpresa, Frank aceitou o convite.

Frank chegou na hora marcada. Drawlight pediu uma jarra de vinho tinto rascante e encheu dois copos.

- Frank - começou, com voz macia e insinuante -, conversei com seu patrão outro dia, como creio que sabe. Ele parece ser um velho bastante severo, de modo algum gentil. Espero que esteja satisfeito em sua posição, Frank. Só menciono isso porque um estimado amigo meu, que se chama Lascelles, ainda outro dia dizia como é difícil encontrar bons criados em Londres e que, se alguém o ajudasse a encontrar um, ele se disporia a pagar quase qualquer soma de dinheiro.

- Oh! - fez Frank. .

- Acha que gostaria de morar em Londres, Frank?

Frank desenhou círculos na mesa com um pouco de vinho derramado, como se a refletir.

- Gostaria - respondeu.

- Porque - continuou Drawlight, animadamente -, se pudesse me fazer um ou dois servicinhos, eu poderia falar com meu amigo da sua prestimosidade, e com certeza ele logo concluiria que o senhor é o homem que ele procura!

- Que tipo de serviço seria? - perguntou Frank.

- Ah! Bem, o primeiro é a coisa mais fácil do mundo! De fato, assim que lhe disser o que é, o senhor ficará ansioso por fazê-lo, mesmo que não houvesse recompensa nenhuma. Sabe Frank, receio que algo de muito horrível aconteça em breve a seu patrão e à filha dele. O mago pretende lhes fazer muito mal. Tentei alertar seu patrão, mas ele é tão teimoso que não me deu ouvidos. Mal consigo dormir pensando nisso, Maldigo minha estupidez por não ter me explicado melhor. Eles, porém, confiam no senhor, Frank. Poderia fazer uma alusão, não a seu patrão, mas à irmã e à filha dele, sobre a maldade de Strange e assim preveni-las. - Em seguida Drawlight explicou o assassinio de Arabella Strange e o pacto com Byron para compartilhar suas esposas.

Frank aquiesceu com a cabeça cautelosamente.

- Precisamos estar em guarda com o mago - disse Drawlight. - Os outros acreditam nas mentiras e nas trapaças dele, em especial seu patrão. Por isso é vital

que o senhor e eu recolhamos todas as informações possíveis para podermos revelar ao mundo os planos malignos de Strange. Agora, diga-me, Frank, notou alguma coisa, alguma palavra que o mago tenha deixado escapar inadvertidamente, qualquer coisa que lhe pareceu suspeito?

- Bem, agora que o senhor menciona – disse Frank coçando a cabeça – há uma coisa.

- Mesmo?

- Não contei a ninguém. Nem mesmo ao patrão.

- Excelente! - disse Drawlight, sorrindo.

- Só que não sei explicar muito bem. - É mais fácil mostrá-lo ao senhor.

- Ah, claro! Aonde vamos?

- Apenas lá fora. Poderá ver dali.

Então Frank e Drawlight saíram e Drawlight olhou em volta. Era a cena veneziana mais comum que se poderia imaginar. Diante deles havia um canal e, do outro lado, uma igreja amarelo-castanha. Uma criada depenava alguns pombos em frente a uma porta aberta; as penas sujas se espalhavam num círculo esbranquiçado, acinzentado, diante dela. Por toda parte via-se uma confusão de prédios, estátuas, varais de roupa e vasos de flores. E na distância destacava-se, a grande altura, a face suave e absoluta da escuridão.

- Bom, talvez não exatamente daqui - reconheceu Frank. - Os prédios estão bem na frente. Dê uns passos adiante e poderá ver com perfeição. Drawlight deu alguns passos adiante.

- Aqui? - perguntou, ainda olhando em volta.

- Sim, bem aí - disse Frank. E o jogou dentro do canal com um pontapé.

Uma pancada ressoante na água.

Frank demorou-se um pouco ainda para gritar algumas ponderações acerca da moral de Drawlight, chamando-o de patife mentiroso e ardiloso; de cão vira-lata; de vilão covarde e maldoso; de víbora; de porco. Esses comentários decerto aliviaram os sentimentos de Frank, mas passaram despercebidos a Drawlight, que, submerso na água, não podia ouvi-los.

A água o atingira como um golpe, ferroando-lhe o corpo inteiro e deixando-o sem fôlego. Afundou em águas profundas e escuras. Não sabia nadar e tinha certeza de que se afogaria. Mas não estava mais do que alguns segundos na água, quando se sentiu apanhado por uma forte correnteza e arrastado a grande velocidade, Por algum acaso, a ação da água o levava à superfície de quando em quando, e com isso ele ganhava fôlego. Momento após momento, permaneceu num estado do mais abjeto terror, incapaz de se salvar. Uma vez a corrente de água o ergueu e por instantes ele viu o cais iluminado pelo sol (um lugar que não reconheceu); viu a água branca e espumante bater contra o cais, molhando pessoas e casas; viu o rosto assustado dos venezianos. Percebeu que não fora levado para o mar, como supusera, mas mesmo então não lhe ocorreu que a corrente era de algum modo *inatural*. Por vezes o arrastava com vigor numa direção, por vezes tudo era confuso e ele tinha certeza de seu fim iminente. Até que, de repente, a água pareceu se cansar dele; o movimento cessou de imediato e ele foi atirado contra uns degraus de pedra. Estava vagamente ciente do ar frio e dos prédios em volta.

Aspirou golfadas de ar que lhe sacudiram e estremeceram o corpo, e, justamente quando se tornou mais fácil respirar, vomitou uma enorme quantidade de água fria e salgada. Por muito tempo, apenas se deixou ficar ali deitado, de olhos fechados, como quem repousa no peito da mulher amada. A cabeça estava completamente vazia. Se algum desejo ainda lhe restasse, era o de simplesmente ficar deitado ali para sempre. Bem mais tarde, se deu conta, primeiro, de que as pedras estavam provavelmente muito sujas e, depois, que ele estava terrivelmente gelado. Começou a se perguntar por que reinava o silêncio e por que ninguém lhe prestava ajuda.

Soergueu-se e abriu os olhos.

A escuridão envolvia tudo. Estaria num túnel? Num porão? Debaixo da terra! Qualquer uma dessas possibilidades teria sido horrenda, uma vez que ele não fazia a mínima idéia de como chegara ali e de como sairia dali. Então sentiu um vento frio e fraco roçar-lhe o rosto; ergueu o olhar e viu as estrelas brancas de inverno. Noite!

- Não, não, não! - implorou. Encolheu-se nas pedras do cais, a se lamuriar.

Os prédios eram escuros e de um silêncio absoluto. As únicas coisas claras e vívidas eram as estrelas. Para Drawlight, as constelações se assemelhavam a gigantescas letras cintilantes de um alfabeto desconhecido. Pelo que lhe era dado conhecer, o mago transformara as estrelas em letras e delas se servia para escrever um encantamento contra ele. Tudo o que via, em todas as direções, era a noite negra, estrelas e silêncio. Não havia luz nas casas e, se a Drawlight dissessem que era verdade, não havia nenhum morador nelas. A não ser, claro, que o mago estivesse numa das casas.

Com grande relutância, pôs-se de pé e olhou em redor. Perto havia uma pequena ponte. No outro lado dela, uma viela desaparecia entre paredes elevadas de casas escuras. Poderia seguir por aquele caminho ou escolher o calçamento ao longo do canal. Estava crestado pela luz das estrelas e parecia particularmente sinistro e desprotegido. Escolheu a viela e a escuridão.

Atravessou a ponte e passou entre as casas. Quase de imediato a viela desembocou numa praça. Várias outras vielas levavam para fora da praça. Que direção seguir? Pensou em todas as sombras negras por que teria de passar, em todas as entradas silenciosas. E se nunca mais saísse dali? Sentiu-se fraco e estava morto de medo.

Havia uma igreja na praça. Mesmo à luz das estrelas a fachada era monstruosa, inchada de pilares e erichada de estátuas. Anjos de asas abertas seguravam trombetas junto aos lábios; uma figura sombria estendia os braços sob um baldaquino de pedra; rostos cegos fitavam Drawlight de arcos escuros.

"Como posso saber que o mago não está ali?", pensou. Começou a examinar as estátuas negras uma a uma, para ver se reconhecia Jonathan Strange. Uma vez que começara, era difícil parar; imaginava que, se desviasse o olhar por um instante,

uma das estátuas se mexeria. Estava quase convencido de que era seguro afastar-se da igreja quando algo lhe chamou a atenção: uma diminuta irregularidade nas trevas profundas da entrada. Havia algo, ou alguém, deitado na escada. Um homem. Jazia estirado sobre as pedras como se desmaiado, o rosto voltado para baixo, o braço atirado sobre a cabeça.

Por vários momentos - mas, ah! Parecia uma eternidade! -Drawlight aguardou para ver o que aconteceria.

Nada aconteceu.

Ocorreu-lhe então num lampejo: o mago estava morto! Talvez tivesse se matado num gesto de loucura! A sensação de júbilo e alívio foi irresistível. Num arrebatamento, riu alto, um som extraordinário a quebrar todo o silêncio. O vulto escuro na entrada escura não se moveu. Drawlight aproximou-se, até se inclinar sobre ele. Não havia som de respiração. Desejaria ter uma bengala para cutucá-lo.



De súbito, o vulto se virou.

Drawlight soltou um breve grito assustado.

Silêncio. Depois:

- Eu o conheço! - sussurrou Strange.

Drawlight tentou rir. Sempre usara o riso como uma forma de aplacar suas vítimas. O riso era confortador, não era? Somos todos amigos, não? Mas tudo o que lhe escapou da boca foi um estranho som áspero.

Strange se levantou e deu alguns passos em direção a Drawlight. Drawlight recuou. À luz das estrelas, pôde ver o mago com mais clareza. Pôde começar a reconstituir os traços do homem que conhecera. Os pés de Strange estavam descalços. O paletó e a camisa abertos, e decerto fazia dias que não se barbeava.

- Eu o conheço - sussurrou Strange mais uma vez. - É... é... - Movimentou as mãos no ar vazio, como se traçasse símbolos mágicos. - É um Leucrocuta!

- Um Leu...? - repetiu Drawlight.

- O Lobo da Noite! Alimenta-se de homens e mulheres! Seu pai era uma hiena e sua mãe uma leoa! O senhor tem corpo de leão; seus cascos são fendidos. Não consegue olhar atrás de si. Tem um único e longo dente, mas não uma gengiva. Entretanto pode assumir a forma humana e atrair os homens para si com uma voz humana!

- Não, não! - protestou Drawlight. Queria dizer mais; queria dizer que não era nenhuma dessas coisas, que Strange estava de todo equivocado, mas o terror lhe deixara a boca seca e por demais fraca; sentia-se incapaz de formular as palavras.

- E agora - disse Strange calmamente - eu o devolverei a sua forma apropriada! - Ergueu as mãos. - Abracadabra! - gritou.

Drawlight caiu no chão, berrando sem parar, e Strange desatou numa tal gargalhada louca e sinistra, que se dobrou e cambaleou pela praça.

Por fim o medo de um homem e a hilaridade do outro amainaram; Drawlight se deu conta de que *não* havia sido transformado naquela horrível criatura de pesadelos; e Strange tornou-se mais calmo, quase grave.

- Leucrocuta - sussurrou -, levante-se.

Ainda a choramingar, Drawlight se pôs de pé.

- Leucrocuta, por que veio aqui? Não, espere! Eu sei por quê. - Strange estalou os dedos. - Eu o trouxe aqui. Leucrocuta, diga-me: por que me espiona? Fiz algum dia segredo de algo? Por que não veio me perguntar? Eu lhe teria contado tudo!

- Forçaram-me a vir. Lascelles e Norrell. Lascelles saldou-me as dívidas para que eu pudesse sair de King's Bench (Cárcere em que Drawlight foi aprisionado por dívidas em novembro de 1814). Eu sempre fui seu amigo. - Drawlight vacilou um pouco; parecia improvável que até mesmo um louco acreditasse nisso.

Strange ergueu a cabeça, como se lançando a Drawlight um olhar desafiador, mas na escuridão Drawlight não pôde ver sua expressão.

- Enlouqueci, Leucrocuta! - disse entre dentes. - Contaram-lhe isso? Bem, é verdade. Enlouqueci e enlouquecerei de novo. Mas desde que o senhor chegou a esta cidade eu me privei de... eu me privei de determinados encantamentos, para que quando o encontrasse eu estivesse em perfeito juízo. Com minha mente de antes. Para que o reconhecesse, para que eu soubesse o que lhe queria dizer. Aprendi muito nas Trevas, Leucrocuta, e uma delas é: não consigo fazer isso sozinho. Trouxe-o aqui para me ajudar.

- É mesmo? Ainda bem! Farei qualquer coisa! Obrigado! Obrigado! Mas, enquanto falava, Drawlight se perguntava quanto tempo mais Strange pretenderia retê-lo ali; o pensamento o esmorecia.

- Qual é... qual é... - Strange dava a impressão de ter dificuldade em agarrar os pensamentos. Arrastou as mãos no ar como se para apanhar algo. - Qual é o nome da esposa de Pole?

- Lady Pole?

- Sim, mas quero dizer... Os outros nomes dela?

- Emma Wintertowne?

- Sim, isso. Emma Wintertowne. Onde está ela? Agora?

- Colocaram-na num hospício no condado de York. Deveria ser um grande segredo, mas descobri. Conheci um homem em King's Bench cujo filho tinha uma namorada que era costureira, e ela sabia de tudo, porque foi contratada para fazer as roupas de Lady Pole no condado de York... O condado de York é muito frio. Levaram-na para um lugar chamado Star-não-sei-o-quê... Quero dizer, Lady Pole, não a costureira. Star-não-sei-o-quê. Espere. Vou lhe dizer. Sei o nome, juro! Starecross Hall, no condado de York!

- Starecross? Conheço esse nome.

- Sim, sim, conhece! Porque o arrendatário é um amigo seu. No passado foi mago em Newcastle, ou em York, ou numa dessas regiões do Norte... Mas não sei como ele se chama. Ao que parece, Mister Norrell fez-lhe uma descortesia uma vez... Ou talvez duas. De forma que, quando Lady Pole enlouqueceu, Childermass pensou em reparar um pouco a situação ao recomendá-lo como enfermeiro de hospício a Sir Walter.

Fez-se um silêncio. Drawlight se perguntava quanto de tudo aquilo Strange teria entendido. A seguir Strange disse:

- Emma Wintertowne não está louca. Apenas parece louca. Mas isso é culpa de Norrell. Ele invocou um ser mágico para ressuscitá-la e em troca deu-lhe todo tipo de direitos sobre ela. Esse mesmo ser mágico ameaçou a liberdade do rei da Inglaterra e encantou ao menos dois outros súditos de Sua Majestade, um deles minha própria esposa! - Fez uma pausa. - Sua primeira tarefa, Leucrocuta, é contar a John Childermass o que acabei de lhe dizer e entregar isto nas mãos dele.

Strange tirou um objeto do bolso do paletó e o estendeu a Drawlight. Parecia uma pequena caixa, como uma caixinha de rapé, exceto por ser um pouco mais comprida e mais estreita do que costumam ser as caixas de rapé. Drawlight pegou-a e guardou-a no bolso.

Strange soltou um longo suspiro. O esforço de falar com coerência pareceu exauri-lo.

- A segunda tarefa é... A segunda tarefa é levar uma mensagem a todos os magos da Inglaterra. Entende?

- Ah, sim! Mas...

- Mas o quê?

- Mas existe apenas um.

- O quê?

- Existe apenas um mago, senhor. Agora que o senhor está aqui, resta apenas um mago na Inglaterra.

Strange deu a impressão de meditar sobre isso por um momento.

- Os meus discípulos - disse. - Os meus discípulos são magos. Todos os homens e todas as mulheres que desejaram um dia se tornar discípulos de Norrell são magos. Childermass é um. Secundus é outro. Honeyfoot. Os assinantes dos periódicos sobre magia. Os membros das antigas sociedades. A Inglaterra está repleta de magos! Há centenas deles! Talvez milhares! Norrell os recusou. Norrell os renegou. Norrell os silenciou. Mas ainda assim são magos. Diga-lhes isso.

- Passou a mão pela testa e respirou com dificuldade por um momento. - Árvore fala com pedra; pedra fala com água. Não é tão difícil como imaginamos. Diga-lhes que leiam o que está escrito no céu. Diga-lhes que indaguem a chuva! Todas as antigas alianças de John Uskglass ainda valem. Estou enviando mensageiros para lembrar as pedras, o céu e a chuva de suas antigas promessas. Diga-lhes... - Porém, mais uma vez, Strange não conseguiu encontrar as palavras que desejava. Desenhou algo no ar com um gesto. - Não consigo explicá-lo disse. - Leucrocuta, está entendendo?

- Sim, ah, sim! - respondeu Drawlight, embora não tivesse a menor idéia do que Strange falava.

- Ótimo. Agora repita para mim as mensagens que lhe transmiti. Diga-as de novo.

Drawlight repetiu. Longos anos de coleta e repetição de mexericos maldosos sobre conhecidos o haviam habilitado a se lembrar de nomes e fatos. Reproduziu a primeira mensagem perfeitamente, mas a segunda reduziu a algumas frases truncadas sobre magos debaixo de chuva contemplando pedras.

- Vou lhe mostrar - disse Strange - e depois irá entender. Leucrocuta, se realizar estas três tarefas, não me vingarei do senhor. Não lhe farei mal. Entregue estas três mensagens e poderá voltar a suas caçadas noturnas, à devoração de homens e mulheres.

- Obrigado! Obrigado! - murmurou Drawlight, agradecido, até que se deu conta de algo horrível. - Três! Mas o senhor deu-me apenas duas!

- Três mensagens, Leucrocuta - disse Strange, exausto. - Deve entregar três mensagens.

- Sim, mas não me disse qual é a terceira!

Strange não respondeu. Afastou-se, resmungando consigo mesmo.

Apesar de todo o terror, Drawlight sentiu ímpeto de agarrar o mago e sacudi-lo. Poderia tê-lo feito também, se acreditasse que serviria para alguma coisa. Lágrimas de comiseração por si mesmo começaram a lhe escorrer pelo rosto. Agora Strange iria matá-lo por não realizar a terceira tarefa, mas a culpa cabia a ele.

- Leucrocuta - disse Strange, voltando de repente. - Traga-me um pouco de água!

Drawlight olhou em volta. No meio da praça havia um poço. Foi até ele e encontrou uma caneca de ferro antiga e horrenda presa à pedra por uma corrente enferrujada. Empurrou para o lado a tampa do poço, alçou um balde de água e mergulhou nela a caneca. Detestou tocá-la. Curiosamente, depois de tudo o que lhe sucedera no dia, a caneca de ferro era o que mais detestava. Durante toda a sua

vida amara coisas belas, mas agora tudo que o rodeava era horrível. Culpa dos magos. Como os detestava!

- Senhor? Lorde Mago? - chamou. - Terá de vir aqui para beber. Mostrou a corrente de ferro como forma de explicação.

Strange se aproximou, mas não pegou a caneca que lhe fora oferecida. Em vez disso, tirou do bolso um pequeno frasco e o entregou a Drawlight.

- Pingue seis gotas na água - disse.

Drawlight tirou a rolha. Sua mão tremia tanto que ele temeu derramar tudo no chão. Strange pareceu não notar; Drawlight jogou umas gotas, sacudindo o frasco.

Strange pegou a caneca e a esvaziou. A caneca caiu de sua mão. Drawlight percebeu, sem saber exatamente como, que Strange estava mudado. Contra o céu estrelado, o vulto negro de seu corpo arqueou e a cabeça pendeu. Drawlight se perguntou se estaria embriagado. Mas como umas poucas gotas de alguma coisa poderiam embriagar um homem? Ademais, ele não exalava um cheiro forte de bebida alcoólica; cheirava como quem passa semanas sem se lavar ou a suas roupas; e também havia um outro cheiro, um cheiro que não estava presente momentos antes, um cheiro de velhice e de meia centena de gatos.

Drawlight teve uma sensação estranhíssima. Era algo que sentira antes, quando uma magia estava prestes a ocorrer. Portas invisíveis pareciam se abrir ao redor; ventos sopravam de muito longe, trazendo odores de bosques, charnecas e pântanos. Imagens passavam-lhe pela cabeça de maneira espontânea. As casas em volta já não estavam vazias. Ele enxergava o interior delas, como se as paredes tivessem sido removidas. Cada cômodo escuro continha não exatamente uma pessoa, mas um Ser, um Espírito antigo. Um continha um Fogo; outro uma Pedra; outro uma Chuva; outro um Bando de Pássaros; outro uma Encosta de Colina; outro uma Criatura Pequena com Pensamentos Escuros e Flamejantes, assim por diante.

- O que serão? - murmurou assombrado. Deu-se conta de que todos os fios de seu cabelo estavam eriçados, como se ele tivesse sido eletrificado. Em seguida,

uma sensação diferente se apossou dele: era uma sensação semelhante à de cair, entretanto ele estava de pé. Era como se sua mente tivesse desmoronado.

Achou que estava sobre a encosta de uma colina inglesa. A chuva caía; serpeava no ar como fantasmas cinzentos. A chuva caiu sobre ele e ele se tornou rarefeito como ela. A chuva levou pensamentos, levou recordações, tudo o que era bom e mau. Ele já não sabia como se chamava. Tudo foi levado pelas águas como lama de uma pedra. A chuva o encheu de pensamentos e recordações dela mesma. Fios de água prateada cobriam a encosta da colina como uma renda intrincada, como veias de um braço. Esquecendo-se de que era, ou sempre fora, um homem, transformou-se nos fios de água. Penetrou na terra com a chuva.

Achou que estava sob a terra, sob a Inglaterra. Longas eras haviam se passado; o frio e a chuva se infiltravam nele; pedras deslocavam-se dentro dele. No silêncio e na escuridão, ele se tornou imenso. Transformou-se na terra; transformou-se na Inglaterra. Uma estrela olhou para ele e falou com ele. Uma pedra lhe fez uma pergunta e ele respondeu no idioma dela. Um rio se enroscou a seu lado; colinas brotavam de sob seus dedos. Abriu a boca e exalou primavera...

Achou que estava no interior de uma moita num bosque escuro no inverno. As árvores estendiam-se sem fim, pilares escuros separados por faixas brancas e finas de luz invernal. Olhou para baixo. Árvores novas introduziam-se nele; cresciam através de seu corpo, pés e mãos. Suas Pálpebras já não podiam se fechar, porque brotos as atravessavam. Insetos andavam apressados para dentro e para fora de suas orelhas; aranhas construía ninhos e teias em sua boca. Ele se deu conta de que estivera enredado no bosque por anos e anos. Conhecia o bosque e o bosque o conhecia. Não se podia mais dizer o que era bosque e o que era homem.

Tudo era silêncio. A neve caiu. Ele gritou...

Negrume.

Como quem emerge de águas escuras, Drawlight recobrou a razão. Não sabia quem o havia libertado - se Strange, se o bosque ou se a própria Inglaterra -, mas sentiu o desprezo que seu libertador manifestava por ele. Os espíritos antigos se retiraram dele. Os pensamentos e as sensações voltaram a ser os próprios de um homem. A lembrança do que vivenciara o deixava tonto e cambaleante. Examinou as mãos e esfregou os locais do corpo em que as árvores o atravessaram. Pareciam perfeitamente intactos; mas, oh, estavam doloridos! Lamuriou-se e olhou em redor à procura de Strange.

O mago encontrava-se um pouco afastado, agachado junto a uma parede, murmurando magia para si mesmo. Golpeou a parede uma vez; as pedras se abaularam, mudaram de forma, transformaram-se num corvo; o corvo abriu as asas e, com um crocito estridente, voou em direção ao céu noturno. Golpeou a parede novamente: outro corvo emergiu dela e alçou vôo. Depois outro, e mais outro, e abundantes e velozes eles se tornaram, até que todas as estrelas foram obliteradas por asas negras.

Strange ergueu a mão para dar novos golpes...

- Lorde Mago - disse Drawlight com voz entrecortada -, não me contou qual é a terceira mensagem.

Strange olhou em volta. De súbito, agarrou o casaco de Drawlight e o puxou para si. Drawlight sentiu no rosto o mau hálito de Strange e viu pela primeira vez seu rosto. A luz das estrelas brilhava nos olhos ferozes e desvairados, dos quais toda a humanidade e razão haviam desaparecido.

- Diga a Norrell que voltarei! - disse Strange entre dentes. - Agora vá.

Não era necessário repetir a ordem para Drawlight. Ele saiu correndo na escuridão. Parecia que corvos o perseguiam. Ele não os via, mas ouvia o bater de asas e sentia as correntes de ar que elas criavam. A meio caminho de uma ponte, emergiu de súbito numa luz ofuscante. Foi imediatamente cercado pelo som de aves que trinavam e de pessoas que conversavam. Homens e mulheres andavam,

conversavam, envolvidos na faina diária. Ali não havia magia terrível nenhuma, somente o mundo cotidiano, o maravilhoso e belo mundo cotidiano.

A roupa de Drawlight ainda estava ensopada da água do mar e o ar cruelmente frio. Ele se encontrava numa área da cidade que não reconhecia... Ninguém lhe ofereceu ajuda e por muito tempo andou a esmo, perdido, exaurido. Por fim, deu numa praça que conhecia e pôde voltar à pequena taberna onde alugara um quarto. Quando lá chegou, estava fraco e trêmulo. Despiu-se e enxaguou o corpo para remover o sal o melhor que podia. Depois se deitou na pequena cama.

Os dois dias seguintes passou na cama, com febre. Os sonhos eram horríveis, repletos de escuridão, magia e das longas e frias eras da Terra. E durante o tempo todo que dormia vivia o temor de que ao acordar daria consigo debaixo da terra ou crucificado por um bosque invernal.

No meio do terceiro dia, recuperou-se o suficiente para se levantar e ir até o porto. Lá encontrou um navio inglês com destino a Portsmouth. Mostrou ao capitão as cartas e os papéis que Lascelles lhe dera, com a promessa de um generoso pagamento para o navio que o levasse de volta à Inglaterra, e assinados por dois dos mais célebres banqueiros da Europa.

No quinto dia, estava a bordo do navio com destino à Inglaterra.

Uma neblina fria e rarefeita cobria Londres, reproduzindo, ou assim parecia, o frio e rarefeito caráter da existência de Stephen. Nos últimos tempos, seu encantamento pesava-lhe mais do que nunca. Alegria, afeto e paz eram sentimentos estranhos a ele agora. As únicas emoções que atravessavam as nuvens da magia em torno de seu coração eram de uma espécie mais amarga: raiva, indignação e frustração. A separação e a desavença entre ele e seus amigos ingleses aumentaram ainda mais. O cavalheiro podia ser um espírito mau, mas, quando se referia ao orgulho e à presunção dos ingleses, Stephen mal podia negar a validade do que ele dizia. Até Esperança Perdida, lúgubre como era às vezes constituía um refúgio agradável contra a arrogância e a malevolência inglesas; lá ao menos

Stephen jamais precisara se desculpar por ser o que era; lá sempre fora tratado como um convidado de honra.

Nesse dia de inverno em particular, Stephen estava nas baias de Sir Walter Pole, nas estrebarias da Rua Harley. Sir Walter havia comprado recentemente um par de galgos muito puros, para grande alegria dos criados, que passavam boa parte dos dias ociosamente visitando os cães, admirando-os e comentando, com graus diferentes de conhecimento e entendimento, a provável habilidade desses cães no campo. Stephen sabia que deveria reprimir esse mau hábito, mas se deu conta de que não se importava de fato para fazê-lo. Nesse dia, quando Robert, o laçao, convidou-o para ir ver os cães, Stephen, longe de repreendê-lo, pusera o chapéu e o casaco e o acompanhara. Agora observava Robert e os cavaleiros alvoroçados por causa dos cães. Sentia-se como se estivesse do outro lado de um painel de vidro grosso e sujo.

De repente cada um deles endireitou o corpo e saiu dos estábulos. Stephen estremeceu. Aprendera, por experiência, que um comportamento pouco normal como esse invariavelmente anunciava a chegada do cavalheiro de cabelos de algodão.

Agora ali estava ele, iluminando os estábulos escuros e exíguos com o fulgor de seu cabelo prateado, com a cintilação de seus olhos azuis e com o brilho de seu casaco verde; falando muito alto e gargalhando, não duvidando por um instante sequer que Stephen estava tão contente em vê-lo como ele estava em ver Stephen. Seu entusiasmo pelos cães era tão grande quanto o dos criados, e chamou Stephen para admirá-los em sua companhia. Falou com eles em seu próprio idioma e os cães pularam e latiram alegres, parecendo mais enamorados dele do que de qualquer um que tinham visto antes.

- Isso me lembra uma ocasião em 1413 - disse o cavalheiro -, quando vim para o sul visitar o novo rei da Inglaterra do Sul. O rei, uma pessoa afável e valente, apresentou-me aos cortesãos, contando-lhes minhas inúmeras e maravilhosas proezas, sobre meus reinos extensos, meu caráter cortês e tudo o mais. Contudo, um dos fidalgos preferiu não ouvir esse discurso instrutivo e edificante. Em vez disso, ele e seus acompanhantes puseram-se a mexericar e a rir. Eu fiquei, como o senhor

bem pode imaginar, muito ofendido com tal tratamento e resolvi lhes ensinar boas maneiras! No dia seguinte, esses homens desagradáveis caçavam lebres perto da floresta de Hatfield. Topando com eles, tive a feliz idéia de transformar os homens em lebres e as lebres em homens. Primeiro os cães dilaceraram seus donos, e depois as lebres, então sob a forma humana, viram-se em posição de poder infligir uma terrível vingança contra os cães que as tinham perseguido e hostilizado. - O cavalheiro fez uma pausa à espera dos elogios por essa proeza, mas, antes que Stephen pudesse dizer palavra, exclamou - Oh! O senhor sentiu?

- Senti o quê, senhor? - perguntou Stephen.

- Todas as portas tremeram!

Stephen olhou para as portas do estábulo.

- Não, não estas portas! - disse o cavalheiro. - Refiro-me às portas entre a Inglaterra e todos os demais lugares! Alguém está tentando abri-las. Alguém falou com o céu, e não fui eu! Alguém está instruindo as pedras e os rios, e não sou eu! Quem está fazendo isso? Quem? Venha!

O cavalheiro agarrou o braço de Stephen e eles pareceram se elevar no ar, como se de repente estivessem sobre uma montanha ou uma torre altíssima. As cavalariças da Rua Harley desapareceram e uma nova cena apresentou-se aos olhos de Stephen, seguida de outra, e de outra. Ali estava um porto com uma multidão de mastros tão densos como uma floresta - pareceu passar voando sob seus pés, sendo substituído de pronto por um mar cinzento e invernal e por navios a todo pano que se vergavam ao vento -, depois uma cidade com torres e pontes esplêndidas. Curiosamente, quase não havia sensação de movimento. A impressão era de que o mundo voava em direção a Stephen e ao cavalheiro, enquanto eles permaneciam imóveis. A seguir vieram montanhas cobertas de neve que pessoas minúsculas escalavam com dificuldade, depois um lago glacial com picos escuros em redor, e depois uma planície com cidades pequeninas e rios espalhados nela como brinquedos de criança.

Havia algo à frente deles. De início assemelhava-se a uma linha preta que cortava o céu ao meio. À medida que se aproximavam, porém, transformava-se num

pilar negro que se projetava da terra e os alcançava, e que não tinha fim.

Stephen e o cavaleiro pousaram bem acima de Veneza (sobre o que Stephen preferiu nem pensar). O sol se punha e as ruas e os prédios abaixo deles achavam-se às escuras, mas o mar e o céu estavam plenos de luz, com azul-lácteo, topázio e pérola mesclando-se harmoniosamente. A cidade parecia flutuar num vazio radiante.

Em grande parte, o pilar negro era tão liso como uma obsidiana, mas, bem acima do nível do telhado das casas, dele saíam vagalhões de negrura torcidos e espiralados que se dispersavam no ar. Stephen não conseguia imaginar o que poderiam ser.

-Aquilo é fumaça, senhor? A torre está em chamas? -perguntou Stephen.

O cavaleiro não respondeu, mas, quando se aproximaram, Stephen percebeu que não era fumaça. Uma multidão escura alçava vôo da Torre. Corvos. Milhares e milhares deles. Saíam de Veneza e voavam na direção de onde Stephen e o cavaleiro tinham vindo.

Um bando rumou para eles. O ar se agitou de repente com o bater de milhares de asas, produzindo um zunido áspero e alto. Nuvens de pó e saibro penetraram nos olhos, no nariz e na garganta de Stephen. Ele se curvou bastante e cobriu o nariz com as mãos para afastar o mau cheiro.

Quando as aves se foram perguntou, estupefato:

- Senhor, o que são eles?

- Criaturas que o mago fez - respondeu o cavaleiro. - Ele os está mandando para a Inglaterra com instruções para o céu, para a terra, para os rios e para as colinas. Está invocando todos os antigos aliados do Rei. Em breve servirão a todos os magos ingleses, e não a mim! - Emitiu um uivo forte, mistura de ira e desespero. - Eu o castiguei de uma forma com que jamais castiguei meus inimigos! Entretanto, continua a agir contra mim! Por que não aceita o destino? Por que não perde as esperanças?

- Nunca soube que lhe faltasse coragem, senhor - comentou Stephen. - Segundo dizem todos, ele fez coisas intrépidas na península Ibérica.

- Coragem? Do que está falando? Isso não é coragem! Isso é maldade, pura e simples! Stephen, fomos negligentes! Deixamos os magos ingleses se aproveitarem de nós. Temos que encontrar uma forma de derrotá-los! Temos que dobrar nossos esforços para torná-lo rei!

60. *Tempestade e Mentiras*

Fevereiro de 1817

Tia Greysteel alugara uma casa em Pádua perto do mercado de frutas. A localização propiciava acesso fácil a todos os lugares e o aluguel era apenas oitenta cequins (cerca de trinta e oito guinéus) por trimestre. Tia Greysteel estava bastante satisfeita com o acordo vantajoso. Mas às vezes acontece que, quando se age rápido e com determinação, todas as indecisões e dúvidas surgem depois, quando é tarde demais. De forma que foi este o caso: mal se completara uma semana que tia Greysteel e Flora moravam na casa, tia Greysteel começou a lhe pôr defeitos e a se perguntar se, de fato, deveria tê-la alugado. Embora fosse antiga e bonita, as janelas góticas eram bastante pequenas, várias delas cercadas por sacadas de pedra; em outras palavras, a casa tendia a ser escura. Isso não teria constituído problema no passado, mas no presente a disposição de espírito de Flora exigia apoio, e (pensava tia Greysteel) escuridão e sombras, por mais pitorescas que fossem, de fato não lhe fariam bem. Ademais, algumas damas esculpidas em pedra rodeavam o pátio, as quais, ao longo dos anos, cobriram-se de véus e mantos de hera. Não seria exagero dizer que essas damas corriam o risco iminente de desaparecer por completo; toda vez que batia os olhos nelas, tia Greysteel lembrava-se da pobre esposa de Jonathan Strange, que morrera tão jovem, tão misteriosamente, e cujo triste destino parecia ter levado o marido à loucura. Tia Greysteel esperava que tais pensamentos melancólicos não ocorressem a Flora.

Mas o acordo vantajoso fora feito e a casa fora alugada, de forma que tia Greysteel empenhou-se em torná-la o mais alegre e luminosa possível. Ela jamais, em sua vida, esbanjara velas ou óleo para candeeiros, mas, esforçando-se para animar Flora, pôs de lado todas as questões referentes a despesas. Havia um local especialmente escuro na escada, onde um degrau se virava de uma forma estranha que ninguém poderia ter previsto, e, com o receio de que alguém tropeçasse e quebrasse o pescoço, tia Greysteel insistiu em colocar um lampião

numa prateleira situada logo acima do degrau. O lampião ardia noite e dia, constituindo uma afronta permanente a Bonifazia, a idosa criada italiana que fazia parte do aluguel da casa e que era uma pessoa ainda mais econômica do que a própria tia Greysteel.

Bonifazia era uma excelente criada, mas bastante propensa a criticar e a explicar longamente por que as instruções que lhe davam eram erradas ou impossíveis de ser executadas. Ajudava-a no trabalho um rapaz lerdo e com cara de vítima chamado Minichello, que recebia cada ordem com um murmúrio baixo e queixoso emitido com palavras dialetais, quase incompreensíveis. Bonifazia tratava Minichello com um desprezo tão familiar que tia Greysteel imaginou que deveriam ser parentes, embora ainda não tivesse obtido informações precisas sobre esse detalhe.

Assim, entre todas as providências para a casa, as batalhas diárias com Bonifazia e as descobertas, agradáveis ou não, conseqüentes de uma residência temporária em uma nova cidade, tia Greysteel passava dias repletos de ocupações interessantes; mas seu dever principal e mais sagrado no momento era tentar distrair a sobrinha. Flora adquirira o hábito de permanecer em silêncio e em solidão. Quando a tia falava com ela, Flora respondia com ânimo, mas eram de fato poucas as conversas que iniciava. Em Veneza, Flora fora a principal idealizadora de todos os entretenimentos; agora limitava-se a aceitar quaisquer planos de exploração propostos pela tia. Preferia atividades que não requeressem companhia. Passeava sozinha, lia sozinha, ficava sentada sozinha na sala de estar ou sob o raio de sol fraco que às vezes penetrava no pátio por volta da uma da tarde. Mostrava-se menos franca e confiante do que antes; como se alguém - não necessariamente Jonathan Strange - a tivesse decepcionado e ela estivesse resolvida a se tornar mais independente no futuro.

Na primeira semana de fevereiro, uma forte tempestade caiu sobre Pádua. Ocorreu por volta do meio-dia. A tempestade viera de súbito do leste (da direção de Veneza e do mar). Os velhos que freqüentavam os cafés da cidade disseram não ter havido sinal dela momentos antes. Mas outras pessoas não lhe deram atenção; afinal, era inverno e tempestades eram previsíveis.

Primeiro um vento forte varreu a cidade. Não respeitou portas nem janelas, esse vento. Pareceu descobrir frestas que ninguém sabia existir e soprou quase com a mesma fúria dentro e fora das casas. Tia Greysteel e Flora estavam sentadas numa saleta no primeiro andar. As vidraças da janela começaram a chocalhar e alguns pendentés de cristal de um candelabro começaram a tilintar. A seguir, as folhas de uma carta que tia Greysteel estava escrevendo se lhe escaparam da mão e voaram pela sala. Do lado de fora, o céu escureceu, ficando negro como a noite; lençóis de chuva ofuscante começaram a desabar.

Bonifazia e Minichello entraram na pequena sala. Foram a pretexto de saber que medidas tia Greysteel desejava tomar em relação à tempestade, mas na verdade Bonifazia queria se unir a tia Greysteel com exclamações de espanto ante a violência do vento e da chuva (e ambas compuseram um bom dueto, embora em idiomas diferentes). Minichello ali estava talvez por causa de Bonifazia; observava a tempestade com desalento, como se suspeitasse que estivesse ocorrendo de propósito, apenas para fazê-lo trabalhar.

Tia Greysteel, Bonifazia e Minichello estavam à janela e viram o primeiro raio transformar toda a cena familiar em algo gótico e perturbador, tomada por um fulgor pálido, espectral, e por sombras repentinas. A ele seguiu-se um estrondo que estremeceu a sala inteira. Bonifazia murmurou súplicas à Virgem Maria e a vários santos. Tia Greysteel, igualmente assustada, teria ficado satisfeita com o mesmo refúgio, mas, como membro da comunhão da Igreja Anglicana, só pôde exclamar: "Deus meu!", "Minha nossa!" e "Deus me abençoe!", o que não lhe deu muito conforto.

- Flora, minha querida - chamou ela com voz um pouco trêmula -, espero que não esteja assustada. É uma tempestade terrível.

Flora foi até a janela, segurou a mão da tia e lhe disse que com certeza logo passaria. Outro raio iluminou a cidade. Flora soltou a mão da tia, abriu a janela e saiu impulsivamente na sacada.

- Flora! - exclamou tia Greysteel.

Ela se inclinava sobre a escuridão uivante, as mãos na balaustrada, totalmente alheia à chuva que lhe encharcava o vestido ou ao vento que lhe esvoaçava o cabelo.

- Minha querida! Flora! Flora! Saia da chuva!

Flora se virou e disse algo à tia, mas foi impossível ouvi-la.

Minichello juntou-se a ela na sacada e, com uma delicadeza surpreendente (embora sem abandonar por um instante seu inato desalento), conseguiu conduzi-la para dentro, usando suas mãos espalmadas e grandes para guiá-la, assim como pastores utilizam-se de barreiras para orientar ovelhas, - Não viram? - exclamou Flora. - Há alguém lá! Lá, na esquina! Sabem dizer quem é? Pensei que... - calou-se abruptamente; o que quer que tivesse pensado, não revelou.

- Bem, minha querida, espero que esteja equivocada. Apiedo-me de quem esteja na rua neste momento. Espero que encontrem abrigo o quanto antes. Oh, Flora! Está toda molhada!

Bonifazia trouxe toalhas e logo ela e tia Greysteel começaram a secar o vestido de Flora, fazendo-a girar várias vezes entre elas e às vezes tentando girá-la em direções opostas. Ao mesmo tempo ambas davam instruções urgentes a Minichello, tia Greysteel num italiano vacilante, porém insistente, e Bonifazia num rápido dialeto paduano. As instruções, assim como os volteios, talvez se contra dissessem, porque Minichello nada fez a não ser fitá-las com expressão sinistra.

Flora olhou para a rua por cima da cabeça inclinada das duas mulheres. Outro raio. Ela ficou tensa, como se tivesse sido eletrificada, a seguir se esquivou das garras da tia e da criada e saiu correndo da sala.

Não tiveram tempo de se perguntar para onde ela estava indo. A meia hora que se seguiu foi de um esforço doméstico titânico: de Minichello a tentar fechar as venezianas a despeito da tempestade; de Bonifazia a tatear na escuridão à procura de velas; de tia Greysteel a descobrir que a palavra em italiano que usara para dizer "veneziana" na verdade significava "pergaminho". Cada um deles, sucessivamente, foi perdendo a paciência. Tampouco tia Greysteel sentiu que a situação melhorou

quando todos os sinos da cidade começaram a badalar ao mesmo tempo, em conformidade com a crença de que sinos (como objetos abençoados) podem dispersar tempestades e trovões (que, claro, são obras do demônio).

Ao menos a casa estava protegida, ou quase. Tia Greysteel deixou Bonifazia e Minichello concluindo o trabalho e, esquecendo-se de que vira Flora sair da sala, voltou para lá com uma vela para a sobrinha. Flora não estava lá, mas tia Greysteel notou que Minichello ainda não fechara as venezianas do cômodo.

Subiu a escada até o quarto da sobrinha: Flora também não estava lá. Tampouco na pequena sala de jantar ou no quarto de tia Greysteel, muito menos na outra sala de estar menor que às vezes usavam após o jantar. Inspecionou a seguir a cozinha, o vestíbulo e o quarto do jardineiro; ela não se encontrava em nenhum desses lugares.

Tia Greysteel começou a ficar realmente assustada. Uma vozinha cruel sussurrou-lhe ao ouvido que o misterioso destino da esposa de Jonathan Strange, qualquer que tivesse sido ele, começara com o repentino desaparecimento dela num tempo ruim.

"Mas era neve, e não chuva", disse a si mesma. Enquanto andava pela casa, à procura de Flora, repetia consigo: "Neve, e não chuva, Neve, e não chuva". Depois pensou: "Talvez ela estivesse na saleta o tempo todo. Estava muito escuro e Flora é muito quieta, talvez eu não a tenha notado".

Voltou ao quarto. Outro raio conferiu-lhe um aspecto inatural. As paredes tornaram-se brancas e espectrais; a mobília e outros objetos tornaram-se cinzentos, como se petrificados. Com um choque horrendo, tia Greysteel se deu conta de que de fato havia outra pessoa no quarto - uma mulher, mas não Flora... Uma mulher com um vestido preto e antiquado, parada com uma vela num castiçal, a fitá-la... Uma mulher cujo rosto se achava totalmente nas sombras, cujos traços ela não distinguia.

Um calafrio percorreu tia Greysteel.

Houve um relâmpago: depois uma escuridão absoluta, exceto pelas duas chamas de vela. Mas de algum modo a vela da mulher desconhecida parecia não iluminar nada. E, mais curioso ainda, o quarto dava a misteriosa impressão de estar maior; a mulher e a vela se achavam estranhamente distantes de tia Greysteel.

Tia Greysteel gritou:

- Quem está aí?

Não houve resposta.

"Claro", pensou, "ela é italiana. Devo lhe perguntar novamente em italiano. Talvez, na confusão da tempestade, tenha entrado na casa errada." Por mais que tentasse, porém, no momento não conseguia se lembrar de uma só palavra em italiano.

Outro relâmpago. Lá estava a mulher, parada como antes, olhando para tia Greysteel. "É o fantasma da esposa de Jonathan Strange!", pensou. Avançou um passo, e a mulher desconhecida também. De súbito, percepção e alívio sucederam-se em medidas iguais. "É um espelho! Oh! Que tolice! Que tolice! Temer meu próprio reflexo!" Sentiu-se tão aliviada que quase riu alto, mas em seguida se interrompeu. Não fora tolice ter se assustado, de forma alguma. Até aquele momento nunca existira um espelho naquele canto.

O relâmpago seguinte mostrou-lhe o espelho. Era feio e demasiado grande para o quarto; ela estava certa de jamais tê-lo visto antes.

Saiu correndo do quarto. Sentia que conseguiria pensar com mais clareza longe da visão daquele espelho sinistro. Encontrava-se a meio caminho escada acima quando ruídos que pareciam provir do quarto de Flora fizeram-na abrir a porta e espiar em seu interior.

Lá estava Flora. Acendera as velas que haviam deixado para ela e tirava o vestido por sobre a cabeça. Ele estava encharcado. A anágua e as meias encontravam-se na mesma condição. Os sapatos haviam sido largados no soalho ao lado da cama; estavam ensopados e danificados pela chuva.

Flora olhou para a tia com uma expressão em que se misturavam culpa, constrangimento, desafio e várias outras coisas mais difíceis de ser interpretadas.

- Nada! Nada! - bradou.



Esta, possivelmente, era a resposta a alguma pergunta que esperava que a tia lhe fizesse, mas tia Greysteel limitou-se a dizer:

- Oh, minha querida! Onde esteve? O que a levou a sair com um tempo deste?

- Eu... Eu fui comprar seda de bordadura. - tia Greysteel deve ter feito uma expressão de desmesurado espanto, porque Flora acrescentou, sem convicção: - Achei que a chuva não duraria tanto.

- Bem, minha querida, devo dizer que agiu com muita insensatez, mas deve ter ficado assustadíssima! Foi isso que a fez chorar?

- Chorar?! Não, não! Engana-se, tia. Não andei chorando. É a chuva, apenas isso.

- Mas está... - Tia Greysteel se interrompeu. Pretendia dizer está chorando agora, porém Flora abanou a cabeça dizendo que não e olhou para o outro lado. Por algum motivo enrolara o xale como um fardo e tia Greysteel não pôde deixar de pensar que, se não tivesse feito isso, o xale a teria protegido um pouco da chuva e ela não estaria tão molhada como agora. Do fardo ela retirou um frasco cheio pela metade de um líquido de cor âmbar. Abriu uma gaveta e nela guardou o frasco. - Flora! Algo muito peculiar ocorreu. Não sei exatamente como lhe dizer, mas há um espelho...

- Sim, eu sei - apressou-se Flora a dizer. - É meu.

- Seu!? - Tia Greysteel ficou ainda mais perplexa. Um silêncio se instalou por alguns segundos. - Onde o adquiriu? - perguntou. Foi só o que lhe ocorreu dizer.

- Não me lembro ao certo. Deve ter sido entregue agora há pouco.

- Mas com certeza ninguém entregaria nada no meio de uma tempestade! E, mesmo que alguém fosse tolo a esse ponto, teria batido à porta, e não entregue dessa forma estranha e secreta.

Diante de argumento tão razoável, Flora não retrucou.

Tia Greysteel não lamentou desistir do assunto. Já estava farta de tempestades, sustos e espelhos inesperados. Como o problema de por que o espelho aparecera estava agora resolvido, por ora, deixava de lado o problema de como aparecera. Satisfez-se em retomar assuntos mais reconfortantes como o vestido e os sapatos de Flora, a possibilidade de ela pegar um resfriado, a necessidade de Flora se enxugar imediatamente, de vestir o roupão, de sentar-se junto à lareira da sala de estar e de comer algo quente.

Quando estavam sentadas novamente na sala de estar, tia Greysteel disse: - Veja! A tempestade quase passou. Parece estar se dirigindo à costa. Que estranho!

Pensei que tivesse vindo daquela direção. Imagino que sua seda de bordadura se estragou na chuva, junto com tudo o mais.

- Seda de bordadura? - replicou Flora. A seguir, lembrando-se: - Ah! Não cheguei a ir à loja. Era, como diz a senhora, uma empreitada tola.

- Bem, poderemos sair mais tarde e comprar tudo de que precisa. Sinto muita pena do pobre pessoal do mercado! Tudo o que estava nas barracas vai se estragar. Bonifazia está lhe preparando o mingau, minha querida. Será que a avisei para usar o leite novo?

- Não me lembro, tia.

- É melhor que eu vá mencioná-lo.

- Posso ir, tia - disse Flora, sugerindo se levantar.

Mas a tia não lhe deu ouvidos. Flora deveria ficar exatamente onde estava, ao lado da lareira, com os pés apoiados no supedâneo.

Pouco a pouco o dia foi se tornando mais claro. Antes de ir à cozinha, tia Greysteel examinou o espelho. Era bastante grande e ornamentado; o tipo de espelho, de fato, produzido na ilha de Murano, na lagoa veneziana.

- Flora, confesso-me surpreendida de que aprecie este espelho. Tem tantos arabescos, floreios e flores de vidro. Em geral prefere coisas simples.

Flora suspirou e disse que imaginava haver adquirido um gosto por peças suntuosas e trabalhadas desde que chegaram à Itália.

- Foi caro? - perguntou tia Greysteel. - Parece caro.

- Não, nem um pouco.

- Bem, já é alguma coisa, não é?

Tia Greysteel desceu a escada que levava à cozinha. Sentia-se bastante restabelecida e confiava que a série de choques e sustos de que a manhã parecia

ter sido composta agora chegara ao fim. Quanto a isso, porém, estava muito enganada.

Em pé na cozinha com Bonifazia e Minichello havia dois homens que ela não conhecia. Bonifazia aparentemente não começara a preparar o mingau de Flora. Nem sequer havia tirado a aveia e o leite da despensa.

Assim que pôs os olhos em tia Greysteel, Bonifazia lhe pegou no braço e despejou sobre ela uma torrente de palavras paduanas impacientes. Falava da tempestade, isso estava claro, dizia que era o mal, mas afora isso tia Greysteel compreendeu muito pouco. Para sua total perplexidade, foi Minichello que a ajudou a entender. Numa imitação bem razoável do idioma inglês, ele disse:

- O mago inglês faz isso. O mago inglês faz a tempesta.

- Como disse?

Com freqüentes interrupções de Bonifazia e dos dois homens, Minichello a informou de que, em meio à tempestade, várias pessoas olharam para o alto e viram uma fenda nas nuvens negras. Mas o que viram através da fenda as deixou pasmas e aterrorizadas; não fora o claro azul-celeste que esperavam, mas um céu negro da meia-noite cheio de estrelas. A tempestade de maneira alguma fora natural; fora criada a fim de ocultar a aproximação do Pilar da Escuridão de Strange.

Essa notícia logo se espalhou pela cidade, perturbando em extremo seus cidadãos. Até então, o Pilar de Escuridão fora um horror limitado a Veneza, a qual parecia, ao menos para os paduanos, um cenário natural para horrores. Agora estava claro que Strange permanecera em Veneza por escolha e não por encantamento. Qualquer cidade na Itália, qualquer cidade no mundo, poderia ser visitada de repente pela Escuridão Eterna. Isso já era bem ruim, mas para tia Greysteel era ainda pior; a todo o temor a Strange acrescentava-se a incômoda convicção de que Flora mentira. Ponderou se o mais provável é que a sobrinha tivesse mentido por estar sob a influência de um encantamento ou se porque a ligação com Strange lhe debilitara os princípios. Não sabia o que seria pior.

Escreveu ao irmão em Veneza, pedindo-lhe que fosse até lá. Enquanto isso, resolveu nada dizer. Durante o restante do dia, observou Flora atentamente. A sobrinha comportava-se como sempre, exceto que por vezes parecia haver nela vestígios de arrependimento em relação à tia, onde vestígio algum deveria haver.

À uma hora do dia seguinte - horas antes de a carta de tia Greysteel possivelmente ter-lhe alcançado -, o Dr. Greysteel chegou com Frank de Veneza. Contaram a ela que em Veneza não fora segredo Strange ter deixado a paróquia de Santa Maria Zobenigo e seguido para terra firme. O Pilar da Escuridão fora visto movendo-se sobre o mar de inúmeras partes da cidade. A superfície do pilar bruxuleava e disparava torvelinhos e espirais de escuridão, de maneira que dava a impressão de ser feito de chamas negras. Não se sabia como Strange conseguira atravessar a água, se tinha viajado de barco ou se sua passagem fora meramente mágica. A tempestade com a qual procurara ocultar sua aproximação não fora invocada antes de ele chegar a Strà, a cerca de catorze quilômetros de Pádua.

- Digo-lhe, Louisa - observou o Dr. Greysteel-, eu agora não faria com ele qualquer tipo de consideração. Todos fugiram à aproximação dele. De Mestre a Strà, ele não deve ter visto nenhuma criatura viva, nada a não ser ruas silenciosas e campos abandonados. De hoje em diante, o mundo tornou-se um lugar deserto para ele.

Momentos antes, tia Greysteel pensara em Strange com sentimentos não muito afetuosos, mas o retrato que o irmão lhe pintara era tão chocante que lágrimas afloraram-lhe aos olhos.

- E onde está ele agora? - perguntou, com voz amolecida.

- Retornou a suas dependências em Santa Maria Zobenigo - respondeu o Dr. Greysteel. - Tudo voltou a ser como era. Logo que soubemos que tinha estado em Pádua, adivinhei-lhe o objetivo. Viemos tão logo pudemos. Como está Flora?

Flora estava na sala de estar. Esperava o pai - com efeito, pareceu aliviada com o fato de o encontro afinal se realizar. O Dr. Greysteel mal fizera uma primeira pergunta e ela irrompeu numa confissão. Era a libertação de um coração sobrecarregado. Derramou lágrimas em abundância e admitiu que vira

Strange. Vira-o na rua lá embaixo, teve certeza de que ele a esperava e por isso saiu correndo da casa para encontrá-lo.

- Vou lhe contar tudo, prometo - disse. - Mas ainda não. Nada fiz de errado. Quero dizer... - corou - à parte as mentiras que disse à tia, pelas quais me desculpo. Mas não posso revelar segredos que não são meus.

- Mas por que existem tais segredos, Flora? - perguntou o pai. - Isso por si só já não lhe indica que algo não vai bem? Pessoas com intenções honestas não mantêm segredos. Agem com franqueza.

- Creio que sim... Ah, mas isso não se aplica a magos! Mister Strange tem inimigos, aquele velho terrível em Londres, além de outros! Mas o senhor não deve me repreender por agir de modo incorreto. Esforcei-me muitíssimo para agir com correção e acredito que o fiz! Veja, existe um tipo de magia que ele andou praticando e que o está destruindo... E ontem tentei convencê-lo a desistir dele! Ele me prometeu abandoná-lo por completo.

- Mas, Flora! - exclamou o pai com tristeza. - Isso me aflige mais do que todo o resto. O fato de que se vê no direito de arrancar promessas dele é algo que requer explicação. Decerto entende isso, não? Minha querida, está comprometida com ele?

- Não, papai! - Outra explosão de choro. Foi necessário muito carinho da tia para que ela recobrasse uma calma razoável. Quando voltou a ser capaz de falar, disse: - Não existe compromisso. É verdade que me senti bastante ligada a ele uma vez. Mas já passou e acabou. Não duvide de mim quanto a isso! Foi em nome da amizade que pedi que ele me promettesse. E em nome de sua esposa. Ele pensa que está fazendo por ela, mas sei que ela não gostaria que ele praticasse uma magia tão destruidora de sua saúde e de sua razão... Qualquer que seja o propósito, por mais desesperadoras que sejam as circunstâncias! Ela não pode mais guiar-lhe as ações, por isso coube a mim falar em nome dela.

O Dr. Greysteel permaneceu em silêncio.

- Flora - disse ele após um ou dois minutos -, esquece-se, minha querida, de que o vi muitas vezes em Veneza. Ele não está em condições de cumprir promessas.

Nem sequer se lembrará da promessa que lhe fez.

- Ah, mas se lembrará! Tomei providências para isso!

Um novo acesso de choro pareceu mostrar que ela não se encontrava tão liberta do amor como afirmara. Porém disse o bastante para tranquilizar um pouco mais o pai e a tia. Convenceram-se de que a ligação dela com Jonathan Strange chegaria a um fim natural cedo ou tarde. Como falou tia Greysteel mais tarde nessa noite, Flora não era o tipo de moça que passa anos desejando ardentemente um amor impossível; era uma criatura bastante racional.

Agora que estavam reunidos outra vez, o Dr. Greysteel e tia Greysteel ansiavam continuar viajando. Tia Greysteel queria ir a Roma para ver os prédios e os artefatos antigos que diziam ser extraordinários. Mas Flora já não se interessava por ruínas e obras de arte. Sentia-se mais feliz, disse, onde estava. Na maior parte do tempo nem sequer saía da casa, a não ser que forçada a isso. Quando lhe propunham um passeio ou a visita a uma igreja com retábulo renascentista, ela se recusava a acompanhá-los. Queixava-se de que chovia ou de que as ruas estavam molhadas, o que era verdade; chovia bastante em Pádua nesse inverno, mas a chuva jamais a incomodara antes.

A tia e o pai mostravam-se pacientes, embora o Dr. Greysteel, em especial, achasse a situação um pouco difícil. Não fora à Itália para ficar fechado num apartamento cujo tamanho era a metade dos cômodos de sua confortável casa no condado de Wilt. De maneira reservada, queixava-se de que era perfeitamente possível ler romances ou bordar no condado de Wilt (agora as ocupações preferidas de Flora) e também muito mais barato, mas tia Greysteel o repreendia e o fazia se calar. Se era dessa maneira que Flora pretendia sofrer por Jonathan Strange, então deveriam deixá-la.

Flora chegou a propor uma excursão, mas de um tipo muito singular. Depois de fazer uma semana que o Dr. Greysteel se encontrava em Pádua, ela anunciou sua enorme vontade de estar no mar.

Referia-se ela a uma viagem por mar? Perguntaram-lhe. Não havia por que não irem a Roma ou a Nápoles por mar.

Mas ela não se referia a uma viagem por mar. Não desejava sair de Pádua. Não, ela apenas gostaria de passear num iate ou em algum tipo de barco. Só por umas duas horas, talvez menos. Mas gostaria de ir o mais rápido possível. No dia seguinte, dirigiram-se a uma pequena aldeia de pescadores.

A aldeia não tinha nenhum atrativo especial, nem de localização, panorama, arquitetura ou história - de fato, afora sua proximidade de Pádua, muito pouco a recomendava. O Dr. Greysteel pediu informações na pequena loja de vinhos e na casa do padre, até que soube de dois sujeitos sérios que se dispunham a levá-los ao mar. Os homens não fizeram objeção a aceitar o dinheiro do Dr. Greysteel, mas viram-se na obrigação de salientar que nada havia ali para ver; tampouco com tempo bom. E nem um tempo bom fazia; chovia, o bastante para transformar uma excursão na água em algo extremamente desconfortável, mas não o bastante para dispersar o denso nevoeiro cinzento.

- Tem certeza, minha querida, de que é o que quer? - perguntou tia Greysteel. - É um lugar desolador, e o barco exala um forte cheiro de peixe.

- Certeza absoluta, tia - respondeu Flora, entrando no barco e se instalando numa extremidade. A tia e o pai a seguiram. Os pescadores, perplexos, remaram até um ponto em que tudo o que se via em qualquer direção era uma massa móvel de água cinzenta confinada por paredes de neblina cinzenta e opaca. Os pescadores olharam expectantes para o Dr. Greysteel. Ele, por seu turno, olhou de maneira inquisitiva para Flora.

Flora não fazia caso deles. Sentada, apoiava-se na lateral do barco, pensativa, o braço direito estendido sobre a água.

- Outra vez! - exclamou o Dr. Greysteel.

- Outra vez o quê? - indagou tia Greysteel com irritação.

- O cheiro de gatos e mofo! Um cheiro igual ao do quarto daquela velha. A que visitamos em Cannaregio. Há algum gato a bordo?

A pergunta era absurda. Cada parte do barco era visível a todos os presentes. Não havia gato nenhum.

- Alguma coisa errada, minha querida? - perguntou tia Greysteel. Algo na atitude de Flora a inquietava um pouco. - Sente-se indisposta?

- Não, tia - disse Flora, endireitando-se e ajustando o guarda-chuva. Estou bem. Podemos voltar agora, se quiserem.

Por um instante tia Greysteel viu um pequeno frasco flutuar nas ondas, um pequeno frasco sem rolha. Depois ele afundou e desapareceu.

Essa peculiar excursão foi a última vez que, em muitas semanas, Flora demonstrou algum interesse em sair. De quando em quando a tia tentava convencê-la a se sentar numa cadeira à janela, para ver o que se passava na rua. Numa rua italiana, com freqüência ocorre algo divertido. Mas Flora estava extremamente apegada a uma cadeira situada num canto escuro, debaixo do espelho sinistro; e adquirira o hábito singular de comparar a imagem da sala refletida no espelho com a sala como ela realmente era. Às vezes, por exemplo, de repente se interessava por um xale deixado sobre uma cadeira, olhava para o reflexo dele no espelho e dizia:

- Este xale parece diferente no espelho.

- Parece? - retrucava tia Greysteel, intrigada.

- Sim. Parece marrom no espelho, quando na verdade é azul. Não acha?

- Bem, minha querida, decerto tem razão, mas para mim parece igual.

- Não - dizia Flora, suspirando -, a senhora tem razão.

61. Árvore fala com pedra; pedra fala com água

Janeiro - fevereiro de 1817

Quando Mr. Norrell destruiu o livro de Strange, a opinião pública inglesa voltou-se imensamente contra ele e totalmente a favor de Strange. Fizeram-se comparações públicas e privadas entre os dois magos. Enquanto Strange era franco, corajoso e enérgico, o sigilo parecia ser o princípio e o fim do caráter de Mr. Norrell. Tampouco se esqueceu de que, enquanto Strange estivera na península Ibérica a serviço da nação, Norrell comprara todos os livros de magia da biblioteca do Duque de Roxburghe para que ninguém os lesse. Mas em meados de janeiro os jornais publicaram notícias sobre a loucura de Strange, descrições da Torre Negra e conjecturas sobre a magia que o retinha lá. Um inglês chamado Lister estivera em Mestre, na costa italiana, no dia em que Strange saíra de Veneza para Pádua. Mr. Lister testemunhara a passagem do Pilar da Escuridão sobre o mar e enviara um relato à Inglaterra; três semanas mais tarde, apareceram notícias em vários jornais londrinos de que o pilar deslizava silenciosamente na superfície das águas. No espaço de breves meses, Strange tornou-se um símbolo de horror para seus conterrâneos: uma criatura amaldiçoada, com nada de humano.

Mas a repentina queda em desgraça de Strange pouco fez para beneficiar Mr. Norrell. Ele não recebeu novas incumbências do governo e, pior ainda, incumbências de outras fontes foram canceladas. No início de janeiro, o deão da catedral St. Paul indagou se Mr. Norrell teria como descobrir o local de sepultamento de uma jovem. O irmão da moça queria erigir um novo monumento para todos os membros da família. Isso acarretava, necessariamente, remover o caixão da jovem, mas o deão e o cabido ficaram desconcertados em extremo ao descobrirem que o local do sepultamento fora escrito de forma incorreta, e agora não sabiam onde ela estava sepultada. Mr. Norrell garantiu-lhe que encontrá-la seria a coisa mais fácil do mundo. Assim que o deão lhe informasse o nome da jovem e outros detalhes, ele faria a magia. O deão, porém, não enviou o nome a Mr. Norrell. Em vez disso, remeteu uma carta escrita de modo bastante canhestro na qual apresentava várias escusas

complexas e declarava que recentemente ficara chocado com a inadequação do emprego de magos por parte de clérigos.

Lascelles e Norrell convieram em que a situação era preocupante.

- Será difícil sustentar a restauração da magia inglesa se nenhuma nova magia vier a ser feita - disse Lascelles. - Numa crise como esta, é impreterível que sem cessar levemos a público seu nome e suas realizações.

Lascelles escreveu artigos para os jornais e criticou Strange em todos os periódicos de magia. Aproveitou o ensejo para também reavaliar a magia feita por Mr. Norrell nos últimos dez anos e sugeriu melhorias. Concluiu que ele e Mr. Norrell deveriam ir a Brighton, no sul, para averiguar a muralha de encantamentos que Mr. Norrell e Jonathan Strange haviam lançado em torno da costa da Grã-Bretanha. Ela ocupara a maior parte do tempo de Mr. Norrell nos últimos dois anos e custara ao governo uma enorme soma de dinheiro.

Assim, num dia especialmente glacial e ventoso de fevereiro, os dois, lado a lado, contemplavam a vasta e monótona extensão de mar cinzento a sua frente.

- É invisível - disse Lascelles.

- Sim, invisível! - concordou Mr. Norrell com impaciência. - Mas nem por isso menos eficiente! Protegerá os paredões rochosos contra a erosão, as moradias contra as tempestades, os animais de criação não serão arrastados pelas águas, e emborcará qualquer inimigo da Grã-Bretanha que aqui tente desembarcar.

- Mas o senhor não poderia ter colocado faróis a intervalos regulares, para lembrar as pessoas da presença da muralha mágica? Chamas ardentes que pairassem misteriosamente na superfície da água? Pilares formados com água do mar? Algo assim?

- Ah - exclamou Mr. Norrell -, sem dúvida! Eu poderia ter criado essas ilusões mágicas que o senhor menciona. Não são nem um pouco difíceis, mas deve entender que seriam meramente ornamentais. Não fortaleceriam de forma alguma a magia. Não teriam efeito prático.

- O efeito delas - replicou Lascelles, ríspido - seria atuar como um lembrete constante das obras do grande Mister Norrell a todos que as contemplassem. Permitiriam que o povo britânico soubesse que o senhor ainda é o defensor da nação, um eterno vigilante a zelar pelos britânicos enquanto eles se ocupam do seu dia-a-dia. Essas ilusões mágicas valeriam dez, vinte artigos nas publicações.

- Mesmo? - disse Mr. Norrell. E prometeu que no futuro sempre teria em mente a necessidade de fazer magia para estimular a imaginação das pessoas.

Depois de um pernoite na taverna Old Ship, na manhã seguinte retornaram a Londres. Em geral, Mr. Norrell detestava viagens longas. Embora sua carruagem fosse um exemplo superior da arte da fabricação de carruagens no tocante a molas de ferro e assentos de enchimento grosso, ainda assim ele sentia todos os solavancos e depressões da estrada. Após cerca de meia hora, começava a sofrer de dores nas costas, dor de cabeça e enjoos. Nessa manhã em particular, porém, não pensou nem um pouco em suas costas ou em seu estômago. Desde que deixara a Old Ship, encontrava-se num curioso estado de nervosismo, acossado por idéias inesperadas e temores imprecisos.

Através da janela de vidro da carruagem, viu quantidades enormes de pássaros pretos grandes - se corvos ou gralhas não sabia, mas seu íntimo de mago estava seguro de que significavam alguma coisa. Contra o céu pálido invernal, as aves giravam e rodopiavam, estendendo as asas como mãos negras; e no que assim faziam cada uma se transformava na corporificação viva do Corvo em Vôo: a bandeira de John Uskglass. Mr. Norrell perguntou se Lascelles achava que havia um maior número de aves do que o habitual, mas Lascelles respondeu que não sabia. Depois das aves, a próxima coisa a assediar a imaginação de Mr. Norrell foram as extensas poças d'água espalhadas densamente por todos os campos. À medida que a carruagem seguia pela estrada, cada poça se transformava num espelho de prata voltado para o céu vazio invernal. Para um mago, pouca diferença há entre um espelho e uma porta. A Inglaterra parecia se diluir diante de seus olhos. Era como se pudesse atravessar qualquer um dos espelhos-portas e dar consigo em outros mundos que no passado faziam fronteira com a Inglaterra. Pior ainda, começava a pensar que outras pessoas poderiam fazê-lo. A paisagem de Sussex começara a parecer perturbadoramente semelhante à Inglaterra descrita na antiga balada:

Esta terra é rasa em demasia.

Está pintada no céu.

E treme como a chuva que o vento arre pia.

Quando o Rei Corvo por ela passa.

Pela primeira vez na vida, Mr. Norrell começou a sentir que talvez houvesse magia em excesso na Inglaterra.

Quando chegaram à Praça Hanover, Mr. Norrell e Lascelles foram imediatamente para a biblioteca. Childermass estava lá, sentado a uma escrivaninha. Com uma pilha de cartas diante de si, lia uma delas. Ergueu o olhar quando Mr. Norrell entrou no cômodo.

- Que bom! O senhor está de volta! Leia isto.

- O quê? O que é?

- É de um homem chamado Traquair. Um rapaz no condado de Nottingham salvou a vida de uma menina por meio de magia e Traquair o testemunhou.

- Ora essa Mister Childermass! - exclamou Lascelles, suspirando. Pensei que soubesse que não deve incomodar o patrão com tolices como essas.

- Olhou para a pilha de cartas abertas; numa delas havia um enorme selo que estampava o brasão de alguém. Fitou-a por instantes e, ao perceber que conhecia bem o brasão, arrebatou-a. - Mister Norrell - bradou. - Lorde Liverpool nos convoca!

- Finalmente! - exclamou Mr. Norrell. - O que diz ele?

Lascelles leu a carta por um momento.

- Apenas nos pede que façamos o favor de ir à Fife House para tratar de um assunto de extrema urgência! - Refletiu com rapidez. - Provavelmente são os johanitas. Liverpool deveria ter solicitado sua ajuda anos atrás para lidar com os johanitas. Alegra-me que por fim se dê conta disso. E quanto ao senhor - disse, dirigindo-se a Childermass -, endoideceu? Ou está agindo de acordo com seus próprios planos? Tagarelado sobre falsas alegações de magia enquanto uma carta do primeiro-ministro da Inglaterra fica negligenciada sobre a escrivaninha!

- Lorde Liverpool pode esperar - replicou Childermass a Mr. Norrell. Acredite em mim quando digo que o senhor precisa conhecer o conteúdo desta carta!

Lascelles emitiu um bufo de irritação.

Mr. Norrell olhava ora para um, ora para outro. Estava perplexo. Durante anos tinha se acostumado a confiar em ambos, e as brigas entre eles (cada vez mais freqüentes) o enervavam de todo. Poderia ter ficado ali, incapaz de escolher entre os dois, por algum tempo, se Childermass não resolvesse o problema pegando-o pelo braço e empurrando-o para dentro de uma pequena ante-sala apainelada fora da biblioteca. Childermass fechou a porta com uma batida e se encostou nela.

- Escute-me. A magia ocorreu numa casa ilustre do condado de Nottingham. Os adultos conversavam na sala; os criados trabalhavam e uma menininha foi sozinha para o jardim. Ela subiu num muro que se limita com a horta e começou a andar em cima dele. Mas o muro estava coberto de geada, ela escorregou e caiu sobre o telhado de uma estufa de plantas. O vidro se quebrou e penetrou-lhe em várias partes do corpo. Um criado ouviu seus gritos. O médico mais próximo ficava a mais de quinze quilômetros. Uma pessoa do grupo, um jovem chamado Joseph Abney, salvou-a por meio de magia. Arrancou-lhe os cacos de vidro e restabeleceu os ossos quebrados com a Restauração e a Retificação de Martin Pale, e estancou o jorro de sangue usando um encantamento que ele afirmou ser a Mão de Teilo.

- Ridículo! - afirmou Mr. Norrell. - Mão de Teilo perdeu-se há centenas de anos e Restauração e Retificação de Pale é um procedimento deveras difícil. Esse rapaz teria de ter estudado por anos a fio...

- Sim, eu sei... E ele admite que jamais estudou. Mal conhecia o nome dos encantamentos, quanto mais sua execução. Contudo, Traquair disse que ele realizou os encantamentos fluentemente, sem hesitação. Traquair e outras pessoas presentes falaram com ele e lhe perguntaram o que estava fazendo, porque o pai da menina ficou muito assustado ao ver Abney fazer magia com ela, mas, tanto quanto podem dizer Abney não os ouviu. Quando terminou, era como um homem saindo de um sonho. Tudo o que disse foi: "Árvore fala com pedra; pedra fala com água". Parecia crer que as árvores e o céu lhe disseram o que fazer.

- Baboseira mística!

- Talvez. Mas não penso assim. Desde que viemos para Londres, venho lendo centenas de cartas de pessoas que pensam poder realizar magia e estão enganadas. Esse caso é diferente. É verdadeiro. Eu apostaria meu dinheiro nele. Ademais, há outras cartas aqui de pessoas que tentaram encantamentos e... Obtiveram resultado. O que não entendo é...

Nesse momento, porém, a porta na qual Childermass se encostara foi submetida a estrondos e abalos. Um golpe a atingiu e Childermass foi lançado para longe dela e contra Mr. Norrell. A porta se abriu, revelando Lucas e, atrás dele, Davey, o cocheiro.

- Oh! - fez Lucas, um tanto surpreso. - Queira me desculpar, senhor.

Não sabia que estava aí. Mister Lascelles disse que a porta estava fechada e emperrada, e Davey e eu tentávamos desobstruí-la. A carruagem está preparada, senhor, para levá-lo à casa de Lorde Liverpool.

- Vamos, Mister Norrell! – Chamou Lascelles de dentro da biblioteca. -Lorde Liverpool está esperando.

Mr. Norrell lançou um olhar preocupado para Childermass e saiu.

A viagem até Fife House não foi agradável para Mr. Norrell: Lascelles estava cheio de ressentimentos contra Childermass e não perdeu tempo em dar vazão a eles.

- Perdoe-me pelo que vou falar Mister Norrell - disse -, mas o senhor é o único responsável. Às vezes parece sensato dar a um criado inteligente certo grau de independência, mas no fim sempre vem o arrependimento. Aquele patife tornou-se de tal forma insolente que não mais se importa em contradizer o senhor ou insultar seus amigos. Meu pai castigava homens por menos, por muito menos. Garanto-lhe. E eu gostaria, ah! Como gostaria de... - Lascelles se contorceu e se remexeu, atirando-se de volta às almofadas. Dali a pouco disse, num tom mais calmo: - Aconselho-o a refletir, senhor, sobre se a necessidade que tem dele é de fato tão grande como pensa. Até que ponto não simpatiza ele com Strange? Sim, esta é a pergunta que se impõe, não? - Olhou pela janela os prédios cinzentos e tristes. - Chegamos. Mister Norrell, peço-lhe que se lembre do que eu lhe disse. Quaisquer que sejam as dificuldades da magia de que Sua Excelência necessite, não discorra longamente sobre ela. Uma extensa explanação não as tornará menos difícil.

Mr. Norrell e Lascelles encontraram Lorde Liverpool no escritório, de pé ao lado da mesa onde conduzia grande parte de suas atividades. Com ele estava Lorde Sidmouth, o ministro do Interior. Fitaram Mr. Norrell com ar sério. Lorde Liverpool disse:

- Tenho aqui cartas dos lordes-tenentes dos condados de Lincoln e York, de Somerset, Cornualha, do condado de Warwick e Cúmbria... - Lascelles mal conseguiu se abster de soltar um suspiro de prazer com a magia e o dinheiro que pareciam estar a caminho - ... Todos queixando-se da magia que recentemente ocorreu nesses condados!

Mr. Norrell piscou os olhinhos rapidamente.

- Como disse?

Lascelles apressou-se a dizer:

- Mister Norrell nada sabe sobre a magia feita nesses lugares.

Lorde Liverpool lançou-lhe um olhar impassível, como se não acreditasse nele. Havia uma pilha de papéis na escrivaninha. Lorde Liverpool pegou um a esmo.

- Quatro dias atrás, na cidade de Stamford - disse -, uma jovem quacre e uma amiga estavam contando segredos uma à outra. Ouviram um ruído e descobriram que seus irmãos mais novos escutavam atrás da porta. Cheias de indignação, perseguiram os meninos até o jardim. Lá, de mãos dadas, as duas recitaram um feitiço. As orelhas dos meninos saltaram da cabeça deles e fugiram. Só depois de os meninos jurarem solenemente nunca mais repetirem o que fizeram, as orelhas puderam ser persuadidas a sair da roseira, onde haviam pousado, e voltar para a cabeça deles.

Mr. Norrell estava mais perplexo do que nunca.

- Lamento, evidentemente, que jovens mal comportadas como essas tenham estudado magia. Que membros do sexo feminino cheguem a estudar magia é, devo dizer, algo a que me oponho com firmeza. Mas não entendo bem..

- Mister Norrell - disse Lorde Liverpool-, essas jovens têm treze anos. Seus pais afirmam categoricamente que elas jamais viram um texto de magia. Não existem magos em Stamford, nenhum tipo de livro de magia.

Mr. Norrell abriu a boca para dizer alguma coisa, deu-se conta de que não sabia como reagir e permaneceu em silêncio. Lascelles disse:

- Isso é muito bizarro. Que explicação as jovens deram?

- Contaram aos pais que, ao olharem para o chão, viram o encantamento escrito no caminho de seixos cinzentos. Falaram que as pedras lhes disseram o que fazer. Desde então outras pessoas examinaram os seixos; de fato existem seixos cinzentos, mas não formam nenhum símbolo, nenhuma escrita mística. São seixos cinzentos comuns.

- E Vossa Excelência afirma ter havido outras ocorrências de magia, em outros lugares além de Stamford? - Indagou Mr. Norrell.

- Muitas outras ocorrências e em muitos outros lugares, grande parte, mas não só, no norte, e quase todas nas duas últimas semanas. Dezesete estradas encantadas se abriram no condado de York. Claro que essas estradas existem desde o reino do Rei Corvo, mas fazia séculos que não levavam a parte alguma e os

moradores dessas regiões deixaram que o mato tomasse conta delas. Agora, de repente, voltaram a ser transitáveis. O mato desapareceu e os moradores afirmam poder ver estranhos destinos no fim delas, lugares que ninguém jamais viu antes.

- E alguém...? - Mr. Norrell se interrompeu, passando a língua pelos lábios. - E alguém seguiu pelas estradas?

- Ainda não - respondeu Lorde Liverpool. - Mas talvez seja só uma questão de tempo.

Lorde Sidmouth estava impaciente para falar.

- Isto é o pior de tudo! - afirmou ele com veemência. - Mister Norrell, uma coisa é transformar a Espanha por meio de magia, mas estamos na Inglaterra! De uma hora para outra abrimos fronteiras com lugares de que ninguém conhece... Lugares de que ninguém ouviu falar! Mal posso descrever meus sentimentos neste momento crítico. Não é o de traição exatamente... Creio nem mesmo existir um nome para o que o senhor fez!

- Mas não fui eu quem fez! - replicou Mr. Norrell em tom de desespero. - Por que o faria? Detesto estradas encantadas! Declarei isso em várias ocasiões. - Dirigiu-se a Lorde Liverpool. - Apelo à memória de Vossa Excelência. Alguma vez lhe dei motivo para supor que aprovo seres mágicos ou a magia deles? Não os critiquei e condenei sempre?

Essa foi a primeira coisa dita por Mr. Norrell que pareceu de alguma forma abrandar o primeiro-ministro. Ele abaixou de leve a cabeça.

- Mas se não é obra sua, de quem é então?

A pergunta pareceu tocar em um ponto particularmente vulnerável no íntimo de Mr. Norrell. Ele permaneceu imóvel, olhos fixos, a abrir e fechar a boca, incapaz de responder.

Lascelles, entretanto, estava no mais absoluto controle de si mesmo. Não fazia a menor idéia de quem fizera a magia, tampouco se importava. Mas sabia exatamente que resposta serviria melhor ao seu interesse e ao de Mr. Norrell.

- Sinceramente, surpreende-me que Vossa Excelência tenha sentido necessidade de dirigir a nós essa pergunta - disse calmamente. - Decerto a crueldade da magia revela seu autor... é Strange.

- Strange! - exclamou Lorde Liverpool, pestanejando. - Mas Strange está em Veneza!

- Mister Norrell crê que Strange deixou de ser senhor de seus próprios desejos - disse Lascelles. - Ele realizou toda espécie de magias cruéis. Pactuou com criaturas inimigas da Grã-Bretanha, do cristianismo, da própria humanidade! Essa calamidade pode ser algum tipo de experimento fracassado dele. Ou algo que ele tenha feito de forma proposital. Creio ser apenas justo lembrar Vossa Excelência de que Mister Norrell alertou o governo, em inúmeras ocasiões, para o grande perigo que as pesquisas de Strange passaram a representar para a nação. Nós enviamos a Vossa Excelência mensagens urgentes, mas não obtivemos resposta. Felizmente, para todos nós, Mister Norrell continua o que sempre foi: firme, resoluto e vigilante. - Ao falar, Lascelles olhou para Mr. Norrell, que no momento era a própria imagem do desalento, da derrota e da impotência.

Lorde Liverpool dirigiu-se a Mr. Norrell:

- É o que o senhor também pensa?

Mr. Norrell estava absorto em pensamentos, a murmurar.

- Foi obra minha. Foi obra minha. - Embora falasse consigo mesmo, o fazia alto o bastante para todos na sala ouvirem.

Lascelles arregalou os olhos, mas logo recobrou o controle.

- É natural que o senhor sinta-se assim agora - apressou-se a dizer -, mas em breve perceberá que nada estava mais longe da verdade. Quando ensinou magia a Mister Strange, não podia saber que acabaria assim: Ninguém poderia.

Lorde Liverpool aparentou estar deveras irritado ante essa tentativa de colocar Mr. Norrell no papel de vítima. Durante anos e anos Mr. Norrell firmara-se como o

principal mago da Inglaterra e, se magia fora feita na Inglaterra, então Lorde Liverpool o considerava, no mínimo, em parte responsável.

- Pergunto-lhe mais uma vez, Mister Norrell. Por favor, responda-me claramente. O senhor pensa que isso foi feito por Strange?

Mr. Norrell olhou para um cavalheiro, depois para o outro.

- Sim - respondeu com voz assustada.

Lorde Liverpool o fitou longa e firmemente. A seguir, disse:

- O assunto não terminará aqui, Mister Norrell. Mas, seja obra de Strange ou não, uma coisa é evidente. A Grã-Bretanha já tem um rei louco; um mago louco seria ir além dos limites. O senhor reiteradas vezes nos solicitou missões. Pois bem, eis uma agora. Impeça seu discípulo de voltar para a Inglaterra!

- Mas... - começou Mr. Norrell. Depois percebeu o olhar de advertência de Lascelles e se calou.

Mr. Norrell e Lascelles voltaram à Praça Hanover. Mr. Norrell dirigiu-se, sem demora, à biblioteca. Childermass trabalhava à escrivaninha, como antes.

- Ande! - bradou Mr. Norrell. - Preciso de um encantamento que não dê resultados!

Childermass encolheu os ombros.

- Existem milhares deles. Chauntlucet; Rosa de Dédalo; as Damas Desnudas; a Vitrificação de Stokesey...

- Vitrificação de Stokesey! Sim! Tenho uma descrição deste!

Mr. Norrell correu até uma estante e de lá retirou um livro. Procurou uma página, localizou-a e olhou às pressas em redor do cômodo. Numa mesa ao lado da lareira havia um vaso com visco, hera, azevinho de frutos vermelhos e algumas ramagens de um arbusto com flores invernais. Ele fixou o olhar no vaso e começou a murmurar consigo mesmo.

Todas as sombras na biblioteca fizeram algo estranho, algo que não era fácil de descrever ou explicar. Foi como se elas se virassem e se voltassem para outro lado. Mesmo quando se aquietaram outra vez, Childermass e Lascelles teriam grande dificuldade em dizer se eram as mesmas sombras de antes ou não.

Algo caiu do vaso e se espatifou na mesa com um retinido.

Lascelles foi até a mesa e examinou o vaso. Um dos ramos do azevinho havia se transformado em vidro. O ramo de vidro se tornara pesado para o vaso e por isso tombara; duas ou três folhas de azevinho jaziam intactas na mesa.

- Fazia quase quatrocentos anos que este encantamento não dava resultado - comentou Mr. Norrell. - Watershippe o menciona em *O fenecimento de um bosque encantado* como um dos encantamentos que surtiam efeito em sua adolescência, mas que se tornaram totalmente ineficazes na época de seus vinte anos!

- Sua habilidade superior... - começou Lascelles.

- Minha habilidade superior nada tem a ver com ele! - retrucou Mr. Norrell. - Não posso fazer magia que não existe. A magia está retomando à Inglaterra. Strange encontrou uma forma de trazê-la de volta.

- Então eu tinha razão, não tinha? - disse Lascelles. - E nossa primeira tarefa é impedi-lo de voltar para a Inglaterra. Tenha êxito nisso e Lorde Liverpool perdoará muitas outras coisas.

Mr. Norrell meditou por um momento.

- Posso impedi-lo de chegar por mar - disse.

- Excelente! - exclamou Lascelles. Depois fez uma pausa, em virtude da maneira como Mr. Norrell fizera a última afirmação. - Bem, é pouco provável que ele venha de outro modo. Não pode voar! - Soltou uma leve risada diante da idéia. Depois lhe ocorreu outro pensamento. - Pode?

Childermass encolheu os ombros.

- Não sei do que Strange seria capaz a esta altura - disse Mr. Norrell. Mas não pensava nisso. Pensava nas estradas do Rei.

- Sempre acreditei que as estradas do Rei conduzissem ao Reino Encantado - disse Lascelles.

- Sim, conduzem. Mas não só ao Reino Encantado. As estradas do Rei conduzem a qualquer parte. Ao Céu. Ao Inferno. Às Câmaras do Parlamento... Foram construídas por meio da magia. Cada espelho, cada poça d'água, cada sombra na Inglaterra são um portão para essas estradas. Não posso bloquear todas. Ninguém pode. Seria uma tarefa insana! Se Strange vier pelas estradas do Rei, então nada conheço que o impeça.

- Mas... - começou Lascelles.

- Não posso impedi-lo! - bradou Mr. Norrell, torcendo as mãos. - Não me pergunte! Mas... - fez um grande esforço para se acalmar - ... posso estar preparado para recebê-lo. O maior mago desta era. Bem, em breve veremos, não?

- Se ele vier para a Inglaterra - disse Lascelles -, aonde irá primeiro?

- A Hurtfew Abbey - disse Childermass. - Aonde mais?

Mr. Norrell e Lascelles estavam prestes a lhe responder, quando Lucas entrou na biblioteca com uma bandeja de prata onde repousava uma carta. Estendeu-a para Lascelles. Lascelles rompeu o lacre e leu a carta rapidamente.

- Drawlight retornou - disse. - Esperem por mim aqui. Estarei de volta em um dia.

62. Fui até eles com um grito que quebrou o silêncio de uma floresta invernal

Início de fevereiro de 1817

Raiar de um dia de início de fevereiro: uma encruzilhada no meio de uma floresta. Entre as árvores, um espaço enevoado e indistinto, permeado pela escuridão. Nenhuma das duas estradas tinha importância. Estavam sulcadas e mal conservadas, uma delas não passava de um carreadouro. Um lugar remoto, não assinalado em mapa algum. Nem sequer tinha um nome.

Drawlight esperava na encruzilhada. Nenhum cavalo por perto, nenhum cavaliço com charrete ou carroça, nada que indicasse como ele ali chegara. Entretanto, estava evidentemente na encruzilhada havia algum tempo; a geada lhe esbranquiçava as mangas do casaco. Um estalido fraco às costas fê-lo girar. Mas nada havia ali: apenas a mesma extensão de árvores silenciosas.

- Não, não - murmurou consigo. - Não foi nada. Uma folha seca que caiu, só isso. - Um estrépito nítido soou como madeira ou pedra de gelo se partindo. Ele tornou a olhar, os olhos aturdidos pelo medo. - Foi apenas uma folha seca - murmurou.

Ouviu outro som. Por um momento ele entrou em pânico, sem saber de onde viera; até que o identificou: cascos de cavalo. Observou a estrada. Um borrão cinza e turvo revelou-se na névoa onde um cavalo e um cavaleiro se aproximavam.

- Ele finalmente chegou. Ele chegou - murmurou Drawlight e avançou às pressas. - Onde esteve? - gritou. - Faz horas que o espero aqui.

- E daí? - disse a voz de Lascelles. - Não tem nada mais a fazer.

- Ah, mas está enganado! Não poderia estar mais enganado, Precisa me levar a Londres o quanto antes!

- Tudo tem sua hora. - Lascelles emergiu da névoa e freou o cavalo. A roupa e o chapéu elegantes cobriam-se de contas prateadas de orvalho.

Drawlight o observou por um momento e, com um quê de seu antigo caráter, disse amuado:

- Está muito bem-vestido! Mas na verdade, sabe, não é muito sensato exhibir sua riqueza desta maneira. Não teme ladrões? Este lugar é horrendo. É provável que haja por perto toda espécie de sujeitos desesperados.

- Talvez tenha razão. Mas, veja, trago pistolas comigo, e estou tão desesperado como eles.

Um pensamento repentino ocorreu a Drawlight.

- Onde está o outro cavalo? - perguntou.

- Quê?

- O outro cavalo! O que me levará a Londres! Oh, Lascelles, seu pateta! Como irei a Londres sem cavalo?

Lascelles riu.

- Achei que teria prazer em evitá-lo. Suas dívidas podem ter sido salgadas, eu as saldei, mas Londres ainda está cheia de gente que o odeia e que lhe fará mal se tiver o ensejo.

Drawlight o olhou fixamente, como se não o entendesse. Com voz estridente e exaltada, bradou:

- Mas trago instruções do mago! Ele me incumbiu de mensagens que devo transmitir a um mundo de gente! Preciso começar imediatamente! Não posso me atrasar nem mesmo uma hora!

Lascelles franziu o cenho.

- Está bêbado? Está sonhando? Norrell não o encarregou de coisa alguma. Se tivesse tarefas para o senhor, eu as comunicaria, e ademais...

- Não Norrell. Strange!

Lascelles imobilizou-se sobre o cavalo. O animal se inquietou, se agitou, mas Lascelles não se mexeu. A seguir, com voz mais macia e ameaçadora, disse:

- Mas do que está falando? Strange? Como ousa falar de Strange comigo? Aconselho-o a refletir com muito cuidado antes de tornar a falar. Já estou seria mente aborrecido. As instruções que lhe foram dadas eram muito claras, creio. Deveria permanecer em Veneza até a partida de Strange. Mas o senhor está aqui. E ele está lá.

- Não consegui evitar! Tive de partir! O senhor não entende. Eu o vi e ele me disse...

Lascelles ergueu a mão.

- Eu não pretendo manter esta conversa num descampado. Vamos mais adiante, entre as árvores.

- Entre as árvores! - O pouco de cor que restava no rosto de Drawlight esvaneceu. - Ah, não! Por coisa alguma deste mundo! Não vou lá! Não me peça!

- Por que não? - Lascelles olhou em volta, menos à vontade do que antes - Strange preparou as árvores para nos espionarem?

- Não, não. Não é isso. Não sei como explicar. Esperam por mim. Conhecem-me! Não posso ir até lá! - Drawlight não tinha palavras para expressar o que lhe acontecera. Estendeu os braços por um momento, como se acreditasse que poderia mostrar a Lascelles os rios que haviam se enroscado em seus pés, as árvores que lhe traspassaram o corpo, as pedras que tinham sido seu coração, pulmões e entranhas.

Lascelles ergueu o chicote.

- Não faço idéia do que está falando. - Estugou o cavalo em direção a Drawlight

e brandiu o chicote. O pobre Drawlight, sem a menor bravura física, foi impelido para dentro do arvoredor, a choramingar. Uma silveira se prendeu à borda de sua manga e ele berrou.

- Silêncio! - disse Lascelles. - Qualquer um pensaria que um crime está ocorrendo. - Prosseguiram até chegar a uma pequena clareira. Lascelles apeou e amarrou as rédeas a uma árvore. Tirou as duas pistolas do coldre da sela e enfiou-as nos bolsos do sobretudo. Depois se dirigiu a Drawlight. - Então viu Strange? Bom. Excelente, de fato. Eu estava certo de que o senhor era covarde demais para encará-lo.

- Achei que ele iria me transformar em alguma coisa horrível.

Lascelles examinou com repugnância a roupa suja e o rosto assustado de Drawlight.

- Tem certeza de que não o transformou?

- Quê? - disse Drawlight.

- Por que simplesmente não o matou? Lá, na escuridão? Estavam sozinhos, não estavam? Ninguém descobriria.

- Ah, sim. Isso é bastante plausível. Ele é alto, inteligente, ágil e cruel. E eu não sou nada disso.

- Eu o teria feito - disse Lascelles.

- Teria? Bem, então tem toda a liberdade de ir a Veneza tentar.

- Onde ele está agora?

- Na escuridão... Em Veneza... Mas está vindo para a Inglaterra.

- Ele disse isso?

- Sim, como lhe falei... Tenho mensagens: uma para Childermass, uma para Norrell e uma para todos os magos da Inglaterra.

- E que mensagens são essas?

- Devo dizer a Childermass que Lady Pole não foi ressuscitada como Norrell disse... Um ser mágico o ajudou, e o ser mágico fez coisas, coisas erradas. E devo entregar uma caixinha a Childermass. Esta é a primeira mensagem. E devo dizer a Mister Norrell que Strange está voltando. Esta é a terceira mensagem.

Lascelles meditou.

- A caixinha, o que ela contém?

- Não sei.

- Por quê? Está fechada com algum tipo de lacre? Por meio de magia?

Drawlight fechou os olhos e meneou a cabeça.

- Também não sei.

Lascelles gargalhou.

- Não está querendo me dizer que há semanas está de posse de uma caixinha e nem sequer tentou abri-la... Ninguém menos que o senhor? Ora, quando freqüentava a minha casa, jamais me arrisquei a deixá-lo sozinho por um segundo. Minhas cartas seriam lidas, minhas atividades seriam de conhecimento público na manhã seguinte.

Drawlight olhou para o chão. Parecia encolher dentro da roupa. Tornou-se, se é que isso era possível, vários graus mais infeliz. Poder-se-ia supor que se envergonhava de ouvir descritos seus pecados do passado, mas não se tratava disso.

- Estou com medo - sussurrou.

Lascelles emitiu um som de exasperação.

- Onde está a caixa? - bradou. - Dê-me a caixa!

Drawlight enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um objeto embrulhado num

lenço encardido. O lenço estava amarrado em vários laços extraordinariamente complexos para evitar que a caixa por acaso se abrisse. Drawlight a entregou a Lascelles.

Com uma série de esgares, indicativos de profunda repugnância, Lascelles pôs-se a desfazer os laços. Ao terminar, abriu a caixa.

Um momento de silêncio.

- Palermo - disse Lascelles, fechando a caixa com uma batida e guardando-a no bolso do sobretudo.

- Ah, mas tenho que... - começou Drawlight, esticando a mão inutilmente.

- Disse que havia três mensagens. Qual é a outra?

- Não acho que o senhor entenderá.

- Ah! O senhor a entende, mas eu não? Deve ter se tornado bem mais inteligente na Itália.

- Não foi isso o que quis dizer.

- Então o que quer dizer? Diga-me logo. Esta conversa está me aborrecendo.

- Strange disse que árvore fala com pedra. Pedra fala com água. Disse que os magos podem aprender magia com bosques, pedras, coisas assim. Disse que as antigas alianças de John Uskglass ainda vigoram.

- John Uskglass, John Uskglass! Estou farto desse nome! Mas nos dias de hoje todos vivem falando dele. Até Norrell. Não entendo por quê. A época dele acabou há quatrocentos anos.

Drawlight esticou a mão novamente.

- Devolva-me a caixa. Tenho que...

- Mas o que há com o senhor? Não entende? Suas mensagens jamais serão transmitidas... Exceto a que se destina a Norrell, e essa eu mesmo

transmitirei.

Drawlight explodiu num uivo de angústia.

- Por favor, por favor! Não me faça desapontar Strange! O senhor não entende. Ele me matará! Ou pior!

Lascelles abriu os braços e olhou em redor, como se pedisse à floresta que testemunhasse o ridículo da situação.

- O senhor acredita, sinceramente, que eu lhe permitiria destruir Norrell?

Ou seja, destruir a mim?

- Não é minha culpa! Não é minha culpa! Não me atrevo a desobedecer a ele!

- Seu verme, o que fará entre dois homens como Strange e eu? Será esmagado.

Drawlight emitiu um breve som, como um choramingo de medo. Fitou Lascelles com olhos aturdidos e estranhos. Parecia prestes a dizer alguma coisa. Depois, com uma velocidade surpreendente, virou-se e fugiu entre as árvores.

Lascelles não se deu o trabalho de segui-lo. Simplesmente ergueu uma das pistolas, mirou e disparou.

A bala atingiu a coxa de Drawlight, produzindo, por um instante, uma florescência vermelha e molhada de sangue e carne na floresta branca e cinzenta. Drawlight gritou e caiu com estrondo sobre um grupo de silveiras. Tentou rastejar, mas a perna estava bastante inutilizada e, além disso, as silveiras se enganchavam em sua roupa; ele não conseguia libertá-la dos espinhos. Virou a cabeça e viu Lascelles avançar em sua direção; o medo e a dor deixaram-lhe as feições totalmente irreconhecíveis.

Lascelles disparou com a segunda pistola.

O lado esquerdo da cabeça de Drawlight abriu-se com violência, como um ovo ou uma laranja. Ele convulsou várias vezes e se imobilizou.

Embora ninguém estivesse presente para ver, e embora o sangue lhe pulsasse nos ouvidos, no peito, em toda parte, Lascelles não se permitiu aparentar nenhuma perturbação: isso, acreditava ele, não seria o comportamento de um cavalheiro.

Ele tinha um criado pessoal que era fanático pelos relatos de assassinios e enforcamentos de *O calendário de Newgate* e *O registro do malfeitor*. Às vezes Lascelles se entretinha com um desses volumes. Uma característica proeminente dessas histórias era que o assassino, por mais corajoso que se mostrasse no ato do crime, logo depois via-se dominado pela emoção, levando-o a agir de uma maneira irracional e bizarra que sempre resultava em sua ruína. Lascelles duvidava que houvesse alguma verdade nesses relatos, mas, por segurança, examinou a si mesmo à procura de sinais de remorso ou de horror. Não os detectou. De fato, seu primeiro pensamento foi que havia agora uma coisa repulsiva a menos no mundo. "Realmente", disse a si mesmo, "se ele soubesse, três ou quatro anos atrás, que seu fim seria este, teria me pedido para fazê-lo."

Algo farfalhou. Para sua surpresa, Lascelles viu um pequeno rebento saindo do olho direito de Drawlight (o esquerdo fora destruído pela descarga da pistola). Ramos de hera enrolavam-se em seu pescoço e peito. Um rebento de azevinho lhe perfurara a mão; um videiro novo brotara através de seu pé; um pilriteiro surgira pela barriga. Parecia estar sendo crucificado na própria floresta. Mas as árvores não se limitaram a isso; continuaram a crescer. Um emaranhado de caules cor de bronze e escarlate obliterava-lhe o rosto arruinado, e seus membros e seu corpo se decompunham enquanto plantas e outros seres vivos se fortaleciam neles. Num curto espaço de tempo, nada restava de Christopher Drawlight. As árvores, as pedras e a terra haviam se apossado de suas entranhas, mas, na forma que assumiram, ainda era possível discernir algo do homem que ele fora.

"Acho que esta silveira era seu braço", refletiu Lascelles. "Esta pedra... o coração, talvez? É bastante pequena e dura." Riu. "Isso é o ridículo da magia de Strange", disse ele a ninguém. "Cedo ou tarde, tudo atua contra ele." Montou no cavalo e cavalgou de volta para a estrada.

63. O Primeiro enterrará o próprio coração numa escura floresta sob a neve e, ainda assim, sentirá a própria dor.

Meados de fevereiro de 1817

Mais de vinte e oito horas haviam se passado desde que Lascelles deixara a Praça Hanover, e Mr. Norrell estava à beira do desespero. Prometera a Lascelles que esperaria por ele junto com Childermass, mas agora receava que, ao chegarem a Hurtfew Abbey, encontrariam Strange de posse da biblioteca.

Como ninguém na casa da Praça Hanover recebeu autorização para se recolher à noite, pela manhã estavam todos cansados e casmurros.

- Mas por que temos que esperar? - inquiriu Childermass. - Em sua opinião, de que ele servirá quando Strange chegar?

- Confio muitíssimo em Mister Lascelles. O senhor sabe que confio. Ele é meu único conselheiro agora.

- Ainda conta comigo - disse Childermass.

Mr. Norrell piscou os olhinhos rapidamente. Parecia quase insinuar: *Mas o senhor não passa de um empregado*. Mr. Norrell nada disse.

De qualquer maneira, Childermass aparentemente entendeu. Com um breve som de desagrado, retirou-se.

Às seis da tarde, a porta da biblioteca se escancarou de súbito e Lascelles entrou. Tinha uma aparência inusitada: o cabelo desgrenhado, a gravata maculada de poeira e suor, borrifos de barro no sobretudo e nas botas.

- Tínhamos razão, Mister Norrell! - bradou. - Strange está vindo!

- Quando? - perguntou Mr. Norrell, empalidecendo.

- Não sei. Ele não fez a gentileza de nos fornecer tais detalhes, mas temos que partir para Hurlfew Abbey o quanto antes!

- Podemos ir imediatamente. Está tudo preparado. Então o senhor de fato viu Drawlight? Ele está aqui? - Mr. Norrell inclinou-se de lado, esperando vislumbrar Drawlight atrás de Lascelles.

- Não, não o vi. Esperei por ele, mas não apareceu. Porém não se preocupe, senhor! - Mr. Norrell estava prestes a interrompê-lo. - Ele enviou-me uma carta. Temos todas as informações de que precisamos.

- Uma carta! Posso vê-la?

- Claro! Mas haverá tempo de sobra para isso durante a viagem. Precisamos ir. Não há por que se demorar por minha causa. Necessito de poucas coisas, e posso passar muito bem com o que não tenho. - Isso era talvez um tanto surpreendente. As necessidades de Lascelles jamais foram poucas. Eram numerosas e complexas - Vamos, vamos, Mister Norrell. Mexa-se. Strange está vindo! - Saiu com passadas largas da biblioteca. Mr. Norrell soube depois, por Lucas, que ele nem sequer pedira água para se lavar ou algo de beber. Simplesmente subira na carruagem, deixara-se cair num canto e esperara.

Por volta das oito horas, estavam a caminho do condado de York. Mr. Norrell e Lascelles dentro da carruagem, Lucas e Davey na boléia, e Childermass os acompanhando a cavalo. Na barreira de pedágio de Islington, Lucas pagou o guarda. Pairava no ar um cheiro de neve.

Mr. Norrell olhou despreocupado para a vitrina de uma loja toda iluminada por lampiões. Era uma loja de qualidade, com um interior organizado e elegantes cadeiras modernas para os fregueses; na verdade, um estabelecimento tão refinado que de modo algum evidenciava o que estava à venda. Peças de um colorido vivo haviam sido empilhadas numa cadeira, mas se eram xales, tecidos para vestidos ou algo inteiramente diferente, Mr. Norrell não soube dizer. Havia três mulheres na loja. Uma freguesa, pessoa fina e elegante que trajava um casaco curto trespassado que lembrava um uniforme de hussardo, incluindo atavio de pele e alamares. Cobria-lhe a cabeça um casquete de pele russa; ela não parava de lhe tocar a parte de trás,

como se receasse que fosse cair. A vendedora trajava com mais discrição um vestido preto simples e tinha ao lado de si uma assistente de baixa estatura que observava a tudo respeitosamente e fazia uma breve e nervosa reverência sempre que alguém por acaso lhe dirigisse o olhar. A freguesa e a vendedora não tratavam de negócios; conversavam entre si com muita animação e risos. Embora fosse uma cena tão remota dos interesses costumeiros de Mr. Norrell, tocava-lhe o coração de uma forma que não podia entender. Pensou rapidamente em Mrs. Strange e em Lady Pole. A seguir, algo passou voando entre ele e a cena, como se um pedaço de escuridão tivesse se tornado sólido. Ele pensou que fosse um corvo.

O pedágio foi pago. Davey sacudiu as rédeas e a carruagem prosseguiu em direção a Archway.

A neve começou a cair. Um vento que misturava chuva e neve fustigava as laterais da carruagem, fazendo-a balouçar de um lado para outro; penetrava cada fresta e rachadura, enregelando ombros, nariz e pés. Mr. Norrell não se sentiu mais confortável ante a curiosa disposição de ânimo com que Lascelles aparentava estar. Mostrava-se irrequieto, quase exaltado, embora Mr. Norrell não soubesse por quê. Quando o vento uivava, ele ria, como se desconfiasse que tentava assustá-lo e desejasse mostrar que era um equívoco.

Ao perceber que Mr. Norrell o observava, disse:

-Andei refletindo, Isto não é nada! O senhor e eu logo teremos o melhor de Strange e dos truques dele. Mas que bando de velhotas são esses ministros! Eles me enjoam! Todo esse alvoroço por causa de um maluco! Claro que Liverpool e Sidmouth são os piores! Durante anos não ousaram pôr a cara para fora da porta da frente com medo de Bonaparte, e agora Strange os deixa horrorizados apenas por ter enlouquecido.

- Ah, mas se engana! - afirmou Mr. Norrell. - Com efeito, se engana! A ameaça de Strange é imensa. Bonaparte nada era em comparação, mas o senhor ainda não me contou o que disse Drawlight. Gostaria muitíssimo de ver a carta. Pedirei a Davey que pare em Angel, no Hadley, e então...

- Mas não está comigo. Deixei-a em casa.

- Oh! Mas...

Lascelles riu.

- Mister Norrell! Não se preocupe! Não lhe falei que não tem importância? Lembro-me dela com exatidão.

- E o que diz?

- Que Strange está louco e aprisionado na Escuridão Eterna, o que já sabíamos, e...

- Que forma tem a loucura dele? - inquiriu Mr. Norrell.

Uma pausa breve.

- Fala disparates, principalmente. Mas já os dizia antes, não? - Lascelles riu. Percebendo a expressão de Mr. Norrell prosseguiu com mais moderação, - Fala de árvores, de pedras, de John Uskglass e... - olhou em volta em busca de inspiração - .., de carruagens invisíveis. E, ah, sim! Isto irá diverti-lo! Ele roubou dedos de mãos de várias jovens venezianas. Roubou-os sem obstáculos! E os guarda em caixinhas!

- Dedos! - exclamou Mr. Norrell, abalado. Isso parecia sugerir ligações desagradáveis com ele. Ponderou por um instante, mas não chegou a nenhuma conclusão. - Drawlight descreveu a escuridão? Disse algo que nos ajude a entendê-la?

- Não. Ele viu Strange, que lhe pediu que transmitisse uma mensagem ao senhor. Diz que está vindo. Esta é a essência da carta.

Silenciaram. Mr. Norrell começou a cochilar sem pretendê-lo e várias vezes nos sonhos ouviu Lascelles murmurar para ele na escuridão.

À meia-noite, trocaram os cavalos na estalagem Haycock, em Wansford. Lascelles e Mr. Norrell aguardaram no salão público, um recinto vasto, simples, com paredes forradas de painéis de madeira, chão areado e duas lareiras enormes.

A porta se abriu e Childermass entrou. Foi diretamente até Lascelles e dirigiu-se a ele com estas palavras:

- Lucas disse que existe uma carta de Drawlight contando o que viu em Veneza.
- Lascelles virou a cabeça de leve, mas sem olhar para Childermass. - Posso vê-la?
- perguntou Childermass.

- Deixei-a em casa, na Rua Bruton - respondeu Lascelles.

Childermass pareceu um tanto surpreso.

- Pois bem - disse. - Lucas pode ir buscá-la. Alugaremos um cavalo para ele aqui. Depois nos alcançará antes de chegarmos a Hurtfew.

Lascelles sorriu.

- Falei Rua Bruton, não falei? Mas, sabe, não creio que esteja lá. Penso tê-la deixado na estalagem, a de Chatham, onde esperei por Drawlight. Devem tê-la jogado fora. - Virou-se para a lareira novamente.

Childermass o fitou mal-humorado por alguns instantes. A seguir, saiu do salão a passadas largas.

Um criado se aproximou informando que água quente, toalhas e outras coisas necessárias haviam sido preparadas nos dois quartos, para que Mr. Norrell e Lascelles pudessem se revigorar.

- Cavalheiros, o corredor é escuro como breu - disse ele com bom humor -, por isso acendi uma vela para cada um.

Mr. Norrell pegou sua vela e seguiu pelo corredor (deveras escuro). De repente Childermass apareceu e agarrou-lhe o braço.

- Mas o que o senhor está pensando? - disse o procurador entre dentes. - Sair de Londres sem a carta?

- Mas ele disse que se lembra do conteúdo - protestou Mr. Norrell.

- Ah! E o senhor acredita nele?

Mr. Norrell não respondeu. Entrou no quarto que lhe fora preparado. Lavou as mãos e o rosto e, ao fazê-lo, viu de relance, no espelho, a cama atrás dele. Era pesada, antiquada e, como quase sempre ocorre nas estalagens, grande demais para o quarto. Quatro colunas de mogno entalhadas, um dossel escuro, alto, e punhados de penas pretas de avestruz em cada canto, tudo lhe conferia um aspecto fúnebre. Era como se alguém o tivesse levado para dentro do quarto e mostrado seu próprio túmulo. Uma sensação estranha se apossou dele - a mesma que tivera no portão do pedágio, ao observar as três mulheres, a sensação de que algo chegava ao fim e de que todas as escolhas já haviam sido feitas. Ele pegara uma estrada na juventude, mas ela não o levava aonde ele imaginara; estava a caminho de casa, mas sua casa se tornara algo monstruoso. Na penumbra, de pé ao lado da cama negra, lembrou-se do motivo por que sempre tivera medo da escuridão quando menino: a escuridão pertencia a John Uskglass.



Para todo o sempre,

Peço, lembre-se de mim.

Sobre as charnecas, sob as estrelas.

Na companhia indomável do Rei

Saiu correndo do quarto, de volta ao calor e às luzes do salão público.

Pouco depois das seis da manhã, surgiu uma alvorada cinzenta que de forma alguma era uma alvorada. Uma neve branca caía de um céu cinzento sobre um mundo branco e cinzento. Davey se achava tão completamente coberto de neve que se podia imaginar que alguém encomendara um boneco de cera dele e o molde de gesso estava sendo preparado.

Durante o dia inteiro, uma sucessão de cavalos de posta se esforçou para puxar a carruagem em meio à neve e ao vento, Também uma sucessão de estalagens forneceu não apenas bebidas quentes como um breve intervalo longe da intempérie. Davey e Childermass, que, como cocheiro e cavaleiro, eram sem dúvida os mais exaustos do grupo, tiravam pouco proveito dessas paradas; em geral permaneciam nos estábulos, discutindo com o estalajadeiro sobre os cavalos. Em Grantham, o estalajadeiro enfureceu Childermass ao propor lhes alugar um cavalo cego. Childermass jurou não o aceitar; o estalajadeiro, por seu turno, jurou que era o melhor cavalo que possuía. Como havia pouca escolha, acabaram por alugá-lo. Davey disse mais tarde que era um animal excelente, trabalhador e ainda mais obediente a suas instruções, uma vez que, de outra forma, não tinha como saber para onde ir ou o que fazer. O próprio Davey precisou resistir até chegarem à estalagem Newcastle Arms, em Tuxford, e lá o grupo viu-se obrigado a deixá-lo. Tinha conduzido a carruagem por cerca de duzentos quilômetros e estava, disse Childermass, tão cansado que mal conseguia falar. Childermass contratou um postilhão e prosseguiram viagem.

Cerca de uma hora antes de o sol se pôr, a neve cessou e o céu clareou. Sombras azul-negras e extensas revestiam os campos sem vegetação. Cerca de oito quilômetros adiante de Doncaster, passaram por uma estalagem chamada Red House (em razão de suas paredes pintadas de vermelho). No sol baixo de inverno, ela ardia como uma casa em chamas. A carruagem seguiu um pouco à frente e depois parou.

- Por que estamos parando? - gritou Mr. Norrell do interior da carruagem. Lucas se curvou para baixo na boléia e respondeu alguma coisa, mas o vento carregou sua voz para longe e Mr. Norrell não ouviu o que ele disse.

Childermass saíra da estrada e cavalgava por um campo. O campo estava repleto de corvos. Ao passar, alçaram vôo emitindo fortes grasnidos. Na outra extremidade do terreno, havia uma antiga cerca-viva com uma abertura e dois azevinhos elevados, um de cada lado. A abertura conduzia a outra estrada, ou azinhaga, confinada por cercas-vivas. Childermass deteve-se por lá e olhou primeiro para um lado, depois para o outro. Hesitou. A seguir sacudiu as rédeas e o cavalo prosseguiu a trote por entre as árvores, azinhaga adentro, até sumir de vista.

- Ele entrou na estrada encantada! - exclamou Mr. Norrell, assustado.

- Oh! - fez Lascelles. - Foi isso é?

- Sim, de fato! - respondeu Mr. Norrell. - Aquela é uma das mais famosas. Consta que unia Doncaster a Newcastle por meio de duas cidadelas encantadas.

Aguardaram.

Depois de uns vinte minutos, Lucas desceu da boléia.

- Quanto tempo devemos esperar aqui senhor? - perguntou.

Mr. Norrell meneou a cabeça.

- Nenhum inglês ultrapassou as fronteiras e entrou no País Encantado desde Martin Pale, trezentos anos atrás. É perfeitamente possível que ele jamais retorne. Talvez...

Nisso Childermass reapareceu e atravessou o campo de volta a galope.

- Bem, é verdade - disse a Mr. Norrell. - Os caminhos para o Reino Encantado se abriram novamente.

- O que viu? - perguntou Mr. Norrell.

- A estrada se estende um pouco adiante e depois leva a um arvoredos de espinheiros. Na entrada do arvoredos há a estátua de uma mulher com as mãos estendidas. Numa das mãos, ela segura um olho de pedra; na outra, um coração de pedra. Quanto ao arvoredos... - Childermass fez um gesto, talvez expressivo de sua incapacidade de descrever o que vira, ou talvez de sua impotência diante da cena. - Cadáveres pendem de cada árvore. Alguns podem ter morrido tão recentemente como ontem. Outros não passam de esqueletos antigos com armaduras enferrujadas. Deparei com uma torre alta construída de pedras desbastadas. As paredes estão perfuradas por algumas janelas pequenas. Numa delas havia uma luz e a sombra de alguém que olhava para fora. Na parte inferior da torre, havia uma clareira cortada por um córrego. Um jovem estava sentado lá. Parecia pálido e doentio, com olhos cadavéricos, e usava um uniforme britânico, Disse-me ser o defensor do Castelo do Olho e do Coração Arrancados. Prometera proteger a dama do castelo e desafiar quem quer que se aproximasse com o propósito de magoá-la ou insultá-la. Perguntei-lhe se havia matado os homens que vi. Ele respondeu que matou alguns deles e os pendurou nos espinheiros, como fazia seu antecessor. Perguntei-lhe de que forma a dama pretendia recompensá-lo pelo serviço. Ele respondeu que não sabia. Nunca a vira nem falara com ela. Ela permanecia no Castelo do Olho e do Coração Arrancados, que ficava entre o córrego e os espinheiros. Perguntou-me se pretendia lutar com ele. Lembrei-lhe de que eu não havia insultado nem magoado a dama. Disse-lhe que eu era um criado e que deveria me reunir a meu patrão, que naquele momento esperava por mim. A seguir, virei o cavalo e retornei.

- O quê? - exclamou Lascelles. - Um homem se propõe a enfrentá-lo e o senhor foge? Não tem honra alguma? Vergonha alguma? Um rosto doentio, olhos cadavéricos, uma pessoa desconhecida na janela! - Bufou, expressando escárnio.
- Tudo isso não passa de desculpas para sua covardia!

Childermass retraiu-se, como se golpeado, e pareceu prestes a dar uma resposta ríspida, mas foi interrompido por Mr. Norrell.

- Ao contrário! Childermass fez bem em partir o quanto antes. Há sempre mais magia em lugares assim do que parece à primeira vista. Alguns seres mágicos se comprazem com combates e mortes. Ignoro por quê. Dispõem-se a não medir esforços para assegurar tais prazeres a si mesmos.

- Por favor, Mister Lascelles - disse Childermass -, se o lugar constitui uma grande atração para o senhor, então vá! Não se demore por nossa causa.

Lascelles olhou pensativo para o campo e a abertura na cerca-viva, porém não se moveu.

- O senhor, ao que tudo indica, não aprecia corvos, não é? - disse Childermass num tom serenamente zombeteiro.

- Ninguém gosta deles! - afirmou Mr. Norrell. - Por que estão aqui? O que significam?

Childermass encolheu os ombros.

- Alguns crêem que eles fazem parte da escuridão que envolve Strange, a qual, por algum motivo, ele materializou e enviou de volta à Inglaterra. Outros acham que pressagiam o retorno de John Uskglass.

- John Uskglass. Claro - disse Lascelles. - O primeiro e o último refúgio das mentes vulgares. Toda vez que algo acontece, tem que estar relacionado a John Uskglass! Mister Norrell, penso que chegou o momento de outro artigo em Os Amigos decompor esse cavalheiro. O que diremos? Que era um não-cristão? Um não-inglês? Demoníaco? Creio ter em algum lugar uma lista de santos e arcebispos que o condenaram. Eu poderia facilmente elaborar isso.

Mr. Norrell pareceu constrangido. Olhou nervosamente para o postilhão de Tuxford.

- Se eu fosse o senhor, Mister Lascelles - disse Childermass com brandura -, seria mais cauteloso ao falar. Está no Norte agora. Nas terras de John Uskglass. Nossos vilarejos, cidades e abadias foram construídos por ele. Nossas leis foram feitas por ele. Ele reside em nossa mente, em nosso coração, em nossa fala. Se fosse verão, o senhor veria um tapete branco azulado de flores pequeninas debaixo de cada cerca-viva. Nós as chamamos de vinténs de John. Quando o tempo se mostra obstinado e temos calor no inverno, ou chove no verão, as pessoas do interior dizem que John Uskglass está apaixonado novamente e descuida de seus deveres. E quando estamos seguros do que afirmamos, isso é tão certo como um seixo no bolso de John Uskglass.

Lascelles riu.

- Longe de mim, Mister Childermass, depreciar seus curiosos ditados regionais. Mas decerto uma coisa é fazer protestos de louvor à história de alguém e outra bem diferente é falar em trazer de volta um Rei que incluía o próprio Lúcifer entre seus aliados e suseranos, não é? Creio que ninguém deseja isso. Quero dizer, à parte uns poucos johanitas e loucos.

- Mister Lascelles, sou um inglês do Norte - disse Childermass. - Nada me daria mais satisfação do que o retorno do meu Rei. Foi o que desejei a vida inteira.

Era quase meia-noite quando chegaram a Hurtfew Abbey. Não havia sinais de Strange. Lascelles foi dormir, mas Mr. Norrell andou pela casa, examinando o estado de alguns encantamentos.

No dia seguinte, no café-da-manhã, Lascelles disse:

- Andei me perguntando se alguma vez existiram duelos mágicos no passado. Contendas entre dois magos. Esse tipo de coisa...

**** Já se observou muitas vezes que os ingleses do Norte, embora sem jamais hesitarem em sua lealdade a John Uskglass, nem sempre o tratam com o mesmo respeito que ele inspira no Sul. Com efeito, os súditos de John Uskglass se deleitam em especial com narrativas e baladas que o mostram em clara*

desvantagem - confira-se a história de John Uskglass e o Carvoeiro de Ullswater ou a história da Bruxa e da Feiticeira. Existem inúmeras versões desta última (algumas bastante vulgares); relata de que maneira Uskglass perdeu o coração, os reinos e o poder para uma bruxa comum da Cornualha.

Mr. Norrell suspirou.

- Difícil saber. Ao que parece Ralph Stokesey enfrentou dois ou três magos por meio de magia... Um deles um mago escocês bastante poderoso, o Mago de Athodel. Catherine de Winchester uma vez foi forçada a enviar um jovem mago para Granada por meio da magia. Ele vivia a importuná-la com propostas inconvenientes de casamento quando tudo que ela desejava era estudar, e Granada foi o lugar mais distante que lhe ocorreu na época. Depois há a curiosa história do carvoeiro do reino de Cúmbria...

- E esses duelos alguma vez terminaram na morte de um dos magos?

- Quê! - Mr. Norrell fitou-o, horrorizado. - Não! Quer dizer, não sei. Penso que não.

- Mas decerto a magia deve existir, não? - disse Lascelles, sorrindo. Se concentrasse sua atenção, creio que ao senhor ocorreria uma meia dúzia de encantamentos que dariam resultado. Seria como um duelo comum com pistolas ou espadas. Não haveria nenhuma possibilidade de um processo posterior. Ademais, seria perfeitamente legítimo que os amigos e os criados do vencedor o ajudassem a ocultar o assunto com o maior sigilo possível.

Mr. Norrell ficou em silêncio. Depois disse:

- Isso não acontecerá.

- Meu caro Mister Norrell! - disse Lascelles, rindo. - Que outra coisa poderá ocorrer?

Curiosamente, Lascelles nunca fora a Hurtfew Abbey. No passado, toda vez que Drawlight lá permanecera por um período, Lascelles sempre estivera envolvido com um compromisso anterior. Uma estada numa casa de campo no condado de York era a idéia que Lascelles fazia do purgatório. Na melhor das hipóteses, imaginava Hurtfew igual a seu proprietário: empoeirada, antiquada e entregue a silêncios monótonos e prolongados; na pior das hipóteses, a concebia como uma casa de fazenda castigada pela chuva numa charneca escura e sombria. Ficou surpreso ao verificar que não era nem uma coisa nem outra. Nada havia de gótico nela. A casa era moderna, elegante e confortável, e os criados estavam longe de ser os peões incultos da sua imaginação. Com efeito, eram os mesmos criados que serviam Mr. Norrell na casa da Praça Hanover. Haviam sido treinados em Londres e estavam bastante familiarizados com todas as preferências de Lascelles.

Mas como toda casa de mago é excêntrica, Hurtfew Abbey, à primeira vista muito espaçosa e elegante, parecia ter sido construída de acordo com uma planta tão confusa que era assaz impossível ir de um lado a outro da casa sem se perder. Mais tarde, nessa manhã, Lucas informou Lascelles que de maneira alguma fosse à biblioteca sozinho, mas somente acompanhado por Mr. Norrell ou Childermass. Era, disse Lucas, a primeira norma da casa.

Lascelles, como era de se esperar, não tinha a intenção de acatar tal proibição, comunicada a ele por um criado. Examinou a parte oriental da casa e encontrou o conjunto costumeiro de saleta de estar de manhã, sala de jantar, sala de estar, mas nenhuma biblioteca. Concluiu que a biblioteca deveria situar-se na parte ocidental, que não conhecia. Dirigiu-se para lá e logo se viu de volta à sala que acabara de deixar. Pensando haver tomado a direção errada, tentou novamente. Dessa vez chegou a uma das pequenas copas, onde uma copeira de baixa estatura, suja e resfriada primeiro limpou o nariz com o dorso da mão e depois usou a mesma mão para lavar as panelas. Não importava que caminho escolhesse, ele acabava retornando sempre à saleta de estar de manhã ou à copa.

Ficou farto de ver a pequenina criada e ela também não parecia demonstrar grande alegria em revê-lo. Mas, embora tivesse passado a manhã inteira nesse esforço vão, não lhe ocorreu atribuir o fracasso a outra coisa que não uma peculiaridade da arquitetura do condado de York.

Nos três dias seguintes, Mr. Norrell permaneceu na biblioteca o quanto pôde. Toda vez que via Lascelles, estava seguro de que ouviria uma nova queixa acerca de Childermass, enquanto Childermass continuava a importuná-lo com a exigência de que procurasse obter a carta de Drawlight por meio de magia. Ao final, achou mais fácil evitar ambos.

Tampouco revelou a qualquer um deles algo que descobrira e que o preocupava sobremaneira. Desde que ele e Strange se separaram, adquirira o hábito de invocar visões para tentar descobrir o que Strange fazia. Jamais, porém, obtivera êxito. Uma noite, cerca de quatro semanas antes, não conseguia dormir. Levantou-se e fez magia. A visão não era muito nítida, mas ele vira um mago, no escuro, fazendo magia. Congratulara-se por ter enfim penetrado nos contra-encantamentos de Strange; até lhe ocorrer que estava tendo uma visão de si mesmo em sua própria biblioteca. Tentou outra vez. Diversificou os encantamentos. Chamou Strange por diferentes nomes. Em vão. Viu-se forçado a concluir que a magia inglesa já não distinguia entre ele mesmo e Strange.

Chegaram cartas de Lorde Liverpool e dos ministros com irritadas descrições de mais magias que ninguém era capaz de explicar. Mr. Norrell escreveu em resposta, prometendo dar a mais urgente atenção a esses assuntos assim que Strange fosse derrotado.

Na terceira noite após sua chegada, Mr. Norrell, Lascelles e Childermass estavam reunidos na sala de estar. Lascelles comia uma laranja. Ele tinha uma pequena faca de cortar frutas com cabo de pérola com uma lâmina dentada, que usava para retirar a casca. Childermass distribuía cartas numa pequena mesa. Fazia duas horas que lia as cartas. Prova do quanto Mr. Norrell estava distraído pela atual situação era o fato de não ter feito a menor objeção. Lascelles, por outro lado, quase enlouquecia por causa das cartas. Tinha certeza de que era ele o objeto de toda essa atividade de distribuir e virar cartas. Nisso estava absolutamente certo.

- Como abomino essa ociosidade! - disse, abruptamente. - O que acham que Strange está esperando? Nem sequer sabemos ao certo se ele virá.

- Virá - disse Childermass.

- E como sabe? - perguntou Lascelles. - Porque disse a ele que viesse? Childermass não respondeu. Algo que vira nas cartas atraía sua atenção. Passou o olhar trêmulo sobre elas. De repente levantou-se da mesa.

- Mister Lascelles! O senhor tem uma mensagem para mim!

- Eu? - disse Lascelles, surpreso.

- Sim, senhor.

- O que quer dizer com isso?

- Que alguém recentemente lhe entregou uma mensagem endereçada a mim. É o que dizem as cartas. Eu agradeceria se pudesse transmiti-la. Lascelles emitiu um bufo de desdém.

- Não sou mensageiro de ninguém... Muito menos do senhor!

Childermass ignorou o comentário.

- De quem é a mensagem? - perguntou.

Lascelles não respondeu. Retornou à faca e à laranja.

- Pois bem - disse Childermass, sentando-se e tornando a distribuir as cartas.

Mr. Norrell, num estado de grande apreensão, observava-os. Estendeu a mão em direção ao cordão da sineta, mas, após um instante de reflexão, mudou de idéia e foi em pessoa procurar um criado. Lucas estava na sala de jantar, pondo a mesa. Mr. Norrell contou-lhe o que estava acontecendo.

- O que se pode fazer para separá-los? – Indagou. – Talvez percam o controle em breve. Chegou alguma mensagem para Mister Lascelles? Há alguma coisa que possa exigir a atenção de Childermass? Não pode inventar algo? E o jantar? Pode aprontá-lo logo?

- Não há nenhuma mensagem - disse Lucas, meneando a cabeça, Mister Childermass agirá como bem entender, como sempre. E o senhor pediu que o jantar

fosse servido às nove e meia. Sabe que sim.

- Gostaria que Mister Strange estivesse aqui - disse Mr. Norrell, desconsolado.
- Ele saberia o que lhes dizer. Saberia o que fazer.

Lucas tocou no braço do patrão, como se tentasse animá-lo.

- Mister Norrell! Estamos tentando impedir que Mister Strange venha aqui... O senhor se lembra?

Mr. Norrell olhou para ele com certa irritação.

- Sim, sim! Sei disso! Ainda assim...

Mr. Norrell e Lucas voltaram juntos para a sala de estar. Childermass virava a última carta. Lascelles olhava com grande determinação para um jornal.

- O que dizem as cartas? - perguntou Mr. Norrell a Childermass.

Mr. Norrell fez a pergunta, mas Childermass dirigiu-se a Lascelles.

- Dizem que o senhor é mentiroso e ladrão. Dizem que há mais de uma mensagem. Deram-lhe alguma coisa, um objeto, alguma coisa de grande valor. É destinado a mim, mas o senhor o retém.

Um breve silêncio. Lascelles disse com frieza:

- Mister Norrell, por quanto tempo mais o senhor pretende que eu continue sendo insultado desta maneira?

- Mister Lascelles, pergunto-lhe pela última vez - disse Childermass. Vai me entregar o que é meu?

- Como se atreve a se dirigir a um cavalheiro dessa forma? - inquiriu Lascelles.

- E acaso é o procedimento de um cavalheiro roubar-me? - retrucou Childermass.

Lascelles ficou branco como cera.

- Peça desculpas! - disse entre dentes. - Peça-me desculpas, senão juro, seu bastardo, seu refugio de todos os esgotos do condado de York, que lhe ensinarei melhores maneiras.

Childermass encolheu os ombros.

- Melhor ser bastardo que ladrão!

Com um grito de fúria, Lascelles o agarrou e o lançou contra a parede com tamanha força que os pés de Childermass se ergueram do chão. Sacudiu Childermass e as molduras dos quadros na parede estremeceram.

Curiosamente, Childermass parecia indefeso contra Lascelles. Seus braços de algum modo foram presos contra o corpo de Lascelles e, embora se esforçasse bastante, parecia incapaz de libertá-los. Acabou em pouco tempo. Childermass fez um breve sinal de cabeça para Lascelles, como se a dizer que Lascelles tinha vencido.

Mas Lascelles não o soltou. Em vez disso, inclinou todo seu peso contra ele e o manteve encurralado contra a parede. A seguir, baixou a mão e pegou a faca de cabo de pérola com lâmina dentada. Correu a lâmina lentamente de cima a baixo pela face de Childermass, cortando-o do olho à boca.

Lucas soltou um grito, mas Childermass não emitiu uma só palavra. De algum modo libertou a mão esquerda e a ergueu. Estava firmemente cerrada. Assim os dois ficaram por um momento, um quadro vivo, depois Childermass deixou a mão cair.

Lascelles deu um amplo sorriso. Libertou Childermass e se virou para Mr. Norrell. Com voz serena e baixa, assim se dirigiu a ele:

- Não apresentarei nenhum tipo de desculpas por essa pessoa. Fui insultado. Se essa pessoa fosse alguém de uma posição digna de nota, eu certamente a teria desafiado. Ele sabe disso. Sua posição social inferior o protege. Se devo permanecer um instante mais que seja nesta casa, se devo continuar sendo seu amigo e conselheiro, então essa pessoa precisa deixar de servi-lo de imediato! Depois desta noite, nunca mais admitirei ouvir o nome dele pronunciado novamente

pelo senhor ou por qualquer um de seus criados, sob pena de demissão. Espero senhor, que isto esteja suficientemente claro.

Lucas aproveitou a oportunidade para entregar sub-repticiamente um lenço a Childermass.

- Bem, senhor - disse Childermass a Mr. Norrell, enxugando o sangue da face -, qual de nós será?

Um longo momento de silêncio. Depois, com voz rouca bastante diferente da habitual, Mr. Norrell disse:

- O senhor deve partir.

- Adeus, Mister Norrell- disse Childermass, fazendo uma mesura. - O senhor fez a escolha errada... Como de costume! - Recolheu as cartas e saiu.

Subiu para seu pequeno quarto desguarnecido no sótão e acendeu a vela que estava sobre uma mesa. Na parede havia um espelho trincado e ordinário. Ele examinou seu rosto. O corte era assustador. A gravata e o ombro direito da camisa estavam encharcados de sangue. Limpou a ferida o melhor que pôde. A seguir lavou e enxugou as mãos.

Cuidadosamente, tirou algo do bolso do paletó. Era uma caixa da cor da tristeza, mais ou menos do tamanho de uma caixa de rapé, mas um pouco mais comprida. Murmurou a si mesmo:

- Um homem não pode esquecer seu aprendizado.

Abriu-a. Por alguns instantes, olhou-a pensativamente; coçou a cabeça e a seguir praguejou, porque quase deixou cair sangue dentro dela. Fechou-a de um golpe e a guardou no bolso.

Não demorou para recolher seus pertences. Havia um estojo de mogno com um par de pistolas, uma pequena carteira de dinheiro, uma navalha, um pente, uma escova de dentes, um pedaço de sabonete, algumas roupas (todas velhas como as que ele trajava) e um pequeno pacote de livros, que consistiam numa Bíblia, Uma

história do Rei Corvo para crianças, de Lorde Portishead, e um exemplar de *Revelações dos trinta e seis outros mundos*, de Paris Ormskirk.

Childermass fora bem remunerado por Mr. Norrell durante anos, mas o que ele fez com o dinheiro ninguém sabia. Como Davey e Lucas sempre comentavam entre si, ele com certeza não o gastava.

Childermass guardou tudo numa maleta surrada. Havia uma bandeja de maçãs na mesa. Ele as embrulhou num pano e as colocou na maleta. A seguir, segurando o lenço contra o rosto, desceu para o térreo. Estava no pátio do estábulo quando se lembrou de que sua pena de escrever, a tinta e o caderno de apontamentos haviam ficado na sala de estar. Colocara-os numa mesa de canto enquanto lia as cartas. "Bom, é tarde demais para voltar", pensou. "Comprarei outros."

Um grupo o esperava no estábulo: Davey, Lucas, os cavaleiros e vários criados que deram um jeito de escapular da casa.

- O que estão fazendo aqui? - Perguntou, surpreso. - Preces comunitárias?

Os homens se entreolharam.

- Selamos o Brewer para o senhor, Mister Childermass - disse Davey. Brewer era o cavalo de Drawlight, um enorme e desgracioso garanhão.

- Obrigado, Davey.

- Senhor, por que o deixou fazer aquilo? - perguntou Lucas. - Por que deixou que ele o cortasse?

**** Na casa do gravador em Spitalfields, no início da primavera de 1816, Strange disse a Childermass: "Sabe, nunca podemos esquecer nosso aprendizado..."*

Childermass tivera várias ocupações antes de se tornar empregado e procurador de Mr. Norrell. A primeira foi a de um altamente talentoso batedor de

carteiras, quando criança. Sua mãe, Black Joan, em certa época comandou um pequeno bando de crianças ladras sujas e esfarrapadas que atuava nas cidades da divisão administrativa leste do condado de York, em fins de 1770.

- Não se aborreça com isso, rapaz. Não tem importância.

- Trouxe ataduras. Deixe-me enfaixar seu rosto.

- Lucas, preciso de muita perspicácia esta noite, e não poderei pensar todo coberto de ataduras.

- Mas vai ficar uma cicatriz horrível se não fechar as bordas do corte.

- Deixe. Ninguém vai se queixar de eu ter me tornado menos bonito. Só me dê outro pano para estancar o sangue. Este aqui está encharcado. Bem, companheiros, quando Strange chegar... - disse, suspirando. - Não sei o que lhes dizer. Não tenho conselhos. Mas, se tiverem a oportunidade de ajudá-los, ajudem-nos.

- Quê? - perguntou um criado. - Ajudar Mister Norrell e Mister Lascelles?

- Não, seu tolo! Ajudar Mister Norrell e Mister Strange. Lucas, diga a Lucy, Hannah e Dido que me despedi e lhes desejei felicidades, e um bom e obediente marido, quando o quiserem. - Tratava-se das três criadas preferidas de Childermass.

- E o senhor se habilita? - disse Davey com um largo sorriso.

Childermass riu e a seguir estremeceu ao sentir a dor no rosto.

- Bem, para Hannah, talvez - disse. - Adeus, companheiros.

Apertou a mão de todos e ficou um tanto surpreso quando Davey, que não obstante sua força e tamanho era sentimental como uma garotinha de escola, insistiu em abraçá-lo e na verdade até chorou. Lucas deu-lhe uma garrafa do melhor clarete de Mr. Norrell como presente de despedida.

Childermass conduziu Brewer para fora do estábulo. A lua surgira. Não encontrou dificuldade em seguir pela curva que levava do jardim ornamental ao parque. Quando atravessava a ponte, de súbito se deu conta de que estava ocorrendo magia. Era como se mil trombetas houvessem soado em seus ouvidos ou como se uma luz ofuscante houvesse irradiado na escuridão. O mundo estava inteiramente diferente de momentos antes, mas no início não soube distinguir essa diferença. Olhou em volta.

Bem acima do parque e da casa se abrira um trecho de céu noturno que não poderia estar ali. As constelações estavam fragmentadas. Novas estrelas pendiam, estrelas que Childermass jamais vira. Eram, provavelmente, estrelas da Escuridão Eterna de Strange.

Olhou pela última vez para Hurtfew Abbey e partiu a galope.

Todos os relógios começaram a soar as horas ao mesmo tempo. Isso, por si só, era deveras extraordinário. Durante quinze anos, Lucas tentara induzir os relógios de Hurtfew a darem a hora juntos e eles jamais o fizeram até aquele momento. Mas era difícil distinguir um relógio do outro. Os relógios soavam sem parar, passando das doze, assinalando o tempo de uma nova e estranha era.

- Mas que som horrendo é este? - Perguntou Lascelles.

Mr. Norrell se levantou. Esfregou as mãos - em seu caso, sempre um sinal de grande nervosismo e tensão.

- Strange está aqui - disse rapidamente. Falou três palavras. Os relógios silenciaram.

A porta se escancarou. Mr. Norrell e Mr. Lascelles se voltaram, o sobressalto estampado no rosto, na expectativa de verem Strange parado lá. Mas era apenas Lucas e dois outros criados.

- Mister Norrell! - começou Lucas. - Acho que...

- Sim, sim! Eu sei! Vá até o depósito no pé da escada da cozinha. No baú, embaixo da janela encontrará correntes, cadeados e chaves, todos de chumbo.

Traga-os aqui! Depressa!

- E eu vou buscar um par de pistolas - afirmou Lascelles.

- De nada servirão - disse Mr. Norrell.

- Ah, o senhor ficaria surpreso de saber quantos problemas um par de pistolas pode resolver!

Todos voltaram em cinco minutos. Lucas, com ar relutante e insatisfeito, segurava as correntes e os cadeados; Lascelles segurava as pistolas, e lá haviam se juntado mais quatro ou cinco criados.

- Onde o senhor imagina que ele está? - perguntou Lascelles.

- Na biblioteca. Onde mais? - respondeu Mr. Norrell. - Vamos.

Saíram da sala de estar e entraram na sala de jantar. Dali atravessaram um corredor pequeno que continha um aparador de ébano marchetado, a estátua de mármore de um centauro com uma cria e uma pintura de Salomé carregando a cabeça de São João numa bandeja de prata. Adiante deles havia duas portas. A da direita parecia estranha a Lascelles, como se nunca a tivesse visto antes. Mr. Norrell os guiou por ela e eles de imediato viram-se de volta à sala de estar.

- Esperem - disse Mr. Norrell, confuso. Olhou para trás. - Devo ter... Não. Esperem. Já sei! Venham.

Mais uma vez passaram pela sala de jantar e seguiram pelo corredor. Dessa vez entraram pela porta da esquerda. Ela também levava de volta à sala de estar. Mr. Norrell emitiu um brado alto de desespero.

- Ele desfez meu labirinto e criou outro contra mim!

- Antes o senhor não o tivesse ensinado tão bem - comentou Lascelles.

- Ah, nunca o ensinei a fazer isso, e esteja certo de que ele nunca aprendeu com qualquer outro! Ou o diabo o ensinou, ou ele aprendeu esta noite mesmo em minha casa. Este é o gênio do meu inimigo! Feche-lhe uma porta e tudo o que

acontece é que ele aprende primeiro como abrir a fechadura e depois como construir uma ainda melhor contra o senhor!

Lucas e os outros criados acenderam mais velas, como se a luz de algum modo pudesse ajudá-los a enxergar através dos encantamentos de Strange e a distinguir realidade de magia. Logo cada um dos três cômodos resplandecia de luz. Castiçais e candelabros amontoavam-se em todas as superfícies, mas serviam apenas para confundi-los ainda mais. Iam da sala de jantar para a sala de estar, da sala de estar para o corredor, "Como raposas num terreno obstruído", disse Lascelles. Mas, por mais que tentassem, não conseguiam sair dos três cômodos.

O tempo passou. Era impossível dizer quanto. Todos os relógios marcavam meia-noite. Todas as janelas mostravam a negritude da Noite Eterna e estrelas desconhecidas.

Mr. Norrell parou de andar. Fechou os olhos. Seu rosto estava pesado e cerrado como um punho. Ficou imóvel de todo e apenas os lábios se mexiam de leve. Depois abriu os olhos brevemente e disse:

- Sigam-me. - Tornou a fechar os olhos e andou. Era como se seguisse a planta de uma casa totalmente diferente que de alguma forma tivesse sido introduzida dentro dele. As mudanças de direção, as direitas e as esquerdas, criavam um caminho novo, que ele jamais percorrera.

Após três ou quatro minutos, abriu os olhos. À sua frente, estava o corredor que ele procurara, o de piso lajeado, e em sua extremidade o contorno alto e umbroso da porta da biblioteca.

- Agora veremos o que ele está fazendo! - exclamou. - Lucas, prepare as correntes e os cadeados de chumbo. Não existe melhor profilaxia contra a magia do que o chumbo. Prenderemos as mãos dele e isso o deterá um pouco. Mister Lascelles, com que rapidez o senhor crê que podemos enviar uma carta a um dos ministros? - Ficando um pouco surpreso por ninguém lhe responder, virou-se para trás.

Estava sozinho.

De uma certa distância, ouviu Lascelles dizer algo; sua voz débil e fria era inconfundível. Ouviu um dos criados responder e a seguir Lucas. Mas pouco a pouco todos os barulhos foram diminuindo. Os sons dos criados a andar de um cômodo para outro sumiram. Fez-se o silêncio.

64. *Duas Versões de Lady Pole*

Meados de fevereiro de 1817

- Bem - disse Lascelles -, isso foi inesperado!

Ele e os criados estavam reunidos junto à parede norte da sala de jantar uma parede que Mr. Norrell tinha acabado de atravessar, com toda a calma do mundo.

Lascelles estendeu a mão e a tocou; era absolutamente sólida. Pressionou a com força; ela não se mexeu.

- Acha que ele pretendeu fazer isso? - inquiriu um dos criados.

- Acho que não tem muita importância o que ele pretendeu - respondeu Lucas. - Ele foi se encontrar com Mister Strange.

- O que é o mesmo que dizer que foi se encontrar com o diabo! - acrescentou Lascelles.

- O que vai acontecer agora? - perguntou outro criado.

Ninguém respondeu. Imagens de embates mágicos passaram pela cabeça dos presentes: Mr. Norrell atirando balas de canhão místicas contra Strange; Strange invocando demônios para levarem Mr. Norrell embora. Atentaram para ouvir ruídos de combate. Não houve nenhum.

Um grito soou do cômodo contíguo. Um dos criados abriu a porta da sala de estar e deparou com a sala de café-da-manhã. Adiante da sala de café-da-manhã, estava a saleta de estar de Mr. Norrell e, adiante dela, seu quarto de vestir. A antiga seqüência de cômodos fora de repente restaurada; o labirinto se desfizera.

Foi grande o alívio trazido por tal descoberta. Sem demora os criados abandonaram Lascelles e desceram para a cozinha, o refúgio e o conforto naturais da classe a que pertenciam. Lascelles, com a mesma naturalidade, sentou-se

solitário na saleta de estar de Mr. Norrell. Pretendia ali permanecer até a volta de Mr. Norrell. Ou, se Mr. Norrell não voltasse, esperar Strange e depois alvejá-lo. "Afinal", pensou, "o que pode um mago contra uma bala de chumbo? Entre o disparo da pistola e o estouro do coração, não há tempo para magia."

Mas pensamentos como esses propiciaram-lhe apenas uma satisfação temporária. A casa estava por demais silenciosa, a escuridão por demais mágica. E ele por demais ciente dos criados reunidos em algum lugar, dos dois magos a fazerem só Deus sabia o que em outro lugar e dele mesmo, sozinho, num terceiro lugar. Num canto da saleta ficava um antigo carrilhão, um último remanescente da casa da infância de Mr. Norrell no condado de York. O relógio, como os demais na casa, assinalara a meia-noite quando Strange chegara. Mas não o fizera de bom grado; objetara loquazmente a tal viravolta imprevista dos acontecimentos. Tiquetaqueava de modo torto, parecia ébrio, ou possivelmente febril, e de quando em quando emitia um som incrivelmente semelhante a uma aspiração. E, toda vez que o fazia, Lascelles pensava que Strange tinha entrado no cômodo e estava prestes a dizer alguma coisa.

Levantou-se e foi se unir aos criados na cozinha.

A cozinha de Hutfew Abbey era muito parecida com a cripta de uma catedral, cheia de ângulos clássicos e de recantos sombrios também clássicos. No centro dela, havia um grande número de velas de sebo e nele estavam reunidos todos os criados que Lascelles vira em Hutfew e muitos outros que jamais vira. Encostou-se num pilar no alto de um lanço da escada.

Lucas olhou de relance para ele e disse:

- Senhor, conversávamos sobre o que fazer. Vamos embora daqui a meia hora. Se ficarmos, nenhum bem podemos fazer a Mr. Norrell, e ainda corremos o risco de nos expor a algum mal. Esta é a nossa intenção, senhor, mas se tiver outra opinião gostaria de ouvi-la.

- A minha opinião! - exclamou Lascelles. Parecia espantado, e apenas em parte era uma dissimulação. - Esta é a primeira vez que um laçao pede minha opinião. Obrigado, mas creio que vou me recusar a participar dessa... - Refletiu por um

instante antes de escolher a palavra mais ofensiva de seu vocabulário - ... Democracia.

- Como preferir, senhor - disse Lucas com brandura.

- A esta hora deve ser dia na Inglaterra - disse uma das criadas, olhando nostalgicamente para as janelas no alto das paredes.

- Estamos na Inglaterra, sua tola! - proclamou Lascelles.

- Não, senhor. Queira me desculpar - disse Lucas -, mas não estamos. A Inglaterra é um lugar inatural. Davey, quanto tempo demora para pegar os cavalos?

- Ah! - bradou Lascelles. Têm muita audácia, devo dizer, para discutir ladroagem na minha presença! Mas sim! Acham que não os denunciarei? Ao contrário, cuidarei que sejam todos enforcados!

Alguns criados olharam nervosos para as pistolas nas mãos de Lascelles. Lucas, porém, ignorou-o.

Os criados logo concordaram que quem contasse com parentes ou amigos na região iria até eles. Os demais partiriam a cavalo para as várias fazendas situadas na propriedade de Mr. Norrell.

- Como o senhor pode ver - disse Lucas a Lascelles -, ninguém está roubando nada. Ninguém aqui é ladrão. Tudo o que é da propriedade de Mister Norrell continuará nas terras de Mister Norrell... E vamos cuidar muito bem dos cavalos dele, como se ainda estivessem nos estábulos. Seria uma crueldade terrível deixar qualquer criatura nesta escuridão perpétua.

Pouco mais tarde os criados deixaram Hurtfew (não se sabia quão mais tarde exatamente, pois todos os relógios de bolso, como os de parede, assinalavam meia-noite). Com cestos e valises pendurados nos braços e mochilas nas costas, conduziram os cavalos pelo cabresto. Havia também dois burros e um bode que sempre vivera nos estábulos porque os cavalos julgavam-no uma companhia agradável. Lascelles os observou a distância; não desejava dar a impressão de que fazia parte desse cortejo da ralé, mas tampouco queria ficar sozinho na casa.

A cerca de dez metros do rio, eles saíram da escuridão e penetraram na aurora. O ar de súbito encheu-se de odores - odores de geada, de terra invernal e do rio próximo. As cores e as formas do parque pareciam mais simples, como se a Inglaterra se tivesse renovado durante a noite. Para os pobres criados, que haviam duvidado de tornar a ver outra coisa afora escuridão e estrelas, a visão era assaz benfazeja.

Os relógios de bolso recomeçaram a funcionar e os criados verificaram, após consultas mútuas, que faltavam quinze minutos para as oito.

Mas os sobressaltos daquela noite ainda não haviam passado. Duas pontes agora conduziam ao outro lado do rio onde antes apenas uma existira.

Lascalles se aproximou correndo.

- O que é aquilo? - inquiriu, apontando para a nova ponte.

Um velho criado - um homem com uma barba semelhante a uma nuvem branca em miniatura grudada na ponta do queixo - disse que era uma ponte encantada. Vira-a quando jovem. Fora construída havia muito tempo, quando John Uskglass ainda reinava no condado de York. Ficara em mau estado e fora demolida na época do tio de Mr. Norrell.

- E entretanto aqui está, de volta - disse Lucas, arrepiando-se.

- E o que existe no outro lado? - indagou Lascalles.

O velho criado respondeu que muito tempo atrás ela conduzia a Northallerton, através de vários lugares estranhos.

- E ela desemboca na estrada que vimos perto da Red House? - perguntou Lascalles.

O velho criado balançou a cabeça. Não sabia.

Lucas perdia a paciência. Queria se ver longe dali.

- Estradas encantadas não são como estradas cristãs - disse. - Quase sempre não vão, de modo algum, aonde devem ir. Mas que importa? Ninguém aqui vai nem mesmo pôr um pé naquela coisa maléfica.

- Obrigado - retrucou Lascelles -, mas creio que prefiro eu mesmo tirar minhas conclusões sobre isso. - Hesitou um pouco e depois andou a passos largos em direção à ponte encantada.

Vários dos criados gritaram para que ele voltasse.

- Ah, deixe-o ir! - exclamou Lucas, segurando com mais firmeza o cesto em que transportava seu gato. - Que ele se dane, se quiser! Estou seguro de que ninguém poderia merecê-lo mais. - Lançou a Lascelles um último e profundo olhar de antipatia e seguiu os outros parque adentro.

Atrás deles o Pilar Negro se elevava no céu cinzento do condado de York sem que se visse sua extremidade.

A uns trinta quilômetros dali, Childermass atravessava a ponte para burros de carga que levava ao vilarejo de Starecross. Cavalgou vilarejo adentro até Starecross Hall e desmontou.

- Olá! Olá! - Bateu na porta com o açoite. Gritou um pouco mais e deu alguns chutes vigorosos nela.

Dois criados apareceram. Já estavam suficientemente assustados com os berros e as pancadas, e, ao erguerem a vela e verificarem que o responsável por todo aquele barulho era uma pessoa de olhos arregalados, com aparência de bandido, talho no rosto e camisa toda ensangüentada, não se mostraram menos tranqüilizados.

- Não fiquem aí parados todo pasmos! - disse-lhes. - Vão chamar seu patrão! Ele me conhece!

Passados dez minutos, Mr. Secundus apareceu de roupão. Childermass, esperando impacientemente no interior da casa próximo à porta, percebeu que, enquanto vinha pelo corredor, ele estava de olhos fechados e o criado o guiava pela

mão, como se ele tivesse ficado cego. O criado o posicionou diante de Childermass. Ele abriu os olhos.

- Deus meu, Mister Childermass! - Exclamou. - O que houve com seu rosto?

- Alguém o confundiu com uma laranja. E o senhor? O que lhe aconteceu? Esteve doente?

- Não, doente, não. - Mr. Secundus se atrapalhou. - É viver em constante proximidade com forte magia. Não tinha me dado conta antes de quão enfraquecedor pode ser. Quero dizer, para uma pessoa suscetível a ela. Os criados não sentem o menor efeito, alegre-me dizê-lo.

Havia nele uma estranha insubstancialidade. Dava a impressão de ser uma pintura pairando na atmosfera. A mais leve corrente de ar que penetrou por uma fresta do batente da janela tocou-lhe o cabelo e fez dele pequenos arabescos e espirais, como se nada pesassem.

- Imagino que o senhor tenha vindo até aqui por isso - continuou. Mas deve dizer a Mister Norrell que nada fiz exceto estudar as ocorrências que se apresentaram. Confesso que tomei algumas notas, mas de fato não há do que ele se queixar.

- De que magia está falando? - perguntou Childermass. - Não é mais necessário se preocupar com Mister Norrell. Ele tem lá seus problemas e não sabe que estou aqui. O que andou fazendo, Mister Secundus?

- Apenas observando e registrando, como todo mago. - Mr. Secundus inclinou-se para a frente com entusiasmo. - E cheguei a algumas conclusões surpreendentes com relação à doença de Lady Pole!

- Sim?

- Na minha opinião, não se trata de loucura. É magia! - Mr. Secundus esperou Childermass se espantar. Ficou um pouco desapontado quando o procurador apenas anuiu com a cabeça.

- Tenho algo que pertence a Sua Senhoria - disse Childermass. - Algo que ela perdeu há bastante tempo. Por isso peço-lhe que me faça a gentileza de me levar até ela.

- Ah, mas...

- Tenho boas intenções, Mister Secundus. E acredito que poderei fazer a ela algum bem. Juro por Ave e Livro. Por Ave e Livro.

- Não posso levá-lo até ela - disse Mr. Secundus. Ergueu a mão, antecipando a objeção de Childermass. - Não que relute a isso. É que não posso. Charles nos guiará - completou, apontando para o criado ao lado.

Isso pareceu assaz excêntrico a Childermass, mas ele não estava com disposição para discutir. Mr. Secundus agarrou o braço de Charles e fechou os olhos.

Atrás dos corredores de pedra e carvalho de Starecross Hall, de súbito surgiu a visão de outra casa. Childermass viu galerias elevadas que se estendiam por distâncias inimagináveis. Era como se duas transparências houvessem sido colocadas numa lanterna mágica ao mesmo tempo, de forma que uma imagem se sobrepunha à outra. A impressão de andar em duas casas de uma só vez provocava uma sensação semelhante ao enjôo causado pelo balanço do mar. Uma confusão apossou-se de sua mente e, se estivesse sozinho, logo não saberia para que lado seguir. Não podia dizer se estava andando ou caindo, se subia um de grau ou uma escada de comprimento impossível. Por vezes parecia percorrer, deslizando, um acre de lajeado, enquanto ao mesmo tempo sentia que nem sequer se movimentava. A cabeça girava e ele tinha náuseas.

- Parem! Parem! - gritou, prostrando-se no chão com os olhos fechados.

- Atua demais sobre o senhor - disse Mr. Secundus. - Mais do que sobre mim. Feche os olhos e segure meu braço. Charles nos conduzirá.

Continuaram a caminhar, os olhos fechados. Charles os guiou para a direita e escada acima. No alto da escada, houve um murmúrio de conversa entre Mr.

Segundus e alguém. Charles conduziu Childermass para a frente e ele teve a impressão de entrar num quarto. Cheirava a roupas limpas e a rosas secas.

- Esta é a pessoa que o senhor deseja que eu veja? - perguntou uma voz de mulher. Havia algo de curioso na voz, como se procedesse de dois lugares ao mesmo tempo, como se emitisse um eco. - Mas eu o conheço! É o criado do mago! É...

- Eu sou a pessoa que Vossa Senhoria alvejou - disse Childermass, abrindo os olhos.

Viu não uma, mas duas mulheres, ou talvez fosse mais exato dizer ter visto a mesma mulher duplicada. Ambas estavam sentadas na mesma posição, olhando para ele. Ocupavam o mesmo espaço, de maneira que, ao olhar para ela, Childermass teve a mesma sensação de vertigem que sentiu quando percorreu os corredores.

Uma versão de Lady Pole estava na casa no condado de York; trajava um vestido caseiro da cor marfim e o fitava com tranqüila indiferença. A outra era uma versão mais tênue, mais espectral. Estava numa casa sombria, labiríntica, trajando um vestido de baile vermelho-sangue. Em seu cabelo preto havia jóias ou estrelas e ela o fitava com fúria e ódio.

Mr. Segundus puxou Childermass para a direita.

- Não saia daqui! - disse nervosamente. - Agora feche um olho! Pode ver? Observe! Uma rosa vermelha e branca no lugar em que deveria estar a boca.

- A magia age sobre nós de formas diferentes - disse Childermass. Vejo algo muito estranho, mas não isso.

- É muito corajoso de estar aqui - disseram as duas versões de Lady Pole, dirigindo-se a Childermass -, considerando-se quem o senhor é e quem representa.

- Não vim para tratar assuntos de Mister Norrell. Para falar a verdade, não tenho muita certeza de quem eu represento. Creio que é Jonathan Strange. Acredito que ele me enviou uma mensagem e penso que é sobre Vossa Senhoria. Mas o

mensageiro foi impedido de chegar até mim e a mensagem se perdeu. Acaso sabe o que Mister Strange desejaria ter me falado acerca de Vossa Senhoria?

- Sim - responderam as duas versões de Lady Pole.

- E me dirá o que é?

- Se eu falar - disseram elas -, falarei tão-somente loucuras.

Childermass encolheu os ombros.

- Passei vinte anos em companhia de magos. Estou acostumado com isso. Fale.

Então ela (ou elas) começou. Imediatamente Mr. Secundus tirou um caderno de anotações do bolso do roupão e se pôs a escrever. Mas, na opinião de Childermass, as duas versões de Lady Pole não falavam mais como uma. A Lady Pole sentada em Starecross Hall contava a história de uma menina que vivia perto de Carlisle, enquanto a mulher de vestido vermelho-sangue parecia contar outra bem diferente. Assumira uma expressão feroz e enfatizava as palavras com gestos exaltados, mas Childermass não sabia do que ela falava; a história excêntrica da menina de Cúmbria a abafava.

- Aí está! Percebe? - exclamou Mr. Secundus, ao terminar suas anotações. - Isso é o que as faz pensar que estão loucas, essas histórias e fábulas estranhas. Mas preparei uma lista de tudo o que ela me contou e comecei a encontrar correspondências entre elas e o antigo saber encantado. Tenho certeza de que, se o senhor e eu pesquisássemos, descobriríamos algumas referências a um grupo de seres encantados com alguma estreita ligação com aves canoras. Talvez não fossem guardadores de aves canoras. Isso, o senhor haverá de concordar, soa demais como uma ocupação estável para uma raça irresponsável, mas é possível que tenham procurado um certo tipo de magia relacionada a aves canoras. E é possível que tenha sido conveniente para um deles contar a uma menina impressionável que era guardador de aves canoras.

- Talvez - disse Childermass sem muito interesse. - Mas não foi isso que ela pretendeu nos contar. E me lembrei do significado mágico das rosas. Representam

silêncio. Por isso o senhor vê rosa vermelha e branca... É um encantamento para silenciar.

- Um encantamento para silenciar! - exclamou Mr. Secundus, estupefato. - Sim, sim! Entendo! Li sobre essas coisas. Mas como quebrá-lo?

Do bolso do casaco Childermass tirou uma caixinha da cor da tristeza.

- Vossa Senhoria - disse ele -, dê-me sua mão esquerda.

Ela apoiou a mão branca na mão morena e enrugada de Childermass. Ele abriu a caixa, tirou o dedo e o colocou no espaço vazio.

Nada aconteceu.

- Temos que encontrar Mister Strange - disse Mr. Secundus. - Ou Mister Norrell. Talvez consigam repará-lo!

- Não - retrucou Childermass. - Não é necessário. Não por ora. Mister Secundus, o senhor e eu somos dois magos. E a Inglaterra está cheia de magos. Quantos anos de estudos nós dois temos juntos? Devemos saber alguma coisa apropriada. Que tal Restauração e Retificação, de Pale?

- Conheço a fórmula do encantamento - disse Mr. Secundus -, mas nunca fui um mago praticante.

- E jamais será se não tentar. Faça a magia, Mister Secundus.

Então Mr. Secundus fez a magia.

O dedo fluiu para dentro da mão, formando um todo perfeito. No mesmo instante, desapareceu a impressão de corredores sombrios e infinitos à volta deles; as duas mulheres ante os olhos de Childermass reduziram-se a uma só.

Lady Pole levantou-se lentamente da cadeira. Seus olhos viravam com rapidez de um lado para o outro, como se contemplasse um mundo novo. Todos no quarto perceberam que ela estava mudada. Havia animação e fervor em cada um de seus traços. Os olhos fulguravam com uma luz arrebatadora. Ela ergueu os dois braços;

as mãos fortemente cerradas, como se pretendesse golpear com elas a cabeça de alguém.

- Fui encantada! - bradou. - Trocada pela carreira de um homem perverso!

- Meu Deus! - exclamou Mr. Secundus. - Minha cara Lady Pole...

- Controle-se, Mister Secundus! - disse Childermass. - Não temos tempo para banalidades. Deixe-a falar!

- Estive morta por dentro e quase morta por fora! - Lágrimas começaram a correr de seus olhos e ela bateu no peito com a mão cerrada. - E não apenas eu! Outros sofrem neste mesmo instante! Mrs. Strange e o criado de meu marido, Stephen Black!

Ela contou minuciosamente dos bailes frios e espectrais que tivera de suportar, das procissões lúgubres de que fora forçada a participar e da estranha incapacidade física que impedia que ela e Stephen Black falassem da desagradável situação em que se encontravam.

Mr. Secundus e os criados ouviram cada nova revelação com um horror crescente; sentado, Childermass escutava com expressão impassível.

- Temos de escrever aos editores de jornais! - exclamou Lady Pole. Estou resolvida a fazer um desmascaramento público!

- Desmascaramento de quem? - perguntou Mr. Secundus.

- Dos magos, é evidente! Strange e Norrell!

- Mister Strange? - balbuciou Mr. Secundus. - Não, não, Vossa Senhoria se equivoca! Minha cara Lady Pole, reflita um pouco sobre o que está dizendo.

Por Mister Norrell não intercedo... Os crimes que cometeu contra Vossa Senhoria são desalmados! Mas Mister Strange nada fez de mal... Ao menos não intencionalmente. Decerto não terá ele sido mais vítima do pecado do que pecador?

- Oh! - exclamou Lady Pole. - Ao contrário! Considero-o de longe o pior. Por sua negligência e magia fria e viril, ele traiu a melhor das mulheres, a mais excelente das esposas!

Childermass se levantou.

- Aonde vai? - inquiriu Mr. Secundus.

- Procurar Strange e Norrell.

- Por quê? - bradou Lady Pole, cercando Childermass. - Para alertá-los? Para que assim possam se preparar contra a vingança de uma mulher? Oh, como esses homens protegem-se uns aos outros!

- Não, vou lhes oferecer minha ajuda para libertar Mrs. Strange e Stephen Black.

Lascelles continuava a andar. A senda seguia por um bosque adentro. Na entrada dele, havia a estátua da mulher que segurava os olhos e o coração arrancados, exatamente como Childermass descrevera. Cadáveres pendiam dos espinheiros em diferentes estados de decomposição. A neve cobria o chão e reinava o silêncio.

Pouco depois, ele chegou a uma torre. Imaginara que fosse um tipo de lugar excêntrico e extraordinário. "Mas, de fato", pensou, "é bastante comum, como os castelos dos campos limítrofes à Escócia."

No alto da torre havia uma única janela iluminada por luz de vela e a sombra de alguém que observava. Lascelles também notou outra coisa, algo que Childermass não vira ou que não se dera o trabalho de relatar: as árvores estavam repletas de criaturas semelhantes a serpentes. Tinham formas pesadas e curvas. Uma estava prestes a engolir inteiro um cadáver recente e de aparência carnuda.

Entre as árvores e o riacho estava o jovem pálido. Seus olhos eram vazios e um leve orvalho cobria-lhe a testa. O uniforme era, pensou Lascelles, o da 11ª. Brigada

Ligeira.

Lascelles assim se dirigiu a ele:

- Um de nossos compatriotas o abordou dias atrás. Falou com o senhor. O senhor o desafiou. Depois ele fugiu. Era um sujeito moreno, repulsivo. Uma pessoa de hábitos desprezíveis e de origem humilde.

Se reconheceu Childermass em tal descrição, o jovem pálido não demonstrou. Com voz abafada, disse:

- Sou o defensor do Castelo do Olho e do Coração Arrancados. Faço desafios a...

- Sim, sim! - exclamou Lascelles, impaciente. - Não me interessa. Vim para lutar. Para apagar a mácula sobre a honra da Inglaterra criada pela covardia daquele sujeito.

O vulto na janela inclinou-se para a frente ansiosamente.

O jovem pálido nada disse.

Lascelles emitiu um som de irritação.

- Pois muito bem! Creia que desejo toda a maldade deste mundo para aquela mulher, se isso lhe apraz. Pouco me importa, nem um pouco! Pistolas?

O jovem pálido encolheu os ombros.

Não havendo quem atuasse como padrinho para eles, Lascelles disse ao jovem que se distanciariam vinte passos e ele próprio mediu o chão.

Haviam ocupado suas posições e estavam prestes a atirar quando algo ocorreu a Lascelles.

- Espere! - gritou. - Qual é seu nome?

O jovem o fitou obtusamente.

- Não me lembro - respondeu.

Ambos dispararam as pistolas ao mesmo tempo. Lascelles teve a impressão de que, no último instante, o rapaz desviara a pistola e disparara intencionalmente para longe. Lascelles não se importava: se era um jovem covarde, pior para ele. O projétil de sua pistola voara com prazenteira exatidão e penetrara no peito do jovem. Ele o observou morrer com o mesmo interesse intenso e a sensação de satisfação que sentira ao matar Drawlight.

Pendurou o corpo no espinheiro mais próximo. A seguir, entreteu-se atirando nos corpos apodrecidos e nas serpentes. Não fazia meia hora que estava entregue a tal agradável ocupação quando ouviu o som de cascos na senda do bosque. Da direção oposta, do Reino Encantado, não da Inglaterra, aproximava-se um vulto negro montado num cavalo negro.

Lascelles girou para trás.

- Eu sou o defensor do castelo do Olho e do Coração Arrancados - começou a dizer...

65. *As Cinzas, as Pérolas, a Colcha e o Beijo.*

Meados de fevereiro de 1817

Enquanto Lucas e os outros saíam de Hurtfew Abbey, Stephen se vestia no quarto do último andar da casa da Rua Harley.

Londres é uma cidade com mais excentricidades do que com justiça lhe cabe, mas, de todos os lugares surpreendentes com que contava nessa época, o mais extraordinário era sem dúvida o quarto de Stephen. Era repleto de coisas preciosas, raras e maravilhosas. Se o Ministério ou os cavalheiros que dirigiam o Banco da Inglaterra pudessem de algum modo adquirir o conteúdo do quarto de Stephen, seria o fim de todas as suas preocupações. Pagariam as dívidas da Grã Bretanha e com os trocados reconstruiriam Londres. Graças ao cavalheiro de cabelos de algodão, Stephen possuía jóias de coroa de não se sabia quantos reinos e mantos bordados que no passado pertenceram a papas coptas. Os vasos de flores no peitoril da janela não continham flores, mas cruces de rubi e pérolas, jóias lavradas e insígnias de ordens militares havia muito extintas. Dentro de seu pequeno armário, havia um pedaço do teto da Capela Sistina e o fêmur de um santo basco. O chapéu de São Cristóvão estava pendurado num cabide atrás da porta, e uma estátua de Lorenzo de Médici feita por Michelangelo (que até havia pouco estivera no túmulo do grande homem em Florença) ocupava grande parte do piso.

Stephen estava se barbeando em frente de um pequeno espelho equilibrado no joelho de Lorenzo de Médici quando o cavalheiro apareceu junto a seu ombro.

- O mago voltou para a Inglaterra! - exclamou. - Vi-o ontem à noite nas estradas do Rei, envolto na escuridão como se com uma capa mística! O que ele deseja? O que estará planejando? Oh, isto será o meu fim, Stephen! Sinto-o! Ele pretende fazer-me um grande mal!

Stephen sentiu um calafrio. O cavalheiro era sempre mais perigoso quando nesse estado de agitação e alarme.

- Deveríamos matá-lo! - disse o cavalheiro.

- Matá-lo? Oh, não, senhor!

- Por que não? Estaríamos livres dele para sempre! Eu poderia lhe amarrar os braços, olhos e língua por meio de magia e o senhor poderia lhe traspassar o coração!

Stephen refletiu rapidamente.

- Mas a volta dele talvez nada tenha a ver com o senhor - sugeriu. Pense nos muitos inimigos que ele tem na Inglaterra... Quero dizer, inimigos humanos. Talvez tenha voltado para continuar a altercar com um deles.

O cavalheiro mostrou-se em dúvida. Era-lhe sempre difícil acompanhar um raciocínio que não incluísse uma referência a ele.

- Não creio que isso seja muito provável - retrucou.

- Ah, mas claro que sim! - disse Stephen, começando a se sentir mais seguro. - Escreveram coisas terríveis sobre ele nos jornais e nos periódicos de magia. Corre o boato de que matou a esposa. Muita gente acredita nisso. Não fosse a situação atual dele, muito possivelmente já teria sido preso. E é do conhecimento geral que o outro mago é o autor de todas essas mentiras e meias-verdades. Provavelmente Strange tenha voltado para se vingar de seu mestre.

O cavalheiro fitou Stephen por alguns momentos. Depois riu, com um estado de ânimo tão bom quanto oposto ao de instantes atrás.

- Nada temos a temer, Stephen! - exclamou, satisfeito, - Os magos se indispuseram e se odeiam! Entretanto, nada são um sem o outro. Como isso me alegra! Que felicidade a minha ter os seus conselhos! E por isso pretendo lhe dar hoje um presente maravilhoso... Algo que o senhor sempre desejou!

- Mesmo, senhor? - disse Stephen, suspirando. - Isso será muito agradável.

- Mas teremos de matar alguém - disse o cavalheiro, retomando de imediato o assunto anterior. - Deixaram-me muito contrariado hoje de manhã e alguém deve

morrer por isso. O que diz do velho mago? Ah, mas espere! Isso favoreceria o mais jovem, coisa que não desejo promover! Que tal o marido de Lady Pole? Ele é alto e arrogante, e o trata como a um criado!

- Mas, senhor, eu sou um criado!

- Ou o rei da Inglaterra! Sim, este é um plano excelente! Vamos já, eu e o senhor, até o rei da Inglaterra. Depois poderá matá-lo e substituí-lo como rei! Tem o orbe, a coroa e o cetro que lhe dei?

- Mas as leis da Grã-Bretanha não permitem... - começou Stephen.

- As leis da Grã-Bretanha! Ora! Que tolice! Achei que, a esta altura, o senhor já houvesse entendido que as leis da Grã-Bretanha nada mais são que um testamento inconsistente dos desejos e sonhos inúteis da humanidade. De acordo com as leis antigas pelas quais minha raça se conduz, um rei é mais comumente sucedido pela pessoa que o mata.

- Mas, senhor, não se lembra do quanto gostou do velho cavalheiro quando o conheceu?

- Hum, isso é verdade. Mas numa questão de suma importância como essa estou disposto a pôr de lado sentimentos pessoais. A dificuldade, Stephen, é que temos muitos inimigos! Há muitas pessoas perversas na Inglaterra! Sei disso! Pedirei a alguns de meus aliados que nos digam quem, de todos, é o nosso maior inimigo. Precisamos ter cautela. Ser astutos. Devemos formular o pedido com exatidão. Pedirei ao vento norte e à aurora que nos levem de imediato à presença da pessoa que na Inglaterra representa a maior ameaça para mim! Depois poderemos matá-la, quem quer que ela seja. Note, Stephen, que embora eu me refira a minha própria vida, considero seu destino e o meu tão unidos a ponto de quase não existir diferença entre nós. Todo aquele que representa um perigo para mim, representa um perigo para o senhor também! Agora pegue a coroa, o orbe e o cetro, e dê um último adeus ao cenário de sua escravidão! É provável que jamais volte a vê-lo!

- Mas... - começou Stephen.

Era tarde demais. O cavalheiro ergueu as mãos compridas e brancas

numa espécie de floreiro.

Stephen esperava ser levado à presença de um dos dois magos, possivelmente na de ambos. Em vez disso, porém, o cavalheiro e ele deram consigo numa charneca vasta e vazia, coberta de neve. Mais neve caía. Num lado, o terreno se elevava de encontro a um céu pesado cor de ardósia; no outro, via-se o panorama enevoado de colinas brancas e distantes. Em toda essa paisagem solitária, havia apenas uma árvore, um pilriteiro retorcido não longe de onde eles estavam. Era, pensou Stephen, muito parecido com a paisagem que circundava Starecross Hall.

- Bem, isto é estranho! – Disse o cavalheiro. – Não vejo uma só alma, o senhor vê?

- Não, senhor. Nenhuma - respondeu Stephen, aliviado. - Voltemos a Londres.

- Não entendo... Ah, mas espere! Há alguém aqui!

A quase um quilômetro, parecia haver uma estrada ou senda de algum tipo. Um cavalo e uma carroça vinham por ela devagar. Quando a carroça se aproximou do pilriteiro, ela parou e alguém desceu. A pessoa começou a atravessar com dificuldade a charneca em direção a eles.

- Excelente! - exclamou o cavalheiro. - Agora conheceremos nosso mais poderoso e cruel inimigo! Stephen ponha a coroa! Que ele estremeça ante seu poder e sua grandeza! Excelente! Erga o cetro! Isto, isto! Segure o orbe! Mas que figura vistosa! Quão magnificente! Agora, Stephen, já que dispomos de algum tempo antes que ele se aproxime - o cavalheiro fitou o pequeno vulto na distância, seguindo com esforço pela charneca coberta de neve -, tenho algo mais a lhe contar. Qual é a data de hoje?

- Quinze de fevereiro, senhor. Dia de Santo Antônio.

- Ah! Um santo enfadonho, de fato! Bem, no futuro as pessoas na Inglaterra terão algo melhor para comemorar no dia 15 de fevereiro do que a vida de um monge que afasta a chuva para as pessoas e encontra as ninharias que elas perdem!

- Terão mesmo, senhor? E o que é?

- O nome de Stephen Black!

- Como assim, senhor?

- Eu lhe disse Stephen, que descobriria seu nome verdadeiro!

- Quê! Minha mãe de fato deu-me um nome, senhor?

- Decerto que sim! Tudo é tal qual supus, o que não me surpreende, pois raras vezes me engano em assuntos como esses. Ela deu-lhe um nome no idioma dela. Um nome que ouvia com freqüência entre sua gente, quando ainda moça. Deu-lhe um nome, mas não o revelou a ninguém. Nem sequer o sussurrou em seus ouvidos de infante. Não teve tempo, pois a morte lhe sobreveio despercebidamente e a pegou de surpresa.

Surgiram imagens na mente de Stephen: o porão escuro e bafiento do navio; a mãe, esgotada pelas dores do parto, cercada por estranhos; ele mesmo um bebê pequenino. Conheceria ela o idioma das outras pessoas a bordo? Não havia como saber. Quão sozinha ela deveria ter se sentido! Ele daria tudo neste momento para tocá-la e confortá-la, mas todos os anos de sua vida os separavam. Sentiu o coração endurecer ainda mais contra os ingleses. Momentos antes, esforçara-se para convencer o cavalheiro a não matar Strange, mas por que deveria se importar com o que acontecesse a um inglês? Por que se importar com o que ocorresse a qualquer um dessa raça fria e insensível?

Com um suspiro, afastou tais pensamentos e percebeu que o cavalheiro continuava a falar.

- ... É uma história assaz edificante e demonstra à perfeição todas as qualidades pelas quais sou particularmente famoso. A saber, sacrifício de si mesmo, amizade dedicada, nobreza de propósitos, perspicácia, engenhosidade e coragem.

- Como, senhor?

- A história da minha descoberta de seu nome, Stephen, que agora vou relatar! Saiba, pois, que sua mãe morreu no porão de um navio, o *Penlaw*, que navegava da Jamaica para Liverpool. E então - acrescentou num tom prosaico - os marinheiros ingleses a despiram e a lançaram ao mar.

- Ah! - murmurou Stephen.

- Agora, como bem pode imaginar, isso dificultou em muito a tarefa de recuperar seu nome. Após trinta ou quarenta anos, tudo o que restou de sua mãe foram quatro coisas: os gritos durante o parto, que penetraram nas pranchas do navio; os ossos, que foi tudo o que dela sobrou depois que a carne e as partes mais macias foram devoradas pelos peixes...

- Ah! - voltou a exclamar Stephen.

- ... O vestido de algodão rosa do qual um marinheiro se apossara; e um beijo que o capitão do navio roubara dela dois dias antes. Agora - disse o cavalheiro (que claramente se divertia imenso) - perceba com que inteligência e astúcia reconstituí a passagem de cada parte dela pelo mundo, até ser capaz de recuperá-las e adivinhar seu nome glorioso! O *Penlaw* seguiu para Liverpool, onde o avô cruel do marido cruel de Lady Pole desembarcou com seu criado, que carregou sua pessoa infante nos braços. Na viagem seguinte do *Penlaw*, que seguiu para Leith, na Escócia, o navio enfrentou uma tempestade e naufragou. Vários mastros e pedaços de casco destruído foram lançados numa praia rochosa, inclusive as pranchas que guardavam os gritos de sua mãe. Elas foram recolhidas por um homem muito pobre para construir o telhado e as paredes de sua casa. Localizei a casa com facilidade. Ficava num promontório açoitado pelo vento que sobranceava um mar tempestuoso. Dentro dela, várias gerações da família desse homem pobre viveram em grande miséria e degradação. Agora. Stephen, o senhor deve saber que a natureza da madeira é orgulhosa e obstinada; não revela de pronto o que sabe, nem mesmo a amigos. É sempre mais fácil lidar com suas cinzas do que com a própria madeira. Assim, incendiei a casa do homem pobre, depusitei as cinzas numa garrafa e segui meu caminho.

- Incendiou senhor! Espero que ninguém tenha se ferido!

- Bem, algumas pessoas se feriram. Os homens jovens e fortes conseguiram escapar a tempo da conflagração, mas os membros mais velhos e debilitados da família, as mulheres e as crianças, todos morreram queimados.

- Oh!

- A seguir reconstituí a história dos ossos. Creio haver mencionado que sua mãe foi lançada ao mar, onde, em virtude do movimento das águas e das persistentes interferências dos peixes, seu corpo se tornou ossos, os ossos se tornaram pó e um leito de ostras logo transformou o pó em inúmeros punhados das mais belas pérolas. As pérolas foram por fim colhidas e vendidas a um joalheiro em Paris, que produziu um colar de cinco enfiadas perfeitas. Ele o vendeu a uma linda condessa francesa. Sete anos mais tarde, a condessa foi guilhotinada e suas jóias, vestidos e bens pessoais tornaram-se propriedade de um oficial revolucionário. Esse homem cruel era, até recentemente, o prefeito de uma cidadezinha do vale do Loire. Ele esperava até tarde da noite todos os criados se deitarem e então, na privacidade de seu quarto, punha em si as jóias, os vestidos e outros ornamentos da condessa e desfilava de um lado para o outro na frente de um espelho enorme. Ali o encontrei uma noite, com uma aparência, posso dizer, bastante ridícula. Eu o estrangulei no mesmo instante, usando o colar de pérolas.

- Oh! - fez Stephen.

- Peguei as pérolas, deixei o corpo deplorável tombar no chão e continuei.

A seguir, concentrei a atenção no gracioso vestido de algodão rosa de sua mãe. O marinheiro que o tomara para si o guardou entre os objetos dele por cerca de dois anos, até que sucedeu de ele ir dar numa aldeola pobre e gelada da costa leste da América do Norte chamada Piper's Grave. Lá conheceu uma mulher alta e magra e, querendo impressioná-la, presenteou-a com o vestido. O vestido não se ajustava à mulher (sua mãe, Stephen, tinha um corpo feminino, suavemente roliço), mas como ela gostou da cor cortou-o e costurou os pedaços, fazendo dele uma colcha com outros tecidos ordinários. O restante da história dessa mulher não é muito interessante: ela esposou vários maridos, enterrou todos eles e, na época em que a localizei, estava velha e murcha. Arranquei a colcha da cama enquanto ela dormia.

- O senhor não a matou, não é? - perguntou Stephen, apreensivo.

- Não, Stephen. Por que o faria? Claro, era uma noite de um frio cortante, com um metro de neve e um vento norte uivante lá fora. Ela pode ter morrido de frio. Não sei. E assim chegamos enfim ao beijo e ao capitão que o roubou de sua mãe.

- O senhor o matou?

- Não, Stephen. Embora com certeza eu o teria feito para puni-lo por ter insultado sua estimada mãe, ele havia sido enforcado na cidade de Valletta vinte e nove anos antes. Felizmente beijara um grande número de outras jovens antes de morrer, e a virtude e a força do beijo de sua mãe foram transmitidas a elas. De forma que bastou apenas encontrá-las para extrair delas o que restara do beijo de sua mãe.

- E como fez isso, senhor? - perguntou Stephen, embora receasse saber perfeitamente a resposta.

- Ah, é fácil uma vez que as mulheres estejam mortas.

- Tantas pessoas mortas, só para descobrir meu nome - disse Stephen com um suspiro.

- E com prazer teria matado duas vezes mais... Não, uma centena de vezes mais... Não, centenas de milhares de vezes, ou mais, tão grande é o amor que tenho pelo senhor, Stephen. Com as cinzas que eram os gritos dela, com as pérolas que eram seus ossos, com a colcha que era seu vestido e com a essência mágica de seus beijos pude adivinhar seu nome, Stephen, que eu, seu mais leal amigo e seu mais nobre benfeitor, irei agora... Oh, mas eis nosso inimigo! Assim que o matarmos, eu lhe outorgarei seu nome. Cuidado, Stephen! Provavelmente haverá algum tipo de combate mágico. Creio que terei de assumir diferentes formas... Basiliscos, cabeça em carne viva e ossos ensangüentados, chuvas de fogo, assim por diante. Talvez convenha distanciar-se um pouco!

A pessoa desconhecida se aproximou. Era magro como um queijo de Banbury, de feições aquilinas e de aparência reles. O casaco e a camisa estavam em

frangalhos, as botas arruinadas e cheias de buracos.

- Bem - disse o cavalheiro após um momento -, eu não poderia estar mais abismado! Já viu esta pessoa antes, Stephen?

- Sim, senhor. Devo admitir que vi. É o homem sobre quem lhe falei. Aquele com a estranha deformação que me revelou a profecia. Seu nome é Vinculus.

- Bom dia, rei! - disse Vinculus a Stephen. - Não lhe disse que o momento estava quase chegando? Agora chegou! A chuva lhe fará uma porta e por ela o senhor passará! As pedras lhe farão um trono e nele o senhor sentará! - Observou Stephen com uma satisfação misteriosa, como se a coroa, o orbe e o cetro fossem todos obra dele.

Stephen disse ao cavalheiro:

- Talvez os seres veneráveis que o senhor utilizou tenham se enganado, senhor. Talvez tenham nos trazido à pessoa errada.

- Nada parece mais provável - concordou o cavalheiro. - Este vagabundo não é uma ameaça a quem quer que seja. Muito menos a mim. Mas, como o vento norte e a aurora deram-se o trabalho de indicá-lo, seria um grande desrespeito para com eles não matá-lo.

Vinculus pareceu curiosamente indiferente a essa sugestão. Riu.

- Experimente, se puder, ser encantado! Descobrirá que sou muito difícil de matar!

- Mesmo? - replicou o cavalheiro. - Pois devo confessar que a mim me parece não haver coisa mais fácil! Mas também, entenda, sou muito competente em matar todo tipo de coisa! Trucidei dragões, afoguei exércitos e persuadi terremotos e tempestades a tragar cidades! O senhor é um homem. Está sozinho, como, aliás, todos estão. Estou rodeado de amigos e de antigos aliados. Tratante, o que tem para contrapor a isso?

Vinculus apontou o queixo sujo para o cavalheiro, num gesto de extremo desdém.

- Um livro! - respondeu.

Era uma coisa estranha de se dizer. Stephen não pôde evitar pensar que, se Vinculus de fato possuísse um livro, seria bem mais aconselhável vendê-lo e comprar um bom casaco.

O cavalheiro virou a cabeça para fitar com súbita intensidade uma linha distante de colinas brancas.

- Oh! - exclamou, com a veemência de quem recebeu um golpe. - Ah, roubaram-na de mim! Ladrões! Ladrões! Ladrões ingleses!

- Quem, senhor? .

- Lady Pole! Alguém quebrou o encantamento!

- A magia dos ingleses, ser encantado! - bradou Vinculus. - A magia dos ingleses está voltando!

- Vê a arrogância deles agora, Stephen? - exclamou o cavalheiro, voltando-se e lançando sobre Vinculus um vívido olhar de ira. - Agora vê a maldade de nossos inimigos? Stephen arranje-me uma corda!

- Corda, senhor? Não encontraremos uma em quilômetros, tenho certeza. Vamos o senhor e eu...

- Nada de corda, ser encantado! - escarneceu Vinculus.

Mas agora algo acontecia no ar acima deles. As linhas de geadas e neve estavam de algum modo se entrelaçando. Serpenteavam no céu em direção a Stephen. De súbito, uma corda de bom comprimento lhe caiu nas mãos.

- Aí está! - bradou o cavalheiro, jubiloso. - Stephen, veja! Eis ali uma árvore! Uma árvore em todo este ermo solitário, exatamente onde precisamos dela! Mas a

Inglaterra sempre foi minha amiga. Sempre me serviu bem. Atire a corda sobre um galho e enforcemos este tratante!

Stephen hesitou, em dúvida sobre como impedir essa nova desgraça. A corda em sua mão parecia cada vez mais impaciente com ele; saltou e se dividiu perfeitamente em duas. Uma serpenteou no chão até Vinculus e o amarrou com firmeza; a outra se compôs, rápida, num laço bem-feito e pendurou-se com habilidade num galho.

O cavalheiro estava jubilante, o ânimo bastante revigorado ante a perspectiva de um enforcamento.

- Sabe dançar, tratante? - perguntou a Vinculus. - Vou lhe ensinar novos passos!

Tudo adquiriu a característica de um pesadelo. Os acontecimentos se sucederam com rapidez e perfeição, e Stephen não encontrou o momento certo para intervir ou as palavras certas a dizer. Quanto a Vinculus, comportou-se muito estranhamente durante toda a execução. Parecia não entender o que acontecia com ele. Não disse palavra, mas emitiu várias exclamações de irritação, como se estivesse sendo submetido a uma séria inconveniência e isso o zangasse.

Sem nenhum esforço aparente, o cavalheiro agarrou Vinculus e o pôs no laço. O laço se encaixou em seu pescoço e o ergueu abruptamente no ar; ao mesmo tempo, a outra corda se desenrolou do corpo de Vinculus e se dobrou ordenadamente no chão.

Vinculus agitava os pés inutilmente no ar; o corpo girava e se contraía em espasmos. Não obstante ter se vangloriado de ser um homem difícil de matar, seu pescoço quebrou-se com facilidade - pôde-se ouvir o estalo com nitidez na charneca deserta. Depois de mais algumas contrações espasmódicas, ele estava liquidado.

Stephen, esquecido de que resolvera odiar todos os ingleses, cobriu o rosto com as mãos e chorou.

O cavalheiro dançava e cantava para si mesmo, como faz uma criança quando algo em especial a agrada. Ao terminar, disse em tom de conversa:

- Bom, foi decepcionante! Ele nem mesmo reagiu. Gostaria de saber quem era ele.

- Eu lhe falei, senhor - disse Stephen, enxugando os olhos. - É o homem que me revelou aquela profecia. Tem uma estranha deformação no corpo. Como uma escrita.

O cavalheiro arrancou o casaco, a camisa e a gravata de Vinculus.

- Sim, cá está! - disse levemente surpreso. Com a unha de um dedo raspou um pequeno círculo no ombro direito de Vinculus para ver se saía. Verificando que não, perdeu o interesse.

- Bom!- exclamou. - Agora vamos, e lancemos um encantamento em Lady Pole.

- Um encantamento, senhor! - retrucou Stephen. - Mas por que desejaríamos isso?

- Ah, para que ela morra dentro de um ou dois meses. Afora qualquer coisa, é uma tradição. Raramente uma pessoa libertada de um encantamento tem permissão para viver o bastante... E mais ainda se foi encantada por mim! Lady Pole não está longe daqui, e os magos devem aprender a não se opor a nós impunemente! Vamos, Stephen!

66. *Jonathan Strange e Mr. Norrell*

Meados de fevereiro de 1817

Mr. Norrell virou-se para trás e olhou para o comprido corredor que antes conduzia da biblioteca ao resto da casa. Se estivesse seguro de que o levaria de volta a Lascelles e aos criados, seguiria por ele. Mas tinha certeza absoluta de que a magia de Strange simplesmente o devolveria a onde estava.

Ouvir-se um som dentro da biblioteca e ele estremeceu de pavor. Aguardou, mas ninguém apareceu. Após um momento, deu-se conta de que reconhecia o som. Ouvira-o milhares de vezes antes: era o som de Strange a vociferar irritado por causa de algum trecho num livro. Um som tão familiar, e na mente de Mr. Norrell tão intimamente ligado ao período mais feliz de sua vida, que lhe deu coragem para abrir a porta e entrar.

A primeira coisa a impressioná-lo foi a enorme quantidade de velas. O cômodo estava todo iluminado. Strange não se dera o trabalho de procurar castiçais; simplesmente grudara as velas em mesas e estantes. Grudara-as até mesmo em pilhas de livros. A biblioteca corria o iminente perigo de se incendiar. Havia livros por toda parte, espalhados em mesas, jogados pelo chão. Muitos deles haviam sido deixados com as páginas abertas voltadas para o chão, para que Strange não perdesse sua localização.

Strange encontrava-se de pé no fundo da biblioteca. Estava bem mais magro do que Mr. Norrell se lembrava. Barbeara-se sem nenhum grau extraordinário de perfeição e o cabelo estava desgrenhado. Não ergueu o olhar quando Mr. Norrell se aproximou.

- Sete pessoas de Norwich em 1124 - disse ele, lendo no livro que tinha na mão.
- Quatro de Aysgarth no condado de York, no Natal de 1151; vinte e três em Exeter em 1201; uma de Hathersage, no condado de Derby, em 1243... Todas encantadas e

levadas furtivamente para o Reino Encantado. Um problema que ele jamais solucionou.

Falava com tal calma que Mr. Norrell, que esperava ser aniquilado por uma explosão de magia a qualquer momento, olhou em volta para ver se alguém mais se achava no cômodo.

- Como? - indagou.

- John Uskglass - disse Strange, ainda sem se virar. - Ele não conseguia impedir que seres mágicos raptassem homens e mulheres. Por que deveria eu supor-me capaz de algo de que ele não conseguiu? - Leu um pouco mais. - Gosto do seu labirinto - comentou em tom casual. - Utilizou Hickman?

- Quê? Não. De Chepe.

- De Chepe! Mesmo? - Pela primeira vez Strange olhou diretamente para seu mestre. - Sempre o imaginei um estudioso secundário, sem nenhum pensamento original.

- Ele nunca foi muito admirado por pessoas que apreciam tipos de magia mais aparatosas - disse Mr. Norrell nervosamente, sem saber por quanto tempo a disposição cortês de Strange poderia durar. - Ele se interessava por labirintos, caminhos mágicos, encantamentos que podem ser levados a cabo seguindo-se determinadas etapas e cursos... Coisas assim. Há uma extensa descrição da magia dele nas *Instruções* de Belasis... - Fez uma pausa. - ... Que o senhor nunca leu. O único exemplar está aqui. Na terceira prateleira ao lado da janela. - Apontou e descobriu que a prateleira estava vazia. - Ou talvez esteja no chão - sugeriu. - Naquela pilha.

- Darei uma olhada daqui a pouco - garantiu-lhe Strange.

- O seu próprio labirinto foi notável - observou Mr. Norrell. - Passei metade da noite tentando escapar dele.

- Ah, fiz o que normalmente faço em circunstâncias como esta - disse Strange, despreocupado. - Copiei o senhor e acrescentei alguns requintes. Quanto tempo

faz?

- Como?

- Quanto tempo faz que estive na Escuridão?

- Desde o início de dezembro.

- E em que mês estamos agora?

- Fevereiro.

- Três meses! - exclamou Strange. - Três meses! Pensei que fossem anos!

Mr. Norrell imaginara essa conversa em muitas ocasiões. A cada vez concebera um Strange irado e vingativo, e ele mesmo apresentando fortes argumentos em defesa de si próprio. Agora que se encontravam, a despreocupação de Strange era desnorteante. As dores distantes que Mr. Norrell havia muito sentira em sua pequena e ressequida alma despertavam. Desenvolviam garras e o laceravam. Suas mãos começaram a tremer.

- Fui seu inimigo! - prorrompeu. - Destruí seu livro, todos exceto o meu exemplar! Difamei seu nome e tramei contra o senhor! Lascelles e Drawlight disseram a todos que o senhor assassinou sua esposa! E eu deixei que acreditassem nisso!

- Sim - disse Strange.

- Mas são crimes hediondos! Por que não está furioso?

Strange pareceu admitir que se tratava de uma pergunta sensata. Ponderou por um momento.

- Creio que é porque fui muitas coisas desde que nos vimos pela última vez. Fui árvores, rios, colinas e pedras. Conversei com as estrelas, com a terra e com o vento. Não se pode ser o condutor pelo qual flui toda a magia inglesa e continuar sendo o que se é. Eu deveria ter ficado furioso, o senhor diz?

Mr. Norrell confirmou com a cabeça.

Strange sorriu seu velho e irônico sorriso.

- Então console-se! É provável que voltarei a ficar. Na hora certa.

- E o senhor fez tudo isso só para me contrariar? - perguntou Mr. Norrell. - Para contrariá-lo? - retrucou Strange, estupefato. - Não! Fiz isso para salvar minha esposa!

Pairou um breve silêncio durante o qual Mr. Norrell percebeu ser impossível encarar Strange.

- O que quer de mim? - perguntou com brandura.

- Apenas o que sempre quis... Sua ajuda.

- Quebrar os encantamentos?

-Sim.

Mr. Norrell refletiu por um momento.

- O centésimo aniversário de um encantamento é com freqüência muito auspicioso - disse. - Existem diversos ritos e procedimentos...

- Obrigado - disse Strange, com mais que um toque de seu velho sarcasmo - mas creio que eu esperava alguma coisa de efeito um pouco mais imediato.

- A morte do encantador põe fim a todos esses contratos e encantamentos, porém...

- Ah, sim! Decerto! - interrompeu Strange com impaciência. - A morte do encantador! Pensei nisso muitas vezes em Veneza. Com toda a magia inglesa à minha disposição havia inúmeras maneiras de matá-lo. Calciná-lo com raios. Erguer montanhas e esmagá-lo debaixo delas. Se minha liberdade estivesse em jogo, eu certamente teria tentado. Mas não se tratava de minha liberdade, e sim da de Arabella. E se eu tivesse tentado e fracassado, se tivesse sido morto, então o

destino dela teria sido selado para sempre. Por isso procurei refletir mais. E concluí que só um homem em todo o mundo, em todos os mundos existentes, saberia como derrotar meu inimigo. Apenas um homem poderia me aconselhar quanto ao que eu deveria fazer. Dei-me conta de que chegara a hora de falar com ele.

Mr. Norrell aparentava estar mais assustado do que nunca.

- Ah, mas devo-lhe dizer que já não me considero superior ao senhor. Minhas leituras foram bem mais extensas do que as suas, é verdade, e lhe ofereço a ajuda que puder, mas não posso-lhe assegurar que obterei mais êxito do que o senhor.

Strange franziu o cenho.

- Quê? Do que está falando? Não me referia ao senhor! Referia-me a John Uskglass. Quero que me ajude a invocar John Uskglass.

Mr. Norrell resfolegou. O ar pareceu trepidar, como se uma nota grave houvesse soado. Ele ficou ciente, num grau quase penoso, da escuridão que os cercava, das novas estrelas acima deles e do silêncio dos carrilhões. Era um poderoso Momento Negro que se estendia eternamente, oprimindo-o, sufocando-o. E nesse Momento não era custoso acreditar que John Uskglass estava próximo, à distância de um mero encantamento; as sombras profundas nos cantos remotos do cômodo eram as dobras de seu manto; a fumaça das velas que se derretiam era o disfarce do corvo de seu elmo.

Strange, porém, não se mostrava oprimido por tais temores mortais. Inclinou-se um pouco para a frente com um meio sorriso ansioso.

- Convenhamos, Mister Norrell - murmurou. - É muito tedioso trabalhar para Lorde Liverpool. O senhor deve sentir isso, não? Deixe que outros magos lancem encantamentos de proteção sobre penhascos e praias. Logo haverá uma grande quantidade deles para isso! Façamos, o senhor e eu, algo extraordinário!

Outro silêncio.

- Está com medo - disse Strange, recuando com desagrado.

- Medo! - explodiu Mr. Norrell. - Claro que estou com medo! Seria loucura, loucura total, se não estivesse! Mas minha objeção não é essa. Não dará certo. O que quer que o senhor espere obter com isso, não dará certo. Mesmo que o invoquemos com êxito, o que bem poderíamos fazer, o senhor e eu juntos, ele não o ajudará da forma que imagina. Reis não satisfazem curiosidades fúteis... Muito menos esse Rei.

- O senhor chama isso de curiosidade fútil...? Começou Strange.

- Não, não! - disse Norrell, apressando-se a interrompê-lo. - Eu não. Apenas revelo ao senhor como parecerá a ele. Por que irá ele se preocupar com duas mulheres desaparecidas? O senhor está pensando em John Uskglass como um homem comum. Quero dizer, um homem como o senhor e eu. Ele foi criado e educado no Reino Encantado. Os costumes dos *brughs* lhe eram naturais, e muitos *brughs* continham cristãos cativos... Ele mesmo era um. Não lhe parecerá tão extraordinário. Não entenderá.

- Pois então explicarei a ele. Mister Norrell, eu mudei a Inglaterra para salvar minha esposa. Eu mudei o mundo. Não hesitarei em invocar o homem; que seja ele terrível como for. Vamos senhor! Não faz muito sentido discutir sobre isso. A primeira coisa é trazê-lo aqui. Por onde começamos?

Mr. Norrell suspirou.

- Não é como invocar qualquer um. Existem dificuldades peculiares a toda magia que envolva John Uskglass.

- De que tipo?

- Bem, em primeiro lugar não sabemos por que nome chamá-lo. Encantamentos de invocação requerem que o mago seja bastante específico quanto a nomes. Nenhum dos nomes pelos quais chamamos John Uskglass era realmente o dele. Ele foi, como relatam as histórias, raptado e levado para o Reino Encantado antes de ser batizado, por isso tornou-se o menino sem nome no *brugh*.

"O escravo sem nome" era uma das formas pelas quais ele se referia a si mesmo. Evidentemente os seres mágicos deram-lhe um nome de acordo com seus costumes, mas ele o abandonou quando voltou para a Inglaterra. Quanto a todas as denominações... Rei Corvo, Rei Negro, Rei do Norte... As pessoas assim o chamavam, mas ele próprio não.

- Sim, sim! - exclamou Strange, impaciente. - Sei de tudo isso! Mas decerto John Uskglass era seu nome verdadeiro, não?

- Ah, de forma alguma. Esse era o nome de um jovem aristocrata normando que morreu, creio, no verão de 1097. O Rei, o nosso John Uskglass, sustentou que esse homem era seu pai; no entanto muitas pessoas contestaram que tivessem algum parentesco. Não penso que essa confusão de nomes e denominações seja casual. O Rei sabia que sempre atrairia a atenção de outros magos, por isso protegeu-se do inconveniente de suas magias ao intencionalmente confundir os encantamentos que poderiam lhe lançar.

- Então o que devo fazer? - Strange estalou os dedos. - Aconselhe-me!

Mr. Norrell piscou os olhinhos pequenos. Não estava acostumado a pensar rapidamente.

- Se utilizarmos um encantamento de invocação inglês comum, e aconselho enfaticamente que o utilizemos, uma vez que não há como aprimorá-lo, poderemos então induzir os elementos do encantamento a fazerem o trabalho de identificação para nós. Precisaremos de um mensageiro, de um caminho e de uma oferenda. Se escolhermos ferramentas que já conhecem o Rei, e que o conhecem bem, então não importará se não conseguirmos chamá-lo pelo nome correto; elas o encontrarão, o conduzirão e obrigarão a vir sem nossa ajuda! Entende?

Apesar de todo o seu temor, ele começava a se animar diante da perspectiva de magia - de uma nova magia - a ser realizada com Mr. Strange.

- Não - respondeu Strange. - Não entendo nada.

- Esta casa está construída em terras do Rei, com pedras da abadia do Rei.

Um rio passa por ela, a não mais que duzentos metros desta biblioteca; as águas desse rio muitas vezes conduziram o Rei em sua barcaça real. Em minha horta há uma pereira e uma macieira que são descendentes diretas dos caroços cuspidos pelo Rei quando, numa tarde de verão, ele se sentou no jardim de Abbot. Que as antigas pedras da abadia sejam o nosso mensageiro; que o rio seja o nosso caminho; e que as maçãs e as peras dessas árvores no próximo ano sejam a nossa oferenda. Assim poderemos chamá-lo simplesmente de "O Rei". Estas pedras, este rio, estas árvores não conhecem outro!

- Ótimo - disse Strange. - E que encantamento o senhor recomenda?

Há algum em Belasis?

- Sim, três.

- Vale a pena experimentá-los?

- Na verdade, não. - Mr. Norrell abriu uma gaveta e de lá tirou uma folha de papel. - Este é o melhor que conheço. Não tenho por hábito utilizar encantamentos de invocação, mas, se tivesse, este é o que utilizaria. - Entregou-o a Strange.

O papel estava repleto da caligrafia miúda e meticulosa de Mr. Norrell. No alto, lia-se: "Encantamento de invocação de Mr. Strange".

- É o que o senhor utilizou para invocar Maria Absalom - explicou Norrell. - Fiz algumas correções. Omiti o *florilegium* que o senhor copiou palavra por palavra de Ormskirk. Como sabe, não tenho uma opinião favorável sobre *florilegia* em geral e este me parece especialmente absurdo. Adicionei um epítome de preservação e libertação, e uma coadeira de suplicação, embora duvide que um ou outro nos ajude muito neste caso.

- É agora uma obra tanto sua como minha - comentou Strange. Não havia vestígios de rivalidade ou ressentimento em sua voz.

- Não, não - replicou Norrell. - Toda a estrutura desse encantamento de invocação é do senhor. Eu apenas aparei as arestas.

- Ótimo! Então estamos prontos, não estamos?

- Há uma outra coisa.

- O quê?

- Certas precauções necessárias para garantir a segurança de Mrs. Strange - explicou Mr. Norrell.

Strange lançou-lhe um olhar como se pensando que era um pouco tarde para Mr. Norrell se preocupar com a segurança de Arabella, mas Mr. Norrell já havia corrido até uma estante, imergido num enorme volume e nem notou o olhar.

- O encantamento está escrito em *Liber Novus*, de Chaston. Ah, sim! Aqui está! Precisamos construir uma estrada mágica e fazer uma porta, para que Mrs. Strange saia com segurança do Reino Encantado. Do contrário poderá ficar presa lá para sempre. Poderíamos levar séculos até encontrá-la.

- Ah, isso! - exclamou Strange. - Já providenciei isso. E nomeei um porteiro para encontrá-la quando ela sair. Está tudo preparado.

Pegou um toco de vela, colocou-o num castiçal e o acendeu. A seguir começou a recitar o encantamento. Designou as pedras da abadia como o mensageiro enviado à procura do Rei. Designou o rio como o caminho que o Rei percorreria. Designou as maçãs e as peras do ano seguinte da árvore de Mr. Norrell como a oferenda que o Rei receberia. Designou o momento do apagar das chamas como a hora em que o Rei apareceria.

A vela derreteu e se apagou...

... E nesse momento...

... Nesse momento a biblioteca ficou repleta de corvos. Asas negras encheram o ar como mãos enormes que gesticulavam, ocuparam a visão de Strange como um tumulto de chamas negras. Ele era atingido de todos os lados por asas e garras. Os grasnidos e os crocitos eram ensurdecedores. Corvos golpeavam paredes,

golpeavam janelas, golpeavam o próprio Strange. Ele cobriu a cabeça com as mãos e caiu no chão. O alarido e o tumulto de asas continuou um pouco mais.

Depois, num fechar de olhos, desapareceram e o cômodo silenciou.

Todas as velas se apagaram. Strange se deitou de costas, mas por instantes nada conseguiu fazer exceto fitar a escuridão.

- Mister Norrell? - disse afinal.

Ninguém respondeu.

No breu da escuridão, ele se levantou. Conseguiu encontrar uma das escrivaninhas da biblioteca e bateu até a mão topar com uma vela caída. Tirou do bolso o isqueiro e a acendeu.

Erguendo-a acima da cabeça, viu que o cômodo se encontrava num caos e numa desordem em último grau. Nenhum livro permanecera numa estante sequer. Mesas e escadinhas foram tombadas. Várias cadeiras boas reduziram-se a lenha. Uma espessa massa de penas de corvo a tudo cobria, como se uma neve negra houvesse caído.

Norrell estava meio deitado, meio sentado no chão, as costas apoiadas numa escrivaninha, de olhos abertos, mas vazios. Strange passou a vela na frente de seu rosto.

- Mister Norrell? - repetiu.

Num sussurro de aturdimento, Norrell disse:

- Creio que podemos supor que ele nos deu atenção.

- Acredito que tem razão, senhor. Sabe o que aconteceu?

Ainda num sussurro, Norrell respondeu:

- Todos os livros transformaram-se em corvos. Eu estava consultando *A fonte do coração*, de Hugh Pontifex, e o vi mudar. Ele o utilizou com freqüência, sabe...

Esse caos de pássaros pretos. Leio sobre isso desde menino. Mas que eu vivesse para vê-lo, Mister Strange! Que eu vivesse para vê-lo! Isso tem um nome no idioma *sidhe*, o idioma da infância dele, mas o nome se perdeu. - De repente agarrou a mão de Strange. - Os livros estão seguros?

Strange recolheu um do chão. Sacudiu-o para remover as penas de corvo e leu o título: *Sete portas e quarenta e duas chaves*, de Piers Russinol. Abriu-o e começou a ler a esmo: "... e lá encontrará uma terra estranha semelhante a um tabuleiro de xadrez, onde se alternam rochas áridas com pomares frutíferos, extensões de espinheiros com trigais, várzeas com desertos. E, nessa terra, o deus dos magos, Hermes Trismegisto, pôs um guarda em cada portão e cada ponte: num lugar um carneiro, num outro serpente...".

- Parece-lhe correto? - perguntou, sem convicção.

Mr. Norrell aquiesceu. Tirou o lenço de bolso e com ele limpou o sangue do rosto.

Os dois magos permaneceram sentados no chão entre os livros e as penas, em silêncio durante algum tempo. O mundo se reduzira à amplitude de uma luz de vela.

Finalmente Strange disse:

- Quão perto de nós deve ele estar para fazer uma magia dessas?

- John Uskglass? Pelo pouco que sei, pode fazer magia assim a uma centena de mundos de distância... Do centro do Inferno.

- Apesar disso vale a pena tentar descobrir, não é?

- Vale? - indagou Mr. Norrell.

- Bem, por exemplo, se descobríssemos que ele estava por perto, poderíamos... - Strange meditou por um momento. - Poderíamos ir até ele.

- Muito bem - disse Norrell, suspirando. Não sou nem pareceu muito esperançoso.

O primeiro - e na verdade único - requisito para encantamentos de localização é uma bacia de prata com água. Em Hurtfew Abbey, a bacia de Mr. Norrell estivera em cima de uma mesinha no canto da biblioteca, mas a mesinha fora destruída pela violência dos corvos e a bacia sumira de vista. Procuraram-na durante algum tempo e por fim a encontraram na lareira, de borco, de baixo de uma mixórdia de penas de corvo e páginas de livros rasgadas e úmidas.

- Precisamos de água - disse Norrell. - Sempre pedi a Lucas que a trouxesse do rio. Água que viajou rapidamente é a melhor para a magia da localização... E o rio de Hurtfew corre ligeiro até mesmo no verão. Vou buscá-la.

Mr. Norrell, porém, não estava acostumado a fazer ele mesmo as coisas, portanto demorou um pouco para sair de casa. Deteve-se no gramado e olhou para estrelas que nunca vira antes. Não se sentiu como se estivesse no interior de um Pilar da Escuridão em pleno condado de York; sentiu-se mais como se o resto do mundo houvesse desaparecido e ele e Strange tivessem sido deixados sozinhos numa ilha solitária ou num promontório. A idéia o afligiu bem menos do que se poderia supor. Jamais se importara muito com o mundo e encarava sua perda de maneira filosófica.

Na margem do rio, ajoelhou-se entre as relvas congeladas para encher a bacia de água. Das profundezas, estrelas desconhecidas brilharam para ele. Pôs-se de pé novamente (um pouco zozzo pelo esforço inabitual) e de imediato teve uma irresistível sensação de magia em andamento, bem mais forte do que algumas vezes já sentira. Se lhe pedissem para descrever o que acontecia, teria dito que todo o condado de York estava virando do avesso. Por instantes não conseguiu avaliar em que direção ficava a casa. Virou-se, deu um passo em falso e deparou com Mr. Strange, que por algum motivo parara bem atrás dele.

- Pensei que o senhor ficaria na biblioteca! - Disse surpreso.

Strange o fitou.

- Fiquei na biblioteca! Estava lendo *Porteiro de Apoio*, de Coubert, e de repente me vi aqui!

- Não me seguiu? - perguntou Norrell.

- Não, claro que não! O que está acontecendo? E por que em nome de Deus o senhor estava demorando tanto?

- Não encontrava meu casaco - respondeu Norrell, com humildade. Não sabia onde Lucas o pusera.

Strange arqueou uma sobrancelha, suspirou e disse:

- Presumo que o senhor experimentou o mesmo que eu... Pouco antes de eu ser apanhado e trazido para cá, não teve uma sensação de ventos, águas e chamas, tudo misturado?

- Sim - disse Norrell.

- E um leve odor, como se de ervas silvestres e de encostas de montanhas?

- Sim - disse Norrell.

- Magia de ser encantado?

- Ah! - exclamou Norrell-, sem dúvida! Faz parte do mesmo encantamento que o mantém aqui na Escuridão Eterna! - Olhou em volta. - Quão extensa é?

- o quê?

- A escuridão.

- Bem, é difícil para mim saber exatamente, já que ela se movimenta comigo. Mas me contaram que é do tamanho da paróquia de Veneza onde morei. Digamos, meio acre?

- Meio acre! Fique aqui! - Mr. Norrell pôs a bacia de água no chão congelado. Afastou-se em direção à ponte. Dali a pouco tudo que se via dele era a peruca grisalha. À luz das estrelas, não lembrava mais do que uma pequena tartaruga de pedra gingando.

O mundo deu uma nova volta e de súbito os dois magos estavam

parados, juntos, na ponte sobre o rio de Hurlfew.

- Mas o quê...? - começou Strange.

- Está vendo? - disse Norrell sinistramente. - O encantamento não permitirá que nos distanciemos muito um do outro. Capturou-me também. Acho provável que tenha havido uma imprecisão lamentável na magia do ser encantado. Ele foi descuidado. É provável que o tenha designado como mago inglês, ou um termo vago assim. Por conseguinte, o encantamento dele, destinado apenas ao senhor, agora apanha qualquer mago inglês que depare com ele!

- Ah! - disse Strange. E se calou. Parecia não ter mais o que dizer. Mr. Norrell voltou-se em direção à casa.

- Ao menos, Mister Strange - disse -, esta é uma excelente ilustração de como se faz necessária uma grande precisão na escolha de nomes em encantamentos!

Atrás dele, Strange ergueu os olhos para o céu.

Na biblioteca, puseram a bacia de prata com água em cima de uma mesa entre eles.

Era deveras estranho, mas a descoberta de que estava agora aprisionado na Escuridão Eterna com Strange parecia ter animado Mr. Norrell, e não o contrário. Alegrementemente, lembrou Strange de que ainda não haviam encontrado uma forma de chamar John Uskglass e que isso, com certeza, constituiria um grande obstáculo para encontrá-lo... Por magia ou por qualquer outro meio.



Strange, a cabeça apoiada nas mãos, olhou para ele com desalento. - Tente apenas John Uskglass - disse.

Então Norrell fez a magia, nomeando John Uskglass como a pessoa que buscavam. Dividiu a superfície da água em quartos com linhas de luz fulgurante. Deu a cada quarto um nome: Céu, Inferno, Terra e Reino Encantado. Imediatamente um ponto de luz azulada brilhou no quarto que representava a Terra.

- Ali! - disse Strange, saltando vitoriosamente. – Está vendo, senhor? As coisas não são sempre tão difíceis como o senhor supõe.

Norrell deu uma batida leve na superfície do quarto; a divisão desapareceu. Tornou a traçar os quartos e lhes deu outros nomes:

- Inglaterra, Escócia, Irlanda, Alhures.

O ponto de luz apareceu na Inglaterra. Bateu de leve no quarto, refez as

divisões e examinou o resultado. E assim prosseguiu, depurando a magia. O Ponto de luz fulgurava estavelmente.

Mr. Norrell emitiu uma suave exclamação.

- O que foi? - perguntou Strange.

Num tom assombrado, Norrell respondeu:

- Acho que tivemos êxito, finalmente! Diz que ele está aqui. No condado de York!

67. O Pilriteiro

Fevereiro de 1817

Childermass atravessava uma charneca erma. No meio dela, erguia-se um solitário pilriteiro disforme, e da árvore pendia um homem. Estava sem o casaco e a camisa, revelando na morte o que sem dúvida ocultara em vida: que sua pele apresentava uma estranha deformação. O peito, as costas, os braços e os pés estavam cobertos de intrincadas marcas azuis, e tão densas que ele era mais azul do que branco.

Enquanto cavalgava em direção à árvore, Childermass pensava se o assassino escrevera no corpo da vítima por zombaria. Quando marinheiro, ouvira histórias de países em que confissões de criminosos eram escritas em seus corpos por vários meios horrendos antes que eles fossem mortos. À distância, as marcas pareciam uma escrita, mas quando se aproximou percebeu que estavam sob a pele.

Apeou da montaria e girou o corpo morto até pô-lo de frente. A face estava roxa e inchada; os olhos, saltados e injetados de sangue. Ele o examinou até discernir nos traços desfigurados um rosto conhecido.

- Vinculus - disse.

Pegando o canivete, cortou a corda e baixou o corpo. A seguir, tirou as calças de Vinculus e inspecionou o corpo: o cadáver de um animal partido ao meio numa árida charneca no inverno.

As marcas estranhas cobriam cada centímetro de sua pele - as únicas exceções era o rosto, as mãos, os órgãos genitais e a sola dos pés. Parecia um homem azul com luvas brancas e máscara branca. Quanto mais olhava para ele, mais Childermass tinha a impressão de que as marcas significavam alguma coisa.

- Estes são os escritos do Rei - disse por fim. - Este é o livro de Robert Findhelm.

Nesse instante começou a cair uma lufada de flocos gélidos e agudos de neve. O vento soprou mais forte.

Childermass pensou em Strange e Norrell a uns trinta quilômetros dali, e riu alto. Que importava quem lia os livros em Hurlfrew? O livro mais precioso de todos jazia desnudo e morto sob a neve e o vento.

- Pois então - disse - é a mim que cabe, não é? "A maior glória e o maior fardo já dados a um homem nesta era."

Naquele momento, o fardo parecia mais óbvio do que a glória. A forma do livro era a mais inconveniente possível. Ele não sabia há quanto tempo Vinculus estava morto nem quando começaria a apodrecer. O que fazer? Poderia se arriscar e pôr o corpo sobre o cavalo. Mas seria difícil explicar a quem encontrasse na estrada a presença de um cadáver recém-enforcado. Poderia esconder o corpo enquanto buscava um cavalo e uma carroça. Quanto tempo levaria? Mas e se, nesse ínterim, alguém encontrasse o corpo e o levasse embora? Havia médicos em York dispostos a pagar por cadáveres sem fazer nenhuma pergunta.

"Eu poderia lançar um encantamento de dissimulação", pensou.

Um encantamento de dissimulação decerto ocultaria o corpo dos olhos humanos, mas havia cães, raposas e gralhas a levar em conta. Eles não se deixariam iludir por nenhuma magia que Childermass conhecesse. O livro fora comido uma vez. Não queria correr o risco de que isso acontecesse uma segunda vez.

O mais óbvio era fazer uma cópia do livro, mas seu caderno de apontamentos, a pena de escrever e a tinta achavam-se na mesa da sala de estar na escuridão de Hurlfrew Abbey. O que mais então? Poderia rabiscar uma cópia no solo congelado com uma vareta, mas isso não era melhor do que ele já tinha. Se ao menos houvesse árvores, talvez conseguisse arrancar sua casca, queimar pedaços de madeira e com as cinzas escrever na casca. Mas havia apenas o pilriteiro contorcido.

Olhou para seu canivete. E se copiasse o livro no próprio corpo? Esse plano continha vários aspectos favoráveis. Primeiro, quem poderia garantir que o posicionamento das palavras no corpo de Vinculus não tivesse um significado?

Quanto mais perto da cabeça, mais importante o texto? Tudo era possível. Segundo, tornaria o livro secreto e seguro. Ele não precisaria se preocupar com ser roubado. Se pretendia mostrá-lo a Strange ou a Norrell, ainda não havia decidido.

Mas a escrita no corpo de Vinculus era densa e intrincada. Mesmo que fosse capaz de forçar o canivete a imitar com exatidão todos aqueles delicados pontos, círculos e floreios, do que duvidava, teria de cortar fundo para tornar as marcas permanentes.

Tirou o casaco e o paletó ordinário. Despreendeu o punho da camisa e enrolou a manga. Como experimento, talhou um dos símbolos da parte interna do braço de Vinculus no mesmo local em seu próprio braço. O resultado não foi promissor. Jorrou tanto sangue que era difícil ver o que fazia, e a dor o debilitou.

"Posso me permitir perder um pouco de sangue por esta causa, mas há tantos escritos... sem dúvida eles me matariam. Ademais, de que maneira poderia eu copiar o que está escrito nas costas dele? Vou pô-lo no lombo do cavalo e, se alguém me interpelar... bem, dispararei minha arma, se necessário. É um plano. Não muito bom, mas um plano."

Brewer se afastara um pouco e mordiscava algumas relvas secas que o vento expusera. Childermass caminhou até ele. Da maleta tirou um pedaço de corda resistente e o estojo com as pistolas. Calçou um projétil em cada pistola e os escorvou com pólvora.

Virou para trás para se certificar de que tudo estava bem com o corpo. Alguém - um homem - estava debruçado sobre ele. Enfiou as pistolas nos bolsos do casaco e começou a correr, chamando.

O homem usava botas pretas e um casaco de viagem também preto. Estava quase curvado e quase ajoelhado no chão nevado ao lado de Vinculus. Por um breve instante, Childermass pensou que fosse Strange, mas o homem não era tão alto e

tinha uma compleição mais franzina. Suas roupas pretas, claramente dispendiosas, pareciam modernas. Entretanto, o cabelo negro e liso era mais longo do que o usado por cavalheiros elegantes; conferia-lhe algo da aparência de um pregador metodista ou de um poeta romântico. "Eu o conheço", pensou Childermass. "É mago. Eu o conheço bem. Por que não me lembro de seu nome?"

Em voz alta, disse:

- O corpo é meu, senhor! Deixe-o!

O homem ergueu o olhar.

- Seu, John Childermass? - disse com ar levemente irônico. - Pensei que fosse meu.

Curioso, mas, apesar das roupas e do ar de calma autoridade, sua fala soava inculca mesmo para os ouvidos de Childermass. O sotaque era do Norte, disso não restava dúvida, mas Childermass não o reconhecia. Poderia ser da Nortúmbria, mas com vestígios de algo mais: a fala dos países frios situados no mar do Norte, o que parecia ainda mais extraordinário, e na pronúncia havia mais do que uma sugestão de francês.

- Bem, engana-se. - Childermass ergueu as pistolas. - Atirarei no senhor, se necessário. Contudo prefiro não fazê-lo. Deixe o corpo comigo e siga seu caminho.

O homem permaneceu calado. Fitou Childermass por alguns instantes e a seguir, como se ele o tivesse aborrecido, retomou o exame do corpo.

Childermass olhou em redor à procura de um cavalo ou de uma carruagem, de algum indício de como o homem chegara até ali. Nada encontrou. Em toda a vasta charneca, havia apenas dois homens, o cavalo, o cadáver e o pilriteiro.

"Mas deve haver uma carruagem em algum lugar", pensou. "Não há mais do que um respingo de barro em seu casaco e nada nas botas. Parece que acabou de deixar seu criado pessoal. Onde estão os criados?"

Era um pensamento desconcertante. Childermass duvidava que encontraria dificuldade em subjugar aquele homem magro, pálido e de aspecto poético, mas um cocheiro e dois ou três lacaios robustos seria uma coisa bem diferente.

- As terras desta redondeza pertencem ao senhor? - perguntou.

-Sim.

- E onde está seu cavalo? Onde está sua carruagem? Onde estão seus criados?

- Não tenho cavalo, John Childermass. Não tenho carruagem. E apenas um dos meus criados está aqui.

- Onde?

Sem se dar o trabalho de olhar, o homem ergueu o braço e apontou com um dedo pálido e fino.

Childermass olhou atrás de si, confuso. Não havia ninguém ali. Só o vento soprando por entre as touças cobertas de neve. O que queria ele dizer? Era o vento ou a neve? Ouvira falar de magos medievais que reivindicaram essas e outras forças da natureza como criados. Mas então começou a compreender.

- Quê? Não, senhor, está enganado. Não sou seu criado!

- Gabou-se disso menos de três dias atrás - disse o homem.

Apenas uma única pessoa podia afirmar ser patrão de Childermass. Seria ele, de algum modo misterioso, Norrell? No passado, os magos por vezes apareciam sob diferentes formas, conforme as qualidades que lhes compunham o caráter. Childermass tentou pensar qual parte do caráter de Gilbert Norrell poderia de repente se manifestar como um homem bem-apeesoado e pálido com um sotaque peculiar e ar de grande autoridade. Ponderou quantas coisas estranhas haviam acontecido recentemente, mas nada tão bizarro quanto aquilo.

- Senhor! - exclamou. - Já o alertei! Largue esse corpo!

O homem se curvou mais sobre o cadáver de Vinculus, Tirou algo da própria boca - uma minúscula pérola de luz com um leve matiz de rosa e prata, Colocou-a na boca de Vinculus. O corpo tremeu. Não foi o tremor de um homem doente nem o de um homem saudável; foi como o estremecimento de um galho desfolhado de bétula bafejado pelo ar da primavera.

- Afaste-se do corpo, senhor! - bradou Childermass. - Não pedirei novamente.

O homem nem se deu o trabalho de erguer os olhos. Passou a ponta do dedo sobre o corpo, como se nele escrevesse.

Childermass apontou a pistola da mão direita para um pouco longe do ombro esquerdo do homem, com a intenção de afugentá-lo. A pistola disparou perfeitamente; uma nuvem de fumaça e um cheiro de pólvora se ergueram da caçoleta da escorva; centelhas e mais fumaças lançaram-se do cano.

Mas a bala recusou-se a percorrer o ar. Ficou a pairar, como num sonho. Contorceu-se, inchou-se e mudou de forma. De súbito, dela brotaram asas, transformou-se em um abibe e alçou vôo. No mesmo instante a mente de Childermass ficou quieta e imóvel como uma pedra.

O homem moveu o dedo sobre Vinculus e todos os desenhos e símbolos fluíram e se remoinharam, como se escritos em água. Fez isso durante algum tempo e, uma vez satisfeito, parou e se levantou.

- Engana-se - disse a Childermass. - Ele não está morto. - Aproximou-se e parou bem em frente a ele. Com a mesma falta de cerimônia de um genitor que limpa alguma coisa no rosto de um filho, o homem lambeu o dedo e aplicou uma espécie de símbolo em cada pálpebra de Childermass, nos lábios e sobre o coração. A seguir, deu uma batida na mão esquerda dele, de forma que a pistola caiu no chão. Desenhou outro símbolo na palma de Childermass. Fez meia-volta e parecia prestes a partir; porém, olhou para trás e, aparentemente como uma reflexão posterior, fez um gesto derradeiro sobre o corte no rosto de Childermass.

O vento agitou a neve que caía e fê-la girar e se entrelaçar. Brewer emitiu um som, como se algo o houvesse perturbado. Logo, a neve e as sombras pareceram

formar a imagem de um homem escuro e magro de sobretudo e botas.

Num instante a ilusão desapareceu.

Childermass piscou os olhos.

- Por onde estou perambulando? - perguntou a si mesmo, irritado. – E por que estou falando comigo mesmo? Não é hora de devaneios!

Pairava um cheiro de pólvora. Uma das pistolas jazia na neve. Quando a recolheu, ainda estava quente, como se tivesse acabado de dispará-la. Isso era bizarro, mas não teve tempo de se sentir propriamente surpreso porque um som fê-lo voltar os olhos.

Vinculus estava se levantando do chão. Fazia-o de modo desajeitado, aos solavancos, como algo recém-nascido que ainda não sabe utilizar os membros. Parou em pé por um momento, o corpo a oscilar e a cabeça fazendo movimentos bruscos de um lado para o outro. Depois abriu a boca e gritou para Childermass. Mas o som que emitiu não era som algum; era uma pele esvaziada de som, sem carne e ossos.

A coisa mais estranha que sem dúvida Childermass jamais vira: um homem azul, nu, de olhos saltados e injetados de sangue, a gritar silenciosamente no meio de uma charneca coberta de neve. Uma situação tão extraordinária que, por alguns momentos, não soube o que fazer. Pensou se deveria tentar o encantamento chamado Restauração da Tranqüilidade Escocada, de Gilles de Marston, mas, reconsiderando, ocorreu-lhe algo melhor. Pegou o clarete que Lucas lhe dera e o mostrou a Vinculus. Este se acalmou e cravou os olhos na garrafa.

Quinze minutos mais tarde, estavam sentados juntos numa touça debaixo do pilriteiro, alimentando-se de clarete e de um punhado de maçãs. Vinculus vestira a camisa e as calças, e se embrulhara num cobertor que pertencia a Brewer.

Recuperara-se do enforcamento com rapidez surpreendente. Os olhos ainda estavam injetados, mas menos assustadores do que antes. A fala era rouca e passível de ser interrompida a qualquer momento por acessos de tosse intensos, o que era compreensível.

- Alguém tentou enforcá-lo - contou-lhe Childermass. - Não sei quem nem por quê. Por sorte eu o encontrei a tempo e o tirei da árvore. - Ao dizer isso, sentiu uma débil pergunta perturbar-lhe os pensamentos. Em sua imaginação, via Vinculus, morto no chão, e uma mão branca e fina a apontar. Quem teria sido? A recordação lhe escapou. - Então conte-me - continuou - como um homem se transforma num livro? Sei que Robert Findhelm deu o livro a seu pai, que deveria entregá-lo a um homem nas colinas do condado de Derby.

- O último homem na Inglaterra capaz de ler os escritos do Rei - crocitou Vinculus.

- Mas seu pai não entregou o livro. Em vez disso, comeu-o na competição de bebedeira em Sheffield.

Vinculus tomou outro gole da garrafa e enxugou a boca com o dorso da mão.

- Quatro anos mais tarde, nasci e as letras do Rei foram escritas no meu corpo de bebê. Quando estava com dezessete anos, fui procurar o homem nas colinas do condado de Derby... Ele viveu bastante para que eu o encontrasse. Que grande noite aquela! Uma noite de verão iluminada pelas estrelas, quando o Livro do Rei e o último leitor das letras do Rei se conheceram e beberam vinho juntos! Ficamos sentados no cume da colina em Bretton, olhando para a Inglaterra enquanto ele lia em mim o destino da nação.

- E essa foi a profecia que o senhor revelou a Strange e Norrell?

Vinculus, tomado por um acesso de tosse, aquiesceu com a cabeça. Quando pôde voltar a falar, disse:

- E também para o escravo sem nome.

- Quem? - disse Childermass, franzindo o cenho. - Quem é ele?

- Um homem - respondeu Vinculus. - Era parte da minha missão carregar esta história. Ele começou como escravo. Logo será rei. Privaram-lhe do nome verdadeiro ao nascer.

Childermass refletiu sobre essa descrição por instantes.

- Refere-se a John Uskglass? - perguntou.

Vinculus emitiu um som irritado.

- Se me referisse a John Uskglass, eu o teria feito! Não, não. Ele não é mago. É um homem como outro qualquer. - Refletiu por um momento. - Mas negro - acrescentou.

- Nunca ouvi falar dele - disse Childermass.

Vinculus olhou para ele com ar divertido.

- Claro que não. O senhor passou a vida no bolso do mago de Mayfair. Só sabe o que ele sabe.

- E daí? - replicou Childermass, melindrado. - Isso não é algo tão insignificante, é? Norrell é um homem inteligente, e Strange também. Têm as falhas deles, como todo homem, mas suas realizações ainda são extraordinárias. Decerto sou um seguidor de John Uskglass. Ou seria, se ele aqui estivesse. Mas o senhor deve reconhecer que a restauração da magia inglesa é obra deles, não dele.

- Obra deles! - zombou Vinculus. - Deles? O senhor ainda não entende? Eles são o encantamento que John Uskglass está lançando. Isso é o que sempre foram. E ele está lançando neste exato momento!

68. "Sim".

Fevereiro de 1817

Na bacia de prata de água, o ponto de luz bruxuleou e desapareceu.

- Quê! - exclamou Strange. - O que aconteceu? Depressa, Mister Norrell!

Norrell deu uma batidinha na superfície da água, redesenhou as linhas de luz e murmurou algumas palavras, mas a água e a bacia permaneceram escuras e imóveis.

- Ele se foi - disse.

Strange fechou os olhos.

- Muito estranho - continuou Mr. Norrell num tom de assombro. - O que acha que ele estava fazendo no condado de York?

- Ah - exclamou Strange -, é provável que tenha vindo aqui com o propósito de me enlouquecer! - Com um brado que era uma mistura de ira e comiseração de si mesmo, inquiriu: - Por que não quer me servir? Depois de tudo o que fiz, por que não se importa ao menos em olhar para mim? Em falar comigo?

- Ele é um mago antigo e um rei antigo - respondeu Norrell brevemente. - Duas coisas que não se deixam impressionar com facilidade.

- Todos os magos almejam surpreender seus mestres. Eu decerto surpreendi o senhor. Queria fazer o mesmo com ele.

- Mas seu propósito real é libertar Mrs. Strange do encantamento - lembrou-o Mr. Norrell.

- Sim, sim, é verdade - disse Strange, irritado. - Claro que é. Só que... - Não concluiu o pensamento.

Houve um silêncio, após o que Norrell, que parecera pensativo, disse: - O senhor mencionou magos que sempre desejam impressionar seus mestres. Fez-me lembrar de algo ocorrido em 1156...

Strange suspirou.

- ... Naquele ano, John Uskglass sofreu de uma estranha doença, como sofria ocasionalmente. Quando se recuperou, realizou-se uma festa na casa dele em Newcastle. Os reis e as rainhas levaram presentes de imenso valor e esplendor... Ouro, rubis, marfim, especiarias raras. Os magos levaram coisas mágicas... Nuvens de revelação, árvores cantantes, chaves para portas místicas, e assim por diante, cada um procurando sobrepujar o outro. O Rei agradeceu-lhes da mesma maneira majestosa. Por último chegou o mago Thomas Godbless. De mãos vazias. Não levava presente algum. Ergueu a cabeça e disse: "Senhor, trago-lhe as árvores e as colinas. Trago-lhe o vento e a chuva". Os reis e as rainhas, os grandes nobres, as damas e os demais magos, todos ficaram estupefatos com sua insolência. Pareceu-lhes que ele nada fizera. Porém, pela primeira vez desde que estivera doente, o Rei sorriu.

Strange meditou sobre isso.

- Bem - disse -, receio que estou com os reis e as rainhas. Não vejo o sentido disso. Onde o senhor encontrou esta história?

- Está nas *Instruções* de Belasis. Na juventude, dediquei-me apaixonadamente ao estudo das *Instruções* e julguei esse trecho especialmente intrigante. Concluí que Godbless de alguma forma convencera as árvores, as colinas, assim por diante, a saudarem John Uskglass de maneira mística, a lhe fazerem uma reverência, por assim dizer. Alegrou-me haver compreendido algo que Belasis não entendeu, mas nunca mais pensei nisso... Eu não gostava desse tipo de magia. Anos mais tarde, descobri um encantamento em *A linguagem das aves*, de Lanchester. Lanchester o extraiu de um livro mais antigo, hoje perdido. Ele admitiu não saber para que servia, mas creio que seja o encantamento usado por Godbless... Ou um bem semelhante. Se leva a sério sua intenção de conversar com John Uskglass, que tal se o lançássemos agora? Que tal se pedirmos à Inglaterra que o saúde?

- E o que vamos obter com isso? - indagou Strange.

- Obter? Nada! Ao menos nada diretamente. Mas lembrará John Uskglass dos laços que o unem à Inglaterra. E mostrará uma espécie de respeito de nossa parte, o que decerto está mais em conformidade com o comportamento que um rei espera de seus súditos.

Strange encolheu os ombros.

- Bem – disse -, não tenho coisa melhor para sugerir. Onde está seu exemplar de *A Linguagem das Aves*?

Olhou em volta no cômodo. Cada livro estava onde caíra no momento em que deixara de ser um corvo.

- Quantos livros há aqui? - perguntou Strange.

- Quatro ou cinco mil - respondeu Norrell.

Os magos pegaram uma vela e começaram a procurar.

O cavaleiro de cabelos de algodão andava a passos largos ao longo da azinhaga murada que levava ao vilarejo de Starecross. Stephen seguia atrás, aos tropeços, em seu caminho de uma morte a outra.

A Inglaterra agora lhe parecia não ser mais do que feita de horrores e infortúnios. A própria forma das árvores se assemelhava a gritos congelados. Um feixe de folhas secas pendia de um galho e farfalhava ao vento - era Vinculus pendurado no pilriteiro. O cadáver de um coelho dilacerado por uma raposa jazia no caminho - era Lady Pole, que logo seria morta pelo cavaleiro.

Morte após morte, horror após horror; e nada havia que Stephen pudesse fazer para impedi-lo.

Em Starecross Hall, Lady Pole estava sentada à escrivaninha da saleta de estar, a escrever freneticamente. Na mesa, folhas de papel espalhadas, todas

escritas à mão.

Bateram à porta e Mr. Secundus entrou na sala.

- Queira me desculpar! - disse ele. - Posso lhe fazer uma pergunta? Escreve a Sir Walter?

Ela negou com um movimento de cabeça.

- Estas cartas são para Lorde Liverpool e para o editor de *The Times*!

- Mesmo? - disse Mr. Secundus. - Bom, na verdade eu mesmo acabei de escrever uma carta endereçada a Sir Walter, mas estou certo de que nada o alegrará mais que receber algumas linhas das mãos de Vossa Senhoria, assegurando-lhe de que está bem e desencantada.

- Mas sua própria carta já se encarrega disso. Desculpe-me, Mister Secundus, mas, enquanto minha querida Mrs. Strange e o pobre Stephen estiverem sob o poder daquele espírito perverso, não posso pensar em qualquer outra coisa! O senhor deve enviar estas cartas imediatamente! E quando as terminar escreverei ao Arcebispo da Cantuária e ao príncipe regente!

- Não acha que Sir Walter talvez seja a pessoa adequada para recorrer a cavalheiros tão elevados? De fato...

- Não, com efeito! - bradou ela, indignada.. Não desejo pedir a ninguém mais que me preste serviços dos quais eu mesma posso me ocupar perfeitamente bem. Não pretendo passar, no espaço de uma hora, da impotência do encantamento para outro tipo de impotência! Ademais, Sir Walter não terá condições de explicar tão bem como eu a verdadeira hediondez dos crimes de Mister Norrell!

Naquele instante, outra pessoa adentrou a sala, o criado de Mr. Secundus, Charles, para dizer que uma coisa assaz estranha estava acontecendo no vilarejo. O homem negro e alto - a pessoa que levava Lady Pole a Starecross Hall aparecera com um diadema prateado na cabeça e com ele estava um cavalheiro de cabelos de algodão, trajando um casaco verde-vivo.

- Stephen! Stephen é o encantador! - exclamou Lady Pole. - Depressa, Mister Secundus! Invoque todos os seus poderes! Dependemos do senhor para derrotá-lo! Tem de libertar Stephen como me libertou!

- Derrotar um ser encantado! - exclamou Mr. Secundus, horrorizado. - Ah, não! Eu não conseguiria! Isso exigiria um mago muitíssimo melhor...

- Tolice! - bradou ela, os olhos brilhando. - Lembre-se do que Childermass lhe disse. Os seus anos de estudos o prepararam! O senhor simplesmente precisa tentar!

- Mas não sei... - começou ele, num tom de desamparo.

Porém, pouco importava o que ele soubesse. Assim que Lady Pole terminou de falar, ela saiu correndo da sala, e, uma vez que considerava sua obrigação protegê-la, Mr. Secundus viu-se forçado a sair rapidamente atrás dela.

Em Hurtlefew Abbey, os dois magos tinham encontrado *A linguagem das aves* - achava-se aberto sobre a mesa na página em que o encantamento sobrenatural estava impresso. Mas persistia o problema de encontrar um nome para John Uskglass. Norrell debruçava-se sobre a bacia de prata de água, a lançar os encantamentos de localização. Tinham já esgotado todas as denominações em que podiam pensar, e o encantamento de localização não reconhecia uma só delas. A água na bacia de prata permanecia escura e sem traços.

- Que tal seu nome de ser encantado? - sugeriu Strange.

- Este se perdeu - respondeu Norrell.

- Já tentamos Rei do Norte?

-Já.

- Ah. - Strange refletiu por um momento e disse: - Qual era o curioso apelido que o senhor mencionou antes? Algo que o senhor disse que ele chamava a si

mesmo... Não sei quê sem nome?

- O escravo sem nome?

- Sim. Tente isso.

Norrell pareceu em dúvida, porém lançou o encantamento para o escravo sem nome. Imediatamente surgiu um ponto de luz azulada. Ele prosseguiu e o escravo sem nome demonstrou estar no condado de York, no mesmo lugar em que John Uskglass aparecera antes.

- Pronto! - exclamou Strange, triunfante. - Nossas ansiedades foram em vão. Ele ainda está aqui.

- Mas não creio que seja a mesma pessoa - interrompeu Norrell. - Parece diferente, não sei por quê.

- Mister Norrell, não seja fantasioso, por favor! Quem mais poderia ser?

Quantos escravos sem nome possivelmente existem no condado de York?

Era uma pergunta tão sensata que Mr. Norrell não apresentou outras objeções.

- Agora, à magia propriamente dita - disse Strange. Pegou o livro e começou a recitar o encantamento. Dirigiu-se às árvores da Inglaterra, às colinas da Inglaterra, à luz do sol, à água, aos pássaros, à terra e às pedras. Dirigiu-se a todos, um após o outro, e os exortou a se colocarem nas mãos do escravo sem nome.

Stephen e o cavalheiro chegaram à ponte para burros de carga que levava na direção de Starecross.

O vilarejo estava silencioso; praticamente não havia ninguém à vista. Na entrada de uma casa, uma menina de vestido estampado e xale de lã despejava baldes de madeira com leite dentro de cinchos. Um homem de polainas e chapéu de aba larga vinha descendo uma alameda ao lado da casa; um cão trotava a seu lado. Quando o homem e o cão viraram a esquina, a menina e o homem se cumprimentaram

sorridentes e o cão latiu de alegria. O tipo de cena doméstica e simples que comumente teria agradado a Stephen, mas que em sua disposição de ânimo atual só o fez sentir um calafrio; se o homem tivesse estendido o braço e batido na menina - ou se a tivesse estrangulado -, não teria se surpreendido.

O cavalheiro já estava na ponte para burros de carga. Stephen o seguiu e... ... E tudo mudou. O sol saiu de trás de uma nuvem; brilhou entre as árvores invernais; centenas de pequenos e luminosos trechos de luz solar surgiram. O mundo tornou-se uma espécie de quebra-cabeças ou labirinto. Era como a superstição que diz que não se deve andar sobre os filetes das lajotas, ou a estranha magia chamada Quadrados de Doncaster, feita num tabuleiro, semelhante ao de xadrez. De repente tudo adquirira significado. Stephen nem se atreveu a dar outro passo. Se o fizesse, se, por exemplo, pisasse naquela sombra ou naquele trecho de luz, então o mundo poderia se alterar para sempre.

"Esperem!", pensou impetuosamente. "Não estou preparado para isto! Não refleti sobre isto. Não sei o que fazer!"

Mas era tarde demais. Ele olhou para o alto.

Os galhos desnudos contra o céu eram uma escrita e, embora não o quisesse, conseguia lê-la. Viu que era uma pergunta que as árvores lhe faziam.

"Sim", ele lhes respondeu.

A idade e o conhecimento delas lhe pertenciam.

Para além das árvores havia um espinhaço elevado e coberto de neve, semelhante a uma linha traçada no céu. A sombra dele era azul na neve. O espinhaço corporificava todos os tipos de frio e solidez. Saudou Stephen como um rei de quem havia muito sentia falta. A uma palavra de Stephen, viria abaixo e esmagaria seus inimigos. Dirigiu-lhe uma pergunta.

"Sim", respondeu Stephen.

Seu escárnio e força punham-se à disposição dele, que Stephen os tomasse. O riacho negro debaixo da ponte para burros de carga entoou-lhe uma pergunta.

"Sim", respondeu ele.

A terra disse...

"Sim", respondeu ele.

As gralhas, as pegas, os tordos-piscas e os tentilhões disseram...

"Sim", respondeu ele.

As pedras disseram...

"Sim", respondeu Stephen. "Sim. Sim. Sim."

Agora toda a Inglaterra estava posta na palma negra de suas mãos em concha. Todos os ingleses à sua mercê. Todos os insultos poderiam ser vingados agora. Todo o dano causado a sua pobre mãe poderia ser devolvido na mesma moeda, mil vezes mais. Toda a Inglaterra poderia ser devastada em breve. Ele poderia fazer casas desmoronarem sobre seus moradores. Poderia mandar que colinas tombassem e que vales fechassem a boca deles. Poderia invocar centauros, extinguir estrelas, roubar a lua do céu. Agora. Agora. Agora.

Agora Lady Pole e Mr. Secundus vinham saindo de Starecross Hall à pálida luz de sol invernal. Lady Pole olhou para o cavalheiro com olhos faiscantes de ódio. O pobre Mr. Secundus era todo confusão e aflição.

O cavalheiro virou-se para Stephen e disse algo. Stephen não podia ouvi-lo: as colinas e as árvores falavam muito alto. Mas "Sim", disse ele.

O cavalheiro riu alegremente e ergueu a mão para lançar encantamentos contra Lady Pole.

Stephen fechou os olhos, Disse uma palavra às pedras da ponte para burros ele carga.

Sim, responderam as pedras. A ponte empinou-se como um cavalo enfurecido e lançou o cavalheiro para dentro do riacho.

Stephen disse uma palavra ao riacho.

Sim, respondeu o riacho. Agarrou o cavaleiro com garras de aço e o carregou velozmente.

Stephen estava ciente de que Lady Pole falou com ele, que tentara lhe segurar o braço; viu o rosto lívido e espantado de Mr. Secundus, viu-o dizer alguma coisa, mas não tinha tempo para lhes responder. Quem poderia saber por quanto tempo mais o mundo consentiria em obedecer a ele? Saltou da ponte e correu ao longo da margem.

As árvores pareciam saudá-lo quando ele passava; falavam de antigas alianças e o lembravam de tempos idos. A luz do sol o chamava de Rei e falava do prazer de encontrá-lo ali. Ele não tinha tempo para lhes dizer que não era a pessoa que imaginavam.

Chegou a um lugar em que o terreno se elevava escarpadamente nos dois lados do riacho - uma várzea profunda na charneca, um lugar onde se extraía arenito. Espalhadas em torno do vale, havia enormes pedras redondas, cada uma da metade da altura de um homem.

A superfície do riacho fervilhava e se agitava onde o cavaleiro se achava aprisionado. Stephen ajoelhou-se sobre uma pedra plana e se inclinou sobre a água.

- Sinto muito - disse. - Sei que sua intenção era ser bondoso.

Os cabelos do cavaleiro ondeavam como serpentes prateadas na água escura. Seu rosto era uma visão terrível. Tomado pela fúria e pelo ódio, começava a perder a semelhança com a espécie humana: os olhos se separavam cada vez mais, pêlos cobriam-lhe as faces e os lábios se afastavam dos dentes num rosnado.

Uma voz na mente de Stephen disse: "Se me matar, jamais saberá seu nome".

- Eu sou o escravo sem nome - retrucou Stephen. - Isso é tudo o que sempre fui... E hoje estou feliz em não ser nada mais que isso.

Disse uma palavra aos arenitos. Eles se alçaram no ar e se atiraram sobre o cavaleiro. Falou com as pedras grandes e redondas e com as rochas; elas fizeram o mesmo. O cavaleiro era talvez tão velho como o mundo, e extremamente forte. Muito tempo após seus ossos e carne terem sido esmagados, Stephen sentiu o que quer que havia sobrado dele lutando para retornar por meio de magia. Stephen então falou com os anteparos de pedra do vale e pediu que o ajudassem. Terra e rocha esboroaram; empilharam-se sobre os arenitos e as rochas, até que uma colina se ergueu tão alta como os flancos do vale.

Durante anos Stephen sentira como se um painel de vidro cinza e sujo se interpusesse entre ele e o mundo; assim que a última centelha de vida do cavaleiro se extinguiu, o painel se estilhaçou. Stephen deteve-se por um momento, a ofegar.

Mas seus aliados e criados começavam a hesitar. Uma pergunta pairava na mente das colinas e das árvores. Começaram a se dar conta de que Stephen não era a pessoa que haviam imaginado, de que tudo aquilo não passara de uma glória tomada emprestada.

Ele sentiu que se retiravam, um por um. Quando o último o deixou, ele tombou vazio e insensível, no chão.

Em Pádua, os Greysteel já haviam tomado o café-da-manhã e estavam reunidos na saleta de estar no primeiro andar. Sua disposição de ânimo não era das melhores nessa manhã. Houvera uma divergência. O Dr. Greysteel adquirira o hábito de fumar cachimbo dentro de casa, coisa a que Flora e tia Greysteel se opunham com veemência. Tia Greysteel procurara dissuadir o irmão, mas o Dr. Greysteel teimara. Fumar cachimbo era um passatempo que ele particularmente apreciava, e achava que deveriam lhe permitir alguns momentos de prazer, para compensar o fato de que já não iam a parte alguma. Tia Greysteel disse que ele deveria fumar o cachimbo fora da casa. O Dr. Greysteel retrucou que não podia, porque chovia. Era difícil fumar cachimbo debaixo de chuva - a chuva molhava o tabaco.

Assim, ele estava fumando seu cachimbo e tia Greysteel tossindo; e Flora, disposta a culpar a si mesma, de quando em quando olhava ora para um, ora para outro com expressão de infelicidade. Essa situação já se prolongava por cerca de uma hora, quando o Dr. Greysteel por acaso olhou para cima e exclamou, surpreso.

- Minha cabeça está preta! Completamente preta!

- Bem, que mais pode esperar se fuma cachimbo? - replicou a irmã.

- Papai - perguntou Flora, afastando o bordado apreensiva -, o que quer dizer?

O Dr. Greysteel olhava no espelho, o mesmo que tão misteriosamente aparecera quando o dia se fizera noite e Strange fora para Pádua. Flora levantou-se e parou atrás da cadeira do pai, para poder ver o que ele via. A exclamação de surpresa que emitiu fez tia Greysteel unir-se a ela.

No lugar em que a cabeça do Dr. Greysteel deveria estar refletida no espelho, havia uma mancha escura que se movia e mudava de forma. O tamanho da mancha aumentou, até que pouco a pouco começou a se assemelhar a um vulto que corria por um imenso corredor em direção a eles. O vulto se aproximou e eles puderam ver que se tratava de uma mulher. Enquanto corria, várias vezes ela olhava para trás, como se com medo de algo em seu encalço.

- O que a assustou para fazê-la correr deste jeito? - inquiriu tia Greysteel. - Lancelot, vê alguma coisa? Alguém a persegue? Oh, pobre dama! Lancelot, pode fazer alguma coisa?

O Dr. Greysteel foi até o espelho, pôs a mão nele e empurrou, mas sua superfície era tão dura e lisa como a superfície de qualquer espelho. Hesitou por um instante, como se a ponderar se tentaria ou não uma abordagem mais violenta.

- Cuidado, papai! - gritou Flora, apreensiva. - Não deve quebrá-lo!

A mulher dentro do espelho se aproximou mais. Por um momento, apareceu logo atrás do espelho e eles puderam ver a bordadura esmerada e os ornamentos de contas de seu vestido; a seguir ela galgou a moldura, como quem desce um

degrau. A superfície do espelho tornou-se mais suave, como uma nuvem ou uma névoa densa. Flora apressou-se a encostar uma cadeira contra a parede, para que a dama pudesse descer mais facilmente. Três pares de mãos se ergueram para segurá-la, para afastá-la do que quer que a assustava.

Tinha cerca de trinta anos. Trajava um vestido da cor do outono, mas estava ofegante e um pouco transtornada em virtude da corrida. Com um olhar desvairado, examinou a sala desconhecida, os rostos desconhecidos, a aparência estranha de tudo.

- Este é o Reino Encantado? - perguntou.

- Não, minha senhora - respondeu Flora.

- A Inglaterra?

- Não, minha senhora. - Lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Flora. Tocou o peito com a mão para se controlar. - Estamos em Pádua. Na Itália. Meu nome é Flora Greysteel. Um nome que lhe é desconhecido, mas a esperei aqui por vontade de seu marido. Prometi-lhe que a encontraria aqui.

- Jonathan está aqui?

- Não, minha senhora.

- É Arabella Strange... - disse o Dr. Greysteel, estupefato.

- Sim - admitiu ela.

- Oh, minha querida! - exclamou tia Greysteel, uma mão se alçou para cobrir a boca e a outra, o coração. - Oh, minha querida! - A seguir, as duas mãos se moveram trêmulas em volta do rosto e dos ombros de Arabella. - Oh, minha querida! - exclamou pela terceira vez. Rompeu a chorar e abraçou Arabella.

Stephen acordou. Estava deitado no chão congelado num vale estreito. A luz do sol se fora. Estava escuro e frio. O vale fora obstruído por uma enorme muralha de

arenitos, pedras redondas e terra... Um túmulo sinistro. A muralha barrara o riacho, mas um fio d'água ainda corria através dela e agora se espalhava pelo chão. A coroa, o cetro e o orbe de Stephen achavam-se caídos a curta distância em poças de água suja. Extenuado, ele se pôs de pé.

Na distância podia ouvir alguém chamá-lo, "Stephen! Stephen!". Pensou ser Lady Pole.

- Renego o nome do meu cativo - disse. - É passado. - Recolheu a coroa, o cetro e o orbe, e começou a andar.

Não sabia para onde estava indo. Matara o cavaleiro e permitira que o cavaleiro matasse Vinculus. Jamais poderia voltar para casa, se é que havia sido sua casa. O que um juiz e um júri ingleses diriam de um negro duplamente assassino? Stephen pusera fim à Inglaterra e a Inglaterra pusera fim a ele. Continuou a andar.

Pouco depois, pareceu-lhe que a paisagem deixara de ser inglesa. As árvores que agora o cercavam eram imensas, antigas, os galhos com uma espessura duas vezes a do corpo de um homem, e curvos, em formas estranhas e fantásticas. Embora fosse inverno e as roseiras-bravas estivessem desnudas, algumas rosas ainda floresciam ali, vermelho-sangue e níveas.

A Inglaterra ficara para trás. Não lamentava. Não olhou para trás. Continuou a caminhar.

Chegou a uma colina baixa e comprida com uma abertura no centro. Assemelhava-se mais a uma boca do que a uma porta, mas seu aspecto não era maligno. Alguém estava parado lá, bem dentro da abertura, a sua espera. "Conheço este lugar", pensou. "É Esperança Perdida! Mas como é possível?"

Não era apenas que a casa havia se transformado numa colina. Tudo parecia ter sofrido uma revolução. O bosque de repente estava possuído por um espírito de frescor e inocência. As árvores já não ameaçavam o viajante. Entre os galhos havia lampejos de um sereno céu invernal, de um azul bastante frio. Aqui e ali, brilhava a luz pura de uma estrela, embora ele não se lembrasse mais se eram estrelas da

manhã ou da tarde. Olhou em volta à procura dos ossos antigos e das armaduras enferrujadas - emblemas medonhos da natureza sanguinária do cavaleiro. Para sua surpresa, verificou que estavam em toda parte: sob seus pés, socados nas cavidades das raízes das árvores, enredados em silveiras e sarças. Mas se achavam num estado de decomposição bem mais avançado do que ele se lembrava; estavam cobertos de musgo, corroídos pela ferrugem e se desfazendo em pó. Em pouco tempo nada restaria deles.

O vulto dentro da abertura era familiar; com freqüência participara dos bailes e das procissões em Esperança Perdida. Mas também ele estava mudado; seus traços tinham se tornado mais semelhantes aos dos seres encantados; seus olhos, mais cintilantes; suas sobrancelhas, mais extravagantes. Os cachos do cabelo estavam mais densos, como o velo de um cordeiro ou como samambaias novas na primavera, e havia uma ligeira penugem a lhe cobrir o rosto. Parecia envelhecido, porém ao mesmo tempo mais inocente.

- Bem-vindo! - gritou.

- Esta é realmente Esperança Perdida? - perguntou a pessoa que outrora fora Stephen Black.

- Sim, meu avô.

- Mas não entendo. Esperança Perdida era uma mansão imensa. Esta é... - A pessoa que outrora fora Stephen Black se interrompeu. - Não encontro uma palavra para defini-la.

- Isto é um *brugh*, avô! Este é o mundo debaixo da colina. Esperança Perdida está mudando! O antigo Rei morreu. O novo Rei se aproxima! E à aproximação dele o mundo se liberta da dor. Os pecados do antigo Rei se dissolvem como a névoa da manhã! O mundo ganha o caráter do novo. As virtudes dele enchem o bosque e o descampado!

- O novo Rei? - A pessoa que outrora fora Stephen Black olhou para as próprias mãos. Numa estava o cetro e na outra o orbe.

O ser encantado sorriu, como se perguntasse a si mesmo por que ele estaria surpreso.

- As mudanças que introduziu aqui de longe sobrepujam o que fez na Inglaterra.

Passaram pela abertura e entraram num grande salão. O novo Rei sentou-se num trono antigo. Uma multidão de pessoas acorreu e reuniu-se em torno dele. Alguns rostos ele reconhecia, outros não lhe eram familiares, mas supôs que isso se devia ao fato de que jamais os vira como realmente eram antes. Durante um longo tempo, permaneceu em silêncio.

- Esta casa - disse-lhes afinal- está em desordem e suja. Seus habitantes desperdiçaram aqui dias em prazeres despropositados e em comemorações de crueldades passadas... Coisas que não deveriam ser recordadas, quanto mais celebradas. Muitas vezes observei isso e muitas vezes o lamentei. Todas essas falhas com o tempo corrigirei.

**** Um número surpreendente de reis e princesas do Reino Encantado era humano. John Uskglass, Stephen Black e Alessandro Simonelli são apenas três deles. Os seres encantados são, em geral, irremediavelmente indolentes. Embora adorem posições elevadas, honras e riquezas, detestam o árduo trabalho de governar.*

Assim que o encantamento fez efeito, um vento forte soprou em Hurlfew. Portas bateram na escuridão; cortinas pretas se encapelaram em cômodos pretos; papéis pretos foram carregados de mesas pretas e forçados a dançar. Um sino - oriundo da abadia original e desde então esquecido - repicou desvairadamente num pequeno torreão acima dos estábulos.

Na biblioteca, visões apareceram em espelhos e mostradores de relógios. O vento golpeava as cortinas e visões surgiam também nas janelas. Elas se sucediam copiosa e rapidamente, rápidas demais que quase não se podia compreendê-las. Mr. Norrell viu algumas que lhe pareciam familiares: o galho de azevinho partido em

sua própria biblioteca da Praça Hanover; um corvo a voar em frente da catedral de St. Paul, de maneira que, por um instante, era a corporificação viva do Corvo em Vôo; a enorme cama negra na estalagem de Wansford. Outras, porém, eram-lhe totalmente desconhecidas: um pilriteiro; um homem crucificado numa moita; uma tosca muralha de pedras num vale estreito; uma garrafa sem rolha a flutuar no mar.

Depois todas as visões desapareceram, exceto uma. Ela ocupava por inteiro uma das janelas altas da biblioteca, mas em que consistia a visão Mr. Norrell não tinha como saber. Assemelhava-se a uma grande pedra negra, perfeitamente redonda, de um brilho e de um lustro quase impossível, inserida num fino anel de pedra bruta e assentada no que aparentava ser uma encosta de colina. Mr. Norrell supôs ser uma encosta de colina porque se assemelhava a uma charneca de urze toda queimada e carbonizada, exceto que nessa encosta de colina não havia a pretidão de coisas queimadas; era o preto da seda molhada ou de um couro bem lustroso. De súbito a pedra se manifestou - moveu-se ou girou. O movimento foi veloz demais para ser percebido, mas Mr. Norrell ficou com a desgostosa impressão de que ela piscara.

O vento amainou. O sino acima dos estábulos parou de tocar.

Mr. Norrell soltou um longo suspiro de alívio por tudo ter acabado. Strange estava em pé de braços cruzados, absorto em pensamentos, fitando o chão.

- O que deduz disto? - perguntou Mr. Norrell. - A última foi de longe a pior. Pensei por um momento que fosse um olho.

- Era um olho - disse Strange.

- Mas a quem pertenceria? A algum horror ou monstruosidade, suponho! Muito perturbador!

- Era monstruoso - concordou Strange. - Mas não exatamente do modo que o senhor imagina. Era o olho de um corvo.

- O olho de um corvo! Mas tomou a janela inteira!

- Sim. O corvo era extremamente grande ou...

- Ou? - disse Mr. Norrell numa voz trêmula.

Strange soltou uma risada breve e nada alegre.

- Ou somos absurdamente pequenos! Agradável, não é, vermos a nós mesmos como os outros nos vêem? Eu disse que queria que John Uskglass olhasse para mim e acho que, por um instante, ele olhou. Ou ao menos um de seus representantes olhou. E naquele instante o senhor e eu éramos menores que o olho de um corvo e, possivelmente, insignificantes. Por falar em John Uskglass, não creio que saibamos onde ele está.

Mr. Norrell sentou-se diante da bacia de prata e começou a trabalhar. Após uns cinco minutos de paciente esforço, disse:

- Mister Strange! Não há nenhum sinal de John Uskglass, nada. Mas procurei por Lady Pole e Mrs. Strange. Lady Pole está no condado de York e Mrs. Strange na Itália. Não há traços da presença delas no Reino Encantado. Ambas estão completamente desencantadas!

Houve um silêncio. Strange se afastou abruptamente.

- É deveras estranho - prosseguiu Mr. Norrell num tom de assombro. Fizemos tudo o que nos dispusemos a fazer, mas como o fizemos não tenho pretensões de entender. Só posso conjecturar que John Uskglass simplesmente viu o que estava errado e esticou as mãos para consertá-lo! Lamentavelmente, sua disposição não foi suficiente para nos libertar da escuridão. Ela permanece.

Mr. Norrell fez uma pausa. Então este era seu destino! Um destino repleto de medo, horror e desolação! Permaneceu imóvel pacientemente por alguns momentos, na expectativa de ser vítima de uma ou de todas aquelas emoções terríveis, mas foi forçado a concluir que não sentia nenhuma delas. De fato, o que lhe parecia admirável agora eram os longos anos passados em Londres, afastado de sua biblioteca, sob as ordens de ministros e almirantes. Gostaria de saber como os suportara.

- Alegria-me não ter reconhecido o olho do corvo - disse, jubiloso -, do contrário creio que teria ficado assustadíssimo!

- De fato, senhor! - disse Strange com voz rouca. - Nisso teve sorte! E creio que estou curado da vontade de ser visto! Doravante John Uskglass tem toda a liberdade de me ignorar o quanto lhe aprouver.

- Oh, de fato! - concordou Mr. Norrell. - Sabe, Mister Strange, o senhor deveria tentar se libertar do hábito de desejar coisas. É algo perigoso num mago! - Começou a relatar uma história extensa e não especialmente interessante sobre um mago do século XIV do condado de Lanca que com freqüência formulava desejos vãos e que com isso causou um sem-fim de inconveniências no vilarejo em que morava, transformando por acidente vacas em nuvens, caçarolas em navios, fazendo os moradores do lugar falarem com cores em vez de com palavras, entre outros sinais de magia caótica.

De início Strange mal lhe respondeu e as refutações que fez foram aleatórias e ilógicas. Mas aos poucos pareceu voltar a escutar com mais atenção e a falar em seu modo habitual.

Mr. Norrell tinha muitos talentos, mas penetrar no coração de homens e mulheres não era um deles. Strange não comentou sobre o restabelecimento de sua esposa, de forma que Mr. Norrell imaginou que isso não lhe teria tocado de maneira profunda.

69. *Strangitas e Norrellitas*

Fevereiro - primavera de 1817

Childermass ia montado a cavalo e Vinculus caminhava a seu lado. Ao redor espalhava-se a grande amplitude da charneca forrada de neve, parecendo, com todos seus variados relevos e colinas, um vasto colchão de plumas. Algo semelhante pode ter ocorrido a Vinculus, pois ele descrevia com detalhes a cama macia e fofa em que pretendia dormir naquela noite e o grande jantar que pretendia comer antes de nela se deitar. Sem dúvida esperava que Childermass pagasse por esse fausto, e não teria sido surpreendente se Childermass tivesse dito uma ou duas palavras a respeito, mas ele nada disse. Ocupava-se totalmente em resolver o dilema de mostrar ou não Vinculus a Strange e Norrell. Decerto não havia na Inglaterra pessoas mais qualificadas para examinar Vinculus; mas, de outro lado, Childermass não podia prever com exatidão como os magos reagiriam diante de um homem que também era um livro. Childermass coçou a bochecha. Nela havia uma tênue cicatriz bem fechada, mera linha prateada no rosto moreno.

Vinculus parara de falar e se detivera na estrada. O cobertor lhe escorregara do corpo e ele puxava ansiosamente as mangas do casaco.

- O que foi? - perguntou Childermass. - Qual é o problema?

- Eu mudei! - disse Vinculus. - Veja! - Tirou o casaco e abriu a camisa. - As palavras estão diferentes! Nos braços! No peito! Em todo lugar! Isto não é o que eu falei antes! - Apesar do frio, começou a se despir. A seguir, quando estava desnudo outra vez, comemorou a transformação dançando alegremente como um diabo de pele azul.

Childermass desmontou do cavalo com sensações de pânico e desespero. Conseguira preservar o livro de John Uskglass da morte e da destruição; e agora, no momento em que mais parecia seguro, o próprio livro o derrotava ao se transformar.

- Temos de chegar à estalagem o quanto antes! - afirmou. - Temos de arranjar papel e tinta! Devemos fazer um registro exato do que estava escrito no senhor antes. O senhor precisa vasculhar todos os cantos de sua memória!

Vinculus o fitou como se achasse que ele perdera o juízo.

- Por quê? - perguntou.

- Porque é a magia de John Uskglass! Os pensamentos de John Uskglass! Os únicos registros dele que alguém jamais possuiu. Temos de preservar todo fragmento que pudermos!

Vinculus continuava sem compreender.

- Por quê? - perguntou mais uma vez. - John Uskglass não achou que valia a pena preservar.

- Mas por que deveria o senhor mudar de uma hora para outra? Isso não tem pé nem cabeça!

- Faz muito sentido, sim - retrucou Vinculus. - Antes eu era uma profecia, mas agora as coisas que previ se realizaram. Daí fazer sentido eu mudar... Senão eu me transformaria em história! Em uma história empoeirada!

- Então o que o senhor é agora?

Vinculus encolheu os ombros.

- Talvez um livro de receitas! Talvez um romance! Talvez uma coleção de sermões! - Excessivamente entretido com tais pensamentos, tagarelou consigo mesmo e saltitou um pouco mais.

- Espero que o senhor seja o que sempre foi... Um livro de magia. Mas o que diz? Vinculus, está querendo me dizer que nunca soube o que estava escrito em seu corpo?

- Sou um livro - disse Vinculus, detendo-se no meio de um salto. - Sou o livro. A tarefa de um livro é abrigar palavras. O que eu cumpro. Saber o que elas dizem é

tarefa do leitor.

- Mas o último leitor está morto!

Vinculus encolheu os ombros, como se isso não lhe dissesse respeito.

- Alguma coisa o senhor deve saber! - exclamou Childermass, quase fora de si de cólera. Agarrou o braço de Vinculus. - E isto aqui? Este símbolo igual a um círculo em forma de chifre atravessado por uma linha. Ele aparece repetidas vezes. O que significa?

Vinculus libertou o braço com um puxão.

- Significa terça-feira passada - disse. - Significa três porcos, um deles com chapéu de palha! Significa que uma mocinha foi dançar na sombra da lua e perdeu uma bolsinha cor-de-rosa! - Arreganhou os dentes num sorriso e abanou um dedo para Childermass. - Eu sei o que está fazendo! Espera tornar-se o próximo leitor!

- Talvez - disse Childermass. - Embora eu não saiba, ainda que disso dependesse a minha vida, como começar. Entretanto, não vejo por que algum outro tenha mais direito a ser o próximo leitor. Mas, aconteça o que acontecer, não perderei o senhor de vista novamente. De agora em diante, Vinculus, o senhor e eu seremos a sombra de cada um.

O ânimo de Vinculus azedou na mesma hora. Desalentado, tornou a se vestir.

A primavera retornou à Inglaterra. Os pássaros vieram após a terra arada. As pedras aqueceram-se ao sol. As chuvas e o vento amainaram, impregnados dos odores da terra e das coisas que cresciam. Os bosques tingiam-se de uma cor tão suave, tão sutil, que mal se podia dizer que fosse cor. Era mais a idéia de cor como se as árvores sonhassem sonhos verdes ou pensassem pensamentos verdes.

A primavera retornou à Inglaterra, mas Strange e Norrell não. O Pilar da Escuridão cobria Hurtfew Abbey e Norrell não saiu dele. As pessoas especulavam sobre a possibilidade de Strange haver matado Norrell, ou de Norrell haver matado

Strange, sobre os diferentes graus do que cada um merecia, e se deveriam ou não ir averiguar.

Antes, porém, que chegassem a uma conclusão sobre essas interessantes questões, a escuridão desapareceu - levando junto Hurlfew Abbey. A casa, o parque, a ponte e parte do rio sumiram. Estradas que costumavam conduzir a Hurlfew agora conduziam a si mesmas ou a lugares com campos e arvoredos insípidos que ninguém desejava visitar. A casa da Praça Hanover e as duas residências de Strange - a da praça Soho e a de Clun - tiveram o mesmo destino bizarro. Em Londres, a única criatura no mundo que ainda conseguia encontrar a casa da Praça Soho era o gato de Jeremy Johns, Bullfinch. De fato, Bullfinch aparentemente não notava que a casa mudara de alguma forma e continuava a visitá-la toda vez que desejava, indo e vindo entre o número 30 e o número 32, e quem lhe observasse os movimentos concordava que era a coisa mais estranha do mundo de se ver. Lorde Liverpool e os outros ministros declararam em público lamentar deveras o desaparecimento de Strange e Norrell, mas confidencialmente se alegravam por terem se livrado de um problema tão peculiar. Nem Strange nem Norrell acabaram se mostrando respeitáveis como outrora pareciam ser. Ambos haviam se permitido praticar, se não magia negra, por certo uma magia da cor mais escura do que seria desejável ou legítimo admitir. Em lugar deles, os ministros voltaram a atenção para o grande número de novos magos que de súbito surgiram. Esses magos mal haviam realizado qualquer tipo de magia ainda e eram em grande parte incultos; contudo, prometiam ser em tudo tão afeitos a rixas como Strange e Norrell, e algum modo para controlá-los teria de ser encontrado rapidamente. De súbito verificou-se que os planos de Mr. Norrell de restaurar o tribunal dos Cinque Dragownes (que antes parecera tão irrelevante) eram de extrema pertinência.

Na segunda semana de março, publicou-se um parágrafo na *Crônica de York*, endereçado aos ex-membros da Sociedade Culta dos Magos e também a qualquer um que desejasse se tornar membro dessa Sociedade. Convidava-os a comparecer à estalagem Old Starre na quarta-feira seguinte (dia em que a Sociedade tradicionalmente se reunia).

Esse curioso anúncio ofendeu ao menos tantos ex-membros da Sociedade de York quanto pretendia. Publicado como foi num jornal, podia ser lido por qualquer um

de posse de um *penny*. Ademais o autor (não identificado) aparentemente assumira a responsabilidade de convidar pessoas a entrar para a sociedade, algo que evidentemente não tinha o direito de fazer, quem quer que ele fosse.

Na curiosa noite da reunião, ao chegaram à Old Starre os ex-membros de pararam com cerca de cinqüenta magos (ou supostos magos) reunidos no grande salão. As cadeiras mais confortáveis já estavam ocupadas e os ex-membros (entre eles Mr. Secundus, Mr. Honeyfoot e o Dr. Foxcastle) viram-se obrigados a se acomodar numa pequena plataforma a pouca distância das lareiras. A situação, porém, dava-lhes uma vantagem: tinham uma excelente visão dos novos magos.

**** Muitos dos novos magos solicitaram a Lorde Liverpool e aos ministros permissão para irem à procura de Strange e Norrell. Alguns cavalheiros, de tão previdentes, anexaram listas de equipamentos, tanto mágicos como de uso rotineiro, que julgavam necessários e que esperavam o governo faria a bondade de fornecer. Um cavalheiro, chamado Beech, de Plymonth, solicitou o empréstimo de dragões da cavalaria de Inniskilling.*

Não era um cenário planejado para levar alegria ao coração dos ex-membros. A reunião era formada pelas mais heterogêneas pessoas. ("Com quase", observou o Dr. Foxcastle, "nenhum cavalheiro entre elas"). Havia dois agricultores e vários comerciantes. Um jovem de rosto pálido, de cabelos claros e modos nervosos dizia aos que se achavam próximos estar seguro de que o anúncio fora colocado no jornal pelo próprio Jonathan Strange e que este sem dúvida chegaria a qualquer momento para lhes ensinar magia! Havia também um clérigo, o que era bem mais prometedor. Era um homem na casa dos cinqüenta, sessenta anos, de aspecto sóbrio, bem-escanhado e que trajava roupa preta. Estava acompanhado de um cão, tão grisalho e respeitável como ele, e de uma jovem atraente de vestido de veludo vermelho. Isso parecia menos respeitável. A jovem tinha cabelos negros e uma expressão temível.

- Mister Taylor - disse o Dr. Foxcastle a um acólito -, o senhor poderia fazer a gentileza de ir até aquele cavalheiro e insinuar-lhe que não temos por hábito trazer

familiares a estas reuniões?

Mr. Taylor foi correndo.

De onde estavam sentados, os ex-membros da Sociedade de York observaram que o clérigo bem-escanhoado era mais empedernido do que sugeria seu rosto sereno e que deu a Mr. Taylor uma resposta bastante brusca.

Mr. Taylor voltou com a seguinte mensagem:

- Mister Redruth pede desculpas à Sociedade, mas ele não é um mago. Tem enorme interesse por magia, mas nenhuma habilidade. Sua filha, sim, é maga. Ele tem um filho e três filhas e afirma que todos são magos. Os outros não quiseram participar da reunião. Ele diz que não desejam associar-se a outros magos, preferindo se aplicar aos estudos em casa, de maneira privada, sem distrações.

Houve uma pausa, enquanto os ex-membros tentaram, em vão, ver algum sentido nisso.

- Talvez o cão também seja mago - comentou o Dr. Foxcastle, e os ex membros da sociedade riram.

Logo ficou claro que os recém-chegados enquadravam-se em dois grupos distintos. Miss Redruth, a jovem dama de vestido de veludo vermelho, foi a primeira a se manifestar. Falava baixo e muito depressa. Não estava acostumada a falar em público e nem todos os magos ouviram o que ela dizia, mas a forma como se expunha era bastante apaixonada. A essência do que tinha a dizer parecia ser que Jonathan Strange era tudo! Gilbert Norrell, nada! Strange logo seria vindicado e Norrell unanimemente vilipendiado! A magia seria libertada dos grilhões com que Gilbert Norrell a aprisionara! Essas observações, juntamente com várias referências à obra-prima perdida de Strange, *História e prática da magia inglesa*, motivaram reações iradas de vários outros magos sobre o livro de Strange estar repleto de magia maligna e o próprio Strange ser um assassino. Sem dúvida havia matado a esposa e provavelmente também Norrell.

A discussão tornava-se cada vez mais acalorada, quando foi interrompida pela chegada de dois homens. Nenhum deles parecia respeitável por pouco que fosse. Tinham ambos cabelos compridos e desgrenhados e usavam casacos velhos. Entretanto, enquanto um parecia ser nada mais nada menos do que um vagabundo, o outro tinha uma aparência consideravelmente mais asseada, além de um ar de homem de negócios - quase, poder-se-ia dizer, de autoridade.

O sujeito vadio nem sequer se deu o trabalho de olhar para a Sociedade de York; simplesmente sentou-se no chão e pediu gim e água quente. O outro andou até o centro do salão e olhou para todos com um sorriso irônico. Fez uma reverência na direção de Miss Redruth e se dirigiu aos magos com estas palavras:

- Cavalheiros! Dama! Alguns dos senhores devem se lembrar de mim. Estive com os senhores há dez anos, quando Mister Norrell fez magia na catedral de York. Meu nome é John Childermass. Eu era, até o mês passado, um empregado de Gilbert Norrell. E este - apontou para o homem sentado no chão é Vinculus, outrora mago de rua em Londres.

Childermass não foi adiante. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Os ex-membros da Sociedade de York ficaram desalentados ao verificar que haviam deixado o conforto de suas lareiras para ir até lá ouvir a preleção de um serviçal. Mas, enquanto esses cavalheiros descarregavam sua indignação, a maioria dos recém-chegados reagia de forma bem diferente. Eram todos ou strangitas ou norrellitas, mas nenhum deles jamais vira pessoalmente seu herói, e estar sentados tão próximos de uma pessoa que o havia conhecido e com ele falado deixou-os num grau de excitação sem precedentes.

Childermass não ficou nem um pouco desconcertado com o alvoroço. Simplesmente esperou que o ambiente se acalmasse o suficiente para que ele pudesse falar. Então disse:

- Vim aqui para lhes dizer que o contrato com Gilbert Norrell está anulado. Sem efeito, inválido, cavalheiros. Os senhores são magos outra vez, se assim o desejarem.

**** Esta calúnia não foi de todo desconsiderada até a própria Arabella Strange retornar à Inglaterra no início de junho de 1817.*

Um dos novos magos perguntou aos berros se Strange iria comparecer. Outro quis saber se Norrell iria comparecer.

- Não, cavalheiros - respondeu Childermass. - Eles não virão. Terão que se contentar comigo. Não penso que Strange e Norrell voltarão a ser vistos novamente na Inglaterra. Ao menos não nesta geração.

- Por quê? - perguntou Mr. Secundus. - Para onde eles foram?

Childermass sorriu.

- Para onde os magos costumavam ir. Atrás do céu. Para o outro lado da chuva.

Um norrellita observou que Jonathan Strange foi prudente ao se retirar da Inglaterra. Do contrário, certamente seria enforcado.

O jovem nervoso de cabelo claro retorquiu desdenhosamente que todo o bando de norrellitas logo se veria em séria desvantagem. Não era o primeiro princípio da magia norrellita que tudo devia se basear em livros? E como eles fariam isso agora, que todos os livros haviam desaparecido junto com Hurlfew Abbey?

- Cavalheiros, os senhores não precisam da biblioteca de Hurlfew - disse Childermass. - Tampouco da biblioteca da Praça Hanover. Eu lhes trouxe algo muito melhor. Um livro que Norrell sempre desejou, mas que jamais viu. Um livro que Strange nem sabia que existia. Eu lhes trouxe o livro de John Uskglass.

Mais brados. Mais alvoroço. Em meio a tudo, Miss Redruth apareceu para discursar em defesa de John Uskglass, a quem ela insistiu em chamar de Sua Alteza, o Rei, como se a qualquer momento ele estivesse prestes a entrar em Newcastle e retomar o governo da Inglaterra do Norte.

- Espere! - gritou o Dr. Foxcastle, a voz alta e importante subjugando primeiro

os que se encontravam perto dele, depois o resto do salão. - Não vejo livro algum nas mãos deste tratante! Onde está? Cavalheiros, isto é um truque! Estou seguro de que ele quer o nosso dinheiro. E então, senhor? - Dirigiu-se a Childermass. - O que diz? Mostre o livro... Se ele de fato existe!

- Ao contrário, senhor - respondeu Childermass, dando seu sorriso longo, sombrio e parcial. - Nada desejo dos senhores. Vinculus! Levante-se!

Na casa de Pádua, a primeira preocupação dos Greysteel e dos criados era oferecer o máximo de conforto possível a Mrs. Strange; e cada um fazia isso a seu modo. O conforto do Dr. Greysteel assumia, sobretudo, uma forma filosófica. Buscou na memória exemplos históricos de pessoas, damas em especial, que venceram circunstâncias adversas, freqüentemente ajudadas por amigos. Minichello e Frank, os dois criados, corriam para lhe abrir as portas, muitas vezes mesmo quando ela não desejava passar por elas. Bonifazia, a criada, preferiu tratar a estada de um ano no Reino Encantado como um tipo de resfriado grave e lhe levava bebidas revigorantes o dia inteiro. Tia Greysteel mandou buscar em toda a cidade os melhores vinhos e as mais raras iguarias delicadas; e adquiriu as almofadas e os travesseiros de penas mais macios, como se na esperança de que, ao deitar neles a cabeça, Arabella pudesse ser persuadida a esquecer tudo o que lhe sucedera. Mas, de todos os diversos tipos de consolo que lhe ofereciam, o que mais se adequava a Arabella era a companhia de Flora e a conversação com ela.

Certa manhã elas estavam sentadas juntas, envolvidas em seus trabalhos de agulha. Com um gesto de impaciência, Arabella pôs de lado o trabalho e foi até a janela.

- Meu espírito está inquieto - disse.

- É de se esperar - disse Flora com brandura. - Tenha paciência. Com o tempo voltará a disposição de espírito de antes.

- Voltará? - disse Arabella num suspiro. - Para falar a verdade, nem me lembro de como eu era antes.

- Pois então lhe digo. Sempre foi alegre, embora muitas vezes recolhida a seus próprios intentos. Raras vezes se zangava, embora muitas vezes houvesse sido seriamente provocada. Tudo o que dizia era notável pela inteligência e pelo talento, apesar de não lhe reconhecerem o mérito e quase sempre receber uma categórica contestação.

Arabella riu.

- Meu Deus! Que prodígio eu era! Mas - disse com um olhar irônico - não pretendo depositar muita confiança nesse retrato, uma vez que a senhorita nunca me viu.

- Mister Strange me contou. Foram palavras dele.

- Oh! - exclamou Arabella. Virou o rosto para o outro lado.

Flora baixou o olhar e disse com brandura:

- Quando voltar, ele fará mais do que qualquer outra pessoa poderia para lhe devolver a si mesma. A senhora será feliz novamente. - Ergueu o olhar.

Arabella ficou em silêncio por um momento. Em seguida, disse:

- Não estou certa de que voltaremos a nos ver.

Flora voltou a seu trabalho de agulha. Após um instante, disse:

- É muito estranho que ele afinal tenha voltado para seu antigo mestre.

- É? A meu ver nada há de muito extraordinário nisso. Nunca imaginei que a rixa entre os dois duraria tanto como durou. Pensei que reatariam a amizade ao cabo do primeiro mês!

- A senhora realmente me espanta! - disse Flora. - Quando Mister Strange esteve conosco, não tinha uma opinião favorável sobre Mister Norrell, e Mister Norrell escreveu coisas terríveis sobre Mister Strange nas publicações de magia.

- Ah, acho provável! - disse Arabella, nada impressionada. - Mas isso era apenas a tolice dos dois! São obstinados como o diabo. Não tenho motivo para adorar Mister Norrell, longe disso. Mas sei o seguinte a seu respeito: é mago acima de tudo e todo o resto vem em segundo lugar. E com Jonathan se dá o mesmo. Livros e magia são as únicas preocupações dos dois. Ninguém entende do assunto como eles... Assim, como vê, é natural que gostem de estar juntos.

À medida que as semanas passavam, Arabella sorria e ria com mais freqüência. Interessava-se por tudo o que dizia respeito a novos amigos. Ocupava os dias com refeições sociais, pequenas incumbências e os deveres prazenteiros da amizade - pequenas atividades domésticas com as quais a mente dolorida e a alma ferida alegremente se renovavam. Quanto ao marido ausente, nele pensava muito pouco, exceto para ser-lhe grata por ter lhe ocorrido deixá-la com os Greysteel.

Um jovem capitão irlandês estava em Pádua nessa época e várias pessoas eram da opinião de que ele nutria uma admiração por Flora, embora ela afirmasse que não. Ele comandara uma companhia da cavalaria no auge do grave bombardeio de Waterloo; entretanto, no que concernia a Flora, toda a sua coragem parecia abandoná-lo. Não conseguia olhar para ela sem corar e ficava aflito toda vez que ela entrava numa sala. Em geral achava mais fácil recorrer a Mrs. Strange para obter informações sobre quando Flora poderia ir passear no Prato della Valle (um belo jardim no centro da cidade) ou quando visitaria novamente os Baxter (uns amigos em comum); e Arabella sempre tinha satisfação em ajudá-lo.

Mas haviam restado algumas conseqüências de seu cativeiro das quais ela não conseguia se libertar com facilidade. Como se acostumara a dançar a noite inteira, não pegava rápido no sono. Às vezes, à noite, ainda conseguia ouvir um violino e uma flauta tristes tocando músicas do Reino Encantado, compelindo-a a dançar, embora fosse a última coisa do mundo que desejasse fazer.

- Conversem comigo - dizia a Flora e a tia Greysteel. - Conversem comigo que assim penso poder controlá-lo.

Então uma delas, ou ambas, ficava com ela, conversando sobre todos os assuntos possíveis. Mas às vezes Arabella percebia que o impulso para o movimento - de qualquer tipo - era demasiado forte para negar, motivo pelo qual

andava de um lado para o outro no quarto que compartilhava com Flora; e em várias ocasiões o Dr. Greysteel e Frank gentilmente sacrificaram seu sono para caminharem com ela pelas ruas noturnas de Pádua.

Numa dessas noites, em abril, passeavam perto da catedral; Arabella e o Dr. Greysteel conversavam sobre o retorno à Inglaterra, marcado para o mês seguinte. Arabella julgava a perspectiva de estar entre seus amigos ingleses novamente, um tanto desanimadora e o Dr. Greysteel procurava tranquilizá-la. De repente Frank emitiu uma exclamação de surpresa e apontou para o alto.

As estrelas se deslocavam e se alteravam; no trecho de céu acima deles havia novas constelações. Mais adiante, um arco de pedra de aspecto antigo. Nada parecia haver de incomum nele; Pádua é uma cidade repleta de entradas, arcos e arcadas intrigantes. Não, mas aquele arco não era semelhante aos outros. Pádua é toda construída com tijolos medievais e, por conseguinte, muitas de suas ruas têm uma agradável cor róseo-dourada. Aquele arco fora construído com pedras sólidas e escuras do Norte e de cada lado havia uma estátua de John Uskglass, o rosto semi-escondido por um gorro com asas de corvo. Bem no interior do arco, estava parado um vulto alto.

Arabella hesitou.

- Não vão até lá? - perguntou ela ao Dr. Greysteel.

- Frank e eu ficaremos aqui - respondeu o médico. - Não sairemos daqui. Basta nos chamar.

Ela prosseguiu sozinha. A pessoa no interior da entrada estava lendo. Ergueu os olhos ao vê-la se aproximar, com a mesma antiga e querida expressão de não se lembrar exatamente onde estava ou do que fazer com o mundo fora de seu livro.

- Desta vez não trouxe consigo uma tempestade - disse ela.

- Ah, ouviu falar disso, é? - Strange deu uma risada levemente constrangida. - Talvez tenha havido algum exagero naquela. Não foi mesmo de muito bom gosto. Creio ter passado tempo demais na companhia de Lorde Byron em Veneza. Seu estilo me contagiou.

Caminharam um pouco e a cada momento novas disposições de estrelas apareciam acima deles.

- Está com bom aspecto, Arabella - disse ele. - Receei que... O que receei? Ah, mil diferentes coisas. Receei que não falaria comigo. Mas aqui está. Estou muito feliz de vê-la.

- E agora pode pôr de lado seus mil receios - disse ela. - Ao menos os que dizem respeito a mim. Ainda não encontrou alguma coisa que desfaça a escuridão?

- Não, ainda não. Mas, para falar a verdade, ultimamente andamos tão ocupados com novas conjeturas concernentes às náiades, que mal encontramos tempo para nos dedicar a sério ao problema. Há, porém, uma ou duas coisas em *Porteiro de Apolo*, de Goubert, que parecem prometedoras. Estamos otimistas.

- Isso me alegra. Sinto-me infeliz quando penso que está sofrendo.

- Não se sinta infeliz, por favor. Apesar de tudo, não sofro. Talvez tenha sofrido um pouco no começo, mas agora não. E Norrell e eu sem dúvida não somos os primeiros magos ingleses a trabalhar sob um encantamento. No século XII, Robert Dymoke entrou em choque com um ser sobrenatural e depois disso não conseguiu mais falar, apenas cantar, o que, estou seguro, não é tão agradável como parece. E houve um mago do século XIV que tinha um pé de prata, o que deve ser desagradabilíssimo. Ademais, quem sabe se a escuridão não nos será benéfica? Pretendemos deixar a Inglaterra e é provável que conheçamos todo tipo de pessoas ardilosas. Um mago inglês impressiona. Dois magos ingleses, suponho, impressionam duas vezes mais. Mas quando os dois magos ingleses estão envoltos numa escuridão impenetrável... Ah, sei lá eu! Creio que isso basta para infundir terror no coração de quem carece de um semideus!

-Aonde vão?

- Ah, há uma profusão de lugares. Este mundo é apenas um entre muitos, e não é bom para um mago se tornar demasiado... Como dizer?... Demasiado provinciano.

- Mas Mister Norrell gostará disso? - perguntou ela, duvidosa. - Ele jamais apreciou viajar... Nem mesmo até Portsmouth.

- Ah, mas esta é uma das vantagens da nossa forma particular de viagem. Ele não precisa sair da casa, se não quiser. O mundo, todos os mundos virão até nós. - Fez uma pausa e olhou em volta. - É melhor eu não seguir adiante. Norrell está a uma certa distância de mim. Por vários motivos ligados ao encantamento, é melhor que não nos afastemos muito um do outro. Arabella - disse, com um grau de seriedade que não lhe era habitual-, doeu-me mais do que pude suportar pensá-la vivendo debaixo da terra. Eu teria feito qualquer coisa, teria feito de tudo, para tirá-la de lá em segurança.

Ela lhe segurou as mãos, os olhos cintilando.

- E fez - murmurou. Entreolharam-se durante um longo momento, e nesse instante tudo foi como costumava ser, foi como se nunca tivessem se separado; mas Arabella não sugeriu partir com ele na escuridão nem ele lhe pediu que o fizesse.

- Um dia - disse Strange - encontrarei o encantamento certo para expulsar a escuridão. E nesse dia a procurarei.

- Sim. Nesse dia. Eu o esperarei.

Ele aquiesceu e pareceu prestes a partir, mas hesitou.

- Bell - disse -, não use roupa preta. Não seja uma viúva. Seja feliz. É assim que desejo tê-la em meu pensamento.

- Prometo. E como devo tê-lo em meu pensamento?

Ele meditou por um instante e riu.

- Com o nariz metido num livro!

Beijaram-se. A seguir ele deu meia-volta e sumiu na escuridão.

* * *

FIM

NOTA SOBRE A AUTORA

Susanna Clarke vive em Cambridge.
Este é seu primeiro Romance.